
Coordination /
António Simões do Paço
Raquel Varela
Sjaak van der Velden

Strikes and social conflicts

Towards a global history

Strikes and social conflicts.
Towards a global history

Strikes and social conflicts.
Towards a global history

Editors

António Simões do Paço
Raquel Varela
Sjaak van der Velden

Strikes
and **social**
conflicts
INTERNATIONAL ASSOCIATION

International Association Strikes and Social Conflict

Title: Strikes and Social Conflicts.
Towards a global history

Cover: Stanisław Lentz, *Strajk* (1910) National Museum, Warsaw, Poland.

Coordination: António Simões do Paço, Raquel Varela, Sjaak van der Velden

Publisher: International Association Strikes and Social Conflict
Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
ISBN: 978-972-96844-1-8

2nd edition
Lisbon, December 2012

CONTENTS

Introduction.....	7
Discurso do Professor Fernando Rosas na Abertura da Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais no Século XX.....	8
Discours d’ouverture du Professeur Serge Wolikow dans la Conférence Internationale Grèves et Conflits Sociaux dans le XXe Siècle	10
Letter from Anthony Arnove to the International Conference Strikes and Social Conflicts in the XX Century	13
1. Strikes and social conflicts.....	15
Setúbal republicana – quando as fábricas transbordavam de greves. Albérico Afonso Costa	16
Huelgas y conflictos universitarios en la descomposición del franquismo (1965-1977). Alberto Carrillo-Linares.....	25
Militantisme syndical et conflits sociaux féminins entre 1970 et 1985 dans le département de la Haute-Vienne en France. Amandine Tabutaud	34
As greves no Litoral Norte português no agitado Verão de 1958. Ana Sofia Ferreira	42
Movimientos de resistencia en Rumanía. Dos retratos de mujeres: Elisabeta Rizea y Herta Muller. Andra Breza	48
La huelga en España bajo el segundo franquismo: actitudes y estrategias patrnales. Ángeles González Fernández.....	59
Política e educação: as greves e conflitos de classe na Itália entre 1919-1920 a partir dos escritos de Gramsci. Anita Helena Schlesener	69
Crise e recuperação do sindicalismo brasileiro. Armando Boito e Paula Marcelino..	77
Conflitos sociais na base da eclosão das guerras coloniais. Dalila Cabrita Mateus.....	87
Asalto al franquismo. Las movilizaciones en el País Vasco en los estertores de la dictadura. Daniel Escribano y Pau Casanellas.....	94
From the Greatest Victories to the Biggest Defeat: The British Coalminers’ National Strikes of 1972, 1974 and 1984–85. Dave Lyddon.....	102
A greve política de julho de 1962. Demian Bezerra de Melo.....	112
La lucha contra el cierre de la siderurgia de Sagunto (1983-84). Enrique González de Andrés	123
«Padres de la patria» contra «hijos del pueblo». Discursos y prácticas del régimen político argentino ante las huelgas y conflictos sociales en la Buenos Aires de 1909. Hugo Quinterno	138
Sindicalismo y política. La polémica comunista sobre la unidad sindical en la transición española. Javier Tébar Hurtado	152
As comunidades industriais no alvorecer do associativismo operário português. Joana Dias Pereira	162
O declínio das greves rurais e a evolução do PCP nos campos do Sul. João Madeira	171
Greves e conflitos sociais na Lisnave. Jorge Fontes.....	180
Vigo and Ferrol, 1972. Two strikes, one strategy. José G. Alén.....	187
Resonancia en Astúrias de la huelga de 1917. José Luis Campal Fernández	195
El sindicalismo libertario en Cataluña durante la transición (1975-1979).	

Aproximación a su reconstrucción, crecimiento y ruptura. Josep Maria Solé Soldevila	202
Violencia sindical en Barcelona, 1907–1914. Juan Cristóbal Marinello Bonnefoy ..	210
Sindicalismo livre e I República. Percursos paralelos, convergências efémeras (1908-1931). Luis Farinha	218
Huelgas y movilizaciones campesinas en la Cataluña de la Segunda República 1931-1936. Manel López Esteve	227
USO y la pugna por el espacio sindical socialista en la transición española (1971-1980). Manuela Aroca Mohedano	236
New trade unionism versus the vertical union during Franco's regime: the case of Galicia. Margarita Barral Martínez	244
Movimento docente no Brasil: os limites das suas palavras de ordem – cidadania e democracia já. Maria de Fátima Rodrigues Pereira	256
La conflictividad social en la España de la II República, entre la regionalización y la segmentación. Martí Marín Corbera	262
‘The Rouge is Down’: The Triumph of Progressive Unionism at the Ford Motor Company. Martín Halpern	270
Riots and strikes in Spain between the Spanish-American War and the First World War (1898-1920). Óscar Bascuñán Añover	281
Os trabalhadores no comércio em foco: trabalho e sindicalismo da baixa classe média no Brasil contemporâneo. Patrícia Vieira Trópia	289
A greve que mudou a revolução: luta laboral e ocupação da Rádio Renascença, 1974-1975. Paula Borges Santos	302
Greves na Revolução dos Cravos (1974-1975). Raquel Varela	311
Lutas sociais e nacionalizações (1974-75): “A banca ao serviço do povo”. Ricardo Noronha	321
International labour solidarity under military rule. The case of the Greek trade unions exiled in Italy during the colonels' dictatorship and the Italian trade unions support (1967–74). Rigas Raftopoulos	330
Las jornadas de protesta y movimiento sindical en Chile, entre la movilización social y la acción política. Rodrigo Araya Gómez	342
Cerrando el círculo. Eventualidad, reconversión y defensa del empleo en el astillero Naval Gijón (1975-2009). Rubén Vega García	352
Les conflits du monde du travail et le champ politique au cours du 20 ^e siècle à nos jours. Le cas français. Serge Wolikow	360
A Intersindical: das origens ao Congresso de Todos os Sindicatos (1970-1977) – um projecto de História Oral. Sílvia Correia	370
Rotterdam dockers, a vanguard of the Dutch working-class? Sjaak van der Velden	375
“Temos Fome, Temos Fome”: resistência operária feminina em Almada durante o Estado Novo. Sónia Sofia Ferreira	383
De l’action collective au groupe de pression. La naissance de la Fédération Nationale des Courtiers en Vins et son action (1920-1949). Stéphane Le Bras	392
Farewell to the communist strike hypothesis? – The diversity of striking in Finland between 1971-1990. Tapio Bergholm and Paul Jonker-Hoffrén	401
Lutas operárias no Porto na segunda metade do século XX. Teresa Medina, Natércia Pacheco, João Caramelo	414
El papel de la huelga en la Revolución Cubana. Thomas Posado	424
“All for the employing printers!” Employer class solidarity in the U.S. printers’ strike of 1905–1907. Vilja Hulden	432

Strikes in East Germany (1949 to 1989). Renate Hürtgen.....	444
2. Revolution and counter-revolution.....	451
La crisis de 1917 en España. De crisis política a revolución social. Àngels Carles-Pomar	452
Conflictos sociales y violencia política en el movimiento autónomo italiano de los años setenta. Elisa Santalena	458
Estudio sobre la dinámica del movimiento social urbano chileno: “poderes populares” durante el gobierno de Salvador Allende (1970-1973). Franck Gaudichaud	468
Cães de guarda da burguesia: as organizações integralistas contra as organizações dos trabalhadores no Brasil (1945-1964). Gilberto Grassi Calil	478
Survivors associations in Isère: political actions for absolute duties. Karin Dupinay-Bedford.....	486
From Resistance to Civil War: The White Terror in Central Greece (1945-1946). Lee Sarafis.....	494
Revolt and War. The Greek Armed Forces in the Middle East during the Second World War. Procopis Papastratis.....	504
Transição política e contrarrevolução: o Brasil pós-1964 em perspectiva. Renato Luís do Couto Neto e Lemos	514
O antifascismo no Brasil e a Batalha da Praça da Sé: da Frente Única Antifascista à Aliança Nacional Libertadora (1933-1935). Ricardo Figueiredo de Castro.....	522
Youth, counterculture and politics: the student movements of the sixties. Sergio Rodríguez Tejada.....	531
Luta armada na Frente Patriótica de Libertação Nacional: uma querela permanente. Susana Martins.....	540
Debates sobre a viabilidade de uma revolução anarquista no Brasil (1917-1922). Tiago Bernardon de Oliveira.....	548
O outro 25 de abril e as Diretas Já. Noventa dias de luta que mudaram o Brasil. Valério Arcary.....	556
El marxismo y la Dictadura de Primo de Rivera. Pablo Montes.....	564
Movimiento obrero y cuestión nacional en España: Catalunya y País Vasco (1895 – 1923). Diego Díaz Alonso.....	571
3. Land and freedom.....	578
Terra e liberdade. Experiências de reforma agrária em Portugal no século XX. Dulce Freire	579
Uma cidade em luta. Sonia Lúcio Rodrigues de Lima	588
As transformações socioeconômicas da atividade pesqueira na Amazônia brasileira. Tiago da Silva Jacaúna.....	596
4. Media and social conflicts.....	607
Editoras e lutas sociais no Brasil. Andréa Lemos Xavier Galucio.....	608
A revista Veja e os conflitos sociais dos anos 1990. Carla Luciana Silva.....	617
A Editorial Vitória e a divulgação das ideias comunistas no Brasil, 1944-1964. Flamarion Maués	627
Conflictos laborales e imagen: de la mirada institucional a la de intervención. El caso Sintel. Isadora Guardia	641
Themes of destruction, fighting, hatred and disruption in theatrical productions of the 1920's-1930's within the context of Communist mythology. Vera Kliment'evna	

Krylova.....	657
5. Biographies	667
Júlio Fogaça, o outro intelectual que dirigiu o PCP. António Simões do Paço.....	668
L’apport de la socio-biographie à l’historiographie du mouvement ouvrier. Bruno Groppo	678
Everardo Dias contra a República Velha no Brasil. Marcelo Ridenti	694
6. Theoretical essays and workers’ movement	726
Revisitando la Inglaterra de Engels y E.P. Thompson. Notas para la formulación de hipótesis sobre la formación de la clase obrera en Argentina. Agustín Santella y Gabriela Scodeller	727
Trabalho, classes e movimentos sociais. Andréia Galvão	736
O 18 de Janeiro na história das ideias. Ângelo Novo.....	750
A militância possível. Sociologia das condições sociais de possibilidade de militância operário no Porto (1940-1974). Bruno Monteiro	759
Estado e movimento operário no Brasil: apontamentos históricos. Celso Frederico.....	768
Notas introdutórias sobre o conceito marxista de bonapartismo. Felipe Abranches Demier	780
As leituras revisionistas da Revolução de 1934 em Espanha. Fernando Ampudia de Haro.....	788
Drogas e política no século XX. Henrique Carneiro	796
Political organization and class consciousness in the thought of the young Trotsky. José Carlos Mendonça.....	803
Lenin. Comments in Summary, in Place of a Postscript. Tamás Krausz	812
Is Anarcho-Syndicalism Marxist? Notes on the syndicalist understanding of ‘working class’. Torsten Bewernitz	826
Hope for the future. Closing speech by Sjaak van der Velden at the International Conference Strikes and Social Conflicts, Lisbon, March 18, 2011	834

Introduction

Close contacts with colleagues and co-operation between fellow research institutes are of crucial importance to all studies. The study of strikes and social conflicts is no exception to this rule. This is the reason why we initiated a conference on this item to take place in Lisbon.

Despite the recent neglect of the subject in academia since the 1980's we hoped to revive and arouse the interest from students and professionals so long gone.

Using our networks built during earlier conferences we invited many researchers who had shown the requested interest. To our surprise many responded enthusiastically and the financial aid from a handful of scientific institutes made it possible to organise the conference.

From 16 March to 20 March 2011 hundreds of colleagues in the field of labour history met during 46 sessions in Lisbon. A few round table meetings and a common dinner completed the conference.

During the conference there was great support for the initiative to establish an association and start the publication of a journal. The association was actually established and will organise future conferences while the journal is also taking shape. The first issue of the journal will publish a few of the Lisbon papers, while others found their way to other journals.

We are convinced that it would be a shame to leave the conference papers only open to the participants and decided to publish these in an online book. We asked the authors to edit their paper and the results are in this book. Unfortunately there was no money to translate papers from English to Spanish/Portuguese and vice versa like we could do during the conference. But even then we are confident that this book may be a useful tool for ourselves and others who study the history of strikes and social conflicts.

We titled this book: *Strikes and social conflicts. Towards a global history* because in our opinion this stresses our goal for the conference. Labour history and the study of strikes and social conflicts are moving into a new phase where a global perspective is more than ever before needed to understand the subject. Society is going global and social movements are going global. Hence the study of these movements needs to go global too. We hope that we have contributed to this movement of study by the publication of this book.

We again want to thank the institutes that supported the conference: Instituto de História Contemporânea, International Institute of Social History, Maison des Sciences de l'Homme, Centre d'Estudis de l'Època Franquista i Democràtica, Arquivo Edgard Leuenroth, Friedrich Ebert Stiftung, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Red de Archivos Históricas de Comisiones Obreras, FWO Scientific Research Network and Fundação Luso-Americana. This book, to end with, would not have been possible to publish without the support from Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

António Simões do Paço, Raquel Varela and Sjaak van der Velden

Discurso do Professor Fernando Rosas na Abertura da Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais no Século XX

Há uma ligação entre aquilo que em cada conjuntura as agendas académicas definem como prioridades científicas no campo das investigações históricas e das ciências sociais e o “espírito da época”. Ou, se se quiser falar em termos mais gramscianos, entre essas escolhas e a relação de forças decorrente da luta pela hegemonia nas áreas deste tipo de conhecimento. O que desejava sugerir, nesta breve intervenção de abertura, é que, neste aspecto, talvez estejamos perante um processo de mudança de paradigma.

Nos anos 80/90 do século passado, a crise geral do socialismo como mundividência e a emergência hegemónica do tatcherismo, do reaganismo e do “pensamento único” neoliberal e neoconservador, entre muitas outras coisas, decretaram o fim da utilidade e até da legitimidade dos estudos sobre o movimento operário e a sua história. O “fim da História” e o anunciado “triunfo do capitalismo” mostravam a irrelevância (e a inconveniência) da luta de classes no processo histórico, a classe operária desaparecera ou estava em vias de disso, o operariado nunca fora sujeito de transformação revolucionária mas vítima inconsciente de manipuladores ingénuos ou decididamente mal intencionados, o futuro – como o passado bem sucedido – era a concertação/sujeição e não o conflito.

Assim sendo, uma rica tradição de estudos políticos, económicos e sociológicos do movimento operário nos centros de pesquisa europeus passou à defensiva, a ter de justificar-se heurísticamente, quando não paralisou. Transitou-se, noutras áreas, para uma certa antropologização despolitizante do objecto de estudo. Em certa ciência política aproveitou-se para desenterrar os tropos considerados autonomamente positivos do corporativismo para construir novas sociologias da harmonia social neocorporativa.

Precisamente, a presente crise do capitalismo e as políticas de destruição económica e de regressão social com que os poderes estabelecidos a tentam fazer pagar por parte do mundo assalariado recolocam dramaticamente no centro dos debates dos dias de hoje as questões da condição actual do trabalho assalariado e dos caminhos das suas lutas de resistência e emancipação. O capitalismo triunfante e arauto do esplendor da tecnologia, afinal, mostra-se mais parasitário, especulativo e predador do que nunca, tentando conjugar a digitalização do século XXI com a regressão a formas de arbítrio e exploração do trabalho dignos do século XIX. O proletariado afinal não desapareceu, mas provavelmente multiplicou-se e complexificou-se por um vasto mundo de novos trabalhos assalariados marcados pela precariedade e pela negação de direitos fundamentais tão duramente conquistados. Um proletariado que, seguramente na acção, tem de articular-se centralmente com o oceano do precariado.

E dessa forma regressa em força a actualidade dos estudos do trabalho, da sua condição, da sua luta passada e actual. É urgente, aliás, convocar essas memórias e esses saberes. É muito mais fácil impor hoje aos trabalhadores da indústria automóvel europeia as 10 ou 12 horas de trabalho diário, se eles não souberem, se lhes roubarem a memória dos rios de sangue que tiveram de correr para, batalha a batalha se conquistar a jornada das 8 horas de trabalho. Não é só a questão dos direitos do trabalho que hoje está em causa. É a da subsistência dos instrumentos essenciais da sua conquista: a contratação colectiva, a liberdade sindical ou o direito à greve. É uma civilização de direitos alcançados que está a ser posta em causa silenciosa e passivamente pela desregulação e activamente pela sua negação em nome de uma falácia surpreendente: é que a modernidade económica exige o retrocesso social.

Para quem o estudo dos fenômenos históricos, sociais, políticos, culturais do mundo do trabalho não é só o conhecimento e a explicação da realidade, mas uma tentativa de ajudar a transformá-la, este recomeço renovado da história dos movimentos sociais, das greves, dos conflitos sociais, de forma internacional, comparada e pluridisciplinar pode vir a ser um marco de alguma importância. Iniciá-lo é já um passo decisivo nesta luta pela hegemonia em torno das mundividências que queremos fundamentalmente, cientificamente, construir acerca do espírito da nossa época.

O campo de estudos que esta conferência retoma tem pois uma crucial actualidade. Saúdo por isso os participantes que em tão grande número a ela aderiram e o esforço magnífico dos colegas e organizações que deitaram mãos à tarefa de a organizar. Gostaria de pensar que esse esforço, que em nenhum caso será vão, poderá continuar-se através de formas regulares e mais permanentes de prosseguir os nossos trabalhos de cooperação e intercâmbio. Quero crer que as nossas sociedades e o mundo do trabalho terão algo a ganhar com a organização dessa colaboração.

Desejo a todos as boas vindas e um bom trabalho.

Fernando Rosas

Discours d'ouverture du Professeur Serge Wolikow dans la Conférence Internationale Grèves et Conflits Sociaux dans le XXe Siècle

Mesdames, Messieurs,
Chers collègues et amis,

Je souhaite à mon tour intervenir pour dire à la fois les raisons de mon implication dans l'organisation de ce colloque et souligner ensuite la portée et les possibilités que recèle cette initiative.

Lorsqu'il y a dix huit mois j'ai accédé à la proposition de Fernando Rosas de participer à la coordination scientifique de colloque c'est à la fois comme historien des mouvements sociaux et révolutionnaires mais aussi comme universitaire attaché à l'interdisciplinarité et à la promotion en France des sciences humaines et sociales dans le cadre des Maisons de sciences de l'homme.

En effet l'histoire des mouvements sociaux, entendue notamment comme celle des grèves et des conflits sociaux, constitue aujourd'hui comme hier un domaine du savoir qu'il faut promouvoir et imposer dans le champ académique et universitaire. Cette histoire qui fait une part importante aux conflits et aux contradictions tant sociales que politiques reste souvent en butte aux critiques des défenseurs d'une histoire attentive avant tout à l'action des Etats et des élites dirigeantes. Effectivement faire l'histoire des grèves conduit à s'intéresser au monde du travail, à ses conditions d'existence comme à ses activités professionnelles. Elle est en ce sens fondamentalement une histoire des milieux populaires et du travail, non seulement dans le domaine de l'industrie mais aussi du monde rural et des activités tertiaires. C'est prendre le contre pied de l'histoire dominante de la politique et de la culture, assimilée à celle des élites et des milieux sociaux dominants. Pour autant l'histoire des grèves n'est pas seulement celle des travailleurs mais aussi celle des catégories sociales dominantes, de l'industrie, des activités financières et commerciales comme de la grande propriété rurale. L'histoire des conflits implique nécessairement une réflexion en termes d'action collective et de catégories sociales. En ce sens elle se démarque des courants historiographiques dominants à l'échelle internationale, centrés sur les approches biographiques et individualisées des acteurs sociaux. L'histoire des grèves incite à penser l'histoire sociale du monde du travail avec des paradigmes qui permettent de comprendre les appartenances collectives, les processus de prise de conscience comme les formes de l'action commune forgés dans la confrontation. Elle se démarque des paradigmes fondés sur la déclinaison des identités dont le modèle importé de la psychologie a été étendue à l'ensemble du champ social et politique au cours des années 1980 et 1990.

Relancer, par une initiative internationale comme celle-ci, l'histoire des grèves et des conflits sociaux c'est affirmer la volonté de donner à l'histoire sociale une place nouvelle marquée notamment par une ambition élargie. Il arrive en effet que l'on concède à l'histoire sociale et notamment à celle du monde du travail une petite place en marge des grands domaines de l'histoire. Selon moi ce qui est d'actualité c'est tout autre chose car en mettant au centre de l'attention de la recherche historique les actions collectives et les mobilisations du monde du travail, il s'agit de renouveler le regard porté sur l'histoire contemporaine dans son ensemble. Loin d'être fermée aux recherches nouvelles consacrées à tel ou tel objet, l'histoire sociale affirme l'importance qu'il faut accorder à l'histoire des milieux populaires, de leurs conditions d'existence, de leurs activités de travail comme de leurs luttes. Loin d'ignorer l'histoire politique

comme l'histoire culturelle, elle les rattache de façon effective non pas à une élite étroite et dominante, mais au plus grand nombre qui, bien qu'en position subalterne, a fait une irruption massive sur la scène politique et sociale au cours des 19^e et 20^e siècles. Loin d'ignorer la méthodologie de l'histoire critique, la prise en compte des conflits implique un travail empirique et documentaire exigeant avec le souci de croiser des données et des informations produites à partir de sources diversifiées permettant de contrôler leur fiabilité respective.

Mais pour moi la création de l'association et la tenue de sa première conférence signifient également une ouverture nécessaire des historiens à l'interdisciplinarité. Elle est à la fois indispensable, difficile mais aussi source de connaissance et de compréhension. J'y suis particulièrement sensible du fait de mon expérience scientifique en France au sein du réseau des Maisons des sciences d'homme. La complexité des phénomènes étudiés mais aussi les attentes sociales impliquent une coopération scientifique qui doit dépasser la juxtaposition des disciplines scientifiques existantes d'autant que d'un pays à l'autre celles-ci diffèrent souvent. Me semble particulièrement d'actualité le croisement des savoirs des différentes sciences humaines et sociales. La perspective historique est à la base de toutes ces sciences mais chacune est porteuses de spécialisations et de méthodologie: ethnologie, sociologie, anthropologie mais aussi sciences politiques, linguistique ou philosophie méritent d'être associées et mobilisés pour étudier les grèves et les conflits sociaux. Mais l'interdisciplinarité suppose également une coopération intellectuelle avec les praticiens, les acteurs collectifs et individuels des mouvements sociaux, il s'agit en quelque sorte d'élargir le cercle des chercheurs avec le souci de récupérer l'expérience et les réflexions des acteurs non seulement comme des témoins mais aussi comme des participants au travail de recherche lui-même à chaque fois que cela est possible. La dimension internationale du travail scientifique est devenue une donnée incontournable avec les nouveaux moyens d'information et la circulation accélérée des travaux scientifiques. Dans les sciences humaines, en histoire notamment, cette internationalisation est largement amorcée par le biais des sociétés de spécialistes et les grandes revues scientifiques. Il reste cependant qu'elle est aujourd'hui dominée par le monde anglo-saxon, l'anglais international et des normes qui sont souvent ressenties comme autant d'obstacles pour les chercheurs d'autres zones géographiques et culturelles. En fait la communauté scientifique internationale fonctionne très inégalement selon les domaines et notamment les moyens économiques et institutionnels mis à disposition des chercheurs. Dans le domaine de l'histoire sociale et en particulier des conflits et des grèves, la circulation, l'échange et la confrontation des recherches fonctionnent mal. Cela peut sembler paradoxal si l'on se réfère au domaine de la recherche : historiquement le mouvement ouvrier s'est développé précocement en affirmant ses connections internationales, le croisement des expériences, la mobilité des militants, exilés et pourchassés sont autant de facteurs objectifs qui rendent possible et nécessaire une histoire internationale des mouvements sociaux et des conflits. De ce point de vue les nouvelles tendances historiographiques en faveur d'une histoire globale faisant sa place aux interactions, aux différentes échelles d'analyse, à la circulation des savoirs comme aux migrations, est au centre de la démarche de notre association et de sa première conférence. J'ajouterai que l'association internationale en tant que telle est un outil précieux à développer pour soutenir l'activité de la recherche sur l'histoire des mouvements sociaux. Son fonctionnement, sa visibilité doivent être à la mesure de notre ambition : de ce point de vue la participation exceptionnelle à cette première conférence internationale de Lisbonne est une j'en suis certain une préfiguration significative de l'essor que notre association peut connaître et de l'audience des recherches qu'elle peut

promouvoir. Au moment où les idéologies dominantes du libéralisme triomphant connaissent des déconvenues, l'histoire des conflits peut ambitionner de se déployer largement à la mesure de la place des mouvements sociaux dans la dynamique historique.

Letter from Anthony Arnove to the International Conference Strikes and Social Conflicts in the XX Century

I was moved deeply when I learned your conference is dedicated to my friend and collaborator Howard Zinn, whose loss we all still mourn.

I know Howard would have loved to be with you for this important gathering. Besides being someone who loved travel and who was a true internationalist, Howard was someone who loved the people in struggle — not merely the abstract idea of struggle.

Thinking of Howard and the theme of this conference, I am reminded of what Frederick Engels, Karl Marx's friend and longtime collaborator, said at his graveside in Highgate Cemetery, London, in 1883:

“Marx was above all else a revolutionary. His real mission in life was to contribute in one way or another to the overthrow of capitalist society and of the forms of government which it had brought into being, to contribute to the liberation of the present-day proletariat Fighting was his element. And he fought with a passion, a tenacity and a success few could rival.”

Filming our documentary, *The People Speak*, in Boston one afternoon, Howard observed that the camaraderie between our cast members, the sense of collective purpose and joy was a feeling he hadn't experienced with such intensity since his active participation in the civil rights movement.

Since Howard's passing, I have thought often of that moment, which crystallizes for me what made him so compelling an example of someone committed to, and enjoying to its fullest, a life of struggle.

Howard jumped into the civil rights struggle as an active participant, not just as a commentator or observer. He decided that the point of studying history was not to write papers and attend seminars, but to make history, to help inform struggles to change the world.

He was fired from Spelman College as a result, and only narrowly escaped losing his next job at Boston University for his role in opposing the Vietnam War and in supporting workers on the campus.

When there was a moment of respite after the end of the Vietnam War, Howard did not turn back to academic studies, or turn inward, as so many other 1960s activists had done, but began writing plays, understanding the importance of cultural expression to political understanding and change. He also began writing *A People's History of the United States*, which came out in 1980, right as the tide was turning against the radical social movements he had helped to organize.

A People's History would provide a countercurrent that developed and grew, as teachers, activists, and the next generation of social movements developed new political efforts, new movements. And Howard was there to fight with them.

Howard embodied the understanding that the process of struggle, the shared experience of being part of work alongside and for others, is the most rewarding,

fulfilling, and meaningful life one can live. The sense of solidarity he had with people in struggle, the sense of joy he had in life, was infectious.

Throughout, he reminded us of the history of social change in this country, and kept coming back to the essential lessons that it seems we so often forget or need to learn anew. That change comes from below. That progress comes only with struggle. That we cannot rely on elected officials or leaders. That we have to rely on our collective self-activity, social movements, protest. That change never happens in a straight line, but always has ups and downs, twists and turns. That there are no guarantees in history.

The stereotypical image our corporate media presents of the Left, especially the radical Left, is that it is humorless, it lacks culture, it's based on self-denial and conformity. Howard shattered this convenient caricature.

Howard's talks were like a Lenny Bruce monologue, with punch-lines that delivered keen social observations. His play *Marx in Soho* manages to simultaneously reclaim Marxism from its bourgeois critics and its Stalinist distorters, while bringing down the house with physical comedy that evokes Sid Caesar and Zero Mostel.

He returned repeatedly to discussions of the importance of music, theater, film, literature, and the arts to political change. When he spoke of his turning points politically, Howard would often evoke Woody Guthrie, Charles Dickens, Dalton Trumbo, Alice Walker (his former student), and Marge Piercy.

He enjoyed oysters, Italian food, wine, the company of friends, vacations. And especially he loved time with his family, Roz, his life partner, his two children, and five grandchildren.

We should avoid hagiography, though. Howard was not a saint. None of us are. It's important to remember that whatever revolution we make, it has to be made with people as they are, with all the contradictions that come with living under capitalism. There is no other way for it to happen. But in the course of trying to change the world, with others, we change ourselves, and new possibilities emerge.

It is a problem that the Left in the United States and in much of the world today relies so heavily on a few charismatic leaders, who often are elevated above or set apart from the movements of which they are a part. The reasons are many. Some people cultivate or contribute to this dynamic, of course, but Howard was not one of them.

There are, from time to time, people who can crystallize the aims or goals of a movement in an especially compelling way. Who can rally greater numbers of people to take a particular action or, in the case of Howard, make a lifelong commitment to activism. But such people cannot substitute for a movement. Eugene Debs, who understood this problem well, put it this way, once: "I am no Moses to lead you out of the wilderness ... because if I could lead you out, someone else could lead you in again."

That was the spirit of Howard: think for yourself, act for yourself, challenge and question authority. But do it with others. As he writes in *Marx in Soho*, "If you are going to break the law, do it with two thousand people ... and Mozart."

Yours in struggle,

Anthony Arnove



Der Streik (Painting by Robert Koehler 1886, Oil on canvas).

1. Strikes and social conflicts

Setúbal republicana – quando as fábricas transbordavam de greves. *Albérico Afonso Costa*

Em Dezembro de 1909, o Governo chefiado pelo regenerador Venceslau de Lima procedeu a um inquérito às Associações de Classe Industriais e Operárias¹.

Os dados do inquérito mostram-nos que Setúbal é a localidade do país que tem mais associações de classe, logo a seguir a Lisboa e Porto; é também aquela que tem um maior número de associados filiados a grande distância de outras localidades.

Setúbal vai ser uma directa beneficiária do surto desenvolvimentista e reformador do período da Regeneração. Graças a este impulso, a então vila conhece um conjunto de transformações que lhe permite passar de uma comunidade mercantil e piscatória tradicional para um espaço fabril em ascensão.

Deste modo podemos assinalar um conjunto de melhoramentos que vão potenciar a prosperidade económica da cidade. De destacar a ligação ferroviária ao Pinhal Novo-Barreiro (1860); início das obras de reestruturação do porto de Setúbal; construção da Avenida Luísa Todi; início de carreiras diárias de vapores fluviais entre Setúbal e Alcácer do Sal, no ano de 1867.

Neste período a cidade vai sustentar um enorme aumento demográfico. Em 1890 a população da cidade era de 17 581 habitantes, passando para 30 346 em 1911, com um aumento de mais de 12 mil pessoas.

A principal razão destas grandes alterações demográficas está associada à implantação da indústria de conservas de peixe e às outras actividades económicas que lhe estão associadas (pesca, litografia, serralharia, caixotaria, entre outras).

Setúbal constitui-se como um pólo de atracção demográfico. As novas indústrias, e particularmente a indústria conserveira, necessitam de milhares de novos trabalhadores que vão recrutar aos campos de Alentejo e aos centros industriais de Lisboa e Porto. Trata-se de uma população muito jovem com predominância do grupo etário com menos de 20 anos, sendo ainda uma população predominantemente masculina².

Setúbal transforma-se, assim, nos finais do século XIX e inícios do século XX, numa cidade industrial, ou, para falar com maior rigor, numa cidade mono-industrial dependente da indústria de conservas de peixe.

A emergência do associativismo operário

É, pois, um jovem proletariado aquele que vai preencher as fábricas deste espaço urbano.

Um proletariado jovem e aguerrido, mas também desenraizado e inexperiente.

A criação de redes de sociabilidade e de solidariedade cedo lhe potenciará uma total integração e enraizamento na vida laboral, cidadina e proletária da Setúbal de então.

O desenvolvimento económico e o crescimento urbano são, deste modo, acompanhados pela emergência de vários modelos de associativismo operário como forma de sobreviver à disciplina da fábrica, aos baixos salários, às extensas jornadas e às duríssimas condições de trabalho.

¹ Citado por Manuel Vilaverde Cabral, *O Operariado nas Vésperas da República (1909-1910)*, Presença/Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1977, pp. 175 e sgts.

² Vasco Pulido Valente, *Os conserveiros de Setúbal (1887-1901)*, in *Análise Social*, vol. XVII, (67, 68 e 69), 1981.

É neste contexto que vemos serem criadas várias associações mutualistas, cooperativas, escolas, bibliotecas, grupos desportivos, de teatro e sociedades musicais e recreativas.

Nas últimas décadas do século XIX surgem pelo menos uma dezena de agrupamentos musicais e sociedades recreativas e grupos de teatro, publicitados na imprensa local, com destaque para a Capricho Setubalense e para a Sociedade Filarmónica Operária Setubalense.

Todos estes elementos evidenciam a determinação destes trabalhadores em criar um espaço cultural próprio no novo mundo urbano e proletário. Procuram como que um território com que se possam identificar, um espaço de pertença que os ajude a sobreviver.

Os ideais do socialismo, do anarquismo e mesmo do republicanismo vão ser igualmente elementos importantes para a construção destas novas áreas de sociabilidade política, educativa e cultural, que integram formas de resistência à exploração capitalista.

Esta nova massa proletária associada a esta diversidade de expressões culturais e de solidariedade vai construindo formas autónomas de organização que possam canalizar e organizar as reivindicações operárias decorrentes das condições de trabalho nos vários espaços fabris.

Com essas reivindicações pretendem salários que lhes permitam ultrapassar o limiar da sobrevivência física, melhores condições de trabalho, a diminuição dos horários de trabalho, que chegavam a ultrapassar as 14 horas diárias.

Os soldados vão ser precursores na criação da sua “associação de classe”, fundando em 1891 a Associação dos Soldadores de Setúbal, cujos dirigentes, inspirados nos ideais do anarco-sindicalismo, serão dos mais combativos e dos mais inconformados do conjunto do proletariado setubalense.

Os empregados do comércio criam a sua estrutura sindical em 1898 e nos últimos anos do século XIX e inícios do século XX continuam a florescer diversas estruturas e formas de auto-organização dos trabalhadores. O período da República permitirá que praticamente todos os trabalhadores setubalenses se organizem em estruturas autónomas que defendem as suas reivindicações.

Se nos lembrarmos do inquérito de 1909, verificamos estar perante um operariado com um grau de organização e de estruturação já significativos por relação ao que se passa na generalidade do país. Um proletariado interventivo que se mobiliza para a defesa dos seus interesses de classe.

Os últimos tempos do regime monárquico vão ser tempos de duro confronto social. As greves que opuseram soldados ao patronato conserveiro e os pescadores aos armadores tinham evidenciado a existência de um operariado predisposto para a defesa das suas reivindicações através da luta.

O grau de combatividade e o êxito de muitos destes combates só podem ser compreendidos se percebermos os fortíssimos laços de solidariedade e de confiança que existiam entre os trabalhadores, que se foram forjando ao longo dos anos de uma vivência colectiva nos espaços fabris e nos diversos espaços de sociabilidade política e cultural da cidade.

Outro aspecto relevante é a aliança que se estabelece entre os dirigentes operários influenciados pelo anarco-sindicalismo e o Partido Republicano local, que se materializa no apoio eleitoral ao PRP¹.

¹ Albérico Afonso Costa Alho, *Setúbal – Roteiros Republicanos*, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, editora Quidnovi, Matosinhos, 2010.

Setúbal, para além de Lisboa e Porto, vai ser o único círculo eleitoral a ter deputados republicanos no parlamento.

Mas a convergência com os republicanos passou também por acções conjuntas contra a monarquia, de que foram exemplos as comemorações do I centenário da morte de Bocage ou o comício de 15 de Agosto de 1909, amplamente convocado pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, pela Escola Liberal de Setúbal, pelo Centro Setubalense de Propaganda Liberal, pelo jornal *Germinal* e pelo Centro Republicano de Setúbal. Este comício reuniu 5 mil pessoas na luta “contra o reaccionarismo político-jesuítico” do Governo.

Mudar o regime – o aprofundamento da luta social

Lembre-mo-nos ainda da tarde de 4 de Outubro de 1910, em que uma manifestação de milhares de operários assalta e incendeia a CMS, onde funcionava a esquadra da polícia, incendiando mais tarde o convento de Brancannes e ocupando a Igreja do Coração de Jesus, acções que vão antecipar a proclamação da República. Esta nascerá, aliás, aqui antes de nascer em Lisboa, aqui se fazendo, de igual modo, uma especial tomada da Bastilha setubalense. Todas estas acções são claramente hegemónicas pelas correntes mais radicais do movimento operário, que foram também aquelas que na génese e no desenvolvimento desta cidade industrial estiveram presentes na organização das suas lutas, na criação dos locais de sociabilidade cultural, desportiva e política.

Na luta pela mudança de regime político, os dirigentes anarco-sindicalistas não vão também deixar que os republicanos fiquem sozinhos nesta tarefa. Para estes sindicalistas a anarquia, a sociedade ideal que perseguiram, seria mais facilmente edificável no quadro do regime republicano.

O aprofundamento das liberdades públicas e o acesso a uma maior instrução do povo, que, na sua perspectiva, os republicanos iriam concretizar, permitiriam uma maior divulgação da causa libertária.

Mas depois do 5 de Outubro tudo vai mudar no relacionamento com os republicanos...

O mês de Outubro de 1910 vai ser ainda um período de celebração e de euforia, em que os sectores operários se reconhecem e identificam com a vitória revolucionária. Foi um mês ainda sem conflitualidade social. Isto não significa que os sectores operários se tenham ficado pelas celebrações.

Pelo contrário, assistimos desde logo a um conjunto de iniciativas que vão no sentido da organização e da institucionalização de algumas associações operárias. É o caso dos carroceiros, sapateiros, das mulheres das fábricas que fazem as suas reuniões para dar expressão a formas de auto-organização e de discussão das suas reivindicações. Durante o mês de Novembro assistimos a dois fenómenos interessantes. Por um lado, a continuação de iniciativas que vão no sentido da auto-organização do movimento operário; por outro, a multiplicação de reuniões em que se discute a actualização dos cadernos reivindicativos.

Este período de reflexão organizativa que o mês de Novembro vai conhecer será aproveitado para a criação de fundos de entajuda a utilizar em caso de greve. Também a criação de estruturas de coordenação entre as diversas organizações já existentes ou a criar é outro foco de preocupação dos dirigentes operários. Por outro lado, discute-se a possibilidade, e mais que isso, necessidade, de mudar a lei da greve. Ainda durante o mês de Novembro entram em luta alguns dos sectores operários mais importantes: os trabalhadores das fábricas de conserva, na sua maioria mulheres, e os marítimos.

Eram também os sectores com maior experiência organizativa, que já tinham práticas de confrontação com o patronato e com as forças repressivas do Estado desde o tempo da monarquia.

Entre Outubro e Dezembro de 1910, para além das greves de várias fábricas de conserva e dos marítimos, vão também entrar em greve outros sectores do operariado setubalense, com destaque para os gasomistas, pescadores do arrasto, padeiros e os trabalhadores da abegoaria municipal.

O ano de 1911 vai ser o ano de todas as greves. Praticamente todos os diferentes ramos do proletariado setubalense vão medir forças com as entidades patronais, numa tentativa global de melhorar as condições de vida e de trabalho: sapateiros, caixeiros, ferroviários, pescadores, *moços* (conserveiros), metalúrgicos, *mulheres* (conserveiras), cocheiros, trabalhadores rurais, ardinias, condutores do sal. Todos encetaram formas de luta.

De destacar que os pescadores, os metalúrgicos, as mulheres e os moços da indústria conserveira participam em mais do que uma greve ao longo do ano de 1911. Durante este ano, chegou mesmo a haver fábricas de conserva que estiveram em luta por quatro vezes.

Contabilizamos, neste período, 24 greves, que envolvem a generalidade do operariado setubalense.

Os acontecimentos de 13 de Março de 1911, em que são mortos pela recém-criada GNR um trabalhador e uma trabalhadora conserveira, marcam de forma trágica a conflitualidade crescente entre os operários em luta, o patronato e o novo regime. De resto, estes graves incidentes vão marcar um afastamento irreversível entre o movimento operário e o poder político saído da revolução de 5 de Outubro¹.

No ano de 1912 o número de greves é de 14, e no ano seguinte vão existir apenas greves nos sectores da construção civil, dos pescadores e dos trabalhadores dos arrozais. Por sua vez, no ano de 1914 os conflitos vão limitar-se aos sapateiros e aos pescadores.

E se é verdade que esta diminuição da conflitualidade social está associada ao facto de alguns sectores de actividade terem visto satisfeitas algumas das suas reivindicações, é também verdade que os trabalhadores vão ser alvo de uma repressão muito violenta por parte do aparelho de Estado. A repressão vai paralisar muitos dos sectores em luta, particularmente aqueles que tinham menos experiência e capacidade organizativa.

No entanto, a partir de 1916 há um novo recrudescimento das lutas operárias em Setúbal.

Os períodos da guerra e do pós-guerra agravam as condições de vida dos setubalenses. O aumento do custo de vida vai ser particularmente sentido pela população trabalhadora. O mercado negro, os açambarcamentos, a especulação integram os elementos fundamentais da vida económica nacional e local daqueles anos.

Há um agravamento generalizado dos preços de bens a retalho e dos bens essenciais. Os salários mantêm-se inalteráveis.

As greves continuam a ser o terreno preferencial de luta face à desactualização dos salários que esta situação aprofunda e agrava.

¹ Albérico Afonso Costa Alho, *Setúbal – Roteiros Republicanos*, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, editora Quidnovi, Matosinhos, 2010.

Uma luta social de alta intensidade

Mas para além das greves, houve outras formas de confrontação social e política que marcaram a paisagem social da cidade neste período, com destaque para os assaltos colectivos a armazéns, mercearias, carvoarias e padarias; os assaltos colectivos a quintas, os actos de sabotagem perpetrados contra várias fábricas; a destruição de maquinaria nas fábricas de conserva, especialmente as cravadeiras; os boicotes no fornecimento de matéria-prima necessária ao funcionamento das fábricas; os atentados à bomba contra industriais conserveiros e contra a própria polícia e GNR.

Descobrem-se dezenas de bombas prontas a serem accionadas; incendiam-se fábricas, que ficam completamente destruídas; fazem-se assaltos à cadeia para libertação dos presos; utiliza-se a sabotagem aos comboios de mercadorias e dos carris do caminho-de-ferro; usam-se armas de fogo contra as forças policiais e mesmo contra o patronato, ou ainda entre os próprios trabalhadores; assaltam-se os transportes de conservas destinadas à exportação.

A resposta a estes actos é simétrica, ou melhor, a repressão por parte das forças policiais, militares e patronais é mais que proporcional à gravidade dos actos cometidos. Há rusgas nas ruas, nas sedes das associações, nas próprias casas dos operários. Há um policiamento constante da GNR e do Exército, que se passeia por toda a cidade em acções de permanente intimidação.

Essa intimidação tem como destinatários não só os sectores em greve, como também a população em geral.

É decretado o estado de sítio, com obrigatoriedade de encerramento do comércio e proibição de circular a partir de certas horas.

As prisões são frequentes. O operariado setubalense ostenta, nestes anos, uma intimidade nua e crua com o arbítrio da repressão policial.

O *lock-out* é utilizado pelos industriais conserveiros sem qualquer parcimónia. Ao mais pequeno sinal de contestação, a Associação Industrial de Setúbal concitava os seus associados a fecharem as fábricas como represália às reivindicações operárias. Os despedimentos ou tentativas de despedimento por razões sindicais e políticas são práticas ensaiadas com frequência.

Tudo isto se passava tendo como pano de fundo a I Guerra Mundial.

Olhando a cidade operária destes anos, verifica-se que estamos perante um tecido urbano que coabita quotidianamente com a penúria, com o confronto e correlativa repressão, num dia a dia que cada vez mais é o da desesperança face às trágicas condições de vida que a guerra havia aprofundado.

Deste modo, não se exagerará ao dizer que a Setúbal da guerra é também a Setúbal em guerra.

Açambarcamentos, mercado negro, salários escassos para preços que todos os dias subiam com a inflação, prisões, deserções, protestos e manifestações contra a participação de Portugal no conflito são as grandes linhas de força em que Setúbal se vai movimentar neste período da história mundial.

A partir do mês de Maio de 1917 as situações de deserção começam a ser frequentes, aumentando a partir de Agosto desse ano.

As acções explicitamente anti-belicistas passam a fazer parte da agenda de luta da cidade, apesar da legislação que proíbe a propaganda anti-guerra.

A I Guerra Mundial vai ser, assim, vivida em Setúbal sob o signo da contestação. E quando o armistício é assinado em 11 de Novembro de 1918, a cidade está cada vez mais empobrecida e enlutada.

A pneumónica também cobrava o seu imposto, provocando centenas de vítimas.

A greve, uma velha aliada

Setúbal vai conhecer duras greves gerais em 1917, 1918, 1920, 1921, 1922 e 1925.

A greve geral da indústria conserveira, com início no mês de Setembro de 1922, vai ser uma das mais duras e mais longas greves que ocorreram em Setúbal durante o período republicano, prolongando-se por um período de 74 dias.

É certamente uma das mais importantes greves da nova ofensiva operária do pós-guerra. Vai eclodir na esteira de outros duríssimos confrontos, já referidos, que opuseram o proletariado setubalense ao patronato entre 1917 e 1925.

Se analisarmos com detalhe as características das greves neste período, constatamos que não são greves meramente simbólicas, com uma duração de um ou dois dias, como as que conhecemos actualmente, ou mesmo como a maioria daquelas que se declararam após o 25 de Abril de 1974.

São confrontos que raramente têm um decurso inferior a uma semana, chegando a durar mais de dois meses. Muitas destas greves só terminam com a rendição pela fome dos trabalhadores e das suas famílias e pela exaustão das redes sociais de apoio que então se estabeleciam.

Os sindicalistas revolucionários, no congresso operário de 1911, aprovam uma resolução sobre as greves com o seguinte conteúdo: “Nunca prevenir a entidade patronal (...); procurar que a greve constitua um máximo de surpresa (...); evitar qualquer espécie de contrato de trabalho, individual ou colectivo, de que possa resultar um entrave à liberdade do grevista (...); recusar a arbitragem sob que forma se apresente”¹. Era este o guião de acção, uma espécie de roteiro de intervenção, utilizado maioritariamente e quase sem excepção pelos trabalhadores setubalenses. Esta opção levava ao conflito quase permanente. De resto, a polícia e o Exército não intervêm só em caso de conflito. Há numerosas situações em que estas forças vigiam as sedes das associações de classe quando há reuniões e chegam a ocupar e mesmo fechar estes locais quando é declarada greve. Também com frequência os principais dirigentes grevistas são presos e encerrados na canhoeira *Zaire*, sita no Sado e que se transformou numa autêntica prisão política.

Merece a pena fazer uma breve referência ao desespero com que os vários administradores do concelho se referem à situação revolucionária que se vive na cidade. Nas comunicações dirigidas ao governador civil, o administrador do concelho é claro quanto ao perigo evidente que a específica situação de Setúbal configura: “Os anarquistas de Setúbal trabalham para a proclamação aqui de uma “Comuna Livre”. É sublinhada a existência de “forças do Exército fatalmente minadas por sindicalistas e anarquistas, que nesta cidade que cognominaram a “Barcelona Portuguesa” (...) estão na grande maioria da população, na maior parte operária e toda sindicada em associação de classe”².

Ou ainda: em 20 de Abril de 1917, o A.C. recém-nomeado pelo Governo da “União Sagrada”, presidido por Afonso Costa, relata ao longo de várias páginas, num tom que raia o desespero, a situação social e política que a cidade então vivia.

“A greve em Setúbal é por assim dizer uma situação normal, quase sempre feita com prejuízo para os patrões e dirigida por forma mais ou menos violenta, visto os seus mentores serem sempre homens recrutados, notando-se que apesar da

¹ Citado por Manuel Vilaverde Cabral, *O Operariado nas Vésperas da República (1909-1910)*, Presença/Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1977, p. 135.

² Arquivo Distrital de Setúbal. Correspondência do Administrador do Concelho. Ano de 1916.

maioria do operariado não ser anarquista, é rara a associação de classe que na sua direcção não comporte pelo menos alguns daqueles elementos. Uma greve geral aqui é de fácil execução, impondo-se mesmo pela forma de organização operária (...).

Nas fábricas cada classe tem uma comissão de vigilância, que não deixa trabalhar quem não possuir bilhete da associação. E os patrões sujeitam-se, sob pena de greve na fábrica e a sua paralisação completa.

O comércio teme por uma forma extraordinária o operariado. Sempre que este pensa em fazer qualquer manifestação pede ao comércio (não sei se será bem empregado o verbo pedir) para o acompanhar no seu protesto, na sua manifestação, e o comércio, com medo de represálias, apressa-se a fechar os estabelecimentos, ou mesmo não os chega a abrir. (...) Assim como as greves se apresentam por vezes imprevistamente, os actos de sabotagem, quando os praticam, aparecem inesperadamente e mascarados por uma aparente disposição para o trabalho”¹.

Não é só a dimensão e a duração das greves que impressiona. É também, e fundamentalmente, a alta intensidade da confrontação social.

Mas para além da alta intensidade da luta social a Setúbal republicana revelará a marca profunda de uma guerra social permanente (ou quase permanente) que se prolongou ao longo dos 16 anos do regime.

Este grau de radicalidade do confronto social permite-nos afirmar que Setúbal, no pós-guerra, se transforma num dos mais importantes epicentros da luta de classes em Portugal.

Em conclusão

Este espaço urbano que é a Setúbal destes anos revela-se hoje aos investigadores da história local como uma arena intrépida de combates e confrontos que ditam um quotidiano habitado por uma permanente conflitualidade. Tentámos ao longo da investigação explicar esta singularidade do *modus vivendi* laboral e social setubalense, sendo que as razões são múltiplas e devem ser entendidas em concomitância, isto é, cada uma de *per si* não contém a idoneidade suficiente para explicar a complexidade daquele vibrar social violento, classista e permanente.

Será pois o somatório interactivo de vários factores que nos permitirá chegar à percepção da especificidade da veemência lutadora dos anos republicanos:

1. A cidade de Setúbal era uma cidade mono-industrial. A indústria conserveira empregava a maioria do operariado com um conjunto de regras específicas comuns a todas as indústrias, sendo que uma das mais importantes era justamente a existência de uma flexibilidade laboral que permitia que a maioria dos trabalhadores trabalhasse ao ritmo da existência da matéria-prima. Esta situação impunha ainda jornadas que ultrapassavam as 14 e as 16 horas de trabalho seguidas.

As regras comuns a toda a indústria, impostas pelo patronato conserveiro, permitiam também uma resposta globalmente uniforme por parte do operariado, facilitando ou homogeneizando respostas globais pelo conjunto dos trabalhadores; permitiam, de igual modo, formas de lutas unitárias que reforçavam a capacidade de resposta, possibilitando a fácil generalização das reivindicações ao conjunto das fábricas de conserva da cidade.

2. O patronato conserveiro desde sempre apostou nos salários exíguos que pagava como fonte quase exclusiva de mais-valias, tendo continuado após a mudança de

¹ Arquivo Distrital de Setúbal. Correspondência do Administrador do Concelho. Ano de 1917.

regime com a mesma aposta. Não era essa a atitude que era esperada pelo operariado setubalense, um operariado que tinha intervindo activamente na queda da monarquia e pensava ser chegado o momento de cobrança da dívida que a República tinha para com ele; mais, não se tratava apenas de uma dívida, mas do cumprimento das promessas que o novo regime, enquanto pré-poder, havia feito e agora incumpria reiteradamente, esquivando-se pela força aos compromissos que havia firmado e esquecido.

De facto, o patronato setubalense vai encontrar na jovem República a grande aliada da sua continuidade de procedimento, tendo-lhe esta, sempre que necessário, emprestado a força de que necessitava para combater a outra grande força que, determinada, se lhe opunha: um movimento operário igualmente jovem, aguerrido e sobretudo farto das miseráveis condições de vida que lhe eram impostas.

Habitado a que o Exército e as forças policiais contivessem os excessos reivindicativos da *plebe*, o patronato setubalense vai continuar a acomodar-se à velha solução da intervenção estatal para impor a contenção salarial. A correspondência que os diversos administradores do concelho mantêm com o governador civil e com o Governo é bem elucidativa do que foram sempre as suas práticas.

Perante as sucessivas situações de guerra aberta, os administradores do concelho escolheram sempre o reforço da autoridade policial e militar, exigindo mais meios repressivos. Poucos foram os momentos em que a sua intermediação foi no sentido de tentar uma conciliação entre as partes em litígio.

E quando tal ocorreu, em situações especialmente sensíveis, em que aquela autoridade local tentou ensaiar uma conciliação, tais tentativas foram sempre vistas com desagrado, desconfiança e censura.

Vão ser estas condições salariais, esta impossibilidade objectiva de diálogo, esta constante e ininterrupta repressão que vão tornar a cidade de Setúbal território fértil para o crescimento de ideais sindicalistas revolucionários.

3. As perspectivas do reformismo operário que haviam marcado o princípio do século revelavam-se incapazes de dar resposta aos anseios do proletariado setubalense e às suas necessidades.

A situação em que o operariado setubalense vivia e sobrevivia e, por outro lado, a força de um patronato que não se resignava a perder nem que fosse uma pequena parte do lucro a que desde sempre se habituara provocavam um quadro de impossível diálogo, que não se harmonizava com as meias tintas que as propostas reformistas integravam. É neste quadro que vão ser os sindicalistas revolucionários a dirigir e enquadrar o operariado setubalense.

4. Para além de tudo o que se acabou de referir existem ainda condições específicas que condicionam esta especial “vocação” conflitual do proletariado e burguesia setubalenses.

Na realidade, estamos perante um espaço urbano que vive as grandes desigualdades sociais que se faziam sentir com especial intensidade. Essa especial intensidade é desde logo ditada pela também especial configuração do espaço urbano, que assume características diferenciadas.

Aqui, encontramos uma delimitação absoluta entre os territórios operários e populares e os territórios burgueses, sendo que estes últimos estavam como que entalados a oriente e a ocidente da cidade por manchas urbanas plebeias; deste modo, ainda que a conciliação fosse impossível por todas as razões que se apontaram, a proximidade física e objectiva que o urbanismo constituinte da cidade propiciava tornava mais imediato o conflito e mais acesa a contestação. A elite urbana e burguesa, que vive nos seus locais próprios e ocupa enquanto poder institucional o centro da

cidade, intramuros das muralhas medievais, era olhada ameaçadoramente pelos outros estratos sociais, famintos, despojados e sobretudo traídos no tempo pós republicano.

A cidade pobre exibia um “tecido social de densidade proletária bastante espessa”, para utilizar uma expressão de Villaverde Cabral.

Esta densidade proletária era sentida por todos e era especialmente temida por aquele patronato, que não podendo prescindir dela, a sentia como um perigo. Os bairros operários que se concentravam a ocidente e a oriente do casco antigo da cidade funcionavam como uma espécie de tenaz omnipresente que, nas alturas de luta e de greves, concretizava o cerco vindo manifestar-se para o espaço simbólico de funcionamento do poder político.

Mas não é apenas a especial morfologia da cidade a responsável pela vertente rebelde do trabalho em Setúbal. De facto, ela impõe proximidade física, que possibilita um confronto mais imediato. As causas, contudo, não se ficam por aí.

Estamos perante um proletariado jovem, combativo, que se interrelaciona e afirma nas redes de sociabilidade de toda a cidade popular; estamos perante condições de trabalho duríssimas, que não encontram justa remuneração e se traduzem em salários sempre insuficientes, precários, que ditam fome e miséria; por fim, todas estas especiais condições têm como síntese e consequência o germinar das ideias do sindicalismo revolucionário e anarquismo, como resposta possível a uma realidade que se caracterizava a todos os níveis como inaceitável.

5. Se juntarmos a tudo isto o sentimento de traição e frustração que o novo regime, solidariamente implantado, havia trazido consigo, apropriando-se exclusivamente do poder e colocando-se de forma assertiva ao lado do patronato, estaremos perante um *cocktail* absolutamente explosivo.

Os órgãos e cargos políticos institucionais haviam sido todos ocupados pelos dirigentes republicanos locais.

Os dirigentes do movimento operário não são sequer convidados para partilhar qualquer ínfima parcela de poder. Republicano e burguês, o novo regime revela um apetite insaciável para a ocupação exclusiva de todos os cargos. Não se dá tão pouco ao trabalho de simular qualquer partilha, voltando, definitivamente e sem reboço, as costas ao movimento operário que com ele havia derrubado a monarquia em nome de melhores dias. Os novíssimos detentores do poder político vão estar omnipresentes em tudo o que é cargo e mando; na Câmara Municipal, na administração do concelho, na misericórdia, como regedores. Tudo isto, como que numa determinação totalizante, é ocupado pelos dirigentes republicanos.

Em Setúbal, como aliás no resto do país, a República não será perdoada quando chega a hora da retirada. Havia cometido demasiados erros.

Huelgas y conflictos universitarios en la descomposición del franquismo (1965-1977). Alberto Carrillo-Linares¹

La historia del franquismo está indisolublemente unida a la de la oposición al mismo. El estudiantil fue uno de los movimientos sociopolíticos más potentes, constantes y extendidos en la lucha contra la dictadura durante su última década. Un fugaz acercamiento a dicho fenómeno juvenil permite detectar la veloz evolución de una parte de la sociedad española desde mediados de los sesenta (clases sociales, hábitos y costumbres, consumo cultural, preocupaciones políticas, relaciones sociales, etc.). Al mismo tiempo se perciben mutaciones importantes en los agentes que participaron activamente de la tendencia (individuos, organizaciones, etc.), a la vez que se registran los flujos ideológicos, éticos y estéticos internacionales que, aunque con mayores filtros, llegaron a los ambientes juveniles y universitarios españoles.²

En el presente texto expondré un cuadro general de la evolución del movimiento estudiantil durante la dictadura franquista y seleccionaré una serie de huelgas y conflictos que son significativamente representativos de la fase por la que atravesaba. Como en cualquier clasificación de este tipo que se establezca, siempre es posible detectar casos que se escapan al modelo matriz, tanto cronológica como geográficamente. Así hubo distritos (como Barcelona o Madrid) que se adelantaron algunos años a lo que posteriormente sería la norma, como otros hubo que siempre se encontraron relegados (Murcia).

A grandes rasgos se podrían distinguir cuatro etapas desde el final de la guerra civil. Una primera, que apenas mencionaremos, se extendió desde 1939 hasta 1964 y podríamos definir como de aletargamiento. En ella lo normal fue la tranquilidad en los campus aunque se dieron erupciones estudiantiles puntuales, localizadas básicamente en Madrid (1956) y Barcelona (1957). El proceso subterráneo de crisis que se estaba produciendo en el Sindicato Español Universitario (SEU) explotó definitiva y oficialmente en 1965, después de que varios distritos se hubiesen separado poco antes de la órbita del sindicato estudiantil de origen fascista (los estatutos del SEU fueron aprobados el 21 de noviembre de 1937). En 1965 se certificaba la muerte del SEU cuando, de facto, ya lo habían matado los estudiantes varios años atrás gracias a la presión sobre las autoridades y al vacío al sindicato. Se puede decir en rigor que muy pocos casos como este se dieron durante los casi cuarenta años de franquismo. Lentamente se avanzaba en la coordinación a nivel nacional.

La segunda fase (1965-1967) fue el despertar del letargo y supuso el enfrentamiento abierto de los universitarios contra el régimen, aunque planteado aún en términos de intereses sindicales, académicos o profesionales. Lo singular de esta etapa fue la salida a la superficie de un malestar, en gran medida, contenido que se extendió geográficamente. Valencia, Sevilla, Valladolid, Granada, Bilbao, Canarias, Santiago de Compostela, etc. se sumaban con cierto vigor al carro de las Universidades con estudiantes díscolos. La nueva situación conllevó el perfeccionamiento de una red de coordinación cada vez más amplia entre los distritos universitarios con el fin de lograr un sindicato autónomo, representativo y democrático. Eran los tiempos del Sindicato Democrático de Estudiantes (SD) y las Reuniones Coordinadoras y Preparatorias (RCP).

¹ Universidad de Sevilla.

² Algunas obras generales sobre el tema en Hernández Sandoica, E. *et al*, 2006; Valdelvira González, G. 2006.

La tercera etapa (1968-1972) se distingue por la aparición en la mayor parte de los distritos -y la intensificación en los pioneros- de una acusada atomización que a la vez que resta fuerza al movimiento como conjunto inyecta savia a las múltiples organizaciones noveles que inundan la Universidad en iluminada y encendida competencia. Los influjos internacionales se abran paso abruptamente entre los protagonistas dando lugar a un típico enfrentamiento generacional, de acusado carácter cultural.

La cuarta y última etapa (1973-1977) es una consecuencia lógica y previsible de lo que había ocurrido en la anterior: extrema y concentrada politización, un fenómeno frecuente en otros ámbitos, aunque raramente con la fuerza que tuvo en la Universidad. Fue entonces cuando los institutos de enseñanza secundaria se sumaron a la ola de conflictividad político-social convirtiéndose en valiosa cantera de los cada vez más activistas (organizados o no). La continuidad del movimiento parecía garantizada, pero el final de la dictadura y el cambio de paradigma cultural situó al movimiento estudiantil después de 1978 en un lugar relativamente alejado de la política.

Las expulsiones de varios influyentes catedráticos de la Universidad de Madrid por su apoyo sin ambages a la causa estudiantil durante los incidentes de febrero-marzo del 65 representaron el nuevo tiempo turbulento por el que se atravesaba.¹ Con la intención de minimizar las consecuencias estudiantiles de la depuración académica el gobierno publicó la orden el 21 de agosto, en plenas vacaciones estivales. Fue en vano porque la mecha ya estaba encendida y la solidaridad con los catedráticos traspasó incluso los hasta entonces férreos muros de las juntas de Facultad.

Desde la inauguración del curso 65-66 hicieron notar los escolares su descontento en algunos lugares, relacionado fundamentalmente con la democratización de las asociaciones estudiantiles. En Sevilla se manifestó ante el ministro de Educación, Manuel Lora Tamayo, encargado de leer el discurso de apertura y en Oviedo un grupo intervino con aplausos extemporáneos, ligeros golpes con los pies y silbidos casi inapreciables.² Las cuestiones políticas fueron penetrando muy lentamente en la percepción de los jóvenes que ahora veían de cerca los efectos represores de la dictadura.

Por otro lado, el contacto periódico entre estudiantes de todo el país requirió que se perfeccionara progresivamente el sistema heredado, pero también el establecido al calor de los sucesos de febrero del 65 en Madrid. En marzo y mayo se celebraron en Barcelona la I y II Reunión Coordinadora Nacional (RCN) de estudiantes, donde se sentó el objetivo final: celebración de un congreso nacional que sirviera de acto fundacional del Sindicato Democrático (SD) a escala estatal. Además, desde principios del curso 65-66 se editaba por la Secretaría nacional de coordinación el Boletín Nacional de Coordinación atendiendo así el frente informativo y propagandístico.³

Lo relevante de estas primeras reuniones, inspiradas por el Partido Comunista de España y de Cataluña PCE/PSUC, es que fueron la base sobre la que se regularon los futuros contactos y, de manera inmediata, fue en ese contexto en el que se generaron

¹ Y poco después les acompañaba el catedrático Manuel Sacristía Luzón, conocido comunista de la Universidad de Barcelona y otros.

² Dirección General de Seguridad, Comisaría General de Investigación Social (DGS-CGIS), *Boletín Informativo de actividades estudiantiles* (en adelante, *BIAE*), nº 6, 14-10-1965, pp. 2-3.

³ La Secretaría Nacional de Coordinación, en esos momentos, estaba formada por los distritos de Barcelona (*), Bilbao (*), Granada, Madrid (*), Oviedo, Salamanca, Santiago de Compostela, Sevilla (*), Valladolid, Valencia (*) y Zaragoza (*). Se señalan con un asterisco (*) los distritos cuyos representantes asesoraban de cara al Boletín.

dos documentos de enorme trascendencia: la Declaración de principios y los Estatutos del Sindicato Democrático de Estudiantes de la Universidad de Barcelona (SDEUB), el primero que se formalizó formalmente el 9 de marzo de 1966. La represión sobre el congreso constituyente que estaba teniendo lugar en el convento de los capuchinos –la caputxinada– activó una nueva ola de solidaridad, un valor en alza e identificable con facilidad durante aquella coyuntura política.¹ Asambleas, paros académicos, lanzamiento de propaganda, mítines, reuniones y más reuniones fueron la tónica en algunos centros docentes (Valencia, Madrid, Oviedo, Bilbao, Navarra, etc.). Incluso la Comisión Diocesana de las Juventudes de Estudiantes Católicos (JEC) difundió dos escritos denunciando los sucesos.² Paradójicamente un significativo número de afiliados a la JEC comenzaron a implicarse en la movilización política a partir de estos momentos, nutriendo los futuros partidos, generalmente de extrema izquierda como PCE(I)/PTE, aunque no exclusivamente. Felipe González Márquez, por ejemplo, siendo estudiante en la Universidad de Sevilla, estuvo vinculado a la JEC, como algunos de sus allegados (Carmen Romero, Rafael Escuredo, etc.). Su evolución les llevó a posiciones moderadas propias del Partido Socialista Obrero Español (PSOE).

Las RCN –que sumaron en torno a una decena en menos de dos años– dieron paso a un modelo más sofisticado pero que mantenía el espíritu de la iniciativa, estrechando un poco más el cerco de los objetivos. Fueron las Reuniones Coordinadoras y Preparatorias (RCP) del congreso nacional de estudiantes y en ellas se crearon organismos permanentes, se vertebró la actuación geográficamente, etc. Hubo hasta seis RCP, la primera tuvo lugar en Valencia (enero de 1967) y en ésta se firmó el pacto de solidaridad entre los representantes, un paso importante en el intento por coordinar la acción.³ La intervención policial con detención de delegados estudiantiles no podía más que encrespar los nervios e insuflar los ánimos de sus compañeros. En este sentido, la circulación por España de una Carta contra la represión y la convocatoria a nivel nacional de una «huelga antirrepresión», para el 7 de febrero de 1967, reflejaba bien la decisión estudiantil de hacer frente a las injusticias. El llamamiento solidario tuvo un importante impacto en los diversos distritos donde se desarrollaron huelgas intermitentes. Era la primera vez que algo así ocurría.⁴ Paralelamente empezaban a elevarse protestas por cuestiones puramente profesionales (Escuelas de Comercio, Ingenieros Industriales, etc.).

La última RCP, la sexta, se celebró en Sevilla (febrero 1968) y puso de manifiesto lo rápido que había pasado el tiempo hundiéndose en meses lo que se había ido levantando en años. Las causas de este precipitado fin fueron múltiples, tanto internas como exógenas. Entre las primeras, las declaradas y cada vez más tensas relaciones entre la vanguardia estudiantil que bascula hacia horizontes políticos divergentes, pero también la evidente distancia registrada entre esta vanguardia y la base. Además, la fuerte represión académica, gubernamental y policial, fue asfixiando un proyecto que había nacido con intenciones básicamente sindicales.⁵

¹ La solidaridad fue una actitud proyectada también hacia los que se consideraban pueblos oprimidos (Vietnam, Laos, Camboya, etc.). En ocasiones adoptaba una retórica marcadamente anticolonialista.

² DGS-CGIS, *Boletín informativo*, nº 12, 17-3-1966, p. 46.

³ En realidad no era más que una ratificación de los acuerdos de la I y II RCN.

⁴ Los actos de protesta se dieron tanto antes como después de la fecha indicada. Sobre todo ello, cfr. Archivo Histórico del Partido Comunista de España (AHPCE), *Movimiento estudiantil*, caja 124, carp. 76, fol. 3; *BIAE*, nº 19, 10-II-1967, pp. 4-13.

⁵ Sobre la VI RCP, cfr. Carrillo-Linares, A. 2008 y Carrillo-Linares, A. 2003.

En la VI RCP todo estalló por lo aires. La inasistencia de Valencia y Madrid (dominadas por opciones a la izquierda del PCE, máximo valedor del SD) fue un serio aviso de que el sindicato se estaba descomponiendo. Pese a todo, la intervención policial y las consiguientes detenciones de algunos delegados asistentes a la reunión, provocaron una respuesta en forma de condena en prácticamente todas las universidades; una movilización, la registrada en las semanas posteriores, no vivida en España desde la II República. Así, los meses que mediaron entre enero y junio de 1968 vivieron un proceso de radicalización influido en primer lugar por la desaparición del SD, cuyo hueco intentó ser llenado por un universo liliputiense de organizaciones de extrema izquierda con discursos y métodos de acción muy radicalizados. En segundo lugar, unido a este clima, el mayo francés y el ambiente cultural internacional prendieron en jóvenes ansiosos por conocer y proclives al consumo de cultura pop. Pero antes de los acontecimientos franceses, los estudiantes españoles más inquietos ya conocían las principales líneas políticas soterradas que dominaron en París (situacionismo, trotskismo, maoísmo, marxismo-leninismo, anarquismo, etc.) y el movimiento estudiantil era centro de atención preferencial en algunos medios informativos internacionales.¹

Lo sucedido en el curso 67-68 marcó definitivamente otro punto de inflexión dibujándose un panorama en la Universidad inconcebible sólo tres años atrás: los campus se transformaron en verdaderos campos de batalla entre las fuerzas del orden y los estudiantes, donde lo político pasaba a ocupar un lugar vertebral, aunque seguía siendo un tema asumido públicamente sólo por la vanguardia, pero en franca expansión; la base incorporaba el número en las cada vez más frecuentes manifestaciones y actos de protesta estudiantiles (encierros, sentadas, concentraciones, asambleas, etc.). Pero la lucha ahora no era sólo contra las autoridades, sino entre las diversas organizaciones y estudiantes situadas en la izquierda ideológica que se disputaban el mercado, con el añadido de que casi simultáneamente se reanimaron, cuando no salieron directamente de las cloacas del estado sus adversarias de extrema derecha. Fue ésta precisamente una marca definitoria de la etapa, la proliferación hasta límites desconocidos, en todas las universidades, de siglas políticas, convirtiendo los centros docentes en los espacios más activamente antifranquistas. La existencia se identificaba con la disponibilidad de un referente orgánico, de unas siglas, de ahí que surgieran por doquier.

La respuesta gubernamental a todo ello desde 1968 fue reflejo de la nueva fase en la que se encontraba el movimiento estudiantil: cierre de centros conflictivos cada vez en más universidades, creación de la Policía de Orden Universitario (enero del 68), del Juzgado Especial para delitos cometidos en centros de enseñanza –dependiente del Tribunal de Orden Público (TOP)–, constitución de Juntas de Orden Público provinciales (julio), o la puesta en marcha de un servicio de inteligencia pensado para el control de las universidades (el Servicio Especial, origen del actual CNI, septiembre de 1968), incremento sustancial de los expedientes académicos y expulsiones de estudiantes, etc.

El inicio del curso 68-69 fue explosivo en sentido metafórico, en varios distritos.² Los conflictos más novedosos se dieron en Valencia y Sevilla, donde de manera casi

¹ Véase, por ejemplo, el caso de *La Nazione* italiana (editada en Florencia) entre principios de 1965 y mayo de 1968, donde aparecen decenas de noticias sobre las protestas de los universitarios españoles.

² Subrayo lo de metafórico porque en esos momentos el fuego se empleaba recurrentemente de modo real por los contestatarios. En Madrid el grupo ACRACIA había actuado desde los primeros meses del 68 y hubo varios amagos para quemar algunos centros al considerar que la Universidad era «burguesa» y servía a los intereses de esta clase social. Algo parecido estaba ocurriendo en las Universidades de todo el

mimética, un grupo de estudiantes procuraron boicotear el acto oficial, con gritos y lanzamiento de ampollas pestíferas y tomates contra las autoridades. Lo cierto es que, probablemente, la estrategia había sido diseñada o al menos depurada sólo unos días antes en la capital levantina, en una reunión de representantes estudiantiles de Barcelona, Granada, La Laguna, Madrid, Málaga, Sevilla, Valladolid, Zaragoza y Valencia.¹ Era la primera vez que se titulaba a éstas Reuniones General de Universidades (RGU), un nombre que se recuperará a partir de 1972.

La declaración del estado de excepción el 24 de enero de 1969 resulta inexplicable sin atender a la presión que desde los centros superiores de enseñanza se estaba realizando, aunque ello no fue óbice para que el zarpazo policial-gubernamental se extendiera al dinámico movimiento obrero; en este caso era una excusa como otra cualquiera en un estado carente de garantías de los derechos fundamentales. El detonante de la declaración extraordinaria -sobre la situación excepcional que suponía el mismo régimen en sí- fue el asalto el día 17 de enero del rectorado de la Universidad de Barcelona, acción en la que se llegó a derribar un busto de Franco y a quemar una insignia nacional-monárquica. El preámbulo del decreto-ley era elocuente: «Acciones minoritarias, pero sistemáticamente dirigidas a turbar la paz de España y su orden público, han venido produciéndose en los últimos meses, claramente en relación con una estrategia internacional que ha llegado a numerosos países».²

A medio camino entre lo puramente académico y lo político –como más gustaba a los dirigentes estudiantiles– surgieron conflictos de gran repercusión, como la Ley General de Educación (1970) que venía a sustituir a la obsoleta Ley de Ordenación Universitaria de 1943. Como era de esperar, los conflictos, con paros académicos incluidos, en torno a la discusión y aprobación de dicha LGE fueron intensos, pero también prolongados en el tiempo pues los estudiantes, con habilidad, engarzaron las cuestiones concretas que allí se planteaban con marcos de diagnóstico más amplios. La siempre delicada cuestión del acceso a la Universidad (pruebas de selectividad) fue un motivo de preocupación que se alargó durante años, enturbiando aún más la delicada situación universitaria participando del debate amplísimos sectores sociales. La aprobación de la ley de selectividad en 1974 provocó una situación extraordinariamente incómoda para el gobierno y, ahora, el régimen.

Hubo otros conflictos y huelgas importantes durante esta fase cada vez, como indicamos, con más marcado carácter político, un discurso que perneaba a un mayor porcentaje de estudiantes, aunque en la floración orgánica sólo una minoría militara. El Proceso de Burgos, a dieciséis miembros de Euskadi Ta Askatasuna (ETA), en diciembre de 1970 puso una vez más a prueba la resistencia del régimen porque se convirtió en un leit motiv movilizador de gran impacto que prendió tanto en las Universidades como socialmente. Ahora ya no se trataba de objetivos académico-profesionales los que ponían en pie de guerra a los estudiantes, sino que era un asunto de naturaleza exclusivamente política con ramificaciones hacia los derechos humanos (se pedía pena de muerte). Fue un caso excelente, por la sensibilidad generada, para avanzar hacia planteamientos abiertamente políticos. El 14 de diciembre se decretaba un nuevo estado de excepción nacional, que no consiguió frenar la disidencia activa, cuyas

mundo.

¹ Sobre el incidente y la RGU, pueden consultarse, entre otras, las siguientes fuentes: *Gaceta Universitaria*: «De aperitivo, tomates», nº 111, 1-11-1968, p. 9; *El Correo de Andalucía*, 15-19-1968, p. 13; AHPCE, *Movimiento estudiantil*, caja 6, carp. 25; *BIAE*, nº 3, 16-10-1968, pp. 1-7. Rodríguez Tejada, S. 2009, t. II, pp. 186-193.

² Decreto-ley 1/69, de 24 de enero (BOE del 25 de enero).

acciones se reprodujeron en ciudades como Granada, Valencia, Madrid o Barcelona. Para Mundo Obrero, que concretaba actos de protesta en Madrid, Barcelona, Tarrasa, Sabadell, Sevilla, Vizcaya, Guipúzcoa, Coruña, Ferrol, Valencia y Zaragoza, se trataba de «la acción más importante contra la dictadura realizada hasta ahora».¹

En definitiva en esta etapa el miedo empieza a ser superado lo que permite el empleo de métodos de acción mucho más virulentos, frontales y arriesgados, pero por todo ello mucho más impactantes socialmente, lo que a su vez hace que los medios de información no puedan hacerle el vacío a las noticias. Así, nos encontramos desde enfrentamientos personales a cara descubierta entre estudiantes y profesores, juicios críticos o populares, amplificación de las acciones de comandos que recurren a la violencia etc.²

La asunción del riesgo que conllevaba enfrentarse a la dictadura, aunque fuera en términos académicos que encubrían posiciones políticas, hizo posible el recurso a repertorios nada habituales en los medios estudiantiles, como la huelga de exámenes en 1972 (Valencia y Madrid). El proceso 1001, a diez dirigentes y militantes del sindicato de Comisiones Obreras (CCOO) (1973) (entre los que se encontraba Marcelino Camacho) dejó en evidencia que se había entrado en una nueva fase, donde la causa contra los obreros aglutinó parte de las protestas hasta 1976: la tarea de agitación, con enormes resultados, en las Universidades para extender la conciencia del significado político del juicio permitió el acercamiento al que se consideraba el movimiento social mayor, el obrero.³ La fuerte aproximación, si acaso simbólica, entre ambos movimientos dibujaba un panorama contestatario de elevadísima intensidad que ya no se abandonó hasta después de la muerte del dictador. Eso es exactamente lo que ocurrió tras 1972, cuando la movilización universitaria se extendiera geográficamente, aumentando la intensidad de su discurso declaradamente político y obrerista así como la continuidad del mismo. Así, los primeros de mayo eran también causa de los estudiantes que participaron activamente en dicha conmemoración, a veces incluso con más determinación que los trabajadores. Ahora son miles de estudiantes -de centros de todas las Universidades- los implicados en la confrontación con el régimen político, contando además con el solaz y apoyo de docentes progresistas o insatisfechos. Los conflictos y las huelgas de la última fase estuvieron sellados por esta marca de origen.

Finalmente, entre 1972/73 y 1977 la Universidad española se asemejaba más a un territorio político que a uno académico. La política había pasado a ser un asunto cotidiano que no llamaba la atención de nadie. La policía siguió interviniendo en los centros docentes, pero con la seguridad de que se estaba ante un movimiento incontrolado que había, al menos, que evitar que saliera a las calles. Obviamente la visibilidad del movimiento, que ahora era más político que académico, formaba parte de

¹ *Mundo Obrero*, nº 18, 14-XI-1970, pp. 1-2; *Mundo Obrero*, nº 19, 27-XI-1970, p. 3

² Después de 1968 surgieron varias organizaciones que justificaban la violencia política con implantación en la Universidad. Las más conocidas fueron la Organización de Marxistas Leninistas de España (OMLE) (1968), que en 1975 se transformó en Partido Comunista de España (Reconstituido) [PCE (R)] y contó con su brazo armado, los Grupos de Resistencia Antifascista Primero de Octubre (GRAPO) o el Partido Comunista de España (marxista-leninista) [PCE (m-l)], con su adlátere de acción, el Frente Revolucionario Antifascista y Patriota (FRAP) (1973). También se reactivó la FUDE, ahora bajo control de los *emeles*, como se conocía popularmente a los marxistas-leninistas.

³ Son muchos los ejemplos que se podrían poner para ilustrar esta afirmación. Quizás los casos más sonados fueron el *proceso 1001* y los sucesos de El Ferrol del Caudillo, donde murieron dos obreros por balas de la policía y hubo una veintena de heridos, en marzo del 72, un suceso que repercutió en las Universidades.

la estrategia de los participantes, por ello la calle fue destino preferente después de haber pasado por la Universidad (asambleas, encierros, concentraciones, etc.).

Sumido en una profunda crisis, el movimiento estudiantil unitario no pudo superar su descomposición y entre 1968 y 1972 vivió el proceso de atomización mencionado. Dicha circunstancia explica el desarrollo de nuevos métodos de acción, como los Comités de Curso, mucho más dinámicos y sin dirección política alguna, más allá de que respondiera a una filosofía general afín a la izquierda del partido comunista y ligada también con el antifranquismo no militante (se entiende, orgánicamente) o de organizaciones menores. El fraccionamiento provocaba menor fuerza general del movimiento pero incremento de la agitación, una circunstancia que no pasó desapercibida para la policía política que achacaba a esta razón el descenso de la actividad contestataria en la Universidad de Bilbao en el primer trimestre del curso 73-74. Decía:

«Sin embargo, el punto más débil que presenta la acción subversiva dentro de la Universidad, es el fraccionamiento de los partidos políticos y la hostilidad mutua de los mismos. (...) La ineficacia de la acción subversiva durante los primeros tres meses de curso se debe a las divergencias existentes entre la LCR-ETA VI Asamblea y el MCE [Movimiento Comunista de España], que ha dado lugar a la disolución de las llamadas “Comisiones de Estudiantes” y de la “Coordinadora” de las mismas, que en el curso pasado canalizaron toda la agitación estudiantil».¹

Entre los conflictos más destacados de estos momentos aludiré a algunos que podrían ser ilustrativos de la dimensión y las características del movimiento estudiantil antifranquista en los estertores del régimen. Como decíamos el fenómeno se extendió a la práctica totalidad de las Universidades. En algunas menores (siempre con menos posibilidades para la subversión) se notaron hechos similares a los que ocurrían o habían ocurrido en las mayores. Lo extraordinario había pasado a ser algo habitual. Así, cuando por ejemplo, en La Laguna, el 12 de diciembre de 1973 un grupo de estudiantes asaltaron el rectorado, interviniera la policía -incluso con disparos reales-, los escolares les repudiaran lanzándoles sillones, ceniceros y todo lo que andaba a mano, y finalmente el rector cerrara la Universidad, estos hechos no extrañaban ya a nadie; aunque sí irritaban.

El 2 de marzo de 1974 se ejecutaba a garrote vil, por última vez en España, a Salvador Puich Antich, militante del Movimiento Ibérico de Liberación (MIL), de carácter libertario. La crónica de una muerte anunciada fue motivo de protestas estudiantiles, aunque en menor intensidad que las que había generado el Proceso de Burgos, por ejemplo. Mucha más repercusión, en términos de movilización, generó la ley de selectividad, que activó numerosos frentes simultáneamente (estudiantes universitarios y de bachillerato, profesores, parlamentarios, periodistas, colegios profesionales, familiares, etc.).

En el caso de la selectividad era lógica la reacción, pero es que a la altura de 1974-75 cualquier hecho podía provocar una respuesta descomunal. Como he escrito en otro lugar «Dado el nivel de politización y conciencia de lucha alcanzados en la Universidad, en realidad resultaba intrascendente el origen, naturaleza o dimensión del conflicto para que la solidaridad y la movilización masiva se activasen». De este modo se comprende fácilmente como el cierre de la Universidad de Valladolid y clausura del curso académico en febrero de 1975, como consecuencia de los disturbios ocurridos -que incluyeron el lanzamiento de huevos al rector, José Ramón del Sol Fernández- produjera muestras de solidaridad en todo el territorio académico español. O cómo la

¹ BIAE, nº 7, 28-1-1974, p. 2.

detención de varios militantes de una organización trotskista minúscula como era la Liga Comunista (LC) en Sevilla, también en ese mes, se transformó en una sucesión de asambleas multitudinarias (con varios miles de estudiantes), encierros y el la orden de cierre de la Universidad por parte de la Junta de Gobierno. La celebración del primer aniversario de la Revolución de los Claveles (25 de abril de 1975), fue ocasión propicia para desplegar los recursos políticos en el seno de la Universidad, donde los llamamientos a las Jornadas de lucha se repetían. Ahora, más que nunca, no era ya posible desligar lo personal de lo político y éste de lo académico. Incluso los Profesores No Numerados (PNN), los más activos en la oposición a la dictadura, se inventaron una nueva calificación en aquel año de 1975, los «aprobados generales políticos». El rector de la Complutense llegó a advertir ante los medios de comunicación que serían rescindidos los contratos de los profesores que secundaran dicha forma de aprobado.

En este clima de tensión espesa fueron transcurriendo los meses hasta que murió Franco en su cama. La muerte del viejo dictador no normalizó la situación en las Universidades sino que se intensificó tratando de influir en el curso de los acontecimientos en un contexto políticamente abierto. Durante los años 1976 y 1977 fueron incluso más frecuentes los choques entre estudiantes de diversa ideología. La no legalización de todos los partidos, los Pactos de la Moncloa, la aprobación de la Constitución, etc. fueron temas que afectaron directamente a los estudiantes. La transición en la Universidad estuvo marcada por la convulsión en su interior y no faltaron tampoco los estudiantes muertos o apaleados mientras participaban en actos reivindicativos.

El papel histórico asignado al movimiento estudiantil español de la segunda mitad del siglo XX estaba cumplido: había sido el más insistente en su contestación a la dictadura, de él salieron buena parte de los cuadros políticos que engordaron las listas de los mismos, con preparación política extraparlamentaria y clara voluntad superar el pasado, incluso haciendo olvido de él. La radicalidad que caracterizaba al dicho movimiento cuando de lo que se precisaba era moderación, lo dejó pronto fuera del juego real.¹ Después de 1978 se fue diluyendo gran parte de su potencial socio-político como azucarillo en agua, retornando sus conflictos y huelgas al marco puramente académico.

Bibliografía

Álvarez Cobelas, J. 2004, *Envenenados de cuerpo y alma. La oposición universitaria al franquismo en Madrid (1939-1970)*, Madrid, Siglo XXI.

Carrillo-Linares, A. 2003, «Sesentayochistas domésticos: La VI Reunión Coordinadora y Preparatoria del Congreso Nacional de Estudiantes (Sevilla, 27 de febrero-2 de marzo de 1968)», *Actas del III Congreso de Historia de Andalucía*, Córdoba, Cajasur, t. IV (Andalucía Contemporánea), pp. 335-351.

Carrillo-Linares, A. 2006, «Movimiento estudiantil antifranquista, cultura política y transición política a la democracia», *Pasado y Memoria. Revista de Historia Contemporánea*, Universidad de Alicante, nº 5, pp. 149-170.

Carrillo-Linares, A. 2008, *Subversivos y malditos en la Universidad de Sevilla (1965-1977)*, Sevilla, Centro de Estudios Andaluces.

¹ Algunas reflexiones sobre todo esto en Carrillo-Linares, A. 2006, pp. 149-170, y también en Carrillo-Linares, A. 2011.

- Carrillo-Linares, A. 2011. «¿Y nosotros, qué? El movimiento estudiantil durante la transición política española», en *Historia de la transición en España. Sociedad y movimientos sociales*, ed. Quirosa-Cheyrouze, R., Madrid, Biblioteca Nueva.
- Hernández Sandoica, E.; Ruiz Carnicer, M. A.; Baldó Lacomba, M. 2007, *Estudiantes contra Franco (1939-1975), Oposición política y movilización juvenil*, Madrid, La Esfera de los Libros.
- Rodríguez Tejada, S. 2009, *Zonas de libertad. Dictadura franquista y movimiento estudiantil en la Universidad de Valencia (1939-1975)*, Valencia, PUV.
- Valdelvira González, G. 2006, *La oposición estudiantil al franquismo*, Madrid, Síntesis.

Militantisme syndical et conflits sociaux féminins entre 1970 et 1985 dans le département de la Haute-Vienne en France. Amandine Tabutaud¹

Considéré comme prééminent dans le paysage syndical et contestataire français, le département de la Haute-Vienne fait figure de pionnier dans les usages de la grève. Héritier d'une longue tradition de luttes sociales et acquis à l'esprit révolutionnaire dès la fin du XIX^{ème} siècle, ce territoire rural du centre de la France présente deux singularités qui le distingue des autres foyers où la protestation sociale est exacerbée ; d'une part, la ville de Limoges, alors capitale industrielle voit naître la Confédération Générale du Travail (CGT), fruit d'une première unification des syndicats en une seule confédération en septembre 1895, et, d'autre part, il abrite une force militante et syndicale à part entière ; les femmes.

L'existence de volontés féminines enclines à se défendre et à s'organiser donne une coloration originale et spécifique à cette localité. Ce militantisme féminin précoce s'est non seulement exprimé dans l'adhésion syndicale, mais également avec vigueur à l'occasion de conflits sociaux majeurs², marquant l'entrée des femmes dans le mouvement ouvrier limousin à l'orée du XX^{ème} siècle. Forte de cette culture revendicative, les militantes de la génération de la décennie soixante-dix ont ainsi emprunté la voix ouverte par leurs aînées.

Parmi les nombreuses luttes ouvrières survenues à la fin des années 1970, ce dans un contexte de crise économique et de refonte du tissu industriel français³, notre regard s'est arrêté sur le conflit qui a éclaté au sein des établissements Tatin menacés de fermeture à l'automne 1977.

Fondée en région parisienne en 1923 et décentralisée dans le nord du département de la Haute-Vienne, plus précisément sur la commune du Dorat en 1966, cette usine de métallurgie produisait une gamme étendue d'appareils de mesure, principalement des manomètres. Cette petite structure de 31 salariés employait essentiellement une main-d'oeuvre féminine lors de sa cessation d'activité en 1977. L'entreprise exportait sa production vers l'étranger, à savoir la Hollande, la RFA et les pays arabes entre autres.

¹ Université de Limoges, France. Titulaire d'un Master Recherche Histoire Contemporaine, spécialité Histoire Sociale, Histoire des Femmes et du militantisme syndical. Production scientifique : *Le syndicalisme féminin CGT en Haute-Vienne (1945-1975)*, mémoire, master I, 2009. *Les femmes en grève en Haute-Vienne (1970-1990)*, mémoire, master II, 2010. Organisation des archives de l'Institut CGT d'Histoire Sociale de Limoges.

² Plusieurs grèves ont éclaté à l'orée du XX^{ème} siècle au sein des industries du textile et de la porcelaine implantées à Limoges ; l'une en 1895 initiée par les corsetières de la Maison Clément contre le droit de cuissage d'un des contremaîtres durant 108 jours, l'autre, en 1904 au sein d'une industrie de porcelaine pour l'amélioration des conditions de travail (suppression des amendes).

³ D'après les travaux de Sophie Chauveau, *L'économie de la France au XX^{ème} siècle*, Armand Colin, 2003, la France connaît une période de récession économique dès l'été 1974 à la suite du choc pétrolier survenu en 1973. Cette crise se manifeste par un net recul d'environ 10% de la production industrielle entre 1974 et 1975 et d'une baisse importante des effectifs dans ce secteur, avec une multiplication par trois du nombre de chômeurs entre 1973 et 1979. Si la région Limousin résiste plus longtemps aux restructurations industrielles grâce à son tissu diversifié, elle est néanmoins touchée dès la fin des années 1970 et voit son taux de chômage doublé entre 1976 et 1984, passant de 3 à 6%, selon les chiffres livrés par l'INSEE.

Ce conflit se distingue des autres mouvements sociaux recensés et observés jusqu'alors dans ce département pour, d'une part, les acteurs mobilisés et, d'autre part, les pratiques revendicatives. En effet, la contestation emprunta une des voies les plus radicales, l'occupation du lieu de travail. Ainsi, l'usine Tatin fut prise d'assaut par les salariés grévistes féminines durant près d'un an, ce qui constitue un fait assez rare et exceptionnel pour être mentionné.

Au cours de cette étude, nous essaierons de souligner le caractère original de cette lutte sociale et féminine menée dans un milieu rural, ce d'abord en retraçant succinctement les principales phases du conflit et les événements majeurs qui ont conduit les ouvrières à privilégier des actions radicales, à savoir l'occupation. Après ce détour contextuel, le récit des conditions matérielles d'occupation ainsi que des autres modes contestataires nous permettra d'approcher au plus près le quotidien des grévistes à l'intérieur comme à l'extérieur de l'usine. Cette mobilisation aux contours multiformes a contribué à l'épanouissement d'un militantisme syndical cégétiste féminin, incarné dans plusieurs figures à l'image d'Elisabeth Doucet, principale protagoniste de la lutte. En s'appuyant sur son témoignage, nous dresserons un portrait de cette femme aux convictions politiques et syndicales certaines.

Au terme de cette présentation, nous essaierons de conclure sur la distinction d'un geste gréviste singulier et féminisé qui coexisterait en marge des pratiques masculines de la grève? Pourra-t-on alors parler de militantisme sexué et genré dans le cadre de ce conflit limousin?

Les prémisses d'une fermeture annoncée

La mise en règlement judiciaire de l'entreprise Tatin prononcée le 26 octobre 1977 suscite moins l'étonnement qu'elle ne vient confirmer davantage les craintes partagées des salariés. Le licenciement de vingt-cinq personnes au cours de l'année 1974, la réorientation de la production vers des tâches de sous-traitance et une concurrence accrue sur le marché sont autant de signes qui laissent supposer une dégradation de la situation économique de l'entreprise.

L'hypothèse d'une liquidation définitive et prochaine de l'entreprise déclenche une vive contestation chez l'ensemble des salariés¹. Sous la houlette du syndicat CGT, alors implanté au sein de l'usine depuis 1972, la riposte s'organise rapidement. Epaulées par les responsables syndicaux cégétistes, les ouvrières multiplient les entrevues officielles avec les pouvoirs publics, privilégiant ainsi la voix de la négociation. En interpellant les élus politiques, les salariés espèrent trouver une issue positive pour l'entreprise. Cette période de concertation s'apparente à une véritable course contre la montre puisque l'état du *stock* ne leur offre plus que dix jours de travail. En dépit de ces nombreuses tractations qui se succèdent à un rythme soutenu, les salariés se heurtent à un obstacle majeur : recueillir 150.000 francs pour assurer la relance de l'usine et la sauvegarde des emplois. Tandis qu'une issue positive semble s'éloigner, faute de pouvoir remplir cette condition financière, on assiste à la fois à un durcissement de la mobilisation et à l'affirmation des engagements des principaux protagonistes de la lutte, des salariés aux

¹ L'entreprise compte 31 salariés à l'annonce de sa fermeture, dont la majorité sont des femmes. Nous ne sommes pas en mesure d'avancer des statistiques précises sur le nombre d'hommes employés, faute de sources archivistiques suffisantes, mais ils représentaient moins de 10%. L'emploi d'une main-d'oeuvre féminine était privilégiée, d'autant plus que les tâches demandaient de la minutie, qualité féminine recherchée.

représentants syndicaux en passant par les élus politiques, communistes plus particulièrement.

On aurait pu penser que l'arrêt de la production, le 16 novembre 1977 et la liquidation judiciaire de l'entreprise auraient mis un terme à la mobilisation engagée quelques semaines auparavant par les ouvrières, il en est tout autrement. Au lieu d'être un frein, cette nouvelle configuration donne non seulement un nouveau souffle, mais également le consolide, ce qui est visible dans le choix des actions. L'occupation en est une parfaite illustration.

Une contestation multiformes : dans et hors des murs

Fruit d'un vote collectif unanime à mains levées¹ le 16 novembre 1977, l'occupation de l'usine s'inscrit dans un plan de défense large et ne saurait constituer une action isolée et dépourvue d'un sens stratégique. En effet, les grévistes poursuivent deux objectifs précis ; d'une part, empêcher que « *les machines s'en aillent*² », condition plus que nécessaire pour une reprise éventuelle de la production et, d'autre part, « *mouiller les pouvoirs publics* » et interpeller les élus locaux pour qu'ils s'engagent dans la défense de l'usine. Leur participation aux côtés des grévistes est d'autant plus essentielle et recherchée, que la cause des Tatin ne peut être entendue sur la scène nationale sans leur voix. Si la fermeture de l'entreprise ne représente pas un enjeu national, en raison de sa relative envergure, les effets seraient dévastateurs à l'échelle de la commune pour qui cette usine constitue le principal employeur, à l'exception d'une fabrique de porcelaine implantée dans cette partie nord du département.

A l'instar d'une mobilisation « classique³ », occuper son lieu de travail requiert des dispositions matérielles et humaines particulières, dont la réussite de l'action dépend. Si le choix de l'occupation est intervenu de manière spontanée, son organisation apparaît comme réfléchi et rigoureux, faisant appel au sens des responsabilités de chacun pour les conséquences juridiques qu'un tel acte peut impliquer⁴. Les occupantes se subordonnent à un ensemble de règles de vie décidées collectivement, qu'il nous faut maintenant présenter.

Afin d'assurer une présence physique permanente et quotidienne des grévistes, « *un planning fut défini* » pour les tours de garde « *selon les disponibilités des autres* », il faut sous-entendre ici les obligations personnelles des ouvrières, alors mères de famille et/ ou épouses qui doivent mener de front l'occupation et gérer la vie familiale (la garde des enfants) ainsi que tenir leur foyer (les tâches ménagères). L'instauration d'un tel

¹ D'après le récit d'Elisabeth Doucet, salariée chez Tatin et déléguée syndicale lors de l'éclatement du conflit, recueilli le 20 novembre 2009, et documents in *Dossier Tatin*, in Institut CGT d'Histoire Sociale de Limoges.

² Propos d'Elisabeth Doucet, le 20 novembre 2009. L'ensemble des citations sont extraites de cet entretien.

³ Il faut entendre sous le terme « classique », les actions courantes et visibles lors des grèves, comme la manifestation, le tract, la négociation, etc. Occuper une usine relève davantage de l'exceptionnel, contrairement aux défilés publics entre autres.

⁴ En s'arrogeant le droit d'occuper leur usine, ces ouvrières se sont exposées à des poursuites judiciaires. Néanmoins, comme le rappelle Jean-Paul Juès au sein de son ouvrage, *La grève en France, Que sais-je ?*, publié en 1998, les dispositions législatives sont à ce sujet mal définies, faisant souvent l'objet de multiples interprétations selon le cas jugé. Ce discours laisse donc supposer la malléabilité du jugement judiciaire selon les enjeux du conflit examiné.

calendrier vise à garantir la présence de deux à trois personnes au minimum, surtout « *quand on dormait là-bas, on essayait qu'il y ait un homme* », puisqu'elles « *avaient peur que les machines partent un soir, en pleine nuit* ». Si ces derniers ne peuvent empêcher la réquisition de l'outil de production et le délogement des occupants, ils peuvent néanmoins prévenir et alerter les autres grévistes, grâce à la ligne téléphonique installée illégalement par leurs camarades cégétistes des PTT.

Quant à l'accès des locaux, il est lui aussi sous le coup d'une réglementation stricte. Les ouvrières ont changé les serrures, éloignant ainsi la possibilité des visites inopportunes de la patronne¹. L'instauration de ces règles de vie est inhérente au maintien de la mobilisation, à la cohésion du groupe des grévistes et plus largement à la réussite de la lutte. Ainsi, cette occupation crée une nouvelle communauté où les sociabilités visibles à l'échelle d'une société se reproduisent à une échelle plus réduite, l'usine.

Les ouvrières connaissent une forme d'isolement induite par l'occupation, qu'elles s'efforcent de pallier en multipliant les activités. Bien que le tricot est souvent prisé, il serait réducteur de considérer ce loisir comme le quotidien des grévistes. En effet, le temps imparti à l'occupation est moins usé à ce type d'activité qu'à « *la préparation de la lutte* ». Loin d'être une occupation passive et confinée au seul cercle des ouvrières, les locaux sont investis par le public à l'occasion de deux manifestations ; une journée portes ouvertes et la fête de Noël. Motivées par cette quête de médiatisation, ces femmes grévistes n'ont pas hésité à ouvrir leur lieu de travail, devenu leur lieu de vie depuis plusieurs semaines à deux reprises, le 13 et le 25 décembre 1977.

Relayée par la presse locale, « *CES PME QU'ON ASSASSINE...Portes ouvertes, hier, chez TATIN au Dorat*² », « *Contre le démantèlement, Portes ouvertes, aujourd'hui chez TATIN (Le Dorat)*³, la première opération de sensibilisation en direction de la population reçue le succès escompté, en témoigne l'importance numérique et la composition de l'assistance, des habitants du Dorat aux responsables syndicaux cégétistes de la métallurgie en passant par une délégation du parti communiste français. Cette journée portes ouvertes doit sa réussite à une préparation des ouvrières en amont. En effet, elles avaient entrepris une large campagne d'information auprès non seulement de la population, mais aussi des élus locaux, en diffusant des tracts et des courriers. Sous la forme d'invitation, les conseillers municipaux, le maire ainsi que le syndic furent conviés à cette manifestation⁴. Cette journée a été clôturée par une conférence de presse où la viabilité de l'entreprise fut une nouvelle fois démontrée par les intervenantes. Si le communiqué a été préparé collectivement, Elisabeth Doucet « *désignée par ses camarades*⁵ » comme à l'habitude, porte seule le message. Au delà de l'anecdote, le témoignage de cette femme révèle la timidité de l'engagement de certaines ouvrières qui s'en remettent entièrement à Elisabeth Doucet, alors déléguée du

¹ Il s'agit de la fille du fondateur de l'entreprise, M.Tatin. Ayant pris la succession de son père quelques années auparavant, elle dirigeait aidée de son époux l'usine de manomètres.

² *Le Populaire*, le 14 décembre 1977.

³ *L'Echo du Centre*, le 13 décembre 1977.

⁴ Lettres et tracts conservés in *Dossier Tatin*, in Institut CGT d'Histoire Sociale de Limoges.

⁵ Si la CGT est largement plébiscitée par l'ensemble des salariés et plus particulièrement des femmes lors des élections syndicales, celles-ci restent toutefois en retrait et n'adhèrent pas au syndicat. Le conflit qu'elles ont soutenu et porté durant un an ne les a pas poussé à se syndiquer, puisqu'au sortir de la lutte, peu sont entrées à la CGT selon Elisabeth Doucet. Ainsi, les femmes syndiquées sont celles qui occupent généralement des fonctions syndicales.

personnel, qui concède que « *parler pour moi, c'était pas évident devant tout le monde* ». Si cette dernière comprend leurs réticences, elle les pousse néanmoins à se mobiliser physiquement « *quand il y avait des visites officielles, il fallait être nombreux* », à l'image de cette journée portes ouvertes. Le souci du nombre de personnes mobilisées, qui semble important pour la militante, constitue effectivement un des indicateurs d'évaluation de la réussite ou de l'échec d'un conflit social. D'après Michel Offerlé, le nombre de grévistes révèle la force et l'intensité d'une démonstration publique¹.

La seconde manifestation ne s'apparente ni dans sa forme, ni dans ses objectifs visés à la précédente. Le relâchement supposé par la période des fêtes de fin d'année ne s'est pas produit. A l'inverse, les grévistes ont récupéré et réutilisé à leur profit la fête de Noël pour afficher une nouvelle fois leur vive combativité. Alors que ces femmes occupent leur usine depuis un mois, une trêve ne peut être envisagée, comme l'explique Raymond Nanet, responsable syndical cégétiste de l'Union Départementale de la Haute-Vienne : « *La lutte ne s'arrête pas le jour de Noël, ça continue*² ». Ainsi, au soir du 25 décembre, l'ensemble des grévistes se sont réunis avec les membres respectifs de leur famille dans les locaux de l'usine. Rejointes par les représentants syndicaux, M. Nanet et M. Thocaven entre autres et certains élus politiques communistes, ces femmes ont fait partager leur quotidien de la lutte et leur nouveau lieu de vie. En célébrant le jour de Noël au sein d'un local voué initialement au travail, les ouvrières lui ont donné une nouvelle fonction. Il ne s'agit plus seulement d'une appropriation des lieux, induite par l'occupation, mais d'un véritable investissement où la vie quotidienne s'épanouit. Ces dernières ont réussi à transposer et à dépasser leurs habitudes en créant ce nouvel espace communautaire. De plus, l'association des familles entraîne un mélange des genres, vie personnelle et combat professionnel. Les enjeux de cette fermeture touchent non seulement les salariés mais également leur entourage.

En plus de rompre l'isolement des occupantes, ces deux actions publiques traduisent un haut degré de combativité chez ces femmes de convictions, qui disposent de ressources financières et morales importantes alors au service d'une lutte longue et difficile.

A mesure que le conflit s'éternise, maintenir la mobilisation s'avère d'autant plus problématique que nombre de femmes ont retrouvé un emploi à l'extérieur. « *Il y avait de moins en moins de personnes (...) et donc ils laissaient l'usine* », même si quelques une d'entre elles reviennent « *de temps en temps* », mettant ainsi à mal la cohésion du groupe. Les décisions judiciaires, venant confirmer la perspective d'une sortie du conflit malheureuse, ont accentué la démobilisation des grévistes. Dès le « *mois de mars, les gens commençaient à se décourager* », ce qui s'est traduit par le désengagement de certaines ouvrières, alors éprouvées par une occupation qui perdure déjà depuis quatre mois.

Malgré l'amenuisement des forces mobilisées, la contestation s'est déplacée hors des murs de l'usine pour s'étendre sur la voie publique. Si ces femmes font de l'occupation leur arme revendicative majeure, elles n'en délaissent pas moins les autres modes d'action dits « traditionnels » que sont la négociation, le défilé public ou encore la voie écrite.

Au cours de cette année de lutte, ces ouvrières ont multiplié les rencontres

¹ Michel Offerlé, *Sociologie des groupes d'intérêt*, Montchrestien, Paris, 1994, 157 pp.

² Propos émis lors d'une allocution du 25 décembre 1977 devant les ouvrières Tatin et cités in *L'Echo du Centre*, le 26 décembre 1977.

officielles à la fois avec les pouvoirs publics, élus locaux et représentants de l'Etat, et les potentiels candidats à la reprise de l'entreprise. Ces pourparlers réclament une préparation interne rigoureuse. Etablir un plan de défense, c'est-à-dire, choisir, organiser, présenter et défendre des propositions alternatives aux décisions patronales, a été l'un des défis à relever pour ces femmes grévistes. Une de ces interventions se doit d'être mentionnée pour son importance et sa signification. Le 30 mai 1978 s'est tenue au sein des locaux de l'Assemblée Nationale, une « conférence témoignage » organisée à l'initiative des députés communistes de la région Limousin, afin que les entreprises en crise viennent témoigner par la voix de leurs salariés des difficultés rencontrées¹. Parmi les délégations, on retrouve les ouvrières Tatin menées par Elisabeth Doucet. Si cette action s'inscrit dans un cadre général et commun à plusieurs établissements industriels, elle démontre néanmoins l'engagement de ces femmes, qui après six mois de lutte et d'occupation permanente, n'ont pas perdu de leur combativité. En portant leurs revendications au sommet de l'Etat, les Tatin ont donné une dimension nationale à leur combat.

En parallèle à la négociation, les grévistes organisent des manifestations publiques sur la commune du Dorat, non habituée à ce type d'action² et répondent aux appels syndicaux qu'ils soient nationaux ou régionaux. Enfin, elles usent des moyens protestataires écrits, ce en diffusant des tracts, des pétitions ou encore des lettres ouvertes, toujours dans la quête de sensibiliser et de rallier l'opinion publique à leur cause. Leurs démarches sont couronnées de succès au regard des nombreuses marques de soutien reçues au cours du mouvement. On recense alors celle du parti socialiste et communiste portée par les élus locaux, quelques représentants de l'Eglise Catholique, des particuliers ainsi que le syndicat CGT avec ses adhérents. Cette solidarité syndicale s'est traduite dans les faits, matériellement et humainement. D'une part, les dons financiers et alimentaires recueillis grâce aux collectes organisées par la CGT viennent compenser l'absence d'un revenu suffisant, que seules les indemnités de chômage ne peuvent combler. En outre, des visites régulières des principaux responsables syndicaux, à l'image de M. Nanet et de leurs camarades cégétistes des autres fédérations, PTT et cheminots notamment assurent un lien avec l'extérieur. D'autre part, le rôle du syndicat s'est avéré prépondérant dans l'élaboration d'une défense solide en vue des différentes rencontres officielles. En plus d'avoir impulsé le mouvement, la CGT a fortement contribué à sa poursuite et à son maintien en épaulant ces femmes, aide d'autant plus essentielle que nous sommes dans le cadre d'une occupation d'usine.

Déployée dans deux espaces distincts, l'usine et la rue, la contestation a emprunté des voies traditionnelles, la pétition et la manifestation, et des voies plus radicales et originales, l'occupation du lieu de travail. Les ouvrières Tatin font donc un usage très diversifié des moyens d'expression que leur offre le champ revendicatif.

Une décision de justice en date du 15 juin 1978, obligeant les occupantes à restituer les locaux à la municipalité³ et l'échec des négociations en vue d'une reprise éventuelle de l'entreprise viennent mettre un point final à une mobilisation commencée un an plus tôt. Malgré une forte résistance des ouvrières qui n'abandonnent l'usine qu'en février

¹ Manifestation relayée par la presse locale, notamment *L'Echo du Centre* dans ses éditions du 1er et du 2 juin 1978.

² Cette localité davantage politisée à « droite » abritait des religieuses carmélites qui exerçaient une large influence sur les moeurs et les mentalités de la population.

³ La commune du Dorat avait alors vendu à M. Tatin les locaux et le terrain attenant en 1967. Faute de paiement des annuités depuis 1974, les locaux reviennent de droit à la municipalité.

1979, retardant ainsi la vente aux enchères du matériel et du stock restant, la fermeture apparaît comme inévitable. La célébration de l'anniversaire de l'occupation le 15 novembre 1978 symbolise le dernier souffle d'une lutte acharnée.

Il serait vain d'analyser ce conflit féminin seulement du point de vue de la défaite, représentée par la fermeture de l'usine Tatin. La lutte a permis notamment le reclassement de toutes, à l'exception d'Elisabeth Doucet au sein d'un autre établissement. Au delà de cet acquis, cette mobilisation a révélé la présence d'une force syndicale et contestataire féminine, prête à s'engager pleinement pour la défense de ses droits salariaux. Si l'on mesurait le degré de combativité des grévistes à la lumière de la diversité des modes d'action usés et de la durée du conflit, ici, on pourrait alors reconnaître à ces femmes, un sens exacerbé du combat social motivé par de fortes convictions syndicales et politiques. Arrêtons-nous sur l'une de ces figures féminines révélées au cours de ce conflit : Elisabeth Doucet.

Portrait¹

Elisabeth Doucet, surnommée « Betty » par l'ensemble de ses camarades, s'est affirmée comme une figure incontournable de la lutte Tatin. Issue d'une famille ouvrière, cette femme débute sa carrière professionnelle comme employée dans une blanchisserie jusqu'à son entrée à l'usine de nanomètres, Tatin en 1967. Son environnement familial (un père ouvrier et sympathisant des idées prônées par le parti communiste français) a largement contribué à la formation de sa conscience politique. Imprégnée de cette culture, elle a oeuvré pour la création d'une section syndicale CGT au sein de l'usine, ce en initiant et en conduisant une liste cégétiste en vue des élections des délégués syndicaux et du personnel. Déjà très active et engagée en tant que déléguée syndicale, son militantisme s'épanouit réellement lors du conflit. Elle s'investit totalement pour la sauvegarde de l'entreprise qu'elle fait « *passer avant mes enfants* », précise-t-elle. Etablir un plan de défense, préparer des actions publiques, organiser matériellement l'occupation, tel a été le quotidien de Betty durant un an. Néanmoins, elle n'aurait pu s'impliquer autant sans le soutien moral de son époux, lui-même engagé syndicalement à la CFDT, et sans l'aide matérielle des responsables syndicaux CGT de l'Union Départementale de Limoges. Porte-parole des ouvrières Tatin, elle n'hésite pas à intervenir publiquement lors des conférences de presse, des communiqués ou encore à témoigner lors de la journée organisée à l'assemblée nationale². Tandis que ses convictions politiques et son engagement syndical lui ont valu sa position de leader, elles l'ont cependant desservi lors de sa recherche d'emploi par la suite. Malgré cette difficulté, Betty reconnaît et aime à dire que « *LA CGT, c'est une grande dame* ».

Conclusion

Ces ouvrières ont doublé leur démarche contestataire classique d'une démarche originale, en occupant leur usine afin de signifier symboliquement leur « *refus de partir, de quitter leur emploi* ³ », pour reprendre les propos d'Etienne Penissat. Néanmoins, des situations similaires se sont déjà produites lorsque les Tatin s'engagent dans cette voie

¹ Réalisé à partir du témoignage recueilli auprès d'Elisabeth Doucet, le 20 novembre 2009 à la Maison du Peuple de Limoges.

² Op.cit, p. 8.

³ Citation in Etienne Penissat, « *Les occupations de locaux dans les années 1960-1970 : Processus sociohistoriques de « réinvention » d'un mode d'action* », Genèse, 2003, p. 71 à p. 93.

en 1977. Ainsi, ce conflit local ne fait pas figure d'exception dans le paysage gréviste des années 1970. Si investir son entreprise n'est pas un fait courant au début de la décennie, il est en passe de devenir un phénomène généralisé à l'ensemble des conflits liés à l'emploi qui se multiplient à l'orée des années 1980. D'après les travaux de Stéphane Sirot, le choix de l'occupation intervient dans près d'un conflit sur deux en France à l'annonce d'une fermeture d'usine¹. L'entreprise Tatin s'inscrit donc dans ce schéma. Les militantes limousines ont certainement eu écho de l'occupation de l'usine Lip engagée quelques années auparavant, en 1973, où contrairement à elles, les occupantes ont poursuivi la production.

On a pu voir en parallèle à cette action principale, le déploiement d'une contestation hors des murs, davantage traditionnelle dans ses outils revendicatifs, le défilé, arme par excellence des mouvements sociaux, la pétition ou encore la négociation. En diversifiant les modes d'action, qui pour certains se veulent plus spectaculaires dans leurs caractéristiques et par le nombre des acteurs engagés, ces femmes ont affiché leurs grandes capacités à construire un mouvement autour de leur cause et à le conduire. La cohésion des actions leur a ainsi assuré le maintien de la mobilisation dans leurs rangs. Ce large panel de démonstrations répond à un souci de représentation non seulement devant les pouvoirs publics, mais aussi face à la population. En outre, cette lutte se singularise pour les solidarités qu'elle a suscitées. Ces femmes n'ont donc pas connu l'isolement habituellement vécu par les mouvements féminins. Néanmoins, l'engagement dans la lutte ne signifie pas pour autant un engagement syndical visible dans une adhésion à la CGT en l'occurrence.

D'après ces observations, il semble qu'il faille se garder d'affirmer qu'il existe des gestes grévistes féminins singuliers. En effet, ces femmes se sont appropriées les outils contestataires classiques utilisés par leurs camarades masculins. L'expression « pratiques mixtes » semble ici plus appropriée. Si elles ont développé des formes de protestation inhabituelles, elles n'en sont pas pour autant les principales promotrices. Si l'on ne peut pas parler d'un geste gréviste féminin, peut-on distinguer un militantisme féminin d'un militantisme masculin à la fois dans ses usages et ses manifestations ? Lorsque nous interrogeons les militantes² sur cet aspect, toutes mettent l'accent sur les divergences qui résident moins dans les motivations de l'acte militant que dans les conditions matérielles de son épanouissement. Sa situation familiale (mère et/ou épouse) et son statut en société limitent l'engagement militant féminin, qui suppose souvent celui de l'époux. Le militantisme féminin est donc en proie aux critiques diffusées par la société pour ce qu'il implique, un bouleversement de l'ordre social, laissant ainsi supposer l'existence d'un militantisme sexué.

¹ Stéphane Sirot, *La grève en France, une histoire sociale, XIX^{ème}-XX^{ème} siècles*, Paris, 2002, 306 pp.

² Question posée à cinq militantes cégétistes de la Haute-Vienne.

As greves no Litoral Norte português no agitado Verão de 1958. Ana Sofia Ferreira

A agitação popular que a campanha de Humberto Delgado provocou, com impressionantes manifestações de apoio e de resistência à repressão por parte dos populares que, por todo o país, acudiam às sessões de propaganda da candidatura fazia acreditar que era possível à oposição ao Estado Novo vencer as eleições presidenciais de 1958.

Assim, foi com esperança que os Portugueses, no dia 8 de Junho desse ano, se deslocaram às assembleias de voto julgando que podiam dessa forma modificar a situação política do país. Na realidade, colocar a possibilidade de vitória nas urnas era subestimar toda a máquina repressiva de que o Estado dispunha para controlar o processo eleitoral, daí que a vitória tivesse pertencido ao candidato do regime, Américo Tomás.

Logo no dia seguinte às eleições, o Secretariado do Comité Central do PCP realiza a sua primeira reunião pós-eleições e toma a decisão de apelar a “uma grande jornada nacional contra o terrorismo fascista, pela libertação de todos os presos políticos e pelas liberdades democráticas”, recorrendo para tal “aos protestos mais variados – abaixo-assinados, concentrações, e manifestações pequenas e grandes, paralisações e à GREVE”¹. Desta forma, o PCP dispôs-se a liderar as manifestações de protesto à fraude eleitoral, embora enquadradas numa proposta mais ampla de luta contra o fascismo, pela libertação dos presos políticos e pelas liberdades democráticas. O recurso à greve era apontado como uma das múltiplas formas de luta que se poderiam realizar, embora sem dúvida fosse a mais importante e a que teria mais repercussões. Contudo, o PCP não faz, naquele momento, um apelo directo à realização de greves como forma de protesto contra a fraude eleitoral e, durante algum tempo, vai ter inclusivamente alguma reserva em apelar a esta forma de luta, pois uma revolta popular punha em causa a tese da “solução pacífica para o problema político português” que o partido vinha defendendo nos últimos anos e podia assustar os sectores moderados da oposição, que podiam afastar-se do PCP e acabar com a frágil união conseguida para as eleições presidenciais.

As primeiras greves pós-eleições tiveram um carácter marcadamente popular e espontâneo, embora em alguns locais tivessem o apoio dos “sectores mais radicalizados do proletariado” e dos “sectores partidários mais combativos”², que, à revelia das orientações do Comité Central, se juntaram aos populares e organizaram estas paralisações. A direcção do partido mantinha uma certa ambiguidade, não condenando mas também não incitando à realização de greves.

O ponto alto do primeiro período de greves ocorreu no dia 12 de Junho, quando mais de 1200 trabalhadores da zona de Almada resolveram suspender o trabalho. No dia 14 ocorrem as primeiras greves no Barreiro, com paralisações na Corticeira Industrial, que se prolongam até ao dia 16 de Junho. Neste dia, o movimento grevista começou a expandir-se para outras regiões do país, nomeadamente para o Porto (iniciam-se greves

¹ Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, “À classe operária! Ao povo de Portugal”, 9 de Junho de 1958.

² João Madeira, “As greves de Junho-Julho de 1958” in *Humberto Delgado, as eleições de 58*, Iva Delgado *et al.* (Coord.), Lisboa, Veja, p. 194.

nos pescadores de Matosinhos e da Afurada), Ribatejo e Alentejo, e envolveu um número de participantes que rondaria os 10 mil trabalhadores¹.

A expansão do movimento grevista impulsionou o PCP a definir-se em relação à organização e direcção das greves. Assim, a 18 de Junho, um comunicado do PCP apela, pela primeira vez durante este período pós-eleitoral, a “Que as greves e paralisações do trabalho se estendam a todo o país”². No Norte, este apelo cingiu-se à continuação da greve dos pescadores de Matosinhos e da Afurada até ao dia 23 de Junho, à adesão à greve dos operários têxteis da Senhora da Hora e de pequenas oficinas e fábricas dos arredores da cidade do Porto, bem como às paralisações em algumas empresas do sector metalúrgico e têxtil em algumas localidades da região.

No Sul, o movimento grevista teve maior envergadura, com as paralisações dos assalariados rurais do Ribatejo e do Alentejo, ganhando destaque a greve do Couço, concelho de Coruche, que teve uma duração excepcional de oito dias, foi preparada pela organização local do PCP e culminou com vários incidentes com a polícia, uma repressão maciça por parte da PIDE e a prisão de cerca de 150 pessoas³.

Do dia 12 ao final de Junho constatamos que as greves ocorreram em pequenas vagas, eram de âmbito limitado e local e, embora envolvendo milhares de manifestantes, não possibilitaram a unificação do movimento grevista. O PCP, embora tivesse secundado estas greves e até apelado à sua realização num comunicado do dia 18 de Junho, continuou a acreditar que o derrube do regime deveria ser desencadeado por um golpe militar que fosse secundado pelo povo e, com o receio de que as greves produzissem brechas na unidade da oposição, decidiu esclarecer que as paralisações tinham um carácter pacífico e eram somente contra a fraude eleitoral: “as greves e paralisações de trabalho deverão ser acompanhadas de explicações aos patrões de que não são contra eles, mas sim de protesto contra a falsificação das eleições”⁴.

Numa tentativa de manter a unidade da oposição e controlar a dimensão e radicalização do movimento grevista de forma a não comprometer a linha da “solução pacífica”, o PCP apelou à realização de uma “jornada nacional, pacífica, de luta e de protesto a realizar nos dias 1, 2 e 3 de Julho”, em todo o país, e que incluiria diversas formas de luta: manifestações, abaixo-assinados, concentrações, greves, uso de gravata preta, boicote à compra da lotaria nacional e dos jornais, não utilização dos transportes públicos, não frequentar espectáculos e cinemas, não anunciar na rádio.

O PCP afirma que “muitas dezenas de milhares de pessoas deixaram de comprar os jornais [...] muitos milhares de pessoas puseram neste período gravata preta”, baixou o movimento dos transportes públicos, a assistência a espectáculos e a compra da lotaria nacional⁵. No Sul, ocorrem ainda algumas greves importantes durante estes três dias de jornada pacífica, mas à medida que avançamos ao longo do mês de Julho, constatamos que as greves se vão tornando mais esporádicas.

¹ *Avante!* VI Série, n.º 257, 2.ª quinzena de Junho de 1958, pág. 1.

² Comissão Política do CC do PCP, “As eleições foram falseadas!”, 18 de Junho de 1958, IAN/TT. PIDE/DGS, Proc.º . 1546/57 SR, 4.º volume, fl. 238.

³ Sobre as greves no Couço ver: Paula Godinho, 2001, *Memórias da resistência rural no Sul: Couço (1958-1962)*, Oeiras, Celta.

⁴ Comissão Política do CC do PCP, “As eleições foram falseadas!”, 18 de Junho de 1958, IAN/TT. PIDE/DGS Proc.º . 1546/57 SR, 4.º volume, fl. 238.

⁵ “Sobre as Greves Políticas, Informe da Comissão Política ao Comité Central do PCP – Relator: Freitas”, in José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política: O Prisioneiro (1949 –1960)*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 666-667.

Este movimento grevista só chegou ao Porto no dia 16 de Junho, com o início da greve dos pescadores de Matosinhos. Este movimento grevista da classe piscatória surpreendeu pela sua dimensão e durabilidade, pois apenas terminará em finais de Junho, envolvendo os 5000 pescadores que estavam inscritos na Capitania de Matosinhos, aos quais se associaram os da Afurada e de Vila do Conde, num total de cerca de 6000 pescadores em greve.

Inicialmente, a greve não teve uma motivação política, mas sim económica. Os pescadores reivindicavam o preço idêntico do gasóleo para os arrastões e as traineiras e o aumento do preço do cabaz do peixe, mas rapidamente a greve se politizou.

O PCP tinha até então muitas dificuldades em entrar no meio piscatório, uma comunidade muito coesa e fechada, muito diferente dos sectores operários e rurais que constituíam a base de apoio do partido. No entanto, os contactos dispersos do Comité Local do Porto permitiram aos funcionários clandestinos João Honrado, António Pinto Ferreira e Augusto Lindolfo entrar em contacto com alguns pescadores, chegando a estar presentes numa reunião no dia 15 de Junho, junto do Castelo do Queijo, em que estiveram reunidos mais de 300 pescadores e foi decidido avançar para a greve, que arrancou no dia seguinte.

Os pescadores, organizados em piquetes de greve, deslocaram-se para junto do cais de embarque e impediram o acesso aos barcos, para que estes não pudessem sair para o mar. As famílias juntam-se aos grevistas e as mulheres e os filhos lançam-se para as estradas e para as linhas férreas que serviam o porto de Leixões, impedindo os camiões e os comboios de passar.

Nesse mesmo dia, a Direcção da Organização Regional do Norte do PCP emitiu um manifesto com orientações para a organização e desenvolvimento de greves no Norte do país, apelando à constituição de comités de greve, à paralisação do trabalho em todas as empresas, à realização de manifestações e de desfiles de rua¹.

A consequência mais imediata da greve dos pescadores foi a paralisação da indústria conserveira de Matosinhos, pois as fábricas de conserva não receberam o abastecimento de peixe necessário para continuar a trabalhar. Por conseguinte, o trabalho parou e os operários decidiram aderir à greve dos pescadores e organizaram uma marcha sobre a cidade para se manifestarem. Nesta marcha participaram sobretudo as operárias conserveiras, grande parte delas mulheres, filhas ou familiares dos pescadores que tinham iniciado a greve no dia anterior. A GNR e a PIDE tentaram impedir a realização desta manifestação e prenderam algumas mulheres que participavam na marcha.

No dia 17, a PIDE tentou concentrar os pescadores numa praia da Afurada para os obrigar a embarcar, mas tal estratégia não resultou, porque o piquete de greve dirigiu-se para o local e impediu a concentração. A PIDE começou então a procurar os pescadores nas localidades piscatórias e prendeu todos aqueles que conseguiu encontrar. Entre a meia-noite e a meia-noite e meia passaram pela Avenida da Boavista 3 camionetas da GNR cheias de pescadores presos². Esta acção policial provocou indignação junto das comunidades piscatórias do distrito do Porto e muitos pescadores concentraram-se junto da capitania da cidade para obrigarem a PIDE a libertar os presos. Perante a recusa da polícia decidiram continuar com a greve até soltarem os companheiros.

A greve já se arrastava havia demasiados dias e a PIDE estava disposta a tudo para conseguir pôr-lhe um fim, pois, sem peixe, a indústria conserveira continuaria parada e

¹ “O Último Movimento Grevista”, Boletim Informativo das Actividades Comunistas, IAN/TT. PIDE/DGS, 16 de Junho de 1958, Proc.º . 1546/57 SR, 6.º volume, fl. 269-273.

² “Actividades oposicionistas pré e pós eleitorais”, IAN/TT. AOS/CO/PC – 51, pasta 5, fl. 90.

era perigoso manter uma manifestação grevista nos arredores da cidade do Porto, onde os ânimos continuavam exaltados e a população estava revoltada com a fraude eleitoral. Assim, a 19, a PIDE tenta forçar a saída das traineiras a partir da Póvoa do Varzim e procura resolver o abastecimento de peixe à indústria conserveira através da Afurada. Contudo, o estratagema deu mau resultado, pois quando a PIDE chegou a esta localidade piscatória, foi recebida à pedrada, o que deu origem a cenas de pancadaria entre a polícia e os pescadores.

Todavia, a partir do dia 20, a greve começou a perder fulgor. A fome começara a rondar as casas dos pescadores que havia vários dias não iam ao mar e a PIDE, apercebendo-se disso, advertiu os comerciantes para não venderem fiado, proibiu os pescadores de sair para pescar nos seus pequenos barcos individuais e ameaçou-os com a perda das suas cédulas. Todas estas ameaças surtiram efeito e no dia 23 fizeram-se ao mar 16 traineiras. No dia 24, todos os pescadores voltavam ao serviço¹.

Porém, o movimento grevista do Porto não se cingiu somente às greves dos pescadores de Matosinhos e da Afurada. Desde o dia 17 que a indústria conserveira de Matosinhos estava praticamente parada e os trabalhadores de algumas fábricas tinha aderido à greve, nomeadamente os da Fábrica Unitas, da Fábrica Gargalo, da Fábrica Bordalo e da Fábrica Garantia, que promoveram uma manifestação reclamando melhores salários e em protesto relativamente à burla eleitoral. No entanto, o movimento grevista só alastrou ao sector têxtil no dia 23, com o início da greve na Empresa Fabril do Norte, mais conhecida por Fábrica dos Carrinhos, na Senhora da Hora. Quando a notícia chegou à EFACEC, uma grande empresa de material mecânico, onde o PCP tinha bastante influência, começaram as movimentações para também aderirem à greve. Pacheco Pereira refere que “são os patrões que convidam os operários para se reunirem na cantina e, ao toque da sirene, um grupo de operários percorreu a fábrica apelando à greve”². Na realidade, o apoio de patrões à greve dos operários não aconteceu apenas na EFACEC, mas também em outras empresas do país, como é referido num manifesto da Comissão Política do Comité Central do PCP: “Estas acções da classe operária estão a ser acolhidas com simpatia pelos patrões e têm o apoio de toda a população, incluindo os comerciantes, havendo alguns que se solidarizaram com os grevistas e se mostraram dispostos a prestar-lhes ajuda”³.

No dia 23 de Junho, encontravam-se a fazer greve cerca de 1000 operários da Empresa Fabril do Norte, os trabalhadores da EFACEC e da Marinheiros. Os grevistas decidiram dirigir-se à fábrica Leonesa para apelar à greve, mas quando lá chegaram, esta encontrava-se cercada pelas forças da PSP e da GNR.

No dia 24 de Junho, a cidade festejava o S. João. Os grevistas da EFACEC pensavam que no dia a seguir aos festejos poderiam voltar para os seus postos de trabalho. Contudo, o Governo mandou encerrar a fábrica para apurar responsabilidades sobre a paralisação e, durante um mês, foi impossível voltarem ao trabalho. José Teixeira Bonifácio, trabalhador na EFACEC na época refere: “A greve foi no dia 23 de Junho, com intenção de irmos para o S. João e no dia seguinte virmos trabalhar, mas a fábrica esteve encerrada até ao dia 22 de Julho”. Durante este período de tempo foram os engenheiros da fábrica que acudiram a muitos trabalhadores, dando-lhes dinheiro

¹ José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política: O Prisioneiro (1949 –1960)*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, pp. 656-657.

² José Pacheco Pereira, *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política: O Prisioneiro (1949 –1960)*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 659.

³ “As eleições foram falseadas!”, Comissão Política do CC do PCP, 18 de Junho de 1958, IAN/TT. PIDE/DGS Proc.º . 1546/57 SR, 4.º volume, fl. 238.

para conseguirem sustentar a família enquanto não voltassem ao trabalho: “Durante esse mês alguns engenheiros da direcção organizaram-se e distribuía algum dinheiro a alguns trabalhadores.” A PIDE não podia deixar de reprimir a greve numa das fábricas mais importantes da cintura industrial do Porto e passados poucos dias “começou a fazer prisões, e apareceu com a viuvinha numa tasca, no Monte da Mina, onde nos encontrávamos todos. [...] Durante o encerramento foram presos 13 colegas”¹.

Estas greves nas principais fábricas da cintura industrial do Porto já não tinham motivos económicos mas eram uma forma de protesto contra a fraude eleitoral. O Partido Comunista, que tinha contactos e organização em várias destas fábricas, procurou enquadrar e organizar este movimento grevista orientando-o para uma forma de contestação ao regime.

O Governo procurou reprimir as greves que eclodiam por todo o país, utilizando a força e as prisões para tentar demover os grevistas e incitar os trabalhadores de empresas que ainda não tinham paralisado a continuar a trabalhar. O PCP afirmava que o número de presos tinha chegado aos milhares: “São já milhares os cidadãos portugueses presos pela PIDE [...]. As prisões abarrotam e não chegam pelo que a PIDE já recorreu à Penitenciária, à Câmara Municipal do Porto, etc. [...] As forças repressivas ocupam em força várias terras, provocam a população e cometem violências de toda a ordem, fazendo mesmo uso das armas de fogo por qualquer protesto e mesmo sem nenhum”².

O Governo, apesar do uso da força, não conseguia reprimir o movimento grevista e, a 22 de Junho, o Ministério do Interior foi obrigado a admitir, num comunicado publicado nos jornais, a existência de greves no Porto, Almada e Vila Franca de Xira:

Assim, na sequência da agitação provocada a pretexto do acto eleitoral e sem que se formulassem reivindicações concretas de salários ou outras, verificaram-se recentemente nos concelhos de Almada e Vila Franca de Xira algumas tentativas de paralisação do trabalho em pequenas unidades industriais. O trabalho encontra-se apenas suspenso em algumas empresas que foram encerradas por ordem do Governo até ao apuramento das responsabilidades correspondentes àquelas tentativas. Também em Matosinhos um núcleo de pescadores interrompeu a sua actividade profissional, não a tendo ainda retomado.

Na sequência do clima de agitação que varria várias localidades do País, o Governo apelava aos trabalhadores para se manterem nos seus postos de trabalho e esclarecia que iria reprimir “todas as manifestações de indisciplina social”³.

A repressão do movimento grevista surtiu algum efeito na cidade do Porto e, depois da prisão de vários grevistas, há uma diminuição do número de grevistas a partir de 25 de Junho, apesar de ainda se manter a realização de algumas greves de carácter esporádico, começando a oposição portuense a procurar novas formas de luta, ao mesmo tempo que prepara um movimento de solidariedade com todos os presos, no sentido de obter a sua libertação.

Na ausência de uma orientação política que conseguisse fazer convergir os focos de greves locais numa grande greve de carácter nacional, o movimento grevista tinha de

¹ Entrevista a José Teixeira Bonifácio, 21 de Abril de 2001 (E5), Universidade Popular do Porto. Ao referir-se à ‘viuvinha’, o entrevistado poderá estar a referir-se aos carros da PIDE, que eram *Volkswagen* pretos.

² *Avante!*, VI Série, n.º 260, número especial de Julho de 1958, p. 2.

³ *O Comércio do Porto*, 22 de Junho de 1958, pp. 1 e 8.

abrandar, seguindo-se um período de acalmia em que o protesto foi principalmente pacífico. No final, apenas restou uma grande desilusão popular à medida que o Governo conseguia controlar a situação. No entanto, o evidente fracasso do movimento grevista e da jornada de luta pacífica não secundariza o facto de o regime ter vivido, nas semanas após as eleições, um momento de grande perigo, em que cerca de 60 000 trabalhadores aderiram à greve (muitos deles incentivados pelos próprios encarregados fabris e donos das fábricas) e uma grande parte da população portuguesa demonstrou o seu repúdio ao regime aderindo a formas pacíficas de luta.

Movimientos de resistencia en Rumanía. Dos retratos de mujeres: Elisabeta Rizea y Herta Muller. *Andra Breza*

Todo lo que no está prohibido es obligatorio.

George Orwell

El comunismo en Rumanía, instaurado con brutalidad después de la segunda guerra mundial, significó la creación de una sociedad con igualdad de clases sociales, cuyo único propósito fue la destrucción de los valores, creando un espacio cerrado, represivo e humillante para vivir.

El sistema estalinista, impuesto por los comunistas en Rumanía, superando en longevidad e intensidad cualquier otro país del bloque comunista –con la excepción de Albania, según la confesión que hace Gheorghe Boldur Latescu en su libro– trató de transformar el individuo en una pieza sin valor en el inmenso engranaje del despotismo del partido único. La dictadura puesta en marcha por el Partido de los Trabajadores Rumanos y más tarde el Partido Comunista Rumano buscó la destrucción de los partidos históricos, la élite y sociedad civil, es decir de todos aquellos que no deseaban subordinarse a la entidad colectiva del partido o aquellos que se oponían al nuevo modelo de esclavismo mental.

Las víctimas del comunismo van más allá de unas meras cifras estadísticas, transformándose en símbolos de la memoria colectiva de un pueblo, siempre cuando sus sufrimientos y sus ardores salieron a relucir a través de la época.

Las fijaciones ideológicas comunistas, como la aniquilación de la propiedad privada, la transformación de los campesinos en víctimas mediante la colectivización y la concentración de los terrenos, continuando con las formas agresivas de sistematización de los pueblos y la industrialización forzada mantuvieron un clima de tensión y de humillación durante casi 50 años. La sistemática desinformación y manipulación de la gente, a través de la propaganda del partido, la censura de la prensa y la santificación de la violencia fueron métodos de aniquilación del “enemigo”. La palabra “enemigo” fue utilizada para todos aquellos que se atrevieron a tener una opinión diferente de aquella impuesta por el partido.

Después de la instauración de la “plaga comunista” era normal que aparezcan los primeros movimientos de protesta y resistencia, muchos de ellos aniquilados por la Securitate (policía secreta) desde su brote. La gente no pudo acostumbrarse con la idea de que bruscamente se acababa con la democracia. Continuaron a creer que todo es efímero y que más tarde o temprano las fuerzas democráticas suprimirían el régimen comunista. En Rumanía, probablemente, la más importante forma de resistencia contra los comunistas fue la resistencia en las montañas o la resistencia armada. Este tipo de resistencia tuvo más fuerza en Rumanía porque las acciones tomadas por los bolcheviques, que supieron que eran la única manera de instaurar en totalidad el régimen, llevaron a la aniquilación de los intelectuales y apoderamiento de las

¹ Andra Breza studied foreign languages and literatures (Bucharest, 2009) and she specialized in English and Spanish language. She has worked with the UNESCO Chair for the Dialogue in the Mediterranean, doing research in the area of human rights in multicultural societies and on human trafficking. At present she is an independent researcher and a freelance translator. Her area of research focuses on the way in which the resistance through writing and language was manifested in the works of three different contemporary women writers, Diamela Eltit, Montserrat Roig and Herta Muller whom have lived in different dictatorial regimes: Pinochet, Franco and Ceausescu.

instituciones culturales. De esa manera, cientos de intelectuales, la élite científica, técnica, artística, cultural ha sido aniquilada. Dado todo eso, al principio, la clase intelectual no ha sido capaz de tomar las riendas y encontrar la salida para crear un movimiento de resistencia. Los que han intentado oponerse han sido matados, otros mutilados físicamente y psíquicamente en prisiones y campos de exterminación, otros sacados de las universidades, etc. El único modo de resistir y sobrevivir ha sido la retirada, incluso de intelectuales militares, en las partes aisladas de las montañas.

Sólo al final de los años 70 aumentaron las manifestaciones de contestación de la dictadura entre los intelectuales: Paul Goma, padre Calciu o Radu Filipescu, solo para nombrar algunos de ellos.

El movimiento de resistencia en las montañas. Elisabeta Rizea: el retrato del campesino rumano en detención.

“Han venido al poder, mi hija, estos comunistas ingratos y se han llevado todo, el cabello, la tierra, la carroza. Solo una cosa no nos han podido robar: el alma”¹ (Nicolau and Nitu 1993:13) es la confesión que Elisabeta Rizea hace en el libro donde cuenta su vida y donde las palabras corren brutas, sin brillo, tal como ella las dice.

La ocupación de Rumanía por el ejército soviético, al final de la segunda guerra mundial, trajo con ella un tipo de caja de Pandora, llena de abusos y humillación. La desposesión del campesino de sus propios bienes, la represión, la colectivización forzada de la agricultura, hicieron que muchos campesinos se indignen y opongan resistencia de una forma u otra, transformándose en “fugitivos” acosados por la policía secreta. Los campesinos se aislaron en las montañas, creyendo que dentro de poco tiempo todo volverá a la normalidad cotidiana de antes de la instauración del comunismo.

Cientos de grupos pequeños se extendieron en los bosques de los Cárpatos, muchos de ellos aniquilados con rapidez; otros más grandes y mejor organizados resistieron durante años frente a las autoridades. De este modo, empezó la primera forma de oposición contra el régimen comunista, característico de los años 60: el movimiento de resistencia armada. Los que se hayan retirado en las montañas, intentando luchas contra el comunismo, han apostado por una guerra popular para aniquilar el régimen. Aunque el estado de ánimo de la población era casi en totalidad hostil al régimen, al final estas formaciones de las montañas no han sido capaces de iniciar esta guerra.

Una de las principales zonas de concentración de la resistencia armada ha sido alrededor del grupo creado en marzo del 1949 en el pueblo de Nucșoara². Este grupo era liderado por el coronel Gheorghe Arsenescu, miembro activo del Partido Nacional Liberal-Tătărescu y comandante del Regimiento 30 Muscel, y por el teniente Toma Arnăuțoiu, originario del pueblo de Nucșoara, entrado en el Partido Nacional del Campesino y oficial de caballería en la Guardia Real. Este grupo ha sido calificado por Securitate como “organización terrorista-fascista” y fue denominado en los documentos oficiales “Banda Arsenescu-Arnăuțoiu” o las “Bandas de las montañas”.

Un papel importante lo ha tenido no solo la geografía del lugar sino también el hecho de que muchos campesinos eran adeptos de los partidos históricos. Por ejemplo, Elisabeta Rizea, la nieta del liberal Gheorghe Șuța, es una de las más importantes

¹ *Au venit maica, nenorocirii astia de comunista la putere si ne-au luat tot: parul din cap, pamantul, caruta. Un singur lucru nu ne-au putut lua. Sufletul.*

² Nombre del pueblo situado en la comarca Arges, en el sur de los Cárpatos.

partidarias del grupo Arsenescu-Arnăuțoiu. Gheorghe Țuța, sobrino del padre de Elisabeta, fue matado por los comunistas en 1947 porque “no podrían construir el comunismo con él” (Nicolau and Nitu 1993:14)¹. Éste era un liberal convencido, hacia parte de la pequeña burguesía y era muy amado por los campesinos. Elisabeta Rizea es originaria de una familia pobre que tenía otros doce niños. Tenía poca educación y fue casada por Gheorghe Țuța con Gheorghe Rizea. No pudo estudiar mucho, porque su “madre no tenía con que” (Nicolau and Nitu 1993:15)² pero creció con el miedo a Dios y con honestidad, valores que le ayudaron y guiaron en los momentos difíciles de su vida.

En la primavera del 1949, Elisabeta Rizea, juró, con la mano sobre la cruz y la pistola, su fe al grupo de resistencia conducido por Arsenescu y Arnăuțoiu. También Gheorghe Rizea, su esposo, entró en el grupo denominado Haiducii Muscelului (los justicieros de Muscel) hasta que fue capturado y encarcelado por 14 años.

Elisabeta Rizea jugó un papel muy importante en la resistencia de este grupo. Su trabajo fue de apoyar el grupo escondido en las montañas con comida, munición, ropa, herramientas, dinero y especialmente con información importante sobre la actividad y el dispositivo de Securitate que seguía a los huidos. Aparte de eso, ha sido un elemento y liante de conexión entre los partisanos de las montañas y los miembros del grupo que organizaban acciones conspirativas en los pueblos resistentes. Con su actividad persuasiva continua, Elisabeta determinó que un número importante de paisanos de su pueblo y de alrededores se junten, apoyen e impliquen en la resistencia. Tras la traición de un vecino, en el mes de junio del 1949, fue arrestada por Securitate y encarcelada en el Penitenciario de máxima seguridad de Jilava.

Las acciones “subversivas” de Elisabeta le han hecho padecer la tortura de uno de los más odiosos torturadores, Ioan Cârnu. Durante su encarcelación el hombre la colgó de su cola trenzada en un clavo en el techo. Cuando se desplomó y su escapo se quedó colgado en el techo, la pegó sobre la espalda con una goma. Al final la trajeron a un hospital pero no le pudieron hacer ninguna inyección porque la sangre salía a cualquier pinchazo. Ni siquiera aquí se escapó de la bestia de Cârnu, que continuó a pegarla en una reserva especial. Pero Elisabeta Rizea resistió, se quedó inflexible y no dijo ni una sola palabra. Se quedó durante 7 años en las prisiones de Jilava y Mislea. Cuando la liberaron en 1958, no olvidó su pacto y juramento y continuó su actividad “hostil” hasta 1959 cuando los partisanos fueron capturados. Otra vez fue encarcelada, esta vez para 25 años, y pasó por las prisiones de Pitesti, Miercurea-Ciuc y Arad. En la famosa prisión de Pitesti, Elisabeta Rizea fue encadenada y encerrada en una célula de máxima detención. Después de 6 años de tortura, tras el decreto de amnistía de los detenidos políticos, fue liberada en 1964. Fue nombrada “enemiga del estado” y su casa calificada como “casa de bandidos”, apelativos que representaban las acusaciones más graves en un estado comunista.

El grupo Haiducii Muscelului, estructurado paramilitar, se refugió en las montañas desde 1948 hasta 1958. Hasta cuando fueron encontrados y aniquilados por la policía secreta, dieron muchos dolores de cabeza a las autoridades. En 1949 el grupo se dividió en dos y unos siguieron a Arsenescu y otros a Toma Arnăuțoiu. Probablemente que el grupo no hubiera resistido tanto, casi diez años escondidos, si no hubieran existido sostenedores entre los que se habían quedado en el pueblo. Ellos eran el único modo de informarse sobre la situación presente del país y de fuera. Fueron “cazados” de modo

1 “*L-au omorat pentru ca nu puteau face comunismul de el*”.

2 “*ca n-avea mama cu ce*”.

continuo por los hombres de la Securitate hasta que los capturaron y ejecutaron hasta el último o en las montañas o en los sótanos de la Securitate. Del grupo Arsenescu-Arnăuțoiu, seis fueron matados en las montañas y otros 14 arrestados y posteriormente ejecutados. No solo los que se habían escondido en las montañas fueron arrestados sino también los parientes de estos, los curas del pueblo, los amigos, todos los que podrían haber algún tipo de conexión con el grupo buscado. Fueron arrestadas cientos de personas hasta la ejecución de los últimos dos partisanos, los hermanos Arnăuțoiu. La pura verdad podría ser desvelada solo tras la lectura de los expedientes elaborados por la Securitate de Pitesti, que les han dedicado miles de páginas, hecho que prueba la importancia dada a este grupo porque parece que las autoridades tenían miedo de que estos pudieran ayudar a la proliferación de una revuelta a nivel más largo. A los sobrevivientes de las prisiones comunistas no se les permitió el acceso a estos expedientes y las revelaciones deberían tener lugar solo después de la “consolidación” de la democracia. Muchos de los encarcelados fueron condenados a cadena perpetua o a muerte, 17 de ellos siendo ejecutados el 21 de julio 1959 en la prisión de Jilava.

Elisabeta Rizea se quedó en el olvido mucho tiempo después de que la cortina del comunismo cayó. Aunque sobrevivió la detención, la tortura y la humillación, mucho tiempo después de 1989, nadie irrumpió en su casa del pueblo Nucsoara para escuchar su historia y presentarla al público. A lo mejor nunca nos hubiésemos enterado de su historia pasmosa, si no hubiera existido la buena voluntad de unas personas como Lucia Hossu Longin¹ que nos la presentó la primera vez a través del memorable documental *El Memorial del Dolor*². Elisabeta Rizea no puede ser un tema de máxima audiencia y tampoco puede levantar el *rating* cuando se trata de competir con las “personalidades” presentes en la pantalla a cualquier hora. ¿Cómo podría encantar una mujer simple que solo nos hace temblar cuando la escuchamos?

En 1992 cuando apareció en el documental, Elisabeta Rizea seguía viviendo con el miedo a los comunistas y con la tristeza de no haber podido ver castigados a los que le hicieron sufrir. Y muchos de ellos, como unos verdaderos camaleones, vivían muy bien ahora en la democracia. “Soy como una máscara ahora, señora, de las tormentas y del disgusto que he sufrido, ya no puedo decir toda la amargura que se ha quedado dentro de mí y todo el sufrimiento que estos ladrones me han hecho padecer” (Nicolau and Nitu 1993:18)³ se nos confiesa. En su mente y en su alma, amarga como el ajeno, los monstruos del comunismo no pueden ser llamados rumanos. Los que hacen daño, matan, torturan no pueden ser vistos, a través de sus ojos, como personas pertenecientes a la misma nación. En sus venas no corre sangre rumana. Con la simple característica del campesino rumano, a través de unas palabras que acaban teniendo una fuerza paroxística, Elisabeta Rizea sólo puede poner el grito en el cielo. “Estoy gritando como una vaca”⁴ (Nicolau and Nitu 1993:60) las palabras que ella utiliza se cargan con los signos de la purificación. Este gesto simbólico de purificación se transforma en un proceso de eliminación de los resentimientos sobre los que no le han dejado vivir. De este modo, como en una catarsis del olvido, tiene el poder de perdonar a todos los que le

¹ Lucia Hossu Longin es una realizadora de programas documentales en el puesto nacional de Rumania y fue la primera en presentar a Elisabeta Rizea y su historia después del 1989.

² “*Memorialul durerii*” es el nombre de una serie de documentales hecha por la productora rumana Lucia Hossu Longhin en la que se han entrevistados sobrevivientes de las prisiones comunistas.

³ “*Sunt ca o masca acum, doamna, de chinurile care au fost pe mine si de inima rea pe care am avut-o. [...]Nu mai pot sa-mi spun amaru care a fost pe mine si tot chinu cu care m-a chinuit hotii astia...*”

⁴ “*sa zbier ca o vaca*”.

hicieron sufrir: “Yo los perdono si Dios los perdona”¹ (Nicolau and Nitu 1993:22).

Elisabeta Rizea y su historia conmovedora debería impresionarnos, debería hacernos temblar de todas las moléculas de nuestro ser. No puedes quedarte impasible cuando la escuchas y la escritura debe movernos y hacernos nunca olvidar el pasado, porque de él se nutre la memoria de un pueblo.

La historia del grupo de acción del Banato y de Herta Muller

Busco perro/ con dos morros / que no sea obligado a callarse / cuando muere

(Anuncio en pequeña publicidad², Rolf Bossert)

Así como antes mencionaba, Rumanía no tuvo un movimiento amplio de disidencia entre los intelectuales como pasó en otros estados comunistas. El movimiento fue marginal, probablemente también como consecuencia del régimen comunista, mucho más violento y aplastante. Signos de algunos movimientos más intensos aparecen después de 1970, una vez iniciado el movimiento Paul Goma³ (1977). Estos movimientos fueron singulares y esporádicos y sin apoyo de otros intelectuales para desarrollarse. En una acepción más amplia el término de disidente se refiere a aquellas personas que estando en desacuerdo con los fundamentos ideológicos, políticos, económicos y morales de la sociedad en la que viven y expresan públicamente esta opinión. En Rumanía este término ha sido también usado para aquellos intelectuales que, aunque no hayan criticado con “boca grande” el régimen, tampoco hayan escrito a su favor, acepción muchas veces contestada.

Un movimiento verdaderamente revolucionario para aquellos tiempos es el de los jóvenes alemanes de la región del Banato. Al inicio de los años 70, aparecía un grupo de jóvenes escritores quienes de manera directa criticaban el régimen comunista. Se trata de Aktionsgruppe (grupo de acción), que tiene una actitud pro-izquierda, occidental, tolerante e inteligente, aunque los del grupo tenían una legitimación marxista-leninista. El grupo quería promover un espíritu más libre, opuesto al aislamiento dogmático del régimen, criticando también los aspectos anti-democráticos de este mismo. Mediante su vocación cultural intentaron romper con el pensamiento comunista que llegaba hasta el límite del absurdo. Sus textos deberían transformarse en una denuncia pública de este régimen que viciaba la realidad de Rumanía, sacando al mismo tiempo en evidencia la falta de reacción de la gente contra un régimen que enseñaba una indiferencia total al nivel del individuo. Por estas ideas fueron continuamente hostigados por la Securitate hasta que “empujados” se fueron a vivir en el exilio.

Estos jóvenes, Albert Bohn, Rolf Bossert, Werner Kremm, Johann Lippert, Gerhard Ortinau, Anton Sterbling, William Totok, Richard Wagner y Ernest Wichner, provenientes de los pueblos suabos del Banato, nacidos entre 1951-1955, publicaban sus textos en las páginas de la revista *Neue Literatur* de Bucarest, desde cuando estaban en el colegio. El año 1972 cuando apareció el texto “Al principio ha sido la discusión”, publicado en el diario *Neue Banater Zeitung*⁴, fue considerado el año de nacimiento del

¹ “*Eu îi iert dacă Dumnezeu îi iarta*”.

² Del volumen *Ich steh auf den Treppen des Winds (Ausgewählte Gedichte 1972-1985) / Stau pe treptele vântului (Poeme alese 1972-1985)*, Editura ICR, 2008, en la traducción de Norei Iuga).

³ En febrero del 1977 Paul Goma y otros escritores escriben la Carta-denominada Goma- que inicia El Movimiento para los derechos.

⁴ Región en el oeste de Rumanía comprendiendo las comarcas de Timis, Caras-Severin, Arad, sur de

grupo, ocasión con la que Richard Wagner definió un programa teórico del grupo. Los jóvenes hacían parte de la primera generación nacida bajo el signo del socialismo y por lo tanto esto significaba una referencia diferente a la realidad, determinando la posibilidad de ser objetivos y con menos prejuicios.

Los miembros del grupo, a través de los textos que empezaron a publicar, atacaban directamente el régimen instaurado. En noviembre de 1972, el grupo publicó una colección de textos en la revista *Neue Literatur* llamada “Ejercicios de los jóvenes autores del Banato destinados a los indiferentes”, colección que fue considerada un punto de referencia en la literatura de los escritores alemanes de Rumanía. Los textos, empezando con la introducción firmada por Anton Sterbling, dieron lugar a varias reacciones. La actividad del grupo no resistió mucho porque sus miembros entraron en el visor de las autoridades. El punto culminante de la actividad del grupo fue en 1974 cuando una selección de sus obras apareció en la revista *Neue Literatur*, publicación oficial de la Unión de Escritores Rumanos, que utilizó la primera vez la denominación de Aktionsgruppe Banat, como genérico para sus 9 miembros, reunidos debido a sus convicciones estéticas y social-políticas semejantes. Después, la colección entera fue retirada por la Censura.

Contra sus miembros las autoridades iniciaron una intensa campaña de denigración, presentándolos como “hitleristas” y socavadores de la orden social existente. Y hubo más. El 11 de octubre de 1975 los escritores Gerhard Ortinau, Richard Wagner y William Totok fueron arrestados bajo la acusación de tentativa fraudulenta de pasar la frontera. Interrogados en Timisoara, les dijeron que ésta era la disposición de la Securitate, que los consideraba (especialmente a Totok) como una amenaza contra la seguridad del estado. En el verano del 1984 fue investigado en Bucarest por sus textos anti-estado el poeta Rolf Bossert, quien recibió un aviso escrito. A aquellos considerados elementos peligrosos contra el estado, elementos manipulados por las agencias extranjeras, se les prohibió escribir y publicar textos. Es el caso de William Totok y Richard Wagner. A los que quisieron dejar el país se les prohibió publicar y no pudieron encontrar trabajo. Es el caso de Bossert. Es interesante la historia trágica de este joven poeta, lleno de vigor, que sucedió en aquellos tiempos, sorprender en imágenes robustas, corrosivas todas las derrapes de la dictadura de Ceausescu. En 1985 emigra a Alemania junto a su esposa y a sus dos hijos, pero después de tan sólo 6 semanas desde su emigración se suicidó con solo 33 años. Para Rolf Bossert la emigración, así como decía el poeta Mircea Dinescu, ha sido tarde. El joven escritor fue como un vaso frágil que a su primer choque con el Occidente se convirtió en polvo. Esta es la imagen concreta de la desesperación. Es la imagen de aquellos que llegaron al límite de lo soportable dado que estaban “cazados” por el régimen comunista.

Contra la disidencia de los escritores alemanes se actuó con la máxima dureza que se podría aplicar en aquel momento cuando los organismos internacionales estaban con los ojos encima de Rumanía. Cabe mencionar que la lucha de Aktionsgruppe contra el régimen despótico no fue en vano. Ella ha mantenido un clima y un espíritu de la población profundamente hostil al régimen. La literatura de estos jóvenes vibraba con las grandes corrientes literarias occidentales de aquellos tiempos. Por eso, Ceaușescu tenía un tipo de miedo contra esta zona.

Aunque prácticamente no fue miembro de este grupo, Herta Muller fue asimilada por las autoridades a este movimiento. Junto a estos, ella también estuvo considerada como un elemento hostil que debía encontrar el buen camino. El periodo de inicio como

estudiante y escritora, en una época en la que el individuo debía subordinarse a las reglas del partido único, está incontestablemente relacionado con la amistad de los miembros del Aktionsgruppe. Pensaban igual, leían los mismos libros y eran íntegros, declaraba la autora.

En Rumanía comunista Herta Muller solo publicó dos obras: *Niederungen* (En tierras bajas), texto censurado, y *Druckender Tango* (Tango opresivo). Los dos describen la vida del pueblo suabo. En los textos la escritora construye imágenes que perturban y al mismo tiempo hacen al lector vivir verdaderas pesadillas. El pueblo representa el universo de concentración, lleno de angustias, donde la vida se convierte en una presa de los tiempos. El régimen comunista ha sido testigo “callado” de la desintegración de los pueblos, y más a través de una presión ejercitada fue él quien terminó el proceso. En los primeros tres cuentos de *Niederungen* vivimos junto con la niña-narradora la pesadilla del entierro de su padre, en el siguiente, la pobreza y la monotonía están perfectamente expresadas en palabras simples cuando la autora habla del baño suabo: por turnos el niño, la madre, el padre, la abuela y el abuelo se bañan el fin de semana en el mismo agua, compartiendo la esponja y el jabón. Generación tras generación, el agua, símbolo de la vida, conecta los abuelos, padres y niños. En el tercer cuento, “Mi familia”, se nos presenta el árbol genealógico de la familia. Los tres cuentos representan el preámbulo de la historia más larga, “Tierras bajas”, donde se encuentran símbolos de su lirica: el sentimiento del abandono de la familia y del pueblo, la destrucción de los valores tradicionales.

Los mismos motivos abrumadores que dejan el pueblo en la monotonía e incrustación en un universo de clausura se encuentran también en *Druckender Tango*, el segundo libro escrito por Herta Muller antes de dejar Rumanía.

En estas dos obras la representación idílica del pueblo se queda atrás, el pueblo está condenado a buscar su propia identidad. Bajo el régimen comunista las minorías sufrieron una pérdida de sus costumbres y valores tradicionales y fueron olvidadas premeditadamente. Aparte de eso en el contexto histórico de entonces los suabos pasaron en corto tiempo a ser vistos como siniestros enemigos y muchos de ellos acabaron en campos de concentración en Siberia. Esto ha sido también el caso de la madre de Herta Muller. Ceausescu quería “la muerte simbólica” de estas comunidades.

Herta desmitifica la imagen del pueblo durante el régimen comunista, oponiendo su verdadera cara. De todas maneras es el pueblo quien promete un tipo de refugio contra los tiempos. Para Herta el pueblo de *Niederungen*, con sus cosas buenas y malas, como el de *Druckender Tango* representa aquel espacio opuesto al mundo tumultuoso de fuera, porque al final son sus valores que no están perturbados. Es interesante observar la falta de las palabras rumanas, en estas obras literarias, que saca en evidencia la falta de intercambio lingüístico entre los pueblos suabos y los entornos rumanos. Esta rigidez representa una característica de la lucha que los suabos han tomado para defenderse del entorno hostil.

En lo que concierne el volumen *Niederungen*, primer texto escrito en Rumanía, es interesante decir que ese llamó la atención a la policía secreta que empezó a seguir a Herta y escribir informes con propuesta de apertura del expediente de seguimiento informativo. Este seguimiento fue iniciado por un lado tras su relación con el grupo “hostil al estado”, Aktionsgruppe, la negación de colaborar con la Securitate porque no tenía el “carácter” y por el otro lado, como ya se había dicho anteriormente su propia literatura. La Securitate abrió el expediente de Herta Muller el 8 de marzo 1983, bajo el nombre conspirativo de “Cristina”. Este contiene 3 volúmenes (más de 500 páginas) y en el presente se encuentra en el archivo del Consejo Nacional de Estudio de los

Archivos de la Securitate (CNSAS). En uno de los informes de la fuente “Voicu” del 16.03.1982, el que inicio la apertura del expediente de Herta, se hace un análisis pseudo-literario y “profundo” sobre sus textos. Ahí se nos dice que la autora “describe desde la perspectiva de una niña la vida del pueblo suabo del Banato: monótono, con todos los clises conocidos por la literatura. No aparece ningún elemento positivo, ‘optimista’”¹. Es decir, no aparece ningún elemento típico socialista, ningún elemento de propaganda dado que la literatura de la época elogiaba en términos pomposos los pueblos socialistas donde vivía “el nuevo hombre” con una “alta consciencia revolucionaria”. Sobre el mismo tema el teniente Beletescu Ion concluye el 26.02.1983: “Herta Muller hace parte del círculo de los que tienen preocupaciones en elaborar trabajos con carácter hostil y tendencioso, así como lo hacen Richard Wagner, Lippert Ioan, Totok William. Herta Muller ha elaborado y presentado obras tendenciosas, viciando las realidades económicas y sociales de nuestro país...”². Son las razones que han conducido a la prohibición de la literatura escrita por Herta Muller.

Volviéndose en “un enemigo del pueblo” Herta ha empezado a ser continuamente atacada por la Securitate. En el trabajo, cada día, había un interrogatorio donde Herta tenía que responder a las preguntas del hombre de la policía secreta en frente del director, secretario del partido y el presidente del sindicato que asistían como testigos. También quisieron recalificarla y hacerla trabajadora sin cualificación. Al final la despidieron del trabajo y no pudo encontrar otro. También le prohibieron publicar y salir del país para participar en diferentes manifestaciones culturales. Desde la perspectiva de Herta lo peor fue cuando empezaron a lanzar rumores sobre el hecho de que estaba colaborando con la policía secreta. La presión ejercida fue enorme y el trauma vivido se encuentra en cada palabra escrita en sus libros, donde el sufrimiento de los personajes, como la autora confiesa, viene: “cuanto más feroz me saquea lo que estoy escribiendo, tanto más enseña sobre los hechos vividos lo que no existía cuando los vivías”³.

Cuando escribe, Herta “presta” lenguas, ni el rumano ni el alemán le pertenecen, los idiomas completándose recíprocamente en sus textos. Su literatura, aunque escrita en alemán, debe al rumano un tipo de conocimiento cultural, humano y lingüístico. La escritora sucedió en dar nuevos sentidos a las palabras de una lengua a otra.

El trauma vivido en Rumanía se refleja en su manera de escribir: abrupta, rota y corta. Las frases se suceden rápidamente y transmiten mensajes llenos de fuerza porque Herta, debido a su propia experiencia, ha desarrollado una agudeza en metaforizar el sufrimiento. De sus textos traspasa aquellos dramas de gente que se encuentra al borde del abismo de su espíritu.

Aktionsgruppe y los cercanos como Herta Muller, Helmuth Frauendorfer o Roland Kirsch han sucedido en traspasar el estatuto de provincial y ser universales. Aunque sobre esta literatura ha pasado el tiempo, hoy, debido al Nobel recibido por Herta, esta redescubierta, reanalizada y podrá recuperar el lugar que merece dentro de la historia de la literatura rumana. Es importante entender la propia concepción de Herta sobre el

¹ “[...] descrie din perspectiva unei fetițe viața satului șvăbesc din Banat: monoton, cu toate clișeele cunoscute în literatură. Nu apare niciun element pozitiv, optimist”.

² “Herta Muller face parte din cercul elementelor cu preocupari de a redacta lucrari cu caracter ostil si tendentios cum sunt WAGNER RICHARD, LIPPET IOAN, TOTOK WILIAM. Personal HERTAMULLER a redactat si prezentat lucrari tendentioase denaturand realitatile economice si sociale din tara noastra.

³ Palabras tomadas del discurso de Herta Muller al recibir el premio Nobel para Literatura en Stockholm 2009- “Orice cuvânt stie ceva despre cercul drăcesc”.

hecho de ser escritor. En un encuentro en Rumanía del 2010 con un otro escritor rumano, Gabriel Liiceanu, Herta confesaba que no quiso hacerse escritora sino que de una manera fue el destino el que le ha empujado a escribir para entender lo que paso con su vida. Es un resumen corto de una vida y una literatura que se entrecortan.

Conclusiones sobre el movimiento disidente en Rumanía

Es verdad que en Rumanía, el movimiento de resistencia no tuvo la misma cara ácida e impetuosa como en otros estados comunistas, pero tuvo sus características debido a las particularidades del régimen, más duro y más violento. Podemos hablar de dos particularidades de los movimientos de resistencia contra los comunistas. Por un lado tenemos aquí el más amplio movimiento de resistencia de las montañas de toda Europa del Este y por el otro lado tenemos la resistencia mediante cultura, termino muy criticado por una serie de escritores rumanos.

Así como mencionaba en el párrafo anterior la resistencia armada de los años 60 es la más larga y amplia de toda Europa del Este y al final un fenómeno único. Las acciones estaban desde el inicio destinadas al fracaso porque Rumanía estaba como una isla en un mar comunista, y aun mas, gran parte de su frontera estaba con Rusia. Rumanía no tuvo una frontera directa con ningún país no comunista para poder comunicarse, recibir noticias e incluso munición. Por estas razones era imposible la comunicación y la recepción de ayuda técnica y material para poder oponer una resistencia real.

Según los estudios efectuados después de 1990, el grupo de resistencia de Nucșoara ha representado uno de los más perseverantes y de larga duración. Dadas las condiciones particulares de aquellos tiempos, después de la represión de la revolución húngara en 1956, parecía más evidente que los occidentales han abandonado Rumanía completamente en las manos de los soviéticos. Y para Rumanía como para todos los países que se encontraban en la esfera de influencia soviética la liberación militar occidental era una mera ilusión. Podemos decir que Elisabeta Rizea, cuyo retrato hemos intentado perfilar en los párrafos anteriores, es un símbolo de todas aquellas mujeres que han luchado contra la opresión del régimen al lado de los hombres. Ella es el símbolo de las madres, hermanas, esposas e hijas que han sido tiradas en la prisión y torturadas con violencia y podemos afirmar que en el sistema de encarcelamiento la igualdad entre mujeres y hombres ha sido total.

Con un régimen soviético cada vez mas opresivo, los movimientos disidentes de los intelectuales se han manifestado más tarde aquí, casi al final del régimen. Pero eso también porque los que fueron “engullidos” por el masivo y horrendo Gulag rumano en los primeros años del comunismo (según estadísticas, 800.000 personas detenidas de las que 300.000 muertas entre 1948-1964, récord de duración y dureza) y sobrevivieron a la tortura y el dolor estaban callados, cansados y sin esperanza en los setentas.

Por otro lado la resistencia mediante cultura, un término aparecido después de la revolución del 89’ representa un intento de la élite cultural rumana de explicar su pasividad frente a las “atrocidades cometidas” por el régimen comunista. El término no se ha encontrado en las páginas de la prensa cultural de aquellos tiempos. Las voces de los disidentes aparecieron en Rumanía hacia el final de la era comunista. Cabe hablar sobre el origen del término disidente para poder entender mejor la actuación de los intelectuales en Rumanía en aquellos tiempos. El termino ha sido utilizado durante los años 60’ y ha sido aplicado a los intelectuales que se oponían a la Unión Soviética. En los años 70 el término se difundió en la región europea controlada por los soviéticos. La más conocida definición de un disidente en la Europa del Este, en el contexto de aquel

entonces, está dada por Vaclav Havel: “[El disidente] es una consecuencia natural e inevitable de la fase histórica presente del sistema que le esta obsesionando. Nació, en un tiempo cuando este sistema, por mil razones, no se puede basar más en la aplicación verdadera, brutal y arbitraria del poder, eliminando todas las expresiones de non-conformismo. Además, el sistema se ha osificado tanto políticamente que prácticamente no hay manera para que cierto non-conformismo sea implementado dentro de las estructuras oficiales”¹

La resistencia de la élite intelectual ha existido en Rumanía pero ha sido una voz tímida y tardía. En Rumanía este tipo de resistencia mediante cultura habla sobre el hecho de que los escritores rumanos no han sido cómplices del régimen comunista dado que ellos se han refugiado en su literatura y han evitado las coerciones del régimen.

Pero cuando se habla de resistencia se habla de voces fuertes que tienen la valentía de expresar sus opiniones divergentes contra el régimen totalitario, porque la resistencia mediante cultura no se traduce solo en escribir buenos libros en malos tiempos.

Es verdad que podemos considerar que hubo escritores que han resistido contra el régimen comunista. Estos son aquellos que no han escrito literatura reverencial, que han rechazado las negociaciones con la censura y han escrito todo lo que ellos han considerado moral y vertical desde su punto de vista. Para todos esos muchas veces han sido marginalizados. El artículo solo ha intentado crear una imagen sobre el grupo de resistencia del Banato y Herta Muller a sus inicios en la literatura, dado que la escritora ha resistido a su manera mediante su propia escritura.

Herta Muller confesaba que un escritor es el resultado de la experiencia vivida, de todo lo que le ha dañado. En un país totalitario no se pueden encontrar refugios para huir de las aberraciones del régimen político. Si te opones te transformas en un enemigo que se tiene que eliminar.

Como una conclusión final podemos decir que la salvación occidental en la que habían creído y que habían esperado resistiendo de una manera u otra, nunca apareció en aquel periodo y la vida bajo la opresión comunista fue muy dura. Los exiliados en el Occidente necesitaban caras y nombres para poder aferrarse y apoyar un movimiento contra el régimen. Necesitaban aquellas figuras que atrayendo la furia y el odio del dictador podrían poner en la luz del reflector el rostro repugnante del régimen despótico, y esto podría dar lugar a unos amplios movimientos de apoyo fuera del país.

Los intentos singulares que aparecieron en los años 70 han sido aquellas ruedas que engrasadas con otras voces desesperadas sucedieron en mover el engranaje de la disidencia y su número creció poco a poco hasta el apogeo del 1989.

Referencias

Banu, F. 2002, 1948-1958: *Autoritatile si combaterea rezistentei din munti. Metodele Securitatii*, Dosarele Istoriei, no. 12 (76), pp. 26-31.

Boldur-Latescu, Gh. 1992, *Genocidul comunist in Romania*, Bucuresti, Albatros.

Bossert, R. 2008, *Ich steh auf den Treppen des Winds (Ausgewahlte Gedichte 1972-1985) / Stau pe treptele vântului (Poeme alese 1972-1985)*, Bucuresti ICR.

¹ "Spectre is a natural and inevitable consequence of the present historical phase of the system it is haunting. It was born at a time, when this system, for a thousand reasons, can no longer base itself on the unadulterated, brutal, and arbitrary application of power, eliminating all expressions of nonconformity. What is more, the system has become so ossified politically that there is practically no way for such nonconformity to be implemented within its official structures.

- Brisca, A. and Ciuceanu, R. 1999, *Rezistența armată anticomunistă din România, 1944-1962*; *Arhivele Totalitarismului*, no. 1-2, pp. 42-67.
- Capatana, C. and Ciolca, R. 1998, *Fise pentru o istorie a rezistenței anticomuniste. Grupul Haiducii Muscelului*, MI, 32, no. 6, pp. 40-44.
- Cesereanu, R. 2005, *Gulagul în conștiința românească. Memorialistica și literatura închisorilor și lagarelor comuniste*, Iasi, Polirom.
- Comanescu D., Gruenwald I. (eds.), 2010, “*Orice cuvânt știe ceva despre cercul drăcesc*”, București, Humanitas Fiction, p. 18.
- Courtois, S. 2008, *Dictionarul Comunismului*, Iasi, Polirom.
- Deletant, D. 2001, *Teroarea Comunistă în România*, Iasi, Polirom.
- Dobre, F., et al 2003 („*Bande, bandiți și eroi*”). *Grupurile de rezistență din munți și Securitatea (1948-1968)*, București, Editura Enciclopedică.
- Frunza, V. 1990, *Istoria stalinismului în România*, pp. 386-387, București.
- Havel, V. 1985, *The power of the powerless: Citizens Against the State in Central-Eastern Europe*, London, Hutchinson.
- Muller, H. 1984, *Druckender Tango*, București, Kriterion Verlag.
- Muller, H. 1999, *Nadirs*, USA, The University of Nebraska Press.
- Nicolau, I. and Nitu, T. 1993, *Povestea Elisabetei Rizea*, București, Humanitas.
- Oprea, Marius 2008, *Bastionul cruzimii: o istorie a Securității (1948-1964)*, Iasi, Polirom.
- Totok, William 1995, *Aprecieri Neretusate. Eseuri, articole și interviuri 1987-1994*, Iasi, Polirom.
- Totok, William 2001, *Constrângerea Memoriei, Insemnari, documente, amintiri*, Iasi, Polirom.
- Voicu-Arnăuțoiu, I. 1997, *Luptătorii din munți. Toma Arnăuțoiu. Grupul de la Nucșoara. Documente ale anchetei, procesului, detenției*, București, Vremea.

La huelga en España bajo el segundo franquismo: actitudes y estrategias patronales. *Angeles González Fernández*²

El estudio de la conflictividad laboral, y su expresión colectiva más acabada, la huelga, ha sido plenamente incorporada a las numerosas investigaciones sobre la dictadura franquista (Balfour 1994, Babiano 1995, Pérez 2001). Significativamente, el conflicto colectivo de trabajo ha sido analizado, en la mayoría de las ocasiones, a partir de un doble criterio. Por un lado, bajo un enfoque político que entiende la huelga como expresión e instrumento de las fuerzas opositoras al régimen, del combate por el fin de la dictadura o el triunfo de las libertades (Ysás 1991, Soto Carmona 1998, Domenech 2002). Junto a ello, se ha privilegiado la perspectiva de las organizaciones sindicales, entonces ilegales, y de los intereses de los trabajadores en (Cazorla Sánchez 2007: 88). Ni en un caso ni el otro, pese a las advertencias realizadas por Tuñón de Lara (1983: 5) y, años más tarde, por Cabrera y Rey (1998: 141-164) la aproximación historiográfica ha tenido en cuenta la percepción y actitudes de la contraparte necesaria, el empleador. La naturaleza dialéctica del conflicto laboral queda, en consecuencia y muy a menudo, amputada.

La endeblez teórica de este tipo de análisis se puede detectar, así mismo, en un rasgo adicional que le es inherente: opera en ellos una concepción del empresariado como integrante de un bloque único y compacto, lo que induce, *nolens volens*, a una caracterización inevitablemente simplificadora. Conforme a esa visión reductora, la actuación del patrón en el ámbito de las relaciones laborales, en general, y del conflicto, en particular ha sido definida como paternalista o bien intransigente y represora, sin tomar en consideración la existencia de comportamientos diferentes, la coyuntura económica y la situación concreta del sector o de la empresa en la que se produce el conflicto. Al fin y al cabo, como ya advirtiera Marx en *Miseria de la filosofía*, si bien puede establecerse, para la moderna sociedad industrial, que todos los miembros de la burguesía moderna tienen un mismo interés, en tanto que forman una clase frente a otra clase, no es menos cierto que también tienen intereses opuestos, antagónicos en cuanto se enfrentan entre sí. Esta oposición de intereses, sostenía Marx, derivaría precisamente de las condiciones económicas de su vida burguesa (1987: 79).

Buena parte de los trabajos historiográficos a los que aludíamos al principio, dan por sentado una segunda proposición: subrayan la identificación de los empleadores con el franquismo, del que serían grandes beneficiarios, y confunden, por activa o por pasiva, identificación con capacidad de incidencia. Los empresarios, sin embargo, estuvieron lejos de influir, de forma directa y sin intermediaciones, en el diseño de las políticas económicas de la dictadura. Las sucesivas estrategias económicas del franquismo serían diseñadas, primero, por ingenieros y militares, y más adelante, a partir de 1959, por los denominados *tecnócratas*. La intermediación administrativa – filtro, en más de un sentido, mucho más concluyente de los intereses de la patronal– también se produjo en relación a la normativa laboral; elaborada ésta desde el ministerio

¹ Este trabajo se inserta en el marco del proyecto de investigación HUM-2007-62337 de la DGICYT.

² Ángeles González Fernández es profesora titular del Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad de Sevilla. Autora de *Utopía y realidad. Anarquismo, anarcosindicalismo y organizaciones obreras en Sevilla, 1900-1923* y *Orígenes del socialismo sevillano, 1900-1923*, en la actualidad investiga las relaciones entre política y negocios en la segunda mitad del siglo XX. Dentro de este marco interpretativo y cronológico es coautora de *La conquista de la Libertad. Historia de Comisiones Obreras de Andalucía, 1962-2000*, *El Fin de las dictaduras ibéricas (1974-1978)* y ha publicado en revistas especializadas como *Historia Social*, *Ayer*, *Alcores*, *Spagna Contemporanea* y *Memoria e Ricerca* entre otras.

de Trabajo (González 1979: 27-31, Sánchez Recio 2002: 20, Comín 2003: 49). En rigor, todos estos matices, fundamentales para entender los rasgos del conflicto social durante el franquismo, no alteran el hecho central de que los empresarios ocuparan una posición privilegiada bajo la dictadura. Conceden verosimilitud, sin embargo, a la caracterización de los mismos como “privilegiados impotentes”. Una impotencia que en ningún caso impediría que los más próximos a los círculos de poder de entre la burguesía de negocios, y a título individual más que corporativo, dispusieran de una influencia informal, no por ello –en términos de dialéctica social– menos eficaz (Campuzano 1997: 115; Cabrera y Rey 2002: 256-338).

Los patronos y el nuevo marco de relaciones laborales

La constatación del fracaso de la autarquía y el viraje registrado en 1959 en la política económica del régimen, con la puesta en marcha del Plan de Estabilización, tuvieron como precedente ineludible la aplicación de un cambio sustancial en el marco de relaciones laborales vigente desde la Guerra Civil. La Ley de Convenios Colectivos Sindicales, aprobada en abril de 1958, llevó aparejada la admisión, no sin cortapisas retóricas de diverso tipo, muchas de ellas –aunque no todas– de raíz nacionalcatólica, de la existencia de una disparidad de intereses entre empresarios y trabajadores. Más allá de la nación de productores había patronos y obreros. La rémora fundamental, que no única, para la asunción de este esquema de interpretación de la realidad mucho más veraz procedía del mismo articulado de la Ley. Básicamente en aquel punto que estipulaba una modalidad de negociación colectiva “tutelada” (Soto Carmona 2005: 19) por la Organización Sindical (OS), el sindicato oficial que seguía integrando –*verticalmente*– tanto a empresarios como a trabajadores, y de aquel que otorgaba al ministerio de Trabajo la facultad para imponer Normas de Obligado Cumplimiento (NOC) a las partes en caso de falta de acuerdo. El correlato era, claro está, la prohibición de la huelga.

La nueva normativa respondió a la necesidad de adaptar la gestión de los recursos humanos, de la mano de obra, a la dinámica adoptada para la modernización y racionalización de la economía. Dicho de la manera más directa posible, la negociación colectiva vinculaba los salarios a la productividad mediante la implantación de nuevas técnicas de producción y la intensificación del ritmo de trabajo (Dahl 1971: 77, Benito del Pozo 1993: 185-186). Es claro que, expresada en esos términos, la novedad fue favorablemente acogida por el mundo empresarial (Linz y De Miguel 1963: 35-141)¹. A pesar del veto legal, y una vez superados los efectos recesivos del Plan de Estabilización a partir de 1961, la huelga pasó a ser un fenómeno recurrente en las relaciones laborales a lo largo del decenio siguiente y, como tal, hubo de ser tolerada por las autoridades franquistas. Los responsables de la política socio-económica del régimen se vieron impelidos a revisar en diversas ocasiones la legislación con la finalidad de encontrar un método para encauzar lo que constituía un dato crecientemente perturbador -la huelga- dentro de unas normas que siempre adolecieron, en lo referente a la autonomía de la acción obrera, de muy severas restricciones (Babiano Mora 1995: 60-62, Molinero e Ysàs 1998:70-77). Una realidad, la del conflicto colectivo de trabajo, que también hubo de ser aceptada por los hombres de negocios como mal menor, en calidad de coste sobrevenido a la relativa liberalización y a las perspectivas de una mayor integración de la economía española en los mercados internacionales.

¹ Por razones similares, en 1969 Marcelo Caetano introdujo en Portugal una regulación limitada de la negociación colectiva, que se tornó más efectiva y menos dependiente de la voluntad de los patronos. (Lucena y Gaspar 1991: 850).

La elevada conflictividad del bienio 1962-1963 (Vega García: 2002) no suscitó, sin embargo, una especial inquietud entre los empresarios. Realizadas habitualmente en el proceso de negociación o renovación de convenios de empresa o rama industrial- las huelgas tuvieron por lo general un carácter focalizado, sin que trascendieran fuera de la localidad en la que acaecía o, incluso, del interior del centro de trabajo. La práctica totalidad tuvieron una motivación económica –básicamente mejoras salariales–, raramente cuestionaron la autoridad del empresariado, su prevalencia en la jerarquía laboral, y tendieron a concentrarse en las grandes y medianas empresas. El corolario de este fenómeno sería que los pequeños hombres de negocios, que en conjunto representaban más del 90% del tejido empresarial, permanecieran ajenos al conflicto (Maravall 1978: 65)¹.

El despliegue del nuevo marco normativo se estaba llevando a cabo, y ello resulta fundamental para entender las respuestas de clase, en un contexto cíclico muy determinado. En una coyuntura expansiva como la vivida durante la primera mitad de los sesenta, la preocupación básica para los empleadores residía en la continuidad del ritmo productivo y no tanto en el incremento de los costes laborales. Una prioridad que se tradujo en una actitud “hasta cierto punto permisiva o inhibicionista” en materia de concesiones salariales en la confianza de que podrían ser financiadas con el recurso al crédito, por entonces abundante y barato (González Fernández 2007: 115)². Una caracterización general que, obviamente, no excluye que los empleadores afectados por la huelga aplicaran las medidas disciplinarias contempladas por la legislación (multas, suspensión de empleo y sueldos y, en menor medida, despidos) e incluso recurrieran – pese a su prohibición– al cierre patronal (Babiano Mora 1995: 235, Molinero e Ysàs 1998: 148, Pérez 2001: 180-187).

El panorama se modificó sustancialmente a partir de 1965, una vez que los gestores gubernamentales se vieron obligados a implementar una política económica de *stop and go*. La aplicación de medidas estabilizadoras coyunturales para combatir las tensiones inflacionistas y los desequilibrios en la balanza por cuenta corriente que, entre otras, incluían el establecimiento de topes salariales en la negociación colectiva y restricciones del crédito, tuvieron un severo impacto en las empresas que, faltas de fuentes de autofinanciación, se hallaban fuertemente endeudadas (Martínez Sierra *et al.* 1982: 32). El desconcierto y la incertidumbre en las expectativas de negocios generaron, entonces sí, una mayor sensibilización hacia las negativas repercusiones que para sus negocios, tanto como para su imagen ante la opinión pública, tenían el creciente número de huelgas, divulgadas ahora ampliamente por los medios de comunicación tras la entrada en vigor de la ley de Prensa en 1966³.

La preocupación de los empleadores españoles era, por lo demás, semejante a la manifestada por las asociaciones empresariales del mundo occidental y la Organización Internacional de Empleadores (OIE) por esos mismos años. La trayectoria de las relaciones laborales y de la conflictividad en España, condicionada lógicamente por factores internos derivados de la naturaleza dictatorial del régimen franquista, no distaba mucho, en este punto concreto, de la experiencia de otros países occidentales en el lapso de tiempo que transcurre desde finales de los sesenta a comienzos de los setenta. Considerados como punto de inflexión en el desarrollo económico, social y cultural de

¹ Caracteres similares, cabe subrayar, presentaron las huelgas realizadas por los trabajadores portugueses a partir de 1969 (Lucena y Gaspar 1991: 863).

² *La Vanguardia Española*, 8-9-1968.

³ “No sé si en 1967 los conflictos han sido más numerosos o más importantes que en 1966 y años anteriores, pero sí que tienen una difusión y unas amplificaciones mayores, están en la prensa (...)”. AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 20. Pleno del CNE, 11-3-1967.

la Europa de posguerra, a lo largo de esos años las organizaciones sindicales cobraron un nuevo impulso tras el declive de los decenios anteriores. La reactivación y rejuvenecimiento de su afiliación, el intenso debate sobre la reforma de la empresa en el que, por ejemplo, una de las ideas fuerza era la introducción del control obrero sobre su gestión, señalaron el camino para una reinterpretación de la huelga que alcanzaría su culminación, precisamente, en esos años (Judt 2006: 593-594, Crouch y Pizzorno: 1989).

La preocupación ante el conflicto, que de manera cada vez más habitual - pese a la expresa prohibición de la OS y las advertencias del franquista Consejo Nacional de Empresarios (CNE)- se estaba resolviendo al margen del aparato sindical y mediante negociaciones directas e informales con los miembros de las comisiones obreras¹, no se sustanció en un rechazo frontal al “derecho” de los trabajadores a la huelga. Todo lo contrario, en palabras de Luis Galdós, presidente del citado Consejo, se trataba de un “un hecho socioeconómico inevitable” y, como tal, las autoridades debían regular su ejercicio conforme a las normas vigentes en los países occidentales². En consonancia, y con grandes dosis de resignación, recomendó la adopción por parte de sus colegas empresarios de “la máxima comprensión y espíritu de justicia”. A renglón seguido puntualizaba, pragmáticamente, que la “comprensión” estaría en función de la situación de la empresa afectada y de la coyuntura económica general. En otras palabras, de los gestores gubernamentales a los que se imputaba la responsabilidad de implementar una política económica correcta para asegurar la prosperidad de sus negocios y, en consonancia, el desarrollo del país.

En realidad, la cuestión que más desazón generaba entre los empleadores no residía en la huelga, “cuya existencia por otra parte no debe sorprender”, sino en la voluntad manifiesta de los trabajadores de llevarla a cabo durante la vigencia de los convenios (Ibarra Güell y García Marroquín 1993: 131-132). El obrero, en España, volvía a hacer uso de su capacidad de paralización del proceso productivo no ya para conseguir mejoras salariales o en las condiciones del trabajo sino para defender ambas conquistas cuando las creía amenazadas o para facilitar una resolución favorable a sus intereses de clase en los contenciosos que surgían en el momento de elucidar cómo concretar, en términos prácticos, lo acordado en la previa mesa de negociación. Con el objetivo de frenar esa práctica, que contravenía los supuestos legales sobre los que debía sustentarse la realización de la huelga, Galdós abogó por una regulación del conflicto colectivo de trabajo, que –por razones de equidad– habría de ser paralela y complementaria a la concesión de derechos similares, es decir, el cierre patronal³. La apuesta del presidente del CNE pretendía, en última instancia, un objetivo imposible en la medida que se situaba en abierta contradicción con el entramado corporativo del régimen. El reconocimiento de la responsabilidad de los obreros en el desarrollo de los

¹ Conforme a directrices superiores, el Consejo envió una circular a los consejos provinciales para que “vigilen toda actividad contraria a la OS, absteniéndose de utilizar otro cauce ajeno a la misma y negándose al dialogo que, carentes de la normal representatividad, pretenden atribuirse facultades que tienen un origen ilegal o clandestino”. AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 20. Acta de la comisión ejecutiva del CNE, 21-7-1966. La aceptación de esas conversaciones por el gran empresario catalán Pere Durán Farell en *La Vanguardia Española*, 27-12-1967.

² “En el extranjero no sucede, como algunos empresarios creen, que se puede despedir libremente pero tampoco sucede lo que algunos trabajadores piensan, que con toda impunidad se pueden declarar en huelga. En algunos países está terminantemente prohibida en el período de vigencia del convenio colectivo. Incluso hay sanciones pecuniarias (...) En países avanzados se admite el ejercicio de la huelga cuando se trata de establecer unas negociaciones que están ya vencidas pero todo ello con su forma y su manera”. AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 20, Pleno del CNE, 11-3-1967.

³ AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 20, 11-3-1967. Nota oficial del CNE, *Arriba*, 16-4-1967.

convenios y, por tanto, en la realización de la huelga, requería como condición *sine qua non*, la aceptación de una representación libre de los trabajadores en un marco de relaciones laborales democrático¹.

La ausencia de respuesta eficaz a sus demandas acentuó la percepción entre los empleadores de la inoperancia de las instituciones franquistas a la hora de tutelar sus intereses. Una idea ampliamente extendida a partir de 1970, año en que la radicalización y una progresiva e imparable politización pasaron a ser los rasgos definitorios del conflicto, en lógica respuesta al carácter autoritario del sistema laboral y del propio régimen. Desde esta perspectiva, para las autoridades la huelga siempre constituía un problema político y de orden público (Fusi 1986: 160-163), identificación que contribuyó a exacerbar las relaciones laborales al tiempo que enfatizaba la parcialidad de clase inherente al franquismo.

Atemorizados y desbordados por el aumento de los paros, la indisciplina laboral, el creciente absentismo y los bajos rendimientos, los empleadores hubieron de situarse a la defensiva. Una actitud que adoptó variantes diversas en función, las más de las veces, de la dimensión del centro de trabajo. En las grandes empresas, vinculadas en numerosos casos al capital extranjero, los empleadores se mostraron más proclives a la negociación y a la concesión de mejoras salariales, soslayando la huelga con mayor facilidad. El modelo de conducción europea del conflicto social en los Estados del Bienestar democráticos de la postguerra mundial impactaba sobre la vida española por el camino indirecto de la internacionalización del capital. Los medianos empresarios, por su parte y de manera bien distinta, recurrieron con frecuencia al todavía prohibido lock out, acompañado de despidos generalizados, represalias indiscriminadas y la elaboración de *listas negras* para apartar a los trabajadores más significados en la conducción del conflicto. En la práctica, sin embargo, también éstos acabaron accediendo a aquellas mejoras factibles en el seno de la empresa (aumentos salariales, reducción de la jornada, ampliación de las vacaciones, entre otras) incumpliendo, de esta manera, las normas gubernamentales sobre topes salariales (Balfour 1994: 172, Maravall 1995: 78).

La aceptación legal del cierre patronal, introducida en mayo de 1970, no resolvió el problema de fondo. No tanto por las restricciones –meramente formales– que el decreto impuso a su ejercicio², sino por su inutilidad para impedir el conflicto y restablecer las condiciones de normalidad en el ritmo productivo. Enfrentados a la creciente presión obrera y a la ejercida por las autoridades para que acataran la normativa laboral, los empleadores se encontraban en un callejón sin fácil salida. Por un lado, eran impelidos, por los gobernadores civiles y en no pocos casos, a aplicar medidas disciplinarias a los trabajadores asumiendo, por tanto, un papel que, de *iure*,

¹ “En el extranjero no sucede como algunos empresarios creen que se puede despedir libremente, pero tampoco sucede lo que algunos trabajadores piensan, que con toda impunidad se pueden declarar en huelga. En algunos países esta terminantemente prohibida en el período de vigencia del convenio colectivo (...) Se admite el ejercicio de la huelga cuando se trata de establecer unas negociaciones que están ya vencidas, pero todo ello con su forma y su manera”. AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 20. Pleno del CNE, 11-3-1967.

² Según el decreto, las empresas sólo podrían cerrar cuando se acreditase que se había efectuado para prevenir daños, evitar la ocupación ilegal del centro e trabajo o porque la inasistencia reiterada del personal impedía el normal desarrollo del proceso productivo. “Nosotros utilizábamos el *lock out* bajo apariencia de legalidad. Es decir, nosotros llamábamos al gobernador y le decíamos: nosotros vamos a cerrar, salvo que usted diga que no, ahora bien entendido que si usted dice que no, nosotros no respondemos de lo que pueda ocurrir en la fábrica, las personas, o las cosas (...) Inmediatamente, la autoridad decretaba el cierre de la fábrica”. Entrevista a Juan Miguel Salas Tornero, asesor jurídico de la empresa Industrias Subsidiarias de Aviación (ISA) y primer presidente de la Federación de Empresarios del Metal de Sevilla.

correspondía a las autoridades políticas. Por el otro, se vieron abocados, por órdenes superiores, generalmente procedentes de los jefes del sindicalismo vertical, a mantener una posición inflexible en los procesos negociadores, en contradicción con lo que constituían sus propios intereses como gestores (Molinero e Ysàs 1991: 121-122, Iriarte Areso 1995: 75 y 115).

La delicada posición en que se encontraban indujo, además de las consabidas reclamaciones a las autoridades para que aplicaran medidas enérgicas conducentes a restablecer la paz económica y social, diversas propuestas de acción especialmente en el sector del metal, el más castigado por la conflictividad obrera. En el otoño de 1973 la *verticalista* Unión de Empresarios Metalúrgicos de Barcelona debatió la conveniencia de elaborar pautas de acción comunes ante las reivindicaciones laborales, presentadas habitualmente de manera unitaria. La iniciativa, sin embargo, pronto fue descartada ante el temor de que actuara como acicate para la extensión del conflicto allí donde todavía no había aparecido. Temor que, dos años más tarde, no compartieron los grandes empresarios del metal sevillano que, en el transcurso de un prolongado conflicto y acuciados por el estancamiento de las negociaciones, decidieron pasar a la acción bajo la inspiración del modelo *entrista* de Comisiones Obreras. Se trataba, por tanto, de establecer una asociación paralela a la Unión Provincial de Empresarios, encuadrada en la OS, a la que confiaron la tarea de negociar directamente con los dirigentes de la huelga utilizando, de esta manera, los mismos procedimientos que los militantes de Comisiones Obreras con el objetivo de establecer una igualdad de condiciones en el proceso (Molinero e Ysàs 1991: 133, González Fernández 2002: 39-40).

El éxito alcanzado en su iniciativa por parte de los mayores empresarios del metal sevillano, no fue ajeno a la incertidumbre económica y política en la que vivía el país. La inminencia del *hecho biológico*, eufemismo habitual en esos años para referirse a la muerte del dictador, vino a coincidir con el impacto de la primera crisis del petróleo sobre la economía del país. Al acusado déficit en la balanza de pagos por cuenta corriente, el aumento de la deuda externa y de la inflación –ya muy elevada en 1973–, vino a añadirse un extraordinario incremento de la conflictividad a partir de 1974. Unas huelgas, realizadas ahora en el contexto de fuerte recesión económica que siguió al primer choque energético, en las que se combinaba un “radicalismo salarial” –habitualmente las demandas solían oscilar entre un 20 y un 50% de aumento sobre los vigentes– con peticiones de carácter político (reconocimiento de derechos sindicales, amnistía laboral y política, entre otros)¹. La concesión de estas últimas no estaba en manos de los empleadores, pero eran ellos los que se enfrentaban a una ofensiva que convertía su industria en la primera trinchera del combate contra la dictadura. Todo ello en una dinámica de tensión creciente en las relaciones patronos y obreros caracterizada por el sistemático incumplimiento de las normas laborales “legales o convencionales”, entre las que sobresalían la ruptura unilateral de los convenios, la imposición de representantes extrasindicales –es decir, militantes de las ilegales Comisiones Obreras– en las mesas negociadoras para la resolución de los paros y el radical cuestionamiento de la autoridad de los empleadores en las fábricas y talleres (García Delgado y Serrano Sanz 1990: 3-21, Espina 1991: 53).

La huelga, percibida ya como una “patada en el trasero de los empresarios, pero (...) patada al régimen”, y el grave deterioro del clima laboral motivaron que el CNE

¹ Comisiones Obreras de Navarra aprobó a finales de 1974 una plataforma reivindicativa unitaria que incluía un aumento lineal de 6.000 pts/mes, abolición de los contratos eventuales, IRPF y seguridad social a cargo de la empresa, reconocimiento del derecho de huelga, libertad de expresión y amnistía, entre otras. En diciembre, el 50% de las empresas había llegado a acuerdos en los que se contemplaban subidas de entre 4.000 y 5.000 pts. (Iriarte Areso 1996: 22)

replanteara su posición respecto al conflicto de trabajo. Ya no se trataba de regular la huelga “como derecho, sino como realidad a la que hay que dar solución”. Una realidad, en todo caso, se añadía, circunscrita al conflicto generado por causas y objetivos vinculados a la producción y de ninguna manera a la huelga de carácter político, ilegal por su propia naturaleza y, en consecuencia, punible. La distinción no era novedosa ni elaborada por los empleadores. Sobre ella se sustentaba el decreto de 1962 “sobre procedimientos de formalización, conciliación y arbitraje de las relaciones conflictivas de trabajo”, cuya inoperancia a estas alturas era más que evidente¹.

La regulación del conflicto –tal como proponía el CNE– habría de ser resultado de un diálogo social entre el gobierno y las “organizaciones profesionales del mundo del trabajo” y fijaría de manera pormenorizada las normas que habrían de seguirse para la realización de lo que se definía como “huelga posible”. En otras palabras, siempre y cuando fueran declaradas por los representantes legales de los trabajadores –cuestión a determinar en ese proceso de diálogo, aunque supuestamente operativos bajo el paraguas del franquista Consejo Nacional de Trabajadores– con un plazo de preaviso y como consecuencia de discrepancias en las condiciones generales de trabajo. Junto a esas especificaciones, el CNE añadía la conveniencia de estipular el régimen de sanciones, el pago de los salarios durante la huelga “tolerada”, así como la competencia de la OS y las funciones de las organizaciones profesionales en la mediación y conciliación del conflicto². Los objetivos de la iniciativa, inspirada de manera sesgada en las normas que regulaban las relaciones laborales y el conflicto en los países occidentales, desbordaban la mera ordenación de la huelga. Pretendía, en última instancia, el reconocimiento gubernamental de las “organizaciones profesionales” como tales y, en consonancia, su admisión como interlocutores ante los poderes públicos, legalmente responsables en la realización y desarrollo del conflicto.

La propuesta, inviable en el marco de la dictadura, fue atendida parcialmente. La aprobación, dos meses después, en abril de 1975, del que ha sido considerado como el primer ordenamiento –en sentido estricto– de los conflictos colectivos de trabajo (Molero Manglano 1986: 309) llegaba, sin embargo, demasiado tarde. Para entonces, la huelga –con una motivación económica indudable ante las elevadas tasas de inflación y el consiguiente deterioro del poder adquisitivo de los trabajadores– formaba parte esencial de la estrategia de los sindicatos todavía ilegales, especialmente de Comisiones Obreras, para apoyar el proyecto rupturista de la transición democrática tanto como para afianzarse y consolidarse como organizaciones representativas de los trabajadores (Redero San Román: 2008).

En un estado de conflictividad permanente, en el que “no había convenio que no empezara con una huelga” y una coyuntura económica recesiva, que no sólo era el resultado del primer choque petrolífero ya comentado sino de las notorias deficiencias del modelo de crecimiento desarrollista, la estrategia negociadora de los empleadores era muy simple: “sólo que nos sacaran lo menos posible”³. El pulso era, desde la perspectiva de la burguesía de negocios e industrial, de una naturaleza frontal ante la pasividad de unos gestores gubernamentales más preocupados por las posibles

¹ “La patada” en entrevista a Santiago Herrero León, secretario general del Consejo Provincial de Empresarios de Sevilla (1974-1977). 27-10-2000. AGA. *Fondo Sindicatos*, caja 7. Acta del Comité ejecutivo del CNE, 11-2-1975.

² *Ibid.* La propuesta se apoyaba en la voluntad del ministro de Relaciones Sindicales de “reforzar los Consejos de empresarios y trabajadores para convertirlos en entidades válidas y útiles para la representación y gestión de sus respectivos intereses”. AGA. *Fondo Sindicatos*, Caja 11, Acta de la Comisión Permanente del CNE, 8-1-1974.

³ Entrevista a Santiago Herrero León.

consecuencias del formidable poder obrero sobre la dictadura -ya muy debilitada- que del impacto de la crisis económica en el desenvolvimiento de sus empresas y en el conjunto del país. La estrategia puramente defensiva de los empleadores cobraría una nueva dimensión con la creación de asociaciones empresariales de nuevo cuño a partir de 1976. El nuevo entramado asociativo, encabezado a partir del verano del año siguiente por la Confederación Española de Organizaciones Empresariales (CEOE), asumió como objetivo prioritario la defensa de los intereses de los empleadores en el desarrollo de la negociación colectiva y del conflicto (Pardo Avellaneda y Fernández Castro 1995: 147-184)¹. Ese apoyo concreto se complementó con una iniciativa más ambiciosa: el establecimiento de un gran pacto social que permitiera abordar los problemas estructurales de la economía y reactivar la inversión. Un acuerdo, en suma, para contener el poder sindical y extirpar la huelga como instrumento de presión política mediante la introducción de un marco democrático de relaciones laborales. La legalización de las organizaciones sindicales y el reconocimiento de la huelga como *derecho fundamental* en la Constitución de 1978, abrieron una nueva etapa en la historia reciente del conflicto colectivo de trabajo en España, inserto ahora en el marco de una política de concertación social. La hegemonización de las Comisiones Obreras por un Partido Comunista a la búsqueda de una salida a la dictadura que le asegurase un cierto protagonismo contribuyó, no poco, a facilitar –Pactos de la Moncloa mediante– el éxito de la estrategia concertadora. Aunque esa, la de la contraparte sindical obrera sea, ya, otra historia.

Conclusiones

La introducción de un nuevo marco de relaciones laborales a finales de los años cincuenta se tradujo en la reaparición tolerada del conflicto colectivo de trabajo en España. La anuencia de las autoridades franquistas corrió pareja a la aceptación de la huelga por los empleadores como contrapartida obligada para aumentar la productividad de sus negocios y afrontar con éxito el reto de la modernización económica. Acogida inicialmente con alguna comprensión, la huelga generó una viva inquietud a partir de la segunda mitad de los años sesenta. La aplicación coyuntural de políticas económicas estabilizadoras, unido a la creciente radicalización y politización del conflicto enfrentaron a los empleadores ante una situación nueva y desconcertante. Atemorizados y desbordados por el poder obrero, reclamaron de las autoridades el acatamiento de la normativa laboral y la regulación de la huelga. Objetivo éste último de imposible consecución en el edificio corporativo de la dictadura y que forzó la aplicación de estrategias defensivas diversas. La imposición de severas medidas disciplinarias – legales o no– y la concesión de mejoras salariales, sin embargo, no surtieron efecto porque para entonces la huelga –pese a sus motivaciones económicas- había adquirido un acusado componente político, en lógica respuesta al carácter autoritario del régimen. La muerte del general Franco, sin embargo, no frenó el movimiento huelguístico. Todo lo contrario, esgrimido como instrumento de presión política para apoyar la salida rupturista de la dictadura, a comienzos de 1976 España vivió en un estado de conflictividad permanente. Fue entonces cuando, con un marcado carácter reactivo, los empresarios procedieron a la creación de un nuevo sistema asociativo y apostaron por la firma de un gran pacto social como mecanismo idóneo para, entre otros objetivos, contener y encauzar la conflictividad dentro del ámbito estrictamente laboral.

¹ “Nuestro problema era la negociación colectiva y protegernos en materia de relaciones laborales”. *Ibid.*

Listado de abreviaturas

CEOE	Confederación Española de Organizaciones Empresariales
CNE	Consejo Nacional de Empresarios
CPE	Consejo Provincial de Empresarios
OIE	Organización Internacional de Empleadores
OS	Organización Sindical

Bibliografía

- Babiano Mora, J. 1995, *Emigrantes, cronómetros y huelgas. Un estudio sobre el trabajo y los trabajadores sobre el franquismo (Madrid, 1951-1977)*, Madrid, Siglo XXI.
- Babiano Mora, J. 1998, *Paternalismo Industrial y disciplina fabril en España (1938-1958)*, Madrid, CES.
- Balfour, S. 1994, *La dictadura, los trabajadores y la ciudad. El movimiento obrero en el área metropolitana de Barcelona (1939-1988)*, Valencia, Ed. Alfons el Magnánim.
- Benito del Pozo, C. 1993, *La clase obrera asturiana en el franquismo*. Madrid, Siglo XXI.
- Cabrera, M. y Rey, F. del 2002, *El poder de los empresarios. Política y economía en la España contemporánea (1875-2000)*, Madrid, Santillana.
- Cabrera, M. y Rey, F. del 2001, "Los empresarios, los historiadores y la España del siglo XX" en *La modernización social*, Madrid, España Nuevo Milenio, pp. 291-313
- Campuzano, F. 1997, *L'Élite franquiste et la sortie de la dictature*, Paris, L'Harmattan.
- Cazorla Sánchez, A. 2007, "Orden, progreso y sindicalismo: cómo vieron las autoridades franquistas el cambio socioeconómico" en *España en cambio. El segundo franquismo, 1959-1975*, Madrid, Siglo XXI.
- Comín, F. 2002, "El Estado, la rigidez de los mercados y la convergencia en el siglo XX", *Historia y Política*, n. 9, pp. 41-69.
- Crouch, C. y Pizzorno, A. (comps.) 1989, *El resurgimiento del conflicto de clases en Europa occidental a partir de 1968*, Madrid, MTSS.
- Dahl R. A., 1971, *Poliarchy*, New Haven, Yale University Press.
- Doménech Sampere, X. 2002, "El problema de la conflictividad bajo el franquismo: saliendo del paradigma", *Historia Social*, n. 42, 2002, p. 129-130.
- Espina, Á. 1991, *Empleo, democracia y relaciones industriales en España*, Madrid, MTSS.
- Fusi, J. P. 1986, "La reaparición de la conflictividad en la España de los años sesenta", en *España bajo el franquismo*, Barcelona, Crítica.
- García Delgado, J. L. y Serrano Sanz, J. M. 1990, "De la primera crisis energética a las elecciones del 77: tiempo de incertidumbre", en *Economía española de la transición y la democracia*, Madrid, CIS, pp. 3-21.
- González, M. J. 1979, *La economía política del franquismo (1940-1970). Dirigismo, mercado y planificación*, Madrid, Tecnos.
- González Fernández, A. 2002, "La configuración del sistema asociativo empresarial en la transición a la democracia a través del caso sevillano", *Historia Social* n. 44, pp. 21-36.
- González Fernández, A. 2007, "Los empresarios ante los cambios económicos y sociales" en *Eppure si muove. La percepción de los cambios en España (1959-1973)*, Madrid, Biblioteca Nueva.

- Ibarra Güell, P. y García Marroquín, C. 1993, "De la primavera de 1956 a Lejona 1978", en *Historia de Comisiones Obreras, (1958-1988)*, Madrid, Siglo XXI, pp. 111-140.
- Iriarte Areso, J. V. 1995, *Movimiento obrero en Navarra (1967-1977). Organización y conflictividad*, Pamplona, Gobierno de Navarra.
- Judt, T. 2006, *Posguerra: una historia de Europa desde 1945*, Madrid, Santillana.
- Linz, J. J. y Miguel A. de 1963, "Los problemas de la retribución y el rendimiento vistos por los empresarios", *Revista de Trabajo*, n. 1, pp. 35-141.
- Maravall, J. M. 1978, *Dictadura y disenso político (Obreros y estudiantes bajo el franquismo)*, Madrid, Alfaguara.
- Maravall, J. M. 1995, *Los resultados de la democracia*, Madrid, Alianza.
- Martínez Serrano, J. A. et al. 1982, *Economía española, 1960-1980. Crecimiento económico y cambio estructural*, Madrid, 1982.
- Marx, K 1987, *Miseria de la Filosofía [1847]*, Madrid, Siglo XXI.
- Molero Manglano, C. 1986, *Fundamentos de las relaciones laborales colectivas*, Madrid, Reus Editores.
- Molinero, C. y Ysàs, P. 1991, *Els industrials catalans durant el franquisme*, Vic, Eumo.
- Molinero, C. y Ysàs, P. 1998, *Productores disciplinados y minorías subversivas. Clase obrera y conflictividad laboral en la España franquista*, Madrid, Siglo XXI.
- Pardo Avellaneda, R. y Fernández Castro, J. 1995, "Las organizaciones empresariales y la configuración del sistema de relaciones industriales en la España democrática, 1977-1979", en *Las relaciones laborales en España*, Madrid, Siglo XXI, (2ª ed), pp. 147-184.
- Pérez, J. A. 2001, *Los años del acero. La transformación del mundo laboral en el área industrial del Gran Bilbao (1958-1977)*, *Trabajadores, convenios y conflictos*, Madrid, Biblioteca Nueva.
- Redero San Roman, M. 2008, "Los sindicatos en la democracia: de la movilización a la gestión", *Historia y Política*, n. 20, pp. 129-158.
- Sánchez Recio, G. 2002, "El sindicato vertical como instrumento político y económico del régimen franquista", *Pasado y Memoria*, n. 1, pp. 19-32.
- Soto Carmona, A. 1998, "Huelgas en el franquismo. Causas laborales, consecuencias políticas", *Historia Social*, n. 30, pp. 39-61.
- Soto Carmona, A. 2005, "No todo fue igual. Cambios en las relaciones laborales, trabajo y nivel de vida de los españoles, 1958-1975", *Pasado y memoria*, n. 5, pp. 15-43.
- Tuñón de Lara, M. 1983, "Crisis económica y movimientos sociales: el caso español (1898-1934)". *Sistema*, n.º 52, pp. 3-22.
- Vega García, R. 2002, *Las huelgas de 1962 en España y repercusión internacional: el camino que marcaba Asturias*. Gijón, Fundación Juan Muñoz Zapico/Ed.Trea.
- Ysàs, P, 1991, "Huelga laboral y huelga política". España, 1939-1975", *Ayer*, n. 4, pp. 193-211.

Política e educação: as greves e conflitos de classe na Itália entre 1919-1920 a partir dos escritos de Gramsci. Anita Helena Schlesener¹

O homem e a realidade, o instrumento de trabalho e a vontade, não estão dissociados, mas se identificam no ato histórico (Gramsci, 1975, p. 154).

Esse trabalho pretende retomar alguns aspectos da relação entre política e educação a partir de escritos de Antonio Gramsci referentes aos conflitos de classe ocorridos na Itália no período de 1919-1920. A partir dos escritos de Antonio Gramsci a dimensão política da educação define-se na formação do homem para a vida social e, para as classes trabalhadoras, a organização política possibilita entender o real em suas contradições, a compreensão das formas de dominação na sociedade capitalista e a criação das condições de sua superação. Pretende-se primeiramente salientar aspectos gerais da história política italiana do início do século XX na leitura de um dirigente político, a fim de explicitar as condições nas quais se produziram as greves e conflitos de classe na Itália nesse período; num segundo momento, a organização política dos Conselhos de fábrica enquanto uma tentativa de iniciar, no cotidiano dos trabalhadores de Turim, uma nova experiência de gestão política que deveria ser a base do Estado operário; tal organização gerou uma crise interna no Partido Socialista Italiano (PSI) que, após o fracasso dos movimentos grevistas e conselhistas de 1919-1920, levou a uma cisão e a fundação do Partido Comunista Italiano (PCI).

Finalmente, pretende-se destacar como esse modelo de gestão política expressou-se num processo educativo que visava a elaborar os pressupostos intelectuais e morais da nova sociedade. A experiência dos Conselhos, ao responder as necessidades de formação das massas para a função dirigente, gerava também as condições de acesso ao saber historicamente construído enquanto fundamento para a formação de uma nova concepção de mundo.

A situação histórica italiana no início do século XX na leitura de Gramsci

As reflexões de Gramsci remetem-se à realidade italiana para salientar as dificuldades de organização política dos trabalhadores no contexto de uma sociedade civil enfraquecida pelo constante processo político centralizado e paternalista, caracterizado pelo elitismo dos intelectuais e pela ação da Igreja católica. Ao contrário da Inglaterra e da França, a Itália viveu uma construção tardia de unificação e de formação do Estado burguês, a partir de traços históricos distintivos que mostram as dificuldades de formação de uma burguesia nacionalmente unida e combativa no contexto das relações internacionais. As pressões dos núcleos burgueses regionais interessados em ampliar seus mercados e desenvolver sua capacidade de produção, bem como seus conflitos internos, geraram fragilidades políticas, de modo que a unificação se realizou sob a égide da monarquia piemontesa e de um Estado já constituído, o Piemonte.

As alianças conservadoras desencadearam um processo de unificação no qual os anseios populares de mudanças mais radicais foram ignorados, mistificados ou reprimidos. As conseqüências políticas dessa forma de atuação estenderam-se ao longo da história posterior e marcaram a formação políticas das classes trabalhadoras, a partir

¹ Professora de Filosofia Política da UFPR (aposentada) e Professora do Mestrado/Doutorado em Educação da UTP-PR.

de uma complexa relação cidade e campo que desencadeou um desenvolvimento desigual da economia entre o norte industrializado e o sul agrário, carente de infraestrutura e de políticas econômicas claras para seu desenvolvimento.

Nesse quadro histórico, os escritos gramscianos elaborados entre 1919 e 1920, voltados para a organização do movimento operário, analisam a estrutura do Estado autoritário, bem como as relações internas dos setores da economia, então agravadas pela trágica experiência da guerra. A crise econômica e política que a Itália enfrenta nesse momento é apresentada por Gramsci como a desagregação da classe burguesa italiana que, submetida ao capital financeiro internacional, põem em risco o conjunto da sociedade; as classes trabalhadoras, exploradas como força de trabalho, sofrem as consequências da crise e do autoritarismo das relações de poder resultantes de um Estado que se constituiu e se consolidou pela ação de núcleos burgueses industriais empenhados em defender seus interesses com um desenvolvimento a qualquer custo. A guerra, a fome, as vidas sacrificadas, o mal-estar e a insatisfação gerais, sintomas claros da falência da ordem vigente, deveriam servir para despertar as energias revolucionárias e gerar as condições de transformações radicais na sociedade italiana.

Gramsci se empenha no Partido Socialista Italiano (PSI) para a organização política dos operários de Turim, espontaneamente mobilizados pelos sofrimentos da guerra e por todas as violências produzidas pelo próprio modo de produção capitalista. Cabia mudar internamente as instituições tradicionais do movimento operário para absorver essa energia nascente e iniciar na Itália o movimento que, de resto, já se estendia pela Europa. A exemplo da Rússia e das experiências austríaca e alemã, inicia-se na Itália a organização dos Conselhos de Fábrica.

Turim tornou-se o ponto de irradiação das lutas operárias e da organização dos Conselhos, por ser o grande centro industrial da Itália e por concentrar, assim, grande massa de trabalhadores. Após a greve dos ponteiros, iniciada pelos metalúrgicos em março de 1920 em protesto a aplicação da hora legal, os industriais reagiram ao movimento dos Conselhos: com o respaldo militar, que transformou Turim numa praça cercada por mais de cinquenta mil soldados, os quais submetiam os trabalhadores a um “assédio cruel e implacável”, até o fechamento das indústrias (Gramsci, 1978, p. 144). A resposta dos operários de Turim foi a greve geral de abril, que envolveu inicialmente cerca de duzentos mil trabalhadores, atingindo quinhentos mil no decorrer da greve. Essa efervescência política podia ser atribuída aos Conselhos, mas somente em parte porque Turim, como principal centro industrial, tinha uma “tradição revolucionária e insurrecional” que se apresentava em “nova forma encarnada em um programa de ação” (Gramsci, 1978, pp. 105-7).

As análises conjunturais efetuadas por Gramsci nesse momento evidenciam os termos da correlação de forças entre as classes sociais e a verdadeira atuação do Estado em defesa dos interesses da burguesia. O PSI, por sua vez, também não apoiou o movimento e se dedicou a preparação de seu Congresso, transferido de Turim para Milão, fato que comprovava a afirmação de Gramsci de que o Partido Socialista se preocupava “com todos os problemas possíveis e imagináveis” menos com os problemas que interessavam diretamente a classe operária, colocando-se a margem do desenrolar da luta de classes (Gramsci, 1987, p. 494). No lugar do apoio, o movimento recebeu ásperas críticas, tanto dos dirigentes sindicais quanto partidários. “Abandonado por todos, o proletariado de Turim foi constringido a enfrentar sozinho, com as próprias forças, o capitalismo nacional e o poder do Estado” (Gramsci, 1978, p. 185). Gramsci assim descrevia a atitude dos dirigentes do PSI:

A vasta ofensiva capitalista foi minuciosamente preparada sem que o “estado maior” da classe operária organizada se desse conta ou se preocupasse: e esta ausência das centrais de organização tornou-se uma condição da luta, uma tremenda arma nas mãos dos industriais e do poder do Estado, uma fonte de debilidade para os dirigentes locais da seção metalúrgica (Gramsci, 1978, p. 110).

A greve durou dez dias de intensa vida e educação políticas. Ao analisar o movimento Gramsci acentua que a classe operária de Turim foi derrotada porque não escolheu o momento nem determinou o processo de luta, mas foi arrastada para a luta pelos capitalistas. Entre as causas do fracasso salienta: a omissão dos dirigentes do movimento operário italiano (PSI), que não entenderam a urgência e a importância do momento político, o seu descrédito em relação a capacidade organizativa dos trabalhadores, bem como a ausência de um movimento sindical orgânico e disciplinado, capaz de exprimir o espírito revolucionário da classe.

A derrota da greve de abril não conseguiu abater o impulso revolucionário e a repressão ao movimento continuou nas manifestações comemorativas do primeiro de maio daquele ano, com enfrentamentos entre trabalhadores e polícia com a morte de dois trabalhadores e cerca de cinquenta feridos, sem contar as inúmeras prisões. A repressão fez o movimento refluir por um momento, mas a seguir desencadeou novas forças populares, que retomaram a luta. Gramsci continua a atuar no movimento por meio do jornal *L'Ordine Nuovo*, incentivando os conselhos de fábrica e a ação revolucionária fundada na experiência direta e na iniciativa das massas operárias, sempre rebatendo as críticas vindas de dirigentes do PSI. As insinuações sobre a influência do anarco-sindicalismo ou de outras tendências espontaneistas são rebatidas a cada nova publicação do jornal.

Gramsci acentua que os redatores de *L'Ordine Nuovo* sempre acreditaram que a revolução comunista só poderia ser realizada pelas massas e não por “um secretário de partido, nem por um presidente de república a golpes de decreto”. Esta também era a opinião de Marx, Rosa Luxemburg e ainda de Lênin (Gramsci, 1987, p. 496). A ação política de Gramsci permeava-se do acompanhamento do movimento operário internacional na atuação de seus líderes, com os quais se mantinha a interlocução.

O debate interno ao partido socialista encaminha-se para uma cisão, visto que as divergências não eram possíveis de serem conciliadas. Em maio de 1920 Gramsci publicou uma moção, apresentada ao conselho nacional do PSI, em Milão, por representantes do movimento operário de Turim. O documento fazia uma análise da situação italiana para acentuar que a fase em que se encontrava a luta de classes colocava a Itália ante um impasse crucial que era: “ou a conquista do poder político por parte do proletariado revolucionário” ou “uma tremenda reação por parte da classe proprietária e dos governantes”. Essa situação exigia uma renovação interna urgente do PSI, até então um partido meramente parlamentar, imóvel dentro dos limites da democracia burguesa (Gramsci, 1978, pp. 119-20). Pedia-se ao PSI uma renovação interna a fim de assumir uma atitude mais enérgica e revolucionária apoiando a classe operária na criação de uma situação de dualidade de poder.

Após a greve de abril e seus desdobramentos as tensões entre operários e industriais se acentuaram e as hostilidades eclodiram em agosto quando, no curso das negociações salariais os metalúrgicos, ante a resistência patronal as reivindicações, decidem pelo obstrucionismo, que tem início em toda a Itália a partir do dia 20. Os industriais novamente ameaçam com o fechamento das fábricas, mas os trabalhadores

tomam a ofensiva com a ocupação dos locais de trabalho a fim de gerir o processo de produção.

Durante a ocupação das fábricas a redação de *L'Ordine Nuovo* foi interrompida por alguns dias, devido a participação direta no movimento. As características e conseqüências do movimento foram apontadas e avaliadas em artigos como: *Domenica rossa* e *Capacidade política*, *L'operaio di fabbrica*, *L'occupazione*, *Chiaro-scuri*, *Cinque mesi dopo*, além do Programa dos Comissários de Seção, entre outros. São escritos que descrevem o cenário das fábricas no contexto do estado burguês e as mudanças radicais instituídas pelos Conselhos.

... a fábrica era um Estado organizado despoticamente, com plenos poderes nas mãos do proprietário e de seus delegados; a multiplicidade de Estados constituída por todas as fábricas capitalistas se reunia no Estado burguês, que obtinha a disciplina e a obediência da população despossuída dando-lhe uma ilusão de poder e soberania, chamando-a a cada cinco ou sete anos a nomear os deputados ao Parlamento e as Câmaras municipais (Gramsci, 1987, p. 164).

A ocupação instaurou a gestão operária na fábrica, uma experiência de autogoverno que rompeu com hierarquias, transformou relações entre as classes sociais em luta e investiu os trabalhadores do poder que efetivamente lhes pertencia, o de produtores que, num determinado momento, decidiram gerir a produção. Para Gramsci tratava-se de acentuar a importância da organização de massas, enquanto um processo de discussão e deliberação sobre os problemas da fábrica e sua atuação no contexto do capitalismo. O acontecimento político se expressava tanto na mudança radical nas relações internas da fábrica quanto nas relações entre os trabalhadores e suas instituições representativas: os Conselhos de fábrica, ante a comprovada omissão e desinteresse dos representantes sindicais e partidários, assumiu a direção do movimento revolucionário, instaurando novos métodos de luta e de ação que subvertiam internamente as relações de poder e a hierarquias sociais em questão.

Os conselhos, como uma experiência inovadora de gestão da produção e de criação de uma nova gestão política, também se constituíam em centros de formação que, além de “instaurar uma disciplina consciente e voluntária, criavam a psicologia do produtor, do criador da história”, isto é, permitiam ao trabalhador entender o significado de sua ação no contexto da produção, compreender o papel da produção na formação e atuação do Estado e elaborar uma nova concepção de mundo para, a partir daí, reconfigurar a vida econômica e o sentido do trabalho no âmbito da sociedade (Gramsci, 1978, p. 38).

Nos conselhos de fábrica iniciou-se um processo de formação política de massa por meio do qual se adquiria consciência do conjunto de relações econômicas e das determinações que delimitavam o ato concreto do trabalho no modo de produção capitalista, para construir a indivisível unidade da classe trabalhadora com base no controle da produção. Essa realidade precisava ser reconhecida pelos dirigentes sindicais e partidários, a fim de fortalecer o movimento de base. O que os operários instauram em cada fábrica é um modelo de um novo Estado a partir de uma gestão democrática que caracterizava a “república proletária, que vive dia a dia, atendendo ao desenvolver-se dos eventos” e pondo a prova, a cada instante, a capacidade política e a criatividade dos trabalhadores (Gramsci, 1987, p. 165).

A ocupação das fábricas em setembro de 1920 provocou nos capitalistas uma reação diversa daquela da greve de abril. O Estado e os governantes mudaram de tática

e substituíram o golpe de força para aguardar os desdobramentos do movimento. O fato de o movimento não ter encontrado muitas resistências não devia criar ilusões a respeito das possibilidades de sucesso, visto que o poder instituído na administração pública, na distribuição da produção continuava nas mãos do capital e do Estado. Era importante esclarecer os trabalhadores sobre a complexidade do movimento, para que o entendessem em sua concreticidade, sem ilusões, porque a força armada permanecia nas mãos da burguesia, assim como a administração pública e o sistema de distribuição (Gramsci, 1987, pp. 646-7).

Em 1921, nas análises sobre a política giolittiana, Gramsci recorda a atitude do velho governante ante a ocupação das fábricas: Giolitti mostrou-se hábil em controlar a situação; deixou acontecer a ação revolucionária, “fez armar o proletariado, anulou a autoridade do Estado” e colocou a prova “os nervos da burguesia avara e hipócrita” (Gramsci, 1975 pp. 235-6). Desse modo, conseguiu ter nas mãos antigos opositores, manter-se no poder e dar uma nova dimensão para a ação contra os trabalhadores: no lugar da resistência armada, a contra propaganda, a sabotagem, a retenção de matéria-prima, enfim, o cerco que desarticula o movimento e se completa com os acordos com as organizações sindicais, que propõem uma consulta plebiscitária sobre a ocupação, desautorizando definitivamente as lideranças dos Conselhos (Gramsci, 1987, pp. 171-2).

O fracasso do movimento dos Conselhos deixou como saldo positivo uma experiência educativa e organizativa que precisava ter continuidade no movimento político dos trabalhadores italianos. Gramsci acentua acima de tudo a liberdade de organização dos operários que viveram a experiência dos Conselhos, liberdade de organização, de pensamento e de iniciativa, de formação cultural e de aprendizado, que deveria servir de base para movimentos futuros.

Organização política e processo educativo

Cabe acentuar a comparação dos conselhos italianos com os *soviets*, a partir da compreensão que Gramsci possuía na época da história e da vida que se construíam na Rússia, bem como a importância desse movimento para os trabalhadores italianos. Os Conselhos constituíam-se, na leitura de Gramsci, em um movimento capaz de tirar a Itália de seu marasmo político e liberar a Europa da ameaça da barbárie na qual estava sendo lançada pelo imperialismo e pela militarização. Os Conselhos eram organizações completamente novas, com uma conformação específica que unia o ato da produção material e o exercício da soberania, elementos fundamentais para a formação de uma nova concepção de mundo (Dias, 2000).

Todo o processo de organização dos Conselhos de fábrica, dos quais Gramsci foi um ativo participante, pode ser acompanhado em seus escritos como um processo educativo de formação de uma nova sociabilidade fundadora de uma nova cultura. A organização da gestão social nos Conselhos implicava o dever de educar-se e difundir o saber e a experiência de modo independente e autônomo, acentuando a necessidade de “intensificar a cultura para aprofundar a consciência crítica” (Gramsci, 1975, p. 301). Organizados inicialmente por unidade de produção, os operários realizavam nos Conselhos experiências concretas de interlocução e de educação recíproca, capacitando-se a dirigir um Estado cujas características inovadoras e originais se encontravam na própria experiência dos Conselhos como nova prática de convivência social e de autogoverno.

“O Conselho de Fábrica é o modelo do Estado operário. Todos os problemas que são inerentes à organização do Estado proletário são inerentes à organização

dos Conselhos. Tanto num quanto no outro acaba o conceito de cidadão, que é substituído pelo conceito de companheiro: a colaboração para uma boa e útil produção desenvolve a solidariedade, multiplica os laços de afeto e fraternidade. Cada um é indispensável, cada um está em seu lugar e cada um tem uma função e um lugar. (...) O conselho é o órgão mais idôneo de educação recíproca e de desenvolvimento do novo espírito social, que o proletariado conseguiu exprimir da experiência viva e fecunda da comunidade de trabalho” (Gramsci, 1978, p. 37).

A política, a história e a filosofia se entrelaçam na experiência dos Conselhos que, visando criar as bases de um novo Estado operário, redefinem a função do dirigente e do intelectual, na elaboração de uma identidade de classe que se afirma distinta e organizada. A “reflexão histórica deixa de ser uma atividade meramente especulativa para tornar-se uma atividade essencialmente política, já que o presente é expressão das contradições colocadas, vividas e superadas no processo histórico” (Schlesener, 1992, p. 31). Entender esse movimento implicava esclarecer que um novo poder político só podia ser instaurado se consubstanciado no poder econômico e articulado a um processo cultural de formação de uma nova visão de mundo. A articulação desses momentos enquanto processo educativo transformava o operário de mero instrumento de produção em gestor do processo produtivo com capacidade dirigente.

Para Gramsci, a atividade produtiva apresenta-se como o espaço privilegiado de constatação das contradições, base para iniciar o processo de organização política e formação cultural dos trabalhadores, a partir da consciência da necessidade de superar as contradições para criar, assim, as condições para uma nova sociabilidade. O trabalho torna-se meio de educação recíproca, de disciplina e de formação de uma nova personalidade de classe. O “operário não pode viver sem trabalhar” e sem fazê-lo de forma metódica e ordenada (Gramsci, 1978, p. 325). Essa estrutura cria a possibilidade de uma identificação numa comunidade de trabalho, constituindo-se na base de superação de tudo o que se contrapõe a essa experiência. A ação concreta de construção do novo Estado, que nasce do trabalho coletivo e solidário de organização política e de educação recíproca, permite romper com valores e relações que sustentam a sociedade capitalista baseada na livre concorrência, na competição e no individualismo exacerbado.

O Estado socialista já existe potencialmente nas instituições de vida social características da classe trabalhadora explorada. Ligar essas instituições, coordená-las e subordiná-las numa hierarquia de competências e poderes, centralizá-las respeitando as necessárias autonomias e articulações significa criar desde já uma verdadeira democracia operária, em contraposição eficiente e ativa ao Estado burguês (Gramsci, 1978, p. 10).

É no processo de organização política que transparecem as contradições do cotidiano dos trabalhadores, principalmente a contradição entre o pensar e o agir; é na luta política, na discussão exaustiva de todos os problemas, que se elabora a consciência de classe. A ação política torna-se mais eficaz quando se consideram e se aprofundam os seus pressupostos intelectuais e morais. Levar a sério a questão da formação cultural é, para Gramsci, uma condição para a construção de um movimento forte e capaz de enfrentar os problemas econômicos e políticos em qualquer situação de luta.

O que Gramsci salientava da experiência política e cultural de 1919-1920 era precisamente os elementos de educação recíproca de formação de um novo espírito social, na vivência viva e fecunda da comunidade de trabalho. Foi uma experiência que

marcou seus escritos posteriores e determinou seu posicionamento crítico ante a política stalinista, da qual encontramos fortes indícios nos *Cadernos do Cárcere*. Mais ainda na noção de hegemonia, nascida da análise de situações históricas diversas, que vão desde a Revolução Francesa até a ascensão do fascismo na Itália. Trata-se de um conceito que se refere a um conjunto de relações políticas fundadas no domínio consolidado por uma constante “direção intelectual e moral” exercida por intelectuais enquanto funcionários de determinada estrutura de poder (Schlesener, 2001).

Compreender as relações de hegemonia a partir da interrelação entre econômico, político e cultural implica salientar a importância da educação no contexto da luta de classes. Da experiência dos Conselhos resulta que educar-se significa para os trabalhadores interagir uns com os outros, conhecer o conjunto de relações tanto em um dado momento histórico quanto em seu movimento de formação e transformação, para tornarem-se ativos e capazes de organizar movimentos para mudanças efetivas. A luta por novas relações de hegemonia produz-se como experiência de uma nova educação, que se apresenta para Gramsci como a formação de um novo homem que, por seu conhecimento crítico e ativo da realidade econômica e social em que se insere, é capaz de tomar nas mãos o seu destino.

Conclusão

As greves e conflitos que aconteceram na Itália entre 1919-1920 geraram a experiência dos Conselhos de Fábrica, inovadora no contexto da luta de classes porque relacionava o processo revolucionário à noção de cultura e à necessidade de elaboração, por parte dos trabalhadores, de um pensamento autônomo capaz de dar sustentação ao novo projeto político. A “experiência dos Conselhos e do jornal *L’Ordine Nuovo*, que serviu de referencial cultural ao movimento”, constituiu-se em fonte importante para a reflexão sobre a relação entre trabalho, política e educação (Schlesener, 2005, p. 39). Essa experiência pode ser lida como pano de fundo dos *Cadernos do Cárcere*, na relação dialética entre cultural e político que permeia aqueles escritos e possibilita uma nova compreensão de Gramsci, que se traduz em uma posição crítica diversa das tendências reformistas do marxismo que se delinearão no decorrer da história da Europa.

Embora Gramsci reflita com um referencial histórico da sociedade capitalista de 1920, cenário diverso daquele que vivemos no contexto das relações de trabalho, permanece atual ao acentuar a necessidade de as classes trabalhadoras elaborarem uma consciência crítica a partir de sua realidade e de sua ação para situar-se no contexto de relações capitalistas de produção e elaborar um novo projeto político. Toma-se aqui política no sentido amplo, que se funda em elementos primordiais para a compreensão das relações de força nas várias formas que se instauram: enquanto sociedade dividida em classes sociais antagônicas e enquanto luta de classes para a superação de relações de opressão e alienação; nesse contexto, a atuação educativa da experiência dos Conselhos de fábrica tem importância para as classes trabalhadoras tanto como luta política quanto como formação de dirigentes, de modo a possibilitar, no âmbito das relações sociais, a mudança estrutural da sociedade. A função de formar dirigentes Gramsci a atribui principalmente ao partido político; no entanto, as instituições políticas em geral não podem ser dispensadas pelas classes trabalhadoras, visto que por meio delas se efetiva a integração entre ação política e cultura.

Referência bibliográfica

Dias, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

Gramsci, Antonio, *Scritti giovanili (1914-1918)*. Torino: Einaudi Editore, 1975.

_____. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*, Torino: Einaudi, 1978.

_____. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*, Torino: Einaudi, 1987.

_____. *Lettere (1908-1926)*-(a cura di A. Santucci) Torino: Einaudi, 1992

Schlesener, Anita Helena, *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

_____. *Revolução e Cultura em Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.

_____. *Antonio Gramsci e a política italiana. Pensamento, polêmicas, interpretação*. Curitiba: UTP, 2005.

Crise e recuperação do sindicalismo brasileiro. Armando Boito¹ e Paula Marcelino²

Nas décadas de 1980 e 1990, o enfraquecimento do movimento sindical foi tema de pesquisa, de debate e de disputa política e ideológica entre pesquisadores, observadores e ativistas do sindicalismo. Diante daquele enfraquecimento, que era real, surgiram diferentes teses. Muitos caracterizaram o fenômeno como uma crise do sindicalismo, mas outros, mais ousados, o conceberam como um sintoma daquilo que seria o declínio histórico do movimento sindical.

O declínio histórico era entendido como uma marcha irreversível para uma situação na qual o sindicalismo passaria a existir apenas vegetativamente, como uma organização e um movimento limitado a pequenos grupos e de peso social e importância política menor. No Brasil, um livro importante que desenvolveu essa tese foi o livro de Leôncio Martins Rodrigues, intitulado *O destino do sindicalismo* (Rodrigues, 2002). Nessa obra, Rodrigues faz um extenso levantamento da situação do sindicalismo internacional, discute com a bibliografia especializada e desenvolve sua tese segundo a qual na transição das sociedades denominadas “industriais” para as sociedades denominadas “pós-industriais” o sindicalismo entraria no referido processo de declínio histórico.

Esse tipo de análise do movimento sindical pecava por conferir um peso exagerado a algumas das mudanças econômicas que estavam ocorrendo nas décadas de 1980 e 1990, ignorando outros elementos do quadro econômico de então e, principalmente, ignorando os elementos políticos e ideológicos presentes no final do século XX. Valorizavam-se, excessivamente, os novos métodos de gestão que estavam sendo introduzidos nas empresas, as novas tecnologias de produção e de informação, mas descuidava-se a importância da elevada taxa de desemprego e do crescimento econômico nulo ou baixo como fatores que dificultavam a ação sindical; discorria-se sobre os novos métodos de gestão e as novas tecnologias, descuidando ou ignorando por completo o contexto político e ideológico no qual o sindicalismo via-se inserido, que era o contexto do capitalismo neoliberal ascendente, dos governos e da ideologia neoliberal vitoriosos. Os fatores econômicos, políticos e ideológicos descuidados ou ignorados pelos analistas que falavam em declínio histórico do sindicalismo e, também, por boa parte dos autores que discorriam apenas sobre aquela que seria uma crise do movimento sindical, eram, justamente, os fatores mais sensíveis à mudança no caso de crises do modelo capitalista neoliberal e de avanço do movimento operário e popular.

Pois bem, na década de 2000, tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina, o capitalismo neoliberal passou por crises econômicas e políticas. Surgiram, como se sabe, governos de esquerda e de centro esquerda que implementaram

¹ Armando Boito Júnior é professor titular de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. É editor da revista *Crítica Marxista* e um dos fundadores do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do IFCH-Unicamp. Pesquisa sindicalismo e política brasileira e, mais recentemente, tem pesquisado também na área de teoria política e marxismo. Publicou, dentre outros, *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil* (São Paulo, Editora Xamã, 2002) e *Estado, política e classes sociais* (São Paulo, Editora da Unesp, 2007). Endereço eletrônico: armando.boito@gmail.com.

² Paula Regina Pereira Marcelino é professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Trabalha com temas relacionados à situação e à ação dos trabalhadores. Atualmente tem se dedicado à pesquisa sobre o sindicalismo brasileiro problematizando as teses de crise e declínio desse movimento. Publicou, entre outros textos, o livro: *A Logística da Precarização: terceirização do trabalho na Honda do Brasil*, (São Paulo, Editora Expressão Popular, 2004). Endereço eletrônico: prpmarcelino@gmail.com.

uma política de superação ou de reformas do modelo neoliberal. Foi dentro dessa nova conjuntura econômica, política e ideológica que o sindicalismo brasileiro recuperou-se, indicando, a nosso ver, a improcedência das teses fatalistas sobre o destino do sindicalismo.

Um novo ciclo de greves no Brasil

Na nossa avaliação, vivemos, pelo menos desde 2004, uma conjuntura de recuperação da atividade sindical no Brasil. Na base, a ação grevista mantém-se num nível razoavelmente alto e a grande maioria das greves tem permitido ganhos reais de salários; na cúpula do movimento, a disputa política acirrou-se com o surgimento de cinco novas centrais sindicais e a participação das centrais sindicais no processo político, como foi o caso na eleição presidencial de 2010, indica a recuperação da importância do sindicalismo no Brasil¹.

Iremos tomar, neste artigo, a atividade grevista e os resultados das negociações salariais como uma porta de entrada para analisar a situação do movimento sindical brasileiro na década de 2000. A nossa escolha se justifica por duas razões. A primeira é uma razão de ordem prática: os dados mais sistemáticos e gerais que temos sobre o sindicalismo brasileiro na década de 2000 são os dados sobre greves coletados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos, o Dieese. A segunda é uma razão sociológica: a greve não é a única ação importante e pertinente do movimento sindical, mas é, seguramente, uma de suas ações mais contundentes e de maior visibilidade política e social.

A história do sindicalismo mostra que a atividade grevista não apresenta uma trajetória linear. As greves ocorrem em ciclos, com fases ascendentes, de estabilização e de declínio. Esses ciclos apresentam perfis característicos e fatores determinantes variados. O perfil das greves de cada ciclo e os fatores que as determinam estão, no mais das vezes, relacionados. Um ciclo poderá ter a greve de massa como característica, outro, a greve localizada; um poderá atingir números excepcionalmente elevados na atividade grevista, outro, manter-se num padrão mais modesto; aquele poderá representar uma ação política contra um regime ditatorial, esse, uma resposta à corrosão dos salários pela alta taxa de inflação na economia. A comparação entre os diferentes ciclos de greve, para podermos falar em crise, declínio ou recuperação do sindicalismo deve ser feita tomando-se em consideração alguns cuidados.

Poderíamos citar aqui o ciclo de greves ocorrido no Brasil entre 1978 e 1992, que atingiu números excepcionalmente elevados na atividade grevista (número de greves, volume de horas não trabalhadas, número total e médio de grevistas etc.),

¹ Entre 2004 e 2007 cinco novas centrais sindicais foram criadas: Conlutas, criada em 2004 como dissidência da Central única dos Trabalhadores (CUT) e fortemente vinculada ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU); Intersindical, de 2006, também dissidência da CUT e com forte presença do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB); Nova Central Sindical dos Trabalhadores (NCST) formalizada em 2005 por um grupo de sindicatos, federações e confederações que se consideraram isolados durante o Fórum Nacional do Trabalho; Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) formada por antigas correntes da CUT, uma ligada ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) e outra ao Partido Socialista Brasileiro (PSB); e, por fim, União Geral dos Trabalhadores (UGT) criada em 2007 como resultado da fusão da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) da Social Democracia Sindical (SDS) e da Central Autônoma dos Trabalhadores (CAT). É certo que essa onda de novas centrais sindicais não pode ser vista, em sua totalidade, como expressão de pujança do sindicalismo na década de 2000. A NCST e a UGT representam, fundamentalmente, a parte mais conservadora do sindicalismo brasileiro – conhecida, tradicionalmente, pela designação de “pelegos”. Contudo, a criação da Conlutas, da Intersindical e da CTB expressa a luta entre correntes socialistas e democráticas pela hegemonia no movimento sindical brasileiro.

constituindo-se, na verdade, em um ciclo que poderíamos considerar excepcional (Noronha, *at al.*: 1998)¹. Esse ciclo assemelhou-se a um ciclo ocorrido, na mesma época, na Espanha. O Brasil e a Espanha, países que reuniam condições excepcionais, foram, na época, uma espécie de campeões mundiais da atividade grevista. Eram países que vinham de um crescimento capitalista forte e prolongado, que se encontravam sob regimes ditatoriais em crise e que apresentavam um recrudescimento da taxa anual de inflação. Nessas condições econômicas e políticas, os trabalhadores espanhóis e brasileiros puderam expandir e revitalizar suas organizações sindicais e partidárias e a ação sindical, identificada que era com o processo de luta democrática, contava com a simpatia ou a condescendência de grande parte da população.

Na década de 2000, sendo outras as condições econômicas e políticas, será também outro o perfil do ciclo de greves. Ao dizer isso, queremos advertir o leitor para o fato de que o ciclo excepcional de greves de 1978-1992 não pode ser tomado como unidade de medida para avaliar a dimensão e a natureza da crise sindical iniciada na década de 1990 e para a recuperação, que acreditamos ser real, do sindicalismo na década de 2000². A maior parte da década de 1980 e a primeira metade da década de 1990 foram marcadas, como se sabe, por uma taxa de inflação muito elevada, que beirou, em mais de uma conjuntura, a situação de hiperinflação. Já, na década de 2000, a taxa de inflação tem se mantido baixa. Ora, o aumento do número de greves em resposta a corrosão dos salários pela inflação, ou a sua diminuição em decorrência de uma relativa estabilização dos preços, não pode ser considerado, sem mais, um indicador de força ou de fraqueza do movimento sindical.

Origem do novo ciclo de greves

Acreditamos que, se tomarmos a atividade grevista e as negociações salariais como indicador, poderemos afirmar que o sindicalismo brasileiro encontra-se, na década de 2000, em plena fase de recuperação³.

Para iniciar, digamos uma palavra sobre as prováveis causas da recuperação do movimento sindical brasileiro. Essas causas podem ser as seguintes:

- a) retomada, ainda que tímida, do crescimento econômico;
- b) significativa recuperação do nível emprego;

¹ Em artigo de 2009, Noronha refaz sua análise e chama todo o longo período de 1978 a 1997 como *o primeiro grande ciclo de greves* no Brasil e os anos que o sucedeu, de 1998 a 2007, ou seja, os anos de governo de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, como o período de *normalização*. Essa normalidade seria caracterizada pelo fato de as greves terem, na opinião do autor, adquirido a dimensão característica de todos os países democráticos: “[...] um instrumento coletivo de pressão e negociação do elo mais fraco da relação entre empregados e empregadores.” (Noronha, 2009).

² Alguns estudiosos do sindicalismo incorreram nesse erro. Trata-se de um erro semelhante ao que fora cometido pelos estudiosos do movimento estudantil. Na década de 1980, comparando a situação do movimento estudantil de então com as ações empreendidas pelos estudantes na crise excepcional de 1968, muitos estudiosos concluíram, erroneamente, que o movimento estudantil havia acabado. (Martins Filho, 1987).

³ Utilizaremos nas nossas considerações sobre esse ciclo de greves as pesquisas do Dieese – Sistema de Acompanhamento de Greves (SAG). Tal pesquisa, retomada em 2004 pelo Dieese, baseia-se na coleta de dados realizada pelos técnicos daquela instituição junto aos grandes jornais e aos jornais sindicais – tanto em suas versões impressa quanto eletrônica. O resultado das pesquisas de greve são publicados na série do Dieese intitulada *Estudos e Pesquisas* e boa parte dos textos pode ser encontrada na rede mundial de computadores.

c) o fato de a inflação dos alimentos estar atingindo taxas superiores à taxa média de inflação, isto é, há uma taxa de inflação, ocultada pela inflação média, que atinge mais pesadamente os trabalhadores;

d) o fato de a equipe governamental bem como as presidências e diretorias de empresas estatais serem compostas, no período dos mandatos presidenciais de Lula da Silva, por pessoas oriundas, em grande parte, do movimento sindical – no quadriênio 2004/2007, o Governo Federal e as empresas estatais negociaram com mais de 90% das greves deflagradas pelo funcionalismo público federal e pelos trabalhadores das empresas estatais;

e) o desgaste da ideologia neoliberal que aparece na eleição de Lula e nos novos governos de esquerda e centro-esquerda na América Latina;

f) a concorrência política entre as centrais sindicais brasileiras, cujo número e variedade de orientações político-ideológicas cresceram, como já dissemos, entre 2004 e 2007.

g) uma década de experiência por parte do movimento sindical no Brasil com os chamados “processos flexíveis” da reestruturação produtiva capitalista e a construção de alternativas de ação diante dela.

Ou seja, nossa hipótese é que as alterações na conjuntura econômica, política e ideológica podem ter propiciado uma recuperação do sindicalismo. Se isso for verdadeiro, estará evidenciada a improcedência daquela postura determinista, apresentada criticamente na primeira parte deste trabalho, que vaticinava o declínio histórico do sindicalismo. O que estamos sugerindo é que, mudada a conjuntura, muda também a situação do movimento sindical.

Perfil do novo ciclo de greves

Vejam, agora, algumas das características do atual ciclo de greves.

1. O número de greves e de grevistas vem se mantendo num patamar relativamente elevado – pouco mais de 300 greves por ano até 2007 e uma média anual de 1,5 milhão de grevistas. No ano de 2008, o ano da crise econômica, esses números, em vez de diminuírem, saltaram para 411 greves e 2 milhões de grevistas.

Nota-se a participação majoritária do setor público – funcionalismo público e empregados de empresas estatais. Apenas o ano de 2008 registrou um número de greves maior na esfera privada (224) que na esfera pública (184). Observa-se, porém, que a participação dos trabalhadores do setor privado, mesmo antes de 2008, foi elevada e crescente ao longo do quinquênio 2004-2008, quer consideremos o número de greves ou o número de grevistas. É importante destacar, para que conheçamos melhor as características do atual ciclo de greves, que esse nível de atividade grevista ainda é inferior ao verificado na década de 1990, quando a média anual foi de cerca de 900 greves (Noronha, *at al.*, 1998). Mais à frente, diremos algo sobre essa diferença entre o número de greves nas décadas de 1990 e de 2000. Por ora, vejamos os dados do quinquênio 2004-2008.

Figura 1. Distribuição de greves nas esferas pública e privada - Brasil – 2004 a 2008

Esfera/ Setor	2004		2005		2006		2007		2008	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Pública	185	61,3	162	54,2	165	51,6	161	50,9	184	44,8
<i>Func. público</i>	158	52,3	138	46,2	145	45,3	140	44,3	155	37,7
<i>Empresas estatais</i>	27	8,9	24	8,0	20	6,3	21	6,6	29	7,1
Privada	114	37,7	135	45,2	151	47,2	149	47,2	224	54,5
Pública e Privada	3	1,0	2	0,7	4	1,3	6	1,9	3	0,7
TOTAL	302	100,0	299	100,0	320	100,0	316	100,0	411	100,0

Fonte: Dieese (2006, 2007, 2009), modificada.

Figura 2. Distribuição de grevistas nas esferas pública e privada - Brasil – 2004 a 2008

Esfera/ Setor	2004		2005		2006		2007		2008	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Pública	826.074	64,0	1.380.585	68,1	770.240	56,6	713.259	49,6	1.305.683	
<i>Func. público</i>	791.920	61,3	1.137.423	56,1	729.600	53,6	546.955	38,0	1.103.384	
<i>Empresas estatais</i>	34.154	2,6	243.162	12,0	40.640	3,0	166.304	11,6	202.299	
Privada	249.258	19,3	484.915	23,9	388.673	28,6	641.766	44,6	603.441	
Pública e Privada	216.000	16,7	161.000	7,9	201.100	14,8	82.750	5,8	134.000	
TOTAL	1.291.332	100	2.026.500	100	1.360.013	100	1.437.769	100	2.043.124	

Fonte: Dieese (2007 e 2009), modificada.

Obs.: Foram consideradas apenas as greves para as quais se obteve informação sobre o número de trabalhadores parados: 151 greves em 2004; 159 em 2005; 178 em 2006 e 211 em 2007.

2. As greves têm sido, em sua maioria, greves ofensivas¹, isto é, por novas conquistas, e não greves para recuperar ou evitar perdas. As reivindicações mais presentes nesse novo ciclo têm sido por ganho real de salário e por conquista ou majoração da Participação nos Lucros e Resultados (PLR). Reduziu-se o número de greves defensivas – por pagamento de salários atrasados, por respeito a direitos já existentes, etc. A frequência de ação ofensiva não é a mesma em todos os setores. No

1 Nós chamamos greves “ofensivas” o que o Dieese denomina em seus documentos “greves propositivas”. Em primeiro lugar, porque o termo “propositivo” está bastante associado, no cotidiano sindical e nos estudos acadêmicos sobre o assunto, a uma determinada estratégia: aquela do sindicalismo metalúrgico do ABC paulista. As estratégias desse sindicalismo, boa parte das vezes, incluem negociações que estão longe da luta por melhores condições de trabalho, novos direitos e melhorias salariais (Galvão, 1996), ao contrário do que observamos nesse novo ciclo de greves da década de 2000. Em segundo lugar, porque não parece adequado opor “propositivo” e “defensivo” tal como faz a classificação do Dieese. O oposto de um sindicalismo propositivo seria aquele que se recusaria a fazer propostas; o que não nos parece ser o caso de quase nenhuma atividade sindical. Na prática e na semântica, o oposto de “defensivo” é, de fato, “ofensivo”.

setor privado, por exemplo, esse tipo de ação é típico dos trabalhadores da indústria, enquanto as paralisações no setor de serviços são notadamente defensivas (Dieese, 2006: 37).

No conjunto do período 2004/2008, as reivindicações ofensivas estiveram presentes na grande maioria das greves – em porcentagem, 65% ou mais do total de greves de cada ano. Essa tendência é contrária àquela verificada na década de 1990, quando, embora as greves ocorressem em maior número, predominavam nas greves as reivindicações de caráter defensivo, segundo o levantamento do Dieese (2008: 32; 2009: 4). Ou seja, na década de 1990, os trabalhadores tiveram de correr muito apenas para lograr permanecer no mesmo lugar, enquanto na de 2000, com menos esforço, isto é, com um número menor de greves, estão logrando avançar em novas conquistas. A predominância das reivindicações ofensivas nas greves do quinquênio 2004/2008 aparece na Tabela 3 abaixo.

Figura 3. Distribuição de greves por caráter das reivindicações - Brasil – 2004 a 2008

Caráter	2004		2005		2006		2007		2008	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Ofensiva	197	65,2	207	69,2	217	67,8	209	66,1	284	69,1
Defensiva	161	53,3	135	45,2	168	52,5	146	46,2	171	41,6
<i>Pela manutenção das condições vigentes</i>	54	17,9	72	24,1	110	34,4	61	19,3	72	17,5
<i>Pelo cumprimento de direitos</i>										
	107	35,4	70	23,4	87	27,2	101	32,0	118	28,7
Protesto	28	9,3	50	16,7	49	15,3	48	15,2	53	12,9
Solidariedade	2	0,7	2	0,7	2	0,6	1	0,3	1	0,2
Sem informação	0	-	2	0,7	0	-	0	-	0	-
Número de greves	302	-	299	-	320	-	316	-	411	-

Fonte: Dieese (2007 e 2009) modificada.

Obs.: A última linha desta tabela representa o total de greves de cada ano. Ela não representa a soma das colunas visto que uma mesma greve pode apresentar mais de um tipo de reivindicação.

3. Podemos afirmar que os trabalhadores estão logrando avançar em novas conquistas porque essas greves mais ambiciosas em seus objetivos têm sido, na sua maioria, bem-sucedidas na obtenção, total ou parcial, das reivindicações que as motivaram.

As reivindicações que motivaram as greves foram, ao que tudo indica, total ou parcialmente, atendidas. Cerca de 90% delas conseguiram estabelecer negociação com os empregadores e a pesquisa do Dieese constatou, para o ano de 2005, que 75% das greves para as quais se obteve esse tipo de informação terminaram com a obtenção de algumas ou de parte das reivindicações. O montante de greves que não logrou obter nenhuma reivindicação é insignificante, tanto para o ano de 2004, quanto para o ano de 2005 – apenas 7% das greves de 2004 e 6% das greves de 2005 podem ser consideradas indubitavelmente derrotadas. Em 2007, apenas 6% das greves não obtiveram nenhuma satisfação. Os dados gerais de greves que obtiveram total ou parcialmente suas reivindicações para o quinquênio são os seguintes: 2004: 70%; 2005: 75%; 2006: 75%; 2007: 60% e 2008: 73%

Os dados sobre reajuste salarial também são muito significativos. Eles aparecem na tabela abaixo e contemplam um período mais longo, permitindo algumas comparações.

Figura 4. Distribuição dos reajustes salariais em comparação com o INPC-IBGE¹ - Brasil - 1998 a 2009

Ano	Acima do INPC		Igual ao INPC		Abaixo do INPC		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1998	141	43,5	64	19,8	119	36,7	324	100
1999	111	35,1	46	14,6	159	50,3	316	100
2000	190	51,5	56	15,2	123	33,3	369	100
2001	214	43,2	97	19,6	184	37,2	495	100
2002	124	25,8	133	27,7	223	46,5	480	100
2003	103	18,8	126	23,0	319	58,2	548	100
2004	361	54,9	172	26,1	125	19,0	658	100
2005	459	71,7	104	16,3	77	12,0	640	100
2006	562	85,7	70	10,7	24	3,7	656	100
2007	627	87,7	59	8,3	29	4,1	715	100
2008	595	76,1	97	12,4	90	11,5	782	100
2009	553	79,9	88	12,7	51	7,4	692	100

Dieese (2010: 3). Este documento apresenta ligeira alteração nos dados dos anos anteriores, decorrentes de nova metodologia de análise por parte do Dieese. Citamos a explicação do próprio Dieese: “Nos estudos realizados entre 1996 e 2008 foram considerados reajustes referentes a um conjunto de categorias profissionais que ano a ano formavam um painel diferente. A partir de 2009, o SAS-DIEESE passou a analisar informações de reajustes salariais de categorias pertencentes a um painel fixo, cujo ano base é 2008. No momento, este painel conta com 782 unidades de negociação. Em 2009, foram obtidas informações de reajuste de 692 das 782 unidades de negociação.

4. Note-se que foi exatamente no ano de 2004, ano que estamos considerando o ponto inicial do atual ciclo de greves, que o número de acordos salariais com reajuste acima do INPC cresceu muito, saltando da faixa de 18 para 54% dos acordos. A partir de então, esse montante continuou crescendo, atingindo a porcentagem impressionante de 87,7% de acordos com reajuste acima da inflação no ano de 2007. Segundo o Dieese, para o ano de 2009 – último para o qual o órgão tem dados consolidados –, apurou-se que 92,6% das categorias lograram assegurar reajustes em patamar igual ou superior à taxa de inflação (Dieese, 2010).² O Dieese tem também um balanço provisório do

¹ Índice Nacional de Preços ao Consumidor, medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: “Calculado pelo IBGE entre os dias 1º e 30 de cada mês, compõe-se do cruzamento de dois parâmetros: a pesquisa de preços nas onze regiões de maior produção econômica, cruzada com a pesquisa de orçamento familiar (POF), que abrange famílias com renda de um a oito salários mínimos.” Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/inpc.htm>. Acesso em: 25/10/2009.

² No documento “Estudos e Pesquisas nº 43: balanço das negociações e reajuste salariais em 2008” de 2009, o Dieese faz um série que vai desde o ano de 1996 até 2008, comparando os índices de reajuste salarial com o INPC-IBGE do período. Desagregando os dados para uma comparação entre o período 1996-2003 e o período do novo ciclo de greves (2004-2008) temos o seguinte: a média anual de reajustes abaixo do índice INPC-IBGE para o período 1996-2003 foi 44% das categorias, enquanto essa mesma

primeiro semestre de 2010, ano que não consta da tabela anterior. Esse balanço aponta que a tendência permanece a mesma que foi observada nos anos anteriores: “aproximadamente 97% das 290 negociações salariais registradas no período conquistaram reajustes salariais iguais ou acima da inflação – medida pelo INPC-IBGE – acumulado desde o último reajuste (Dieese, 2010). Trata-se de um desempenho melhor que o obtido pelas mesmas 290 unidades de negociação nos anos de 2008 e 2009, quando o percentual de negociações com reajustes iguais ou superiores ao índice foi, respectivamente, 87% e 93%.” (Dieese, 2010a). Definitivamente, a crise econômica não abalou, pelo menos até aqui, a recuperação do sindicalismo brasileiro.

5. Outra característica do ciclo do novo ciclo de greves, diz respeito à amplitude das greves e aos métodos de luta mais agressivos utilizados pelos trabalhadores. É certo que, numericamente, predominam as greves localizadas, porém as grandes greves de massa também têm ocorrido com certa frequência. Os grevistas realizaram, também, ações públicas para pressionar os empregadores.

Em 2005, ocorreram 25 greves envolvendo mais de 10 mil trabalhadores cada uma; dessas, nove greves contaram com mais de 50 mil grevistas. Em 2007, ocorreram quatorze greves envolvendo mais de 10 mil trabalhadores cada uma; dessas, sete greves contaram com mais de 50 mil grevistas. Muitas dessas greves massivas são ações do funcionalismo público, principalmente pessoal da educação e da saúde. Porém, elas ocorrem também em número significativo e em grande escala na esfera privada e nas empresas estatais. Vejamos apenas alguns exemplos.

Infelizmente, não temos esses dados para o ano de 2008. No que respeita ao quadriênio 2004/2007, porém, os dados são significativos. Tivemos uma greve nacional de metalúrgicos que contou com 170 mil grevistas, uma greve estadual dos metalúrgicos paulistas que contou com 190 mil grevistas, uma greve dos trabalhadores da construção civil paulista que envolveu 130 mil grevistas, mais de uma greve dos trabalhadores do Correio com cerca de 80 mil grevistas cada uma, mais de uma greve de petroleiros envolvendo cerca de 100 mil grevistas, greves de massa de bancários e outras. As greves massivas têm sido na sua quase totalidade ações ofensivas para conquista de aumentos reais e/ou de novos direitos e melhores condições de trabalho.

Como dissemos, um número considerável de greves lançou mão de métodos de luta que exigem um nível de organização e de mobilização mais elevado e que dão maior visibilidade à ação sindical – atos públicos, passeatas, piquetes e ocupações. Centenas de greves recorreram a esses métodos de luta. Ou seja, as ações que dão visibilidade política e social à ação grevista e que endurecem o conflito com os empregadores cresceram muito na década de 2000.

6. A maioria das greves tem sido realizada pelos setores que são, há muito tempo, os setores mais mobilizados do movimento sindical – tais como os metalúrgicos, os petroleiros, os trabalhadores da construção civil, os bancários e os funcionários públicos, notadamente dos setores da educação e da saúde. O novo ciclo grevista parece indicar, portanto, que, as mudanças ocorridas no sindicalismo brasileiro não foram tão radicais como poderíamos ser levados a crer lendo os autores que insistiram, de modo unilateral e genérico, na idéia da crise do sindicalismo como resultante da mutação tecnológica, da nova organização do processo de trabalho e da transformação na composição das classes trabalhadoras.

média para o período 2004-2008 foi de 10,1% das categorias. Podemos, então, afirmar que uma das características do novo ciclo de greves é que os resultados da ação sindical têm sido muito mais favoráveis aos trabalhadores que no período anterior.

Outras características da fase anterior do sindicalismo brasileiro mantêm-se em vigência na atual fase de recuperação. Queremos destacar os seguintes traços de continuidade no movimento sindical das últimas décadas do século XX e primeira década de século XXI: a) predominância, na esfera privada, das greves no setor industrial; b) predominância, no setor industrial, das greves no ramo metalúrgico, principalmente nas montadoras de veículos automotores; o ramo metalúrgico sendo seguido, como já ocorria no século XX, pela construção civil e pelos trabalhadores do petróleo; d) no setor de serviços, predominância dos bancários como trabalhadores sindicalmente mobilizados, dos trabalhadores do correio e dos trabalhadores em transporte, com destaque para o transporte urbano; g) inatividade grevista em setores como o comércio, setor que permanece de importância muito pequena no movimento sindical apesar de reunir um contingente enorme de trabalhadores; h) outro traço de continuidade aparece no fato de que as greves mantiveram-se, no geral, concentradas na Região Sudeste do país e particularmente no Estado de São Paulo. Esses dados podem ter dois significados: ou a transferência de plantas industriais e de demais empresas para as regiões periféricas do país não foi um fenômeno tão importante quanto pareceu a alguns observadores, ou então, apesar de essa transferência ter sido realmente grande, o sindicalismo do Sudeste mantém-se muito mais organizado que o das demais regiões do país. Essas duas possibilidades não são excludentes.

7. No setor público, surgiram novidades nas mobilizações – por exemplo, a mobilização sindical da polícia federal, das polícias civil e militar, dos funcionários do judiciário, do Banco Central, dos auditores fiscais e alguns outros. Porém, o sindicalismo do setor público apresenta traços visíveis de continuidade, como a predominância do funcionalismo estadual nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007 e, no funcionalismo estadual, destaque para professores e profissionais da saúde.

Conclusão

Buscamos neste texto fazer uma reflexão inicial sobre dois pontos interligados do debate sobre a atividade sindical no capitalismo contemporâneo: primeiro, fizemos uma apresentação da tese sobre o declínio histórico do sindicalismo; em seguida, e também de maneira preliminar, refletimos sobre os dados estatísticos de greves e reajustes salariais no Brasil levantados pelo Dieese. Nesses dois momentos do texto, buscamos apontar porque a tese sobre o declínio do sindicalismo nos parece um equívoco e levantamos argumentos sobre a necessidade de se analisar o contexto político, econômico e ideológico da atividade sindical. Indicamos que a ofensiva, retração ou refluxo desse movimento dependem de uma conjunção de fatores referentes às características do movimento sindical. Mas, também, e principalmente, referentes ao contexto no qual esse movimento atua.

Referências bibliográficas

- Boito Jr., A. 2008. 'A crise do sindicalismo'. In: Santana M. A.; Ramalho, J. R. (orgs.). *Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo, Boitempo.
- DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos). 2009. *Balanço das greves em 2008. Nota à Imprensa*. Disponível em: Acesso em: http://cspb.org.br/UserFiles/files/DIEESE_EST_PESQ_45_greves_2008_resumovalido.pdf Acesso em: 21.10.2009.

_____. *Estudos e pesquisas n° 43: balanço das negociações e reajuste salariais em 2008*. 2009a. Disponível em:

<http://www.dieese.org.br/restrito/estPesq43balanconegociacao2008.pdf>.

Acesso em: 25-10-2009.

_____. *Balanço de greves*. 2007. Disponível em: [http://www.sinal.org.br/download/macro\(272008118David\)Greves2007.pdf](http://www.sinal.org.br/download/macro(272008118David)Greves2007.pdf). Acesso em 15.03.2009

_____. *As Greves em 2005*. 2006. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/observatorio/Prod032006.pdf>. Acesso em 15.03.2009.

_____, *Estudos e pesquisas n. 49: Balanço das negociações dos reajustes salariais em 2009*. 2010. Disponível em <http://www.cnts.org.br/geral/Arquivo/estPesq49BalancoNegociacoes2009.pdf>. Acesso em 07/12/2010.

_____, *Nota à imprensa: Balanço das negociações dos reajustes salariais do 1º semestre de 2010*. 2010. Disponível em: http://fetiesc.org.br/img_dieese/balanco-negociacoes-salariais-2010.pdf. Acesso em 07/12/2010.

Galvão, A. *Participação e fragmentação: a prática sindical dos metalúrgicos do ABC nos anos 90*. 1990. 163p. Campinas. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas.

Lúcio, C. G. *Balanço das negociações coletivas e das greves no Brasil no período 1998-2007*. Disponível em: http://www.ibret.org/2conferencia/Apresentacoes/Clemente_T.pdf. Acesso em 15.03.2009.

Marcelino, P. R. P. *Terceirização e ação sindical. A singularidade da reestruturação do capital no Brasil*. 2008. 373p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas.

Martins Filho, J. R. *Movimento estudantil e ditadura militar, 1964-68*. 1987. Campinas, Papirus.

Noronha, E. G. *Ciclo de greves, transição política e estabilização no Brasil, 1978-2007*. 2009. *Lua Nova*, n° 76, pp. 119-168.

_____. *at al. Explicações para um ciclo excepcional de greves: o caso brasileiro*. XXI International Congress (LASA). 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/GarutiNoronha-Gebrine-Elias.pdf>. Acesso em 15.03.2009.

Rodrigues, L. M. *Destino do Sindicalismo*. 2002. São Paulo, Edusp/Fapesp.

Glossário de siglas

CAT: Central Autônoma dos Trabalhadores

CGT: Confederação Geral dos Trabalhadores

CTB: Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil

CUT: Central única dos Trabalhadores

DIEESE: Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPC: Índice Nacional de Preços ao Consumidor

NCST: Nova Central Sindical dos Trabalhadores

PC do B: Partido Comunista do Brasil

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PSOL : Partido Socialismo e Liberdade

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

SDS: Social Democracia Sindical

UGT União Geral dos Trabalhadores

Conflitos sociais na base da eclosão das guerras coloniais. *Dalila Cabrita Mateus*

Há meio século, três conflitos sociais estiveram na base do eclodir de guerras coloniais em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau: em 1959, a luta dos marinheiros e estivadores de Pidjiguiti, na Guiné-Bissau; em 1960, a manifestação de Mueda, em Moçambique; e em 1961, a revolta dos cultivadores de algodão da Baixa de Cassange, em Angola.

Recordemos estes acontecimentos.

1959 na Guiné-Bissau: a greve dos marinheiros e estivadores de Pidjiguiti

O PAIGC, criado em 1956, começou por recrutar nas camadas urbanas os participantes na luta política. Em 1959 teria uma meia centena de membros activos, quase todos em Bissau. Entre eles contavam-se alguns marinheiros e estivadores.

Os trabalhadores de Bissau viviam com entusiasmo o fenómeno novo da independência da República da Guiné-Conakry e seguiam os preparativos para a independência do Senegal, acontecimentos que concorriam para dar mais força às palavras de ordem do partido, galvanizando-os para a luta pela conquista duma vida mais digna.

A situação da equipagem das lanchas e de outras embarcações das empresas coloniais era, nesse ano de 1959, deplorável. Os salários mensais variavam entre os 150 e os 300 escudos, isto é, entre cinco e dez dólares norte-americanos. E por cada viagem, o tripulante recebia para a alimentação certa quantidade de arroz e mais uns 50 centavos para o molho.

Ora o transporte de cabotagem era o que garantia mais elevados lucros às empresas, pois os custos por tonelada transportada estavam entre os mais baratos.

Há meses que os marinheiros pediam a melhoria da situação. É certo que lhes faziam promessas. No entanto, nada se alterava e os trabalhadores não viam qualquer perspectiva de mudança. Encorajados pelo descontentamento dos estivadores, cuja situação também era escandalosamente má, os marinheiros fizeram saber às empresas que estavam decididos a parar o trabalho, se as suas reivindicações não fossem atendidas. As empresas responderam com novas promessas, sem qualquer garantia de concretização.

O padre franciscano Pinto Rema, com base nos números 6, 20 e 21 de Agosto de 1959 do jornal *O Arauto*, assim como nas notas de um agente da PSP, relatou assim o ocorrido:

“Os trabalhadores do porto de Bissau responderam melhor do que outros às solicitações dos dirigentes do partido, que os organizam nos centros urbanos, a começar por Bissau. São os mesmos grevistas de 1956, que irão desencadear uma nova acção de força em 3 de Agosto de 1959. Agora, porém, mais unidos e em maior número. Mas os comandos portugueses de 1959 não são os mesmos de 1956. Quando a insurreição desponta nas Oficinas Gerais e se espalha por toda a zona do cais de Pidjiguiti, a polícia acorre ao local de armas carregadas. Os insubordinados dispõem de remos, paus, barras de ferro, pedras e arpões. As duas partes em confronto não cedem, não dialogam.

No primeiro recontro, os dois chefes da polícia, Assunção e Dimas, são selvaticamente agredidos, depois de terem disparado para o ar. Da refrega saem 17 guardas feridos. A polícia perde o autodomínio e começa a atirar a matar em força, sem

quaisquer considerações. No fim há uns 13 a 15 mortos espalhados no cais de Pidjiguiti. Mais cadáveres de marítimos e estivadores são arrastados pelas águas do Geba, não se sabe quantos. Alguns moribundos ou gravemente feridos vão falecer no hospital”¹.

Com efeito, à medida que uns caíam mortos ou feridos, outros procuravam por todos os meios alcançar a ponta do cais, donde se atiraram ao rio, nadando desesperadamente para alcançar os barcos. Militares e polícias, assim como alguns civis, atiram sobre os que nadam, fazendo mais mortos e feridos².

Amílcar Cabral, em carta para o angolano Lúcio Lara, refere 24 mortos e 35 feridos, alguns muito graves³. Foram, também, feitas numerosas prisões, algumas de militantes destacados do PAIGC. Numa reunião realizada no dia 19 de Setembro de 1959, Amílcar Cabral referiu as lições que o partido devia tirar dos acontecimentos. Não se podia brincar com um inimigo que, mais uma vez, provara a sua enorme crueldade. Na capital, ele era e seria sempre mais forte, pois tinha aí o seu Exército, a sua polícia, os seus carros e o seu dinheiro para comprar a consciência de muitos patriotas. A população urbana dependia das autoridades e das empresas coloniais para viver, o que colocava os nacionalistas numa situação de inferioridade. Pelo contrário, nas zonas rurais, onde vivia a maioria esmagadora do povo, o camponês não dependia dos colonialistas para viver e não se identificava com ele. Pelo contrário, era ele que alimentava a gente da cidade e fazia prosperar o colonialista⁴.

Segundo um *Relatório confidencial* desta reunião, a “mais decisiva” da história do PAIGC no dizer de Cabral, aqui se preparou a passagem da agitação nacionalista para uma estratégia de luta de libertação nacional, adoptando três importantes deliberações: primeira, a deslocação da actividade para o campo, mobilizando os camponeses; segunda, a preparação da luta armada; terceira, a transferência para o exterior duma parte da direcção do partido⁵.

Quatro anos depois, em Janeiro de 1963, fracassadas todas as tentativas para uma transição pacífica para a independência, os combatentes do PAIGC, apoiados nos camponeses, iniciam a guerra de guerrilhas na Guiné-Bissau.

1960 em Moçambique: uma manifestação de macondes em Mueda

Faustino Vanomba e Chibilite Vaduvane, membros de uma associação de ajuda mútua de macondes moçambicanos, a Mozambique African Association, queriam negociar com as autoridades portuguesas o regresso massivo de macondes a Moçambique, com condições semelhantes às que tinham no Tanganica, onde, em 1958, o partido TANU, fundado por Julius Nyerere, ganhara as eleições e formara governo. Desejavam sobretudo ter *uhulu*, isto é, queriam viver com liberdade e sem trabalho forçado. Acabaram expulsos de Moçambique.

Contudo, no dia 11 de Junho de 1960, Faustino e Chibilite voltaram a apresentar-se, pelas 6 e meia da manhã, na secretaria da circunscrição dos Macondes, acompanhados por umas 30 pessoas, para falar com o administrador. Vinham saber da resposta do governador do distrito ao pedido de regresso a Moçambique dos macondes que se encontravam no Tanganica. Foi-lhes dito que na quarta-feira seguinte teriam a resposta.

1 Henrique Pinto Rema, *História das Missões Católicas da Guiné*, ed. Franciscana, Braga, 1982, p. 856.

2 Luís Cabral, *Crónica da Libertação*, Lisboa, edição O JORNAL, 1984, pp. 65-73.

3 Lúcio Lara, *Um Amplo Movimento*, volume 1, Luanda, edição particular, 1998, p. 104.

4 Luís Cabral, *Idem*, pp. 65/73.

5 Basil Davidson, *Révolution en Afrique: la Libération de la Guinée Portugaise*, Paris, ed. Seuil, 1969, pp. 36-37.

Nessa quarta-feira, 14 de Junho, centena e meia de ciclistas, com o Faustino e o Chibilite transportados no quadro de duas bicicletas, apareceram na secretaria da circunscrição para saber qual a resposta do governador. Foi-lhes dito que no dia seguinte o próprio governador viria falar com eles.

No dia 15 de Junho, pelas 7 horas da manhã, já se notava uma grande movimentação de africanos, incluindo mulheres e crianças, que chegavam a pé ou de bicicleta. Às 9 horas da manhã, no largo fronteiro à secretaria da administração, estavam concentrados uns 5000 macondes, alguns dos quais se tinham feito transportar numas 1000 bicicletas.

Às dez e meia da manhã, chegou o governador do distrito de Cabo Delgado, almirante Teixeira da Silva. Começou por reunir com os funcionários, em casa do administrador. E pelas 14 horas apareceu, fardado de branco e com as condecorações no peito, no largo fronteiro à secretaria.

Foi hasteada a bandeira portuguesa. Mas como poucas pessoas se tinham levantado ou tirado o chapéu, as autoridades resolveram repetir a cerimónia. Um cipaio tocou o cornetim, transmitindo aos cipaios formados a ordem de sentido e de apresentação de armas, enquanto a bandeira ia sendo hasteada. Nessa altura, os macondes presentes levantaram-se.

A população da região estava descontente, por motivos de ordem económica. Queixavam-se principalmente dos baixos preços a que eram adquiridos os seus produtos, da má remuneração do seu trabalho e da falta de abastecimento de água nas suas terras. E faziam comparações com as condições existentes no Tanganica, que consideravam melhores¹.

De modo que, mal abriu a reunião, os régulos reclamaram contra os preços a que era comprada a sua produção, bastante inferiores aos praticados no Tanganica. O governador respondeu que, em contrapartida, eram mais baratos que no Tanganica os produtos vendidos nas cantinas dos comerciantes.

A dada altura, por ordem do governador, os cipaios foram buscar e algemaram cinco elementos referenciados como agitadores, entre eles o Faustino Vanomba e o Chibilite Vaduvane. Os macondes presentes, ao verem os seus companheiros presos e algemados, começaram a arrancar os tijolos que limitavam os canteiros de flores em volta da secretaria da administração, atirando-os depois para a varanda onde estavam o governador e os funcionários administrativos.

O governador desceu as escadas que davam acesso ao largo e gritou que tivessem calma, pois os presos seriam libertados se se viesse a apurar que não eram culpados. Nessa altura, um maconde que se encontrava na primeira fila avançou para o governador, brandindo a bomba de ar de uma bicicleta. Não conseguiu chegar até ao governador, porque um aspirante administrativo o empurrou e, puxando de uma pistola, lhe deu um tiro. O homem caiu por terra, sendo atropelado pela multidão enfurecida, que avançava sobre a varanda.

Padres brancos e um comerciante gritavam para que os africanos se fossem embora. Mas eles avançavam para tentar impedir a saída do carro com os presos.

Os cipaios começaram, então, a fazer fogo sobre a multidão. O comandante de um pelotão militar, que se encontrava a uns três quilómetros, ao ouvir os tiros, mandou avançar os seus homens. Mal os jipes com os militares apareceram na curva da estrada, os manifestantes viraram-se contra eles. E também os soldados começaram a disparar sobre os manifestantes.

Quantas pessoas morreram?

¹ IAN/TT/Arquivo de Salazar, AOS/CO/UL 32B, fls. 15-18.

Um relatório militar português refere 14 mortos e alguns feridos. O Boletim semestral n.º 14, de Outubro de 1993, do Arquivo Histórico de Moçambique da Universidade Eduardo Mondlane, cita testemunhas oculares que falam de 17 mortos. Um funcionário administrativo diz terem sido mortas e feridas umas 30 pessoas. A FRELIMO, num jornal publicado em Argel 5 anos depois dos acontecimentos, referia 150 mortos. E Raimundo Pachinuapa, num livro editado pela FRELIMO no ano da independência, falava já de 600 mortos.

Mesmo descontado o empolamento da propaganda política, uma coisa é certa. Na cabeça dos macondes, as dezenas de mortos cedo terão ganho enormes proporções. E o massacre de Mueda adquiriu grande significado político. Depois dele, os Macondes passaram a querer a guerra, mostrando-se prontos a seguir a FRELIMO quando esta, em 25 de Setembro de 1964, a desencadeou.

1961 em Angola: a greve da Baixa de Cassange

Na Baixa de Cassange, região que se estende pelos distritos de Malange e da Lunda e que, em duas extensas zonas, se encosta ao território congolês, viviam cerca de 150 mil habitantes. Destes, 31 652 eram agricultores, obrigados a cultivar o algodão para a COTONANG, empresa de capitais portugueses e belgas. Faziam-no em prejuízo das culturas alimentares. E em 1959-1960, o rendimento anual de uma família de cultivadores de algodão situava-se entre os 20 e os 30 dólares norte-americanos¹.

A revolta da Baixa de Cassange vai começar em Janeiro de 1961 e prolongar-se pelo mês de Fevereiro, alastrando por toda a região. Os camponeses recusam-se a trabalhar o algodão e a efectuar trabalhos públicos, a pagar o imposto de capitação e a obedecer às autoridades.

Sofrem influências várias: umas, de natureza política, resultam dos ecos da independência do vizinho do Norte, onde um bacongo de nome Kasavubu, a quem dizem obedecer, se tornara o Presidente da República; outras são de cunho mágico-religioso, com contornos mal definidos. Os revoltosos fazem greve, manifestam-se nas sanzalas e nos postos administrativos, insultam militares e autoridades, amarram cipaios e capatazes da empresa, ameaçam com o saque e a morte os comerciantes.

No dia 7 de Fevereiro, a 4.ª Companhia de Caçadores Especiais saiu para Cunda-ria-Baza. Pouco antes de ali chegar, logo a seguir a uma curva da estrada, os militares tiveram de parar porque havia árvores caídas por terra. Soaram dos dois lados da estrada tiros de caçadeira e de uma ou de outra arma de bala. Os militares responderam. Balanço da refrega: do lado dos militares, dois mortos; entre os africanos, 6 mortos, 21 feridos (6 dos quais graves) e 78 prisioneiros.

Chegados a Cunda-ria-Baza, que estava deserta, os militares instalaram armas nos telhados das casas e montaram um dispositivo de segurança. Um avião da Força Aérea atirou uma mensagem envolta numa pedra, dizendo que se aproximava outro grande grupo de camponeses. O tiroteio abriu brechas na massa humana que se aproximava aos gritos de “*Maza, maza*”, querendo com isso dizer que as armas dos soldados apenas deitavam água. Mais africanos mortos, mais feridos, mais prisioneiros.

Funcionários da administração colonial, militares e polícias reconheceram que o condicionalismo existente fora o caldo de cultura para uma revolta que ultrapassara a mera reacção contra o cultivo do algodão, para se transformar num verdadeiro levantamento contra o regime colonial português.

¹ René Peléssier, *La Colonie du Minotaure: Nationalismes et Révoltes en Angola (1926-1961)*, Orgeval, Montamets, 1978, p. 107.

Num relatório elaborado pelo então major Rebocho Vaz, comandante do batalhão da 4.^a Companhia de Caçadores Especiais enviado para pôr termo à revolta, afirmava-se que o camponês da Baixa de Cassange vivia em condições de absoluta miséria moral e material. “Existem sanzalas inteiras em que as águas, no tempo das chuvas, passam pelo leito das cubatas onde dormem e vivem”, tudo “para satisfazer a vontade do chefe de posto e do agente da COTONANG que, muitas vezes, não se querem incomodar a ir mais para o interior recolher o algodão” e obrigam a implantar as sanzalas “à beira das picadas e das estradas”. “São os povos mais enfezados” de Angola e, por vezes, o aspecto físico nem dá para reconhecer se é “homem ou mulher”, “novo ou velho”¹.

Por seu lado, o comandante da 3.^a Companhia de Caçadores Especiais, capitão Teles Grilo, também enviado para sufocar a revolta, reconhecia que vigorava na região um regime de monocultura dominado por um feroz monopólio e afirmava que o aspecto mais gravoso de todo o processo de produção do algodão residia no facto de o agricultor, já com excesso de trabalho e muito mal pago, não ter tempo para cultivar a sua própria lavra, onde deveria colher o feijão, a batata, o milho e a mandioca, indispensáveis para sustentar a família².

Finalmente, São José Lopes, subdirector da polícia política, a célebre PIDE, presume que os motivos da revolta se relacionem com o problema do algodão, pois havia que ter em conta que os revoltosos agiam contra injustiças que o Governo não ignorava³.

Os cultivadores do algodão revoltavam-se, pois, contra injustiças conhecidas de todos. E no entanto, a revolta foi sufocada a ferro e fogo, pela 3.^a e pela 4.^a Companhias de Caçadores Especiais, assim como pela aviação, que bombardeou aldeias com *napalm*, matando homens, mulheres e crianças. Segundo uma estimativa baseada em dados dispersos e contraditórios fornecidos pelas fontes, calcula-se que terão morrido na Baixa de Cassange entre 5000 e 10 000 angolanos, homens, mulheres e crianças⁴.

A revolta da Baixa de Cassange foi o ensaio-geral da guerra colonial. E a repressão brutal desta justificada revolta contribuiu para cavar ódios raciais que explodiriam em actos de barbárie e morticínio, desencadeados em Março e Abril de 1961 por todo o Norte de Angola.

A evolução da guerra

O primeiro teatro de operações foi, pois, Angola, onde a guerra se iniciou há 50 anos. A 4 de Fevereiro foram atacados vários objectivos em Luanda. E a 15 de Março deu-se a revolta no Norte de Angola, caracterizada por actos de barbárie e terrorismo. A frente Norte foi, ao longo de muitos anos, praticamente dominada pela UPA/FNLA. O MPLA abriu, em Janeiro de 1963, uma frente em Cabinda. E em 1966, uma outra frente, no Leste, englobando o Moxico e o Cuando Cubango. Tinha, entretanto, aberto uma penetrante a partir de Mwinilunga, itinerário mais curto, menos vulnerável e mais camuflado em direcção à Lunda e a Malange, onde era ameaçado a Norte pela UPA e a Sul pela UNITA. E às portas da capital, nas regiões dos Dembos e de Nambuanguongo,

¹ António Lopes Pires Nunes, *Angola 1961: da Baixa de Cassange a Nambuanguongo*, Lisboa, Prefácio, 2005, p. 59.

² *Ibidem*, p. 61.

³ IAN/TT, Arquivos da PIDE, Processo 11.15.A, MPLA, fls. 721-722.

⁴ Aida Freudenthal, “A Baixa de Cassange, Algodão e Revolta”, *Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.º s 18/22, Lisboa, 1995/1999, f. 267.

encontrava-se um grupo de homens formados a partir dos sobreviventes do 4 de Fevereiro e apoiados nas redes clandestinas que se constituíam em Luanda, grupo praticamente sem ligações ao MPLA oficial, a que todavia pertenciam.

Na Guiné, os combatentes do PAIGC iniciaram as suas acções de guerrilha em Janeiro de 1963, no Sul. E em Junho desse mesmo ano, no Norte.

Finalmente em Moçambique, as acções armadas da FRELIMO iniciaram-se em Setembro de 1964, em Cabo Delgado. Alargam-se, depois, ao Niassa. Em 1968, abre a frente de Tete. E em 1972, a frente de Manica e Sofala, avançando para Vila Pery e para a Beira.

Catorze anos depois do início da guerra colonial em Angola, esta desenrolava-se em três teatros de operações. Marcelo Caetano, o chefe do Governo português, defendia para a Guiné uma “derrota militar com honra”¹. E em Moçambique, com base nas informações disponíveis, afirmava que “em Cabo Delgado se mantinha a pressão do inimigo apoiado na Tanzânia”, que “no distrito de Tete a subversão progredia a olhos vistos” e que se estava na “iminência da chegada dos guerrilheiros ao planalto de Manica, a Vila Pery e à própria cidade da Beira”². Antevia mesmo o colapso militar em Moçambique³.

O chefe do Governo afirmava ainda que “as Forças Armadas, que existem para fazer a guerra, não se querem continuar a bater e o que desejam é fazer a paz”. E acrescentava que o moral das tropas era péssimo e que não sabia dizer por quanto tempo mais aguentariam o grande esforço que lhes era pedido, embora suspeitasse que não fosse muito⁴.

Por seu lado, o general Francisco da Costa Gomes, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, resumiu a situação militar nos três teatros de guerra dizendo que as informações de que dispunha mostravam com clareza que, em Moçambique, a guerra se agravava de dia para dia e que, na Guiné, se estava à beira do colapso. Só em Angola, então, se vivia um sossego pelo menos aparente. No entanto, tratava-se de “uma situação transitória”⁵. E era assim mesmo em Angola, o sossego era aparente e a situação transitória.

A luta contra a guerra colonial em Portugal e nas colónias

Em Portugal, a luta contra a guerra colonial começou por ser uma actividade jornalística e panfletária de denúncia e desmascaramento, obra de pequenos grupos. Mas acabaria por se transformar num grande e poderoso movimento de massas, em que participaram comunistas, radicais de esquerda e socialistas, independentes e católicos (incluindo sacerdotes). A luta tendeu mesmo a radicalizar-se com acções violentas dirigidas contra o aparelho militar colonialista.

As manifestações de resistência nas próprias Forças Armadas ganharam um carácter cada vez mais frequente e massivo. Só nos últimos anos da guerra, terá havido acções em mais de cinco dezenas de quartéis e outras unidades militares. E mesmo nos teatros de guerra, em África, verificaram-se acções de resistência passiva, com pequenos actos de sabotagem e até casos de “greve militar”.

1 Marcelo Caetano, *Depoimento*, Distribuidora Record, Rio de Janeiro, 1974, p. 191.

2 Marcelo Caetano, *Idem*, p. 191.

3 Jorge Jardim, *Moçambique, Terra Queimada*, Intervenção, Lisboa, 1976, p. 117.

4 Freitas do Amaral, *O Antigo Regime e a Revolução*, Bertrand Nomen, Venda Nova, 1995, p. 128.

5 Maria Manuela Cruzeiro, *Costa Gomes, o Último Marechal*, Notícias, Lisboa, 1998, pp. 165 e 199.

Em Abril de 1973, a polícia política (PIDE) notícia uma visita do general Kaulza de Arriaga a alguns quartéis de Tete, em Moçambique. E refere que, nestas ocasiões, os responsáveis militares “apressadamente ordenavam que os soldados vestissem os seus camuflados e mandavam-nos para o mato, nos arredores do quartel”. Contudo, mal o comandante-chefe se retirava, os soldados recolhiam ao quartel¹. De resto, um relatório de situação da PIDE sublinhava que o estado de espírito dos milicianos “ia de mal a pior”, sendo estes militares que faziam a “guerra de braços caídos, pois quando vão para o mato não procuram o inimigo e fazem tudo para não o encontrarem”².

Quanto à Guiné, em 1973, a PIDE sublinha, num caso, a “nítida falta de determinação das tropas europeias, incluindo oficiais do quadro permanente”³. E noutro caso, afirma que a inércia das tropas portuguesas era “praticamente total”⁴.

Num tal clima, ganhou corpo o chamado “movimento dos capitães”, que traduzia entre os militares a tomada de consciência da necessidade de pôr fim à guerra colonial. E no dia 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas (MFA) conquistaria um lugar imperecível no coração dos Portugueses ao vibrar um golpe mortal no regime ditatorial, abrindo caminho para a instauração de um regime democrático e para o termo da guerra colonial que nos opusera aos povos irmãos de Angola, da Guiné e de Moçambique.

A guerra colonial foi motivo de angústia, dor e sofrimento para o milhão de portugueses que passaram pelos três teatros de operações de Angola, Guiné e Moçambique, para as famílias que perderam alguns dos 9 mil mortos contabilizados, para os mais de 15 mil feridos e deficientes, para as dezenas de milhares que ficaram a sofrer de perturbações psicológicas e, ainda, para as centenas de milhares de homens e mulheres que tiveram de regressar de África.

Foi, ainda, acontecimento a recordar para os muitos milhares que se recusaram a combater, os desertores, os refractários e os emigrados, que foram procurar refúgio, trabalho ou paz fora de Portugal.

E tendo começado com os conflitos sociais que aqui abordámos, foi também, para angolanos, moçambicanos e guineenses, uma luta de libertação nacional. Um combate amassado com o sangue, o suor e as lágrimas dos presos e torturados, dos massacrados, dos bombardeados, das muitas dezenas de milhares de mortos, feridos e estropiados, um marco no caminho da afirmação nacional e internacional dos povos de Angola, da Guiné e de Moçambique.

A guerra colonial acabaria por ser a fogueira em que ardeu um regime ditatorial que escolhera levar Portugal até ao abismo da destruição, para defender os interesses dos grupos que dela se alimentavam.

1 IAN/TT, Arquivos da PIDE, Processo SC CI(2) GU, Pastas de Moçambique, caixa 17, fls. 267/284.

2 IAN/TT, Arquivos da PIDE, Processo SC CI(2) GU, Pastas de Moçambique, caixa 26, fls. 587/605.

3 IAN/TT, Arquivos da PIDE, SC, Pastas por Províncias Ultramarinas, Guiné, caixa 15, f. 450.

4 IAN/TT, Arquivos da PIDE, Processo 641/61, PAIGC, pasta 9, fls. 306 ss.

Asalto al franquismo. Las movilizaciones en el País Vasco en los estertores de la dictadura. Daniel Escribano¹ y Pau Casanellas²

Después de la superación de un estadio inicial caracterizado por visiones de conjunto sin el respaldo de un trabajo de investigación previo y, sobre todo, carentes de base documental alguna, el estudio del proceso que llevó a la consecución de la democracia parlamentaria en España ha llegado, en los últimos años, a un notable nivel de conocimiento y profundidad. Este salto, tanto cuantitativo –por el elevado número de trabajos– como cualitativo –por las sugestivas perspectivas aportadas en algunos casos–, ha permitido superar algunas de las ideas que han sesgado durante largo tiempo la visión de este período relativamente reciente de la historia española, tales como el papel supuestamente determinante del monarca y de un reducido círculo de personalidades políticas en la instauración y asentamiento de las instituciones parlamentarias; la importancia de los cambios socioeconómicos y la subsiguiente emergencia de una creciente clase media presumiblemente acomodaticia, o la presunta debilidad de la oposición y su papel subsidiario en el proceso.

Actualmente, cualquier aportación sobre el período debe partir del marco interpretativo que se ha convertido en dominante y que destaca el papel de las movilizaciones sociales como factor determinante de la crisis del franquismo y, en última instancia, de la imposibilidad de la dictadura de perpetuarse después de la muerte de Franco. Desde esta perspectiva, el cambio político aparece como un proceso de largo alcance que empezó a fraguarse a principios de los años sesenta, de consuno a la creciente articulación de la movilización antifranquista. La precipitación de la crisis final de la dictadura y la imposibilidad de su perpetuación tras la muerte del *Caudillo* tendrían mucho que ver con el asalto final al régimen que los movimientos sociales protagonizaron después del 20 de noviembre de 1975, embate con un claro hilo de continuidad con la “larga marcha” del antifranquismo y, especialmente, con las luchas del bienio 1974–1975 y en que el País Vasco jugó un papel determinante.

La conquista de la solidaridad

La crisis política desatada tras la muerte del jefe de gobierno, Luis Carrero Blanco, en atentado de ETA (V), el 20 de diciembre de 1973, evidenciaría la ausencia de un proyecto político que aunara a la elite política del régimen ante el creciente cuestionamiento social de las instituciones franquistas. El nuevo gabinete formado después de su muerte, con Carlos Arias Navarro a la cabeza, debería formular abiertamente su voluntad de desarrollar reformas que, siempre dentro del marco institucional franquista, permitieran una ampliación de los cauces de participación. El período abierto con el programa de apertura anunciado ante las Cortes el 12 de febrero

¹ Daniel Escribano es licenciado en Sociología (2003). Actualmente trabaja en la elaboración de su tesis doctoral, inscrita en el Departamento de Teoría Sociológica y Metodología de las Ciencias Sociales de la Universidad de Barcelona, y que analiza las movilizaciones en el País Vasco entre 1974 y 1977 en relación con el cambio político acaecido en el Reino de España.

² Pau Casanellas es Doctor Europeo en Historia por la Universidad Autónoma de Barcelona (2011) y miembro del Centro de Estudios sobre las Épocas Franquista y Democrática (CEFID) de esta misma universidad (<http://cefid.uab.cat/>). Su tesis doctoral, titulada “Morir matando. El franquismo en crisis ante la violencia política, 1968–1977”, analiza la política estatal de los últimos años de la dictadura franquista ante las organizaciones armadas, ETA particularmente.

coincidiría con un incremento sustancial de las movilizaciones sociopolíticas, que en los meses y años siguientes imposibilitaría el asentamiento de los sucesivos proyectos gubernamentales.¹

1974 comenzó para el movimiento obrero bajo el signo recesivo subsiguiente al atentado mortal contra Carrero. No obstante, y como señalaba el propio gobernador civil de Guipúzcoa, “una vez iniciadas las actividades políticas del nuevo Gobierno, se observa una escalada general en la subversión, que de una forma progresiva no deja de ascender continua y prácticamente sin interrupción”.² Entre las huelgas de mayor envergadura es obligado consignar los conflictos iniciados a finales de mayo en numerosas empresas de Tolosa (Guipúzcoa) en defensa de una tabla reivindicativa intersectorial elaborada por las CCOO de la localidad, fuertemente influidas por la ORT,³ así como la huelga en la factoría del polígono de Landaben (Navarra) de la empresa automovilística Authi, que arrastraba un conflicto desde diciembre.⁴

Un salto cualitativo en las movilizaciones sociopolíticas vascas llegaría con las jornadas de lucha de diciembre de 1974, tanto por el número de personas movilizadas, inalcanzado hasta entonces, cuanto por el carácter ofensivo de las movilizaciones, que no respondían a ningún hecho represivo concreto. El punto culminante fue la huelga general del día 11, convocada por la Coordinadora Provincial de CCOO de Navarra y la coordinadora mayoritaria de Guipúzcoa y con la adhesión de las comisiones de la Margen Derecha del Nervión, el MCE, la ORT y la LCR-ETA (VI). La jornada se ensambló tanto con la huelga de hambre de los presos políticos iniciada semanas antes como, en Navarra, con la propia dinámica de las luchas obreras a escala de empresa. Una de las características de la huelga fue la incorporación a la protesta de sectores de la población que hasta el momento no habían participado en conflictos laborales ni en movilizaciones antifranquistas. Así lo acreditaba, por ejemplo, el cierre de comercios. A la hora de hacer balance de la jornada, el Gobierno Civil de Guipúzcoa consignaba que “desde un punto de vista realista [,] hay que admitir que [la convocatoria] resultó un éxito”.⁵

A rebufo de la jornada de huelga general, las protestas laborales prosiguieron en algunas zonas. De especial importancia fue el conflicto en Potasas de Navarra, que provocó la intervención directa del Consejo de Ministros.⁶ En Guipúzcoa, la localidad en que más se prolongó la protesta obrera después del 11 de diciembre fue nuevamente Tolosa, donde la convocatoria de huelga general propició la reanudación del conflicto iniciado en mayo, con nuevas reivindicaciones tanto laborales como extralaborales.⁷

¹ En los dos últimos años de vida de Franco se rebasaron todos los registros de horas no trabajadas anotados hasta entonces. Carme Molinero y Pere Ysàs, *Productores disciplinados y minorías subversivas. Clase obrera y conflictividad laboral en la España franquista*, Madrid, Siglo XXI, 1998, p. 96.

² Gobierno Civil de Guipúzcoa, “Memoria de la provincia correspondiente al año 1974”. Abril de 1975. Gobierno Civil: c. 3679. Archivo Histórico Provincial de Guipúzcoa (AHPG).

³ Marie Aibar, *Le mouvement ouvrier en Guipuzcoa pendant le franquisme*, Pau, Université de Pau, tesis doctoral, 1981, vol. II, pp. 262 y 264.

⁴ José Vicente Iriarte, *Movimiento obrero en Navarra (1967–1977). Organización y conflictividad*, Pamplona, Gobierno de Navarra, 1995, pp. 194–199. ELA-STB, “Grève Authi”. 4–VII–1974. Pendiente de catalogación. Lazkaoko Beneditarren Fundazioa (LBF).

⁵ Gobierno Civil de Guipúzcoa, “Memoria de la provincia correspondiente al año 1974”. La prensa legal cifró el seguimiento de la protesta en 200000 huelguistas. *Cambio 16*, 162 (23–XII–1975), pp. 24–25.

⁶ Gobierno Civil de Navarra, “Memoria correspondiente al año 1975”. [1976]. Interior, Ministerio del Interior, Secretaría General Técnica (SGT): c. 32/11451. Archivo General de la Administración (AGA).

⁷ Marie Aibar, *Le mouvement ouvrier...*, vol. II, pp. 263–265.

El programa aperturista recibió un duro golpe con la aprobación por el Consejo de Ministros el 25 de abril del Decreto-ley 4/1975, por el que se declaraba el estado de excepción en Guipúzcoa y Vizcaya por un período de tres meses. No fue casual que al día siguiente de declarado el estado de excepción el fiscal militar de la capitanía de Burgos despachara su petición de pena de muerte contra los dos procesados por el atentado mortal contra el guardia civil Gregorio Posadas: José Antonio Garmendia y Ángel Otaegi. Como en 1970, el franquismo se veía obligado a decretar el estado de excepción para poder llevar a cabo consejos de guerra.¹ Aunque desde mediados de 1975 los conflictos laborales fueron perdiendo el vigor conseguido durante los primeros meses del año, los evidentes esfuerzos destinados a la contención de las movilizaciones no impidieron que, incluso bajo el estado de excepción, se sucedieran las movilizaciones por la absolución de Garmendia y Otaegi, de Eva Forest y los demás encausados en los sumarios de los atentados contra Carrero y la cafetería Rolando, así como de denuncia de la represión. Así, según los recuentos de la oposición, la jornada de lucha del 11 de junio obtuvo el seguimiento de entre 50000 y 60000 trabajadores en Guipúzcoa, si bien las cifras fueron harto menores en Vizcaya y Navarra.²

Las convocatorias antirrepresivas obligaron al gobierno a dar una nueva vuelta de tuerca. El Decreto-ley 10/1975, de 26 de agosto, sobre prevención del terrorismo, extendió a todas las zonas del Estado, por un período de dos años, la situación de excepción que se vivía en Guipúzcoa y Vizcaya desde finales de abril, lo que suponía la renuncia *de facto* a proseguir programa aperturista alguno. La contestación desatada a partir de entonces –hubo paros generales entre el 28 de agosto y el 3 de septiembre, los días 11 y 12 de septiembre y, ya materializados los fusilamientos, los días 29 y 30 de septiembre– puso de relieve el alto grado de concienciación política existente, por cuanto “sectores cada vez más amplios han asumido la lucha a favor, primero, de Garmendia y Otaegi, después ante los consejos de guerra sumarios y sumarísimos contra el FRAP, y luego ante todo Consejo de guerra, toda represión, *casi olvidando los nombres de quienes sucesivamente han sido condenados a muerte*”.³

Aunque para el régimen acaso resultara más problemática la retirada temporal de los embajadores de la mayoría de los países occidentales que las huelgas en el País Vasco, por lo menos en el plazo más inmediato, el nivel de concienciación política y de movilización adquirido en Euskadi se convertiría en los meses siguientes en un elemento central de la vida política española, sin cuya participación sería difícil comprender tanto la extensión de la protesta a otras zonas como la renuncia de las elites franquistas a su voluntad de perpetuar la legalidad y las instituciones franquistas tras la muerte del dictador.

La conquista de la calle

El indulto que acompañó a la coronación de Juan Carlos de Borbón como rey de España difícilmente podía ser aceptado por el antifranquismo. Aunque ya estaba presente anteriormente entre las reivindicaciones de la oposición, en los meses siguientes la petición de amnistía se convertiría en uno de los ejes articuladores de las

¹ Sobre las consecuencias del estado de excepción, véase Noticias del País Vasco, *Euskadi: el último estado de excepción de Franco*, París, Ruedo Ibérico, 1975, pp. 27–92.

² Noticias del País Vasco, *Euskadi...*, pp. 143–147. Según documentación de la Jefatura Superior de Policía de Bilbao, en Guipúzcoa pararon 22108 trabajadores. *Boletín Informativo Regional* (BIR), 1419 (14–VI–1975). Archivo del Gobierno Civil de Vizcaya (AGCV).

³ Pablo Harri [Luciano Rincón], “Crónicas prenecrológicas de un régimen”, *Cuadernos de Ruedo Ibérico*, 46–48 (junio-diciembre de 1975), p. 111. La cursiva es añadida.

movilizaciones sociopolíticas y, precisamente por eso, también en una de las principales cuestiones que determinarían la agenda política gubernamental.

Paralelamente a la ratificación de Arias Navarro al frente del ejecutivo, durante el primer semestre de 1976 se produjo una verdadera explosión de conflictos laborales, que se explica por la combinación de las expectativas generadas a raíz de la muerte de Franco y la renovación de alrededor de dos tercios de los convenios colectivos en el conjunto del territorio estatal. En el País Vasco arreciaron de nuevo las huelgas solidarias: en enero en Zarautz (Guipúzcoa) y en febrero en Andoain (Guipúzcoa).¹ En Navarra, ante la negativa del Consejo Provincial de Empresarios a negociar un convenio general que cubriera a todos los trabajadores de la provincia, en febrero de 1976 proliferaron las manifestaciones y los paros, que afectaron a las empresas más importantes de la provincia, así como al sector sanitario y la enseñanza. Simultáneamente, el sector de la construcción vivió una huelga en solidaridad con operarios despedidos en varias empresas en conflicto.²

Tanto por el número de trabajadores movilizados y la duración del conflicto, cuanto por el grado de autoorganización obrera alcanzado y el carácter a un tiempo reivindicativo, solidario y de clase mostrado y, por todo ello, por las consecuencias políticas que se derivaron, el conflicto más importante de los primeros meses de 1976 fue el que enfrentó entre enero y marzo a las direcciones empresariales con las plantillas de la mayoría de grandes fábricas de Vitoria (Álava). Sobre la naturaleza de los conflictos de 1976, el Gobierno Civil de la provincia constataba que “huelgas políticas y huelgas laborales se han confundido en un solo movimiento que no deja de antojarse un serio intento revolucionario”.³

A principios de enero, con motivo de la renovación de los convenios colectivos, empezaron a sucederse los paros laborales en la mayoría de grandes empresas vitorianas. Las peticiones de los trabajadores partían de la tabla reivindicativa común elaborada en octubre de 1975 por la Coordinadora Obrera de Vitoria, constituida a finales del año anterior a propuesta de los Comités Obreros de Álava, entre cuyas reivindicaciones figuraban aumentos salariales iguales para toda la plantilla y la negociación directa entre la dirección y una comisión elegida en asamblea por los trabajadores. A raíz del inicio de cierres patronales, los huelguistas empezaron a realizar sus asambleas en iglesias. A partir de mediados de enero, se sucedieron los despidos, lo que dio pie a la celebración, el día 22, de la primera asamblea conjunta de trabajadores en huelga, en la que se constituyó la Coordinadora de Comisiones Representativas de Fábricas en Lucha. Los días 16 y 23 de febrero hubo sendas huelgas generales y el 3 de marzo el movimiento huelguístico llegó a su apogeo: según el propio Gobierno Civil, ese día “prácticamente se vio paralizada toda Vitoria”.⁴ El desalojo policial de la asamblea conjunta realizada por la tarde en la iglesia de San Francisco de Asís provocaría la muerte de cinco trabajadores. Inmediatamente, una huelga general fue convocada en todo el País Vasco. Aunque su extensión temporal difirió según los territorios, el seguimiento fue masivo.

¹ Secretariado Social de la Diócesis de San Sebastián, “Conflictos laborales de larga duración en Guipúzcoa”. 26-IV-1976. Pendiente de catalogación. LBF.

² José Vicente Iriarte, *Movimiento obrero...*, pp. 276-283.

³ Gobierno Civil de Álava, “Memoria de gestión del Gobierno Civil de Álava correspondiente al año 1976”. 1977. Gobierno Civil / Subdelegación del Gobierno: c. 704, carp. 6. Archivo Histórico Provincial de Álava (AHPA).

⁴ *Ibid.*

Las muertes del 3 de marzo supusieron el descrédito definitivo para el programa gubernamental de reformas, que tropezaría también con la oposición de las instituciones. Rechazado por una parte importante de la elite política franquista y, mucho más importante, en la calle e incapaz, por lo tanto, de vertebrar consenso social alguno, el proyecto Arias-Fraga había abarrancado.

La conquista de las libertades

La dimisión forzada de Arias Navarro el 1 de julio de 1976 y la sorprendente elección de Adolfo Suárez como nuevo presidente, el día 3, dio pie a la formación de un gabinete de segundas espadas cuya orientación era toda una incógnita, aunque nada hacía prever cambio sustancial alguno en el rumbo de la política gubernamental. Uno de los retos que tuvo que afrontar el nuevo ejecutivo fue la convocatoria por parte de Coordinación Democrática de una semana proamnistía entre el 5 y el 11 de julio. En el transcurso de una marcha en Santurtzi (Vizcaya) el día 9, agentes de paisano de la Guardia Civil mataron “de un disparo a la cabeza” a una de las participantes, Normi Menchaca.¹ En respuesta, el día 12 hubo una nueva huelga general en Vizcaya.²

Cada vez aparecía como más evidente que las peticiones de la calle debían obtener una respuesta. La JSP de Bilbao indicaban al respecto, en sus boletines internos, que, atendiendo al “mayor desahogo” que se advertía día a día en las manifestaciones de la oposición, así como a la voluntad de sus integrantes de convertirse en “amos de la calle”, el gobierno “debería pactar con dichas fuerzas hacia una democratización a su complacencia”.³ De modo que el desarrollo exitoso de cualquier programa de reforma tutelado desde las instituciones y la desactivación de las movilizaciones tenían como *conditio sine qua non* la promulgación de una amnistía. Sin embargo, las excarcelaciones a que dio lugar el Real Decreto-ley 10/1976, de 30 de julio, no sirvieron para contener las movilizaciones por la amnistía, que a partir de entonces se convertiría todavía más en una reivindicación especialmente vasca.

La muerte del militante de las CCOO Jesús María Zabala en Hondarribia (Guipúzcoa), el 8 de septiembre, alcanzado por el disparo de un guardia civil, no haría más que avivar las protestas. En respuesta a su muerte, el 13 de septiembre una huelga general paralizó toda la industria de Guipúzcoa y obtuvo cierto eco en otros territorios vascos. En este ambiente de movilización general se llegó a la convocatoria del 27 de septiembre, con motivo del aniversario de los fusilamientos de 1975 y en reivindicación de la amnistía. Las previsiones de los responsables del orden público quedarían cortas ante el alcance del paro en el País Vasco, que vivió “la huelga más importante de su historia”.⁴ Según la percepción policial, la huelga fue “prácticamente total en las provincias de Vizcaya y Guipúzcoa y de gran extensión en Álava y Navarra”.⁵

Las esperanzas de la oposición para condicionar la política gubernamental estaban puestas, en gran medida, en la repetición en otoño de un ciclo de movilizaciones similar al del primer trimestre del año. Conflictos como el de la construcción en

¹ 541ª Comandancia de la Guardia Civil, “Informe adicional a los emitidos en días anteriores dando cumplimiento a lo ordenado por el Excmo. Señor Gobernador Civil de la Provincia, en escrito número 21272, de fecha 27 de diciembre de 1973”. 11-VII-1976. AGCV.

² En Vizcaya, las autoridades cifraron los huelguistas en 21754. Delegación Provincial del Ministerio de Trabajo, “Nota”. S/f. AGCV.

³ BIR, 1284 (10-VII-1976). AGCV.

⁴ *El País*, 29-IX-1976.

⁵ *Boletín de Situación*, 182 (29-IX-1976). Gobernadores Civiles: c. 532. Archivo General de la Delegación del Gobierno en Cataluña.

Vizcaya, que mantuvo prácticamente paralizado el sector desde octubre,¹ parecían hacer viable la apuesta de abrir un nuevo ciclo de protesta, pero las propias organizaciones mayoritarias de la oposición española habían abandonado ya toda estrategia movilizatoria que fuera más allá de jornadas generales de lucha focalizadas en fechas limitadas. Cuando la Coordinadora de Organizaciones Sindicales convocó una huelga general en todos los territorios del Estado, el 12 de noviembre, no obtuvo el éxito esperado. Aun así, la huelga tuvo notable eco en sectores como el metal y la construcción, así como en Madrid, Barcelona, Sevilla, Valencia y el País Vasco, donde, no obstante, el seguimiento fue menor que el de la jornada del 27 de septiembre.

En los meses siguientes el gobierno conseguiría recuperar la iniciativa política por medio de la aprobación –primero en las Cortes y después en referéndum– de la Ley para la Reforma Política, que debía culminar en unas elecciones por sufragio universal. Debido a la ambigüedad del redactado de la ley, que no precisaba si las Cortes salientes de la convocatoria electoral prevista tendrían o no carácter constituyente, y dada también la inconcreción de la reforma del Código Penal aprobada por las Cortes el 14 de julio, el alcance de la reforma Suárez tendría que comprobarse en su desarrollo.

1977 empezó en Euskadi con encierros, huelgas de hambre y manifestaciones por la amnistía. La capacidad de convocatoria de las llamadas a la huelga seguía intacta. Así lo certificaban el paro del 26 de enero, coincidiendo con la convocatoria estatal en repulsa al atentado contra los abogados de Atocha, o la huelga secundada por el 54% de la población asalariada de Álava en el primer aniversario de los sucesos del 3 de marzo, coincidiendo con una semana de movilizaciones por la amnistía.² La muerte de dos militantes de ETApM el 8 de marzo en un control de la Guardia Civil provocó nuevos movimientos huelguísticos en Guipúzcoa a partir del día 9. Ante la perspectiva de un incremento de la movilización, el Consejo de Ministros se vio obligado a aprobar, en la sesión del 11 de marzo, un nuevo decreto-ley ampliatorio de las medidas de indulto promulgadas en julio de 1976.

La lenta salida de los presos políticos sujetos a la aplicación de la “gracia” gubernamental sería motivo de enojo para una parte significativa de la sociedad vasca: el 13 de abril, el PNV acordaba su retirada de la *Comisión de los Diez*. A principios de mayo, después que el gobierno anunciara que habían sido excarcelados todos los presos “amnistiables”, todavía una treintena de presos políticos vascos continuaban entre rejas. La Comisión Gestora Pro Amnistía de Guipúzcoa anunció entonces la convocatoria de una semana por la amnistía entre el 7 y el 15 de mayo, que culminaría con concentraciones en las cuatro capitales de provincia. La tensión crecería extraordinariamente a medida que, para contener los actos convocados en el seno de la semana proamnistía, se iban sucediendo las muertes de ciudadanos fruto de la represión policial (en total, morirían seis personas). En plena tensión por estas muertes y por la irrupción de los comandos *Berezi*, escindidos de ETApM, que el 18 de mayo mataron a un agente de la Policía Armada y el 20 secuestraron al empresario Javier de Ybarra, el Consejo de Ministros acordó, el mismo 20 de mayo, la concesión de nuevas medidas excarcelatorias, aunque en algunos casos sujetas al extrañamiento.

Acertaba el columnista de *El País* Martín Prieto cuando subrayaba que: “Es obvio que el cabal entendimiento político del significado de una amnistía sólo lo entendió el primer gobierno Suárez cuando la semana por la amnistía en Euskadi deparó

¹ Pedro Ibarra, *El movimiento obrero en Vizcaya. Ideología, organización y conflictividad (1967–1977)*, Bilbao, UPV/EHU, 1987, pp. 519–520.

² SIGC 542ª Comandancia, “Nota informativa. Asunto: Manifestaciones en Vitoria con motivo de un aniversario”. 4–III–1977. Gobierno Civil / Subdelegación del Gobierno: c. 983, carp. 2. AHPA.

seis muertos en las calles. Fue entonces cuando el gobierno –tarde y mal– se apresuró a vaciar sus prisiones de etarras históricos antes de las elecciones.”¹

La conquista de la amnistía

Una vez celebradas las elecciones y ante la ausencia de respuesta del nuevo gobierno de la UCD a las peticiones de promulgación de una amnistía total, el 10 de julio dio comienzo la Marcha de la Libertad, convocada para reivindicar la amnistía y un estatuto nacional de autonomía para el País Vasco. La marcha culminaría el 28 de agosto en Arazuri (en las afueras de Pamplona) con una concentración multitudinaria. También fueron especialmente concurridas las manifestaciones de principios de septiembre por la amnistía. El Gobierno no se plantearía seriamente el tema hasta entonces, habiéndose comprobado nuevamente la capacidad de convocatoria de estas consignas. El 15 de septiembre, noticias de agencia informaban de la intención del ejecutivo de Suárez de considerar “de inmediato” la cuestión de la amnistía.²

El texto final de la ley, acordado el 6 de octubre, sería el resultado tanto de la conciliación de las dos proposiciones de ley finalmente presentadas (la de la oposición y la del Gobierno) como de la presión ejercida por algunas voces críticas, procedentes sobre todo del País Vasco. Las alarmas encendidas a raíz de la voluntad de limitar al 15 de junio la aplicación de cualquier medida excarcelatoria, circunstancia que hubiera dejado fuera de su aplicación a algunas decenas de presos,³ posibilitó que, finalmente, se acordara un triple umbral temporal en la aplicación de la amnistía. Cuando, a principios de diciembre, fue liberado Francisco Aldanondo (considerado por muchos el último preso político vasco), una parte de los sostenedores de las movilizaciones proamnistía dieron por cumplidas sus pretensiones. No así otra parte, que mantuvo su aspiración de crear las condiciones para que no hubiera nuevos exiliados y presos políticos.

El nivel de movilización en el País Vasco durante el período final del franquismo no puede ser tomado como representativo del conjunto de territorios del Estado. Aun así, se hace difícil pensar que algún gobierno hubiese podido hacer frente al nivel de politización y protesta logrado en algunos territorios, entre los que el País Vasco destacaba especialmente, sin tener que renunciar a algunos de sus principios básicos. Si bien el antifranquismo no pudo forzar exógenamente el final del régimen, sí que frustró el proyecto reformista del primer gobierno del *franquismo sin Franco*. Asimismo, disuadió al segundo de seguir por la misma senda, obligándolo a asumir parte del programa de la oposición. La conquista de la amnistía, aunque considerada como parcial por algunos de quienes más se habían destacado en su defensa, constituyó el más claro ejemplo de ello.

Siglas

CCOO	Comisiones Obreras
EEUU	Estados Unidos
ETA (V)	Euskadi ta Askatasuna (V Asamblea)
ETApm	Euskadi ta Askatasuna politicomilitar
FRAP	Frente Revolucionario Antifascista y Patriótico

¹ *El País*, 19-VI-1977.

² *La Vanguardia Española*, 16-IX-1977.

³ Francisco Letamendia, *El no vasco a la reforma. La consolidación de la reforma*, San Sebastián, Txertoa, 1979, pp. 22-23.

JSP	Jefatura Superior de Policía
LCR-ETA (VI Asamblea)	Liga Comunista Revolucionaria – Euskadi ta Askatasuna (VI)
MCE	Movimiento Comunista de España
ORT	Organización Revolucionaria de Trabajadores
PNV	Partido Nacionalista Vasco
UCD	Unión de Centro Democrático

From the Greatest Victories to the Biggest Defeat: The British Coalminers' National Strikes of 1972, 1974 and 1984–85. Dave Lyddon¹

Within the space of thirteen years coalminers first inflicted two humiliating defeats on the British government and then, after the longest major strike in British history, suffered themselves what, in retrospect, was a catastrophic defeat. Those strikes epitomized, again looking back, the high points of the 1968-74 strike wave and the low point of a brutal decade (the 1980s) in Britain that was characterized by 'coercive pacification' (Hyman 1984: 198–199) of trade unions.

All three strikes took place during the period when the coal industry was nationalized (run by the National Coal Board, NCB) and, thus, the state (as the ultimate employer) was in a position to mobilize resources to counteract the effects of each strike and stand the necessary cost involved (however high that might be). By the 1970s the dominant consumer of coal was the electricity supply industry, through its coal-fired power stations. Although some other users of coal (such as the iron and steel industry) could be crippled by being starved of necessary supplies (i.e. coking coal), these strikes were won or lost by the ability of power stations to supply electricity for industrial, commercial, essential and domestic use. This, in turn, meant that whoever controlled (or could stop) the movement of coal, of oil (as the main alternative fuel, at the time, to generate electricity) and of other essential supplies for the functioning of power stations, would dictate the outcome of any major strike in the coal industry. This paper therefore concentrates on the miners' efforts in the three strikes to restrict electricity supply sufficiently to bring government to the bargaining table.

This seems obvious now but it was not so before the 1972 strike over a wage claim by the National Union of Mineworkers (NUM) at a time of a government attempt to restrict public-sector pay increases. National newspapers were almost unanimous that the miners would be defeated (Darlington and Lyddon 2001: 37–38). Government ministers were equally confident,² although expecting the strike 'to continue for at least a month'.³ The last national miners' strike (seen as a lock-out by most miners, and the cause of the nine-day General Strike) had been in 1926 when one million miners, working for private companies, had been starved back to work, most after six or seven months. Preceded by an overtime ban, from 9 January 1972 nearly 300,000 miners, with their own 289 collieries secure (and only picketed to limit the amount of safety cover and to stop coal stocks being moved out) not only picketed coal users and coal stockists in their own areas but came out of the coalfields. Their mission was to stop all movement of coal, particularly into power stations, wherever situated. This 'novel,

¹ Dave Lyddon (London 1947) studied philosophy, politics and economics at Oxford University before working for several years as a spot-welder in a car factory. He took an MSc in industrial relations at the London School of Economics in 1979 before PhD research at Warwick University (completed 1987) on the history of a trade union. Since 1988 he has lectured at the Centre for Industrial Relations, Keele University, UK. He has edited a journal, *Historical Studies in Industrial Relations*, since 1996, co-authored *Glorious Summer: Class Struggle in Britain, 1972* (2001) and co-edited *Strikes around the World, 1968–2005* (2007).

² 'If [...] [it] can be settled at the level of the present offer *after* the cost to the NUM [National Union of Mineworkers] and the miners of several weeks' strike there is a good chance that the wage round next year can be brought down to the level of 5 or 6 per cent' (original emphasis): Department of Employment memo attached to correspondence from Robert Carr to Edward Heath, 6 January 1972, PREM 15/984, The National Archives, Kew, London (TNA).

³ Cabinet Conclusions, 11 January 1972, CAB 128/50, TNA.

intelligent and very largely successful' tactic (Foster 1973: 75) developed very quickly through a combination of rank-and-file initiatives (particularly the use of 'flying' or mobile pickets and sometimes mass pickets) and official support by other unions (which advised or instructed members not to cross NUM picket lines). It rapidly also stopped oil going into oil-fired power stations (where it was feared that more oil than normal would be burned). Here the transport unions, particularly rail unions (whose members moved the bulk of coal and some oil), were central to solidarity (sympathy) action; power station workers also often refused to help their managers break the strike.

Politicians were taken completely by surprise. There had been unofficial strikes over wages by large numbers of miners in 1969 and 1970; the first had involved picketing other miners out (but not secondary targets), while the second followed a strike ballot where 55% had voted in favour but below the two-thirds majority required (which led to the rules being changed in 1971 to require a 55% vote for an official strike to take place) (Allen 1981: 155–166). Edward Heath, the Conservative Prime Minister, recalled: 'we did not anticipate [...] the spasm of militancy from a union which had been relatively quiet for so long, and the tactics it was prepared to adopt. The use of "flying pickets" [...] took us unawares' (Heath 1998: 350). Margaret Thatcher, a Cabinet minister at the time, wrote: 'the possibility of effective mass picketing which would prevent oil and coal getting to power stations, was simply not on the agenda' (Thatcher 1995: 216).

Within a few weeks pickets had also stopped other essential supplies –sulphuric acid, hydrogen, caustic soda, lighting-up oil and so on – entering many power stations. After three weeks, power cuts were necessary to reduce electricity consumption in order to conserve coal stocks inside power stations. The government declared a 'state of emergency' after a month. It now had little room to manoeuvre. A 'court of inquiry'¹ was established, to make recommendations for a settlement, and pressure was put on to call off the pickets. As secondary picketing by thousands of Birmingham engineering and car workers had, earlier that day, shut down a coke depot (at Saltley) despite a large police presence, the NUM was not going to throw away its trump card.²

The court of inquiry met on 14–16 February and recommended large pay increases on 18 February but the union rejected them. A Cabinet minister had told the House of Commons (the British Parliament) the day before that, even with significant extra restrictions on electricity supply (involving regular power cuts), power stations could only last one more week before they would be down to 'non-coal generated capacity – equal to 20–25 per cent of normal load – and sufficient to meet only the essential services'.³ The union was, according to a senior civil servant, now in 'the strongest conceivable bargaining position' (Barnes and Reid 1980: 153–154). The NUM national executive committee (NEC) squeezed extra concessions out of the government and settled (subject to a membership ballot which took another week, during which the strike continued though picketing was stopped) in the early hours of 19 February. A. J. P. Taylor, the famous historian, wrote to *The Times* that 'Fifty years ago the miners were driven back to the pits by the lash of hunger [...] Now the miners have avenged the defeats of 1921 and 1926, I rejoice at the miners' victory and I record that February

¹ An *ad hoc* independent committee to hear both sides and recommend a settlement.

² For accounts of the 1972 miners' strike, see Allen 1981: 171–220; Darlington and Lyddon 2001: 31–73; Taylor 2005: 49–72. For the mass pickets at Longannet power station in Scotland, attempting to stop employees from entering, during 8–18 February, see Phillips 2006.

³ *Parliamentary Debates (Hansard)*, vol. 830, 17 February 1972, cols 623–624.

19 will be long remembered as a glorious day in the history of the British working class'.¹

The immediate consequence of the humiliating end to the miners' strike was the government's determination to avoid a repeat in the railway industry. Unlike the miners' dispute, railway pay negotiations now figured regularly at Cabinet meetings. On 2 March, coal stocks were 'at a vulnerable level', with the miners only having returned to work two days earlier.² Four days later Heath emphasized that 'given the importance of gaining time in which to rebuild coal stocks [...] it should be the [British Railways] Board's aim to avoid, if possible, any breakdown in the negotiations which might lead to early industrial action'.³ The government succeeded in delaying action and used the cooling-off period and compulsory ballot available under the 1971 Industrial Relations Act (see Darlington and Lyddon 2001: 75–93); this hardened attitudes, making a settlement more difficult, and was one reason why this Act had not been used against the miners.

The miners' strike popularized the tactics of mass pickets and flying pickets, which were to be used successfully in the dockers' and building workers' disputes later that year (Darlington and Lyddon 2001: 141–177 and 179–207). Despite the rebuffs of 1972 the Heath government was able to impose a statutory incomes policy (initially stopping, and then limiting, wage increases) in November of that year. This was not seriously challenged until the miners were ready for another attempt to restore their earnings position. Another miners' overtime ban was started on 12 November 1973, opportune as oil prices had just risen dramatically as a result of the oil crisis of that autumn, making the price of coal much more competitive in the energy market.

Given the shambles of government planning before and during the 1972 strike, there was an inevitable over-reaction and this time a state of emergency was declared the next day, 13 November 1974 (Jeffery and Hennessy 1983: 239). Restrictions on electricity use were announced, culminating in limiting industry to a three-day week (Monday–Wednesday or Thursday–Saturday) from 1 January 1974.⁴ The government refused an offer from the Trades Union Congress (TUC) in January to treat the NUM as a special case, so the union eventually balloted for a strike and achieved a much higher majority (81% of the 232,000 who voted) than in 1972. Notice had already been given that any strike would commence at midnight on 9 February 1974. Once the ballot result was known the Prime Minister announced on 7 February that Parliament would be dissolved and there would be a General Election on 28 February. Heath asked the union to suspend starting the strike during the election campaign but the NUM president, Joe Gormley, was unsuccessful in persuading the NEC. The Conservative Party's election theme was 'Who governs Britain?'

A memorandum to the Cabinet on 6 February had spelled out that there was 'capacity to maintain electricity supply until the end of March [...] which] can be extended to mid-April by stepping up oil supplies to the Central Electricity Generating Board [CEGB] [...] without imposing further cuts on industry or commerce'. There were other constraints. In the steel industry: 'production will fall to 50 per cent in the first week of the strike, due to shortage of coking coal. This level will work through to

¹ *The Times*, 22 February 1972

² Cabinet Conclusions, 2 March 1972, TNA.

³ Cabinet Conclusions, 6 March 1972, TNA.

⁴ There was some delay in government action because a dispute by the electrical power engineers had to be settled before power stations were fully functional.

user industries in about 3–4 weeks and supplies will then be insufficient to maintain normal working even on a 3-day week.’¹ In the event, the strike ‘damaged BSC [British Steel Corporation] coke ovens and affected steel production for some time’ (Beauman 1996: 18).

After the 1972 strike a Civil Contingencies Unit, reporting to the Cabinet, had been set up as ‘the principal mechanism for meeting the effects of stoppages in essential industries’ (Jeffery and Hennessy 1983: 237). It had considered ‘exhaustively’ the possibility of emergency regulations to control the hiring of coaches during a future miners’ strike: if coaches could not be hired, then pickets would travel in cars and would be more difficult to track (though that problem was ‘solved’ by roadblocks during the 1984–85 strike).² A police National Reporting Centre had also been set up in 1972,³ under the control of the Association of Chief Police Officers, and based at the headquarters of the (London) Metropolitan Police and this was used in the 1974 strike (Kettle 1985: 23–24). The possibility of using the Industrial Relations Act against pickets was discussed on 8 February: if restraining orders on individuals were ignored the pickets would be in contempt of court, leading to imprisonment and martyrdom (as had happened with five London dockers in July 1972 – Darlington and Lyddon 2001: 154–175), so this was not pursued.⁴

Little has been written about the 1974 strike⁵ as, once arrangements had been made with the main transport unions to respect NUM picket lines, the strike was, with a few localized exceptions, very passive. The NUM NEC had earlier decided not to allow the spontaneous picketing that had erupted early in 1972; NUM area liaison committees, after authorization by a National Strike Committee, were to decide on picketing activities. Particularly important was the NUM’s restriction of a maximum of six pickets at any one site. Picketing expenses were controlled centrally and the money ran out after one week; thereafter pickets were only entitled to travelling expenses that were met locally.

The author of this paper (then a car factory worker on a three-day week) remembers sitting in a car with one other person for several hours, as the sum total of a picket line, outside Didcot power station in Oxfordshire. Daily reports were collected on picket activity around the country. After almost negligible activity on the first day (a Sunday) of the strike, reports were to be collated of the situation at 12.00 and 18.00 every day. After two days the 18.00 ‘census’ was abandoned. The highest number of collieries picketed was 206 and the maximum number of power stations 86, with the peak number of premises being 340. The total number of weekday pickets (counted at midday each day) varied between 1,000 and 2,000. Occasional mass pickets took place over safety cover at collieries. The highest number of police recorded on duty at 12.00 was 170 and the total for the whole country was usually below 100. No arrests were recorded apart from an incident at 1.00 a.m. one morning when three pickets outside a

¹ Cabinet Memorandum by the Secretary of State for Energy, ‘Response to a Coal Miners’ Strike’, 6 February 1974, CAB 129/174/8, TNA.

² HO 322/409, TNA.

³ An important development as the UK does not have a national police force.

⁴ ‘Picketing and the Law’, meeting with nationalized industries chairmen, 8 February 1974, T 342/484, TNA.

⁵ The main accounts are Allen 1981: 231–258 and Taylor 2005: 84–102.

Nottinghamshire power station were arrested ‘for stealing power station [wooden] fencing which they were using on a fire’, presumably to keep warm.¹

No party won an overall majority in the General Election, with the Labour Party obtaining five more seats than the Conservatives, so Labour eventually formed a minority administration. A settlement that greatly improved miners’ wages was quickly negotiated, before Labour applied the Conservatives’ incomes policy limits until July 1974; the five-day working week was reinstated from midnight 8 March.² As Vic Allen (1981: 258) noted, ‘the strike was lost by the Government more than it was won by the miners’. But, as Andrew Taylor (2005: 102) has pointed out, there was now ‘the perception that the NUM was capable of bringing down an elected government and this perception was to dominate British politics for the next ten years’.

One idea discussed before the 1974 strike was to restrict the payment of supplementary (social security) benefit to strikers’ families; several alternative Parliamentary bills were discussed by the Cabinet. Sir Keith Joseph, the relevant secretary of state, admitted that, in relation to the miners’ dispute, such measures ‘could further harden attitudes and mobilise financial support for the miners from other unions’. It was also noted that ‘Pay As You Earn [income tax] refunds could play a significant part in sustaining a striker’s income even if supplementary benefit is restricted’.³

When Thatcher became Conservative Party leader in 1975 (having defeated Heath, who was severely damaged by the loss of the 1974 election), she set up several policy groups; one, the ‘Authority of Government Group’, considered what could be done in a major strike, particularly in an essential industry. While its proceedings remained secret, its timid conclusions were superseded by those of another group that examined, within its remit, future policy for existing nationalized industries (Dorey 2009); chaired by (future minister) Nicholas Ridley MP, its conclusions became known as the Ridley Report. Rather than ‘making strikes illegal in certain sensitive industries’, which it was felt would be strongly opposed ‘with little worthwhile result’, ‘legislation to deal with tax refunds and unemployment pay [i.e. social security payments to families of strikers] would be far more likely to succeed’. In a ‘confidential annex’ the report speculated that ‘the enemies of the next Tory [i.e. Conservative] Government will try and destroy this policy’. As a result ‘we might try and provoke a battle in a non-vulnerable industry, where we can win’, such as the railways, the civil service or the steel industry. In addition, ‘we must take every precaution possible to strengthen our defences against all out attack in a highly vulnerable industry’, of which the most likely would be coal. Here, ‘maximum’ coal stocks were needed at power stations; and plans were required to import coal at short notice, along with arranging for ‘certain haulage companies to recruit in advance a core of non-union lorry [truck] drivers to help us move coal where necessary’ and be ‘prepared to cross picket lines, with police protection’. Dual coal/oil firing should be installed in all power stations where practicable. More generally, and not specific to the coal industry, ‘violent picketing’ needed to be countered by ‘a large, mobile squad of police’, while it was necessary ‘to

¹ Daily ‘Situation Report’, National Reporting Centre, HO 322/409, TNA.

² Cabinet Conclusions, 7 March 1974, CAB 128/54/2, TNA.

³ Cabinet memorandum by the Secretary of State for Social Services, ‘Supplementary Benefit for Strikers’ Families’, 29 January 1974, CAB 129/174/7, TNA.

cut off the supply of money to the strikers'.¹ This report was leaked to the *Economist* in 1978,² so union leaders could not say they had not been warned.

When the Conservatives were returned to government in May 1979, they wasted little time in raising the cost to, and difficulty for, unions and workers engaged in industrial action. Their 'reforms' to social security payments were enacted in 1980, whereby it was deemed that anyone on strike would be assumed to be receiving a sum in strike pay from a union (whether or not they were in one). If there were any entitlement to social security benefit (and only families – i.e. the spouse and children – of strikers, not the strikers themselves, might be eligible), then this sum would be deducted. During the course of the 1984–85 miners' strike this deduction was increased from £15 to £16 per week (Mesher 1985).

Having attempted, with spectacular failure, to impose new restrictions on industrial action through the 1971 Industrial Relations Act (Weekes *et al.* 1975) (which was repealed by Labour in 1974), the Conservative government started on a step-by-step reform of the law of industrial action. This saw several statutes passed up until 1993. The earliest was the Employment Act 1980, which made unlawful most 'secondary action', i.e. action taken by workers whose employer was not party to the dispute. As importantly, 'secondary picketing', i.e. picketing at other than your own workplace (even in a multi-site organization) was unlawful and there was a Code of Practice (not legislation) that there should be no more than six pickets at any place. In the 1982 Employment Act, a lawful trade dispute was further narrowed (removing industrial action for 'political' ends) and unions lost their immunity from being sued for damages if they were deemed to be conducting an unlawful trade dispute. The main legal route available to employers was the High Court where interim injunctions were granted if there was doubt as to the legality of the action. If unions ignored an injunction (to call off the action) they could be charged with contempt of court and fined or even have their assets seized.

There were many high-profile strikes in Britain in the early 1980s. The Conservative government believed in the 'demonstration effect':³ 'each defeat discourages others from the risk of a strike' (Hyman 1984: 225); it 'was to be achieved whatever the cost' (in the case of the 1980 steel strike, a three months' stoppage) and 'always under the pretence that the Government wasn't really intervening' (Young 1993: 195–197). The coalminers were facing their own threats as the financial basis of the 1974 (Labour government's) Plan for Coal (which pledged massive investment in the industry) was changed by the Conservatives in 1980. Threats of accelerated closures early in 1981 led the NUM NEC to threaten a strike ballot; unofficial stoppages started all over the country. The government rapidly backed down (Taylor 2005: 153–157). The Secretary of State for Energy, David Howell (who was removed from his post), later admitted: 'Neither the Government nor, I think, society as a whole was in a position to get locked into a coal strike [...] In those days the [coal] stocks weren't so high [...] and the NUM and the trade union movement tended to be united' (quoted in Saville 1986: 304). Thatcher wrote: 'We would have to rely on a judicious mixture of flexibility and bluff until the Government was in a position to face down the challenge

¹ Conservative Party, Economic Reconstruction Group, 'Final Report of the Nationalised Industries Policy Group' (Ridley Report), 8 July 1977, p. 16, and 'confidential annex', pp. 24–26, PG/10/77/38, Margaret Thatcher Foundation, www.margarethatcher.org/document/110795.

² *Economist*, 27 May 1978.

³ A term used privately by one minister during the 1980 national strike in the nationalized steel industry.

posed to the economy, and indeed to the rule of law, by the combined force of monopoly and union power in the coal industry' (quoted in Taylor 2005: 160).

Three national strike ballots over colliery closures took place over the next two years (January 1982; October 1982, linked to a pay claim as well; and March 1983). All were lost, though the Yorkshire Area, for one, always voted in favour (Saville 1986: 304–305). Closures continued with occasional resistance, as in Scotland in December 1982 and South Wales in February 1983 (Taylor 2005: 176–177; Winterton and Winterton 1989: 57–59). On 31 October 1983 the NUM started an overtime ban (without a national ballot; something that would be unlawful after the coming into effect of the Trade Union Act in September 1984); this was ostensibly over a wage offer but, in practice, aimed at the NCB's closure policy. The overtime ban inevitably disrupted 'normal' production; issues arising from it resulted in localized strikes (Winterton and Winterton 1989: 62–64). This was particularly so in Yorkshire, where the announcement of the closure of Cortonwood Colliery on 1 March 1984 provided the trigger over the next few days to start a Yorkshire area strike (Winterton and Winterton 1989: 64–69). The build-up to the area strike in Scotland was one where the local management had taken an increasingly authoritarian line in day-to-day industrial relations and were now shutting collieries on a regular basis (Phillips 2009).

The NUM NEC decided to recognize the area strikes in Yorkshire and Scotland, and to call on other areas to support them by their own strike action, rather than call a national ballot. This decision (despite, early in the strike, the union's change of the rule book to allow a national strike on a simple majority vote) has been a matter of contention ever since. In all but one of the other areas there were majority votes against strike action. One immediate consequence was that the union's attention was for some time focused on trying to bring out pits that were still working rather than stopping the movement of coal to coal-users. This was generally successful but there were particular problems in the east Midlands, and most Nottinghamshire miners continued working. Later, when a limited drift back to work started, picketing necessarily became focused on the collieries in question.

In 1984 there was more coal stocked at power stations than at the start of the 1972 and 1974 strikes; and the 1984 strike began near the end of winter, not during it. Despite this, the CEEGB had a difficult balancing act, which was the subject of a detailed study by two of its former senior managers.¹ The CEEGB took the immediate decision to increase its oil burn in dual coal/oil-fired power stations and in mothballed oil-fired stations. This involved purchasing enough oil and importing it from all over the world; arriving direct through pipelines to some power stations or coming through tiny ports, it was almost impossible to stop.² This process was intensified right through the dispute. Yet this oil would still not be enough to replace the missing coal. A big problem therefore was moving existing coal supplies and, crucially, the coal produced by working pits (particularly in Nottinghamshire). This normally went by rail but sufficient railway union members (train crew and signalmen) refused to co-operate (and this extended often to refusing to move lighting-up oil). Rather than discipline staff and then risk sympathetic industrial action, particularly where passenger traffic could be affected, British Rail managers changed shift rosters to get some supplies through; but, overall, rail-borne coal movements remained a fraction of their normal volume. As a result, a

¹ This and the next paragraph are based on several chapters of Ledger and Sallis 1995.

² Lane 1996 also describes how coal was imported into a myriad of (often tiny) ports, outside the then National Dock Labour Scheme, for other users.

massive road transport operation was gradually built up (reaching ultimately 25,000 lorry movements per week). It was estimated to have cost the CEEB alone an extra £2billion to keep the lights on and avoid power cuts.

Within the power stations, union members' attitudes varied as to how they interpreted their own unions' guidelines. In many coalfield areas, there was continuing resistance by power station workers to any collaboration in breaking the strike but even outside the coalfields there were some stations where it was not until well into the winter of 1984/85 that inward coal flow was properly established. The CEEB avoided provoking staff and spent time trying to win them over to get them to co-operate with the unusual methods required. Overall, CEEB managers were surprised by the NUM picketing strategy: not only could key supplies to individual power stations have been seriously delayed at critical moments if the pickets had been aware of the actual situation but road transport was often held up intentionally until picket numbers had dwindled or pickets had gone for the night.

Royce Turner (1985: 173) has argued: 'The most significant factor of the 1984/85 miners' strike [...] was not the substantial minority of workers who continued to work throughout the dispute, nor the number of men who "drifted back to work", but the fact that a strike over pit closures could have been pursued on a national basis at all.' One might add that despite everything thrown at the striking miners the strike had lasted a whole year when it was ended by the narrowest of margins, at a delegate conference on 3 March 1985, which decided to return to work with no agreement on pit closures rather than risk the strike later disintegrating.

The state had thrown everything at the miners. After the NCB stopped pursuing a civil case against secondary picketing at the start of the strike (Smith 1997: 204), the nationalized industries (in coal, steel, electricity and rail) decided not to use Conservative legislation against secondary picketing in the civil courts in case it strengthened the NUM's support. Instead the government resorted to mass policing which terrorized whole communities, criminalized thousands of miners and left hundreds permanently victimized. Strikebreaking was encouraged and supported, as were court cases by disaffected NUM members against their union. The union was fined, then its assets were 'sequestered' (seized) and held by a court-appointed receiver.¹ The union was starved of funds and its striking members had little or no income, yet at the end, despite the post-Christmas surge of what have been called 'hunger scabs' (Winterton and Winterton 1989: 200–203), it has been estimated there were still 60% of the 196,000 mineworkers still on strike and perhaps 75% of those who originally came out (Richards 1996: 109; Callinicos and Simons 1985: 216). Despite receiving only limited support from some affected unions (and none from some others), with a major split in the NUM's own ranks and with its picketing activities often haphazard, the miners came close to stopping the CEEB's statutory duty to sustain electricity supply.

Miners in 1984 had struck over what was essentially 'the right to manage' (who determines when a colliery should be closed), perhaps an impossible demand on which to negotiate. But, in a period of mass unemployment, the strike, in Turner's words, 'developed into a symbolic war' by those who 'believed that an alternative to mass unemployment and deindustrialisation must be possible' against those who believed 'there was no alternative' to the market (Turner 1985: 174). After the strike, the pit

¹ There is an enormous literature on the 1984–85 strike, quite possibly more than for any other strike in history.

closure programme accelerated, almost as an act of collective punishment to the union and the mining communities. The death knell for the industry sounded in 1992, despite huge national demonstrations against the proposed butchery. Soon afterwards the remnants of the industry were returned to private ownership.

As with the 1972 strike particularly, the 1984–85 strike was a defining event for the British working class. While the former showed spectacularly the power of organized labour, its influence was short-lived. By contrast, despite its heroic status, the 1984–85 strike has cast a much longer and darker shadow. It is now probably the most important strike in British history but cannot be understood without an appreciation of the 1972 and 1974 strike – especially how state policies and resources were radically reorganized to avoid a repeat of the miners’ success, and governments were forced to become even more tactically flexible.

References

- Allen, V. L. 1981, *The militancy of British miners*, Shipley, Moor Press.
- Barnes, D. and Reid, E. 1980, *Governments and trade unions: The British experience, 1964–79*, London, Heinemann.
- Beauman, C. 1996, ‘British Steel: a turnaround under public ownership’, *Business Strategy Review*, vol. 7, no. 3, pp.16–29.
- Callinicos, A. and Simons, M. 1985, *The great strike: the miners’ strike of 1984–5 and its lessons*, London, Socialist Worker,
- Darlington, R and Lyddon D. 2001, *Glorious summer: class struggle in Britain 1972*, London, Bookmarks.
- Dorey, P. 2009, ‘Conciliation or confrontation with the trade unions? The Conservative Party’s ‘Authority of Government Group’, 1975–1978’, *Historical Studies in Industrial Relations* no. 27/28, pp. 135–151.
- Foster, G. 1973, ‘Coal after Wilberforce’, *Management Today*, November, pp.74–81.
- Heath, E. 1998, *The course of my life: my autobiography*, London, Hodder and Stoughton.
- Hyman, R. 1984, *Strikes* London, Fontana, 3rd edn.
- Jeffery, K. and Hennessy, P. 1983, *States of emergency: British governments and strikebreaking since 1919*, London, Routledge and Kegan Paul.
- Kettle, M. 1985, ‘The National Reporting Centre and the 1984 miners’ strike’, in *Policing the miners’ strike*, eds. B. Fine and R. Millar, London, Lawrence and Wishart.
- Lane, T. 1996, ‘Foreign fuel, foreign ships and disorganised trade unionism: an alternative interpretation of the defeat of the miners in 1984–5’, *Work, Employment and Society*, vol. 10, no. 1, pp.57–84
- Ledger, F. and Sallis, H. 1995, *Crisis management in the power industry: an inside story*, London, Routledge.
- Meshor, J. 1985, ‘Social security in the coal dispute’, *Industrial Law Journal*, vol. 14, pp.191–202.
- Phillips, J. 2006, ‘The 1972 miners’ strike: popular agency and industrial politics in Britain’, *Contemporary British History* vol. 20, no. 2, pp.187–207.
- Phillips, J. 2009, ‘Workplace conflict and the origins of the 1984–85 miners’ strike in Scotland’, *Twentieth Century British History*, vol. 20, no. 2, pp.152–172.

- Richards, A. J. 1996, *Miners on strike: class solidarity and division in Britain*, Oxford, Berg.
- Saville, J. 1986, 'An open conspiracy: Conservative politics and the miners' strike 1984–5', *Socialist Register 1985/86*, London, Merlin.
- Smith, N. 1997, *The 1984 miners' strike: the actual account*, (privately published by Ned Smith).
- Taylor, A. 2005, *The NUM and British politics, vol. 2: 1969–1995*, Aldershot, Ashgate.
- Thatcher, M. 1995, *The path to power*, London, HarperCollins.
- Turner, R. 1985, 'Post-war pit closures: the politics of de-industrialisation', *Political Quarterly*, vol. 56, no. 2, pp.167–174.
- Weekes, B. *et al.* 1975, *Industrial relations and the limits of law: the industrial effects of the Industrial Relations Act, 1971*, Oxford, Blackwell.
- Winterton, J. and Winterton, R. 1989, *Coal, crisis and conflict: the 1984–85 miners' strike in Yorkshire*, Manchester, Manchester University Press.
- Young, H. 1993, *One of us: a biography of Margaret Thatcher*, London, Pan.

A greve política de julho de 1962. *Demian Bezerra de Melo*¹

Já passava do meio do dia 4 de julho de 1962, quando o Comando Geral de Greve se reuniu na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), localizado nas imediações da Rua da Andradas com a Marechal Floriano, no Centro do Rio de Janeiro. Estavam lá os dirigentes da própria CNTI, da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC) – que articulava os sindicatos dos bancários –, sindicatos nacionais importantes – como dos aeroviários, aeronautas etc. – e intersindicais como o Pacto de Unidade e Ação (PUA) – que congregava trabalhadores marítimos, portuários e ferroviários –, a Comissão Permanente de Organizações Sindicais (CPOS) da Guanabara, entre outras entidades. Decidiram decretar uma greve geral política em todo o Brasil.

Formado nas articulações entre líderes sindicais de todo o país, que ao longo do último período acumulavam uma experiência histórica de anos de lutas grevistas, de conquistas de importantes sindicatos, federações e confederações de trabalhadores, e de criação de intersindicais horizontais (chamadas à época de “paralelas”, por estarem em desacordo com os princípios corporativistas da legislação vigente, como o PUA e a CPOS), o Comando Geral de Greve (CGG) desde o início de junho anunciava a realização de uma greve nacional política. O que era ameaça se tornou realidade: após a decisão tomada naquela tarde de 4 de julho, senhas foram distribuídas a todos os sindicatos do país, e à zero hora do dia 5 a greve pipocou em todas as regiões do Brasil.

Tal greve geral fez parte das lutas decisivas travadas sob o governo da João Goulart, quando este ainda se batia para a recuperação dos poderes que lhe haviam sido tolhidos pela emenda constitucional parlamentarista, aprovada de forma casuística pelo acordo que garantiu a sua posse em setembro de 1961. Nas páginas seguintes veremos em que condições do processo político brasileiro eclodiu a primeira paralisação de caráter nacional da classe trabalhadora brasileira.

Os sindicatos no processo político brasileiro

Evaristo de Moraes Filho, em seu célebre livro *O problema do sindicato único no Brasil* (1952), notou que durante o processo de redemocratização do Brasil, após o Estado Novo, o novo regime seria marcado pela continuidade da estrutura sindical corporativista. E se trata de uma legislação de inspiração fascista, dirá com fina ironia o jurista. Mas outras continuidades são também observáveis neste período. Frente à escalada da mobilização do movimento operário que acompanhou a queda de Vargas e os trabalhos da Assembléia Constituinte, antes mesmo que esta se pronunciasse pelo direito de greve, o presidente Dutra baixou em março de 1946 o Decreto 9.070 que proibia, na prática, o exercício do direito de greve. Tamanha era a dificuldade de

¹ Demian Bezerra de Melo (João Pessoa, 1975) History PhD in progress, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. Master's Degree in History, same institution and a BA in History, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Selected publications: “Greve geral e direitos do trabalho no Brasil: o caso do 13º salário” in Marconsin & Marques, *Trabalho e direitos: conquistas e retrocessos em debate*, 2011; “A controvérsia sobre o dispositivo sindical-militar na crise dos anos sessenta”, *História & Luta de Classes*, 2010; “A miséria da historiografia”, *Outubro*, 2006. He is a member of the following research groups: Mundos do Trabalho, Fluminense Federal University, coordinated by Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos; Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política at the Federal University of Rio de Janeiro, coordinated by Prof. Renato Lemos; and the Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e Marxismo, Fluminense Federal University, led by professors Dr. Virgínia Fontes and Dr. Marcelo Dias Carcanholo.

cumprir os requisitos do decreto para a deflagração de uma paralisação do trabalho que, na prática, era mantida a mesma cesura jurídica que no Estado Novo caracterizava tal atividade como um recurso anti-social.

Por outro lado, foi também nesse contexto que acabou se definindo a impossibilidade legal para o movimento operário se unificar nacionalmente em uma central sindical. A continuidade do espírito corporativista se evidenciou na legislação por esta restringir a organização nacional dos trabalhadores aos ramos de atividade econômica, buscando circunscrever sua articulação aos interesses econômico-corporativos. Mas é preciso lembrar de uma efêmera iniciativa do Ministério do Trabalho de criar uma entidade trabalhista nacional, marcando para setembro de 1946 um grande conclave com vistas a criar uma confederação nacional para os trabalhadores. Todavia, como os comunistas já vinham planejando criar uma Central Sindical, os mesmos resolveram participar do encontro oficialista elegendo a imensa maioria dos delegados. Frustrados com seu reduzido tamanho, os burocratas sindicais ligados ao Ministério do Trabalho resolveram abandonar o encontro e chamar a própria polícia para encerrá-lo. Acontece que 2000 dos 2400 de delegados eleitos mantiveram-se em assembléia e acabaram criando a Confederação dos Trabalhadores Brasileiros (CTB), hegemônica pelos comunistas. Os ministerialistas, por sua vez, acabaram dando vida à pouco representativa Confederação Nacional do Trabalho (CNT). Em abril de 1947, obedecendo a determinação do Congresso Nacional, que estipulou que as normas estadonovistas que proibiam a formação de centrais continuariam valendo, a CNT divide-se em Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) e Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC). Por sua vez, a CTB é posta na ilegalidade no rastro da escalada da repressão e do banimento do Partido Comunista da política institucional brasileira.¹

Além de brechar legalmente a constituição de uma central sindical no Brasil, a ordem democrática brasileira acabou por confinar a representação nacional dos trabalhadores aos sindicalistas ministerialistas encastelados na estrutura oficial. Todavia, a participação dos sindicatos na vida política brasileira, no período que se segue a posse constitucional de Vargas novamente na Presidência da República em 1951 até o golpe de 1964, é marcada pelo fato da esquerda sindical ter paulatinamente conquistado a direção dos sindicatos, federações e confederações oficiais. Contrariando boa parte da teorização sobre o sindicalismo populista,² que acredita que a presença da esquerda na estrutura oficial só serviu para dar vida a uma estrutura corporativista criada (certamente) para controlar os trabalhadores, grandes lutas sindicais seriam organizadas; em alguns casos contra, em outros utilizando-se desta mesma, estrutura

¹ Obviamente não da vida política mesma, pois no plano sindical, por exemplo, durante a maior parte do período foram os sindicalistas comunistas muito combativos.

² Segundo a definição de Francisco Weffort: “O movimento sindical populista é um fenômeno recente na história brasileira. Só começa a tomar corpo em inícios dos anos 50 e só a partir da segunda metade da década chega a definir-se plenamente. É a partir dos anos 50, portanto, que se podem perceber mais claramente suas características: no plano da orientação, subordina-se à ideologia nacionalista e se volta para uma política de reformas e colaboração de classes; no plano da organização, caracteriza-se por uma *estrutural dual* em que as chamadas “organizações paralelas” [intersindicais], formadas por iniciativa da esquerda, passam a servir de complemento à estrutura sindical oficial, inspirada no corporativismo fascista como um apêndice da estrutura de Estado; no plano político, subordina-se às vicissitudes da aliança formada pela esquerda com Goulart e outros populistas fiéis à tradição de Vargas. O sindicalismo populista atingirá o ponto máximo de seu desenvolvimento nos anos 60 na linha de aproximação e subordinação crescentes ao regime populista. Em 1964, este sindicalismo entra em crise para finalmente desaparecer com o regime político ao qual associara o seu destino.” (Weffort, 1973: 67).

oficial. Estando à frente ou na oposição aos dirigentes dos sindicatos, a esquerda sindical soube impulsionar a formação de inter-sindicais, oriundas de mobilizações concretas que reuniam mais de uma categoria de trabalhadores, como o Pacto de Unidade Intersindical (PUI), que resultou do comando da greve geral de 1953, que mobilizou metalúrgicos, têxteis, marceneiros, operários da construção civil etc.

Além disso, a pesquisa histórica tem revelado que era falsa a idéia de que o movimento sindical neste período não teve iniciativas nas bases, como a criação de organizações por local de trabalho. Tais formas organizativas fizeram parte do cotidiano da luta operária, e em muitas inter-sindicais, como a Comissão Permanente de Organizações Sindicais (CPOS) da Guanabara, o Pacto de Ação Conjunta (PAC) em São Paulo, ou o Fórum Sindical de Debates de Santos, foram criados mecanismos de representatividade entre as bases e as direções sindicais. Já o Pacto de Unidade e Ação (PUA) organizado em 1960 na “Greve da Paridade”, por organizar marítimos, ferroviários e outras categorias de trabalhadores em transportes, possuía uma base social que ultrapassava o marco dos estados.

Contudo, neste desenvolvimento da esquerda sindical também contou as alianças com determinados políticos, como João Goulart, que desde que passou pelo Ministério do Trabalho entre 1953-54 criou uma nova forma de relacionamento com as correntes políticas atuantes no meio operário. Além dos sindicalistas do seu partido, o PTB, Jango, como era mais conhecido, soube estabelecer boas relações com sindicalistas do PCB e outros elementos de esquerda, o que obviamente contribuiu para criar sua imagem de esquerdista no meio político brasileiro. Pois foi Goulart que na prática aboliu as exigências de atestados ideológicos para a participação nas eleições sindicais, favorecendo com isto uma renovação nestes organismos. Com sua posse na Presidência da República em 1961 a esquerda sindical acabaria conquistando a diretoria da importante CNTI, tornando a entidade um palco de articulação de muitas lutas até o golpe de Estado. Ao lado desta, outras confederações cairiam nos braços da esquerda no início da década, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC), que possuía em suas bases os combativos sindicatos dos bancários, uma das mais organizadas categorias de trabalhadores. Assim, entidades oficiais criadas para controlar os conflitos entre as classes, acabaram servindo para impulsionar a luta operária.

Certamente as grandes lutas operárias do início dos anos 1960, em meio a um regime político em crise e o início de um processo recessivo na economia, não podem ser entendidas se acreditarmos na tese de que a presença da esquerda no meio sindical resumiu-se a dar vida à estrutura corporativista. Pois crer nisso implica acreditar que os políticos populistas fomentavam mobilizações operárias como greves. Vejamos, por exemplo, um caso onde tal hipótese do sindicalismo populista não pode se aplicar: o da greve geral de julho de 1962.

Jango e o parlamentarismo

Na crise desencadeada com a renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, diversos setores do movimento operário se mobilizaram pela posse de Jango. Como é bastante conhecido, além do movimento sindical, militares legalistas, estudantes e lideranças políticas de diferentes agremiações partidárias também defenderam a posse constitucional do Vice-Presidente eleito, contrariando o desejo de setores golpistas militares e civis. A crise da Legalidade acabou revelando uma polarização social mais aguda, uma crise mais profunda que um mero problema

constitucional, delineando os primeiros enfrentamentos que marcariam todo o período seguinte.

Entretanto, fazendo jus a uma velha marca da política nacional, a conciliação, uma grande transação política garantiu a posse de Goulart sob a vigência de um sistema parlamentar. As esquerdas, de um modo geral, caracterizaram a emenda parlamentarista como um “golpe branco”, pois acabava transformando Jango numa “rainha da Inglaterra”. A própria alteração era encarada como golpista, pois a Constituição de 1946 foi modificada com o país praticamente sob estado de sítio.

A precariedade com a qual convivia um improvisando sistema parlamentar, face a um marco constitucional presidencialista, favoreceu os intentos de Goulart de liquidar o mais rápido possível com o parlamentarismo, recuperando os seus poderes presidenciais. É neste marco que podemos entender algumas das lutas ocorridas em seu primeiro ano de governo. Pois em junho de 1962, com o propósito de participar das eleições de 7 de outubro do mesmo ano, todo o gabinete articulado em setembro de 1961, sob a Presidência do pessedista mineiro de Tancredo Neves, pediu demissão. Pela precária ordem constitucional vigente, Jango deveria indicar ao Congresso Nacional a composição do novo Conselho de Ministros, o que o levou a indicar o demissionário titular da pasta do Exterior, o trabalhista mineiro San Tiago Dantas, para o cargo. Dantas era mal visto pelas direitas, devido a seu posicionamento neutralista (chamado de “independente”) face às intenções do imperialismo norte-americano em invadir Cuba.

Por outro lado, no mesmo mês de junho, o general nacionalista Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército, denunciou a existência de uma conspiração com vistas a aprofundar o “golpe branco” do ano anterior. Tratava-se de uma manobra para constituir um Conselho de Ministro que acabasse por retirar todos os poderes de Jango, dando amplos poderes aos setores mais conservadores do Congresso e aos chefes militares golpistas, chefes esses que haviam se colocado contra a posse do próprio Goulart. O governador gaúcho Leonel Brizola engrossou o coro contra o aprofundamento do “golpe branco” e o movimento sindical, hegemônico pelos comunistas – em aliança com os trabalhistas de esquerda –, começou a articular uma greve geral, inicialmente com o propósito de pressionar o Congresso a aprovar o nome escolhido por Jango para presidir o Conselho de Ministros, o que acabou não acontecendo.

Após o Congresso rejeitar o nome de Dantas, Jango empreendeu uma manobra arriscada, indicando o senador do PSD paulista Auro Moura Andrade como *Premier*. Andrade havia ficado contra sua posse no ano anterior e era encarado por amplos setores políticos como “golpista”.¹ Em 3 de julho o Congresso então aprovou o nome de Moura Andrade (223 a 47), que a esta altura era apoiado por diversos setores das classes dominantes, como o conjunto das associações comerciais, através da declaração de seu presidente Rui Gomes de Almeida,² – que também era elemento proeminente do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) no Rio de Janeiro, a principal

¹ Tal avaliação se demonstrou correta. Pois é na qualidade de Presidente do Senado que Moura Andrade, em tumultuada sessão de 2 de abril de 1964, proferiu célebre discurso em que concluía afirmando “declaro vaga a Presidência da República! E nos termos do artigo 79 da Constituição, declaro presidente da República o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli [tumulto]! A sessão se encerra!” Estando ainda João Goulart no território nacional, foi no Parlamento brasileiro que se consumou o golpe de Estado, sendo as palavras do senador paulista seu ato de misericórdia.

² *O Globo*, 04 de julho de 1962. O título da reportagem foi “As classes produtoras aplaudem a escolha do novo primeiro-ministro”.

organização militar-empresarial que conspirou para o golpe de Estado (Dreifuss, 1981). Na verdade, estava instalada uma crise de grandes proporções, pois a subida de tal gabinete significava uma vitória definitiva dos setores que se opuseram à posse de Jango. Moniz Bandeira, que à época era um jornalista do *Diário de Notícias* e trabalhava no gabinete do deputado trabalhista Sérgio Magalhães (PTB-GB), líder da Frente Parlamentar Nacionalista,¹ narra este episódio em seu clássico livro sobre o período:

“O senador Auro Moura Andrade, do PSD, pretendeu, por sua vez, constituir um gabinete, de acordo com os líderes de partido, e Goulart, que obtivera previamente uma carta sua de renúncia, fê-la divulgar, antes mesmo que ele assumisse o cargo de primeiro-ministro.” (Bandeira, 2001: 77)

Por sua vez, o próprio Moura Andrade afirma em suas memórias que como a maior parte do PTB votou contra sua indicação, estaria obrigado a “escolher ministros entre as forças políticas que me apoiavam, e isto excluía ou diminuía excessivamente a participação do Partido governamental”. Assim, alegou que estava forçado a organizar a oposição à Jango (Andrade, 1985: 119). Jango divulgou uma nota, através da Agência Nacional, afirmando que: “Já transigi duas vezes e não pretendo transigir mais. Perdi a paciência.” Por sua vez, a direita espalhava a notícia de que Jango queria impor na composição do novo ministério a presença de Dante Pelacani e Clodsmidt Riani, dois sindicalistas da esquerda do PTB e aliados dos comunistas no movimento operário.² Assim, de forma pouco convincente e sem admitir que na prática foi derrubado, Moura Andrade afirmou que achou “melhor devolver a indicação ao Sr. Presidente para que enviasse outro nome à Câmara dos Deputados.” A verdade é que Jango de fato possuía uma carta de renúncia do senador, e tratou de divulgá-la logo que Andrade apresentou sua proposta de composição do Conselho de Ministros. Nesta, confirmando as inquietações de Brizola e do general Osvino, as pastas militares seriam ocupadas por elementos golpistas, o que acirrou os ânimos.³ A renúncia do gabinete recém-eleito foi uma questão de tempo, e frente a isso a direção do movimento operário então tomou algumas providências.

A greve geral de julho de 1962

Depois de alguma controvérsia entre os dirigentes sindicais de várias categorias reunidos na tarde do dia 4 de julho na sede da CNTI, no centro do Rio de Janeiro, ficou decidido que a greve deveria ser de 24 horas, iniciada à meia-noite da quinta-feira, 5 de julho. Conforme é possível ler em diversos jornais do Rio de Janeiro, com o desencadeamento do movimento Goulart tentou sustar a greve. Uma comissão formada pelo alto escalão governamental, composta por San Tiago Dantas, Gilberto Crockatt de Sá (assessor sindical de Goulart), Leocádio Antunes (presidente do BNDE) e o general Osvino Ferreira Alves (comandante do I Exército), compareceram à sede da CNTI para

¹ Além disso, Moniz Bandeira era dirigente da Organização Marxista Revolucionária – Política Operária (ORM-POLOP), tendo produzido brilhantes análises políticas no calor daqueles acontecimentos. Ver Bandeira (1979).

² Andrade recolhe a informação do diário de seu amigo golpista, gen. Olympio Mourão Filho. (Andrade, op. cit.: 120).

³ Dez dias antes deste episódio o Comandante do I Exército (sediado na Guanabara), o general Osvino Ferreira Alves já havia denunciado a existência de uma conspiração com vistas a implantar uma ditadura de extrema-direita no Brasil. Tal fato é narrado no livro do dirigente do PCB encarregado da área sindical, Jover Telles, *O movimento sindical no Brasil* (1962: 160-161).

tentar persuadir os líderes sindicais de que a greve era desnecessária.¹ Todavia, segundo o secretário da intersindical Pacto de Unidade e Ação (PUA), Felipe Andrade, as senhas da greve geral já haviam sido distribuídas para o restante do país, e, depois de se reunir com os representantes do governo, o vice-presidente da CNTI,² o líder trabalhista Dante Pellacani declarou aos repórteres presentes que a greve era inevitável: “Nem Cristo poderá detê-la!”³

Na Guanabara e no estado do Rio de Janeiro a greve foi total, tendo sido acompanhada de ondas de saques na Baixada Fluminense, especialmente em Caxias e São João de Meriti, onde o saldo foi de quarenta mortos e setecentos feridos.⁴ Os ferroviários da Estação Leopoldina foram a primeira categoria a entrar em greve: às 19h40 do dia 4 de julho.⁵ Bancários, rodoviários, motorneiros, têxteis, metalúrgicos, comerciários e trabalhadores marítimos, além dos ferroviários, paralisaram totalmente suas atividades, ficando o centro do Rio totalmente vazio ao longo do dia 5.

Após o desencadeamento da greve, na Guanabara o governador ativou a sua bem aparelhada polícia política para perseguir e prender grevistas. Pela manhã, a imprensa divulgou uma nota em que Carlos Lacerda mandava “autuar e processar os elementos que pretenderem negar aos outros, ilegalmente, o direito ao trabalho, e impor a vontade de minorias provocadoras sobre a maioria trabalhadora e pacífica.”⁶ Dizia a nota que a Polícia iria prender dirigentes sindicais grevistas, e o movimento era definido como “uma greve política articulada por elementos comunistas e a estes ligados”, acrescentando por último que, “tendo em vista a necessidade de proteger a população contra a desordem, não permitirá comícios não autorizados, devendo os interessados requerer com 72 horas de antecedência, nos termos da lei.” O próprio Lacerda, seguindo seu estilo de combatente da direita, protagonizou idas ao Centro do Rio, fazendo abrir algumas agências bancárias e orientando a Delegacia de Polícia Política e Social (DPPS) a agir com violência contra os grevistas, ao mesmo tempo em que falava para a “população” ficar “calma”.⁷ Certamente, no termo “população” o governador queria dizer a classe média conservadora e a burguesia carioca (e não o restante da população, que por estes dias enfrentavam graves problemas de abastecimento). Mas ele não se limitou a empreender essa ação direta; enviou um telegrama para Goulart acusando-o de tramar uma “greve ilegal” para cumprir um “plano subversivo”.⁸ Nesse clima de beligerância, o Comando de Greve acabou contando com o apoio do general Osvaldo Alves, comandante do I Exército, que interveio pela libertação de grevistas presos e em alguns casos protegeu piquetes de greve da repressão da polícia política de Lacerda.

¹ *Última Hora*, 05 de julho de 1962, p.4.

² O presidente da CNTI era o trabalhista mineiro Clodesmidt Riani.

³ *Jornal do Brasil*, 5 de julho de 1962.

⁴ *Jornal do Brasil*, 6 de julho de 1962. Esses saques foram resultado da escassez de gêneros, provocada por especuladores que estocavam para não desvalorizar seus produtos com a inflação. O então governador do estado do Rio, Celso Peçanha, pressionado pelas ruas, supostamente teria dado apoio aos populares, o que acabou levando a sua deposição algumas semanas depois do motim. No entanto foram as forças de segurança pública do Rio, que estavam sob o comando do governador, que reprimiram os populares.

⁵ *O Globo*, 05 de julho de 1962.

⁶ *Jornal do Brasil*, 5 de julho de 1962, p.3.

⁷ *Jornal do Brasil*, 6 de julho de 1962. *Diário de Notícias*, 6 de julho de 1962.

⁸ *Tribuna da Imprensa*, 6 de julho de 1962, capa e p.2.

Esse papel assumido por Osvino aumentou seu prestígio junto à esquerda, que pôde contar com a mesma atitude do general em outros momentos da luta política.

Esta greve constitui um dos momentos de ouro do movimento sindical no período, e através da imprensa dos estados é possível acompanhar a repercussão do movimento de Norte ao Sul do Brasil confirmando-a seu aspecto nacional. Vejamos suas manifestações locais.

No Pará aderiram os petroleiros, marítimos e portuários. Por sua vez, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Petróleo nos Estados do Pará, Amazonas e Maranhão divulgou nota onde defende o movimento grevista contra o “imperialismo norte-americano, em defesa da Petrobrás, por Jango e por um gabinete nacionalista capaz de realizar as reformas de base”.¹ Em contraste com o restante do país, na capital paraense os bancários não aderiram ao movimento. Na Bahia, a Petrobrás e o porto paralisaram suas atividades no dia 5 de julho.² Já em Pernambuco, onde a esquerda, incluindo o PCB, era muito forte, a capital parou, com a suspensão das atividades do porto (portuários, estivadores, conferentes, arrumadores e marítimos), dos ferroviários, bancários, motoristas e estudantes.³ A greve foi geral em Fortaleza (bancos, comércio, porto, repartições públicas, transportes urbanos),⁴ contando com o apoio do governador cearense, Parfisal Barroso (PTB) – para o desagrado das classes dominantes locais, que foram frustradas em sua intenção de colocar o governador e a polícia militar na repressão ao movimento.⁵ Na tarde do dia 5, o centro de Fortaleza foi tomado por uma passeata monstro em apoio à Goulart e contra “o golpe reacionário”. Na capital cearense ainda ocorreriam situações muito curiosas, como esta narrada em uma nota do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro:

Em Fortaleza – segundo os despachos telegráficos – os comerciantes que procuraram abrir, ontem pela manhã, os seus estabelecimentos comerciais tiveram uma surpresa: as fechaduras das portas estavam obstruídas e, em muitos casos, havia cadeados novos, tudo feito pelos grevistas. Com esse recurso usado pelos piquetes, tornou-se impraticável o funcionamento do comércio, que, assim, permaneceu de portas cerradas durante todo o dia.⁶

No Rio Grande do Sul a greve foi no dia 6, parando comércio, cinemas e transportes, sendo total em Porto Alegre, com exceção de alguns serviços essenciais (Santos, 2002: 195-197). Toda a indústria paralisou. Também neste caso houve a tentativa de impedir a deflagração do movimento, por meio de apelos do governador Leonel Brizola dirigidos ao Comando Sindical (Jacoby, 2008: 146-147). Em Santa Catarina a greve foi, tal como no Rio Grande do Sul, no dia 6, e pararam os estivadores, conferentes, rodoviários e trabalhadores da indústria.⁷ Em Minas e São Paulo a paralisação foi parcial: em Minas houve greve na Mannesman e na Cidade Industrial

¹ *Província do Pará*, Belém, 6 de julho de 1962, p.10.

² *A Tarde*, Salvador, 6 de julho de 1962, p.4.

³ *Última Hora*, Recife, 6 de julho de 1962. *Diário de Pernambuco*, 6 de julho de 1962.

⁴ *Correio do Ceará*, 6 de julho de 1962.

⁵ *Novos Rumos*, 20 a 26 de julho de 1962, p.8.

⁶ *Diário de Notícias*, 6 de julho de 1962, p.2.

⁷ *Última Hora*, Curitiba, 6 de julho de 1962, p.2.

(Contagem), com alguma repercussão em Belo Horizonte.¹ Já em São Paulo a paralisação foi total em Santos (portos, fábricas, oficinas, funcionalismo, operários da refinaria de Cubatão), com a realização de comícios e a paralisação de empresas na capital e no ABC.² Segundo o historiador Fernando Teixeira da Silva (1997: 177), em Santos a greve de 5 de julho foi “coroada de êxito”, diferentemente do que havia ocorrido em agosto de 1961, quando os sindicalistas ligados a Jânio Quadros conseguiram desorientar o movimento na cidade. Os destaques nacionais foram as categorias mobilizadas pelo PUA: ferroviários, marítimos, portuários e estivadores, além dos aeronautas e aviários. A grande exceção foi a cidade de São Paulo, onde, segundo o historiador Murilo Leal Pereira Neto (2006: 301-303), a diretoria dos sindicatos dos metalúrgicos e têxteis se reuniu no dia 6, apenas para declarar seu apoio ao movimento. Conforme o mesmo autor, a greve não foi sequer mencionada no jornal dos metalúrgicos.

Apesar da renúncia já ter se consumado antes da eclosão da greve geral, não é possível minimizar sua importância na definição do novo gabinete. Em poucos dias, Goulart indicaria para o cargo Brochado da Rocha, jurista gaúcho que ocupava a secretaria do Interior do governo de Brizola no Rio Grande do Sul. Desconhecido do cenário nacional, o nome de Brochado foi aprovado com uma larga margem de votos, 217 a 59. Na pasta do Trabalho foi indicado o socialista baiano Hermes Lima, que possuía fácil trânsito entre a esquerda sindical. No mesmo dia em que o Congresso aprovava esta indicação de Goulart, em 13 de julho, era assinada a Lei N^o 4.090 que instituiu o direito ao 13^o salário (Erickson, 1979: 153; Delgado, 1986: 56-57; Melo, 2011). Tal direito trabalhista, constava como o último ponto da pauta de 18 reivindicações que o Comando Geral de Greve divulgou na imprensa, ao lado de uma série de outras reivindicações de caráter econômico, como a de uma política contrária a escalada inflacionária que não penalizasse a classe trabalhadora e pela participação nos lucros das empresas. A lista incluía ainda as reformas de base (agrária, urbana, bancária, eleitoral, universitária), a ampliação da política externa independente, a encampação de todas as empresas estrangeiras que exploram serviços públicos, limitação da remessa de lucros, o fortalecimento da Petrobrás, efetivação da Eletrobrás e criação da Aerobrás. Vejamos os pontos do manifesto da paralisação:

- “1) Luta concreta e eficaz contra a inflação e a carestia, mobilizando todos os meios de transporte para condução de gêneros essenciais dos centros produtores para os consumidores, chegando-se, se necessário, até o confisco dos estoques existentes;
- 2) Reforma agrária radical e, de imediato, reconhecimento dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais;
- 3) Reforma urbana como única solução para o problema da casa própria;
- 4) Reforma bancária, com a nacionalização dos depósitos;
- 5) Reforma eleitoral, com direito de voto aos analfabetos, aos cabos e soldados das Forças Armadas e a instituição da cédula única para as eleições de 7 de outubro;
- 6) Reforma universitária e a participação de 1/3 de estudantes nas Congregações, Conselhos Departamentais e Conselhos Universitários;

¹ *Folha de São Paulo*, 6 de julho de 1962, p.8.

² *Correio Paulistano*, 6 de julho de 1962, p.4-5.

- 7) Ampliação da atual política externa do Brasil, pela conquista de novos mercados, em defesa da paz, do desarmamento total e da autodeterminação dos povos;
 - 8) Repúdio e desmascaramento da política financeira do Fundo Monetário Internacional;
 - 9) Aprovação da lei que assegura o direito de greve, nos termos do projeto aprovado pela Câmara Federal, com as emendas propostas e já aprovadas pelos trabalhadores em suas conferências e congressos;
 - 10) Encampação, com tombamento, de todas as empresas estrangeiras que exploram os serviços públicos;
 - 11) Controle na inversão de capitais estrangeiros no País e limitação da remessa de lucro;
 - 12) Participação de trabalhadores nos lucros das empresas;
 - 13) Revogação de todo e qualquer acordo lesivo aos interesses nacionais;
 - 14) Fortalecimento da Petrobrás com o monopólio estatal da importação de óleo bruto, da distribuição de derivados a granel, da indústria petroquímica e a encampação das refinarias particulares;
 - 15) Medidas concretas e eficazes para o funcionamento da Eletrobrás;
 - 16) Criação da Aerobrás, instituindo o monopólio estatal na aviação comercial;
 - 17) Manutenção das atuais autarquias que exploram o transporte marítimo, assegurando-lhes o percentual de 50% das cargas transportadas, na importação e exportação, às embarcações mercantis nacionais;
 - 18) Aprovação da Lei que institui o pagamento do 13º mês de salário.”
- (Miglioli, 1963: 117-118)

Do ponto de vista eminentemente político, tendo como ponto de apoio a estrutura criada para dirigir a greve geral, o Comando-Geral de Greve, acabou por se converter no Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), durante o IV Encontro Sindical Nacional, entre 17 e 19 de agosto daquele ano em São Paulo. O CGT foi a partir de então a mais importante entidade inter-sindical “paralela” do sindicalismo brasileiro até o golpe de 1964. Em 14/15 de setembro deste mesmo ano, o CGT irá promover uma segunda greve geral política e desempenhará um papel importante na luta de Jango pela liquidação do parlamentarismo no plebiscito de 6 de janeiro de 1963 (Melo, 2009).

Palavras finais

Acreditamos ser necessário problematizar os pressupostos do conceito de sindicalismo populista. E nosso estudo da greve geral de julho de 1962 demonstrou ser este um evento rico de características que põem em xeque diversos traços do que poderia ser um caso “típico” deste modelo do movimento sindical populista. Afinal colocamos em tela uma greve geral organizada para apoiar um Presidente da República frente aos rumores de um golpe parlamentar.

A questão é que João Goulart não foi o artífice ou mentor da greve, como demonstramos ao discutir todas as suas manobras para impedir a efetivação da mesma. Mas não teria, ainda assim, a esquerda operária mantido as lutas nos marcos da colaboração com líderes populistas, podendo até manobrar autonomamente, como na greve de julho, mas sempre para apoiar a ala mais “progressista da burguesia nacional”? Teria ou não a esquerda, particularmente o PCB, contribuído para manter a classe trabalhadora brasileira heterônoma?

É prudente levar a sério uma ortodoxia que se quer superar.

Glossário

Comissão Permanente de Organizações Sindicais – CPOS

Comando Geral dos Trabalhadores – CGT

Confederação dos Trabalhadores Brasileiros – CTB

Confederação Nacional do Trabalho – CNT

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria – CNTI

Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio – CNTC

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito – CONTEC

Delegacia de Polícia Política e Social – DPPS

Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES

Pacto de Unidade Intersindical – PUI

Pacto de Unidade e Ação – PUA

Pacto de Ação Conjunta – PAC

Partido Comunista Brasileiro – PCB

Partido Trabalhista Brasileiro – PTB

Partido Social Democrático – PSD

União Democrática Nacional – UDN

Bibliografia

Andrade, Auro Moura 1985. *Um congresso contra o arbítrio*. Diários e memórias, 1961-1967. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bandeira, Luiz Alberto Moniz 1979. *A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64*. São Paulo: Brasiliense.

Bandeira, Luiz Alberto Moniz 2001. *O governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil, 1961-1964*. Brasília, EdUNB.

Delgado, Lucília Almeida Neves 1986. *O Comando Geral dos Trabalhadores do Brasil (1961-1964)*. Petrópolis, Vozes.

Dreifuss, René Armand 1981. *1964, a conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes.

Erickson, Kenneth Paul 1979. *Sindicalismo no processo político brasileiro*. São Paulo, Brasiliense.

Filho, Evaristo de Moraes 1952. *O problema do sindicato único no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora A Noite.

Jacoby, Marcos André 2008. *A organização sindical dos trabalhadores metalúrgicos de Porto Alegre no período de 1960 a 1964*, Dissertação de Mestrado em História, Niterói (RJ), PPGH-UFF.

Melo, Demian Bezerra 2009. *O plebiscito de 6 de janeiro de 1963: inflexão de forças na crise orgânica dos anos sessenta*, Dissertação de mestrado em História, Niterói (RJ), Universidade Federal Fluminense.

Melo, Demian Bezerra 2011. “Greve geral e direitos do trabalho no Brasil: o caso do 13º salário.” In: Marconsin, Cleier e Marques, Maria Celeste Simões (org.). *Trabalho e Direitos: conquistas e retrocessos em debate*, Rio de Janeiro, Lumen Júris.

Miglioli, Jorge 1963. *Como são feitas as greves no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Neto, Murilo Leal Pereira 2006. *A reinvenção do trabalhismo no “vulcão do inferno”:* um estudo sobre os metalúrgicos e têxteis de São Paul. *A fábrica, o bairro, o sindicato e a política (1950-1964)*, Tese de doutorado em História, São Paulo, Universidade de São Paulo.

Santos, João Marcelo Pereira dos 2002. *Herdeiros de Sísifo. Ação coletiva dos trabalhadores porto-alegrenses nos anos 1958 a 1963*, Dissertação de Mestrado em História, Campinas, Unicamp.

Silva, Fernando Teixeira da 1995. *A carga e a culpa: os operários das Docas de Santos: direitos e cultura da solidariedade (1937-1968)*, São Paulo, Hucitec, Santos, Prefeitura Municipal de Santos.

Telles, Jover 1962. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro, Vitória.

Weffort, Francisco 1973. Origens do sindicalismo populista: a conjuntura do após-guerra. *Estudos CEBRAP*, n.4, São Paulo, pp.66-105.

La lucha contra el cierre de la siderurgia de Sagunto (1983-84). *Enrique González de Andrés*¹

En los primeros meses de 1983, la movilización de un pueblo valenciano, Sagunto, que se opuso al cierre de una de las cabeceras de Altos Hornos del Mediterráneo (AHM) proyectado por el Gobierno del Partido Socialista Obrero Español (PSOE) liderado por Felipe González, tuvo un seguimiento tan amplio y se expresó con tanta virulencia que superó, con creces, el marco geográfico de la propia localidad y su provincia.

Durante los 430 días que duró el conflicto, se dieron 9 huelgas generales en la comarca del Camp de Morvedre, cuya capital es Sagunto, 24 huelgas en la fábrica – cerca de 2 millones de horas perdidas–, 11 manifestaciones en Valencia, 7 marchas a Madrid, 80 días de no acatamiento de las órdenes de cierre de instalaciones dadas por la Dirección de la empresa y varias semanas de incumplimiento de sus mandatos, “retenciones” de directivos de AHM y de los parlamentarios de las Cortes valencianas, asiduos cortes de tráfico y barricadas, recogida de 700.000 firmas para una Iniciativa Legislativa Popular, asalto a la comisaría de Sagunto tras ser herido un trabajador por el disparo de un policía, etc.

El detonante fue una iniciativa del Gobierno socialista tendente a adecuar la estructura industrial española a las necesidades de la economía de mercado en esos momentos. Dicha imposición estaba condicionada por una caída pronunciada del consumo, producto de la crisis económica, y por un mantenimiento de los niveles de producción, al mantener la capacidad instalada, propiciando un notable desajuste entre oferta y demanda².

La crisis económica que se adueñaba de España desde los años setenta formaba parte de una recesión que afectaba a la mayoría de los países capitalistas, si bien tuvo unos efectos más devastadores en nuestro país debido a la debilidad en infraestructuras productivas, a un desarrollo industrial poco diversificado y a una escasa competitividad con respecto a las naciones más desarrolladas, como causas más destacadas.

Esta situación de claro retroceso económico coincidió con el inicio de la denominada transición a la democracia tras la muerte del dictador Francisco Franco en noviembre de 1975. Además de las incertidumbres políticas que ocasionó la sustitución de las instituciones franquistas, se unía el recrudecimiento de la lucha de clases que se venía desarrollando desde los primeros años de dicha década.

En esta tesitura, los diferentes gobiernos de la Unión de Centro Democrático (UCD), en el periodo 1977-1982, no fueron capaces de implementar unos planes de reconversión que los empresarios nacionales e internacionales demandaban con urgencia. De hecho, no fue hasta la llegada al poder del PSOE cuando se acometió una profunda reestructuración del sector industrial y, concretamente, del siderúrgico.

Frente a estos proyectos, los sindicatos de clase mayoritarios, la Unión General de Trabajadores (UGT) y las Comisiones Obreras (CCOO), así como el Partido Comunista de España (PCE), mostraron su oposición debido a las repercusiones que tendría sobre el empleo y las condiciones de trabajo. Rechazo expresado,

¹ UNED. e.gonzalez@orgc.csic.es

² Véase, entre otros, MARÍN, J.M^a: “La fase dura de la reconversión industrial: 1983-1986”, *Historia del Presente*, nº 8 (2006/2); NAVARRO, M.: *Política de reconversión: balance crítico*, Madrid, EUDEMA SA, 1990; CARBALLO, R., GONZÁLEZ, A. y MORAL, J.A.: *Crecimiento económico y crisis estructural en España (1959-1980)*, Madrid, Akal editor, 1981.

fundamentalmente, a través de la exigencia de una negociación de los planes propuestos que incluyera la garantía, en todo caso, de que la eliminación de puestos de trabajo fuera voluntaria y con la mayor indemnización posible.

Contexto económico, político y social

En el ámbito económico, con una población entonces cercana a los 70.000 habitantes, la comarca del Camp de Morvedre basaba sus ingresos en la agricultura – principalmente cítricos– y la siderurgia. Dos sectores, por otro lado, que atravesaban grandes dificultades para salir adelante.

A los problemas existentes en cuanto a la exportación de naranjas en un contexto generalizado de descenso del consumo, agravados por las restricciones comerciales que se aplicaban desde la Comunidad Económica Europea, hay que añadir la desaparición de 18.000 hanegadas de agrios, como consecuencia de las expropiaciones que se estaban llevando a cabo para la construcción de una nueva planta siderúrgica y de la autopista del Mediterráneo.

A su vez, se sumaba la delicadísima posición de un sector industrial basado esencialmente en la siderurgia, con una variada gama de pequeñas y medianas empresas concentradas en Sagunto y Puerto de Sagunto, de las que una gran parte de ellas estaban vinculadas a AHM, hasta el punto de que, en estas dos localidades, se ubicaba el 75% de las empresas y trabajaba el 85% de la plantilla industrial. Además, el número de parados en la zona, en 1983, ascendía a unos 8.000 (más de un 40%), siendo el más alto de la región valenciana.

Siquiera brevemente, conviene detenerse en la evolución de algunas magnitudes de la economía española durante aquellos años, con el fin de tener una visión más global y certera del momento. Desde 1977 hasta 1983, el paro creció cerca de un 11%, superando los dos millones de personas, perdiéndose alrededor de un millón doscientos mil puestos de trabajo durante el periodo mencionado. Además, la cobertura del desempleo en 1983 alcanzaba a uno de cada tres parados, el gasto por protección social estaba a diez puntos de la media europea y más del 80% de las pensiones se encontraban por debajo del salario mínimo¹.

En lo concerniente a la esfera política, las tradiciones de la clase trabajadora en general y las coordinadas locales en particular fijaban toda una serie de manifestaciones y procesos políticos:

¹ Datos entresacados, entre otras publicaciones, del Archivo Histórico Fundación Largo Caballero (AHFLC), Comisión Ejecutiva Confederal, Unión General de Trabajadores, “Carta-Circular a las Federaciones Estatales de Industria y a las Uniones Territoriales”, adjuntando, entre otros, el documento elaborado por la CEC sobre un Programa de Reformas frente al Paro y la Crisis, 20 de septiembre de 1983; RODRÍGUEZ, J.: “El período de la transición política desde la perspectiva del análisis económico”, en TEZANOS, J.F., COTARELO, R. y DE BLAS, A. (eds.): *La transición democrática española*, Madrid, Editorial Sistema, 1989, págs. 117-147; MARÍN, J.M^a: *Los sindicatos y la reconversión industrial durante la transición*, Madrid, Consejo Económico y Social, 1997; GARCÍA, A. et alii: *El trabajo en España: empleo y salarios*, Barcelona, Ediciones Orbis, 1985.

Cuadro 1. Resultados elecciones en Sagunto desde 1977 hasta 1983 (%).

Elección	AP+UCD	PSOE+PCE	Otros	Abstención
Generales 1977	22,5 (2,3+20,2)	66 (46,6+19,4)	11,5	17,6
Generales 1979	26,6 (1,9+24,7)	64,5 (38,1+26,4)	8,9	29,6
Locales 1979	23,5 (0+23,5)	69,5 (39,8+29,7)	6,9	33,6
Generales 1982	21,3 (14,5+6,8)	73,8 (63,3+10,5)	4,9	16,0
Autonómicas 1983	19,7 (17,9+1,8)	65,5 (42,1+23,4)	14,7	35,4
Locales 1983	15,3 (15,3+0)	60,7 (41+19,7)	23,9	35,2

Fuente: Archivo Histórico Electoral de la Generalitat Valenciana (AHEGV) (www.pre.gva.es), 7 de diciembre de 2010. Elaboración propia.

El PSOE es la fuerza con más votos en todas las elecciones, no bajando del 40% salvo en dos comicios. Sin embargo, desde 1977 se produce una tendencia de claro descenso en los apoyos electorales a excepción de 1982. De hecho, no consigue llegar a los 13.633 votos de las primeras elecciones en ninguna otra elección, sin contar los obtenidos en 1982.

El PCE es la segunda formación más votada en todas las elecciones a excepción de los años 1977 y 1982, obteniendo una media de apoyo por encima del 20%. Crece en número de sufragios en las elecciones celebradas en 1979, aunque baja ostensiblemente en las de 1982. También desciende en las municipales, en las que pasa de 7.812 en las de 1979 a 5.226 en las de 1983.

Los resultados electorales de la derecha estatal, sumando los de la extinta UCD y los predecesores del actual Partido Popular, Alianza Popular (AP), no alcanzan, en ningún momento, el 27%, reflejando su escaso tirón electoral en una zona con claro predominio de la clase trabajadora industrial. Sólo en las generales de 1979 superará los 7.000 votos¹.

No obstante, si efectuamos una comparación de estos datos con los producidos en otras zonas del país con características socioeconómicas similares por aquel entonces, los guarismos apenas se diferencian:

Cuadro 2. Resultados elecciones generales 1982 en zonas afectadas por la reconversión industrial (%).

Partidos	Conjunto población	Conjunto trabajadores	Zonas afectadas
PSOE	48,4	59,1	50,6
AP-PDP	26,2	10,1	6,8
UCD	7,1	2,9	4,6
PCE	4,1	11,0	21,9
CDS	2,9	2,3	2,2
Otros partidos	11,3	14,6	13,9

¹ Los datos sobre el número de votos de cada formación política se encuentran en AHEGV, www.pre.gva.es, 7 de diciembre de 2010.

Fuente: AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Informe de 1983 relativo a los resultados de una Encuesta solicitada por UGT sobre la conflictividad ante la reconversión industrial, a través de la empresa Equipo de Investigación Sociológica, en las zonas más afectadas (Ferrol, Vigo, Gijón-Avilés, margen izquierda Bilbao, Bajo Llobregat, Sagunto, Getafe-Villaverde y Cádiz) y entre trabajadores metalúrgicos”.

Por otro lado, la militancia más activa se encontraba nucleada en torno al PCE, con una repercusión notable en la plantilla de AHM y, por ende, en el conjunto de la comarca. De hecho, el 60% de los trabajadores de la planta siderúrgica estaban afiliados a CCOO en los inicios de la reconversión, de los que una parte nada desdeñable mantenían una doble militancia al pertenecer también a la organización comunista. Es más, la mayoría de los dirigentes de esta central sindical pertenecían a dicho partido y eran experimentados sindicalistas que tenían sobre sus espaldas un amplio bagaje en la lucha antifranquista¹.

En el caso de la UGT, no sólo era inferior en afiliación con respecto a CCOO sino también en representación sindical: UGT tenía 11 delegados en 1980 y aumenta a 12 en 1982, mientras que CCOO partía de 23 delegados y subirá a 24 en 1982. En el año 1983, CCOO tenía 19 de los 29 delegados existentes².

Ahora bien, estas tendencias sindicales tampoco parecen variar, sustancialmente, con las existentes en otras zonas con destacada presencia industrial en aquel periodo. Así, CCOO obtenía un 41,9%, UGT, 31,2, USO, 3,5, no afiliados, 4,8, nacionalistas, 6,7, y otros sindicatos, 12,2³

En cuanto a la composición de la sociedad saguntina, venía determinada, en el sector agrícola, por la existencia de pequeños propietarios venidos a menos por un mercado cada vez más competitivo, aderezado por un empeoramiento económico, a lo que se sumaba una abundante mano de obra asalariada como consecuencia de que el cultivo de los cítricos admitía escasos procedimientos mecánicos.

Por otra parte, en AHM, en 1983, trabajaban algo más de 4.000 operarios. Si cifrásemos en cuatro/cinco personas la media de una familia de la época –con las inexactitudes propias de una extrapolación realizada groso modo–, nos situaríamos en torno a las 20.000 personas directamente dependientes de la empresa siderúrgica, es decir, más de un 25% de la población de la comarca.

A estos dígitos, se deben añadir unas menores expectativas de mejora y una percepción generalizada de un futuro poco halagüeño. Así, a la pregunta de “se ha hablado últimamente de la posibilidad de crear puestos alternativos de trabajo en Sagunto. ¿Qué piensa Vd. sobre ello?”, sólo un 10% pensaba “que con más o menos rapidez se crearán nuevas empresas”, frente a un 67% “que son simples palabras para apaciguar a los trabajadores” y un 17% “que la realidad se impondrá y será muy difícil llevar esta medida a la práctica”⁴.

¹ Véase SOLER, J.Ll. y SAZ, I.: “De lo Rat Penat al Congreso de Castellón. Las Comisiones Obreras en el País Valenciano (1966-1978)”, en RUIZ, D. (dir.): *Historia de Comisiones Obreras (1958-1988)*, Madrid, Siglo XXI de España Editores, 1993, págs. 311-312.

² Datos extraídos del Archivo Historia del Trabajo Fundación 1º de Mayo (AHT). *El Metalúrgico*, nos 21, enero, y 22, mayo, ambos de 1984, págs. 25 y 11 respectivamente.

³ AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Informe de los resultados de la Encuesta...”.

⁴ ENCUESTA DEL CIS. Estudio marginal de Sagunto E.1.362 (Área Sagunto), julio/agosto 1983, págs. 2 y 9.

Organización y comienzo de la lucha

Destaca inmediatamente la impresionante participación no sólo de la plantilla sino del resto de la población, que se traducía en una asistencia masiva a las asambleas, en la proliferación de organismos que agrupaban a los distintos componentes de las movilizaciones (plantilla, mujeres, jóvenes, estudiantes) y en la infinidad de actos secundados por los habitantes del pueblo durante el conflicto¹.

A lo largo de la lucha, hubo, fundamentalmente, dos pilares sobre los que bascularon las acciones del pueblo. El primero fue el Comité de Empresa (CE), controlado por el sector moderado de CCOO, que contó con la confianza de buena parte de la plantilla y de sectores amplios de la población. Se vio sometido a fuertes presiones de la empresa y del INI, de las federaciones estatales del metal de los sindicatos mayoritarios y de los trabajadores, propiciando serias desavenencias en su seno y continuos enfrentamientos con la Coordinadora Sindical (CS).

El segundo fue la propia CS, que agrupaba a CCOO, UGT y CNT-AIT, apoyada por prácticamente todo el espectro sociopolítico de la zona. El sindicato con más presencia era CCOO que, en el ámbito comarcal, estaba dominado por la fracción más combativa contra el Gobierno. Su funcionamiento tenía su máxima expresión en la asamblea del pueblo, en donde se debatían las propuestas que emanaban de la propia CS, además de las que podían surgir de otros organismos creados ad hoc y a título individual. Su protagonismo fue innegable aunque en el último periodo descendió claramente como consecuencia de las crecientes diferencias habidas en el seno del PCE.

Tras la declaración del Gobierno sobre el cierre de la cabecera el 4 de febrero de 1983, UGT y CCOO criticaron con firmeza tanto la fecha elegida, unos días antes de que el Gobierno presentara su plan de reindustrialización, como el lugar donde se había tomado dicha decisión, al margen de la Comisión de Seguimiento, organismo paritario compuesto por representantes de las Administraciones Públicas y de los sindicatos, regulado por anteriores acuerdos.

Obviamente, los líderes sindicales exigían, con todo el derecho, explicaciones e información precisa sobre los planes gubernamentales, dado que atañían directamente a los trabajadores. Ahora bien, ¿debían convertirse en el punto central de la oposición sindical? ¿Acaso una medida como el cierre de la cabecera de AHM requeriría una contestación muy diferente dependiendo del lugar y la fecha en que se difundiera?

De todas formas, se levantó tal indignación en el pueblo que la empresa se vio obligada a posponer temporalmente el cierre, sin que ello frenara las movilizaciones ya convocadas. Así, el 16 de febrero, se convoca la primera huelga general en el Camp del Morvedre, siendo secundada masivamente y culminando en una manifestación a la que acudieron más de 30.000 personas según la policía municipal.

Diez días más tarde, los trabajadores aprueban, tras una multitudinaria asamblea, la realización de un encierro con carácter indefinido en la empresa. Asimismo, se decide ir a Valencia el 28 de febrero, a la sede de las Cortes valencianas, como reprobación por la tibia actitud mantenida por el Gobierno socialista de la Generalitat valenciana en relación con su rechazo al cierre de AHM.

Varios miles de trabajadores y sus familias estuvieron concentrados desde las doce de la mañana en las puertas de las Cortes impidiendo la salida de los diputados regionales hasta pasadas las once de la noche. Hay que señalar que esta protesta fue

¹ Véase una explicación más detallada y prolija en OLMOS, M., op. cit., págs. 63-4.

apoyada por la totalidad de los partidos, sindicatos y organizaciones ciudadanas de Sagunto, incluido el PSOE. De hecho, su organización del Camp de Morvedre apoyó sin ambages las movilizaciones.

Estrategia gubernamental *versus* estrategia sindical

El Gobierno, apoyado por los grandes empresarios y banqueros, intentó, desde un primer momento, que la división entre los trabajadores del sector a reconvertir, así como entre las organizaciones que lideraban la protesta, se extendiera como una mancha de aceite. Se trataba de evitar la unificación de AHM con las plantas de Altos Hornos de Vizcaya y de Ensidesa en Asturias. Si conseguía focalizar separadamente cada factoría y, aún más, independizar sus reivindicaciones, estaba en disposición de ejecutar sus planes con una menor protesta social y, en consecuencia, aplicarlos con una mayor efectividad. Esta posición era tan evidente que los líderes sindicales reconocieron que “hay un hecho cierto que nos debe hacer reflexionar y es que a lo largo del conflicto la actuación y solidaridad sectorial ha sido nula”¹.

De este modo, los sindicatos de clase y el PCE publicaron comunicados públicos y convocaron huelgas y manifestaciones en las distintas zonas afectadas de España con objetivos estrictamente localistas, hasta el punto de defender posiciones diametralmente opuestas dependiendo del lugar en que se encontraran. Resultaba chocante presenciar que, en el seno de estas organizaciones, las posturas político-sindicales estuvieran más cerca de los intereses patronales y de la derecha de sus respectivos ámbitos geográficos que de sus propios compañeros con los cuales militaban. Así, mientras la UGT, las CCOO, el PCE y los sectores disconformes del PSOE de Sagunto articulaban una respuesta común con la derecha política y los grandes empresarios valencianos en las reivindicaciones y en su vertebración; esas mismas organizaciones en Asturias se unían, a su vez, con la derecha económica y política asturiana².

¿Qué pensaban en realidad los trabajadores del sector sobre cómo lograr cambiar los planes del Gobierno y la patronal? En el mentado Informe encargado por la UGT, se planteaba lo siguiente: “Si en un plan de reconversión industrial las negociaciones llegaran a un punto muerto, ¿con cuál de las dos siguientes actuaciones estaría Vd. más de acuerdo? Seguir negociando y buscando nuevas propuestas aunque hubieran de hacer los trabajadores alguna concesión” –lo apoyan un 35,2%–, mientras que “presionar al máximo a los empresarios mediante huelgas, manifestaciones y otras acciones de lucha”, lo defienden un 61,7%. Asimismo, se apunta que “esta actitud de movilización ante un punto muerto en las negociaciones siguen siendo mayoría los electores de CCOO (75,1) y de INTG [la Intersindical, central sindical gallega de orientación nacionalista] (85,7), pero también se observan importantes sectores de UGT que se inclinan por esta opción (el 56,3), de USO (56,3), de electores de delegados no afiliados (72,7) y de otros sindicatos (54,6)”³.

¹ AHT, *El Metalúrgico*, nº 22, mayo 1984, pág. 12.

² El rechazo se concentraba en consignas como “Salvar Ensidesa, Salvar Asturias”, “TBC a Sagunto”, entre otras.

³ Véase AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Informe de los resultados de la Encuesta...”, págs. 11-2.

La rebelión prosigue

A primeros de marzo, el presidente de AHM reduce la producción en un 20 por ciento en aras a lograr, de manera paulatina, el declarado cierre de la cabecera. Dicha medida se contesta inmediatamente con una huelga de trabajo lento, propiciando que, una semana después, la factoría recupere su nivel habitual de producción. Se da un ultimátum a la plantilla a que deponga su actitud, hecho que no se produce. Conviene precisar, en este sentido, que nos hallábamos ante un hecho de innegable importancia. Se estaba cuestionando el principio de autoridad intrínseco al funcionamiento del capitalismo, además de que las decisiones trascendentales sobre la puesta en marcha de la factoría descansaban en la propia plantilla.

Ante el cariz que estaban tomando los hechos, el Presidente de la empresa, el 18 de marzo, visita el Puerto de Sagunto, ordenando a los trabajadores que depongan sin dilación su comportamiento. Marcará, para ello, un plazo máximo de tres días, que originó una respuesta fulminante. Alrededor de 25 mil personas retienen, durante 12 horas, al directivo de AHM mientras se entrevistaba con el CE. Conseguirá salir gracias a la policía y la ayuda de los miembros del CE, enfriando los ánimos de los allí concentrados. La tensión se logra rebajar cuando la empresa decide suspender la reducción del 20%, aunque los trabajadores aceptarán una merma del 12%.

Sin dejar de movilizarse durante los meses precedentes, el 14 de junio se manifiestan en Madrid ante la sede del Ministerio de Industria y Energía, acompañándose de una huelga general de 48 horas en Sagunto. Acuden alrededor de siete u ocho mil personas, que son reprimidas de manera contundente por las fuerzas de orden público, saldándose los enfrentamientos con siete manifestantes heridos¹. La protesta se radicaliza aún más.

El día 2 de julio, los saguntinos efectúan cortes de carretera y de vías férreas de manera espontánea y con tanta virulencia que desbordan las directrices que emanaban de la CS, puesto que ésta había convocado pequeños cortes de tráfico para distribuir hojas informativas en relación con el cierre de AHM. Al día siguiente, en una asamblea tan concurrida que se llena el campo de fútbol de la localidad, se decide efectuar una huelga general de 48 horas en Sagunto para los días 4 y 5, con una manifestación este último día, terminada la cual emprenderían viaje a Madrid.

Además del gran despliegue que plasman los trabajadores de Sagunto en Madrid el 6 de julio, la solidaridad que generan es de tal calibre que más de 20 mil madrileños acuden a la manifestación que culminará en las Cortes, debido a que, ese mismo día, se aprobaba el decreto ley de reconversión de la siderurgia integral que suponía, en la práctica, la desaparición de la factoría.

Poco antes de concluir el periodo estival, AHM intenta cumplimentar los planes previstos. Prescribe, de esta guisa, parar un tren estructural y, al mismo tiempo, notificar a 160 trabajadores que se incorporen a otras secciones de la factoría debido a la no puesta en marcha del mismo. Comienza lo que se conocerá como “la batalla del tren 28”.

El CE emite su opinión de rechazo tres días después de conocida la medida y convoca a la plantilla a una asamblea para el día 14 de septiembre, donde se aprobará poner en funcionamiento el tren 28 en un claro desafío a las órdenes empresariales.

¹ “La agresividad verbal y las tentativas de algunos manifestantes de cortar el tráfico rodado son rechazables pero no pueden justificar la dureza de los métodos empleados por los cuerpos de seguridad, a las órdenes de un Gobierno cuyos miembros pertenecen a un partido apellidado socialista y obrero”, editorial de *El País*, 16 de junio de 1983, (www.elpais.com), (7 de diciembre de 2010).

Ante diversos medios de comunicación, el CE informa de que unos raíles pedidos por RENFE han sido fabricados de manera “autogestionaria”. Se trataba, en esencia, de un nuevo cuestionamiento de una de las reglas básicas en las que se basa el funcionamiento de la economía capitalista, repitiéndose el procedimiento empleado cuando el incumplimiento de la orden de reducción de la producción en un 20%¹.

La respuesta del Presidente de la siderurgia saguntina fue rápida en consonancia con la gravedad de los hechos. Así, se envían cartas de despido a 69 trabajadores y se expedienta sin empleo y sueldo a 158 trabajadores por incumplir el traslado de sección², contando con el respaldo del Instituto Nacional de Industria (INI). El 21 de septiembre, a las diez de la noche, se celebra una asamblea en la que se decide continuar trabajando en el tren del 28, pese a las medidas disciplinarias. Dos horas después, se reúnen el Conseller de Industria de la Generalitat, como mediador, los sindicatos y la empresa, acordándose que los trabajadores abandonarían el tren estructural, a cambio de que la empresa levantara los despidos.

En aquellos instantes, el pacto estuvo caminando sobre el filo de una navaja. Tanto es así que, en la asamblea congregada a tal efecto, hubo bastante oposición al mismo. De hecho, la intervención más aplaudida la hizo un trabajador al incidir en que “si cedemos, jamás podrán trabajar los jóvenes, será la muerte lenta de AHM”³. Con el ambiente muy soliviantado, el presidente del CE abogó porque sólo pudieran votar los trabajadores de AHM, impidiéndose, por vez primera, la participación de las mujeres y de los jóvenes sin trabajo⁴, siendo aprobada la citada propuesta.

La narración de este cúmulo de actos protagonizados por los trabajadores y sus familias no es suficiente para comprenderlos íntegramente. Se dieron unos rasgos que fueron moldeando los contenidos y las formas de las movilizaciones. Fisonomía, por otra parte, que venía mediatizada por la implicación directa del pueblo en la defensa de las condiciones de trabajo presentes y en la configuración de un futuro con menos incertidumbres.

Para ello, es menester incidir en que, una victoria electoral como la obtenida por el PSOE en el año 1982, se debió a un apoyo social muy extenso y, por ende, bastante heterogéneo. Esta cuestión, asimismo, es perfectamente compatible con la afirmación de que, por parte de las clases trabajadoras, dicho apoyo fue mayoritario y provisto de grandes dosis de confianza. En el Camp de Morvedre, los resultados electorales parecen ratificar dicho aserto: De los 42.220 votos realizados a candidaturas, en un censo electoral de 51.093 personas, el PSOE recibió 25.642 apoyos, es decir, un 61% del total⁵.

¹ “La situación ha sido definida por fuentes oficiales de este modo: ‘El Comité de Empresa dirige de hecho la factoría de Sagunto’”, en *El País*, 20 de septiembre de 1983, (www.elpais.com), (7 de diciembre de 2010).

² Según LASO, R.: *Breve historia de la siderurgia integral española 1901-2002*, Centro de Estudios e Investigaciones Sociales de la Industria (Federación Minerometalúrgica de CCOO), www.minerometal.ccoo.es, págs. 28-9. No obstante, en OLMOS, M., op. cit., págs. 66-7, los despidos son 80 y los sancionados, 160.

³ *El País*, 25 de septiembre de 1983, (www.elpais.com), (7 de diciembre de 2010).

⁴ “(...) en los dirigentes sindicales apareció el temor de que la situación fuese nuevamente desbordada, que aquella asamblea les arrastrara hacia un callejón sin salida”, *El País*, 25 de septiembre de 1983, (www.elpais.com), (7 de diciembre de 2010).

⁵ AHEGV, (www.pre.gva.es), 7 de diciembre de 2010.

Este escenario, no obstante, comenzó a verse truncado por las medidas propuestas por la dirección socialista. Así, tuvieron que enfrentarse a unas políticas que, en el caso de la reconversión industrial, significaban un deterioro considerable de sus condiciones de vida. Al mismo tiempo, percibían un diferente trato con respecto a los sectores socioeconómicos más privilegiados. Además, dichas acciones se daban de bruce con lo explicitado en su programa electoral y con su labor de oposición contra los anteriores gobiernos de la UCD¹.

Hay que añadir, en este orden de cosas, las controvertidas relaciones mantenidas entre los líderes sindicales y políticos de la protesta y los colectivos sociales involucrados en la misma, esbozadas anteriormente. Así, al formular que “(...) Ante los planes de reconversión industrial y otros conflictos, ¿qué sindicato cree Vd. que está actuando mejor?”, figuraba que CCOO obtenía un 31,8% y UGT, un 24,5, dando un total del 56,3%, a la vez que, un 23,8% pensaban que ningún sindicato estaba actuando bien², lo que significa que, según los resultados de las elecciones sindicales ya referidos por parte de la misma fuente, CCOO reducía su aprobación en cerca de 10 puntos porcentuales y UGT disminuía, a su vez, en casi 7³.

Asimismo, hay que tener en cuenta la precaria situación económica del país y, en particular, de la zona, tal y como mostraban las cifras de paro creciendo vertiginosamente, unos salarios que venían perdiendo poder adquisitivo desde hacía ya varios años⁴, una jornada laboral de las más altas de nuestro ámbito y un Estado del bienestar muy raquítico en función de las amplias necesidades a satisfacer, entre otros magnitudes.

A modo de conclusión, se debe enfatizar, por un lado, la actuación desproporcionada que llevaron a cabo las fuerzas de orden público contra las movilizaciones. Y, por otro lado, la información suministrada por la gran mayoría de los medios de comunicación y destacados líderes del PSOE en contra de la plantilla de AHM, así como del conjunto de los sectores incluidos en la reconversión industrial, achacándoles la práctica totalidad de los males que padecía la economía española⁵.

¹ Véase NAVARRO, M., op. cit., pág. 125.

² AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Informe de los resultados de la Encuesta...”.

³ “[En Sagunto] hay momentos en que el comité y los sindicatos se ven superados por la dinámica de la base... ‘El pueblo desborda la organización’, comenta en este sentido un portavoz del comité. ‘A la hora de replegarse, es más dura la gente del pueblo, tiene más acción. Cuando pides su ayuda, actúa. Luego no puedes discriminarla, imponiendo lo que piensa el Comité de Empresa y los sindicatos”, en *El País*, 10 de julio de 1983, (www.elpais.com), (7 de diciembre de 2010).

⁴ Sin entrar a valorar su interpretación, destacan los hechos planteados: “El desempleo masivo y el autoconvencimiento del colectivo de trabajadores acerca de las buenas condiciones retributivas previamente alcanzadas hicieron posible la asunción pactada de una política de rentas que, en términos prácticos, ha congelado hasta 1984 los salarios reales al nivel de 1980”, en ESPINA, Á.: “La política de rentas en España: 1977-1986”, en GARCÍA, A. *et alii*, op. cit., pág. 177.

⁵ Percepción que, con respecto a los medios de comunicación, se expresa en la mencionada Encuesta del CIS, op. cit., pág. 11. El que fuera miembro de la Comisión Ejecutiva del PSOE, Enrique Múgica, declaraba que las movilizaciones “contra la reconversión están presididas por la mala fe, la demagogia y un estricto sentido del gremialismo”, en *Cinco Días*, 11 de febrero de 1984. Y, también, las de Carlos Solchaga, ministro de Industria, responsabilizando a los trabajadores del despilfarro económico de AHM porque “nos cuestan 10.000 millones de pesetas, además del salario que ganan”, en unas Jornadas de Promoción Industrial organizadas por el PSOE el día 10 de febrero de 1984.

Los últimos empujones

El 27 de diciembre de 1983, un trabajador de AHM es herido por la policía durante un corte de tráfico efectuado en la autopista del Mediterráneo. Por la tarde, la comisaría del Puerto de Sagunto es atacada por varios cientos de personas con todo tipo de objetos, desde piedras hasta bombonas de camping-gas, saldándose la refriega con 28 policías heridos, decenas de manifestantes contusionados y dos coches y una furgoneta de la Policía incendiados.

Dos días después, se presentará el expediente de regulación de empleo (ERE), cuya negociación se iniciaría el 4 de enero en lo tocante al personal ubicado del horno alto número 2 con sus respectivos servicios auxiliares, y que suponía una reducción del 15% de la plantilla existente. Pese a la gravedad del momento, el CE centró la disputa en el lugar de celebración de la reunión, Sagunto o Madrid, situando, de esta manera, el centro del debate fuera de los objetivos fundamentales del conflicto.

En este orden de cosas, es importante calibrar que esta medida del gabinete socialista coincide con un proceso de fuerte crispación social, cuyo punto de máxima ebullición se dio en las jornadas de lucha convocadas por CCOO y UGT contra la política de reconversión industrial los días 2 y 3 de febrero. Era la primera vez, tras un año jalonado de movilizaciones y de protestas tanto sectoriales como territoriales, que se daba una respuesta coordinada frente a las acciones gubernativas, aunque la convocatoria estuvo plagada de múltiples obstáculos y rencillas.

Así, mientras CCOO pretendía que la jornada del día 2 se convirtiera en una protesta más generalizada contra la reconversión y en una forma de presión para la reapertura de negociaciones, UGT colocaba sus objetivos en oponerse a las rescisiones de contratos en los sectores propuestos para ser reconvertidos. Por si fuera poco, la diversidad de los actos de protesta fue la tónica general.

En algunos lugares como Gijón (Asturias), Puerto Real (Cádiz), Getafe (Madrid) y Camp de Morvedre la huelga fue general. En otros, como en Vigo (Pontevedra), Ferrol (A Coruña), Cantabria, Andalucía y demás localidades incluidas en el proceso de reconversión industrial, se llevaron a cabo únicamente paros y manifestaciones. En zonas como Vizcaya y Cataluña, además, la jornada de protesta se trasladó al día 3 a petición de UGT. El resultado, finalmente, se saldó con una participación que rondó las 400 mil personas¹.

Pero es que, junto a estas movilizaciones, había más de un millón de trabajadores a la espera de firmar sus convenios colectivos, paralizados por las fuertes discrepancias en la negociación con directivos públicos y empresarios privados. De hecho, estos últimos trataban de empujar con fuerza al Gobierno para que prosiguiera con sus planes, los acelerase y, en todo caso, no cediera a la presión de los trabajadores. Una expresión de este intento fue la concentración de cuatro mil empresarios en Madrid, a mediados de enero de 1984, para impugnar determinados aspectos de la política económica gubernamental.

El 20 de febrero, bautizado como “día negro” por los saguntinos, la Dirección General de Empleo (DGE) autoriza el ERE que contempla la salida de 155 trabajadores y la rescisión de contrato de más de 240 eventuales debido al cierre del horno alto número 2. Ese mismo día, la empresa ordena el cierre de dicho horno, el tren Blooming, así como los hornos de fosa. A su vez, cortará el suministro de coque, manteniendo el horno alto con un funcionamiento mínimo.

¹ AHT, Resolución del Consejo Confederal de CCOO del 7 al 9 de febrero de 1984, aparecida en *Gaceta Sindical*, nº 0, Segunda Época, pág. 49.

Ante esta situación, la representación sindical someterá a la asamblea, tras valorar detenidamente distintas variantes, una alternativa que conllevará, en esencia, el no acatar lo dictaminado por la dirección de AHM. La empresa, por otra parte, se esforzará por erradicar esta nueva indisciplina laboral, a la vez que amenazará con las consecuencias que se derivarían de la misma, puesto que “constituiría un inconveniente objetivo para la atracción de nuevas industrias que se intentan ubicar en la zona y para el desarrollo de los trabajos que realiza en la actualidad la Comisión Mixta Administración Central-Generalitat de Valencia para la creación de empleos alternativos”¹.

Pese a las amenazas, la plantilla se decantará porque el horno siga encendido aunque fuera a ritmo lento. Sin embargo, el 28 de febrero, llegan las cartas de despido para los 155 trabajadores y la rescisión de los eventuales, lo que provoca la primera grieta digna de mención en el seno de la plantilla entre éstos y el personal fijo. Así, el 1 de marzo, los 155 despedidos por el ERE no entran a trabajar siguiendo indicaciones del CE, lo que no ocurre con los eventuales, quienes resuelven en asamblea hacer oídos sordos a la rescisión de sus contratos.

Esta panoplia de eventos tiene su cénit el 2 de marzo con la retención, durante seis horas, del jefe de personal de AHM por un nutrido grupo de operarios de la factoría. Después de mucha zozobra, innumerables llamadas telefónicas, insultos y amenazas, el INI acepta, con el fin de apaciguar aquel tumulto, que los 155 despedidos se puedan incorporar al trabajo. Al día siguiente, el organismo ministerial se retractará al declarar nulas las concesiones hechas, argumentando que fueron producto de unas coacciones tildadas de intolerables.

Al igual que lo acontecido con el intento de reducción del 20% de producción y la batalla del tren estructural 28, el control de la empresa volvía estar en entredicho por la firmeza de la plantilla, aun habiendo transcurrido un año entero de continuas movilizaciones, huelgas y protestas de todo tipo. Evidentemente, el nuevo “control” de la fábrica se diferenciaba de los anteriores porque se daban, claramente, unas nuevas condiciones, aunque solo fuera porque las fuerzas estaban llegando al límite y la desesperación crecía rauda y velozmente.

Al mismo tiempo que los trabajadores seguían sin claudicar, las direcciones sindicales proponían al presidente de AHM una negociación sin condiciones. Éste responderá que no habrá diálogo hasta que no se restituya su autoridad². A su vez, el 12 de marzo de 1984, Miguel Campoy, máximo representante de CCOO en el Comité de Empresa, dirige una carta a Nicolás Redondo, por aquel entonces secretario general de UGT, expresando valoraciones que parecían ir por derroteros diferentes a las resoluciones aprobadas en las asambleas: “El Comité de Empresa al que represento es consciente de que sólo por la vía de una negociación abierta y responsable pueden resolverse de forma satisfactoria todos los problemas presentes y futuros”³.

Pese a estos intentos infructuosos por el momento, la empresa lanzará un ultimátum para que se clausure el horno alto o, de lo contrario, se efectuará un cierre patronal. Los trabajadores, mayoritariamente, reiteran su decisión de continuar el boicot,

¹ AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Comunicado al Comité de Empresa de Altos Hornos del Mediterráneo (AHM), de la Dirección de AHM”, sin fecha.

² Véase OLMOS, M., op. cit., págs. 72 y 73.

³ AHFLC, Comisión Ejecutiva Confederal, “Carta del Presidente del Comité de Empresa a Nicolás Redondo”.

aún a sabiendas de que la vida de dicho horno se podría alargar como mucho un mes más.

En esta encrucijada, los días 22 y 23 de marzo, se remiten cartas de despido a 230 obreros. En esta tesitura, los sindicatos estimaban que las fuerzas de los trabajadores estaban llegando a su fin debido al asedio permanente a que se estaban viendo sometidos, incluido el suministro de coque imprescindible para el funcionamiento del horno. Añadían, también, que los 230 despidos significaban una cortapisa más para la movilización y que la amenaza de cierre patronal se convertía en una losa que podía sepultar la continuación de la lucha. De esta forma, creyeron adecuado poner el horno alto número 2 en posición de “banking” (el horno queda rebajado de temperatura dejando de producir, si bien permanece en una situación que permite ponerlo en marcha en cualquier momento, al no quedar su estructura dañada), cerrar el tren ‘Blooming’ y los hornos de fosa, a cambio de que la empresa levantara los despidos.

El 4 de abril se firma un preacuerdo entre el INI, AHM, el CE y las federaciones del metal de CCOO y UGT, en el que se explicita el cierre definitivo de la cabecera de Sagunto el 1 de octubre de 1984, la creación de 2.100 puestos de trabajo alternativos hasta 1987 por parte del INI y el tratamiento de los “excedentes” de plantilla. Dicho preacuerdo queda pendiente de ratificación por el Consejo de Administración del INI y por los trabajadores.

Durante la asamblea celebrada el 5 de abril, se produjeron enfrentamientos virulentos, empujones y agresiones entre los partidarios del preacuerdo y los opositores al mismo, incluyendo, en ambos bandos, a miembros del CE. Por parte de los sectores críticos, se presentó una propuesta de ratificación del acuerdo diferente al referéndum, consistente en celebrar una asamblea popular que validara o rechaza el preacuerdo. Por el contrario, las posturas patrocinadas por el sector mayoritario de CCOO, con el apoyo de las direcciones del PCE y de la UGT, se basaban en que la decisión final sólo debía recaer en la plantilla.

Aún con todo, parecía un tanto contradictorio que, de cara a secundar las huelgas, acudir a las manifestaciones, participar en los cortes de tráfico, recoger firmas, realizar viajes por toda la geografía española, entre otros actos, la colaboración de todo el pueblo era vital, pero, a la hora de tomar decisiones trascendentales, su punto de vista no se tuviera en cuenta.

El referéndum tuvo una primera convocatoria para el 6 de abril aunque fue saboteado por trabajadores eventuales debido a que este colectivo –unos 700- fue excluido de la votación. El CE responde posponiéndolo para el día 10, en donde se aprobará el preacuerdo por 2.237 síes, 1.040 noes y 110 blancos y nulos, según los datos de *El Metalúrgico* de CCOO, n° 22, de mayo de 1984¹.

¹ Según OLMOS, M., op. cit., pág. 78, las cifras depararon este resultado: 2.157 votos afirmativos, 1.033 negativos, 92 en blanco y 12 nulos. Como se puede comprobar, la tendencia fundamental no varía.

Cuadro 3. Resultados del referéndum por mesas, en número de votos y en porcentaje (entre paréntesis).

Mesas	Censo	Emitidos- Participación	Síes	Noes	Blancos nulos
Hornos de acero	696	559 (80,3)	440	106	13
R. Subproductos	492	411(83,5)	332	66	13
Horno alto	404	338 (83,7)	232	92	14
Taller eléctrico	542	429 (79,2)	279	134	16
Taller general	616	540 (87,7)	418	100	22
Laminación frío	832	741(89,1)	233	490	18
Oficinas generales	313	276 (88,2)	220	45	11
Oficinas Madrid	123	93 (75,6)	83	7	3
Total	4.018	3.387 (83,3)	2.237 (66,1)	1.040 (30,7)	110 (3,2)

Fuente: AHT, *El Metalúrgico* nº 22 de mayo de 1984.

Siquiera brevemente, hay que valorar la votación tras cerca de quince meses del inicio del conflicto. El alto porcentaje de participación habido es un hecho innegable, con una tasa superior al 80%, indicando la enorme importancia que le otorgaban los trabajadores. El que dos tercios de los votantes avalaran el preacuerdo otorgaba a éste una clara mayoría, que zanjaba la lucha e indicaba, al mismo tiempo, cómo encauzarla a partir de esos momentos. Asimismo, el que hubiera casi un tercio de la plantilla que se opusiera a finiquitar la protesta reveló la existencia de una fuerte oposición a que la misma concluyera de esta forma, pese a los altos sacrificios que había comportado la oposición al cierre de la cabecera. Los 700 eventuales excluidos no hubieran variado el resultado final si hubieran votado pero sí podrían haberse producido unos porcentajes un tanto diferentes¹.

Conclusiones

Dado que lo fundamental era la conservación de los puestos de trabajo, la comprensión cabal de lo que se dilucidaba constituía el meollo del conflicto. Así, en el ámbito político, junto al rechazo a que los trabajadores fueran los únicos que pagaran los platos rotos de la crisis y, por ende, de la reconversión propuesta, debería haberse responsabilizado a los grandes empresarios y banqueros, junto a los gestores públicos, del desgastado del sector siderúrgico y de la crisis económica en su conjunto. Esta consideración podría haber generado un doble efecto.

Los gobiernos del PSOE, tanto a escala estatal como autonómica y local, acusaron en innumerables ocasiones a los sindicatos, a las organizaciones situadas a su izquierda y a los obreros que luchaban contra sus políticas, de fusionarse con la derecha para desgastar al partido socialista. En consecuencia, la contestación debería haber enfatizado en la denuncia, precisamente, de los responsables directos, pasados y actuales, al objeto de diferenciar en las críticas vertidas contra las reformas que se llevaban a cabo en el aparato industrial español.

¹ Véase una explicación más detallada en *El País*, 12 de abril de 1984, (www.elpais.com), 7 de diciembre de 2010.

Era vital asumir que, en aquellas circunstancias, la clase trabajadora y otras capas sociales desfavorecidas, así como sectores amplios de las clases medias, no querían cambiar de Gobierno -lo acababan de elegir masivamente en octubre de 1982-, a diferencia de lo que sí pretendía la derecha. Se trataba, en todo caso, de convencer a los votantes socialistas de que la política que propugnaban los líderes del PSOE no era el camino que debía recorrer un partido de izquierdas “apellidado socialista y obrero”.

Por otro lado, eso debía traducirse en que, para lograr dicho cambio, la unificación con el resto de sectores en lucha era una condición sine qua non. Por muchas movilizaciones que realizaran los trabajadores de Sagunto, y por muy radicalizadas que fueran, era prácticamente imposible que ellos solos modificasen la política gubernamental. Esa unificación, quizás, habría podido agudizar las fricciones ya existentes entre los ministros socialistas y en el seno del PSOE como consecuencia de la contestación social derivada de la aplicación de sus políticas.

En el ámbito organizativo, la CS se apoyaba en las asambleas del pueblo, en donde se decidían los pasos a dar. Las diversas formas de organización colectiva se fueron expresando entre las mujeres, los jóvenes, los estudiantes, en unos casos de manera espontánea y en otros impulsados por las organizaciones de clase, siendo su vehículo de expresión la asamblea. Sin embargo, estos colectivos que participaban denodadamente por salvar los puestos de trabajo no estaban representados en la Coordinadora, surgiendo tensiones y roces que provocaron, en varios momentos claves del conflicto, efectos negativos en la propia lucha.

A estas carencias, se añadían las tensas y contradictorias relaciones entre miembros del CE, y entre éste y la CS. En la medida que la lucha trascendía los límites de AHM y sin renunciar a que el órgano de representación de la plantilla siguiera siendo dicho CE, la CS podría haber incluido, también, a representantes del mismo, sometiéndose a las decisiones que se tomaran democráticamente en las asambleas populares. Este mecanismo de organización de la lucha hubiera podido generalizarse al conjunto de las zonas afectadas, máxime cuando los sindicatos de clase y los partidos de izquierda -había organizaciones del PSOE que participaban en las movilizaciones- estaban liderando el proceso en todo el Estado.

Sería, por tanto, muy conveniente profundizar como línea futura de investigación hasta qué punto hubo una vinculación -y si la hubo, descubrir qué grado de relación se da- entre el programa y la táctica con que abordaron la lucha las direcciones de CCOO y UGT, junto al PCE, y el resultado obtenido en la misma. También, nos podría indicar si la determinación mostrada por la plantilla y el resto del pueblo saguntino requería un programa y una táctica diferente a la empleada para conseguir derrotar los planes gubernamentales o, si por el contrario, éstos gozaban de un sustento social tan grande que hacía inviable su modificación.

Fuentes y bibliografía

Archivos y Hemerotecas

Archivo Historia del Trabajo de la Fundación 1º de Mayo de CCOO.

Archivo Histórico de la Fundación Francisco Largo Caballero de UGT.

Archivo Histórico Electoral de la Generalitat Valenciana (www.gva.es).

Biblioteca Virtual de Prensa Histórica del Ministerio de Cultura (prensahistorica.mcu.es).

Fondos Hemeroteca de la Biblioteca Nacional.

Bibliografía

- CARBALLO, R., GONZÁLEZ, A. y MORAL, J.A.: *Crecimiento económico y crisis estructural en España (1959-1980)*, Madrid, Akal editor, 1981.
- GARCÍA, A. et alii, *El trabajo en España: empleo y salarios*, Barcelona, Ediciones Orbis, 1985.
- GILLESPIE, R.: *Historia del Partido Socialista Obrero Español*, Madrid, Alianza Editorial, 1991.
- KÖHLER, H.D.: *El movimiento sindical en España*, Madrid, Editorial Fundamentos, 2000.
- MARÍN, J. M^a: *Los sindicatos y la reconversión industrial durante la Transición*, Madrid, Consejo Económico y Social, Colección Estudios, 1997.
- MARÍN, J. M^a, YSÀS, P. y MOLINERO, C.: *Historia de España XVIII. Historia Contemporánea. Historia política 1939-2000*, Madrid, Editorial Istmo, 2001.
- MARTÍN, P. y COMÍN, F.: *INI: 50 años de industrialización en España*, Madrid, Espasa-Calpe, 1991.
- NAVARRO M.: *Política de reconversión: balance crítico*, Madrid, EUEDEMA, 1990.
- OLMOS, M.: *Breve historia de la siderurgia saguntina. La batalla de A.H.M.*, Valencia, Fernando Torres-Editor SA, 1984.
- PASCUAL, H.: *Reconversión y reindustrialización en España. Los nuevos dinamismos espaciales*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1993.
- QUINTANA, F. (coord.): *Asalto a la fábrica*, Barcelona, AliKornio Ediciones, 2002.
- RUIZ, D. (dir.): *Historia de las Comisiones Obreras (1958-1988)*, Madrid, Editorial Siglo XXI, 1994.
- SÁNCHEZ, F.: *La España del siglo XX. Economía, demografía y sociedad*, Madrid, Ediciones Istmo, 2006.
- TEZANOS, J. F. COTARELO, R. y DE BLAS, A. (eds): *La transición democrática española*, Madrid, Fundación Sistema, 1993.
- V.V.A.A.: *25 años del Estatuto de los Trabajadores*, Madrid, Fundación Largo Caballero, 2005.

Publicaciones

- El Metalúrgico*, órgano estatal de la Federación siderometalúrgica de CCOO.
- Gaceta Sindical*, órgano de la Confederación estatal de Comisiones Obreras.
- Mundo Obrero*, órgano oficial del Partido Comunista de España.
- Historia del Presente*, revista de historia contemporánea coeditada por la Asociación de Historiadores del Presente (CIHDE) y Editorial Eneida.

En internet

- LASO, R.: *Breve historia de la siderurgia integral española 1901-2002*, Centro de Estudios e Investigaciones Sociales de la Industria (Federación Minerometalúrgica de CCOO), (www.minerometal.ccoo.es).
- *Trazando el contorno de la reestructuración a lo largo del sector metalúrgico europeo*, Centro de Estudios e Investigaciones Sociales de la Industria (Federación Minerometalúrgica de CC.OO.), (www.minerometal.ccoo.es).
- MARTÍN, J.: *Patrimonio industrial y memoria colectiva. El caso de Puerto de Sagunto*, Universitat de Valencia, (www.uv.es).
- El País*. Números consultados: 108, (www.elpais.com).

Otras

- Encuesta del Centro de Investigaciones Sociológicas. Estudio marginal de Sagunto e.1362 (Área de Sagunto), julio/agosto 1983.
- Encuesta del Equipo de Investigación Sociológica sobre la conflictividad ante la reconversión industrial, encargada por la UGT, 1983.

«Padres de la patria» contra «hijos del pueblo». Discursos y prácticas del régimen político argentino ante las huelgas y conflictos sociales en la Buenos Aires de 1909. *Hugo Quinterno*¹

Entre el 1° y el 10 de mayo de 1909, Buenos Aires se conmovió por un movimiento de huelgas y tensión callejera superior a toda manifestación conocida hasta ese momento. Aunque la llamada ‘cuestión social’ no era nueva, esta oleada de rebeldía que se conoció rápidamente como «Semana Roja» sobresaltó profundamente al grupo gobernante local, al ponerlo frente a impugnaciones de inédita densidad y magnitud.

Esos conflictos que sacudían a la Argentina del crecimiento inducido por las exportaciones, contrastaban a los vigorosos números del desempeño económico nacional y los deseos de progreso y brillo de la clase gobernante local al menos en tres aspectos: los reclamos de los trabajadores, la mayoría de ellos inmigrantes europeos, ante la explotación patronal y el escaso derrame de la riqueza; las tensiones derivadas de la expansión urbana de Buenos Aires, en especial en el impacto del precio de la vivienda y los alquileres; y la circulación de las ideas revolucionarias —sobre todo el anarquismo—, que alimentaba los demás problemas y dejaba la tarjeta de visita de una nueva forma de violencia política.

Este trabajo busca examinar sumariamente tal complejo mapa a través de los ojos del sector que gestionaba la política argentina. Para recortar el objeto de estudio, prestaré especial atención al ámbito parlamentario, las reflexiones y acciones surgidas en determinadas agencias gubernamentales y los ensayos de algunos publicistas oficiales destacados. Trataré de exponer cómo se explicaban estos conflictos y las recetas ensayadas para controlar un desafío nuevo derivado, paradójicamente, de los logros del régimen antes que de sus fracasos.

La «Semana Roja»: un breve recorrido por los hechos

El conflicto desatado a partir de la dura represión ejercida por la policía de la capital contra los manifestantes anarquistas que celebraban la fiesta de los trabajadores en una plaza cercana al edificio del parlamento nacional, era la culminación de un clima previo de tensión latente desde un tiempo antes. La historiografía al respecto enfatiza en la concurrencia de causas de arrastre y elementos de protesta coyunturales.

En el mediano plazo, un aspecto de preocupación era la carestía de la vida, expresada sobremanera por el aumento del pan, cuyo precio subió alrededor de un 25% entre 1908 y 1909 (Frydenberg y Ruffo 1992), como resultado de una cosecha menor a la esperada, originada en una sequía que afectó a algunas zonas productoras e hizo disminuir, por primera vez desde 1901, un área sembrada cuyas hectáreas se habían duplicado desde 1900 (Pianetto 1984). También alimentaba el malhumor el alza sostenida de los alquileres, con aumentos de cerca de un 15% entre 1907 y 1909 y que produjeron en el primero de esos años un paro de inquilinos de casi tres meses de

¹ Hugo Quinterno (Buenos Aires, 1964) teaches ‘Contemporary History’ at the Universidad de Buenos Aires (UBA), and ‘Contemporary Argentine History’ at the Universidad Abierta Interamericana (UAI). He studied history at the Universidad de Luján. He is a member of the GEIPP (Study Group for the Research of Political Processes), where he investigates the process of political centralization in Argentina during the early twentieth century. Among other activities, he has researched on the relationships between different Argentine administrations and cattle-breeding, sponsored by the UAI to be published as a collected work by Editorial Teseo, on February 2012.

duración y en el segundo de ellos un intento huelguístico que no llegó a materializarse (Panettieri 1967; Suriano 1983).

Aunque las medidas oficiales para paliar tal situación fueron escasas o nulas, no por ello escapaban —al menos en el aspecto discursivo— de la preocupación del presidente de la Nación, quien en la apertura del período legislativo de 1909 señaló: ‘El precio de los artículos elementales es caro, y lo son asimismo las habitaciones, y además insuficientes y poco higiénicas’.¹ En ese año, además, las circunstancias se agudizaron pues al notarse desde los primeros meses una caída de los salarios reales, que ubicarían a las retribuciones en el nivel anual más bajo de la década (Cortés Conde 1979).

En lo inmediato, el 1° de mayo de 1909 debía entrar en vigencia una ordenanza de penalidades sancionada por la Municipalidad de Buenos Aires, destinada a regular aspectos punitivos de índole contravencional y que incluía un procedimiento para instrumentar entre los trabajadores la denominada ‘cédula de vecindad’, un documento con foto y huella dactilar destinado a facilitar la identificación de los más tumultuosos, a fin de aplicarles sanciones y penas menores de arresto, en especial a los conductores de carros, quienes eran los más perjudicados por la expansión tranviaria y ferroviaria, casi monopolizada además por compañías inglesas. Algunas de estas medidas para controlar el mundo laboral no eran nuevas. Ya en abril de 1902 la Municipalidad de Buenos Aires intentó poner en circulación una ordenanza que exigía a los cocheros la posesión de una libreta de trabajo, cuyo resultado fue el estallido de un paro del sector (Oved 1976).

En ese contexto, el ataque de la policía a los manifestantes libertarios, con un saldo de diez o doce muertos —según las fuentes— y centenares de heridos y detenidos, fue el disparador de una huelga general donde no faltaron acciones violentas por parte de ambos bandos. Por otra parte, apenas anunciados de los sucesos de Plaza Lorea, los socialistas y sindicalistas se sumaron a la protesta y redactaron una serie de escritos donde se requería principalmente la renuncia del jefe de policía, la liberación de los detenidos y la derogación de la ordenanza.

El movimiento comenzó a crecer con fuerza y rapidez a partir del lunes 3 de mayo, cuando se convocó a un paro general y la ciudad se paralizó casi por completo. El 4 de mayo tuvo lugar el sepelio de las víctimas del acto anarquista y los encuentros entre manifestantes y fuerzas de seguridad se tradujeron en combates callejeros muy intensos en los barrios de Villa Crespo, Barracas y La Boca. El 5 de mayo, los huelguistas se calculaban en 300,000 y la aduana, el puerto, los frigoríficos, buena parte de los ferrocarriles y un gran porcentaje de los comercios se hallaban cerrados o con mínima actividad.

A partir de allí, el gobierno empleó todos sus medios para tratar de que se retomaran las tareas. Con la colaboración de las grandes empresas, se buscó quebrar el paro forzando la asistencia de los trabajadores, se intensificó el patrullaje policial, se rodearon los distritos rebeldes, se pusieron los carros municipales a disposición de particulares para garantizar el reparto de bienes y alimentos, se estableció la custodia de los tranvías con soldados del ejército y se estimuló la contratación de rompehuelgas en los sectores sensibles de la producción y del comercio internacional, medidas que alternaron éxitos con fracasos.

La tensión fue en crecimiento al menos hasta el viernes 7 de mayo, cuando el estallido de una bomba bajo un tranvía, en la céntrica esquina porteña de Corrientes y Cerrito, dejó como saldo la muerte de un escolar y varios heridos. Junto al cansancio

¹ *Diario de Sesiones de la Cámara de Senadores*, período legislativo 1909, p. 10. En adelante, *DSCS*: 1909, p. 10.

mostrado por las agrupaciones que sobrellevaban la protesta, a partir del 8 de mayo se empezaron a abrir vías de diálogo y se notó una disposición a negociar por parte tanto del gobierno como de los huelguistas.

El trance terminó en una especie de empate. Mientras las autoridades derogaron la polémica ordenanza y liberaron a los cuantiosos detenidos (calculados en casi 3,000), los rebeldes no lograron forzar la renuncia de Ramón Falcón, jefe de la policía, que era uno de los objetivos de la protesta en razón de la actitud generalmente inclemente exhibida desde su designación en sus cometidos institucionales y en el particular papel que jugó en la represión del 1° de mayo.¹

Durante esos diez días, la ciudad conoció una oleada de violencia social pocas veces vista hasta entonces. Julio Frydenberg y Miguel Ruffo —los únicos autores que editaron una obra sobre el tema— han tipificado seis formas de acción que pudieron observarse de manera sistemática durante la «Semana Roja»: concentraciones públicas; altercados aislados en calles y conventillos; violencia contra locales comerciales e instalaciones empresarias; enfrentamientos en barricadas entre grupos en barrios obreros; colocación de bombas y explosivos; y atentados y sabotajes contra tranvías.

El nivel de agitación fue de tal densidad que los casi 6,000 efectivos de la policía y bomberos de la capital resultaron insuficientes para restablecer el orden y el gobierno llegó a la actitud desconocida hasta ese momento de movilizar a todas las guarniciones del ejército asentadas en el distrito federal y buena parte de las radicadas en sus cercanías para garantizar la circulación de los tranvías o enfrentar a los piquetes callejeros.

Solo unas jornadas después de reinstaurarse la calma, Buenos Aires retomó su ritmo cotidiano. En el bando de los huelguistas las evaluaciones eran disímiles, los socialistas, que habían jugado fuerte para exigir la remoción de Falcón, ponderaban de forma pesimista al balance de la contienda. Los sindicalistas tenían una percepción favorable al obtenerse la derogación de la ordenanza de contravenciones y lograrse la liberación de los presos. Los anarquistas también resaltaban estos últimos frutos de la movilización, pero sabían que eran y serían el objeto de culpa por parte de buena parte de la opinión pública y que ello alentaría las persecuciones y la hostilidad del aparato policial.

Del lado gubernamental, las concesiones hechas a los manifestantes se compensaban con el sostenimiento del comandante de las fuerzas de seguridad y la negativa a abrir una investigación sobre la violenta represión de la concentración anarquista del día de los trabajadores. Asimismo, la reanudación de las actividades en dependencias como la Aduana o el puerto permitía recuperar el dinamismo de las finanzas públicas, cuyos ingresos habían menguado fuertemente durante el paro.

Para el empresariado, la huelga identificó claramente a los obreros más tumultuosos y al no ceder ante las presiones de los sindicatos, pudieron desembarazarse de muchos trabajadores que les generaban conflictos, liberados de su arresto pero despedidos de sus puestos laborales. La vuelta de los negocios fue celebrada apenas culminó la agitación y la corporación que agrupaba a los abastecedores de Buenos Aires agasajó al coronel Ramón Falcón con un almuerzo, como muestra de apoyo y

¹ Ramón Falcón fue asesinado en un atentado con explosivos el 19 de noviembre de 1909. Su victimario fue Simón Radowsky, un joven militante anarquista de origen ucraniano que había emigrado a la Argentina en marzo de 1908. Por ser menor de 21 años de edad evitó ser condenado a muerte, pero fue sentenciado a prisión perpetua. En 1929 fue indultado por el presidente Hipólito Yrigoyen.

reconocimiento por el manejo de la situación durante los aciagos días de la huelga general.¹

Un otoño caliente: repercusiones, explicaciones, proposiciones

Como primer trastorno, los disturbios demoraron la tradicional concurrencia del presidente de la República al parlamento para dar el discurso de apertura de las sesiones ordinarias del Congreso, fijada constitucionalmente para el 1° de mayo de cada año y trasladada en esta ocasión al 15 de mayo de 1909. Cuando el jefe de estado José Figueroa Alcorta se presentó ante los legisladores, criticó la revuelta, a su juicio ‘preparada y dirigida por agitadores profesionales, que en su mayor parte entran al país y se radican, y aún prosperan, al amparo de la libertad generosa de nuestras leyes’.²

Según el mandatario, una de estas libertades —y verdadera usina de los conflictos— era la de prensa, ya que generaba problemas con su convocatoria a la huelga, su aliento a la insubordinación de los soldados, al sabotaje de los preparativos de los fastos del Centenario, o el llamado a ‘la noble venganza de las clases oprimidas’. En consecuencia, dejaba esbozada la necesidad de tomar medidas para acabar con un situación donde los ‘abusos de la libertad no tengan su correctivo legal’.³

Como señalaba el primer magistrado, la paradoja era que estas tensiones se daban en un escenario de opulencia, ya que ‘en ninguna época, como en la actual; ha alcanzado el país una situación de prosperidad y de progreso tan grande y tan sólidamente constituida’.⁴ Ese crecimiento era en buena medida tributario de la combinación exitosa entre exportaciones agrícolas, inversiones extranjeras e inmigración, y en tal sentido, para el grupo gobernante era difícil asimilar que algo intrínsecamente bueno como la llegada de una mano de obra abundante y bien dispuesta para el trabajo pudiera tener tales consecuencias no deseadas.

El doble juego conceptual entre una afluencia de migrantes europeos que era a la vez fuente de riqueza y de problemas también estaba presente en Roque Sáenz Peña, el hombre seleccionado por la élite dominante para conducir el estado a partir de octubre de 1910. En el mismo momento de su canónica designación, formuló en Roma una declaración destinada al periódico comunitario *La Patria degli Italiani*, donde sostenía: ‘Ese rango de gran potencia que nos viene de derecho cada vez que la vara económica mide las estaturas, es, en una buena parte, resultado de la inmigración’ (Sáenz Peña 1914: 370).

De todos modos, esos sueños de nación importante tenían una base endeble. La inserción de la Argentina en el comercio mundial como gran exportador de cereales y carnes vacunas hacía al país vulnerable tanto por la dependencia de los precios internacionales —una variable no controlada—; como por los caprichos de la naturaleza para generar las buenas cosechas y pasturas capaces de asegurar esos formidables excedentes exportables, sobre todo el del trigo, por su carácter de bien salario.

Así, no todos los años resultaban en buenos desempeños. A finales de 1908 y a sabiendas de una campaña triguera inferior a las anteriores, Sáenz Peña presentó un proyecto denominado «Oficina de Trabajos y Salarios» ante el Instituto Internacional de Agricultura, foro mundial donde representaba a la Argentina. Esta proposición buscaba estabilizar y ordenar la circulación global de mano de obra destinada a las faenas rurales

¹ *Caras y Caretas*, n° 556, del 29 de mayo de 1909. Esta revista no numeraba sus páginas.

² *DSCS*: 1909, p. 4.

³ *DSCS*: 1909, p. 5.

⁴ *DSCS*: 1909, p. 44.

mediante la conformación de un aparato estadístico internacional, receptor de las previsiones de cosechas de los cereales y granos exportables.

Según el diplomático —ya lanzado hacia la presidencia—, se trataba de ‘regularizar esas excesivas corrientes eventuales, que vuelcan en los países receptores, más que instrumentos útiles á la prosperidad, temibles agentes de perturbación para la economía y de desorden para la sociedad’.¹ La meta de este ordenamiento era controlar los flujos de personas para evitar al emigrante «golondrina», caracterizado como un huésped oportunista, ‘que aprovecha la bonanza, cuando acierta con la necesidad que lo ha llamado, y fuerza perturbadora o agente de subversión, cuando trata de forzar las leyes inalterables de la oferta’ (Sáenz Peña 1914: 293). Como el sólido cuadro político que era, el candidato sabía del doble filo del arma inmigratoria y buscaba prevenir conflictos potenciales.

Una tensión similar podía leerse en otro intelectual, académico y hombre público como Estanislao Zeballos, quien escribía en junio de 1909 acerca de los problemas a enfrentar por quien dirigiese la nación a partir de octubre de 1910. Con el tono agrio de expresión que hacía público al emitir cada opinión desde su expeditiva y poco elegante salida del gabinete presidencial en 1908, enfatizaba en la atención que debía prestarse a una población extranjera que constituía una porción significativa del número total de habitantes del país.

Zeballos proponía entre su agenda de soluciones que se mejorara la deficiente administración pública mediante la ‘naturalización de los extranjeros, calificados por su inteligencia, por su fortuna, por su familia y por su posición social’.² En concordancia con la experiencia estadounidense, recomendaba ‘la solución del problema de la población del territorio por medio de una inmigración seleccionada y limitada, y de la subdivisión y distribución gratuita ó barata de la tierra pública’ (Zeballos 1909: 276-277). Con estas medidas se evitaría la repetición de los sucesos de mayo de 1909, de los que tenía esta visión:

Tres mil extranjeros, una parte de ellos sin arraigo, sin conocimiento del idioma castellano, han conmovido á la Capital y á la República; y hemos visto con alarma y con desconsuelo que la autoridad doblaba ante la minoría amorfa sus prestigios, con promesas que nunca debieron ser hechas, porque sólo puede salvar á los pueblos, en estas circunstancias, la benevolencia, el amor y la justicia de las autoridades para los que sufren, y la energía serena, pero inflexible, para los que agitan, asaltan y asesinan! (Zeballos 1909: 274).

Mientras tanto, las turbulencias de mayo eran procesadas asimismo en las cámaras parlamentarias. A poco de iniciarse el período legislativo, el diputado bonaerense Juan Argerich presentó un proyecto de ley declarando la necesidad de reformar la Constitución Nacional. En la sesión del 22 de junio de 1909 ingresó una iniciativa que, entre otros temas, planteaba incluir en el texto de la carta magna la facultad gubernamental de expulsar a los extranjeros no queridos. En el discurso fundamentando su trabajo, Argerich destacó como un punto importante al referido a la expulsión de extranjeros, ‘sobre lo cual tiene páginas admirables Reeves, en su libro sobre leyes de Australia y Nueva Zelandia, cuando habla de los *elementos no deseables*

¹ Roque Saenz Peña a David Lublin (delegado de los Estados Unidos ante el Instituto Internacional de Agricultura), 4 de abril de 1909, en *Escritos y Discursos*, Tomo I, p. 322.

² La legislación argentina exigía (y todavía lo hace) la condición personal de ciudadano nativo o naturalizado para ocupar los empleos públicos nacionales.

dentro de una sociedad civilizada; —doble cuestión política y social, en el desarrollo creciente del anarquismo brutal'.¹

Más focalizado sobre el problema de los extranjeros y menos engorroso desde el punto de vista del trámite parlamentario, una semana después el poder ejecutivo remitió un proyecto proponiendo modificar la ley de inmigración y colonización dictada durante la presidencia de Nicolás Avellaneda. Como rezaba el mensaje presidencial adjunto, la inspiración provenía del concepto defensivo y restrictivo de la ley estadounidense de inmigración de 1907. Curiosamente, este ordenamiento había sido objeto de un extenso análisis en la *Revista de Derecho, Historia y Letras*, pocas semanas antes del estallido de la «Semana Roja».

En marzo de 1909, el influyente mensual de Estanislao Zeballos publicó un largo artículo firmado por R. Ancízar, donde se comparaba la ley norteamericana con la recién citada normativa argentina sancionada en 1876 para estimular la llegada de europeos. En un tono crítico, el autor reclamaba modificaciones en el texto legal y destacaba como diferencia que en 'la República Argentina viciamos el sistema institucional con inmigrantes inferiores; no buscamos ciudadanos sino máquinas de producir riqueza; en los Estados Unidos quieren evitar el exceso de población'. En tal sentido, los congresistas de Estados Unidos habían manifestado de manera inequívoca su preocupación por limitar una inmigración indeseada y la disposición legal era 'muy explícita en cuanto á las *ideas* anarquistas negando en absoluto la entrada á los que las tengan aún cuando no las hayan traducido en hechos' (Ancízar 1909: 327 y 328).

Para el publicista, el contraste central entre ambos regímenes radicaba en el carácter restrictivo en el número y selectivo en las condiciones morales, políticas y pecuniarias de los potenciales inmigrantes a los Estados Unidos, ante una ley argentina cuyo objetivo era el reclutamiento masivo de mano de obra, sin hacer observar medidas estrictas para la regulación del ingreso al país, fuera de alguna pauta expulsiva como la prevista por la ley de residencia.

Como si el poder ejecutivo se hiciera eco de esos comentarios, en el borrador de la nueva regulación inmigratoria se advertía que 'el liberalismo de las leyes argentinas no puede llegar á convertir este país en el asilo de todos los criminales ó degenerados de la tierra'.² Aunque el gobierno tomaba la delantera del asunto, varias de las ideas para restringir ciertas libertades garantizadas por la legislación nacional habían sido expuestas por sectores de la prensa conservadora al evaluar las repercusiones de la «Semana Roja».³

El texto presentado a los diputados para su debate buscaba prohibir la entrada al territorio nacional de diversas clases de extranjeros tipificados como peligrosos, en especial: 'Los anarquistas y las personas que profesan ó preconizan el asesinato de los funcionarios públicos, ó el uso de explosivos y medios de fuerza para impedir el cumplimiento de las leyes y disposiciones legales de las actividades públicas, ó para impedir el ejercicio de los derechos individuales'.⁴ Sin embargo, la iniciativa no logró

¹ *Diario de Sesiones de la Cámara de Diputados*, período legislativo 1909, Tomo I, p. 164. En cursiva en el original. En adelante *DSCD*: 1909, I, p. 164.

² *DSCD*: 1909, I, p. 191.

³ Por ejemplo, las recomendaciones editorializadas en *La Prensa* el 15 de mayo de 1909, que incluían sugerencias para reglamentar las actividades de los gremios, impedir las huelgas y limitar las publicaciones sectoriales de los sindicatos así como la prensa libertaria. *La Nación*, en cambio, expresaba que la represión a los anarquistas no podía hacerse afectando las libertades de prensa, reunión y asociación.

⁴ *DSCD*: 1909, I, pp. 190-192.

tratamiento legislativo hasta que, en junio de 1910, una renovada escalada de huelgas y un atentado en el Teatro Colón obligaron a exhumar el proyecto y sancionar una norma punitiva conocida como «Ley de Defensa Social».¹

Esta propuesta no era novedosa. En 1899, el senador Miguel Cané ya había presentado un proyecto de ley para que el poder ejecutivo deportara a inmigrantes indeseables. Un año más tarde, el ministro del interior giró al parlamento una iniciativa del mismo tenor, pero que ya incluía definiciones explícitas contra los anarquistas, en una reacción ante el asesinato del rey italiano Humberto I. Ambos textos quedaron congelados por los recelos de los legisladores acerca de la constitucionalidad de una norma de ese tipo, pero serían desempolvados en noviembre de 1902, cuando sobre la base del borrador de Cané, se sancionó una ley de residencia que intentaba poner freno a una escalada de huelgas (Oved 1976).

En buena medida, este especie de práctica del palimpsesto legal y sus correspondientes dilaciones también permite comprender la diversidad de un grupo dirigente heterogéneo y con posiciones basculantes. Desde que se habían empezado a notar las implicancias de las transformaciones sociales derivadas del tránsito de la Argentina por el capitalismo, no era extraño un comportamiento oficial que mostraba simultáneamente la capacidad para preocuparse y ocuparse ante los problemas. En el mundo del trabajo, el gobierno intentó algunas medidas, tanto diagnósticas como resolutivas, pero puede decirse que daba pasos cortos y pequeños para atender la cuestión social, mientras reaccionaba ante los tumultos con zancadas represivas.²

Dentro del enfoque punitivo, lentamente la lente estatal fue posándose sobre los anarquistas, quienes para fin de la primera década del siglo llevaban colgada de modo casi exclusivo la etiqueta de indeseables y peligrosos. En efecto, la posición del círculo gobernante con respecto al anarquismo varió con el tiempo. Al principio, excepto el entonces jefe policial de la capital Manuel Campos, quien en 1895 advirtió en su memoria anual que el acratismo podría representar un potencial ‘peligro para el porvenir, cuando las relaciones entre capitalistas y obreros se compliquen’, la mayoría de los funcionarios y los medios de prensa no pensaban que la prédica libertaria fuera más allá de aspectos ‘teóricos’ y la administración ponía escaso celo en la persecución o condena de los militantes anarquistas.

Fue a partir de 1900 cuando esa percepción giró hacia el temor, sobre todo en el segmento temporal comprendido entre los atentados contra el monarca saboyano, en agosto de 1900, y el magnicidio del presidente estadounidense Mc Kinley, acaecido en septiembre de 1901. La mutación del humor pudo chequearse durante los disturbios generados por la crisis de la deuda consolidada, en julio de 1901, momento en que se intentó culpar a los anarquistas por conflictos desarrollados exclusivamente a nivel

¹ Ley n° 7029, sancionada el 27 de junio de 1910. Este ordenamiento daba amplias facultades al poder ejecutivo para reprimir a opositores sociales obviando al sistema judicial. También ampliaba la discrecionalidad gubernamental para aceptar inmigrantes o expulsarlos del territorio nacional. De todos modos, la Argentina disponía desde 1902 de una ley de residencia, que consentía la expulsión de los extranjeros por motivos políticos o sociales.

² Por ejemplo, en 1904 el gobierno encargó un estudio sobre la situación de la clase obrera al médico catalán Juan Biale Massé. Se trató de crear una agencia oficial al respecto y, con la insistencia del diputado socialista Alfredo Palacios, se dictó una incipiente legislación laboral. En 1907 se organizó formalmente el Departamento Nacional de Trabajo, se decidió hacer un censo poblacional en la capital e incluso se anunció la construcción de viviendas para obreros, como respuesta a la situación generada por la huelga de los inquilinos. En 1909 y tras la «Semana Roja», esta última cuestión fue retomada con nuevas promesas hechas por el presidente Figueroa Alcorta en el discurso de apertura de las sesiones del Congreso al que ya nos referimos.

intersticial dentro del conjunto gobernante. Como fuera, estos acontecimientos dieron excusa a la policía porteña para crear una sección especial destinada a la vigilancia y persecución de los libertarios.

Tras la «Semana Roja», el reforzamiento del aparato coercitivo podía apreciarse el 18 de agosto de 1909, cuando el presidente envió al congreso el borrador del presupuesto federal para el ejercicio 1910. En el mensaje de expedición, reseñaba las erogaciones extraordinarias afrontadas hasta mediados de 1909. Allí se hablaba de libramientos excepcionales para las fuerzas del orden que concurrieron ‘á llenar necesidades imprevistas, tales como el refuerzo de las partidas de gastos de policía de la Capital y los extraordinarios originados á la misma, con motivo de la última huelga’.¹

Asimismo, en un proyecto de ley de recursos y gastos caracterizado por mantener casi invariables las erogaciones del año anterior —260 millones de pesos argentinos para 1910 contra 257 del ejercicio 1909—, solo se aumentaban las partidas de deuda pública y ministerio del interior. En este último rubro, poco más de un millón de pesos adicionales se asignaban a la policía. Los argumentos oficiales al respecto eran contundentes:

Difícilmente podrá encontrarse un aumento más legítimo y más equitativo si se tiene en cuenta que se trata de una institución encargada de velar por la conservación del orden público, la seguridad individual y la protección de la propiedad. El aumento creciente de la población de esta Capital, la diversidad de educación y hábitos de los elementos que afluyen á su seno, el desenvolvimiento de su comercio y de su industria, como las múltiples formas en que se ejercita y expande la actividad individual y colectiva, han traído mayores exigencias en el servicio de policía, agravando á la vez la responsabilidad de su personal. Era necesario, pues, que éste se aumentara como era justo que se mejorara su retribución.²

Como se ha dicho anteriormente, el desborde sufrido por la policía durante la «Semana Roja» llevó al gobierno a movilizar a varios cuerpos del ejército. Aunque el peso dramático del pasado reciente de la Argentina puede llevarnos a ver en esto el origen de la utilización de las fuerzas armadas como instrumentos de control social, la intervención de los soldados en los sucesos de 1909 fue un episodio aislado y fuera de lo común.

Para los hombres de armas, lo político importaba mucho más que lo social y en esta clave podía leerse en cada uno de los doce números de la *Revista Militar* de 1909 una serie de notas encadenadas sobre la actuación de los uniformados en los asuntos públicos, que revisaba el problema desde la organización nacional hasta la víspera del Centenario. En cambio, sobre los acontecimientos sociales del otoño, el mensuario se limitó en junio a reproducir el comunicado oficial del ministro de Guerra Rafael Aguirre, que felicitaba a los veteranos y conscriptos por su ‘desempeño de la misión de orden público y de garantía de la libertad de trabajo que se les confió’, a la vez que remarcaba el carácter excepcional de estas prestaciones y alentaba a los soldados a retomar sus ‘tareas ordinarias’ con la satisfacción del deber cumplido.³

Ninguna atención merecieron los días de agitación en la publicación mensual de la asociación de los cuadros militares argentinos, que ni siquiera mencionó el tema de la

¹ *DSCD*: 1909, I, p. 649.

² *DSCD*: 1909, I, pp. 651-652.

³ *Revista Militar*, Año VIII, n° 197, junio de 1909, p. 455.

participación de muchos de sus asociados en las tareas de vigilancia y represión. Solo el asesinato de Ramón Falcón —caracterizado miembro de la entidad— motivó la aparición de una foto del fallecido jefe de policía en el número de noviembre y una breve nota de homenaje en la edición de diciembre, en la que se hablaba del atentado como causa de la muerte, sin hacer más consideraciones.¹ En conclusión, al menos durante 1909, los anarquistas no eran un tema al que las revistas militares decidieran darle siquiera una modesta mención en sus hojas.

Desde ya, las agencias estatales no respondieron a los tumultos solamente a través del aparato coercitivo. El Consejo Nacional de Educación, en su revista oficial destinada especialmente al personal docente, publicó en el número de mayo de 1909 un apartado denominado ‘Instrucciones sobre la «Semana de Mayo». A los directores y maestros’. En ese artículo —suscripto por el inspector general Ernesto Bavio— se recomendaba tanto al personal de conducción como al de aula que dieran ‘carácter acentuadamente nacional y patriótico á la enseñanza de todos los grados, durante la Semana de Mayo’.²

Al fundamentar el opúsculo, el autor explicaba que, en tanto país de inmigración, ‘la República Argentina necesita cimentar su grandeza, más que en las montañas de cereales y en los millones de cabezas de ganados que cubren su extenso y feraz territorio, en la difusión amplia de un fuerte y equilibrado patriotismo’.³ El funcionario reclamaba asimismo convicción de parte de los maestros, a quienes pedía ‘el fuego sagrado’ y la vocación de los patriotas a fin de entusiasmar al estudiantado.

Además, la actitud nacionalista debía reforzarse ante la inédita situación de vivir la gran festividad puertas adentro de las escuelas y las casas, debido a que la tensa situación social y las manifestaciones huelguistas desplegadas durante la «Semana Roja» llevaron a anular los tradicionales festejos en los espacios abiertos. Como destacaba Bavio: ‘Los maestros despedirán á los niños hasta el miércoles 26 [de mayo] en que se reanudarán las clases, pues este año no irán en corporación á las plazas públicas á cantar el himno’.⁴

Luego de estas instrucciones y recomendaciones, el publicista anexaba otra sección llamada ‘La Lección Patriótica’, donde se enfatizaba en el valor de los símbolos patrios y las figuras de los prohombres de la historia argentina. Finalmente, cada estudiante debía saber sobre la existencia de dos madres, ya que junto a la biológica o familiar, también se dotaba de maternidad a la República. No menos significativa era la dualidad paterna. Por un lado, el alumnado necesitaba reconocer el esfuerzo hecho por las figuras masculinas de la familia, quienes ‘trabajan para vosotros, os mandan a la escuela para que los maestros —que son los más grandes amigos de vuestros padres— os enseñen á leer, á escribir, á contar y á ser buenos’. Este sacrificio se espejaba en la nación misma, ya que la ‘República Argentina tiene del mismo modo sus padres, que la vistieron con el ropaje de la libertad y la alimentaron con el pan de la creencia y de la virtud; esos padres se llaman: Padres de la Patria’.⁵

¹ *Revista del Círculo Militar*, Año XI, números 107, noviembre de 1909, p. 754; y 108, diciembre de 1909, p. 911.

² *El Monitor de la Educación Común*, Año XXVIII, n° 437, 31 de mayo de 1909, p. 326. La cursiva en el original. Vale la pena aclarar que esta era (y sigue siendo) la gran fiesta patria argentina, al conmemorarse el 25 de mayo de 1810, día en que se conformó el primer gobierno integrado por criollos.

³ *El Monitor de la Educación Común*, n° 437, p. 331.

⁴ *El Monitor de la Educación Común*, n° 437, p. 333.

⁵ *El Monitor de la Educación Común*, n° 437, p. 337.

Tales discursos, así como el denodado esfuerzo estatal para inculcar en las jóvenes generaciones un espíritu nacionalista no siempre eran acompañados con el éxito de las prácticas. Al respecto, pueden ponderarse opiniones como las de Estanislao Zeballos, quien vociferaba contra escuelas incapaces de ‘crear en los niños la fibra susceptible y delicada de un patriotismo altivo, que triunfe del medio extranjero ó cosmopolita en que viven’ (Zeballos 1908: 32). También el político francés Georges Clemenceau —al visitar Argentina en 1910— describía una enseñanza basada en el patriotismo, pero advertía sobre cómo ‘el poder oficial se agota en vanos esfuerzos para borrar del corazón los sentimientos de nacionalidad’ en los hijos de inmigrantes (Clemenceau 1986: 59).

Sin dudas la magnitud numérica del aporte poblacional europeo constituía un problema en sí mismo dentro de otro fenómeno espectacular como era el desempeño demográfico argentino. Si este último indicador verificaba un crecimiento poblacional nacional que llevó el número de habitantes desde 1,8 millones a 7,9 entre 1869 y 1914, el porcentaje de extranjeros dentro de ese universo era una de las variables que explicaba con mayor solidez la cuadruplicación de las cifras.

Asimismo, el proceso de urbanización debe ser analizado en su especificidad. Como expuso Alfredo Lattes, entre 1895 y 1915 las ciudades incrementaron su población en 1,480,000 personas, de las cuales unos 325,000 eran argentinos que se desplazaron del campo a las ciudades. Fue un movimiento particular de urbanización y proletarización, porque no hubo un desarrollo industrial que lo sustentase, sino que la tracción del crecimiento urbano fue la obra pública, la construcción particular de residencias y la expansión exponencial de los servicios y transportes (Pianetto 1984). Si bien Rosario, La Plata, Mendoza o Córdoba exhibieron un gran dinamismo, las cifras de la ciudad de Buenos Aires hablan por sí mismas:

Cuadro 1: Crecimiento de la población de Buenos Aires e incidencia de los habitantes extranjeros

Censo – Año	Población total	% de aumento	Extranjeras/os	% Extranjeras/os
Nacional - 1895	663,854	- - -	345,493	52.04
Municipal - 1904	950,891	43.24	427,850	44.99
Municipal - 1909	1,231,698	29.53	561,185	45.56
Nacional - 1914	1,576,597	28.00	778,044	49.35

Fuente: Dirección General de Estadísticas y Censos del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires (www.buenosaires.gov.ar/areas/hacienda/sis_estadistico/Anuario_2004/cap_01.htm)

Con tamaña incidencia de las migraciones como variable demográfica, fue lógico que Juan Alsina, el director nacional de esa repartición pública, publicara en junio de 1910 su notable trabajo sobre la inmigración en Argentina. Junto a la copiosa información presentada, el funcionario efectuaba un análisis de las falencias que encontraba en la asimilación política y social de los llegados desde Europa. Como censor de una clase gobernante que integraba, cuestionaba la falta de incorporación a la ciudadanía de los extranjeros que habían hecho fortuna, quienes podrían haber formado ‘un considerable elemento de orden, de influencia por el derecho a voto, de fuerza política á más de social y económica, que serviría para la misma defensa de nuestra sociedad, que algunos extranjeros pretenden alterar con particulares doctrinas contrarias á nuestro sistema de gobierno’ (Alsina 1910: 200).

En el final de su libro proponía políticas activas destinadas a optimizar los mecanismos para elegir recursos humanos provenientes de allende el Atlántico, con el objetivo de contribuir a la riqueza nacional. Con apremio, debió agregar un postrer título a la sección, publicado en pruebas de imprenta. En ese último capítulo,

denominado ‘Selección del inmigrante’, Alsina recomendaba la modificación de la ley inmigratoria de 1876 reforzando el papel de las causas morales como motivo de rechazo.

En este sentido, sugería cambiar la normativa para impedir el ingreso de personas cuya entrada debía prohibirse en absoluto, en especial ‘individuos anarquistas ó complicados con el anarquismo, terroristas y autores y cómplices de atentados contra autoridades’. Asimismo, exhortaba a complementar esta legislación con otra relacionada al orden social, que controlara con atención a la vagancia, el comercio de explosivos, las sociedades ilícitas, el lenocinio o las huelgas (Alsina 1910: 223-224).

Estas incorporaciones hechas de apuro por el autor, daban cuenta de un tiempo en que las ideas e iniciativas punitivas del grupo gobernante alcanzaban una forma definitiva. Con la sanción de la «Ley de Defensa Social» se cerraba, por unos años, el cerco jurídico para controlar la agitación social vinculada con la inmigración indeseada y el anarquismo.¹

Conclusión: las libertades ordenadas contra los desórdenes libertarios

De acuerdo a lo expuesto, la «Semana Roja» de 1909 disparó (una vez más) la preocupación y la reflexión del grupo gobernante argentino sobre el valor disruptivo de la agitación social, en especial la liderada por los anarquistas. Aunque se formularon vagas promesas para atender el problema de la vivienda, se dieron tímidos pasos para avanzar en la mejora de la cuestión laboral y se buscó reforzar el contenido patriótico de la educación acentuando su prédica nacionalista, la mayoría de las respuestas hicieron hincapié en el perfeccionamiento del aparato represivo estatal.

La heterogeneidad en el propio conjunto gestor de la política nacional y la desconfianza de algunos sectores liberales o de quienes sostenían un apoyo crítico a los gobernantes de turno impidieron lograr consenso en restringir ciertas libertades como la de prensa, y demoraron las principales propuestas coactivas hasta 1910. Esta tensión ya se había notado durante las polémicas generadas por la ley de residencia de 1902, cuando las divergencias entre los actores públicos argentinos habían salido a la luz. Mientras algunos legisladores, publicistas y formadores de opinión que apoyaban la medida sostenían la necesidad de darle al presidente los instrumentos necesarios para combatir a los agitadores extranjeros; otros pedían mesura, a fin de evitar que la aplicación de esta legislación terminara siendo un elemento repulsivo para la inmigración en general e implicase un grave daño económico para la nación.

También contribuyó a esa postergación la dificultad en aislar con precisión el acertijo de los inmigrantes indeseados dentro de una inmigración que era sentida como factor deseado para el crecimiento. El problema no era la llegada masiva de extranjeros, sino el arribo de aquellos forasteros calificados como pérfidos que —como los anarquistas— venían a infectar el cuerpo social con ideas extrañas. En una línea de pensamiento destinada a hacer de la indolencia un sacerdocio y de la culpa ajena un estilo de vida, se sembraba la semilla de que buena parte de los problemas que aquejaban a la administración eran un azote externo.

Por otra parte, tanto en sus aspectos cuantitativos como cualitativos, el fenómeno migratorio estaba modificando la sociedad nacional. Fuera de los prejuicios de ciertos grupos nacionalistas, hacia el ingreso en la vigésima centuria hubo una impresión oficial de que se estaba conformando una trama cosmopolita y que —además de intentar construir una identidad nacional definida— era necesario dar lugar a un espíritu de

¹ Gran parte de la legislación represiva del orden social fue asimilada al Código Penal, modificado en 1921.

confraternidad con los principales países aportadores de ese flujo humano. Mediante los reconocimientos, la simbología estatal, la toponimia, la estatuaría urbana y otros gestos de hermandad, se hizo un lugar relevante a las culturas, las tradiciones y los grandes nombres propios de las historias italiana y española, como elementos ineludibles en la conformación de la moderna nacionalidad argentina (Bertoni 2001).

La articulación entre las cosas buenas y malas de la inmigración y su capitalización como factor de evolución material del país debía realizarse ordenando los derechos conforme las viejas prioridades de paz y administración, de orden y progreso. Como explicó Figueroa Alcorta en ocasión de un discurso pronunciado por el banquete del Comercio, el 30 de junio de 1910, ‘el país solo requiere para proseguir la marcha triunfal de su evolución, el afianzamiento definitivo de las instituciones, en *la libertad bien entendida y practicada* y en la paz y el orden’ (Figueroa Alcorta 1933: 264).

No solo el presidente era partidario de esta jerarquización de unos valores que formaban parte del bagaje de la época. Más allá de las críticas internas dentro del grupo gobernante, de las impugnaciones de unos sobre las prácticas electorales, o las quejas de otros por el avasallamiento del federalismo, había consenso entre oficialistas y opositores en torno de una idea como la sostenida por Ramón J. Cárcano: ‘Primero el orden y después la libertad. Fuera del orden la libertad es la barbarie’ (Cárcano 1944: 289).

Aunque la cita es algo fatigosa, vale la pena transcribir la palabra del jefe de estado para cerrar el diagnóstico y enumerar buena parte de las conclusiones que el grupo dirigente sacó sobre un acontecimiento como la «Semana Roja», que puso sobre la mesa la convulsión social y las amenazas que acechaban al país, y obligó a los dirigentes políticos a escoger terapias para enfrentar el reto:

Nada hemos hecho para merecer el siniestro de los odios sectarios. Practicamos las instituciones más liberales de la tierra, ofrecemos nuestro suelo pródigo de recompensas, a la actuación de los hombres honestos que quieran habitarlo, y aquí, en este hogar abierto a todas las expansiones generosas, se hace en el crisol del trabajo y la libertad, el proceso depurativo de agravios o extravíos redimibles en que no fuimos parte.

Para el concepto argentino, el anarquismo es entonces, más que un delito y una cobardía, es una afrenta que no es posible tolerar sin mengua de los más sagrados intereses del país; y a tal punto afecta el fundamento mismo de nuestras instituciones sociales y políticas, que si no nos sintiéramos capaces de extirpar resueltamente la plaga, habríamos hecho abdicación implícita de nuestra propia organización institucional.

Ese problema pues, que no es una simple cuestión de competencia gubernativa y penal, sino que vulnera como digo, la dignidad misma del país, plantea una exigencia al patriotismo argentino, y eso vale decir que el caso está resuelto desde luego, que la secta criminal carece en absoluto de ubicación en nuestro suelo y de amparo en nuestras leyes, y que podemos en consecuencia realizar el propósito inquebrantable de sanear el ambiente social de la nación, depurándolo de estos detritus, exóticos a nuestro medio institucional y económico (Figueroa Alcorta 1933: 266-267).

Finalmente, también es bueno advertir que el círculo dirigente nacional no poseía el monopolio del pensamiento retrógrado. Cabe pensar en que muchos de los inmigrantes e hijos de inmigrantes apoyaron y/o alentaron el endurecimiento de las posiciones contra los extranjeros indeseados y el anarquismo. El cierre de los testimonios corresponde a un individuo que forma parte de una legión anónima de sujetos que apenas si nos han dejado como paso de sus vidas una carta escrita al entonces primer mandatario Roque Sáenz Peña.

Un representante de la comunidad italiana de la ciudad de Carlos Casares, provincia de Buenos Aires, se tomó la licencia de recomendar al presidente que atacara a fondo el ‘espíritu diabólico del acratismo’. En su misiva, le aconsejaba lo siguiente:

De esta calamidad hay que cuidar á la Nación Argentina más que si fuera la peste bubónica. Con esta clase de gente hay que ser inexorables. Ya en una carta mía que me permití dirigir a su predecesor, hablando de eso mismo, cuando el atentado del Sr. Jefe de Policía de esa capital, le decía al Dr. Figueroa Alcorta, que á la serpiente venenosa hay que aplastarle la cabeza, sin compasión. De lo contrario muerde y mata al infeliz que se compadece de ella. Así, pues, a grandes males grandes remedios. Estas verdades y sentencias salomónicas son siempre oportunas y, en estos casos, de rigurosa actualidad.¹

A continuación, este aspirante a notable de pueblo le sugería adoptar para con los anarquistas el mismo temperamento que el general Raffaele Cadorna había exhibido con los rebeldes sicilianos que se levantaron contra la monarquía saboyana en 1866, es decir arrojarlos aún vivos y engrillados por la borda de un barco una vez en alta mar. En comparación con las iniciativas de los hombres del régimen revisadas más arriba, la de este modesto ciudadano no se distinguía por sus rasgos humanitarios. En realidad, la proposición de José Piccini no habría sido otra cosa que una anécdota de color, si desgraciadamente, otros dirigentes, instituciones y contexto no hubieran materializado su anhelo cruel dos tercios de siglo más tarde.

Bibliografía:

- Bertoni, Lilia Ana. 2001, *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas. La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX*, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires.
- Botana, Natalio. 1986, *El orden conservador*, Hyspamérica, Buenos Aires.
- Botana, Natalio y Gallo, Ezequiel. 2007, *De la República posible a la República verdadera (1880-1910)*, Emecé, Buenos Aires.
- Cesano, José Daniel y Muñoz, Dora. 2010, *Inmigración, Anarquismo y Sistema Penal: los discursos expertos y la prensa. Córdoba y Buenos Aires. 1890/1910 (Protesta social, flujos migratorios y criminalización)*, Alción, Córdoba de Argentina.
- Cortés Conde, Roberto. 1979, *El progreso argentino (1880-1914)*, Sudamericana, Buenos Aires.
- Ferrari, Gustavo y Gallo, Ezequiel (eds.) 1980, *La Argentina del ochenta al Centenario*, Sudamericana, Buenos Aires.
- Frydenberg, Julio y Ruffo, Miguel. 1992, *La Semana Roja de 1909*, 2 volúmenes, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires.
- Gilimón, Eduardo. 1971, *Un anarquista en Buenos Aires, 1890/1910*, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires.
- Lobato, Mirta Zaida (dir.) 2000, *Nueva Historia Argentina, Tomo 5: El progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*, Sudamericana, Buenos Aires.
- Marini, Walter y Montero, Hugo. 2010, 'Radowsky, un mito anarquista', en *Sudestada*, Año 9, n° 87, pp. 4-15.
- Oszlak, Oscar. 2004, *La formación del Estado argentino. Orden, progreso y organización nacional*, Ariel, Buenos Aires.
- Panettieri, José. 1967, *Los trabajadores*, Juan Álvarez, Buenos Aires.
- Pianetto, Ofelia. 1984, 'Mercado de trabajo y acción sindical en la Argentina, 1890-1922', *Desarrollo Económico*, volumen 24, n 94, pp.297-307.

¹ José Piccini a Roque Sáenz Peña, 5 de abril de 1911. Archivo de la Academia Nacional de la Historia de la República Argentina, Fondo Roque Sáenz Peña, caja 90, XC326/332. La cita en el folio 329.

- Oved, Isaac. 1976, 'El trasfondo histórico de la ley 4144, de residencia', *Desarrollo Económico*, volumen 6, n 61, pp.124-150.
- Rock, David. 2006, *La construcción del Estado y los movimientos políticos en la Argentina, 1860-1916*, Prometeo Libros, Buenos Aires.
- Sidicaro, Ricardo. 1993, *La política mirada desde arriba. Las ideas del diario La Nación (1909-1989)*, Sudamericana, Buenos Aires.
- Suriano, Juan. 1983, *Movimientos sociales: la huelga de inquilinos de 1907*, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires.
- _____ 2002, *Los Anarquistas. Política libertaria en Buenos Aires (1890/1910)*, Manantial, Buenos Aires.
- _____ 2004, *La cuestión social en la Argentina (1870-1943)*, La Colmena, Buenos Aires.

Fuentes y obras contemporáneas:

- Alsina, Juan. 1910), *La inmigración en el primer siglo de la Independencia*, Imprenta de Felipe Alsina, Buenos Aires.
- Ancizar, R. (1909): 'Ley que reglamenta la inmigración de extranjeros en los Estados Unidos', *Revista de Derecho, Historia y Letras*, Año XI, Tomo XXXII, pp. 327-359.
- Cárcano, Ramón. 1944, *Mis primeros ochenta años*, Sudamericana, Buenos Aires,
- Clemençeau, Georges. 1986, *Notas de viaje por América del Sur*. Hyspamérica, Buenos Aires.
- Figueroa Alcorta, José. 1933, *Discursos*. Talleres Gráficos Argentinos de J. L. Rosso, Buenos Aires.
- Sáenz Peña, Roque. 1914, *Escritos y Discursos*, Talleres Jacobo Peuser, Buenos Aires, Tomo I.
- Zeballos, Estanislao. 1908, *Fracaso de la instrucción primaria*, Imprenta de M. Biedma & hijo, Buenos Aires.
- Zeballos, Estanislao. 1909, 'La presidencia futura. Su candidato y sus problemas', *Revista de Derecho, Historia y Letras*, Año XI, Tomo XXXIII, pp. 274-282.

Sindicalismo y política. La polémica comunista sobre la unidad sindical en la transición española¹. Javier Tébar Hurtado²

La polémica comunista sobre el sindicato unitario ha sido habitual situarla en los márgenes de un proceso de “transición sindical” que estuvo marcado, junto con la tantas veces invocada “huelga general política”, por los debates en torno a la “unidad sindical” y la “libertad sindical”. Durante aquellos años, pero también antes, ambas ideas en conjunto constituyeron un material mítico continuamente reformulado en sus elementos básicos hasta ofrecerse como “mitologemas” en el propio discurso de un movimiento obrero que tenía en las Comisiones Obreras la fuerza central –por arraigo y extensión organizativa– de la protesta social y política dirigida contra la dictadura del general Franco.

La definición tanto de la “unidad” como de la “libertad” se formularía en términos de contraposición. Tanto desde UGT, en su incipiente reorganización durante aquellos años, que lo hizo de manera explícita y de forma continuada al identificar “libertad” con “pluralidad” sindical; como desde las Comisiones Obreras, para las cuales la cuestión se convertiría en un tema central frente al resto de opciones sindicales, pero también en una fuentes de tensiones internas a la hora de tomar una decisión final respecto del paso de “movimiento sociopolítico” a sindicato que protagonizaría entre 1975 y 1976. Es ante este cambio pertinente preguntarse ¿Cómo y por qué razones el movimiento de las Comisiones pasaron de ser un instrumento para la consecución tanto de la “unidad” como de la “libertad” sindicales a un fin en sí mismas como primer paso hacia aquellas? ¿A qué respondió la priorización a lo largo de este proceso de la “libertad sindical” frente a la “unidad sindical”, separando cuestiones que anteriormente se habían defendido de forma definitivamente vinculadas?

La polémica que cerró el debate sobre el “sindicalismo unitario” en las Comisiones Obreras

A finales de 1975, Albert Fina había terminado de escribir “*Des del nostre despatx*”, texto publicado en la primavera de 1978.³ En esta memorias profesionales, el abogado laboralista Fina reconoce que el libro comienza a pensarse y a tomar cuerpo después de la primera fase de las elecciones sindicales de junio de 1975 -las últimas convocadas por la dictadura- en las que las “Candidaturas Obreras Unitarias y Democráticas” impulsadas por Comisiones y USO obtuvieron unos grandes resultados frente a las candidatos oficiales del Sindicato Vertical.⁴ Esta victoria obrera, según el propio Fina, coincidiría en el tiempo con el inicio de un debate en el interior del PSUC en torno al movimiento obrero, concretamente sobre el papel jugado hasta entonces por las Comisiones Obreras. En la discusión aparecieron críticas por parte de algunos sectores del propio movimiento a la, hasta entonces, preponderancia clandestina de sus

¹ Texto elaborado en el marco del proyecto HAR2009-07825, financiado por la Dirección General de Investigación del Ministerio de Ciencia e Innovación.

² Centre d'Estudis sobre les Èpoques Franquista i Democràtica de la Universitat Autònoma de Barcelona.

³ Los comentarios de Fina sitúan el inicio de su redacción en el verano de 1975, finalizándola en los últimos meses de aquel año y principios de 1976. ver Fina, Albert, *Des del nostre despatx*. Barcelona: Dopesa, 1978, pp. 11-12 y p. 18.

⁴ Durán, Eloy, “*Sindicalismo de clase: las ilusiones perdidas (entrevista con Albert Fina)*”, revista *Transición*, septiembre de 1979, p. 21.

organismos y de sus prácticas, como aspectos que limitaban extraordinariamente la participación abierta en ellos, y en consecuencia con efectos negativos para la necesaria “unidad sindical” defendida, desde sus orígenes, por las Comisiones. La forma de invertir la tendencia, continuando con el relato retrospectivo de Albert Fina, pasaba por potenciar al máximo desde CCOO las plataformas legales y unitarias, impulsando y desarrollando amplios movimientos de base existentes como la “Gestora Nacional” de Banca o la Intersindical de la comarca barcelonesa del Baix Llobregat. Era necesario, por tanto, aprovechar la negociación colectiva, es decir, medirse negocialmente con la patronal desde una posición de fuerza y, al mismo tiempo, mantener una fuerte movilización y una abierta participación de las bases obreras que apoyaban al movimiento.¹ Es decir, que la actuación legal del movimiento obrero debería predominar sobre las formas extralegales de actuación de las Comisiones.

De esta manera, Fina nos presenta de hecho un completo programa de “ruptura sindical” dentro del cambio político propuesto por los entonces militantes del PSUC Isidor Boix y Manuel Pujadas. Durante el verano de 1975, justo después de aquellas elecciones sindicales, esta propuesta que circuló –como texto todavía sin editar– entre los círculos de Comisiones y del propio partido comunista catalán.² Entre las razones de su defensa de esta idea estaba el convencimiento de que en 1975 las elecciones sindicales no sólo las habrían ganado Comisiones sino que, en su opinión, habían vencido por encima de todo aquellos que reclamaban una gran central sindical unitaria. No era posible incorporar a las estructuras clandestinas de CCOO los miles de cargos representativos obtenidos en ellas, pero además no era deseable si lo que se buscaba como objetivo era conseguir la “ocupación democrática de los espacios legales conquistados por el movimiento obrero” al sindicato oficial franquista. A través de este paso se redefiniría y articularía el propio movimiento, para el cual la “autonomía sindical” constituía el basamento esencial con el que fortalecerse a lo largo de todo el proceso de cambio político. La propuesta parecía implicar una modificación de las relaciones hasta entonces mantenidas entre el propio movimiento obrero y las organizaciones políticas que tenían influencia y participación en él.³ Existía, como es evidente, una coincidencia entre los análisis de Fina en su libro y las propuestas de Boix-Pujadas conocidas en el verano de 1975. Sin embargo, la posición de los abogados Fina y Avilés hundía sus raíces en lo que había sido su práctica profesional y lo que consideraban que conectaba con la propia trayectoria de Comisiones en la defensa de una sola organización sindical, capaz de sintetizar el movimiento obrero en su conjunto, impulsando y consolidando la unidad obrera.⁴

Pasados los años sesenta, la reformulación de esta misma cuestión sería, según Fina, la que abrió una discusión en el seno de CCOO ante el resultado de las elecciones sindicales de 1975, propiciando que “el debate se extend[er] a otros temas y se pon[er] en cuestión la democracia interna del PSUC y su dependencia del PCE”. Esto habría

¹ Fina, A. *Des del nostre despatx...*, pp. 16-17.

² Boix, Isidor y Pujadas, Manuel, “La cuestión sindical: notas sobre el sindicalismo de clase”, en Boix I. y Pujadas, M., *Conversaciones sindicales con dirigentes obreros*. Barcelona: Ed. Avance, 1975, p. 87, pp. 90-91, pp. 98-100 y p. 104. Aunque el texto conclusión de I. Boix y M. Pujadas está firmado “Barcelona, julio de 1975” y en sus créditos la fecha que aparezca sea la de septiembre, en realidad, su distribución pública, por diferentes problemas editoriales, no se hizo hasta una semana antes del 20 de noviembre de 1975, es decir, ante de la muerte del dictador. Conversación con del autor con I. Boix, 11-1-2010.

³ *Ibidem.*, pp. 92-93.

⁴ Casares, Francesc, *Memòries d'un advocat laboralista (1927-1958)*. Barcelona: La Campana, 2006, p. 62.

tenido consecuencias inmediatas sobre las propias Comisiones Obreras que, a su parecer, en aquellos momentos se estarían convirtiendo progresivamente en una organización demasiado dependiente del partido comunista; un cambio que –unido al hecho de que la mayoría de sus dirigentes lo eran también del PSUC– hacía, cada vez más, a “la organización sindical de CCOO” una “correa de transmisión” de la organización comunista, introduciendo la división doctrinaria de tareas entre partido y sindicato. En la medida en que se entraba en una fase de negociación del proceso de democratización, la decisión de apostar por un nuevo sindicato unitario –ante la que UGT, fuertemente influenciada por el PSOE, no sólo se mantuvo al margen, si no que defendió lo contrario– habría conducido finalmente a que CCOO –igualmente influenciada por el grupo dirigente comunista– desaprovechar la ocasión, “convirtiéndose Comisiones en el embrión de un futuro sindicato comunista, un sindicato más”. Desde el punto de vista de Fina, la razón principal de que el proyecto de sindicato unitario no se hiciera realidad tuvo que ver por tanto, con las influencias que ejerció el PCE sobre el partido de los comunistas catalanes, que conseguirán finalmente apagar la corriente unitaria expresada en Cataluña y restarle el apoyo social que reunía en aquellos momentos. Con ello se propició que “El debate, ya de buen comienzo, se convirt[er]a en una grave polémica”; se polaricen las posiciones, las razones se tergiversen y “se toman medidas disciplinarias” que se dicen fundamentadas en el “centralismo democrático”.¹

En efecto, la dirección del PSUC el mes de enero de 1976 tomó medidas disciplinarias contra Isidor Boix. El 2 de enero se decidió separarlo de manera definitiva –lo estaba provisionalmente desde marzo de 1975– del Comité Ejecutivo y temporalmente del Comité Central de los que formaba parte, con el argumento de la no aceptación en reiteradas ocasiones por su parte de las “leyes del partido”, es decir, del “centralismo democrático” empleado para tomar las decisiones de la organización.² Esta sanción disciplinaria, según Fina y Avilés, respondía al hecho de negar la propuesta de “unidad sindical”³ defendida por Boix, hasta entonces uno de los dirigentes liberados de la organización y, poco menos de un año antes, miembro del Comité Ejecutivo responsable de las cuestiones relacionadas con el movimiento obrero. Este fue el momento en el que Fina y Avilés tomaron conciencia de que –en un proceso, según ellos mismos, en el que existieron muchas responsabilidades compartidas– se rompía la “unidad sindical” tal como había sido concebida y defendida desde la década anterior tanto por el conjunto de las Comisiones como por el propio PSUC, como partido hegemónico en su dirección, desde hacía años. Entonces decidieron de dejar su militancia organizada.⁴

Tanto Fina en su libro como Avilés y él mismo con posterioridad defendieron que la sanción disciplinaria contra Boix era una manifestación clara de que el comunismo español estaba lejos de abandonar las prácticas de la tradición estalinista. En los momentos de la polémica sobre el sindicato unitario, según ambos, también se estaba planteando al mismo tiempo qué tipo de partido debía de pasar a ser el PSUC a partir de dos modelos de referencia: el de concepción dogmática y dependiente del

¹ Fina, A. *Des del nostre despatx...*, pp. 15-16, pp. 17-18, p. 67. [Traducción del catalán de J.T.H.].

² Document Intern. *Als membres del CC del PSUC. Als comitès territorials i sectorials*, Barcelona, 15 de gener de 1976, Fons PSUC, Arxiu Nacional de Catalunya (ANC), caps 9.

³ Durán, Eloy, “*Sindicalismo de clase...*”, p. 21.

⁴ “Albert Fina, abogado laboralista. El obrero se siente hoy frustrado”, *Última hora*, Palma de Mallorca, 5 de enero de 1979, p. 17.

PCUS que representaría el Partido Comunista Portugués¹ o bien el modelo más abierto, con admisión de tendencias y más independiente de las directrices ajenas –es decir, de Moscú– que por entonces encarnaría el Partido Comunista Italiano.² En su opinión, el PSUC no respondería al modelo de partido que propugnaban desde hacía años los comunistas italianos, liderado entonces por Enrico Berlinguer, a pesar de la insistencia del comunismo español, y catalán en particular, de tener en aquél su modelo a seguir.

Las críticas de Fina se entienden solamente inscritas en esta perspectiva de crítica a la línea política comunista no separada de las discrepancias en cuanto al modelo sindical sobre el que se estaba polemizando. De ahí, que en sus memorias plantee cuestiones como la siguiente: “Creo profundamente en la honradez de los comunistas, en su programa, y en su deseo de libertad. Pero esta creencia no puede llegar hasta el sectarismo, hasta creerlos perfectos en todo”.³ El problema en aquella época, desde su punto de vista, pasaba por la falta de democracia interna en el partido, expresada en la idiosincrasia de sus propios dirigentes. La defensa de verdades indiscutibles presentadas como la “verdad oficial”, la tendencia a confundir esta “verdad oficial” con la “verdad de la dirección”... Era necesario para Fina asumir el fin del dogmatismo, y, para él, “el modelo de que quienes lo han entendido son los comunistas italianos”.⁴ Estas afirmaciones, casi sin lugar a dudas, son la que años más tarde hacen que Manuel Vázquez Montalbán, al escribir sobre la evolución ideológica de Fina y Avilés, señale que después del impacto del descubrimiento de los comunistas, de su admiración por la capacidad de sacrificio y resistencia, los dos abogados también mantengan las reservas ante la tentación del rechazo de las críticas; actitudes que para Montalbán son el reflejo de “su apuesta por el embrión del eurocomunismo”.⁵ Una afirmación que en lugar de aclarar la posición de Fina introduce probablemente más confusión sobre el asunto, porque lo que plantea, desde un punto de vista histórico, es saber si el término “eurocomunismo” significó –más allá de un discurso compartido y unas determinadas prácticas políticas– un solo proyecto, nítido y coherente, con un papel central del PCI o, si por el contrario, como parece, el fenómeno fue más contradictorio y multiforme que lo que se presupone de forma habitual.⁶ Si es posible hablar de él sin considerar los procesos y especificidades de los partidos comunistas identificados con esta apuesta de reforma de su propia tradición y movimiento. Pero

¹ Sobre las concepciones de la unidad de su grupo dirigente ver Cunhal, Álvaro, *Portugal: de la opresión a la libertad*. México D.F.: Ediciones Rocas, 1974, pp. 53-64.

² Una visión más conflictiva ofrece la historiografía más reciente sobre el comunismo italiano. Entre la extensa bibliografía cabe destacar el trabajo de Agosti, Aldo, *Storia del Partito comunista italiano 1921-1991*. Roma-Bari: Laterza, 1999. Y sobre la figura del propio secretario general durante aquellos años, ver Barbagallo, Francesco, Vittoria, A. (cura), *Enrico Berlinguer, la politica italiana e la crisi mondiale*, Carocci. Roma, 2004, y también Barbagallo, F., *Enrico Berlinguer*. Roma: Carocci, 2006.

³ Fina, Albert, “*Des del nostre despatx*”..., pp. 70. [Traducción del catalán de J.T.H.].

⁴ En esos días que escribe su libro, Fina está leyendo el “compromiso histórico”, con anotaciones de Máximo Loizu publicado en enero de 1976, sobre el que escribe “*que merece mi entusiasmo y mi admiración*”, Fina, Albert, “*Des del nostre despatx*”..., pp. 70-71. Loizu, Máximo, *¿Qué es el compromiso histórico? Selección de escritos y comentarios de...* Barcelona: Avance, 1976.

⁵ Vázquez Montalbán, Manuel, “El imprescindible Albert Fina”, Casares, Francesc et.al., *Albert Fina*. Barcelona: Los libros de la Factoría, 2001, p. 24.

⁶ Asor Rosa, A., *La sinistra alla prova: considerazioni sul ventennio 1976-1996*. Torino: Einaudi, 1996. Barca, Luciano, *Cronache dall'interno del vertice del PCI*. Soveria Mannelli: Rubettino editore, 2005. Gualtieri, R. (cura), *Il PCI nell'Italia repubblicana*. Roma: Carocci, 2001. Pons, Silvio, *Berlinguer e la fine del comunismo*. Torino: Einaudi, 2006.

además, y centrado en el caso español, no sólo es necesario situar la genealogía, el significado y la evolución del discurso eurocomunista, si no cuál fue su traducción y efectos entre la militancia comunista en todos sus niveles.¹

A partir de finales del verano de 1976, con la creación de CCOO como central sindical, se produjo el distanciamiento de Fina y Avilés tanto del sindicalismo organizado como del propio PSUC. El que ambos se dieran de baja de la organización comunista en aquellos momentos no significó que no mantuvieran un fuerte vínculo ideológico, incluso sentimental, con ella. Es más, aun después de su salida del “Partido”, ambos continuaron dándole su apoyo, pidiendo el voto para el PSUC en las elecciones generales de junio de 1977.² Y un año más tarde, seguían considerándolo “todavía la alternativa válida (...) es el vehículo más firme para llegar a una sociedad más justa”.³

Política y sindicalismo durante la transición

Aquella polémica descrita hasta aquí, tuvo efectos en el conjunto del movimiento obrero, más allá de Cataluña, en el resto de España. El que la historiografía sobre Comisiones no haya profundizado en exceso en algunos de los procesos sobre los que reflexiona Fina en su libro puede responder al hecho de que aquella “polémica”, que no “debate”⁴, se considere que fue tan importante o bien que se redujo al núcleo minoritario del grupo dirigente. Definitivamente, que no tuviera efecto alguno sobre la evolución de Comisiones en su conjunto. De hecho, desde el punto de vista historiográfico esta cuestión ha sido objeto de análisis, aunque a menudo de forma muy tangencial, y se han ofrecido algunas interpretaciones. En la casi totalidad de aproximaciones al asunto se hace referencia a un primer trabajo de síntesis publicado muy próximo en el tiempo a los acontecimientos que estoy aquí analizando. En él, se reconoce “la existencia de un debate intenso” en el seno de CCOO, exclusivamente en las de Cataluña, después de la victoria de la “Candidaturas Unitarias, Obreras y Democráticas” en las elecciones sindicales de junio de 1975⁵, las últimas convocadas por la dictadura. Sus resultados fueron percibidos como una dura derrota por parte de las jerarquías del “Sindicato Vertical” franquista.⁶ Las posiciones que entonces se

¹ Loizu, M. y Vilanova, Pere, *¿Qué es el eurocomunismo?* Barcelona: Avance, 1977. Azcárate, Manuel, *Crisis del eurocomunismo*. Barcelona: Argos Vergara, 1982. Bueno, Manuel e Hinojosa, José, *Historia del PCE. I Congreso 1920-1977*. Madrid: FIM. 2007. Pala, Giaime y Nencioni, Tommaso (Eds.), *El Inicio del fin del mito soviético: los comunistas occidentales ante la primavera de Praga*. Barcelona: Ediciones de Intervención Cultural, 2009.

² “Nosaltres també votem al P.S.U.C.”, *La Vanguardia Española* (LVE), 12-VI-1977, p. 14. .

³ Fina, Albert, “Des del nostre despatx...”, p. 16.

⁴ “A pesar de no producirse una polémica interna, las posiciones de los dirigentes no eran homogéneas”, señalan Molinero, Carme e Ysàs, Pere, “Comissions Obreres”, en Gabriel, Pere. (Coord.), *Les Comissions Obreres de Catalunya, 1964-1989 (Una aportació a la història del moviment obrer)*. Barcelona: Empúries – CERES, 1989, pp. 78 y ss.

⁵ Almendros, Fernando. et.al., *El sindicalismo de clase en España (1939-1977)*. Barcelona: Ediciones Península, 1978, pp. 67-70.

⁶ Martín Villa, Rodolfo., *Al servicio del Estado*. Planeta. Barcelona, 1984. Balfour, Sebastian, *La dictadura, los trabajadores y la ciudad. El movimiento obrero en el área metropolitana de Barcelona (1939-1988)*. Valencia: Edicions Alfons el Magnànim, 1994, 1989¹, pp. 228-230. Para otras regiones y el conjunto español, la dimensión de la victoria y de los resultados son difíciles de calibrar, ver Babiano, José, *Emigrantes, cronómetros y huelgas. Un estudio sobre el trabajo y los trabajadores durante el franquismo (Madrid, 1951-1977)*. Madrid: Siglo XXI, 1995, p. 327 y p. 331.

habrían expresado en términos generales en la militancia obrera respondían básicamente a dos visiones sobre el proceso sindical que se estaba viviendo en aquellos momentos. Por un lado, existían algunos “grupos de Comisiones” –sin más precisión sobre ellos, aunque identificados al parecer con Isidor Boix– que, sobre todo a partir de la experiencia de la comarca barcelonesa del Baix Llobregat, veían en la victoria electoral en el ámbito sindical como la posibilidad de abrir de forma rápida el proceso de construcción del sindicato unitario –el proyecto defendido desde los años sesenta por las propias Comisiones, no lo olvidemos– en base a la ocupación de los cargos y los locales de la “Uniones de Técnicos y Trabajadores” (UTT) –organismos de representación de los trabajadores creados por la dictadura– que las elecciones habían proporcionado.

Según este primer estudio, insisto, aquella propuesta aspiraría a que la parte organizada, y por ello clandestina, de las Comisiones se diluyera como tal en el interior de este nuevo proyecto sindical. Se produciría un desplazamiento de los dirigentes de la estructura ilegal, muchos de los cuales habían sido despedidos durante las luchas obreras que habían tenido lugar durante los años anteriores. Por el contrario, una segunda y diferenciada posición dentro de las CCOO, que se identifica como la del propio grupo dirigente del comunismo catalán, defendería que la victoria en las elecciones sindicales debía interpretarse como un paso muy importante, aunque no lo suficientemente sólido como para abandonar las estructuras ilegales. Por esta razón, era necesario fortalecer aquéllas con vistas a una intensificación de la movilización obrera en un contexto de lucha por el cambio político en el país. Esta posición habría sido contundentemente formulada por el entonces secretario general del PSUC, Gregorio López Raimundo, en una de sus intervenciones en el Pleno ampliado del Comité Central del partido en octubre de 1975. En contra de las que eran calificadas “tesis liquidacionistas” de Comisiones, defendió entonces que CCOO “tiene el cuerpo y actúa dentro de la estructura legales, pero su cabeza es extralegal y va a serlo hasta que se produzca la ruptura democrática”.¹ De esta manera, se habría puesto fin a las esperanzas de un sector entre la militancia comunista comprometida con el trabajo en CCOO que consideraba posible conseguir, ya durante la transición, la creación del sindicato unitario en aquel mismo proceso, y cuya cabeza visible de forma pública sería la de Isidor Boix.

En el estudio de Sebastian Balfour nuevamente se establecían las elecciones sindicales de 1975 como punto de inflexión de lo que estimaba un “debate” sobre el sindicalismo unitario durante la transición política. Desde su punto de vista –y con ello introduce un elemento nuevo– “el éxito de la oposición obrera y sus aliados en las elecciones de sindicales de 1975 resolvió el dilema entre el trabajo legal o el clandestino a favor del primero”, ya que las redes clandestinas de CCOO no pudieron jugar un papel tan útil, planteándose la creación del sindicato unitario en el mismo proceso de ruptura y antes de la desaparición del régimen. Resolviéndose la cuestión en una “estrategia” comparable a la de la Intersindical portuguesa.² Una concepción que es presentada

¹ López Raimundo, Gregorio, *La huelga general y el papel dirigente de la clase obrera, III Pleno (ampliado) del Comité Central del PSUC, 3-X-1975*, p. 46. Arxiu Històric de CCOO de Catalunya (AHC). Fondo Gabriel Márquez Tena.

² Balfour, Sebastian, *La dictadura, los trabajadores y la ciudad...*, pp. 230-231. Comparación ofrecida en una versión sobre “unas discusiones” en CCOO sobre el modelo portugués, sin ninguna base empírica. Ver Sagardoy, J.A. y León, David, *El poder sindical en España*. Barcelona: Planeta, 1982, p. 34. n uno de los pocos estudios sobre el tema, la conclusión sobre la influencia del proceso sindical español en el país vecino precisamente es la contraria., ver Durán Muñoz, Rafael, *Acciones colectivas y transiciones a la democracia. España y Portugal, 1974-1977*. Madrid: Centro de Estudios Avanzados en Ciencias

como “la propuesta de la pequeña minoría de dirigentes de Comisiones” –una “pequeña minoría” sobre la que el autor no precisa más, aunque también identifique a Boix como su cabeza visible– cuyo diseño “fue considerado por la jerarquía comunista como una herejía y su principal defensor fue expulsado del partido”. Finalmente, el autor concluye sosteniendo que el debate en el seno del comunismo estuvo marcado las situaciones que vivía un movimiento obrero catalán muy poco cohesionado, ya que si bien en determinadas zonas catalanas, y no todas, parecía viable el surgimiento del sindicalismo unitario, esto no era así en el resto de ellas.¹ Por tanto, visto así, en el asunto no sólo influyó la actitud contraria del grupo dirigente comunista, también lo hicieron las escasas “condiciones históricas” para posibilitar que aquel proyecto sindical unitario se hiciera real.

La influencia de los textos de Almendros y sus colaboradores así como del mismo Balfour en algunas de las aproximaciones posteriores a la historia de Comisiones Obreras es muy evidente.² De hecho, han contribuido a fijar un determinado esquema interpretativo de la cuestión que en gran medida se mantiene hasta hoy.³ Otros autores han insistido en las escasas condiciones sociopolíticas que se daban entonces para el surgimiento del sindicalismo unitario. No parecería aconsejable “forzar la situación e ir a la realización de un congreso en un momento en el que CCOO era abrumadoramente hegemónica, evitando así el peligro de la división sindical”. Por eso los miembros de CCOO “aunque defendían la propuesta del congreso sindical constituyente, lo consideraban difícilmente viable ante la reconstrucción –con fortísimas ayudas internacionales– de la UGT, el afianzamiento de la USO, y el resurgimiento de la CNT”.⁴ Con esta última pieza, la de la influencia externa como presión para la decisión que debía tomar Comisiones respecto a su propia definición entonces, se completa la interpretación historiográfica más sólidamente consolidada para el conjunto de estudios sobre Comisiones, tanto para Cataluña como para el resto de España.

En efecto, es habitual que en los estudios más solventes sobre el movimiento obrero de aquellos años se sostenga que en 1975 y todavía en 1976 las CCOO apostaban por la idea originaria de central unitaria –a partir de un proceso asambleario, partiendo de las empresas, en el que participasen tanto los enlaces y jurados de oposición como las distintas corrientes del movimiento–, alentadas por las acciones reivindicativas en común e inspirándose en las experiencias de la Intersindical portuguesa y, sobre todo, en el movimiento unitario de los consejos de fábrica italianos posterior al otoño caliente. La creación en definitiva de un “sindicato de nuevo tipo”, tal como fue formulado por el grupo dirigente de las Comisiones, pero también por la dirección del

Sociales, 1997, pp. 176-179.

¹ Balfour, Sebastian, *La dictadura, los trabajadores y la ciudad...*, p. 220 y pp. 231-232.

² Recientemente, Sellés, Elionor, *Moviment obrer, canvi polític, social i cultural. Comissions Obreres de Catalunya, 1964-1978*. Tesis doctoral, Dpt. d'Història Contemporània. UB, 2005. AHCO, pp. 424-438.

³ Molinero, C. e Ysàs, P., “Comissions Obreres”..., pp. 78-79, también Molinero, C. e Ysàs, P., *Productores disciplinados y minorías subversivas. Clase obrera y conflictividad laboral en la España franquista*. Madrid: Siglo XXI, 1998, pp. 257-258. Molinero, C., Tébar, J., Ysàs, P., “Comisiones Obreras de Cataluña: de movimiento sociopolítico a Confederación Sindical”, en Ruiz, D., *Historia de las Comisiones Obreras (1958-1988)*. Madrid: Siglo XXI, 1993, pp. 104-107. Un simple resumen y repetición de lo escrito hasta el momento en Sellés, Elionor, *Moviment obrer, canvi polític...*, p. 437 y también en Meroño, Pere, “Román”, *l'home que va organitzar el PSUC*. Barcelona: Fundació Pere Ardiaca, 2005, p. 112. Con la misma intención de constatar esta información, se aporta el testimonio oral de Francesc Baltasar, en Cebrián, Carme, *Estimat PSUC*. Barcelona: Empúries, 1997, pp. 148-149.

⁴ Molinero, C. e Ysàs, P., “Comissions Obreres...”, pp. 78.

PCE. De manera, que fue la celebración del Congreso de UGT en mayo de 1976 la que “enterró definitivamente cualquier perspectiva de sindicato único”.¹ Sin embargo, en la mayoría de estas investigaciones se pasa sin solución de continuidad de las elecciones de 1975 al debate que tendría lugar un año después, cuando entre el verano y el otoño de 1976 Comisiones se transformó en una central sindical.² En conclusión, la opción finalmente llevada a cabo por Comisiones habría estado marcada fundamentalmente por los límites impuestos por el contexto político y social de los años de la transición política española, y en especial por la amenaza de la pluralidad sindical que podría representar una resurgida UGT, impulsada por el PSOE a partir de fuertes ayudas de la socialdemocracia europea. El paso hacia la creación de un sindicato, primero, y por tanto la apuesta prioritaria por la “libertad sindical”, manteniendo en el horizonte la “unidad sindical” habría sido para CCOO una decisión forzada, una respuesta a las condiciones del propio contexto histórico.³ Es decir, no se trató de un proyecto elaborado que surgiera ni del interior de las Comisiones ni del grupo dirigente del propio PCE-PSUC.

Existe un contrapunto a esta interpretación. Sin abandonar el mismo marco temporal, y especialmente centrado en 1976, Rubén Vega ha planteado que el debate sobre el paso de “movimiento socio-político” a sindicato fue propiciado por el cambio de posición del PCE al propugnar la creación de formas organizativa propias de una central sindical. Si los comunistas desde los orígenes de las Comisiones habían defendido su carácter de movimiento frente a las propuestas de clandestinización lanzadas por los grupos a su izquierda política, en 1976 eran contrariamente estos mismos grupos minoritarios los que oponían la pervivencia del modelo de movimiento sociopolítico frente a la conversión en una organización sindical de corte clásico defendida por los comunistas como “sindicato de nuevo tipo”.⁴ Esta batalla decisiva se libró en la Asamblea de Barcelona de julio de 1976, cerrándose definitivamente con los congresos constituyentes de Comisiones en 1977.⁵ Tanto en unos estudios como en otros, la polémica comunista sobre el sindicalismo unitario no está contemplada, bien por desconocerla o bien por valorarla como marginal y reducida al caso catalán.

Insistiendo en señalar que, en efecto, lo que se produjo fue “una de las polémicas más intensas del comienzo de la transición”, otros autores sostienen que las Comisiones habrían llevado a cabo con bastante anterioridad a 1975 un debate sobre la cuestión unitaria, concretamente ante las elecciones sindicales de 1971.⁶ La convocatoria electoral de 1975 sólo constituyó “la piedra de toque” del debate sobre la “unidad sindical”, pero no su inicio. Además, la “polémica” se plantaría entre el grupo dirigente de las Comisiones catalanes y el del PSUC. El hecho de que los dirigentes de Comisiones tuvieran al mismo tiempo la condición de militantes comunistas propició

¹ Babiano, José, *Emigrantes, cronómetros y huelgas. Un estudio sobre el trabajo y los trabajadores durante el franquismo (Madrid, 1951-1977)*. Madrid: Siglo XXI, 1995, p. 327, pp. 335-336 y p. 339.

² Gómez Alén, José, *As CC.OO. de Galicia e a conflictividade laboral durante o franquismo*. Vigo: Xerais, 1995, pp. 294-296.

³ Molinero, C. e Ysàs, P., “Comissions Obreres...”, p. 79.

⁴ Sobre el papel del dirigente asturiano Juanín en este cambio ver Vega, Rubén y Gordon, Carlos, *Juan Muñiz Zapico, Juanín*. Oviedo: Fundación Juan Muñiz Zapico – KRK Ediciones, 2007, pp. 178 y ss.

⁵ Vega, Rubén, *CC.OO: de Asturias. En la transición y la democracia*. Oviedo: Unión Regional CC.OO. de Asturias, 1995, pp. 80-82, pp. 86-87.

⁶ Situadas erróneamente en 1972, ver Santolària, Jordi i Colomines, Agustí, “25 anys de CC.OO...”, pp. 16-17.

que finalmente se produjera un debate interno en el propio partido. De esta forma, se niega la existencia de una minoría de Comisiones identificada con las posiciones de Boix. Al mismo tiempo, plantean que el análisis de Boix –al que aseguran, sin ofrecer prueba alguna, identificado con los grupos de la organización política “Bandera Roja” que ingresan en el PSUC a finales de 1974– estaba siendo alentado o por lo menos contaba con la aquiescencia del secretario general del PCE, Santiago Carrillo.¹ De esta forma, el grupo dirigente del partido comunista habría apoyado inicialmente a Isidor Boix, para después “sacrificarlo políticamente”. Si la “unidad sindical” se vio amenazada por el Partido, fue la intervención de destacados miembros de la dirección de CCOO de Cataluña la que la salvaguardó. De manera que las razones de “no haber conseguido la verdadera unidad sindical” debían buscarse en otro parte. Para estos autores -sin saber bien por qué y en base a qué fuentes- la imposibilidad de alcanzar esta “verdadera” unidad sindical no tuvo otra razón que el fracaso de llevar a cabo la “huelga general” como estrategia de Comisiones y de los comunistas”.²

Finalmente, una aportación historiográfica reciente aborda el asunto para explicar la no consumación de la estrategia de ruptura del comunismo español durante la transición política.³ Se nos asegura que en 1976, ante el crecimiento exponencial de la conflictividad en la sociedad española, al PCE y al PSUC se les planteó un dilema de orden táctico.⁴ Aquel fue un “debate” que “nunca se dio abiertamente en el seno del partido”, algo que permitiría que en algún caso se haya negado la propia existencia del “debate”.⁵ Pero el “debate” existió en el interior del partido y del movimiento obrero. En 1975, sin embargo, la cuestión no tenía su núcleo en la discusión sobre el sindicato unitario, si no en “si había “la oportunidad de caracterizar el momento como “momento histórico de la huelga nacional””. Su objetivo: forzar movimientos huelguísticos amplios para impulsar la generalización de la huelga general política de la clase obrera.⁶ De esta manera las dificultades para establecer su “momento” de la huelga general, como solución técnica, actuaría de lastre sobre el mismo proceso de constitución de los sindicatos.

El PSUC: el partido de los movimientos y los movimientos en el partido

Es posible, incluso teniendo en cuenta que el PSUC alcanzó durante aquellos años a conformarse en el “partido de los movimientos”, que tengamos que indagar en mayor

¹ Esta afirmación, un tanto rocambolesca, tiene su fuente única y exclusiva fuente en la entrevista que Jordi J. Santolària hizo al dirigente Cipriano García Sánchez, 13-3-1990 ver Santolària, Jordi i Colomines, Agustí, “25 anys de CC.OO...”, p. 18 y p. 23. Este relato está asimismo fijado en [Apunts manuscrits sobre la història de CCOO]. Fons Cipriano García Sánchez. AHCO. Y, de nuevo, en los mismos términos se recoge en *Entrevista a Cipriano García de Javier Tébar*, 1-X-1991. Col. Biografies Obreres. AHCO.

² Santolària, Jordi i Colomines, Agustí, “25 anys de CC.OO...”, p. 22.

³ Doménech, Xavier, “El partit dels moviments: tres moments d’una relació”, en Pala, Giaime (Ed.), *El PSU de Catalunya. 70 años de lluita pel socialismo. Materials per a la història*. Barcelona: Associació Catalana d’Investigacions Marxistas, 2008, pp. 235-243.

⁴ *Ibidem.*, pp. 238-239.

⁵ López Bulla, José Luis, “El PSUC i el moviment obrer”, en *Nous Horitzons*, núm. 155, Any 38, 1999, p.10.

⁶ Se reconoce que esta afirmación se basa en los recuerdos de Boix, Isidor, “Professió, solidaritat i política”, en Casares, F. et.al., *Albert Fina*. Los libros de la Factoría. Barcelona, 2001, p. 76. Ver, Doménech, X., “*El partit dels moviments: ...*”, p. 238.

medida de lo hecho hasta hora en “los movimientos en el partido” que se produjeron desde el arranque de la década de los setenta. Cambios que, con la creación en el mes de julio de 1974 de la “Junta Democrática”, tuvieron en su política de alianzas el núcleo central de su actuación. La repercusión de esta dinámica en el propio diseño estratégico del comunismo español –que no fue precisamente inamovible durante esta etapa– terminaría afectando muy especialmente a las relaciones entre el partido y lo que se denominaba en la época como “movimientos de masas”. Es decir, que a parte de las constricciones del contexto social y político, el proyecto de sindicato unitario se vio también subordinado a la política de alianzas del PCE.¹ Ciertamente, la crisis económica terminaría imponiendo una dirección unitaria de la oposición en el marco de la *transacción* política que se produciría con la creación de la institucionalización democrática.² Pero cabría incorporar a su interpretación también la “crisis política” que el proceso abrió en la propia oposición. No parece pertinente establecer una separación, más allá del terreno analítico, entre la “transición política” y la “transición sindical”, por cuanto en la misma forma pactada y controlada del modelo de transición estaría la clave del tipo de relación que se estableció entre sindicalismo y política durante aquellos años.³ Si lo que nos planteamos es desbrozar el significado de esta relación deberemos de tener en cuenta, de entrada, la falta de pruebas documentales sólidas a las que nos enfrentamos⁴, así como una crítica adecuada e imprescindible de los testimonios recogidos entre algunos protagonistas.

En conclusión, parece necesario plantearnos nuevos interrogantes sobre la naturaleza de la polémica comunista sobre el sindicalismo unitario -anterior en el tiempo a 1976, incluso a junio de 1975-, los ritmos con que tuvo lugar y se presentaron las posiciones de unos y otros, cuáles fueron sus protagonistas principales y, finalmente y no por ello menos importante, sobre su traducción sobre una base obrera amplia, en aquellos momentos fuertemente movilizadas.

¹ Balfour, Sebastian, *La dictadura, los trabajadores...*, pp. 217-229. Köhler, Holm-Detlev, *El movimiento sindical en España. Transición democrática. Regionalismo. Modernización económica*. Madrid: Fundamentos, 1995, p. 97. Vega, Rubén, *CC.OO: de Asturias...*, pp. 79-80. Martín Ramos, José Luis, “La transición política a Catalunya”, en Ysàs, P. (Ed.), *La transició a Catalunya i a Espanya*. Barcelona: Fundació Doctor Vila d’Abadal, 1997, p. 76.

² Marín Arce, José María, “Condicionantes económicos y sociales de la Transición”, en Molinero, C. (Ed.), *La transición, treinta años después*. Barcelona: Península, 2006, pp. 80-115.

³ Marín Arce, José María, “Les organitzacions socials durante la Transició: sindicats i patronal”, en Ysàs, P. (ed.), *La configuració de la democràcia a Espanya*. Vic: Eumo Editorial, 2009, p. 93.

⁴ No existen documentos internos del PCE desde enero de 1976 hasta abril de 1977, ver Morán, Gregorio, *Miseria y grandeza del Partido Comunista de España, 1939-1985*. Barcelona: Planeta, 1986, pp. 516-517.

As comunidades industriais no alvorecer do associativismo operário português. *Joana Dias Pereira*

O alvorecer do movimento operário constituiu-se como um objecto de estudo histórico em Portugal na alvorada da Revolução dos Cravos. As principais obras que vieram a lume nos anos setenta e oitenta procuraram caracterizar a indústria e a classe operária portuguesa defendendo que a primeira era “largamente tributária das formas de produção artesanal, tanto pela dispersão das unidades de produção como pelo tipo de organização dos métodos de trabalho”¹ e a segunda dominada por “uma multidão de assalariados e artífices” e pela “preponderância de um proletariado não fabril”².

Esta análise sustentou uma conclusão unânime: a fraca implantação do reformismo socialista e a aceitação de “formas utópicas, das quais a mais importante foi a dominação anarquista” foram consideradas consequência lógica da estrutura do proletariado português, semelhante ao espanhol, italiano e francês, isolado em “pequenos núcleos urbanos” e cercado por “um país predominantemente camponês”³.

No entanto, entre estas teses distinguia-se a de Manuel Villaverde Cabral, sublinhando desde logo que nos contextos urbanos e suburbanos a grande diversidade produtiva, na qual se incluíam uma série de serviços e a construção civil, favorecera “a circulação (...) dos homens e dos temas reivindicativos, entre a grande indústria e os grandes serviços urbanos, por um lado, e a infinidade de pequenas oficinas, até à loja do sapateiro ou do alfaiate”, o que terá sido condição para a “massificação, ao nível do conjunto da concentração urbana proletária, dos objectivos mais avançados”⁴.

Este autor aproximava-se já do conceito de comunidades trabalhadoras, que além-fronteiras marcava a historiografia social. No entanto, no contexto nacional, os mais destacados estudos sobre este objecto provêm de outras áreas disciplinares. As relações de amizade, vizinhança e entreajuda que caracterizavam o quotidiano da classe operária em formação têm vindo a ser rigorosamente estudadas em Portugal através de abordagens antropológicas devedoras dos denominados *subaltern studies*.

Não cabe aqui enumerar todas as análises realizadas, mas é necessário sublinhar que entre estas, aquelas que optam por uma abordagem retrospectiva fornecem dados incontornáveis para a reconstrução histórica e instrumentos metodológicos que os historiadores não podem ignorar.

Por outro lado, a emergência de áreas industriais e a germinação de fenómenos socioculturais inéditos são objectos de estudo eminentemente históricos. Segundo E. P. Thompson, se evitarmos uma análise estática do conceito de classe, na qual se procura imobilizá-la num determinado momento e dissecar a sua estrutura, mas antes examinarmos os homens e mulheres que compunham as comunidades trabalhadoras durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões nas suas relações, nas suas ideias e instituições⁵.

1 Fernando Medeiros, 1978, *A sociedade e a economia portuguesas nas origens do salazarismo*, A Regra do Jogo, p. 73.

2 José Pacheco Pereira, 1976, *As lutas operárias contra a carestia de vida em Portugal*, Editora Nova Crítica, p. 12.

3 José Pacheco Pereira, *Ibidem*, p. 18.

4 Manuel Villaverde Cabral, Situação do operariado nas vésperas da implantação da República. *Análise Social*, vol. XIII (50), 1977-2.º, pp. 419-448.

5 E. P. Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Paz e Terra, Tomo I, pp. 9-12.

Em suma, a classe, enquanto objecto de estudo, exige o cruzamento de diferentes abordagens e metodologias, com o objectivo principal de conferir legibilidade aos traços gerais do processo histórico decorrente do desenvolvimento de áreas industriais, da emergência de comunidades operárias, do desenvolvimento do seu movimento e da sua cultura.

Com efeito, não obstante as características próprias de cada estrato da classe trabalhadora, de cada sector industrial, de cada comunidade, se enquadrarmos temporalmente as realidades sociais estruturantes que as caracterizam observamos um processo evolutivo, no qual se constata a construção de uma identidade, de uma memória colectiva, que progressivamente distingue um grupo que se assume, identifica e actua como classe.

Nesta análise, o conceito de comunidade é incontornável. Segundo Paula Godinho, sendo estas “constituídas por grupos de indivíduos associados em formas de interacção regulares, com relações directas, multifacetadas, recíprocas, marcadas pela igualdade aproximada do ponto de vista material e por uma memória comum de valores e crenças, são elas que compõem as bases que sustentam as rebeliões, fornecendo a sua estrutura informação detalhada que ajuda a compreender como tem lugar um movimento”¹.

De facto, o papel das redes sociais germinadas durante um período de urbanização acentuada não passa despercebido numa boa parte dos estudos monográficos que se dedicam a uma região de recente vocação industrial². Destas redes emergiu um apertado tecido associativo que se constitui como um dos mais relevantes fenómenos sociais decorrentes dos processos de industrialização e de formação da classe operária.

Todavia, se para compreender este fenómeno histórico é imperativa uma caracterização ampliada do mundo do trabalho tendo em consideração as interacções sociais no espaço, a densidade sociológica dos modos de vida, entre outras abordagens essenciais à percepção desta realidade, não se pode no entanto descurar que esta está subordinada ao desenvolvimento das estruturas económico-sociais, é profundamente marcada pelas conjunturas políticas e permeável à evolução das correntes ideológicas. Numa análise histórica, mesmo uma abordagem *from below* tem de ser integrada e comparada. É necessário discernir o máximo denominador comum às distintas experiências da classe operária e analisá-lo à luz de um processo histórico geral.

Sobretudo a partir dos anos setenta, os estudos monográficos conheceram franca expansão, possibilitando a identificação de especificidades na experiência concreta de cada comunidade, mas também importantes paralelos que justificaram então a proliferação dos estudos comparativos. Reuniram-se nos mesmos volumes casos de estudo franceses, italianos, alemães, norte-americanos, etc. A abrangência territorial, todavia, não comprometeu uma observação aproximada.

Por exemplo, no volume editado pelos *Annali* em 1992 – *Strikes, social conflict and the First World War. An international perspective* –, o estudo comparativo é feito entre regiões específicas, em detrimento da análise de contextos nacionais. A região de Paris, a baixa Normandia, Turim, Hanôver, São Petersburgo, o vale do Ruhr, a zona Este de Londres, entre outras, são postas em paralelo.

Noutros projectos semelhantes, como *The rebellious century: 1830-1930* de Charles, Louise e Richard Tilly, *Working Class Formation*, dirigido por Ira Katznelson e Aristide Zolberg, ou *Work, Community and Power*, editado por James Cronin e Carmen Siriani, a

¹ Paula Godinho, Movimentos sociais rurais: questões de teoria e métodos, in AAVV, *Mundo Rural: Transformação e resistência na Península Ibérica (Século XX)*, p. 93.

² *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo novecento*, Giulio Einaudi Editore, Turin, 1988, pp. 35 e seguintes.

relevância dada à comunidade é central. Michelle Perrot sublinha no seu contributo que a consciência da classe trabalhadora francesa reside na aliança entre as redes sociais populares, das quais a família e a vizinhança eram uma componente essencial, com um sentimento de identidade baseado nas relações de produção industriais. Este sentimento de identidade expressava-se e reforçava-se nos discursos, símbolos e acção dos membros mais activos do emergente movimento operário¹.

No contexto nacional, analisando diversificados estudos monográficos que se dedicam a áreas de vocação industrial, conclui-se que as especificidades e as analogias perceptíveis entre diferentes casos de estudo fazem sobressair algumas características transversais ao contexto em que germinam o movimento e a cultura autónoma dos trabalhadores. A generalidade das dificuldades materiais, a relevância das sociabilidades familiares e supra familiares, o imperativo da solidariedade – as *armas dos fracos* que estão na base da instituição de um tecido associativo multifacetado, que por sua vez sustentará moral e materialmente a acção reivindicativa organizada.

Estas características foram identificadas com maior ou menor acuidade nas diferentes comunidades trabalhadoras até à data estudadas em Portugal, nas áreas industriais da grande Lisboa e do grande Porto e noutros nichos industrializados, como a Covilhã ou Silves, bem como além-fronteiras, em contextos similares.

Procurando contribuir essencialmente para a compreensão do fenómeno intrinsecamente histórico que constituiu a formação da classe operária portuguesa e do seu movimento, este artigo tem como objectivo trazer à discussão os resultados preliminares de uma investigação em curso, que procura analisar o desenvolvimento do associativismo operário em Portugal desde a sua base e no seu enquadramento: geográfico e demográfico, no seguimento da urbanização e da explosão da população urbana; económico e social, durante a incipiente industrialização portuguesa e a formação de um operariado débil e heterogéneo; cultural, em comunidades com uma lata percentagem de analfabetismo, com uma tradição rural ainda marcante, mas com formas de sociabilidade e ritos inéditos; e, finalmente, ideológico e político, em paralelo com a difusão do republicanismo e do socialismo e na sequência da transformação do regime político português.

Dada a complexidade desta análise, que se julga indispensável para a compreensão global do processo, optou-se pela observação monográfica, elegendo-se uma região onde ainda hoje são perceptíveis os vestígios materiais e socioculturais da industrialização e da formação da classe operária portuguesa – a península de Setúbal –, confrontando-se os dados empíricos resultantes desta investigação com os estudos além-fronteiras que se debruçam sobre realidades similares – análises baseadas em fontes e com metodologias diversas que ilustram a complexa experiência das classes trabalhadoras.

Não obstante a exiguidade numérica do operariado português, a sua concentração geográfica tem sido unanimemente apontada como factor explicativo do impacto político que alcançou, particularmente durante a I República portuguesa. Lisboa e Porto albergavam metade dos trabalhadores fabris. Nas palavras de Filomena Mónica, “a cidade era uma ilha de modernidade num mar artesanal”². Todavia, no Porto, “o campo penetrava por todos os poros” e “Lisboa tinha muitos trabalhadores empregues nos serviços, comércio e transportes”³.

¹ Michelle Perrot, On the formation of the French working class in Ira Katznelson e Aristide Zolberg, 1986, *Working Class Formation*, Princeton Univ. Press, pp. 105-106.

² Maria Filomena Mónica, 1986, *Artesãos e operários*, ICS, p. 13.

³ Maria Filomena Mónica, *Ibidem*, p. 216.

A partir de 1890, porém, uma vasta franja deste operariado concentrava-se nos arredores destas cidades, nos subúrbios em formação na sequência do desenvolvimento industrial. Segundo os censos populacionais, os principais aglomerados urbanos da península de Setúbal vêem as suas populações aumentar exponencialmente a partir da última década de oitocentos. Entre esta data e 1930, a península regista um aumento populacional na ordem dos 180%, para o qual terão essencialmente contribuído as taxas de crescimento das vilas industriais que, invadidas por beirões, alentejanos e algarvios em busca de um salário fixo, chegam a crescer 370%, como é o caso do Barreiro¹.

A sua composição social irá transformar-se, na sequência da aposta em ramos industriais com alta concentração de mão-de-obra (como a CUF ou a Mundet), mas principalmente devido à acentuada proliferação de unidades de pequena e média dimensão das indústrias moageira, chacineira, corticeira e conserveira, concentradas local e regionalmente². Segundo os censos de 1911, a população industrial era, em Setúbal, de 26%; no Barreiro, de 44,1%; em Almada, de 38,7%; no Seixal, de 26%; e no Montijo, 16%. A expressiva percentagem de população operária esbatia-se então em comunidades locais formadas por pescadores, descarregadores, trabalhadores rurais e outras camadas da população mais desprotegida da sociedade portuguesa³.

As questões levantadas por diversos autores referentes às debilidades do operariado português, determinadas pelo tecido industrial nacional, parecem ter sido mitigadas pela concentração geográfica das unidades de produção e pela preponderância da actividade fabril nestes aglomerados urbanos; pela interdependência deste sector com outros, nomeadamente dos transportes ou da pesca; e, finalmente, pela inserção no movimento associativo dos trabalhadores indiferenciados e de outras camadas do proletariado, motivados e apoiados pelos estratos com maior capacidade reivindicativa.

De facto, cruzando a análise do tecido económico com a observação do movimento dos trabalhadores na península de Setúbal, conclui-se que o peso do operariado fabril naquela região determinou não apenas a proliferação do associativismo entre esta classe, mas também, ainda que numa menor escala, entre outros profissionais que partilhavam a cadeia de produção e/ou simplesmente o espaço urbano.

Entre os trabalhadores do mar de Setúbal, por exemplo, contavam-se, em 1915, 2750 sindicalizados⁴. A sua associação de classe era ultrapassada em número apenas pela associação das operárias das fábricas de conservas e em capacidade reivindicativa igualava a dos soldados. Na sede dos trabalhadores do mar reuniram-se e fundaram-se muitas das restantes associações de classe setubalenses, organizaram-se centenas de conferências divulgando os postulados de emancipação social que orientavam o sindicalismo, criou-se uma escola para trabalhadores e seus filhos e tiveram lugar inúmeras iniciativas culturais e recreativas, reunindo variados sectores da sociedade local. Dos seus cofres saíram quantias consideráveis em apoio a vários movimentos reivindicativos. As suas greves, em defesa de interesses próprios ou em solidariedade para com outros camaradas, determinavam a paralisação de toda a cidade, dependente da sardinha que traziam do mar.

Por outro lado, na área de estudo, as agremiações de base operária ultrapassavam em muito o associativismo de carácter sindical e perduram ainda hoje como característica fundamental das redes sociais locais. Sociedades de socorros mútuos, cooperativas,

¹ Recenseamentos gerais da população de Portugal de 1890, 1911 e 1930.

² Anuários comerciais de Portugal entre 1895 e 1930.

³ Recenseamento geral da população de Portugal de 1911.

⁴ “Movimento associativo de Setúbal. Associações de classe” in *O Semeador*, 1 de Maio de 1915, p. 6.

colectividades de cultura e recreio, clubes desportivos, entre outros, contam-se em largas dezenas na península de Setúbal.

Muitas conservam fundos documentais que recuam ao último quartel de oitocentos. Os arquivos da administração local incluem igualmente abundantes testemunhos da actividade destas agremiações, documentação referente às associações de classe extintas pelo salazarismo, bem como espólios de dirigentes e protagonistas do associativismo operário.

A documentação produzida por estas colectividades e indivíduos, bem como a imprensa regional, reflectem o desenvolvimento do movimento associativo e reivindicativo do operariado e de outras camadas do proletariado regional e a germinação local de uma cultura operária e popular, na qual os diferentes postulados de emancipação social – o socialismo, o sindicalismo revolucionário, o anarco-sindicalismo e finalmente o comunismo – tiveram uma forte influência.

Muito embora as agremiações supracitadas tenham sido muitas vezes fundadas e largamente influenciadas por líderes políticos – particularmente por republicanos –, caciques locais, pela igreja e até por patrões paternalistas, a sua acção e propaganda espelham, desde a origem, uma conceptualização obreirista do associativismo, determinada pela composição social dos filiados. O elogio das classes trabalhadoras e da sua capacidade de emancipação encontrava-se patente no discurso dos dirigentes das sociedades filarmónicas, dos grupos de teatro amador ou dos clubes desportivos desde meados de oitocentos. Os seus testemunhos documentais reflectem desde logo a aspiração de enriquecimento moral, físico, intelectual e cultural do operariado organizado¹. Na realidade, estas associações foram os principais centros de elevação intelectual das classes sociais mais desfavorecidas. Praticamente todas elas eram depositárias de bibliotecas, animadoras de escolas e de conferências destinadas aos trabalhadores.

No largo período entre a germinação do associativismo operário e a ascensão do fascismo, o sindicalismo – quer o reformista quer o revolucionário – integrou-se nas redes sociais locais, dinamizadas por estas variadas agremiações, que diariamente congregavam centenas de operários. Progressivamente a partir da alvorada do século XX, as diferentes agremiações populares começaram a participar em comícios e cortejos operários. Jogaram e actuaram em favor de grevistas e presos por questões sociais. Organizaram inúmeras iniciativas culturais, profundamente marcadas pelos postulados de emancipação social que animavam o operariado organizado. Disponibilizaram as suas sedes para iniciativas de carácter reivindicativo.

Aliás, a opinião pública revoltava-se se alguma instituição negava ajuda ao operariado organizado e à sua justa causa, como foi o caso do “protesto contra o proprietário do Casino de Setúbal por este ter recusado a cedência das instalações para o comício contra as rendas de casa e a carestia de vida” em 1920. Logo o Clube de Futebol Vitória e o Teatro Isabel Costa se apressaram a ceder “tão gentilmente”, “os seus espaços para o comício”².

Denota-se um incremento crescente do carácter ideológico das suas iniciativas. Em dias festivos, as filarmónicas percorrem as ruas das vilas tocando *A Internacional* e o *Hino do 1.º de Maio*. Peças teatrais como *A Greve* ou *O Capital* são frequentemente

¹ Jornais comemorativos, cartazes, etc, de várias colectividades de toda a península de Setúbal. Espólio José António Marques. Arquivo Municipal do Barreiro.

² *A Batalha*, 3 de Janeiro de 1920, p. 2.

encenadas¹. Os próprios objectivos dos espectáculos afastam-se gradualmente da beneficência e da caridade, aproximando-se da previdência e da solidariedade. As misericórdias e asilos perdem benefícios em favor das instituições autónomas do operariado: escolas, socorros mútuos, entre outras.

Iniciativas como a promovida pelos corticeiros do Barreiro em Agosto de 1921 – festas desportivas no campo de futebol do Clube Barreirense em favor da escola da associação de classe – eram muito comuns. Como foi referido no jornal local, o “Povo desta localidade soube corresponder como de costume ao apelo daquela colectividade em favor da instrução”². Segundo as descrições da época, havia sempre, nestes encontros, um momento político em que os mais destacados dirigentes discursavam, sublinhando as vantagens do associativismo para a emancipação social e cultural do operariado.

A implantação do sindicalismo nesta região é revelada não apenas pela proliferação de agremiações operárias hegemónicas crescentemente pelos seus postulados, mas também pelo carácter massivo que aqui tiveram os grandes movimentos reivindicativos deste período. Ao longo do primeiro terço do século XX os trabalhadores desta região destacam-se pela excepcional adesão que dão às diferentes lutas em que se envolve o operariado organizado: das paralisações corticeiras dos primeiros anos republicanos às ferroviárias dos anos 1920 e às greves gerais de solidariedade – como a de Fevereiro de 1912 para com os operários agrícolas alentejanos; das paralisações de carácter económico – como a greve geral contra a carestia de vida de Novembro de 1918 – à derradeira jornada contra a extinção do sindicalismo livre em Janeiro de 1934, a península de Setúbal honrou sempre a sua tradição combativa.

De facto, nesta região, as diferentes classes profissionais organizaram-se para defender os seus interesses com uma eficácia surpreendente. À intrínseca capacidade reivindicativa dos operários de ofício, como os soldadores ou os rolheiros, detentores de um saber precioso, juntou-se a força do número dos restantes trabalhadores das fábricas. A solidariedade entre as diferentes camadas do operariado foi notória e invencível quando levada a cabo. A cadeia de produção foi utilizada habilmente através da concertação das inúmeras associações de classe.

Lamenta-se o administrador de Setúbal: “uma greve geral aqui é de fácil execução, impondo-se mesmo pela forma da organização operária. Assim, por exemplo, os trabalhos nas fábricas de conservas estão divididos numa sete classes, incluindo a marítima, e como lhes é defeso trabalharem em ramo da indústria que não seja aquele a que pertencem basta uma destas classes declarar-se em greve para travar a grande engrenagem e toda a indústria da conserva paralisar desde o pescador até ao moço”³.

Os direitos adquiridos são defendidos tenazmente. Despedimentos injustos deram azo a dezenas de greves durante este período, particularmente se o motivo fosse a participação associativa. O maior movimento de solidariedade pelo direito associativo foi sem dúvida a greve geral de Maio-Junho de 1919, em apoio aos operários da CUF. Estes travaram uma luta titânica contra Alfredo da Silva – um dos mais destacados industriais portugueses –, que despedira os responsáveis pela criação da associação de classe da sua indústria. Toda a península de Setúbal sustentou conscientemente a resistência dos cufistas. Ao votarem a greve, os operários da construção civil do

¹ *A Batalha*, 12 de Maio de 1919, p. 2.

² *O Raio X*, 1 de Agosto de 1921, p. 2.

³ Administrador do Concelho de Setúbal. Carta de 27 de Setembro de 1917. Fundo do Governo Civil de Lisboa, Caixa 117. AN/TT.

Barreiro explicavam “que, às classes operárias organizadas, compete ajudar e defender aqueles camaradas em luta por interesse próprio e colectivo”¹.

É incontestável que o apoio moral e material de classe se constitui como o único factor explicativo da resistência das greves deste período, que chegam a durar largos meses. Os relatos da solidariedade operária são eloquentes, bem como as consideráveis quantias angariadas através de *quêtes* que se organizavam nas fábricas e pelas associações de classe e que se publicavam nos principais jornais operários, para não deixar dúvidas sobre a solidariedade operária. Eram criadas comissões para os manterem enquanto a luta se travasse. Os filhos dos grevistas ficavam a cargo de outras famílias operárias².

Para além do apoio material, e caso se justificasse, as restantes classes organizadas sustentavam a luta dos camaradas recorrendo igualmente à greve. Foram abundantes aqui as paralisações unicamente de solidariedade. Das greves inventariadas até à data, um quarto teve esta motivação. Foram ainda comuns os boicotes a determinados patrões que se recusavam a ceder às reivindicações dos seus trabalhadores. Em Junho de 1912, o gerente da fábrica Ferdinand Garrec & C.^a declara que não emprega operárias filiadas na associação de classe. A maior parte delas abandona o trabalho, bem como muitos rapazes. Os soldados reúnem e decidem dar todo o apoio moral e material às mulheres e que os que tenham mulheres, filhas ou irmãs naquela fábrica não as deixem ir trabalhar³.

De facto, não obstante a incipiente industrialização portuguesa e o diminuto peso numérico da classe operária, na área de estudo, tal como em outras congéneres no contexto nacional, e à semelhança do que sucedeu nas restantes regiões industrializadas da Europa Meridional, o movimento autónomo dos trabalhadores desempenhou um destacado papel histórico, integrando a ofensiva operária do primeiro quartel do século XX.

O refluxo do movimento reivindicativo, o esvaziamento das associações de classe e a derrota final do sindicalismo livre em 18 de Janeiro de 1934 não negam a relevância deste fenómeno, tendo em consideração a crise económica e de trabalho dos anos 1920 e 1930; a evolução tecnológica que expulsou do “mundo do trabalho” largos contingentes de operários especializados, substituindo-os por mulheres e menores⁴; e a magnitude da vaga repressiva iniciada pelos republicanos e dramaticamente agravada pelo regime ditatorial.

Por outro lado, na península de Setúbal os laços estreitos que se teceram entre sociedade, cultura e política mostraram-se difíceis de penetrar pelo corporativismo, comprovando-se o enraizamento profundo que conquistaram os postulados do sindicalismo livre no período precedente à imposição de uma Ordem Nova. Não foi fácil ao fascismo inverter a evolução ideológica do movimento operário, que há muito seguia o caminho da luta de classes e da independência face ao Estado. Foram precisos sete anos de despedimentos, prisões e deportações para fazer vergar as mais poderosas associações de classe, impondo-lhes a sua capitulação ou extinção.

Não chegaram, todavia, para que a doutrina subjacente ao *Estatuto do Trabalho Nacional* conquistasse o apoio das massas operárias, não obstante a abundante

¹ *A Batalha*, 12 de Junho de 1919, p. 2.

² Actas das Associações de Classe dos Operários Corticeiros de Almada, 1892-1916; Livros de caixa da Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Almada e dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada. Arquivo Municipal de Almada.

³ *O Trabalho*, 23 de Junho de 1912, p. 1.

⁴ Recenseamento geral da população de 1911 e de 1930.

propaganda destinada às classes trabalhadoras que o regime fez nesta região. Pelo contrário, durante a ditadura militar, reflectiu-se com nitidez a impregnação doutrinária do sindicalismo livre numa intrincada teia de associações culturais, recreativas, desportivas e de beneficência. Nos anos que se seguiram ao golpe, verifica-se nas fontes locais um crescente repúdio pela *situação* por parte de todo o associativismo operário, desde a cooperativa ao corpo de bombeiros, não obstante as ameaças e as represálias das autoridades.

Estas direccionaram-se não apenas para a resistência do operariado no campo das reivindicações económicas, mas também para a influência sociocultural das suas organizações e doutrinas. Inúmeros espectáculos em benefício dos presos políticos, cantares e poesias contra a *situação*, ou mensagens subliminares em discursos de associativistas tornaram-se muito comuns nas iniciativas de todas as agremiações operárias. A sua repressão foi implacável. A título de exemplo, no Barreiro foram dissolvidas as duas principais bandas filarmónicas por se recusarem a “abrilhantar” as visitas de Carmona e Salazar à vila¹.

A interpretação das diferentes fontes consultadas sugere que o associativismo de classe terá encontrado o seu receptor privilegiado nas redes sociais que germinaram na última década de oitocentos, em contextos urbanos com altas percentagens de população fabril, como é o caso das vilas da margem sul do Tejo e norte do Sado. A hegemonia de postulados de emancipação social na vivência colectiva das comunidades trabalhadoras, animada por este tecido associativo de base operária, surge como um dos mais relevantes sintomas da formação da classe.

Os dados preliminares deste estudo de caso têm vindo a ser comparados com os provenientes de trabalhos análogos, profusamente desenvolvidos além-fronteiras. De facto a observação da evolução do mundo urbano do trabalho tem dado origem a uma excepcional produção historiográfica, indiciando que a consolidação de aglomerados urbanos de vocação industrial e a convivência quotidiana das classes trabalhadoras estarão na base explicativa do admirável progresso que conheceu o movimento operário a partir de 1890, e cujo clímax – a crise revolucionária do pós-guerra – abalou o Mundo ocidental.

Foi nas cinturas industriais, como a *banlieue rouge* de Paris ou o *cinturon roji-negro* de Barcelona, que o associativismo operário encontrou o seu melhor cadinho. Também no contexto nacional, a península de Setúbal é porventura o exemplo mais significativo deste fenómeno. Embora o desenvolvimento industrial se efective numa escala mais modesta do que nas *banlieues* de Paris, nos *arrabaldes* de Barcelona ou nas *barriere* de Milão e Turim, também aqui, onde o operariado português se concentrava, desenvolvia-se a sua tendência para a associação, bem como a sua consciência.

De facto, se compararmos a nossa investigação que incide na evolução histórica das vilas operárias desta região com os estudos locais que focam outros subúrbios industrializados europeus, e particularmente da região meridional, encontramos inúmeros paralelos, particularmente no que se refere ao enraizamento do associativismo operário e à difusão das suas doutrinas.

Como Danielle Jalla sustenta na sua investigação referente aos bairros operários de Turim, também nas vilas industriais da península de Setúbal os diferentes postulados de emancipação social que inspiraram o associativismo de classe não se constituíram apenas como linhas políticas definidas em congressos. O socialismo, o sindicalismo revolucionário, o anarco-sindicalismo e finalmente o comunismo concretizaram-se

¹ Correspondência recebida. Fundo da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense.

num conjunto de comportamentos, atitudes e valores que se reflectem nestas sociabilidades, nestas colectividades, nestas redes de activistas de bairro¹.

Na realidade, eram exactamente os mesmos protagonistas que organizavam as associações e as greves, dinamizavam as cooperativas, encenavam os teatros, tocavam nas filarmónicas, treinavam os clubes desportivos – José Custódio Gomes, por exemplo, “um apóstolo do associativismo”, era o sócio n.º 1 do Centro Socialista de Almada e da Associação dos Corticeiros, n.º 2 da Cooperativa Almadense, n.º 7 dos Socorros 1.º de Dezembro, n.º 17 da Filarmónica Incrível e 19 da Academia. Em Abril de 1929, quando faleceu, foi a bandeira da associação de classe que lhe cobriu o caixão². Estes dirigentes operários impregnavam o quotidiano com as suas aspirações de emancipação social e com a sua disposição para a acção colectiva, o que justifica em parte a eficácia da acção solidária das classes trabalhadoras, quer no plano reivindicativo quer no plano sociocultural.

¹ Danielle Jalla, “Les ‘barrières’ ouvrières de Turin”, in *Mouvement Social*, Janeiro-Março de 1982, p. 95.

² *O Almadense*, 7 de Abril de 1929, p. 2.

O declínio das greves rurais e a evolução do PCP nos campos do Sul. *João Madeira*

1. Com a legislação de 1933, o Estado Novo, que cria os sindicatos nacionais nos mais variados ramos de actividade económica, institui para o mundo rural casas do povo. Nestes organismos do edifício corporativo, de completa tutela governamental, a inscrição e quotização dos assalariados rurais tornou-se obrigatória, embora nas suas direcções prevalecessem os interesses dos proprietários locais. Órgãos do regime, as suas funções, numa perseguida ordem no mundo rural e segundo uma lógica de conciliação de classes, viriam, para além de anémicas funções assistenciais, a ter incidência laboral, designadamente em matéria de contratação colectiva.

A base de massas das casas do povo, conferida pela filiação obrigatória, bem como as atribuições laborais, levaram o PCP, na esteira do VII Congresso da Internacional Comunista, a defender o entrismo dos comunistas, pois em 1943 eram tidas como “o melhor ponto de contacto do Partido e o campesinato”¹.

O processo de inflexão do trabalho para os organismos corporativos “onde estavam as massas” foi polémico, lento e contraditório, sendo instituído plenamente apenas a partir do efectivo movimento refundador que foi a “reorganização” do PCP de 1940-41.

Ainda assim, por mais que bradassem os dirigentes comunistas, no Sul as casas do povo suscitaram muito pouco interesse por parte dos militantes, cuja margem de manobra era aí necessariamente limitada e sufocante, já que tutelada numa lógica de grande proximidade pelos agrários e pelos aparelhos políticos e repressivos do regime.

Na dura conjuntura da guerra, os conflitos sociais no Sul começam por ter um carácter espontâneo, passam nomeadamente pela formação de grandes grupos de assalariados e suas famílias, que percorrem os campos apropriando-se dos tacos de cortiça (que os tiradores deixavam na base dos sobreiros) para venderem no mercado negro, como sucedeu em Ermidas e em Canhestros, que os proprietários consideram um roubo, chamando a Guarda Nacional Republicana e pressionando as autoridades locais.

Só a partir de 1944, no Ribatejo, ainda antes das greves de Maio, é que as movimentações por pão e trabalho, à volta das praças de jorna e com as marchas de fome encimadas por emblemáticas bandeiras negras, vão permitir ao Partido Comunista, numa zona de mais forte implantação, encontrar uma linha de intervenção organizada e definir um padrão reivindicativo próprio.

Não foi, todavia, pacífico o processo de implementação da nova orientação, alvo de resistências extensas, a avaliar pela necessidade de publicar vários documentos, como em *O Militante*, que era o boletim de organização do partido:

“(…) As praças de homens, que na realidade são mercados medievais da força de trabalho, tornam-se num instrumento de luta nas mãos dos camponeses havendo assim que lutar (no que respeita a algumas regiões) contra a tentativa para a sua extinção. Eis as razões porque é completamente justa a consigna lançada pelas organizações partidárias de alguns sectores rurais e concretizada no *Avante* da 1.^a quinzena de Março:
‘que os camponeses se recusem a ir esmolar trabalho a casa dos patrões e obriguem os patrões a irem contratá-los à praça’”².

¹ “O trabalho do Partido nos organismos massivos. O trabalho partidário nas Casas do Povo”, *O Militante*, n.º 16, Outubro de 1942.

² “Acerca de uma palavra de ordem no movimento camponês”, *O Militante*, n.º 29, Maio de 1944 .

Em terras de monocultura trigueira, o ciclo reivindicativo adaptava-se ao ciclo produtivo do trigo, reclamando por jornas mais altas entre o fim da Primavera e o início do Verão, na altura das ceifas, e exigindo trabalho no Inverno.

Neste contexto, a organização comunista crescia, “pujante”, pelos campos do Sul. António Dias Lourenço, dirigente comunista, destacado para o Sul logo em 1941, reconhece que nessa altura a organização era praticamente inexistente. No entanto quando, quatro anos depois, é transferido para outro sector, só no Alentejo já havia 55 comités locais¹.

Em 1946 o aumento da influência social e política justificara a edição de uma publicação destinada aos assalariados agrícolas do Sul – *O Camponês* –, cujo primeiro número, ainda copiografado, teve uma tiragem de cinco mil exemplares, incluindo um caderno reivindicativo para as ceifas de 1947, que teria sido um poderoso instrumento para a ampliação das lutas, implicando a constituição de pelo menos 60 comissões de praça de jorna, que teriam envolvido 40 mil assalariados.

Entre 1943 e 1973 teria ocorrido um conjunto superior a 800 lutas em meio rural, sob a forma de greves, concentrações, abaixo-assinados e protestos diversos, em praticamente 230 localidades diferentes².

Na realidade, a partir dos anos 40, na ausência de sindicatos rurais, mesmo corporativizados, todo este enorme conjunto de acções reivindicativas em torno de pão e trabalho, directa ou indirectamente dirigidas ou inspiradas pela propaganda do Partido Comunista, conferiram-lhe funções de uma espécie de sindicato clandestino, que procurava incentivar e enquadrar todo um conjunto de lutas e movimentações de carácter economicista, fosse por melhores jornas ou pelo emprego.

2. Mas só a partir de meados dos anos 50 é que se começa a introduzir no discurso partidário, de forma mais explícita, a necessidade de ligar a luta económica dos assalariados rurais do Sul à luta por uma reforma agrária, não obstante uma interessante polémica interna entre Álvaro Cunhal e Júlio Fogaça sobre as questões da terra.

De algum modo conflituavam dois pontos de vista: Fogaça defendia a formação de uma nova classe de pequenos e médios agricultores por distribuição de parcelas; Cunhal, opondo-se a esse ponto de vista, critica o entusiasmo colocado por Fogaça na defesa da pequena propriedade, que o aproximaria do pensamento reformista, quer dos republicanos mais ou menos socializantes, quer de técnicos do próprio regime.

Com a prisão de Cunhal e após uma fase marcada por desenvolvimentos contraditórios nesta matéria, a ascensão de Fogaça ao Secretariado do Comité Central vai-se reflectir na afirmação dos seus pontos de vista. No folheto “Por uma vida florescente, por uma vida desafogada nos campos”, defende a reforma agrária como condição indispensável ao desenvolvimento agrícola e à melhoria das condições de vida das populações do campo:

“(…) a primeira etapa que um governo democrático terá de realizar é a entrega aos proletários rurais e aos camponeses pobres dos latifúndios e das terras incultas. O Partido Comunista entende que as muito grandes propriedades, que ocupam no país pelo menos três milhões de hectares, devem ser expropriadas aos escassos 5 ou 6 mil grandes proprietários a que hoje pertencem e devem ser

¹ Cf. António Dias Lourenço (entrevistado por Isabel Araújo Branco e Gustavo Carneiro), “A reorganização transformou o PCP num partido nacional”, *Avante!*, VII Série, 1423, de 8 de Março de 2001.

² Cf. José Pacheco Pereira, *Conflitos Sociais em campos do Sul de Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d, pp. 187-220; Partido Comunista Português, 1982, *60 anos de luta ao serviço do povo e da Pátria 1921-1981*, Lisboa, Edições Avante!

entregues às muitas centenas de milhares de proletários rurais e de camponeses pobres”¹.

O “Projecto de Programa do PCP”, de 1954, inclui por sua vez um capítulo sobre os camponeses e a agricultura, onde se consignam dez medidas, sendo a primeira a que se reporta à confiscação da grande propriedade e sua distribuição pelos assalariados rurais, jornaleiros e camponeses pobres, com abolição de todas as dívidas contraídas pelos camponeses pobres junto das instituições creditícias, designadamente as Caixas de Crédito Agrícola e os usurários.

Aí se defende também, entre outras medidas, a libertação da terra de todos os contratos de arrendamento, parceria, foros, etc., entre os camponeses pobres e os grandes agrários, acompanhada de ajuda em crédito fácil a longo prazo, sementes e máquinas ou a diminuição das contribuições pagas pelos pequenos proprietários ao Estado ou às câmaras, incluindo a abolição de algumas delas².

São fundamentalmente estas ideias que vão ser consagradas no V Congresso, expressas quer no informe político apresentado por Júlio Fogaça³, quer na intervenção de Joaquim Gomes [Ferreira], dedicada especificamente a esta problemática do parcelamento da grande propriedade: “(...) a Reforma Agrária que preconizamos e pela qual estamos dispostos a lutar é uma Reforma que acabe com os latifúndios distribuindo-os em parcelas pelos assalariados e camponeses que não disponham de terra suficiente para viver”⁴.

Até finais dos anos cinquenta é esta a orientação prevalecente, sem aparente contestação interna, e que se baseia no parcelamento da grande propriedade.

Certamente que, em larga medida por estas razões e também por um certo fascínio e interesse pelo tema, Álvaro Cunhal retoma-o nas difíceis condições prisionais, o que dará origem ao estudo “A Questão Agrária em Portugal”⁵, fundamentalmente preocupado, não com a questão da Reforma Agrária, mas com a grande questão que se colocava a montante, “os aspectos característicos do movimento do capitalismo na agricultura portuguesa”⁶, justamente aqueles em que entendia que Fogaça mais se enleava.

Com a sua fuga do forte de Peniche, nos primeiros dias de 1960, o vasto e profundo movimento de reexame a toda a política partidária que rapidamente impulsiona e dirige, conhecido como “crítica ao desvio de direita”, incluiu, naturalmente, a discussão sobre o trabalho partidário nos campos.

Vai ser, todavia, no quadro da preparação do VI Congresso do PCP, no relatório “Rumo à Vitória”, apresentado por Álvaro Cunhal à reunião do Comité Central de Abril de 1964, que, de uma forma sistematizada, voltam a ser colocadas as questões sobre a reforma agrária:

¹ Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português, 1954, *Por uma vida florescente! Por uma vida desafogada nos campos!*, Edições Avante!, p. 9.

² Cf. Partido Comunista Português, 1954, *Projecto de Programa do Partido Comunista Português*, s.l., Editorial Avante!, p. 5.

³ Cf. [Júlio Fogaça] Ramiro, *V Congresso do PCP. A Unidade das forças anti-salazaristas, factor decisivo para a Libertação nacional. Informe do Comité Central*, Edições “Avante!”, 1957, pp. 14-16.

⁴ [Joaquim Gomes] Ferreira, *V Congresso do Partido Comunista Português, Os problemas da terra e a aliança da classe operária com os camponeses*, Edições Avante, 1957, p. 5.

⁵ Cf. Álvaro Cunhal, *A Questão Agrária em Portugal*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

⁶ *Ibidem*, p. 372.

As terras expropriadas aos grandes agrários devem ser entregues aos assalariados e aos camponeses pobres para que as utilizem como melhor entenderem: ou em explorações individuais, que só poderão garantir uma vida folgada aos camponeses se associados em cooperativas, ou como herdades do Estado¹.

Esta questão será mais claramente explicitada no Relatório da Actividade do Comité Central, que o mesmo dirigente comunista apresenta ao VI Congresso do PCP, em 1965.

Cunhal fala em duas reformas agrárias, uma a Norte, em que o assalariado pensa fundamentalmente em tornar-se camponês, isto é, em ter acesso directo e pleno a uma parcela de terra, a que se aplicaria com maior rigor a fórmula “expropriar para dividir”, que havia sido a orientação não só dominante como geral. Pelo contrário, a Sul, o assalariado, ao reivindicar a expropriação do latifúndio, pensaria numa reforma de tipo socialista, a que, naturalmente, melhor se aplicaria a exploração pelo Estado². O novo Programa do PCP, aprovado pelo VI Congresso, vai assim consignar este ponto de vista, que se tornará dominante até à queda da ditadura.

Qualquer das formulações de reforma agrária enunciadas assentava, no entanto, num pressuposto que, apesar de nem sempre ser claramente expresso, era o da fome de terra. Se Júlio Fogaça gostava de falar nas massas esfaimadas de terra, já em Álvaro Cunhal essa ideia aparece mais implícita e, também, mais matizada.

3. Ao mesmo tempo, também o curso das lutas reivindicativas colocava novos problemas e novas discussões. Às tradicionais reivindicações de jornas mais altas e de trabalho, acrescentava-se uma terceira em torno do horário de trabalho, que era ainda, ao tempo, de sol a sol.

António Gervásio, um importante quadro de origem rural que enquanto funcionário controlara praticamente desde 1952 até finais dos anos 60 as organizações do Sul, preso em Agosto de 60 quando actuava no Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, participa na espectacular fuga no carro de Salazar em Dezembro de 1961 da prisão de Caxias, impaciente para voltar precisamente ao mesmo sector partidário, onde, segundo ele, a luta pelas 8 horas de trabalho estava madura. É aí que vai preparar e dirigir as grandes lutas de Abril e Maio de 1962³.

Gervásio reconhece que se travaram discussões intensas no partido a propósito da centralidade desta reivindicação, havendo quem sustentasse que as reivindicações deveriam continuar a andar à volta do direito ao trabalho e dos salários. No entanto, a sua opinião era de que “se podia criar um grande movimento pelas 8 horas e arrancá-las ao fascismo”⁴.

Na realidade, estas lutas iriam constituir o ponto alto da actividade do PCP nos campos do Sul, com as organizações do PCP do Alentejo Litoral a funcionarem como uma espécie de mola propulsora e a arrastarem outras regiões.

As oito horas tornaram-se nucleares no quadro das principais reivindicações do tempo. É aliás interessante verificar como a reivindicação em torno da jorna se desenvolve pelos valores mínimos, de 30\$00 para os homens e 25\$00 para as mulheres,

¹ Ibidem.

² Álvaro Cunhal, *Relatório da Actividade do Comité Central ao VI Congresso do PCP*, Lisboa, Edições Avante!, 1975, pp. 84-85.

³ Cf António Gervásio, *Lutas de massas em Abril e Maio de 1962 no sul do país*, Lisboa, Edições Avante!, 1996.

⁴ IAN/TT, PIDE-DGS, P. 378/GT, Auto-Biografia, 11.6.62, dact., [157].

isto é, longe dos 50\$00, valor reivindicativo que vinha sendo estipulado desde a campanha das ceifas de 15 anos antes.

As movimentações começam em Abril, convergindo para o 1.º de Maio de 1962 com reuniões, conversas individuais ou com pequenos grupos, constituição de comissões de unidade, numa mobilização que se queria crescente e o mais alargada possível.

O PCP estima em mais de 250 mil os trabalhadores rurais que se movimentaram e participaram no mais diverso tipo de acções reivindicativas, que se prolongaram ao longo de praticamente todo o mês de Maio.

Se, na primeira semana, os sectores mais activos parecem ter-se localizado no litoral alentejano, já nas semanas seguintes o movimento vai-se alastrando e alargando a todo o Alentejo, atingindo o Sado em ambas as margens, de Palmela a Pegões ou de Pinhal Novo a Cabanas, alcançando os campos do Ribatejo.

Nalgumas localidades, muito localizadas, como à volta de Beja e em Ervidel, conseguiram-se jornas de 40\$00, acima do valor médio reivindicado e obtido, mas a conquista das 8 horas parece ter sido bem mais extensiva, embora ainda que longe de se tornar geral.

Um relatório de Junho, procedendo a um balanço mais sistematizado de todo este processo, refere que “centenas de milhar de operários agrícolas do Sul do País”¹ teriam conquistado as 8 horas e jornas mais altas. Mas também aí é assinalado que em importantes localidades da margem esquerda, como Vale de Vargo e Pias, ou noutras localidades de forte influência do PCP, como Montemor-o-Novo, não se conquistaram as 8 horas “por falta de um trabalho de organização e de direcção convenientes”².

É aliás esta a versão explicativa que vai ser também desenvolvida nas páginas de *O Militante*, considerando-se como aspectos negativos a pouca expressão e densidade das comissões de unidade, a falta de iniciativa das organizações locais, a resistência ou falta de audácia para recrutar aqueles que mais se destacaram na acção³.

Mas torna-se importante perceber também que a especificidade destas movimentações em cada localidade, cada praça de jorna ou local de ajustamento de assalariados era uma realidade.

O partido, ou a transmissão oral de aldeia em aldeia, podia servir de elemento unificador, mas nem isso conseguia chegar a todo o lado, permanecendo vastas áreas, concelhos inteiros, onde a presença ou a influência do partido não chegava, como, onde chegava, não conseguia obstar a situações e estádios diferenciados de jornas, jornadas ou outras regalias obtidas em concelhos vizinhos ou num mesmo concelho.

Deste modo, onde as oito horas eram uma realidade, inclusivamente porque o sistema de pausas numa jornada de sol a sol podia aproximar-se bastante das oito horas efectivas de trabalho, essa reivindicação deixava de ser aí assumida para que o acento se colocasse na jorna ou em qualquer aspecto das condições de trabalho.

Por outro lado ainda, e ao contrário do que era insinuado pelo partido, se a luta pelas 8 horas em 1962 havia conseguido impor-se em muitas localidades, isso não significava que tivesse constituído uma conquista permanente e irreversível. A ausência de um sistema minimamente consolidado de contratação colectiva fazia que toda a regulação laboral tivesse um carácter limitado e precário, circunscrevendo-se ao período

¹ “As acções de massas desenvolvidas nos meses de Abril e Maio de 1962 ao Sul do País” in António Gervásio, 1996, *Lutas de massas em Abril e Maio de 1962 no sul do país*, Lisboa, Edições Avante!, p. 56.

² *Ibidem*, p. 57.

³ “As acções do operariado agrícola do sul desencadeadas no mês de Maio de 1962”, *O Militante*, III série, n.º 122, Janeiro-Fevereiro de 1963.

de duração de uma ceifa ou de uma campanha agrícola, voltando a recolocar-se no ano seguinte, não nos mesmos termos, mas em termos inclusivamente mais desfavoráveis, caso a correlação de forças na praça assim o determinasse.

4. Mas este seria o último grande movimento dos assalariados agrícolas do Sul até à queda da ditadura. Importantes modificações vinham ocorrendo no quadro económico e social do Sul do país desde meados dos anos cinquenta, sem que o PCP conseguisse dispor de respostas correspondentes e adequadas.

Já em 1955, na margem esquerda do Guadiana, designadamente em Pias e Vale de Vargo, quando os assalariados se concentravam nas casas do povo, impondo a discussão com agrários e o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência em torno de um contrato para toda a ceifa, ao mesmo tempo que quadros do partido consideravam estar-se a subestimar a reivindicação da jorna de 50\$00, em discussões que António Gervásio reconhece terem sido um pouco azedas, “defendia que a luta por 50\$00 estava um pouco ultrapassada, pois estava-se ante uma nova situação: o emprego da maquinaria nas ceifas”¹.

Desde meados dos anos 50 que o problema da utilização crescente da maquinaria, particularmente ceifeiras-debulhadoras, era predominantemente encarado como forma de roubar trabalho aos assalariados e, portanto, como factor de desemprego, o que, sendo evidentemente verdade, não era propriamente visto do ponto de vista da industrialização da agricultura e da maximização do lucro nas actividades agrícolas. A palavra de ordem sistematicamente utilizada é que as máquinas não deviam trabalhar enquanto houvesse assalariados sem trabalho.

Procurando justificar esta posição, em 1959, José Miguel [Inácio], outro dos principais quadros rurais do PCP, publica em *O Militante* um artigo em que sustenta que o desenvolvimento da técnica e a mecanização da agricultura são de grande importância para a vida económica e social do país, porém, acrescenta:

(...) nas condições actuais, não é menos certo que uma agricultura mecanizada, dominada pelos grandes agrários fascistas, trará, como não pode deixar de ser, crises de desemprego para um número cada vez maior de operários agrícolas, visto que o patronato explorador, com o emprego da maquinaria, tem somente em vista explorar mais ainda os trabalhadores².

No entanto, estes problemas começam a ganhar dimensão no processo de reexame que Álvaro Cunhal empreende a toda a linha política do partido, depois da fuga de Peniche. Octávio Pato na preparação de uma reunião da Comissão Política do Comité Central onde os problemas da agricultura do Sul são tratados, reconhece que o partido não tem orientações específicas concretas para o sector e que, deste ponto de vista, a “concepção falsa de atribuir às máquinas as consequências do desemprego e baixos salários (...) subestima assim o carácter de concentração da propriedade capitalista”³.

Em meados dos anos 60 é ensaiado um novo impulso para a luta dos assalariados rurais do Sul do país, em torno da conquista de um contrato de trabalho, que basicamente assentava em três aspectos fundamentais: a jorna (de 35\$00 para os

¹ IAN/TT, PIDE-DGS, P. 378/GT, Auto-Biografia, 11.6.62, dact., [157].

² [José Miguel] Inácio, 1959, “Os operários agrícolas. A técnica e a agricultura”, *O Militante*, III série, n.º 102, Outubro.

³ “Problemas do campo”, manuscrito, p. 1, TCL, 2º JCL, P. 90/62, apenso a fls. 207.

homens e 20\$00 para as mulheres), o horário de oito horas e, finalmente, a exigência de abono de família e assistência médica¹.

Um dos dirigentes regionais do PCP no Alentejo anotava a este propósito, num esboço de artigo para *O Camponês*, que “a luta pelo contrato não pode ser separada da luta constante por trabalho e melhores jornadas [e que] a luta pela conquista do contrato vai ser demorada, os agrários vão resistir, a luta tem de ser muito forte e bem organizada”².

A organização continuava a incidir na constituição de uma vasta e densa rede de comissões de unidade, para enquadrar e dirigir a movimentação social pelo contrato. *O Camponês* exorta à formação de centenas dessas comissões de base local.

No entanto, nesta fase toda esta estrutura de enquadramento do processo reivindicativo em torno do contrato não passava pelo apelo à greve, mas apenas pelo lançamento de um abaixo-assinado dirigido ao ministro das Corporações.

Tratando-se claramente de um conjunto de reivindicações caras aos assalariados, expressava-se no entanto através de um esquema organizativo demasiado ambicioso e superior às reais e objectivas capacidades no terreno. Por outro lado, a forma de luta proposta, o abaixo-assinado, por mais realista que fosse a avaliação das condições objectivas e subjectivas, não correspondia à tradição reivindicativa existente no Sul.

Assim, a iniciativa não teve a receptividade desejada, como viria a reconhecer a Comissão Executiva do Comité Central do PCP:

Na prática, o tempo e as energias queimadas na recolha das assinaturas para o contrato traduziu-se no desvio da luta pela conquista das reivindicações nele contidas ou da maior parte delas, junto do patronato e das autoridades, únicas entidades junto de quem estas reivindicações podiam ser apresentadas com algum êxito nas condições actuais.

Em conclusão, camaradas, pensamos que tentar, na fase actual, introduzir a recolha de assinaturas como forma de luta reivindicativa das massas camponesas que recorrem com frequência à greve em apoio das suas reivindicações significa fazer recuar o movimento revolucionário em vez de o fazer avançar³.

Em contrapartida, o mesmo documento enaltece a forma como os assalariados rurais de determinada zona do Alentejo, insatisfeitos com as condições de trabalho na apanha da azeitona, percorreram os olivais dos grandes agrários em grupos de 10 e de 15, abastecendo-se de azeitona para o Inverno, montando inclusivamente vigilância armada para estas acções. O exemplo bem merecia ser valorizado, ainda que assentasse num movimento circunscrito de que não se regista qualquer alastramento.

Na segunda metade dos anos 60 e nos anos 70, as lutas são inexpressivas, havendo mesmo anos sem qualquer referência a lutas rurais. Em 1966, é quase como um lamento que a Rádio Portugal Livre refere: “As ceifas estão a acabar, e cada vez duram menos tempo. Queixam-se os assalariados agrícolas do Alentejo, que já não conseguem agora uma semana de trabalho seguida que antes as ceifas lhes proporcionavam”⁴.

¹ Cf. Partido Comunista Português, 1964, *Problemas Actuais da Luta de Massas. Intervenção da Comissão Executiva na Reunião de Abril de 1964 do Comité Central do Partido Comunista Português*, Edições Avante!, p. 5.

² “A situação política”, mns, s.d., [reprodução fotográfica], IAN/TT, PIDE/DGS, PC 596/64, p. 2 [162].

³ Partido Comunista Português, 1964, *Problemas Actuais da Luta de Massas. Intervenção da Comissão Executiva na Reunião de Abril de 1964 do Comité Central do Partido Comunista Português*, Edições “Avante!”, p. 5.

⁴ Rádio Portugal Livre, “Patrões grandes na agricultura portuguesa”, IAN/TT, LP, Escutas, de 29.9.65 a

O Alentejo, entretanto, vai-se despovoando. Em 1968, a Rádio Voz da Liberdade assinala, em relação à região de Évora: “Muitos trabalhadores estão a abandonar a região. Uns partem para outras regiões do país, outros partem para o estrangeiro”¹. Na realidade, em duas décadas, entre 1951 e 1971, os distritos de Beja, Évora e Portalegre perderam cerca de 304 500 habitantes².

No início de 1974, o *Avante!* ainda noticia uma greve de seis mil assalariados agrícolas por melhores jornas na zona de Almeirim, em Alpiarça, e em Benfica do Ribatejo, reclamando 140\$00 para os homens e 70\$00 para as mulheres, o que representaria aumentos substanciais da ordem dos quarenta e vinte escudos, respectivamente. A greve chegou, nalguns locais, a prolongar-se por uma semana e foi, como antes, acompanhada de concentrações junto às casas do povo.

No entanto, apesar de o órgão central do PCP referir que “estas duas importantes lutas inserem-se no conjunto das lutas reivindicativas dos trabalhadores contra a exploração patronal e revelam o espírito combativo e a consciência de classe dos operários agrícolas desta região do Ribatejo”³, constituíam movimentações não só muito localizadas como muito esporádicas.

É significativo que um dos últimos relatórios do funcionário responsável pelo Alentejo se centrasse na necessidade de protestar contra o aumento das quotas para as casas do povo e regozijava-se com os milhares de exemplares de um pequeno manifesto que foram distribuídos sobre o assunto⁴. Ausentes estavam as grandes questões que cruzaram e mobilizaram o Alentejo desde os anos 40.

5. Com o 25 de Abril e a queda da ditadura, o entusiasmo verificado em tomo do aparecimento público do PCP, emergindo da clandestinidade, com a presença nos comícios de dirigentes cujas vidas eram quase lendárias – pela actividade clandestina, pelos anos passados nas prisões do regime ou pelas audaciosas e temerárias fugas empreendidas desses cárceres –, não obstava a que a situação social fosse calma, quando comparada com o que vinha fervendo nas cidades e nos principais pólos industriais.

Esta situação deve-se às mudanças estruturais verificadas nos campos do Sul. Efectivamente, o êxodo rural havia eliminado uma parte significativa dos excedentes de força de trabalho que davam corpo às legiões tumultuosas de desempregados nos meses de Inverno e havia provocado mesmo, nalguns momentos, carência de força de trabalho. Isso significava uma melhoria objectiva das condições de vida dos assalariados rurais, quer quanto às jornas, quer quanto ao emprego⁵. Mesmo que este aspecto não constituísse um dado absoluto, havia, naturalmente, contribuído para a mudança de padrão das movimentações rurais na região.

8.8.66 [Bol]. 376, de 5.7.66, Cícl., p. 1.

¹ “Há falta de trabalho na região de Évora”, IAN/TT, LP, Bol. 883, RVL, de 28.8.68.

² Cf. Maria Luísa Rocha Pinto e Teresa Rodrigues, “Migrações Internas” in *Dicionário de História do Estado Novo*, Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito (Dir.), Vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

³ “Greves vitoriosas de 6.000 assalariados agrícolas”, *Avante!*, VI série, 461, Janeiro de 1974.

⁴ Cf. “Lutas de massas no Alentejo – Fevereiro e Março de 1974” in HONRADO, João, 1999, *Falando Alentejo*, Beja, Edições da Associação de Municípios do Distrito de Beja, pp. 114-115.

⁵ Cf. António Barreto, “Classe e Estado: os sindicatos na Reforma Agrária” in *Análise Social*, Vol. XX (1.º), n.º 80, p. 46, 1984.

O grosso caudal da memória, coadjuvada pela presença, mesmo que mais ou menos irregular, da imprensa clandestina ou, porventura de efeito mais eficaz ainda, da voz diária da Rádio Portugal Livre, alimentaria e propulsão a influência do PCP.

O PCP herdaria assim no Alentejo, depois de derrubada a ditadura, todo este contexto sócio-cultural e o lastro de afetividade que ligava as gentes que tinham ficado na terra à memória e à tradição do PCP.

Os novos sindicatos que se constituíram, hegemónizados pelo Partido Comunista, relançam agora num plano abertamente sindical, e com base na contratação colectiva, a tripla reivindicação de salário, horário e trabalho. Todavia, as margens dessa acção comprimiam-se fortemente, perante a escassez de trabalho que uma agricultura já razoavelmente mecanizada impunha, o que era susceptível de criar uma situação explosiva.

A reforma agrária, tal como historicamente a conhecemos no período revolucionário de 1975, é catalisada pelo PCP face a essa situação de dificuldade crescente em enquadrar o problema do emprego nos campos do Sul e num contexto geral de forte radicalização. É nesta conjuntura que adquirirá centralidade a expropriação do latifúndio, seguindo um modelo de cariz socialista, tornando-se imediata e assegurando trabalho e salário aos trabalhadores sem terra, sob a fórmula de unidades colectivas de produção.

Greves e conflitos sociais na Lisnave. *Jorge Fontes*

A formação do empório

A figura do grande industrial e capitalista português Alfredo da Silva (1871-1942), nas palavras de Pessoa uma *avis rara* em Portugal, emerge no contexto atribulado do fim do século XIX, num país completamente desfasado das transformações ocorridas no Norte da Europa com a chamada revolução industrial.

Alfredo da Silva começa a gerir a fortuna familiar com apenas 19 anos, em 1890, e três anos depois já era administrador do Banco Lusitano (BL) e da Companhia Aliança Fabril (CAF). Em 1898, a CAF funde-se com a Companhia União Fabril (CUF), adoptando o nome da última e, em 1907, Alfredo da Silva toma a decisão estratégica de construir no Barreiro, na margem sul do Tejo, novas fábricas de extracção de óleo de bagaço de azeitona para o fabrico de sabonetes. A construção de novas unidades industriais da CUF não pára desde então. Nelas iniciar-se-á a produção de ácido sulfúrico a partir de pirites portuguesas, de superfosfatos para a adubagem de terras, de enxofre (para o fabrico de pesticidas), de sulfato de cobre (para as vinhas), de azeites e óleos (destinados designadamente à indústria conserveira)¹.

Esta medida terá uma duradoura influência na paisagem económica nacional ao longo de todo o século XX. Ao contrário do Norte do país – onde o peso da Igreja e do complemento da pequena exploração agrícola são essenciais – a concentração de capital e de fábricas na margem sul do estuário do Tejo atraem trabalhadores que se encontram desenraizados, vivendo exclusivamente do salário, forjando-se uma “cultura operária” que vai viver das associações e das colectividades.

Os anos 30 assinalam o ocaso da hegemonia anarquista no movimento operário e caracterizam-se por baixos índices de conflitualidade social no Barreiro e na CUF. Este cenário irá contudo mudar com a reorganização do Partido Comunista em 1940-41 e as dificuldades económicas decorrentes da conjuntura de guerra mundial.

Em 1943 ocorre um grande movimento laboral que exigia aumentos salariais, protestava contra os altos preços alimentares (racionados devido à guerra) e exigia a revogação das leis que tinham acabado com os sindicatos livres, o que levou, segundo Morais (2008: 59), a que o Governo, “alarmado com a extensão e a profundidade política da greve”, decretasse a “mobilização industrial”, enviando para a CUF “militares e legionários para operarem as máquinas das fábricas consideradas de interesse nacional”.

Muito se tem dito sobre as relações entre Alfredo da Silva e Salazar. Se uns acentuam o contraste entre a vocação industrial e empreendedora do primeiro, face à posição ruralizante e conservadora do segundo, outros associam-nos como duas faces da mesma moeda, tendo o industrial encontrado no “ditador das finanças” uma garantia de estabilidade política e acalmia social, beneficiando da Campanha do Trigo e sendo protegido pelo condicionamento industrial.

Nos anos 40, Alfredo da Silva já possuía um autêntico potentado económico: as suas fábricas no Barreiro ocupavam doze mil operários, os negócios expandiam-se para a área financeira (casa bancária José Henriques Totta), chegavam ao sector dos seguros (Companhia de Seguros Império) e abrangiam também uma nova empresa de tabacos, a Tabaqueira.

¹ A. Almeida, *A Fábrica e a Família, Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1993, p. 16.

Quando o industrial falece, os destinos da II Guerra Mundial ainda eram incertos. Já na posse dos estaleiros de Lisboa e Porto, trabalha para ambos os lados da contenda, queixando-se a Salazar: “V. Exa. não imagina o inferno que passo entre ingleses e alemães”¹.

A sua herança não ficou sem dono: a sua filha casou-se com Manuel de Mello, filho do conde do Cartaxo. Em 1942 morria a “*avis rara*”, mas os seus negócios voariam ainda mais alto com os seus sucessores: Manuel, José e Jorge de Mello.

A Lisnave

Já em 1921, aproveitando o impulso colonial republicano, Alfredo da Silva ganha acesso a uma matéria-prima essencial para as suas indústrias de oleaginosas: o amendoim da Guiné. Como para a importação das matérias-primas e a exportação dos produtos acabados era necessária uma rede eficaz de transportes marítimos, a Sociedade Geral (SG) começa a comprar navios e constrói um estaleiro junto às fábricas do Barreiro.

Em 1937, com a adjudicação da exploração do Estaleiro Naval da Administração-Geral do Porto de Lisboa (ENAGPL), na Rocha do Conde de Óbidos, o maior estaleiro português da época está nas mãos do grupo de Alfredo da Silva. Durante a II Guerra Mundial, o estaleiro torna-se o principal reparador da frota comercial portuguesa, possibilitando novos planos de expansão. Assim, a CUF vai apresentar ao governo uma proposta de construção de um novo grande estaleiro na baía da Margueira, junto a Cacilhas.

Para este efeito, nasce a empresa Lisnave em 1961, cujos estaleiros serão inaugurados em 23 de Junho de 1967, com a presença de Américo Thomaz. Já não se encontravam vivos nem Alfredo da Silva, nem o seu sucessor Manuel de Mello. Os filhos do último (Jorge e José) vão partilhar responsabilidades. Jorge de Mello fica com a parte industrial (engloba CUF, SG e Tabaqueira), enquanto José de Mello recebe a parte financeira, sendo presidente do Banco Totta & Açores (BTA), da Companhia de Seguros Império (CSI) e da Lisnave.

A Lisnave dispunha de uma localização geográfica excepcional, na convergência das principais rotas dos petroleiros e dos mineraleiros, especializando-se na sua reparação e assistência. Quando foi inaugurado, o Estaleiro da Margueira possuía uma área de 300 mil metros quadrados, com um comprimento de 1480 metros disponível para a acostagem de navios, e duas docas secas, uma com 350 m x 54 m para navios até 300 mil toneladas e outra com 266 m x 42 m para navios até 100 mil toneladas, permitindo deste modo a docagem de navios de grande arqueação numa zona onde se desenvolvia o tráfego de 75% dos petroleiros de todo o mundo².

Em 1967 vai beneficiar da conjuntura internacional, pois a Guerra dos Seis Dias conduz ao encerramento do Canal do Suez, obrigando os armadores a utilizarem a rota do Cabo, levando a que em 1968 se bata o recorde anual de 130 reparações em navios de grande porte e que em 1969 a Lisnave detenha 39% da reparação mundial de navios até 300 mil toneladas.

Em 1971 inaugura-se a Doca 13, baptizada “Alfredo da Silva” e que, com uma capacidade de docagem até 1 milhão de toneladas, se tornava na maior doca seca do mundo.

¹ F. Sobral, *et al.* 2008, *Alfredo da Silva, a CUF e o Barreiro*, Lisboa, bnomics, p. 17.

² *Lisnave* in Wikipedia. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisnave>. Acesso no dia 15/07/2010.

Empregando cerca de 8 mil trabalhadores, trata-se da primeira e única empresa portuguesa a conquistar um estatuto mundial, na vanguarda da inovação técnica e organizacional.

Pouco tempo após o 25 de Abril, estava concluída a construção da Setenave, um gigantesco estaleiro em Setúbal especializado na construção de navios, mantendo-se a Lisnave como um centro de reparações navais.

Paternalismo social e contestação laboral

Alfredo da Silva tornou-se famoso pela imagem de “capitalista benemérito”. A CUF ganha a áurea de um “país dentro de um país”, um oásis de modernidade e protecção social, em contraste com o ruralismo arcaizante do Estado Novo.

Num país historicamente atrasado no campo industrial, onde vigorava uma feroz desconfiança por parte de Salazar na industrialização e no seu produto mais directo, o proletariado moderno e o concomitante perigo da “hidra da revolução social”, é pertinente reconhecer a singularidade da CUF neste contexto, que alguns autores chegam mesmo a traduzir na máxima “um país, dois sistemas”.

Merece destaque o Hospital da CUF, a construção de bairros residenciais, refeitórios, caixa de previdência, colónia de férias, escolas, creches, bolsas de estudo para os filhos dos trabalhadores. No plano “ideológico”, esta espécie de “utopia industrial”, que Alfredo da Silva terá bebido da *Rerum Novarum* de Leão XIII, é celebrada no álbum comemorativo da CUF de 1945. Vejamos: “O chefe de indústria que fornece o trabalho, origem nobilitante do pão quotidiano, deve alhear-se do destino dos seus colaboradores, ou deve, familiarmente, como chefe de uma grande família, incutir-lhes o espírito de previdência? (...) Esta solidariedade entre chefe e obreiro (tal como sucede na família entre pai e filhos), este dever de defesa do todo contra os apetites de alguns, esta obrigação de moderar os instintos que aspiram a regalias novas mal se alcançam as solicitadas, não deixa de ser um combate de todos os dias (...) Por isso, quantas vezes o grande chefe da indústria, o maior amigo dos seus trabalhadores, nos parece duro, intratável e irredutível, só porque, com sentido prático, defende bravamente a sua casa industrial contra as utopias!”¹.

O “chefe da indústria” é apresentado como o *arbeitgeber*, o dador de trabalho, num alinhamento evidente com a ideologia fascista corporativa, expressa na associação entre “casa industrial” e “família”, onde existe o “chefe” (o pai) e o “obreiro” (o filho). O pai pode ser severo, mas é porque zela pelos superiores interesses do filho. Os sacrifícios de defesa da “casa industrial” parecem neste esquema pertencer apenas ao “chefe”, já os “obreiros” aparentam levar uma existência tranquila, limitando-se a pedir, sem “sentido prático”, “novas regalias” ao *arbeitgeber*.

Esta “ideologia” vai conduzir à criação de uma Comissão Interna de Empresa (CIE) na Lisnave em 1967, reunindo representantes dos operários, dos encarregados, dos funcionários e técnicos e do pessoal dirigente. Estrutura sem funções políticas e reivindicativas, o seu raio de acção abrangia apenas questões do foro mais prático: assistência médica, despesa, acidentes de trabalho, acordos colectivos, refeições, bairros sociais, abonos, horários, entre outras.

Não obstante a “obra social”, contudo, as características específicas do contingente operário, ao invés de lhe toldarem os movimentos, proporcionavam uma maior capacidade de mobilização e reivindicação. Na análise de Ana Almeida: “[E]m

¹ F. Sobral, *et al.*, *Ibidem*, p. 78.

comparação com os restantes operários portugueses, formam uma elite privilegiada. (...) são operários homens, adultos, dotados de alguma bagagem escolar e qualificação profissional, bem pagos, a viver numa cidade dos subúrbios da capital do país. Não admira, por isso, que tivessem conquistado uma notável capacidade de mobilização colectiva”¹.

Um exemplo dessa capacidade ocorreu a 11 de Novembro de 1969, quando na sequência da indignação dos trabalhadores face a um aumento salarial decidido pela empresa, tido como insignificante, dá-se uma paralisação dos estaleiros navais da Lisnave. A resposta vai ser brutal. Os estaleiros da Margueira são tomados pela GNR a cavalo, dispersando os manifestantes. Estes ainda se dirigem a Lisboa, para a zona da Rocha, mas sofrem repetidas cargas policiais.

A memória destes confrontos de 1969 estará presente quando, após o 25 de Abril, se reacenderem com redobrada pujança os índices de conflitualidade laboral.

A Lisnave na revolução

Em 1974 existiam 8275 trabalhadores na Lisnave, mas encontravam-se atomizados por 27 sindicatos diferentes. Os metalúrgicos, que representavam 84,8% dos efectivos, distribuía-se pelos sindicatos de Lisboa (Rocha, com 811 trabalhadores) e Setúbal (Margueira, com 5212 trabalhadores). Já os operários e os técnicos dividiam-se por 14 sindicatos, e o pessoal não directamente ligado à produção, por 11.

Tal como sucede noutras empresas, o 25 de Abril encontra a Lisnave num clima de conflito latente. Logo a 9 de Maio, um grupo de 40 trabalhadores da Lisnave – onde se destacam militantes de esquerda: Partido Socialista (PS), Partido Comunista Português (PCP), Partido Revolucionário do Proletariado (PRP), grupos marxistas-leninistas (ML) – convoca para o refeitório da Margueira uma reunião geral, composta por 5000 elementos, que aprovou por unanimidade a extinção da CIE. Decide-se também a criação de uma comissão provisória de delegados de base sindical, sendo no entretanto reconhecida de forma provisória a comissão *ad hoc* constituída pelos 9 elementos da mesa.

Mas os acontecimentos precipitam-se. A 11 de Maio dá-se uma paralisação espontânea de operários (soldadores e montadores) que trabalhavam na reparação de um navio. O movimento, que não era organizado nem apresentava reivindicações, foi concluído no próprio dia, quando “várias pessoas do grupo promotor da reunião de 9 de Maio saíram à fala com os colegas e conseguiram que todos voltassem ao trabalho”².

Esta paralisação foi um momento de viragem decisivo. Começam a formar-se grupos de trabalhadores que discutem um conjunto de reivindicações a serem apresentadas à empresa. Os 9 elementos da mesa, ultrapassados pela dinâmica dos acontecimentos, juntam-se a estes núcleos, de cuja articulação vai sair uma nova comissão de 42 elementos, mais representativa das várias tendências políticas presentes na empresa, que funciona como “porta-voz e como elemento coordenador do movimento, sem que, no entanto, venha a ser objecto de ratificação formal por parte dos trabalhadores da empresa”³.

¹ A. Almeida, *A Fábrica e a Família, Famílias Operárias no Barreiro*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1993, p. 43.

² V. Beirão, *Movimento reivindicativo dos trabalhadores da Lisnave*, *Revista Lisnave*, n.º 100, 1947, p. 5.

³ F. Patriarca, 1977, ‘Práticas de acção operária e formas organizativas na Lisnave’, *Análise Social*, n.º 51, p. 628.

A comissão elabora um único caderno reivindicativo, composto por 31 reivindicações, das quais se destacam: salário mínimo de 7800\$00 (com congelamento dos vencimentos superiores a 20 000\$00), 40 horas semanais (com sábado livre e abolição do turno nocturno), um mês de férias subsidiadas, não obrigatoriedade das horas extras e aumento do seu preço, 13.º e 14.º mês, efectivação dos trabalhadores com 2 meses de casa e proibição dos despedimentos sem justa causa.

O caderno reivindicativo é entregue no dia 14 à administração e à Junta de Salvação Nacional, exigindo-se uma resposta satisfatória até às 14 horas do dia seguinte. Apesar das tentativas de adiamento de resposta por parte da administração, a 15 de Maio, o sector operário recusa retomar o trabalho e concentra-se em frente do edifício da administração. Os trabalhadores administrativos juntam-se-lhe, bem como o estaleiro da Rocha, que paralisa. Mais uma vez, trata-se de um movimento espontâneo e de base: embora sem nenhum apelo explícito ou sequer uma votação, concretiza-se uma greve ilimitada com ocupação do estaleiro e impedimento de os administradores abandonarem as instalações.

No dia seguinte, por proposta da comissão, decide-se o fim da permanência no estaleiro, a greve passa a ser intermitente e concede-se um novo prazo à administração. Esta apresenta uma contra-proposta no dia 17, que não agrada aos trabalhadores, e uma outra melhorada no dia 21, exigindo um referendo através de voto secreto e individual de todos os trabalhadores. A votação realiza-se no dia 21, contando com a participação de 6664 trabalhadores (82%), tendo sido apurados 5145 votos a favor (77,2%), 1415 votos contra (21,2%) e 104 nulos (1,6%).

Os meses que se seguem à greve são marcados por uma relativa estabilidade, mas preparam as condições para uma nova ascensão do movimento.

Entretanto, as atenções viram-se para questões organizativas. Um grupo de activistas (alguns próximos do PRP) inicia a dinamização da eleição de delegados. Surge a Comissão de Delegados de Trabalhadores da Lisnave (CDTL), que vai ser composta por delegados eleitos por secções e grupos profissionais na base de 1 delegado por 50 trabalhadores, num total de 190 delegados. Estes, por sua vez, elegem uma Comissão Coordenadora formada por 42 elementos, na base de 1 delegado por 200 trabalhadores, sendo que 1/8 dos seus membros são escolhidos pelos sindicatos. Surgem também as comissões de secção, destacando-se a Comissão de Saneamento, dinamizada por militantes ML. A Comissão vai elaborar um caderno de acusações, visando quatro quadros da administração, com especial destaque para o administrador-delegado, Eng.º Perestrello. São acusados de colaboração com a PIDE/DGS e de elaboração de “listas negras” dos trabalhadores.

A nova lei da greve, bastante restritiva, que proíbe o *lock-out*, mas também as greves “políticas” ou de “solidariedade”, vai aumentar as tensões internas e o descontentamento. Em Agosto, realizam-se 2 assembleias pouco concorridas. A primeira, no dia 2, e uma segunda no dia 15, que vai aprovar uma manifestação de rua. A 12 de Setembro, um plenário concorrido por 2000 trabalhadores ratifica a manifestação. Mas a célula do PCP posiciona-se contra a decisão da assembleia, considerando-a uma “manifestação de hostilidade ao Governo e de desrespeito pela ordem democrática, que só pode aproveitar à reacção (...) para reinstaurar o fascismo em Portugal”¹. Segundo M. Pérez, “o Partido Comunista está a sofrer um verdadeiro revés político: os trabalhadores de uma das maiores empresas do país, de forte

¹ M. Santos, *et al.*, *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*, 2.º Vol., Porto, Afrontamento, 1977, p. 108.

composição operária e com tradições de luta, recusam a sua estratégia política e apoiam uma linha política mais radical”¹.

O comunicado dirigido à população denota a força e presença de elementos da “esquerda radical” na sua elaboração. Pela primeira vez esboça-se uma posição que questiona o Governo e as Forças Armadas:

- Que estamos com todas as leis e medidas do Governo Provisório que forem ao encontro do alargamento das liberdades dos trabalhadores e dos povos que o colonialismo português explora e oprime.
- Que não estamos com o Governo quando promulga leis anti-operárias, restritivas à luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista.
- Que lutaremos activamente contra a “lei da greve” porque é um golpe profundo nas liberdades dos trabalhadores [...]
- Que estaremos com as Forças Armadas sempre que estas estejam com as classes oprimidas e exploradas contra as classes opressoras e exploradoras”².

A manifestação não foi autorizada pelo Governo, que tudo fez para impedir a sua realização. Segundo conta um participante: “[N]a manhã de 12 de Setembro, demos com um cerco militar ao estaleiro, composto por centenas de comandos, pára-quadistas e fuzileiros com armas e centenas de carros de combate. Era um enorme acto de intimidação porque o morro que dominava a Margueira foi ocupado pelos pára-quadistas e a estrada entre a Cova da Piedade e Cacilhas foi toda ocupada pelos fuzileiros e pelos comandos. Durante esse período, vários oficiais entraram nos estaleiros, com o intuito de nos intimidar e convencer a não realizar a manifestação”³. Contudo, a manifestação que tinha sido organizada com um rigor impressionante, consegue romper o cordão de fuzileiros: “Às 5.20 da tarde partimos em manifestação e a meio do estaleiro deparamos com a companhia de fuzileiros e três chaimites, que nos barraram o caminho. Paramos e começamos a gritar: “Os soldados são filhos do povo”, “Os soldados são ou serão operários”. Nesse momento começaram a chorar e o comandante, perante isso, mandou abrir passagem”⁴.

Os trabalhadores marcham em formação até Cacilhas, onde apanham o barco para Lisboa, juntando-se aos seus companheiros da Rocha (onde a manifestação tinha sido rejeitada). São cerca de 4000, a maioria do total dos empregados. Guardam um minuto de silêncio em “apoio à luta do povo chileno” e dirigem-se ao Ministério de Trabalho, na Praça de Londres. O cortejo constitui-se como uma das poucas manifestações contra a lei da greve. A conjuntura nacional, com a ocorrência do 28 de Setembro e deslocamento da correlação de forças para a esquerda, ajuda à satisfação parcial das exigências operárias. O contestado administrador-delegado, o Eng.º Perestrello, pede a sua exoneração a 7 de Outubro, que será aceite pela administração no dia seguinte.

¹ M. Pérez Suárez, “Contra a Exploração Capitalista – Comissões de Trabalhadores e Luta Operária na Revolução Portuguesa (1974-1975)”, tese de mestrado na Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008, p. 125.

² M. Santos *et al.*, ‘Dos operários da Lisnave à população’, In *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*, 2.º Vol., Porto, Afrontamento, 1977, p. 112.

³ Entrevista a Francisco Tomás (06/09/1999) in Setúbal na rede, www.setubalrede.pt/content/index.php?action=articlesDetailFo&rec=7942, Acesso no dia 15/07/2010.

⁴ Lisnave, Entrevista com um camarada operário, In *Revolução*, 21 de Setembro de 1974.

Entretanto, desenvolvem-se contactos com outras empresas em luta, como a Efacec-Inel, Applied Magnetics, Messa, Setenave, Timex, CTT e TAP. Desta articulação vai resultar a criação da Interempresas, uma estrutura coordenadora das comissões de trabalhadores. Em 7 de Fevereiro de 1975, a Interempresas vai promover uma grande manifestação, com cerca de 80 000 operários, contra o desemprego e a NATO. Mais uma vez foi proibida, desta feita pelo Governo de Vasco Gonçalves. Mas também uma vez mais, os operários conseguiram ganhar a solidariedade dos elementos destacados para a repressão, neste caso o COPCON, sedimentando-se assim uma aliança *sui generis* da revolução portuguesa, que é a colaboração de parte das Forças Armadas com as lutas do movimento operário.

Na sequência do golpe de 11 de Março de 1975, a CUF e a Setenave são nacionalizadas, Jorge de Mello chega a ser preso em Caxias e a exilar-se. Contudo José de Mello continuou a controlar 14% da Lisnave, com a ajuda dos accionistas estrangeiros.

Quando a revolução portuguesa se aproxima do seu desenlace, já existe organização militar dentro da Lisnave, e até o posto médico está preparado para uma eventual insurreição. Contudo, ao contrário de outras empresas, não tinham armas dentro, pois contavam com a colaboração do Arsenal do Alfeite, que se encontrava muito próximo.

O final é conhecido: a “normalização democrática” que se segue ao 25 de Novembro encerra a turbulência do PREC, instaura um regime democrático, integra-se na Europa e aposta na terciarização da economia.

A Lisnave após o PREC

Em 1978, José de Mello será reconduzido na presidência da Lisnave. Nos anos de 1981 e 1982, sob o pano de fundo da crise cíclica, os salários em atraso generalizam-se.

Começa mais uma forte mobilização operária que se traduz em greves prolongadas e sequestro de directores e administradores. Como resposta, a polícia de choque invade o estaleiro e prende os trabalhadores do piquete. No resultado deste processo mais de 200 trabalhadores serão despedidos.

No ano de 1997, um acordo entre os Mello e o Governo criou uma nova empresa com capital público, a Gestnave (entretanto encerrada), que absorveu as dívidas e os trabalhadores da Lisnave, que por sua vez é uma nova empresa que continua a existir com o mesmo nome. Os estaleiros da Margueira e da Rocha foram fechados na viragem do milénio, concentrando-se todas as instalações na Mitrena, em Setúbal. A “nova” Lisnave sofreu um processo de reestruturação interna. Actualmente os quadros fixos são muito pouco numerosos, e prolifera o trabalho precário utilizado pelos subempregados.

O Grupo Mello saiu da Lisnave em 2000, dedicando-se a outros negócios, como a saúde ou o imobiliário. A CUF é uma *holding* do grupo José de Mello, vocacionada para a indústria química.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que a história da Lisnave é um laboratório privilegiado de estudo da conflitualidade laboral nacional, cujo expoente máximo se traduziu na capacidade ofensiva revelada pela mobilização operária de 1974.

Vigo and Ferrol, 1972. Two strikes, one strategy. José G. Alén¹

In the early seventies the industrial cities of Galicia lived a wave of social unrest as a result of the confluence of several factors. On the one hand the strong increase in the cost of living, on the other hand the rejection of collective agreements signed in advance and the intense exploitation of the labour force, easily noticeable in shipbuilding factories, where an increasing demand had led the management of the shipyards to put pressure on workers to increase production speed, to implement 12-hour workdays and to apply coercive measures to the timing of stroke systems common in these industrial centers. The workers' discomfort is recorded in the minutes of the works councils inside shipyards like Astano and Bazán in Ferrol or Vulcano and Barreras in Vigo in 1970 and 1971. Social tension inside the factories began to spill out into the streets taking different forms of labour trouble, channeled by the Comisiones which led the social struggle. Then a process of mobilization began, conflicts and strikes in various industrial sectors: metal processing, shipbuilding, timber, automotive, glass and ceramics. The 37-day strike in Peninsular Maderera and the three-month one in Megasa in Ferrol, both positive for workers, despite the social cost of the dismissals and the arrests of Communist Party cadres (PCE, Spanish Communist Party), the overtime boycott in Barreras and Vulcano in Vigo, where the existing agreements were denounced, the same as in Bazán, and the strikes and political protests in favour of amnesty or against the process of Burgos, all of them allowed the Comisiones to get ready for mobilization, to check the network of economic solidarity and to develop their repertoire of collective action: demonstrations, partial strikes, sit-ins in churches or gatherings before the headquarters of the Sindicato Vertical (OSE, the state union). That tide of conflict was as a general test to observe and measure the capacity of state repression; it also anticipated what would be the great strikes of the areas of Vigo and Ferrol in 1972. The shipyard strikes and demonstrations for amnesty were followed by workers in both cities and had the support of students, merchants and priests. A network of solidarity spread across Galicia.

The explosive social situation, similar to that of other Spanish cities, responded not only to the contradictions that generated the capital-labour relations but also to the degree of organization attained by the work-force that, led by the Comisiones, developed a strategy of political struggle that emanated from PCE leadership. Meanwhile on the same stage the Government was taking all steps to recover the political initiative in the time to come in labour relations, with the forthcoming negotiation of new agreements and the untenable situation of trade union

¹ José Gómez Alén, a retired teacher and a historian, directs his line of research towards the world of industrial labour, social conflict and labour relations. He has also been the curator of several art exhibitions (painting and photography) related to the fight against Francoism. Among his works are: *As Comissões Obreiras de Galicia e a conflictividade laboral durante o Franquismo* (1995); *La organización del trabajo y los conflictos laborales en Galicia 1960-1975* (1995); *Historia de CCOO de Galicia nos seus documentos* (co-author, 1996); *O 10 of marzo: unha data na Historia* (co-author, 1997); *Galicia 1962. El eco del silencio* (2002); *Manuel Amor Deus, unha biografía da resistencia obreira ao franquismo* (2008). He directed the Historical Archives of CCOO of Galicia -Fundación 10 de Marzo- (1991-2005) and also inspired and directed a history journal, DEZ EME, from 2000 to 2006. His last published works are *Conflicto obrero y protesta política en Galicia. Las ciudades de Vigo y Ferrol, 1960-1980* (2011) and *Materiales para el estudio de la abogacía antifranquista* (2010) which is part of the research project *Labour lawyers and the fight for democratic Justice* (2011) he is coordinating with Rubén Vega.

representatives. After many years without elections it was essential to renew the company works councils disbanded by the high number of shop stewards sacked or in prison.

Towards the general strike. Preparing the opening

The Government's internal documents show the concern and knowledge they had of the conflicting aspects of labour relations which at the time could be used by the Comisiones and the PCE to unleash a wave of strikes and tension. Thus, from the Ministry of Interior, preventive measures aimed to disarm the Commissions through the arrest of the most significant and most prestigious militants, which together with the dismissal or suspension of trade union representatives succeeded in keeping them away from the factories. Meanwhile, in a confidential internal document "Criteria for a possible situation of conflict" the Ministry of Work warned of the intentions of the PCE and the CC OO "it seems fair to predict that in the last months of the year and early 1972 situations of conflict can arise with some intensity as a result of several coincidental circumstances" and gave instructions and guidelines for action to the delegates of the ministry, to the leaders of the Sindicato Vertical and to civil governors. This report acknowledged the excessive price increases of food and the economic hardship of workers, which would lead them to demand wage increases in collective bargainings impossible to accept for businesses, as they knew for sure the work-force in Bazán would; it also mentioned the workers' purpose to claim on a priority basis "the week of 44 hours to clear Saturday afternoon." It also warned against the protests for the release of militants detained or penalized, and whose readmission and their return to the factories to stand for election and participate in collective bargaining was essential to prevent. In this sense, it cited the case of Ferrol, where labour amnesty was being demanded "it seems that companies are aware of the extreme importance of not agreeing to these requests which we trust will not be successful, but which will obviously contribute to hardening the climate of tension." The document stated the Government's concern about the political nature the conflict would have, because they understood that this was the main objective of the PCE and the Comisiones when bringing the discussion of the collective bargaining to large meetings of workers with no arbitration of the OSE. Such meetings should be banned and the company managements and the delegates of the Ministry were advised to avoid being coerced either on the negotiation or on any agreement with the Comisiones that would later have to be rejected by the Government, and therefore it would aggravate social tension and conflict. At the same time the document recommended some measures to prevent the spread of the conflict on the media and to reduce its social effects, both in regard to illegal propaganda and the action of pickets as to the legal press, hence the instructions to "silence or reduce to the maximum most of the news or information about conflicts." The Government understood that conflicts with features "as the ones which will likely occur in the coming months" were political, of opposition to the regime, "even if they apparently refer to the work world" and as such they should be treated: the civil governors would have to use law enforcement and all available means to disarm or minimize the instruments of political struggle by communist militants and to ensure social peace.

For their part the Communist Party and the CC OO consolidated their strategy at their own meetings. The leaders of the PCE met in Paris with labour leaders and the Comisiones celebrated the 1st and 2nd National Assembly of CCOO in Galicia, which confirmed the strategic guidelines for collective bargaining "[...] let's develop demand programmes urgently. Let's involve all workers [...] our tendency must be to reinforce

and expand the democracy we are denied and we fight for ", they went deeper into the use of legal and illegal channels, bringing in their political demands, since the struggle for the collective agreements was an essential part of the struggle for democratic freedoms

[...] is collective bargaining to be a mere platform of struggle for economic demands? Given the degree of development of the labour movement and taking into account the experience and the extent of politicization already acquired, it is necessary to give a new dimension to each series of claims, to each collective bargaining [...] agreements should bring together economic and social demands, which place the contest on a higher level so that the working class can get a clearer perspective on the fight for democracy. It is no use the programme acknowledges [...] a demand for freedom of association, the right to strike, the amnesty, the right to education [...] if the programme is not defended in parallel with the discussion of the collective agreement...

And they concluded that the socio-political scene allowed a call "to all workers in Galicia to prepare the conditions for reaching the General Strike in all companies and workplaces [...] “.

Meanwhile they improved the human and material resources that had been tried so successfully in previous strikes. Unable to retrieve some of their leaders for the elections to union delegates and shop stewards, they would prove their ability to bring in new militants, less controlled by the police but tough and seasoned in previous conflicts. The result of the 1971 union elections in the large firms in Vigo and Ferrol and the role of the new delegates and shop stewards would make evident the wisdom of their proposals for renewal and the inability of state unions and governmental authorities to properly know the level of organization as well as the actual number of Communist militants that the Comisiones had inside each factory.

Among the resources we can highlight their ability to acquire financial means, meeting facilities, steady contacts with the legal press, and especially a large and perfectly oiled propaganda apparatus in Vigo and Ferrol, operating with high efficiency and with individuals in charge in every area: gathering of daily information, purchases of printing stuff, publishing and distribution jobs inside factories, markets, neighbourhoods. Those in charge of one of the jobs hardly ever took part in something else that was not their specific responsibility to keep it intact, safe and away from the police. That apparatus, despite the persecution it underwent for years, was never dismantled and was vital during the general strikes of 1972. In both cities they already had law offices the importance of which went beyond the role of defending the workers at the labour courts or before the Tribunal de Orden Público (TOP, the high court of public order), as they provided room for meetings, counsel about collective bargaining, advice during the conflicts; they also facilitated the relationship between shop floor and delegates and passed on mobilizing slogans.

In Ferrol activists of the PCE controlled and directed the existing pockets of sociability in the city: the active Santa Marina Community Center, neighborhood associations, the Club of Friends of UNESCO, the Anti-repression Board, the Housewives' Association, the Cinema Club Concepción Arenal. They had the help of a group of priests with influence in organizations such as Caritas (a Catholic charity), which provided premises for meetings and raised funds to support the families of the strikers or to pay fines. In all these tasks the wives and mothers of the labour leaders played an important role, taking on responsibilities such as distributing propaganda, disseminating written support or going to interviews with the authorities. Something

similar can be seen in Vigo where they also found allies in other clandestine organizations such as the Unión do Pobo Galego, Galicia Socialista or Organización Obreira which, although their presence in the factories was minimal, provided support for the workers.

From Sicilian defence to the Queen's Gambit

The documents of the Government as those of the PCE and the CCOO make evident the level of knowledge that each opponent had of the other's lines, of their assets and their tools of political struggle. Thanks to prior arrests and to the existence of a major apparatus of propaganda, pursued in vain by the police for years, the Government was aware of a certain level of expansion and coordination of the PCE and the Comisiones in every firm, knew of their general claims, of their political objectives, of their leaders. Actually Franco's authorities controlled only the tip of the iceberg as they did not really know the actual number of militants in large companies, the real capacity of their social and propaganda resources as well as their location. That is the reason why they could not foresee the magnitude and intensity that the strikes of 1972 would reach or the ability of the instigators to extend them. The road to full confrontation and general strike was like a battle being fought on a chess board with the opponents knowing each other's possibilities of opening and the first moves of the hand, but with the weaknesses and deficiencies of that knowledge precluding the control of further development and the possible endings.

In previous strikes, the Comisiones proved that their mobilization instruments were perfectly prepared to be activated at the right time. And that moment came in Ferrol, at the National Factory Bazán, just as the Government had expected. Bazán was a state-owned shipyard with more than 6,000 workers which largely built warships, medium-sized tankers and turbines. The resounding success of the candidacy of Comisiones in the 1971 elections, formed basically by activists of the PCE, allowed these to make the first moves which, in terms of chess, resembled a Sicilian defence. The expected social struggle began with a coordinated movement of pawns going forward on the social board: they defended the workers' claims at the works council and demanded to negotiate a factory agreement, knowing that this was the place where their ability to pressure was at its best and where their interests were best spoken for. They developed a project which included political demands, wage settlements and working conditions, following the guidelines of previously approved documents and discussing their proposals with the workers through all the sections and workshops of the firm. The defence of their lines as well as the turmoil spread inside the factory and was brought on to the streets thanks to the activity of the Comisiones and the communist leaders of the city. When the management began to make its first move -putting forward an interprovincial agreement that encompassed the factories of Cádiz, Cartagena, Madrid, and Ferrol- and called to start the process, the board was occupied and there was not much room left to take the initiative. The workers had taken it by stating their position and so the negotiation began with the parties separating more and more and no possibility of meeting points. The following movements, on one side the shop floor bringing pressure with the meeting of delegates and shop stewards and supporting their leaders, on the other one the management with their refusal to accept the possibility of a factory agreement, taking provoking steps such as sanctions, hindering meetings and hastening the end of the negotiation that was taking place in Madrid without the workers' representatives from Ferrol. All this exacerbated the rise of social tension and confirmed the worst predictions of the Government, the conflict was taking on a political character. All precautions and directions given by the Government had been

overwhelmed by the starting position adopted by the Comisiones, who carried the dispute to their field. Forgotten all economic demands, political freedoms came to the foreground: authority was being questioned in a state owned factory. With a powerless OSE unable to mediate, the management and the authorities castled on their position and absolutely rejected the form and substance of the proposals of the workers; they prevented the delegates from performing their legal duties of informing and they, in turn, brought their grievances on to the streets where they defended their claims while the lack of freedom and the violation of their rights was condemned by the press.

The conflict spilled out on to the street to go back inside; the movements speeded up as the tension in the city increased. The management's move was to urge the end of the bargaining and in order to disarm the workers they increased the blockage of meetings. But labour leaders were leading the initiative: at the works council of the factory Manuel Amor Deus and José M^a Riobó put forward an appeal before the National Delegate for Trade, Rodolfo Martín Villa, and together with Julio Aneiros and Rafael Pillado met with the management to exact a positive response to their demands with the threat of a general call to give up the 12-hour day and the overtime. The firm rejected the proposal in the idea that the workers could not meet the threat as it would cause them financial loss. But the call was followed unanimously and the management had no choice but to repression: stating that the appeal had been rejected by Martín Villa, they hardened their position with sanctions for the delegates and by intending to prevent shop floor meetings. The other side responded with a rolling move of attack and began having mass meetings of thousands of workers in the esplanade in front of the management block.

The conflict was rampant for the management and policy makers who opted for repressive measures. First they threatened the leaders and once they told them about the signing of the agreement in Madrid, the confrontation was total, absolute. The decision taken on 9 March of staying inside the yard led to the dismissal of the delegates and other cadres who were forbidden from entering the factory. The workers' response was total strike, which made the management order the entry of the police who, using shots into the air and extreme violence, evicted the workers. The news of the brutality employed by the police to break up a gathering of nearly 4,000 men quickly spread through the city and a wave of indignation seized Ferrol. Clashes kept going on during the day while the solidarity in the region was complete and the leaders met to prepare the next day's activities. The next day, 10 March, thousands of workers who had found the shipyard gates locked marched peacefully towards the neighbouring shipyard, Astano, bearing in mind that this time if they were attacked they would resist. Intercepted by a company of armed police they refused to dissolve and the confrontation was unavoidable. The police fired directly to the workers and when they eventually were forced to retreat they left behind two dead workers, 40 injured ones and a city paralysed with shock.

In the following days the Spanish and European press reported the dramatic events and a support network spread across the rest of Galicia with strikes in all major factories. Meanwhile repression remained the only response from the State and the management of Bazán, which closed for 10 days. Workers were militarized and more than 150 were sacked, including all the delegates and leaders of the Comisiones. In Ferrol the police arrested more than 50 people and, with the PCE leaders in jail in A Coruña, legal proceedings would begin: a large number of trials for dismissals at the Labour Court, a court-martial for six of the leaders and an indictment that would put other 23 in the TOP's hands.

This general strike would not be the only one. In Vigo the discontent was even higher than in Ferrol: they had denounced the bargaining and the renewal of shop stewards would make it easier for the Comisiones to regain the initiative. Solidarity strikes allowed the engine of mobilization to warm up and to start a growing process of labour trouble throughout the region which would affect all industrial sectors: strikes in the big shipyards like Barreras and Vulcano; the long conflict at Censa, with several months of strikes, numerous dismissals and a lockout; the unrest and tension in Citroën by the application of Forced Compliance Standards, were the visible face of a socially explosive scene. The leaders of the PCE and the CCOO were assessing the real possibility of triggering a political battle of the same magnitude as that of Ferrol.

It also has a place here the similarity to a game of chess: taking into account the experience gained by the opponents from the events in Ferrol, they realized Vigo called for another kind of opening to reach a general strike. Local leaders were aware that without the Citroën a general strike would be impossible. Citroën was a very young company, with 6,000 workers largely come from the rural interior, without a tradition of struggle as that of shipyard workers. It would not be easy to incorporate them into a solidarity strike with other factories. They knew that the strike was being observed in other industrial sectors thanks to the number of delegates and militants inside the factories and thanks to the mobilization capacity shown since the beginning of the year. Hence, the local committee of the Galician Communist Party (PCG) and the communist leaders of the CCOO, after assessing the situation, decided that the only solution was to trigger the onset of the strike at Citroën. There were chances of success as the workers had been supporting the proposal of the members of the *Comisión* to achieve a 44-hour week with Saturday afternoon free. Once again the fears of the Ministry of Labour would come true. It was only necessary to decide in which sector of the factory the conflict would start and who would do it, perfectly aware that those who did would be the first to be sacked if the company management responded to the challenge.

This time the game was opened with a Queen's Gambit, the point was to place a lure on the board with the hope that the company and the political authorities would take it; they intended to achieve a strong position at the opening of the conflict. The political decision to start the strike was taken to a mass meeting where they approved what had previously been decided, a partial strike in the afternoon shift of 9 September. The expected response from the company was disproportionate: 9 sacked members of Comisiones, among them three delegates. With this movement the direction intended to stem the conflict, believing they were taking the lead in a very different way from that of Ferrol a few months earlier. At the mass meeting following these events the workers resolved to maintain and extend the strike while those dismissed were not reinstated, this demand taking the forefront. Each new move on the part of the firm found a response on the workers' side, that took the lead. Each new day the threats of dismissals were answered with the incorporation of new companies to the strike which spread across the city as an oil slick. Shipyards, glass, ceramics, subsidiary companies of different industries, metal processing, textiles, transport, all of them were affected by the wave of strikes met with reprisals, not as hard as in Ferrol but not without controlled violence and brutality at times. The dismissals, sanctions and arrests marked out 15 days of general strike in which more than 30 companies in the region and about 35,000 workers took part, with the Communist Party leading the political leadership of the conflict in direct connection with the Intercomisión (a large commission formed by delegates from all the other factories). Life in the city was altered by the social upheaval caused by the repertoire of collective actions such as demonstrations, well studied jumps in a variety of venues, arrests, fighting in the streets, sit-ins inside churches, legal

and illegal meetings at the most singular places. After 11 days of strike thousands of dismissal letters began to be received by the workers while the organizers analyzed the situation and discussed possible solutions to the conflict as well as the necessary withdrawal. The local representatives of the government and the police succeeded in preventing the meetings and took control of the city while withdrawal and phasing from 25 September was being decided by the strike organizers. As happened in Ferrol the repression would intend to behead the Workers' Commissions: 400 sacked ones from all sectors, including most of the union delegates and cadres of the PCG, dozens of lawsuits that would last until December and more than 50 court cases at the TOP.

Despite the costs the strikes were highly valued by their promoters. In the short term and under a superficial analysis that assessment and its effectiveness can be questioned as the Comisiones were in part decapitated and a large number of delegates were arrested, prosecuted or dismissed and had to seek work in other provinces. But the organization recovered soon and the strikes spread to other areas of Galicia where young cadres and hundreds of workers sacked in 1972 who went to work in other cities contributed to the strengthening and expansion of CCOO.

In a historical perspective those strikes showed the citizens the beginning of the crisis, the cracks of the dictatorship, the real face of the repressive Franco regime, unable to meet the minimal social demands. Hence, therefore, 1972 has to be considered a pivotal year for the development of democratic consciousness in the cities that lived through the conflict. It explains the significant growth of social struggle against the dictatorship in Galicia, which from 1975 would be incorporated into the social mobilization called by the Junta Democrática (Democratic Board) and other organizations; the cry of "amnesty, freedom and autonomy statute" would resonate in the Galician cities.

References

For the 1972 strikes in Vigo and Ferrol see G. Alén, J. 1995 *As Comisións Obreiras de Galicia e a conflictividade laboral durante o franquismo*, (134-142) Vigo, Ed. Xerais; and Barrera, E. 2009 *Traballo e Solidariedade na Peninsular Maderera e Pysbe*, Ferrol, Ed. Fuco Buxán.

For the organization of Communist militants see Santidrián, V. 2002, *Historia do PCE en Galicia (1920-1968)*: 494-527, Santiago, Edicións do Castro; for militants of CCOO inside the factories see Lago, P. in press, *La Construcción del Movimiento Sindical en Sistemas Políticos Autoritarios. Las Comisiones Obreras de Galicia (1966-1975)*; for trade-union elections in 1971 see G. Alén, J. 1995 *As Comisións Obreiras de Galicia e a Conflictividade Laboral durante o Franquismo*; 142-146, Vigo, Xerais.

For the propaganda and the Communist press see G. Alén, J. and Santidrián, V. 1997, *Vigo Obreiro, o Periódico das CCOO de Vigo*, Santiago. Ed. Fundación 10 de Marzo; and Llorca G. 1999 *O 10 de Marzo. Órgano de las CCOO de Ferrol*, Santiago, Ed. Fundación 10 de Marzo.

For the relation between lawyers and workers see G. Alén, 1995:173-187; Rafael Bárez in G. Alén, J. and Vega, R. (coordinators), 2010, *Materiales para el estudio de la Abogacía Antifranquista*, Madrid, Fundación Abogados de Atocha; and Lago, P.: 119-151, 173-187.

All the preventive measures taken by the Ministry of the Interior as well as police information can be found in the General Direction for Security (DGS), General Office for Social Affairs: bulletin number 18, *Los sucesos de El Ferrol del Caudillo*, May 1972 and bulletin 43, *Informe especial. Asunto de Vigo. Conflicto laboral de matiz político*, November, 1972.

For the claims of the workers in Bazán see *Actas Jurado de Empresa Bazán* (minutes taken at the works council meetings) August 1971, February and March, 1972.

The conflicts in Ferrol can be followed in G. Alén, J. and Santidrián, V. 1997, *O 10 de*

Marzo. *Unha data na Historia*, Santiago, Fundación 10 de Marzo; in G. Alén, J. 2008, *Manuel Amor Deus. Unha biografía da resistencia obreira ao franquismo*, Santiago, Fundación 10 de Marzo.

For the strike in Vigo see Domínguez, M., *et al.* 2001, *Organización e Movilización dos traballadores durante o franquismo. A folga xeral de Vigo do ano 1972*, Santiago, Ed. Universidad de Santiago; G. Alén, 1995; and Faro de Vigo, September 1972.

Articles related to the conflicts in the workers' publications: *La victoria ha sido nuestra. Declaración de las CCOO de Vigo en Vigo Obreiro*, No. 4, 1972; *La Huelga General de Vigo. Hechos. Algunas conclusiones y esperanzas en Nuestra Bandera*, No. 69, 1972 and No. 71, 1973; *Los movimientos de masas en Galicia contra la dictadura. Algunas intervenciones ante el II congreso del PCG and Resolución de la III Asamblea Nacional de CCOO de Galicia, 1973.*

Resonancia en Asturias de la huelga de 1917. José Luis Campal Fernández¹

La reclamación laboral de los ferroviarios que en el mes de agosto de 1917 derivó en una huelga revolucionaria de considerables proporciones, antecesora de la convulsión obrerista de octubre de 1934, tuvo un desarrollo y unas secuelas en Asturias diferentes a las del resto del país, por las circunstancias especialísimas del contexto internacional. Es muy probable que se viera azuzada emocionalmente por el desenvolvimiento de la revuelta rusa de febrero de ese año, erigiéndose tal vez en antesala de la toma del Palacio de Invierno, que tendría lugar apenas dos meses después de fracasada la huelga española.

Sostenida fundamentalmente por el socialista Sindicato Minero Asturiano, y liderada, entre otros, por Melquíades Álvarez –a quien *El Noroeste* inviste como «hijo prestigioso [...], querido de las masas, capaz de conducirlos por la senda de la prosperidad y florecimiento de las naciones engrandecidas por la democracia, el trabajo y la cultura»–, conoció en la región norteña una mayor dilatación temporal, las movilizaciones se realizaron a una escala más global y la represión posterior de las fuerzas gubernamentales contra los participantes en el conflicto fue más dura. La gravedad de la huelga encontró eco en una caja de resonancia tan determinante para la época como los medios de comunicación escritos. Damos noticia en las páginas siguientes de las reacciones suscitadas en ocho publicaciones de distinto signo y contrapuestas premisas ideológicas.

El Noroeste. El diario gijonés *El Noroeste* se erigió en alentador y portavoz oficioso e infatigable de las demandas obreras. La víspera del estallido de la huelga indica en primera plana que se ha suspendido la publicación del diario madrileño *El Socialista*, así como que el inspector jefe de la policía gubernativa se había personado en la redacción de *El Noroeste* para apercibirles de que no informaran «de nada relacionado con la huelga y los movimientos militares». Además, el lunes 13 inserta a dos columnas un destacado en negrita donde se posiciona sin ambages:

«*El Noroeste* saluda con efusiva cordialidad a la democracia asturiana, en la que están puestas hoy las esperanzas de todos los hombres honrados, de los buenos patriotas y de cuantos tienen fe en que los nobles ideales de libertad, derecho y ciudadanía prevalecerán al fin, deparándonos una patria nueva, grande, digna, floreciente y respetada».

A finales de agosto, tras 17 días de huelga, el diario, visado por la censura militar, ofreció a grandes rasgos un resumen de lo acontecido en la ciudad: el día 13 los ferroviarios de la compañía de Langreo cejan en sus labores y son procesados

¹ José Luis Campal (Oviedo, España, 1965). Filólogo e investigador literario, miembro del Real Instituto de Estudios Asturianos y de la Sociedad de Literatura Española del Siglo XIX. Especialista en la obra de Armando Palacio Valdés, ha comisariado exposiciones bibliográficas dedicadas a Ramón de Campoamor, Marta Portal, Alejandro Casona y *El Quijote* y Asturias. Editor de clásicos de la literatura asturiana, ha publicado ensayos en revistas académicas de Europa y América como *Archivum*, *Acta Literaria*, *Bulletin Hispanique*, *Acotaciones*, *ALEC*, *Cuadernos para Investigación de la Literatura Hispánica*, *Letras Peninsulares* o *Dicenda*, entre otras.

judicialmente, quedando reducido el servicio de trenes «a la salida y llegada del correo de Madrid»; el 14 deja de publicarse la prensa regional, la Fábrica de Tabacos para y se encarcelan a delegados obreros como «Wenceslao Carrillo, secretario del Sindicato Metalúrgico»; el 15 se produce un altercado entre militares y obreros a resultas del cual hubo disparos y quedó herido un huelguista; el 16 continuaron los registros domiciliarios mientras «los obreros celebran sus reuniones en las afueras de la población»; el 17 comienza a normalizarse el tráfico ferroviario en tanto que «el movimiento del puerto sigue decayendo»; el 19 se propala el rumor de que Melquíades Álvarez ha sido detenido y conducido a Oviedo, infundio que desaparece cuando por la noche el político reformista llega al «Círculo Melquiadista, donde estuvo largo tiempo conversando con sus amigos y correligionarios»; el 20 tiene lugar en el pueblo de Pinzales un mitin al que asisten tres millares de obreros y en el que se acuerda «persistir en la misma actitud, sin desviarse en lo más mínimo del derrotero señalado cuando estalló el conflicto»; el 21, las tabaqueras van reincorporándose a sus faenas; el 22 se desarrolla un concurridísimo mitin en la parroquia de Tremañes, en el que todos reafirman la continuidad del paro, y se registra infructuosamente la casa de la escritora Rosario de Acuña; el 28, el Ayuntamiento presiona a sus trabajadores para que abandonen el paro chantajeándolos con el despido «por abandono de sus respectivos puestos»; el 30 ya han vuelto a sus funciones importantes sectores como el de la tipografía, construcción, obreros municipales y empleados de la fábrica de gas, pero circulan, en las cuencas mineras del Nalón y del Caudal noticias acerca de cuadrillas de huelguistas que asaltan armerías y posesiones privadas, o que, en el caso de Laviana, «habían puesto en libertad a los presos, habiéndose hecho dueños del pueblo».

La defensa de los huelguistas llevaba aparejada la condena de sus detractores, y no escatimó esfuerzos *El Noroeste* en semejante afán, reprobando el comportamiento de la prensa católica, en la que no detecta «palabras de conmiseración por las víctimas, palabras de piedad para los rebeldes sujetos a los procedimientos judiciales», sino violentos deseos de «venganza, de una acción enérgica para extinguir esa rebeldía que, según ellos, es la ruina de la riqueza española». No revestirán menor énfasis los intentos, una vez fracasada la huelga, de anular el movimiento obrero, apuntando entonces «a los que sueñan con una España ultraconservadora, clerical, despótica, fernandina, cerrada a toda corriente moderna».

Y se despotrica contra conceptos como anarquía y patriotismo, manoseados por los sectores de la burguesía dominante. Para Salustio, columnista de *El Noroeste*, «la anarquía es la destrucción del pueblo que se hace cuando el mismo pueblo se ha incorporado para decir: La vida social precisa una reorganización». Y en relación a la torcida manipulación de las esencias patrióticas, se pregunta el rotativo: «¿Con qué autoridad moral se podrá denominar patriota al gobernante que se prevale de la fuerza que da el poder para falsear en provecho de determinada oligarquía política la augusta función del sufragio, haciendo escarnio de la voluntad ciudadana?».

No se limitó el rotativo gijonés, de amplia implantación popular, a ir desentrañando la maraña de sucesos según se fueron desarrollando éstos, como los vaivenes que se verificaron con respecto a la emigración, prohibida al comienzo de la huelga y después consentida. *El Noroeste* hará del activismo impreso una de sus virtudes, insertando cartas de dirigentes metalúrgicos como Laureano Piñera, «detenido desde hace 8 días –declaraba el 6 de septiembre – sin que hasta la fecha se le haya comunicado la causa de su detención», acusado al parecer de solicitar permiso para una magna asamblea. No cejará ni cuando la huelga dé sus últimos bandazos, y así el día 11 de septiembre se traduce en sus páginas un comprometido relato de inequívoco aliento

social y rebeldía ética ante las injusticias como el debido a Zola y titulado, más que ilustrativamente, “¡Sin trabajo!”.

La Voz de Avilés. El diario *La Voz de Avilés* prestó especial seguimiento a una huelga que valoró como la «más general, duradera y formidable», a la que se sumaron «obreros de todo credo social y político», y en cuyo desencadenamiento no advierte, como se extendió, una pretensión espuria de forzar la intervención de España en la Guerra Mundial que se libraba en Europa. Dado que la censura de prensa y la incomunicación impidieron la salida del rotativo durante doce días, efectúa el día 25 de agosto – anticipándose a los periódicos de Gijón y Oviedo, que no lo hicieron hasta el día 31–, sofocados ya los ánimos huelguistas en este municipio, una relación sintética de lo más relevante acaecido en el transcurso del paro, subrayando lo oportuno de las disposiciones gubernativas («aquí no ha faltado pan, ni leche, ni alumbrado, ni limpieza pública, ni se cometió el menor desmán») y el civismo de los huelguistas, los cuales se condujeron con «cordura y sensatez, no dando lugar a la menor alteración del orden ni exteriorizando animosidad de ningún género contra patronos ni contra otras clases de la sociedad». Recoge, sin embargo, el disgusto de la población, cuando se llevaban diez días de paro, «por la excesiva duración» del mismo «sin que nadie, ni aun los mismos huelguistas, puedan explicarse tan prolongada y perjudicial situación». La total normalización de la actividad no se alcanzaría hasta el lunes 3 de septiembre.

En lo concerniente a la finalización de la protesta, habla este periódico de un «defecto de organización», de una descoordinación entre las asambleas huelguistas de las diferentes zonas de la región, al no comunicarse entre sí la fecha de sus respectivas reincorporaciones al trabajo, lo que produjo desajustes como sucediera ya en la huelga general de 1911, «que duró en Avilés dos días más que en otros pueblos de mayor categoría, de los que se esperaba un aviso que no acababa de llegar».

Entre las consecuencias provocadas por el conflicto laboral anota el periódico avilesino la prórroga en el pago de las contribuciones, el aplazamiento de las fiestas patronales de San Agustín y la suspensión del inicio de la temporada teatral y del acto de distribución de premios entre los alumnos de primera enseñanza.

Un acontecimiento de tan circunspecta gravedad como el huelguístico fue empleado incluso por los anunciantes. He aquí el texto de un reclamo publicitario que bajo el título “Huelga en general” apareció el sábado 25 de agosto:

«Cuando faltan las ganas de comer, tomar aperitivos, porque EL MAL ES GENERAL y no se cura con unas gotas de alcohol, que perjudican el organismo más que si le hubiesen HERIDO DE SEIS TIROS, pues los desastres del alcohol pueden compararse con el DESTROZO DE LAS BALAS. Por esto, si se quiere tonificar los nervios y músculos, aumentar el peso y no ser DETENIDO EN SU TRABAJO por falta de energías, tome antes de cada comida de 15 a 20 gotas de Hipodermol».

Castropol. El periódico decenal del ala occidental asturiana *Castropol* recogía, el 20 de agosto, bajo el encabezamiento “Momentos graves”, unas apreciaciones contrarias a la causa huelguista, tildándola de «delirio anárquico» y demoledor que iba a convertir a España en «foco de funesta depravación donde han de sepultarse las energías del país», recordando que la agitación dañaba la prosperidad del país, ya que hasta el estallido de la misma «el oro entraba a raudales en nuestros pueblos merced al impulso que la tragedia europea dio a nuestras industrias y a nuestro comercio».

El anónimo autor del artículo incidía en la, a su juicio, vileza de esta reclamación laboral, dado que «no es una huelga noble, disculpable, consciente; no es reflejo de aspiraciones proletarias, ni mucho menos de uno de tantos antagonismos del capital y el trabajo que precisen litigarse de ese modo», ni era tampoco «producto de la nulidad de forma de gobierno contraproducente para el desenvolvimiento de la vida obrera». Para subrayar aún más la presunta sordidez de la misma se clamaba que en esta aventura iban a «sacrificarse víctimas inocentes, empujando al abismo del hambre y de la miseria al pobre trabajador a quien se miente una libertad utópica».

No se niega a la clase trabajadora una demanda de regeneración igualitaria, llegando incluso a reconocer que tal petición era «razonable y justa», pero se retuerce el argumentario con torticero paternalismo para insistir en «que no es ésta hora de pedirlo», estableciendo distingos entre el pueblo involucrado en la huelga y «el verdadero pueblo», y en que «ha sido incubada por elementos extraños que sólo aspiran a inutilizar a España para el porvenir».

El Oriente de Asturias. El ideario conservador del semanario llanisco *El Oriente de Asturias* queda plasmado en las atribuciones a los huelguistas, a escasos días de iniciado el conflicto, de los apelativos de «insensatos» y «desatinados», además del escarnecedor calificativo que dirige a la catadura de los promotores políticos («traidores que explotan en su provecho y en favor del extranjero a los pobres y engañados trabajadores»), empleándose a fondo para desacreditarlos bufonescamente en la hora de su detención en la capital: «El comité de la huelga no fue capturado al frente de los revoltosos, batiéndose en las calles, sino escondido en la habitación de una fonda: Largo Caballero, entre dos colchones; otro, debajo de una cama, y así los demás *valientes jefes* del movimiento».

El envés de sus observaciones recaerá en la conducta del Ejército al mando del general de brigada y gobernador militar de Oviedo Ricardo Burguete Lana, de quien se asevera pomposamente que procedió «con el acierto y virilidad que eran de esperar de sus excepcionales dotes militares», reproduciendo el bando emitido por éste donde afirma que los huelguistas más resistentes eran «alimañas, no hombres, [...] incendiarios, destructores, descarriladores de trenes y dinamiteros», a los cuales se proponía «exterminar en rápido plazo», lanzándose incluso a los montes para cazarlos «como a fieras».

Aunque los responsables de este semanario se esfuerzan en considerar a su comarca «la más pacífica de España», no se libraría del empuje contestatario, registrándose un discontinuo seguimiento del paro, por lo que la alcaldía de Llanes hubo de reforzar la seguridad auxiliando a la guardia municipal con guardas jurado de los pueblos aledaños, y ordenando «a las fondas que den cuenta diariamente, bajo pena de multa, de los nombres, procedencia y destino de los viajeros». Recuerda este periódico, igualmente, que la anómala situación se había agravado al quedar «interrumpida la comunicación telefónica».

Religión y Patria. No escamotea el quincenario católico *Religión y Patria*, que se editaba en Gijón bajo la dirección de Juan Ortea Fernández, la acerba crítica de la acción revolucionaria, enumerando a los culpables de la huelga en términos tan poco compasivos como éstos: «Hijos espurios de esta infortunada patria; políticos ambiciosos vendidos al oro de los enemigos de nuestra paz y progreso, agitadores de oficio, directores de masas obreras dispuestos a lucrarse a costa de la sangre y la honra de hermanos y compatriotas».

Recolecta, en pro de sus intereses, varios manifiestos de federaciones ferroviarias contrarias a la huelga, las cuales inciden en el carácter de acción «político-revolucionaria», avalándola como un «movimiento antisocial y de franca rebeldía» y que «no obedece a ningún motivo profesional». Además, en un artículo firmado por J. Montañés se ataca su condición de deliberado e innecesario pulso al Estado, que ha tenido visos «de motín y sedición, más que de huelga».

Conforme se va disolviendo la convulsión huelguista, no ahorra tinta esta publicación para recordarles a los protagonistas lo errática de su determinación: «Los obreros han entrado a trabajar en toda España [...]. Han entrado menos de los que salieron, con el hambre en sus casas, sin conseguir ninguna reivindicación, desprestigiados ante la opinión pública y cooperadores a una causa que pretendía destruir la patria y llevar a España a la guerra». Lo que no le agrada ya tanto es que la prensa francesa jalee la conducta del proletariado español.

Cultura e Higiene. La revista gijonesa *Cultura e Higiene*, lejos de demonizar las actuaciones durante el conflicto, busca un punto de encuentro armónico, y así pone en práctica reflexiones no exentas de sentido como la siguiente:

«Es que la lucha, en sus mismos choques, ha perfeccionado las organizaciones obreras y las patronales, y la aptitud adquirida por ambas partes contendientes las iguala casi en acometividad y resistencia, estableciendo, por ende, cierto equilibrio que viene a demostrar que las dos organizaciones constituyen dos potencias capacitadas para tratar de igual a igual, respetándose mutuamente».

Tampoco escurre el bulto a la hora de retratar los padecimientos del proletariado:

«Los conflictos del trabajo se suceden sin interrupción; a diario se declara el boicot; las coacciones, los choques entre huelguistas y la fuerza pública están a la orden del día; reina el descontento general; cunde el pánico; el desaliento se apodera de todos y la miseria crece y se extiende» (J. Guilera, “Mosaico social”).

Incluye esta publicación unas declaraciones del dramaturgo Jacinto Benavente en las que deslinda el comportamiento de anarquistas y socialistas, los dos sostenedores de la huelga, señalando que a ambos les separa un abismo que hace incomprensible cómo pudieron actuar coaligados: «El partido socialista no debe mostrarse nunca como una amenaza perturbadora. Ha de ser un partido gubernamental, de verdadero orden, de verdadera paz. Sus principios económicos, sus doctrinas, sus procedimientos, todo ello es lo más contrario, lo más distante del anarquismo».

Revista Industrial-Minera Asturiana. La ovetense *Revista Industrial-Minera Asturiana* muestra desde los primeros compases del conflicto su escepticismo acerca de las intenciones que animan la agitación, aludiendo a que «el movimiento político que ha originado esta huelga viene a sumar nuevas complicaciones a los problemas españoles pendientes de resolución», a la vez que está persuadida de que no aportará «las soluciones anheladas», sino que más bien «implicará una perturbación más, que retrasará el resurgimiento económico» de la nación.

El desarrollo de la protesta sufrió el ataque de la publicación antedicha, que la juzgó «ola revolucionaria y sangrienta», «huella devastadora», «obra demoledora que el

odio de clases, ciego y feroz, haría si no fuese contenido por la fuerza armada» o producto de «los sembradores de odio y venganza». Y se ponía el acento en la manipulación sufrida por las agrupaciones proletarias y sus dirigentes, los cuales «no han tenido un momento de serena meditación antes de dar un paso tan comprometido para el presente y porvenir de la causa obrera».

Al darse por concluida la huelga, la *Revista* señalaba, ilusamente, que la dura experiencia vivida no caería en saco roto pues serviría para «orientar en las sendas que han de recorrer en lo futuro a los hombres de buena voluntad». Sus páginas reprodujeron tanto la nota oficiosa del Sindicato Minero Asturiano justificando que se había sumado a la protesta «por solidaridad con los ferroviarios del Norte», como la de la Asociación Patronal de Mineros Asturianos, donde se quejaba de cómo el día 13 «abandonaron el trabajo los obreros en todas las minas sin previo aviso, sin atender siquiera, en la mayor parte de ellas, a la conservación de los hornos y galerías ni al desagüe de los pozos». Esta declaración soliviantó a los socialistas, que la cuestionaron, reafirmando *ipso facto* la patronal en la misma.

Asturias. De la trascendencia alcanzada por el movimiento huelguista para los naturales de la región constituye relevante demostración el que la prensa hispanoamericana de la emigración asturiana no eludiera su tratamiento. El 7 de octubre, finalizado el conflicto pero no las represalias subsiguientes, la revista *Asturias*, editada por el Centro Asturiano de La Habana, rememoraba las circunstancias germinadoras de la huelga en Gijón (el domingo 12, escribe el cronista, «celebran reunión las dos federaciones obreras de la localidad y en virtud de orden recibida de los dos organismos directores del obrerismo español, acuerdan la huelga para el día siguiente») y la inmediata militarización policial a que se vio sometida la ciudad en los días sucesivos: el martes 14, por ejemplo, indica que «se declara el estado de guerra en la población, [...] fuerzas de infantería y caballería patrullan por las calles, [...] los soldados custodian los bancos y edificios públicos, [...] decretase la detención de significados obreros y se practican registros en los domicilios de varios de ellos»; todo lo cual no constituyó impedimento para que el miércoles 15 se celebrase con toda normalidad la segunda corrida de toros de la feria de Begoña, cuya entrada resultó «bastante buena», y la faena fuera «superiorísima».

Fuentes hemerográficas

Asturias (Revista gráfica semanal), La Habana, n.º 167, 7 de octubre de 1917.

Castropol (Periódico decenal. Defensor de los intereses morales y materiales del partido judicial), Castropol, n.º 446, año XIII, 20 de agosto de 1917, p. 2.

Cultura e Higiene (Revista semanal de divulgación popular), Gijón, n.º 275, año VI, 8 de septiembre de 1917, pp. 1-2.

El Noroeste (Diario democrático independiente), Gijón, sábado 11 de agosto de 1917, p. 1; domingo 12 de agosto de 1917, p. 1; lunes 13 de agosto de 1917, p. 1; viernes 31 de agosto de 1917, pp. 1 y 4; sábado 1 de septiembre de 1917, p. 1; domingo 2 de septiembre de 1917, p. 1; miércoles 5 de septiembre de 1917, p. 1; jueves 6 de septiembre de 1917, p. 1; martes 11 de septiembre de 1917, p. 4.

El Oriente de Asturias, Llanes, 18 de agosto de 1917, p. 2; 25 de agosto de 1917, p. 2.

La Voz de Avilés (Diario independiente), Avilés, 25, 26 y 28 de agosto de 1917, pp. 1-2; 1, 2 y 4 de septiembre de 1917, pp. 1-2.

Religión y Patria (Periódico quincenal con censura eclesiástica), Gijón, n.º 385, año XII, 1 de septiembre de 1917.

Revista Industrial-Minera Asturiana, Oviedo, 16 de agosto de 1917, p. 251; 1 de septiembre de 1917, p. 269; 16 de septiembre de 1917, pp. 282-284.

El sindicalismo libertario en Cataluña durante la transición (1975-1979). Aproximación a su reconstrucción, crecimiento y ruptura. Josep Maria Solé Soldevila¹

El trabajo que sigue no es, estrictamente, un trabajo sobre el sindicalismo libertario. Si bien es cierto que la Confederación Nacional del Trabajo (CNT) representa la estructura organizativa que acoge la práctica totalidad de las expresiones del sindicalismo libertario, ni todo el sindicalismo libertario está presente en la CNT ni todo el mundo en la CNT se reclama libertario. A su vez, el estudio y la comprensión del devenir de la CNT durante estos cuatro años no es posible sin referirse no sólo a otras prácticas sindicales libertarias o autónomas o incluso asamblearias sino también al conjunto de organizaciones y colectivos diversos que componían el rico universo del movimiento libertario. Es decir, aunque el trabajo tiene por objeto analizar la CNT y el conjunto de prácticas sindicales que desarrolló durante los años de la transición, el relato va a tener que sufrir interferencias necesarias para poder entender su complejidad.

La reconstrucción de la CNT

La CNT, la central anarcosindicalista fundada en 1910, se convirtió en la principal organización sindical de defensa de los intereses de los trabajadores. Pero en 1939, la victoria de las fuerzas fascistas levantadas contra la República española en julio de 1936 instauró un régimen acaudillado por el general Francisco Franco que supuso la liquidación de las libertades políticas y sindicales. La CNT se exilió al Estado francés desde donde tenía la pretensión de preservarla de la represión. Sin embargo, aunque se mantuvieron a salvo de la represión del nuevo régimen, la experiencia de la guerra civil, su participación política con las otras fuerzas republicanas, había sembrado la semilla de una discordia que acabaría por dividirla cuando, en 1945, dos anarcosindicalistas se incorporaron al gobierno republicano en el exilio del Dr. José Giral.

Esta situación de división en el exterior tuvo su reflejo en el interior, con una CNT casi desaparecida a partir de la segunda mitad de los años cuarenta, que no supo adaptar su funcionamiento a la nueva realidad de falta absoluta de libertades y que conservaba sólo algunos núcleos de afiliados aislados unos de otros y sin dirección alguna que les pudiera sacar de este estado. A pesar de todo, a finales de los sesenta principios de los setenta, en algunos centros de enseñanza, barrios y empresas de Cataluña se empezaron a organizar núcleos de personas libertarias que, en la medida de sus posibilidades, iban creando estructuras de coordinación para hacer más efectiva su lucha.

¹ Josep Maria Solé Soldevila (Barcelona, 1975) es doctorando en historia contemporánea de Catalunya en la Universitat de Barcelona, ha trabajado en diversos proyectos de entre los cuales destaca la elaboración del fondo de documentación oral "El sindicalisme llibertari a viva veu", que buscó las razones de este movimiento durante los años de la transición o, en el mismo ámbito temático -la cuestión sindical- y cronológico -la transición-, el trabajo "El PSUC i la qüestió sindical durant la transició". Ha realizado también los trabajos "Els cors de la Barceloneta des dels seus orígens a mitjans del segle XIX fins l'actualitat" i "Els cors de la Barceloneta, de les societats corals claverianes als cors muts", y a participado como investigador en el estudio "Cost humà de la guerra civil a Catalunya", que tiene por objeto la elaboración de un censo de las víctimas de la guerra civil en Catalunya o en el proyecto "Setmana Tràgica 1909-2009 Commemoració del centenari dels fets de juliol a Barcelona".

En el Institut¹ Eugeni d'Ors de Badalona, nos cuenta Gabriel Serra², un grupo de jóvenes que se proclamaban anarquistas, libertarios, constituyeron el Col·lectiu d'Estudiants Anarquistes. Una vez en funcionamiento, contactaron por primera vez con una persona de la CNT, que les hizo saber de la existencia de otros colectivo de estudiantes parecidos a ellos. Y se coordinaron en la Federació Autònoma d'Estudiants (a nivel de universidad, se creó también una Federació d'Estudiants Llibertaris de Catalunya). Entre sus actividades se encontraba la difusión de material, la autoformación y la participación en las primeras asambleas, donde planteaban la necesidad que los delegados de clase no fueran permanentes. Paralelamente, se coordinaban también con otros núcleos libertarios en la Confederació de Grups Autogestionaris, un organismo sin funcionamiento regular que reunía núcleos organizados en diferentes barrios de Barcelona.

En el barrio del Fondo de Santa Coloma, había un núcleo de los Grupos Obreros Autónomos (GOA). Su actividad pública se centraba en la demanda de soluciones a la precariedad de los servicios públicos (falta de alumbrado, de semáforos, de centros médicos, de enseñanza, de transporte). Realizaban un “trabajo de sensibilización, de explicación de los problemas, de información, de impulsar luchas con la participación de la gente. Siempre teníamos como principio básico la participación de la gente”³. A parte de las actividades públicas, los GOA celebraban también reuniones donde fueron constatando la necesidad de “unir un poco las voces antiautoritarias, las gentes que teníamos unos planteamientos libertarios”⁴, unos grupos que, aunque parecidos, no podían ser iguales “porque habiendo habido una desvinculación con el movimiento libertario histórico, [...] los grupos diferentes habían llegado a esas convicciones libertarias por procesos diferentes”⁵.

También en las empresas esta presencia se fue haciendo presente. Raul Gallego⁶ era un joven aragonés que llegó a Barcelona un mes después de la ejecución al garrote vil de Salvador Puig Antich⁷. Cuando entró a trabajar al Banco Exterior, las que serían las últimas elecciones sindicales del franquismo estaban a punto de celebrarse y pensó en presentarse. Pero en el banco existía un grupo de unos cincuenta trabajadores consejistas, con una importante influencia de la autonomía italiana, que le explicaron que se estaba planteando un boicot a las elecciones sindicales. Las elecciones, además, coincidían con la negociación del convenio colectivo. Comisiones Obreras (CCOO) defendía negociarlo mediante una Comisión mixta pero se constituyó una Asamblea de Trabajadores que fue finalmente quien negoció el convenio. Y, aunque la asamblea funcionaba, no podían dejar de tener la sensación de ser “activistas a la búsqueda de una organización”⁸. En su búsqueda contactó con Luis Edo Martín. Desde los 16 años trabajaba en el Banco Español de Crédito y, a los 18, cuando el franquismo cumplía veinte años, se presentó a las elecciones sindicales. Poco a poco, se fue articulando la lucha de su empresa con núcleos de otras y, a mediados de los sesenta, y viendo la posibilidad de empezar a hacer trabajo sindical fuera de las estructuras del sindicato

¹ Centro de enseñanza secundaria.

² Gabriel Serra, entrevista realizada el 9 Diciembre 2009.

³ Jesús García, entrevista realizada el 22 Enero 2009.

⁴ Jesús García, entrevista realizada el 22 Enero 2009.

⁵ Jesús García, entrevista realizada el 22 Enero 2009.

⁶ Raul Gallego Doctor, entrevista realizada el 18 Diciembre 2008.

⁷ El joven militante del Movimiento Ibérico de Liberación (MIL) fue ejecutado por la dictadura franquista el 2 Marzo 1974 en la prisión Modelo de Barcelona.

⁸ Raul Gallego Doctor, entrevista realizada el 18 Diciembre 2008.

vertical, crearon la Interbancaria, una coordinadora que fue agrupando los trabajadores que querían construir un sindicato similar a lo que había sido la CNT y que empezó a convocar las primeras movilizaciones en Banca (minutos de silencio, concentraciones en la puerta antes de entrar o a la hora del bocadillo, ponerse un brazalete negro). A su vez, siguió participando en las estructuras sindicales oficiales, donde asistió a la “Escuela Sindical”. El ambiente que se respiraba en esa “Escuela” era más abierto que de habitual hasta el punto que el mismo secretario fue seleccionando a los asistentes más críticos, a los cuales convocó a otras charlas con gente como el histórico militante del textil de la comarca del Maresme Josep Costa Font⁹.

Toda esta labor sindical lo llevó a entrar en contacto con gente de la CNT en el exilio y, concretamente, con Félix Carrasquer Launed, con quién empezó a trabajar en la estructuración de un grupo que tuviera por objetivo “iniciar trabajos sindicales y trabajos de organización sindical”¹⁰. Un trabajo que se traduciría en “Solidaridad al servicio del movimiento obrero”, un grupo que se quería embrión de una futura organización sindical y que trabajaba, particularmente, para reconstruir la CNT. “Solidaridad” fue cogiendo solidez y, poco a poco, se fue implantando, además de en Cataluña, en el País Valenciano, en Andalucía y en la zona centro. Y fue justamente esta organización la que, fiel a sus propósitos, decidió impulsar la reconstrucción de la CNT, una empresa que debería contar con la totalidad de espacios que se reclamasen del movimiento libertario, esto es, los dos sectores de la CNT del exilio (Secretariado Intercontinental y Frente Libertario), la CNT del interior, la gente más joven que había estado organizándose en los barrios (GOA y Confederació de Grups Autogestionaris entre otros) y los estudiantes (Federació d'Estudiants Llibertaris de Catalunya, Rojo y Negro). Pese a que en los dos núcleos de la CNT del exilio se encontraron fuertes reticencias, finalmente se logró convocar a todo el mundo a una asamblea de reconstrucción de la CNT el 19 de febrero del 1976 en la iglesia de Sant Medir del barrio barcelonés de Sants de la cual se salió eligiendo una Comisión que nombraría un primer Comité Provisional que tenía como objetivo la reconstrucción de los diferentes sindicatos. Podríamos decir que la asamblea fue bien y que la gente más joven salió con muchas ganas de levantar ese viejo edificio con nuevos materiales. Pero el clima entre los diferentes sectores históricos, después de tantos años de virulento conflicto, era de recelo mutuo. Un ejemplo de este ambiente fue la necesidad de constituir un Comité provisional de síntesis, una solución que se fue repitiendo a lo largo de los cuatro años con la voluntad de “conjugar los intereses de lo que aparentemente eran las distintas tendencias de la organización” (Hernando 1979) y que no llegó a cuajar porque “nunca en los conflictos de interés se llevó la discusión a terrenos ideológicos concretos que confluyeran en una estrategia definida, con viabilidad de ser llevada a la práctica y que favorecieran el desarrollo de la CNT” (Hernando 1979)

Recuperando el tiempo perdido

A un ritmo alto, los primeros sindicatos empezaron a ponerse en funcionamiento y la afiliación fue aumentando, lo que permitió ir abriendo nuevos sindicatos, constituir comités locales y, finalmente, en el mes de octubre, la Confederación Regional de Catalunya¹³. Su presentación tuvo lugar en Mataró el 30 de octubre ante 4.000

⁹ Raul Gallego Doctor, entrevista realizada el 18 Diciembre 2008.

¹⁰ Luis Edo Martín, entrevista realizada el 19 Noviembre 2008.

¹³ La composición del Comité Regional que se elegirá en diciembre, también de síntesis, estará encabezada por José Padilla, en quien recaerá la secretaría general, acompañado de Luís Andrés Edo,

personas. Y, aunque el ambiente fue de lógica euforia, se produjo un episodio que informa de las dificultades con que se iría encontrando el proyecto. Ante el empuje que habían cogido unas CCOO ya definitivamente decididas a convertirse en sindicato¹⁴, dentro de la CNT había gente que baraja la posibilidad de retomar la alianza sindical anterior a la guerra civil con la UGT para hacer frente al que es entendido como el proyecto sindical del Partit Socialista Unificat de Catalunya (PSUC). En su intervención en el míting de Mataró, Luis Edo, aún secretario general, hace referencia a esta posibilidad y esto le obliga a tener que dejar su parlamento a medias ante las protestas de gente próxima al exilio, especialmente al sector del Frente Libertario. Por otro lado, los *iaios*¹⁵ “*venien amb un discurs molt anti-Partit Comunista, que la gent jove no ho entenien en aquell moment*”¹⁶ y, a su vez, con durísimas críticas dirigidas al resto de organizaciones obreras, lo cual dificultaba conectar con trabajadores sin afiliación alguna que hubieran ido a escuchar su propuesta.

Ajenos a las primeras disputas por el control de los puestos de dirección del sindicato, los diferentes sindicatos fueron cogiendo fuerza en las empresas. De hecho, la CNT, aunque demasiado tarde, hizo su aparición en un momento propicio para ella. El control del movimiento obrero mediante el sindicato vertical franquista había facilitado la creación de espacios al margen que tomaban la forma de asambleas de trabajadores, una práctica que desde la segunda mitad de los años sesenta fue cogiendo fuerza y articulándose alrededor de las CCOO. Sin embargo, ya hemos mencionado que CCOO estaba en proceso de transformación de movimiento socio-político a sindicato, y ésta operación implicaba la liquidación efectiva de una estructura que, aunque con hegemonía del PSUC, pretendía la representación del conjunto de las expresiones del mundo del trabajo. Esta maniobra dejaba en manos de la CNT la posibilidad de trabajar con los sectores más reacios a abandonar las prácticas asamblearias.

La mayor parte de los conflictos que más repercusión tuvieron durante estos cuatro años que estamos analizando obtuvieron el respaldo de la CNT aunque su presencia en la empresa en cuestión fuera reducida. Quizá el más emblemático de todos fue el de la Companyia Roca Radiadors, SA, una huelga que se desarrolló a caballo de los años 1976-1977 y consiguió suscitar un especial interés porque en ese conflicto no solo se dirimían las demandas concretas que habían llevado a los trabajadores a la huelga -las características del trabajo no nos permiten entrar en detalle en estas cuestiones que, por otro lado, ya han sido tratadas en otros trabajos- (Alonso 2005, Fundació Espai en Blanc 2008, Alonso Quiñones, Capmany Guillot, Casasolo del Pozo y Morales Rodríguez 2008, Garner, Gassiot, Pujol, y Zenobi 2010)- sino también las posibilidades de un sindicalismo asambleario, con delegados rotativos, revocables, de acción directa, en un momento en que el sindicalismo vertical estaba quedando vacío y aún no había emergido nuevos mecanismos de representación obrera. La CNT participó en todo lo que pudo para ayudar a que el conflicto se resolviera de forma favorable para los trabajadores aunque a menudo con un excesivo grado de voluntarismo exento de reflexión. Su función consistió, sobretodo, en extender el conflicto más allá de la

Antonio Morales, Francesc Boldú, Sebatsià Puigserver, Matías González, Eloi Moliner, Luis Edo y José Cases.

¹⁴ El día 17 de ese mismo mes de octubre del 1976, la Coordinadora General de CCOO tomó ya esa decisión, que se materializó en la celebración de l'Assemblea Constituent de la Confederació Sindical de la Comissió Obrera Nacional de Catalunya el 14 de noviembre siguiente en Hospitalet del Llobregat.

¹⁵ Expresión usada por la militancia joven para referirse a la gente mayor que perteneció a la CNT de los años de la República.

¹⁶ “venían con un discurso muy anti-Partido Comunista, que la gente joven no entendía en aquel momento”. Entrevista realizada a Gabriel Serra el 9 Setiembre 2009.

fábrica, pues se consideraba que la batalla estaba perdida si no se conseguían nuevas complicidades. Para este propósito organizaron asambleas de apoyo y extensión de la huelga, hicieron recolectas de dinero y contactaron con otras empresas y centrales sindicales para ensanchar la huelga con la vista puesta a organizar una vaga general en el Bajo Llobregat¹⁸. De la huelga no se salió con los resultados deseados y, quizás, la CNT erró en tratar “de darle la dimensión que se le dio a este conflicto cuando las posibilidades no se habían analizado con la suficiente frialdad para ver que eso iba a abocar a un fracaso”¹⁹. La división existente tanto entre los propios trabajadores como entre las centrales sindicales, sumado a la ejemplaridad del conflicto, hacían muy difícil la victoria por parte de los trabajadores. Una parte de estos trabajadores reaccionaron destruyendo sus carnets de CCOO²⁰, el sindicato que había llegado al acuerdo con la empresa. Una acción que respondía a la desilusión por el desenlace y que, de todas formas, no *benefició* tampoco a la CNT que, a pesar del enorme esfuerzo, no consiguió nuevos afiliados procedentes de Roca, un resultado que, dicho sea de paso, tampoco no era el deseado por algún sector de la CNT, más interesado en la autoorganización de los trabajadores en asambleas que propiamente en engrandecer la CNT.

También en la multitudinaria asamblea de trabajadores de Artes Gráficas que se celebró en el campo de fútbol de la Guineueta²¹ y que apostó por la continuidad de la huelga a pesar de la oposición de los representantes de CCOO, se repitió la escena de trabajadores rompiendo carnets de la central mayoritaria, demostración explícita de un creciente descontento con su actuación. Esta vez, la correlación de fuerzas entre CCOO y CNT era más equilibrada que en la mayoría de sectores, con cerca de 5.000 afiliados la primera y unos 4.500 la segunda, un número nada desdeñable sobretodo si tenemos en cuenta que, a principios de año, rondaban los setenta²². Pero aunque en esta ocasión los trabajadores abogaron por continuar la lucha desoyendo los consejos de CCOO, el resultado fue el mismo que en Roca.

Podríamos mencionar muchos conflictos para ilustrar la actividad frenética y el creciente apoyo y reconocimiento que la CNT iba recogiendo, pero las características del trabajo no nos lo permite. Diremos solamente que el éxito de las convocatorias, un año y medio después de su reconstrucción, del míting de Montjuïc el 2 de julio de 1977 y de las Jornades Llibertàries Internacionals (22-25 de julio), son un buen ejemplo del interés que despertaba y de la capacidad de convocatoria de la cual gozaba. Pero, como ya había sucedido en la presentación de la Confederación Regional en Mataró, las diferencias emergían y la lucha por el control de la organización se hacía más virulenta a medida que la CNT iba cogiendo protagonismo. El último episodio, detonante de una batalla que ya solo podría resolverse mediante la ruptura, fue el incendio de la sala de fiestas *Scala* con el resultado de cuatro trabajadores muertos al finalizar una importante manifestación convocada por la CNT contra los Pactos de la Moncloa el 15 de enero de 1978 a la que asistieron 10.000 personas. La respuesta que tenía que dar la CNT ante las detenciones de afiliados a la CNT por una parte y, por otra, ante lo que era interpretado como un montaje policial para desactivar la única organización con implantación que se oponía al modelo de transición, fueron motivo del último gran debate interno.

¹⁸ El Bajo Llobregat es la comarca donde estaba ubicada la Companyia Roca Radiadors, SA.

¹⁹ Entrevista realizada a Daniel Fernández el 23 Enero 2009.

²⁰ Entrevista realizada a Iñaki García el 10 Diciembre 2008.

²¹ La Guineueta és uno de los barrios que conforman el distrito de Nou Barris de Barcelona.

²² Gabriel Serra, entrevista realizada el 9 Diciembre 2009.

La ruptura

La convivencia entre los diversos actores que reconstruyeron la CNT no pudo ser y, finalmente, en el Vº Congreso celebrado a finales del 8 al 16 diciembre del 1979 en Madrid, y después de una radicalización del conflicto interno que llegó al extremo de las expulsiones por cuestiones ideológicas²³ y del uso de la violencia entre afiliados, se consumó la ruptura. Los principales puntos de desencuentro fueron, por una parte, el modelo de organización y, por otro, ligado estrechamente al primero, la cuestión de las elecciones sindicales.

El debate alrededor del modelo organizativo basculaba entre el extremo que consideraba que la CNT tenía que ejercer exclusivamente las funciones de un sindicato *tradicional* de trabajadores, sin relación alguna con el movimiento libertario o los movimientos sociales, al que consideraba que la CNT tenía que convertirse en la organización específica del movimiento libertario, una organización anarquista que discriminara sus afiliados no dependiendo de la posición que éstos ocuparan en el proceso productivo sino de su ideología. Estos, lo acabamos de decir, eran los extremos. Entre medio, un amplio abanico de alternativas. El otro gran debate fue el de las elecciones sindicales y pivotaba alrededor de si la CNT tenía que participar o no en el instrumento que se había diseñado para vehicular las demandas de los trabajadores en la etapa política que se estaba dibujando. Aunque, como en el caso anterior, las posiciones intermedias eran mayoría, el debate no aceptó matices.

De todas formas, aunque las discusiones sobre estas cuestiones que solo hemos apuntado sin poder profundizar fueron de gran calado, éstas no eran más que un instrumento para la toma de posiciones, para el control del mayor número posible de sindicatos, comités locales, regionales, o, en palabras de Luis Edo, “lo determinante fue que había interés de utilización y se utilizaron las distintas tendencias para posicionamientos de poder dentro de la organización”²⁴.

Conclusiones

La CNT se reconstruyó el 19 de febrero del 1976. Pero el general Francisco Franco había muerto tres meses antes, el 20 de noviembre del 1975. Y, hasta ese momento, sus afiliados en el interior del Estado español habían tenido que trabajar sobreponiéndose no solo a los golpes de la represión franquista sino también a una organización en el exilio dividida por diferencias ideológicas respecto a la relación que tenían que mantener con el resto de organizaciones *republicanas* y con unos planteamientos respecto la cuestión sindical que imposibilitaba la intervención tanto fuera como dentro del entramado sindical oficial. Hasta mediados de los años sesenta, el movimiento obrero no empezó a reaccionar del golpe organizando las primeras comisiones obreras. Y es que, como afirma Pierre Vilar en su *Introducció a la història de Catalunya*, “si les crisis agudes provoquen incidents socials, les crisis prolongades desgasten les energies de tota mena”²⁵ (Vilar, 1995). Sin embargo, la CNT no

²³ Justo antes del Congreso fueron expulsadas de la CNT un conjunto de personas a los que se apodó “paralelos” y que se agrupaban bajo el nombre de Grup d'Afinitats Anarcosindicalistas, especialmente preocupados por la que consideraban deriva anti-sindicalista de la organización. Entre los expulsados se encontraban el Secretario de Organización Sebastià Puigcerver y el Secretario de Comunicación del Secretariado Permanente, José María Berro.

²⁴ Luis Edo Martín, entrevista realizada el 19 Noviembre 2008.

²⁵ “Si las crisis agudas provocan incidentes sociales, las crisis prolongadas desgastan cualquier tipo de energía”.

acompañó el proceso de construcción del nuevo movimiento obrero que, dicho sea de paso, presentaba una características organizativas propicias para su intervención, y, en consecuencia, no pudo incidir “para trasladar, para transmitir ideología y, sobretudo, práctica sindical”²⁶, dificultando de esta manera enormemente la capacidad de reconstrucción del sindicato anarcosindicalista en un futuro, que tuvo que lidiar además con la dificultad que suponía no disponer de afiliados que pudieran hacer de puente entre los que vivieron la guerra civil y los que abandonaban la adolescencia a principios de los setenta y que, por cuestiones simplemente generacionales, estaban llamados a llevar el peso de la organización.

Cuando la CNT apareció en escena, el movimiento obrero de Cataluña vivía su momento álgido hasta el extremo que “las cifras de trabajadores en conflicto y de horas perdidas de la provincia de Barcelona superaron las cifras generales españolas de todos los años de las series de la Organización Sindical Española (OSE) y del Ministerio de Trabajo” (Molinero y Ysàs 1998). Pero su reconstrucción tuvo que hacerse, dejando de lado las diferentes CNT, a partir de la experiencia sindical de “Solidaridad” y otras experiencias asamblearias, de los GOA y otras expresiones libertarias asentadas en los barrios y de los fragmentos de movimiento libertario que había visto nacer la década de los setenta bajo la influencia del Mayo francés del 68 y el Otoño Caliente italiano del 69. Esto es, con un capital sindical acumulado limitado y un emergente movimiento libertario muy joven que vivía un momento histórico en el que “*sí que et creies que estaves fent la revolució [...]. I, al mateix temps, estaves participant en tota la reconstitució dels sindicats*”²⁸.

A partir de la promulgación de la ley de Asociaciones Sindicales del 1 de abril del 1977 -la CNT hace entrega de sus Estatutos al Registro el 7 de mayo del 1977- el aumento de la afiliación fue espectacular. Su participación desacomplejada en todos los conflictos laborales con posicionamientos de defensa de la asamblea y de la acción directa, la crítica al diseño de transición, tanto en lo político como en lo sindical, la lucha, en definitiva, por una nueva sociedad, les permitió ir construyendo un espacio suficientemente amplio como para realizar el mayor acto político público hecho hasta el momento desde el 1939: el míting de Montjuïc. Un acto que precede la celebración de las Jornades Llibertàries Internacionals, que cosechó también un éxito sin precedentes. Sin embargo, lo que podría considerarse como dos demostraciones de fortaleza escondían, en el fondo, una gran fragilidad. La lucha interna por el control de los distintos órganos de la central sindical y la violencia que se desató por la imposición de criterios no dejaron lugar al debate sereno y la mayoría de trabajadores y trabajadoras que habían creído en la posibilidad de construir desde la CNT una alternativa al modelo de sociedad que la transición estaba diseñando volvió a sus casas.

Listado de abreviaciones:

CCOO	Comisiones Obreras
CNT	Confederación Nacional del Trabajo
GOA	Grupos Obreros Autónomos
OSE	Organización Sindical Española
PSUC	Partit Socialista Unificat de Catalunya

²⁶ Luis Edo Martín, entrevista realizada el 19 Noviembre 2008.

²⁸ “sí que te creías que estabas haciendo la revolución [...] I, al mismo tiempo, estabas participando en toda la reconstitución de los sindicatos”. Rosalia Molina, entrevista realizada el 13 Enero 2009.

Referencias:

Alonso, Albert 2005, *La vaga de Roca. 96 dies de resistència i autoorganització*. Universitat de Barcelona, Tesi de llicenciatura.

Alonso Quiñones, Albert, Capmany Guillot, Josep, Casasolo del Pozo, Jerónimo y Morales Rodríguez, José Antonio 2008, *La vaga de la Roca (1976-1977), una generació després*, Gavà, Edita Centre d'Estudis de Gavà.

Fundació Espai en Blanc (coord.) 2008, *Luchas autónomas en los años setenta*, Madrid, Traficantes de sueños.

Garner, Jason, Gassiot, Raimon, Pujol, Jordi y Zenobi, Laura 2010, *Advocats combatius i obrers rebels*, Barcelona, Editorial Ecos.

Hernando, Alberto 1979 “Nuevas crisis/viejas causas: la reconstrucción de la CNT en Cataluña” dentro de VVAA; *CNT. Ser o no ser. La crisis de 1976-1979*. Barcelona, Ruedo Ibérico/Ibérica de Ediciones y Publicaciones.

Molinero, Carme y Ysàs, Pere, *Productores disciplinados y minorías subversivas*, Madrid, Siglo XXI, p. 233.

Vilar, Pierre 1995, *Introducció a la història de Catalunya*. Barcelona, Edicions 62.

Violencia sindical en Barcelona, 1907–1914¹. Juan Cristóbal Marinello Bonnefoy²

Durante las primeras décadas del siglo XX, Barcelona constituyó el epicentro del conflicto social en el Estado español, caracterizándose por unas relaciones laborales particularmente conflictivas y, en ocasiones, violentas. Existe un cierto acuerdo en la historiografía con respecto a que la violencia sindical en Cataluña y en otras zonas del Estado español habría mantenido una curva ascendente, tanto cuantitativa como cualitativamente, que culminó en los años del pistolero (1919–1923) y en la cual el año 1910 habría constituido un importante punto de inflexión. En palabras de Eduardo González Calleja, la Semana Trágica (1909) marcó “el fin del tradicional terrorismo anarquista de puñal y bomba que cedió su puesto, al menos hasta 1916, a otras modalidades de violencia más insidiosas y menos expeditivas: las huelgas, el sabotaje, las vagas amenazas y la agresiones individuales” (González Calleja, 1998: 455). Sin embargo, por lo general dichas apreciaciones no se sustentan en una investigación empírica del fenómeno, sino que más bien se encuentran estrechamente ligadas a la aparición de las estadísticas de agresiones de Miguel Sastre i Sanna a partir de 1910 (Sastre, 1921). En este sentido, el objetivo de la presente comunicación es incluir la situación anterior dentro del análisis, para dilucidar correctamente las transformaciones operadas en la fisonomía de la violencia sindical a partir de 1910.

El marco cronológico elegido comienza en 1907, año de la fundación de la Federación barcelonesa de sindicatos Solidaridad Obrera. El período 1902–1907 fue bastante duro para el movimiento obrero, acosado por la crisis económica y el paro, las sociedades de resistencia que sobrevivían lo hacían en condiciones difíciles y con un número bajo de afiliados. En este desfavorable contexto, comenzó a consolidarse en distintos sectores del sindicalismo barcelonés la convicción de la necesidad de replantearse la estrategia seguida hasta el momento, potenciando una estructura organizativa capaz de revivir el alicaído movimiento societario. Dicha estructura fue justamente Solidaridad Obrera que ya en 1908 adquirió un carácter regional y, en 1910, se transformaría en la Confederación Nacional del Trabajo (CNT), en la que rápidamente adquirirán preponderancia los sectores anarcosindicalistas. La CNT tuvo un comienzo difícil: ilegalizada en 1911 tras su apoyo a una huelga general, no logrará funcionar con continuidad en Cataluña hasta 1914, y pasarán algunos años más hasta que pueda considerarse efectivamente una organización de carácter nacional. Así, durante estos años el verdadero protagonismo sindical lo mantendrán las sociedades obreras y, en particular, las federaciones de oficio, la verdadera columna vertebral del movimiento obrero catalán durante el período estudiado.³

Tras la derrota de la huelga general de 1902, la conflictividad laboral en Barcelona sufrió un marcado descenso, producido por la difícil situación ligada a la pérdida de los mercados coloniales y la desorganización del movimiento obrero; siendo

¹ La presente comunicación se inserta dentro de un proyecto de investigación doctoral actualmente en curso denominado *Sindicalismo y violencia en Cataluña, 1907–1919*, realizado en la Universitat Autònoma de Barcelona.

² Juan Cristóbal Marinello Bonnefoy is a PhD student in History at the Universitat Autònoma de Barcelona. He has researched about the Chilean peasantry in the 19th century and the national identity of the Chilean left. Currently, he is working on his doctoral thesis addressing the relation between trade unions and violence in early 20th century Catalonia.

³ Con respecto al movimiento obrero catalán durante las primeras décadas del siglo XX, las obras de referencia son: Gabriel 1981; Smith 2007; Cuadrat 1976; Romero Maura 1989; Connelly Ullmann 1972.

el quinquenio 1905–1909 el de menor movilización obrera de las dos primeras décadas del siglo XX, tanto desde el punto de vista del número de huelgas como de huelguistas. A partir de 1910, la reactivación económica estimuló un importante aumento de la conflictividad laboral, asentado en un proceso de reorganización sindical que chocará continuamente con la intransigencia patronal y la represión de las autoridades. La incertidumbre y la inicial desaceleración económica producida por el estallido de la Primera Guerra Mundial contribuyeron a paralizar momentáneamente el movimiento huelguístico, que se recuperará, presionado por la inflación galopante y en una situación de inédito crecimiento industrial, a partir de 1916.¹

Si bien la huelga no agota por completo el concepto de violencia sindical, constituye el contexto por excelencia en el que se da una actuación violenta de la clase obrera; por lo que en la presente comunicación nos referiremos exclusivamente a la violencia huelguística. Como punto de partida, realizaremos un acercamiento cuantitativo al fenómeno, para el cual nos hemos basado en una reconstrucción propia a partir de fuentes hemerográficas para el período 1907–1909 y en los datos de Miguel Sastre para el quinquenio posterior. Cabe destacar, que, durante el primer trienio, en la mayoría de los casos resulta imposible distinguir entre las amenazas o agresiones y los meros actos de propaganda, debido a que para ambos casos se utilizaba sin mucho escrúpulo la palabra coacción. Por este motivo, a objeto de poder establecer un parámetro de comparación adecuado para ambos períodos, hemos decidido utilizar el concepto de “huelga con incidentes”, en vez de huelgas violentas, entendiendo por tal aquellos conflictos que presentan episodios de violencia y/o detenciones, sin entrar en el mérito de hasta qué punto dichas detenciones respondían a agresiones reales o a la represión policíaca en contra de la actividad sindical.

Tabla 1. Huelgas con incidentes, 1910–1914

Huelgas y víctimas	Año								Total período
	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	
Huelgas	22	22	11	43	31	47	68	35	279
Huelgas con incidentes	5	7	2	9	9	5	13	8	58
Porcentaje de huelgas con incidentes	22,7%	31,8%	18,2%	20,9%	29,0%	10,6%	19,1%	22,9%	20,8%
Víctimas	s/d	s/d	s/d	151	65	41	54	66	377

s/d : Sin dato.

Fuente: Período 1907–1909: elaboración propia a partir de *El Progreso*, *La Publicidad*, *La Vanguardia*, *Solidaridad Obrera* y Sastre 1908, 1909 y 1911. Período 1910–1914: elaboración propia a partir de Sastre 1915 y 1921.

Considerando el bajo nivel de conflictividad laboral durante el trienio 1907–1909, correspondería esperar un reducido número de episodios violentos. Efectivamente, si bien no es posible realizar una cuantificación precisa como la de Miguel Sastre, debido a lo ambiguo y fragmentario de las fuentes, durante esos años el número de agresiones fue reducido, siendo mayoritariamente incidentes aislados, con la significativa excepción de la huelga de carreteros de 1908, sobre la que nos referiremos más adelante. De hecho, como se puede apreciar en la Tabla 1, el quiebre evidente que se produce a partir de 1910 es el número de víctimas de agresiones durante las huelgas,

¹ Sobre el tema de la conflictividad social en Cataluña a comienzos del siglo XX, es posible consultar: Soto 1989; Andreassi 1997; Smith 2007; Martín Ramos 1992.

que pasa de un promedio anual de al máximo una decena para el trienio 1907–1909, a las 151 de 1910 y a un promedio de 56,5 para el resto del período.

No obstante, si consideramos el fenómeno desde la perspectiva de la proporción de huelgas con incidentes sobre el total, la realidad se vuelve más compleja, debido a que la continuidad parece primar por sobre la ruptura. De hecho, el promedio del trienio 1907–1909 (24,2%) es superior al del quinquenio posterior (20,5%); aunque, en realidad, tan sólo tres años se alejan de la media anual para todo el período: en 1908 y 1911 se encuentra en torno al 30%, mientras que en 1912 desciende a un 10,6%. En otras palabras, el enorme aumento de víctimas de agresiones durante las huelgas a partir de 1910 no debe ser interpretado como una imprevista generalización del uso de la violencia por parte del movimiento obrero barcelonés. Es necesario, por lo tanto, centrarnos detenidamente en algunos de los datos del quinquenio 1910–1914 para comprender dónde reside verdaderamente la transformación en la violencia sindical.

Tabla 2. Huelgas violentas, 1910–1914

Huelgas y víctimas	Año					Total período
	1910	1911	1912	1913	1914	
Huelgas	43	31	47	68	35	224
Huelgas violentas	8	6	5	8	6	33
Víctimas	151	65	41	54	66	377
Huelgas con más de 5 víctimas	5	2	1	4	2	14
Número total de víctimas en huelgas con más de 5 víctimas	144	60	29	50	58	341
Huelgas con menos de 5 víctimas	3	4	4	4	4	19
Número de víctimas en huelgas de menos de 5 víctimas	7	5	12	4	8	36

Fuente: Elaboración propia a partir de: Sastre 1915. La precisión de los datos de Sastre permite especificar las huelgas violentas, por lo que su número puede ser inferior a las huelgas con incidentes señaladas en la anterior tabla.

Tal como muestra la Tabla 2, la mayoría de las huelgas violentas —alrededor de 57%— mantiene características similares al período anterior, es decir, cotas de violencia bastante reducidas y esporádicas, promediando 1,9 víctimas por huelga. En definitiva, la verdadera transformación que se produce a partir de 1910 es el surgimiento de algunas huelgas particularmente violentas, muy raras en el panorama catalán anterior, exceptuando los grandes conflictos como la huelga general de 1902. Un reducido número de huelgas —14, equivalente a un 6,3% del total del período— concentran alrededor del 90% de las víctimas, promediando 24,3 por huelga. En síntesis, el enorme aumento cuantitativo en el número de víctimas de agresiones esconde un relevante cambio cualitativo, que afecta, eso sí, a una pequeña proporción de huelgas. La novedad que enfrenta la realidad barcelonesa a partir de 1910 es el surgimiento de un nuevo tipo de huelgas particularmente violentas; por ejemplo, durante las cuatro huelgas de metalúrgicos de 1910 (tres parciales que derivaron en una huelga general de oficio), se registraron 115 víctimas, alrededor de un 30% del total durante el lustro.

Tabla 3. Tipología de agresiones a personas durante las huelgas, 1910–1914

Tipo de agresiones	Año					Total período
	1910	1911	1912	1913	1914	
Armas de fuego	25	13	11	2	23	74
Arma blanca	5	1	–	–	3	9
Palos u objetos contundentes	8	2	3	2	3	18
Golpes	1	–	–	–	–	1
Piedras u otros proyectiles	1	3	5	–	6	15
Otros	2	3	1	2	4	12
Indefinido	10	6	7	10	11	44
Total	52	28	27	16	50	173

Fuente: Elaboración propia a partir de: Sastre 1921. Cabe destacar que las agresiones clasificadas como “indefinidas” corresponden probablemente en su mayor parte a agresiones físicas, lo que explicaría el reducido número de agresiones en la categoría “golpes”.

La Tabla 3 nos adentra en otra de las grandes transformaciones que sufre la violencia sindical en Barcelona a partir de 1910. Un 43% de las agresiones involucraron la utilización de armas de fuego, un fenómeno prácticamente inexistente en el período anterior, si exceptuamos la huelga de carreteros de 1908. De hecho, si sumamos también los ataques con arma blanca, resulta que alrededor de la mitad de las agresiones durante este período fueron potencialmente mortales. A pesar de esto, la mortandad de los ataques fue relativamente baja: nueve personas, que representan un 2,4% de las víctimas. Un número, en cualquier caso, bastante elevado si lo comparamos con el período 1907–1909, durante el cual solamente una víctima habría perdido la vida en conflictos laborales.¹

Por último, cabe destacar que la gran mayoría de los ataques se dirigieron a esquiroleros, lo que explica que el 91,8% de las víctimas de la violencia sindical sean obreros. No obstante, los 25 patronos (6,6%) atacados entre 1910 y 1914 representan algo inédito en el panorama sindical catalán, no registrándose ningún ataque contra patronos en el contexto de los conflictos laborales durante el trienio anterior. En definitiva, las estadísticas anteriormente mencionadas constituyen una clara evidencia de que la violencia sindical no aparece en Barcelona en 1910, ni tampoco es posible interpretar el exponencial incremento de agresiones como una generalización de la violencia al interior del movimiento obrero catalán. El verdadero quiebre se produce a nivel cualitativo, en las formas e intensidad de la violencia al interior de un reducido porcentaje de los conflictos laborales.

Resulta imposible hacer un análisis detallado y pormenorizado de las huelgas violentas, cuya extensión sobrepasaría ampliamente los límites de la presente comunicación. En este sentido, nos limitaremos a señalar algunos de los principales factores explicativos de la violencia huelguística en Cataluña. En primer lugar, el elevado número de víctimas entre los obreros evidencia una de las características fundamentales de la violencia sindical: su indisoluble relación con el fenómeno del esquirolaje, entendiendo por tal tanto los trabajadores que no secundan la huelga, como aquéllos que sustituyen a los huelguistas.

¹ Durante 1910–1914, del total de víctimas de agresiones durante las huelgas (377), hubo 142 heridos (39%), mientras que las personas que resultaron ilesas fueron 221 (58,6%). Miguel Sastre afirma que en la huelga de carreteros de 1908 murió el esquirol Eusebio Sánchez asesinado por los huelguistas; sin embargo, no hemos podido confirmar —ni refutar— el hecho a través de otras fuentes. Ver: Sastre 1909: 30.

El empleo de rompehuelgas constituía un importante —sino el principal— factor de debilidad para cualquier movimiento huelguístico, disminuyendo sensiblemente la fuerza negociadora de los trabajadores. Al mismo tiempo, los esquirols constituían un obstáculo para la aspiración de los sindicatos a controlar el mercado del trabajo y presentarse ante los empresarios como los representantes de la totalidad de la clase obrera. Además de estos elementos, más bien prácticos, el esquirol representaba un peligro desde el punto de vista simbólico debido a que su figura negaba, por su mera existencia, valores básicos para el pensamiento sindicalista, como la solidaridad, la unión de los trabajadores o el espíritu de lucha.

En este sentido, es interesante destacar que la violencia sobre los esquirols era considerada como plenamente legítima desde la óptica sindicalista. En primer lugar, la legitimación residía en la construcción altamente negativa de la figura del esquirol que se evidenciaba en la prensa obrera: el esquirol era un “otro” radicalmente diferente, un ser infrahumano y degenerado. En segundo lugar, la violencia se justificaba generalmente como una defensa por parte de los trabajadores ante la actuación de los patrones y el Estado. La respuesta violenta de los huelguistas ante el empleo de esquirols no era, en este sentido, algo voluntario, sino que una necesidad a la que se veían obligados. Esta convicción era explícita y transversal entre muchos sindicalistas; por ejemplo, Joaquín Bueso, perteneciente al ala moderada de Solidaridad Obrera, fue uno de los principales instigadores de la violencia contra los esquirols durante las huelgas de metalúrgicos de 1910.¹ En algunas huelgas, como la de descargadores del puerto entre diciembre de 1910 y enero de 1911, la relación entre el elevado nivel de violencia y la facilidad de los patrones para reemplazar a los huelguistas con esquirols resulta evidente. Al terminar la huelga con una derrota, alrededor de 600 huelguistas quedaron sin trabajo debido a que otros trabajadores habían ocupado sus puestos (Sastre 1915: 93–100).

Ahora bien, la mera presencia de esquirols era una condición generalmente necesaria pero no suficiente para el surgimiento de episodios violentos durante las huelgas. De hecho, en gran parte de los conflictos con presencia de esquirols, éstos no fueron atacados; por otra parte, la existencia de rompehuelgas tampoco explica el porqué la violencia se intensifica en algunas fases de la huelga y en otras desaparece. Además del inicio de la huelga, en el cual podían verificarse agresiones para coaccionar a los trabajadores reacios a secundarla, uno de los momentos claves para el incremento de la violencia sindical son las rupturas en las negociaciones. Las agresiones constituían, además de una represalia contra los “traidores”, un modo de compactar al grupo en momentos difíciles y evitar defecciones; pero, también era un modo para aumentar la presión sobre los empresarios y las autoridades. Ante la intransigencia patronal, la violencia representaba el principal mecanismo de presión a disposición de los trabajadores para obligar a intervenir al Estado, imponiendo así un acercamiento entre las partes.

Durante la huelga general de metalúrgicos de 1910 hubo dos grandes rupturas en las negociaciones, en las cuales los patronos rechazaron sendas bases de arreglo propuestas por las autoridades. En los diez días posteriores a ambas rupturas, el promedio de agresiones por día fue de 0,9, mientras que durante el resto del conflicto se mantuvo en 0,2, siendo el promedio para la totalidad de la huelga de 0,4. En el caso de,

¹ En uno de sus artículos, Bueso afirmaba: “A veces las provocaciones patronales nos obligan a acudir a medios violentos. En estas luchas se da el caso de que entre los burgueses se implanta una contribución para el que haciendo traición acceda á las demandas obreras, pague una fuerte multa. Nosotros también hemos de hacer pagar a los obreros traidores otra contribución; contra los esquirols, basta la contribución del garrote”. *La Voz del Pueblo*, Terrassa, 3 de septiembre de 1910, p. 2.

la huelga de carreteros de 1908, el fracaso de las negociaciones se tradujo en una creciente tensión que desembocó en un multiplicarse de agresiones entre huelguistas y esquiroles, lo que impulsó a las autoridades a presionar exitosamente para lograr una solución negociada del conflicto (Sastre 1915: 30–61; *La Publicidad* y *La Vanguardia*, agosto–noviembre de 1908).

Los carreteros protagonizaron algunas de las principales huelgas violentas del período (en 1908, 1911 y 1914) y, más allá de los elementos mencionados anteriormente, la propensión a la violencia de dicho oficio se encuentra estrechamente relacionada con las características del sector. Dada la naturaleza descentralizada de la actividad, la respuesta clásica del Estado para prevenir la violencia durante los conflictos laborales, es decir, la concentración de fuerzas de seguridad en las inmediaciones de fábricas y talleres, resultaba completamente insuficiente. Era materialmente imposible proteger a todos los carros en circulación, multiplicando así las posibilidades de agresión por parte de los huelguistas a los esquiroles. En contextos similares, la situación tendía a repetirse; así, por ejemplo, la huelga de cocheros de 1912 también presentó un elevado número de agresiones, mientras que en la huelga de panaderos de 1913, las agresiones se concentraron en los repartidores que deambulaban por la ciudad, en vez de atacar a los obreros que continuaban trabajando en las panaderías (Sastre 1915: 132–137 y 243–248).

Estos conflictos evidencian el gran poder disuasivo de la actuación estatal con respecto a la violencia sindical. Las débiles y precarias sociedades obreras de la época se encontraban incapacitadas para ofrecer una respuesta eficaz al amplio despliegue policial que acompañaba sus movilizaciones. La violencia sindical durante este período raramente alcanzó un carácter de masas; por el contrario, eran actuaciones de pequeños grupos o individuos, lo que explica el reducido número de víctimas tanto entre las fuerzas de seguridad como entre los mismos sindicalistas.

Así, se facilitó la asunción por parte de ciertos sectores de trabajadores de la praxis de los grupos de afinidad anarquistas activos durante la primera década del siglo. El atentado personal e, incluso, la colocación de artefactos explosivos, comenzaron a hacer su aparición en los conflictos sindicales, confundiendo en muchas ocasiones la acción violenta con las nuevas teorías sobre la acción directa. Evidentemente, la radicalización del movimiento obrero tras la Semana Trágica de 1909, unida a la rápida rearticulación sindical de la primera mitad de 1910, contribuyeron a generar un clima de polarización social adecuado para la intensificación, tanto cuantitativa como cualitativa, de la violencia sindical. Sin embargo, es necesario destacar que esta radicalización afectó solamente a un sector reducido del movimiento obrero barcelonés.

Por lo general, la propensión del movimiento obrero a utilizar la violencia ha sido interpretada como la consecuencia de la incapacidad del Estado español y la burguesía catalana para asumir y canalizar la existencia de los sindicatos. Para Angel Smith, los principales hechos de violencia de este período se explican en parte por la dureza de las relaciones laborales en Cataluña. Así, la violencia habría vertebrado el repertorio de acciones colectivas de los trabajadores catalanes, en un contexto en el que las relaciones laborales no se encontraban institucionalizadas, por lo que la movilización era utilizada como un elemento fundamental en los conflictos entre patrones y obreros (Smith 2007: 183). Ante la intransigencia patronal, la violencia representó el principal mecanismo de presión a disposición de los trabajadores para obligar a intervenir al Estado, imponiendo así una negociación entre las partes. De este modo, consideramos que la incapacidad —y falta de voluntad— del Estado de la Restauración para establecer mecanismos efectivos de conciliación y arbitraje en los conflictos laborales

fue también uno de los principales incentivos para el crecimiento de la violencia sindical.

En conclusión, la violencia sindical en Barcelona sufrió importantes transformaciones durante el período 1907–1914; en particular, a partir de 1910. El principal cambio fue la aparición de un número reducido de huelgas con un elevado número de agresiones; sin embargo, este aumento no significó una generalización del uso de la violencia al interior del movimiento obrero barcelonés, sino que fueron principalmente obra de grupos reducidos, que comenzaron a adoptar algunas de las prácticas de los grupos terroristas anarquistas activos en la Ciudad Condal durante el cambio de siglo. Estas transformaciones se enmarcaron en un contexto de creciente polarización social tras la represión de la Semana Trágica y el aumento de la conflictividad laboral a partir de la segunda década del siglo XX, como indican la elevada proporción de agresiones con arma de fuego y la aparición de los primeros atentados contra patrones. Por otra parte, la intransigencia patronal y la incapacidad del Estado para canalizar la resolución de los conflictos laborales a través de mecanismos institucionales, fomentó el recurso a la violencia como un elemento de presión que obligase a las autoridades a intervenir en las huelgas. En este sentido, la violencia sindical no debe interpretarse simplemente como una respuesta basada en la frustración o una demostración de agresividad, sino que se debe entender desde los parámetros de la táctica sindical en los conflictos laborales, como demuestran la tendencia a intensificarse en determinados momentos de las huelgas y la predisposición a utilizar la violencia en aquellos sectores cuyas características hacían ineficaces las tradicionales estrategias represivas del Estado. La violencia constituía, eso sí, un arma de doble filo: podía forzar la intervención a favor de los sindicatos por parte de unas autoridades extremadamente sensibles a las alteraciones del orden público; pero, también podía — como frecuentemente sucedía— detonar la acción represiva del Estado, lo que contribuyó a la crónica inestabilidad de los sindicatos y a retardar durante años la consolidación de una gran central sindical en Cataluña.

Bibliografía

- Andreassi, A. 1997, “La conflictividad laboral en Cataluña a comienzos del siglo XX: sus causas”, *Historia social*, 29, pp. 21–43.
- Connelly Ullmann, J. 1972, *La Semana Trágica: estudio sobre las causas socioeconómicas del anticlericalismo en España (1898–1912)*, Barcelona, Ariel.
- Cuadrat, X. 1976, *Socialismo y anarquismo en Cataluña (1899–1911)*, Madrid, Ediciones de la Revista de trabajo.
- Gabriel, P. 1981, *Classe obrera i sindicats a Catalunya, 1903–1920*, Tesis doctoral inédita, Barcelona.
- González Calleja, E. 1998, *La razón de la fuerza: orden público, subversión y violencia política en la España de la Restauración, 1875–1917*, Madrid, CSIC.
- Martín Ramos, J. 1992, “Guerra i conflictivitat social” en *Condicions materials i resposta obrera a la Catalunya contemporània*, eds. J. Serrallonga y J. Martín Ramos, Sant Quirze de Besora, Associació Cultural Gombau de Besora.
- Romero Maura, J. 1989, *La rosa de fuego: el obrerismo barcelonés de 1899 a 1909*, Madrid, Alianza.
- Sastre i Sanna, M. 1908, *Las Huelgas en Barcelona y sus resultados durante el año 1907: acompañado de numerosos é importantes datos estadísticos sobre otros asuntos relacionados con la cuestión*, Barcelona, Establecimiento Tipográfico de Valls y Borrás.

_____ 1909, *Las huelgas en Barcelona y sus resultados durante el año 1908: acompañado de numerosos é importantes datos estadísticos sobre otros asuntos relacionados con la cuestión*, Barcelona, Establecimiento Tipográfico de Valls y Borrás.

_____ 1911, *Las Huelgas en Barcelona y sus resultados durante el año 1909: acompañado de numerosos é importantes datos estadísticos sobre otros asuntos relacionados con la cuestión*, Barcelona, Acción Social Popular.

_____ 1915, *Las Huelgas en Barcelona y sus resultados durante los años 1910 al 1914 ambos inclusive*, Barcelona, Editorial Barcelonesa.

_____ 1921, *La Esclavitud Moderna. Martirologio Social*, Barcelona, Ribó.

Smith, A. 2007, *Anarchism, Revolution and Reaction: Catalan Labor and the Crisis of the Spanish State, 1898–1923*, Nueva York, Bergham Books.

Soto, A. 1989, *El Trabajo industrial en la España contemporánea: 1874–1936*, Barcelona, Anthropos.

Sindicalismo livre e I República. Percursos paralelos, convergências efémeras (1908-1931). Luis Farinha

“Impõe-se estudar os meios práticos e imediatos de melhorar as condições económica e social das classes humildes”

(Congresso do Partido Republicano Português, Coimbra, 25 de Abril de 1908)

Em 1908, Bernardino Machado, um notável republicano oriundo dos arraiais *progressistas* da Monarquia, declara, em conferência, que a “revolução é matemática e fatal”. A “desvairada ditadura” de João Franco evidenciara a incapacidade institucional do rotativismo parlamentar e aprofundara a crise política do país, com responsabilidades na morte do rei e no fim do regime monárquico.

As esperadas mudanças modernizadoras não se haviam realizado num quadro institucional de ditadura e o país continuava a apodrecer, pobre, arcaico e retrógrado. À margem do sistema rotativo, as novas elites, com ideias regeneradoras, já só conseguiam imaginar uma mudança por ruptura – “isto já só vai com uma revolução”, repetia-se.

1908 corresponde a esse ponto de viragem: a ditadura franquista foi desmantelada, o “rei-menino” decretou o tempo da “acalmção”, os republicanos empenharam-se fortemente na ascensão por via eleitoral e a estrutura conspirativa que estivera por detrás do golpe falhado de 28 de Janeiro não só se manteve como ainda aprofundou os meios organizativos. Os resultados da acção republicana foram assinaláveis: sete deputados no Parlamento a partir de Abril, a vereação da principal câmara municipal do país e de um conjunto de outras por todo o território nacional a partir de Novembro. Mas talvez tão importante como esses resultados foi a acção de agitação e propaganda das ideias republicanas durante todo este ano de 1908, em centenas de comícios, conferências, congressos, obras e actos cívicos que se concluíram em impressionantes movimentos de massas e em centenas de adesões ao Partido Republicano.

A partir daqui o caminho era irreversível: a agitação e propaganda visavam (e conseguiram) mobilizar um país acabrunhado e inerte para a necessidade de uma mudança radical: estava concluído o trabalho de “democratização”, considerava Machado Santos. Impunha-se a revolução.

Em todo este processo foi fundamental o papel da imprensa, do associativismo dos centros republicanos, do “congressismo”, do activismo de rua (em comícios, conferências, manifestações e representações), dos ecos públicos da acção parlamentar, do papel fulcral dos grandes oradores e dos grandes “publicistas” na criação de uma “ideia” e de um “projecto” republicano que passou a galvanizar um número crescente de cidadãos, das classes urbanas médias e do operariado, a partir de 1908. No final deste ano afirmava-se (e parecia nalguns aspectos) que Lisboa era “republicana”. Esta imagem (que se transmitiu a outros locais do país) foi, em parte, obra dos grandes movimentos de massas que se constituíram em torno dos principais momentos eleitorais de 1908. A partir desta altura só fazia sentido a revolução que afastasse de uma vez a monarquia.

Mas então a que revolução se referia Bernardino Machado em 1908? Sem dúvida a uma revolução democrática e parlamentar, de carácter regenerador, nacional e patriótico, com intuitos de modernização do país, de laicização das suas instituições e de independência nacional, por oposição a um regime oligárquico que não permitia a

modernidade e que recorria a todos os mecanismos administrativos ditatoriais para manter a aliança arcaica do trono e do altar.

De uma revolução política democrática se tratava, portanto, com objectivos patrióticos e desenvolvimentistas. Para a pequena e média burguesia e para a “notabilidade liberal” impunha-se (re)colocar Portugal num plano internacional aceitável, perante os avanços exponenciais da civilização urbana e industrial europeia, e de combater a dependência externa que levava o país às portas da bancarrota nos finais do século XIX. Que, para mais, sofrera a “humilhação” de uma retirada forçada das colónias africanas, imposta pelos britânicos em 1890, questão retomada de forma nova em 1898, com a ameaça de uma renovada partilha dos espaços africanos entre Ingleses e Alemães.¹

Nestas circunstâncias, como compreender a adesão de vastas camadas do operariado aos ideais republicanos, principalmente a partir de 1908, manifestados na participação em comícios, manifestações e outros actos cívicos e, muito especialmente, na actividade conspirativa que, conjugada com a actividade militar, desembocou na revolução de 5 de Outubro de 1910? Como compreender esta adesão, justamente num país que mantinha uma situação periférica no capitalismo mundial, com umas contas públicas sistematicamente negativas², sem crédito nos mercados financeiros internacionais e com uma burguesia frágil e dependente dos “favores” do Estado?

Por duas razões fundamentais, poderíamos ir adiantando: em primeiro lugar porque, decerto, fariam sentido para o operariado algumas das reivindicações modernizadoras do ideário e do programa político republicano, muitas delas complementares de uma liberalização novecentista inacabada. Retenhamos, a título de exemplo, três delas: o sufrágio universal, o ensino laico, gratuito e universal e a regeneração patriótica do país, mergulhado, desde há mais de duas décadas, numa profunda crise política e moral. Não será por acaso que o anti-clericalismo se constituiu – antes e depois da implantação da I República – como um dos instrumentos políticos mais eficazes de mobilização do proletariado urbano da cintura de grandes cidades, como Lisboa e o Porto. Em segundo lugar, o facto de uma escassa e dispersa proletarização e sindicalização de carácter urbano (acompanhada por um imenso mundo rural arcaico e despolitizado) ter facilitado

¹Nas palavras do “tribuno da República” que se seguem está plasmado quase todo o programa patriótico republicano: “Nós queremos uma República larga e equitativa, sem represálias nem vinditas, não para um partido mas para a Nação. Queremos ressuscitar a Liberdade já morta, estabelecer a Igualdade, salvar o património colonial, restaurar a Fazenda Pública, fazer um amplo regime de moralidade, resgatar, pela educação, a alma do povo e redimir uns poucos anos de História.” (António José de Almeida, *Quarenta anos de vida literária e política*, Vol. I., Lisboa, J. Rodrigues & C.ª, 1933, p. 84.)

² Contas públicas (1900-1909)

Milhares de contos

Ano	Despesas efectivas	Receitas fiscais	Outras receitas efectivas	Saldo das contas públicas
1900-1901	51	45	7	+ 1
1901-1902	52	43	6	- 3
1902-1903	54	45	6	- 3
1903-1904	55	47	6	- 2
1904-1905	55	48	8	+ 0
1905-1906	57	48	8	- 0
1906-1907	57	47	8	- 1
1907-1908	70	50	17	- 4
1908-1909	68	50	15	- 2

Fonte: Eugénia Mata, “Finanças Públicas e Dívida Pública” in *Estatísticas Históricas Portuguesas*, (Coord.) Nuno Valério, Vol. I, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 2001, pp. 666-667. cit. in Ana Paula Pires, António José de Almeida, *O Tribuno da República*, Edições da Assembleia da República, Lisboa, 2011.

a oscilação – duplamente inconsequente – ou do colaboracionismo ou do ímpeto revolucionário dos sindicalistas revolucionários e dos anarquistas.¹

Na verdade, e apesar do pendor regenerador e patriótico que marcou de forma significativa o programa do Partido Republicano Português a partir de 1891, ele constituiu um “frente política” de tendências múltiplas, onde constelavam republicanos e socialistas, federalistas e unitários, livres-pensadores e anarquistas, para além de contar com a concorrência (ou a cooperação circunstancial) de organizações influentes como a Maçonaria, a Carbonária ou as primeiras ligas feministas, nascidas na viragem do século.

República de várias repúblicas, onde não iriam faltar as simpatias, mesmo que instantâneas, do movimento operário. Os republicanos haviam prometido a legalização da greve e a resolução dos mais instantes problemas do mundo operário, pobre, desnutrido e analfabeto. Mas, principalmente, conseguiam render o operariado às suas teses interclassistas com argumentos económicos, sociais e políticos difíceis de contrariar e que se condensavam numa verdade inexorável: a Monarquia impedia a modernização do país e, sem a sua queda, seria impossível a melhoria de vida das classes trabalhadoras. No I Congresso Nacional do Livre Pensamento, ocorrido em Lisboa nos mesmos dias em que em Coimbra ocorria o Congresso do PRP (22 a 25 de Abril de 1908), seria aprovada a seguinte tese: “O retraimento da classe operária perante as lutas sustentadas pelas classes médias do comércio e das profissões liberais contra o regime político vigente só resulta em favor e protecção da burocracia e das classes reaccionárias, como ela dominante”.²

Um compromisso histórico breve e precário

O século XX nascia, pois, sob o efeito da emergência de dois movimentos de emancipação poderosos: um, o republicanismo, outro, o movimento operário. O primeiro afirmou-se como um movimento político empenhado na modernização do Estado e das suas instituições.

Estrategicamente, firmou a sua ascensão ao poder sob a fórmula de uma aliança social compromissória que aliou a “forma ordeira” ao movimento político revolucionário. Contudo, tanto a via legal como a via revolucionária exigiam a conclusão de um compromisso histórico *frentista* e a constituição de um bloco revolucionário capaz de vencer o regime monárquico vigente e o domínio aliado dos grandes proprietários e da Igreja.

A partir de 1908, esse bloco uniu num mesmo desígnio a pequena e média burguesia urbanas, a intelectualidade republicana, a “notabilidade” de cariz modernizador, o funcionalismo público e as classes populares e trabalhadoras.

Porém, como veremos, estas últimas, a partir dos primeiros anos do século XX, têm igualmente o seu projecto político próprio: aliam-se taticamente à burguesia republicana em 1908-1910 para derrubar a Monarquia, mas exigem à República um programa de intervenção político-social próprio, logo a partir de 1911. Ainda o Governo Provisório não tinha tomado conta das cadeiras do poder e já uma vaga de greves pelo

¹ Com estas considerações não pretendemos, de modo nenhum, ignorar o vigor combativo e organizativo do operariado português, particularmente de algumas bolsas industriais do país, especialmente a partir de 1908, em torno do jornal *A Greve*, muito inspirado pelas teses de “acção directa” defendidas na *Carta de Amiens*, de 1906. Em 1911, em plena arrancada do regime republicano, o movimento operário e sindicalista português publicava 600 títulos. Cf. Joana Dias Pereira, *Sindicalismo Revolucionário – A História de uma Ideia*, Trabalho de Mestrado em História Contemporânea (polic.), FCSH-UNL, 2008.

² “Congresso Nacional do Livre Pensamento”, in *A Lucta*, 27 de Abril de 1908.

pão, pelo descanso semanal e pelo trabalho sacudiam a jovem República. Na verdade, o novo regime tinha sido implantado no pico de um movimento de contestação social de longa duração que se iniciara em 1903.¹ De algum modo, foi com esse movimento ascensional do mundo operário que o republicanismo cresceu, ganhou raízes populares e conseguiu a implantação.

Em Dezembro de 1910, poucos meses depois da revolução de 5 de Outubro, o novo poder, pela iniciativa do ministro do Fomento Brito Camacho, procedia à legalização da greve, acompanhada da legalização do *lock-out* – o designado “decreto-burla”, e, no início de 1911, o Ministério do Interior regulamentava o descanso semanal². Era a resposta a um movimento grevista sem precedentes, que se iniciara logo no mês de Novembro de 1910 e que, durante o primeiro ano do novo regime, iria contabilizar-se em cerca de duas centenas e meia de greves, com destaque para os sectores agrícola, conserveiro, dos transportes eléctricos e ferroviários, do gás e electricidade, dos têxteis e do pão, todos sectores sensíveis pelas suas implicações na economia nacional e na vida da maioria da população das grandes cidades.

As reivindicações dos operários da Carris – igualdade de salários, oito horas de trabalho e doze dias de licença anual – não deixavam de constituir, no fim de contas, o embrulho dourado das promessas feitas pelos republicanos ao operariado desde os grandes comícios de 1908. Por isso, muito cedo se alargaram a outros sectores fabris que foram convidados a aderir à greve: Associação dos Operários das Indústrias Eléctricas, Parceria de Vapores Lisbonenses e operários de fábricas de calçado, de serração e de moagem.³ Por meados de Novembro de 1910, os operários da CUF

1

Greves (1903-1910)

Ano	Greves	Grevistas
1903	27	—
1904	10	—
1905	11	2,300
1906	10	9,150
1907	10	5,200
1908	10	1,100
1909	13	1,650
1910	36	11,000

Fonte: National Archives of the United Kingdom (NAUK) *Portugal. Report on the Commerce and Finance of Portugal*, London, Foreign Office and Board of Trade, 1915, p. 8., cit. in Ana Paula Pires, António José de Almeida, *O Tribuna da República*, Edições da Assembleia da República, Lisboa, 2011.

² *Diário do Governo* n.º 7, de 10 de Janeiro de 1911, regulamenta o descanso semanal.

³ Sectores mais significativos em greve (Novembro de 1910 a Novembro de 1911)

DIA	MÊS	ANO	Greve
14	11	1910	Lisboa. Greve do pessoal dos eléctricos.
15	11	1910	Ferrovíários da linha da Póvoa.
24	11	1910	Greve dos ferroviários das linhas do Minho e Douro.
26	11	1910	Lisboa. Greve dos trabalhadores da Companhia do Gás e Electricidade.
01	12	1910	Porto. Greve dos trabalhadores da Companhia do Gás e Electricidade.
10	01	1911	Greve dos trabalhadores da Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses, dos ferroviários do Sul e Sueste, Beira Alta, Minho e Douro.
11	01	1911	Greve dos trabalhadores metalúrgicos.
13	01	1911	Lisboa. Greve dos empregados da Companhia do Gás.
22	01	1911	Greve dos ferroviários da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta.
30	03	1911	Greve dos vidreiros de Braço de Prata.
10	05	1911	Greve dos trabalhadores marítimos e fluviais do Porto.
16	05	1911	Aljustrel. Greve dos mineiros.
24	05	1911	Porto. Greve dos tecelões.
28	06	1911	Porto. Greve da Carris.
19	11	1911	Greve dos manipuladores de pão.

Fonte: Tabela elaborada com base nos relatos da imprensa diária, cit. in Ana Paula Pires, António José de Almeida, *O Tribuna da República*, Edições da Assembleia da República, Lisboa, 2011.

apresentaram um caderno de reivindicações semelhante a Alfredo da Silva, o patrão do maior grupo empresarial do país. Nos anos seguintes, 1911 e 1912, novos e poderosos surtos grevistas se desencadearam de Norte a Sul do país.

Para além de pôr em causa a imagem de “República ordeira” que os líderes republicanos se esforçavam por fazer passar para uma Europa inquieta com os acontecimentos em Portugal – numa altura em que a diplomacia portuguesa estava empenhada em obter o reconhecimento do novo regime e a acalmia dos interesses financeiros internos e externos –, a ausência de resposta ao movimento operário ia cavando um ambiente de desconfiança e de animosidade entre a pequena e média burguesia republicana, o funcionalismo, as forças armadas e o operariado – o bloco revolucionário que tinha edificado a República em 5 de Outubro de 1910. Em 30 de Novembro de 1911, “batalhões republicanos e carbonários” marcharam pelas principais artérias de Lisboa contra o surto grevista e em apoio ao Governo Provisório. Cavava-se um divórcio entre os sectores republicanos e o mundo operário que só não foi mais profundo porque, verdadeiramente, também nunca fora franca e profunda a aliança entre estes dois sectores da sociedade portuguesa, mesmo no período que antecedeu a implantação da I República, entre 1908-1910. Na verdade, perante os primeiros sinais de violência do novo Estado que ajudara a fundar¹, o mundo operário foi-se descolando do “bloco republicano” e opondo à luta insurreccional e parlamentar dos “democratas” um movimento sindical aperfeiçoado e unido, ao mesmo tempo que opunha a “acção directa”, a sabotagem e a “greve geral revolucionária” à revolução política da burguesia.

É neste contexto que, em 7 de Maio de 1911, se reúne o Segundo Congresso Sindicalista, em representação de mais de 35 mil operários, na maioria oriundos da construção civil, da indústria metalúrgica e dos transportes. Poucos meses após a implantação da República, os sindicalistas confirmam os esforços da imprensa operária de “afastar os trabalhadores dos centros políticos e das ilusões democráticas”, orientando-os para a “acção directa” e para a descrença completa no intervencionismo estatal e nas reformas legais². É justamente perante o descrédito do intervencionismo estatal que se vão forjando, nestes anos anteriores à Primeira Grande Guerra, a crença na vitória futura da “greve geral – revolução”. Em Lisboa, na sequência do Segundo Congresso Sindical, a União dos Sindicatos Operários instalará no Palácio do Marquês de Pombal, na Rua do Século, a famosa “Casa Sindical”, pouco depois mandada encerrar, temporariamente, pelo chefe do Governo, Afonso Costa, em Junho de 1913, num período de intensa luta social e política.

Também em 1912 e em 1913, em Évora, dezenas de sindicatos de trabalhadores rurais, representando alguns milhares de trabalhadores, se organizaram em congresso, ao mesmo tempo que surgiam federações operárias nos principais sectores industriais e de serviços: construção civil, corticeiros, etc. No entanto, é no mundo rural que a agitação, até aí quase inédita, se torna assinalável, partindo de Évora, no Verão de 1911 e estendendo-se depois a Lisboa. Apanhando os republicanos ainda impreparados para dar resposta a estes movimentos, de algum modo inesperados, as vitórias do operariado são assinaláveis, tanto nos campos como na grande cidade, apesar da repressão que se abateu sobre alguns sindicalistas, que foram presos ou deportados.

Este movimento reorganizativo do operariado, muito radical, culmina com o Congresso Operário de Tomar de 1914, onde é criada a União Operária Nacional. Os governos da República haviam testado a lealdade do Exército e da GNR e haviam-se tornado implacáveis na repressão dos movimentos grevistas. Num contexto militarista e

1 Em Setúbal, perante a greve das conserveiras.

2 Joana Dias Pereira, *op. cit.*, p. 54.

de descrédito das capacidades do movimento operário, o Congresso Operário de Tomar, reunido em 14 de Março de 1914, representa o culminar de uma primeira fase de luta e o momento de união de todas as tendências divergentes do operariado – anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários –, um momento de reorganização e de resistência perante os tempos difíceis que se avizinhavam.

Durante a Primeira Grande Guerra fortalecem os processos de luta perante a dureza das condições de vida e a mobilização desumana para a frente de combate. A fome, o desemprego e a morte apertam como nos piores momentos da história do país. Abundam os actos tumultuosos avulsos e dispersos, mas sem uma base forte de organização da luta operária¹. Por diferentes sítios do país, reagindo à escassez de bens, ao açambarcamento e à subida de preços, aos tumultos e aos assaltos juntam-se tentativas de greve, embora sem dimensão nacional e de forma desorganizada. Ao clima generalizado de contestação e caos, o Governo de Afonso Costa responde com violência: no Porto, a 22 de Maio, são mortos 22 insurgentes. Como a contestação não desarmasse, a 12 de Julho um decreto declara o estado de sítio em Lisboa, o qual vigorará até 28 do mesmo mês de 1917.

A “Nova República” – o novo canto da sereia

O divórcio anunciado há muito (e que já colocara sindicalistas ao lado do ditador Sidónio Pais contra o poder constitucional, em Dezembro de 1917) entre os dois campos políticos que fizeram a República, tornou-se claro e definitivo a partir da Primeira Grande Guerra. Em 12 de Dezembro de 1918, ainda em pleno “consulado” de Sidónio Pais, uma tentativa de “greve geral revolucionária”, convocada pela UON, seria gorada pelos efeitos políticos do armistício, anunciado no dia anterior.

É verdade que em 24 de Janeiro de 1919 – e perante a ameaça da restauração monárquica – a “rua” republicana e operária se mobilizou, de armas na mão, ao lado da manutenção do regime. Também é verdade que a intervenção do Partido Socialista (através de um ministro do Trabalho) nos governos de José Relvas e de Domingos Pereira que se sucederam à Grande Guerra, trouxe consigo algumas promessas de resposta à “questão social” que se traduziram pela jornada de 8 horas, pelo lançamento de seguros sociais obrigatórios e pelo lançamento (depois interrompido) de bairros sociais.

Porém, essa foi uma estratégia rapidamente abandonada, quer por falta de meios económicos, quer pela adopção de novas linhas de orientação política que colocavam a “ordem pública” como a prioridade das prioridades.

Sob o efeito de uma crise político-social e económica sem precedentes, o regime republicano foi incapaz de modernizar o Estado, de acorrer aos efeitos de uma crise financeira agudíssima e de realizar as reformas económicas, políticas e fiscais que se impunham. De facto, as reformas político-partidárias e constitucionais em curso não foram de molde a estabilizar o sistema político. Acossado pelas reivindicações das monumentais greves operárias do pós-guerra (a que não faltou a solidariedade da grande maioria da população), o Estado republicano, fortemente militarizado, optou pela repressão feroz ao movimento operário e popular: prendeu, julgou sumariamente e deportou centenas de sindicalistas para as ilhas atlânticas².

¹ Em Maio de 1917, ao mesmo tempo que em Fátima os crentes apelam à intervenção milagrosa do “Além” para que lhes traga a paz e o pão de volta, em Lisboa e noutros pontos urbanos do país, a escassez de alimentos desencadeia tumultos e assaltos a armazéns e mercearias. É a “Revolta da Batata”.

² As greves em sectores-chave da economia – como os transportes urbanos e ferroviários – tiveram uma amplitude e um efeito avassalador. A exemplo, refira-se a greve ferroviária decretada a 2 de Julho de 1919 e que só terminou em Setembro seguinte. Para evitar a circulação de alguns comboios, os sindicalistas

Num último fôlego, embora muito dividido do ponto de vista doutrinário e estratégico e sob o signo da fome e do desemprego, o movimento operário reuniu em Coimbra, a 13 de Setembro de 1919, o II Congresso Nacional Operário, onde foi decidida a criação de uma nova organização, a Confederação Geral do Trabalho.

Se no início do regime republicano podia haver alguma dúvida sobre a vantagem do “colaboracionismo” e da intervenção moralizadora do Estado, a guerra e o antagonismo das associações patronais às concessões governamentais (horário de 8 horas, seguros sociais, etc.) abriu o caminho a uma desenfreada luta de orientação revolucionária: quando muito, discutia-se se a greve viria a ser revolucionária e totalmente esmagadora do capitalismo vigente ou não, mas nunca o “colaboracionismo” ou a conciliação com o Estado republicano. Para o movimento sindical organizado na CGT, do que se tratava era de “suprimir o salariato, pela posse de todos os meios de produção”: a CGT estaria destinada a tomar o poder. Como considera *A Batalha* (órgão da CGT) em 5 de Julho de 1919, “os interesses dos trabalhadores devem ser encarados de duas maneiras: 1.º interesse imediato – conquista de regalias (...); 2.º interesse futuro – emancipação integral do trabalho, abolição do salariato e socialização dos meios de produção”.

Empobrecido pela inflação galopante, pelo desemprego, pela fome e pela miséria, o mundo operário (mesmo já numeroso e organizado) não logrou encontrar o caminho para pôr em prática uma linha de orientação estratégica que alargasse o seu campo político ao campesinato, à pequena burguesia ou ao funcionalismo público, tão ou mais empobrecidos como o operariado urbano. Discutiu arduamente os caminhos a seguir: das reivindicações parciais à greve geral revolucionária e mesmo, com menor peso, os caminhos incertos de uma “revolução à russa”.

Neste contexto, surgiu, pelos finais de 1919, uma organização clandestina, a Legião Vermelha, que o Estado republicano e as organizações patronais sempre apontaram como sendo uma espécie de braço armado dos sindicatos. A esta organização se devem numerosos atentados à bomba e algumas mortes, até pelo menos 1925, altura em que o Governo de Vitorino Guimarães, com a aquiescência do Congresso, publicou leis excepcionais que permitiam o julgamento sumário e a deportação dos legionários vermelhos para as colónias¹.

No final da República, alguns sectores republicanos de esquerda “democrato-social” chegaram a ensaiar alianças com o movimento operário, designadamente no campo eleitoral². Contudo, nem um nem outro dos campos tinha margem de acção para prosseguir um projecto de “república social” – um estava perdido pela fome e pela miséria e o outro ensaiava os primeiros passos de uma “Nova República” democrato-social, sem peso político suficiente para encetar essa nova etapa.

optariam, repetidas vezes, pela sabotagem do material ferroviário. Em resposta, o Governo da presidência do coronel Sá Cardoso decidiu incumbir o ministro da Guerra, coronel Hélder Ribeiro, de fazer acompanhar o primeiro vagão de cada comboio de sindicalistas acorrentados, como reféns, guardados pelo Exército. Chamou-se-lhe o “vagão fantasma”. Desta forma o comboio nunca seria sabotado.

¹ Martins Jr., um republicano radical, relata em livro a situação individual de alguns destes deportados e respectivas famílias, recolhe testemunhos e avança a existência (quicá exagerada) de 4500-5000 deportados, existentes em Angola em 1927, na altura em chegaram as novas levadas de deportados resultantes das revoltas contra a Ditadura Militar.

² Referimo-nos às alianças de incidência eleitoral tentadas entre a Esquerda Democrática, liderada por José Domingues dos Santos, o PCP, operários arsenalistas e empregados do comércio, em Lisboa, à Câmara dos Deputados, nas eleições de Novembro de 1925. Estas designadas “Listas Populares” ocorrem não só em Lisboa mas também em Beja. A este propósito veja-se António José Queirós, *A Esquerda Democrática e o final da Primeira República*, Livros Horizonte, Lisboa, 2008, p. 106.

O assalto aos quartéis da Ditadura – o “canto do cisne” do sindicalismo livre

Com o advento da Ditadura Militar que substituiu a República pela força das armas, o mundo operário, embora muito debilitado, voltou a tentar uma nova recomposição em torno da luta contra a Ditadura Militar, como acontecera em 1908, na implantação do novo regime.

Se algumas dúvidas houve em 28 de Maio de 1926 quanto à natureza do regime que se perfilava no horizonte, essas dúvidas desfizeram-se pouco tempo depois, quando se percebeu que o novo poder político saído do golpe militar se preparava para aniquilar as liberdades fundamentais e para conduzir à prisão ou à deportação quem se lhe opusesse, fosse operário ou general.

A aliança (embora efémera) entre o operariado e a esquerda republicana que resistia à Ditadura foi posta à prova, pela primeira vez, na revolta de 3 a 9 de Fevereiro de 1927, no Porto, em Lisboa e no Algarve. No Porto, a chefia desta “aliança popular” coube a José Domingues dos Santos, o líder da Esquerda Democrática, membro do Comité Revolucionário Civil. Algumas centenas de civis (com particular relevo para os ferroviários das linhas do Douro e Minho e Sul e Sueste) facilitaram as comunicações dos revoltosos, participaram no assalto aos quartéis e na construção de barricadas, na linha do que sempre tinha acontecido durante a vigência da República e com base na larga experiência de “acção directa” que tinha marcado a acção sindical e carbonária¹.

Falhou a convocatória de uma “greve geral revolucionária”, o que viria a acontecer na “Revolta do Castelo”, uma outra tentativa do Revirinho levada a cabo em 20 de Julho de 1928. Nesse dia, a “Proclamação” da “greve geral revolucionária” era assumida por vários sindicatos, com relevo para o Comité Nacional dos Ferroviários de Portugal e para o Comité Central dos Ferroviários do Sul e Sueste. Aos gritos de “Viva a Liberdade!! Abaixo a ditadura e a tirania!!”, os ferroviários prepararam-se para enfrentar a Ditadura que lhes limitara a actividade sindical desde a revolta de 3 de Fevereiro de 1927, encerrando sedes sindicais e limitando o direito à greve. A “Revolta do Castelo” não terá passado de uma intentona; no entanto, na primeira linha estiveram, de facto, os ferroviários do Sul e Sueste e da Linha da Beira Alta, facilitando o transporte de algumas centenas de militares que se deslocaram de Setúbal para o Barreiro e da Beira Alta para o Centro do país.²

Em 1931, esse ano de todas as revoltas, voltou a verificar-se um esboço de aliança do movimento operário, agora já em início de reorganização, perante o ascenso do movimento comunista³ e a pavorosa crise de trabalho. Alguns líderes anarquistas, como Mário Castelhana, estavam já deportados. Mas, mesmo nestas condições, tentarão acompanhar o esforço dos republicanos para derrubar a Ditadura Militar. Durante a revolta da Madeira (de 4 de Abril a início de Maio de 1931), Mário Castelhana, num esforço para reorganizar o movimento operário e popular madeirense, chegará a

¹ A este propósito veja-se Luís Farinha, *O Revirinho* (...), p. 72.

² Cf. Luís Farinha, *idem*, p. 89.

³ Por volta de 1930, constituíra-se a CIS (Comissão Inter-Sindical), de predomínio comunista. De facto, as medidas restritivas orçamentais decretadas pela Ditadura Militar e os efeitos da crise internacional faziam-se sentir em Portugal de forma dura, tanto nas zonas industriais como nas zonas rurais ou no funcionalismo público. Nos distritos do Sul, os governadores civis assinalam milhares de desempregados, o mesmo acontecendo nas zonas de implantação do têxtil (vale do Ave), nos transportes e portos ou no funcionalismo público. As assembleias de trabalhadores reúnem, de forma pouco usual, de centenas a milhares de trabalhadores durante o ano de 1931. Cf. a este propósito Luís Farinha, *ibidem*, pp. 127-132.

publicar números avulsos do jornal anarquista *A Batalha*, o órgão da já moribunda CGT, que no Continente via reduzida a sua acção por efeitos da repressão ditatorial.

Esta era já, no entanto, uma aliança tardia e que unia dois campos minoritários e desarmados: a esquerda republicana, que resistia à Ditadura Militar nas piores condições de deportação, exílio e clandestinidade, e o mundo operário, destroçado pela crise económica e pela desorganização e indefinição ideológica. Os ditadores que encerraram o Parlamento e asfixiaram a República pluripartidária também encerraram os sindicatos livres e enviaram os seus líderes para as cadeias e para a deportação.

Em Portugal, o sindicalismo livre tomou força com o regime republicano – a ponto de ser combatido por esse mesmo regime, por vezes de forma dura e brutal –, mas desapareceu com a queda da República que ajudou a implantar. Reagiu à Ditadura Militar, combateu entre 1927 e 1931 ao lado dos republicanos resistentes, mas morreu ao seu lado na luta pela democracia.

Huelgas y movilizaciones campesinas en la Cataluña de la Segunda República 1931-1936. Manel López Esteve¹

El 1937 en plena guerra civil española Josep Torrents, el secretario agrario del comité central del *Partido Socialista Unificado de Cataluña* (PSUC, Unified Socialist Party of Catalonia), escribió el opúsculo *La revolución democrática y los campesinos de Cataluña* (Torrents 1937). Torrents era un “rabassaire” de la zona del Penedés, una de las de mayor especialización vitivinícola del campo catalán, que en el trienio 1917-1920 había participado de las principales movilizaciones agrarias y que con la proclamación de la segunda república, en abril de 1931, desarrolló una actividad sindical y política constante hasta su exilio en 1939.²

En el opúsculo de Torrents se repasaban las principales luchas y movilizaciones del campesinado catalán des de 1917 hasta mediados de 1937, remarcando la importancia de la nueva legislación agraria del gobierno de Cataluña y el programa agrario del PSUC. Más que las apreciaciones del dirigente “rabassaire” sobre la política agraria de la república en guerra, nos interesa la valoración del mismo sobre la movilización campesina entre abril de 1931 y julio de 1936. Así pues, siguiendo el texto de Torrents, el campesinado catalán contribuyó de una manera decisiva al triunfo de la república, demandó con insistencia la aplicación de la reforma agraria, mostró su apoyo a la política agraria reformadora del gobierno autónomo catalán y no dudó en lanzarse a la confrontación social y a la acción insurreccional contra aquellos que obstruían sus demandas, en especial la patronal agraria de la mano de la guardia civil.

En este sentido, la movilización y las demandas campesinas en el relato del dirigente “rabassaire” quedaban identificadas con el proyecto de reforma agraria republicano. El proyecto agrario republicano ensayado entre 1931-1933 y tras la victoria del Frente Popular, en febrero de 1936, pretendía crear una base importante de pequeña propiedad campesina que habría cambiado la distribución de la renta, hubiese obligado a subir los salarios y hubiese hecho posible una dinámica de crecimiento y la creación de nuevos puestos de trabajo en la industria y los servicios. Se trataba de una apuesta por la vía campesina, es decir, la intensificación de la pequeña explotación como elemento de desarrollo socioeconómico y de reducción de la pobreza que, como ha señalado Ricardo Robledo, tenía plena coherencia económica como solución coyuntural al “problema de la tierra”.³

Entre abril y julio de 1931, el gobierno provisional de la república aprobó varios decretos sobre revisión de contratos de cultivo, jornada laboral, colocación obrera y

¹ Manel López Esteve es investigador del Instituto de Historia Jaume Vicens Vives de la Universidad Pompeu Fabra y miembro del Centro de Estudios de los Movimientos Sociales de la misma Universidad. Licenciado en Historia en la Universitat de Lleida está finalizando en la Universidad Pompeu Fabra su tesis doctoral sobre la revolución de octubre de 1934 en Cataluña. Sus principales áreas de investigación son la historia del movimiento obrero, campesino y del trabajo en Cataluña y España y la segunda república española. Sus últimas publicaciones son *La insurrección de octubre de 1934 en Cataluña: más allá de la acción gubernamental* (2010, en catalán) y *Política agraria y conflicto institucional durante la guerra civil española* (2007, en catalán).

² El “rabassaire” era el campesino viticultor que cultivaba la tierra con un contrato de “rabassa morta”: la cesión de una parcela de tierra al cultivador a cambio de una renta anual que solía coincidir en una parte proporcional de la cosecha de uvas. La duración de la cesión se hallaba condicionada a la vida de la vid. En la práctica los “rabassaires” terminaron siendo arrendatarios y aparceros de larga duración.

³ Sobre la coherencia económica y social de la reforma agraria republicana ver el artículo de Robledo R. 2010 “El fin de la cuestión agraria en España (1931-1939)” en *Sombras del progreso. Las huellas de la historia agraria*, ed. R. Robledo Barcelona, Crítica, pp. 117-150.

laboreo forzoso que supusieron un cambio muy notable en las áreas rurales para jornaleros y arrendatarios. Los obstáculos que frenaron la aplicación de la reforma agraria tras la aprobación de la ley de bases de la reforma agraria, en septiembre de 1932, convirtieron los decretos de verano de 1931 en auténticos hitos de lo que supuso la llegada de la república, hasta el punto que a la misma patronal agraria le preocuparan más estos que el proyecto de reforma agraria de la ley de bases.

La ley de bases de la reforma agraria vino acompañada de la aprobación del estatuto de autonomía de Cataluña. La aprobación de ambos proyectos significó, en primer lugar, el inicio de la acción del gobierno catalán con plenas facultades estatutarias y, en consecuencia, la política reformadora del gobierno autónomo en materia agraria, centrada en la contratación, arrendamiento y regulación del acceso a la propiedad de la tierra. En 1933 fue aprobada por el parlamento catalán la ley para la solución de conflictos derivados de contratos de cultivo y, en abril de 1934, la definitiva ley de contratos de cultivo, que suscitó un importante conflicto con el gobierno de centroderecha de la república y su anulación por el tribunal de garantías constitucionales, en junio de 1934 (Mayayo 1995: 154-156). A partir de este momento la cuestión “rabassaire” pasó a ocupar un primer plano tanto de la política catalana como de la política española.

La reforma agraria del gobierno catalán se inserta en el proyecto general de reforma agraria del gobierno republicano socialista y en sus mismos objetivos, aunque con unas particularidades bien marcadas. De lo que se trataba en Cataluña era de permitir un acceso gradual a la propiedad de la tierra al gran número de campesinos que cultivaban la tierra con varias formas contractuales, “rabassa”, aparcería y arrendamiento fundamentalmente.

De igual forma que la ley de bases de la reforma agraria, la ley de contratos de cultivo no tenía un carácter revolucionario en el sentido colectivista o socializante. Como otras reformas similares en Europa, la reforma del gobierno catalán se mantenía en una línea de respeto al orden liberal y a la propiedad privada de la tierra, reconociendo una función social limitadora. Este carácter no impide reconocer que la aplicación de la ley de contratos, en caso que se hubiese producido, permitía un cambio profundo en la estructura de la propiedad de la tierra en Cataluña. La aspiración de los “rabassaires” y campesinos pobres era convertirse en propietarios de las tierras que trabajaban y la ley lo hacía posible fijando unos parámetros de evaluación del valor de la tierra y unos mecanismos dinerarios y de plazos de pago que hacían viables las aspiraciones de los campesinos. En este sentido, la ley de contratos de cultivo contenía un potencial transformador de la realidad rural que hubiera podido significar un cambio sustancial en las relaciones sociales del campo catalán.¹

En la Cataluña de los años treinta el sindicalismo agrario de base campesina era extraordinariamente rico y plural, ideológica y territorialmente. La organización sindical que acabaría siendo hegemónica en el campo catalán fue la *Unió de Rabassaires* (UdR, Rabassaires Union), con especial arraigo en las áreas vitivinícolas, que recogía una parte importante de la tradición y experiencias del sindicalismo campesino organizado de la mano del republicanismo des de las últimas décadas del siglo XIX. Aunque des de sus inicios, en 1922, la UdR se definió como una organización de tendencia sindical fundamentalmente republicana, en su seno hubo sectores socialistas, comunistas y sindicalistas que ganaron progresivamente influencia hasta llegar a la dirección del sindicato en noviembre de 1932. La UdR estaba formada por aparceros, “rabassaires”,

¹ Una reflexión de fondo en este sentido puede verse en Saumell A. 2002 *Viticultura i associacionisme a Catalunya. Els Cellers cooperatius del Penedès (1900-1936)*, Tarragona, Diputació de Tarragona, p. 58.

arrendatarios, jornaleros y pequeños propietarios y transitó de defender un programa agrario reformador, en los primeros tiempos de la república, a otro marcadamente colectivista en junio de 1936 (Pomés 2000 y 1999: 167-169).

Más allá del protagonismo del movimiento “rabassaire”, existía un anarcosindicalismo agrario importante en las áreas meridionales de Cataluña y en las proximidades de Barcelona, integrado por pequeños campesinos y jornaleros, y un sindicalismo agrario de influencia comunista en las zonas interiores de Lleida y en las comarcas de Girona. Esta variada realidad organizativa agrupaba a más de cien mil unidades familiares campesinas, prácticamente una tercera parte de la población activa agraria, que mostraban la existencia de una Cataluña rural con un peso demográfico importante, con una agricultura desarrollada y modernizada por el movimiento cooperativo y, sobre todo, repleta de conflictos entorno al acceso de la propiedad de la tierra cultivada.

Como apuntaba un destacado militante del anarcosindicalismo agrario, la diversidad de organizaciones campesinas no obedecía a la existencia de intereses contrapuestos entre ellas. Más bien al contrario, los diferentes proyectos sociales y políticos de cada una de las organizaciones descansaban en convertir en real el grito de guerra de “la tierra para quien la trabaja” (Gavaldà 1986: 132-134).

Así pues, tomando como punto de partida que los campesinos eran sujetos de su propia acción social y política y que, en la Cataluña de los años treinta, éstos disponían de una casi total autonomía en sus motivaciones y organización debemos preguntarnos cuál era la significación de la acción colectiva campesina en los años de normalidad republicana, a que respondía la amplia participación social y política campesina y cuáles eran las expectativas y proyectos que la animaban.¹ Intentaremos responder estos interrogantes analizando dos de los principales elementos constitutivos de la movilización de los campesinos catalanes: la lucha dentro de la legalidad y el uso de la acción huelguística dentro y fuera del marco reformador.

A por la Justicia Republicana

En enero de 1933 el Sindicato de Trabajadores de la Tierra de La Bisbal de l'Empordà, en la provincia de Girona, se dirigía al consejero de Agricultura del gobierno catalán demandando la implantación de una nueva ley de arrendamientos y preguntándose por qué la república aún no había llegado al campo para implantar la “Justicia Republicana”. Los campesinos expresaban su confianza en la acción del gobierno y el parlamento catalán para resolver la situación de “paria en que vive el payés de Cataluña”.² Las interpelaciones de los sindicatos campesinos al gobierno catalán en este mismo sentido fueron constantes antes y después de la aprobación de la ley de contratos de cultivo en abril de 1934.

Historiadores como Josep Fontana o Jacques Maurice señalaron hace ya años que la importancia de la reforma agraria republicana radicaba, más que en el carácter de las leyes promulgadas o en la suma de hectáreas de tierra repartidas a los campesinos, en que posibilitaba la movilización campesina dentro de la legalidad y la consecución de algunas mejoras concretas que reforzaban las expectativas de cambio del campesinado (Fontana 1986: 9-22 y Maurice 1975: 27-29).

En Cataluña, los decretos del gobierno republicano de verano de 1931, que permitían la revisión de la renta de los contratos de cultivo, significaron la presentación

¹ Este punto de partida se basa en la obra de Ranajit Guha *Elementary aspects of peasant insurgency in colonial India*, Duke University: Durham/London, 1999, especialmente p. 1-17.

² Archivo Histórico Nacional (AHN) -Sección Guerra Civil. Salamanca. PS. Barcelona. 1444.

por parte de los campesinos de entre treinta y treinta-i-cuatro mil demandas de revisión. La utilización masiva de la nueva legislación por los campesinos produjo la reacción de la patronal agraria, con la complicidad del gobernador civil de Barcelona y la actuación de los jueces. El 90% de las demandas de revisión de contrato, que hubiesen reducido la renta que el campesino entregaba por contrato al propietario, fueron declaradas improcedentes y desestimadas (Balcells 1968: 108-112). La mayoría de jueces demostraron que acostumbrados a consagrarse a la defensa de los propietarios, actuarían como una autentica “quinta columna” en las estructuras del estado.

Las expectativas de los campesinos empezaron a verse frustradas ante los obstáculos que la reforma republicana encontró por parte de la patronal agraria y sus asociados. La “resistencia legal” a los propietarios continuó con la participación de los “rabassaires” en la legislación del gobierno catalán en materia agraria. La *Unió de Rabassaires* participó activamente en la aplicación de la ley para la solución de los conflictos derivados de los contratos de cultivo, de junio de 1933. Los campesinos de la UdR conformaron las comisiones arbitrales, que contaban con representantes de campesinos y patronos, encargadas de dictar laudes por conflicto entre campesinos y propietarios. La presidencia de dichas comisiones recayó en destacados miembros de la UdR, otorgando así en éstas una mayoría favorable a las demandas campesinas.

Los laudes dictados por las comisiones arbitrales sobre revisión del pago de la renta en parte de frutos o en metálico, desahucios de cultivadores e incumplimiento en el pago de abonos y sulfatos por los propietarios resultaron de manera abrumadora favorables a los campesinos. El carácter provisional de la ley no mermaba las mejoras que esta suponía para el cultivador: la reducción de un 50% de la renta a pagar al propietario o la imposibilidad de desahuciar o rescindir el contrato del cultivador se encontraban entre las de mayor impacto para la vida de los campesinos. La patronal agraria consideró estos avances como una autentica amenaza a sus intereses y ahondó en su posición obstruccionista mantenida desde abril de 1931 ante cualquier tipo de medida reformista.

En primer lugar, las asociaciones de patronos agrícolas agrupadas en el Instituto Agrario Catalán de San Isidro (IACSI, Catalan Agriculture Institute of San Isidro) se negaron a ocupar su representación en las comisiones arbitrales, hasta el punto que el gobierno catalán tuvo que obligarles por decreto, y, en segundo, el IACSI recurrió ante el tribunal de garantías constitucionales la ley de junio de 1933 por su carácter inconstitucional. Cuando en abril de 1934 el gobierno catalán aprobó la ley definitiva en materia de contratación, arrendamiento y regulación del acceso a la propiedad de la tierra, la ley de contratos de cultivo, los propietarios optaron por el mismo camino.¹

Las fuerzas de la derecha catalana llevaron a las cortes de la república las demandas de la patronal agraria consiguiendo que el gobierno de centro-derecha presentase ante el tribunal de garantías constitucionales un recurso de inconstitucionalidad por incompetencia del parlamento de Catalunya para legislar sobre la materia. A partir de este momento, la cuestión agraria catalana se convirtió en motivo de conflicto institucional entre el gobierno de la república y el gobierno catalán ya que la iniciativa patronal no sólo cuestionaba la política agraria del gobierno autónomo si no también la autonomía catalana en sí. Mientras tanto, entre finales de mayo y hasta julio de 1934, los campesinos presentaron masivamente sus demandas ante las comisiones que habían de aplicar la Ley de Contratos. Solo en la Comisión del distrito vitivinícola de Vilafranca del Penedès los representantes de los sindicatos agrarios formalizaron

¹ Arxiu Nacional de Catalunya (ANC). Fons Generalitat de Catalunya II República. Caixa 162. 03.01.01. Carpeta 164 1/3.

10.079 demandas de revisión,¹ una situación similar se produjo en el distrito del Vendrell, donde los campesinos presentaron 3.527 demandas, o en el de Terrassa, con unas 2.351 demandas de revisión registradas.

El conflicto institucional entre el gobierno catalán y el de la república imposibilitó que se pusieran en marcha los mecanismos previstos para aplicar la ley de contratos y que esta, finalmente, no tuviera el impacto previsto sobre la situación socioeconómica de los campesinos catalanes. La ofensiva de la patronal agraria contra la ley de contratos, la autonomía catalana y las demandas campesinas condujo a una agudización del conflicto social en las áreas agrarias que, en cierta medida, certificaba el fracaso del proyecto reformador del gobierno catalán y reconocía el éxito relativo de la política sistemática de boicot de la patronal agraria a las medidas del gobierno autónomo.

La coincidencia entre el programa de reforma del gobierno republicano catalanista y los objetivos del movimiento campesino explican la masiva participación de éste a la hora de hacer realidad la nueva legislación. Las mejoras tangibles que el proyecto reformador alumbraba tenían la capacidad de reforzar las expectativas de los campesinos en la misma y la confianza en la mejora de las condiciones de vida a través de la organización y la movilización. La confianza de los campesinos en las medidas reformadoras del gobierno catalán no puede llevarnos a considerar el movimiento campesino como una mera comparsa del republicanismo catalanista. La lucha dentro de la legalidad de los campesinos respondía a una lógica propia de carácter colectivo en la que el movimiento campesino era un sujeto activo.

Las demandas de revisión presentadas en 1933 por los campesinos ante la comisión arbitral de Vilafranca de Penedés nos permiten ilustrar esta cuestión. En estas los cultivadores argumentaban repetidamente que ante la cantidad abusiva que tenían que abonar al propietario se habían visto obligados a “resistirse legalmente a la continuación de tales pactos”.² El argumentario de la mayoría de las demandas seguía un mismo patrón fijado por los sindicatos campesinos. Si bien este no mostraba tan solo la reflexión y percepción del campesino demandante sobre las medidas reformadoras, si que colectivamente el “resistirse legalmente” dejaba entrever que los “rabassaires” lejos de hacer suyos los decretos de revisión de una manera pasiva los inserían en una lucha que venía de lejos y de la que ellos eran los protagonistas por encima de los cambios en el terreno estrictamente institucional.

La acción huelguística de los campesinos

Los campesinos catalanes se lanzaron con esperanza al proyecto reformador republicano a través de la utilización de las leyes reformadoras de arrendamiento y acceso a la propiedad de la tierra. A la vez, el movimiento campesino constató que, aunque sus demandas iban de la mano del proyecto agrario republicano, para que la “Justicia Republicana” fuese efectiva era necesario tanto el uso de la legislación reformadora como la movilización colectiva que por la fuerza de los hechos hiciera avanzar sus reivindicaciones, especialmente ante la irreductible oposición de la patronal agraria y ante ciertas contradicciones gubernamentales.

Como parte de esta movilización, el uso de la huelga se convirtió en un recurso fundamental para conseguir mejoras concretas de tipo socio-económico y para ir más

¹ Arxiu Comarcal de l'Alt Penedès (ACAP). Fons de l'Ajuntament de Vilafranca. Comissions Arbitrals. UI 6822 1933; UI 6823 1933; UI 6824 1933-1934; UI 6825 1933-1934; UI 6826 1933-1934; UI 1828 1934; UI 6827 1934.

² ACAP. Fons Ajuntament de Vilafranca. Comissió Arbitral. 1933-1934. 6823.

allá del mismo proyecto reformador. Las huelgas campesinas adquirieron caracteres muy diversos, des de aquellas motivadas por cuestiones represivas hasta las de carácter claramente insurreccional pasando por aquellas dirigidas a resolver conflictos concretos, la mayoría, o a presionar a las políticas gubernamentales, aunque en la mayoría de acciones huelguísticas se entremezclaban motivaciones muy diversas en una misma acción.

Fue en la zona vitivinícola del Penedés donde la acción huelguística campesina alcanzo una mayor dimensión. Cuando la acción judicial empezaba a mostrarse implacable desestimando las demandas de revisión de los campesinos y a poco más de un mes del inicio de la vendimia, la UdR declaró el 29 de julio de 1932 una huelga de tres días en todo el Penedés a la que se adhirieron también los campesinos anarcosindicalistas. La huelga pretendía liberar a varios compañeros detenidos y presionar al gobierno catalán para que se posicionase de manera más enérgica al lado de las reivindicaciones campesinas y frenase la acción de los jueces. La población de Vilafranca fue el escenario de la demostración de fuerza de los “rabassaires”: boicotearon el mercado semanal del viernes y se manifestaron por las calles del municipio generando un auténtico pánico de clase entre propietarios y comerciantes.

El alcalde republicano de izquierdas se situó al lado de los propietarios y la manifestación fue disuelta con violencia por la guardia de asalto y la guardia civil con el resultado de once campesinos detenidos y maltratados, según denunció la UdR. Por primera vez las fuerzas de seguridad de la república actuaron contra los campesinos en defensa de los propietarios (Arnabat *et al.* 2008: 385). El mismo Josep Torrents, en aquellos momentos militante del *Bloque Obrero Campesino* (BOC, The Worker’s and Peasant’s Bloc), arremetió contra el gobierno, los republicanos catalanistas de izquierdas y pregonó la necesidad de reforzar un partido inequívocamente de clase: “Debemos formar el partido político de la clase trabajadora que se inspire en los principios marxistas de la lucha de clases. La “Unió de Rabassaires” debe seguir esta trayectoria”. El distanciamiento y las tensiones de la UdR con el gobierno catalán y el partido hegemónico del republicanismo catalanista, *Esquerra Republicana de Catalunya* (ERC, Republican left of Catalonia), no pararían de agravarse des de finales de 1932.

En la misma región del Penedés, un mes después de la huelga de julio fue detenido uno de los dirigentes más carismáticos del movimiento “rabassaire”, el comunista Pau Padró, mientras se encontraba en el entierro civil de su esposa. La represión contra el dirigente campesino fue neutralizada gracias a la amenaza de declaración de una nueva huelga general. Padró finalmente fue liberado mostrando la creciente eficacia del recurso de amenaza de huelga para el movimiento campesino y la presencia de una red de solidaridades emanadas de la comunidad campesina, entendida como la mayoría “rabassaire”, que en zonas como las del Penedés llegará a confundirse con la misma organización campesina, entrelazando nuevas y viejas solidaridades.

El uso de la huelga en la movilización campesina no se circunscribió tan sólo a las áreas vitivinícolas. En las comarcas cerealistas de Lleida la acción huelguística ocupó un lugar central en los momentos más agudos del conflicto de clases. En el verano de 1933, después de varias semanas de movilización constante, la *Unió Provincial Agrària*, el sindicato mayoritario en tierras leridanas impulsado por los comunistas del BOC, convocó una huelga general en toda la provincia. El 14 de julio empezó la huelga motivada por la lucha de aparceros y arrendatarios para reducir las rentas a pagar a los propietarios y por la oposición campesina a pagar la renta, la novena parte de la cosecha, a la compañía concesionaria del Canal de Urgell, que utilizaban para regar sus campos (Barrull 1986: 316-321 y Lladonosa 1978: 117-124).

La huelga se extendió rápidamente por los pueblos de la zona regada por el canal, siendo absoluto el paro en la cosecha de cereales, acompañada de detenciones y enfrentamientos con la guardia civil. La acción huelguística, como punto álgido de la movilización, forzó a la compañía concesionaria a negociar con los campesinos y al gobierno catalán a arbitrar una solución temporal que consistía en prohibir el pago de renta en parte de frutos y en la sustitución del pago de la novena parte por un canon único en metálico. La movilización y la huelga general fueron un excelente elemento de presión para que los campesinos regantes alcanzaran una mejora intermedia, que en ningún caso colmaba sus aspiraciones, y para que el resto de campesinos leridanos vieran reforzada su lucha por la revisión de los contratos de cultivo ante el éxito relativo de los primeros.

En último lugar, la huelga campesina adquirió también un carácter insurreccional revolucionario. Éste apareció en un primer plano durante la revolución de octubre de 1934. Si en Asturias la insurrección fue una auténtica guerra social de la mano de los mineros, en Cataluña se dio un trabazón entre la acción del gobierno autónomo republicano-catalanista, la estrategia de los sectores separatistas y una amplia insurrección social, con un importante protagonismo del movimiento campesino.

La huelga general revolucionaria iniciada el 5 de octubre y la proclamación del Estado Catalán de la República Federal Española hecha el día 6 por el presidente del gobierno catalán Lluís Companys, ambas motivadas por la entrada en el gobierno de la república de la derecha anti-republicana de la Confederación Española de Derechas Autónomas, significó para los campesinos catalanes la posibilidad de avanzar a fondo en la movilización para mejorar sus condiciones. De este modo, en amplias áreas agrícolas se pasó de la huelga general y la proclamación del Estado o República Catalana, según los casos, a una auténtica insurrección social (Arnabat 1994: 40-43). La violencia política contra los grandes propietarios agrícolas, des de la detención a la ejecución, la quema de iglesias y ataques anticlericales, el asalto a ayuntamientos gobernados por las derechas, la creación de comités revolucionarios, los enfrentamientos con la guardia civil y las detenciones de aquellos miembros de la derecha política más significados caracterizaron la insurrección social de base campesina.¹

Para los “rabassaires”, campesinos pobres y jornaleros, la huelga general de octubre abrió las puertas a la posibilidad de acabar por la fuerza contra aquellos que se habían mostrado intransigentes ante sus demandas y conseguir, así, hacer realidad sus reivindicaciones sobre el acceso a la propiedad de la tierra. El resultado de la insurrección fue desastroso para el campesinado. En Cataluña quienes más sufrieron la represión de la derecha social y política tras el fracaso de la insurrección de octubre de 1934 fueron los campesinos: centenares de presos y desahucios, la anulación de toda la legislación reformadora del gobierno autónomo y la subordinación y las imposiciones patronales en el ámbito local.

Construyendo República a través de la movilización

El proyecto reformador democrático de la segunda república española significó para la mayoría del movimiento campesino de Cataluña el inicio de un nuevo camino que permitía materializar las expectativas colectivas de mejorar las condiciones de los contratos de cultivo y acceder a la propiedad de la tierra. Con la nueva legislación

¹ *El Temps*, 13/10/1934, Archivo Histórico del PCE. Documentos PCE. Rollo XII. Ap. 157. Datos sobre la actividad del P. en diversas localidades de Cataluña. Reus y comarca, Arxiu Municipal de Martorell. Actes del ple municipal, 9/10/1934 y *El Pla de Bages*, 9/10/1934.

republicana se produjo una mayor movilización y capacidad de incidencia de los campesinos organizados.

En una reflexión general sobre el significado histórico de la segunda república, el profesor Josep Fontana remarcó que los hombres que gobernaron entre 1931 y 1933 en España, y hasta octubre de 1934 en Cataluña, sabían cuales eran las medidas sociales y políticas necesarias a aplicar pero se equivocaron en pensar que podrían realizarlas sin violencia. El movimiento campesino percibió rápidamente esta dicotomía e intentó sobreponerse a ella.

La participación activa en el nuevo marco reformador republicano, la lucha dentro de la legalidad, era fundamental para la consecución de pequeños avances que mejorasen las condiciones de vida de los campesinos, reforzasen las expectativas de cambio a través de la organización y debilitasen las imposiciones patronales en los pueblos. En este último aspecto se trataba, como expresó un dirigente “rabassaire”, de liberarse de la influencia del cacique, del usurero, del propietario y del cura.

Ante el obstruccionismo político de la patronal agraria, que en el ámbito local adquirió toda su crudeza, los campesinos vieron que la conquista real y concreta de estos avances solo podía realizarse complementando la lucha dentro de la legalidad con una movilización que pasaba por la confrontación directa, la agitación e, incluso, la acción abiertamente insurreccional. Es decir, los campesinos confiaron en la nueva legislación reformadora pero decidieron continuar confiando también en la movilización social en su enfrentamiento con los propietarios.

El uso de la legislación revisionista y el recurso a la acción huelguística muestran esta complementariedad. El objetivo inmediato al que respondía esta movilización de carácter dual era llevar a la práctica el proyecto de reforma agraria republicano. En última instancia, los campesinos se lanzaron a construir república en términos concretos y reales. Paradójicamente, esta movilización colectiva que pretendía hacer efectiva la reforma republicana condujo al movimiento campesino a ir más allá de la misma y a abandonar progresivamente el reformismo republicano para asumir ampliamente un programa agrario colectivista que tan solo sería posible fugazmente en los casi tres años de supervivencia de una república en guerra.

Abreviaturas:

- BOC Bloque Obrero y Campesino
- ERC Esquerra Republicana de Catalunya
- IACSI Instituto Agrícola Catalán de San Isidro
- PSUC Partido Socialista Unificado de Catalunya
- UdR Unión de Rabassaires

Bibliografía:

- Arnabat R. 1994 “El 6 d’octubre a l’Alt Penedès: un episodi de la lluita social al camp”, *L’Avenç*, 187, p. 40-43.
- Arnabat R., et al. 2008 *Història de Vilafranca del Penedès*, Vilafranca del Penedès, Ajuntament de Vilafranca.
- Balcells A. 1968 *El problema agrari a Catalunya 1890-1936. La qüestió rabassaire*, Barcelona, Nova Terra.
- Barrull J. 1986 *Les comarques de Lleida durant la Segona República (1930-1936)*, Barcelona, L’Avenç.

Fontana, J. 1986 “La Segunda República. Una esperanza frustrada” en *La II República una esperanza frustrada. Actas del congreso Valencia capital de la República (abril 1986)*. València, Edicions Alfons el Magnànim.

Gavaldà A. 1986 *El pensament agrari de l'anarquisme a l'Alt Camp: 1923-1939. El paper de Pere Sagarra i Boronat*, Tarragona, Institut d'Estudis Tarraconenses, 1986.

Lladonosa M. 1978 “Un conflicto agrari: el Canal d'Urgell i el pagament del nové”, *Recerques*, 7, p. 117-124.

Maurice J. 1975 *La reforma agraria en España en el siglo XX (1900-1936)*, Madrid, Siglo XXI, 1975.

Mayayo A. 1995 *De pagesos a ciutadans. Cent anys de sindicalisme i cooperativisme agraris a Catalunya 1893-1994*, Catarroja-Barcelona, Afers.

Torrents J. 1937 *La revolució democràtica y els camperols de Catalunya*, Partit Socialista Unificat.

Pomés J. 2000 *La Unió de Rabassaires*, Barcelona, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2000

Pomés J. 1999 “La Unió de Rabassaires” en *Història, política, societat i cultura dels Països Catalans, 9: De la gran esperança a la gran ensulsiada, 1930-1939*, dir. Borja de Riquer Barcelona, Enciclopèdia Catalana.

USO y la pugna por el espacio sindical socialista en la transición española (1971-1980)¹. *Manuela Aroca Mohedano*²

Tras la muerte de Franco, el panorama sindical en España se presentaba incierto. La oposición antifranquista había manejado diferentes alternativas, pero no existía una definición específica de cuál era el modelo que cada formación pretendía alcanzar. En esta indefinición se manejaban fundamentalmente tres elementos que iban a constituirse en los factores estructurales del futuro escenario sindical: la elección de un marco de pluralidad o unidad sindical, la existencia o no de autonomía sindical respecto a los partidos y la ubicación de los sindicatos en un campo ideológico-político de referencia. Por lo que se refiere a este último aspecto, la existencia de dos organizaciones de carácter socialista, la Unión Sindical Obrera (USO) y la Unión General de Trabajadores (UGT), planteó una dinámica específica en el intento de ambas de ocupar el máximo espacio sindical socialista. Este proceso, que culmina con una ruptura dentro del primer sindicato y una fusión parcial con la Unión General de Trabajadores, tuvo importancia en la configuración de un modelo fuertemente polarizado entre dos sindicatos, Comisiones Obreras (CC.OO.) y UGT, en el que UGT ocupó prácticamente en exclusiva el espacio de orientación socialista. Al mismo tiempo, la incorporación del ideario de USO estimuló la tendencia que UGT ya había apuntado hacia una revisión paulatina de las prácticas habituales en las relaciones con el Partido Socialista Obrero Español (PSOE), en un camino sostenido hacia la autonomía sindical que quedaría plasmada de forma gráfica en la ruptura que se produjo como consecuencia de la convocatoria de la huelga general de 1988 contra un Gobierno del PSOE.

Al comienzo de la Transición política ambas organizaciones sindicales de corte socialista, USO y UGT, tenían profundas diferencias en el grado de definición de sus preferencias por un modelo sindical: si UGT apostaba por la propuesta de un modelo sindical pluralista, que rompiera drásticamente con la herencia del sindicalismo vertical del régimen de Franco y le permitiera distanciarse de una unidad que beneficiaría claramente a Comisiones Obreras, el modelo de USO no tenía contornos tan definidos ni en el terreno de la unidad-pluralidad, ni en la conveniencia de una ruptura completa e inmediata de las estructuras sindicales del régimen. USO había aprovechado el armazón del sindicalismo vertical, presentando candidatos a enlaces y jurados en las elecciones sindicales organizadas por el régimen, que a la altura de 1975 aún se encontraban en activo.

¹ La presente ponencia es el resultado de la investigación realizada en el proyecto de I + D, financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación de España, HARD2009-08294, “La reconstrucción del sindicalismo socialista (1970-1994)”, en la que la autora es la investigadora principal.

² Manuela Aroca Mohedano es investigadora de la Fundación Francisco Largo Caballero. Doctora en Historia Contemporánea, trabaja actualmente en dos líneas de investigación: historia militar de la Segunda República y la guerra civil española (Aroca, *General Juan Hernández Saravia: el ayudante militar de Azaña*, 2006); y historia del sindicalismo español (Alted, Aroca, Collado (dirs.): *El sindicalismo socialista español. Aproximación oral a la historia de UGT (1931-1975)*, 2010). Actualmente es la investigadora principal del proyecto de I + D: “La reconstrucción del sindicalismo socialista Español (1970-1994)”.

La Unión Sindical Obrera: el sindicalismo socialista en el entorno del “nuevo movimiento obrero”

Las diferencias estratégicas de los dos sindicatos socialistas, USO y UGT, respondían a razones de honda raigambre histórica. UGT, fundada en 1888, había coexistido con el Partido Socialista Obrero Español en una hermandad de objetivos y tácticas a lo largo de casi noventa años. Durante la dictadura franquista, la Unión General de Trabajadores había trasladado su dirección al exterior del país, con sede en Toulouse, alimentando con dedicación sus buenas relaciones internacionales, específicamente en el campo de la socialdemocracia europea. Sin embargo, la negativa de la dirección sindical socialista a utilizar las estructuras sindicales del franquismo para intentar una penetración en el sindicalismo vertical, a través de la elección de miembros infiltrados en los jurados de empresa, condicionó profundamente la estructura y la implantación del sindicato en el interior del país. Durante el franquismo los ugetistas no pudieron realizar actividades sindicales en la legalidad, circunstancia esta que restó plataformas representativas al sindicato en los últimos años de la dictadura.

Por el contrario, la Unión Sindical Obrera se encuadra en lo que se ha venido en llamar “nuevo movimiento obrero” en España, caracterizado por la pujante presencia de dos fuerzas irrelevantes en el panorama del movimiento obrero antes de la guerra civil: los comunistas y los cristianos.

USO surge a finales de los cincuenta con un componente ideológico socialista y cristiano y constituye el primer sindicato que surge *ex novo* después de la guerra civil. A diferencia del nacimiento de las Comisiones Obreras, USO nace de la reflexión teórica y no de la práctica del movimiento obrero. El núcleo fundacional de USO tiene su origen en el llamado “grupo de Rentería”, bajo el liderazgo indiscutido de Eugenio Royo¹. En 1961, la Unión Sindical Obrera elabora su Carta Fundacional, que señala la necesidad de un socialismo democrático. Pero la estrategia de transformación de la sociedad y del sistema que USO escoge no es de corte político sino sindical. El concepto de autonomía respecto a los partidos se convirtió, a lo largo de la década de los sesenta, en uno de los distintivos de mayor peso en la especificidad de la USO. Las primeras formulaciones teóricas contenidas en el documento fundacional contemplaban un socialismo de corte autogestionario que permitiera la participación de los trabajadores en la gestión y control de la producción y distribución de la riqueza, tomando como núcleo de partida la planificación en la empresa². Por último, la Carta proponía la necesidad de caminar hacia la integración en una gran central sindical que integrara todas las corrientes, “capaz de emancipar a la clase trabajadora”.

Poco a poco, USO fue implantándose en algunos puntos del territorio nacional, entre los que destacan Asturias, País Vasco, Cataluña, Murcia, Cádiz y Madrid, fuertemente influenciada por la cercanía al ideario de la central sindical francesa CFDT (Confederación Francesa Democrática de Trabajadores).

Tras una crisis relacionada con el intento de un sector de USO de convertir al sindicato en un partido de vanguardia, en 1971 se abre un periodo de estabilidad, con la secretaría de José María Zufiaur Narvaiza, en el que se perfeccionan los mecanismos de penetración en los órganos sindicales del régimen, y de ampliación de las bases en el interior de las empresas. Por otra parte, la Unión Sindical Obrera explora el territorio internacional con un planteamiento básico: no solicitar la adscripción a ninguna de las confederaciones internacionales (Confederación Internacional de Organizaciones

¹ Artiles, M., 1987.

² Mate, R. 1977.

sindicales Libres, CIOSL, Confederación Mundial del Trabajo, CMT, Federación sindical Mundial, FSM), pero sí mantener la vinculación con las federaciones como la FITIM (Federación Internacional de Trabajadores de las Industrias Metalúrgicas). Las confederaciones eran rechazadas porque constituían eminentemente referencias políticas, mientras que las federaciones profesionales internacionales tenían una lógica menos partidista o ideológica y hacían más peso sobre la dinámica de las relaciones económicas que habían creado las empresas multinacionales¹. El apoyo más importante en el territorio internacional procedía de la FITIM, con el apoyo fundamental de su vicesecretario general, Daniel Benedict, que consideraba muy interesante la actividad que USO desarrollaba en el interior de las empresas en España.

En 1974, USO puso en marcha un plan para abordar las que se preveían como últimas elecciones sindicales del franquismo, con la presentación de Candidaturas Unitarias y Democráticas en coordinación con CC.OO.² Como consecuencia, finalizado 1975 un buen número de representantes de USO se situaba en puestos de representación sindical del Sindicato Vertical y esta circunstancia tendría su importancia en el desarrollo de la estrategia dentro del campo sindical socialista.

Preparando la transición: Reconstrucción socialista y el problema de la autonomía

En las organizaciones socialistas históricas, PSOE y UGT, los miembros renovadores pusieron en marcha un proceso de transformación que afectaba a las estructuras de ambas organizaciones y a las tácticas sindicales y políticas. Las transformaciones comenzaron en el XI Congreso de UGT, en 1971, y pueden darse por concluidas con la celebración del XIII Congreso del PSOE, celebrado en Suresnes en 1974. Estas transformaciones contaron con el respaldo inequívoco de la socialdemocracia europea, gráficamente ratificado por el Buró de la Internacional Socialista en 1974.

Los signos de potencia del Partido Socialista Obrero Español eran inequívocos. Eugenio Royo, en un análisis concienzudo del papel que USO podía jugar en el panorama socio-político de la Transición que se avecinaba, comprendió que la estrategia de poder obrero, autogestionario y autónomo de los partidos que preconizaba USO no sería suficiente para hacer frente a la arrolladora presencia del PSOE, que podía trasvasarse sin mucho esfuerzo a su filial organización sindical, UGT. Su reflexión se plasmó en un documento teórico “Reconstrucción o restauración socialista” sobre el diseño político y sindical de la futura transición española. El vacío de un referente político, frente al empuje del PSOE, podía lastrar el desenvolvimiento de USO en el panorama sindical de la Transición³.

A finales de 1974, militantes de USO liderados por Enrique Barón, con la importante aportación teórica de Eugenio Royo, crearon Reconstrucción Socialista que pretendía convertirse en el referente político de USO. Reconstrucción Socialista estableció unos principios ideológicos basados en el rechazo al capitalismo, la defensa de un socialismo democrático y autogestionario, de corte federalista y europeísta, que rechazaba, a su vez, la tradicional división de los campos político y sindical⁴.

Reconstrucción Socialista reprodujo, sin embargo, en su corta trayectoria parte de los modelos que USO pretendía repudiar en las relaciones partido-sindicato: la adscripción de los líderes más capacitados intelectualmente al partido y los más apegados a la tradición obrera, al sindicato.

De esta manera, aunque Reconstrucción Socialista había tratado de crear un referente político para el proyecto sindical de USO, que albergara una estrategia de

¹ AFFLC, 4201-001, entrevista a Manuel Zaguire Cano, Barcelona, 16 de abril y 10 de mayo de 2010.

² AFFLC, 788-003, *Balance primer nivel de las elecciones sindicales*, julio 1975.

³ AFFLC, 4201-001, entrevista a Manuel Zaguire Cano, Barcelona, 16 de abril y 10 de mayo de 2010.

⁴ Barón, E. 1976: pp. 16 y 155-167.

poder obrero y se convirtiera –en palabras de Manuel Zaguirre- en un conjunción de elementos como el federalismo, el socialismo y la autonomía sindical, a la medida de USO, frente al centralismo del PSOE¹, lo cierto es que el programa se estrelló en sus propias concepciones y Reconstrucción ni siquiera llegó a presentarse a las primeras elecciones generales. Llegado el momento de ejercer las libertades políticas y sindicales, USO debe presentarse ante la sociedad española con su programa de poder obrero socialista y autogestionario, sin cobertura política.

Los primeros Gobiernos de la Monarquía hicieron un planteamiento general de los posibles modelos de transición política y sindical. Martín Villa llega al Ministerio de Relaciones Sindicales, a finales de 1975, con la idea de mantener una única central sindical que “controlara” el cambio hacia el nuevo sindicalismo. El equipo de Martín Villa y su sucesor, Enrique de la Mata Gorostizaga, se entrevistaron con los líderes de los sindicatos en la oposición, pero indudablemente, los modelos que barajaban CC.OO y UGT estaban enfrentados. Mientras Comisiones postulaba la creación de una gran central de tipo unitario que recogiera los restos del descalabro de la Organización Sindical Española (OSE), UGT consideraba que la pluralidad sindical era la única vía que podría nivelar la evidente desventaja en la que el sindicato socialista se encontraba.

USO sostenía una postura intermedia, en la que prevalecía su idea originaria reflejada en la Carta Fundacional de “desaparición en la gran central sindical de los trabajadores”, pero por el momento recelaba del peligro de transitar cualquiera de las dos vías propuestas por los otros sindicatos, en las que podía ser fagocitada, teniendo en cuenta, además, el diseño de transición que se perfilaba y en el que no se encontraba respaldada por ninguna formación política. En este sentido, USO fue la organización que consideró la experiencia de la Coordinadora de Organizaciones Sindicales (COS) como un proyecto más adecuado para sus propios intereses. La COS era un elemento intermedio, una propuesta de unidad de acción con un pluralismo no fratricida, que no aspiraba a la unidad orgánica, pero que se planteaba como un elemento de contención para las tres centrales sindicales². La coordinadora se puso en marcha en el verano de 1976 e integraba a UGT, CC.OO. y USO³. Los fines que perseguían cada una de las organizaciones eran completamente diferentes. Mientras CC.OO. pretendía utilizar la Coordinadora como método hacia la implantación de un modelo unitario, para UGT la COS había consistido en una táctica dilatoria para reordenar su posición en un ambiente muy favorable a la unidad sindical y en un contexto de inferioridad estratégica real por su ausencia en la Organización Sindical franquista. USO, por el contrario, veía en la COS un elemento intermedio para la contención de las otras centrales sindicales⁴. La corta duración de la COS, debido a la salida de UGT de la Coordinadora argumentando la imposibilidad de coexistir con centrales que aún mantenían representantes en el sindicato franquista, no fue suficiente para consolidar su propia situación en el panorama sindical. En realidad, para USO -aunque ya se preveía su carácter como organismo transitorio- el rápido fracaso de la Coordinadora fue uno de los primeros lastres en el despegue de su futuro como central sindical.

En este contexto, los sindicatos españoles van configurando sus aparatos orgánicos, de cara a la futura situación de legalidad. En este terreno, la ventaja era evidente para la Unión General de Trabajadores, con casi noventa años de historia y con la tradición de sus XXX Congressos. USO realizó en apenas unos meses una I Asamblea de Delegados y un Primer Congreso Confederado que estableció los órganos de poder del sindicato⁵.

¹ AFFLC, 4201-001, entrevista a Manuel Zaguirre Cano, Barcelona, 16 de abril y 10 de mayo de 2010.

² Ídem.

³ Marín Arce, José María, “La Coordinadora de Organizaciones Sindicales (COS): una experiencia de unidad de acción sindical durante la transición”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie V, H.*” *Contemporánea*, t. 9, 1996, págs. 295-313

⁴ AFFLC, 4201-001, entrevista a Manuel Zaguirre Cano, Barcelona, 16 de abril y 10 de mayo de 2010.

⁵ *Libertad, autonomía, Unidad. I Congreso Confederado USO*, Madrid, Tucur ediciones, 1977

El desarrollo de un diálogo entre USO y UGT no era, desde luego, nada nuevo. Sus comienzos se remontan a la segunda década de los años sesenta. Alternativamente, USO y UGT iniciaron conversaciones que finalizaron en estrepitosos fracasos. Los acercamientos se vieron siempre sistemáticamente abortados.

En 1975, USO había vuelto con fuerza a la consigna de la conquista de las empresas mediante las elecciones sindicales. Los resultados fueron bastante favorables para la implantación de USO en el tejido laboral español, pero hicieron aún más difícil el viejo intento de la unión sindical socialista. No obstante, hubo acercamientos como el que se produjo el 11 de mayo de 1975 en Madrid, que terminó también en fracaso.

A partir de la celebración del XXX Congreso de UGT, en 1976, un sector importante de USO, en el cual se encontraba su secretario general, José María Zufiaur, comienza a variar los planteamientos que USO tenía sobre la unidad sindical. En la Carta Fundacional, USO abogaba por la desaparición en la gran central sindical de los trabajadores. Sin embargo, para José María Zufiaur, el XXX Congreso significó la demostración de que se impondría la vía del pluralismo en el terreno sindical¹.

Antes de las elecciones del 15 de julio, en el I Congreso Confederal de abril se había testado una distancia considerable entre las dos centrales sindicales socialistas: aún dolidos por el fracaso de la COS, los cuadros de USO consideraban una especie de traición el abandono del organismo unitario, una agresión a las posiciones que USO pretendía ocupar en una formulación sindical no unitaria. Los recelos contra UGT se manifestaron públicamente en ese congreso. José María Zufiaur, que meses después lideraría el proceso de fusión, hizo un discurso en el que se expresaba la especificidad del proyecto USO y que contribuyó a exacerbar las tendencias antiuguetistas. No aceptarían una fusión que, en realidad, fagocitara el proyecto USO, ni aceptarían presiones de partidos políticos nacionales o de superestructuras internacionales que hubieran planeado otro diseño para la vida sindical española. USO era el futuro².

En la definición de los espacios políticos se producirían los primeros movimientos previos a la ruptura en USO. Parte de los militantes que habían apostado por la necesidad de un referente político que no anulara la autonomía sindical, creando el proyecto Reconstrucción Socialista, se integraron en las listas del PSOE, entre ellos su líder, Enrique Barón³. En las elecciones del 15 de junio de 1975, los planteamientos fueron diversos. Algunos miembros de USO entraron en las listas electorales del PSOE –fundamentalmente ligados al fracasado proyecto de Reconstrucción Socialista–, pero hubo voces dentro de USO que pidieron la vinculación a las candidaturas demócratacristianas y a Unidad Socialista. La opción de UCD, que había surgido como coalición solo un mes antes de las elecciones, no parecía encajar con los planteamientos de USO.

El resultado de las elecciones del 15 de junio fue inequívoco: el PSOE arrasó en el espacio socialista y se convertía en el referente de la izquierda en España. Los demócratacristianos sufrieron un descalabro importantísimo. Los resultados del PSOE habían sido aplastantes y se convertía en la segunda fuerza política del país, a una distancia abismal del PCE, que se había postulado como la gran fuerza de la izquierda durante el franquismo. Este resultado recomponía el diseño sindical que hubiera sido previsible con otros resultados electorales.

Y paradójicamente, fueron los resultados electorales los que dispararon la ruptura dentro de un sindicato que se definía como autónomo políticamente. Una parte de USO, liderada por su secretario general, José María Zufiaur, y un importante número de cuadros, asimiló muy rápidamente los indicios que la transición había ido

¹ AFFLC, 3651-002, Entrevista a José María Zufiaur Narvaíza, Madrid, 29 de julio de 2007.

² Discurso inaugural de José María Zufiaur en el I Congreso Confederal de USO, recogido en *Libertad, autonomía, Unidad. I Congreso Confederal USO*, Madrid, Tucur ediciones, 1977, pp. 27-33

³ Fundamentalmente, se incorporaron a la UGT miembros de Convergencia de Madrid. AFFLC, 569-001 y Gillespie, R. 1991, p. 341.

progresivamente ofreciendo: en primer lugar, que el futuro sindical español transitaría necesariamente la senda del pluralismo, lo que anulaba definitivamente el sueño fundacional de desaparición en una central unitaria de trabajadores; y en segundo lugar, que el nuevo panorama político no iba a dejar resquicios para la existencia de dos centrales sindicales socialistas. El futuro de USO pasaba por la fusión con el sindicato que se encontraba más cercano ideológica y tácticamente. En consecuencia, comenzaron las negociaciones con la idea de establecer un pacto electoral entre USO y UGT, de cara a las elecciones sindicales previstas para el año 78, que fuera perfilando un proceso de unidad orgánica¹. Pero la situación interna dentro de USO y el interés de UGT por acelerar el proceso de fusión precipitaron los acontecimientos.

El sector de USO que no apoyaba la fusión con UGT, liderado por Manuel Zaguire y José María de la Hoz, consideró que aún quedaban opciones que podrían permitirle el mantenimiento de su lugar en el panorama sindical y la defensa de un sindicalismo socialista autónomo. Pero lo que fundamentalmente permitió mantener viva una parte de USO y convertir la fusión con UGT en una ruptura fue el efecto sorpresa. Manuel Zaguire y José María de la Hoz lideraron unas bases profundamente radicalizadas por lo súbito del proceso. Indignadas por la aceleración que el resultado electoral había introducido en una dinámica que parecía inevitable, muchos afiliados se aferraron a la idea de sus siglas, de su componente diferenciador dentro del socialismo y, sobre todo, a la versión anti-PSOE que convivía en el seno de la idea de la autonomía sindical junto a otras opciones.

Con estas premisas, se desarrolló un itinerario de la crisis que salió a la luz pública cuando en una reunión del Secretariado Confederal de USO, en junio de 1977, una parte importante de la Comisión Ejecutiva propuso comenzar las conversaciones con UGT, y finalizó con la celebración de dos congresos. El primero de ellos, celebrado el 2 de octubre de 1977 y convocado por el sector que propugnaba la continuidad de USO, abrió orgánicamente el proceso de ruptura y dejó claro que UGT no podría incorporar a la totalidad de la organización. El segundo de ellos, el congreso de fusión USO-UGT celebrado el 17 de diciembre de 1977, materializaba la fusión del sector encabezado por José María Zufiaur en la central socialista UGT.

Consecuencias de la fusión en el panorama sindical español

Con la clausura de este congreso se cerraba un proceso de larga génesis, pero de corta duración. Transcurrido el tiempo es complicado mantener el concepto historiográfico de “fusión sindical”. Las organizaciones nunca sufrieron una integración de sus órganos de dirección ni un gradual acercamiento de sus bases. UGT absorbió la militancia de la USO que secundó el proyecto de unión, completando una simplificación del panorama sindical socialista que era muy necesaria para obtener una posición hegemónica en este campo, al mismo tiempo que obtenía unos cuadros cualificados de los que UGT no se encontraba muy sobrada, a pesar de su declaración de afiliación de un millón trescientos mil afiliados en 1977². Sin embargo, la imbricación de estos cuadros en el seno del histórico sindicato no fue un camino fácil. En el futuro inmediato, la desconfianza mutua de los miembros de USO y UGT generó una serie de conflictos de calado. Por empeño personal de Nicolás Redondo, José María Zufiaur conservó su ascendencia dentro del sindicato y se realizó un proceso de integración real salpicado de numerosos conflictos internos. Sin embargo, y a pesar de la dificultad de valorar aspectos intangibles, parece sensato afirmar que la incorporación de parte de USO significó para UGT un reforzamiento inequívoco del camino que se había esbozado en el XXX Congreso hacia la autonomía sindical y que se verá

¹ AFFLC, 3651-002, Entrevista a José María Zufiaur Narvaíza, Madrid, 29 de julio de 2007.

² Esta es la cifra declarada por la dirección de UGT, posiblemente bastante abultada

progresivamente completado por la aportación teórica y práctica de hombres como José María Zufiaur, que trasvasarán a UGT el concepto de independencia que USO había atesorado durante sus casi dos décadas de existencia antes de la integración parcial en UGT.

En esta jugada de simplificación del panorama sindical, UGT había contado con el apoyo de la mayoría del sindicalismo internacional. Las tradicionales referencias internacionales de USO se decantaron por el proceso de unidad en el sindicalismo socialista, de tal manera que, en cierta medida, el vacío de solidaridad internacional al proyecto de mantenimiento de un sector de USO apartó a este sindicato de su vinculación del campo socialista. UGT continuaría explicitando una intención de monopolio en las organizaciones internacionales con el bloqueo permanente en la CES (Confederación Europea de Sindicatos) y en la CIOSL, lo que se tradujo en la basculación progresiva de USO hacia la internacional cristiana, hasta que en el año 80 se produjo la definitiva afiliación de USO a la CMT, que precedería a la incorporación a todas sus federaciones internacionales profesionales.

En el panorama político interior, la USO que rechazó el proceso de unión con UGT se vio sistemáticamente privada de cualquier referencia socialista. La cercanía a UCD (Unión de Centro Democrático) y la eliminación del proyecto autogestionario, en la que se empeñó decididamente su nuevo secretario general, Manuel Zaguirre, fueron el argumento empleado para una nueva escisión en 1980, que se integró en Comisiones Obreras como “corriente socialista”¹. La situación se convirtió en crítica para el sector superviviente de USO. Durante muchos meses, la escisión tuvo a la organización en la cuerda floja, generando un desgarramiento quizá mayor que el de 1977, pero la crisis se alivió con un congreso de clarificación ideológica en el que los vestigios de socialismo autogestionario sucumbieron ante la readopción de los principios de la Carta Fundacional. USO ensayó entonces un proceso de ajuste financiero encaminado a la autofinanciación. El camino hacia la estabilidad de la tercera fuerza sindical del país había sido largo y había terminado convirtiendo a USO en una fuerza minoritaria ante las potentes UGT y CC.OO., pero, en último término, había conducido a la central a la autonomía sindical.

Referencias bibliográficas incluidas en el texto

- Artiles, M. 1987 “Origen e Ideología de USO”, *El proyecto*, nº 1, pp. 17-52.
- Barón, E. 1976, *Federación de Partidos Socialistas*, Barcelona, Avance.
- Gillespie, R. 1991, *Historia del Partido Socialista Obrero Español*, Madrid, Alianza Universidad.
- Marín, J. M. 1996, “La Coordinadora de Organizaciones Sindicales (COS): una experiencia de unidad de acción sindical durante la transición”, *Espacio, Tiempo y Forma, Serie V, H.ª Contemporánea*, t. 9, pp. 295-313.
- Mate, R. 1977, *Una interpretación histórica de la USO*, Madrid, Carlos Oya.
- 1977, *Libertad, autonomía, Unidad. I Congreso Confederal USO*, Madrid, Tucur ediciones.

¹ “Manuel Zaguirre decidirá el futuro de USO. La “corriente socialista” le acusa de promotor de la escisión”, *El País*, 13 de marzo de 1980.

Glosario de siglas y organizaciones

CC.OO. Comisiones Obreras

CES Confederación Europea de Sindicatos

CFDT Confederación Francesa Democrática de Trabajadores

CIOSL Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres

CMT Confederación Mundial del Trabajo

COS Coordinadora de Organizaciones Sindicales

FITIM Federación Internacional de Trabajadores de las Industrias Metalúrgicas

FSM Federación Sindical Mundial

OSE Organización Sindical Española

PSOE Partido Socialista Obrero Español

UCD Unión de Centro Democrático

UGT Unión General de Trabajadores

USO Unión Sindical Obrera

New trade unionism versus the vertical union during Franco's regime: the case of Galicia¹. *Margarita Barral Martínez*²

At the beginning of the 19th century, the Galician space delimited geographically by the Ártabro Gulf was the location of the two industrial centres that stood out within the rural reality that defined the region: A Coruña with its tobacco factory and Ferrol with its arsenal. This also meant that it was in these enclaves that there was an initial concentration of workers' demands. From here, they spread to other centres that had become industrialised, such as Vigo and the Rías Baixas area, stemming from the development of a modern sea-fishing industry from the end of the nineteenth century.

Nevertheless, we should not forget that the Galician work tradition was always a culture of trade where the importance of crafts and the guilds carried a lot of weight. This situation basically meant that, until 1936, there was a clear difference between a working class culture of trade unionism, linked to the anarchist ideology of the National Confederation of Labour (who ruled over everything in the city of A Coruña and in the fishing enclaves of the Rías Baixas) and the other socialist culture associated with the General Workers' Union (UGT) that developed in Ferrol and Vigo.

The arrival of the Civil War and Franco's regime signalled the disappearance of every type of socialist and anarchist orientation and there was an attempt to subject all kinds of industrial action under the pro-Franco vertical union, as had happened in the rest of Spain. But during these years, a new group linked to communism also appeared, the Workers Commissions (CC.OO.), who began their clandestine struggle against pro-Franco trade unionism.

National trade unionism or the vertical union

The Spanish Civil War (1936-1939) ended in Galicia a few days after the uprising, on August 3, 1936, following a limited resistance. It was also an important military weapon, by being a reserve of agriculture, fishing, labour and emigrants.

One of the means used for setting up the regime was the implementation of a vertical bureaucracy, a rigid centralism and the persecution of any cultural or linguistic demonstration different from the dominant ideology, leading to secrecy. A purge of suspicious elements with an affinity to the Popular Front (FP) was undertaken, under the defence of the right of conquest. In the libraries, a massive clear up of so-called "suspicious books" took place along with any "banned" authors such as Ortega y Gasset, Unamuno, Baroja and others. The newspapers and radio stations that survived did so under threat and went on to play the role corresponding to instruments of propaganda in

¹ This paper has been developed in the framework of a teacher / researcher contract of the "Isidro Parga Pondal" program (2008) financed by the Xunta of Galicia (Department of Economy and Industry – Directorate General for R&D&i) for the Department of Contemporary and American History (USC) and the research project "La representación de intereses agrarios en las economías periféricas europeas. Un modelo multifuncional a partir del caso del noroeste peninsular (1890-1975), IP: Competitive Reference Research Group under the Galician University System (SUG) "Historia e Política do Mundo rural (séculos XIX e XX)", supervised by Ramón Villares (2006-2010) and Lourenzo Fernández (since 2010).

² Margarita Barral Martínez is a European Doctor in History by the University of Santiago de Compostela. She was granted the Special Recognition Award (2005) and the Galicia Research Award (2009). She is a professor and researcher at the Department of Contemporary and American History of the USC, hired under the "Parga Pondal" programme of the Regional Government of Galicia (Xunta de Galicia).

favour of the Franco regime. The "independent" and pro-Galician newspapers either became part of the regime or they disappeared. *El Pueblo Gallego* in Vigo became an official Falangist organ in Galicia¹. From the first moment, the Church became one of the fundamental instruments of the state. It was in this State-Church association that national-Catholicism appeared, a basic ideology of the dictatorship.

The recession in agriculture, fishing and livestock farming and the increase in the population meant that Galician society moved back decades in its development with no alternative for progress either in the country or outside, since the Second World War made it impossible as a means of escape. The only industrial sectors that achieved a significant growth were wolfram mining, the hydroelectric industry, which was dedicated to exporting 70%, and wood processing².

Once the armed struggle had ended, the regime was prepared for the construction of a new state model to justify all of the political repression developed. With regard to the working world, a legal framework had already been formulated since 1938 with the enactment of the *Fuero del Trabajo* (Code of Work), which was completed in 1940 with the *Ley de Unidad Sindical* (Law of Trade Union Unity) and the *Ley de Constitución de los Sindicatos* (Law on the Constitution of Unions) that set the basis for the "verticalist" idea of the working world. Thus, during the war and the first half of the Franco dictatorship, the trade unionism of class that had been aimed at Galician society, thanks to the political activity of the unions during the Republic, was replaced by so-called National Trade Unionism. In 1940 the *Hermandades de Labradores y Ganaderos* (Fraternal Brotherhood of Farmers and Labourers) appeared, a variant of vertical trade unionism in the country.

In 1942 the *Ley de Contratos de Trabajo* (Law of Work Contracts) and the *Ley de Reglamentaciones* (Law of Regulations) were passed in order to give a hierarchical structure to relationships between businessmen and workers. To somehow harmonise this plan, the Falangist legislation referring to trade unionism was completed in 1947 with the Decree creating the *Jurados de Empresa* (Business Juries) and the *Reglamento de Jurados* (Rules for Juries) in 1953, in this way converting the union organisation into an element of control over the working class.

With regard to working conditions, 48 hour days, 6 days a week, packed into workshops and wardrobes, with a complete lack of safety, hygiene and sanitary conditions, were the reality. This meant there was a high accident rate of varying seriousness, to which must be added an evident social vulnerability, in spite of the regime's propaganda. In addition, the stagnation of salaries and delays by companies at the time of applying increases did nothing more than aggravate the situation. Workers lived in unhealthy neighbourhoods with an absence of basic infrastructures. In the 1940s, less than the half of the houses had bathrooms, toilets and running water³.

¹ *El Pueblo Gallego* had been founded in Vigo in 1924 under the management of Ramón Fernández Mato. Its owner up to the uprising against the Republic was the liberal politician and leader of the Second Republic, Manuel Portela Valladares. This newspaper always backed the Statute of Autonomy and gave refuge to the so-called writers of Galleguism and Republicanism. Otero Pedraio, Cuevillas, Risco, Castelao, Dieste, Maside, Fernández Mazas, Azorín, Borges and Pérez de Ayala, had all left their signatures in it, among others. In June 1979 the government decided to close it.

² For more about this subject, see the pages relating to these sectors in Carmona Badía, X. and Nadal, J., *El empeño industrial de Galicia 250 años de historia (1750-2000)*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, A Coruña, 2005; pages 250-261, 279-294 and 318-321 respectively.

³ But in the immediate postwar period not everything was delay and desolation. New factories were created such as Zeltia S.A. in 1939, the multinational Nestlé in Ponteareas in 1940, Astano in 1941, Frigoríficos de Vigo S.A. in 1942, FENOSA in 1942, Bazán in 1947, Cerámicas do Castro in 1949 and

Guerrilla and union resistance

Although the War lasted only a few days in Galicia, the idea of an armed resistance had already been born after falling into the hands of the rebels. Many republicans, socialists, anarchists and communists took to the hills to escape the repression or attempted to pass into the ranks of the Republic. They were outlaws, classified as "war beggars".

After leaving prison in 1939 for anti-Franco reprisals, many of them went on to swell the ranks of these groups. Nevertheless, and in spite of the fact that the Spanish Socialist Workers' Party (PSOE) and the National Confederation of Labour (CNT) defended guerrilla activity, it was the Communist Party (PC) that supplied men, weapons and publicity to the cause. But, with the end of the Second World War, in the absence of political guarantees, depletion, repression and the scarce political training of the fugitives all led to a decrease in the guerrillas until there were just a few protagonists. In addition, the guerrilla fight was weakened because, just as in the rest of Spain, the leadership of these communist groups was based in Paris and, from now on, they decided to opt for a tactical change: to abandon the guerrilla fight and try to insert themselves in the vertical unions, so-called *entryism*. In other words, to fight against the state from within.

Nevertheless, in the middle decades of Franco's regime, to the predominance of rurality and industrial weakness we should add backward movement that involved the autarkic system and the decapitation of the guerrilla movement¹, and all of this led to the determination that, with regard to the workers' movement and union activity, at the end of the 1950s in Galicia it was almost non-existent.

From this situation sprouted a new culture of social and labour resistance to Franco's regime, where the PC was, in truth, the force of opposition, from old militants that still remained in the factories, to which should be added anarchists and other workers. In June 1946, the first protests were already happening in Galicia of the post-war period, the so-called sit-down strikes caused by the absence of provisions in the rationing at the arsenal in Ferrol and in the company Manuel Álvarez in Vigo.

Already, since the 1950s, they had begun to talk about the existence and need for workers' commissions as a more appropriate form of organisation for workers to present their demands. The PC began to be felt with force after the approval in 1956 of the national Policy of Reconciliation. In 1957 unopposed union elections were held and in 1958 the *Ley de Convenios Colectivos* (Law of Collective Bargaining) was passed, which opened a new phase in labour relations. From then on, industrial centres began to emerge in Galicia².

Figsa in 1950. So, in Galicia a certain emergence of industrial complexes continued, although they came from foreign capital and strengthened the traditional sectors like shipbuilding even more. Besides, in 1941, the government made public a Decree by which canning companies had to sell at cost 60% of its production to the *Comisaría de Abastecimientos y Transportes* (the Office of Supplies and Transportation).

¹ When the 1950s began, 71.9% of the active population was labourers and 13.6% industrial proletariat. Ten years later, in 1960, things had not changed much and the people that worked in the country represented 67.8% as opposed to 16% of workers, concentrated especially in the naval sector of the cities of Ferrol, Vigo and A Coruña. Nogueira Abad, C., *Población y desarrollo económico en Galicia*, Sodiga, Santiago de Compostela, 1977, p. 28.

² In 1958 a cellulose factory was opened in the Pontevedra estuary and an arms factory in A Coruña. In 1959 the construction of the Citröen factory began and the Ascon shipyard in Vigo was opened. In 1960 a boiler-making plant was created for the naval sector, Censa in Porriño, and PESCANOVA in Vigo.

The exhaustion of the autarkic model led to the appearance of a new phase which began in 1959, when a technocratic elite connected with Opus Dei and the financial powers occupied the decision-making centres of the State. The *Stabilisation Plan* and the so-called *Development Plans* opened the way to economic liberalisation, the so-called “economic miracle” of the 1960s, although the changes also provoked the two-way exodus from the country to the cities and European countries¹.

But the economic modernisation of the 1960s in Galicia was maintained by the growth of the traditional sectors, such as the naval sector, which grew due to external demand. Although they also continued blunting other industrial sectors, always from foreign capital, like Aluminios de Galicia, Endesa, Petroliber and Citröen, the true promotion was towards the sectors already consolidated and some final preparation phases that depended on the outside. Thus, the Galician economy was introduced to the international economy in an unbalanced manner².

Labour relations that were included in the Law of Collective Bargaining were modified for the new situation and this facilitated the work of the opposition by making the agreements a legal means to channel the fight, increasing the interest in union elections to shop stewards and company juries. The information that arrived in Galicia relating to the rest of the country from the end of the 1950s and which came from the ranks of the PC appeared in *Mundo Obrero*³ and in broadcasts from Radio España Independiente and the BBC.

Strikes and the birth of the Workers Commissions (CC.OO.)

During the first years of the 1960s, the first communist cells were created in factories in Ferrol, Vigo and A Coruña; through *entryism* they were carried out by union representation and all of this led to the movement of the Workers Commissions, constituted officially in 1966.

This situation led to a defensive stance by the management and the forces of the regime: the labour conditions of the workers were becoming harder, salaries were decreasing, shifts were introduced and the expedients of regulation had begun. The conflict spread.

In the case of Ferrol, the state-owned company/shipyard Bazán was already involved in 1961 in the first labour conflicts related to collective bargaining agreements and the reduction in the value of overtime with an increase of one hour in the working day; a strike was the instrument of pressure. It was considered to be the first collective victory of Spanish workers during Franco's regime.

In January 1962 a new clash took place after 238 workers signed a document that was presented to the jury at the Trade Union Delegation with the title "A Clamour for Justice", where the employees demanded the signing of a collective bargaining agreement. In the end, and after a lot of tension, interruptions to production and strikes,

¹ Between 1962 and 1970 more than 250 thousand Spaniards emigrated to other European countries and they contributed with their currency remittances to the "economic miracle".

² The result of all of this was a weak growth in industrial employment, that went from 203,339 employees in 1962 (17.2%) to 265,771 in 1973 (21.2%), and was always concentrated on the centres of Ferrol, Vigo and A Coruña. Nogueira Abad, C., *Población y desarrollo económico en Galicia*, Sodiga, Santiago de Compostela, 1977, p. 31.

³ *Mundo Obrero* was the newspaper and organ of expression for the PC in Spain. It was born as independent publication in August 1930 and from November of the following year became the official organ of the PCE. After the events of October 1934, it was suspended until January 1936, although it continued as a secret publication until the end of 1978, when it had already become a monthly edition.

the workers did not sign an agreement and the Normas de Obligado Cumplimiento (Obliged Compliance Regulations) were applied to them.

Though it was in Bazán where the protest movement obtained greater importance, the communists also managed to enter the Astano shipyard, where the first strike occurred on the signing of the first collective bargaining agreement in 1962.

In the case of Vigo, the appearance of the Workers' Commissions occurred at the Barreras and Vulcano shipyards. The latter of these was a factory of republican tradition where there was a concentration of communists, anarchists and socialists where throughout the preceding decade they had demonstrated that they could find solutions to specific problems, above all in the conflict in the negotiations for the first collective bargaining agreement in the spring of 1962. This conflict spread to Barreras and the protests coincided with the solidarity movement with the Asturian miners¹. Immediately, the first consequences came from the state: strong police repression led to the dismissal of many workers and the detention of others in Barreras and Vulcano; from the union of all of them emerged the Workers Commissions in the city of the olive tree (Vigo).

All of these changes in the economy led to the regime introducing new labour legislation. In 1962 the *New Regulation for Union Elections* and the *Decreto Ley de Conflictos Selectivos* (Law Decree on Selective Bargaining Conflicts) were passed, texts that came to reflect the official recognition of the confrontation on interests between employers and workers. The conflicts continued during 1963 and once again Bazán played a leading role.

Union elections in 1966

In 1963, the second elections for shop stewards took place, where the communists increased their presence in Bazán and achieved the same in Barreras and Vulcano; some joined the company juries, such as Xulio Aneiros, Francisco Filgueira, Paco Balón or Waldino Varela, who became names of reference in the Galician workers' movement. Also at about this time, the first student protests began in Santiago in opposition to the Spanish University Union (SEU).

In 1964 the *Development Centres* of A Coruña and Vigo were approved and the Petroliber plant was inaugurated in A Coruña. The organisational advances achieved in the middle of the 1960s seemed to reflect a strengthening of the anti-Franco conscience.

The success that the Workers Commissions achieved from then on led to the Employment Minister, José Solís, before the assembly of the third union elections in 1966, requesting the European unions to turn up at the electoral process as a guarantee of impartiality, at the time that the vertical organisation launched a campaign under the slogan "Vote for the best". The Workers Commissions presented candidates, devised protest programs and achieved some very positive results, with representation in almost all of the large companies in Ferrol (Bazán, Piñón, Pysbe, Fábrica de Lápices, Peninsular Maderera and Astano), A Coruña (Genosa, Emesa, Aluminios de Galicia, Isolux, Miguel Pascual, Fertiberia, Pebsa), Vigo (Barreras, Vulcano, Santo Domingo, Seida and Citróen), in the company Calvo Sotelo in As Pontes de Garcia Rodriguez, and even in the local metal sector in Ferrol, fishing in A Coruña and a section of graphic arts

¹ The strike movement that took place in Spain throughout 1962 had its epicentre in the Asturian mines, which spread with solidarity across a good part of Spain and resounding even beyond the borders of the state, causing the structures of the Franco regime to shake.

in Vigo. The type of demands that the Commissions presented at these elections were publicised in *Nova Galicia*¹.

These elections allowed the public emergence of the Workers Commissions, which were made legal and from here the labour conflict gained increasing importance, even managing to appear as a union for the shell fishermen and farmers.

In 1967, the Unionists Workers' Association (USO) appeared, with a socialist tendency and strong Christian track and an organ of expression, *Poder Obrero*. The labour conflict continued and the economic recession that had begun to be felt from this year led to hard adjustment measures to cut it short. Again, the city of Ferrol was the centre of the greatest conflict. The new jury at Bazán rejected the agreement in force for the application of the Dombert system, through which the company looked to increase productivity from the remuneration of the workers based on the time, productivity, the qualification of positions and the value of the work. As a result of this, the so-called civil works conflict was born, where the difficulties and deflection of orders to Astano led the company to announce the dismissal of 1200 workers and 62 apprentices in January. The shop stewards and juries were mobilised to keep the jobs in defence of the social and economic stability of the whole city. The problem spread to the streets and on this occasion the civic solidarity of Ferrol was shown in all its glory and such positioning avoided the dismissals.

Throughout 1967 the conflicts spread in Galicia, in harmony with what was occurring in the rest of the country, and this provoked a hard reaction from the regime: to weaken the position of the Workers Commissions. The most representative of these movements was perhaps that two new sectors in the workers' struggles appeared: women, who were organised within the Workers Commissions, and the creation of the Young Workers' Commissions, formed by the apprentices at the naval centres of Ferrol and Vigo. But the proliferation and intensity of the conflicts led also to labour sanctions, dismissals and the suspension of union posts for many workers of the Workers Commissions. All of this "purging" carried out by the government ended in November, when the Supreme Court declared the Workers Commissions illegal due to their subversive nature.

In 1968 the dynamics of mobilisations continued and, in the face of sanctions and dismissals announced by the companies, the Workers Commissions handed out documents where they presented projects for collective bargaining and amnesty for the workers who had been dismissed or detained. This led to the Commissions spreading to smaller factories and workshops using the inter-commissions as a body for local coordination. At the same time, the second General Meeting of the Spanish Workers Commissions took place (1968) and in 1970 the first National Assembly of Galicia of the Workers Commissions was held at Bastiagueiro (A Coruña).

Thus, in the early seventies, the Workers Commissions were already very organised in Ferrol in particular and in Galicia in general, with a secretariat constituted by Amor Deus and Rafael Pillado from Bazán for Ferrol, Manuel Fernández Andrade from Barreras and Salvador Pérez from Vulcano for Vigo, and Jaime Mondelo from A Coruña.

¹ Minimum wage of 250 pesetas; 44 hour days; suspension of temporary contracts; equal salary for the young and women; safety at work and social demands, such as social security, health insurance, house and political and union rights, right to strike, freedom and amnesty. Gómez Alén, J., *As CC.OO. de Galicia e a conflictividade laboral durante o franquismo*, Xerais, Vigo, 1995, p. 94.

The labour protests took place between 1970 and 1971 and also reached the Galician countryside. In Ourense and Pontevedra the rural Commissions began a fight against the payment from the agricultural quota of Social Security, the "Don't pay", and repression also reached this movement. In 1973, the Comisi3ns Labregas (CC.LL.) (Farmers' Commissions) were born and in this same year the LESA-CLESA milk factory in Caldas de Reis opened.

Boom and repression of the labour conflict (1971-1975)

From the beginning of the '70s, the Galician workers' movement had already moved on to openly demand political liberties and demonstrations against the repression, targeted primarily against members of the CC.OO. A large number of intellectuals joined the protests and also began to mobilise against the arrests, the huge number of dismissals and abuses that the working class suffered in general terms. A commission of sixteen of them, among whom was X. Alonso Montero, signed the document and presented it to Cardinal Quiroga Palacios¹.

The fights of 1970-71, directed by the CC.OO., led, above all, to the consolidation of this union as a medium for negotiation for the workers in the conflicts, in spite of their theoretical ban². Thus, in the union elections in 1971, the role developed by CC.OO. was that of leadership. This electoral process was characterised by three aspects that should not pass unnoticed: the environment of the beginning of the end for the Franco regime, a growth in the naval sector and once again the crisis from 1973. In this environment is where the CC.OO. decided to displace the vertical union and replace it with a Unique Central Trade Union. First they placed the demands of the fight for freedom, amnesty and the Statute of Autonomy, which was put on the table at the second National Assembly of Galicia of CC.OO., held in S3samo in November 1971.

Ferrol (Baz3n), February 1972

When the seventies began, the Ferrol shipyard Baz3n was already impregnated with a "Baz3n culture" from the socio-economic importance that the shipyard had for Ferrol and the region and the tradition of the social struggle.

1972 began with a discussion about the agreement at Baz3n, which had a workforce of 5000 workers. But the company refused to negotiate a business agreement in Ferrol and presented the workers, in January 1972, with the proposal of travelling to Madrid to sign the agreement (the fifth one), a place which provided all the advantages: because they would be separated from their representatives and because their workmates from Cadiz and Cartagena voted in favour of the verticalist option, in short for the State.

In February, the workers opposed the decision of the president of the National Metalworkers Union and abandoned their shifts of 12 hours and overtime. On day 7, the company announced the signing of the inter-provincial agreement in Madrid the previous day, without the presence of the Ferrol jury and, on day 9, the workers assembled in the factory and declared that they were on strike. Armed police responded violently against the workers and a state of tension and fear led to a deplorable situation, with a stampede of people who were fleeing from the blows that the armed force was

¹ *Mundo Obrero* 15.05.1971.

² *A Voz do Pobo*, 05.04.1971.

handing out. For Manuel Amor, the leader of the jury, "day 9 was an unequal battle where the workers were carrying sticks as if we were animals. It was terrible"¹.

The next day, March 10, the workers sat down at the factory gate to negotiate, but once they saw that they were not welcome they decided to seek solidarity with their workmates at Astano and with any workers that they met along the way. The police, faced with a situation of tension and their own numerical inferiority, opted to shoot. The shameful result was two dead men (Manuel Rey and Daniel Niebla) and thirty injured, four of them seriously. The city was paralysed for days.

In the days following, solidarity spread across the whole of Galicia and even across the rest of the country, where there were protests. In European embassies, gatherings of support were convened and Aid Committees and fund raising were organised. After the funerals of the dead, the detentions and fines began.

Vigo, September 1972

In Vigo, the conflicts began with unemployment in Barreras due to delays in the discussions for new agreements, coinciding with the effects of the conflict in Ferrol. But it was in the month of September when the true worker pressure with partial unemployment led to the dismissals of workers with union posts and other workers. Employees of Vulcano and companies in the region were added to the strike process. On day 15, a general strike was called which reached the entire city. At a meeting of the vertical union, they learned of the order from the president Carrero Blanco to head off the workers' movement. The workers remained united and, in the face of repression, held secret meetings and assemblies including in the mountains, at A Madroa.

The strike had been going for fifteen days and from day 25 the workers went back to work, once repression and the threats of dismissals blocked the action of the strike itself. The workers maintained the boycott of overtime and slowed down the work rate.

Just as had happened in Ferrol, in the case of Vigo a solidarity movement also emerged, in which the outstanding event was the activity of a group of lawyers, who took charge of the defence of people under arrest and more than four hundred defendants, of which one hundred and twenty-five were union appointments.

The general appraisal of these strikes was very positive because, finally, it seemed evident that the vertical union had no further use, although repression was severe and the Galician workers' movement entered a phase of depression. But the events of March 10 in Ferrol and the general strike of September in Vigo opened spaces of freedom in Galicia; and were perhaps the episodes that most symbolically opened the transition to democracy.

Repression at the end of the regime

In the following years, 1973 and 1974, the CC.OO. recovered little by little from the repression of 1972. From 1973 the Great Area of Industrial Expansion in Galicia was created and labour conflict returned to the factories. The difficulties faced at Astano, created in 1941 by the naval architect José María González-Llanos, had led the Instituto Nacional de Industria (INI) to take control of 60% of the capital in 1972.

¹ *O Sal da Terra: unha historia do sindicalismo galego*, directed by: Valentín Carrera; script: Antonio Lodeiro, Luis Liste and Valentín Carrera. Teo (A Coruña): Ibis Television Productora, D.L. 1997.

In 1974 the first demonstrations against the nuclear power plant project at Xove took place, The iron and steel works company Sidegasa was created and the multinational Sanders absorbed the company Gallega de Piensos. The Unión de Traballadores do Ensino (UTEG) (Union of Education Workers in Galicia) was also born.

A Coruña also underwent the labour conflict, with unemployment in factories such as Cross, Genosa, Pebsa, Intelsa, Fertiberia and even the shell fishermen in Ponte Pasaxe, who protested against the plan shell fishermen and personal plots, the start of the Seafaring Commissions.

The protests spread in general, across Galicia and then Lugo, where the CC.OO. began to get a hold in Figsa, Abella, Manosa and Correos.

January 1973 would see the start of the organic strengthening of the Commissions from the third National Assembly of Galicia, where the rights of Galicia as a nationality through a Statute of Autonomy were now looked at, as well as the labour struggle¹. All of these demands continued in the program at the fourth National Assembly, held in May 1974 and where the CC.OO. now openly declared its autonomy and socio-political character on the way to building a Unique Central Union with unitary action and the democratic election of all their organs². When 1975 arrived, we could say that the weakness of the CC.OO. meant that it had been overcome. In this year there was a general strike at the power station in As Pontes, Endesa.

General characteristics of the Spanish workers' movement during Franco's regime (1966-1975)

Some basic characteristics of the Spanish workers' movement during Franco's regime are the following:

1. The communists were responsible for maintaining the fight for freedom and the defence of labour rights through the CC.OO, which achieved stability as a union movement from 1966 and up to the democratic transition they organised the Galician workers' movement almost exclusively.

2. The naval sector should be positioned alongside this new union movement right from the start, as it was this sector that led the way in a true mobilisation against the Franco regime. From the seventies, other industrial sectors were added to these demands, such as the canning industry and even agriculture.

3. The episodes of strikes in the decade between 1965 and 1975 show that the activity of protesting depended on two factors: mobilisation resources and collective bargaining.

The appearance of labour relations through collective bargaining came to be the great opportunity for the workers' mobilisation. On being established as the main mechanism for setting salaries and working conditions, the representatives of the workers went on to negotiate collective bargaining agreements with businessmen and their representatives. This was how the union opposition established a direct relation with salaried staff and promoted the defence of their demands within a legal framework to improve the economic situation and finally achieve political and union freedom, in

¹ The basic program of the labour fight implied a minimum wage of 500 pesetas, 40 hours per week, 100% of the salary in case of illness and accidents, one month of holidays, retirement at the age of 60, health and safety measures and conditions and union and political liberties.

² From this time on, the fight for democratic transformation, amnesty and Autonomy came to occupy an important place in labour demands.

direct relation to what was happening in the rest of the workers' movement in the country.

Table 1: Strike movement and collective bargaining (1966-1975)

Motive for the strike			Structure of the CC.OO.			Collective bargaining agreement		
	No.	%		No.	%		No.	%
Agreement	33	64.7	Structure	49	96.10	From the company	33	64.7
Working conditions	18	35.3	Without structure	2	3.9	Provincial	18	35.3
Total	51	100	Total	51	100	Total	51	100

Source: Lago Peñas, P., “La movilización sindical como dilema estratégico: una explicación del movimiento huelguístico durante el franquismo en Galicia (1966-1975)”, in *Revista de Estudios Políticos*, no. 133, CEPC, Madrid, July-September 2006, pp. 143-165, p. 147.

The whole of the capitalist system suffered a significant economic crisis from 1973 which meant a recession for international trade that was also felt in Galician industry. The naval sector suffered very directly with the start of the crisis as national and international demand reduced¹; but at the height of 1975 company agreements continued being the subject of debate that led to the mobilisation of the workers².

In October 1975 the last union elections of the Franco regime took place. Both the UGT, which still had a very weak presence in Galicia, and the SOG, in its formation process, were declared followers of abstention. The unitary candidacies presented by the Commissions around the labour protests of the fourth Assembly received massive votes in the Galician shipyards and supported by other sectors such as the textile, ceramics, chemical and transport industries. The USO also achieved significant results in these elections. In spite of the bonds imposed by the Vertical Union, the results were very positive for the Commissions, which allowed them to secure a significant number of posts in the local and provincial Unions of Workers and Technicians (UTTTT), recovering, therefore, a presence on the company juries. In this way, it was possible, from this organ of union representation and other subordinates, such as the UTTT of the Union of Metalworkers in Ferrol, for them to be mobilised the following year, in 1976, to lead the way in the first strike for the negotiation of a provincial collective bargaining agreement in Galicia.

List of abbreviations

CC.LL.	Farmers' Commissions
CC.OO.	Workers Commissions
CNT	National Confederation of Labour
INI	Instituto Nacional de Industria
PC	Communist Party
PSOE	Spanish Socialist Workers' Party
SEU	Spanish University Union
UGT	General Workers' Union

¹ For more on this subject see Carmona Badía, X. and Nadal, J., *El empeño industrial...*, op. cit., pp. 307-330.

² *A Voz do Pobo*, no. 4, 18.02.1975.

USC	University of Santiago de Compostela
USO	Unionists Workers' Association
UTEG	Union of Education Workers in Galicia
UTTTT	Unions of Workers and Technicians

Quoted newspaper sources

A Voz do Pobo

El Pueblo Gallego

Mundo Obrero

Nova Galicia

Poder Obrero

Bibliography

Alonso Álvarez, Luis 1980, “As eleccións sindicais no noso país”, *Terra e Tempo, Órgano do comité Central da Unión do Pobo Galego*, no. 78.

Barral Martínez, Margarita 2007, “O período franquista: dos anos do chumbo ao novo sindicalismo”, in Ramón Villares (ed.), *O mundo do traballo en Galicia*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela (FEUGA) – Consellería de Traballo, pp. 93-123.

Barreiro Fernández, Xosé Ramón *et al.* 1990, *O movemento obreiro en Galicia. Catro ensaios*, Xerais, Vigo.

Buxán, Fuco 2004, *Julio Aneiros, la lucha imprescindible*. Edicións Embora, 2004.

Cabrero, Claudia 2004, “As mulleres e as folgas: modalidades de participación feminina na conflictividade laboral durante a dictadura franquista”, in *Dez-eme*, no. 8, Santiago de Compostela, pp.19-24.

Carmona Badía, X. and Nadal Oller, J. 2005, *El empeño industrial de Galicia. 250 años de historia, 1750-2000*, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza.

Diéguez Cequiel, Uxío-Breogán 2010, “O mundo do traballo e a organización de clase na postguerra e o primeiro franquismo (1936/39-1960)”, in *Síntese histórica do movemento obreiro galego*, Santiago de Compostela, FESGA, pp. 27-46.

Giráldez Rivero, Xesús 1986, “O movemento obreiro en Vigo na Primeira Guerra Mundial (1914-1917)”, in *Grial*, no. 92, Vigo, Galaxia, Vigo, pp.172-186.

Gómez Alén, José and Santidrián Arias, Víctor 1993, *O 10 de Marzo: unha data na Historia*, Fundación 10 de Marzo, Santiago de Compostela, Tórculo.

Gómez Alén, José 2005, “Manuel Amor Deus. Aproximación a unha biografía da resistencia obreira ao franquismo”, in *Dez-eme*, no. 10, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo, pp. 42-60.

----- 2001, “Condición, traballo e xénero na emigración española dos anos sesenta”, in *Dez-eme*, no. 4, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo, pp. 22-31.

----- 2001, “O conflito laboral na Bazán de Ferrol em 1972”, in *Dez-eme*, no. 3, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo, pp. 65-78.

----- 1995, *As CC.OO. de Galicia e a conflictividade laboral durante o franquismo*, Xerais, Vigo.

----- 1993, “Las Comisiones Obreras de Galicia y la oposición al franquismo (1962-1978)”, in David Ruiz (dir.), *Historia de Comisiones Obreras (1958-1988)*, Siglo XXI, Madrid, pp. 259-289.

Iglesias Martínez, J.M. and Santidrián Arias, V.M. 2006, *A autoridade da palabra. Biografía do comunista Paco Filgueira (1920-1976)*, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo.

- Juana, Jesús de and Castro, Xavier 1986, *IIIª Xornadas de Historia de Galicia: Sociedade e Movemento obreiro en Galicia*, Ourense, Deputación Provincial de Ourense.
- Lago Peñas, Pedro 2006, “La movilización sindical como dilema estratégico: una explicación del movimiento huelguístico durante el franquismo en Galicia (1966-1975)”, *Revista de Estudios Políticos*, no. 133, Madrid, CEPC, pp. 143-165.
- Lanero Táboas, Daniel and Cabana Iglesias, Ana 20-22 September 2006, “Los marcos de movilización en la Galicia rural del tardofranquismo (1960-1977): las luchas contra la cuota empresarial de la Seguridad Social agraria y la construcción de embalses”, in *VIII Congreso AHC*, Vitoria, (unpublished).
- Nogueira Abad, Camilo 1977, *Población y desarrollo económico en Galicia*, Santiago de Compostela, Sodiga.
- Pereira, Dionisio and Fernández, Eliseo 2006, *O movemento libertario en Galiza (1936-1976)*, Vigo, A Nosa Terra.
- Pereira, Dionísio 1998, *Sindicalistas e rebeldes*, Vigo, A Nosa Terra.
- 1992, “Remesas de emigrantes e movemento obreiro”, in *Cuadernos A Nosa Terra*, no. 13, Vigo, A Nosa Terra, pp. 13-16.
- Quintana Garrido, Xosé Ramón 1993, “Movimiento Obreiro, socialismo e historia social (algunhas reflexión para hoxe)”, in *A Trave de Ouro*, no. 14, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Ramil, R., Pérez, F.J., Rodríguez-Villasante, J.A., Granados, J.A. and Lloca, G. 2005, *Historia de Ferrol*, A Coruña, Vía Láctea, 1998.
- Rodríguez Gallardo, A. 2005, *As vidas de Enriqueta Otero Blanco*, Lugo, Concello de Lugo.
- Santalla López, Manuela 1996, *Historia da UGT de Ferrol e comarca (1890-1972)*, Santiago de Compostela, Fundación Luis Tilve.
- Santidrián Arias, Víctor Manuel 2001, “Sobre a Historia do movemento obreiro en Galicia”, in *Dez-eme*, no. 3, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo, pp. 29-35.
- Vega García, Rubén 2003, “Profundando nas folgas do 62”, in *Dez-eme*, no. 6, Santiago de Compostela, Fundación 10 de Marzo, Santiago de Compostela, pp. 105-106.
- (coord.) 2002, *Las huelgas de 1962 en España y su repercusión internacional*, Oviedo, Ediciones Trea – Fundación Juan Muíz Zapico.
- Villares Paz, Ramón 2004, *Galicia siglo XX*, A Coruña, La Voz de Galicia.
- 1996, *Historia de emigración galega*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.
- Various authors 2001, *Organización e movilización dos traballadores durante o franquismo. A folga xeral de Vigo do ano 1972*, Santiago de Compostela, USC - IDEGA.

Movimento docente no Brasil: os limites das suas palavras de ordem – cidadania e democracia já. *Maria de Fátima Rodrigues Pereira*¹

Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo (Karl Marx. Ad Feuerbach).

O Brasil viveu, na década de 1980, um complexo processo histórico marcado, pela já reestruturação do capital monopolista em nível mundial que entre outras decorrências, afetava o Estado brasileiro na captação de empréstimos externos.

Neste contexto, ao ser elevado o grau de exploração da força de trabalho ocupada, ao ser ampliada a submissão dos trabalhadores ao capital, ao elevar-se a massa de assalariados e ao gerar-se uma superpopulação relativa com rapidez ainda maior, pelo emprego de métodos de trabalho produtor de mais-valia relativa – obrigou-se a classe trabalhadora a ampliar os espaços coletivos de defesa de seus interesses. (Neves, 2002, p. 12).

O clima era de tensão em todo o país. A situação econômica agravada por altos índices inflacionários corrompia o poder aquisitivo da classe trabalhadora. Por todo o país, entre janeiro e outubro de 1979 se alastraram movimentos grevistas. Logo no início do Governo Figueiredo, 160 mil metalúrgicos do ABC entraram em greve, reivindicavam um aumento salarial de 78%. Em maio do mesmo ano cerca de 10 mil estudantes faziam em Salvador – BA, o Congresso Nacional dos Estudantes, sinal de reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE). Em junho, foi a vez de 100 mil professores de Pernambuco e Minas Gerais. Além dos bancários, haviam parado em Porto Alegre, vigilantes, calçadistas, costureiras, caminhoneiros. Num processo de abertura do regime em agosto de 1979 foi promulgada a anistia parcial e restrita, seguida, em setembro, pela nova Lei Orgânica dos Partidos.

Movimento estudantil

Neste contexto, e como sinal da existência de forte oposição aos rumos políticos e econômicos no Estado de Santa Catarina e do país, que, ao final da década de 1970, os estudantes do Diretório Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e alguns professores que os apoiavam se manifestaram em Florianópolis.

O cenário desta manifestação teve como pano de fundo a presença, no Estado de SC, do Presidente da República de então, general Figueiredo, o último dos presidentes militares a convite do governador Jorge Konder Bornhausen, que desejava atrair o governo federal para o projeto da construção da Siderurgia do Sul Catarinense – Sidersul. Florianópolis foi, então, palco de uma manifestação que reclamava que as oligarquias tinham que se compor com o “cheiro do povo”. Anunciada com pompa e circunstância pela imprensa, a visita, cujo “ponto alto seria um churrasco de milhares de talheres” (Auras, 1991), acabaria se transformando num sinal de que os ventos estavam mudando no cenário político brasileiro e catarinense. A “Novembrada”, como ficou conhecida por acontecer no dia 30 de novembro, compõe o quadro do cenário de resistência à política governamental que teve no movimento docente protogonismo cujos motes foram democracia e cidadania que nos ocupam neste texto.

Os preparativos da festa que motivou a manifestação acima referida, para a chegada

¹ Professora do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Tuiuti do Paraná/Brasil.

da comitiva presidencial foram grandes; o cenário foi montado com atores principais, com aqueles que estavam no poder e com os coadjuvantes – o povo e os funcionários públicos trazidos de todo o Estado. Algo de festa encomendada estava no ar: um balão de gás hélio, suspenso bem alto no aterro da Baía Sul, que custara 57 mil cruzeiros, saudava o presidente; bandeirolas nas mãos de crianças e funcionários públicos; camisetas estampadas com o nome do presidente e do governador; fogos de artifício beiravam a farsa e a provocação. Em frente ao Palácio Cruz e Souza, sede do governo do Estado, populares quando entrevistados pela televisão declaravam abertamente o seu inconformismo; no trecho costeiro um grupo de donas de casa recebeu a comitiva presidencial com sonoras batidas em suas panelas vazias (Srouer, 1982, p. 82). Num momento em que o governo do Estado apostava na saudação ao militar presidente, cerca de 30 estudantes do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ergueram seis faixas de protesto, com dizeres relativos às condições de vida: “Abaixo a fome”, “Não sorria, a panela do povo está vazia”, “Chega de sofrer, o povo quer comer”, “Abaixo a exploração”, “Por melhores condições de trabalho”, “Mais arroz e mais feijão”. É com o texto vivo de Robert Henry Srouer, com colaboração de Remy Fontana, que, hoje nos transpomos de forma que presenciemos os acontecimentos. Na praça aglomeravam-se em torno de 4 mil pessoas: funcionários públicos, escolares, engraxates, motoristas de táxi, muitas crianças, lúmpen das favelas incrustadas nos morros que circundam o centro de Florianópolis, manifestação do êxodo do campo e da exclusão social do homem do campo, office boys, guardadores de automóveis, comerciários, aposentados.

Os estudantes tinham preparado um panfleto cuja viga mestra era a carestia de vida, distribuído entre os presentes na Praça XV de Novembro. Ao ato do desfraldar das faixas veio a repressão. O presidente e o governador na sacada do palácio fazendo discurso que já era respondido com os slogans estudantis com ecos aqui e ali de coros que os repetiam. De modo geral, os populares acantonados na praça podiam ser divididos em três fatias: os raros, que aprovavam os discursos e as manifestações oficiais com aplausos, talvez um quinto que participava ativamente das vaias e protestos e que, aos poucos, agregava adesões, a maior parte dos presentes, curiosos e cúmplices, a um só tempo, atentos ao desenrolar do evento e endossando tacitamente as palavras de ordem (Srouer, 1982, p. 887-888). Com a descida do presidente, do governador, das comitivas e dos seguranças do Palácio do Governo – entre apupos, vaias e apoios tentaram fazer discursos - para o calçadão da rua Filipe Schmith, para visita ao Ponto Chic, um café que se encontra a duas quadras do palácio e denominado “Senadinho” – tradicional ponto de encontro de políticos, intelectuais, boêmios e aposentados, onde o presidente receberia o diploma de amigo do “Senadinho” –, as manifestações se transformaram em xingamentos pessoais. Não eram mais os estudantes, mas populares, com destaque para moleques engraxates, guardadores de automóveis e office boys. Assim que o general saiu do café, as palavras de ordem se converteram em palavrões. Figueiredo parou, tirou do bolso um lenço e passou-o no rosto vermelho. Depois, inesperadamente, enfrentou um jovem de cabelos compridos que o insultou cara a cara: “Ofensa pessoal eu não admito, minha mãe não tem nada a ver com isso.” (Srouer, 1982, p. 94). Ainda conforme Srouer (1982, p. 95), a muito custo o presidente foi retirado do meio do tumulto: quatro policiais se empenharam na tarefa de abrir caminho até o carro oficial, que partiu em alta velocidade, rumo ao município de Palhoça, distante 12 quilômetros da capital. Manifestantes concentrados na Praça XV de Novembro formaram então um “corredor polonês” e passaram a chutar e a dar murros nos últimos carros da comitiva. Vários veículos acabaram extraviados. Porém, a saída das autoridades federais e estaduais não aplacou a ira popular; ao contrário, a partir daí os

manifestantes se apoderaram da praça e acuraram os policiais militares. Todas as faixas de saudação foram arrancadas, rasgadas e queimadas, num delírio festivo. O Palácio Cruz e Sousa foi atacado com pedras e paus, lançados, principalmente, contra os vidros das janelas e contra a sacada onde havia estado o general. O presidente da Ordem dos advogados do Brasil (OAB) - SC tentou intervir, advertindo que toda “desordem só vai prejudicar” e foi vaiado. Insistiu, apelando para as manifestantes que acabaram aplaudindo-o em coro: “Ele é nosso, ele é nosso”. Um vereador arenista, por sua vez, bastante revoltado, insultava os populares, chamando-os de “comunistas”. A situação se tornou então divertida, porque um quiproquó se formou: induzida em erro, na crença de que o vereador apoiava suas ações, a multidão o carregou nos ombros. Este levantava os braços, apalermado, agradecendo por ser a estrela involuntária de um desfile em plena praça. O mesmo aconteceu com um mendigo, eleito “presidente”. Os coadjuvantes eram, agora, atores principais. Ao meio-dia 20 professores da UFSC desceram à rua, em frente ao palácio, portando cartazes que reivindicavam melhores salários para os docentes universitários. A demonstração trouxe novo alento aos populares. Tanto assim que alguns deles desceram correndo em direção ao parque do aterro que medeia a Praça XV de Novembro e a Baía Sul, onde balançava um balão de gás hélio, com dizeres irônicos: “João, presidente da conciliação”. Puxado para baixo e estourado, o balão foi arrastado pela rua e despedaçado.

Eis o cenário do início do processo conhecido como “democratização na educação catarinense”, durante o qual os professores estaduais propuseram que o Estado se onerasse com formação deles, reivindicaram participação de representação na Secretaria de Educação e no CEE e desvinculação da educação da formação para a produção. Nesse cenário complexo, contraditório, de fortes movimentos sociais reivindicatórios, o controle e a desoneração do Estado foram questionados pelos educadores organizados num movimento marcado por greves, que se desdobrou no que ficou conhecido como Planejamento Participativo, e pela elaboração do terceiro Plano de Educação para o Estado de Santa Catarina.

Movimento dos Educadores e seu mote: democracia e cidadania

Os educadores organizados, principalmente, na Associação dos Licenciados de Santa Catarina (Alisc), face a uma desvalorização de 328% acumulada entre os anos de 1969 e 1983 faziam a primeira greve no começo da década de 1980, no governo Jorge Konder Bornhausen (1979-1983). No interior do Estado a adesão à greve pela primeira vez foi grande. No inverno rigoroso, na cidade de Caçador situada no planalto do meio – oeste do Estado, as professoras grevistas, quase sempre reunidas nos salões paroquiais das igrejas católicas, enquanto cantavam músicas de protestos e ouviam os líderes da greve tricotavam casacos de lã para vender e, assim, sustentarem a greve.

Concomitantemente, seguia a organização do movimento, a reivindicação de um Planejamento Participativo, a participação na elaboração do Plano Estadual de Educação.

Neste processo, o mote foi constituído por duas palavras: democracia e cidadania.

Ainda que democracia seja aparentemente uma forma exclusiva do Estado na ordem burguesa (pode haver outras formas, como a ditatorial), na verdade, e conforme Lenine (1980), no seu texto Estado e Revolução, o Estado burguês não foi o único tipo de Estado de classe a poder organizar – se, alternadamente como democracia e como ditadura. Além das democracias burguesas, existem, igualmente, democracias escravistas (exemplo de Atenas) e democracias feudais (exemplo das Repúblicas italianas na Idade Média).

Evidentemente, para Lenine esses diferentes tipos de democracia não se equivalem. Num Estado burguês, a democracia é mais desenvolvida (ampliação, extensão) que em qualquer Estado pré-burguês (escravista, feudal); é que, se todos os tipos de democracia têm em comum o fato de implicarem uma participação mais ou menos ampla da classe exploradora, apenas a democracia burguesa permite um mínimo de organização à classe explorada. Na democracia burguesa, direitos como liberdade de reunião, de associação, de palavra e de imprensa, são usufruídos, prioritariamente, pelas classes proprietárias que dispõem de prédios, meios de comunicação, dinheiro e tudo quanto seja necessário para transportar essas liberdades do plano da Constituição para o plano da prática cotidiana de classe; mas a classe explorada pode, graças a um esforço coletivo, chegar a usufruir minimamente desses direitos e a constituir, assim, alguma forma de organização da luta contra a classe exploradora. Lenine nos revela, portanto, o duplo aspecto da democracia burguesa: de um lado, o seu caráter de classe, do outro, o seu maior desenvolvimento, comparativamente às democracias pré-burguesas.

Mas, e também, se a república democrática é a melhor forma política de Estado para o proletariado em regime capitalista, não se pode esquecer que a democracia só é legítima, para a classe trabalhadora, quando apresenta duplo sentido: a proteção das instituições democráticas, mas também a sua superação.

É preciso atribuir, portanto, as devidas finalidades à democracia.

Deste ponto de vista, cidadania coloca – se em relação a sociedades onde há conflitos de classes. Diz respeito às relações com o Estado, que é a maneira como as sociedades atravessadas por interesses antagônicos organizam os seus conflitos. Nas sociedades antigas, gregas e romanas, houve fortes lutas para a ampliação de direitos de pertença à polis; no caso da Grécia, a politeia, no caso de Roma a civitas englobava a cidade e o Estado. “Se para os gregos havia primeiro a cidade, pólis, e só depois o cidadão, polites, para os romanos era o conjunto de cidadãos que formava a coletividade” (Funari, in: Pinsky, 2003, p. 50). Na Idade Média cidadania dizia respeito à pertença ao mundo cristão, já que a ordem se fazia pelas relações com Deus mediadas pela Igreja Católica Apostólica Romana. É no contexto da modernidade e na constituição dos Estados modernos, quando a política desce do céu à terra e se estabelece a ordem burguesa, que temos de entender o conceito de cidadania, porque a ordem, hoje, ainda é burguesa.

A Revolução Francesa consagrou o termo *citoyen* em oposição a súdito na relação com o Estado absolutista em que o Estado era o rei. “*L’État c’est moi*” dizia Luis XIV: era a ele que os súditos se dirigiam. Fundamentada inicialmente nos princípios do movimento iluminista de igualdade, fraternidade e liberdade, a cidadania foi se fazendo, no confronto intenso dos interesses das classes sociais e suas subdivisões, frações de classe. Conformou-se com processos, entre outros, quando da perda da hegemonia pelos jacobinos e Conspiração dos Iguais. Efetivamente, se pela voz de Grachus Babeuf (1760-1790), ex-jacobino, se “propunha uma nova revolução – ‘a última, a definitiva’ –, que extingiria o direito à propriedade privada da terra e firmaria o princípio socialista (o termo ainda não era usado)” (Konder, in: Pinsky, 2003, p. 172), isto não aconteceu.

Como fica demonstrado, a conquista dos direitos de cidadania inscrevem - se nas lutas históricas das classes trabalhadoras na ordem burguesa. O desfecho do processo da Comuna de Paris, que iniciou em março de 1871 e por 72 dias governou a cidade, foi a demonstração cabal de que cidadania, tal como era entendida e vem sendo feita, é, como democracia, o possível nos conflitos entre as classes trabalhadoras e o capital, na ordem burguesa.

Portanto, os limites e alcances da cidadania dependem da correlação dos interesses e das forças entre o trabalho e o capital.

Neste processo, as ideologias atuam como poderosos instrumentos de hegemonia, de formulação de consentimentos as ideologias. Conforme Marx e Engels, as idéias (Gedanken) da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritualmente dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, concebidas como idéias: portanto, a expressão que torna uma classe em classe dominante; as idéias de sua dominação (Marx, Engels, s/d, p. 55-56).

Paradoxo da democracia e cidadania na ordem burguesa

Os movimentos sociais, e o que apresentamos estruturou-se assim, são coletivos de sujeitos que estão em relação entre si e em movimento; que se formam a partir de um processo motivador de suas necessidades concretas de subsistência e ou de existência; que têm no confronto e na solidariedade, contrários necessários ao crescimento do grupo: de um lado a solidariedade como condição de identidade e fortalecimento da coesão do grupo; do outro lado o confronto, permitindo reconhecer as relações de desigualdade e dominação necessárias à percepção do conflito e ao aprendizado no lidar com tais conflitos na busca libertadora.

O movimento docente que analisamos empunhou bandeiras de democracia e cidadania. Cunhou sua luta com “extensa e profunda participação”. Uma participação que exauria pelas limitadas conquistas no governo da educação no Estado de SC e presença efetiva nos aparelhos do Estado, reivindicações negadas pelo próprio governo constituído, paradoxalmente, em nome da democracia e da cidadania.

Na verdade, o paradoxo da democracia e cidadania na ordem burguesa reside na promessa-simulacro da igualdade no poder de governar e usufruto dos bens socialmente produzidos, quando se mantêm a posse privada dos meios de produção.

Democracia e cidadania, por si só, não dão conta de efetivas mudanças emancipatórias, pois, não anulam por superação as lutas de classe, ao contrário, constituem-se em ideologias que escondem a contradição entre os projetos históricos dos trabalhadores e dos capitalistas. O úmido que alimenta a democracia e a cidadania é justamente a desigualdade dos homens na posse dos bens necessários à vida, sem, contudo, atingir a sua superação. O mote democracia e cidadania é um invólucro ideológico que serve à regulação dos conflitos latentes, soterrados no limbo das disputas políticas parlamentares e eleitorais dos partidos políticos, daí o paradoxo entre o que promete de igualdade e sua concreticidade ao manter, regular e administrar a desigualdade. Democracia e cidadania tal qual as conhecemos têm suas existências alimentadas pela contradição entre a socialização do trabalho e a apropriação individual e privada dos frutos do trabalho social, bem como a contradição crescente da produção e apropriação da cultura historicamente produzida. Enfim, “O proletariado a camada mais baixa da sociedade atual, não pode erguer-se, por-se de pé, sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade atual” (Marx, Engels, 1998, p. 50).

Referências Bibliográficas

AURAS, Marli. Poder oligárquico catarinense: da guerra aos “fanáticos” do Contestado à “opção pelos pequenos”. 1991. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

LENINE, Vladimir Ilich. *Obras escolhidas*. v. 1. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Organização e introdução Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. *Ideologia Alemã*. Crítica da Ideologia Alemã mais recente na pessoa de seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas. Portugal/ Brasil: Editorial Presença/ Livraria Martins Fontes, s/d.

NEVES, Lúcia Maria W. (Org.). *Brasil 2000. Nova divisão de trabalho na educação*. São Paulo: Xamã, 2000.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

SROUR, Robert Henry; FONTANA, Remy (Colaborador). *A política dos anos 70 no Brasil: a lição de Florianópolis*. São Paulo: Econômica Editorial, 1982.

La conflictividad social en la España de la II República, entre la regionalización y la segmentación. *Martí Marín Corbera*¹

En el espacio que corresponde a una comunicación resulta completamente imposible abordar lo que el título sugiere. Lo que vamos a intentar aquí es, solamente, una reflexión ejemplificada sobre como los grandes discursos, fundamentalmente políticos, sobre la dinámica de la II República española y, en particular, sobre el período de guerra continúan enmascarando una realidad extraordinariamente compleja por lo que respecta a la conflictividad social, una complejidad, además, marcada por la regionalización extrema de esa misma conflictividad. Los instrumentos que utilizaremos no son, en cualquier caso, nueva investigación, sino una relectura de las síntesis interpretativas a la luz del trabajo monográfico regional y local sobre la conflictividad social. Llegaremos, pues, al final, con un intento de relectura provisional que pretende incorporar definitivamente al discurso general la influencia de los marcos locales y regionales que, lejos de ser versiones a escala de dinámicas globales, condicionaron gravemente su misma existencia.

Demasiado a menudo se limita la interpretación de la conflictividad social en la España de los años treinta y, en particular, del período de la II República, a una lectura de la misma que acompañe la narración de los acontecimientos políticos. De esta manera, por ejemplo, las luchas laborales quedan difuminadas, en sus causas y lógicas de funcionamiento, por una cortina de perspectivas políticas dicotómicas (reforma/revolución) y se olvidan las, cada vez mejor estudiadas, circunstancias locales, regionales, de sector de la actividad, etc. Este fenómeno culmina en la explicación de la “revolución” de octubre de 1934 o bien de la del verano de 1936, provocando una visión del movimiento obrero organizado de la España de aquellos años caracterizada por el “radicalismo”, el “revolucionarismo” y el desinterés generalizado por cualquier tipo de “solución reformista”, así en Madrid (JULIÁ 1984) como en Barcelona (EALHAM 2005).

No cabe negar la relevancia que corresponde a esta visión clásica, aunque se haya desarrollado en sentidos diametralmente opuestos según se optara por justificar a los golpistas con razonamientos más o menos elaborados (PAYNE 2005) o con poco más que sus argumentos originales, (DE LA CIERVA 2003; MOA 2004), por defender a los gobiernos republicanos a través de sus figuras consideradas moderadas (JACKSON 1976; JULIÁ 1990) o del ataque a sus miembros más inclinados al “radicalismo” (PRESTON 1987), por alinearse con opciones revolucionarias (EALHAM 2005) o se opte por un planteamiento híbrido entre estas últimas (BROUÉ y TÉMIME 1962). Pero es posible esbozar, sobre ella, una visión más compleja que desestime definitivamente una visión de las luchas sociales de aquellos años que ha sido contaminada por la “primacía de la política” que se impuso ya en los discursos de los protagonistas y en la memorialística resultante.²

¹ Martí Marín (n.1965). Profesor de la Universitat Autònoma de Barcelona desde 1994 y membre del CEFID (<http://www.cefid.uab.es/>). Especializado en historia social y política de España en el siglo XX. Autor de *Els Ajuntaments Franquistes a Catalunya. Política i administració municipal, 1938-1979* (2000); *Catalanisme, clientelisme i franquisme. Josep Maria de Porcioles* (2005); *Història del Franquisme a Catalunya* (2006) y -con Manel Rísques- *Montjuïc: Memòries en conflicte. El castell, la muntanya i la ciutat* (2008), así como un número considerable de trabajos sobre gobiernos locales, migraciones interiores y comperación entre el franquismo y el fascismo italiano.

² En la bibliografía citada hemos prescindido deliberadamente de la memorialística y de todo tipo de producciones “militantes”.

Despolitizar los conflictos laborales

En la interpretación de los conflictos laborales de los años treinta han pesado tradicionalmente interpretaciones excesivamente politicistas. Ello ha afectado enormemente a la visión que se ha tenido de esa conflictividad, como algo que se desarrollaba a remolque de las opciones tomadas por los distintos grupos de la izquierda política y sindical. De este modo, los diversos ciclos de conflictividad abiertos entre 1931 y 1936 corresponderían, fundamentalmente, a la estrategia que desarrollaban en cada momento la CNT o el PSOE. Hasta hace bien poco, en la lectura de buena parte de los manuales, casi parecía que partes más o menos significativas de la clase obrera industrial y del proletariado rural estuvieran permanentemente disponibles para ser, así, "conducidos" por los dirigentes más hostiles a la consolidación de un sistema republicano constitucional y democrático. Nunca de forma geográficamente homogénea, pero siempre con focos de tensión agudos, los conflictos con violencia se sucedían año tras año para culminar en 1936. Su peso era incomparablemente más duro para el sistema político que el de cualquier golpismo derechista: hasta julio de 1936 solamente la *Sanjurjada* podía oponerse a las sucesivas "revoluciones" de 1932, 1933 y 1934. Esta visión tipo "crónica de sucesos", alimentada por el tópico de una España singular a causa de sus diversos "atrasos", económicos y políticos o a causa de su –no menos singular– espíritu de rebeldía, no puede resistir más el paso de los años y de las investigaciones.

Ha quedado perfectamente establecido el hecho que de las tres insurrecciones anarquistas (enero de 1932 y enero y diciembre de 1933) sólo la tercera respondió a algún tipo de estrategia insurreccional (CASANOVA 1997). La primera –sin víctimas mortales– respondió específicamente a la crisis de la minería del Alto Llobregat –sumada a algunos conflictos rurales dispersos–, de la misma forma que en octubre de 1934 los sucesos de Asturias –que no tuvieron paragon en ningún otro lugar– fueron causados por la situación particular de la minería en esa zona (SHUBERT 1984). La segunda – como la tercera– sólo pueden imputarse al "anarquismo" si se tiene en cuenta que este ya no se encontraba totalmente encuadrado por la CNT, hasta el punto de haber perdido, por escisión, a la mitad de su militancia de 1931 (VEGA 1980, 1987 y 2003; CASANOVA 1997).

Ha quedado igualmente establecido que la "revolución de octubre" de 1934 no fue tal, salvo en Asturias y aún allí con reservas (SHUBERT 1984). Pese al radicalismo verbal del ala *caballerista* del PSOE y las pretensiones revolucionarias de algunos de sus miembros en Madrid –a decir de algunos autores (JULIÁ 1984 y 1987) –, la movilización no tuvo eco en los baluartes rurales de la UGT –principalmente andaluces y extremeños–, que constituían de largo un tercio de su militancia total, dado que habían sido desgastados por huelgas previas poco antes (PRESTON 1987). Ello contradice que los preparativos fueran verdaderamente insurreccionales, como lo corrobora la falta de preparación armada y el hecho de que fuera el "moderado" Indalecio Prieto el único dirigente socialista que intentó hacer acopio de armas a última hora: todo lo cual indica hasta que punto Largo Caballero estaba implementando un gigantesco órdago para deslegitimar al gobierno y provocar –tal vez– unas nuevas elecciones (PRESTON 1987).

Por lo que respecta a Cataluña –el otro gran foco de la presunta "revolución"–, ni la CNT, ni la mayor parte de sus grupos escindidos participaron de forma activa, salvo localmente (MARÍN 2000), y su desarrollo se mantuvo al margen de movilizaciones obreras de consideración en Barcelona (EALHAM 2005), respondiendo a una estrategia política propia del presidente de la Generalitat Lluís Companys (UCELAY DA CAL 1982). Fuera de la capital, y más allá de algunos grupos ligados a la minoritaria *Alianza*

Obrera, fue el sindicato de arrendatarios *Unió de Rabassaires* –nada proletario– quien participó en los hechos con objetivos propios: la ratificación de la nada revolucionaria – al menos en un sentido clásico– *Llei de Contractes de Conreu* (UCELAY DA CAL 1982; DD.AA. 1994).

Ante este galimatías de insurrecciones con carácter local y/o fraccional sin auténtica participación de masas, salvo excepciones muy puntuales -de otro lado, siempre fácilmente controladas por las fuerzas de orden público (CASANOVA 2007) ¿como seguir sosteniendo que algún tipo de proyecto o proyectos revolucionarios, con apoyo obrero y campesino generalizado, marcaba verdaderamente la vida de la II República? Procede establecer una suposición en contrario -y ver si puede verificarse plenamente. Esto es, hasta qué punto las fracciones radicalizadas y violentas de partidos obreros y sindicatos de izquierdas intentaron capitalizar y dar un sentido revolucionario, entre 1931 y 1934, a un conjunto de conflictos plural y –incluso– contradictorio, sin conseguir mayores éxitos, hasta que los sucesivos fracasos condujeron al definitivo abandono de esa vía de finales de 1934 en adelante. De 1935 a 1936 la vida de la República se normalizó hasta el punto que unas nuevas elecciones parecieron consolidar un juego de alternancias en el que, para bien y para mal, no iba a contar el baluarte del centro-derecha hasta ese momento, el Partido Republicano Radical de Alejandro Lerroux (TOWNSON 2002). Lo que sucedería en julio de 1936, tras el fallido golpe de estado –único desencadenante fatal de la guerra posterior y, aún, gracias a la intervención nazi-fascista (MORADIELLOS 2004; VIÑAS 2006; CASANOVA 2007) –, forma parte de otra historia y no es en modo alguno el resultado de años de movilización previa.

Conflictos sociales y tópicos españoles

Los conflictos sociales en la España de finales del siglo XIX hasta los años treinta del siglo XX han sido, aún, insuficientemente estudiados. El estudio de las organizaciones sindicales y políticas, en una historiografía lastrada por la larga dictadura, fue privilegiado a su costa -quizás inevitablemente- durante los años que siguieron a la recuperación de la democracia. Era lógico, no sólo por el olvido –y la calumnia– a que el franquismo condenó a estas organizaciones sino porque ese período intersecular coincidía con su definitiva eclosión. Pero la intensa politización de los años treinta los ha oscurecido aún más.

Son ejemplares, pero escasos, los trabajos de período largo –como sucede con la minería asturiana (SHUBERT 1984)– que nos ayuden a entender, las lógicas sociales de ciertos comportamientos más allá de sus expresiones políticas más aparatosas. Lo que vale para los mineros asturianos en octubre de 1934 vale para los *rabassaires* catalanes o para los jornaleros del latifundio andaluz y extremeño para las mismas fechas. Ni las condiciones de los mineros asturianos, ni las de los *rabassaires* y los jornaleros mencionados habían sido secularmente miserables -salvo si las comparamos con nuestros días, claro está- en relación a trabajadores, arrendatarios, aparceros y jornaleros de otras zonas de España, pese a lo que parecen deducir quienes -da la impresión- no han leído las viejas advertencias de E. P. Thompson sobre las actitudes compulsivas que presuntamente genera el hambre (THOMPSON 1971). De haber sido así la minería asturiana no habría sido foco de atracción migratoria y menos ante la existencia paralela de otras posibilidades laborales en la agricultura y la ganadería cercanas (SIERRA ÁLVAREZ 1990). Del mismo modo, las áreas vitivinícolas catalanas no habrían resistido la atracción de Barcelona y su entorno industrial, como sucedió con otras zonas agrarias del país desde mediados del siglo XIX, que propiciaron la primera gran expansión

demográfica y urbanística de la ciudad en época contemporánea (VICENS VIVES 1958). Incluso el tan denostado latifundio atraía mano de obra y se encontraba en un dinámico mercado de arrendamientos en el cual el tópico *señorito* había cedido su puesto al empresario que pagaba un alquiler al propietario rentista –situación que volvió a invertirse durante la postguerra (NAREDO 1971).

Así las cosas, parece mucho más acertado concluir que nos encontramos ante situaciones de crisis –en el sentido médico del término– en áreas de expansión económica relativamente reciente; crisis ante la cual se agudizan los conflictos y encuentran su forma de vehicular la tensión a través del ejercicio de los nuevos derechos políticos y sindicales que la República ha propiciado. Sería entonces la amenaza a los nuevos derechos adquiridos lo que provocaría la movilización y no ningún tipo de planteamiento previo revolucionario o milenarista, aunque su expresión concreta, en los discursos, pudiera parecerlo. Además, las intervenciones de las fuerzas de seguridad, ancladas en métodos propios de las luchas contra las barricadas del siglo XIX, lejos de contener la violencia llegaban a multiplicarla (CASANOVA 1997). De hecho, ante la violencia de ciertos episodios y las imágenes sesgadas que de ellos ofrecieron sus protagonistas –fundamentalmente–, pero también los primeros historiadores que los exhumaron, aun durante la dictadura franquista y sin suficiente acceso a los archivos, parecería como si España siguiera anclada en un mundo de "horca y cuchillo", medievalizante, sin papel para la modernización política que efectivamente había tenido lugar desde muchos años atrás (ÁLVAREZ JUNCO 1990, DEL REY y CABRERA 2003) y menos aún para una no menos intensa modernización social que también nos resulta relativamente conocida (SERRANO y SALAÜN 2006).

Un caso parecido –de nuevo contra el tópico– acontecería con un conflicto de muy distinto signo, como fue el choque de la Iglesia Católica con el Estado republicano y el recrudecimiento del anticlericalismo popular. La completa y compleja desarticulación de la Iglesia Católica en España y su intenso proceso de secularización a raíz de la revolución liberal –particularmente, aunque no solamente, en Cataluña (GARCÍA ROVIRA 1989; SANTIRSO 1999)– se olvida completamente al centrarse en el estudio de la II República, destacándose únicamente la progresiva presencia del integrismo en la previa sociedad de la Restauración, como si el proceso anterior de pérdida de peso específico eclesial hubiese sido inocuo. Se hace escasa referencia a como la Iglesia Católica no estaba defendiendo "privilegios seculares" sino su nuevo *statu quo* penosamente adquirido durante la larga Restauración (BOTTI 1992), pero sólo consumado con la dictadura reciente de Primo de Rivera (GONZÁLEZ CALLEJA 2005). Sólo así se explican las renovadas referencias a "milenarismos" e "iras sagradas" que se han asociado de forma aún relativamente reciente a la furia anticlerical de verano de 1936 (DELGADO 1992). ¿Como se concilian tales furias atávicas con el hecho de que fuera la desarrollada Cataluña la que viviera la persecución anticlerical más intensa en verano de 1936 y, en cambio esta no se desatara en el País Vasco? (SOLÉ SABATÉ y VILLARROYA 1989; JULIÁ 1999; DE LA GRANJA 2007).

Para el caso del conflicto Iglesia-Estado se han dado ya los pasos necesarios para deslindar la responsabilidad de la jerarquía española de la vaticana en el mismo (RAGUER 2001), al tiempo que se ha establecido cual fue el planteamiento de "coexistencia pacífica" por parte de algunos jefes frente al integrismo mayoritario (JULIÁ 2007), pero se está lejos de establecer el papel que localmente pudo jugar la Iglesia y que llevó a parte de sus fieles a las armas, incluso antes de conocer casos de ensañamiento anticlerical (GRANDIO SEOANE 1998; UGARTE 1998; MARÍN 2000).

Del mismo modo acontece con el debate sobre la autonomía de Cataluña -tenido por algún historiador catalanista como causa directa de la Guerra Civil. No parece que el tema estatutario tuviera otra lógica que instrumental en el discurso de la derecha en 1932 -como hoy en día-, para olvidarse de él después, salvo episódicamente. Al fin y al cabo el conflicto de competencias Estado-Generalitat, que motivó en parte la versión catalana de la "revolución" de 1934, fue provocado por un conflicto interno de las izquierdas y las derechas catalanas, con poco impacto en el resto de España hasta el mismo 6 de octubre (UCELAY DA CAL 1982). Todo ello apunta a la necesidad de conocer mejor a las múltiples *derechas* que ejercieron durante los años veinte y treinta.

Una asignatura pendiente: estudiar las derechas ... y los ámbitos centristas

Cuando de analizar el papel de las derechas en la II República se habla, desde luego que no se parte de cero. Existen numerosos estudios que ilustran sobre la formación y evolución de los distintos partidos que surgieron o que se consolidaron en aquel contexto. Sin pretensión -¡para nada!- de exhaustividad, se han investigado desde el minoritario fascismo de la Falange (ELLWOOD 1984; THOMÀS 1999) a la mayoritaria CEDA (MONTERO 1977; PRESTON 1987), pasando por el carlismo (BLINKHORN 1979), el monarquismo autoritario (GIL PECHARROMÁN 1994) y las opciones más liberales (RIQUER 1996 y 2007; TOWNSON 2002) e, incluso, la interrelación entre las mismas (RODRÍGUEZ JIMÉNEZ 1997). Pero se trata de estudios -de otro lado imprescindibles- que inciden sobre sus dirigentes y su comportamiento en el juego parlamentario y conspirativo y mucho menos en su incidencia social.

Diversos estudios se han ido sucediendo por esta otra senda, en niveles regionales y locales, sin que se disponga aún de cuadros completos y sin que se hayan incorporado suficientemente sus conclusiones al cuadro general. En ellos se apunta a redes sociales de dependencia tanto como de movilización donde las clases medias -esas que presuntamente no existían en España y que hubieran significado, no menos presuntamente, un factor de estabilidad, a diferencia de lo acontecido en Alemania- actúan intensamente y lo hacen en un sentido más violento y sistemático a medio plazo que las tan denostadas militancias obreras radicales. Así sucedió en Castilla-León (CASTILLO 1979) o en el País Vasco y Navarra (UGARTE 1998), como en Galicia (GRANDIO SEOANE 1998) o Andalucía (COBO ROMERO 2004) y, puede que en menor grado, en Valencia (VALLS 1992). Poco sabemos de ellas en Madrid -siempre oculto bajo la política general (BAHAMONDE y OTERO 1989)-, apenas en Cataluña pese a esfuerzos locales muy considerables (CANALES 2006) y, salvo algunas excepciones que se mencionan en la bibliografía, su historia resulta muy poco conocida durante el crucial período de Primo de Rivera.

Caracterizar espacios geográficos limitados de forma pormenorizada para ver las interrelaciones que se establecieron entre unas y otras aspiraciones sociales y sensibilidades políticas es hoy tan importante como lo pudo ser antaño el conocimiento de los partidos y sindicatos y sus élites dirigentes, aunque el vacío que se observa en el campo republicano -a izquierda y derecha-, salvo para la figura de Azaña induce aún a un cierto vértigo: Izquierda Republicana, Unión Republicana, el republicanismo federal, el radicalismo -Lerroux al margen-, el radical-socialismo, agrarios, demócrata-liberales, etc. Todas ellas fueron formaciones parlamentarias que contaron con ministros en sus filas: ¿no tuvieron bases sociales acaso? Si mayoritariamente se alinearon en 1936 con la legalidad republicana, como así fue, tal vez quepa inferir de ello que el temor a los conflictos sociales y laborales no era tan grande en el conjunto de la sociedad española como para marcar, de verdad, la historia de abril de 1931 a julio de

1936. Además de que no parece ofrecer un resultado de "España partida en dos mitades", salvo en términos de coaliciones electorales. La guerra vino a distorsionar esa percepción que parece nítida si pensamos que un ex-ministro de Guerra y de Gobernación del llamado *bienio negro* —¿alguien podía tener mejor información sobre el carácter de la violencia social y política? —, como Diego Martínez Barrio, pudo acabar siendo candidato electo del Frente Popular, presidente del Parlamento durante toda la guerra y presidente de la República en el exilio.

¿Podremos de una vez, rompiendo anomalías, insertar adecuadamente esta historia en una historia europea que —salvo por la guerra y, aun, hasta 1939— no fue menos convulsa ni violenta?

Bibliografía

Álvarez Junco, José 1990, "Redes locales, lealtades tradicionales y nuevas identidades colectivas en la España del siglo XIX" dins A. Robles Egea, (comp.), *Política en penumbra. Patronazgo y clientelismo políticos en la España contemporánea*, Madrid, Siglo XXI.

BAHAMONDE, Ángel y OTERO, Luis Enrique 1989, *La Sociedad madrileña durante la Restauración, 1876-1931*, Madrid, Cidur.

Blinkhorn, Martin 1979, *Carlismo y contrarrevolución en España, 1931-1939*, Barcelona, Crítica.

Botti, Alfonso 1992, *Cielo y dinero. El nacionalcatolicismo en España (1881-1975)*, Madrid, Alianza.

BROUÉ, Pierre y TÉMIME, Émile 1962, *La Revolución y la guerra de España*, México DF, Fondo de Cultura Económica.

CANALES, Antonio F. 2006, *Las otras derechas. Derechas y poder local en el País Vasco y en Cataluña en el siglo XX*, Madrid, Marcial Pons.

CASANOVA, Julián 1997, *De la calle al frente. El anarcosindicalismo en España, 1931-1939*, Barcelona, Crítica.

CASANOVA, Julián 2007, *República y guerra civil*, vol.8 de J. Fontana y R. Villares (dirs.), "Historia de España", Barcelona, Crítica/Marcial Pons.

CASTILLO, Juan José 1979, *Propietarios muy pobres. Sobre la subordinación política del pequeño campesino. La Confederación Nacional Católico-Agraria, 1917-1942*, Madrid, Servicio de Publicaciones Agrarias.

COBO ROMERO, Francisco 2004, *Revolución campesina y contrarrevolución franquista en Andalucía. Conflictividad social, violencia política y represión franquista en el mundo rural andaluz, 1931-1950*, Granada, Universidad de Granada/Universidad de Córdoba.

DD.AA. 1994, "Dossier: La revolució d'octubre del 34", *L'Avenç*, núm.187.

DE LA CIERVA, Ricardo 2003, *Historia actualizada de la Segunda República y la Guerra de España 1931-1939*, Madrid, Fénix.

DE LA GRANJA, José Luis 2007, *El oasis vasco. El nacimiento de Euskadi en la República y la Guerra Civil*, Madrid, Tecnos.

DELGADO, Manuel 1992, *La Ira sagrada: anticlericalismo, iconoclastia y antiritualismo en la España contemporánea*, Barcelona, Humanidades.

DEL REY, Fernando y CABRERA, Mercedes 2003, "De la oligarquía y el caciquismo a la política de intereses. Por una relectura de la Restauración" en M.Suárez Cortina, (ed.). *Las Máscaras de la libertad. El liberalismo español, 1808-1950*, Madrid, Fundación Sagasta.

- EALHAM, Chris 2005, *La Lucha por Barcelona. Clase, cultura y conflicto, 1898-1937*, Madrid, Alianza.
- ELLWOOD, Sheelagh 1984, *Prietas las filas. Historia de Falange Española, 1933-1983*, Barcelona, Crítica.
- GARCIA ROVIRA, Anna M. 1989, *La Revolució liberal a Espanya i les classes populars, 1832-1835*, Vic, Eumo.
- GIL PECHARROMÁN, Julio (1994). *Conservadores subversivos. La derecha autoritaria alfonsina (1913-1936)*, Madrid, Eudema.
- GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo 2005, *La España de Primo de Rivera. La modernización autoritaria, 1923-1930*, Madrid, Alianza.
- GRANDIO SEOANE, Emilio F. 1998, *Los Orígenes de la derecha gallega. La C.E.D.A. en Galicia, 1931-1936*, Sada, Edicions do Castro.
- JACKSON, Gabriel 1976, *La República española y la guerra civil, 1931-1939*, Barcelona, Crítica, 2a ed.
- JULIÁ, Santos 1984, *Madrid, 1931-1934. De la fiesta popular a la lucha de clases*, Madrid, Siglo XXI.
- JULIÁ, Santos 1987, "Objetivos políticos de la legislación laboral" en J. L. García Delgado (ed.), *La Segunda República Española. El primer bienio*, Madrid, Siglo XXI.
- JULIÁ, Santos 1990, *Manuel Azaña, una biografía política. Del Ateneo al Palacio Nacional*, Madrid, Alianza.
- JULIÁ, Santos, ed. 1999, *Víctimas de la Guerra Civil*, Madrid, Temas de Hoy.
- JULIÁ, Santos 2007, "Catolicismo frente a laicismo" en M. Risques (ed.), *Visca la República!*, Barcelona, Proa.
- MARÍN, Martí 2000, "La política", en J. Calvet, E. Deu, M. Marín y J. Sala-Sanahuja, *Sabadell al segle XX*, Sabadell, Eumo/Ajuntament de Sabadell.
- MOA, Pío 2004, *1934: comienza la guerra civil, el PSOE y la Esquerra emprenden la contienda*, Madrid, Altera.
- MONTERO, José R. 1977, *La CEDA. El catolicismo social y político en la Segunda República*, Madrid, Revista de Trabajo.
- MORADIELLOS, Enrique 2004, *1936. Los mitos de la Guerra Civil*, Barcelona: Ediciones Península.
- NAREDO, José Manuel 1971, *La evolución de la agricultura en España (desarrollo capitalista y crisis de las formas de producción tradicionales)*, Barcelona, Laia.
- PAYNE, Stanley G. 2005, *El colapso de la República. Los orígenes de la guerra civil (1933-1936)*, Madrid, La Esfera de los libros.
- PRESTON, Paul 1986, *Las derechas españolas en el siglo XX: autoritarismo, fascismo y golpismo*, Madrid, Sistema.
- PRESTON, Paul 1987, *La Destrucción de la democracia en España. Reforma, reacción y revolución en la Segunda República*, Madrid, Alianza.
- RAGUER, Hilari 2001, *La Pólvora y el incienso. La Iglesia y la guerra civil española, 1936-1939*, Barcelona, Península.
- RIQUER, Borja de 1996, *L'Últim Cambó, 1936-1947. La dreta catalanista davant la guerra civil i el primer franquisme*, Vic, Eumo.
- RIQUER, Borja de 2007, *Francesc Cambó. Entre la monarquia i la república, 1930-1932 (com les memòries s'acomoden a les circumstàncies polítiques)*, Barcelona, Base.
- RODRÍGUEZ JIMÉNEZ, José Luís 1997, *La extrema derecha española en el siglo XX*, Madrid, Alianza.
- SANTIRSO, Manuel 1999, *Revolució liberal i guerra civil a Catalunya, 1833-1840*, Lleida, Pagès.

- SERRANO, Carlos y SALAÜN, Serge, eds. 2006, *Los felices años veinte. España, crisis y modernidad*, Madrid, Marcial Pons.
- SHUBERT, Adrian 1984, *Hacia la revolución. Orígenes sociales del movimiento obrero en Asturias 1860-1934*, Barcelona, Crítica.
- SIERRA ÁLVAREZ, José 1990, *El Obrero soñado. Ensayo sobre el paternalismo industrial (Asturias, 1860-1917)*, Madrid, Siglo XXI.
- SOLÉ SABATÉ, Josep Maria y VILLAROYA, Joan 1989, *La repressió a la rera guarda de Catalunya (1936-1939)*, Barcelona, Abadia de Montserrat.
- THOMÀS, Joan Maria 1999, *Lo que fue la Falange*, Barcelona, Plaza & Janés.
- THOMPSON, Edward.P 1971, "The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century", *Past and Present*, núm.50.
- TOWNSON, Nigel 2002, *La República que no pudo ser. La política de centro en España (1931-1936)*, Madrid, Taurus.
- UCELAY DA CAL, Enric 1982, *La Catalunya populista. Imatge, cultura i política en l'etapa republicana (1931-1939)*, Barcelona, La Magrana.
- UGARTE, Javier 1998, *Una nueva Covadonga insurgente. Orígenes sociales de la sublevación de 1936 en Navarra y el País Vasco*, Madrid, Biblioteca Nueva.
- VALLS, Rafael 1992, *La Derecha regional valenciana. El catolicismo político valenciano (1930-1936)*, València, Edicions Alfons el Magnànim.
- VEGA, Eulalia 1980, *El Trentisme a Catalunya. Divergències ideològiques en la CNT: 1930-1933*, Barcelona, Curial.
- VEGA, Eulalia 1987, *Anarquistas y sindicalistas durante la Segunda República. La CNT y los sindicatos de oposición en el País Valenciano*, València, Alfons el Magnànim.
- VEGA, Eulalia 2003, *Entre la revolució i la reforma. La CNT a Catalunya (1930-1936)*, Lleida, Pagès.
- VICENS VIVES, Jaume 1958, *Industrials i polítics (el segle XIX)*, Barcelona, Vicens-Vives.
- VIÑAS, Ángel 2006, *La Soledad de la República. El abandono de las democracias y el viraje hacia la Unión Soviética*, Barcelona, Crítica.

‘The Rouge is Down’: The Triumph of Progressive Unionism at the Ford Motor Company. *Martin Halpern*¹

You better not say anything about a union in this workplace, there are spies everywhere. Workers are too scared to organize; those who can't take the conditions or who just like the freedom to say what they think quit and go elsewhere. Besides, this company's founder doesn't believe in unions and would never go along with one. It has operations all over the globe and the public is grateful because it's the low price leader. If workers organize in one community, the company would shut that operation and they'd all be out of work. Everyone knows this company can't be organized.

This imaginary speech might be about Wal-Mart today or about the Ford Motor Company in the era before unionization. Henry Ford was even more famous in the first half of the twentieth century than Sam Walton was in the second. Ford's introduction of the low-price Model T Ford led to his early domination of the auto industry. The first billionaire, Ford also became known as a friend of labor because of the initiation in 1914 of the \$5 per day wage – nearly twice the going rate. Ford thought of himself as a person with ideas. Books appeared with his name as author trumpeting a high wage, high consumption economy, the blending farm and city life, technological progress and peace. Ford advised his employees to save part of their pay through the Ford Investment Plan, keep a garden, and avoid wasting their money on parasitic unions. Always an opponent of unions, Ford moved from some association with progressivism in the First World War era to an authoritarian conservatism in the 1920s. Nevertheless, a large segment of public opinion remained enamored of him.

By the New Deal era, Ford was no longer paying higher wages than other auto companies but pro-Ford publicity remained an important deterrent to unionization. Some of the publicity had a far-right coloration including an anti-Semitic campaign by Ford's *Dearborn Independent* and backing from the anti-New Deal anti-Semitic radio personality Father Charles Coughlin. Advertising in newspapers, radio, and magazines helped secure favorable news coverage. The company sponsored a popular radio program, the Ford Sunday Evening Hour, and the Ford Exposition Building at the Chicago Century of Progress Fair in 1934 (Burke 1977). Pro-Ford publicity led nearly three quarters of a nationwide sample of workers in April 1940 to view Ford as helpful to labor².

Although Ford workers' personal experience with arbitrary supervision and speed-up led many to see through the propaganda, trade unionists faced additional obstacles. They had to contend with the company's penchant for violence against those wishing to unionize and an elaborate spy system in the factories and in the community. Many workers fearful of losing their jobs thought becoming an informer might guarantee continued employment. The saying among union members was that one in six workers

¹ Martin Halpern is Professor of History at Henderson State University in Arkansas. He is the author of two books, *Unions, Radicals, and Democratic Presidents: Seeking Social Change in the Twentieth Century* (2003), and *UAW Politics in the Cold War Era* (1988). In addition to articles in academic journals and contributions to reference works, he has written numerous opinion pieces for the History News Network and other venues. His most recent publication is 'Labor,' in William Pederson, *The Blackwell Companion to Franklin D. Roosevelt* (2011). He is working on a monograph on the campaign to unionize the Ford Motor Company.

² 'The Fortune Survey XXXI,' *Fortune*, June 1940, 59, 163.

was an informer.¹ Also important was the company's hiring of workers it thought would be more likely to resist the blandishments of unionism including members of the American Legion and workers with disabilities. Especially notable was the hiring at its principal plant of many more African American workers than other leading firms employed and providing opportunities for some to enter skilled and managerial jobs. More generally, workers were hired as a result of the recommendation of a local clergyperson, office holder, civic leader, or company official. Although there were complaints that this job referral system became a job-selling racket, Ford's hiring practices produced a body of workers who felt grateful to 'Mr. Ford' for employment in a job-short economy and were distrustful of unions.

How did union-minded Ford workers overcome these multiple obstacles? Because it included the majority of Ford's operations and 90,000 employees, the Rouge complex in the Detroit suburb of Dearborn ultimately was the key battleground. The fact that Ford workers in many places struggled to have their voices heard provides clues to vulnerabilities in the Ford system so it is worth highlighting some of these efforts.

Ford pursued hard-line worker and community control policies in all its plants, but there were strikes by Ford workers both in the United States and in other countries before the UAW's decisive 1941 victory. Outside the U.S., Ford made significant concessions, perhaps trusting that these would be little noticed at home. In the U.S., Ford made only tactical concessions when workers struck as it sought to preserve the impression that as the personal property of one family and subject to the will of Henry Ford alone, it would never accept unionism.

Ford workers' struggles outside the United States

In Manchester, England, where Ford began producing cars in 1911, workers struck early on over Ford's drive system and the exclusion of workers and unions from a say in the production process, leading plant manager Percival Perry to write Ford that 'Manchester is ... the hotbed of trade unionism.' The tripling of wages between 1912 and 1914 and assuring job security to key workers changed all that. A researcher in the Trade Union Congress commented in 1931 that Ford's employment of union alongside non-union workers and high wages led workers to drop demands for collective bargaining (Lewchuk 1989: 31-36).²

In Brazil, where Ford established a rubber plantation at Fordlandia with a set of restrictive policies including limiting workers' freedom of movement and ignoring cultural preferences, workers struck and rioted in 1928 and 1930. Racist and colonialist perceptions contributed to hard-line policies as Ford called in the Brazilian military to arrest 'ringleaders' and fired most others. A second plantation saw revised policies such as allowing workers to bring their families and providing education. While there was still a good deal of regimentation, a new manager went 'easy on attempts to regulate the social life and eating habits of the plantation's work force.' Thanks to new pro-union labor laws promulgated by the government of Gettúlio Vargas, Ford workers organized a union at both plantations in 1937 and Ford was forced to accept it in 1939 after it lost court appeals. (Esch 2002; Grandin 2009: 224-35, 320-25, 335-36).

¹ Interview with Ed Lock, March 1976.

² W. Weston-Bailey to S.M. Levin, March 9, 1931, S.M. Levin Collection, Box 6, folder 2, Wayne State University Archives of Labor History and Urban Affairs (hereafter WSU). The Manchester plant was unionized when it 'came under the supervision of the Labour Ministry' during the Second World War. Wilkins and Hill 1964: 49-50, 332-33. See also Nevins and Hill 1957: 366.

Ford workers in Mexico, also won union rights due to a favorable political environment. Ford had established a factory in Mexico City employing 295 workers in 1925. Although Mexican President Elias Calles welcomed the company and provided it with labor ‘guarantees,’ workers had significant protections under Article 123 of the Mexican constitution enacted during the country’s revolution. Article 123 required hygienic and safe working conditions and minimum wage, maximum hours, and overtime compensation protections. Workers had the right to organize and, with some limitations, to conduct strikes, and a tripartite Board of Conciliation and Arbitration could require the employer to pay three months compensation to discharged workers (Tuman 2003: 23; Bennett and Kenneth Sharpe 1985: 51; Healey 1999: 93-106, 141-2).¹

Mexico City Ford workers struck on October 30, 1929 over the firing of a union leader. Although the workers lost, they were aided by a 1931 labor law and a 1934 meeting with President Lazaro Cardenas. In February 1938 the Junta Local de Conciliación y Arbitraje ruled in favor of rank and file insurgents who had affiliated their local industrial union with the left-oriented CTM. Mexico City Ford workers went on strike again in May 1938 but union leadership soon fell into the hands of moderates seeking favors for a clique instead of challenging Ford (Healy 1999: 142-3; Roxborough 1984: 76-81, 110-11).² Nevertheless, the successes of Ford workers in Brazil and Mexico demonstrated that Ford could live with a union when there was sufficient pressure from workers and the government.

In Canada, there was little tolerance of trade unionism since Ford’s plant in Windsor was across the river from Detroit and news of any accommodation would encourage unionism in the U.S. Between 1928 and 1929, Canadian auto workers, including those at Ford’s East Windsor plant, conducted eight ‘lightning’ strikes and won modest concessions. The companies planted spies inside the Auto Workers Industrial Union, and fired key activists. After a Communist-led unemployed movement in Windsor elected three council members in East Windsor in 1933, Ford threatened ‘the sack for any worker found to have voted for the left’ and defeated the ‘united front’ candidates the next year (Manley, 1986; Moulton 1974: 131-32).

U.S. Ford workers’ strikes from coast to coast

The first strikes at Ford plants in the United States took place in the wake of the passage of the pro-labor Section 7(A) of the National Industrial Recovery Act of 1933. Auto workers began joining the American Federation of Labor (AFL) and other unions but sometimes workers struck before a union had a foothold in the plant. Such was the case in Chester, Pennsylvania where Ford workers struck in September 1933 over a reduction in the number of days worked from five to four with no increase in pay. They received an AFL charter and the National Labor Board (NLB) tried to mediate. Twelve hundred Chester workers traveled to nearby Edgewater, New Jersey and picketed the Ford facility. Influenced by an active AFL federal labor union, Edgewater workers honored picket lines and began their own strike. The company relied on spies and

¹ 1917 Constitution of Mexico (As Amended) translated by Marc Becker, Historical Text Archive, <<http://historicaltextarchive.com/sections.php?op=viewarticle&artid=123#TitleVI>>

² J.L., Assistant to President to C.R. Bond, Swift & Co., September 24, 1929, R. I Roberge to F.L. Rockelman, October 30, 1929, Acc. 572, Box 30, Ford Motor Company Archives, Greenfield Village, Dearborn, Michigan (hereafter FMCA); Healy 1999:142-3; Roxborough, 1984: 76-81, 110-11; Richard U. Miller, ‘The Role of Labor Organizations in a Developing Country: The Case of Mexico,’ Ph.D. thesis, Cornell University, 1966, 176, as quoted in Roxborough.

firings to disrupt the union. The AFL provided little assistance and the NLB and other federal agencies were ineffectual. The strikes were defeated (Fine 1963:, 85-95, 452n53).¹

The passage of the Wagner Act with its creation of an effective pro-union National Labor Relations Board (NLRB) and the emergence of the UAW and CIO meant a more favorable environment for Ford workers undertaking strike action. Grass roots movements culminated in initially effective strikes in Richmond and Long Beach, California and in Kansas City and St. Louis, Missouri in the spring and summer of 1937. The UAW international leadership did what it could to support these local initiatives, but its focus was on the problems of creating a strong organization in the Detroit area, particularly in the River Rouge complex where two thirds of Ford workers toiled. Given its inability to create a comparable strike movement in Detroit, it was not in a position to win concessions from the company and found it difficult to help the workers to sustain their struggle in the absence of concrete gains. In each of the strikes, the company was not only intransigent toward its employees; it insisted that local authorities control their communities so as to support the company if they wished to keep their Ford plants. In Kansas City, for example, police led a caravan of scabs armed with shotguns, revolvers, blackjacks, and other weapons into and out of the plant each morning and evening. They arrested and beat UAW pickets and told unionists 'if they did not keep their children off the picket line' they were 'going to take them away from them and send them to reformatories or orphan homes.' The strike was broken (Fink 1973: 145-59; Reddig 1947: 302-3).² Although the filing of NLRB complaints gave workers hope in these four cities that they would receive just treatment some day, in the medium term, the workers faced serious hardship and their local unions became demoralized.

Ford workers in the Detroit area

Although Ford workers in the Detroit area did not strike in the 1930s, radical agitation began as early as 1913 with a Wobbly campaign at the plant gates drawing big crowds. Beginning in 1926, thousands of Ford workers read *The Ford Worker*, a Communist shop paper that Communist women sold at the plant gates. Articles highlighted such problems as speed-up, injuries, health problems, and abusive supervisors.³

With the onset of the Great Depression, Communists created an effective unemployed movement in communities where Ford workers lived. On March 7, 1932, 3,000 people gathered in Detroit for a march to the Ford Motor Company's River Rouge plant in Dearborn to demand jobs and union rights. Dearborn police attacked the demonstrators with tear gas, and the marchers fought back by throwing stones. Police

¹ *Detroit Times*, September 28, 1933, *Detroit News*, September 29, 1933.

² *Ibid.*; Cyrus A. Slater, Current Labor Situation, Region 17, November, 1937, E.J. Eagen, Monthly Letter, Region 17, December 1937, Smith Committee, Box 125, NA. See also Reminiscences of H.C. Doss, May 1955, FMCA; Gary M. Fink, *Labor's Search for Political Order: The Political Behavior of the Missouri Labor Movement, 1890-1940* (University of Missouri Press, 1973), 145-59; William M. Reddig, *Tom's Town: Kansas City and the Pendergast Legend* (Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1947), 302-3.

³ Edgar Owens to Jay Lovestone, February 2, [1926], CPUSA Records, Reel 54 , Delo 755, Library of Congress Manuscript Division; *The Ford Worker*, Vol. 1 No. 1 [April 1926], Vol. 1 No. 4, July 1926, CPUSA Records, Reel 64, Delo 894; Organizer to Jay Lovestone, June 1?, 1926, CPUSA Records, Reel 54, Delo 755.

fired their guns into the crowd, killing four people. Thousands participated in the funeral march.

The evidence of broad-based change in Dearborn came in the November 1932 election when city residents of that company town ignored Henry Ford's advice and voted for Franklin Roosevelt for president by a two to one margin. The next year, 18% of Dearborn's voters cast ballots for a national vice president of the Auto Workers Union seeking election to the city council. The Workers Alliance, a merger of Communist and Socialist unemployed organizations, developed a strong following among Works Project Administration (WPA) workers in Dearborn. Communist-led groups met in ethnic halls and other places in the Dearborn area. Dearborn progressives elected two members to the city council in 1937 and the next year, Stanley Nowak, a UAW organizer, was elected to the state senate district covering the west side of Detroit and Dearborn (Saperstein 1977: 22; Lorence 1996:199; Nowak 1989: 141).¹

Ford Rouge workers participated in the 1937 labor upsurge.² The company's attack on union officials and leaflet distributors in the Battle of the Overpass on May 26, 1937, numerous firings, the distribution of a loyalty oath, and the emergence of two company unions weakened the movement. On the other hand, media coverage of Ford violence was critical of Ford and the UAW received support from the NLRB. The UAW and the Conference for the Protection of Civil Rights organized a protest rally of five thousand in June and the union conducted a successful distribution at the Rouge gates on August 11, 1937.³ However, the defeat of a labor slate in Detroit municipal elections that fall was a psychological and political blow (Lichtenstein 1995: 87-91; Johnson 1988: 228-30).⁴ An additional blow was Ford's success in persuading Dearborn to tighten legal restrictions on access to the Rouge via an ordinance banning the distribution of handbills at times of congestion. Dearborn police arrested UAW distributors at the plant gates and as a recession developed, 'fear of losing one's job' dominated Ford workers' thinking.⁵

The union won a boost from a December 1937 NLRB decision, but Ford appealed to the courts. When four thousand turned out to hear UAW leaders speak at a February

¹ *Ford-Dearborn Worker*, December 1937, in Henry Kraus Collection, Box 16, WSU; UAW-CIO Radio address, [1940], Eddie Levinson Collection, Box 1, WSU; A Survey of Communist Activities in the City of Detroit and Vicinity, July 1, 1936, FBI Investigation and Surveillance Records, Series 10, Box 1, Marquette University; Oral History Interview of Philip Raymond, October 22, 1982, Oral History of the American Left Collection, Tamiment Institute, New York University; Interview with Stanley Nowak, April 4, 1984.

² J[ames] F D[ewey], Ford Motor Co. (confidential), May 20, 1937, and H.L.K[erwin], Confidential, May 21, 1937, FMCS Case # 182-2678.

³ Clipping, *New York Times*, August 11, 12, 1937, FMCS Case # 182-2678, NA, Suitland; copy of telegram, William McKie, George Edwards and Robert Kanter to Walter Reuther, [August 11, 1937], Victor Reuther Collection, Box 5, WSU.

⁴ Lichtenstein, *Most Dangerous Man in Detroit*, pp. 87-91; Arthur Clifford, 'Was Detroit a Defeat,' *New Masses*, November 23, 1937, p. 13; *Detroit News*, November 3, 1937; Johnson, *Maurice Sugar*, pp. 228-30; Robert Bradby to Richard Reading, November 4, 1937, Records of the Second Baptist Church, Reel 3, Michigan Historical Collection, Ann Arbor. Adolph Germer charged that the local AFL reversed its anti-Reading position in the final round on instructions to defeat O'Brien from national AFL leaders and that 14 delegates who endorsed O'Brien were suspended from the federation. Germer to John P. Frey, May 18, 1938, John P. Frey Papers, Box 6, Library of Congress.

⁵ Clipping, *Detroit Times*, April 26, 1938, Acc. 984, Reel 25, FMCA; Victor Weybright to Home Martin, October 26, 1937, with attached article draft, William Munger to Victor Weybright, November 2, 1937, Carl Haessler Collection, Box 16, WSU; Victor Weybright, 'Henry Ford at the Wheel,' *Survey Graphic* 26 (December 1937): 686-88, 717-23.

13, 1938 meeting in Dearborn, it looked like the union might be able to sustain the Ford drive.¹ Soon thereafter, factionalism and the collapse of union revenues due to the recession ground the drive to a halt. An ally of UAW President Homer Martin took over the Ford drive and ordered organizers to dismiss a meeting of two thousand with instructions ‘that they were to go home immediately because the meeting was full of Ford service men and that the neighborhood was full of Ford service men.’² When the prospect of a personal deal between Martin and the Ford Motor Company loomed, a split into CIO and AFL unions resulted. The Ford drive was destroyed as the Martin faction turned union membership lists over to Ford.

Ford organizing drive goes into high gear

By the time of the August 1940 UAW-CIO convention, the UAW-AFL threat was eliminated and other factional differences put aside to concentrate on organizing Ford. The UAW and CIO each contributed \$50,000 to a renewed Ford drive and Michael Widman of the United Mine Workers came to Detroit to head it. The Ford drive included forty full time and one thousand volunteer organizers.

Although anti-communism was on the rise in the wake of the Nazi-Soviet Pact, the role of Communists was important because of their roots in the plant, in the International Workers Order, a fraternal organization with five lodges in Dearborn and four others in nearby West Detroit,³ and in the black community in such organizations as the League of Struggle for Negro Rights and the National Negro Congress.⁴

Joining the campaign were Ford workers who had been fired by the company for union activity. Many had filed complaints with the NLRB and became volunteer organizers. Among union activists were Ford workers who had obtained jobs on the WPA in Dearborn and joined the UAW through the union’s Welfare Department. Thousands were influenced toward unionism by family members and neighbors who were members of the UAW or other CIO unions. Several large UAW locals assigned organizers to the campaign and UAW local offices were turned into recruiting offices for the Ford Organizing Committee.⁵

Volunteer organizers focused first on organizing in their neighborhoods but then turned their attention to organizing inside the plant. Union committees were organized in all 325 departments and drew up demands for a cut in speedup, higher wages, a half hour for lunch, the right to smoke, and air ventilators. Shop level negotiations began between the company and union committees.⁶

¹ Clippings, *Detroit News*, February 13, 1938, *Detroit Free Press* February 14, 1938, Joe Brown Collection, WSU; Harold Cranefield to Nathan Witt, February 28, 1938, NLRB Case Files, Case # Case No. VII-C-148, National Archives; Handwritten notes on Ford organizing drive events, Percy Llewellyn Coll, Box 4, WSU.

² Letter to Philip Murray, December 3, 1939, Association of Catholic Trade Unionists Collection, Box 24, WSU.

³ Report of the District Committee of the International Workers Order to the Michigan District Convention, September 16-17, 1939, Communist Party Red Squad Files, Detroit, Michigan.

⁴ Transcript of Interview with Bill McKie and LeBron Simmons, Nat Ganley Collection, Box 33, WSU.

⁵ *United Automobile Worker, Michigan Edition*, October 1, 1940; ‘UAW-CIO Local Union Office Where Membership Applications Are Taken,’ UAW Vice President Ken Bannon Collection, Box 40, WSU.

⁶ Joseph North, ‘How They Won at River Rouge,’ *New Masses*, XXXIX (April 22, 1941), p. 9.

Legal victories

The mounting of a large scale organizing campaign led to a legal breakthrough. The UAW secured a constitutional test of the Dearborn handbill ordinance as the result of the arrest of UAW president R. J. Thomas.¹ On 31 October 1940, Dearborn Justice of the Peace Lila Neuenfelt declared the ordinance unconstitutional² and five weeks later, a circuit judge affirmed the ruling and enjoined city officials from enforcing the ban. The UAW had broken the barrier against the establishment of a public presence at the Ford Rouge gates. A large contingent of union members distributed 50,000 copies of *Ford Facts*, a new UAW paper, to Ford Rouge workers. The UAW showed Ford workers there were limits to the company's autocratic power.³

By the time the organizing drive had begun, the NLRB had already ruled against Ford six times in the Battle of the Overpass case and in cases from Ford plants around the country. On 8 October 1940, the Sixth Circuit Court issued a ruling backing up the NLRB. Ten days later, the NLRB approved an intensified investigation of additional Ford worker complaints that had been on hold during Ford's court appeal.⁴

Although the UAW was pleased that the long-delayed investigation was finally underway, the national defense context led to widespread calls to avoid interruptions of production. However, neither Roosevelt nor other senior administration officials were inclined to aid the company. Henry Ford's isolationism, refusal to build planes for Britain, and the company's slowness at converting to war production due to both politics and disarray in management all counted against it. Although the CIO campaign to prevent labor law violators like Ford from being awarded military contracts achieved little, the company's \$150 million in war contracts was a mixed blessing for it. It meant the Ford strategy of threatening a plant shut down in response to a strike, such as it had done in plants around the country, might be countered by a government takeover, a possibility alluded to by Eleanor Roosevelt in January 1941.⁵

On 10 February 1941, the Supreme Court refused to grant Ford's request that it review the circuit court decision to enforce the NLRB order. The knowledge that Ford would have to obey the law of the land generated a great wave of unionism. Twenty two fired unionists triumphantly returned to the plant. On 18 February 1941, Ford posted notices of compliance with the NLRB order. The next day, thousands of union members put on their union buttons. The Ford workers felt 'a strange new sense of freedom.' (Sward 1948: 402).⁶

In March 1941, a series of stoppages involving thirty to forty thousand workers

¹ Federated Press, May 23, 1940, October 19, 1940, Federated Press Collection, Columbia University, Butler Library.

² Federated Press, May 23, 1940, October 19, 31, 1940, Federated Press Collection, Columbia University, Butler Library; Transcript, City of Dearborn vs. Rolland J. Thomas, No. 70549, before Hon. Lila Neuenfelt, Justice of the Peace, October 2, 1940, Maurice Sugar Collection, Box 53, folder 28, WSU.

³ 'Legal Record' vol 15 #12, Dec. 15, 1940, ACC 51 NLRB SUITS/FMC LEGAL DEPT Box 6, FMCA; *New York Times*, December 8, 1940, 31:7.

⁴ Frank Bowen to NLRB, October 10, 1940, Maurice Sugar to Frank Bowen, October 10, 1940, Nathan Witt to John C. Shaver, October 19, 1940, NLRB Case Files, Case VII-C-148, RG 25, National Archives; Minutes of the Executive Board of the NLRB, February 15, 1939, Records Relating to Smith Committee Investigation of the NLRB, Records of the General Counsel, RG 25, National Archives.

⁵ *New York Times*, January 28, 1941, 1:2. When asked about this, the President said he was ready to seize any plant. *New York Times*, February 1, 1941, 1:7.

⁶ *Ford Facts*, March 5, 1941.

occurred in the rolling mill and in the axle, pressed steel, and B-buildings. The workers won the rehiring of fired union members and other concessions. Meanwhile, the NLRB began hearings on the UAW's petition for a representation election at the Rouge and Lincoln plants. Hearings on the union's unfair labor practice complaints were scheduled to begin on 14 April 1941.¹ The company opposed NLRB elections and sought to provoke and defeat a strike using anti-communism, the national defense emergency and racial conflict.

Rouge workers strike and win recognition of their union

When 50,000 Rouge workers struck on 1 April 1941 in response to the firing of its eight-person shop committee, they blocked access to the plant and established the biggest picket line in American history. Given the hysteria in the media against defense strikes, Ford painted the UAW as Communist disrupters of production and sought government intervention. Democratic Governor Murray Van Wagoner granted Ford's request for state troopers but they cooperated with union workers in maintaining order around the plant, replacing the far more hostile Dearborn police and special pro-Ford deputies appointed by the city. Ford was unsuccessful in getting Washington to intervene. On 7 April 1941, the NLRB ordered an election at the struck Rouge and Lincoln plants. Van Wagoner and a group of clergy joined mediators in negotiating an end to the strike that gave the union most of what it wanted: recognition of its shop committee and a grievance procedure, a quick NLRB election, wage increases, and return of five of the eight fired shop leaders.²

In seeking to hold on to the old regime, Ford was willing to incite a race riot. Nearly two thousand African American workers, many hired in the sixty days before the strike, stayed in the plant as strikebreakers (Bailer 1943: 217-18).³ Ford and the AFL joined together in sponsoring a back-to-work movement in the African American community (Bailer 1943:220-21).⁴ In attempting to use its friendships with black ministers and other community leaders, Ford ended up destroying those alliances and turning the black community decisively against it. The UAW, on the other hand, built from a significant base of support among leftists and progressives in the black community and won new allies. The UAW and African American community leaders worked together to avert a race riot. Those African American leaders who had been pro-union were now joined by leaders who had been neutral and even by some who had been pro-company. National leaders of the NAACP and the National Urban League criticized the company's racially divisive actions. Many of the strikebreakers left the plant in response to appeals from the union, the NAACP Youth Council, and the National Negro Congress. Community sentiment shifted decisively against Ford and the back-to-work movement fizzled.⁵

¹ 30 NLRB 141; Ford Motor Company and UAW.

² *Detroit News*, April 2, 5, 1941; *Detroit Free Press*, April 5, 1941; 30 NLRB 141; Ford Motor Company and UAW; *Detroit Times*, April 10, 1941; Telegrams, Murray Van Wagoner to Harry A. Millis, and Millis to Van Wagoner, April 11, 1941, NLRB Case Files, Case # C1927, FMC Detroit, Box 1957, RG 25 National Archives.

³ Deposition of Charles Harp, April 6, 1941, Edward Levinson Collection, WSU; Oral History Interview of Frank Manfred, p. 53, UAW Oral History Collection, WSU.

⁴ *Detroit News*, April 2, 3, 1941; *Detroit Free Press*, April 3, 1941; *New York Times*, April 3, 1941.

⁵ *Daily Worker*, April 10, 1941.

Following its strike victory, the UAW waged a successful campaign to defeat the company-supported AFL union, winning 70% of the vote. A month later, Ford and the UAW signed their first collective bargaining agreement, a national contract with a union shop provision. A resolution of the NLRB proceedings against Ford, including reinstatement and back pay for fired workers, was incorporated into the settlement.¹

Significance of the workers' victory

The UAW's educational campaign was such that fears that conservative workers might be used by the company to take over the union proved groundless. Even in such a conservative town as Dallas where Ford workers had participated in violent attacks on pro-union individuals, a democratic unionism prevailed. As one Dallas worker recalled his past views, 'Union? Agin it. Dues ruinous. Brainwashed by Ford.' Dallas workers quickly seized on the union as an instrument that could help them improve their lives. 'It was just like waking up free and in the light after sleeping in a dark dungeon,' H.A. Moon, recalled. 'You couldn't believe the change. The nightmare was over.' (Green 1989).²

The union's victory at Ford was a victory for the Roosevelt New Deal. Ford workers had helped to keep Roosevelt in the White House and to elect many other New Deal Democrats to office. Some of these officials were strong union partisans while others were cautious but sympathized with the UAW's Ford campaign. The union's access to an NLRB concerned with protecting workers' rights was integral to the success of the Ford unionization drive.

Local 600, which represented the workers at the River Rouge complex, became the UAW's largest local and played an influential role in its subsequent history. The role of the left and of popular front alliances during the organizing years and the centrality of interracial unity in the April 1941 victory shaped the character of Local 600. Left-oriented progressives continued to play important roles in the local even after the cold war led to the ouster of like-minded unionists from the UAW's national leadership. The inclusion of African Americans in leadership on an equitable basis and activity against racial discrimination became hallmarks of the trade unionism practiced in Local 600.

Rank and file workers were transformed by the process of unionization. With the success of the 1941 strike and the recognition of their union, Ford workers could speak with dignity and power on the job and in the community because they had developed a collective organization that transformed the rules of the workplace and at the same time gave them an independent voice in the affairs of the community and political life.

List of abbreviations

AFL	American Federation of Labor
CIO	Congress of Industrial Organization

¹ Decree 9061, 6th Circuit Court of Appeals, NLRB vs. Ford Motor Company, October 8, 1941, in Records of the NLRB, NLRB Case File # C-1927, FMC Detroit, Box 1957, RG25, National Archives.

² The quotations are from notes of interviews with the following Dallas Ford workers kindly made available to me by George Green: W.M. Shields, April 29, 1988, E.H. Veeck, April 4, 1978; Minutes of UAW Local 870, June 2, July 17, July 24, 1941, UAW Local 870 Collection, Box 5, folder 10, WSU (also available at Special Collections, University of Texas at Arlington Libraries, Collection AR 15-1-1); telegram, Delmond Garst to R.E. Curtis, September 5, 1941, UAW Local 870 Collection, Box 3, folder 4; *Local 870 20th Anniversary Banquet*, Collection 89-1-4, Special Collections Division, University of Texas at Arlington Libraries.

CTM	Confederación de Trabajadores Mexicanos
FMCA	Ford Motor Company Archives
NAACP	National Association for the Advancement of Colored People
NLB	National Labor Board
NLRB	National Labor Relations Board
UAW	United Automobile Workers
WPA	Works Project Administration
WSU	Wayne State University Archives of Labor History and Urban Affairs

References

Bailer, Lloyd Harding 1943 'Negro Labor in the Automobile Industry,' Ph.D. dissertation, University of Michigan.

Bennett, Douglas C. and Sharpe, Kenneth 1985, *Transnational Corporations versus the State: The Political Economy of the Mexican Auto Industry*, Princeton: Princeton University Press.

Burke, Thomas 1977, *The History of the Ford Rotunda: 1934-1962, Dearborn's Pride of the Past*, Hicksville, NY, Exposition Press.

Esch, Elizabeth 2002, "'Shades of Tarzan!': Ford on the Amazon,' *The Cabinet*, Issue 7

Fine, Sidney 1963, *The Automobile Under the Blue Eagle*, Ann Arbor, Michigan.

Fink, Gary M. 1973 *Labor's Search for Political Order: The Political Behavior of the Missouri Labor Movement, 1890-1940*, University of Missouri Press.

Grandin, Greg 2009, *Forlandia: The Rise and Fall of Henry Ford's Forgotten Jungle City*, New York: Metropolitan Books.

Green, George N. 1989 'Discord in Dallas: Auto Workers, City Fathers, and the Ford Motor Company, 1937-1941,' *Labor's Heritage* Vol. 1, July, pp. 20-33.

Healy, Teresa R. 1999, 'Contesting Restructuring, Transforming Representation: Autoworkers and the Gendered Struggle for Counter-Hegemony in Mexico (Ph.D. dissertation, Carleton University, Ottawa, Canada.

Johnson, Christopher H. 1988, *Maurice Sugar: Law, Labor, and the Left in Detroit, 1912-1950*. Detroit: Wayne State University Press.

Lewchuk, Wayne 1989, 'Fordism and the Moving Assembly Line: The British and American Experience, 1895-1930,' in *On the Line: Essays in the History of Auto Work*, eds. Nelson Lichtenstein and Stephen Meyer, Urbana: University of Illinois Press.

Lichtenstein, Nelson 1995 *Most Dangerous Man in Detroit: Top of Form*

Walter Reuther and the Fate of American Labor, New York, NY, Basic Books. Bottom of Form

Lorence, James 1996, *Organizing the Unemployed Community and Union Activists in the Industrial Heartland*. Albany, N.Y., State University of New York Press.

Manley, John 1986 'Communists and Auto Workers: The Struggle for Industrial Unionism in the Canadian Automobile Industry, 1925-1936,' *Labour/Le Travail* Vol. 17, Spring, pp. 105-33.

Moulton, David 1974, 'Ford Windsor 1945,' in *On Strike: Six Key Labour Struggles in Canada, 1919-1949*, ed. Irving Abella, Toronto: James Lewis and Samuel,

Publishers.

Nevins, Allan and Hill, Frank Ernest 1957, *Ford: Expansion and Challenge, 1915-1933*, New York, Charles Scribner's Sons.

Nowak, Margaret Collingwood 1989 *Two Who Were There: A Biography of Stanley Nowak*, Detroit: Wayne State University Press.

Reddig, William M. 1947 *Tom's Town: Kansas City and the Pendergast Legend*, Philadelphia: J.B. Lippincott Company, 1947).

Roxborough, Ian 1984, *Unions and Politics in Mexico: The Case of the Automobile Industry*, Cambridge: Cambridge University Press.

Saperstein, Lou 1977 'Ford is Organized!' *Political Affairs*, Vol. 56, No. 3, pp. 19-25.

Sward, Keith 1948, *The Legend of Henry Ford*, New York: Rinehart.

Tuman, John P. 2003 *Reshaping the North American Automobile Industry*, London: Continuum, 2003.

Wilkins, Mira and Hill, Frank Ernest 1964, *American Business Abroad: Ford on Six Continents*, Detroit, Wayne State University Press.

Riots and strikes in Spain between the Spanish-American War and the First World War (1898-1920). *Oscar Bascuñán Añover*¹

The little interest rural societies that studies of social conflict have traditionally shown has generated a number of political and historiographical accounts which underline the demobilisation or apathy of the peasantry towards public affairs. In Spain, the stereotypical image of the 'listless peasant' began to feature heavily in political discourse between the late nineteenth and the early twentieth centuries, when the process of modernisation sharpened the perception that the countryside was backward and its inhabitants condemned to a miserable existence. This account was taken up and adapted by various historiographical currents that sought to explain and understand social conflict almost exclusively through the actions of the emerging labour movement, centred in particular urban and industrial zones such as Barcelona, Bilbao, Madrid, or Valencia. These interpretations were predominant up until the early 1990s. Although Spain was still an overwhelmingly rural society at the end of the nineteenth century, the peasantry was largely ignored in studies of social conflict during this period, if we except those outbreaks of violence against landowners, land occupations or arson attacks that served to feed the distorted idea of millenarianism, especially where the Andalusian peasantry was concerned. The contrasts assumed by a historiography that separated the city from the countryside, certain peripheral regions from the interior and industrial zones from agrarian ones were extended to the dialectic between urban mobilisation and rural passivity. In fact, outbreaks of disorder in the rural world were little known and, furthermore, underestimated by readings inherited from the nineteenth century which attributed irrational and desperate behaviour to the masses, governed by the cyclical periods of hunger and shortages.

However, in recent years Spanish historians have carried out an important process of assimilation of new theoretical and methodological foci, stimulating a greater interest in alternative practices of mobilisation, disorder and transgression that had received scant consideration in traditional teleological histories of the labour movement. The combined influence of the British Marxist school, French social histories of popular movements during the French Revolution, and the rebirth of the sociology of collective action following on from the work of Mancur Olson, facilitated the emergence of a revitalised social history. This new social history has widened its focus to include a whole range of differing forms of protest and social movements. From the 1990s onwards, Spanish social history has tried to incorporate new analytical methods to the traditional 'history from below' of British Marxism (González Calleja and Ledesma 2009). Indeed, the influence of Charles Tilly on Spanish social history lies particularly in his heterodox reconciliation of the Marxist theory of revolution with the

¹ Óscar Bascuñán Añover is an assistant professor at the Department of History of Ideas and Social Movements at the University Complutense of Madrid (Spain). He earned his PhD in 2006 at the University of Castilla-La Mancha. In addition, he was visiting fellow at London School of Economics and Political Science in 2007 and Research Fellow at the International Institute of Social History (Amsterdam, The Netherlands) from 2008 to 2010.

His last books are *Protesta y supervivencia. Movilización y desorden en una sociedad rural: Castilla-La Mancha, 1875-1923*, (Valencia, 2008); and *Campesinos rebeldes. Las luchas del campesinado entre la modernización y la globalización*. (Madrid, 2009). This study forms part of the work plan of the research project funded by the Spanish Ministry of Science and Innovation and directed by Dr. D. Fernando del Rey Reguillo (Ref. HAR2009-11492/HIST) and of the research project funded by the Junta de Comunidades of Castilla-La Mancha and directed by Dr. D. Francisco Alía Miranda (Ref. PCI08-0137).

utilitarianism of Stuart Mill and Weber's work on the role of the state, alongside his persuasive interpretation of protest as a non-institutionalised form of political participation (Tilly 2003).

More recently, new studies have emerged on the various manifestations of social conflict characteristic of societies in transition to so-called 'modernity'. Alongside the more organised forms of conflict led by political parties, associations or unions that have traditionally dominated political and labour history, other, non-institutionalised expressions of protest, or transgressions of order have started to receive greater attention (Scott, 1985; Casanova 2000). It now seems that peasants did not remain passive and indifferent before the social changes that were transforming their way of life, their relationship with the land and their social and productive relations with their neighbours. Nor were their patterns of behaviour during conflict marked by irrationality and emotional, instinctive outbursts. The peasantry knew how to elaborate strategies of adaptation to social and economic change through the patronage system, but also developed other modes of resistance and opposition. New investigative horizons therefore include the exploration and decoding of the social and power-based relationships in traditional peasant societies, the ideas, values, experiences and languages that were shaping new identities and forms of mobilisation in the rural world, as well as the role of rationality and the significance of different forms of collective action and political violence.

Forms of collective action in the agrarian world: riots and strikes

Let us take an agrarian population from the Castilian interior and examine its case-history of collective actions. An appropriate starting point is the major food riot that erupted in May 1898, in the middle of the most serious wave of rioting in the entire Restoration period. The first riot of this period in Ciudad Real province broke out that same month in Valdepeñas. To shouts of 'Down with consumer taxes!' and 'we want cheap bread!', the crowd was involved in numerous assaults on, and destructions of, the landowners' property before the arrival of an infantry battalion quelled the protests. Some years later, in 1908, a number of meetings and republican 'tea parties' were organised, and at the end of 1909 another riot broke out when the mayor denied liberal and republican councillors in a town hall plenum the right to speak. In December 1912 Civil Guard reinforcements were called to the town due to the fear that 'revolutionary elements' might provoke another riot protesting the mayor's refusal to abolish the consumption tax. The year 1918 saw the appearance of strikes involving local artisans joined, from 1920, by fieldworkers, farmhands, and harvest labourers (Bascuñan 2008).

The popular riot was the most representative form of collective action in the agrarian interior of the peninsular up until the second decade of the twentieth century. This was a type of direct action, neither institutionalised nor formally organised by any particular group, that was confined to the local or community arena. It was characterised by self-defence or resistance in the face of new official requirements or social changes that threatened resources, rights or traditional lifestyles. The riots in the Castilian interior that it has been possible to reconstruct were directed against the privatisation of common lands, fiscal demands, food price rises, and a whole series of attacks on traditional and communal conceptions of good government, order and social justice. They reveal a reaction against these social changes, but were also politically significant, since, through protest, the crowd aimed to intervene in the administration of local resources and in the organisation and everyday politics of the community.

The political overtones of these protests are evident in the consistent and repeated patterns of behaviour which they featured: the crowd's leaders would demand an interview with the mayor to register their complaints and extract concessions, assemble in front of municipal or central government buildings to cries of 'down with the town council', throw stones at or storm them, and, on occasion, destroy symbols of authority or demand the resignation of the mayor. Similarly, the reestablishment of order was customarily accompanied by a series of conciliatory measures such as the suspension of common land auctions, consumption tax collections by *reparto*, grain collections, control of and lowering of prices, and wage increases¹. Collectively, these measures, as well as making the riot an effective instrument of mobilisation, had serious consequences for the administration of the municipality and, often led to a loss of legitimacy on the part of the local authorities that would end in the resignation of the mayor, the entirety of the local administration, and even the Civil Governor.

These political connotations and repercussions of the riot reveal part of the ideological framework or mental universe of peasant societies that aspired to secure their social regeneration and survival and whose attitudes towards order and traditional relations of social domination were described by E.P. Thompson in his 'moral economy' (Thompson 2000). However, it was the nascent labour movement that attempted to channel these expressions of self-defence or resistance into the formulation and definition of an alternative social, political and ideological project that was slowly gaining ground in the countryside, with the appearance of new resources and opportunities for mobilisation that were closely linked to the changing repertoire of protest. New forms of collective action, such as the meeting, the demonstration and the strike were formally organised and directed or coordinated by specific groups or organisations, which were not satisfied with simply resisting change, but demanded a series of new rights or resources that had not previously concerned them. One of the principal mobilising agents of this new culture of protest was the labour movement, which needed to construct new socio-cultural and class identities and develop new forms of organisation, action and negotiation that shifted the conflict into the realm of industrial relations and production (Cruz 1998).²

With these new forms of protest, nationwide working-class social movements aimed to demonstrate an improved organisational capacity, comprising their own institutions and organisms that promoted internal forms of sociability and solidarity that reinforced associative links and that generated social, professional, and cultural homogeneity in the group. The protagonists of mobilisations were no longer simply members of a community with that levelling instinct which established what was just and what was not, but a social group with an ideology, common interests, and concrete, specific objectives inspired by a socio-political oppositional project. The new forms of mobilisation looked to go beyond the localised nature of the riot and aspired to reach entire districts, provinces, or even the state as a whole. Furthermore, their permanence contrasted with the sporadic nature of popular revolts, whilst they were flexible and adaptable enough to express social unrest or protest. Direct action, so traditionally employed in peasant communities as a method of public protest, was to be replaced by

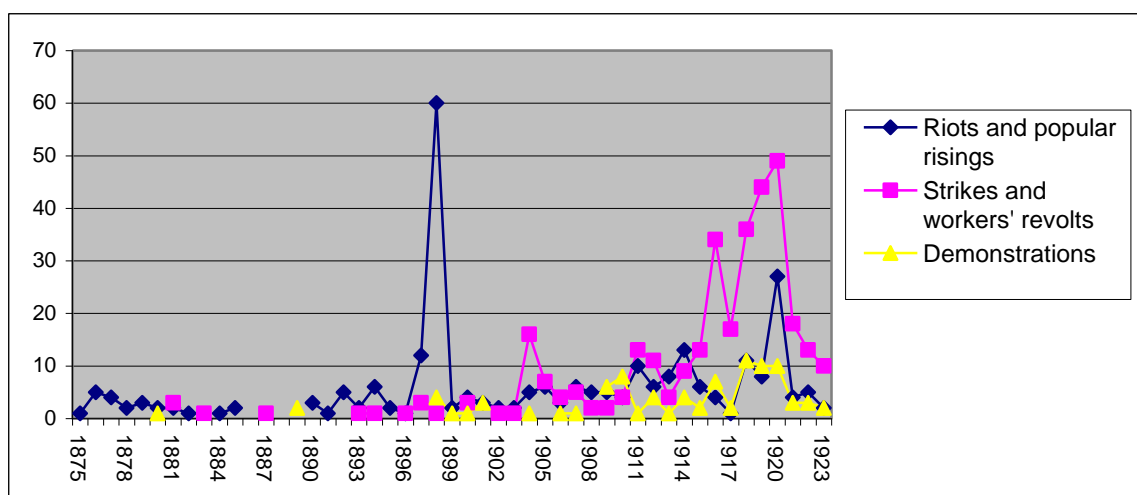
¹ This deeply unpopular method of collecting consumption taxes effectively made the tax a direct one, paid by each household according to their expected spending on consumables.

² R. Cruz affirms that the idea of a 'repertoire' of collective action is more a methodological tool that facilitates understanding of historical processes than a concept that must be demonstrated or proved.

various forms of protest with a greater civic sense which were more open to negotiation (Cruz and Pérez Ledesma 1997).

However, the circumstances necessary for the confirmation of a new culture of mobilisation did not start to lower the barriers of the agrarian world until the First World War, and even then, did so with great difficulty. Social and labour legislation conceded in the heat of the debate over the so-called ‘social question’ since the turn of the century clashed with the oligarchic nature of the political regime. The significant progress made by the labour movement in urban centres met with the opposition of caciques and employers in the rural world, who made the organisation of their employees or labourers difficult by using the threat of dismissal and other coercive practices. Consequently, the new repertoire of social protest did not displace traditional direct action or peasant riots, nor did it lead to a reduction in the levels of violence or transgression during conflict. On the contrary, both forms of protest co-existed during these years. This was demonstrated by the riots of 1920, the last great wave of food riots that had particular importance in agrarian provinces of the interior such as Badajoz, Toledo and Ciudad Real. Additionally, in these last years of the regime the numbers killed or injured during protests increased, and radical attitudes flourished (Cruz 2005).

Fig. 1. Chronology of mobilisations in five agrarian provinces of the peninsular interior (Albacete, Ciudad Real, Cuenca, Guadalajara y Toledo), 1875-1923.



Elaborated by the author.

Therefore, the difficulties encountered by the labour movement in expressing demands that rarely went further than the workplace through civic channels and negotiations explain the survival of popular riots that were still, to a certain extent, effective (Pérez Ledesma 1998). We thus find ourselves in a space of shifting frontiers, where ruptures or sudden changes in forms of protest do not exist, but where traditional interests, strategies, forms of organisation and protagonists co-exist and participate in a slow process of constructing, assimilating and learning the management of new means and opportunities for mobilisation.

Rioters and strikers: social behaviour in collective protests

The behavioural norms revealed in popular revolts are illuminating. Riots generally share great similarities in their forms of action. The popular rising was preceded by a

municipal act or decision, sometimes no more than a rumour, that affected certain rights or customs of the lower classes, attacked their identities, or put their day-to-day survival in question. These could be the announcement of the sale of grazing lands, the contracting out of consumption tax collection, the visit of the collector, the arrest of a villager, or an increase in the prices of staple goods. News, or rumour, was spread via public meeting places as diverse as the market, the entry to the *pueblo* where the tax-collection booth (*fielato*) was sited, the workplace, the tavern, or the street itself. The initial, unruly crowd would be formed, in general, by women and children. It would occupy the streets, shout insults at the authorities, and, after a show of strength such as cutting the telegraph lines in order to delay official requests for armed reinforcements or forcing the closure of local shops and other businesses, try to secure a meeting with the local authorities in order to demand explanations, protection from speculation, or the opening of negotiations.

The intervention of the mayor and, on occasion, the Civil Governor, could scotch the rumours or lead to a series of preventative or dissuasive measures that would silence the complaints and dissolve the protest. On the other hand, official incapacity, lack of compromise, or failure to realise the strength of popular feeling could have the opposite effect. In this case, the crowd would seek out more support amongst the men, working or unemployed, increasing in number as the day labourers came in from the fields. It would then head for the source of its indignation, be that the town hall, tax-collection booths, the convent, the prison, granaries, the homes of the big landowners, tax collectors, those suspected of speculating or hoarding grain or olive oil, or of the new private owners of lands previously held in common. The assault or arson of these places could be immediate. On these occasions, only a change in the attitude of the elites with regard to negotiating or acceding to the protesters' petitions, or the arrival of sufficient armed reinforcements to contain and repress the masses, could calm the unrest. The outcome also depended on the speed with which the insurgents acted, the level of the support for the protest, and the numbers of security forces charged with maintain public order in the population. The riot would be put down after one or two days following a combination of conciliatory measures, repression, and the exhaustion of the rebels.

Traditional popular uprisings were, then, subject to certain complex social and cultural rules of engagement, dictated by experience and custom, and, far from being spontaneous, showed a considerable degree of discipline, well-defined strategies, and concrete objectives. The masses reacted before a specific kind of aggravation when realistic expectation of the efficacy of collective action existed, attempted to intervene in the running of the municipality and to re-establish abrogated rights or correct an offence. They occupied the streets *en masse*, compact and intimidating, with shouts and some initial subversive actions intended to show their strength and ability to oblige the authorities to back down or negotiate. If an agreement was not forthcoming or was slow to arrive, more violent acts were directed against the property of landowners and local elites. Women, especially, played a vital strategic role in these protests, as by putting their children at the front of the crowd they underlined the gravity of their complaints and constrained the repressive options open to the security forces. Their demands, interspersed with begging and supplication, aroused greater compassion on the part of the authorities than would have been the case with the men. These women were in many cases the main interlocutors with the authorities. In the same way, they were to be found in the vanguard of nearly all anti-tax or food riots. The men often stayed in the rear, and only if there was a recrudescence of violence or an exchange of fire would they replace the women at the head of the protest (Tilly *et al.* 1975).

The organisation, strategies and shared objectives characteristic of these riots reveal that ideological substratum fundamental to traditional societies, or, at least, a set of experiences, ideas, values, and solidarities shared by the community that enable the existence of a fairly cohesive collective identity, a prerequisite for mobilisation. An ideological substratum inspired by a 'levelling instinct' or an idea of social justice based on shared norms and obligations that bound the distinct social and economic sectors of the community with the rest of the collective. More evidence of this peasant mentality upon which traditional popular protest was based can be seen in the behavioural continuity in the waves of food riots between 1898 and 1920. In these riots, the crowd condemned speculation and targeted those landowners and industrialists that raised bread prices in times of scarcity or preferred to export grain instead of supplying the productive population. They rarely asked for free bread, but rather that it should be sold at a fair price. In fact, the most commonly heard cry in agrarian provinces was 'we want cheap bread!'

In the same way, the enrichment of the few at the expense of the downtrodden majority was not exempt from administrative corruption and political favours worked out in the town hall. The masses were aware of these abuses, and a sense of having been defrauded existed amongst the population, fanning the flames of the riot. The assaults and sackings were directed against people or institutions that had transgressed the norms or traditional values of the community, that is, the property of the big landowners, the institutions of local authority, and the establishments which represented the presence of the liberal state in the population, such as the telegraph, the *fielatos* and the railway by which grain was transported. Whilst on occasions the masses took part in scenes of pillage, it was more common for the ransacked products to be thrown into a purifying fire or burnt in a bonfire on the square in a kind of '*auto de fe*'. Violence in these traditional riots rarely involved physical assaults on individuals. This confirms the selective nature of this violence, confirmed by behaviour such as that seen in a 1915 riot in Toledo, when the crowd saved bread intended for charitable use from being incinerated.

These acts of collective violence in traditional riots involved a ritual, symbolic aspect intended to lend a certain moral legitimacy to the protest. The messages communicated by the insurgents recalled liturgical acts or sacramental rites. A ritual that, for Natalie Davis, transforms social violence into a 'moral' act of justice and purification that Thompson also called the 'counter-theatre of the poor'. The protest derived its meaning from certain popular or traditional beliefs concerning social justice that would not have been expressed were they not shared by a good part of the community. This set of beliefs, values and ideas was born of common experiences such as sharing a weak social situation and living with the threat of falling into greater poverty. That is not to say that social relations lacked conflicts, thefts, arguments, fights and insults amongst the weakest sectors of society (on the contrary), but at times when they felt a common threat such as increased bread prices, the sale of common land or the arrest of a local inhabitant, they reacted by setting in motion of mutually binding and self-help mechanisms (Davis, 1975; Thompson, 2000: 85).¹

The new protest culture represented by the labour movement attempted to construct a new working-class identity, parallel to that of the community, which would be cultivated through the new forms of collective action and would change the face of

¹ For E.P. Thompson, the objective of this ritual was 'to provoke shivers of fear amongst the gentry, the magistrates and the mayors, remind them of their duties, and secure charity from them in times of scarcity'.

popular protest, along with the patterns of behaviour which traditionally accompanied it. Male-dominated workers societies tried to reduce the prominence of women, state-wide or supra-local associational links and solidarity between workers to substitute community ones, pre-planned actions and negotiations to supersede traditional forms of direct action, the language of class to replace a paternalist discourse, and the institutionalisation of protest to reduce violence. New forms of protest, particularly the strike, did not erupt due to rumours or news which provoked uncertainty and unrest amongst the lower classes, but were declared in advance by a union or workers' society faced with, in most cases, a work-related conflict. The conflict could also be political or taken advantage of to demand reductions in food prices or tax collections. The mobilising strategy was not to assault or set fire to elite properties or symbols of state power, but to ensure the strike was observed and sometimes seek alliances with other trades in order to force employers to the negotiating table. In this way the protest could last more than a day or two, due to the capacity for resistance and organisation of the workers' society (Pérez Ledesma 1997; Barrio Alonso 2003).

Nevertheless, the new forms of collective action utilised by the labour movement were not always effective enough to consign traditional forms of direct action, and their associated characteristics and patterns of behaviour, to the past. In the agrarian provinces of the interior, riots and strikes were so intertwined in the late Restoration period that, on occasion, protests gave the appearance of being halfway between a riot and a strike. The socialist *Casas del Pueblo* tried, on many occasions, to redirect food price conflicts via civic and institutional pathways, but a breakdown in negotiations would be immediately followed by a riot. Furthermore, when this broke out, workers downed tools and supported the protest with a demonstration. Strikes involving day labourers usually mobilised women and children to head for the fields and prevent those not observing the strike from working, while the strikers congregated in front of the town hall and threatened to assault it, attempted to storm the prison to liberate those already detained, or cut the telegraph lines and destroy municipal property.

In conclusion, the new forms of workers' mobilisation did not always adopt civic or institutionalised patterns of behaviour; far from it. They coexisted with the traditional, subversive conduct of the peasantry, and in later years manifested an increasing antipathy towards the security forces and an intensification of violence against individuals, in reply to the growing harshness of the coercive and repressive practices of the state and its elite backers. Workers' participation imbued protest with a class threat that mirrored the increasingly repressive behaviour of elites and employers, even including the traditional food riots to which the authorities usually had a more conciliatory attitude. Boycotts, dismissals, non-compliance with contracts or agreements, contracting outsiders or excluding unionised workers from the practice of gleaning all took advantage of an approach to public order based on the constant suspension of constitutional guarantees, declarations of Martial Law, and sending Civil Guard reinforcements to any locality where some kind of workers' mobilisation was anticipated. This atmosphere helps explain the survival of the traditional riot through to the last years of the Restoration regime, the subversive undercurrent of strikes which on occasion overflowed into revolts, the radicalisation of certain violent practices by the most militant workers, and the non-institutionalised nature of the conflict. The conservative classes perceived the democratic option as the entry-point of the proletariat into the government and jettisoned it in favour of a military and authoritarian option in 1923. However, this solution only succeeded in temporarily silencing social unrest, the

scale of which would be revealed with still greater intensity following the proclamation of the Second Republic in 1931.

References.

- Barrio Alonso, A. 2003, 'Culturas obreras, 1880-1920', in *La cultura popular en la España contemporánea. Doce estudios*, ed. J. Uría, Madrid, Biblioteca Nueva, pp. 109-129.
- Bascuñán, O. 2008, *Protesta y supervivencia. Movilización y desorden en una sociedad rural: Castilla-La Mancha, 1875-1923*, Valencia, Fundación Instituto Historia Social.
- Casanova, J. 2000, 'Resistencias individuales, acciones colectivas: nuevas miradas a la protesta social agraria en la historia contemporánea de España', in *La historia de Andalucía a debate. Campesinos y jornaleros*, ed. M. González de Molina, Barcelona, Anthropos, pp. 289-301.
- Cruz, R. 1993, 'Crisis de Estado y acción colectiva en el período de entreguerras, 1917-1939', *Historia Social*, nº 15, pp. 119-135.
- Cruz, R. 1998, 'El mitin y el motín. La acción colectiva y los movimientos sociales en la España del siglo XX', *Historia Social*, nº 31, pp. 137-152.
- Cruz, R. 2005, 'Pensar la violencia colectiva europea en perspectiva histórica', in *Culturas y políticas de la violencia. España siglo XX*, eds. J. Muñoz, J.L. Ledesma y J. Rodrigo, Madrid, Siete Mares, pp. 13-45.
- Cruz, R. and Pérez Ledesma, M. (eds.) 1997. *Cultura y movilización en la España Contemporánea*, Madrid, Alianza, pp. 13-34.
- Davis, Natalie Z. 1975, 'The rites of violence', in *Society and Culture in Early Modern France: eight essays*, Stanford, Stanford University Press, pp. 152-188.
- González Calleja, E. and Ledesma, J.L. 2009, 'Conflictividad y violencia sociopolítica en la España de la primera mitad del siglo XX' in *Mundos de ayer. Investigaciones históricas contemporáneas del IX Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea*, eds. E. Nicolás Marín and C. González Martínez, Murcia, University of Murcia, pp.331-361.
- Pérez Ledesma, M. 1997, 'La formación de la clase obrera: una creación cultural', in *Cultura y movilización en la España Contemporánea*, eds. R. Cruz and M. Pérez Ledesma, Madrid, Alianza, pp. 201-233.
- Pérez Ledesma, M. 1998, 'El Estado y la movilización social en el siglo XIX español', in *Estado, protesta y movimientos sociales*, eds. S. Castillo y J.M^a. Ortiz de Orruño, Bilbao, Asociación de Historia Social-Universidad del País Vasco, pp. 215-231.
- Scott, James C. 1985, *Weapons of the Weak. Everyday Forms of Peasant Resistance*, New Haven, Yale University Press.
- Thompson, Edward P. 2000, *Costumbres en común*, Barcelona, Crítica.
- Tilly, C. et al. 1975, *The Rebellious Century (1830-1930)*, Cambridge, Harvard U.P.
- Tilly, C. 2003, *The Politics of Collective Violence*, Cambridge, U.P., 2003.

Os trabalhadores no comércio em foco: trabalho e sindicalismo da baixa classe média no Brasil contemporâneo. *Patrícia Vieira Trópia*

Nos anos 1990, a sociedade brasileira sofreu profundas transformações nos âmbitos político, econômico e ideológico. Embora tardias, relativamente ao cenário europeu e latino-americano, as reformas do Estado e da economia ocorreram no sentido de liberar barreiras alfandegárias, reduzir as funções estatais, aprofundar a desregulamentação do capital financeiro e do trabalho. A partir do governo de Fernando Collor de Mello, em 1990, se inicia o processo de reforma do Estado brasileiro com vistas à sua adequação ao mercado mundial. As reformas orientadas para o mercado diziam respeito a três mudanças fundamentais: 1) abertura comercial e desregulamentação do mercado de capitais; 2) redução do Estado (privatizações e redução de gastos sociais); e 3) desregulamentação do mercado de trabalho.

O governo Collor consolidou a política de privatizações, modificou a política salarial – ao implementar a livre negociação – e abriu a economia ao comércio exterior. Todas estas políticas foram justificadas em nome do estado mínimo, da competitividade, da redução de gastos públicos e da inserção do país na nova ordem internacional. Itamar Franco, por sua vez, manteve os pilares do modelo implantado pelo seu antecessor, embora tenha reduzido o ímpeto das privatizações. A principal mudança realizada durante seu governo foi a estabilização monetária, com o lançamento do Plano Real. O governo restringiu o crédito e elevou a taxa de juros, além de se apoiar na abertura comercial como mecanismo auxiliar. A estabilidade monetária foi o principal mecanismo para o ingresso do Brasil no mercado mundial de capitais. Com a desregulamentação do mercado de capitais brasileiro aos investidores internacionais, o país aumenta a sua dependência e conseqüentemente fica mais vulnerável aos grandes grupos financeiros e aos movimentos (fugas, crises) de capitais.

Fernando Henrique Cardoso, em 1995, encaminhou ao Congresso Nacional vários projetos de emenda constitucional, que visavam implementar as reformas tributária, administrativa e previdenciária. A reforma previdenciária – cuja justificativa era reduzir o “déficit” público – visava “aumentar o tempo de contribuição dos trabalhadores e reduzir o valor dos benefícios pagos pelo Estado, abrindo caminho para a previdência privada” (Galvão, 2003). Durante o primeiro mandato de FHC a legislação trabalhista sofre importantes mudanças. Se num primeiro momento a abertura comercial, a redução do Estado e as privatizações contribuíram direta ou indiretamente para o acréscimo da cifra de desempregados e de trabalhadores precarizados, terceirizados e informais - aumentando a concorrência do mercado de força de trabalho e conseqüentemente rebaixando o seu valor -, a implantação da Lei do Trabalho Temporário e da *Lay Off*, em 1998, instituíram as bases legais do novo modelo capitalista brasileiro.

Estas políticas alteraram as relações de trabalho: da condição de assalariados contratados formalmente e com estabilidade na renda, parte relativa dos trabalhadores passou a ser contratada de forma bastante variada - subcontratação indireta (terceirização), subcontratação direta (autônomo) ou contratação regida por metas de produtividade. Uma parcela de trabalhadores da baixa e média classe média e de trabalhadores manuais passou a ser contratada por tempo determinado ou na condição de prestador de serviços (Santos, 2002).

Ocorreram também mudanças na composição ocupacional no Brasil, com a queda nas ocupações agrícolas e industriais e o aumento do setor do comércio e de

serviços. Outro fenômeno importante que impactou na estrutura ocupacional foi o crescimento do desemprego e a queda na renda. Como sabemos, a taxa de desemprego alcançou o patamar de 18,3% em 1998 nas regiões metropolitanas brasileiras e, segundo os dados da PNAD, houve uma queda de 18,8% no rendimento dos trabalhadores brasileiros no período 1996-2004, embora o salário mínimo tenha tido neste mesmo período um ganho de 2,2%. Como este cenário de mudanças afetou as classes médias baixas?

Os setores mais baixos da classe média foram afetados com a desregulamentação do mercado de trabalho, em particular com a adoção de formas mais precárias de contratação e, portanto, de intensificação da exploração capitalista. O setor do comércio, que já era tradicionalmente marcado pelas irregularidades nos contratos (como o caixa-dois), será afetado, paradoxalmente, naquela que tem sido sua histórica reivindicação: a regulamentação da jornada de trabalho. A tendência observada a partir da década de 1990 foi, ao revés das iniciativas de alguns sindicatos de comerciários, a extensão da jornada de trabalho aos domingos e feriados, quando o governo FHC oficializa a abertura de shoppings e supermercados nestes dias. O contrato temporário e a *lay-off* passam, por sua vez, a ser práticas corriqueiras no comércio, tanto que, segundo o estudo realizado por Donoso e Horn (s/d) no comércio varejista de Porto Alegre, as cláusulas relacionadas às “relações de trabalho” (contrato de trabalho) e “condições de trabalho” (jornada) crescem consideravelmente nos anos de 1990. Outro aspecto importante é a tendência de investimento externo no setor do comércio, especialmente de supermercados, e a consolidação do processo de concentração, a julgar pelo fato de que as três maiores empresas do setor de supermercados, no Brasil, são o Grupo Pão de Açúcar (Cia. Brasileira de Distribuição), Carrefour e WalMart.

Como estas mudanças afetam os comerciários? E como eles reagem a elas? Vejamos inicialmente algumas características do trabalho no comércio no Brasil. A seguir, para analisarmos as reações dos comerciários, tomaremos a atuação da CONTRACS – Confederação dos trabalhadores no comércio e no setor de serviços da CUT.

O setor e os trabalhadores no comércio

O setor do comércio caracteriza-se pela venda e revenda de mercadorias, sendo sua atividade determinada pela forma de disponibilização do produto no mercado, podendo ser varejista ou atacadista. Todavia, tomando o segmento do comércio em sua complexidade (mercadorias são produzidas no País ou são importadas, são de origem agrícola ou industrial, voltam-se para mercado interno ou externo e para que perfil de consumidores), pode-se deduzir o quanto a adoção de determinadas políticas macroeconômicas (política de juros, de câmbio, abertura às exportações, elevação de impostos) por um lado e de políticas de emprego, trabalhistas e sociais (renda, salário, direitos sociais), por outro, incidirão sobre a atividade comercial em geral e sobre os seus trabalhadores em particular.

O comércio tem participação significativa no PIB – aproximadamente 8% – e ocupava 9 milhões de pessoas no Brasil, em 1999, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2009, cerca de 16 milhões de pessoas estavam empregadas no setor – o que representa 17,8% do total de empregados no país. Este crescimento se deve, em grande medida, ao modelo econômico adotado nos últimos anos, marcado pela implementação de políticas neoliberais que viabilizaram o incremento de investimentos externos na economia em geral e no comércio em particular, alterando o perfil dos estabelecimentos comerciais (crescimento de fusões,

aumento das redes multinacionais) e concentrando a renda e a riqueza (Duménil, 2003). Particularmente, a política macroeconômica adotada pelo governo Lula, marcada pelo aumento de investimentos públicos, por iniciativas protecionistas, pelo incremento da produção industrial e do mercado de consumo interno levou ao crescimento econômico do Brasil e, conseqüentemente, do comércio.

O setor do comércio no Brasil é bastante heterogêneo. Em estudo anterior (Trópia, 1994), analisamos duas situações de trabalho dominantes no comércio: uma tipificada pelo pequeno e médio comércio, disperso geograficamente, com relações de trabalho formais e informais, remuneração por comissão, atendimento e contato com o público; e outra tipificada pelo grande comércio atacadista e vajerista, como o setor de super e hiper mercados, onde predominam a concentração espacial e relações de trabalho caracterizadas pela formalidade, pela remuneração fixa e pelo trabalho padronizado de reposição e estoque de mercadorias ou de operação de caixas. Este perfil teria se alterado nos anos 2000?

Estudo realizado pelo Dieese (2003b) sobre o perfil do comerciário no início dos anos 2000 evidencia que a maioria dos comerciários era do sexo masculino e se encontrava dividida entre dois níveis de escolaridade – 1/3 tinha o 1º. Grau incompleto e 1/3 tinha o superior incompleto. A faixa etária predominante era a de 25 a 39 anos. Em relação ao tipo de contrato, a maioria dos comerciários era assalariada e, dentre estes, cerca de 70% possuía carteira assinada. Todavia, já se podia notar o crescimento do percentual de trabalhadores sem carteira (algo em torno de 13,8%). A formalização do contrato tendia a ser menor nos pequenos estabelecimentos, enquanto nos grandes estabelecimentos a contratação formal tendia a ser maior, embora ali os salários fossem menores.

Uma das questões mais latentes do trabalho no comércio refere-se à jornada de trabalho. Em geral a jornada de trabalho no comércio é superior à jornada dos demais setores da atividade econômica. Enquanto a média total de horas trabalhadas era, em 1999, de 41 horas em Belo Horizonte e 46 horas em Recife, no comércio estas médias variavam entre 44 e 49 horas nas mesmas cidades e respectivamente (Dieese, 2003b). A partir da autorização da abertura do comércio aos domingos – incluída na lei 10.101 de 9 de dezembro de 2000, que regulamentou a Participação nos Lucros e nos Resultados (PLR) -, bem como da adoção do Banco de Horas (Projeto de Lei nº 1.724/96), a jornada de trabalho excedente (além das 44 horas oficiais) no comércio cresce ainda mais. Em São Paulo, até 1999 os comerciários trabalhavam em média 46 horas; desde então esta média subiu para 48 horas semanais.

Os dados abaixo, relativos ao biênio 2009 e 2010, evidenciam que o comércio é, nas regiões metropolitanas pesquisadas e no Distrito Federal, o setor que tem a maior jornada média semanal de trabalho.

Tabela I – Jornada média semanal de trabalho dos ocupados no trabalho principal, segundo setores de atividade econômica (Regiões metropolitanas e DF) – (2009-2010)

Setores de Atividades / Regiões	Belo Horizonte		Distrito Federal		Porto Alegre		Recife		Salvador		Sao Paulo	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010	2009	2010	2009	2010	2009	2010
Total de ocupados	40	41	41	41	43	42	44	45	42	42	42	42
Indústria	41	42	41	40	43	43	46	46	43	44	42	42
Comércio	44	44	46	46	47	47	49	50	44	45	46	45
Serviços	38	40	40	40	42	42	42	43	41	41	42	41
Construção civil	41	41	44	44	43	43	46	47	44	43	43	42
Serviços domésticos	37	38	39	39	36	36	44	44	40	41	36	35

Fonte: Dieese, 2010.

Outro aspecto característico do trabalho no comércio é a tendência à rotatividade. Trata-se de um dos setores com menor índice de permanência no emprego, fenômeno que pode ser explicado por variados fatores, entre os quais estaria a baixa remuneração, a informalidade, a sazonalidade das vendas e o fato do comércio ser uma *porta de entrada* para o mercado de trabalho. A taxa de rotatividade é de 41%, ou seja, 5% acima da média nacional, que é de 36%. A média de permanência do total dos assalariados nas cidades pesquisadas pelo Dieese era de 45 meses, em 2001, enquanto para os trabalhadores no comércio esta média era de 36 meses (DIEESE, 2003b). A taxa de rotatividade no comércio só é menor do que a da agricultura (74%) e da construção civil (86%). Porém o dado mais significativo relativo à rotatividade é que, em geral, o salário dos contratados tende a ser inferior ao dos demitidos. Outra característica que chama a atenção é a significativa dispersão espacial, na medida em que, como podemos verificar pela tabela abaixo, do total de estabelecimentos comerciais do varejo no Brasil, 95% empregam até 19 funcionários, predominante assim o pequeno estabelecimento.

Em relação ao padrão salarial, também se observa o predomínio de uma situação bastante precária. No período entre 1995 e 2003, os comerciários da cidade de São Paulo tiveram uma perda na renda da ordem de 43,5%. O salário médio do comércio, em 2003, equivalia a R\$ 796,00, enquanto o rendimento médio de 1995 correspondia a R\$1.409,00 (Dieese, 2003a). Enquanto os ocupados em geral viram seus rendimentos serem reduzidos em 31,4%, entre 1995 e 2003, os comerciários tiveram, no mesmo período, uma queda de 43,5%.

Ao compararmos o salário médio dos comerciários aos demais setores da atividade econômica no Brasil, no ano de 2009, observa-se que, exceto trabalhadores da indústria têxtil, de calçados e trabalhadores agrícolas, que receberam salários médios inferiores, todos os demais trabalhadores percebiam um salário superior aos trabalhadores do comércio varejista.

Tabela II - Salário médio, por setor de atividade econômica, Brasil (2009)

<i>Setores de Atividade Econômica</i>	<i>2009</i>
Extrativa mineral	4868,58
Instituições de crédito, seguros e capitalização	3840,57
Serviços industriais de utilidade pública	2994,92
Indústria do material de transporte	2870,91
Ind. Química de produtos farmacêuticos, veterinários	2382,14
Indústria mecânica	2197,64
Administração pública direta e autárquica	2193,33
Ensino	2129,36
Indústria do material elétrico e de comunicações	1983,19
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	1891,39
Indústria metalúrgica	1810,33
Transporte e comunicações	1578,32
Ind. Da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. Diversas	1556,45
Comércio atacadista	1535,43
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	1463,67
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários	1397,41
Construção civil	1296,10
Indústria de produtos minerais não metálicos	1197,69
Ind. De produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	1180,41
Serviço de alojamento, alimentação, reparação, manutenção	1068,34
Indústria da madeira e do mobiliário	1012,12
Comércio varejista	946,58
Ind. Textil do vestuário e artefatos de tecidos	941,75
Agricultura, sicultura, criação de animais	867,67
Ind. de calçados	823,24

Fonte: RAIS/MTE, 2010.

Diante do quadro de exploração e precarização evidenciado, como teriam reagido os comerciários no plano sindical no Brasil?

Os comerciários entre a retaguarda e a militância da CONTRACS

O perfil de retaguarda do sindicalismo comerciário

Em 2001, cerca de 14% (1579 em números absolutos) do total de sindicatos existentes no Brasil eram de comerciários. Cerca de 10,8% dos trabalhadores sindicalizados no Brasil em 2007 eram do setor do comércio e reparação. Trata-se de um setor com um índice de sindicalização relativamente próximo da média nacional. Todavia se o número de sindicalizados expressa um comportamento típico no país, a prática e a orientação dominantes no sindicalismo comerciário é intrigante. Vejamos algumas características do sindicalismo comerciário, antes de passarmos à análise da CONTRACS.

Os comerciários ingressam no sindicalismo oficial no Brasil nos anos 30 e 40 em algumas grandes capitais. Desde então algumas características têm se evidenciado, na medida em que se trata de um segmento de trabalhadores que tende a assumir um comportamento político conservador (em apoio às políticas mais conservadoras), corporativista e de retaguarda no plano sindical. Tomemos o caso do Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo (SEC/SP). Muito embora tenham surgido algumas lideranças sindicais de cunho popular, predominou no SEC/SP a oposição a qualquer frente sindical popular e reivindicativa criada por outros trabalhadores, bem como ao pluralismo sindical, ou seja à existência de mais de um sindicato em uma mesma base territorial (Saes, 1981).

Outra prática que caracterizou a atuação dos comerciários de São Paulo foi o “apoliticismo”. Se de um lado os comerciários defendiam a independência dos partidos, restringindo sua luta às reivindicações profissionais, por outro ocultavam o recorrente apoio aos sucessivos governos do período 30-64. Na ditadura militar, pós 1964, quando inúmeros sindicatos eram ocupados por interventores, os comerciários atuavam contra a influência comunista, defendiam abertamente a intervenção dos governos militares nos sindicatos e aceitavam a supremacia econômico-ideológica dos Estados Unidos. Se no plano político as orientações das lideranças sindicais dos comerciários tendem a ser, até os anos de 1990, conservadoras, como era a sua prática sindical?

No Brasil, a prática sindical comerciária tem se caracterizado por uma tímida ação grevista. O quadro grevista dos comerciários, no período 1982-91, é revelador, se considerarmos que este período marca o surgimento do movimento sindical popular e de massa. Neste período, as greves de comerciários foram raras e ficaram circunscritas a estabelecimentos comerciais específicos.

Tabela III - Distribuição das greves de comerciários: Brasil (82-91)

Ano	1982-83	1984	1985	1986	1987	1998	1989	1990	1991	Total
N. de greves	0	1	13	8	7	7	12	15	5	66

Fonte: Elaboração própria a partir dos Boletins do DIEESE.

No período, foram realizadas 66 paralisações, enquanto outros segmentos médios, como professores, realizariam, somente no ano de 1986, 64 greves e os funcionários públicos 68 (NEPP, 1988). A maioria das greves de comerciários restringia-se a estabelecimentos isolados (greves por empresa) e duraram pouco tempo, diferentemente daqueles segmentos, nos quais as paralisações envolviam a categoria e tinham uma média relativamente alta de dias parados Noronha (1988).

O tipo de greve predominante no comércio, a greve por empresa (tabela IV), dificulta o poder de barganha dos comerciários. Os conflitos deflagrados nos estabelecimentos isolados, particularmente nas médias empresas, mostraram pouca possibilidade de enfrentamento com o capital comercial, de tal forma que das 30 greves por empresa, 13 tiveram suas reivindicações atendidas. Neste sentido, o êxito na conquista das reivindicações, mesmo nas greves por empresa, parece se relacionar ao tipo de estabelecimento.

Tabela IV - Resultados das negociações das greves de comerciários, por tipo de greve: Brasil (1982-91)

Tipo de greve	Resultados				Total
	Sim	Não	Impasse	Sem informação	
Greve por empresa	13	4	10	3	30
Greve por grupo de empresa	7	3	6	5	21
Greve de categoria	5	1	8	0	14
Sem informação	-	-	1	-	1
Total	25	8	25	8	66

Fonte: Elaboração própria a partir dos Boletins do DIEESE.

Do total de greves destacam-se as paralisações ocorridas em supermercados, hipermercados e em grandes magazines (Tabela V). É neste setor do comércio que encontramos um potencial reivindicatório. Se agruparmos aqueles estabelecimentos, nos quais havia concentração de trabalhadores e as tarefas eram não-qualificadas, como super e hipermercados e os grandes magazines populares, constata-se que 59% das greves foram ali deflagradas. Se levarmos em conta que as greves gerais de categoria tinham como base de sustentação trabalhadores destes estabelecimentos, chegamos a 82% do total – o que evidencia qual setor do comércio tende a ter um potencial de protesto e grevista.

Tabela V - Greves de comerciários no Brasil (1982-91) por tipo de estabelecimento

<i>Tipo de Estabelecimento</i>	<i>Número de greves</i>	<i>%</i>
Supermercado	22	33,3
Hipermercado	2	3,0
Lojas	6	9,1
Concessionária de automóvel	5	7,6
Magazines	15	22,7
Geral	15	22,7
Sem informação	1	1,5
Total	66	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos Boletins do DIEESE.

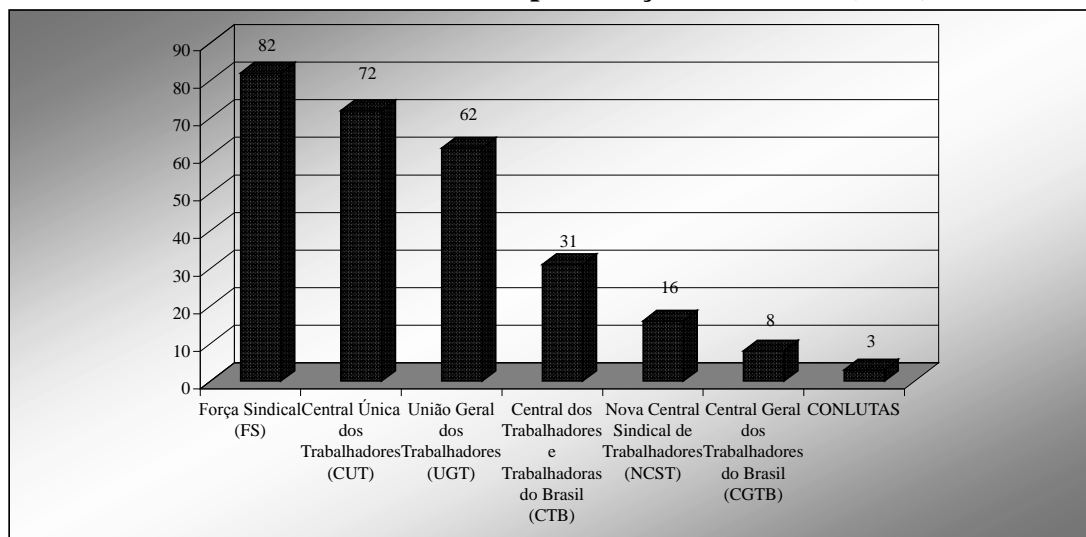
A filiação dos comerciários às centrais sindicais refletia também uma orientação anti-reivindicatória e antigrevista. Existiam 195 sindicatos de comerciários em todo o Brasil na década de 80. Destes, em 1988, 32 eram filiados à CUT - 16,41%. A inexistência de dados acerca da filiação dos demais sindicatos às centrais sindicais - CGT e USI - permite apenas conclusões aproximadas. Todavia é possível construir um quadro aproximado sobre as tendências de filiação a partir de dados de cada uma das centrais, então, existentes. Durante a realização do II CONCLAT, em 1986, é criada a CGT – Central Geral dos Trabalhadores. Dos sindicatos que apoiavam a CGT, 33 eram de comerciários – o que representava 17% do total. Entretanto, sendo a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e a Federação dos Empregados no Comércio de São Paulo filiadas à USI, é possível traçar um perfil aproximado: os 66,6% restantes dividir-se-iam entre a filiação à USI e a não-filiação a qualquer central.

Este quadro evidencia que, até o final dos anos de 1980, a CUT representava apenas 16,5% do sindicalismo comerciário. Todavia, em 1987 esta central passa a organizar o Departamento Nacional dos Comerciários (DNC), embrião da CONTRACS, com o intuito de organizar a categoria e disputar os espaços de representação, inclusive, a partir de 1991, com a Força Sindical. Antes de passarmos, então, à análise da CONTRACS propriamente dita, vejamos qual a distribuição dos sindicatos de comerciários entre as centrais existentes no período contemporâneo.

O gráfico abaixo revela que a CUT representava, em 2009, 26% do total de sindicatos filiados a alguma central. Ainda que não seja a central hegemônica, nem a majoritária, não deixa de ser significativo o incremento de sindicatos de trabalhadores no comércio na CUT. A Força Sindical é, todavia, a central que mais atrai os sindicatos de trabalhadores no comércio, seguida da União Geral do Trabalhadores (UGT).

Todavia, a UGT, uma central enraizada no setor do comércio e de serviços, tem como baluarte o Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo e, como seu presidente, Ricardo Patah.

Gráfico I – Sindicatos de comerciários por filiação às centrais (2009)



Fonte: SIS/ DIEESE. Elaboração própria a partir dos dados do Sistema de Informações Sindicais.

Passemos, doravante, à análise da CONTRACS.

A origem, a composição e as lutas da CONTRACS

Em 1987, os comerciários filiados à CUT iniciam uma nova fase de sua organização. Para criar o Departamento Nacional de Comerciários (DNC), reúnem-se alguns sindicatos de comerciários dos estados do Piauí, Maranhão, Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina. Em 1990, ocorre o primeiro Congresso do DNC, em Vitória, com a presença de 95 delegados, representando 23 sindicatos, 1 federação e 7 oposições sindicais. Foram definidas as seguintes bandeiras de luta: combate à liberação do horário do comércio, garantia de igualdade de remuneração entre homens e mulheres, garantia de creche e de direitos da maternidade e combate à discriminação.

Se, por um lado, o DNC procurou aglutinar forças para fazer frente ao peleguismo e apoiar as oposições sindicais, por outro, o Departamento viu o sindicalismo comerciário conservador - sob a égide do Sindicato dos Empregados no comércio de São Paulo - se rearticular e criar a Força Sindical. Neste sentido, é bastante plausível supor que a transformação, em 1993, do DNC na Confederação Nacional dos Comerciários e dos Trabalhadores no Setor de Serviços (CONTRACS) foi uma resposta, no plano político e organizativo, ao fortalecimento do campo conservador, afinal do SEC/SP saíram algumas lideranças que fundaram a Força Sindical. A união dos trabalhadores dos comerciários aos trabalhadores de vários setores de serviços filiados à CUT transforma, então, a CONTRACS em uma entidade com maior poder de organização e de disputa pela direção dos sindicatos que, até então, se encontravam nas mãos de grupos políticos conservadores, sem filiação ou filiados à Força Sindical, CGT e USI. Esta união entre comerciários e trabalhadores do setor de serviços ocorre durante o 2º Congresso do DNC, em Vitória/ES, inaugurando assim uma nova de organização e mobilização.

Em 1995, ocorre o 3º. Congresso, em São Paulo. Todavia é no 4º. Congresso, ocorrido na Praia Grande (SP) em 1999, que o heterogêneo perfil da base da CONTRACS se evidencia, em função da composição da diretoria (pela primeira vez a executiva contou com representantes do setor de serviços) e da participação de 217 delegados, representando 55 sindicatos.

Esta articulação dos trabalhadores do comércio aos trabalhadores do setor de serviços reflete uma estratégia política dos comerciários da CUT, mas não só. Além das intensas disputas entre Força Sindical e CUT, a criação da CONTRACS resulta do impacto das políticas neoliberais sobre os trabalhadores dos setores do comércio e de serviços, os quais passaram a sofrer os efeitos mais perversos das políticas de flexibilização e desregulamentação trabalhista. Enquanto parte das centrais (Força Sindical, sobretudo) acreditava que a flexibilização geraria empregos e dinamizaria o mercado de trabalho (Tropia, 2009), aquele subconjunto de trabalhadores sofria, diretamente, com os efeitos mais perversos da legislação que instituiu a terceirização, o contrato parcial, o banco de horas, a extensão do trabalho aos domingos. Tais efeitos sobre as condições de trabalho foram: o aumento da jornada de trabalho, a precarização do trabalho e das condições contratuais, a perda de direitos, a informalidade e o desemprego.

Nos anos 2000, sobretudo com a chegada do primeiro governo do PT à presidência da República, a CONTRACS, tanto quanto inúmeros sindicatos que se mantiveram na CUT – a despeito das dissidências e da criação da Conlutas e Intersindical –, assume, cada vez mais, a proposta de “sindicalismo cidadão”, defendida como forma de enfrentar a perda de direitos sociais. Neste sentido, a CONTRACS cria uma secretaria de mulheres, voltada à defesa de questões relativas à igualdade de gênero, creche, ampliação da licença maternidade, entre outros direitos. Outra bandeira que unifica comerciários e trabalhadores do setor de serviços é o combate ao preconceito e à discriminação, não apenas porque muitos dos sindicatos do setor de serviços – sindicato de trabalhadores domésticos, por exemplo – são compostos majoritariamente por mulheres, mas devido ao fato de, nestes setores, relações de trabalho com características do trabalho servil, ali predominarem. É neste sentido que se pode entender o forte apelo que a luta contra a discriminação, pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e pelo trabalho decente tem entre as categorias da CONTRACS. Essa orientação reflete, certamente, o perfil da base da entidade, composta por categorias, forte ou predominantemente, femininas como o comércio, o trabalho doméstico e no setor de limpeza. A composição da categoria de comerciários, assim, reflete-se no plano de lutas da entidade.

Mas se certas características da composição da categoria se refletem na luta sindical, a posição de classe dos comerciários nos ajuda a compreender certa inflexão, à esquerda, e o enfrentamento do capital comercial da CONTRACS. Na luta política, a CONTRACS participa em 2005 do Fórum Social Mundial e passa a discutir o impacto das multinacionais no comércio do Brasil. Além disso, a CONTRACS, nos anos recentes, vem tentando realizar acordos por ramo de empresas, buscando enfrentar problemas típicos, por exemplo, das grandes redes de super e hiper mercados como Carrefour e Wall Mart.

Estas frentes de atuação respondem ao perfil de uma parte da base da CONTRACS, presentes no setor de super e hiper mercados, os quais têm o maior potencial de luta. Nesta direção, a CONTRACS passou a monitorar as grandes cadeias de supermercados e de lojas de departamentos, a patrocinar estudos e a produzir boletins

específicos sobre as multinacionais no setor. Ademais, a CONTRACS buscava atrair os comerciários deste setor para suas fileiras.

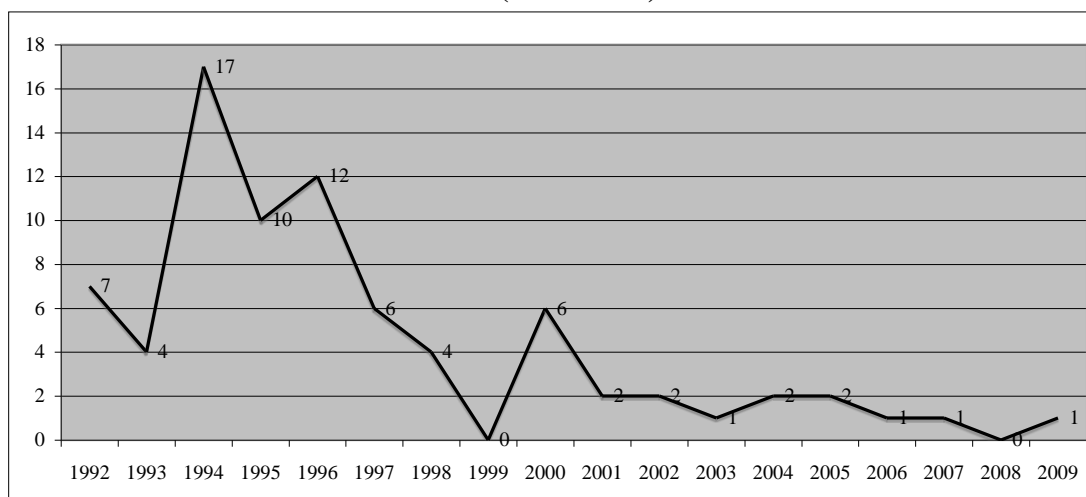
Em 2006, quando realizou o 6.º Congresso, a CONTRACS contou com a participação de 115 entidades: 107 Sindicatos, 6 Federações estaduais e 2 oposições sindicais. Estiveram presentes 355 delegados, que deliberaram sobre os seguintes eixos de luta: defesa do governo Lula, contra a flexibilização dos direitos e pelo fortalecimento dos sindicatos; pela realização de campanhas unificadas, contra a abertura indiscriminada do comércio aos domingos e o banco de horas; pelo avanço na organização do setor de serviços e pelos direitos das trabalhadoras domésticas.

Em 2007, os trabalhadores do comércio e do setor de serviços, até então vinculados à Corrente Sindical Classista – corrente articulada ao PC do B –, deixam a CUT, migram para a CTB, o que leva a CONTRACS a uma nova reestruturação. Em 2008, a CONTRACS realiza seu 7.º Congresso, contando com a presença de 297 delegados. Neste congresso, um plano de lutas, em particular, chamou nossa atenção: o combate à terceirização e à intensificação da luta contra a exploração nas grandes empresas multinacionais.

Que lutas e protestos foram organizadas pelos trabalhadores no comércio no período recente?

A partir dos dados do Sistema de Acompanhamento de Greves do Dieese, analisamos a evolução das greves dos comerciários no país. No período 1992-2009, são deflagradas 78 greves no setor do comércio. As greves no setor do comércio apresentam um perfil relativamente típico do sindicalismo brasileiro. Enquanto nos anos de 1990 as greves ocorrem em maior número e são mais extensas, nos anos 2000 cai o número de greves e de jornadas não trabalhadas. No período 1992-1999, são deflagradas 60 greves, enquanto de 2000 a 2009 o número de greves cai para 18. Considerando todo o período, o ano de 1994 é aquele em que ocorrem o maior número de greves de comerciários, 17 paralisações.

Gráfico II – Greves de comerciários (1992-2009)



Fonte: DIEESE. SAG-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Greves. Painel original. Elaboração própria.

Ao analisarmos a natureza das reivindicações, concluímos que as reivindicações de natureza salarial predominam entre os comerciários. Nada menos do que 70 paralisações

foram motivadas por questões relativas a salário e remuneração, 89,7% do total. Do total das greves, 15,3% foram motivadas por melhorias nas condições de trabalho, 29,4% por mudanças nas relações de trabalho, tais como jornada de trabalho. Baixos salários seriam, assim, a principal reivindicação dos comerciários, seguida por questões relativas às relações e condições de trabalho.

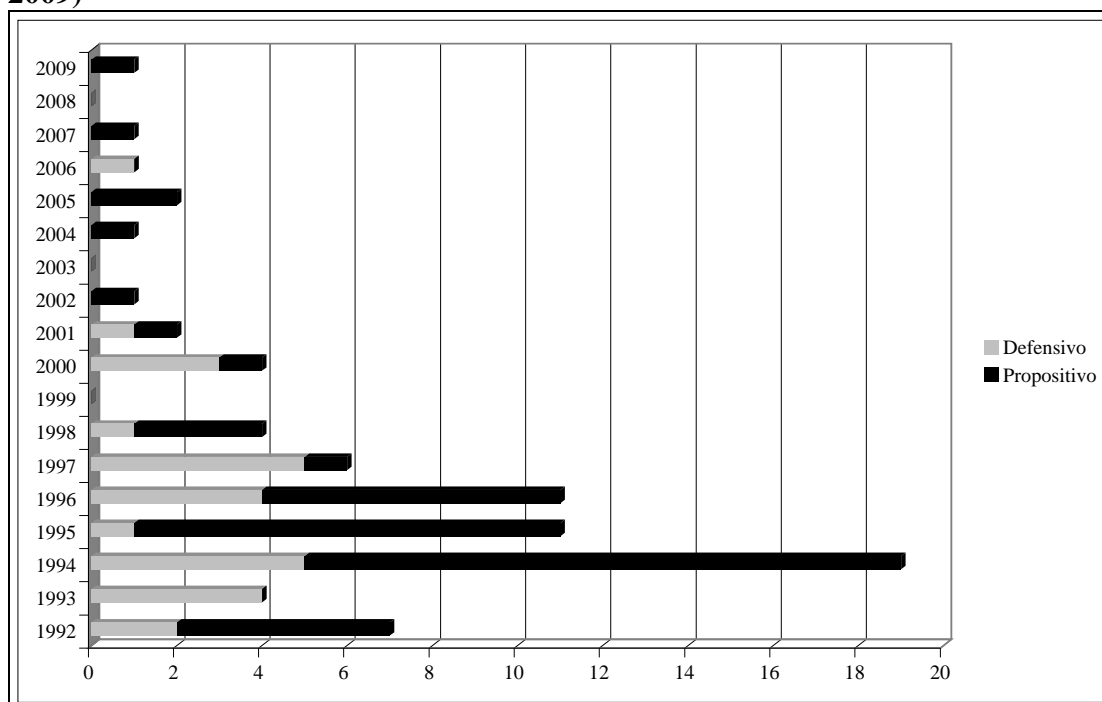
Tabela VI - Número de greves no comércio por temas das reivindicações (1992-2009)

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Total
Condições de trabalho	1	0	4	4	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12
Político	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2
Relações de trabalho	2	0	6	3	3	2	2	0	2	0	0	0	2	0	1	0	0	0	23
Relações sindicais	1	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Salário e remuneração	6	3	14	10	11	6	3	0	6	2	2	1	2	2	0	1	0	1	70
Total	7	4	17	10	12	6	4	0	6	2	2	1	2	2	1	1	0	1	78

Fonte: DIEESE. SAG-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Greves. Painel original. Elaboração própria.

Em relação ao caráter das reivindicações, é possível verificar que tanto nos anos de 1990, quanto nos anos 2000 as greves assumem um caráter predominantemente propositivo, como podemos verificar pelo gráfico abaixo. Apenas nos anos de 1993, 97, 2000 e 2006, as greves foram majoritariamente defensivas.

Gráfico III - Número de greves no comércio por caráter das reivindicações (1992-2009)



Fonte: DIEESE. SAG-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Greves. Painel original. Elaboração própria.

Breves considerações finais

Podemos concluir, em função dos dados apresentados acima que, embora numericamente reduzidas, as greves deflagradas no comércio refletem os problemas vivenciados pelos trabalhadores neste setor. Contrasta, assim, com a importância do setor do comércio na economia brasileira, o baixo padrão salarial e os problemas relativos à jornada de trabalho, seja no que diz respeito à sua extensão numérica, seja no que diz respeito à distribuição desta jornada ao longo da semana (abertura do comércio aos domingos e feriados).

O reduzido número de greves no comércio pode ser explicado em função de algumas variáveis importantes, entre as quais a dispersão espacial dos comerciários que trabalham em pequenas empresas. O trabalho em pequenos estabelecimentos, onde, em geral, estão presentes os próprios patrões, dificulta a criação de laços de solidariedade e de identidade coletiva entre os trabalhadores. Por sua vez, é nesta situação de trabalho que predomina o salário por comissão e o contato com o público, características que podem fazer os comerciários a: 1) crer que seu salário depende muito mais do seu êxito individual, de sua habilidade, de seu talento na abordagem dos clientes, 2) conceber os demais comerciários como concorrentes e não como aliados e 3) minimizar a capacidade coletiva de luta por melhorias salariais pela via sindical. Nestes estabelecimentos, a inserção das lideranças sindicais – ao menos das lideranças sindicais comprometidas com a luta pela melhoria das condições salariais e de trabalho dos comerciários – é imensamente mais difícil, na medida em que esta inserção pode expor os comerciários a constrangimentos de natureza política, sendo bastante comum os relatos segundo os quais os comerciários que se sindicalizarem são ameaçados de demissão. Embora ameaças desta natureza não sejam exclusivas dos pequenos estabelecimentos – relatos de lideranças sindicais no Brasil e estudos em empresas do setor de supermercados e hipermercados nos Estados Unidos evidenciam as estratégias utilizadas pelo patronato para controlar a sindicalização -, o controle efetivo dos comerciários sindicalizados é bastante mais plausível nas pequenas e médias empresas.

Neste sentido, e apoiada em pesquisa anterior (Tropia, 1994), nossa hipótese é que as greves no comércio tendem a ocorrer nos setores de super e hipermercados, justamente naqueles setores em que a situação de trabalho é marcada pelo salário fixo, por um contato estandardizado com o público e pela concentração espacial no mesmo local de trabalho.

Procuramos aprofundar o estudo sobre algumas greves deflagradas no setor de varejista de supermercados ou no setor atacadista. No ano de 2004, foram duas paralisações no comércio, ambas deflagradas por comerciários em centros de distribuição públicos de alimentos: do Ceagesp, em São Paulo, e da Ebal, na Bahia. No ano de 2005, ocorreu apenas uma greve de comerciários da esfera pública. Em 2006, ocorreu apenas uma paralisação (de um total de 320) de comerciários da esfera privada. Em 2007, ocorre uma greve (de um total de 316) entre comerciários da esfera pública.

Nosso levantamento junto à CONTRACS evidencia, todavia, outras paralisações não captadas pelo Dieese. Em 2007, eclodem duas paralisações de comerciários do Carrefour: uma na Bahia e outra em Osasco. No primeiro caso, as reivindicações diziam respeito às condições de trabalho (má qualidade da água e das cadeiras utilizadas pelos caixas) e à jornada excessiva de trabalho, chegando até 17 horas de trabalho! Em Osasco, a paralisação dos comerciários, convocada pela CONTRACS, encontrou uma reação violenta por parte da empresa e da polícia, ganhando notoriedade em todo o mundo. Estas duas paralisações, embora em pequeno número, expressam o nível de

precarização das condições de trabalho nas grandes redes de supermercados multinacionais.

Se as greves constituem ainda uma forma de luta e de protesto relativamente rara no setor do comércio, é a luta jurídica em torno de conquistas para mulheres, jovens e pela regulamentação da profissão, pelo fim do trabalho aos domingos e feriados que têm mobilizado a CONTRACS. E, muito embora, a luta pela regulamentação do trabalho aos domingos e feriados constitua uma luta específica dos comerciários, latente e atual, a Confederação tem se engajado na luta mais geral pela redução da jornada de trabalho no Brasil de 44 para 40 horas. Finalmente, a natureza orgânica da CONTRACS, representando trabalhadores do setor do comércio e de serviços, setor com maior potencial reivindicativo e grevista, indicam a disposição de enfrentar, além do Estado e do capital comercial, o conservadorismo dos setores mais conservadores no interior do próprio sindicalismo.

Bibliografia

DIEESE. “Comerciários perdem mais de 40% da renda desde 1995. São Paulo, 2003a. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acessado em 7 de Dezembro de 2010.

DIEESE. Perfil dos trabalhadores no comércio. São Paulo, 2003b. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/esp/estudos_setoriais.xml>. Acessado em 10 de Novembro de 2009.

DONOSO, Virgínia Rolla e HORN, Carlos Henrique. “Negociações coletivas de trabalho: o caso do comércio varejista de Porto Alegre, 1978-2004”. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/indicadores/34_01/13_parte.pdf>. Acessado em 3 de maio de 2009.

Duménil, G. e Lévy, D. (orgs.). *Uma nova fase do capitalismo?*. São Paulo, Xamã, 2003.

GALVÃO, Andréia. *Neoliberalismo e reforma sindical no Brasil*. Campinas, Tese de doutorado. Campinas: IFCH-Unicamp, 2003.

NEPP. Núcleo de Estudos de Políticas Públicas. *Relatório sobre a situação social do país*, Campinas: Unicamp, 1988.

SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz, 1981.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento, mudanças e efeitos na renda*. Rio de Janeiro: Iuperj, 2002.

TRÓPIA, Patrícia Vieira. *Classe média, situação de trabalho e comportamento sindical: o caso dos comerciários de São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Campinas: IFCH-Unicamp, 1994.

_____. *Força Sindical: política e ideologia no sindicalismo brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

A greve que mudou a revolução: luta laboral e ocupação da Rádio Renascença, 1974-1975. Paula Borges Santos

A 30 de Abril de 1974, os trabalhadores da Rádio Renascença (RR) iniciaram uma greve e entraram em autogestão. Foi o começo de uma luta laboral que, entre Setembro de 1974 e Dezembro de 1975, ultrapassou o âmbito da empresa e se transformou num processo indutor de forte perturbação na vida nacional. Nesta exposição procurarei explicar as razões da eclosão do conflito entre trabalhadores e entidade patronal e assinalar os seus principais desenvolvimentos.

O início do conflito

O deflagrar do conflito na RR, logo nos primeiros dias da revolução, relacionou-se com a proibição, imposta pela gerência ao serviço de noticiários dos estúdios de Lisboa, da realização da cobertura jornalística da chegada do exílio de Mário Soares, no dia 27 de Abril, e de Álvaro Cunhal e dos cantores de intervenção Luís Cília e José Mário Branco, no dia 30. Outra das causas do litígio foi a ameaça de despedimento dirigida a um jornalista por um dos membros da administração da RR, por aquele ter reproduzido num dos noticiários um telegrama da agência noticiosa comunista Nova China. A actuação do conselho de gerência justificava-se pelos receios que a instauração do processo democratizador inspirara aos seus membros e pela convicção que alimentavam de que a emissora deveria adoptar um posicionamento totalmente reservado perante os novos acontecimentos, aguardando a evolução da situação política. Aos trabalhadores seria ainda exigido que continuassem a pautar o seu trabalho pela doutrina da Igreja. Face à sistemática interferência da administração no trabalho desenvolvido pelos profissionais do sector radiofónico naqueles dias, estes últimos iriam optar por recorrer à greve e ocupar a redacção, uma forma de luta radical que inaugurariam¹.

Com a declaração da entrada em greve, no dia 30 de Abril, os trabalhadores do serviço de noticiários de Lisboa apresentaram um conjunto de três reivindicações: a abolição da censura interna na RR, a constituição de um conselho de programas, com funções deliberativas, e a entrega da direcção dos serviços de noticiários ao jornalista-chefe. Declaravam cumprir a doutrina cristã e solidarizavam-se com a Junta de Salvação Nacional, em nome da defesa da liberdade de expressão.

Decretada pelos profissionais do serviço de noticiários, a greve recolheu uma aceitação unânime entre os restantes trabalhadores da estação em Lisboa e no Porto, e também entre os sacerdotes que asseguravam a programação religiosa da rádio.

Um apelo do Movimento das Forças Armadas (MFA) no sentido de ser evitado o recurso àquela forma de luta naquele momento político determinaria a interrupção da greve, e as emissões radiofónicas seriam repostas. Como contrapartida, os trabalhadores imporiam o afastamento do conselho de gerência. A exigência foi aceite pelos representantes do MFA, que fixaram a obrigatoriedade de serem nomeados, entre os trabalhadores, 2 elementos encarregados provisoriamente das funções de gerência da emissora (1 sacerdote e 1 locutor). Elegeu-se ainda uma comissão de trabalhadores (mandatada também pelos trabalhadores do Porto) com “funções deliberativas” sobre a rádio. A solução de recurso encontrada pelos militares legitimava a acção desencadeada

¹ Fátima Patriarca, “A Revolução e a questão social. Que justiça social?” in *Portugal e a Transição para a Democracia (1974-1976)*, Coord. Fernando Rosas, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 139.

pelos profissionais da RR, ao mesmo tempo que enfraquecia a posição da administração¹.

Embora a greve de 30 de Abril não tivesse sido antecedida de um discurso autogestionário, através daquela acção os trabalhadores acabariam por alcançar o controlo sobre a gestão da empresa e o produto do trabalho. As manifestações de apoio aos profissionais da RR suceder-se-iam desde o início da sua paralisação, sendo o elemento aglutinador e mobilizador de solidariedades a reivindicação do direito à liberdade de informação.

O anúncio da greve apanhou de surpresa a gerência e as autoridades religiosas, proprietárias da rádio². O patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, chamou a si a condução das negociações com os trabalhadores da RR e retirou de funções o conselho de gerência. Seguindo uma estratégia de diálogo, pretendia resolver a questão num curto espaço de tempo e alcançar um acordo, anuindo para tanto a reconhecer a comissão de trabalhadores como legítima interlocutora.

Da greve de 30 de Abril resultaram importantes alterações à estrutura de funcionamento da RR, cuja regulação exigia o estabelecimento de um acordo entre trabalhadores e a entidade patronal. Os trabalhadores pretendiam que a experiência autogestionária da rádio deixasse de ser uma situação *de facto* para ser configurada como situação *de jure*. Esse modelo de gestão da rádio deveria constar dos novos estatutos da empresa, que os trabalhadores propunham elaborar em conjunto com as entidades proprietárias. Ainda em Maio, a comissão de trabalhadores propôs a D. António Ribeiro um protocolo provisório de gestão que deveria permanecer válido até à aprovação dos referidos estatutos. A proposta transferia para os trabalhadores o controle absoluto sobre as actividades da empresa, incluindo a responsabilidade pela gestão financeira, reduzindo as atribuições das entidades proprietárias à mera orientação dos conteúdos religiosos das produções radiofónicas.

À data da apresentação desse documento ao cardeal-patriarca já havia ocorrido a primeira fractura na unidade dos trabalhadores da RR, designadamente entre os profissionais do sector radiofónico e os empregados dos serviços administrativos da empresa. Em causa estava o envio de um protocolo alternativo ao bispo de Lisboa, por alguns trabalhadores que repudiavam a autogestão como forma de controlo da emissora católica e propunham a adopção do modelo de cogestão. Aí se exigia actualização dos vencimentos, revisão das tabelas das ajudas de custo, obtenção do 13.º mês e dos 30 dias de férias com subsídio completo, participação nos lucros da empresa. A divisão entre os trabalhadores não só não determinou nenhuma inflexão de posições no processo, como a liderança da luta continuou a pertencer aos profissionais mais qualificados da empresa, precisamente os que integravam os serviços radiofónicos da emissora. Também o andamento das negociações entre o cardeal Ribeiro e a comissão de trabalhadores não seria perturbado.

Em 26 de Maio, uma nota do Patriarcado de Lisboa divulgava a notícia da chegada a acordo entre a entidade patronal e os trabalhadores. Abandonara-se a proposta de autogestão e adoptara-se um modelo de cogestão. A fase seguinte do processo negocial

¹ Luís Salgado Matos, “A Igreja na Revolução em Portugal (1974-1982)” in *O País em Revolução*, Coord. J. M. Brandão de Brito, Lisboa, Editorial Notícias, 2001, p. 81.

² Em 1969, depois de a União Gráfica, SARL, ter cedido a sua parte do capital social da Sociedade Rádio Renascença, Lda. à Conferência Episcopal Portuguesa, a rádio católica passaria a ser propriedade de apenas dois accionistas: o Patriarcado de Lisboa e a CEP, que detinham respectivamente 60% e 40% das acções da empresa. Cf. Nélson Ribeiro, *A Rádio Renascença e o 25 de Abril*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa Editora, 2002, p. 31.

envolveria a elaboração dos novos estatutos da emissora. A aplicação na empresa do modelo de cogestão implicava a nomeação a curto prazo, pelo patriarca, de um novo conselho de administração. Até essa altura, ficava em funções o conselho de gestão, entretanto eleito pela assembleia de trabalhadores.

O período em que o conselho de gestão dirigiu isoladamente a emissora foi turbulento. Aquele órgão procurara manter a disciplina na rádio e fazer respeitar os compromissos que constavam dos contratos assinados com os produtores independentes. O desconhecimento da situação financeira da empresa impediu deliberações sobre a remuneração salarial dos empregados da estação. A contenção de despesas foi, por isso, a única directiva estabelecida pelo conselho, que projectava aumentar a potência dos emissores da rádio e dotar os estúdios do Porto de uma maior autonomia. Os aspectos mais polémicos da intervenção do conselho de gestão relacionaram-se com a não actualização dos vencimentos dos trabalhadores e com o despedimento de um noticiarista, após este ter reservado um espaço informativo para a transmissão integral de um comunicado do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP). A impopularidade dessas decisões fomentou, entre os funcionários da RR, o desenvolvimento de uma atitude hostil para com o conselho de gestão que, em 12 de Junho, determinaria a sua auto-suspensão e o cancelamento de todas as suas decisões. A normalidade seria reposta 2 dias mais tarde, depois de a assembleia de trabalhadores ter concordado em dotar de plenos poderes o conselho de gestão, que, por sua vez, manteve em vigor o que já deliberara, anulando apenas a resolução de afastamento do noticiarista. Doravante, caberia à assembleia a responsabilidade da avaliação dos casos de dispensa de trabalhadores. Em 9 de Julho, seria nomeado o novo conselho de gerência, que se manteve em funções em todo o desenrolar ulterior do processo. Durante o primeiro mês e meio, os conselhos de gerência e de gestão ocuparam-se da regularização da situação interna da RR. A partilha de responsabilidades terá decorrido num clima de cooperação, tendo a gerência aceitado a proposta do conselho de gestão relativa ao aumento de vencimentos. Outras decisões, tomadas por unanimidade pelos dois conselhos, prenderam-se com a apreciação de um caso de desfalque praticado em Maio na contabilidade e com a supressão do programa Limite, seguida da rescisão do contrato com os produtores independentes que o asseguravam, por incumprimento das cláusulas contratuais. Ao longo dos meses, enquanto se havia procurado dirimir as divergências entre os trabalhadores e a entidade patronal, as emissões da RR enformaram de conteúdos progressivamente mais radicalizados, com predomínio da propaganda sobre a informação.

A polémica em torno dos despedimentos de estagiários

No início do mês de Setembro, um novo conflito eclodiu entre os trabalhadores e o conselho de gerência, provocando o colapso da aplicação do modelo de cogestão na empresa. Em causa estava o facto de o conselho de gerência ter decidido rescindir os contratos de trabalho com 8 estagiários (6 noticiaristas e 2 técnicos), que haviam recusado realizar os testes psicotécnicos que constavam das provas de selecção para ingresso na empresa. Os candidatos haviam sido admitidos cerca de 3 semanas antes, por um período experimental de 2 meses.

A confrontação com os despedimentos dos estagiários gerou, da parte dos trabalhadores do sector radiofónico da RR, uma movimentação pela defesa do emprego, que passou por requererem a intervenção do Ministério do Trabalho no caso. Essa diligência traduzia-se num pedido de apoio e destinava-se a conseguir reforçar a posição dos trabalhadores face à entidade patronal. Com o mesmo objectivo, apelaram para o Sindicato dos Profissionais das Telecomunicações e Radiodifusão – SPTR (pertencente

à Intersindical e controlado pelo PCP), que passou a representar os trabalhadores, em conjunto com a comissão eleita por estes.

Goradas as negociações decorridas no Ministério do Trabalho, os trabalhadores mantiveram a exigência de dividirem com o conselho de gerência a responsabilidade sobre as admissões e os despedimentos de pessoal na empresa, repudiando as rescisões dos contratos dos estagiários e confirmando a sua fidelidade à doutrina da Igreja. Em seguida, lançaram uma forte campanha de sensibilização junto da opinião pública para a sua luta, que não excluiu os ataques cerrados à actuação da entidade patronal e passou pela divulgação quase diária de novos comunicados (cujo teor variava pouco), a partir dos serviços informativos da rádio católica, mas também do Rádio Clube Português (RCP), da Emissora Nacional (EN), Radiotelevisão Portuguesa (RTP) e dos Emissores Associados de Lisboa e da imprensa.

A entidade patronal recusou ceder às imposições dos trabalhadores. Em ofício dirigido ao MFA, em 23 de Setembro, D. António Ribeiro classificaria de “ilegal” a situação criada na emissora pelos trabalhadores. Esclarecia que não eram “passíveis de negociação” as atribuições exclusivas da entidade patronal sobre a contratação de pessoal e sobre o tipo de orientação a imprimir à rádio. O cardeal admitia que a retoma das conversações só seria viável perante a cessação das transmissões da RR com um carácter “tendencioso, agressivo e até ofensivo da dignidade das pessoas e instituições”, o abandono definitivo dos 8 estagiários das instalações da estação e a desocupação do secretariado do conselho de gerência.

Reagindo à iniciativa do patriarca, os trabalhadores refutavam a acusação de que tivessem ocupado os escritórios da administração e afirmavam que o conflito que os envolvia com a entidade patronal tinha natureza laboral e que não eram movidos por nenhuma “forma de oposição à Igreja”¹. Dias depois, a 27, o Conselho Permanente do Episcopado (CPE) pronunciava-se, pela primeira vez, publicamente sobre o caso. Na sua visão, o conflito processado na Rádio Renascença colocava o problema das restrições ao direito de propriedade da Igreja Católica, o que consubstanciava um atentado contra a autonomia e a liberdade da instituição eclesiástica².

A greve de Fevereiro de 1975

Entre o último trimestre de 1974 e Janeiro de 1975 manteve-se o “braço-de-ferro” entre a gerência da RR e os trabalhadores. Durante esse período, assistiu-se a uma reposição da autoridade patronal no interior da empresa, manifesta na assunção pelo conselho de gerência de todas as funções relativas à administração da rádio. Tal suscitou resistências entre os trabalhadores. Os estagiários permaneceram no local de trabalho, mantendo o desempenho das suas actividades. Foram imputadas à gerência alegadas práticas de censura sobre os conteúdos da programação difundida. Tornou-se conflituosa a relação entre os membros da gerência e os empregados e entre os primeiros e a equipa sacerdotal.

Nova tentativa para resolver o diferendo decorreria nos dias 10 e 11 de Janeiro de 1975. O conselho de gerência apresentaria uma proposta de uma gestão “participada” na empresa. Numa demonstração de força, os trabalhadores rejeitá-la-iam, concentrando esforços na defesa do emprego. Era significativa a influência no processo das estruturas sindicais, sobretudo do SPTR e da Intersindical. Alguns dias depois, a 4 de Fevereiro,

¹ *República*, 23.09.1974, p. 5.

² Conferência Episcopal Portuguesa, 1978, *Documentos Pastorais (1967-1977)*, Lisboa, União Gráfica, pp. 335-337.

no final da realização de uma assembleia geral dos trabalhadores de Lisboa e Porto da RR, estes emitiriam uma “declaração de greve”.

No dia 7, o conselho de gerência recusou aquela forma de luta. Deixando transparecer uma nova avaliação do conflito, considerava, em comunicado, que, devido à “ocupação [da rádio] por alguns elementos estranhos à RR e [por] trabalhadores do sector radiofónico”, se tinha dado o reacendimento “do conflito ideológico com base religiosa” que impedia a Igreja de utilizar a estação. Ideia semelhante revelava ter a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), para quem a “usurpação” da emissora significava que a Igreja perdia “a possibilidade de orientar doutrinalmente a emissora”, transformada “num órgão de informação ao serviço de doutrinas opostas à fé cristã e de repetidos ataques à própria Igreja”. Os bispos declaravam esgotadas todas as oportunidades de diálogo, antevendo-se uma alteração na sua actuação¹. Daí em diante, exerceriam pressão junto dos poderes públicos para a reposição da legalidade na RR, recusando tentativas de conciliação patrocinadas pelas autoridades políticas e militares e marginalizando os trabalhadores que lideravam o processo reivindicativo. Esse pronunciamento da CEP, o primeiro desde que o conflito começara, significava ainda o envolvimento de todos os bispos na “defesa” da estação confessional e garantia o início de uma campanha de mobilização dos católicos pelas dioceses do País.

No dia 19, os profissionais da estação entrariam em greve, explicando que haveria uma paralisação total da emissão, nos estúdios de Lisboa e Porto, com excepção para os períodos de transmissão diária do terço e das missas dominicais. Acrescentavam que a greve era por tempo indeterminado, prevendo-se que durasse até ser alcançado um acordo com a entidade patronal. Os sacerdotes, que colaboravam com os profissionais da rádio, adeririam também àquela forma de luta. Uma hora depois do começo da greve, o Comando Operacional do Continente (COPCON) enviaria uma força militar para as instalações da RR no Chiado (Lisboa), para protecção dos grevistas, cedendo ao pedido que estes lhe haviam dirigido. O acto simbolizava o apoio de um sector do poder militar aos trabalhadores em greve.

Face àquela acção dos trabalhadores, o conselho de gerência iniciou diligências junto do poder político no sentido de obter a desautorização da greve. Socorrendo-se do decreto-lei n.º 392/74, de 27 de Agosto, a administração da emissora definiu a greve como ilegal e ilegítima, porque se tratava de um conflito de ordem doutrinal.

Após o início da paralisação da actividade radiofónica, as reivindicações dos grevistas sofreram alterações: desapareceu a reivindicação do reconhecimento dos órgãos representativos dos trabalhadores, permaneceu a exigência da readmissão dos estagiários despedidos, muitas vezes substituída pela reivindicação do “direito ao trabalho”, e surgiam novas exigências de natureza política, o “direito à justiça nas relações sociais” e o “direito a uma informação livre”. A viragem no discurso dos grevistas faz supor que procuravam, propositadamente, novas “bandeiras” que projectassem a luta que travavam, de forma a atraírem apoios diversificados.

Cerca de uma semana depois do começo da greve, os profissionais de escritórios e oficinas gráficas da RR comunicavam a sua decisão de não aderir àquela acção de luta. Declarando ter sido marginalizados da condução daquele processo, não reconheciam os motivos apontados para a paralisação da empresa. Os grevistas ignorariam o não-alinhamento desses trabalhadores e continuariam a sublinhar, em intervenções nos *media*, a unanimidade da greve.

¹ *Usurpação da Emissora Católica Portuguesa – Rádio Renascença*, Arquivo da gerência da Rádio; Conferência Episcopal Portuguesa, 1978, *Documentos Pastorais (1967-1977)*, Lisboa, União Gráfica, pp. 158-159.

A greve de Fevereiro provocou a transposição do conflito da RR de uma esfera interna e privada, a da empresa, para um circuito externo e público, com o caso a transformar-se numa questão política e a polarizar a opinião pública. Desde que fora iniciada, haviam-se sucedido manifestações de solidariedade para com a entidade patronal, da parte de congregações religiosas, movimentos do apostolado laical e organizações diocesanas de todo o País, e para com os trabalhadores grevistas, por parte de profissionais de diversos *media*, além de alguns sectores católicos, sindicatos, trabalhadores de várias empresas e fábricas. Com a passagem das semanas, formaram-se dois blocos de apoios distintos.

A interrupção da greve, a nomeação de uma comissão mista e a ameaça de nacionalização

Apenas com o 11 de Março de 1975, os trabalhadores da RR interromperiam a greve, correspondendo ao pedido que lhes fora dirigido pela 5.^a Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas (EMGFA), pelo COPCON e pelo Ministério da Comunicação Social, no sentido de substituírem as transmissões do RCP, cujos emissores haviam sido destruídos nas operações militares realizadas nessa madrugada. Tal solicitação sancionou a colocação da rádio nas mãos dos grevistas e foi interpretada como uma “vitória” pelos profissionais da RR, que passaram a assumir o controlo total da actividade radiofónica. A equipa sacerdotal retomou também a programação religiosa.

Com a aproximação das eleições para a Assembleia Constituinte, impunha-se, porém, uma resolução para a RR, de forma a evitar que o caso se transformasse numa das principais matérias de discussão eleitoral. As pressões recaíam sobre o Executivo, dado que, desde Setembro de 1974, se haviam gorado várias mediações, promovidas pelo poder político-militar (em que haviam participado delegados do MFA e delegados ministeriais), para que fosse alcançado um entendimento nas negociações entre as duas partes.

Nesse cenário, em 21 de Março, o Governo nomearia uma comissão mista para a RR, a qual deveria coordenar a programação da emissora e assegurar o cumprimento das obrigações firmadas com os produtores independentes. Seria dissolvida logo que o diferendo entre trabalhadores e entidade patronal fosse resolvido. A solução, contudo, não foi bem recebida nem pelo episcopado, para quem aquele acto era lesivo da liberdade da própria Igreja, nem pelos trabalhadores, uma vez que aquela medida lhes retirava a gestão do processo passando-a para a alçada do Estado. No desempenho das suas funções, a comissão (que se auto-designou comissão administrativa) retomou a programação comercial nos moldes em que era emitida antes da greve de Fevereiro, procedeu ao pagamento de despesas correntes e ao ajustamento de salários. Na tomada dessas decisões não contactou a gerência da RR, a qual alertou para a gestão danosa feita sobre a rádio¹.

A solução da comissão mista fazia parte de um projecto de nacionalização da emissora, cujas características, contudo, não estavam ainda completamente definidas. Em Abril, o Governo admitiria a hipótese de estatização da estação, hesitando, porém, sobre a melhor forma de implementar esse projecto. A hesitação do Governo advinha de, em simultâneo, ser ponderada a hipótese de devolução da estação ao Patriarcado,

¹ Paula Borges Santos, *Igreja Católica, Estado e Sociedade, 1968-1975. O caso Rádio Renascença*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2005, pp. 181-188.

dada a pressão das autoridades religiosas, secundada por uma ampla mobilização de sectores católicos para que fosse adoptada essa solução¹.

A ocupação autogestionária de Maio de 1975

Face à possibilidade de concretização daquelas medidas, alguns trabalhadores da actividade radiofónica da rádio católica radicalizaram o seu protesto, promovendo em 27 de Maio a ocupação com laboração dos estúdios de Lisboa e do centro emissor de Benfica. Deram conta dessas acções aos microfones da emissora, fazendo prosseguir a emissão sem interrupções, com transmissão de música e informações sobre lutas laborais em diversas empresas. A partir desse momento, informaram que a RR abandonava a designação de “emissora católica” e interditaram a entrada e permanência nas instalações da estação a funcionários da empresa que não tivessem aderido àquela forma de luta. No centro emissor de Benfica, expulsariam os trabalhadores resistentes à ocupação, após o que o chefe de serviços técnicos da RR, contrário também àquela forma de luta, agiria no sentido de impedir a utilização regular da rádio, deixando apenas os estúdios de Lisboa a transmitir em onda média.

A ocupação fora discutida e votada exclusivamente entre os profissionais do sector radiofónico de Lisboa e a sua concretização teve, como primeira consequência, a eclosão de cisões entre os trabalhadores. Em Lisboa, formaram-se dois grupos antagónicos: os ocupantes, em número de 20 elementos, representados pela comissão de trabalhadores, e os trabalhadores que se opuseram ao “assalto”, cerca de 80 pessoas. Os trabalhadores do Porto manifestaram-se surpresos pela ocupação. Dizendo não ter sido consultados sobre essa acção, cortaram a emissão com Lisboa, passando a transmitir para o Norte e Centro do País com uma programação própria e utilizando programas de recurso. Também a equipa sacerdotal e os produtores independentes discordaram da ocupação, cessando a sua actividade na rádio. O isolamento dos ocupantes no âmbito interno da empresa foi assim a segunda consequência daquela forma de luta.

Doravante, as autoridades religiosas, em conjunto com a gerência e os trabalhadores de Lisboa e Porto que se haviam colocado do lado das entidades proprietárias da estação, desenvolveriam concertadamente uma estratégia de recuperação das instalações da RR ocupadas, que passou por impedir os ocupantes de usufruir do pleno funcionamento da estação. Nesse sentido, realizaram esforços para privar os ocupantes da rede Sul de frequência modulada, da rede eléctrica e de telefones, rescindiram os contratos com as agências noticiosas Reuters e France-Press.

Ao contrário da greve de Fevereiro, que havia mobilizado desde a primeira hora apoios diversificados aos grevistas, a ocupação não suscitou nos primeiros dias reacções de solidariedade para com os ocupantes, com excepção dos apoios prestados pelo SPTR e por algumas organizações partidárias de extrema-esquerda. Ao invés, suscitou reservas em amplos sectores da opinião pública sobre a legitimidade de que se revestia. Só com o passar das semanas, os ocupantes se aproximaram de trabalhadores de outras empresas, atravessadas também por lutas intestinas, e asseguraram apoios.

Dos acontecimentos de 18 de Junho à decisão governativa final sobre a RR

Seria uma manifestação de apoio aos ocupantes – realizada em 18 de Junho de 1975, frente ao Patriarcado, e que acabaria em confrontos violentos entre os apoiantes dos trabalhadores ocupantes e os das autoridades religiosas, mediante uma intervenção ineficaz do COPCON – a implicar a definição das forças políticas (Executivo, Conselho da Revolução (CR) e partidos políticos) perante o caso da RR. Os constrangimentos

¹ Manuel de Almeida Trindade, *Memórias de um bispo*, Coimbra, Coimbra Gráfica, 1993, pp. 341-344.

decorrentes da actuação do COPCON, o aproveitamento político daqueles acontecimentos pelas forças partidárias e a publicidade negativa que a divulgação daqueles incidentes no estrangeiro acarretou para os governantes portugueses funcionaram como factores de pressão sobre o Governo e o CR no sentido de solucionarem com celeridade o conflito da emissora católica. No final de Junho, o CR comunicava ao episcopado que a RR lhe seria restituída, enquanto o Executivo garantia o cumprimento dessa resolução até 1 de Julho, incumbindo para o efeito Otelo Saraiva de Carvalho, comandante do COPCON, de assegurar a intervenção das forças militares na RR, na eventualidade de os ocupantes não abandonarem o local. Perante o primeiro-ministro, Vasco Gonçalves, Otelo acataria a ordem. Todavia não a executaria e adoptaria um comportamento favorável aos ocupantes, permitindo que estes não abandonassem as instalações da empresa e constituíssem, junto das instalações no Chiado e nos centros emissores de Benfica e da Lousã, piquetes de vigilância formados por populares, dispostos a resistir à evacuação. Também operários da Lisnave, da Setenave e da OGMA e formações partidárias de extrema-esquerda condenaram a determinação do Executivo e convidaram os seus militantes a manifestar-se nas imediações dos estúdios da RR. O sucedido motivaria a inversão da decisão tomada sobre a emissora e a sua substituição pela ideia de criação de uma nova comissão administrativa para a gerência da empresa, até à nacionalização das frequências de rádio e das empresas emissoras nacionais, muito embora se garantisse à Igreja Católica a utilização da rádio nacionalizada.

As contradições do Executivo e do CR quanto ao destino da RR contribuiriam para a insolubilidade do confronto e, sobretudo, para o confronto político-militar entre a “esquerda revolucionária” e as forças moderadas. As acções transgressoras da legalidade cometidas pelos ocupantes da rádio exporiam a incapacidade do Estado em evitar a desagregação da disciplina nas Forças Armadas e a perda do monopólio da violência. As decisões contraditórias tomadas pelo poder político-militar foram exploradas pelo PS. A partir do final de Junho e inícios de Julho, o líder socialista, Mário Soares, chamou a si a defesa da RR, comparando a situação da emissora à do jornal *República* e associando-os ao problema da liberdade de informação. Para o episcopado, o paralelo estabelecido no discurso de Soares era vantajoso. Vinha confirmar as denúncias sustentadas pela CEP, havia vários meses, de que o conflito ocorrido na RR não era um caso isolado no panorama da comunicação social portuguesa, ao mesmo tempo que reforçava a ideia de que o que estava em causa era o direito de gestão das autoridades religiosas sobre o seu património (no caso concreto, a rádio). Para o PS, essa era uma forma de sintonizar sectores católicos com a estratégia do partido de combate ao Executivo de Vasco Gonçalves. Nesse contexto, a resistência ao poder gonçalvista cristalizou-se também em torno da Igreja Católica, com a RR a transformar-se num símbolo da luta pelo projecto político de uma democracia pluralista. As manifestações religiosas em defesa do pluralismo político, ocorridas durante o “Verão Quente”, contra o controlo do aparelho de Estado pelo PCP e os projectos de “poder popular”, foram emblemáticas sobre esse aspecto.

O encerramento definitivo do processo da emissora católica ocorreria pela destruição à bomba do centro emissor de Benfica da Rádio Renascença (tomado pelos ocupantes e por apoiantes do “poder popular”) pelo VI Governo Provisório, em 7 de Novembro de 1975. Seguir-se-ia um duro processo negocial entre o Governo e a administração da RR (onde voltou a ser colocada a hipótese de nacionalização da estação), que culminou com a restituição da emissora católica à sua entidade proprietária em 28 de Dezembro de 1975.

Notas finais

Na luta laboral registada na RR é possível identificar 3 fases distintas. Uma primeira fase, passada entre 30 de Abril e o final de Setembro de 1974, uma segunda, decorrida entre Outubro de 1974 e Maio de 1975, e uma terceira, da última semana desse mês de Maio até Dezembro de 1975.

À primeira fase está associada a subversão das relações trabalhadores/entidade patronal dentro da empresa, imposta com o recurso dos primeiros à greve com ocupação. A uma vitória parcial dos trabalhadores, ao conseguirem que a entidade patronal aceitasse um modelo de cogestão para a rádio (embora não a autogestão que reclamavam), seguiu-se, contudo, o ressurgimento da contestação do poder patronal, motivada pelos despedimentos de estagiários, que foram entendidos como uma ameaça à manutenção dos restantes postos de emprego. O direito ao trabalho transformou-se na nova reivindicação dos trabalhadores, quando todas as outras exigências haviam sido ultrapassadas.

A segunda fase caracteriza-se pela total politização do processo. Relaciona-se, por um lado, com o interesse que a luta dos trabalhadores da actividade radiofónica da RR suscitou entre os partidos políticos, que procuraram conquistar ou conservar a liderança daquele processo reivindicativo e, por outro lado, foi potenciada pela dificuldade a nível governamental de encontrar uma solução para o conflito gerado na rádio, fruto de um processo de falência de autoridade do poder político (comum aos vários governos provisórios).

A última fase é caracterizada pela radicalização do conflito, favorecida pela consolidação de uma situação de ocupação autogestionária na empresa, protagonizada por um grupo minoritário de trabalhadores, e pela hegemonização política desse processo reivindicativo por parte da extrema-esquerda. O conflito potenciou, neste período, o confronto aberto entre o Estado e a Igreja Católica institucional, tendo facilitado a mobilização em massa de diversos sectores católicos que exigiam a devolução da emissora ao episcopado e, em simultâneo, repudiavam o projecto político gonçalvista. Concorreu ainda para adensar o confronto político-militar entre as forças moderadas e a “esquerda revolucionária”, tendo sido subalternizada a dimensão conflitual entre os poderes decisórios e as autoridades religiosas.

Greves na Revolução dos Cravos (1974-1975). *Raquel Varela*

No biénio 1974-1975 Portugal viveu o maior surto grevista do País no século XX. Neste artigo olhamos para os contornos destas paralisações, para colocar hipóteses que nos ajudem a compreender a relação entre factores objectivos e subjectivos no processo revolucionário português, considerando que os dados empíricos sobre a forma mais radical de conflito capital-trabalho, a paralisação da produção, permitir-nos-ão uma melhor percepção, ainda que incompleta, sobre a disponibilidade de sectores da classe trabalhadora portuguesa para lutar por um projecto político de ruptura com o capitalismo.

Se *objectivamente* uma greve coloca sempre em causa a propriedade privada dos meios de produção – por ser uma acção colectiva organizada através da qual se expressa a contradição capital-trabalho –, do ponto de vista subjectivo raramente a greve significou, em Portugal, depois do período do Estado Novo, um conflito contra o capitalismo. As reivindicações foram quase sempre maioritariamente económicas¹. Porém, durante a Revolução dos Cravos, entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975, esta situação alterou-se e uma parte significativa das greves foram conflitos que *subjectivamente* puseram em causa os centros de poder das empresas, a gestão e a propriedade das fábricas e empresas, e que muitas vezes se expressaram pela ocupação destas e até, nalguns casos, por sequestros de patrões e administradores.

Não dispomos de nenhum estudo sistemático que abarque um estudo das greves durante todo o período da revolução portuguesa e os dados quantitativos são, como é comum neste tipo de pesquisa², extremamente deficitários. Verifica-se um sub-registo das greves. Há dados oficiais e das centrais sindicais³, estudos parciais, que dizem respeito às primeiras cinco semanas da revolução⁴ e um estudo amplo dos conflitos colectivos que não distingue greves de outro tipo de conflitos sociais⁵. Muñoz registou 958 conflitos de empresa e fábrica. Com excepção de Julho e Agosto de 1974, todos os meses se registam mais de 100 conflitos. Muitos destes conflitos, é plausível que a maioria, foram greves, greves parciais ou outro tipo de conflitos laborais, acompanhados também de paralisações da produção.

Avançamos como hipótese de investigação uma periodização de 5 fases ou surtos grevistas durante o biénio 1974-1975, critério que resulta de uma combinação da recolha dos dados quantitativos disponíveis nas obras citadas com uma análise qualitativa, que privilegia o impacto político destas greves, estudado a partir de uma investigação sobre a história do Partido Comunista Português, o maior partido de base

¹ Fátima Patriarca, “Greves”, In Barreto, António (coord), *Dicionário de História de Portugal*. Porto, Figueirinhas, Vol. VIII; Freire, Dulce, “Greves Operárias”, In Rosas, Fernando (dir), 1996, *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa, Bertrand Editora, Vol. I, 1999.

² Sjaak van der Velden *et al.* (eds.), *Strikes Around The World, 1968-2005*. Amsterdam, Aksant, 2007, pp. 298-299.

³ Anuário Estatístico de Portugal, Instituto Nacional de Estatística, vários anos; CGTP, Greves Sectoriais, 1989-2008; DGEEP, Direcção Geral de Estudos Estatísticas e Planeamento, Greves, 1986-2007, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social; Direcção Geral da Administração Pública. Greves Gerais da Administração Pública 2007-2008.

⁴ Maria de Lurdes Santos *et al.*, *O 25 de Abril e as Lutas Sociais nas Empresas*. Porto, Afrontamento, 1976, 3 volumes.

⁵ Duran Muñoz, *Contención y Transgresión. Las Movilizaciones Sociales y el Estado en las Transiciones Española y Portuguesa*. Madrid, 2000, CPPC.

operária e camponesa em Portugal, entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975¹.

Assim, verificamos um primeiro período de greves, que é aquele sobre o qual temos mais estudos, que corresponde *grosso modo* ao mês de Maio de 1974 e que resulta da explosão social provocada pela queda da ditadura e pela crise no Exército – o ódio à ditadura e a exigência de democratização do País iniciam um período de grande mobilização social da qual já fazem parte reivindicações de carácter económico, como a exigência do aumento do salário mínimo².

No quadro 1 elaborámos uma tabela baseada em Santos *et al*³ com as greves que ocorreram entre 25 de Abril de 1974 e 1 de Junho do mesmo ano. Em cinco semanas há 97 greves e 15 ameaças de greve, mais do que ocorreu em cada um dos anos precedentes, incluindo no pico de greves de 1969 (registaram-se nesse ano todo 100). A maioria das greves regista-se na indústria, 58, e em 35 destas greves verifica-se a ocupação da fábrica ou empresa. Em quatro regista-se o sequestro de pessoas e bens.

Quadro 1: Greves entre 25 de Abril e 1 de Junho de 1974 em Portugal

	Formas de luta			
	Ameaça de greve	Greves	Ocupação de fábrica/empresa	Sequestro de pessoas e bens
Indústria	8	42	26	4
Gás, electricidade, água, transportes, comércio e comunicações	6	15	8	
Banca, seguros, serviços	1	1	1	
Total	15	58	35	4

Fonte: SANTOS *et al* (1976).

As greves que se registam neste estudo são maioritariamente greves “selvagens”, decididas em assembleias democráticas de trabalhadores e dirigidas, na maior parte dos casos, pelas comissões (conselhos) de trabalhadores. São convocadas à margem do Partido Comunista e do Partido Socialista (ambos faziam parte do Governo) e dos sindicatos, que estavam agora a formar-se na maioria dos casos. Algumas das greves surgem em sectores onde durante a ditadura tinha havido mobilização – transportes, material electrónico, seguros, pescadores –, mas a greve passa a ser um fenómeno tão corrente e comum na sociedade portuguesa que atinge agora todos os sectores e a nível nacional. Algumas destas greves têm uma importância qualitativa porque paralisam a

¹ Raquel Varela, *História da Política do Partido Comunista Português durante a Revolução dos Cravos (1974-1975)*, Lisboa, Bertrand, 2011.

² António Medeiros Ferreira, *Portugal em Transe (1974-1985)*, In Mattoso, José (dir). *História de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.

³ Maria de Lurdes Santos *et al*, *O 25 de Abril e as Lutas Sociais nas Empresas*. Porto, Afrontamento, 1976, 3 volumes.

capital macrocéfala do País (como a greve dos transportes urbanos e do pão em fim de Maio de 1974 ou a greve dos CTT, que junta 35 mil trabalhadores – apesar da oposição do sindicato dirigido pelo PCP e que acaba por ser derrotada pela intervenção policial enviada pelo Governo Provisório).

No estudo de Santos *et al*¹ a maioria das reivindicações destas greves são aumentos salariais, salário mínimo, participação nos lucros da empresa, 13.º e 14.º mês, e, em 40% dos casos, controle sobre a empresa. Este padrão manter-se-á ao longo das greves de toda a revolução, de acordo com Cristovam². O controle sobre a empresa no estudo de Santos *et al* refere-se à participação na gestão, publicidade dos vencimentos e saneamentos. Em quase 50% dos processos de luta estudados por Santos *et al* há exigência de saneamentos, ou seja, de destituição dos quadros das empresas, gestores e administradores afectos ao regime fascista.

Um novo período de greves surge no final de Agosto de 1974. Os seus contornos não são evidentes. É provável que resultem de uma conjugação de factores políticos e económicos, onde se inclui a vitória que representou a aprovação da lei da independência das colónias, o concomitante enfraquecimento da direcção do Estado, resultado das divergências entre a burguesia a propósito deste objectivo, e por outro lado o aprofundamento da crise económica³, à qual dezenas de patrões respondem com despedimentos e encerramento de fábricas e empresas. Este período é representativo sobretudo não tanto pela dimensão quantitativa das greves mas pelo impacto político de três greves em particular: as greves da TAP, do Jornal do Comércio (que envolve uma greve de solidariedade de todos os jornais nacionais com excepção de O Século e o Diário de Lisboa, afectos ao PCP) e dos estaleiros navais da Lisnave (que envolve uma manifestação que uma unidade militar de elite, os fuzileiros, se recusam a reprimir). O Governo vai responder à tensão social com uma onda de repressão, que inclui a militarização dos trabalhadores da TAP⁴; a tentativa frustrada de repressão armada da

¹ Maria de Lurdes Santos *et al*, *O 25 de Abril e as Lutas Sociais nas Empresas*. Porto, Afrontamento, 1976, 3 volumes.

² Maria Luísa Cristovam, *Conflitos de Trabalho em 1979. Breve Análise Sociológica*, Lisboa, Ministério do Trabalho, 1982. Ainda de acordo com este estudo, no período pós-revolucionário os dados apontam para um decréscimo das reivindicações que questionam os centros de poder da empresa e destacam um aumento das reivindicações salariais, que passam de 39,8% em 1974 para 61,3% em 1979.

³ A crise económica atingiu a classe dominante nacional, provocando divisões no seu seio e praticamente inviabilizando o esforço de guerra que já dominava 40% das despesas do Estado (e 8% do PNB). A crise cíclica de 1973 foi a maior crise de acumulação depois do fim da II Guerra Mundial. Em 1974 a produção nos Estados Unidos, economia reguladora do sistema mundial, tinha caído 10,4% e o desemprego situava-se em 9%. (Coggiola, Osvaldo; Martins, José, 2006, *Dinâmicas da Globalização (Mercado Mundial e Ciclos Económicos. 1970-2005)*, São Paulo, Instituto Rosa Luxemburgo, p. 61). Em Portugal, a taxa de variação do Produto Interno Bruto passa de 11,2% em 1973 para 1,1% em 1974 e -4,3% em 1975. O número de desempregados passa de 40 000 em Abril de 1974 para 320 000 em Novembro de 1975 (Eugénio Rosa, *A Economia Portuguesa em Números*, Lisboa, Moraes Editora, 1975).

⁴ No dia 25 de Julho os Comités Operários de Base (COB) lançam um comunicado onde afirmam que numa empresa capitalista não há conciliação possível de interesses de classe antagónicos: “Não nos deixaremos intimidar por manobras que tentem levar-nos a desistir da nossa luta, nomeadamente por aqueles que agitam o espantinho do caos económico. O caos económico foi o que sempre existiu e continua a existir. O caos económico é a produção não estar orientada para a satisfação das necessidades da maioria e estar orientada para o lucro máximo de uma minoria. Isso é que é o caos económico e esse caos só acabará quando a nossa luta atingir a vitória final, o capitalismo for derrubado e passemos a estar nós trabalhadores a controlar toda a sociedade no sentido de atingir uma sociedade sem classes, sem exploradores nem explorados.” (“Só Lutando Venceremos – TAP: Lições dos últimos três meses e novas perspectivas para a nossa luta”, COB da TAP, 25 de Julho de 1974. In Maria de Lurdes Santos *et.al*, *O 25 de Abril e as Lutas Sociais nas Empresas*. Porto, Afrontamento, 3.º volume, 1977, p. 125.

Lisnave, a repressão através da PSP e do RAL 1 dos trabalhadores do Jornal do Comércio e, finalmente, a aprovação de uma lei restritiva do direito à greve.

Esta lei, aprovada no dia 27 de Agosto de 1974, previa que: 1) os contratos colectivos não podiam ser renegociados antes do fim do prazo, o que significava, num quadro de inflação de dois dígitos, que os salários eram rapidamente comidos por esta, criando condições para acelerar a extracção da mais-valia; 2) Proibia a greve às forças militares e militarizadas, aos bombeiros, às forças policiais e aos magistrados judiciais; 3) Proibia a “cessação isolada de trabalho por parte do pessoal colocado em sectores estratégicos da empresa, com o fim de desorganizar o processo produtivo” e proibia a ocupação dos locais de trabalho durante a greve; 4) No seu artigo 6.º proibia a greve política e de solidariedade; 5) Assegurava à entidade patronal o direito de *lock-out*. Era uma lei com alvos óbvios: não permitia as greves de solidariedade e proibia as ocupações¹.

A lei vai ser, *de facto*, combatida pelos grevistas da TAP e do Jornal do Comércio e declaradamente posta em causa na manifestação dos operários dos estaleiros navais da Lisnave que no dia 12 de Setembro de 1974 marcham sobre o Ministério do Trabalho exigindo a sua revogação. No comunicado que os operários distribuem à população de Lisboa podia ler-se: “(...) Que não estamos com o Governo, quando promulga leis anti-operárias, restritivas à luta dos trabalhadores contra a exploração capitalista. Que lutaremos activamente contra a ‘lei da greve’ porque é um golpe profundo nas liberdades dos trabalhadores. Que repudiamos o direito que os patrões têm de colocar na miséria milhares de trabalhadores porque a lei do *lock-out* é uma lei contra os operários e de protecção aos capitalistas”².

A 27 e 28 de Setembro de 1974, reagindo a uma tentativa de golpe de direita, o País mobiliza-se em barricadas, corte das vias de comunicação. Esta mobilização tem um extraordinário sucesso e provoca a derrota imediata do golpe. Verifica-se nos meses seguintes um recuo nas greves, o qual se poderá explicar, entre outros factores, pela crescente influência do MFA no Governo, a aliança política entre PCP e MFA no controle das reivindicações laborais, executada através do crescente papel do Ministério do Trabalho em coordenação com a Intersindical.

Porém, a situação política radicaliza-se e um novo período de greves registrar-se-á a partir de Fevereiro de 1975, reflectindo um processo de radicalização da revolução em que crescem os conflitos sociais em geral³. Este período é marcado pela multiplicação dos organismos de duplo poder⁴ (nesta fase sobretudo comissões de trabalhadores e moradores⁵), pelo desenvolvimento das ocupações de terras no Sul a partir de Fevereiro de 1975, pela exigência de nacionalização da banca levada a cabo pelos trabalhadores

¹ Em 1977 entra em vigor uma nova Lei da Greve que revoga a lei aprovada durante a revolução. A grande novidade é que a nova lei proíbe o *lock out*; retira-se da lei a proibição de greves políticas e de solidariedade bem como a proibição de ocupar a empresa ou “desorganizar o processo produtivo” e, entre as empresas que estão obrigadas a serviços mínimos, desaparecem as instituições de crédito e “industriais indispensáveis para a defesa nacional”, mantendo-se os hospitais, correios e telecomunicações, bombeiros, abastecimento de águas, energia. A Lei da Greve de 1977 é muito menos restritiva do que a lei aprovada em Agosto de 1975.

² “Dos Operários da Lisnave à População”. Comunicado dos trabalhadores da Lisnave, 11 de Setembro de 1974. In Maria de Lurdes Santos, *O 25 de Abril e as Lutas Sociais nas Empresas*. Porto, Afrontamento, 1976, pp. 110-112.

³ Duran Muñoz, *Contención y Transgresión. Las Movilizaciones Sociales y el Estado en las Transiciones Española y Portuguesa*. Madrid, CPPC, 2000.

⁴ Dows, Chip, 1978, *Os Moradores à Conquista da Cidade*. Lisboa, Armazém das Letras.

⁵ As comissões de soldados desenvolver-se-ão a partir de Setembro de 1975.

bancários que se estende às maiores empresa do País, nomeadamente ao maior grupo empresarial, o grupo CUF. Neste período, há greves em dezenas de fábrica e empresas. Destacam-se greves na TAP, nos químicos, nos liceus uma greve geral¹ prosseguiu durante quase um mês. Começa o conflito da Rádio Renascença, com sucessivas paralisações e ocupações por parte dos trabalhadores². De novo, um falhado golpe de direita provoca uma mobilização geral dos trabalhadores para impedir o golpe, desta vez a 11 de Março de 1975.

O quarto período de greves dá-se entre Maio e Julho de 1975, onde pudemos verificar um aumento substancial do número de greves e sobretudo a generalização da reivindicação de controlo operário sobre fábricas e empresas. O *Diário de Lisboa* de 5 de Maio de 1975 faz capa daquilo a que chama o “surto grevista”³. Uma assembleia-geral dos trabalhadores na indústria hoteleira decide em plenário uma paralisação parcial para dia 5 de Maio, para “forçar o patronato a cumprir as tabelas salariais, negociadas no contrato colectivo”⁴. Também nesse mesmo dia um plenário dos trabalhadores da Câmara do Porto decide pela paralisação – de cerca de 3500 trabalhadores – para corrigir “as graves injustiças salariais”⁵. A paralisação alastra a mais de uma dezena de grandes municípios do Norte do País⁶, todos de implantação operária. No mesmo dia ainda, os químicos do Norte, cerca de 15 000 trabalhadores, decidem-se pela greve, uma vez que os grémios romperam unilateralmente as negociações do contrato colectivo de trabalho⁷. O PCP mostra-se preocupado com “o perigo de agudização artificial de formas de luta e tentativa de fomentar uma ampla vaga de greves simultâneas”⁸.

Ainda durante este período há greves na TAP, na Cervisul, nos professores; no metro, nos trabalhadores rodoviários, na marinha mercante, na construção civil, nos pescadores, nos metalúrgicos, nos químicos, na hotelaria, nos editores e livreiros, entre muitos outros sectores. O *Diário Popular*, por exemplo, tem uma secção – que em algumas semanas é diária – dedicada às assembleias e plenários, que somam centenas nestes meses. Duas greves, feitas contra o ministro dos Transportes e Telecomunicações, o comunista Veiga de Oliveira, vão afectar particularmente o Governo e directamente o PCP: a greve dos TLP, por aumentos salariais, que se inicia a 17 de Junho de 1975 e só terminará depois da intervenção do COPCON (que considera a situação social em Lisboa “caótica”), e a luta popular contra o aumento das tarifas nos transportes, tarifas que o PCP vai defender como “mais próximas dos custos”⁹ nas páginas do *Avante!*.

No período de vigência do V Governo, em Agosto de 1975, há uma diminuição brusca das greves, o que se explica porventura pelo apoio dado ao Governo por importantes sectores da extrema-esquerda e largas camadas de trabalhadores,

¹ *República*, 5 de Março de 1975, p. 12.

² “Surto Grevista”, *Diário de Lisboa*, 5 de Maio de 1975, p. 1, “A TAP disse não à greve”, *Diário de Lisboa*, 6 de Maio de 1975, p. 1.

³ *Diário de Lisboa*, 5 de Maio de 1975, p. 1.

⁴ “Não houve almoços nos restaurantes e hotéis”. In *Diário de Lisboa*, 5 de Maio de 1975, p. 1.

⁵ “Paralisação na Câmara do Porto”. In *Diário de Lisboa*, 5 de Maio de 1975, p. 1.

⁶ Penafiel, Gondomar, Valongo, Póvoa do Varzim, Gaia, Matosinhos, Vila de Conde, Marco de Canavezes.

⁷ “Químicos do Norte param esta noite”. In *Diário de Lisboa*, 5 de Maio de 1975, p. 1.

⁸ “A situação sócio-política analisada pelo PC e o MDP”. In *Diário de Lisboa*, 8 de Maio de 1975, p. 20.

⁹ “Com o PCP pela Unidade Popular Rumo ao Socialismo”. *Avante!*, Série VII, 3 de Julho de 1975, p. 4.

organizados para defender Vasco Gonçalves e o seu frágil Governo. Este período é, no entanto, seguido por uma onda de greves e conflitos a partir de Setembro de 1975 que vai estender-se de forma imparável até ao golpe contra-revolucionário de 25 de Novembro de 1975. Emblemática entre as inúmeras paralisações, nos campos, nos metalúrgicos, na Rádio Renascença, será neste período a greve dos operários da construção civil, acompanhada por um cerco de quase 3 dias à Assembleia Constituinte, e onde terão estado cerca de 100 mil trabalhadores. É talvez o momento de maior crise que o Estado atravessou até aí. Insólito será o Governo, preparando já o golpe de 25 de Novembro, responder também ele com uma greve, a 20 de Novembro de 1975, quando o primeiro-ministro anuncia que “farto de ser sequestrado, o Governo decidiu entrar em greve”¹.

Estas greves, que sumariamente descrevemos, apresentam algumas características comuns, que nos permitem retirar algumas conclusões sobre a sua natureza, os seus resultados, as suas direcções, durante 1974-1975.

A primeira conclusão é que são protagonizadas pela classe trabalhadora e em grande medida pelos trabalhadores industriais. A maioria dos conflitos sociais da revolução portuguesa é protagonizada pelo operariado (19% da conflitualidade laboral dá-se na indústria têxtil, 15% na maquinaria e fabricação de produtos metálicos, 9% na construção e obras públicas, 7% na indústria química e alimentação), em particular o operariado das grandes cinturas industriais (Porto, Lisboa e Setúbal), com particular destaque para Lisboa, distrito no qual ocorrem 43% dos conflitos laborais. São conflitos protagonizados por uma classe operária jovem (a grande migração do campo para a cidade dá-se a partir do início dos anos 60) e concentrada geograficamente nas duas margens do Tejo, em Lisboa e Almada, e em Setúbal.

Uma das características destas greves é que são maioritariamente convocadas em assembleias e plenários de trabalhadores. Na base da decisão da greve predomina a forma de organização basista e democrática, nas palavras de Marinús Pires de Lima, a “acção directa, de base e espontânea”². É difícil saber qual o grau de espontaneidade porque outra das características de grande parte destas greves é que são dirigidas pela extrema-esquerda (sobretudo os grupos maoístas, mas não exclusivamente), que conseguem ter influência em importantes sectores operários e populares (CTT, TLP, Lisnave, TAP, Jornal do Comércio, químicos, liceus e universidades, Rádio Renascença, República). Esta é uma novidade face a períodos anteriores, onde os comunistas alinhados com a URSS dominavam os processos grevistas. Porém, desde o Maio de 68 que deixa de existir essa hegemonia³ e isso é também visível no caso da revolução portuguesa.

Referimos neste trabalho a importância das reivindicações com carácter igualitário nas greves deste período. Entre as exigências salariais de 1974-75, que eram 39,8% das reivindicações totais, há uma referência permanente ao aumento de salário igual para todos, redução do leque salarial, constituição do salário mínimo nacional⁴. Surgem ainda reivindicações novas, típicas de um período revolucionário, como trabalho igual, salário

¹ Arquivo da RTP. <http://www.youtube.com/watch?v=6DB42QUJYSM>. Consultado a 19 de Janeiro de 2010.

² Marinús Pires de Lima, “Transformações das Relações de Trabalho e Acção Operária nas Indústrias Navais (1974-1984)”, In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 18-19-20, Fevereiro de 1986, p. 541.

³ Peter Birke, Bernd Huttner, Gottfried Oy (HRSG.), *Alte Linke – Neue Linke? Die Sozialen Kämpfe der 1968er Jahre in der Diskussion*, Berlin, Karl Dietz Verlag, 2009.

⁴ Cristovam, Maria Luísa, 1982, *Conflitos de Trabalho em 1979. Breve Análise Sociológica*, Lisboa, Ministério do Trabalho, p. 76.

igual; abolição de privilégios na empresa. Neste quadro de um processo marcado por uma forte consciência de classe destaca-se a luta pelo controlo operário que vem associada a parte destas greves, sobretudo depois de 11 de Março de 1975.

Fátima Patriarca, num estudo realizado sobre o controlo operário, dá dezenas de exemplos de comunicados e documentos das assembleias de fábrica e empresas onde se rejeita a batalha da produção e se defende o controlo operário, no sentido de uma medida de luta contra a exploração capitalista e como forma de o movimento operário criar lideranças e consciência de classe para abolir o sistema de relações capitalistas. Na Sociedade Central de Cervejas um grupo de trabalhadores apresenta um documento onde afirma que o controlo operário é a “expressão do duplo poder que se opõe a outros interesses que ainda existem e que não são os da classe operária” e exigem a nacionalização da empresa, respondem unicamente perante o plenário da empresa e rejeitam medidas que têm “apenas como limite o grau de exploração e não o poder dos capitalistas”¹. O Conselho de Defesa dos Trabalhadores da Lisnave escreve, a 17 de Julho de 1975, que o controlo operário é o controlo de “o que se produz, como, quando e para quem!” e que rejeita medidas “inseridas numa batalha da economia que não significa apenas produzir mais”². Os trabalhadores dos estaleiros da Margueira defendem também nesta data que “não existe controlo operário, quando pretendemos gerir os negócios do patrão”³. Os trabalhadores da Sacor, no Norte, em Maio de 1975, propõem a cedência de fuel e gás a empresas com problemas de ordem económica onde houve fuga dos patrões (claramente um processo de controlo operário, uma vez que a proposta é que a produção seja cedida gratuitamente) e defendem que o controlo operário só terá significado se “levar a um aumento da sua consciência (dos trabalhadores), isto é, se lhes fizer ver cada vez mais claramente quais são os seus verdadeiros interesses e se a levar a pôr a questão fundamental: a conquista do poder”⁴.

Assinalámos ainda que as greves da Revolução dos Cravos tiveram a oposição sistemática do Partido Comunista Português (PCP), que reivindicou a necessidade de uma política de reconstrução nacional, considerando que as greves punham em causa a economia nacional⁵, que estava, de acordo com o PCP, numa fase de transição para o socialismo⁶. Assim, o partido denuncia as greves como “aventureiras”, obra de “provocadores”, potencialmente responsáveis pelo “retorno ao fascismo”, “actos de sabotagem”⁷. Liderará mesmo uma manifestação, em Lisboa, a 1 de Junho de 1974, organizada pela Intersindical, com o mote “Não à greve pela greve”⁸. São frequentes os comunicados, como este, em que se pode ler que “(...) A arma da greve – que é um direito agora conquistado – não pode ser usada com leviandade. No contexto político actual é preciso esgotar outras formas de luta, tais como a negociação com o patronato,

¹ “Sobre o Controlo Operário na Sociedade Central de Cervejas”. In Fátima Patriarca, *Controle Operário em Portugal (I)*. *Análise Social*, Vol. XII (3.º), 1976 (n.º 47), pp. 765-816.

² “A Situação Política e as Tarefas da Classe Operária”. In Fátima Patriarca, *Controle Operário em Portugal (I)*. *Análise Social*, Vol. XII (3.º), 1976 (n.º 47), pp. 765-816.

³ “Controle Operário”. In Fátima Patriarca, *Controle Operário em Portugal (I)*. *Análise Social*, Vol. XII (3.º), 1976 (n.º 47), pp. 765-816.

⁴ “Controle Operário”. In Fátima Patriarca, *Controle Operário em Portugal (I)*. *Análise Social*, Vol. XII (3.º), 1976 (n.º 47), pp. 765-816.

⁵ “Os ferroviários a favor da nacionalização da CP”, *Avante!*, Série VII, 10 de Abril de 1975, p. 7.

⁶ “Economista Soviético fala sobre Nacionalizações”, *Avante!*, Série VII, 17 de Abril de 1974, p. 7.

⁷ “Com o PCP pela Unidade Popular Rumo ao Socialismo». *Avante!*, Série VII, 3 de Julho de 1975, p. 4.

⁸ “Os trabalhadores unidos contra os manejos da reacção», *Avante!*, 7 de Junho de 1974, p. 3.

na obtenção das justas reivindicações e só então – e sempre com olhos postos no que é fundamental e no que é secundário”¹.

Esta posição do PCP é indissociável da política de alianças que defendia a participação num governo de unidade nacional com sectores da burguesia portuguesa. Só a análise do factor organizativo nos poderá por exemplo explicar porque em Portugal não houve uma greve geral em 1974-75, apesar de existirem situações de greve generalizadas no País, que paralisaram Lisboa, a capital macrocéfala de Portugal, e contribuíram para a queda de governos de unidade nacional, onde participavam partidos de base operária. Na Espanha franquista, longe do Governo e ainda na ilegalidade, o PCE chamava à greve geral nas páginas do *Mundo Obrero*². Em Portugal, quando os golpes de 28 de Setembro e 11 de Março ameaçam o regime democrático o PCP chama a uma mobilização com características parciais de uma greve geral insurreccional (bloqueio de vias de acesso, mobilização geral dos trabalhadores), mas quando a mobilização geral ameaçava o regime capitalista e a frente popular onde o PCP estava também representado, chamava à contenção das lutas e reivindicações laborais, responsabilizando-as pelo potencial regresso ao regime fascista, uma vez que numa situação de guerra civil, a direcção do PCP considerava que os trabalhadores não tinham possibilidade de vencer dado o predomínio das classes médias e da pequena propriedade em Portugal. Ao colocar-se contra as greves, o PCP, através da sua influência directa nas fábricas e através da direcção maioritária da Intersindical, contribuiu para obstaculizar a unificação de um projecto revolucionário entre os trabalhadores, considerando não existir relação de forças que permitisse a vitória desse projecto.

O resultado destas greves variou muito entre a forte repressão e a concessão de importantes benefícios aos trabalhadores ou ambas em simultâneo, uma vez que greves importantes tiveram no imediato uma resposta armada, mas os seus objectivos são mais tarde conseguidos (Jornal do Comércio, Lisnave). Sabemos que em grande parte das empresas, as greves, conjuntamente com outros conflitos sociais, levaram a importantes vitórias e à aceitação, por parte do Governo e das empresas, de várias reivindicações dos trabalhadores, que no conjunto vão representar a consagração do Estado de bem-estar social em Portugal. O Governo vê-se obrigado a actualizar o salário mínimo (de 3300 escudos para 4000 escudos entre Abril de 1974 e Abril de 1975) e a aprovar medidas de contenção de preços dos bens alimentares, isto depois de várias manifestações ao longo do mês de Março de 1975 contra a “carestia de vida”³. Em muitas fábricas e empresas o Governo é obrigado a intervir (em mais de 300 ao todo) para evitar despedimentos e descapitalização, conseguindo os trabalhadores que a fábrica mantenha a produção e os postos de trabalho. Em muitas outras empresas conseguem-se aumentos salariais, generalização do contrato colectivo, 13.º mês, subsídio de Natal. Também foram conseguidas melhorias generalizadas ao nível da previdência, assistência na maternidade, subsídio de desemprego, subsídio de doença e invalidez.

Mas o Governo também responde com forte repressão. Primeiro aprovando medidas de cunho corporativista⁴ como a unicidade sindical, a restrição do direito à greve, e mesmo a tentativa de militarização da força de trabalho nacional como a proposta consagrada no *Documento Guia Povo-MFA*, onde se tentou, em vão, impor a tutela do MFA sobre o movimento operário organizado. Depois, é pela mão do

1 “O principal problema do momento político», *Avante!*, 31 de Maio de 1974, p. 1.

2 *Mundo Obrero*, Maio 1974-Julho 1975.

3 “Medidas Revolucionárias. Avanço da revolução». In *Avante!*, 24 de Abril de 1975, p. 8.

4 Philip Schmitter, *Portugal: Do Autoritarismo à Democracia*. Lisboa, ICS, 1999.

Governo, e muitas vezes das unidades militares mais conotadas com a esquerda, nomeadamente o COPCON, chefiado por Otelo Saraiva de Carvalho, ligado à extrema-esquerda, que são impostas medidas de militarização do trabalho ou de forte repressão militar das greves – caso dos CTT e da TAP em 1974, do Sindicato dos Químicos, dos TLP, da Rádio Renascença, em 1975, entre outros. É possível que a escolha de métodos repressivos executados ou encobertos por organizações em que os trabalhadores confiavam resultasse da caracterização, por parte do Governo, de que teria sido mais ineficaz se estas medidas repressivas tivessem sido executadas por unidade militares conotadas com o anterior regime ou com a direita militar.

O quadro político e sindical português, por herança da ditadura salazarista, determinou que a maioria da classe operária e sectores intermédios da sociedade não pertenciam, quando do golpe de 25 de Abril, a nenhuma organização política e os sindicatos fascistas estavam totalmente desacreditados. O PS tinha-se formado em 1973, mas era em 1974 apenas um embrião de partido, com quadros oriundos da pequena burguesia, quase todos no exílio, e o PCP, a maior organização política de Portugal e a única que tinha resistido efectivamente ao fascismo, mantendo no interior um sector de quadros clandestinos importantes, muitos dos quais presos, não teria mais de 3000 militantes¹, uma parte deles assalariados rurais do Sul de Portugal (um ano depois da revolução o PCP cresce para cerca de 100 000 militantes). Os sindicatos nacionais, controlados pelo Governo, estavam desacreditados como estruturas de direcção do movimento operário, e a Intersindical, uma estrutura alternativa criada em 1970, dirigida por católicos progressistas, PS e, sobretudo, PCP, chega ao 25 de Abril dirigindo apenas 12 sindicatos. Assim, quando a ditadura cai esta era uma classe trabalhadora desenquadrada, que passa a funcionar sob a forma de plenários e assembleias e só progressivamente se integra nas estruturas sindicais, dirigidas pelo PCP. Mas esta, que foi a sua força inicial, revelou-se com o desenrolar da revolução a sua fraqueza. Apesar da disponibilidade dos trabalhadores para manterem um clima de oposição quase sistemática ao Governo e de colocarem em prática formas de conflitos que questionavam a propriedade privada dos meios de produção; apesar de defenderem, com um grau de consciência de classe inédito na Europa do pós-guerra um projecto estratégico de ruptura com o capitalismo – defender a “construção de uma sociedade socialista” era uma ideia generalizada ao ponto de ficar fixada no preâmbulo da Constituição²; apesar de terem protagonizado o mais radical dos processos revolucionários da Europa do pós-guerra, os trabalhadores portugueses foram derrotados com o golpe de 25 de Novembro de 1975, derrotados com relativa rapidez e sem guerra civil.

Entre as explicações para que lutas tão radicais, surtos de greves tão extensos, não tenham logrado, não uma vitória, mas sequer uma defesa consistente do projecto estratégico que abraçavam tão energicamente está certamente a inexistência de uma organização política ou de uma coordenação nacional das formas mais radicais e embrionárias de conselhos que surgiram, as comissões de trabalhadores. Assim, aquilo que foi parte indispensável da sua força inicial revelou-se também responsável, ainda que parcialmente, pela sua derrota. Em síntese, e de forma esquemática, em grande medida verificou-se que as comissões de trabalhadores, que dirigiam estas greves, nunca estiveram unificadas num organismo nacional e o único organismo nacional que havia, a Intersindical, era contra as greves.

¹ Carlos Brito, *Álvaro Cunhal. Sete Fôlegos do Combatente. Memórias*, Edições Nelson de Matos, Lisboa, 2010. Raimundo Narciso fala em menos, em cerca de 2000 militantes. In Raimundo Narciso, *Álvaro Cunhal e a Dissidência da Terceira Via*, Lisboa, Ambar, 2007.

² <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>. Consultado a 14 de Julho de 2010.

O número de greves e a sua radicalidade, no quadro de um governo com participação de partidos operários e social-democratas, em geral hostis a estas mesmas greves, demonstra o hiato que existe entre factores objectivos e subjectivos no processo revolucionário. As razões da derrota da revolução portuguesa, em 1975, são complexas e de ordem múltipla. Mas entre elas não pode estar uma análise porventura mecanicista que quantifica o peso das classes médias e das classes proprietárias, assumindo, sem o comprovar, que entre as classes trabalhadoras e as suas organizações existiu uma simbiose política. O que as greves da revolução portuguesa nos demonstram é justamente o contrário – as greves foram feitas contra as maiores organizações políticas e sindicais do movimento operário e de assalariados agrícolas e, no entanto, mesmo com a oposição destas organizações, o antagonismo do Governo, e muitas vezes com a repressão do MFA, as greves realizaram-se, colocando milhões de trabalhadores que subjectivamente apoiavam este Governo e estas organizações objectivamente contra elas. A relação de forças entre as classes sociais na revolução (marcada pela força de sectores de trabalhadores e pelo enfraquecimento político e militar da burguesia portuguesa) determinava condições *objectivas* para que o apoio às greves por parte da Intersindical e do PCP, e mesmo uma política de greve geral (seria uma greve geral com carácter insurreccional) tivesse como consequência a abertura de uma guerra civil, ou seja, a tomada de poder, a insurreição, por parte dos trabalhadores.

Lutas sociais e nacionalizações (1974-75): “A banca ao serviço do povo”. Ricardo Noronha

A crise do modelo português de subdesenvolvimento

A poeira levantada pelos blindados da Escola Prática de Cavalaria de Santarém ainda assentava nas ruas, no dia 25 de Abril de 1974, e já o Sindicato dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa organizava piquetes com o intuito de garantir a segurança das principais instalações e sedes bancárias da Baixa¹. O poder foi confiado a uma Junta de Salvação Nacional (JSN) formada na noite de 25 para 26 de Abril com a aprovação da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas (MFA), presidida pelo general António de Spínola e composta por nove oficiais superiores dos três ramos das Forças Armadas.

No dia 29 de Abril, alguns dos principais empresários portugueses – António Champalimaud, José Manuel de Mello, Manuel Ricardo Espírito Santo, Miguel Quina e João Meireles – participaram numa reunião com Spínola e Vasco Vieira de Almeida (delegado da JSN para os assuntos económicos). No dia seguinte, seria a vez de dirigentes da Intersindical reunirem com a JSN, ilustrando o objectivo imediato de Spínola: uma colaboração entre sindicalistas e empresários, com o objectivo de conduzir o processo de transição democrática sem sobressaltos, reconstituindo rapidamente o aparelho de Estado e tranquilizando os investidores.

Num curto espaço de tempo, porém, a mudança de regime potenciou uma explosão de lutas sociais sem precedentes. Inúmeras empresas foram paralisadas e as respectivas administrações confrontadas com cadernos reivindicativos resultantes de assembleias de trabalhadores e apresentados por comissões formadas à margem dos sindicatos, compostas pelos elementos mais combativos. Após anos de luta contra a inflação e a carestia de vida, de rigidez salarial e de uso patronal da repressão policial, de uma desequilibradíssima repartição de rendimentos e da inexistência de direitos laborais comuns noutros países da Europa², a atitude genérica dos trabalhadores que protagonizam estes conflitos foi a de recuperar o tempo perdido, explorando a nova correlação de forças e associando as suas lutas ao processo de democratização em curso³. Em poucas semanas, os trabalhadores e trabalhadoras portugueses conquistaram muitos dos direitos usufruídos pela maioria dos trabalhadores da Europa Ocidental, inviabilizaram a possibilidade de uma transição ordeira e demoliram o pilar estratégico do “modelo português de subdesenvolvimento”⁴ – a existência de uma força de trabalho constrangida a taxas de exploração únicas no contexto europeu –, invertendo duradouramente a relação de forças entre trabalho e capital e colocando na ordem do dia uma recomposição do processo de acumulação capitalista em Portugal.

Confrontado com este cenário, o I Governo Provisório – composto por liberais dissidentes do “marcelismo” (que fundariam o PPD), socialistas, comunistas, membros do MDP-CDE e independentes – procurou conter os movimentos reivindicativos e estabilizar

¹ “Os últimos 9 dias”, *Expresso*, 4/05/1974, p. 15.

² Cf. Ricardo Noronha, 2010, “Inflação e contratação colectiva (1968-1974)” in *O Estado novo em questão*, Nuno Domingos e Victor Pereira (Dir.), Lisboa, Edições 70, pp. 233-264; José Barreto, 1990, “Os primórdios da Intersindical sob Marcello Caetano”, *Análise Social*, Vol. XXV, n.º 105-106, pp. 57-117.

³ Maria de Lurdes Lima Santos, *et al.*, 1976, *O 25 de Abril e as lutas sociais nas empresas*, Porto, Afrontamento, 3 volumes.

⁴ Mário Murteira, *Desenvolvimento, subdesenvolvimento e o modelo português*, Lisboa, Ed. Presença, 1979, pp. 123-134.

as relações laborais, assinalando na imprensa e na televisão a necessidade de proceder a transformações cautelosas a nível económico, sem comprometer a sobrevivência de empresas em dificuldades e limitando as reivindicações salariais. Na ausência de mecanismos consolidados de contratação colectiva e de negociação em torno das relações laborais, o problema da representação operária e da mediação do conflito colocava-se de forma aguda. A cooptação do PCP – e da sua influência sobre a Intersindical – para o 1.º Governo Provisório procurava solucioná-lo, num momento em que uma solução repressiva generalizada se encontrava fora de questão.

A intervenção da Intersindical foi assim dirigida à pacificação no interior das empresas, opondo-se frequentemente às dinâmicas de luta e auto-organização em curso, alinhando com o Ministério do Trabalho (dirigido por Avelino Gonçalves, presidente do Sindicato dos Empregados Bancários do Porto e militante do PCP) no combate à vaga de greves. A dinâmica social e política despoletada pelo golpe militar catapultou as organizações sindicais de um estatuto de semi-legalidade para uma posição decisiva no aparelho de Estado, num curto espaço de tempo. Os bancários permaneceram à margem das lutas sociais que explodiram a seguir ao 25 de Abril, adoptando a postura da Intersindical, reproduzida numa circular interna do Sindicato dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa a 22 de Maio:

Empurradas por demagogos, provocadores e oportunistas, as massas trabalhadoras são postas perante as recusas do patronato, que entretanto esfrega as mãos, pois são criadas as condições para os *lock-out* e greves, absolutamente inúteis e causadoras de caos económico. ... O governo provisório terá a existência de um ano. Só depois será possível, com o fortalecimento da nossa própria organização e estrutura, fazer em definitivo as reivindicações a todo o nível sem correremos o risco de estar a fazer o jogo da reacção¹.

A economia provisória

Procurando manobrar no seio deste turbilhão social, o Governo Provisório estabeleceu, no final de Maio, um salário mínimo de 3300\$00, inserido numa estratégia de articulação entre preços e rendimentos com o objectivo de conter o processo inflacionário e estabilizar os salários reais, passo imprescindível para garantir a pacificação das relações laborais no interior das empresas². Exemplo da conciliação entre trabalho e capital que o Governo almejava promover, o salário mínimo falhou duplamente o seu objectivo: foi considerado insuficiente e largamente ultrapassado nas maiores empresas (Lisnave, Setenave, Siderurgia Nacional, TAP, EFACEC, SOREFAME) pela força da mobilização operária, capaz de impor plataformas contratuais que fixavam o salário mais baixo em 6000\$00; foi considerado excessivo por um grande número de empresários e gestores, sobretudo os que possuíam ou administravam empresas viradas para a exportação ou de pequena e média dimensão, que faziam dos reduzidos custos laborais o seu principal factor competitivo. Note-se que o primeiro trimestre de 1974 já se havia caracterizado pelo agravamento da balança de pagamentos, com um défice da balança comercial de 7 milhões de contos e uma acentuada descida (25%) do índice geral das acções na Bolsa de Lisboa, evidenciando a vulnerabilidade da economia portuguesa no contexto da crise mundial.

O Governo reagiu, injectando liquidez na economia através do redesconto, ou seja, concedendo crédito à banca privada através do Banco de Portugal, a uma taxa preferencial,

¹ *Informação 3/74*, 22/05/1974, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

² Decreto-Lei 217/74 (27 de Maio), *Diário do Governo*, n.º 123, I Série, p. 654 e Decreto-Lei 329-A/74 (10 de Junho), *Diário do Governo*, n.º 159, I Série, p. 810.

de maneira a responder às dificuldades financeiras das empresas (nomeadamente as pequenas e médias), permitindo-lhes sobreviver a curto prazo e efectuar reestruturações a médio prazo. A grande prioridade era, sobretudo, evitar encerramentos e falências em massa, com o consequente aumento do desemprego e os problemas sociais e políticos que daí poderiam resultar.

Reforçado e ampliado pela dinâmica de crescimento económico e industrialização dos vinte anos anteriores, o sistema bancário tornou-se uma peça chave da política económica, com destaque para os bancos integrados nos sete grandes grupos económicos, que formavam o “núcleo monopolista” da banca comercial: Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Nacional Ultramarino, Banco Totta e Açores, Banco Borges & Irmão, Banco Fonecas & Burnay, Banco Pinto & Sotto Mayor e Banco Português do Atlântico¹. Devido aos problemas do sector – agravados pela imobilização forçada da sua carteira de títulos e participações financeiras, na sequência do encerramento da Bolsa de Valores – parte substancial do peso e do risco do crédito foi assumido pelo Estado. A concessão doméstica de crédito, que em 1973 foi assegurado sobretudo pela banca comercial (45,5%) via-se cada vez mais, por via do redesconto, dependente do Banco de Portugal (a participação passou de 14,3% do total em 1973 para 52,1% em 1975)².

O aumento do redesconto, que atingiu em 1974 o valor de 45,8 milhões de contos, punha nas mãos da banca comercial – e, através dela, dos grandes grupos económicos – uma elevada soma de capitais que podiam ser desviados e aplicados noutros fins que não aqueles definidos pelo programa do Governo. O banco central via-se incapaz de avaliar a aplicação do crédito, deixando o campo aberto a uma disputa relativamente à actuação do sistema financeiro. Às instituições governamentais chegavam, desde o início do Verão, cartas de pequenos e médios empresários industriais que se queixavam da retracção do crédito e da recusa de desconto de letras comerciais em agências bancárias onde sempre haviam sido considerados clientes de confiança. Neste contexto, a actuação da banca comercial passou a ser um tema decisivo do combate político e social, subindo de tom o que os economistas Alfredo de Sousa (PPD) e Eurico Ferreira viriam a denominar “a orquestra da sabotagem económica”³.

“Vigilantes face às manobras da reacção”

Entretanto, o Sindicato dos Bancários de Lisboa assumia um poder de intervenção crescente. Após a formação de piquetes na sequência do golpe militar, a direcção reuniu com o general Silvério Marques (JSN) para abordar vários assuntos relacionados com o regular funcionamento do sector, iniciando imediatamente a formação de uma estrutura para coordenar a vigilância das actividades bancárias. O boletim a cargo da mesa da assembleia-geral realizada a 11 de Maio, participada por cerca de 5 mil sócios, destacava o trabalho do sindicato e o papel que este fora chamado a desempenhar nos dias posteriores ao 25 de Abril:

Integramos várias delegações que se avistaram com os oficiais das Forças Armadas e, sobretudo, participámos intensamente no controlo da actividade

¹ José Félix Ribeiro *et al*, 1987, “Grande indústria, banca e grupos financeiros – 1953/1973”, *Análise Social*, Vol. XXIII (5.º), n.º 99, pp. 945-1018; Américo Ramos dos Santos, 1977, “Desenvolvimento monopolista em Portugal: 1968/73”, *Análise Social*, Vol. XIII, n.º 49, ICS, Lisboa, pp. 69-95.

² Celso Ferreira, 1977, “Banca nacionalizada: de onde vem, para onde vai?”, *Economia e Socialismo*, n.º 17, p. 37.

³ Alfredo Sousa e Eurico Ferreira, *Em defesa da democracia*, Lisboa, Perspectivas e realidades, 1976.

bancária, com vista a fazer respeitar directrizes da Junta de Salvação Nacional, ou seja, impedir a fuga de capitais e manobras especulativas. Dos contactos estabelecidos com elementos da Junta e do Movimento foi realçado por estes e até declarado publicamente, perante vários dirigentes sindicais, a colaboração do nosso sindicato e muito especialmente da nossa rede de delegados no controle possível da actividade bancária, tendente a evitar uma situação grave para o País¹.

A disponibilidade para colaborar com o Governo Provisório e com a Junta de Salvação Nacional, bem como o firme apoio ao MFA, coincidia com uma desconfiança generalizada relativamente às administrações das instituições de crédito. Numa assembleia-geral realizada a 27 de Junho, foi aprovada uma moção dirigida ao Governo Provisório e que acusava as instituições bancárias de reterem indevidamente o crédito necessário a pequenas e médias empresas confrontadas com a crise:

... perante informações alarmantes de que a banca portuguesa está a pôr em prática uma política de crédito contrária aos interesses da economia nacional e que pode a curto prazo levar o país a uma situação de caos económico que urge evitar por comprometer as liberdades conquistadas pela revolução de 25 de Abril, ... os trabalhadores bancários requerem do Governo Provisório medidas imediatas para o saneamento da situação, nomeadamente a concretização do Programa do Governo em relação aos bancos emissores. ... O patronato, perdido que foi o apoio policial, perdida que foi a matraca, reduzido que foi o apoio do Ministério das Corporações e das estruturas corporativas, o patronato, habilmente, tenta fazer qualquer coisa para que tudo fique na mesma².

As “informações alarmantes” resultavam da fiscalização levada a cabo pelas estruturas sindicais no interior das instituições de crédito e que, ainda que cautelosa, era já suficiente para que o sigilo bancário fosse posto em xeque e as paredes dos cofres dos bancos se tornassem menos opacas:

Organizados em redor das nossas estruturas representativas, vigilantes face às manobras da reacção, unidos na consolidação das conquistas já alcançadas, pondo em prática os métodos democráticos de actuação, evitando e denunciando a actuação desorganizada e isolada do contexto global das lutas dos trabalhadores – devemos sacrificar momentâneas aspirações de índole económico-individual que amolecem a nossa consciência de classe, em proveito do interesse político global e em proveito da nossa organização³.

Constituíra-se um contrapoder no interior da banca, capaz de exercer o controlo e a vigilância sobre as administrações e sobre os movimentos de capitais, de interpelar o Governo, o Banco de Portugal ou a Coordenadora do Programa do MFA com dados e provas concretas relativamente a desvios de fundos e financiamentos ilícitos. A sua estrutura de delegados sindicais, fortalecida nos primeiros meses da revolução, cobria praticamente toda a actividade bancária nos centros urbanos e revelava-se capaz de detectar e avaliar grande parte dos actos de gestão e concessão de crédito, fiscalizando a sua aplicação conforme determinado pelo Governo. O seu discurso de acusação subia progressivamente de tom, sublinhando as ligações da oligarquia financeira ao regime deposto, a sua vontade de subverter o processo democrático através do financiamento de

¹ *Informação MAG-7*, 16/05/1974, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

² Arquivo do Gabinete do Ministro das Finanças, Pasta 14. Inspecção-Geral de Crédito e Seguros, ref.ª 004 0061 0834.

³ *Informação*, 8/07/1974, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

partidos de direita e extrema-direita, conjugado com o boicote do crédito às pequenas e médias empresas no sentido de promover uma crise económica e fragilizar o Governo Provisório. No contexto da disputa pelo poder e pelo rumo a oferecer à revolução, os bancários ocupavam uma posição de força e pareciam estar bastante conscientes disso mesmo.

A grande ofensiva

Os acontecimentos do fim-de-semana de 28 e 29 de Setembro de 1974 revelaram-se decisivos, marcando a aceleração do processo revolucionário e uma acentuada viragem à esquerda do panorama político¹. Na noite de 27 para 28, as estradas foram controladas por brigadas de civis organizadas por diversas organizações políticas, pela Intersindical, e por comissões de trabalhadores, passando em revista os carros que desejavam entrar em Lisboa e dissuadindo os seus ocupantes de participar na manifestação. No boletim do Sindicato dos Bancários de Lisboa a mobilização levada a cabo pelos trabalhadores desse sector foi descrita em pormenor:

Nesse sentido, os bancários, nessas reuniões do dia 27, passaram, organizadamente, da análise à acção. Formaram equipas que, em conjunto com outros sectores profissionais, tomaram posição em vários pontos da cidade, controlando o tráfego, apreendendo armas e propaganda, denunciando os fascistas e esclarecendo os incautos. Esta vigilância mobilizou, durante toda a noite e até cerca das 15h de dia 28, centenas de colegas. Os bancários, para além das barragens que levaram a efeito em vários pontos da periferia da cidade, contribuíram, em estreita ligação com a Intersindical, na distribuição de vários documentos².

A 30 de Setembro, afastados os seus homens de confiança da JSN e do Conselho de Estado por exigência da Comissão Coordenadora, o general Spínola demitiu-se. No mesmo dia, ilustrando o seu poder efectivo, a direcção do Sindicato dos Bancários ordenou o congelamento das contas bancárias de todos os indivíduos detidos pelas autoridades militares e presumivelmente implicados na preparação da manifestação, bem como a vigilância sobre as respectivas empresas.

Os delegados sindicais do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa detectaram e denunciaram os apoios dados por aquela instituição de crédito ao Partido do Progresso e ao Partido Liberal (convocadores da manifestação), bem como o financiamento de materiais de propaganda e de meios de transporte alugados para a manifestação. Essas denúncias, juntamente com a acusação de desvios de fundos para contas da família Espírito Santo e para os seus investimentos no Brasil, alargavam-se a outros bancos, como o Totta & Açores e o Pinto & Sotto Mayor, onde verbas haviam sido concedidas a empresas fictícias ou simplesmente utilizadas em investimentos do respectivo grupo, sem que o Banco de Portugal tivesse algum controlo sobre o destino do crédito concedido. Tomava gradualmente forma a tese de uma “conspiração da alta finança”³.

Estas denúncias começavam a produzir efeitos práticos. A 12 de Outubro foi nacionalizado o Banco Intercontinental Português e, através do D.L. n.º 540-A/74, instituiu-se a intervenção do Estado na fiscalização e coordenação das empresas que

¹ Para aceder a duas versões distintas dos acontecimentos: Movimento das Forças Armadas, *Relatório do 28 de Setembro de 1974*, Lisboa, s.e. 1975; António Maria Pereira, *A burla do 28 de Setembro*, Amadora, Bertrand, 1976.

² “A reacção não passará” *Informação 35/75*, s.d., Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

³ Camilo Carvalho et al. (Coord.), *Sabotagem económica – “Dossier” Banco Espírito Santo*, Lisboa, Diabril, 1975.

tivessem problemas financeiros devido a actos de “sabotagem económica” ou de negligência patronal. A 25 de Novembro, um novo decreto-lei apurava as modalidades de assistência e intervenção nas empresas que estivessem nessa situação, qualquer que fosse a causa. E a 29 de Novembro, através do D.L. n.º 661/74, instituía-se a designação pelo Ministério das Finanças de delegados do Banco de Portugal junto das instituições de crédito para um controlo quotidiano das contas, movimentos e actividades dos bancos.

Simultaneamente, preparava-se o Plano Económico e Social elaborado por Melo Antunes e por uma equipa de economistas e técnicos de planeamento, que propunha uma economia mista com um forte sector público, que permitisse um modelo de desenvolvimento assente no crescimento do mercado interno¹. Tratava-se de assegurar um “controlo e orientação do poder económico pelo poder político”. A 13 de Dezembro foram detidos empresários e administradores da Torralta, do Banco Intercontinental Português, do Crédito Predial Português e da Sociedade Financeira Portuguesa, acusados de desfalque e de desvios de fundos para o estrangeiro.

O ano de 1975 iniciava-se assim num contexto de radicalização do combate político e social. Numa assembleia-geral realizada logo a 3 de Janeiro, cerca de 5000 bancários aprovaram uma moção exigindo a nacionalização da banca:

Essa democracia, para ser edificada, passa necessariamente pelo saneamento da luta anti-monopolista e pela total destruição do poder dos monopólios. O Povo Português tem consciência disso e também do interesse do grande capital em fazer parar ou recuar o tempo. ... Que o Governo Provisório tome medidas no sentido de uma nacionalização da Banca, única forma, no nosso entender, de colocar este sector chave da Economia, ao serviço do Povo Português, na perspectiva anti-monopolista apontada pelo programa do MFA.²

Uma nova vaga de lutas ganhou forma, desta vez com o forte apoio e envolvimento da Intersindical e do PCP, em torno do controlo operário dentro das empresas e do saneamento de administradores acusados de sabotagem económica, num movimento que passava agora das reivindicações salariais e laborais à disputa aberta pelo controlo da gestão. Ao contrário do que acontecera em Maio e Junho de 1974, nos primeiros meses de 1975 os trabalhadores da banca acompanharam a dinâmica geral das lutas sociais no interior das empresas, exprimindo uma crescente hostilidade relativamente ao “capital monopolista”, acompanhando o processo de contestação à autoridade patronal no interior da banca e avançando as suas específicas acusações de “sabotagem económica”, num sector que era especialmente favorável à exportação ilícita de capitais e ao desvio de fundos. O cerco à “alta finança” via-se cada vez mais apertado.

“A lei mais revolucionária alguma vez aprovada”

Entre o 28 de Setembro de 1974 e o 11 de Março de 1975, a maioria dos textos, comentários e artigos publicados na imprensa sublinhavam repetidamente a centralidade dos conflitos no interior das empresas no processo de reconfiguração da estrutura produtiva portuguesa. Economistas, legisladores e militares debruçavam-se sobre o impacto de uma deslocação de poder que favorecera os trabalhadores assalariados em detrimento dos proprietários e administradores das maiores empresas privadas. Para

¹ Governo Provisório da República Portuguesa, 1975, *Programa de política económica e social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

² *Informação n.º 15 (número especial)*, 3/01/1975, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

governar a economia e conter a tumultuosa maré de greves, ocupações, saneamentos e controlo operário, tornava-se forçoso substituir as cúpulas empresariais por representantes do Estado, garantir a manutenção dos postos de trabalho e dos salários, aceitar o poder das comissões sindicais ou de trabalhadores no interior dos locais de trabalho, reprimir actos de “sabotagem económica” e repensar o funcionamento das empresas em função desta deslocação de poder. A aceleração dos acontecimentos na sequência do 11 de Março teve o seu preâmbulo na grande ofensiva iniciada no interior das empresas durante o Inverno de 1974-75. Por outro lado, estes conflitos laborais propagavam-se ao sistema financeiro pelas próprias características da concentração económica, que juntava nos grandes grupos económicos bancos, seguradoras e uma miríade de empresas industriais, comerciais ou de serviços das mais variadas dimensões. A soma de cada aumento salarial, de cada saneamento efectuado, de cada empresa ocupada ou intervencionada podia assumir um impacto considerável na liquidez de uma instituição de crédito.

O próprio processo que culminou na decisão de nacionalizar o sistema bancário evidencia a dimensão desta deslocação de forças. Tomando conhecimento do ataque spinolista ao RAL1, na manhã de 11 de Março, o Sindicato dos Bancários emitiu uma curtíssima circular interna com instruções para os seus associados:

Camaradas, face à tentativa desesperada dos restos da escumalha fascista, o sindicato de Lisboa decidiu: encerrar os bancos, mantendo a estrutura sindical a vigilância aos sectores fundamentais; não permitir o acesso aos estabelecimentos bancários às administrações. Camarada Bancário: Mantém o contacto com o Sindicato; Cumpre e faz cumprir estas determinações durante o dia 1 de hoje; Aguarda novas instruções. Cumpre-as escrupulosamente e fá-las cumprir .

À tarde foi emitido um comunicado à população:

O Sindicato dos Bancários de Lisboa, face à desesperada tentativa reaccionária, resolveu encerrar os bancos a partir das 14 horas. Esta medida destina-se a proteger os valores à guarda dos bancos da rapina das administrações reaccionárias. Não há portanto motivo para qualquer receio. A estrutura sindical dos bancários está atenta à evolução dos acontecimentos e irá tomando as medidas convenientes ao interesse do nosso povo e da sua unidade com o MFA².

Assumindo até aí funções de vigilância, de uma sombra continuamente pairando sobre os movimentos bancários, o sindicato tomou pura e simplesmente controlo dos bancos entre 11 e 15 de Março, formando piquetes que guardaram as instalações e se apropriaram das chaves dos cofres. No dia 12 de Março, uma nova circular anunciava a manutenção da ocupação dos estabelecimentos bancários pelos respectivos trabalhadores³.

No dia seguinte o *República* informava os seus leitores de que a banca não reabriria até estar concluída a reestruturação dos seus serviços⁴, enquanto um novo comunicado à população, assinado pelos três sindicatos de bancários, justificava a manutenção do encerramento e afirmava simultaneamente o poder real dos sindicatos sobre a banca:

1 *Informação 13/75*, 11/03/1975, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

2 “Dos trabalhadores bancários à população”, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

3 *Informação 14/75*, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

4 “Centenas de bancários enchem ruas da Baixa Lisboa”, *República*, 13/03/1975, p. 3.

A retumbante vitória da aliança Povo/MFA sobre as forças reaccionárias que no dia 11 tentaram implantar de novo o fascismo arrasta necessariamente responsabilidades e consequências. Os trabalhadores bancários souberam prontamente assumir as suas responsabilidades vigiando e controlando os bens depositados à guarda dos bancos ... A necessidade de adaptar as actuais estruturas das empresas bancárias aparece como consequência lógica da nova situação política conquistada. ... Por outro lado, a nova situação política exige medidas imediatas contra os monopólios e latifundiários, pondo a economia ao serviço do povo português. Como ainda não foi possível realizar tudo o que consideramos necessário para que estes objectivos sejam alcançados, torna-se prematura a abertura dos bancos imediatamente. Nesse sentido os bancos continuam encerrados hoje, dia 13. A sua reabertura será pública e oportunamente divulgada pelos sindicatos e órgãos governamentais¹.

Foi nesta situação, em que os trabalhadores bancários dominavam de facto a banca e se preparavam para realizar uma assembleia-geral extraordinária, que o Conselho da Revolução (acabado de criar) anunciou, na madrugada de 14 de Março, através do Decreto-Lei 132-A/75, a nacionalização da banca comercial (com excepção das caixas agrícolas e dos bancos estrangeiros a operar em Portugal). O articulado do decreto continha formulações quase decalcadas das posições sindicais, ao considerar que o sistema bancário na sua função privada se vinha caracterizando “como um elemento ao serviço dos grandes grupos monopolistas” em detrimento das necessidades da economia nacional e que, simultaneamente, poderia constituir “uma alavanca fundamental de comando da economia” para “dinamizar a actividade económica, em especial a criação de postos de trabalho”, sublinhando “a capacidade demonstrada pelos trabalhadores da banca na fiscalização e controlo do respectivo sector de actividade”².

A descrição da sucessão de eventos pelo *Expresso* também sublinhava o peso da movimentação dos trabalhadores da banca:

O Conselho da Revolução, ao tomar a decisão de nacionalizar o sector bancário, adiantou-se à Assembleia-Geral Extraordinária convocada para ontem à noite pelos bancários, onde se iria discutir a situação actual e durante a qual, provavelmente (e como em ocasiões anteriores) seria aprovada uma moção pedindo a nacionalização da banca. Se à posição de força do Sindicato, ao encerrar por sua exclusiva decisão os bancos, e suspender as administrações, se juntasse um pedido de nacionalização, antes de o C. da Revolução tomar qualquer resolução, este ficaria colocado numa posição de inferioridade em relação a uma hipotética negociação. Assim, tudo se resolveu, tendo-se o Conselho antecipado aos trabalhadores pela primeira vez³.

O jornal confirmava a abertura dos bancos para o dia 15 de Março, na sequência de contactos com o sindicato, que havia “apresentado ao Governo sugestões concretas, assim como uma lista com os nomes das pessoas consideradas de confiança” para integrar “as comissões administrativas que, pelas nove horas de hoje, se encarregarão das diversas instituições de crédito agora nacionalizadas”. A capacidade dos sindicatos em determinar a composição das comissões administrativas foi confirmada tanto por José Silva Lopes (ministro das Finanças do III Governo Provisório), como por Jacinto Nunes (governador do Banco de Portugal no início de 1975), segundo os quais o

1 “Hoje dia 13, a banca continua encerrada”, Arquivo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

2 *Diário do Governo*, n.º 52, I Série, p. 394.

3 “Bancos abrem hoje – possíveis restrições ao levantamento”, *Expresso*, 15/5/1975, p. 1.

sindicato teria tomado conta da banca e imposto a nomeação de vários administradores da sua confiança¹.

Aquela que o Presidente da República, general Costa Gomes, definiu como “a lei mais revolucionária que jamais foi promulgada neste país”², foi saudada em manifestações realizadas em Lisboa e no Porto. Num comício realizado poucos dias depois, Álvaro Cunhal não hesitava no seu diagnóstico: “Os grandes capitalistas deixaram de ser os reis de Portugal. A nacionalização da banca e dos seguros é o dobre de finados dos grupos monopolistas”³. Com a nacionalização da banca e dos seguros, o processo revolucionário entrava numa nova fase, em que o epicentro da luta social e política se deslocava do grau de intervenção do Estado na economia e passava a oscilar em torno do modelo socialista a adoptar e das transformações que lhe deveriam dar forma. A maior parte dos discursos, declarações ou comentários transportava em si uma difusa percepção do mês de Março de 1975 enquanto um passo irreversível e momento inaugural de uma nova fase histórica, como sugeria Eduardo Lourenço:

Os dados estão lançados. Com a nacionalização da banca e suas naturais consequências, Portugal encontra-se em situação de desafio, não só perante o complexo sistema em que até aqui se inseria organicamente, como diante de si mesmo. Este desafio, na medida em que representa um passo histórico irreversível de apropriação nacional de meios e poderes anacrónica ou injustamente privatizados, é daqueles que uma comunidade historicamente adulta tem de assumir com um máximo de lucidez⁴.

¹ AAVV, *Memórias de economistas*, Paço de Arcos, Exame, 2006, pp. 52-79.

² Maria Manuela Cruzeiro, *Costa Gomes – O Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias, p. 277.

³ Álvaro Cunhal, 1975, *Discursos políticos III*, Lisboa, Ed. Avante!, 1998, p. 166.

⁴ Eduardo Lourenço, “Socialismo crítico ou ditadura: à margem de um Portugal nu”, *Expresso*, 3/5/1975, p. 10.

International labour solidarity under military rule. The case of the Greek trade unions exiled in Italy during the colonels' dictatorship and the Italian trade unions support (1967–74). Rigas Raftopoulos¹

This research aims to describe the Greek labour movement during the years of the colonels' dictatorship (1967–1974) from the Italian labour movement perspective in order to depict some basic features of their relation. In particular we tackle the case of the Confederazione Generale Italiana del Lavoro (CGIL, General Italian Labour Confederation) and the Antidiktatoriko Ergatiko Metopo (AEM, Anti-dictatorial Labour Front) (AEM, 1969).²

This research shows how the Italian trade unionists relate to their Greek colleagues, how they manage this relationship for more than seven years of military rule in Greece and finally it aims to shed light on the perception of the Italian unionists about the politics and the organization of their Greek colleagues. Which are the reciprocal influences during these troubled years among unionists with such different national backgrounds – politically, economically and socially speaking – and above all such a different present? The military dictatorship brings in Greece a radicalization of the ideological conflict and discourse in comparison with the pre-junta period as it emerges from the documents. Which are the influences exercised by such a radicalized language on the language and on the Italian unionists' initiatives of solidarity towards Greek workers and unionists? These are the main questions the research tries to reply to.³

The Greek trade unions since the end of the civil war

In Greece after the end of the civil war (late 1949) there is a confrontation between the official trade unions, represented by the Geniki Sinomospondia Ergaton Elladas (GSEE, Workers General Confederation of Greece) strictly dependent on the conservative governments and the spontaneous trade unions represented by the Kinima ton 115 (Movement of the 115s) and by the Dimokratiko Sindikalistiko Kinima (DSK, Democratic Labour Movement). During the decades of the Fifties and Sixties the Greek spontaneous trade unions are often active in a covert way because of the dangers for the

¹ Rigas Raftopoulos (Rome, 1974) studied Modern History at the university La Sapienza (Rome, 1999–2003) taking his degree *cum laude* with a thesis on the Greek resistance against the colonels' regime. He received his Ph.D. in Modern History from the University of Teramo (Italy). He spent research periods in Greece (Ministry of Education scholarship, 2008) and in the United States (Princeton scholarship, 2009). He collaborates with the Institute of Political Studies S. Pio V (Rome) and with the Association for the Study of the History of the Left Youth-EMIAN (Athens). His research interests involve the history of the Italian and Greek student movements in the 1960s and the 1970s in a comparative perspective, Labour History, Economic History, Oral History and Political Cultures.

² First of all, it is important to briefly comment on the state of the historical studies on the labour movement and the trade unions in Greece and in Italy. We observe a clear lack of balance of the studies, both in quality and in quantity. While in Italy there is a long tradition of the historical studies on the labour movement and trade unions and a high scientific quality, in Greece, even though there are studies on these topics, it is not possible to assert that any of them respects any kind of scientific standard with only few and down-dated exceptions.

³ This research is based on the study of the documents collected in several archives of Italy, Greece and the United States, mainly the CGIL Historical Archive and the Gramsci Archive (*i.d.* the archive of the Italian Communist Party), both in Rome (Italy), the Archives of the Princeton University in New Jersey (USA) and the Archives of Modern Social History (ASKI) in Athens (Greece). In this context the case of Cyprus and the relations between CGIL and Cyprus trade-unionist are not considered. This research is a work in progress so comments and suggestions are very welcome.

safety and, sometimes, for the lives of the unionists themselves who are often persecuted, put in jail and obliged to emigrate abroad. They who survive try to organize the labour movement but collide with the caste of the official trade union and with the huge emigration of workers abroad. The key-events in the process of organization of the spontaneous trade unions in Greece are the birth of the Movement of the 115s and the other federations (*somateia*), the struggle of the construction workers, the mass mobilization for the *anendotos agonas* (the relentless struggle) in the 1961–63 and the mobilization for the royal *coup d'état* on 15 July 1965.

The Italian trade unions since the mid-Forties

The Italian unionism after the collapse of the fascist regime is reorganized by the three main national currents, the communist, the socialist and the catholic with the pact of Rome on 9 June 1944 with which they create the CGIL.¹

In spite of the importance given to its unity, several internal and international factors² push towards a worsening of the relations inside the CGIL that very soon lead towards a double split³ with the creation of the catholic Confederazione Italiana Sindacati dei Lavoratori (CISL, Trade Unions Workers Italian Confederation) and the social-democrat Unione Italiana del Lavoro (UIL, Italian Labour Union).

The CGIL suffers the deep influence of the Italian Communist Party (PCI) with the result of many withdrawals and a loss of members from four millions and six hundred thousands in 1955 to three millions and seven hundred thousands in 1958. Nonetheless the CGIL and its general secretary Giuseppe Di Vittorio try to assert the independence from the PCI and to get rid of the theory by which the CGIL is the timing belt of transmission of the party's will inside the factories. The decade of the Fifties is quite difficult for the CGIL, the XX Congress of the Communist Party of the USSR and the Soviet intervention in Hungary on 1956 have a strong impact on it, much stronger than that inside the PCI because of the critical stance of the socialists inside CGIL who want to condemn openly Stalin's crimes and the role of USSR in the world.

The decade of the Fifties as well as that of the Seventies are characterized by the violent repression of the strikes and the unionists' activities in the work places but the latter decade is marked by a consensus among the three trade unions on themes such as salary, occupation, reduction of the working hours with equal retribution. On July 1960 the CGIL organizes a big strike in Genoa as a reply to the neofascist party's national congress due to be held in that city, gold medal of the Republic of Italy for its civil and military worth during the resistance. The strike is violently repressed by the police sent by the Fernando Tambroni's cabinet, elected thanks to the vote of the neo-fascist Movimento Sociale Italiano (MSI, Italian Social Movement).

On 1963 the Italian Socialist Party (PSI) enters for the first time in the government and will remain part of it until 1968. Nevertheless in those years the CGIL struggles for a different conception of economic development instead of the

1 During the first years of its existence the main quest of the CGIL – in which the three currents have the same powers and responsibilities even though the communist current is the strongest one – is its inner unity that has to be achieved through a balanced distribution of powers to the three internal currents. The politics pursued are strictly linked to the task of the economic and social reconstruction of the country after the war.

2 Such as the Marshall plan and the cold war, the national election of April 1948, the attempt to kill Togliatti.

3 Which is achieved between the summer 1948 and the summer 1949.

governments' one and the years 1960 to 1962 and 1967 to 1970 are marked by workers strikes and struggles against the organization of work, the piece-rate system and the working hours.

The 1968 is the year of the students' revolt all over world. In Italy it is linked to the workers movement. It is also the year of the Prague spring and of its subsequent soviet repression. The CGIL condemns Moscow intervention even harshly than the PCI and presents a document in the context of the World Federation of Trade Unions (WFTU) on August 1968 which causes the CGIL ban from that same federation.

The year 1969 is characterized by massive strikes, struggles and achievements by the workers, the biggest and most unitary form of mass mobilization after the end of the Second World War in Italy. The climax of this wave of struggles is known as the *autunno caldo* (warm autumn) and this mass mobilization is characterized by brand new claims and means of struggle.¹

The trade unions CGIL, CISL and UIL try to regain an increasingly losing consensus among workers and make an effort to adopt the pillars of that cultural revolution initiated with the workers mobilization. On 19 November 1969 the trade unions jointly declare a general national strike that paralyzes the whole country and – at the same time – move towards the unification process that culminates with the creation of the Federation CGIL–CISL–UIL on 15 July 1972 (Pepe, 1996), (Loreto, 2005, 2009).²

The colonels' dictatorship: main features and measures against trade unions and workers

The colonel's regime tries to achieve two basic tasks on the labour field: to maintain the wages increases below the level of productivity increase and to deprive the workers of the up-to-then conquered rights. The main instruments to pursue these tasks are the dismantling of the trade unions by making them pure appendages of the State mechanism and the modification of the collective bargaining procedure (Yannopoulos, 1971: 112).

The regime tries – in a first phase – to completely dissolve the existing trade union structure by mass arrests of unionists, by dismantling one hundred and fifty eight federations just two weeks after the *coup* on 21 April 1967 and by the seizure of all their properties. Moreover the colonels send military commissioners in the most important factories in order to oversee workers activities. Nevertheless the government of Athens is obliged to change this policy after severe international complaints for the evident

1 Such as the health protection against the monetization of the risks, the working week of forty hours, the recognition of forms of direct democracy inside the factories, the wage increase independently from the productivity and so on. In this context of collective mobilization new base-structures are created. They are the committees of struggle, the assemblies with powers of resolution, the delegates and the factory-councils. The wave of mobilizations and the workers' achievements between 1968 and 1970 – culminated with the law n. 300 of May 1970, the Statute of the workers – have to face a series of terrorist acts that can be put in the broader context of the strategy of tension characterized by the explosion of bombs in public places such as in Milan on 12 December 1969, in the National Bank of Agriculture in piazza Fontana with sixteen killed and dozens of wounded among civilians. The *strategy of tension* hits Italy with many others terrorist attacks against civilians until 1974, year that substantially closes this long season of extreme right wing bombings.

2 With the election of a Direction and a Secretariat with equal number of representatives among them. On March 1970 Luciano Lama is elected general secretary of the CGIL substituting Agostino Novella who enters in the Political Bureau of the PCI.

violation of the articles n. 87 and 98 of the International Agreement on Labour subscribed by Greece as well (Yannopoulos, 1971: 113).¹

On August 1967 the colonels get rid of the leaders of those trade unions that were not yet dismantled and impose censorship or prohibition to the trade unions press. On May 1969, with the decree n. 185, they fire the GSEE leadership which was composed by extreme right elements but had a *minimum* base within the movement, not tolerated by the military who enact a new legislation on industrial relations based on the logic that the workers are incapable of representing their own interests and that only a paternalistic government can do this.

The colonels' legislation on this topic can be summarized as follows: the provisions on the freedom of association contained in the colonels' Constitution of 1968, the decrees n. 185 and 186 and the decree n. 890 of 28 May 1970. In few words the colonels' regime rationale on the topic of the social conflict and in particular on collective bargaining is that the solution has to be given by order and not by negotiation. In the words of a Greek trade unionist leader, all these legislative provisions on industrial relations make «the colonels' Greece a hell for workers but a paradise for the employers» (Yannopoulos, 1972: 113–117).²

The relationships between AEM and CGIL

In search of solidarity, 1966 and 1967 before the coup d'état

It is useful to describe briefly the relationships between CGIL and the Greek trade unions from 1966 to the outbreak of the dictatorship. The initiative in the dialogue between Italian and Greek unionists belongs constantly to the Greeks. They are trade unionists of the Movement of the 115s and not of the GSEE. The conditions of the struggle for the workers' rights in Greece are indeed more difficult and this explains why the search for a relationship of solidarity and even material support is a Greek exclusive to which – however – the Italians quickly reply. This is the case of the arrest and the trial of the three leaders of the Omospondia Ergazomenon Tipou Ellados (OETE, Federation of the Press Workers of Greece). On 28 May 1966 a court in Athens sentences the three trade unionists belonging to the OETE for «instigation to the rebellion» – as the sentence plays – that is to say because on 20 August 1965 they had organized a public rally in defence of the freedom of the press (Dimou, 1966). The CGIL immediately replies to the Greek appeal sending a cable of solidarity to the three unionists, to the Movement of the 115s and to the DSK (Stratis, 1966). On February 1966 Orestis Chatzivassileiou secretary the labour Movement of the 115s sends a letter to the CGIL proposing an exchange of delegations (Chatzivassileiou, 1966a). A delegation of four Greek leaders of the Movement of the 115s goes to Italy on 18-25 October 1966 after the official invitation of CGIL on 14 March 1966 sent in order to «[...] re-establish normal relations of exchange of information and experiences between CGIL and the organizations led by your movement» (Scalia, 1966). We understand from the Greek reply that until that moment there were no relations between the two

1 After the international pressures and complaints the regime changes policy and tries to modify the existing structure of the trade unions.

2 The colonels' legislation on this topic can be summarized as follows: the provisions on the freedom of association contained in the colonels' constitution of 1968, the decrees n. 185 and 186 and the decree n. 890 of 28 May 1970. In few words the colonels regime rationale on the topic of the social conflict and in particular on collective bargaining is that the solution has to be given by order and not by negotiation. In the words of a Greek trade unionist leader, all these legislative provisions on industrial relations make «the colonels' Greece a hell for workers but a paradise for the employers».

labour organizations and that there is on the Greek side a strong interest to exchange opinions on the unity of labour movement in the world and in particular among the countries of the European common market «[...] without any politics or ideology and only for the welfare of our Confederation [...]» (Chatzivassileiou, 1966b). Chatzivassileiou writes to the CGIL a letter after the return of the Greek delegation from Italy and thanks «immensely» the Italians for the welcome to the Greeks and expresses his wish for a prosecution of the relations of collaboration between them. He invites a delegation of CGIL to Athens as soon as possible and the Italians reply at the beginning of January 1967 accepting and proposing the date of April for the visit (Chatzivassileiou, 1966c).¹

At the beginning of April 1967 a CGIL delegation composed by Doro Francisconi and Libero Cecchetti goes to Greece after the official invitation by the Movement of the 115s. In their final report about the visit they write that they do not understand why there are two different democratic labour movements and the Greek's explanation is obscure and not persuading to them. The two Italians find an explanation based on political reasons and not on practical ones as claimed by the Greeks. They arrive at a provisional conclusion by stating that: «We are convinced that the two movements are going towards a final clarification concerning their reciprocal relations and towards a unification but this result depends on the clarification of the political situation» (Cecchetti, Francisconi, 1967). Very correctly they understand that the Movement of the 115s reflects the political positions of workers and leaders close to Georgios Papandreou and to the political centre as well as of the party Eniaia Dimokratiki Aristera (EDA, United Democratic Left) and others, while the DSK represents the Greek Communist Party's (KKE) position.

Indeed after the outbreak of the dictatorship and the split of the KKE in 1968 the unionists of the DSK inside AEM leave this organization to create the Eniaio Sindikalistiko Antidiktatoriko Kinima (ESAK, United Labour Anti-dictatorial Movement) which is independent from the other anti-dictatorial labour movements.

The two Italians get the impression that their Greek colleagues do not hurry to take political decisions because they link any decision to the outcome of the political crisis in Greece. Each group is worried not to take a precise political stance in order not to lose the (however partial) position of power gained, inside a new confederation of workers. For the two Italians the only point of complete agreement among the Greeks is the impossibility to democratize the GSEE whose leaders are more and more attested on extreme right positions. The final balance made by Francesconi and Cecchetti is positive for the future developments of the Greek labour movement and at the same times it lets us implicitly understand how – according to them – the Greek democratic trade unions are still at the beginning on the point of view of the organization and of the diffusion among the Greek workers: «In conclusion, we are convinced that the democratic labour movement in Greece has considerable possibilities of development and success» and finally they propose to the CGIL leadership to officially invite the president of the DSK in Italy (Cecchetti, Francisconi, 1967).

Trade unions under military rule, 1967 after the coup d'état

Two weeks after the *coup d'état*, on 6 May 1967, the CGIL sends a message-appeal to the Italian government, to the United Nations and the International Labour Organization

¹ In spite of date and title on the label of this box (1966) it tackles several different topics and years. This is true even for several other boxes of the CGIL Archive consulted in this research.

(ILO) to push them to mobilize against the Greek regime and proposes them to support two delegations of trade unionists to Greece and to Franco's Spain to investigate on the violation of the workers and unionists rights. From the documents it emerges that the CGIL judges fundamental an immediate international action during the first days and weeks of dictatorship besides the action of Italian and international trade unions to stop the mechanism started on 21 April 1967 in Greece (CGIL, 1967). From the archive it emerges that, at local level, there are many initiatives of solidarity with the Greek workers and unionists but the most of the times the CGIL central level is not informed about them and so it sends a request to the local federations to communicate with Rome in order to coordinate better all the actions in favour of the Greeks as well as the Spanish and the Arab workers (CGIL Secretary Office, 1967). On 7 July 1967 a report of the CGIL Secretariat after a top level briefing says that a new campaign of solidarity with Greeks, Arabs and Spanish must go on after a break in order to collect the money for the families of the arrested unionists and to find a job to those who found refuge in Italy (Anon., 1967a)¹.

At the level of federation, we know that the Federazione Italiana Lavoratori dello Spettacolo (FILS, Federation of the Italian Workers of the Performing Arts and Entertainment) communicates at the end of August 1967 that it terminates any relation with the trade unionists of Greece appointed by the regime as long as «the conditions for the free democratic existence of the trade unions and of the cultural and artistic activities will not be re-established» (Anon., 1967b).²

The Ideological conflict weakens the struggle, 1968

After the split of the KKE there is a similar split in the AEM with the creation in Rome of the ESAK – as we have seen – in which converge the unionists belonging to the DSK, Dimokratiki Sindikalistiki Allagi (DSA, Democratic Labour Change) and Sosialistiki Dimokratiki Enosi, (SDE, Democratic Socialist Union) (Anon., 1968a).³

The three Italian Confederations CGIL–CISL–UIL organize a big rally in Milan to the “Piccolo teatro” with the Greek actress and singer Melina Merkouri invited in Italy by the Committee for Freedom in Greece on 12-14 December 1968. In this occasion there is the opening of a money raising for the Greek cause managed by a common commission of representatives of the three confederations (Anon., 1968b) (Anon., 1968c).⁴

The difficult efforts, 1969

At the beginning of 1969 the CGIL sends a cable to the Greek government to protest against the arrest of Greek politicians and trade unionists asking for the lists of the arrested and for the interruption of the use of torture against them (CGIL, 1969a). The CGIL gives a huge amount of money collected by the workers of the railways close to Venice to the representative of AEM in Italy (Scalia, 1969) who on 1 February sends a letter in which describes to the CGIL three basic requests: 1) to organize initiatives of

1 For security reasons, the great majority of the articles in the Greek resistance's publications is anonymous.

2 The newspaper cited was found in the Solaro Collection, carton n. 2, folder n. 7 “Miscellaneous from abroad – 2”.

3 Manolis Pitharoulis is the president and D. Souliotis is the general secretary.

4 This is one of the most important initiatives of CGIL–CISL–UIL in sign of solidarity to the resistance and to the Greek workers.

information-protest and fund raising, 2) to organize events for “the week for Greece” (ten days until Mayday) during the second anniversary of the military intervention in Greece, 3) to organize the boycott of the Greek ships and of the tourism towards Greece (Tsouknidas, 1969).¹

On 28 May the CGIL sends two cables to the Italian prime minister and to the Greek embassy in Rome to protest against the recent convictions established by the military courts in Greece and to ask to the Italian cabinet not to take part to the joint military initiative with the Greek troops (CGIL, 1969b).

A note of the International bureau of the CGIL informs the Secretariat about a meeting with the International bureaus of CISL and UIL in order to examine the possibility to create an Antifascist United Labour Committee for the solidarity to the workers of Spain, Greece and Portugal (CGIL International Bureau, 1969).²

The Italian labour solidarity for Greece, 1970

This is probably the most significant year for CGIL and his efforts to support the Greek workers and trade unionists. On April the workers of CGIL–CISL–UIL in all the harbours of the country boycott all the Greek ships for six days thus receiving a letter of appreciation by their Greek colleagues through their representative in Italy for AEMN (which is the AEM branch for the workers of the harbours and the mercantile ships) Dimitris Benias (Benias, 1970) (Vicari, 1970).³

On the international level, there is the very important resolution presented by the CGIL leader Luciano Lama to the LIV session of the conference of the International Labour Organization in Geneva in which are exposed all the violations of the workers rights in Greece and which appeals to the colonels for a general amnesty for all the workers and trade unionists in jail because of their activities and for the modification of the Greek labour legislation to suit the principles of the ILO (Lama, 1970) (Anon., 1970a).⁴

At the end of this year the confederations CGIL–CISL–UIL together with the Associazioni Cristiane Lavoratori Italiani (ACLI, Catholic Association of Italian Workers) send a telegram to the Italian minister of Foreign Affairs Aldo Moro condemning the colonels' law n. 735 against the freedom of the foreign press in Greece⁵ condemning also the arrest of forty eight Greek dissidents and the torture against Alexandros Panagoulis and all the other democrats (CGIL International Bureau, 1970) (Anon., 1970b).

On 15 December, members of CGIL–CISL–UIL meet in Rome with Andreas Papandreou and some representatives of his resistance organization Panellinio

1 On March the CGIL receives and releases to the Italian press a message of one hundred and thirty seven women in jail «in the hell of Alikarnassos» a concentration camp of the regime. See: Anon., 1969, [manuscript], Solidarietà popolo greco 1969, folder n. 20, Rome, 21 March, CGIL Archive.

2 In this context it is interesting to notice that the CISL wants to limit the action of the committee only to labour initiatives and not to political ones (that is to say to appeals and interventions on international authorities and government, opinion that is not shared by the CGIL).

3 This initiative is probably connected with the denial to enter in Italy for two Greek members of AEMN by the Italian authorities after Greek diplomatic pressures.

4 One delegation of AEM is officially invited to the preparing meeting and to the related successive congress of the CGIL's Federazione Impiegati Operai Metallurgici (FIOM, Federation of Metallurgic Workers) in Milan and Rome on July.

5 Measures withdrawn shortly afterwards by the Greek government with the rationale, according to the minister of Justice Angelos Tsoucalas, that there had been a «misprint».

Apeleftherotiko Kinima (PAK, Pan-Hellenic Movement of Liberation) among whom the Italy responsible Faidon Morfis to discuss the form of support to the Greek struggle against the regime. The Italians underline explicitly the limits of this struggle induced by the resistance internal divisions and at the same time they push towards the accomplishment of the effective unity of the most important Greek labour organizations of resistance. In similar vein the members of the CGIL propose to Papandreou to join the AEM initiative of a campaign of information and solidarity (CGIL, 1970a).

The tough years, 1971 and 1972

In these two years the archives give us only few documents. The letter of the CGIL–CISL–UIL with which they ask the Italian ministers of Foreign Affairs Aldo Moro and of Education Riccardo Misasi not to discriminate the Greek students who want to study in the Italian universities and condemn the strict way with which – for the first time – the international regulations on this matter are applied by the Italian authorities (Armato, Didò, Rossi, 1971).

The Chamber of Labour of Bologna sends a letter to the Italian government and to the Greek embassy in Rome on the occasion of the presentation of the book *Bourgeois and workers* written by the Greek trade unionist leader Zissis Skaros to reassert the commitment of all the workers of Bologna to the common struggle against the fascist dictatorship in Greece and to push the Italian government to condemn and isolate the colonels' Greece in accordance with the principles of the Italian Constitution (Bologna Chamber of Labour, 1972).

The Greek society on the move: workers and students, 1973

At the beginning of January the Greek organizations ESAK and PAK organize a meeting in Rome in which they decide to call a joint conference. Few days after this meeting a joint representative of PAK–ESAK meets some leading members of CGIL–CISL–UIL and describes to them their aim to organize in a common group (ESAK, 1973).

In spite of this proposal, four months later nothing has happened and in a joint letter to the three Italian confederations the organizations AEM, PAK and ESAK reaffirm their decision to organize a unitary conference «to be held as soon as possible» (AEM, ESAK, PAK, 1973).

On summer the Greek regime tries to proceed on the road of a so called “liberalization” and towards political elections but these measures are stigmatized by the AEM which (underlying the enormous powers and the title of President of the Republic conferred to himself by the colonel Papadopoulos) do away with this attempt as follows: «Under the present conditions, the measures of “politicalization” cannot be presented at all as steps towards a democratization of the regime, towards the re-establishment of the genuine parliamentary procedure» (AEM, 1973).

From chaos to freedom, 1974

The last year of the colonels' dictatorship in Greece is marked by very poor archival documents as we can count only to one letter by the newborn Federation of CGIL–CISL–UIL for the VII anniversary of the *coup d'état*. In this communication they ask the Italian government to support the Greek political exiles in Italy and to take a stance to expel Greece from all the international organizations to which Italy belongs as well (Lama, Storti, Vanni, 1974).

This section of the paper closes mentioning the letter of Vassilis Nefeloudis – leading member of the AEM and of the KKE – to the CGIL about the organization of the official visit of a CGIL delegation to Greece in Autumn 1974 after the collapse of the dictatorship (Nefeloudis, 1974).

General observations

The first observation that emerges from the study of the archives is about the problem of the unity among the anti-dictatorial labour forces of Greece. The Italian trade unionists repeatedly notice that their Greek colleagues talk about it constantly but eventually they never come to any kind of common effective initiative nor they find a stable common political platform (things about which the Greeks are aware as well). The CGIL underlines every time the fact that the effectiveness of their support actions to the fight against the Greek regime and for the solidarity to the Greek workers is as bigger as the more united the Greek labour groups of resistance are. The CGIL unionists exploit any meeting in Italy with representatives of AEM and ESAK to insist on this point. The internal divisions inside the field of the Greek resistance are a clear limit that often creates difficulties to the Italians and not seldom disconcert them. We have seen that since few days before the military intervention the unionists of the CGIL in official visit to Greece observe that the internal divisions are provoked mainly by ideological and political controversies that do not allow the wide world of the Greek left to find a common front. The split inside the KKE on February 1968 into two parties more devoted to fight each other than to fight against the colonels' regime, the presence of Andreas Papandreou with his personal desire to obtain the hegemony in the left and the birth of small Maoist and Trotskyite groups united among them principally by the harsh controversy against the two communist parties are all factors that seem to produce a weakening effect in the struggle against the regime rather than a beneficial one.

A second observation is the constant material and political support that CGIL gives to the Greek unionists since the beginning of the regime. The initiatives to collect money for the families of the unionists in jail, the economic support to the resistance bulletins and to the organization of joint initiatives among the different Greek organizations, the pressure on the international labour organizations to expel Greek unionists chosen by the regime, the dozens of press releases, petitions and appeals to the Italian government and to the international institutions clearly prove this point. The CGIL solidarity is evident either at the national level of Confederation or at the local level of Federation and it arrives at several and massive initiatives of boycott of the Greek mercantile ships in the Italian ports. This boycott from one side is able to involve also other countries in the Mediterranean such as France and Yugoslavia, on the other it results very upsetting for the colonels so close to the interests of the big Greek ship owners to the point to exercise diplomatic pressures and even menaces the Italian government to push it to avoid or stop the boycott in the Italian ports.

List of abbreviations

ACLI	Catholic Association of Italian Workers
AEM	Anti-dictatorial Labour Front
CGIL	General Italian Labour Confederation
CISL	Trade Unions Workers Italian Confederation
DSA	Democratic Labour Change
DSK	Democratic Labour Movement

EDA	United Democratic Left
ESAK	United Labour Anti-dictatorial Movement
FILS	Federation of the Italian Workers of the Performing Arts and Entertainment
GSEE	Workers General Confederation of Greece
KKE	Greek Communist Party
OETE	Federation of the Press Workers of Greece
PAK	Pan-Hellenic Movement of Liberation
PCI	Italian Communist Party
PSI	Italian Socialist Party
SDE	Democratic Socialist Union
UIL	Italian Labour Union

References

AEM, 1969. *Dyo xronia agones Athina – 1967 – 1969* [booklet] AAFM AEM Antidiktatoriko Ergatiko Metopo. box 1 folder 4. Athens. ASKI Archives

AEM, 1973. *Ultimi sviluppi sulla situazione in Grecia* [booklet] Solidarietà Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.

AEM, ESAK, PAK, 1973. [manuscript] Solidarietà Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.

Anon., 1967a. Lanciata dalla CGIL una campagna per la Grecia e per la Spagna. *La Voce della Grecia*, 27 Sep. p. 2.

Anon., 1967b. Notizie. *Bollettino di informazioni. Organo dell'AMA*. Sep. p. 14.

Anon., 1968a. Idrithike eniaia sindikalistiki antidiktatoriki kinisi. *Eleftheri Patrida*, 6 April pp. 14–15.

Anon., 1968b. I Melina Merkouri stin Italia. *Eleftheri Patrida*, 14 December pp. 4–6.

Anon., 1968c. Megali ekdilosi sto Milano enantion tou kathestotos tis xountas. *Eleftheri Patrida*, 21 Dec. p. 19.

Anon., 1970a. To AEM se sineleusi italikon sindikaton. *Eleftheri Patrida*, 11 Jul. pp. 19–20.

Anon., 1970b. Kai dioxi ellinon exoterikou, *Eleftheri Ellada*, 10 Dec. p. 1.

Armato, B., Didò, M., Rossi, A., 1971. [telegram] Solidarietà Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.

Benias, D., 1970. *An address to the Italian dockers*. [manuscript] RBSC, Solaro Collection, carton 2, Antidictatorial documents from abroad. Miscellaneous – 2. Princeton (New Jersey). Firestone Library.

Bologna Chamber of Labour, 1972. [manuscript]. Paesi dell'Europa occidentale 1970. folder 18. Rome. CGIL Archive.

Cecchetti, L., Francisconi D., 1967. [manuscript] Rapporti coi i paesi dell'Europa occidentale 1967. folder 15. Rome. CGIL Archive.

CGIL, 1967. [correspondence] Rapporti coi paesi dell'Europa occidentale 1967. folder 15. Rome. CGIL Archive.

- CGIL, 1969a. [telegram] Solidarietà popolo greco 1969. folder 20. Rome. CGIL Archive
- CGIL, 1969b. *La CGIL chiede al governo italiano di intervenire sul governo greco per bloccare la tortura*. Press release, 28 May 1969.
- CGIL, 1970a. [manuscript] *Resoconto incontro con A. Papandreou*. Solidarietà Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.
- CGIL International Bureau, 1969. [manuscript] Solidarietà popolo greco 1969, folder 20. Rome. CGIL Archive.
- CGIL International Bureau, 1970. [telegram] *Protesta contro il governo greco*. Paesi dell'Europa occidentale 1970. folder 18. Rome. CGIL Archive.
- CGIL Secretary Office, 1967. [circular] Circolari dal 2415 al 2534 (1967). Rome. CGIL Archive
- Chatzivassileiou, O., 1966a [correspondence] Rapporti coi sindacati greci 1966 Delegazione greca
- Chatzivassileiou, O., 1966b. [correspondence] Rapporti coi paesi dell'Europa occidentale 1967. folder 15. Rome. CGIL Archive.
- Chatzivassileiou, O., 1966c. [correspondence] Rapporti coi paesi dell'Europa occidentale 1967. folder 15. Rome. CGIL Archive.
- Chatzivassileiou, O., 1987. *Sindikalismos kai koinoniki antidrasi (1947-1987)*. Athens: s.n.
- Clogg, R., Yannopoulos G. eds., 1972. *Greece under military rule*. London: Secker & Warburg.
- Dimou, T., 1966. [correspondence] Rapporti coi sindacati greci 1966 Delegazione greca. folder 11. Rome. CGIL Archive.
- ESAK, 1973. ESAK visit to Italy. [bulletin] RBSC, Solaro Collection, carton 2, folder IX Union Center and Greek socialist documents – 1. Princeton (New Jersey). Firestone Library.
- Grecou, M., 1971. Come la Grecia resiste. *Rassegna Sindacale*, 7-21 Feb. pp. 30-31.
- Katsanevas, T., 1984. *Trade Unions in Greece*. Athens: National Centre of Social Research.
- Koukoules, G., 1983. *Gia mia istoria tou ellinikou sindikalistikou kinimatos*, Athens: s.n.
- Lama, L., 1970. *Risoluzione riguardante la violazione permanente delle libertà sindacali in Grecia*. [manuscript] Solidarietà alla Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.
- Lama, L., Storti, B., Vanni, R., 1974. [manuscript]. Solidarietà Grecia 1974. folder 20. Rome. CGIL Archive.
- Letsa, M., 1974. *Ergatikoi agones stin periodo tis diktatorias*. Athens: Afon Tolidis.
- Loreto, F., 2005. *L'«anima bella» del sindacato. Storia della sinistra sindacale 1960-1980*. Rome: Ediesse.
- Loreto, F., 2009. *Storia della CGIL. Dalle origini ad oggi*. Rome: Ediesse.
- Nefeloudis, V., 1974. [correspondence] Solidarietà Grecia 1974 folder 20. Rome. CGIL Archive.

- Pepe, A., 1996. *Il sindacato in Italia nel '900*. Soveria Mannelli: Rubbettino.
- Scalia, U., 1966. [manuscript] Rapporti coi sindacati greci 1966. Delegazione greca. folder 11. Rome. CGIL Archive.
- Scalia, U., 1969. [manuscript] Solidarietà popolo greco 1969, folder 20. Rome. CGIL Archive.
- Seferis, K., 1977. *Elliniko syndikalistiko kinima 1860/1975*. Athens: Nea Aristera.
- Stratis, D., 1966. [correspondence] Rapporti coi sindacati greci 1966 Delegazione greca. folder 11. Rome. CGIL Archive.
- Theodorou, T., 1975. *Stoixeia gia tin ergatiki taxi stin Ellada simera*. Athens: Ergasia.
- Tsouknidas, A., 1969. [manuscript] Solidarietà popolo greco 1969. folder 20. Rome. CGIL Archive.
- Vicari, A., 1970. *Boycott by Italian dockers against Greek ships*. [manuscript] Manifestazioni contro il colpo di stato in Grecia. Varie. Rome, Archivio Centrale dello Stato.
- Yannopoulos, G., 1971. *Workers and Peasants in the Military Dictatorship*. In: Clogg, R., Yannopoulos G. eds., 1972. *Greece under military rule*. London: Secker & Warburg, pp. 109 – 127.

Las jornadas de protesta y movimiento sindical en Chile, entre la movilización social y la acción política. *Rodrigo Araya Gómez*¹

La comunicación tiene como objetivo analizar las jornadas de protesta contra la dictadura del general Pinochet desarrolladas entre los años 1983 a 1989 –con un periodo de auge entre 1983 a 1986- años en que confluyeron una gran cantidad de actores sociales que buscaron desestabilizar el régimen militar, cambiar el modelo económico neoliberal implementado por la dictadura y lograr un acuerdo social y político amplio que estableciese las bases de un futuro proceso de transición a la democracia.

Se considera la relación entre el movimiento sindical y las jornadas de protestas, por ser aquel, el eje aglutinador de las demandas de los movimientos sociales y actor referencial debido a su trayectoria histórica y vinculaciones con los partidos políticos, especialmente de la izquierda chilena, organizaciones que se involucraron en el desarrollo de las protestas contra el régimen de Pinochet.

Para objeto del trabajo, procederemos a realizar un breve contexto histórico a fin de situarnos en el origen de las protestas, posteriormente nos centraremos en el desarrollo de aquéllas y su relación con el movimiento sindical y finalmente en las conclusiones expondremos una visión general sobre el vínculo entre la movilización social, movimiento sindical y proceso de transición a la democracia.

Introducción

Chile a partir del golpe de Estado del 11 de septiembre de 1973 fue gobernado por la dictadura militar encabezada por el general Pinochet, la que a diferencia de otros regímenes militares de América Latina, tuvo un carácter refundacional, porqué modificó profundamente las relaciones entre el Estado y la sociedad civil debido a las políticas económicas neoliberales desarrolladas por los ‘Chicago Boys’, equipo de economistas formados en la Universidad de Chicago que implementaron las políticas económicas de la dictadura.

El proyecto político-económico del régimen consistió en la conformación de una democracia autoritaria, protegida, tecnocrática y funcional, es decir, sustentada en la idea del pluralismo limitado y en la crítica conservadora a la democracia liberal. Estos principios ideológicos fueron aportados por el “gremialismo”, corriente ultraconservadora liderada por Jaime Guzmán², quien estableció una alianza con los ‘Chicago Boys’ con lo cual el bloque de gobierno adquirió una mayor homogeneidad y contenido en relación a su vocación de poder. Del punto de vista económico, la acción desarrollada por los ‘Chicago Boys’ apuntó a la legitimación del régimen mediante la eficacia, la que se demostraría con una correcta gestión económica que terminase con los problemas estructurales de la economía chilena.³

Por lo tanto, la acción unida de gremialistas y ‘Chicago Boys’ permitió conformar

¹ Licenciado y Magíster en Historia de la Universidad, actualmente cursa el programa de Doctorado en Historia Comparada, Política y Social de la Universidad Autónoma de Barcelona. Becario del Programa de Formación de Investigadores Jóvenes de de la Agència de Gestió d’Ajuts Universitaris i de Recerca de la Generalitat de Catalunya e integrante del Centre d’Estudis sobre les Èpoques Franquista i Democràtica (CEFID).

² Sobre el pensamiento político de Jaime Guzmán, véase (Cristi 1998).

³ Un análisis de las reformas económicas impulsadas por la dictadura en (Larraín y Vergara 1998). Una visión crítica en (Salazar 2001).

un bloque de poder en apariencia incontrarrestable, alcanzando la cima del éxito a fines de los '70 y comienzos de los '80 con el auge económico, hecho que los publicistas del régimen denominaron el 'milagro chileno' y la aprobación de la Constitución de 1980 mediante plebiscito en septiembre de aquel año.

Las políticas económicas neoliberales tuvieron una serie de consecuencias sobre los movimientos sociales, entre los más afectados se encontró el movimiento sindical, el cual fue perseguido, atomizado y privado de la mayoría de sus derechos.¹ En el mismo sentido, la aplicación del Plan Laboral, mercantilizó las relaciones laborales y estableció el predominio del empleador sobre el trabajador. En este contexto, el movimiento sindical tuvo grandes dificultades para articular una respuesta ante las políticas represivas de la dictadura. Sin embargo, se conformaron diversos grupos sindicales a nivel de superestructuras, los cuales se agruparon según afinidades políticas o ideológicas, entre ellos alcanzó notoriedad la *Coordinadora Nacional Sindical*, organización que recogía en parte la tradición de la antigua *Central Única de Trabajadores* (CUT) y que reunió en su seno a dirigentes sindicales demócrata cristianos y de izquierda y que se transformó en una de las principales organizaciones opositoras a la dictadura.

Las jornadas de protesta. Primera etapa 1983-1984.

Siguiendo a Sidney Tarrow (Tarrow 2004) el movimiento sindical vio la oportunidad de cambiar el escenario político, marcado por el temor y el inmovilismo de amplios sectores de la población, al caer el país en una profunda crisis económica en el año 1982 derivada de la recesión mundial de comienzos de los años 80, hecho que generó a su vez, la crisis política del régimen.² Esta coyuntura fue aprovechada por la *Confederación de Trabajadores del Cobre*, -liderada por el joven sindicalista Rodolfo Seguel-, convocó en un primer momento a un paro nacional, pero ante las dificultades de concretar tal acción, llamó a una jornada de protesta contra el gobierno por la situación económica.³ La protesta se realizó el 11 de mayo de 1983 y tuvo un gran éxito de convocatoria, hecho que sorprendió a sus propios organizadores y al propio gobierno por la magnitud de aquella.⁴ A partir de esta protesta se inició un ciclo corto de movilizaciones hasta la dictación del Estado de Sitio en noviembre de 1984, ciclo al cual nos referiremos en seguida.⁵

La protesta se transformó en un hecho político y en una primera consecuencia

¹ Sobre la trayectoria del movimiento sindical durante la dictadura véase (Frías 1989); (Ruiz Tagle 1984).

² Una interesante síntesis de la situación del mundo del trabajo durante la crisis económica se observa en el documento firmado por 1.200 dirigentes sindicales titulado "Carta Abierta al General Pinochet" en *Análisis* (54, febrero 1983).

³ Ver texto de convocatoria en Archivo Histórico Vicaría Solidaridad –en adelante AHVS-, caja 47.

⁴ En un artículo de la revista *Análisis* se destaca: «Desde ya esta primera oportunidad que tuvo el país para manifestar, libre y espontáneamente su opinión sobre el resultado de nueve años del gobierno de Pinochet, dejó como resultado que el grado de descontento no sólo fue imprevisto para quienes aparecían convocando, sino además –y esto fue lo más grave- para el propio (ministro) Enrique Montero quien apareció totalmente sobrepasado con su política de actuar 'por reacción', es decir, en respuesta a la cantidad y calidad de los hechos que se iban produciendo» en *Análisis* (58, junio 1983, p.4).

⁵ Un interesante cuadro de análisis de las primeras jornadas de protestas se encuentra en un trabajo realizado por Mario Garcés y Gonzalo de la Maza, «La explosión de las mayorías» en *Apsi* (129, semana del 1 al 14 de noviembre de 1983, p. 29-33). Posteriormente este trabajo fue editado como libro, (De la Maza y Garcés 1985)

vino a quebrar el receso político vigente desde el año 1973. De este modo, se inició una nueva etapa caracterizada por una tímida apertura informativa, la actividad semipública de los partidos políticos y la democratización de algunas organizaciones sociales. El general Pinochet a su vez designó como nuevo ministro del interior, al antiguo político derechista Sergio Onofre Jarpa, con la misión de descomprimir el ambiente político y frenar las protestas contra el régimen. Del punto de vista del movimiento sindical, concordamos con Frías en que este tipo de acciones reflejó la importancia de aquel, como punto de referencia o aglutinador de las demandas de los ciudadanos, es decir, conservaba un poder de convocatoria ante el resto de los actores sociales, siendo una alternativa a los partidos políticos, que hasta ese momento se habían dedicado a sobrevivir y reorganizarse. El movimiento sindical asumió al decir de Frías la característica de un movimiento social de resistencia, lo cual iba en la línea tradicional como agente de cambio (Frías 89: 63-65).

No obstante, si bien se recogía esa herencia o las banderas tradicionales de lucha, los dirigentes sindicales buscaron adaptarse al marco de acción que les imponía la dictadura, asumiendo la atomización del mundo sindical y el quiebre de las relaciones tradicionales partido-sindicato.¹ Las jornadas de protestas vinieron a expresar en un primer momento la relevancia del movimiento sindical, su capacidad para interpretar las demandas populares y su rol como principal referente opositor a la dictadura, pero también esta situación planteó una serie de dificultades porque si bien conservaba un importante poder de convocatoria, a pesar de la represión de la dictadura y se le reconocía su importancia como símbolo del movimiento social, tuvo dificultades para movilizar a la mayoría de los obreros, quienes tuvieron en muchos casos una actitud de cautela ante la movilización social por el miedo a la represión y a la pérdida del trabajo.² Si se observa la prensa de la época, la mayoría de los sujetos que se movilizaron correspondieron a jóvenes cesantes o pertenecientes al mercado informal, jóvenes pobladores que se fueron radicalizando a medida que transcurrían las protestas y la represión se hacía a su vez más intensa, de modo que las jornadas de protesta en la práctica quedaron fuera de control de las organizaciones que las convocaban.³

Esta situación planteó una serie de conflictos al movimiento sindical, cuya máxima organización, el *Comando Nacional de Trabajadores* (CNT), creado a mediados de 1983, incluía a sindicalistas de diversos partidos opositores, comprendiendo un arco ideológico que iba de demócrata cristianos a comunistas. El CNT lideró la convocatoria de las primeras protestas pero al analizar el desarrollo de aquellas se planteó la inconveniencia de asumir el coste total de ellas por la represión existente, que ayudaba a inhibir la participación de los obreros; por lo que se hizo indispensable la participación de otros actores, como los partidos políticos, los cuales respondían a otros intereses y estrategias para hacer frente a la dictadura.⁴

¹ Según Jaime Ruiz-Tagle el movimiento sindical chileno a raíz de los cambios experimentados con la aplicación del plan laboral se vio abocado a una acción dirigida al interior de la empresa, lo que favoreció la relación dirigente-base. Ver (Ruíz-Tagle 84: 25-26).

² En un informe de la protesta realizada el 27 de marzo de 1984, se describe el seguimiento de la protesta en el sector metalúrgico, indicándose que de 10 empresas censadas, en 3 hubo actividad normal y en el resto hubo atrasos colectivos y salidas del trabajo en un horario más temprano al habitual. Ver informe completo en «La Jornada de protesta del 27 de marzo» en AHVS, carpeta 47.

³ Una visión general de la participación de los jóvenes en las protestas en (Weinstein 1989).

⁴ Según Tomás Moulian los partidos políticos estuvieron detrás de las primeras convocatorias a protestas en base al control que tenían sobre las organizaciones sindicales. «la convocatoria de esta protesta fue primero decidida en el nivel partidario y después implementada en el nivel sindical. Lo que aportó el

Históricamente, el movimiento sindical había tenido una estrecha relación con los partidos políticos, especialmente los de izquierda, aunque la democracia cristiana tenía una considerable presencia en sectores obreros.¹ La CUT fue la expresión máxima de aquella relación orgánica, por lo que al ser prohibida después del golpe militar, el sindicalismo debió readecuar sus vínculos con los partidos, alcanzando mayores cuotas de autonomía. Sin embargo, perduró el lazo entre los sindicalistas y los partidos políticos, porque se reconocía la importancia de los últimos como colaboradores en el desarrollo de las líneas estratégicas del movimiento sindical. Teniendo en cuenta este factor, el CNT se unió a los partidos opositores en la búsqueda de estrategias comunes en contra de la dictadura, cambio de estrategia que tuvo como consecuencia la pérdida de la conducción de la movilización social, lo que se debió también a la debilidad de su fuerza interna. En este sentido, al delegar la conducción política de la movilización social a los partidos políticos, el movimiento sindical se vio afectado por las disputas entre la oposición, especialmente en lo referido a las vías para enfrentar a la dictadura. La oposición política conformó dos grandes bloques, la Alianza Democrática (AD) que agrupó a la oposición moderada nucleada en torno a la democracia cristiana y el socialismo renovado y el Movimiento Democrático Popular (MDP) que reunió a la izquierda marxista con predominio del Partido Comunista (PC). La AD tuvo una estrategia de movilización y negociación, en virtud de la cual aceptó en agosto de 1983, conversar con el ministro Jarpa –con mediación del cardenal Juan Francisco Fresno- a fin de lograr una salida pacífica a la crisis, pero los intentos de negociación fracasaron debido a la negativa de Pinochet de aceptar cualquier cambio a la constitución que significase alterar el trazado institucional del régimen que culminaba con la plena vigencia de la constitución en 1989. El intento de salida negociada, tuvo como efectos la desmovilización de la oposición y le permitió al gobierno recuperar la iniciativa política y cohesionar sus fuerzas.

No obstante, la oposición sindical y política retomó el camino de las movilizaciones, logrando obtener importantes avances con la protesta del 27 de marzo de 1984 que logró alterar el funcionamiento normal de partes importantes del país, y sobre todo mostró la capacidad movilizadora de los pobladores.² En este sentido, consciente de su debilidad interna, el CNT se planteó una política de alianzas que involucrara a otros sectores sociales, en especial, los que provenían de sectores medios, profesionales, comerciantes o pequeños empresarios. Esta acción en conjunto se debía concretar en programas de acción y propuestas alternativas de solución a la crisis, hecho sin duda difícil, por la disparidad de intereses a conciliar y diferencia de visiones sobre la movilización social como mecanismo para desestabilizar la dictadura.³ La creciente

movimiento sindical, en este caso la Confederación de Trabajadores del Cobre, fue un liderazgo apropiado, con carisma, fuerza, capacidad de convocatoria y también con coraje para asumir el rol protagónico.» en (Moulian 1997:289).

¹ Sobre la historia del movimiento obrero chileno, ver (Barría 1971); (Ortiz 2005); (Pizarro 1986); (Ramírez Necochea 1988).

² Ver detalles de la protesta en *Análisis* (78, semana del 27 de marzo al 10 de abril) y *Apsi* (140, semana del 3 al 9 de abril de 1984).

³ El CNT se preocupó de dar contenido a las jornadas de protesta, realizando un importante esfuerzo de síntesis de reivindicaciones políticas, sociales y económicas, como se reflejó en el Pliego de los Trabajadores dado a conocer en la concentración del 1° de Mayo de 1984, el texto señala como reivindicación fundamental «Todo Chile sabe que nuestra gran aspiración es la reconstrucción democrática. Nos comprometemos por ella porque la atendemos como la única forma de convivencia social civilizada que asegure el pleno respeto a la persona y permita el desarrollo de las libertades y derechos sindicales» en *Análisis* (81, semana del 8 al 21 de mayo de 1984, p. 20).

violencia que involucraba las jornadas de protesta y la mantención de las políticas represivas por parte del régimen llevó a un resultado de suma cero y un escenario de inmovilismo que tuvo como resultado la declaración de Estado de Sitio en noviembre de 1984 y el fin del primer ciclo de protestas.

1986. El año decisivo. Auge de las protestas.

Para el conjunto de la oposición a la dictadura, el año 1986 se planteó como un año decisivo para la caída del régimen. Esto se debió en parte al fracaso del intento de una salida negociada mediante la firma del Acuerdo Nacional para la Transición a la plena Democracia en agosto de 1985, iniciativa llevada a cabo por el cardenal Juan Francisco Fresno y apoyada por la mayoría de los partidos de la oposición y sectores de la derecha oficialista moderada con excepción del partido Comunista. El acuerdo fue rechazado por Pinochet y tampoco tuvo el apoyo esperado desde el mundo social al ser una iniciativa surgida ‘desde arriba’ y al apostar por una salida moderada y consensuada con el régimen. Por lo tanto, las orientaciones del movimiento sindical asumieron una posición autónoma de los partidos y se comprometieron a apoyar una estrategia de defensa de reivindicaciones sociales, las que debido a las características del régimen, conllevaban su politización, lo que a su vez generaría la desestabilización de la dictadura. Entonces, se observa que la relación partido-sindicato influía en las políticas sindicales contra la dictadura, dentro de las cuales, la movilización social –de acuerdo al movimiento sindical- era la más adecuada para terminar con la dictadura. Ahora bien la misma relación partido-sindicato-movilización social se volvía compleja y dinámica, si se gestaban acciones unitarias desde las bases en contra de la dictadura, quebrando las orientaciones emanadas desde los partidos como era la prohibición que tenían los dirigentes demócrata cristianos de actuar en alianza con los comunistas.

Los sindicalistas opositores en su mayoría tendieron a actuar en conjunto dentro del CNT, el cual en el año 1986 se planteó profundizar su acción en dos líneas, una que apuntaba a su fortalecimiento interno¹ y otra a lograr una concertación social que agrupase a los distintos gremios y sindicatos contra la dictadura, en colaboración con los partidos políticos pero sin subordinarse a ellos.² Esta política iba también en la línea de lo acordado por los bloques opositores AD y MDP, en orden a acentuar la movilización social para desestabilizar al régimen y obligar a las FF.AA. a negociar y aprovechar las diferencias crecientes entre Pinochet y el gobierno de USA.

Los esfuerzos del CNT tuvieron fruto y a principios de 1986 se conformó la Asamblea de la Civilidad (AC), organización que reunió a sindicatos, gremios y

¹ Ver entrevista a Manuel Bustos en Boletín informativo del CNT, n° 2, febrero 1986 publicado como anexo en *Fortín Mapocho*, (10 de marzo de 1986). El dirigente sindical plantea la importancia de convocar a una conferencia de organización que permita aclarar los objetivos centrales del CNT, entre ellos el dejar de ser una instancia de coordinación sindical y pasar a transformarse en «una organización nacional definitiva».

² El dirigente petrolero José Ruíz di Giorgio señaló: «Los trabajadores, junto a las organizaciones sociales, tenemos la responsabilidad de concertarnos para programar y desarrollar la más amplia y masiva movilización, que comprometa y haga participar a toda la comunidad nacional. (...) Para eso debemos trabajar y en esa tarea los partidos políticos sin exclusiones tienen una importante misión, que es facilitar la concertación social, apoyar con todos sus recursos la movilización y finalmente construir un “Acuerdo”, con todos los actores políticos y sociales que aspiran a la democracia y que permita establecer un gobierno de “unidad nacional”, para enfrentar la emergencia y abrir paso a la participación responsable del pueblo en la construcción de una democracia renovada y ampliamente participativa.» en Boletín Informativo CNT, n° 2, febrero 1986 anexo en *Fortín Mapocho*, (10 de marzo de 1986).

pobladores, y que fue presidida por el doctor Juan Luis González, presidente del Colegio Médico. Del punto de vista sindical es significativo porque en cierta medida se dejaba la conducción de la movilización social en manos de otros actores, lo que podría ser una muestra de pragmatismo o un reconocimiento de su debilidad interna, lo cual configuraba un marco difícil para el reconocimiento de sus demandas específicas referidas a la sustitución del orden económico impuesto y el plan laboral.¹

La acción del CNT en aquellos primeros meses de 1986 se complementó con la de la AC, que elaboró la Demanda de Chile, documento que reunió un conjunto de reivindicaciones económico-sociales, cuyo cumplimiento se demandó a Pinochet en un breve plazo, que en caso de no concretarse, llevaría a la realización de un paro nacional.² Teniendo presente la negativa reiterada del gobierno a negociar cualquier cambio al diseño institucional y económico del régimen, no extrañó que la demanda no obtuviese respuesta, lo que a su vez desató la respuesta opositora vía la realización progresiva de protestas que confluyesen en un paro nacional, el que se concretó entre los días 2 y 3 de julio de 1986. El paro tuvo éxito según sus organizadores pero con un alto coste en vidas y represión posterior, sin embargo, el régimen resistió aplicando una fuerte política coercitiva, mientras se encontró acosado en distintos frentes, pero que no culminaron en la esperada caída de Pinochet. Este hecho mostró la limitación de la protesta como medio para derrocar la dictadura y según sus críticos rigidizaba las alternativas para terminar con ella.³ No obstante, un hecho vino a frenar en seco la movilización social, el general Pinochet sufrió un atentado el 7 de septiembre del mismo año, por parte del Frente Patriótico Manuel Rodríguez, brazo armado del Partido Comunista, motivo por el cual se decretó el Estado de Sitio hasta comienzos de 1987.

Este cierre abrupto del ciclo de protestas nos plantea una serie de interrogantes, ¿bastaba la movilización social por sí sola para obligar a las FF.AA. a negociar o conseguir la caída de Pinochet?, ¿Cuál era el grado de compromiso de los diversos actores sociales unidos en la AC respecto a las jornadas de protesta?, ¿Qué relevancia tenía el movimiento sindical como actor aglutinador de la protesta? Y por último ¿Estaban dadas las condiciones objetivas para lograr la caída de la dictadura? Mirado en perspectiva y tomando en cuenta la información que nos aporta la prensa opositora de la época, se observa un creciente grado de radicalidad en las acciones de protesta pero también una discontinuidad de las acciones, lo que no constituía un efectivo elemento de presión hacia el bloque de poder dominante, que lo hiciera dividirse o reconocer que el coste de la represión era mayor que el de asumir una política de apertura o liberalización. La oposición política si bien parecía actuar unida bajo el apoyo a la movilización social, disentía entre los proyectos alternativos a futuro. Todo esto llevó a

¹ En el Boletín Informativo n° 4 de mayo de 1986 se realiza un análisis de la importancia de la AC, la que según el presidente del CNT Rodolfo Seguel «debe convertirse en el motor de la movilización social» con el objetivo de conseguir la democracia mediante una acción escalonada y permanente en el marco de la unidad sin exclusiones de la oposición. Ver editorial de Boletín Informativo n° 4 de mayo de 1986 en *Fortín Mapocho*, (12 de mayo de 1986).

² Ver texto de la Demanda de Chile en *Hoy*, n° 458, semana del 26 de abril al 4 de mayo de 1986, p. 8. Las demandas planteaban exigencias referidas básicamente a la democratización del país, respeto de los DD.HH. y mejora de las condiciones de vida de la población.

³ La AC en el periodo posterior al paro presentó una serie de dificultades en el aspecto organizativo y en cuanto a conciliar su rol con los partidos políticos, de los cuales esperaba un rol conductor y especialmente la confección de una alternativa viable al régimen militar. Al respecto ver *Análisis*, (154, semana del 19 al 25 de agosto de 1986, pp. 10-12). Una visión crítica sobre las jornadas de protestas en (Arriagada 1998: 174-190). Una mirada alternativa sobre la importancia de las protestas en (Salazar 1990).

una parálisis en la acción, problema en que cayó también el movimiento sindical, el cual vio relevado en cierta medida su protagonismo inicial como referente de la protesta popular.

Epílogo. Protestas y cambio político, 1987-1989.

Producto del desconcierto opositor y la dureza del Estado de Sitio, el régimen recuperó la iniciativa política, lo que en síntesis significó la determinación de Pinochet de perpetuar el régimen más allá de 1989, para lo cual requería ser designado candidato para el plebiscito sucesorio de 1988.¹ Este nuevo escenario político marcó la acción de la oposición y de la movilización social como política antidictatorial.

Durante 1987 y especialmente 1988, el CNT se abocó a la tarea de refundar una nueva central unitaria de trabajadores (CUT), lo que iba en la línea de fortalecer la organización del movimiento sindical y poner un freno a la actividad disgregada de los sindicatos de empresa.² En este sentido, al tener preeminencia la lógica política, la protesta como medio de presión perdió protagonismo dentro de las estrategias sindicales, pues aunque en los discursos de los dirigentes se insistió en la importancia de la movilización social, en los hechos, los llamados a paros o huelgas generales fueron postergados o no tuvieron los efectos esperados como fue el caso de la movilización del 27 de octubre de 1987 o el paro nacional convocado en principio para el 16 de abril de 1988 y posteriormente postergado.

Dentro del mundo político opositor, la dialéctica entre negociación y movilización, entre posturas radicales y moderadas tuvo una resolución decisiva con triunfo de las tesis legalistas sobre el fin de la dictadura³, es decir, la utilización de los mecanismos institucionales del propio régimen para poner fin a la dictadura, lo que tuvo como símbolos el triunfo de Patricio Aylwin en las elecciones del Partido Demócrata Cristiano de mediados de 1987 y en el llamado de la oposición a la inscripción en los registros electorales y la legalización de los partidos opositores bajo la ley de partidos políticos de la dictadura.

Dentro del mundo sindical, las diferencias partidarias sobre el medio de terminar con la dictadura, ocasionaron tensiones entre los dirigentes, lo que se evidenció en las posturas del CNT y después de la renacida CUT sobre la participación en el plebiscito de 1988. Hay que tener presente que la nueva CUT tenía una vocación pluralista, porque en su constitución participaron diversas corrientes políticas, reconoció el hecho de la división sindical, al definirse como unitaria y no única, y en su declaración de principios abandonó ciertos conceptos relacionados con el tradicional sindicalismo de clase, lo cual no estuvo exento de polémica por la diferencia entre sindicalistas democristianos y comunistas.⁴ Si bien, para el conjunto del movimiento sindical fue un hecho positivo y

¹ Según una disposición transitoria de la Constitución de 1980, la Junta de Gobierno tenía la facultad de proponer a la ciudadanía un candidato a presidente de la República para el periodo de vigencia completa de la Constitución.

² La nueva CUT se conformó en un Congreso Constituyente celebrado en Punta de Tralca los días 20 y 21 de agosto de 1988. En su directorio presidido por el demócrata cristiano Manuel Bustos, estuvieron representadas diversas fuerzas políticas como el PC, el Partido Socialista liderado por Ricardo Nuñez y el de Clodomiro Almeyda, el Movimiento de Acción Popular Unitaria y la propia democracia cristiana.

³ Ver la propuesta de Aylwin de término de la dictadura en (Aylwin 1984: 145-154).

⁴ Frías señala la dictadura militar implicó para el movimiento sindical la adquisición de una serie de aprendizajes que se ejemplifican en la revalorización de la democracia, una nueva conceptualización del

ofrecía expectativas a futuro de una mejor defensa de los intereses de los trabajadores, en lo inmediato la CUT subordinó su estrategia a la dinámica político-plebiscitaria, porque la necesidad de terminar con la dictadura se imponía como el objetivo común de todas las fuerzas opositoras.¹ De este modo, la CUT actuó aliada a la Concertación de Partidos por la Democracia en la campaña por el NO a Pinochet y tuvo participación en la propuesta económica de la alianza opositora y se involucró activamente en la campaña electoral, la que había descartado las protestas como medio de lucha salvo un par de acciones concretas.²

La dinámica plebiscitaria se impuso en el proceso político y la vía legalista para acabar con la dictadura obtuvo un claro triunfo con la derrota de Pinochet en el plebiscito del 5 de octubre de 1988. De ahí en adelante los acontecimientos se sucedieron vertiginosamente, la Concertación de Partidos por la Democracia se transformó en una coalición electoral y programática que llevó como candidato a la presidencia a Patricio Aylwin, quien logró el triunfo al igual que la Concertación en las elecciones de 1989. Sin embargo, este éxito se vio menguado por la existencia de una constitución antidemocrática que consagraba legalmente el tutelaje militar.

Estos hechos nos llevan a preguntarnos, ¿Era posible otra salida a la dictadura?, ¿Qué papel cumplió el movimiento sindical y en general los movimientos sociales en la última etapa de la dictadura? ¿La protesta como medio de movilización social había perdido vigencia en la coyuntura pre y posplebiscitaria?. No es fácil responder estas interrogantes, porque se entremezclan visiones dispares sobre el concepto de democracia, el rol de los movimientos sociales y las evaluaciones posteriores sobre el proceso de transición a la democracia. A pesar de la complejidad de las interrogantes, sostenemos y tomando en cuenta la experiencia de otros procesos de transición a la democracia, especialmente el español, las jornadas de protestas cumplieron un rol primordial en la apertura del sistema político dictatorial, que se vio obligado a conceder espacios de democratización, en este sentido, el movimiento sindical fue un actor relevante en la conquista de espacios de libertad, sin embargo, careció de la fuerza política y social para imponer sus términos o establecer alianzas con otros sectores sociales que le permitiesen defender con éxito sus intereses, de modo que los partidos políticos opositores alcanzaron una mayor iniciativa política imponiendo sus estrategias de negociación por sobre las de movilización, por lo que la protesta perdió su carácter originario de manifestación autónoma de sectores populares para ser un medio de presión de intereses político-electorales al servicio de la negociación política, lo que en última instancia le privó su fuerza a la propia oposición política que perdió uno de las más relevantes fuentes de su poder ante un bloque de gobierno que si bien había perdido

trabajo enfocado como un medio de dignificación del hombre y a su dimensión cultural lo que llevaría al sindicalismo a asumir reivindicaciones de orden cultural y familiar. Ver (Frías 1989: 178-182). Sobre programa reivindicativo de la CUT ver *Resoluciones Congreso Constituyente Central Unitaria de Trabajadores*, Punta de Tralca, agosto 1988 en Archivo Histórico Fundación Francisco Largo Caballero, Fondo Secretaria Confederal, signatura 02173-002.

¹ La defensa del objetivo de la reconstrucción democrática responde a lo que Frías denomina *dimensiones de totalidad* en que se visualizó el ideal de una nueva sociedad en que el movimiento sindical sería un actor relevante en el proceso democrático. Junto a ello opera lo que se denomina *dimensiones de oposición* que tendería a la realización de un proyecto global como era la recuperación de la democracia. Ver (Frías 89: 95-96).

² La Concertación de Partidos por la Democracia surgió en febrero de 1988 como una alianza electoral de la mayoría de la oposición, a excepción del partido Comunista, para enfrentar unida el plebiscito que buscaba la reelección de Pinochet como presidente de la república. Sobre el origen de la coalición ver (Aylwin 1998), (Bascuñán 2009) y (Ortega 1992).

una elección, conservaba aún la suficiente fuerza política y económica que le permitiría condicionar en gran parte el proceso de transición a la democracia.

Bibliografía

Arriagada, Genaro, 1998, *Por la razón o la fuerza*, Santiago de Chile, Editorial Sudamericana.

Aylwin, Patricio, 1984, *Una salida político constitucional para Chile*, Santiago de Chile, Instituto Chileno de Estudios Humanísticos.

Aylwin, Patricio, 1998, *El reencuentro de los demócratas: del golpe al triunfo del no*, Santiago de Chile y Barcelona, Ediciones B y Grupo Zeta.

Barría, Jorge, 1971, *El movimiento obrero en Chile*, Santiago de Chile, Ediciones Universidad Técnica del Estado.

Bascuñán, Carlos (et al), 2009, *Mas allá de los sueños, más allá de lo posible: la Concertación en Chile*, (2 volúmenes), Santiago de Chile, LOM editores.

Cavallo, Ascanio, Salazar, Manuel, Sepúlveda, Oscar, 1997, *La Historia Oculta del Régimen Militar*, Santiago de Chile, Grijalbo.

Cristi, Renato, 1998, *El pensamiento político de Jaime Guzmán*, Santiago de Chile, LOM ediciones.

De la Maza, Gonzalo y Garcés, Mario, 1985, *La explosión de las mayorías, protesta nacional 1983-1984*, Santiago de Chile, ECO.

Frías, Patricio, 1989, *El movimiento sindical chileno en la lucha por la democracia*, Santiago de Chile, PET.

Huneus, Carlos, 2000, *El régimen de Pinochet*, Santiago de Chile, Editorial Sudamericana.

Larraín Felipe y Vergara Rodrigo, (Editores), 1998, *La Transformación Económica de Chile*, Santiago de Chile, Centro de Estudios Públicos.

Moulian Tomás, 1997, *Chile actual. Anatomía de un mito*, Santiago de Chile, Lom Ediciones.

Ortega, Eugenio, 1992, *Historia de una alianza policia: el Partido Socialista de Chile y el Partido Demócrata Cristiano: 1973-1988*, Santiago de Chile, LOM Ediciones.

Ortiz Fernando, 2005, *El movimiento obrero en Chile (1891-1919)*, Santiago de Chile, LOM Ediciones.

Pizarro, Crisóstomo, 1986. *La huelga obrera en Chile (1890-1970)*, Santiago de Chile, SUR Ediciones.

Ramírez Necochea, Hernán, 1988, *Historia del movimiento obrero en Chile: antecedentes siglo XIX*, Concepción, Ediciones Lars.

Ruiz Tagle, Jaime, 1984, *El sindicalismo chileno después del plan laboral*, Santiago de Chile, PET.

Salazar, Gabriel, 1990, *Violencia política popular en las "Grandes Alamedas". Santiago de Chile 1947-1987 (Una perspectiva histórico-popular)*, Santiago de Chile, SUR Ediciones.

Salazar, Gabriel, 2001, *Historia de la acumulación capitalista en Chile*, Santiago de Chile, LOM ediciones.

Tarrow, Sidney, 2004, *El poder en movimiento: Los movimientos sociales, la*

acción colectiva y la política, Madrid, Alianza Editorial.

Valenzuela, J. Samuel y Valenzuela, Arturo, 1986, *Military Rule in Chile: dictatorship and oppositions*, Baltimore, Johns Hopkins University Press.

Weinstein, José, 1989, *Los jóvenes pobladores en las protestas nacionales. (1983-1986). Una visión sociopolítica*, Santiago de Chile, CIDE.

Cerrando el círculo. Eventualidad, reconversión y defensa del empleo en el astillero Naval Gijón (1975-2009)¹. Rubén Vega García²

En 1975, la construcción naval alcanza en Gijón el máximo histórico de empleo, con más de 4.000 trabajadores en los cinco astilleros existentes en la ciudad. Aunque la crisis económica ya hace sentir sus efectos en todo el mundo, el lento proceso de maduración propio del sector –con largos plazos entre la firma del contrato y la entrega del buque– mantiene aún una elevada carga de trabajo. Los astilleros de Gijón, de mediano tamaño, han visto crecer sus plantillas de forma acelerada desde los años 60, si bien la forma más habitual de ingreso es a través de empresas subcontratadas, llegando a superar en número los pertenecientes a compañías auxiliares a los contratados por la empresa matriz. En una coyuntura de empleo abundante, esta precariedad no se traduce necesariamente en salarios inferiores, pero sí en condiciones de trabajo peores y en frecuentes arbitrariedades que son, a su vez, causa habitual de conflictividad.

A comienzos de 1975, el malestar de estos trabajadores origina una huelga generalizada en demanda de su integración como fijos en las plantillas de los astilleros. Aunque el resultado es desfavorable y da lugar a despidos, la reivindicación vuelve a ser planteada unos meses más tarde por los trabajadores de subcontratas de Duro-Felguera, que reemprenden la huelga en mayo y, al ser despedidos colectivamente, plantean una demanda en los tribunales. El juicio, que cuenta con prestigiosos abogados laboristas,³ tendrá una amplia repercusión y se saldará con el ingreso de todos en la plantilla del astillero, que en poco tiempo pasa de 300 a 700.⁴ Este hecho sirve de precedente para el resto de las empresas locales del sector naval, la mayoría de cuyos trabajadores logrará idéntica satisfacción a sus demandas. Se reduce de este modo al mínimo la eventualidad en los astilleros gijoneses, justo en el momento en que la carga de trabajo comienza a escasear. Esta victoria los situará a resguardo de la crisis económica durante los años siguientes, hasta que, entrados los ochenta, se plantee la reconversión sectorial y, dentro de la misma, el cierre de instalaciones y la reducción de las plantillas.

La huelga de 1975 es planteada como una lucha contra lo que entonces se denomina “prestamismo laboral”, una práctica en aquel momento ilegal (las reformas laborales implantadas por el gobierno socialista en los años 80 darán carta de naturaleza a las empresas de trabajo temporal, legalizando esta figura). Sus argumentos se basan en la condición de “empresas fantasma” que presentan las compañías de subcontratas, que a

¹ Aunque el autor ha escrito anteriormente sobre alguna de las huelgas de este astillero, el enfoque del presente texto se deriva fundamentalmente de la serie de entrevistas realizadas en 2010 en el marco del proyecto Culturas del Trabajo en Asturias, financiado por la Viceconsejería de Ciencia y Tecnología del Principado de Asturias (referencia: IB09-003).

² Rubén Vega García (Gijón, 1961) es profesor de Historia Contemporánea de la Universidad de Oviedo. Sus líneas de investigación se centran en culturas del trabajo, movimiento obrero, conflictividad social y procesos de desindustrialización, con especial atención al Principado de Asturias.

³ Felipe González es entonces secretario general del PSOE y será a partir de 1982 presidente del Gobierno de España, Juan Luis Rodríguez-Vigil milita en el mismo partido y llegará a ser presidente del Gobierno autonómico de Asturias, Cristina Almeida es una conocida abogada comunista y será posteriormente diputada en el Congreso, José Ramón Herrero Merediz es dirigente regional del PCE y será más tarde senador y eurodiputado en las filas del PSOE, Antonio Masip se mueve entonces en círculos de izquierda maoísta y será posteriormente alcalde de Oviedo y eurodiputado, Luis Fernández Ardavín alcanzará años más adelante la condición de juez.

⁴ *Asturias Semanal*, nº 317, julio 1975.

menudo carecen de capital, instalaciones, maquinaria, organización técnica e incluso de mandos intermedios y cuya actividad se limita a ceder sus trabajadores a otra empresa.¹

Los dos conflictos (enero y mayo de 1975) por la integración de las subcontratas tendrán en el astillero efectos profundos y de muy larga duración. En lo inmediato, el resultado favorable para los trabajadores supone un cambio en las relaciones laborales que pone fin a los modos autoritarios de gestión del personal que habían sido hasta entonces habituales. Los trabajadores se adueñan del espacio de trabajo en gradas y talleres, de tal modo que los mandos evitan en lo posible interferir e incluso salir de las oficinas, al tiempo que desaparecen las conductas abusivas (vejaciones, insultos e incluso agresiones) de capataces y encargados. Las asambleas toman carta de naturaleza y se celebran de forma frecuente y sin previa comunicación a la empresa. En ellas se adoptan decisiones sobre condiciones de trabajo, seguridad, mejora de instalaciones (comedor, váteres) que son llevadas a cabo sin apenas resistencia por parte de la dirección. La sensación de poder y la confianza en las propias fuerzas presiden el ánimo de una mayoría de los trabajadores, en tanto que los más temerosos o pasivos se ven relegados. Las vivencias del momento, tamizadas por el orgullo de clase y por las ideologías a las que se adscriben muchos, se convierten en generadoras de identidad y forjadoras de conciencias, dejando huella duradera.²

El ingreso de los eventuales provoca no sólo un sensible rejuvenecimiento de la plantilla sino también un cambio en sus comportamientos. El Dique es un hervidero de activismo sindical y político. Los recién incorporados son mayoría, se muestran sindicalmente más activos y adoptan actitudes basadas en la confianza en la presión y la acción colectiva. Su politización, en un contexto como el de las fases finales de la dictadura, es intensa y se expresa en acciones como la conmemoración del aniversario de la II República, cortando el tráfico y haciendo ondear sobre el puente de un barco una bandera republicana o bien sosteniendo una huelga contra las últimas condenas a muerte ejecutadas por el régimen franquista. La propaganda política circula en el astillero con normalidad. Al año siguiente, una huelga de tres meses persigue la readmisión de todos los despedidos por motivos sindicales o políticos. En las asambleas, muy participativas, la solidaridad de clase y la democracia obrera son moneda de curso legal. El apoyo a otros trabajadores en lucha se convierte en una constante que marca los años de la Transición, llegando a dar lugar a dos huelgas (de un mes en 1978 y dos meses en 1980) por motivos de estricta solidaridad: la defensa del empleo de una empresa distante varios centenares de kilómetros que había sido adquirida por su grupo empresarial.³

De las huelgas de 1975 y 1976 se derivan también liderazgos y prácticas sindicales que se revelarán firmemente asentados. Cerrada la posibilidad de nuevas contrataciones, la plantilla permanece estable en cuanto al tamaño, compuesta por los mismos

¹ *Asturias Semanal*, nº 296, febrero 1975. El mismo tipo de conflictos se plantea en los años de la Transición en otros astilleros, resolviéndose con la integración de los trabajadores de subcontratas aquellos casos en que mostraron mayor energía en sus movilizaciones. Véase los ejemplos de Sevilla y Puerto Real en: Rafael POLO, *El ocaso del astillero*, Sevilla, 2001, pp. 176-179 y David FLORIDO DEL CORRAL, José Luis GURIÉRREZ MOLINA y Beltrán ROCA MARTÍNEZ, *El pueblo en la calle. Reconversión naval, sindicalismo y protesta popular en el astillero de Puerto Real*, Sevilla, 2009, pp. 51-55. También en el astillero gallego Astano se produce la integración de una parte de las subcontratas.

² Entrevista a Claudio Hermosilla Ortea, ex trabajador del Dique de Duro-Felguera, julio 2010, AFOHSA, serie Culturas del Trabajo.

³ Rubén VEGA GARCÍA, *La Corriente Sindical de Izquierda. Un sindicalismo de movilización*, Gijón, 1991, pp. 101-116.

trabajadores que se han forjado en los conflictos por la integración de las subcontratas. La acción sindical descansa sobre las asambleas y la movilización, cuya eficacia ha quedado acreditada a los ojos de la mayoría. La defensa de formas directas de representación (asambleas decisorias, delegados revocables, listas abiertas en las elecciones) permite revalidar los liderazgos y mantiene a los sindicalistas en permanente contacto con la base. La frecuencia de los conflictos contribuye a mantener el hábito asambleario, la tensión movilizadora y las prácticas sindicales basadas en la participación.

Hasta 1976, CC.OO. es la única organización sindical presente en el astillero y sus militantes los únicos con capacidad para dinamizar los conflictos. La libertad sindical introduce, no obstante, factores de división que a grandes rasgos reflejan actitudes diferenciadas entre los eventuales integrados en 1975 y los que ya eran previamente fijos de plantilla y no deben su estabilidad a los conflictos de este año. En líneas generales, los afiliados al sindicato de orientación moderada y adscripción socialista (UGT) presentan una media de edad más elevada y provienen mayoritariamente de la vieja plantilla, en tanto que la mayoría que opta por el sindicalismo movilizador y de resonancias comunistas (CC.OO.) procede de los antiguos eventuales de las subcontratas, más jóvenes y combativos. A su vez, el predominio izquierdista entre los cuadros de este sindicato origina tensiones con sus propios aparatos de dirección fuera de la empresa (hegemonizados por el PCE) hasta desembocar en sanciones y expulsiones que conducen en 1980 a la escisión. Este será un episodio clave en el origen de un sindicato de tendencia radical firmemente implantado en el ámbito local: la CSI, que en lo sucesivo llevará la iniciativa de las innumerables movilizaciones sostenidas por estos trabajadores a lo largo de casi treinta años. La ruptura obedece en gran medida a discrepancias irreconciliables en torno a las formas de representación y de movilización, si bien cuando el futuro del astillero se vea amenazado CC.OO. se acercará a las propuestas de la CSI.

En una empresa con elevadas tasas de afiliación y relaciones laborales conflictivas, las diferencias sindicales marcan una impronta profunda. Las divisiones entre los trabajadores persisten y derivan en enfrentamientos en situaciones límite como las que se producen al final de la huelga de solidaridad sostenida en 1980 o en los momentos críticos de la reconversión industrial mediados los años 80. Esta fractura interna, heredada en parte del distinto origen de dos mitades de la plantilla que no llegan a soldarse por completo, no impide, sin embargo, la persistencia de formas de acción sindical basadas en la asamblea y la movilización que cuentan con el apoyo de la mayoría de los trabajadores. El lenguaje de clase ha sido interiorizado y con él una serie de valores y patrones de conducta que arraigan en los más conscientes e impregnan al colectivo. En lo sucesivo, la permanente situación conflictiva y la prolongada amenaza sobre el futuro de los puestos de trabajo reforzarán la autoridad de los líderes más combativos, que son precisamente quienes sostienen esos postulados a contrapié de la evolución general.

A partir de 1983, la situación del astillero estará ya permanentemente presidida por la crisis del sector y las incertidumbres acerca del futuro del empleo. La reestructuración emprendida por el Gobierno socialista –que supone cierres de instalaciones y reducción de plantillas– encuentra una fuerte resistencia entre los trabajadores en toda España. En Gijón, la dinámica de movilización callejera que se impone es la promovida por la CSI y secundada por CC.OO.: cortes de tráfico, barricadas y enfrentamientos con la policía se entrecruzan con manifestaciones multitudinarias y cuatro huelgas generales en la ciudad. Una combinación de acciones radicales de gran contundencia y movilizaciones ciudadanas que reflejan un amplio apoyo social y revelan, al mismo tiempo, la

persistencia –y la eficacia– de los mismos métodos de movilización en contextos muy diferentes (abundancia de trabajo y ausencia de libertades a mediados de los setenta, crisis económica y libertad sindical en los ochenta).¹ Finalmente, en 1985 es creada una nueva empresa: Naval Gijón que, sobre las viejas y obsoletas instalaciones del Dique de Duro-Felguera, fusiona dos de los antiguos astilleros integrando a una parte de sus trabajadores y declarando excedentes al resto. La situación en que quedan los que han perdido su empleo sin opción a jubilarse anticipadamente se convierte en la causa que justifica la persistencia de las movilizaciones, de modo que las calles de Gijón siguen viendo alterada su normalidad todos los martes y jueves durante años. Únicamente la recolocación en otras empresas con garantías de estabilidad o la readmisión en el astillero consiguen poner fin a las presiones de los trabajadores. En adelante, será la falta de carga de trabajo y el riesgo de cierre lo que motive nuevos períodos de movilización.

Tras diez años de casi permanente conflictividad, en 1996 Naval Gijón entra en un período de insólita armonía en las relaciones laborales y abundante trabajo. Un cambio en el accionariado y un nuevo equipo directivo abren paso a inversiones que modernizan tecnológicamente el astillero, contratos para la construcción de barcos que no sólo dan ocupación a toda la plantilla sino que generan nuevos empleos y un clima de inusitado entendimiento entre la empresa y los trabajadores. Esta nueva situación se traduce en una fórmula próxima a la cogestión, en la que los representantes de los trabajadores fiscalizan o participan en la toma de decisiones sobre el rumbo de la empresa. Entre ellas, la asamblea impondrá una norma de estricta solidaridad y respeto de los derechos laborales: las contrataciones que se deriven de las necesidades productivas han de ser realizadas directamente por el astillero, sin recurrir a empresas de subcontratas, gozando los eventuales de idénticas condiciones salariales y de régimen de trabajo que los fijos y, a su vez, a las compañías auxiliares que realicen trabajos para el astillero se les exige el requisito de respetar los derechos laborales de sus empleados. Más aún, para generar nuevos empleos y traducir en rentabilidad social la repentina buena marcha del astillero, la plantilla renuncia a realizar más horas extraordinarias que las estrictamente necesarias por motivos coyunturales. Además, la formación profesional de los nuevos contratados será realizada dentro del astillero por los propios trabajadores veteranos, que fraguan de este modo una rápida sintonía con sus compañeros más jóvenes y recién incorporados. Para éstos, el recuerdo de su paso por Naval Gijón sigue asociado, diez años después, a condiciones que no se han repetido en su trayectoria laboral: la empresa donde se ganaba un buen sueldo por una buena jornada y respetando los derechos. Un empleo que hacía compatibles la vida laboral y la personal. En compañías de montaje era posible ganar más pero a base de jornadas extenuantes, horarios irregulares o impredecibles y ausencia de garantías. Por otro lado, también la dificultad del trabajo y la cualificación adquirida para desempeñar sus oficios en el astillero son motivo de un orgullo profesional patente y constituyen un valioso activo que les ha permitido desenvolverse posteriormente en el mercado laboral con relativas garantías.²

Tampoco la vida sindical que los jóvenes recién contratados se encuentran en Naval

¹ Rubén VEGA GARCÍA, “La fuerza del pasado. Experiencia y memoria en las movilizaciones de los trabajadores de astilleros”, en Santiago CASTILLO y Roberto FERNÁNDEZ (coords.) *Campesinos, artesanos, trabajadores*, Lleida, 2001.

² Entrevistas a ex-trabajadores eventuales de Naval Gijón, julio 2010, AFOHSA, serie Culturas del Trabajo.

Gijón entre 1996 y 2000 ofrece demasiados paralelismos con otras experiencias. La forma de hacer sindicalismo descansa sobre asambleas muy frecuentes en las que participa mucha gente. Se realizan asambleas por todo tipo de temas, desde los relacionados con el futuro de la empresa o las pensiones de los prejubilados hasta el destino que se ha de dar al fondo que la empresa les asigna para cestas de Navidad. De cualquier cuestión se informa y se debate entre trabajadores que tienen el hábito de discutir colectivamente. En palabras de uno de los eventuales, trabajar en el astillero “era como un curso intensivo de economía y de discusión política”.

Las condiciones implantadas en Naval Gijón a partir de 1996 carecen de correlato en otros astilleros y contradicen la evolución general que se ha dado en el sector, donde la reconversión industrial ha dejado paso a plantillas fijas reducidas y abundante subcontratación, creando una engañosa impresión de incremento de la productividad cuando realmente el volumen de trabajadores empleados permanece estable pero sus condiciones contractuales, salariales y de trabajo se deterioran como resultado de un proceso de externalización, subcontratación y desregulación.¹ La excepcionalidad deriva de forma directa de la reedición del programa reivindicativo que los trabajadores del astillero habían logrado cumplir en los años setenta: erradicación de las subcontrataciones, equiparación de condiciones, respeto de derechos laborales y sindicales. El mismo esquema es trasladado a los 200 trabajadores recién contratados que pertenecen a la generación de sus hijos y que provienen de un mercado laboral mucho más hostil en el que estas condiciones constituyen un hecho insólito. Los jóvenes eventuales percibirán con claridad que su situación –desde la propia existencia de los empleos hasta las condiciones de sus contratos– es debida a la presión de sus compañeros fijos de plantilla y atribuirán el mérito al núcleo más combativo, otorgando en las elecciones sindicales una amplia mayoría a la CSI. Tanto para los veteranos como para los jóvenes, el hecho de que se produzcan nuevas contrataciones y el consiguiente rejuvenecimiento de la plantilla arroja una luz de esperanza respecto a la cuestión de fondo que ha motivado los conflictos a lo largo de más de un decenio: la supervivencia del astillero.²

Será la quiebra de este horizonte de empleo de calidad y con perspectivas de futuro la que, en febrero de 2000, aboque a Naval Gijón a un brusco retorno a la conflictividad con una huelga que recuerda en gran medida algunas de las sostenidas en el pasado: indefinida, radicalizada, basada en motivos de solidaridad, planteada como una prueba de fuerza... Una nueva huelga contra el despido de los trabajadores eventuales paraliza al astillero a partir del anuncio por parte de la empresa de la rescisión de 90 contratos. Generada al modo de los viejos conflictos del tardofranquismo, la huelga se sostiene durante un mes sobre la base de la solidaridad de los fijos con sus compañeros eventuales, dado que no hay otra reivindicación que la negativa a aceptar los despidos de éstos. En la mente de todos está, no obstante, que –existiendo aún carga de trabajo– prescindir de los eventuales es un primer paso hacia el cierre, puesto que la media de edad de los fijos aboca a la plantilla a una lenta extinción si no hay relevo para ellos.

Barricadas de neumáticos ardiendo vuelven a cortar las calles de Gijón y las instalaciones del astillero se convierten en una fortaleza desde la que los trabajadores desafían al despliegue policial que los cerca y trata de aislarlos. Cuando el conflicto salta a los medios de comunicación, atrae la atención del director de cine Fernando León de Aranoa, quien se desplaza a Gijón para entrevistar a trabajadores y sindicalistas

¹ Rafael IBÁÑEZ ROJO y Pablo LÓPEZ CALLE, “La industrial naval en Europa” Proyecto de Laboratorio Industrial UE-MERCOSUR, Informes Sectoriales, Madrid, 2006.

² Entrevistas a ex-trabajadores de Naval Gijón, julio 2010, AFOHSA, serie Culturas del Trabajo.

y filma los enfrentamientos callejeros y la interminable asamblea de ocho horas en la que se discutió el acuerdo que ponía fin a la huelga aceptando la derrota en medio de la división. De esta experiencia provienen buena parte de los diálogos y varias situaciones de la película *Los lunes al sol*, que merecerá diversos premios, incluido el Goya, máximo galardón de la industria cinematográfica española. Lo que Fernando León se encuentra en su contacto con los obreros de Naval Gijón es una concepción del trabajo y de la dignidad obrera que le resulta especialmente alejada del mundo individualista y competitivo en que se desenvuelve su profesión: “Nunca antes había escuchado a nadie hablar así de su trabajo. Con el respeto del que lo sabe el bien máspreciado, quizá su única posesión. Somos trabajadores, solían decirnos. Si nos lo quitan, nos lo quitan todo. El trabajo no es para ellos una fuente de riqueza, es una riqueza en sí mismo. Una ética, un bien común, colectivo. Algo que nos pertenece a todos, que heredarán nuestros hijos”¹

La huelga de solidaridad con los eventuales del año 2000 no sólo entronca directamente con el pasado de la plantilla del astillero y reproduce sus viejas concepciones acerca del empleo y los derechos de los trabajadores sino que viene a cerrar con su derrota el círculo de un cuarto de siglo de luchas en las que las conquistas alcanzadas a mediados de los años setenta se habían visto erosionadas o desartoladas por los cambios en la legislación, los sistemas productivos y el mercado de trabajo. Los trabajadores de Naval Gijón mantenían, sin embargo, el listón de sus exigencias en el nivel que habían fijado en el punto máximo de su poder negociador y su capacidad de presión. A partir del desenlace adverso de 2000, las endémicas divisiones internas entre los dos componentes de la plantilla se inclinan del lado de los más moderados, favorecidos tanto por la marcha de los eventuales como por la elevada media de edad, que hace que muchos fijen su horizonte en la salida individual que ofrecen las prejubilaciones, aun a costa de olvidar el afán colectivo por mantener el astillero abierto. Es este desplazamiento en el centro de gravedad de la plantilla, en medio de los enfrentamientos a que da lugar el traumático final de la huelga, el que inclina a CC.OO. a abandonar su tradicional alianza con la CSI y alinearse en sintonía con UGT.

La agonía durará aún nueve años antes de consumarse un cierre que la dirección de la empresa deseaba de forma patente y que en las fases finales contará con la connivencia de la Consejería de Industria del Gobierno asturiano, en otro tiempo activo buscador de carga de trabajo ante las enérgicas presiones políticas que estos trabajadores eran capaces de ejercer. Pese a la merma apreciable en la capacidad de movilización, acentuada por nuevas reducciones de plantilla, las amenazas para la continuidad del astillero vuelven a sacar a los obreros a la calle en nuevas protestas. En 2005, en el marco de nuevas movilizaciones, los dos líderes sindicales más destacados del astillero –Juan Manuel Martínez Morala y Cándido González Carnero– son acusados de un delito de desórdenes públicos, procesados y finalmente condenados a tres años de cárcel. En la mente de muchos, se trataba de una maniobra para descabezar sindicalmente a la CSI, dada su tenaz oposición a cualquier perspectiva de cierre. El juicio y posterior encarcelamiento suscita amplias y prolongadas movilizaciones en la ciudad y una tupida red de solidaridades que acaba logrando su puesta en libertad tras una estancia de tan sólo 19 días en prisión.² El siguiente escalón de este proceso

¹Alba GARCÍA TORRES, “*Los lunes al sol* y el caso de Cándido y Morala”, en Carlos BESTEIRO y Benjamín RIVAYA (Eds.), *Trabajo y cine. Una introducción al mundo del trabajo a través del cine*, Oviedo, 2008, p. 336.

² Este episodio ha sido relatado en dos películas de corte documental: *El astillero (disculpen las molestias)*, de Alejandro Zapico, y *Cándido y Morala, ni un paso atrás*, de Ruth Arias, ambas estrenadas

descendente en la capacidad de resistencia de los trabajadores consistirá en forzar la jubilación anticipada de éstos y otros sindicalistas, obligados a abandonar el astillero contra su voluntad. Con apenas ya un centenar de trabajadores fijos (de los 742 con que contaba en 1985), la mayoría sindical del astillero (UGT y CC.OO.) firman un acuerdo para el cierre definitivo que será ratificado por la asamblea, pese a la oposición de la CSI.

Ni siquiera en estas circunstancias se extingue la capacidad de movilización del grupo más combativo: todavía en mayo de 2009, al filo del cierre definitivo, los prejubilados protagonizan un encierro en las grúas del astillero y reiterados enfrentamientos con la policía para exigir garantías del cobro de sus pensiones. La relativa generosidad de las coberturas sociales que incluyen sus jubilaciones anticipadas no impide que se sientan como una violencia simbólica su exclusión del trabajo y que sigan viendo esto como un problema más colectivo que individual. Su discurso impugna estas fórmulas de reducción de plantilla como instrumentos para la destrucción de empleo, predominando la perspectiva de las consecuencias sociales sobre la suerte personal de cada uno.¹

El cuarto de siglo que media entre las huelgas contra la eventualidad de 1975 y la que se opone al despido de los eventuales en 2000 o entre las luchas por la defensa del empleo en la reconversión industrial de 1984 y el cierre de la empresa en 2009 presenta, en el caso del astillero gijonés perteneciente originariamente a Duro-Felguera y posteriormente a Naval Gijón, manifiestos rasgos de continuidad ya sea en lo referido a las personas, los liderazgos, las organizaciones, las prácticas o las ideas. En todo ese tiempo, los protagonistas configuran un grupo humano estable que acumula experiencias y atraviesa problemas compartidos y que ha aprendido a confiar en la acción colectiva como modo no sólo de afrontar los problemas sino de modificar los términos en que éstos se plantean. Del convencimiento de que “la única lucha perdida es la que se abandona” deriva una fe decidida en las propias fuerzas y en la eficacia de la movilización para alterar planteamientos económicos y políticos a los que han de hacer frente. La estabilidad del grupo se refuerza con la firmeza de liderazgos sindicales sólidamente asentados y extraordinariamente duraderos. El núcleo más combativo y radical, configurado bajo las siglas de la CSI, se mantiene activo aun en la actualidad, año y medio después del cierre del astillero, celebrando todavía reuniones semanales de carácter sindical a las que asisten unos veinte trabajadores y en las que se siguen abordando cuestiones relativas al astillero (situación de los desempleados, cumplimiento de los compromisos, garantías para los prejubilados, destino futuro de los terrenos e instalaciones...). La existencia de un soporte organizativo como la CSI, que ha amparado los planteamientos radicales y las prácticas asamblearias sin los límites y las contradicciones que han atravesado los sindicatos mayoritarios, constituye otra de las claves.

Finalmente, cabe destacar que estas continuidades (plantilla de trabajadores, líderes sindicales, organizaciones) se dan sobre la base de una notoria pervivencia de los postulados de clase forjados a mediados de los setenta, en el momento álgido del movimiento obrero, que en éste como en otros astilleros fue particularmente intenso y conflictivo. Únicamente la prolongada vigencia que entre ellos han tenido los discursos y las prácticas incorporados en aquel período permite explicar su trayectoria posterior

en el Festival Internacional de Cine de Gijón en 2007.

¹ Esta actitud contraria a las prejubilaciones y la movilización postrera de los trabajadores de Naval Gijón han sido reflejadas en el documental de Jaime SANTOS y Vanesa CASTAÑO *Prejubilandia, una verdad incómoda*, (2009).

hasta la actualidad. Probablemente la frecuencia de los conflictos y la dureza de las situaciones atravesadas han supuesto un aprendizaje y han engendrado una tensión movilizadora cuyo efecto ha sido mantener vivos los principios de cultura, solidaridad y conciencia interiorizados en su juventud, mientras a su alrededor se iban disolviendo esos mismos postulados tanto entre la clase obrera como en la actuación de los sindicatos mayoritarios.

Les conflits du monde du travail et le champ politique au cours du 20^e siècle à nos jours. Le cas français. Serge Wolikow

Il convient de souligner d'entrée combien le sujet des grèves et de la politique en France est vaste en raison même de l'ancienneté et de l'intensité des conflits sociaux mais aussi de la politisation elle-même que la France a connu depuis plus de deux siècles. De même il faut signaler l'existence d'une vaste littérature scientifique française et internationale sur l'histoire des grèves en France. Les débats historiographiques et les recherches autour de la révolution française et plus généralement le tournant des 18^e et 19^e siècles européens ont nourri la réflexion sur les mobilisations populaires, leur répertoire d'action et la combinaison de leurs formes en relation avec le champ politique. Puis les mouvements autour de 1968, ils seront d'ailleurs évoqués dans d'autres ateliers, ont également nourri les réflexions comparatives. Le but de cette communication n'est donc pas de reprendre toute cette historiographie sur la question mais de centrer la réflexion sur le poids du contexte politique ou plutôt l'interaction entre grèves et processus politiques en particulier dans un pays où une partie du mouvement ouvrier a « théorisé » la séparation entre partis et syndicats.¹ La bibliographie comme les recherches actuelles permettent de dépasser un certain nombre de stéréotypes dans ce domaine en montrant qu'il y a une interaction complexe et changeante entre conflictualité sociale et conjoncture politique.

De fait, Il faut rappeler deux faits apparemment contradictoires : la France est le pays où la séparation entre syndicats et partis ouvriers a été très tôt affirmée et renouvelée périodiquement jusqu'à nos jours. D'un autre côté, la France est l'un des pays qui a connu depuis un siècle un nombre important de grèves et de grévistes comportant des fluctuations et des cycles corrélés avec l'évolution politique de sorte qu'on peut relever une forte interaction entre mobilisation politique et sociale. Ce paradoxe est à la base de l'exposé, développé en deux moments ci après.

Dans un premier temps il s'agit d'évoquer et de s'interroger sur le processus de généralisation de la forme gréviste et sa combinaison avec d'autres formes de mobilisation. Ensuite dans un deuxième temps on prend en considération des moments historiques permettant d'aborder la question de la permanence et des transformations des grèves en France afin d'aborder de manière concrète la question des types de grèves en relation notamment avec l'action collective organisées dans les syndicats principalement mais aussi les forces politiques. En fin de compte ces analyses permettent d'évaluer et de comprendre la persistance de la dimension nationale dans la dynamique et la forme des grèves en France.

L'extension du domaine de la grève, généralisation et ou nationalisation... en France des années 1900 aux années 2000.

Si la grève en France prend une dimension élargie dès le début du 20^e s elle est à ce moment avant tout ouvrière et industrielle mais pas exclusivement. La cessation du travail dans les ateliers, les usines reste durablement au centre du processus gréviste jusque dans les années 1970. Pourtant, dès le départ, la grève déborde sociologiquement le monde industriel en concernant à la fois les salariés du commerce, mais aussi les fonctionnaires, notamment les employés, les enseignants. Les grèves de 1936 témoignent déjà largement de cet élargissement socioprofessionnel, puisque les

¹ Serge Wolikow, *la Pensée*.

employés du commerce ou de la banque viennent grossir les rangs des grévistes ainsi que les femmes qui d'ailleurs ont déjà amorcé leur entrée dans les grèves dès les mouvements de 1917 pendant la guerre. Le phénomène est amplifié quand le droit de grève des fonctionnaires et des travailleurs de la fonction publique est reconnu par la nouvelle constitution de la république en 1946. D'autre part, dans une société longtemps rurale, la grève inspire la mobilisation des petits producteurs paysans sous la forme de la grève des impôts, dans les villages, par exemple lors des luttes des vignerons dans le Midi de la France, en 1907, et en Champagne en 1911. Ces mouvements, dont la dimension revendicative est indéniable puisqu'ils sont d'abord motivés par l'effondrement des prix du vin ou du raisin et donc des revenus des vignerons, comportent également une très forte dimension politique dans la mesure où ils sont à la fois tournés contre les négociants mais aussi contre l'Etat. Celui-ci est sommé de prendre des mesures réglementaires ou législatives pour garantir le revenu paysan, par exemple en luttant contre la fraude, en limitant la concurrence. Le recours à la grève des impôts est une mesure politique qui emprunte au répertoire ouvrier mais s'inscrit aussi dans la tradition des luttes républicaines.¹

En fait dès le début du 20^e siècle la grève n'est jamais coupée des autres formes de mobilisation et de politisation tels que les pétitions, défilés, rassemblements. C'est d'ailleurs à ce moment que les manifestations deviennent également une forme récurrente de l'action collective en milieu urbain.

Un autre trait caractéristique qui mérite l'attention est celui de la généralisation de la grève. Un récent colloque sur la grève générale organisé par l'Université Libre de Bruxelles a évoqué la théorisation précoce de la grève générale en France.² Sans doute les formes de la généralisation de la grève a beaucoup évolué de 1906 à 2011 il reste que la France est un des pays où la dimension générale et nationale est très forte – même si la Belgique est le pays d'Europe où le recours à la grève nationale est la plus fréquente. Une comparaison avec la situation de Grande Bretagne, de l'Allemagne et même de l'Italie, fait apparaître des spécificités de la situation française. Si la grève générale révolutionnaire, prônée dès le début du 20^e siècle, par la CGT, n'a jamais fonctionné, il est de fait que la grève nationale, interprofessionnelle et commune à l'ensemble du territoire, commune au secteur privé au secteur public a connu des développements historiques successifs. La notion de grève de masse, forgée par Rosa Luxembourg, conviendrait mieux pour approcher ces grandes grèves nationales en France. Le mouvement gréviste d'ampleur nationale est variable selon qu'il s'agit d'un processus de généralisation à partir de grèves d'usines dans un secteur qui s'étend ensuite ou d'un appel syndical à la grève nationale. De ce point de vue on ne saurait ignorer le rôle, l'implantation et l'activité syndicale. Celle-ci reste un facteur discriminant de l'action gréviste même s'il n'y a pas corrélation entre l'importance des effectifs syndicaux et l'action gréviste. On a souvent remarqué la faiblesse relative des effectifs et des services des syndicats en France. Pourtant le mouvement gréviste est indissociable de l'influence syndicale, de ses mots d'ordre et de l'existence de militants capables de conduire les mouvements.

La théorisation concernant les trois âges de la grève, d'abord réprimée et marginale, ensuite reconnue et centrale, enfin marginalisée par l'institutionnalisation des relations sociales développée dans des ouvrages historiques sur le syndicalisme ne me semble pas suffisantes pour penser la conflictualité en France, et notamment ses évolutions

¹ Le vin et la république.

² La grève générale, colloque de l'ULB, janvier 2011.

contemporaines.¹ Les travaux de Charles Tilly ont mis depuis longtemps en évidence l'existence de cycles de ce qu'il appelle les grandes vagues de grève. Mais il s'est arrêté à 1968 et d'autre part a raisonné plus sur le nombre des grèves que sur les journées de grève ce qui minore les actions nationales liées à de très grands établissements où les ouvriers sont peu nombreux. Enfin il faut certainement davantage penser les grèves comme un moment important – mais pas le seul – d'un processus de mobilisation plus large y compris dans le champ politique.

Grèves, conflits sociaux et mobilisation politique

Si l'on veut penser le spectre et la diversité des séquences grévistes qui se sont déroulées en France au long du 20^e siècle il semble nécessaire de les inscrire dans l'agenda politique du pays et penser leur histoire particulière en résonance avec celle de la conflictualité dans sa globalité donc sociale mais aussi politique. On choisira pour illustrer ce propos les phases de grande intensité gréviste comme celles de basse intensité, entrées en résonance ou en discordance avec les conflits politiques majeurs, de 1906 à nos jours ! La configuration de l'histoire politique française marque durablement le déroulement des grèves. En premier lieu il faut faire intervenir comme donnée, exceptionnelle en Europe jusqu'en 1914, l'ancienneté de la république parlementaire caractérisée notamment par la citoyenneté politique et le droit de vote des ouvriers en principe acquis depuis la moitié du 19^e siècle. La république, instaurée à partir de 1875, même si elle est bourgeoise et conservatrice est fondée sur des principes, ceux de l'égalité politique et juridique comme des libertés politiques grâce auxquelles des catégories populaires urbaines et rurales participent d'une politisation de masse, à travers les élections, la diffusion de la presse, la scolarisation de telle sorte que les milieux populaires – très hétérogènes – y compris le monde ouvrier, ne sont jamais coupés comme dans d'autres pays du monde paysan, des petits propriétaires, des artisans ou des commerçants. L'autre élément structurant et spécifique est celui de l'instabilité institutionnelle – 4 régimes politiques depuis 1900 – si l'on laisse de côté la période de l'occupation allemande – on a deux républiques parlementaires (la 3^e et la 4^e) puis, après 1958, un régime de république présidentielle où le rôle de la représentation parlementaire est fortement diminué. Cela a des conséquences générales sur les modalités de l'action gréviste qui périodiquement entre en résonance avec des crises du fonctionnement des institutions politiques. Dans le prolongement de ces deux caractéristiques générales on peut identifier quatre facteurs qui, selon les moments, pèsent de manière inégale mais qu'on retrouve dans la détermination des mouvements de grèves et des grèves nationales.

En premier lieu, il y a la conjoncture économique dont on peut sommairement distinguer les moments de crise, chômage ou au contraire ceux d'expansion et de plein emploi. La variation de la conjoncture économique, même si l'on s'en tient à l'analyse des mouvements revendicatifs, ne constitue pas un facteur suffisant à lui seul pour expliquer ces mouvements mais il leur donne une coloration particulière. Tendanciellement les périodes de récession freinent la conflictualité économique et sociale du fait du poids objectif et subjectif du chômage. En revanche, dans ces moments, les conditions politiques favorables au monde du travail, peuvent favoriser la globalisation des conflits. Les périodes de croissances ne désamorcent pas les luttes et

¹ Stéphane Sirot, *La grève en France, Une histoire sociale (19^e-20^e s)*, 2002 ; Stéphane Sirot, *Le syndicalisme, la politique et la grève, France et Europe : XIX^e – XXI^e siècles*, 2011

peuvent avoir sur elles des effets contradictoires. Dans ces contextes le rapport capital/travail est plus favorable aux salariés du fait des besoins de main d'œuvre mais les perspectives d'augmentation des ressources peuvent contribuer à fractionner et limiter les mouvements revendicatifs!

En deuxième lieu il faut intégrer dans l'analyse des évolutions et des cycles de grève, l'élargissement du rôle économique et social de l'Etat avec l'extension du secteur public et de ses services ou le rôle des syndicats dans la négociation sociale. De ce point de vue la situation française ressemble à celle des autres pays ouest européens avec une rupture qui s'opère après 1945. Non seulement la place du syndicat dans le secteur public est désormais reconnue et institutionnalisée mais le statut des personnels leur offre des garanties et des formes d'indépendances qui modifient fortement les conditions d'exercice des luttes sociales. En troisième lieu on ne peut ignorer les avatars de l'évolution des institutions politiques françaises, marquées depuis la naissance de la 3^e république par les difficultés récurrentes de la représentation parlementaire tout au long des 3^e et 4^e républiques, puis par les effets de la présidentialisation du pouvoir exécutif sur toute la vie politique.

La dynamique des mobilisations politiques et électorales :

On distinguera 6 moments : 1906/1910, 1919/1920, 1936, 1947/49, 1966-1975, 1995/2010. On ne peut entrer ici dans l'analyse détaillée mais seulement rappeler quelques traits caractéristiques de chaque moment historique afin d'éclairer cette interaction entre grève et politisation.

De 1906 à 1910 la France a connu un premier cycle de grève marqué à la fois par la multiplication des conflits professionnels localisés mais aussi les premières grèves d'ampleur nationale. On retient souvent l'appel à la grève générale de la CGT pour le 1^{er} mai 1906. Cette initiative, essentielle dans l'histoire du mouvement ouvrier français, a marqué l'histoire sociale française pour plusieurs raisons. Elle représente la première tentative du syndicalisme révolutionnaire de mettre en œuvre sa doctrine de l'action revendicative liée à la transformation révolutionnaire. Le mot d'ordre des 8 heures de travail est là pour unifier la mobilisation qui s'opère dans un contexte politique marqué par la victoire politique de la gauche. Si les radicaux gouvernent au nom du Bloc des gauches et réalisent la séparation de l'Eglise et de l'Etat, le monde ouvrier a le sentiment d'être oublié, en dépit de quelques réformes sociales limitées comme l'instauration du repos hebdomadaire le dimanche. La conjoncture économique marquée par l'inflation et la croissance favorise la combativité ouvrière et paysanne. La CGT lance son mot d'ordre de grève générale dans un climat de désillusion dans le parti socialiste et le mouvement ouvrier qui attendaient des réformes sociales, notamment la réduction de la durée du travail. Le gouvernement radical, dont Georges Clemenceau est le Ministre de l'Intérieur, va s'employer à briser la grève en agitant l'épouvantail d'un complot contre la république mais aussi en procédant à des arrestations préventives pour désorganiser la mobilisation ouvrière. L'armée déployée sert à compléter la démonstration de force contre le mouvement syndical en brisant le projet de grève générale. Pour autant la vague de grève pendant toute cette année 1906 est indéniable et continue les années suivantes. Charles Tilly relève une multiplication des grèves qui permet de parler d'une vague « wave » de grèves.¹ Les luttes sociales débordent également du monde industriel vers les petites villes et le monde viticole, dans le Languedoc en 1907. L'adoption par la CGT d'un programme, la Charte d'Amiens, en

¹ E. Shorter, Ch. Tilly, *Strikes in France, 1830-1968*, pp. 119-120, Cambridge University Press.

octobre 1906 met l'accent sur le rôle révolutionnaire de la grève en réaffirmant le refus du syndicat de s'inscrire dans une perspective politique. Cependant la situation politique de ces années 1905-1910, est essentielle pour comprendre les formes de mobilisations populaires qui favorisent le développement de la combativité ouvrière. L'action répressive de l'Etat, les mesures de réquisition lors des grèves des transports en 1910, mettent en difficulté la doctrine de la grève générale au sein même de la CGT. Il reste que cette première grande vague de grèves du début du 20^e siècle est inséparable de la stratégie de la CGT et du contexte politique : sans que la situation ait été déstabilisée, il reste que la poussée du vote à gauche avec l'arrivée du bloc des gauches a favorisé la mobilisation sociale notamment par ce que les espérances politiques étaient déçues.

La grande vague nationale de grève en 1919 et 1920 se déroule dans une situation politique bien différente mais cependant déterminante pour comprendre la physionomie des grèves qui se développent avec une ampleur inégalée. Souvent ignorés, parce que ces grèves n'ont pas débouché, ces mouvements sociaux sont particulièrement intéressants car ils font suite à la longue période de répression des grèves durant la guerre. Ce phénomène des grèves au lendemain de la guerre se retrouve dans nombre de pays européens. Ces grèves s'inscrivent cependant dans un climat politique particulier qui éclaire leur déroulement. En effet comme dans la plupart des pays, les grèves se déroulent pour obtenir que soient tenues les promesses sociales faites pendant les années de guerre, par exemple sur la réduction de la durée du travail mais aussi pour obtenir des augmentations de salaires du fait de la poussée inflationniste. Mais en France, la situation du pouvoir d'Etat et des classes dirigeantes est confortée par la victoire politico-militaire. Cependant au moment où la Conférence internationale de la paix va s'ouvrir au château de Versailles, les grèves se multiplient. Pour empêcher une généralisation de la grève le 1^{er} mai 1919, le gouvernement fait adopter par le parlement une loi de réduction de la durée du travail à 8 heures. Les manifestations et les grèves sectorielles restent cependant très importantes mais décroissent à la veille des élections. Celles-ci sont marquées par la victoire d'une majorité conservatrice et nationaliste, alors que le parti socialiste et l'électorat ouvrier qui plaçaient leurs espoirs dans un renouveau de la gauche, se retrouvent isolés et minoritaires. La CGT est secouée par le débat entre réformistes et révolutionnaires à propos de la tactique des grèves et du rôle des syndicats dans cette situation. En 1920, un grand mouvement national de grève dont les cheminots sont le fer de lance est brisé par la répression des grandes compagnies de transport avec l'appui de l'Etat, plus de 20 000 cheminots sont licenciés mais les divisions internes syndicales ont affaibli le mouvement. Désormais le mouvement syndical est divisé, le patronat lance une vaste politique d'immigration et pendant une quinzaine d'année le mouvement gréviste retombe.

La troisième grande vague gréviste que la France connaît dans les années 1930 est plus originale dans la mesure où, avec les Etats Unis d'Amérique du Nord elle est le seul grand pays à connaître un mouvement social massif durant cette période où la crise mondiale a généré une récession durable de l'activité économique et une montée sans précédent du chômage. En France, comme dans les autres pays européens, le début des années 1930 est marqué par la baisse concomitante des grèves et des effectifs syndicaux. Loin de stimuler une extension de la combativité, elle nourrit l'attentisme et favorise l'affaiblissement des courants syndicaux les plus combatifs au profit du syndicalisme réformiste qui accepte les politiques de stigmatisation des immigrés accompagnant leur expulsion. Les mouvements de grèves très localisés sont le fait de secteurs sinistrés par la crise comme dans les cités ouvrières du nord de la France, dans le secteur textile. Les marches de chômeurs témoignent d'une volonté de radicalisation exprimée par les organisations communistes. Leur impact reste cependant limité

d'autant que la récession économique en France prend une forme moins brutale qu'en Allemagne mais rampante dans la mesure où elle affecte aussi fortement le monde paysan, les artisans, et le monde ouvrier à travers le chômage partiel qui pèse comme une épée de Damoclès sur les ouvriers menacés par la perte de tout travail. Pourtant la mobilisation sociale se développe parallèlement à la mobilisation politique. Comment, de ce point de vue, ne pas remarquer l'appel à la grève générale des deux confédérations syndicales, CGT et CGTU, le 12 février 1934 « contre le fascisme, pour la défense des libertés démocratiques et des droits syndicaux. » Le déroulement de cette journée est exceptionnel et sans précédent par son impact politique et social. Les arrêts de travail ont été nombreux même si l'activité économique n'a pas été paralysée. Par contre les rassemblements et les manifestations dans les rues de la plupart des villes de France sont massifs et illustrent un phénomène nouveau qui va s'amplifier dans les années suivantes. La mobilisation sociale et la mobilisation politique se combinent sous la forme d'immenses manifestations de rues où les ouvriers sont très largement représentés en compagnie des employés et des petits fonctionnaires.

Ces manifestations continuent durant toute la période de constitution du front populaire de 1934 à 1936. Même si les grèves sont peu nombreuses la participation et la présence syndicale comme celle des ouvriers ont un fort impact dans les discussions entre syndicats et partis de gauche, de même que cela encourage la réunification syndicale. C'est après le résultat électoral marqué par la victoire du front populaire que la grève se généralise mais sans qu'il y ait de mot d'ordre de grève générale ! Ces grèves, uniques dans leur genre en Europe, à ce moment, sont à la fois très liées aux revendications économiques et sociales ouvrières mais en même temps inséparables du contexte politique. Elles démarrent au lendemain des élections mais aussi des manifestations et grèves habituelles du 1^{er} mai qui ont suscité une répression patronale qui cette fois-ci suscite une riposte rapide et vigoureuse des ouvriers qui réagissent en déclenchant des grèves de solidarité pour la réintégration des syndicalistes renvoyés pour avoir fait grève et manifesté le 1^{er} mai 1936. Le patronat n'avait pas compris le changement de situation. En quelques semaines, alors même que le nouveau gouvernement de front populaire n'est pas constitué, les grèves se multiplient dans les différents secteurs de l'économie et gagnent tout le pays. Si elles démarrent dans les usines métallurgiques et la construction mécanique, elles s'étendent aux différentes branches industrielles et, fait nouveau, affectent aussi le commerce et les banques. Les femmes comme les étrangers souvent à l'écart des mouvements sociaux sont, cette fois-ci, largement partie prenante. L'occupation des locaux par les salariés en grève n'est pas exceptionnelle mais est la règle commune. Le mouvement de grève bénéficie d'un large soutien populaire même s'il provoque l'inquiétude d'une fraction notable de la population. Ces grèves, sans précédent, ont des conséquences profondes immédiates mais aussi à plus long terme sur toute la société française. Dans l'immédiat elles contribuent à modifier le fonctionnement parlementaire et gouvernemental : en quelques semaines seulement les principales lois sociales sont votées alors que certaines de leurs dispositions étaient en souffrance depuis des années. La persistance des grèves, la peur du patronat devant l'occupation des entreprises, tout cela explique que les forces conservatrices aient dans un premier temps laissé passer les nouvelles lois alors que le front populaire n'avait pas la majorité au Sénat, la deuxième Chambre. Ces lois qui reconnaissent notamment les conventions collectives par branches économiques, instaurent les congés payés pour les ouvriers, accordent le droit de vote à tous les salariés dans les entreprises, contribuent à renforcer la syndicalisation et la conscience de classe notamment dans le monde ouvrier. Les dispositifs d'arbitrage destinés à limiter les conflits fonctionnent mal et les grèves repartent en 1938 lorsque le gouvernement répondant à la demande du patronat tente de

remettre en cause la semaine de 40 heures. L'appel à la grève générale pour le 30 novembre 1938 se heurte à une riposte du gouvernement qui s'emploie à briser le mouvement gréviste en poursuivant et arrêtant les militants de la CGT. La rupture de l'alliance du front populaire a été décisive dans cette répression du mouvement de grève générale dont l'échec ouvre une période de désyndicalisation et d'affaiblissement des organisations ouvrières. La défaite de l'armée française, la liquidation de la république, la mise en place du régime de l'état français s'accompagnent, dès 1940, de la liquidation de la liberté syndicale et du droit de grève.

A la fin de la guerre le mouvement gréviste qui s'était développé au moment des combats de la résistance cesse. Le gouvernement issu de la résistance bénéficie en effet du soutien des organisations ouvrières et notamment de la CGT et du parti communiste qui appellent à la bataille de la production. Deux ans plus tard, à la fin de 1947, un mouvement de grève national prend des proportions considérables et revêt une très grande intensité. Après l'unanimité de la reconstruction, on assiste à une crise politique de la gauche. Le parti communiste est marginalisé et dénonce la politique économique du gouvernement à direction socialiste. La grève nationale lancée par la CGT pour réclamer des augmentations de salaire, prend vite un caractère politique marqué par un retour aux conceptions de l'affrontement classe contre classe. En 1948 et 1949 ces grèves qui prennent souvent le caractère d'affrontements violents entraînent des millions de salariés, surtout ouvriers mais aussi des employés des services publics, qui manifestent leur désenchantement à l'égard notamment de la politique économique et sociale des gouvernements dont les communistes ont été exclus. Ces grèves se développent dans les grands sites industriels et les régions où les combats de la résistance avaient été particulièrement forts, dans la région du Nord, de St Etienne, de Marseille par exemple. La division syndicale comme celle des forces issues de la résistance antifasciste expliquent en partie le contraste entre l'ampleur et l'intensité de ces mouvements sociaux et finalement leur échec. L'intensité et l'ampleur de ces grèves ont cependant laissé des traces durables au niveau des organisations et des militants, en soulignant des divergences qui se retrouvent au niveau politique à l'égard du gouvernement et de sa politique étrangère, la guerre froide avec la logique des deux camps, celui des Etats-Unis et de l'URSS, les guerres coloniales avec les divergences autour de la décolonisation, fragilisent et affaiblissent les positions du monde ouvrier. La combativité ouvrière dans l'industrie laisse place, sauf exception, aux luttes qui mobilisent les salariés de la fonction publique ou des salariés des entreprises publiques, comme les cheminots. Les grèves massives de 1953 contre la politique de limitation des salaires pour les gouvernements de droite revenus au pouvoir témoignent de cette interaction entre conjoncture politique et grèves du secteur public.

Même si le mouvement syndical appelle à la mobilisation générale lors de la guerre d'Algérie pour lutter contre les tentatives de putsch militaire des ultras favorables à la colonisation française en Algérie, en 1961, c'est seulement en 1968 qu'une grève générale d'une ampleur inédite réapparaît. Trente ans après le front populaire, la combativité ouvrière retrouve une ampleur qui semblait disparue à la faveur de la croissance économique soutenue depuis la fin des années 1940. Les grèves de la fin des années 1960 et de la décennie 1970 forment une séquence de forte combativité ouvrière et salariale qui inaugure des formes nouvelles de luttes dans un climat politique et économique bien différent des périodes précédentes. Depuis 1958, les forces politiques sont pour l'essentiel écartées du pouvoir. Le parti communiste et la CGT, longtemps isolés mais constituant les principales forces organisées, sont concurrencés par des organisations socialisantes et un syndicalisme chrétien laïcisé, la CFDT, créée en 1964. Des rapprochements et des alliances se nouent entre eux à l'occasion de la première

élection présidentielle, en 1965, puis lors de mobilisations contre la politique économique et sociale du gouvernement en matière de salaires, en 1966, enfin à l'occasion des élections législatives de 1967. Les journées nationales d'action, la progression électorale de la gauche ébranlent symboliquement un pouvoir gaulliste qui pour autant reste sourd aux revendications qui montent notamment dans des secteurs comme l'enseignement supérieur où le nombre comme l'origine sociale des étudiants ont profondément changé. Le mouvement étudiant en mars et avril 1968 constitue le déclencheur d'un mouvement social où les ouvriers et les employés vont jouer un rôle majeur, en mai 1968. La généralisation de la grève aux divers secteurs de l'activité économique dans la plupart des régions françaises donne à ce mouvement une ampleur encore supérieure à celle de 1936. L'entreprise, l'usine mais aussi les bureaux du commerce ou les universités sont occupés par les salariés. Les revendications sur les salaires mais aussi sur les droits collectifs dans l'organisation du travail sont formulées avec force par des catégories nouvelles qui s'engagent dans ces luttes : les ouvriers immigrés, ceux venus récemment du monde rural, les femmes, les jeunes. En somme toutes ces catégories qui avaient connu un grand essor avec le développement industriel des deux décennies précédentes. Le climat politique interfère avec le déroulement des grèves : la concurrence entre forces syndicales, l'impossible alliance de la gauche pour ouvrir une perspective politique, accompagnent les négociations sociales où le niveau national, interprofessionnel est souvent en décalage avec le niveau de l'entreprise. Si globalement les avancées sociales et économiques sont significatives pour le monde du travail et ses organisations, il reste que dans les entreprises où la combativité a été la plus forte des déceptions existent notamment là où des revendications portant sur la gestion et l'organisation du travail ont été posées. La constitution de groupes d'extrême gauche qui dénoncent l'immobilisme du PCF et de la CGT qui, en retour réproouvent le gauchisme irresponsable, annoncent une situation nouvelle dans le développement des grèves qui se prolonge dans la décennie suivante. Le maintien de la droite au pouvoir, avec une majorité parlementaire renforcée, en juin 1968, alimente une certaine radicalisation sociale qui se retrouve dans la multiplication des grèves dans les années 1970. On a pu parler de ce point d'un mouvement de fond d'insubordination ouvrière qui s'exprime d'ailleurs à travers de nouvelles formes de grèves.¹ Celles-ci se naissent et s'organisent souvent à l'échelle des ateliers et portent fréquemment sur les conditions de travail. Elles impliquent des catégories peu syndicalisées, laissées pour compte et soumises à une exploitation renforcée, les immigrés, les ouvriers spécialisés, les femmes, etc... Certaines grèves, au moment où la conjoncture économique se retourne, à partir de 1973, prennent la forme de grèves productives lorsque les ouvriers et les salariés de l'entreprise prétendent poursuivre la production contre la volonté de fermeture annoncée par le patronat. L'exemple des salariés de Lip, dans l'industrie horlogère, est le plus notable à travers la longue grève qu'ils engagent en 1973. Les formes de l'action s'accompagnent parfois de séquestration des cadres, de saccage des bureaux, elles témoignent d'une combativité qui transgresse les consignes syndicales ou profite d'une certaine surenchère entre la CFDT et la CGT. Cette période de combativité ouvrière s'achève à la fin des années 1970 lorsque la crise commence à affecter de grands secteurs de l'industrie comme la sidérurgie. La perspective d'un changement politique, fondé sur une alliance des forces politiques et syndicales, est devenue progressivement un substitut à des grèves dont l'issue est rendue plus difficile par la

¹ Xavier Vigna, *L'insubordination ouvrière dans les années 68, Essai d'histoire politique des usines*, 2007

montée du chômage et le ralentissement de l'activité économique. L'année 1979 constitue de ce point de vue un tournant.

La victoire politique de la gauche, en 1981, n'ouvre pas un nouveau cycle de combativité ouvrière et encore de grèves. La conjonction entre les réformes sociales concernant l'âge légal du départ en retraite, la réduction de la durée du travail, de nouveaux droits accordés aux syndicats dans l'entreprise, et une politique économique qui passe de la nationalisation des grandes entreprises à leur privatisation à quelques années de distance, perturbe la combativité ouvrière mais aussi la stratégie des syndicats. Le monde du travail et la plupart de ses organisations sont partagés entre le souci de soutenir un gouvernement et une majorité parlementaire dans lesquels ils se reconnaissent et la nécessité de se faire les porte-paroles d'un monde ouvrier et salarial qui connaît assez vite des désillusions. La relance du mouvement de grève à partir de 1986, sous des formes qui souvent débordent les syndicats, dans le cadre de « coordinations », témoignent d'un malaise qui cependant ne s'exprime dans de grands mouvements qu'en 1995 lorsque se conjuguent opposition à la politique économique et sociale d'une majorité conservatrice qui s'en prend au système des retraites. Le mouvement gréviste qui entraîne particulièrement les services publics et les fonctionnaires témoignent de la forte dimension politique de ces grèves qui finalement obtiennent le retrait des projets gouvernementaux. Le retour de la gauche au gouvernement, en 1997, ne coïncide pas avec un regain de la combativité ouvrière et salariale profondément marquée et secouée par la désindustrialisation. La fragmentation des luttes, l'importance des grèves défensives attestent du poids accru du chômage. L'accentuation des politiques économiques libérales avec le retour de la droite au pouvoir, en 2002, ouvre une séquence décennale au cours de laquelle les principales mobilisations sociales et les grands conflits se développent sur des registres différents : celui de l'usine, de l'établissement lorsqu'il y a menace de fermeture, celui de la rue contre les politiques gouvernementales. Sur ce terrain se déploient des stratégies de luttes avec occupation des locaux, séquestration des cadres dans une perspective qui est bien souvent de négocier collectivement le plan de licenciements, puis le chômage grandissant avec la perspective de relancer l'activité en négociant des solutions pour une nouvelle gestion, le changement de statut de l'entreprise avec création d'une société coopérative, ou intégration dans un grand groupe industriel. Contre les politiques économiques libérales dans le domaine du contrat de travail, des retraites, des mobilisations se développent en recourant de façon limitée à la grève, au profit de manifestations de masse, associant les diverses catégories de population concernés, les jeunes étudiants ou scolaires, les salariés du secteur public et du secteur privé, les retraités. Les manifestations massives en 2005 ou en 2011 contre la mise en place des nouveaux contrats de travail pour les jeunes ou la modification du système de retraite, ont pris une dimension politique qui a freiné les politiques libérales et à terme contribué aux changements politiques engagés au printemps 2012.

Ainsi la grève en France contrairement aux pronostics sur la fin des grèves et des conflits reste une modalité importante de l'action collective dans un pays où la présidentialisation des pouvoirs et la stratégie libérale de désengagement de l'Etat viennent provoquer une indignation sociale persistante qui s'exprime sous différentes formes parmi lesquelles la grève reste un moment important. La diversité de ces formes de conflictualité sociale est inséparable des processus politiques eux-mêmes largement façonnés par les conflits du monde du travail. En ce sens l'analyse de la conflictualité doit évidemment incorporer la dimension politique avec laquelle elle est en interaction selon des modalités différentes mais qu'on retrouve tout au long de l'histoire de la France, du 20^e au 21^e siècle.

Eléments biblio :

Xavier Vigna, Jean Vigreux : *Mai-juin 1968 Huit semaines qui ébranlèrent la France*, 2010

Sophie Bérout, René Mouriaux, Michel Valakoulis, *Le mouvement social en France, Essai de sociologie politique*, 1998.

Olivier Fillieule, Eric Agrikoliansky, Isabelle Sommier, *Penser les mouvements sociaux, Conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines*, La Découverte, 2010

Stéphane Sirot, *La grève en France, Une histoire sociale (19^e-20^e s)*, 2002

Stéphane Sirot, *Le syndicalisme, la politique et la grève, France et Europe : XIXe – XXIe siècles*, 2011

Danielle Tartakowsky, *Le pouvoir est dans la rue, Crises politiques et manifestations en France*, 1998

Charles Tilly, Sidney Tarrow, *Politique(s) du conflit, De la grève à la révolution*, 2008

Xavier Vigna, *L'insubordination ouvrière dans les années 68, Essai d'histoire politique des usines*, 2007

Matt Perry, *Prisoners of Want, The Experience and Protest of the Unemployed in France, 1921-1945*.

Sophie Bérout, et alii, *La lutte continue ? Les conflits du travail dans la France contemporaine*, 2008

Erik Neveu, *Sociologie des mouvements sociaux*, 2000

Jean Michel Denis, *Le conflit en grève ? Tendances et perspectives de la conflictualité contemporaine*, 2005.

A Intersindical: das origens ao Congresso de Todos os Sindicatos (1970-1977) – um projecto de História Oral. Sílvia Correia¹

A historiografia portuguesa tem-se mantido distante da análise das *massas*. A forma como a História, em Portugal, se agarra aos *documentos escritos* afunila as fontes a uma panóplia de objectos inevitavelmente próximos das elites, negligenciando a importância e o contributo dos comportamentos colectivos no curso da história, nomeadamente das classes trabalhadoras.

Depois de uma pesquisa inicial em torno da história do movimento sindical em Portugal, melhor, da origem da Intersindical, duas conclusões surgem à partida: a história que se fez até à data é dedicada às estruturas, as mesmas estruturas de que se pretende ir além no projecto em questão; e as fontes documentais são raras e ainda desorganizadas. Sabe-se, a partir das investigações existentes, da relação entre as organizações e o Estado, principalmente durante o Estado Novo, mas não da mobilização das massas trabalhadoras, quer num período de forte repressão política, quer num período revolucionário. Ou seja, dois momentos históricos onde a documentação escrita é rara, quer pela repressão, num primeiro momento, quer pela ‘velocidade’ dos acontecimentos, posteriormente.

Daí, a história oral assumir-se como uma metodologia imprescindível para a análise da realidade dos conflitos sociais do *tempo presente* e de contextos tão mutáveis quanto os períodos revolucionários, numa tentativa de construir uma ‘justa memória’ dos acontecimentos políticos e sociais em Portugal, devolvendo ao palco da memória histórica os seus protagonistas. A *democratização* da informação histórica contribui, então, com uma nova ferramenta – *de luta* – acessível aos trabalhadores. Desde o seu (re)aparecimento nos anos 50, enquanto disciplina e metodologia de trabalho, a história oral desenvolver-se-ia de forma mais significativa na Europa Ocidental e nos EUA, países onde o crescimento capitalista marginalizava as grandes massas, nomeadamente a classe trabalhadora, objecto privilegiado da história oral. Este (res)surgimento vem do longo enquadramento historiográfico proporcionado pela Escola dos *Annales*, consagrando, entre outros elementos, a colaboração com outras disciplinas e a utilização de novas fontes negligenciadas pela história positivista do século XIX. No entanto, foi com a ‘Nova História’ – do social, do trabalho, das mulheres – e com a ‘Escola de Frankfurt’, que os temas da memória e da cultura passaram a ser um desafio, permitindo restaurar o lugar da história oral nas ciências sociais. Entre os anos 60 e 70, a nova história do trabalho integrou-a como metodologia e técnica de investigação, estabelecendo uma plataforma de entendimento com as classes trabalhadoras, envolvendo-as na escrita da sua própria história. Esta metodologia permitiu ir além da história institucional dos sindicatos e confederações, que segundo o historiador

¹ Sílvia Correia (Barcelos, 1981) é doutorada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa), com a dissertação ‘Políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal, 1918-1933. Entre a experiência e o mito’. É investigadora do Instituto de História Contemporânea da mesma universidade. Tem artigos publicados em torno da questão desenvolvida na tese de Doutoramento e, recentemente, integrou com um capítulo o livro – *História da Primeira República Portuguesa* – coordenado por Fernanda Rollo e Fernando Rosas (2009). Foi responsável pela coordenação científica e realização do projecto ‘Testemunhos Oraís: A Intersindical das origens aos Congressos de Todos os Sindicatos (1970-1977)’, vertente do Projecto de Preservação, Organização e Valorização do Acervo Documental (Arquivo de História Oral e Memória) da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional (financiado pelo Programa POPH).

socialista E.P. Thompson já não traduzia o verdadeiro movimento dos trabalhadores (Thompson 1966; Briggs and Saville 1960) e descobrir o universo humano negligenciado do mundo laboral não organizado.

Porquê, então, fazer a história da Confederação Geral dos Trabalhadores – Intersindical Nacional (CGTP-IN) num momento em que a história das instituições já não é novidade?

A concretização do projecto de história oral do Departamento de Cultura e Tempos Livres/Centro de Arquivo e Documentação da CGTP-IN é precursora em Portugal, uma vez que a constituição de acervos de fontes orais está maioritariamente associada ao universo académico. Pretende contribuir para a história da CGTP-IN, inseparável da história de Portugal do século XX. Porém, a análise do período revolucionário que pôs fim ao Estado Novo torna urgente uma abordagem direccionada às massas que estiveram na base da transformação política, social e económica em Portugal, transpondo forçosamente, pelo que a metodologia e disciplina propícia, a fronteira do institucional.

Em Portugal, o atraso da implantação da história oral deve-se, de uma forma geral, a motivos de ordem política e económica e, particularmente, à forma dominante de fazer história nos meios académicos que mantém acesa a desconfiança, quer em relação às fontes produzidas por esta metodologia, quer em relação à *história do tempo presente, nomeadamente* do Estado Novo ou do Processo Revolucionário em Curso (PREC), que se cruza com testemunhas vivas capazes de contestar e questionar, argumentando um conhecimento presencial. O cenário muda na transição do século XX para o XXI: a história oral passa a ser objecto e metodologia de projectos, inevitavelmente associados ao universo académico, como o da Universidade Popular do Porto sobre o Movimento Operário e Popular do Porto (2001); a integrar os programas curriculares; a ser usada como metodologia em investigações e teses de mestrado e doutoramento¹.

A saída de actividade e o desaparecimento de alguns dos mais importantes sindicalistas da história da Intersindical exige uma urgente recolha de testemunhos relativos a um período nevrálgico da história portuguesa, de forma, por um lado, a colmatar lacunas identificadas no arquivo da CGTP-IN, bem como demais arquivos nacionais e, por outro, a criar um acervo de fontes orais que se constitua como uma importante fonte de informação e memória acessível ao público. Para isso, entrevistaram-se mais de 30 dirigentes sindicais (aos quais se agradece a disponibilidade), de forma a abranger a maioria dos sectores ligados à CGTP-IN desde a origem da Intersindical (1970) ao Congresso de Todos os Sindicatos (1977). A grelha de entrevista pretende, para além do aprofundamento da história da Intersindical, dar espaço à experiência pessoal, que subjaz à realização do guião e da entrevista, desvendando narrativas construídas pelos trabalhadores para dar sentido às suas vidas. Como afirma Paul Thompson, a ‘história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela empurra a vida para a própria história e alarga o seu âmbito. Ela permite heróis, não apenas dos líderes, mas da maioria do povo desconhecido[...]. Permite o contacto – e daí a compreensão – entre classes sociais e entre gerações’ (Thompson 1998: 28). Compreendendo a existência de uma relação muito estreita com o seu sujeito/objecto, este método possibilita o protagonismo de temas e sujeitos, até há data, marginalizados pela historiografia tradicional, nomeadamente a classe trabalhadora;

¹ Destaque-se, sobre o tema, José Barreto, *A formação das centrais sindicais e do sindicalismo contemporâneo em Portugal* (1991). Veja-se, ainda, Luísa Tiago Oliveira, ‘A história oral em Portugal’ (2010).

bem como verificar se existe um conjunto de representações colectivas e transversais ao objecto na forma como é reinterpretado e representado no presente.

A história oral traz ao de cima a questão, ainda mais polémica, da memória (e da sua relação com a história). Segundo Alessandro Portelli, esta é um exercício de memória que não permite apenas voltar ao passado, mas também chegar à multiplicidade de significados (individuais ou até colectivos) que se dão aos acontecimentos passados, à forma como são chamados ou simplesmente são, voluntária ou involuntariamente, esquecidos (Portelli 1998, 63–74). Silêncios, vigilância permanente e resistências à palavra transpuserem colectivamente, por exemplo, o universo dos entrevistados que estiveram presos durante a Ditadura, revelando a riqueza que comporta para a história institucional esta metodologia. Ao dar voz a múltiplos narradores/sujeitos permitirá diferentes versões de um mesmo facto e, pelo cruzamento destas memórias individuais, obteremos uma memória de grupo, porque inevitavelmente a reconstrução da identidade do indivíduo está dependente da sua integração no grupo social que compartilha das suas experiências. Por isso, a reacção – expectável – de alguns entrevistados após a apresentação colectiva do projecto Testemunhos Orais da CGTP-IN: *o mais importante é o que está escrito, porque decidido pelo colectivo*. A memória oral, apesar de ser marcada por discursos públicos e oficiais, revela contradições, sensações e perspectivas individuais sobre um mesmo acontecimento. A história não pode, por isso, olhar com desconfiança sobre a memória, mas aproveitar e tirar uso das suas ‘fendas’. Antes, o recurso à história oral permite levantar questões em torno da memória histórica de uma instituição e perceber como as memórias de indivíduos que integraram ou integram ainda o mesmo grupo, se reportam ao colectivo, à história da CGTP-IN e a uma *identidade partilhada* do movimento sindical português.

Dos testemunhos recolhidos ressaltam dois momentos históricos fundamentais marcados e/ou diferenciados pela presença ou ausência de uma coerência memorial sobre a história da Intersindical antes e depois do 25 de Abril. Antes da Revolução, salta à vista, como elemento transversal e imediato aos depoimentos, *a união do colectivo contra o sistema*. Constata-se que o discurso dos entrevistados apresenta, entre eles, uma maior coerência e uniformidade no que toca à luta dos sindicatos contra a Ditadura. Depois do 25 de Abril, não obstante discursos e posicionamentos oficiais recorrerem constantemente às expressões *sistema* e/ou *unidade* e/ou *colectivo*, os testemunhos orais denunciam, além da uniformidade geral, particularismos e divergências – face a um inimigo menos identificável –, que revelam, antes de mais, a riqueza e heterogeneidade do próprio movimento sindical português. O reforço do *colectivo* (de uma representação nos e pelos sindicatos) e da *unidade*, nesta fase, denunciam uma necessidade de abstracção do contributo/protagonismo individual em prol da unidade e identidade colectiva da Intersindical, manifesta na partilha de discursos de sublevação e indignidade. E, assim, ‘a fantasia de revolta torna-se um produto cultural colectivo’ (Scott 1990: 9).

Há uma dificuldade em estabelecer diferenças (e do historiador se posicionar) entre memória histórica e memória colectiva. Apesar disso, observa-se que ‘a passagem da memória à história atribuiu a cada grupo a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização da sua própria história’ (Nora 1984: 29). Maurice Halbwachs, antes, já havia sugerido que a memória é incorporada pela história à medida que desaparece o seu universo social de sustentação. Uma alusão retrospectiva do debate, feita já neste século XXI por Robert Frank, volta a marcar, nas entrelinhas, o ponto decisivo: a existência que só a identificação do interesse – do historiador ou de outras entidades – permite dosear as diferenças entre história e memória. Elas, em rigor, não existem em si

mesmas. E isto nem sempre se diz. É possível, portanto, na dita alusão, afirmar: ‘a história e a memória apropriam-se do passado, uma para o analisar, o desmontar, o desmistificar, torná-lo inteligível ao presente, a outra, pelo contrário, para o sacralizar, dar-lhe uma coerência mítica em relação a esse mesmo presente, para ajudar o indivíduo ou o grupo a viver ou a sobreviver. Crítica, a história tem como objectivo a procura da verdade; clínica ou totémica, a função da memória é a construção ou a reconstrução de uma identidade’ (Frank 2006: 194).

Assim, a incumbência de trazer ao de cima a memória histórica – ‘que não é a memória científica dos historiadores, mas a apropriação oficial e selectiva de lembranças históricas pelo grupo’ (Lavabre 1992 : 584) – coloca um conjunto de constrangimentos. Primeiro, o desejo de memória pode ser também uma forma de legitimação, recuperando os ‘lugares de memória’ ou esse *usable past* que serviu ao reforço das identidades e a criar certezas. Depois, a história oral, que maioritariamente se configura nos eixos académico, comunitário e empresarial, poderá assumir a última vertente. Nesta, prevê-se que uma empresa procure, normalmente em datas comemorativas, registar a sua trajectória a partir de testemunhos orais, estabelecendo um contrato para a concepção de um produto, normalmente um vídeo ou livro, no sentido de revalorizar o seu papel no mercado (Ferreira 1998: 19–30). Então, qual a autonomia do investigador sob contrato? O investigador usufrui, aqui, de uma ética profissional e de uma contínua proximidade às ‘normas académicas’ pelas quais a disciplina se rege. Enfim, cabe-lhe a decisão e a capacidade de manter a autonomia de trabalho. Por fim, importa ressaltar a dificuldade de se estar perante testemunhas vivas, homens e mulheres interventivos, com uma palavra a dizer. Existirá, então, uma *autoridade partilhada*? Não obstante as relações desiguais entre historiadores profissionais e participantes nos projectos de história oral, a situação ‘negocial’ acentua-se, pois os entrevistados podem fazer ou terem feito parte da instituição contratante.

Esta metodologia de recolha de informação constituirá uma forma privilegiada de aceder à compreensão dos tortuosos meandros dos processos decisórios, garantindo o levantamento e preservação das memórias (individuais) que, não estando documentadas, pelas condições de forte instabilidade do contexto político vivido, contribuirão para perceber aquilo que compõe a memória do movimento sindical e da sua luta pela organização e consolidação. A história oral permite que o historiador chegue às múltiplas experiências da classe trabalhadora, proporcionando uma história *do vivido* e da memória do colectivo. A título de exemplo, os testemunhos dos militantes sindicais do Norte do país demonstram uma clara especificidade local, muitas vezes negligenciada por uma historiografia baseada em fontes escritas, produzidas ao nível da cúpula organizacional, ou simplesmente por preconceitos inteiramente baseados nos mais elementares «lugares comuns», partilhados à direita e à esquerda. Em tom conclusivo e elucidativo, o estudo do movimento sindical no Norte, na década 70, é indispensável ao entendimento da Intersindical como um projecto de *reconhecida* dimensão nacional. Ampliando o âmbito cronológico do guião ao ano de 1982, marcado pelas greves gerais e pela morte de duas pessoas na violenta madrugada do 1.º de Maio, foi possível aferir o quão *moroso e difícil foi o processo de* consolidação da Intersindical no Norte¹, sendo este ano apontado pelos entrevistados como o momento

¹ Não seria essa a razão da autorização dada unicamente à UGT, pelo Governo Civil, para se manifestar na Praça Humberto Delgado, no Porto? Depois da greve geral de Fevereiro, combatida pela UGT, as provocações do Governo da AD contra a CGTP-IN aumentaram. Na intenção, falhada, de reduzir a ‘presença pública’ da CGTP-IN no 1.º de Maio, apostou num ‘suposto’ apoio da população portuense. Porém, a recusa da USP/CGTP-IN respeitar a proibição de aí se manifestar, como era habitual, levou a

da consagração de uma legitimidade histórica do movimento sindical, protagonizado pela CGTP-IN. Um sem fim de notas retiradas destas entrevistas mostra igualmente três relevantes características: a sua *especificidade*, da dificuldade de implantação à perseguição e violência no PREC (a exemplo, o assalto à União dos Sindicatos do Porto ou a sedes de sindicatos de Famalicão e Braga); a sua *heterogeneidade*, da relevância de sectores como o têxtil, onde a questão da desigualdade sexual é evidente e mote reivindicativo, ao importante contributo dos militantes católicos, garantindo um equilíbrio de posições; e uma condição *geográfica*, assinalada pela dificuldade de deslocação dos militantes aos centros de decisão...

Este é apenas mais um caso da história negligenciada das bases, uma *história do tempo presente* inadiável. Trata-se de uma primeira incursão, institucionalmente apoiada, para a compreensão da história do movimento sindical em Portugal e da origem da Intersindical, bem como da forma como esta organização protagonizou algumas das mais importantes lutas, entre 1970 e 1977, para a conquista dos direitos dos trabalhadores portugueses.

Referências

Barreto, José, 1991, *A formação das centrais sindicais e do sindicalismo contemporâneo em Portugal (1968-1990)*, Lisboa.

Briggs, Asa and Saville, John (eds.), 1969, *Essays in Labour History: in Memory of G. D. H. Cole, 25 September 1889–14 January 1959*, London.

Ferreira, Marieta de Moraes, 1998, 'Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil', *História Oral*, n.º 1, pp. 19–30.

Frank, Robert, 2006, 'La mémoire et l'histoire', IHTP (<http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php%3Farticle233&lang=fr.html>).

Lavabre, Marie-Claire, 1992, *Histoire, mémoire et politique: le cas du parti communiste français*, doctorat d'Etat en science politique, Paris.

Nora, Pierre (dir.), 1984, *Les lieux de mémoire. République*. Vol I. Paris, Gallimard.

Oliveira, Luísa Tiago, 2010, 'A história oral em Portugal', *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 63, pp. 139–156.

Portelli, Alessandro, 2006, 'What makes oral history different' in *The oral history reader*, eds. Robert Perks and Alistair Thomson, London, Routledge.

Scott, James C., 1990, *Domination and the Arts of Resistance – Hidden Transcripts*, New Haven and Londres, Yale University Press.

Thompson, E.P., 1966, *The making of the English working class*, New York, Vintage Books.

Thompson, Paul, 1998, 'The voice of the Past' in *The oral history reader*, eds. Robert Perks and Alistair Thomson, London, Routledge.

que, na noite anterior, o Corpo de Intervenção, a mando do Governo Civil e do Ministro da Administração Interna, reprimisse violentamente os presentes, provocando a morte de dois trabalhadores.

Rotterdam dockers, a vanguard of the Dutch working-class? Sjaak van der Velden¹

Since the early years of the Dutch labour movement dockers from Rotterdam have been on the front of many strike movements. The Rotterdam dock strike of 1889 ignited a period of intense class struggles in the Netherlands and despite the technical and sociological changes since the nineteenth century strikes in the port of Rotterdam are still feared by Dutch employers and politicians. When the government gave in to the labour unions' demands regarding the pension scheme in 2004, the strikes and demonstrations that forced her to do so once again started in Rotterdam. It is not unique for the Netherlands that dockers are more radical than other professions. This radical attitude has therefore been the subject of a number of well-known studies.

In this chapter I will elaborate the developments in the port of Rotterdam. First a short history of the port and its role in the Dutch economy is given. In the second part some strikes are mentioned to give an impression of the workers' attitude. Theories that try to explain this attitude follow in part three. Part four questions the future of the militancy of Rotterdam dockers.

The port of Rotterdam

General

Rotterdam is situated where the small river Rotte flows into the river Meuse. A dam in the river Rotte gave the small village the name Rotterdam. Because of its situation on a crossing of rivers Rotterdam is of strategic importance to the economy. As a result of the world-wide industrial revolution and especially the growth of the German economy, Rotterdam was able to boom as a transit port.

In 1810 the city counted 52,000 inhabitants; in 1850 this had grown to 90,000 and from then the increase accelerated to 418,000 in 1910. Fifty percent of the growth came from immigration from the Dutch countryside. Immigrants were pushed out of the countryside by the agrarian crisis and pulled into the city by the growth of the harbour. They were employed in the building of new docks and warehouses, and houses for the growing population.

The number of dockers grew at high speed. In 1850 Rotterdam had 3,000 dockers, 50 years later there were 13,000, a figure almost never exceeded in later years. The port of Rotterdam became the biggest of Europa in 1951 and the biggest of the world from 1964 to 2004. Then Shanghai took over.

¹ Sjaak van der Velden was born (1954) and raised in Rotterdam. During his study of social and economic history at Leiden University he switched to working in the construction business as a joiner/carpenter. After almost two decades he took up the study of history again and in 2000 defended his thesis about strikes in the Netherlands. Publications since 2000 include Sjaak van der Velden and Peter Doorn, The striking Netherlands: Time series analysis and models of socio-economic development and labour disputes, 1850-1995, *Historical Social Research* vol 26, no 1, 2001, 222-243; Strikes in global labor history: the Dutch case, *Review. A journal of the Fernand Braudel Center* vol XXVI, 4, fall 2003; Sjaak van der Velden, Heiner Dribbusch, Dave Lyddon, Kurt Vandaele (eds.), *Strikes around the World. Case studies of 15 countries 1968-2005*, Aksant, Amsterdam 2007; Statistics and the early Dutch labour movement (1870-1918), in: Jacques G.S.J. van Maarseveen, Paul M. Klep and Ida H. Stamhuis, *The statistical mind in modern society. The Netherlands 1850-1940*, volume I: official statistics, social progress and modern enterprise, Aksant: Amsterdam 2008, p. 313-333.

The handling of cargo didn't change much until the mid sixties when containerization started and changed the landscape of ports around the world. No longer was work on the docks mainly manual labour exercised in gangs of about 15 workers as it had been for almost a century.

Dockers and bosses

The growth of the port in the last half of the nineteenth century demanded mainly unskilled work. Pure weighting and lifting was required, as one boss said: 'I don't need workers with brains, just claws are required'. These lowly skilled workers were easily replaceable.

Only a third of the Rotterdam dockers around 1900 were hired on a regular basis; most workers were hired per task. They were not directly hired by the big trading companies but by middlemen, the stevedores. These were themselves often rooted in the working class, but started hiring colleagues on their own account.

The abundance of workers allowed stevedores to choose whom they wanted. In this supply situation wages remained low. Looking for a job in the construction business was an alternative for unemployed dockers. One of the demands the early labour unions posed was to put an end to casual labour and so make an end to the abundance of cheap labour. They wanted to close the labour market in order to stop the downward pressure on wages. The existing situation had more negative effects for workers. Because they were easily replaceable the bosses didn't feel any need to strive for better working conditions either. Many accidents occurred but the bosses didn't bother. After all, they could pick a new worker from the labour market each time a worker died or got injured.

This attitude of capital at the docks contrasts with the attitude capital showed in the fast modernizing industry. The new industries from 1880 were looking for better skilled workers and offered in return a contract, better wages and improved labour conditions. Employers on the docks and in transport in general were described by Dutch Marxist Henriette Roland-Holst in 1902. She stated that dock and trade capital was only interested in the muscles and nerves but not in the brains and knowledge of her workers (Roland-Holst 1902: 162-163). This attitude resulted in a firm stand against workers' ambitions and unions, openly resisting the labour movement.

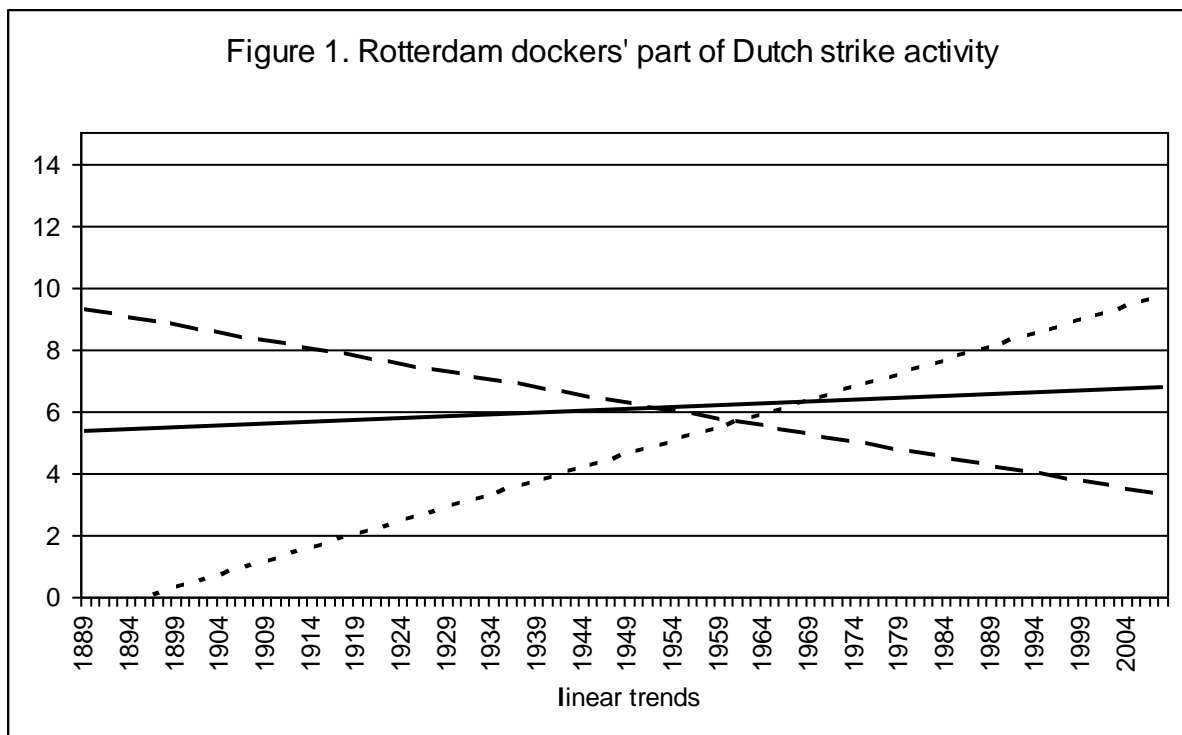
Most stevedores who handled general cargo were small business men but in the handling of bulk goods big companies operated from the end of the nineteenth century. Both kinds of employers may have differed in size but their attitude was similar. Only when in need of better skilled workers or workers at all, employers were willing to pay higher wages, decasualize labour or invest in the skills of dockers. Depending on the situation on the labour market employers could change from a harsh stand to 'social entrepreneurship'. Otherwise the workers and their unions had to fight for improvement.

After World War II the port of Rotterdam was rebuilt after the massive destructions by the Nazis. During this rebuilding port employers had to compete with other trades because workers looked for work elsewhere. Stevedores were not allowed to attract workers by paying higher wages because the Dutch government stuck to a strict wage policy. Low wages and the low esteem of dock labour pushed workers out of the docks. Now employers felt forced to start a school for young men to learn working on the docks. Employers also initiated other improvements that had been a normal feature of labour relations in most of the industrial companies since about sixty years. Health care, a library, a social department and a works' council are the most prominent signs of the changed attitude after 1945.

Dock labour however remained work with low esteem and as long as other jobs were available, not enough young workers wanted to work on the docks. Employers of the ports of Amsterdam and Rotterdam wanted to investigate why workers didn't want to work on the docks and what could be done to change this negative attitude. They therefore paid for a big research project in the early 1960s supported by the labour unions. After the publication of the report and before the employers were able to change conditions a number of big strikes swept the docks. Before describing the following years I will turn to the strike history of the port of Rotterdam.

Highlights of the Rotterdam dock's strike history

Inspired by the London dock strike in 1889 Rotterdam dockers struck on a massive scale. The 8,000 wildcat strikers triumphed because the employers were surprised by the fact that their workers started a struggle. They used to regard and treat their workers as docile but from now on knew better. The strike was the start of a newly established union and an ongoing show of force by the Rotterdam dockers. In the years between 1889 and 2008 462 strikes occurred or 3 percent of all strikes in the Netherlands. In 1890 the number of dockers in Rotterdam was around 1.3 percent of all Dutch workers; in 2008 this percentage had diminished to 0.2 percent. This means that they struck more often than might be expected from their numbers.



— — — — = Strikers _____ = Strike days = Number of strikes

Figure 1 shows the trends of three strike indicators of Rotterdam dockers as a percentage of the all-Dutch strike indicators from 1889 to 2008. The line for the frequency (small dots) confirms that the number of strikes by Rotterdam dockers as a

part of all strikes in the Netherlands grew considerably during the twentieth century. Because the Dutch working class or the number of employees grew from roughly 1 million to more than 6 million people it was inevitable that the dockers' part of all strikers diminished. Although the number of dockers relatively diminished the dock part of the all-Dutch strike days grew. To conclude: Rotterdam dockers' militancy grew.

After the strike of 1889 a number of strikes occurred in the period preceding the First World War. Dockers tried to stop the implementation of new labour saving techniques like the grain elevators (in 1905 and 1907, eventually lost) and the ore crane in 1896. In 1917 an almost general strike was aimed at enforcing a labour pool. The strikers were successful but when they wanted to extend the membership of the pool it was diminished instead. Nevertheless this strike was the beginning of decasualization in Rotterdam.

During WW I more than 50 strikes occurred which is in line with the international strike wave of those years. Immediately after the war the working class still won strikes but the state and employers soon tried to annul the improvements. They were no longer afraid of revolutionary movements: wage cuts and longer working hours were now on their agenda. Workers fought back, like the 17,000 dock workers from Amsterdam and Rotterdam who under the leadership of the unions demanded higher wages and shortened working hours in 1920. After 71 days they were defeated. Capital was strong again, the momentum of the after war winning mood of the working class was over. A strike in 1924 against a wage cut by more than 7,000 dockers in Rotterdam was completely lost in five days. This time the unions refused any support for the strike. The workers remained silent from now on. Only a limited number of small strikes took place until the next World War.

After WW II a repetition of the labour unrest of the post WWI period was eminent. From 1945 to 1950 alone 45 dock strikes occurred. They got no union support because the big unions tried to gain recognition from employers and the government. Because of this recognition unions were allowed to participate in some advisory boards and negotiate in a tripartite council. In exchange the unions refrained from striking. This attitude caused a left-wing, radical union (Eenheid Vak Centrale, EVC, Unity Union) to emerge but this union soon lost members because it lacked recognition and as a protest against the influence of the communist party on the union's policy. As a result of the institutionalization of labour relations all strikes were officially wildcat strikes in those years, but the influence of the unrecognised union EVC is clear.

Between the liberation of the Netherlands and 1950 45 dock strikes took place. These were aimed at material improvements like better shoes in a time of economic hardship. The dockers were not only fighting for their own cause though. A number of solidarity strikes deserve to be mentioned like the strike of March 1946 when dockers refused to unload oranges from fascist Spain. In that year they also struck in solidarity with striking seamen from April to July.

The 1950s only show a limited number of dock strikes (21 total). But a general strike broke out in 1955 when dockers demanded a wage raise. Again without union support and only supported by the now decimated EVC and an independent left-wing break off from the EVC. The strike was lost.

The Dutch government still kept wages low. A strike wave mainly by metalworkers and construction workers during the beginning of the 1960's gave a blow to this policy and after 1963 it was abandoned. Wage development became free, but the state could still interfere.

In 1963 the before mentioned report about dock labour was published (Ter Hoeven

1963) which made it clear that only better working conditions could stop workers from pressing for higher wages or trying to find a job elsewhere. An interesting result of the enquiries by Ter Hoeven is that the strike was no longer a popular means of getting ones will (Ter Hoeven 1963: 240). He wrote this after a few years with low strike frequency but he was misled.

This is what really happened. Because labour became so expensive employers were looking for cheaper working methods. Shipping companies enlisted cheap workers from Asia, the container (a metal box designed to transport goods) became very popular and stevedores looked for cheap labour from the Dutch country side. The first mass lay-off in Rotterdam occurred as early as 1967. While the stevedore companies merged one after another to cope with rising costs, the workers felt unhappy with the new development. In 1970 a big strike broke out in Rotterdam. First on the shipyards followed a few weeks later by the dockers. On August 28 the strike begun and within a few hours more than 16,000 dockers were on strike. It was a spontaneous explosion of discontent and anger. The unions reacted swiftly by supporting the strike but when they reached an agreement with the employers a few days later, the dockers didn't follow. The strike continued and a demonstration of 10,000 dockers went to the unions' headquarters to bury the union symbolically.

Political groups including the communist party tried to get a grip on the strikers. Apart from a small group of Maoists they were not successful. On September 15 most workers resumed work. The strike was lost: the workers only got a little concession from the employers (an amount of 400 guilders). This concession was the start of many strikes all over the country to get the same amount of money, the 400 guilder strike wave.

The mid-seventies saw a number of union-led general strikes in which dockers played an important role. The decade ended with a strike wave in which the Rotterdam dock again played an important role.

1979 is the year with the highest number of strike days on the docks since 1946. At the end of August 13,000 dockers went on strike for higher wages and in solidarity with the striking towmen. Both strikes were wildcat because the unions already signed agreements with the employers. The dock strike was unique because it was managed by a joint committee of all leftwing groups active on the docks. What became clear during this strike was the division between dockers in the general cargo and the container sector; both had different demands. Container workers differed from their colleagues not only in type of work but also in education and wage level. The days of an undivided working class started in 1965 with de-casualisation were already over.

This new division was one of the causes of defeat. After three weeks the strikers went back to work. In other companies in the Netherlands workers also went on strike, but most of these strikes were lost too. It was the end of the offensive period of the working class that started in the mid sixties. A period of wage cuts and government cutbacks threatened working class life.

The eighties and nineties saw a number of strikes against the results of reorganisations such as layoffs and wage cuts. Between 1976 and 2001 no year passed without a dock strike by either mass cargo workers, container workers or general cargo workers. The days of general dock strikes seemed over but all three groups proved to be strike prone.

Despite all changes in the type of work or the kind of people working on the docks there is one general characteristic. Dockers have always been more strike prone than most other workers. This has been the case regardless of the influence of union

membership. If union density is low as it was before 1940 or high as has been the case since 1945 doesn't matter. Dockers are always strike prone.

Isolated mass and other explanations

Clark Kerr and Abraham Siegel (Kerr and Siegel 1954) investigated the propensity to strike of a number of professions. They compared the propensity in eleven countries including the Netherlands during the period 1915-1939. They concluded that workers in the mines, seamen and dockers were the most willing to strike. The explanation for this behaviour is found in the character of the working and living conditions of these three groups of workers. They are coined an isolated mass; workers who don't have much contact with the rest of society and do unpleasant work. Although their statement was heavily criticised (Edwards 1977) it is repeatedly quoted since.

My own research on strikes in the Netherlands (Van der Velden 2000) also showed that dock strikes form a disproportional part of total strike activity. These conclusions are abbreviated in figure 1 and confirm the conclusion by Kerr and Siegel.

The interesting question is whether we can also confirm their explanation for this behaviour. Are Rotterdam dockers an isolated mass doing unpleasant work? One of the critiques by Edwards was the hard to operationalise notion of unpleasant work. From the point of view of an intellectual dock work may seem unpleasant, but not everyone finds manual labour unpleasant. Even heavy lifting is not unpleasant per se. In the 1963 study by Ter Hoeven he asked for the labour satisfaction of the dockers (Ter Hoeven 1963: 157-209). Only a minor group varying from 1 to 12 percent was negative about the work but most workers were positive about the character of the work and the earned wages. Dutch dockers seemed not to dislike their work. Of course the Ter Hoeven research is only a moment in time but there is no reason to suggest that dockers themselves were significantly more or less satisfied with their work in other periods between 1900 and now.

Is the second part of the Kerr-Siegel explanation for a high strike propensity valid for the port of Rotterdam? Were dockers an isolated mass? As a part of the working class dockers were surely isolated from the better off strata of society. Within the Rotterdam working class however they were not a separated group. In Rotterdam there existed no special neighbourhoods where only dockers lived. They lived among other manual labourers in the poorer parts of the city. Around 1880 they lived in the old city that became more and more crowded in the years of rapid economic expansion. The migrants from the country side settled in new quarters. But they also mixed with other workers.

They even often changed profession from the docks to the building industry because both industries were in need of good bearers. As long as dock work remained casual this interchangeability with other trades remained manifest, but in 1965 de-casualization ended this. These were also the years when workers started leaving the city and looked for homes in suburbia.

To sum up, the Kerr-Siegel hypothesis is not valid for the dockers of Rotterdam. They regarded their work not as unpleasant and they were not separated from the broader working class; they were not an isolated mass doing unpleasant work. Still, they were very militant so we have to look for other explanations.

In 1969 Raymond Miller tried to elaborate the strike proneness of dockers (Miller 1969). In his opinion dock workers have a subculture which makes them suspicious and hostile to the surrounding society. This attitude was according to Miller the result of the

characteristics of dock labour. Work on the docks is irregular, heavy, and dangerous. Employment is casual which gives little opportunity for upward mobility and forces workers to live close to the docks. Dockers work in close contact with foreign sailors, ideas and goods but suffer nonetheless from a low self-esteem. These characteristics resulted in a subculture of solidarity, closed attitude, militant unionism, charismatic leaders, a free spirit, and conservatism towards technological changes.

Millers view is also difficult to measure but a few researchers have tried to do this for the Dutch situation (Gaastra 1975; Boomgaard 1977; Nijhof 1988; Smit 1994). The results of their researches differed because they studied different time periods. The only constant factor was the high strike proneness of dockers. It therefore seems that this proneness must come from something else than some imminent characteristic of dock labour.

Smit (1994) concluded that small groups of radicals or even radical individuals play an important role in the beginning of strikes. Such influence by minority indeed seems to have played a role in many strikes to date. The question remains why the majority follows suit, after all radical nuclei also exist elsewhere.

The one characteristic of dock labour that transcends time and place is the importance of ports for the general economy. During many strikes the state reacted with intense propaganda against the strikers or even police force to show how important it regards cargo handling. Dock strikes hurt more than the companies where workers are on strike. They are a menace to the entire ruling class.

Will dockers' militancy disappear?

Despite the big changes that took place in the work of dockers they remained a strike prone part of the working class. A century ago they used to do hard labour, have no contract and live in the old city quarters. Nowadays this has all changed but dockers are still in the front of strike movements. The 2004 movement against proposed changes in the pension schemes started with a big demonstration of 65,000 people in the centre of Rotterdam. This demonstration was initiated by unionized dockers and only after the march of so many people the national union leaders got convinced that they could rely on massive support. Only after this event the unions started a campaign that led to a demonstration by 300,000 men and women in Amsterdam and a number of strikes.

In 2005 the dockers of Rotterdam and Amsterdam joined a European action against Port Package, a scheme by the European Commission to stop the protection of dock labour. After months of strikes and demonstrations the dockers won and Port Package was abandoned. An impressive sign of the militancy of dockers.

The old explanations by Kerr and Siegel, and Miller for this militant attitude by dockers have lost their possible validity. Modern Dutch dockers earn a good living, they don't live in old city quarters in bad houses and even their work has changed considerably as a result of the containerisation. It is surprising to read Nijhof (2000: 424) who stated that the militant and rebellious docker had during the mid sixties 'become an anomaly of the past, now that decasualisation dominated all labour relations, inside and outside the port'. When he wrote this he must have known of the strikes of 1970, 1979, and the 1980's.

Of course we cannot predict whether the militant and rebellious docker will soon disappear or will remain for the decades or centuries to come. We do know however that he stayed on the front of the Dutch class struggle despite all the changes that happened. It seems likely that this has to do with the place docks have in the overall

economy and which is also the reason why the state often interferes during strikes, either by force or by promoting negotiations. When the docks come to a standstill the whole economy suffers. This economic position gives dockers a strong bargaining position that can be exploited during strikes and it seems likely that this will last as long as cargo cannot be shipped electronically. The dockers of Rotterdam (and Amsterdam) will probably remain at the vanguard of the Dutch working class.

References

Boomgaard, P. 1977, De havenstaking van 1946 in Amsterdam en Rotterdam. Confrontatie met conflict- en stakingstheorieën, *Economische en Sociaal Historisch Jaarboek* vol. XL: 242-312

Edwards, P.K. 1977, A critique of the Kerr-Siegel hypothesis of strikes and the isolated mass: a study of the falsification of sociological knowledge, *The sociological review*, vol. 25: 551-574

Gaastra, F.S. 1975, Werknemers en werkgevers in de Rotterdamse haven 1900-1920, *Tijdschrift voor Sociale Geschiedenis* vol. 1, no. 2: 219-238

Kerr, Clark and Abraham Siegel 1954, 'The interindustry propensity to strike – an international comparison' in Arthur Kornhauser (ed), *Industrial Conflict*, New York: 190-212

Miller, Raymond 1969, The dockworker subculture and some problems in cross-cultural and cross-time generalizations, *Comparative Studies in Society and History*, vol. XI, no. 3: 302-314

Nijhof, Erik 1988, 'Gezien de dreigende onrust....'De ontwikkeling van de arbeidsverhoudingen in de Rotterdamse haven 1945-1965, Amsterdam

Nijhof, Erik 2000, Undeserving casualties: Rotterdam dockers and their unions, 1880-1965, in Sam Davies *et al.* (ed), *Dock workers. International explorations in comparative labour history, 1790-1970*, Aldershot: Ashgate: 405-424

Roland-Holst, Henriette 1902, *Kapitaal en Arbeid in Nederland. Bijdrage tot de economische geschiedenis van de 19^e eeuw*, Amsterdam

Smit, Evert 1994, 'Havenartiesten' in actie. Het mobilisatieproces bij wilde stakingen in de Rotterdamse haven, *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift*, vol. 21, no. 3: 62-63

Ter Hoeven, P.J.A. 1963, *Havenarbeiders van Amsterdam en Rotterdam. Sociologische analyse van een arbeidsmarkt*, Leiden: Stenfert Kroese

Van der Velden, Sjaak 2000, *Stakingen in Nederland. Arbeidersstrijd 1830-1995*, Amsterdam: Stichting Beheer IISG

Van der Velden, Sjaak 2005, *Kranen over de wal. De grote Rotterdamse metaal- en havenstaking van 1970*, Amsterdam: Aksant

www.iisg.nl/stakingen/

“Temos Fome, Temos Fome”: resistência operária feminina em Almada durante o Estado Novo. *Sónia Sofia Ferreira*

No presente artigo pretende-se analisar um conjunto de acções de resistência formais, nomeadamente greves e protestos colectivos, levados a cabo por um conjunto de operárias da denominada Margem Sul do Tejo, mais especificamente do concelho de Almada, no período das greves e marchas da fome da Segunda Guerra Mundial e das acções de protesto contra o regime do Estado Novo no culminar deste mesmo conflito mundial.

Os dois momentos de contestação analisados constituem acontecimentos de excepção, de ruptura quotidiana a partir das lógicas de entendimento da sociedade em análise, não só do grupo perpetrador da acção mas igualmente por parte do regime vigente, como é observável na imprensa da época, fortemente controlada pelo Estado, e nos espólios arquivísticos¹. Estas revoltas constituíram momentos charneira para a comunidade resistente, constituintes temporais de um antes e um depois que edifica uma nova temporalidade e assinala um marco memorabilístico de relevo: as greves do Verão de 1943, porque consideradas as mais importantes e com maior impacto até à época na comunidade operária, principalmente pela sua forte adesão e capacidade de afronta ao poder instituído; e as manifestações do final da guerra como a marcação de uma temporalidade conjunturalmente maior que extravasa o meio operário, agregando outros grupos num movimento social mais abrangente e polifónico.

Analisar-se-ão para o contexto referido fontes de imprensa e depoimentos orais sobre as acções e memórias de um grupo de operárias residentes no concelho de Almada, numa zona reconhecida em termos sócio-históricos como de grande concentração de operariado, num período em que a indústria corticeira, essencialmente de mão-de-obra feminina, se encontrava no seu apogeu. Alguns dos depoimentos analisados incluem também a indústria conserveira e a de manufactura de redes de pesca que, apesar de incipientes, integravam também maioritariamente mão-de-obra feminina. A indústria corticeira é, contudo, a que detém maior visibilidade, já que constituía um dos mais importantes sectores industriais², apenas suplantado posteriormente pela indústria naval. Muitas mulheres provenientes em primeira ou segunda geração de zonas rurais, que integram um movimento mais vasto de migração, têm pela primeira vez uma experiência de proletarização no seio destas indústrias, constituindo uma bolsa relevante de mão-de-obra pouco especializada.

A utilização de depoimentos orais prende-se com a convicção de que procurar a memória destas lutas e destes quotidianos constitui um facto incontornável para um conhecimento mais plural do passado, pois tal como afirmam Fentress e Wickham, “uma memória nacional de oposição com uma base de classe mais evidente é a que em cada país é originada pelo movimento operário (...) como ponto de referência alternativo à memória social da burguesia”, porque “essas memórias têm diferentes pontos focais” e só procurando registos mais diversificados poderemos “analisar uma cultura nacional e uma memória histórica diferentes das burguesas”³.

¹ Nomeadamente os espólios do Ministério do Interior e da PIDE-DGS, ambos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, assim como o Arquivo Histórico-Militar.

² O operariado da cortiça tem desde finais do século XIX uma notoriedade marcante, aliada em grande parte à sua forte tendência anarco-sindicalista.

³ Fentress, J. e Wickham, C. 1992, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, pp. 165-166.

No que concerne às mulheres operárias, esta ocupam no seio do regime em análise um papel duplamente subalterno, de género e de classe, num ambiente social e político onde o Estado estruturou desde cedo um plano ideológico sobre a mulher e a família que se estendeu do Estatuto do Trabalho Nacional às organizações femininas a si afectas. Natureza e família surgem como as bases de um paradigma político que organiza simbólica, ideológica e institucionalmente o lugar das mulheres e dos homens no seio do Estado, constituindo por isso a identidade sexual um eixo organizador da sua política. A par de outros regimes totalitários europeus, o Estado Novo construiu uma ideologia social percorrida pela segregação sexista que, propagada pelos mecanismos de socialização, constituiu uma das bases fundamentais de legitimação da ordem social e política.

Relativamente ao universo laboral, o trabalho da mulher fora de casa é de forma geral formalmente desaconselhado, apesar de o regime nunca ter chegado a implementar o salário familiar tão caro aos movimentos católicos. Assim, apesar do *slogan* promovido na década de 40, “A Mulher para o Lar”, essa situação nunca se concretizou de forma hegemónica, e entre a década de 30 e os anos 50 a população activa feminina sobe de 48% para 54%. Simultaneamente, o número de operárias, que ganham metade do salário dos homens, aumenta consideravelmente, ultrapassando 1/3 da força de trabalho fabril¹.

Esta política de propaganda que apela ao “retorno da mulher ao lar” tem também objectivos de carácter económico e natalista, tais como reduzir a taxa de mortalidade infantil e manter a da natalidade alta, assim como desencorajar a contratação da mão-de-obra feminina que sendo mais barata era mais apetecível mas contribuía directamente para o aumento do desemprego masculino. Nesse sentido, Pimentel aponta ainda o “evitar que os salários baixassem além de um certo limiar, gerador de miséria e de revolta”². No entanto, independentemente dos esforços do regime, esta força de trabalho barata continuou a ser apetecível e necessária, já que as mulheres precisavam de “‘complementar’ o insuficiente salário do ‘chefe’” (Ibidem). Um traço interessante deste discurso prende-se igualmente com a forma como este se apresenta, pois como tão perspicazmente referem Neves e Calado, “a segregação das mulheres do espaço público, a sua guetização no espaço doméstico não se revela como o resultado de uma minoridade, mas sim como privilégio. O *slogan* ‘a mulher para o lar’, lançado pelo regime nos anos 40, pretende representar não uma condenação, mas uma libertação”³. O espaço doméstico constituía para o regime, devido à sua crucialidade no processo de socialização, o espaço por excelência de (re)produção do simbólico e portanto da ideologia do Estado.

O modelo promovido para a mulher respondia assim a funções políticas, sociais e económicas inseparáveis do modelo promovido para a própria sociedade. E nesse sentido, a par da legislação produzida e adaptada para responder a este fim, o Estado Novo promoveu a criação de organizações femininas⁴, ideológica e organicamente

¹ Irene Pimentel, “O Estado Novo e a Assistência às Mulheres: a “Obra das Mães» e as famílias numerosas”, *História*, 18, Ano XVIII (Nova Série), 1996, pp. 19-20.

² Irene Pimentel, “Cem Anos de Vida das Mulheres em Portugal”, *História*, 34, Ano XXIII (III série), 2001, p. 16.

³ H. Neves e M. Calado, *O Estado Novo e as Mulheres. O género como investimento ideológico e de mobilização*, Lisboa, Museu República e Resistência, 2001, p. 24.

⁴ Estas organizações oficiais de mulheres e jovens são criadas na dependência do Ministério da Educação Nacional, a OMEN (Obra das Mães para a Educação Nacional) em 1936 e a MPF (Mocidade Portuguesa Feminina) em 1937. Ver: Irene Pimentel, *História das Organizações Femininas no Estado Novo*, Lisboa,

ligadas a si, com o intuito de completar a ideologia integradora e de preparação da função social das mulheres no regime. Nos meios operários, principalmente a Sul do país, o impacto destas organizações foi reduzido, apesar da propagandeada preocupação com as classes mais desfavorecidas que a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), por exemplo, assumia, actuando na área do controlo da natalidade, dos cuidados pré-natais e da educação infantil. Também a ACP (Acção Católica em Portugal) procurou ir ao encontro destas premissas, tendo organizado associações especializadas que forneceram à Igreja uma elite juvenil feminina, “concebida como instrumento da ‘recristianização da sociedade portuguesa’”, que se preocupou em particular com o meio operário, com o intuito de o afastar das ideias socialistas e levar as mulheres a trocar a fábrica pelo lar¹. O grau de penetração destas organizações não foi além dos índices de geografia religiosa que o país já apresentava, tendo sido por isso mais forte a sua acção no Norte e Centro do que no Sul². Como referem Neves e Calado, nos anos que permeiam o período da Segunda Guerra podemos ver como os desempenhos públicos femininos se afastam mesmo do modelo promovido por estas organizações. As mulheres que se organizam em protestos durante o período da guerra, “ondeando o grito, às vezes com bandeiras negras, pertencem, na maior parte ao universo que as organizações femininas do regime pretendem como seu, alvo do esforço formativo nacionalista. As mulheres que, entre 1939 e 1945, começam a encher mais e mais o país, com a exigência de ‘Queremos pão e géneros’, são mulheres que não sabem de ‘teorias dissolventes’, de ‘heresias’ comunistas. São mulheres que, privadas do pouco da ‘agradável penúria’ que o regime lhes recomendava como virtude, clamam por pão e géneros (...)”³.

Em Almada, a concentração de mão-de-obra feminina é bastante elevada, não só, como se referiu, no âmbito da indústria corticeira, mas igualmente – apesar de com menor expressão numérica – nas conservas, na preparação de redes de pesca, nos armazéns de vinho e azeite, na moagem, assim como fora do sector fabril um conjunto considerável de mulheres eram lavadeiras, aguadeiras e costureiras, algumas acumulando mais do que uma actividade laboral, diária ou sazonal. Este pluriemprego pode ser encontrado dentro do mesmo sector profissional, como na cortiça, onde se podia laborar diariamente numa das grandes fábricas e fazer serões nos diversos fabricos sedeados na zona da Cova da Piedade, ou laborar numa fábrica de cortiça e lavar roupa à hora do almoço e ainda, sazonalmente, fazer serões a descabeçar peixe na fábrica de conservas.

Por se constituir como um conjunto de mão-de-obra proletária expressiva as mulheres não estiveram ausentes dos momentos de greve, confronto e reivindicação que ocorreram no concelho no período da Segunda Guerra Mundial e que constituem marcos memorabilísticos ainda bastante presentes.

Círculo de Leitores, 2000. Exclusivamente para a MPF, Irene Pimentel, *Mocidade Portuguesa Feminina*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007.

¹ Irene Pimentel, “O Estado Novo e a Assistência às Mulheres: a “Obra das Mães» e as famílias numerosas”, *História*, 18, Ano XVIII (Nova Série) 1996, p. 11.

² A. Cova e António Costa Pinto, “O Salazarismo e as Mulheres”, *Penélope*, n.º 17, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 85-86.

³ H. Neves e M. Calado, *O Estado Novo e as Mulheres. O género como investimento ideológico e de mobilização*, Lisboa, Museu República e Resistência, 2001, p. 96.

As greves dos anos 40

Durante os anos quarenta, nomeadamente durante a sua primeira metade, um surto de movimentos grevistas e de contestação vai deflagrar por todo o país, provocando grande agitação nos meios operários. Estes movimentos variam na sua distribuição e incidência, no entanto podem distinguir-se três momentos de maior relevo no âmbito das paralisações operárias: as greves de Outubro/Novembro de 1942, as de Julho/Agosto de 1943 e, por fim, as de Maio de 1944. Destes três momentos, o mais importante em termos de impacto na Margem Sul é sem dúvida o de 1943, quando a 26 de Julho os operários e as operárias das principais fábricas de cortiça de Almada baixam os seus braços para dar início à maior greve geral de sempre contra o regime salazarista.

Em 1943 o país atinge o auge da insatisfação social, não só devido à legislação já promulgada sobre o Abono de Família e as horas extraordinárias, mas igualmente porque o acesso aos bens essenciais se revelava cada vez mais difícil, alastrando a fome por todo o território. O Governo, por esta altura, ainda não implementara o sistema de racionamento, o que condicionaria ainda mais fortemente o acesso das famílias pobres e sem recursos aos géneros disponíveis no mercado, tanto nos circuitos formais como informais. A revolta está, contudo, latente e a agitação cresce de dia para dia, principalmente nos locais de abastecimento, onde frequentemente a polícia tem de intervir.

O jornal *O Século* refere pela primeira vez as “perturbações no trabalho” de 1943 na sua edição de 29 de Julho, embora situe cronologicamente o seu início dois dias antes, ou seja, a 27 de Julho. As três notícias que surgem na primeira página dão informações gerais sobre o sucedido, situando primeiro a paralisação em “algumas fábricas do Barreiro e arredores” e depois enumerando as diversas medidas estatais conducentes à restituição da ordem pública e ao castigo dos agitadores.

Sobre Almada, a 29 de Julho, o jornal *O Século* descreve a situação de paralisação – “num total de cinco mil pessoas” – mencionando os nomes de algumas fábricas em greve e destacando como “muitas mulheres protestavam. Grupos houve que apedrejaram estabelecimentos, partindo vidros, e assaltavam o Grémio de Comerciantes. Outros misturavam com os seus gritos de protesto palavras de incitamento a operários da construção civil ainda a trabalhar, que aderissem aos seus colegas”. Relata igualmente esta publicação como as referidas mulheres tentaram paralisar “o ordeiro operariado do Arsenal do Alfeite”, atitude que fracassou.

Perante a desordem instalada, é reforçado o controlo policial. No entanto, destaca a publicação como “apesar de tudo, as mulheres aproveitavam todos os momentos para se manifestarem, percorrendo as ruas. Se viam outras às janelas, incitavam-nas a que saíssem e se lhes reunissem. (...) As manifestantes apedrejaram então a polícia, que teve de dispersá-las à coronhada. Dois guardas e algumas mulheres ficaram feridas”. Perante os incidentes encerra-se o comércio e procede-se a novo reforço policial que inclui, para além da PSP, um esquadrão de cavalaria da GNR, aquartelado em Braço de Prata, entrando igualmente em prevenção o Destacamento Misto do Forte de Almada, a Guarda Fiscal e os Bombeiros Voluntários de Cacilhas e de Almada.

Esta publicação assinala igualmente que “foram presas numerosas mulheres que deram entrada nos quartéis da GNR, na esquadra da Polícia e no posto da Guarda Fiscal”. Alguns dias mais tarde, a 4 de Agosto, numa pequena notícia de segunda página sobre as greves, é anunciado pela mesma publicação que “foram postas em liberdade e regressaram a Cacilhas trinta e quatro mulheres, que tinham sido presas naquela povoação, em Almada e na Cova da Piedade”.

No *Diário de Notícias* encontramos uma abordagem menos descritiva dos

acontecimentos, nomeadamente do papel desempenhado pelas mulheres. No total das notícias publicadas no dia 29, as referências feitas às mulheres são apenas duas, uma logo no início, em que aparecem enunciadas juntamente com os homens: “(...) grupos de homens e mulheres tentaram alterar a ordem (...)”. E uma segunda, onde de facto se descrevem resumidamente alguns dos seus comportamentos mais “violentos”.

Na imprensa clandestina, nomeadamente no jornal *Avante!*, desde 1942, e respectivamente das greves de Outubro/Novembro, que esta publicação incita continuamente às paralisações e à greve como forma de reivindicação de melhores salários e condições de vida. Em 1943, nos últimos dias de Julho¹, um manifesto do Secretariado do Comité Central do PCP destaca o papel das mulheres no movimento, sublinhando as acções das mulheres de Almada: “As heróicas mulheres de Almada, numa manifestação de 2500 pessoas conseguiram a paralisação total da indústria e do comércio e exigiram que fossem postos à disposição do povo os géneros de que necessitavam. Valentes mulheres! Organizai marchas da fome, levai cartazes onde se leia: ‘Temos fome!’, ‘Queremos géneros!’. Desfraldai as bandeiras negras, as bandeiras da fome. Assaltai todos os lugares onde estejam os géneros açambarcados. Ide buscar os géneros onde os houver”².

A subsistência, através da obtenção de géneros que não eram disponibilizados ou que eram açambarcados por comerciantes menos honestos, pauta de forma hegemónica os discursos da época e constitui o mote mais visível das reivindicações, sendo as mulheres as vozes mais claramente identificadas com esta demanda.

Em Agosto, o *Avante!* (n.º 38, 2.ª quinzena), descreve também pormenorizadamente a repressão em Almada, destacando em primeiro lugar a pretensão das forças policiais de encerrarem a fábrica William Rankin & Sons, descrevendo de seguida a manifestação organizada pelos operários e operárias da mesma que, dirigindo-se à administração do concelho, reclamam por géneros. Segundo o jornal, esta manifestação ganha nesse momento grande fulgor, destacando-se o papel das mulheres: “A manifestação converte-se numa possante marcha da fome de 2500 pessoas, sobre a qual flutuam duas grandes bandeiras negras (as bandeiras da fome). O administrador envia ao encontro das mulheres uma força da GNR, mas os guardas negam-se a executar as ordens de espancar as valentes mulheres. É então que o tenente Manulito bate nos próprios guardas para os obrigar a bater nas mulheres. Ele próprio espanca a torto e a direito, ferindo gravemente uma velhinha. Os bombeiros voluntários de Almada e Cacilhas, numa digna atitude, negam-se a fazer uso das agulhetas para dispersar os trabalhadores. Esta manifestação arrasta para a greve toda a indústria de Almada e obriga o comércio a fechar.”

O jornal destaca assim tanto o papel, considerado extraordinário, das mulheres operárias como a própria ambivalência das forças repressivas. Por outro lado, quando chegam reforços, ou seja, forças policiais exteriores ao concelho, as mulheres destacam-se igualmente enquanto defensoras da comunidade, ao dificultarem a detenção dos grevistas: “Quando chegam camionetas da polícia, dezenas de mulheres, julgando que a polícia vai prender os seus companheiros, deitam-se na estrada, num gesto heróico, não deixando assim passar as forças. A um delegado do governo que procurava convencer os trabalhadores a regressarem ao trabalho uma heróica mulher operária expõe em alta voz, diante de centenas de operários, as reivindicações dos trabalhadores”. Ao terceiro

¹A greve começa em Almada no dia 26 de Julho, alastrando dia 27 para o Barreiro e Lisboa, e começa a declinar por volta dos dias 30, 31, embora não seja fácil estabelecer com rigor a data da sua extinção.

² Manifesto do Secretariado do Comité Central do PCP intitulado “Em greve e unidos a vitória será nossa”, de 29 de Julho de 1943.

dia, são descritos ainda 50 000 operários em greve, anunciando-se igualmente “novas marchas da fome” e ainda como as “mulheres obrigam novamente o comércio a fechar”.

Com maior ou menor intensidade na apresentação e descrição dos factos, encontram-se, tanto na imprensa legal como na clandestina, pontos de convergência sobre os acontecimentos do Verão de 1943. Não parecem restar dúvidas de que na Margem Sul, nomeadamente no Barreiro e em Almada, a greve teve uma adesão sem precedentes. Sobre o papel desempenhado pelas mulheres no desenrolar dos acontecimentos, principalmente operárias mas não só, as descrições são unânimes: elas saem à rua aos milhares para reclamar, encabeçam marchas de protesto, confrontam-se com a polícia e são reprimidas violentamente.

Na memória local destas greves destacam-se essencialmente a falta de géneros, as marchas da fome, a repressão policial e os despedimentos. No que diz respeito à falta de géneros, as referências às bichas, ao mercado negro e ao açambarcamento são tema recorrente nos discursos das mulheres, tanto no papel de vítimas do sistema como de agentes subversores do mesmo. As referências ao período da guerra são sempre acompanhadas por esta memória da carência de géneros que condicionou radicalmente a gestão quotidiana das famílias durante esses anos. As marchas da fome, talvez por serem dos momentos mais épicos de desafio frontal ao poder, são amplamente evocadas e descritas com emoção. Destacam-se nos discursos a apropriação do espaço público, com a ocupação da rua através de marchas de protesto, a adesão que a iniciativa tem junto da população não operária e acima de tudo a exposição pública de um discurso que, através da enunciação de determinadas palavras de ordem, coloca explicitamente em causa o regime. Demonstra-se igualmente um conhecimento da simbologia associada aos ícones que são utilizados como forma de expressão, principalmente as bandeiras pretas descritas como sinal de fome. Como recorda uma operária: “Íamos com um casaco que a gente pendurou lá. Uma qualquer deu o casaco e a gente em vez da bandeira pendurou-se o casaco. (...) foi uma coisa muito grande. Pessoas que estavam na rua e que estavam em casa vieram, veio tudo na marcha à flambó. (...) aquilo não se gritava mais porque os pulmões não davam para mais: ‘Temos fome, temos fome’. Depois veio de lá a Guarda Republicana, até Cacilhas bateu-se com os calcanhares no cu, por aquela rua das Terras [Rua Carvalho Freirinha].”

Na imprensa legal e estatalmente controlada as acções das mulheres, principalmente das mulheres operárias, são descritas e adjectivadas de forma negativa, procurando estas publicações criar uma representação essencialmente pejorativa sobre estas e as suas acções. Nos seus depoimentos, contudo, assim como na imprensa oposicionista, este constituiu um momento marcante para a comunidade operária, que ocupa as ruas, afronta o poder patronal e estatal e dá voz a um conjunto de reivindicações, assumindo as mulheres protagonismo numa conjuntura que lhes era particularmente desfavorável, em termos económicos, políticos e ideológicos, e assumindo por isso com orgulho a sua participação na defesa dos interesses da comunidade.

As manifestações de 1945

Com o final da Segunda Guerra Mundial uma vaga de festejos e celebrações percorre o país, não tendo ficado a Margem Sul imune a esta onda de euforia colectiva. Em Almada, este representa outro dos momentos recordados com grande emoção. Evoca-se tanto o clima de festa como a sensação de encerramento de um período difícil, assolado pela fome, pela miséria e pelo racionamento.

A 7, 8 e 9 de Maio o país sai à rua em festejos pelo fim da guerra e pela vitória dos

Aliados. Por todo o país podemos encontrar manifestações, cortejos e marchas de júbilo. Em Almada, sucedem-se o mesmo tipo de manifestações, que têm inicialmente um carácter meramente festivo, mas às quais rapidamente é associada uma conotação anti-regime, reivindicativa.

Na imprensa, nomeadamente nos jornais *O Século* e *Diário de Notícias*, são ocultadas quaisquer referências aos conflitos que se desenrolam no país entre a população e as forças policiais. Em Lisboa houve confrontos no momento em que um cacilheiro atracou no Cais do Sodré repleto de operários de Almada que vinham juntar-se às manifestações de Lisboa. Foram quase todos agredidos e presos, sendo que na imprensa encontramos apenas pequenas alusões a episódios menos felizes que foram encabeçados por gente obviamente “mal aconselhada” e “anti-patriótica”. A 13 de Maio, n.º *O Século*, surge apenas uma notícia sobre o ministro do Interior, Botelho Moniz, quando este assina um despacho em que louva o desempenho das forças policiais, nomeadamente da PSP, “pela extraordinária dedicação, firmeza e ponderação demonstradas durante os dias da comemoração da vitória na Europa”, mas acima de tudo porque “à polícia se deve uma acção oportuna e útil, que tornou impossível a certos elementos desvirtuarem as intenções patrióticas e festivas da população das duas maiores cidades portuguesas, como de resto de todo o País”¹. Também a 23 de Maio, ao empossar o novo comandante da GNR, general Sousa Botelho, o ministro do Interior volta a aludir a algumas manifestações menos patrióticas que ocorreram durante as celebrações do fim da guerra: “(...) a eloquência dos factos ultimamente presenciados, em que a firmeza, a lealdade e a dedicação de todos foram postos à prova, embora o civismo do povo português providencialmente tivesse dispensado, de uma intervenção directa, a quasi totalidade das forças da Guarda Nacional Republicana”².

Em Almada, os donos das duas maiores fábricas de cortiça, de nacionalidade inglesa, são os primeiros a dar folga aos operários e a incentivá-los a festejar. Os trabalhadores William Rankin & Sons e da Henry Bucknall & Sons são dispensados do trabalho durante três dias para comemorarem, embora obrigados a cumprir o horário normal de laboração. Não se encerraram as fábricas, e não se tratou, num primeiro momento, de uma situação de greve ou reivindicação, mas sim do assinalar colectivo, pela celebração, do final de um período difícil. O sentimento de júbilo acaba, contudo, por extravasar para a rua, arrastando consigo outros sectores operários, e a população ocupa as ruas marchando e cantando em louvor dos símbolos que empunham, a bandeira inglesa, retratos de Churchill, inclusive a bandeira soviética, distribuídos pelos respectivos serviços de propaganda.

O jornal *Avante!* (n.º 77, 2.ª quinzena) refere-o na sua edição de Maio de 1945, num parágrafo dedicado às mulheres de Almada em que ao sub-título “As Heróicas Mulheres Empunham Bandeiras Vermelhas e Dão Vivas a Staline e ao Partido”, segue-se a descrição das suas acções: “Numa manifestação as mulheres tiveram um papel grandioso e decisivo. Às operárias que empunhavam bandeiras vermelhas, um dirigente da Câmara quis tirar-lhas mas elas resistiram, até que os manifestantes as levaram para longe e continuaram empunhando as bandeiras e gritando pelo camarada Staline e pelo Partido Comunista Português.”

¹ *O Século*, 13 de Maio de 1945, pp. 1-2. A mesma informação é veiculada pelo *Diário de Notícias*. O original deste documento pode ser consultado em ANTT/Ministério do Interior/Gabinete do Ministro/Maço 536.

² *O Século*, 23 de Maio de 1945, p. 1. A mesma informação é veiculada pelo *Diário de Notícias*. O original deste documento pode ser consultado em ANTT/Ministério do Interior/Gabinete do Ministro/Maço 539.

Uma operária também recorda com particular orgulho dois momentos precisos dos festejos, quando cantou a Marselhesa em honra dos patrões e quando, já na rua, empunhou a bandeira comunista na frente da marcha que se dirigia a Cacilhas. Neste último momento, quando os operários tomam a decisão de atravessar o rio para se manifestarem em Lisboa, a situação vai alterar-se radicalmente, pois estes são detidos à chegada à capital, ficando este como um dos momentos mais marcantes da memória colectiva em Almada, o dia em que os seus são levados na euforia das celebrações do fim da guerra. Como recordam algumas operárias: “Eu quando cheguei a Cacilhas, voltei logo para trás e fui-me embora para a Charneca (...) [depois] contaram que levaram porrada e que foram presas”; “elas quando chegaram a Lisboa que foram no barco grande, era a Ribeira e depois era os Correios e é a Rua do Conde Barão. (...) meteram-se naquela rua e foram mesmo desembocar ali no Conde Barão aonde é a esquadra. Foram ali. Eles que já sabiam (...) meteram uns guardas aqui nesta rua (...) elas iam por aqui ficaram todas encurraladas ali, foi tudo preso. Foi tudo preso”.

A memória deste acontecimento é balizada por dois momentos distintos, o da alegria das comemorações, por um lado, e o da tristeza das detenções, por outro. As narrativas percorrem a passagem de um momento para o outro através de um crescendo dramático que deixa adivinhar o fim trágico que encerra. Igualmente, esta memória da repressão associada às celebrações do final da guerra constitui o motivo pelo qual frequentemente as evocações deste período o englobam na memória mais lata das greves. Ou seja, é a repressão que se constitui como marca memorabilística destes acontecimentos, apesar de a festa também ter constituído um momento de excepção. Contrariamente às situações de greve onde se antecipa a probabilidade de repressão policial, nesta ocasião tal não acontece, o que provavelmente também permitiu o envolvimento de indivíduos que numa outra situação não participariam de forma tão directa.

Para as operárias entrevistadas, o fim da guerra é, em primeiro lugar, o fim da fome, da miséria e do medo de enviar os filhos e os maridos para o conflito. Por outro lado, todas as manifestações de rua, desde que não organizadas pelo regime, são vistas como afrontas a este. Assim, a possibilidade de não trabalhar, poder gritar, empunhar bandeiras, fazer exigências é já por si uma forma de contestação, mesmo que não se dominem algumas das motivações ou simbologias em causa. Empunhar a bandeira do PCP é, por exemplo, nesta época, um acto verdadeiramente corajoso, temerário mesmo, independentemente da ligação mais ou menos formal que o indivíduo em causa tenha com o partido. Assim, que quem empunhe a bandeira não seja um comunista convicto e esclarecido sobre as ideologias do partido não era relevante, pois o mais importante era a possibilidade de o fazer, e na realidade “não há membrana impermeável entre militantes e não militantes na maior parte das sociedades operárias”¹. A possibilidade de reunião, de manifestação, o tomar decisões, fazer escolhas são acções que decorrem frequentemente de uma herança comum, colectiva, modelos de acção reactivados e métodos de resposta à repressão inscritos no código de uma comunidade resistente.

Nestas greves e manifestações estamos também perante movimentos que são muito mais de contestação ao regime do que ao patronato, são greves conjunturais e não estritamente locais, daí que a rua, espaço público controlado pelo Estado, tenha de ser ocupada como desafio à autoridade. Nesta conjuntura, até o espaço privado da fábrica era controlado pelo regime, pois os patrões tinham de obedecer a ordens vindas de cima, tanto para a reabertura como para a reorganização produtiva e de recursos humanos.

¹ J. Fentress, e C. Wickham, 1992, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, p. 153.

Como refere Melucci¹ existem gradações nas acções colectivas e nos movimentos sociais ao nível dos objectivos, mas igualmente das atitudes dos envolvidos, não existindo unidade formal nos fenómenos desta natureza. As greves analisadas correspondem também a diferentes momentos, com diferentes objectivos e motivações que podem ser mais conjunturais ou paroquiais, aproximando-se ou distanciando-se no desenrolar dos seus diversos momentos. Nos discursos orais é possível encontrar as justificações de carácter individual que paroquializam a situação, embora esta possa ser igualmente sentida da mesma forma por um grupo maior. O detalhe permite contudo não sublimar as inúmeras contingências que se podem encontrar num colectivo, embora as questões estruturais não devam ser obnubiladas. Tal como refere Calhoun², deve-se reclamar um olhar mais atento para a questão dos laços comunitários e das redes sociais como molduras de enquadramento no processo de construção das classes. Não olhando contudo exclusivamente para os “microprocessos”, mas igualmente para o carácter mais estrutural porque a acção “*depends not only on the premises in people’s mind but also on the objective circumstances in which they find themselves and the immediate social relations which bind them to each other*”³. Entre estrutura e acção molda-se a *praxis* e o devir histórico.

¹ A. Melucci, “Getting Involved: Identity and Mobilization in Social Movements” in *From Structure to Action*, eds. B. Klandermans, H. Kriesi e S. Tarrow, Greenwich, CT, JAI Press, 1988, pp. 329-348.

² C. Calhoun, 1982, *The Question of Class Struggle. Social Foundations of Popular Radicalism during the Industrial Revolution*, Oxford, Blackwell, p. 13.

³ C. Calhoun, 1982, *The Question of Class Struggle. Social Foundations of Popular Radicalism during the Industrial Revolution*, Oxford, Blackwell, p. 22.

De l'action collective au groupe de pression. La naissance de la Fédération Nationale des Courtiers en Vins et son action (1920-1949). Stéphane Le Bras¹

Sous l'accroche évocatrice « *L'agitation dans les milieux commerciaux* », l'*Action méridionale* dans son édition du 15 mars 1926² revient sur la période trouble que traverse, en ce début d'année, le commerce français dans son ensemble et le commerce méridional des vins en particulier. La situation n'est pas nouvelle et les turbulences dans le milieu viti-vinicole en France sont prononcées depuis la fin de la guerre, conséquences d'une restructuration profonde du vignoble et du marché³.

Au cœur de cette restructuration et de ses aléas, les courtiers en vins, rouages vitaux dans le bon fonctionnement du marché, entremetteurs essentiels entre le monde de la propriété et celui du négoce, subissent tant bien que mal les fluctuations – incessantes et excessives – des cours, les nouvelles pratiques commerciales, l'interventionnisme législatif de l'Etat. Face à ces multiples pressions, les réponses, notamment dans le Languedoc, sont d'abord épidermiques et contestataires, visant à perturber le marché des vins, pour dans un second temps, à l'initiative des courtiers méridionaux, se faire plus constructives et ambitieuses afin de donner naissance à un véritable groupe de pression aux compétences élargies.

Symbole d'une période où le marché des vins se rationalise et où ses différents acteurs (propriétaires, courtiers, négociants) cherchent à trouver, le plus souvent à travers des rapports conflictuels⁴ dans un contexte d'hyper-concurrence, une situation préférentielle, ce mouvement corporatiste, ayant pour objectifs son affirmation et l'assainissement de la profession, aboutit en décembre 1949 à l'adoption par le Parlement d'un « Statut des courtiers de campagne »⁵. Ce texte marque la victoire d'une vision portée depuis les années 1920 par les représentants des courtiers méridionaux, celle d'une profession qui se veut reconnue, indispensable et auto-régulée.

Moment de rupture, fait d'affrontements et de négociations, c'est une étape-clé dans l'histoire de la société viticole, une période où s'opère une mutation profonde du marché des vins national dont le moteur principal sont les courtiers méridionaux, démontrant incontestablement que c'est à travers les rapports de force entre les différents acteurs du monde viti-vinicole, et la rencontre de leurs revendications, que s'établit une structuration de la filière commerciale, de ses pratiques et de ses normes.

¹ Stéphane Le Bras est jeune chercheur à l'université de Montpellier (E.A. 4424 – CRISES) et ATER à l'université de Pau et des pays de l'Adour. Il prépare, depuis 2009, une thèse sous la direction du professeur Gavignaud-Fontaine sur le commerce des vins languedociens au XXe siècle (1900-1960). Ses recherches portent essentiellement sur la restructuration du marché des vins en Languedoc, sur les dynamiques réticulaires ainsi que sur la modernisation des pratiques commerciales dans toutes les dimensions qu'elles recourent. Membre du RHN (Réseau d'Histoire Rurale), ses thèmes de recherche portent également sur le corporatisme rural et/ou viticole.

² *L'Action Méridionale*, n°32, 16/03/1926, p. 1

³ GAVIGNAUD-FONTAINE G., *Le Languedoc viticole, la Méditerranée et l'Europe au siècle dernier*, Montpellier, Publications UPV, 2000, pp. 87-123

⁴ VIGREUX J. et WOLIKOW S. [Dir.], *Vignes, vins et pouvoirs*, Dijon, Éditions universitaires de Dijon, 2001

⁵ JORF du 4 janvier 1950, *Loi n°49-1652 du 31 décembre 1949 : courtiers en vins dits "courtiers de campagne" : réglementation de la profession*, p. 116

Aux sources du mécontentement : la question du courtage dans le Midi

Le rôle du courtier

Le courtier en vin est un personnage incontournable de la société viti-vinicole. Dans les quatre départements méridionaux (Aude, Gard, Hérault, Pyrénées-Orientales), qui sont dans l'Entre-deux-guerres, les quatre départements les plus producteurs du territoire national, chaque village compte au moins un courtier. Appelé « Courtier de marchandises », sa principale – voire exclusive – activité réside dans le courtage en vins. Officiellement reconnu par l'Etat auprès de qui ils acquittent un droit d'inscription, ils assurent l'écoulement de la production comme le souligne Charles Gervais au début du siècle : « *Le courtier est un simple intermédiaire chargé de rapprocher les parties et n'étant tenu à aucune responsabilité vis-à-vis du vendeur ou de l'acheteur ; leur rôle cesse aussitôt après l'agrèage des vins proposés par eux et le courtage intégral doit leur être payé dès ce moment* »¹. Par sa position charnière, il est ainsi à même de connaître au mieux l'état du marché, les capacités des uns et les volontés des autres. S'il sait quelle quantité untel veut vendre, il sait également à quel moment untel va vouloir acheter.

Véritable agent de liaison², il rend visite aux uns et aux autres afin de permettre une plus grande fluidité dans l'écoulement des stocks et dans l'établissement des contrats. Les différents témoignages³ évoquent souvent la subtilité et la psychologie des courtiers qui ont la difficile tâche de faire concorder une offre ambitieuse et une demande précautionneuse. A ce labeur quotidien, le courtier ajoute une activité hebdomadaire lorsqu'il se rend sur les marchés aux vins qui jalonnent la semaine dans le Midi. Il y accompagne propriétaires et négociants et s'y fait l'entremetteur, permettant cette fois-ci la rencontre physique des parties.

On différencie plusieurs types de courtiers. Les courtiers de village tout d'abord qui captent l'essentiel de la production des petits et moyens propriétaires avec lesquels ils ont le plus souvent des liens de voisinage, familiaux voire politiques et dont ils sont très proches sociologiquement. Traditionnellement, chaque propriétaire entretient des rapports de fidélité avec un courtier attiré car il le sait à même de défendre au mieux ses intérêts. Ces courtiers ont un rôle fondamental car ils sont pour les négociants de « *précieux auxiliaires* »⁴ et leur intérêt est de négocier au mieux afin de tirer le plus grand avantage de la transaction. En effet, s'ils sont rétribués au pourcentage dans le Bordelais ou en Bourgogne, ils sont payés à l'hectolitre dans le Midi et leur rémunération croît avec la quantité de vin promise dans le contrat ; ils ont donc intérêt à acheter à moindre prix. Mais dans le même temps, ils doivent défendre les intérêts des propriétaires dont la survie est liée à la leur.

La situation est différente pour les courtiers de ville. En effet, ces derniers qui dirigent parfois des maisons de taille considérable (L. Araou à Béziers avec plus de cinquante employés) et mènent un train de vie bourgeois sont le plus souvent liés aux grands propriétaires de domaine pour lesquels ils prospectent les meilleures offres en provenance des grandes maisons du négoce régional.

A cette nomenclature se superpose deux autres distinctions : d'un côté les courtiers

¹ GERVAIS Ch., *Indicateur des vignobles méridionaux*, Montpellier, Le Progrès, 1903

² BERGER P., *Le Marché des vins du Midi*, Paris, PUF, 1927, p. 27

³ PECH R., « L'organisation du marché du vin en Languedoc et en Roussillon aux XIXe et XXe siècles » in *Etudes rurales*, avr-déc 1980, pp. 99-111

⁴ *L'Action Méridionale*, n° 48, 1/12/1926, p.1

(de village ou de ville) opérant pour des négociants extérieurs, sis dans les centres de consommation et de l'autre les courtiers non-officiels, appelés « courtiers marrons » qui pratiquent un démarchage agressif et illégal.

Ces « courtiers marrons », même s'ils ont toujours existé, sont symptomatiques, par leur ampleur et leurs pratiques, d'une période bouleversée où se cristallisent les récriminations des courtiers.

Protestations et mouvements contestataires

P. Berger dans sa thèse sur les marchés du Midi¹ souligne la nécessaire probité des courtiers (« *Le vrai courtier doit avoir une moralité professionnelle élevée* ») mais également la nécessité de son œuvre (« *C'est un personnage important et indispensable à la régularité des marchés des vins* »). Pourtant, alors que s'ouvrent les années 1920, le secteur est en crise. Le nombre de courtiers n'a cessé de progresser depuis la fin de la Première guerre mondiale « *accentuant le désordre au sein de la profession* »², désordre dû si l'on en croit les revendications de l'époque à un manque de reconnaissance et à la prolifération des « courtiers marrons » qui cherchent à tirer profit des périodes de fortes rentabilités sur les marchés viticoles, le tout sans s'acquitter des droits d'inscription, réalisant là de subséquents, et frauduleux, bénéfices.

Face à cette situation, les syndicats de courtiers locaux proposent les solutions qui leur semblent les plus justes et les plus fondamentales dans le cadre d'une structuration rationnelle du marché : reconnaissance législative du statut du courtier en vins (dont la dernière définition date de 1866 et qui s'inscrit dans le cadre généraliste du « courtier de marchandises »), assainissement de la profession par l'institution d'une carte professionnelle ou tout au moins d'une carte syndicale reconnue par la Propriété et le Commerce, majoration du taux de courtage. Mais ces mesures ne sont ni entendues ni soutenues par les différents acteurs du marché des vins : Etat, négociants, propriétaires. Cela s'explique en grande partie par deux raisons. La première vient de la relative jeunesse des organisations syndicales. Rares sont celles qui ont plus d'une quinzaine d'années d'existence. Ainsi, le « Syndicat des Courtiers en Vins et Eaux de Vie de la région délimitée du Cognac » voit le jour en janvier 1920 seulement. La seconde réside dans l'atomisation des syndicats locaux et régionaux : pour le département de l'Hérault en 1925, il n'existe pas moins de six syndicats locaux de courtiers (Montpellier, Béziers-Saint-Pons, Cette, Marseillan, Lunel, Pézenas)³ alors que la « Fédération Méridionale des courtiers en vin à la propriété » qui voit le jour avant la Première guerre mondiale, le « Syndicat des Courtiers en Vins de Bordeaux » ou la « Fédération des Courtiers en Vins et Alcools d'Algérie » n'ont qu'une influence relativement limitée dû fait de leur manque d'unité et de leur assise exclusivement régionale. Ces deux facteurs concourent à un manque de poids face à un Etat distant et aux organisations du Commerce et de la Propriété qui, elles, ont réussi, chacune de leur côté, à s'unifier à l'échelon national (Fédération Nationale du Commerce en Gros des Vins et Spiritueux (FMCGVS) et Confédération Générale des Vignerons).

Dans un premier temps, les démarches s'ancrent alors autour de négociations locales au sujet de la revalorisation du droit de courtage. Ainsi, en 1924, la Fédération

¹ BERGER P., *op. cit.*

² DELMAS G., *les Courtiers en vins*, Thèse de Doctorat, Montpellier, Université de Droit, 1949

³ *Annuaire du département de l'Hérault et des vignobles du Midi*, Montpellier, Firmin et Montane ed., 1925

Méridionale des Courtiers en Vin à la Propriété rentre en contact avec le Syndicat de Commerce en Gros de Béziers en vue de modifier le statut du courtage. Ainsi, selon cet accord, le droit de courtage passerait de 0,65 francs l'hectolitre à un franc, le coût étant partagé entre le vendeur et l'acheteur, comme cela se pratique traditionnellement en Algérie. La FMCGVS refuse, arguant des « *coutumes établies* »¹, propres à chaque pays de production, jouant donc sur l'atomisation des organisations de courtiers et sur la fragilité qui en résulte.

Pour résorber ce déficit d'attention, les syndicats locaux dans le Midi, dans un contexte de hausse rapide et soutenue de la cherté de la vie et suite à un nouvel échec des négociations début 1926², cherchent alors à perturber le marché afin de faire entendre à nouveau leurs revendications. En avril 1926, ils se lancent dans une grève unitaire de longue durée, fait unique de par sa portée et son caractère identitaire. Pour la première fois, les courtiers revendiquent seuls, et par la force, des droits pour leur profession. Car jusqu'ici, les mouvements auxquels ils avaient participé, étaient avant tout des mouvements généraux ou unitaires du milieu viti-vinicole. C'est ici une première prise de conscience de leur position et de leur force de pression. En effet, face à ce mouvement, les négociants, peu enclins à voir une partie de leurs bénéfices s'envoler, proposent une revalorisation et en mai, le Syndicat du Commerce en Gros de Montpellier propose le premier, suivi par les autres syndicats locaux, une augmentation du droit de courtage, alors porté à 0,75 francs, proposition qui est immédiatement acceptée par le président du Syndicat des courtiers de Montpellier, Bézard³. Pour la première fois, dans des négociations locales, de gré à gré, les courtiers voient ainsi leurs revendications acceptées. C'est une première ouverture, mais également une prise de conscience du besoin d'unification et de concentration des forces à travers le fédéralisme national, étape préalable et inévitable à la reconnaissance du statut du courtier.

L'urgente nécessité d'union

Un courtage sous tutelle

Fort de cette première victoire, la nécessité de s'unir dans un cadre fédéraliste s'accroît au tournant des années 1920-1930.

Car, tout d'abord, les courtiers restent profondément sous la domination du puissant Commerce. Ainsi, dans le Midi, les réglementations de courtage sont toujours imposées par le Négoce. Un projet de réglementation uniforme est proposé fin 1926 par la FMCGVS et est présenté aux organisations syndicales locales (et non pas à la Fédération Méridionale). Cette proposition est, sous l'impulsion du Président du Syndicat des Courtiers en vins de la région biterroise V. Garrigues, acceptée par tous les syndicats de courtiers des quatre grands départements producteurs et d'autres arrondissements (Toulouse, Arles), l'un après l'autre⁴. Elle soumet les courtiers au Négoce régional par l'affiliation à la FMCGVS sous la forme d'une carte professionnelle et à l'engagement écrit de ne pas vendre aux négociants étrangers à la région alors que les négociants de leur côté ne s'engagent qu'à traiter avec les courtiers possesseurs de cette carte, toute transaction étant officialisée par un bordereau sur lequel

¹ FMCGVS, *Bulletin mensuel* n°43, mars 1924, p 174

² AM n° 48, 1/12/1926, p. 1

³ AM, n°37, 1/06/1926, p. 2

⁴ AM n° 48, op. cit.

seront inscrits toutes les informations relatives au contrat¹. En cas de litige, une Chambre d'arbitrage paritaire sera réunie afin de trancher. Cette première étape vers la moralisation de la profession est une demi-victoire pour les courtiers qui se voient là reconnaître l'importance de leur rôle mais qui doivent accepter une mise sous tutelle indéniable. Les conditions et les normes du courtage sont donc toujours définies par le Commerce puis acceptées par les courtiers par le biais de conventions collectives locales asymétriques.

La forte subordination des courtiers dans le monde viti-vinicole est également perceptible lors de la venue dans le Midi méditerranéen de la Commission d'enquête menée par E. Barthe en 1930-31 sur la situation de la viticulture de France et d'Algérie au nom de la Commission des Boissons. Lors des auditions qui se tiennent à Montpellier, à Béziers, à Perpignan, à Carcassonne en février 1930² et à Nîmes en juin 1931³, les courtiers, pourtant acteurs incontournables du marché viticole méridional, ne sont entendus qu'une seule fois à Perpignan, le 17 février 1930 alors que le Commerce ou la Propriété voient leurs représentants entendus à chaque fois, le plus souvent plusieurs fois. Cette sous-représentativité est renforcée par la teneur des arguments avancés par Sisque, président du Syndicat des courtiers, qui sont dans la droite ligne des arguments du Commerce (responsabilité de la surproduction dans la crise actuelle, taxation excessive, charges trop lourdes, menace de disparition)⁴. Ce manque d'indépendance sur le plan idéologique et administratif place indéniablement le mouvement corporatiste du courtage dans une situation d'infériorité où ses revendications principales (nouveau statut) et secondaires (création des « courtiers assermentés » par l'Etat pour la vente aux enchères dans les magasins généraux⁵) n'aboutissent pas malgré un intérêt certain de la part de l'administration⁶ ou des Chambres de commerce⁷. Ainsi, en dépit de démarches ayant débuté en 1923 et ayant pour but d'ouvrir l'horizon d'une profession en pleine croissance en raison des bénéfices à se partager sur le marché des vins, il n'existe en décembre 1931 que deux « courtiers assermentés » dans le département de l'Hérault (à Sète)⁸.

Les premières tentatives

Face à la dégradation d'une situation pourtant rentable jusqu'à la fin des années 1920 (dans l'arrondissement de Béziers, une enquête⁹ souligne que le revenu moyen des courtiers est d'environ 70.000 francs par an), s'opère un renversement de tendance dans la profession. En effet, aux difficultés financières dues à la crise économique qui frappe la France de plein fouet, le discrédit jeté par le marronnage en augmentation et un

¹ *Ibid*

² Archives de l'Assemblée Nationale, *Rapport fait au nom de la Commission des boissons chargée de procéder à une enquête sur la situation de la viticulture de France et d'Algérie*, Paris, 1930-1931, Tome I

³ *Ibid*, Tome IV

⁴ AAN, *op. cit.*, p. 276, Tome I

⁵ Archives départementales de l'Hérault, 8 M 322, Courtiers de marchandise, Fonds de la préfecture

⁶ *Ibid*

⁷ *ibid*

⁸ ADH, 8M 318, Agents de change et courtiers, Fonds de la préfecture

⁹ ADH 8 M 322, réponse de la Chambre de commerce de Béziers au Préfet (02/1929)

marché des vins qui « *déborde* »¹ vient s'ajouter l'augmentation drastique des droits d'inscription. Jusqu'à la fin des années 1920, ces droits d'inscription s'échelonnaient selon l'importance de la place commerciale entre 1.000 francs et 3.000 francs². Aux débuts des années 1930 et à la suite des décrets d'application édictés après enquête pour connaître la classe de chaque grande place de consommation³, ces droits sont multipliés par cinq (5.000 à 15.000 francs) grevant encore plus le pouvoir d'achat de courtiers dont la situation est de plus en plus difficile comme en témoignent le nombre de cessations d'activité durant la décennie pour le département de l'Hérault⁴.

Alors que jusque-là, le plus grand des libéralismes était prôné, dorénavant, à la suite des différentes avancées ayant ponctué les dernières années, le mouvement corporatiste, dans un large mouvement de défense de ses intérêts propres, décide de s'unir. Ainsi, poussées par la réalité d'un constat implacable en faveur de la concentration et du fédéralisme, les grandes fédérations nationales cherchent à nouer, au cœur des années 1930 et de la crise viticole qui perdure, des contacts diffus dans un premier temps puis solides dans un second temps. Cette action, concertée, avec comme principal objectif la reconnaissance d'un statut particulier, est interrompue par la dégradation de la situation internationale en 1938 alors que les premiers signes d'une portée nationale du message sont incontestables (correspondance active avec E. Barthe, proposition de loi pour le statut des Courtiers de campagne en juin 1938). C'est là un pas fondamental qui vient d'être franchi et que seule la guerre repoussera.

En effet, les échecs mais également les réussites de l'entre-deux-guerres ont fait prendre conscience aux dirigeants des grands mouvements corporatistes régionaux (Midi, Bordelais, Algérie notamment) de la nécessité d'une union. Les avantages d'une action commune n'est plus alors à démontrer et l'intérêt des dirigeants des unions régionales est très clairement établi autour d'une union nationale leur permettant de peser plus efficacement sur les destinées de leur filière professionnelle, le tout dans une triple optique clairement établie : la rationalisation, l'assainissement et le contrôle de la profession.

L'affirmation fédéraliste après-guerre

La naissance de la Fédération Nationale des Courtiers en vin

Si l'idée était née dès avant 1938, les événements internationaux mais également, après la Libération, les désaccords⁵, les difficultés de mise en œuvre (éloignement entre les sièges des grands syndicats), les questions régionales (opposition de certains syndicats locaux réfractaires à toute idée d'union nationale) retardèrent l'aboutissement des négociations. Dans un milieu encore fortement marqué par l'individualisme, la distance entre la conception et la réalisation était encore importante au sortir de la guerre alors que l'ensemble des milieux économiques se restructuraient. Les dissensions sont nombreuses, depuis l'impossibilité de trouver un accord quant à l'ordre du jour d'une probable réunion jusqu'aux acrimonies liées aux frais de déplacement, en passant sur les interminables négociations au sujet du lieu et de la date d'une réunion en vue de

¹ GAVIGNAUD-FONTAINE G., *op. cit.*, p. 106

² ADH, 8 M 322, copie du décret du 22/12/1866

³ *Ibid*

⁴ ADH, sous-série 6U, *Tribunaux de Commerce, Faillites et liquidations judiciaires*

⁵ Delmas dans thèse évoque même des questions « *d'amour-propre* ». DELMAS G., *op. cit.*, p. 551

l'élaboration de statuts et de l'élection d'un bureau fédéral. Difficile dans ces conditions de parvenir à réunir tous les représentants et à élaborer une stratégie commune dans un but commun.

Pourtant la nécessité impérieuse d'une action concertée permet de faire disparaître les dernières réticences et au début de 1946, des contacts prolongés s'établissent entre les représentants bordelais et méridionaux. Ces contacts permettent d'affirmer une identité de vues lors d'une réunion le 20 mars 1946 à Bordeaux. En septembre 1946 enfin, les représentants montpelliérains invitent leurs homologues bordelais et algériens à une de leur réunion à l'hôtel de la Chambre de Commerce de Montpellier où des discussions s'engagent autour de quatre thèmes centraux : le taux de courtage, le statut des courtiers en vins, la création d'une Fédération nationale, et « *l'un des points les plus délicats à envisager* »¹, le financement d'un tel organisme.

Le 5 septembre au soir, les bases des statuts de la « Fédération Nationale des Courtiers en Vins et Spiritueux de France et d'Algérie » sont jetées et ces statuts sont déposés le 1^{er} janvier 1947. Le nouvel organisme, fruit de plusieurs mois de tractations mais également de plusieurs années de combats syndicaux, est chargé de coordonner d'une façon permanente l'activité des divers syndicats de courtiers à travers deux buts fondamentaux :

Etre un lien permanent et durable avec les syndicats de courtiers, le syndicat national du commerce en gros des vins et spiritueux, les organismes qualifiés des autres intermédiaires, les pouvoirs publics ;²

Permettre l'adoption d'un statut du courtage.³

Le premier siège est situé à Montpellier où réside le secrétaire général administratif qui, autorité permanente et véritable interface entre les différentes parties de la Fédération, est le rouage incontournable de l'action commune. Les décisions prises à la majorité par les membres du bureau élus annuellement engagent tous les syndicats. La solidarité corporatiste a bel et bien pris le pas sur l'individualisme forcené qui régnait dans la profession quelques années auparavant.

Premières actions et première victoire

C'est donc un outil indépendant, puissant territorialement et économiquement qui voit le jour. Pensé et assumé comme une véritable force de pression corporatiste, il va pouvoir faire preuve de toute sa puissance, d'autant plus qu'il est rejoint en novembre 1947 par la Fédération des Courtiers de Bourgogne puis en janvier 1948 par les deux syndicats de Maine et Loire et de Loire inférieure. Fort de plus de 3.000 adhérents et de vingt-huit syndicats en 1949⁴, il œuvre, dans un premier temps, pour un allègement des charges fiscales et le rattachement des bénéfices des courtiers aux « bénéfices non-commerciaux » – sans réussite mais en obtenant l'écoute attentive de l'administration et du gouvernement – puis se concentre sur son but premier, le vote d'un statut officiel du courtier en vins. Pour cela, il reprend les bases des discussions qui avaient presque abouti en 1938 et certains éléments des lois corporatistes de l'Etat Français qui étaient à

¹ DELMAS G., *op. cit.*, p 553

² « Statuts de la Fédération Nationale des Courtiers en Vins et Spiritueux de France et d'Algérie », Article I, in DELMAS G., *op. cit.*, p. 555

³ *Ibid*, Article II

⁴ DELMAS G., *op. cit.*, p. 562

son avantage¹. Les représentants de la Fédération travaillent également d'arrache-pied à convaincre les députés des grandes régions de production à travers une œuvre de défense acharnée de leurs intérêts particuliers. D'individualiste, le monde des courtiers est devenu profondément corporatiste. Ce sont les mêmes logiques, les mêmes reflexes intellectuels mais mis au bénéfice d'un plus grand nombre.

C'est ainsi que le 31 décembre 1949, la loi instituant le « statut des courtiers de campagne » est adoptée par le Parlement. Elle officialise le rôle des courtiers en vins : « *Sont considérés comme courtiers en vins et spiritueux, dits "de campagne", les courtiers qui, dans les régions de production, et moyennant une rémunération de courtage, mettent en rapport les producteurs ou vendeurs de vins, spiritueux et dérivés, avec les négociants.* »² C'est une victoire éclatante de la « Fédération Nationale des Courtiers en Vins et Spiritueux » qui devient ici une force de proposition et d'impulsion alors que quelques années plus tôt les syndicats qui la composent n'étaient que des chambres d'enregistrement des propositions émanant de la Propriété et surtout du Commerce. D'acteurs secondaires, les courtiers, fort du poids issu du fédéralisme corporatiste national et de la prise de conscience de leurs responsabilités, deviennent des acteurs majeurs de l'organisation du marché viticole. Ainsi, le statut est à quelques rares nuances la copie du projet transmis par la Fédération Nationale à la Commission des Boissons auprès de laquelle sont exercées des pressions dès 1947 pour que la loi soit votée.

Le statut assure le monopole de la filière à la profession. En effet, la loi institue une carte d'identité professionnelle délivrée par la Préfecture sur proposition d'une commission de six membres où les courtiers, généralement, sont majoritaires. Cette commission dispose même d'un droit de régulation de la profession par un « *rôle de criblage* »³, visant à limiter le nombre constant de courtiers dans une région donnée. Enfin, ce monopole est renforcé par l'obligation de disposer de la carte pour mettre en relation vendeurs et acheteurs. C'est ici une étape supplémentaire dans l'assainissement de la profession et l'élimination des « courtiers marrons » par de fortes amendes et des confiscations. Enfin, il est interdit d'exercer une profession incompatible avec le métier de courtier, et notamment celui de commerçant en gros. C'est la fin d'une situation inacceptable pour la plupart des courtiers où certains commerçants méridionaux exerçaient, en toute légalité et au mépris des conflits d'intérêts dénoncés par la profession, les métiers de négociant et de courtier, le plus souvent aux ordres de grandes maisons de commerce des places de consommation.

C'est ici un marqueur évident de la réussite d'une œuvre de régulation réfléchie et aboutie. Elle vise à bien séparer – et ce officiellement – les différents intermédiaires du monde du vin et marque l'indépendance – définitive et reconnue par l'Etat – de la profession sans qui le marché des vins ne peut plus fonctionner.

¹ Journal officiel de l'Etat Français du 2 décembre 1940 et décrets d'application (not. Ceux de 1942)

² JORF, *op. cit.*

³ DELMAS G., *op. cit.*, p. 604

Conclusion

Ainsi, au terme d'une maturation qui a duré près de vingt-cinq ans, le mouvement syndical des courtiers en vins, au prix de luttes locales et d'un effort conséquent pour sortir d'une situation de soumission à des groupements catégoriels plus puissants, peut s'enorgueillir d'avoir atteint son but principal : le contrôle de sa filière, de ses pratiques, de ses normes. A travers une lutte syndicale originale bien que tardive, il marque le monde viti-vinicole de son empreinte alors que ce dernier connaît une nouvelle restructuration au tournant des années 1950. D'acteur incontournable du monde du vin, il est devenu un acteur incontournable du marché des vins, s'assurant à travers une politique offensive et unitaire, incarnée par la naissance de la Fédération nationale, le contrôle, le monopole et la régulation de sa filière professionnelle et de sa propre destinée.

Farewell to the communist strike hypothesis? – The diversity of striking in Finland between 1971-1990. *Tapio Bergholm*¹ and *Paul Jonker-Hoffrén*²

Since the Second World War Finland has been quite extraordinarily prone to strike activity in comparison with the rest of Europe or even the world. According to Crouch's calculations this small Nordic country was first in the years 1945-1950 and second after Italy during the years 1970-1975, measured by workdays lost per 1000 persons in the dependent labour force (Crouch, 2003: 203, 255. See also Alasoini, 1985; Ross and Hartman, 1960). Sweden, the country with which Finland shares many institutional characteristics such as the Ghent-system and centralized incomes policies, has a much lower level of strike activity (LabourSta Internet).

The pattern of intense industrial conflict is clear if we calculate annual averages in the numbers of strikes, number of strikers or numbers of work days lost. At the same time the annual fluctuations in these numbers are substantial as shown in table 1. These fluctuations show that the history of Finnish industrial relations is an odd mixture, with inbred tensions. Until the late 1980s Finland had a high number of industrial disputes. At the same time, the central employer organisations, the peak trade union organisations and the state were committed strategically to an incomes policy. Tripartite agreements delivered industrial peace only gradually. Strikes withered away in Finland comparatively late in the 1990s. Historians, social scientists and journalists have disagreed over how and why Finland transformed herself in the 1990s from a society with high density of industrial conflict to one with minimal industrial strife. Among other things the role of the Great and Dangerous Neighbour i.e. the Soviet Union, the Communist Party, structural changes in the economy and the severe recession of the 1990s have been debated in depth (Hämäläinen, 2006; Mansner, 2005).

The traditional explanation for the high Finnish propensity to strike has been quite one dimensional and party political. Those actually involved in industrial relations at the time, historians and social scientists from Finland as well as from abroad, have argued that the decisive factor explaining high strike rates in Finland was the strong support for the Communists in general elections, in unions and among shop stewards (Hästö, 1987; Kahri, 2001; Ketola, 2007; Mansner, 1984; Mansner, 1990; Rentola, 2005).

Small and short strikes have accounted for the majority of actions. Industries such as shipbuilding, the metal industry, vehicle production, ports and road transport have historically been strike-prone and the Communists have had a strong presence in these industries. The traditional approach can thus explain short local workplace disputes quite well. But these disputes produce only a fraction of the working days lost due to industrial conflicts. For example, during the first year of analysis for this paper, 1971, in total 2.7 million days were lost, but only 158 000 days were lost in local disputes. During 1973 three national strikes combined gave 82 percent of all days lost (Tilastokeskus 1972, 1973, 1974).

¹ Department of History, University of Helsinki, Finland.

² Department of Social Sciences, University of Turku, Finland.

Table 1. Finnish strikes 1971-1990

Year	Working days lost	Lost days per worker affected	Workers affected in disputes	Per industrial dispute	Percent of Employed	Industrial disputes
1971	2,711,100	6,7	403,300	481,3	18,6	838
1972	473,100	2,0	239,700	282,3	11	849
1973	2,496,900	3,7	678,200	672,2	30,6	1,009
1974	434,800	1,2	370,700	207,3	16,3	1,788
1975	284,200	1,3	215,100	140,6	9,7	1,530
1976	1,325,500	2,6	512,700	156,2	23,8	3,282
1977	2,374,700	3,2	743,800	444,6	35,2	1,673
1978	132,400	0,8	164,600	133,1	7,9	1,237
1979	243,400	1,1	229,000	130,6	10,7	1,753
1980	1,605,600	3,9	413,140	184,6	18,8	2,238
1981	659,100	1,3	492,960	305,8	22	1,612
1982	207,600	1,2	167,500	135,1	7	1,240
1983	719,700	1,7	421,840	217,4	17,7	1,940
1984	1,526,900	2,7	562,480	328,9	23,3	1,710
1985	174,300	1,0	171,350	202,1	7	848
1986	2,787,600	4,6	602,730	492,0	24,8	1,225
1987	130,890	1,3	99,290	123,8	4,1	802
1988	179,820	0,7	244,070	180,4	10	1,353
1989	204,210	1,3	158,480	252,0	6,4	629
1990	935,150	3,8	244,760	537,9	9,9	455

Source: Tilastokeskus (multiple years).

When we analyse the high number of strike days in Finland, the Communist hypothesis lose its analytical vigour. National disputes organised by trade unions with or without Communist influence are responsible for the majority of working days lost in Finnish strikes. It is impossible to explain the actions of politically heterogeneous national trade unions by Communist impact, activity and involvement in Finnish industrial relations.

Theory of strikes and the relation to the Finnish context

Before we show empirical data to support our thesis, it is useful to look first at different theories of strikes. This overview is necessarily broad and incomplete, as our focus is on the Finnish situation. Although there is a theoretical advantage in distinguishing between strikes on the one hand and lock-outs on the other hand, since the former are taken to be industrial conflicts led or initiated by 'labour' and the latter industrial conflicts led or initiated by 'capital', the nature of Finnish industrial conflict statistics does not allow this. Since lock-outs constitute a minor part of industrial conflict, this can be seen as a small inconvenience.

Strikes existed long before an organized labour movement came into being (Van der Velden, 2000). However, strikes as a phenomenon related to the labour movement are relatively new forms of collective action, taking place in a certain legal environment. Analysis of strikes from this dimension is more a form of procedural

analysis, since it reduces strikes to (extra)judicial phenomena (e.g. Clauwaert, 2002 on transnational strikes.) Such analysis does not answer the question 'why strikes?'

In the literature there are three main explanations of strikes. The first is rooted in Marxist thought and explains strikes as an expression of class struggle. The second is based on neoclassical economics and sees strikes as an 'unintended consequence' of rational bargaining. The third is based on rational choice theory.

The Marxist explanation of strikes is perhaps the pervading explanation. Authors like Richard Hyman (1977) and C. Wright Mills (1951) have analysed strikes from more or less Marxist viewpoints. Especially Hyman sees strikes as institutionalised class conflict, mediated by labour unions, which have their own interests in striking (notoriety, attracting new members). Mills, on the other hand, sees labour unions as 'the managers of discontent', where shop stewards and other labour union functionaries channel 'the class conflict' whenever it is appropriate to use its force. Also P. K. Edwards (1986) places the notion of a structured antagonism between employers and workers at the heart of his theoretical analysis of the conflict at work. His materialist theory is however manifestly connected to the non-Marxist tradition, because he is not sure if it is possible or in the best interests of workers to remove this antagonism.

Closer to home is the work of Walter Korpi, who sees the success of the labour movement in Sweden as a result of an effective use of 'power resources'. Strikes are a way to channel the collective strength of labour in the unequal distribution of power resources between labour and capital. Korpi argues that in Sweden, through the institutionalization of the labour movement as a result of union organization, labour unions have renounced the strike in favour of more long-term management of interests (Korpi and Shalev, 1979). In his theory, a large role is attributed to left-wing politics, i.e. the Social Democratic Party.

The second explanation, neoclassical economics, is less relevant in our case, but interesting nonetheless. Hicks (1963) argued that strikes are the consequence of the two bargaining parties not reaching an agreement. Different varieties of this thesis exist, based on insights of 'economics of information' – parties can have either imperfect information or there might be a case of asymmetric information (Biggs, 2002). In short, strikes could theoretically be prevented if both parties act rationally, although this proposition has been shown to be wrong as well (Fernandez and Glazer, 1991).

A third explanation, which fits neither main explanation, can be found in rational choice theory, or the theory of collective action. First, the theory of A.O. Hirschman (1970) on Exit, Voice and Loyalty explains under what circumstances employees might use their 'voice' to express discontent, which refers to collective action in or through labour unions. According to this theory, there is constant tension related to the loyalty of workers. Second, Mancur Olson's Theory of Collective Action (1971) explains why workers join labour unions and why they strike (or not). Their effectiveness depends on selective incentives and whether or not they are exclusive. Although this last explanation of the existence of labour unions is convincing, it is of less use as such in the Finnish context, since the Finnish system of industrial relations is constructed so that labour unions can give their members a strong selective incentive (access to unemployment funds, which is exclusive to members). However an application of game theory to strike occurrences in the United States, done by Michael Biggs (2002), is very convincing for our case. Biggs argues that strikes should be seen as sequences of interaction. This is a variation of the extended game in game theory, where the outcome of the previous game influences the next. Biggs shows that strikes should not be studied as independent events, but they are influenced by other strikes and their outcomes

(Biggs, 2002: 611).

Our interpretation has been inspired by the historically informed analyses of Hugh Clegg (1976), Alan Fox (1986) and Richard Hyman (2001), which – from different angles – argue that national traditions concerning the history and interaction of the state, employers and trade unions are essential for explaining the peculiarities of industrial relations in European Countries. As will be shown below, strikes in Finland between 1971 and 1990 should be seen as a sequence of interaction. Because there are only a few strikes in which communists had a big influence, the influence of interaction and openness of collective bargaining results, as shown below, is a more convincing explanation.

About the period and statistics

There are four main reasons why this period of time has been chosen for an analysis of Finnish strikes. Finnish statistics on industrial disputes changed substantially in 1971 and started to record smaller and shorter strikes than before. Due to the fundamental differences in the official statistics before and after 1971 this paper concentrates on developments after the year 1971. The other reason to begin this analysis from 1971 is that the European strike wave came to Finland late. The period of intensified industrial conflict in Finland actually started in 1971.

Civil servants got the legal right to strike from the beginning of 1971. This opened a new space for industrial conflict in Finnish society and also underlined that the right to strike was introduced as one of the basic rights for trade unions in all sectors. The analysis ends in the year 1990 because industrial relations in Finland changed fundamentally due to the severe recession, which started in 1990-1991.

Finnish strikes and labour law

Attempts to interpret strikes are meaningless if one does not also pay attention to the institutional setting of strikes. Strike law in the EU differs significantly from country to country. For example some countries allow political strikes, while others do not, and secondary industrial action is not allowed in all 27 EU countries (Warneck, 2007; Clauwaert, 2002). Thus, when Crouch (2003) lists European countries in terms of strike proneness, we have to consider industrial action legislation and how this affects the incidence of strikes. In particular, any comparison with the high level of strikes in France has to be treated with extreme caution, as there, as well as in Italy and Belgium, the right to strike is an individual right, guaranteed by the Constitution, whereas nearly everywhere else it is a collective or labour union right. But in contrast to the Finnish case, political strikes are strictly forbidden, as these constitute an abuse of the right to strike. Also in strong contrast to the Finnish case, there is no peace clause, which means that in France a collective agreement cannot restrict the right to strike.

The procedures for institutionalised conflict resolution are also very significant for the interpretation of strike levels. In Finland, strikes have to be announced to the other party and the National Conciliator 14 days before the strike is going to be held. This notification has to include the reason for the strike, the date and duration as well as the location(s). This notification thus triggers the involvement of the National Conciliator, who is charged with resolving industrial conflicts. The institutional conflict resolution procedure is another reason why the state does not interfere in strikes, other than issuing condemnatory statements.

In contrast to France, strikes are not *ultima ratio* (Warneck, 2007). In Finland,

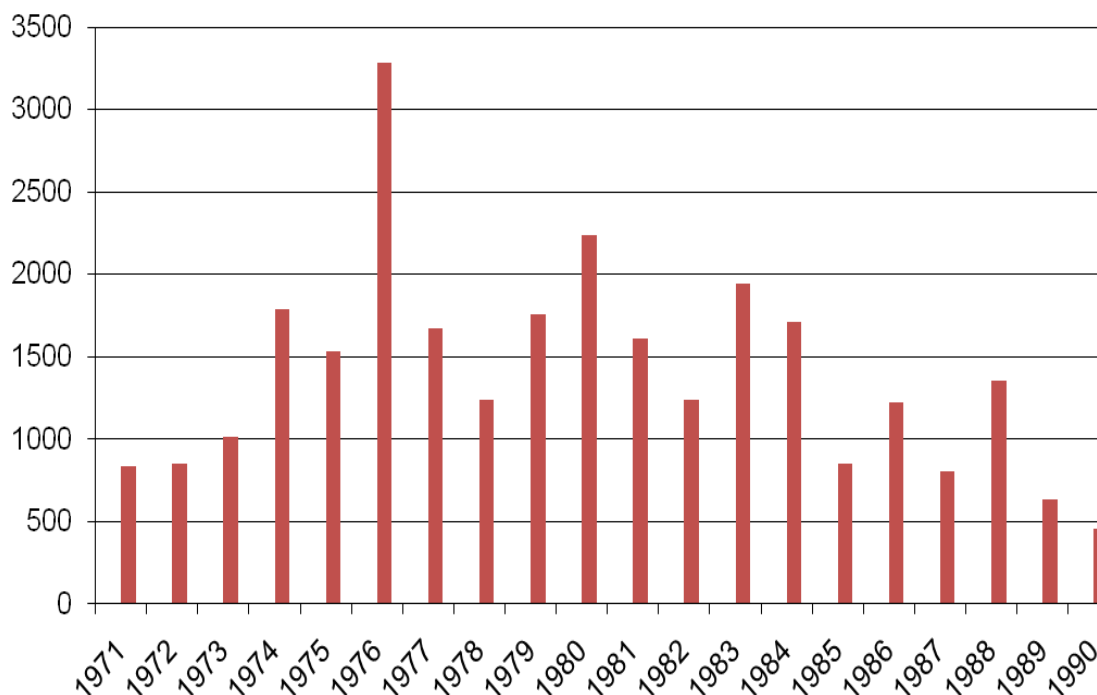
strikes are part of the collective bargaining process and they are legal – even for civil servants employed by the state and local authorities – after agreements have expired. Lockouts are also legal but rare compared to strikes. Unions are obliged to ensure that they, local trade union branches and their members follow the peace clause in agreements. If members, branches or unions resort to strike action themselves punitive fines can be imposed by the Labour Court. In many cases settlements of local strikes include a clause that neither party may take the other to the Labour Court.

Although it is clear that, in general, a strike is an instrument used to express certain demands or grievances, strikes in the Finnish case have a particular institutional context and a specific role in the collective bargaining process. This helps to explain the frequency of strikes without the need to return to the explanation of Communist influence.

Four pictures of Finnish industrial disputes

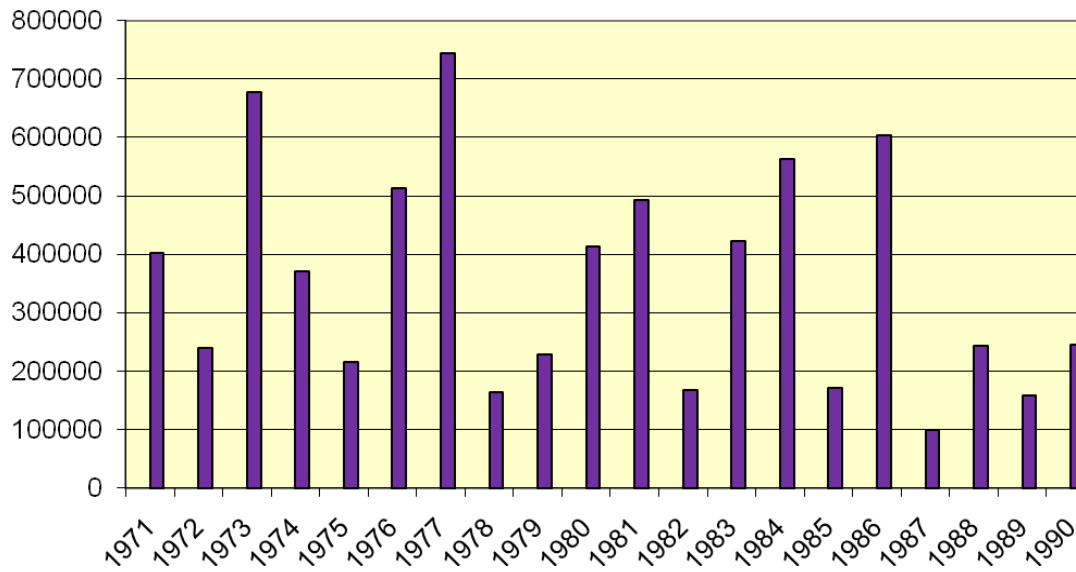
Statistics of industrial disputes measure different aspects of conflicts in working life: number of disputes, workers affected and workdays lost. These measurements portray dissimilar pictures of Finnish strike trends.

Figure 1. Number of industrial disputes



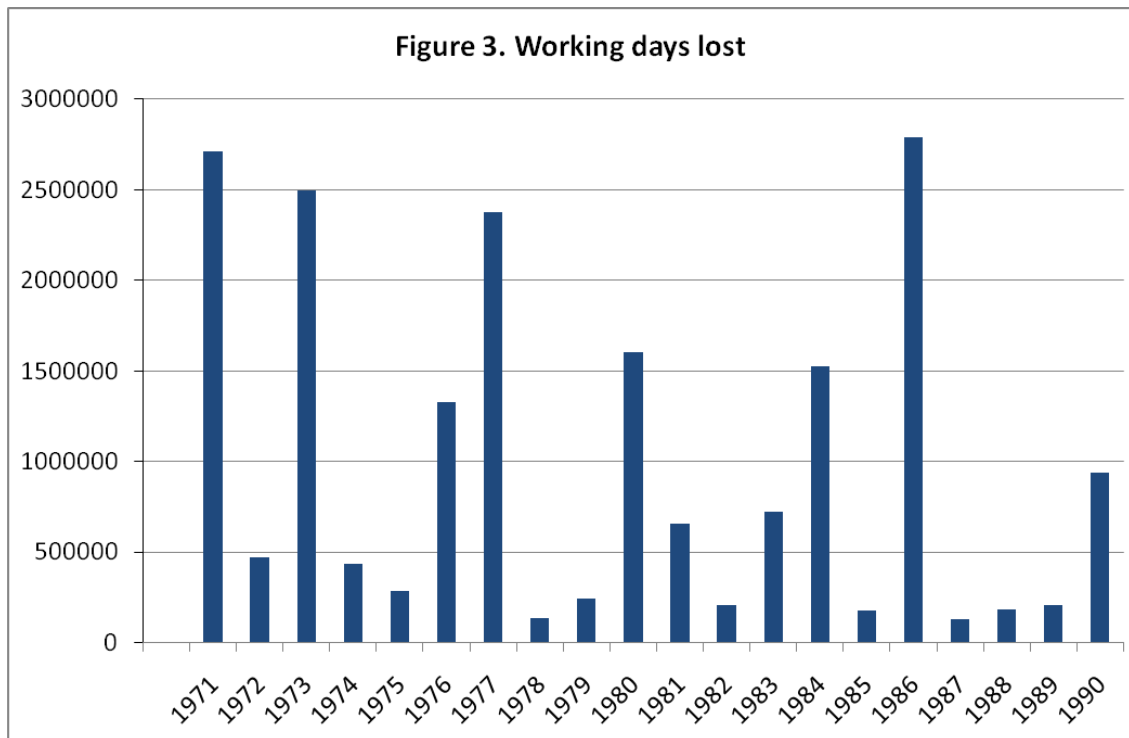
The number of strikes in figure 1 gives a straight forward picture of the rise and fall of Finnish strikes, peaking in 1976 and thereafter showing some annual fluctuations but in general a slide. The number of disputes does not inform us how many workers participated in or were involved in these disputes and how long these conflicts lasted. In the Finnish case the number of disputes emphasises overwhelmingly short, small and local strikes.

Figure 2. Workers affected



When we look at the columns of workers affected in figure 2, the picture is less clear. The number of workers affected fluctuates much more. There are more peaks (1973, 1977 highest, 1981, 1984 and 1986) and troughs than in the figures for the number of disputes. The national strikes, the short general strike in 1986 and the protest strike of SAK in 1989 are more clearly visible in these figures. The number of strikers illustrates the breadth of industrial conflict but the information about depth is lacking.

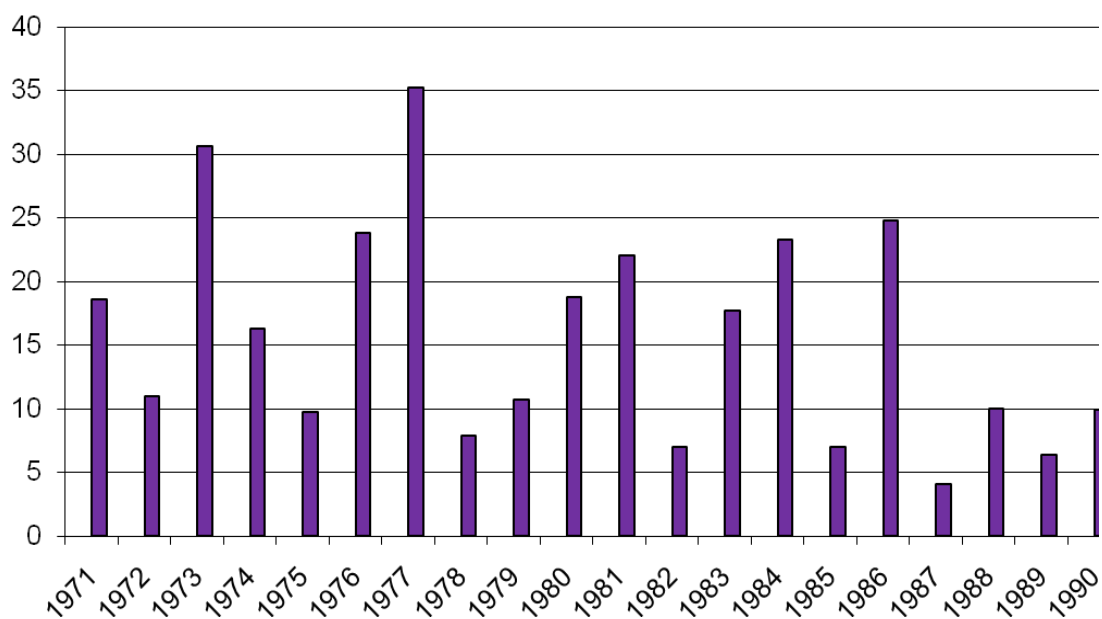
Figure 3. Working days lost



The information about the severity of conflicts is best retrieved from the data concerning the number of workdays lost, as seen in figure 3. These numbers present the

most informative picture of how permanently unstable Finnish industrial relations were during the 1970s and 1980s. In the number of workdays lost the differences between the years are even more dramatic than in the statistics of workers involved. It was not until the recession of the 1990s that the number of workdays lost through strikes and lockouts fell. Long national strikes (or lockouts) in sectors like construction, the metal industry, banking, transport, health or other public services are visible in the peak years of 1971, 1973, 1977 and 1986 (highest). Smaller summits were in 1976, 1980, 1984 and 1990.

Figure 4. Workers involved, percent of employed



The normality and popularity of strikes are obvious in the participation rate of the Finnish labour force in industrial strife during these two decades, which is shown in figure 4. Even though some workers could be included in strike statistics several times during same year, it is striking that only in seven out of twenty years in our period fewer than ten percent of the employed were involved in industrial strife. The average participation rate was over 15 percent of the workforce. These are extraordinary numbers in Europe and in the world.

The nature of industrial strife changed during the years 1971-1990. The number of strikes started to decline from 1977, when the wildcat strikes at local level started to decline. Higher compensatory fines for breaches of collective agreements also reduced the number of wildcat strikes. The number of workers affected fluctuated more as well as the number of workdays lost.

The diversity of Finnish strikes

The statistical records of industrial disputes demonstrate that Finnish industrial relations are very unstable (Tilastokeskus 1978-1991). The numbers of disputes, work days lost and workers involved fluctuate quite wildly from near industrial peace to a high level of labour conflicts in European terms. Stability agreements and pacts in the 1940s and 1950s and incomes policy agreements in the 1960s, 1970s and 1980s did not change this pattern.

Due to variations in the coverage of comprehensive incomes policy agreements and

the length of national collective agreements, the numbers of workers affected and working days lost fluctuated considerably. Incomes policy agreements created tensions, because wage drift was often substantial in industrial occupations, but it was small or non-existing in the public and private service sectors. Incomes policy agreements set boundaries for those unions that tried to increase their wages more than the generally agreed amount. Many occupations and their trade unions did not follow the line of incomes policy agreements, when they attempted to restore the old wage structures against the rapid wage increases in other sectors. Therefore participants in national strikes varied from blue collar workers to salaried employees and police as well as to people with university degrees.

The biggest industrial conflict of the period under review was the metal industry strike in 1971. About 65,000 workers were involved and 2.3 million working days were lost. The other important conflict was a simultaneous strike and lockout in the construction industry. The following year was comparatively peaceful, but there were wildcat strikes in northern ports, and national strikes involving employees in the state-run alcohol shops, road transport, the rubber industry, journalists as well as driving school teachers. There was also a joint strike and lockout in the construction industry in 1973, and in the same year salaried employees in the banking sector and technical employees in industry went on a nationwide strike.

The metal industry strike in 1971 and the combined lockouts and strikes in the construction industry in 1971 and 1973 were prolonged trials of strength that only served to emphasise the fact that the advent of the age of comprehensive incomes policy agreements had not brought peaceful co-existence to industrial relations. Strikes increased in almost every country in Western Europe in the late 1960s and early 1970s, linked to the rapid growth in the strength of leftist revolutionary groups among students in the USA and Western Europe. In Finland, too, the students turned towards the labour movement. For example, in the early 1970s, during the strikes in the metal industry and the building trade, the strikers got free medical attention from students who were acting as medical locums in some localities.

After two more peaceful years industrial strife reached a new peak in 1976. National strikes of food workers, police, telephone fitters (at the end of this conflict there was also a lockout) and dockworkers were part of that heated year in Finnish industrial relations. Even though the number of strikes fell substantially in 1977, the number of workers affected in terms of working days lost increased significantly. Large scale national strikes were organised in the road transport industry, in the shoe and leather industry, in the hotel and restaurant sector and in power stations.

In 1980 lumber jacks, forestry machine operators, seamen, merchant fleet officers and salaried employees in industry went on strike. All these national strikes lasted over one month. The following year the largest conflicts were a two day strike connected to collective bargaining in the metal industry, a local general strike in the town of Kotka and a national strike in the insurance sector. The only national conflict in 1982 was in quite a small industry, when construction workers employed on infrastructure projects went on strike. Nurses and pharmacists went on strike in 1983. 1984 saw conflicts involving the Confederation of Unions for Academic Professionals, and doctors, psychologists, pharmacists, dentists, chemists, teachers, kindergarten teachers, librarians and social workers, all of whom came out against the Municipal Agreement Commission. Joining them were also retail sector workers, workers in the textile industry and workers in car and vehicle repair shops.

1985 was quite a quiet year, with only salespersons of the state-run alcohol shops

on strike. Civil servants, about 41,000 of them, had a nationwide strike in 1986. Construction workers and electricians were again involved in a combined strike and lockout in the same year, and a local bus drivers' strike in the Helsinki metropolitan area occurred at the end of 1986, the last peak year of Finnish industrial conflict. There were joint lockouts and strikes in the banking sector in 1990.

Wage transparency and collective agreements

Those who underline the importance of Communists in shaping Finnish industrial relations and their major involvement in the making of Finnish strike statistics have frequently drawn on comparisons with France and Italy. The problem with this approach is that Finnish industrial relations structures do not resemble those of Italy or France. Finland resembles the other Nordic countries rather than the Latin-Mediterranean model not only in its labour law but also in the structure of its trade unions, the strength of the peak organisations, state involvement and collective bargaining.

The decision on national wage control from 19 June 1945 defined standard wages and other principles concerning the calculation of pay and indirectly imposed collective bargaining and agreements on the Finnish labour market. The aim of the wage control decision and collective agreements was to promote a stable and fair wage structure and industrial peace (Bergholm, 2005b). The trade unions and the employers' organisations were responsible for implementing wage control in practice. A system of national collective agreements developed quite rapidly during the years 1945-1947 based on earlier local and sectoral experiences (Bergholm, 1997; Bergholm, 2005a).

The bodies in charge of the wage controls – and on occasion the cabinet too – approved the agreements made by the labour market organisations. However, for all its formal strictness, this and later government decisions on wage control had the paradoxical effect of making the collective bargaining system very unstable. Wage controls were not successful because they did not cover piecework and productivity bonuses. The classification of workers according to their skills, how strenuous or hard their job was, their sex and where they lived caused disputes not only between the employers' organisations and the trade unions but also between and within the unions themselves. Although some special clauses in the decision on wages initially provided a kind of safety valve releasing the pressures for wage increases that had built up in certain sectors, their actual application led to new pressures, and these in turn to threats of industrial action and strikes.

The official standard wages and the collective agreements that were based on them provided a good basis for comparing wages in different sectors. The growth of wages in different fields was linked together both administratively and in practice in the new institutional setting, in which agreements became publicly known through the media, and the pay rises obtained by individual trade unions or groups of workers could easily lead to a general spiralling of wages. (Bergholm, 1997; Bergholm, 2005a)

This high level of wage transparency in collective bargaining became a long lasting institutional feature of Finnish industrial relations, this is also acknowledged by Lilja (1992). The introduction of incomes policy in 1968 strengthened the earlier rigidity of the wage structure across all sectors by imposing similar pay rises (Bergholm, 2007). In Finland the institutional setting was such that the threat of a strike was the only way to upgrade the relative position of a sector or union in the wage structure. That wages and strikes in different sectors were closely interrelated explains the paradox of the great fluctuations in Finnish strike levels. A period of industrial peace came to an end because

a levelling wage increase in one sector caused the wage-earners in other sectors to agitate and strike for pay rises.

Thus, it is the historically embedded structural features of Finnish industrial relations that can better explain the propensity to strikes in the Finnish labour market, rather than the Communist predominance in industrial action. During and after the Second World War wage structures changed substantially. Even though these changes became smaller during the 1950s, these changes created a permanent tension between industries of high wage drift with piece work and production bonus systems and other sectors with more fixed and immobile wages. Those groups of employees and workers who felt disadvantaged due to wage drift, had to resort to the threat of strike action or long national conflict to follow wages in other industries. Sometimes, employees and unions in the wage drift sectors felt that unions with fixed wages were too successful. Therefore all unions could resort to industrial action (Mattila, 1992).

In Finland industrial action became quite detached from party politics as an accepted and normal behaviour in the labour market. If the police, civil servants, nurses, teachers, doctors, dentists and social workers go on strike in same country this cannot be explained satisfactorily by the involvement of proto-revolutionary Communists.

Wage drift is not the only destabilising factor in Finnish wage structures. Individual incomes altered substantially when the rapid structural change from a rural agrarian society to a more urban society increased employment in the industrial and service sectors. The Finnish economy was until the beginning of 1990s quite dependent on the success of the forestry sector and the metal industry which produced equipment and machinery for it. Strong fluctuations in the prices of sawn timber, pulp and paper created instability in the Finnish mono-economy (Hjerppe, 1989: 154-163; Kaukiainen, 2006). Currency devaluations – in 1945 (three times), 1949 (twice), 1957, 1967, 1977 (twice), 1978, 1979, 1982 and 1991 – to help the imports of forest industry products increased inflationary pressures in Finland. (Pekkarinen and Vartianen, 1993)

Kari Lilja (1992, 208-209) argues that at the local level authoritarian culture of management provoked strikes and only a managerial reform movement could gradually diminish strike incidence. In explaining strike levels in Finland, his analysis also includes the rise of the shop steward movement in late 1960s and early 1970s, political rivalry within the trade union movement and inter-federation, inter-union and reference group competition for both union members and economic rewards. Even though other features did exist, our point is that new strength of trade unions at national and local level in the beginning of 1970s intensified mostly the last cause for high strike propensity as indicated by Lilja – reference group competition.

One interpretation of the high level of industrial strife could be Durkheimian. The main causes of the perpetually high Finnish strike levels in European terms is the rapid and everlasting restructuring of society and working life in Finland. Strikes are one way to adapt to an unsafe, unsecured and unsheltered economic landscape, a strategy to help wage workers make ends meet.

Incomes policy agreements in the late 1960s and early 1970s raised the pay of low income groups. This solidaristic wage policy equalised wage structures and decreased considerably incomes disparities in Finland. Due to inflation the progressive taxation of high earners became gradually tighter in the beginning of 1970s, which strengthened the trend towards more equal earnings, but produced dissatisfaction among white collar salaried employees, skilled industrial workers and civil servants (Mattila, 1992, Mattila, 2000; Mattila, 2005; Muiluvuori, 2000).

Conclusions: moral code of successful striking?

According to Tilly and Tilly (1998:240) recognition of strikes by Western governments 'pushed the entire process [of contention] toward an orderly, non-violent withdrawal of one firm's waged workers from the employer's premises, designation of representatives to conduct negotiations [...] followed by an orderly return to work.' Tarrow (1998:99-102) states that although the strike originally was a form of disruptive contention, it has since developed into a conventional form of contention, which is part of the common 'repertoire of contention' as an institution. During period we analyse in this paper national and wild cat strikes became part of the 'repertoire of contention' of wage earners in many sectors.

This paper has argued that the high strike rates in Finland cannot be explained adequately by Communist involvement or influence in Finnish trade unions, work places or society in general. Despite its Nordic traditions of institutional structures in industrial relations, Finland resembles the Latin-Mediterranean countries in comparative strike statistics. In the culture of striking Finland actually resembles in some basic features Italy and France in the 1970s and 1980s. Strikes – even wild cat strikes - have a very high degree of legitimacy in Finland (Aamulehti, 2004).

The structural, economic and institutional setting favoured strike action in Finland, but it also produced longer and shorter spells of industrial peace. One major reason for the Finnish propensity to strike is the success of striking. Even employers think that a trade union taking industrial action deserves something more than other groups. Therefore trade unions never suffered profound or total defeat in their strike action during these years. (Mattila, 1992; Mattila, 2000; Mattila, 2005; Mansner, 1990; Mansner, 2005; Pietiäinen, 1995)

This tradition of successful striking was embedded in both local and national industrial conflicts (Kujala, 2006). Compared to Sweden, Finnish employer organisations were weak and lacked the means to impose strict discipline against companies or federations which gave in to the demands of strikers. The rules of employer associations were quite lax and their economic capacity to support their member organisations or companies against strikes was minuscule (Mansner, 1990).

Historians, sociologists and industrial relations researchers have analysed why employees strike. In a society like Finland undergoing rapid structural change, with a volatile high-inflation economy, permanent tensions in a highly transparent wage structure and strong unions, we probably can pose this question the other way round. Why don't people and unions strike more often? In Finland in the years 1971-1990 strike action was – compared to many other countries – neither a very extreme activity, abnormal nor risky.

References

Aamulehti (2004) Nuoret ja yli 50-vuotiaat paheksuvat lakkoa eniten, Lakkoilijat saavat eniten tukea nuorilta aikuisilta ja työläisiltä ['Young people and the over 50s disapprove of strikes the most, Strikers get the most support from young adults and workers' (authors' translation)]. *Aamulehti*, 19 November.

Alasoini T (1985) *Suomen lakot ekonomististen ja poliittisorganisatoristen lakkoteorioiden valossa*. Helsinki: Helsingin yliopisto.

Bergholm, T. (1997), *Ammattiliiton nousu ja tuho. Kuljetusalan ammattiyhdistystoiminta ja työmarkkinasuhteiden murros 1944-1949*. Bibliotheca Historica 19. Työpoliittinen tutkimus 166. Helsinki: Suomen Historiallinen Seura -

Työministeriö.

Bergholm, T. (2007), *Sopimusyhteiskunnan synty II. Hajaannuksesta tulopolitiikkaan. SAK 1956-1969*. Keuruu: Otava.

Bergholm, T. (2005) *Sopimusyhteiskunnan synty I. Työehtosopimusten läpimurrosta yleislakoon. SAK 1944-1956*. Keuruu: Otava, 2005. (Bergholm 2005a)

Bergholm, T. (2005), Suomen säädelyjen työmarkkinasuhteiden synty: palkkapäätös 19.6.1945. *Yhteiskuntapolitiikka* No 1 (2005): 3-14. (Bergholm 2005b)

Biggs M (2002) Strikes as Sequences of Interaction. *Social Science History* 26(3): 583-617.

Clauwaert S (2002) Transnational primary and secondary collective action: an overview of international, European and national legislation. *Transfer* 4:624-645.

Clegg H (1976) *Trade Unionism under Collective Bargaining. Theory based on Comparisons of Six Countries*. Oxford: Basil Blackwell.

Crouch C (2003) *Industrial Relations and European State Traditions, reprint*. Oxford: Oxford University Press.

Edwards PK (1986) *Conflict at Work. A Materialist Analysis of Workplace Relations*. Oxford: Basil Blackwell.

Fernandez R, Glazer J (1991) Striking for a bargain between two completely informed agents. *American Economic Review* 81(1): 240-252.

Fox A (1986) *History and Heritage. The Social Origins of the British Industrial System*. London: Allen & Unwin.

Hicks JR (1963) *Theory of Wages, 2nd edition*. London: MacMillan.

Hirschman AO (1970) *Exit, Voice and Loyalty – Responses to Decline in Firms, Organizations and States*. Cambridge: Harvard University Press.

Hjerpe R (1989) *The Finnish Economy 1860-1985. Growth and Structural Change. Studies on Finland's Economic Growth XIII*. Helsinki: Bank of Finland/ Government Printing Centre.

Honkapohja, S. and E. Koskela (1999), Finland's depression: a tale of bad luck and bad

policies, *Economic Policy - October 1999*

Hyman R (1977) *Strikes*. London: Fontana/Collins.

Hyman R (2001) *Understanding European Trade Unionism. Between Market, Class and Society*. London: Sage Publications.

Hämäläinen U (2006) Lakko. *Kuukausiliite helmikuu*. Helsinki: Helsingin Sanomat.

Hästö SH (1987) *Vuodet kertyvät, pilvet haihtuvat. Oma elämäkerrallista tarinaa ja mietteitä seitsemältä vuosikymmeneltä*. Porvoo ja Juva: WSOY.

Kahri T (2001) Viheltääkö pilli? Työmarkkinamiehen muistelmat. Keuruu: Otava.

Kaukiainen Y (2006) Foreign Trade and Transport. In: Ojala J, Eloranta J and Jalava J (eds) *The Road to Prosperity. An Economic History of Finland*. Jyväskylä: SKS, 127-163.

Ketola E (2007) *Suomen Metallityöväen Liitto 1961-1983*. Keuruu: Otava.

Korpi W, Shalev M (1979) Strikes, Industrial Relations and Class Conflict in Capitalist Societies. *British Journal of Sociology* 30(2):164-187.

Kujala A (2006) *Paperiliiton historia 1906-2005: paperiteollisuuden työmarkkinasuhteet ja suomalainen yhteiskunta*. Vammala: Vammalan Kirjapaino Oy.

- LabourSta Internet, *Strikes and Lockouts, by Economic Activity (9a, Sweden 1971-1992)*, <http://laborsta.ilo.org/STP/guest> (10.8.2010)
- Lilja K (1992) *Finland: No longer the Nordic Exception*, in: Ferner A, Hyman R (1992) *Industrial Relations in the New Europe*, Oxford: Blackwell Publishers
- Mattila A (1992) *Työriitojen sovittelun historia, Työpoliittinen tutkimus 27*. Helsinki: Työministeriö.
- Mattila A (2000) *Kunnat työmarkkinapolitiikassa. Kunnallinen työmarkkinalaitos 1970-2000*. Porvoo: Kunnallinen työmarkkinalaitos.
- Mattila A (2005) *Valtio työnantajana. Valtion työmarkkinalaitos 1955-2005*. Jyväskylä: Valtionvarainministeriö.
- Mansner M (1984) *Suomalaista yhteiskuntaa rakentamassa. Suomen Työnantajain Keskusliitto 1940-1956*. Jyväskylä: Teollisuuden kustannus Oy.
- Mansner M (1990) *Suomalaista yhteiskuntaa rakentamassa. Suomen Työnantajain Keskusliitto 1956-1982*. Jyväskylä: Teollisuuden kustannus Oy.
- Mansner M (2005) *Suomalaista yhteiskuntaa rakentamassa. Suomen Työnantajain Keskusliitto 1980-1992*. Jyväskylä: Elinkeinoelämän keskusliitto EK.
- Mills CW (1951) *White Collar – The American Middle Classes, 2nd edition*. New York: Oxford University Press.
- Muiluvuori J (2000) *Akava 1950-2000. Oma ja yhteinen etu*. Vammala: Vammalan kirjapaino Oy.
- Pietiäinen J-P (1995) *Herraklubista edunvalvojaksi. Liiketyönantajain Keskusliitto 1945-1995*. Keuruu: Otava.
- Olson M (1971) *The Logic of Collective Action – Public Goods and the Theory of Groups*. Cambridge: Harvard University Press.
- Pekkarinen J, Vartiainen J (1993) *Suomen talouspolitiikan pitkä linja*. Juva: WSOY.
- Rentola K (2005) *Vallankumouksen aave. Vasemmisto, Beljakov ja Kekkonen 1970*. Keuruu: Otava.
- Ross AM, Hartman PT (1960) *Changing Patterns of Industrial Conflict*. New York: John Wiley, 1960.
- Tarrow S (1998) *Power in Movement – Social Movements and Contentious Politics*. Cambridge: Cambridge University Press
- Tilastokeskus (1970-1992) *Statistical Year Book of Finland*. Helsinki: Tilastokeskus.
- Tilastokeskus (1972) Työtaistelut 1971. *Tilastotiedotus TY 1972, p. 6*. Helsinki: Tilastokeskuksen kirjasto.
- Tilastokeskus (1973) Työtaistelut 1972. *Tilastotiedotus TY 1973, p. 10*. Helsinki: Tilastokeskuksen kirjasto.
- Tilastokeskus (1974) Työtaistelut 1974. *Tilastotiedotus TY 1973, p. 18*. Helsinki: Tilastokeskuksen kirjasto.
- Tilly C, Tilly C (1998) *Work under Capitalism*. Oxford: Westview Press
- Van der Velden S (2000) *Stakingen in Nederland – Arbeidersstrijd 1830-1995*. Amsterdam: IISG
- Warneck W (2007) *Strike Rules in the EU-27 and beyond: a comparative perspective*. Brussels: ETUI-REHS.

Lutas operárias no Porto na segunda metade do século XX. Teresa Medina, Natércia Pacheco, João Caramelo

Assistimos hoje a diversas iniciativas visando o apagamento da memória do que representou o fascismo e do significado das profundas transformações na sociedade portuguesa ocorridas com o 25 de Abril. Resgatar memórias de intervenientes activos nas lutas sociais torna-se assim particularmente importante. Reflectir sobre elas a partir de diferentes perspectivas e ângulos de análise (histórico, social, político, económico, educativo...) constitui um meio de relembrar e equacionar um passado mais ou menos próximo, mas também uma interpelação do presente participando na construção do futuro.

A preocupação com o acesso e preservação da informação não se pode limitar aos documentos escritos, surgindo, cada vez mais, como particularmente relevante a necessidade de registar, centralizar e preservar testemunhos e narrativas de trabalhadores que dêem conta das suas condições de vida, de trabalho, de existência e das lutas em que se envolveram.

Estas narrativas introduzem novas versões dos acontecimentos históricos e perspectivas mais abrangentes, permitindo entender como os diversos momentos da história foram representados pelo imaginário social de uma época e como foram vividos e suportados os factos sociais que a história oficial tende a descrever de forma mais concisa. Como afirma Paul Thompson, “toda a história depende, basicamente, da sua finalidade social”, podendo a história oral “ser um meio para transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história [...] e devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante as suas próprias palavras”¹.

Consciente da importância da recolha e preservação de testemunhos de protagonistas das lutas sociais ocorridas no Porto, a Universidade Popular do Porto criou, em 2001, o CDI – Centro de Documentação e Informação sobre o Movimento Operário e Popular do Porto (<http://cdi.upp.pt>), constituindo, desde então, um acervo de histórias de vida que tem sido acrescentado e objecto de estudo por diferentes projectos de investigação, de que salientamos o projecto “Memórias do trabalho – processos de construção de uma identidade operária no Porto”².

Desde a criação do CDI foram já realizadas dezenas de entrevistas, as quais foram sentidas, por muitos dos entrevistados, preocupados em manter viva uma memória do Porto que não omita os trabalhadores e as lutas sociais, como “uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, fazer-se ouvir, levar a sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de se explicar, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir o seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles se vêem a si mesmos e o mundo e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar”³.

Estas narrativas mostram como “a memória de um pode ser a memória de muitos,

¹ Paul Thompson. *A Voz do Passado. História Oral*, S. Paulo, Paz e Terra, 2002, pp. 20-22.

² Este projecto foi desenvolvido pelo CIIE/FPCEUP, tendo como entidades parceiras a própria UPP e o LIACC, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

³ Pierre Bourdieu (Coord.), 1997, *A Miséria do Mundo*, Petrópolis, Vozes, p. 704.

possibilitando a evidência de factos colectivos”¹, constituindo-se como um importante contributo para a reconstrução e reinterpretação do passado e do presente, e para, “a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário”², dar à história outros sentidos.

Uma história construída a partir dos discursos e das subjectividades de quem viveu situações únicas, mas permanentemente cruzadas com as vivências de muitos outros, de quem foi protagonista em muitos dos acontecimentos de que fala e que tiveram uma grande importância nos processos de transformação social e política ocorridos nas últimas décadas, permitindo-nos traçar “quadros” que vão muito para além dos documentos escritos a que normalmente temos acesso e a partir dos quais se tende a construir a história.

A forma como estas pessoas contam e analisam os seus percursos de vida, atribuindo explicitamente significados às suas experiências, a riqueza humana dos seus testemunhos, permitem perceber as suas histórias, únicas e muito pessoais, mas ao mesmo tempo sociais e colectivas, trazendo-nos um importante retrato social da vida de muitas famílias operárias no Porto, ao longo do século XX e dando-nos acesso à relação entre as biografias individuais e as características globais da situação histórica “datada e vivida”³.

Viver o fascismo – as lutas pela sobrevivência, pela dignidade, pela liberdade

Através das vozes de trabalhadores que nasceram, passaram a infância e a adolescência e entraram no mundo do trabalho em pleno salazarismo, chega-nos um quotidiano de muitas famílias operárias nesse período da história portuguesa, permitindo lembrar realidades sociais que tornavam a vida diária uma luta constante pela sobrevivência e pela dignidade e que hoje tendem a ser, consciente ou inconscientemente, esquecidas, mi(s)tificadas, ou ainda estranhamente naturalizadas.

Ó mãe, não acredito!

Há memórias que eles (os filhos) não acreditam. Que eu trabalhasse, passasse fome, [...]. Então esta minha mais nova não acredita, mesmo. [...] A gente não tinha cinco tostões para comprar um pão, [...] eu conto-lhe muitas vezes, “Olha, vês esta rua, a mãe andou por aqui a pedir”. E ela diz: “Ó mãe, não acredito!” “Eu não acredito”. E é um bocado complicado. [...] Era horrível. Era horrível. Havia muitas dificuldades (Amália Andrade).

Os seus testemunhos trazem-nos igualmente as condições de trabalho a que, então, estavam sujeitos nas fábricas. Condições que não eram dissociáveis do processo de industrialização em Portugal, da expansão das relações de produção capitalistas, das características das diferentes empresas e sectores profissionais e do modelo de organização do trabalho, progressivamente taylorista e reflectindo uma estrutura industrial pouco evoluída e baseada na exploração intensiva de mão-de-obra barata. Tais

1 Paul Thompson, *A Voz do Passado. História Oral*, S. Paulo, Paz e Terra, p. 17.

2 Ibidem, 2002, p. 19.

3 Franco Ferraroti, *Histoire e Histories de Vie – la méthode biographique dans les sciences sociales*, Paris, Lib. des Méridiens, 1983, p. 41.

condições integravam-se no quadro político mais geral que então se vivia, marcado pela falta de liberdades, pela ausência de direitos, designadamente o direito à greve e à livre organização sindical, pela existência da PIDE e de uma forte repressão sobre qualquer tipo de oposição ao regime ou movimentação dos trabalhadores.

A organização e as condições de trabalho, bem como a multiplicidade de relações que se estabeleciam no interior das fábricas acabavam por criar, simultaneamente, as condições para a interiorização, naturalização, aceitação passiva e reprodução das desigualdades e das brutais formas de exploração existentes, mas também para o seu questionamento e para o desenvolvimento de processos reivindicativos e de formas de oposição e de resistência diferenciadas, favorecendo o desenvolvimento de diferentes identidades operárias que, no dia-a-dia, se manifestavam de formas diversas.

Importantes sectores de trabalhadores, entre os quais muitos cujas narrativas temos vindo a mobilizar, foram desenvolvendo, no interior das empresas, em diferentes organizações e movimentos, a capacidade de perceber a exploração a que estavam sujeitos e de a questionar, deixando de olhar as desigualdades como algo de natural e inevitável. Neste processo, desenvolviam uma consciência operária, enquanto consciência de classe, construindo-se como trabalhadores “militantes” e assumindo uma participação activa na organização e dinamização das lutas nas empresas.

Só no distrito do Porto, entre 1960 e o 25 de Abril de 1974, de acordo com a cronologia elaborada pela Universidade Popular do Porto, no âmbito do CDI, e num levantamento não exaustivo, tiveram lugar mais de 170 processos de luta, em diversas empresas e sectores profissionais, envolvendo milhares de trabalhadores. Concentrações, abaixo-assinados, recusa em fazer horas extraordinárias, pequenas paralisações, greves de zelo e greves com paralisação total do trabalho (mais de 80 no período de tempo indicado), acções de solidariedade com outros trabalhadores em luta são exemplos do tipo de movimentações realizadas. As principais reivindicações apresentadas passavam pelo aumento de salários, por melhores condições de trabalho, pelo direito à semana inglesa (nos têxteis), contra o trabalho nocturno e o regime de empreitadas (nas conservas), pela revisão dos contratos colectivos, pela reintegração de trabalhadores despedidos, pelo pagamento de salários em atraso, contra o encerramento de empresas, pela liberdade sindical.

Diversos entrevistados abordam o papel desenvolvido por várias organizações e movimentos de oposição, capazes de unir na acção sectores antifascistas que se opunham ao regime e que desenvolveram, também no Porto, em condições muito difíceis, a luta pela liberdade e a democracia, pelo direito à greve e à liberdade de expressão, de reunião e de manifestação, pela libertação dos presos políticos, contra a repressão e a PIDE, pela igualdade de direitos da mulher, contra a guerra colonial, contra a censura, pela democratização do ensino, contra o aumento do custo de vida (de que se destaca, até pelo número de testemunhos que a referem, uma manifestação no dia 15 de Abril de 1972, no Porto, com mais de 40 mil participantes).

Para muitos trabalhadores assumiu um significado particular a luta pela liberdade sindical e pela conquista das direcções dos sindicatos corporativos, com realce para sectores como os metalúrgicos, os têxteis, os bancários e os seguros.

A luta travada por metalúrgicos do Porto pela conquista da direcção do sindicato, entre 1969 e 1970 (no período da chamada “abertura” marcelista), precisa de ser recordada, sendo bem elucidativa das restrições e limitações à actividade sindical, das acções intimidatórias da PIDE, das dificuldades em conseguir eleger e garantir a tomada de posse de dirigentes que não fossem da confiança do regime, mas também da capacidade de mobilização dos trabalhadores, das estratégias de luta desenvolvidas e da

capacidade de integração de lutas sectoriais na luta política mais geral.

Essa capacidade de mobilização articulava-se com a existência de núcleos organizados, em situação de clandestinidade ou semi-clandestinidade, como o “Grupo de Operários Metalúrgicos”, envolvendo operários de diferentes empresas metalúrgicas, ou a “Comissão Sócio-Profissional de Trabalhadores do Porto”¹ e um conjunto muito diversificado de lutas que vinham a ser travadas em muitas empresas.

Aquilo também não aparece por acaso

“Há um movimento que foi aproveitado para agregar gente que já participava nessas discussões, nesta fábrica, naquela outra, e também havia lutas nas empresas. [...] Na antiga Fábrica Leão, na Oliveira e Ferreirinha, na Mário Navega, na própria Eduardo Ferreirinha, porque aquilo também não aparece por acaso; o contrato, a proposta de alterações do grupo de trabalhadores aparece acompanhado de uma movimentação mais larga nas empresas: de reclamações, de reivindicações” (Vítor Ranita).

Aliás, só uma grande capacidade de articulação de formas de acção legais, semi-legais e ilegais, uma forte ligação de diversos activistas às empresas e o envolvimento de muitos trabalhadores permitiu que a direcção eleita viesse efectivamente a tomar posse, tornando-se este processo um marco nas lutas operárias do Porto.

A conquista da direcção veio introduzir novas formas, métodos, dinâmicas e objectivos de trabalho no sindicato. A atenção dada a cada questão permitia perceber melhor como muitos dos problemas que se colocavam a cada trabalhador eram problemas colectivos, só resolúveis no quadro de uma grande mobilização e intervenção conjunta. O sindicato começou, então, a realizar reuniões à porta das empresas (muitas delas interrompidas pela polícia), a editar e distribuir comunicados, a recolher abaixo-assinados, a criar uma rede de delegados sindicais.

Onde se dá o movimento de massas imparável ...

Onde se dá o movimento de massas imparável é após a conquista do sindicato. Isso foi uma coisa! Reuniões aí à porta das empresas, com a polícia presente, a GNR a intervir – “O que é que vocês estão aqui a fazer? Que reunião é esta?” –, com malta a ouvir... e acompanhado de uma coisa que na altura foi uma inovação que foi a criação dos delegados sindicais de empresa. [...] E com reuniões, assembleias gerais frequentes, bastante participadas, isso foi uma dinâmica... (Vitor Ranita)

Pelo número de trabalhadores que reuniram, pela forma entusiástica como decorreram, apesar da permanente presença intimidatória da polícia e da PIDE, as assembleias gerais e concentrações então realizadas são reveladoras da forte influência do sindicato e da sua capacidade de mobilização para a luta de importantes sectores que ganharam assim uma nova consciência do seu papel social. Todo o trabalho desenvolvido, as lutas que simultaneamente foram realizadas em muitas empresas (Oliveira & Ferreirinha, Mário Navega, Fábrica do Cobre, Sonafi, Alumínia, Esmaltal, Fábrica Leão, EFACEC, entre outras), o contexto político que então se vivia, criaram as condições para, em plena ditadura, impor conquistas significativas no contrato de trabalho aprovado em 1972,

¹ Criada no âmbito do movimento democrático, da Comissão Democrática do Porto, por alturas das eleições de 1969, e envolvendo trabalhadores de diferentes sectores profissionais.

designadamente a igualização do salário para homens e mulheres. Todos estes processos de luta contribuíram significativamente para que o 25 de Abril acontecesse, marcando uma nova etapa na vida dos Portugueses.

O 25 de Abril – viver a revolução

O 25 de Abril foi um período particularmente significativo para quantos o vivenciaram. Foi a concretização, quase imediata, de um conjunto importante de objectivos pelos quais muitos se tinham batido: o fim da ditadura, a conquista da liberdade, a extinção da PIDE, o fim da guerra, o direito de reunião, de associação, de expressão e de manifestação, o direito à greve e à liberdade sindical.

O 25 de Abril foi a coisa mais importante que eu tive na minha vida

O 25 de Abril foi a coisa mais importante que eu tive na minha vida, foi as pessoas poderem pôr tudo a nu, poderem dizer “as batatas estão caras” e não serem presas; porque, antes, não era possível (Manuel Barra).

Foi, contam-nos estes relatos, um tempo inesquecível que se traduziu na afirmação de cada um como construtor da história, no exercício real de uma democracia participativa, numa profunda melhoria das condições de vida e de trabalho dos Portugueses. Um tempo que consideram importante relembrar, particularmente num contexto, como o actual, em que diversos direitos e conquistas então alcançados foram ou estão a ser postos em causa.

Foi uma bomba que estourou no coração das pessoas

É difícil expressar aqui a alegria, a emoção tão grande que tive [quando surge a grande chama da liberdade, o 25 de Abril, de que me orgulho de ter participado para que acontecesse, através da luta] de poder dizer “chegou o dia de acabar com esta canalha, chegou o dia de partirmos para a nossa vida, porque até aí era uma vida determinada por outros; a partir de agora temos a possibilidade de dizer: eu sei o que quero da minha vida e é agora que eu vou fazer a minha vida”. Foi uma coisa espantosa. Foi uma bomba que estourou no coração das pessoas de tal ordem que não consigo traduzir o calor de muita gente, aquele contentamento, aquela alegria (Manuel Barra).

O período revolucionário foi marcado por uma forte participação popular, vivida intensamente por milhares de pessoas que se multiplicaram na intervenção nas mais diversas instâncias e estruturas, que por todo o lado se constituíram, abrindo-se uma época de profundas transformações na sociedade portuguesa e, em particular, no mundo do trabalho. A consciência “meio adormecida” das injustiças e desigualdades despertou por todo o lado, levando muitos trabalhadores e trabalhadoras a assumirem-se como sujeitos de direitos, com direito a ter direitos, com direito à dignidade e a uma vida melhor. Produzem-se alterações profundas e significativas na forma como as pessoas passam a ver e a sentir a realidade que as cercava e a si próprias, reconhecendo o seu papel na transformação social e sentindo-se com vontade, força e poder para impor a mudança no seu quotidiano.

Nós queremos papel higiénico para a casa de banho

Dá-se o 25 de Abril e aí sim, a consciência, meio adormecida, que cada um de nós

tinha das desigualdades, de facto foi a explosão completa (...). Havia tantas coisas para a gente dizer: nós queremos isto, nós queremos aquilo, que hoje, 31 anos depois, a gente diz assim, mas eram tão ridículas aquelas coisas que a gente estava a exigir. Sabes qual foi uma das primeiras reivindicações (na fábrica)? A exigência de papel higiénico para a casa de banho. Nós queremos papel higiénico para a casa de banho. E a ideia de nós estarmos a dizer isto, não é, e eles a dizerem que sim a tudo. [...] Enfim, uma série de alterações substanciais que ali se dão, que não sei se melhoram a nossa vida, mas melhoram com certeza as nossas condições de trabalho (Palmira Peixoto).

A vontade de participar e a consciência da importância e da utilidade dessa participação levou à intervenção activa de muitos na vida política e social, na criação e dinamização de novas formas de organização social, na tomada dos sindicatos corporativos e na constituição de novos sindicatos, na formação de comissões de moradores e de associações populares, em partidos políticos, na organização e na direcção de diferentes estruturas. A partir da acção concreta, na relação com os outros, na procura das melhores soluções para a enorme quantidade de questões a que havia que dar resposta, sentindo que nada era impossível, foram muitos os que aprenderam a participar participando, desenvolvendo novas formas de exercício do poder, formando-se e transformando-se enquanto se assumiam como autores das profundas mudanças que se operavam.

Tal como em muitas outras regiões, gerou-se no Porto uma forte dinâmica de intervenção em torno dos sindicatos, com o afastamento das antigas direcções e com a criação de novos sindicatos (casos da função pública, professores e pescadores, por exemplo). Nos mais diversos sectores profissionais realizaram-se assembleias, amplamente participadas, com vista à criação ou reestruturação dos sindicatos, sentidos agora como estruturas nas quais era necessário e valia a pena intervir. Num processo amplamente participado, foram milhares os que, pela primeira vez, se assumiram como actores e autores sociais¹, participaram em reuniões, usaram da palavra, discutiram formas de organização, decidiram lutas, votaram, elegeram representantes, foram eleitos, dirigiram sindicatos. Exercendo desde logo a liberdade sindical, e sem esperar pela publicação da legislação que a iria regulamentar (que só em 1975 viria a ser aprovada²), os trabalhadores foram dando corpo aos seus sindicatos, tornando-os uma força incontornável nas lutas políticas então travadas.

Era uma coisa impressionante, impressionante...

A assembleia constituinte do sindicato (dos Trabalhadores da Função Pública do Norte) foi uma coisa, quatro mil e quinhentas pessoas, é uma coisa, quatro mil e quinhentos certos, não é ...; [...] é uma coisa absolutamente louca [...]. Era uma coisa impressionante, impressionante (Vieira Mendes).

Num período de forte mobilização e de grande crescimento dos sindicatos, foram muitas as reivindicações apresentadas e as lutas travadas em empresas e sectores profissionais, tendo sido conquistados múltiplos direitos sociais, políticos e laborais. Organizados

¹ Jacques Ardoino, *L'Approche multiréférentielle (plurielle) des situations éducatives et formatives*, 1933 in <http://www.barbier-rd.nom.fr/ApprMultRefJA.html> (consultado em 26/11/2004).

² Dec. Lei 215-B/75, de 30 de Abril.

através dos sindicatos ou auto-organizando-se nas empresas, os trabalhadores elaboraram e apresentaram cadernos reivindicativos, exigiram a melhoria das condições de trabalho e o direito a um trabalho com direitos e com dignidade, o aumento de salários, a fixação do salário mínimo, o pagamento ao mês, o direito a um mês de férias pagas e ao 13.º mês, a redução do horário de trabalho.

Num quadro em que a correlação de forças claramente se tinha alterado a favor dos trabalhadores, foi possível, em muitas situações, ver os resultados da luta e sentir transformações radicais nas condições de trabalho e de vida que elas proporcionaram.

A força que lhes advinha de ninguém ser reprimido por ser livre

Passámos aquele período, que foi um período muito rico e muito trabalhoso. Muito rico porque os trabalhadores sentiram a força que lhes advinha de ninguém ser reprimido por ser livre, ninguém ser despedido por ser livre, ninguém ser pressionado por fazer greve, ninguém ser pressionado por fazer a ocupação de uma fábrica; se o patrão fugia para aqui ou para acolá, os trabalhadores ocupavam imediatamente a fábrica para defenderem os postos de trabalho e também defenderem o património que lá tinham (M.^a Emília Reis).

O 25 de Abril traduziu-se, objectivamente, na melhoria das condições de vida e de trabalho para milhões de portugueses, que viram, pela primeira vez, ser reconhecidos e consagrados uma multiplicidade de direitos que traduziam um grande avanço do ponto de vista laboral e social. Uma das medidas que importa salientar, pelo seu significado e pelas consequências imediatas que teve na vida de muitas famílias, também no Porto, foi a aprovação, logo em Maio de 1974, do salário mínimo nacional para a indústria e serviços¹, no valor inicial de 3300\$00, que foi beneficiar cerca de 50% dos trabalhadores e cerca de 78,8% das mulheres trabalhadoras.

A primeira vez que eu tenho uma nota de quinhentos escudos na minha mão que é minha ...

Nunca mais me esqueço que, após o 25 de Abril, quando o salário mínimo é instituído e a gente passa a receber ao mês, três contos e trezentos, a minha mãe disse, com uns olhos assim com uma alegria incrível – é a primeira vez que eu tenho uma nota de quinhentos escudos na minha mão que é minha, e aquilo foi uma coisa para ela, como quem diz, de facto, valeu a pena estes anos todos porque eu acho que agora a gente muda de vida mesmo (Palmira Peixoto).

Logo em 1974 foi aprovado o aumento do abono de família, foram estabelecidos os valores mínimos das pensões de reforma e invalidez (metade do salário mínimo) e foi criada uma pensão social para os maiores de 65 anos. Em 1975 criou-se o subsídio de desemprego, generalizou-se o direito a férias (mínimo de 15 dias e um máximo de 30) e o subsídio de férias (equivalente ao salário), proibiram-se os despedimentos sem justa causa e foram adoptadas medidas de protecção na maternidade.

Significativas deste período são também as alterações profundas no papel desempenhado pelas mulheres, destacando-se a sua acção em todas as frentes de intervenção. Nas ruas, nas comissões de moradores e associações populares, nas

¹ Para as empresas com mais de cinco trabalhadores.

empresas e sindicatos, nas autarquias, foram milhares as que marcaram presença e que assumiram a condução e direcção das mais diversas iniciativas.

Comecei a ser livre

(com a ida para o sindicato) modifiquei em muito a minha maneira de ser; modifiquei-me porque comecei a ser mais livre; independentemente de eu me dar bem com o meu marido, mas era sempre o homem e a mulher. Isso foi um ponto fundamental, comecei a ser livre. Aliás, no primeiro ano que fui para a direcção do sindicato, era só eu de mulher [...] Mas é engraçado porque a libertação era tanta que eu já lidava com aqueles doze homens e eu sozinha de mulher que achava que eu tinha o mesmo direito que eles, e tenho, mas foi muito rápido, foi muito rápido e foi óptimo. [...] isto em relação à libertação (Amália Andrade).

A institucionalização do regime democrático

A entrada no chamado período da “normalização”, a partir da institucionalização do regime democrático, significa o início de um novo período na história social e política portuguesa, marcado pela inflexão do processo revolucionário, por um conjunto significativo de transformações no mundo do trabalho e pela aprovação de legislação diversa que, em muitos aspectos, se irá opor a algumas das conquistas alcançadas no período anterior.

Se até então a maior parte das palavras de ordem e as reivindicações tinham sido de natureza ofensiva, em torno da conquista de direitos, neste período e até aos dias de hoje, as palavras de ordem passaram a ser fundamentalmente de natureza defensiva, contra as medidas que estavam a ser tomadas. Tratava-se então de impedir que os direitos conquistados com o 25 de Abril fossem novamente perdidos.

A nova conjuntura política e a alteração da correlação de forças, deixando o poder de estar do lado dos trabalhadores, os processos de divisão no movimento sindical, provocando diversas rupturas, criaram as condições para que em diversas empresas a actividade dos sindicatos ligados à CGTP fosse reprimida, tendo sido muitos os activistas, delegados e dirigentes sindicais castigados, suspensos ou despedidos. A repressão ao movimento sindical e aos seus activistas atingiu, em determinadas empresas da região, formas de extrema violência (casos da Ameal, Silva e Sistelo, Alumínia, entre outras). Os acontecimentos do 1.º de Maio de 1982, com o assassinato de dois trabalhadores pela polícia de intervenção (relatado por muitos entrevistados) marcam este período e a história do movimento sindical no Porto, não podendo ser esquecidos.

A luta mais decisiva pela defesa do regime democrático com impacto no distrito

O 1.º de Maio de 1982 terá sido, depois do 1.º de Maio de 1974, a luta mais decisiva pela defesa do regime democrático com impacto no distrito, mas também com impacto nacional. [...] há ali toda uma actuação devidamente orquestrada, planeada, para subjugar o exercício das liberdades, não só sindicais, também cívicas, e se eles tivessem ganho aquilo que queriam, acredito que alguma coisa de grave se teria passado depois em termos de limitações à liberdade de manifestação, pelo menos essas, e naturalmente, as liberdades sindicais nas empresas teriam sido prejudicadas; acho que foi uma resposta poderosa, talvez a última resposta poderosa em termos do distrito do Porto, do movimento sindical às ameaças contra o regime democrático [...] e depois uma resposta tremenda no outro dia. Foi uma coisa muito importante.

[...] Na noite de 30 de Abril e no dia 1 de Maio de 1982, os trabalhadores e grande parte da população do Porto estiveram à altura das mais progressistas tradições de luta da história da cidade (Vítor Ranita).

A perspectiva de adesão à CEE colocou em cima da mesa a reestruturação de diversos sectores profissionais, uma vez que, com a liberalização do comércio, muitas das empresas portuguesas, dada a sua dimensão, estrutura e tecnologia utilizada, não estariam em condições de competir no mercado internacional. Situação com consequências dramáticas para muitos trabalhadores, em particular em sectores como os têxteis, vestuário e conservas, assistindo-se, no final dos anos 70 e nos anos 80, ao encerramento de grande número de empresas no distrito do Porto (como a Lionesa, Fil, Nacitex, Mondex, Cifa, Uniteca, só no sector têxtil, e a quase totalidade das empresas de conservas de Matosinhos), ao aumento do desemprego e a inúmeros casos de salários em atraso, dando origem a uma gravíssima situação social e a inúmeros dramas humanos, com a fome a entrar em força em milhares de famílias.

Quando eles deixaram de pagar salários

Eu quero-te dizer que uma das coisas que mais me marcou foi ver na Ameal – quando eles deixaram de pagar o salário e passaram a servir sopa – uma das minhas colegas levar uma marmita para a fábrica, pedir que lhe pusessem a sopa dentro, ela não comer a sopa e levar a sopa para casa, para dar aos filhos (Palmira Peixoto).

A intervenção sindical assumiu diversas formas e desenvolveu-se em vários planos. Para além do trabalho dentro das próprias empresas, das reuniões e negociações com as administrações e com o Ministério do Trabalho, do apoio e acompanhamento jurídico aos trabalhadores, foram muitas as acções de solidariedade promovidas e que se materializaram, entre outros aspectos, na recolha e distribuição de dinheiro e de alimentos. Como referem diversos entrevistados, trabalhadores das empresas com salários em dia foram mobilizados e mobilizaram-se para apoiar, constituindo-se um importante movimento de solidariedade e de denúncia da gravidade do que se estava a passar.

E nesse dia as crianças comeram

Naquela altura, fizeram-se aquelas grandes campanhas de solidariedade com as outras fábricas; na CIFA andou-se a distribuir alimentos, puseram-se os filhos dos trabalhadores, dentro do refeitório, onde iam comer os chefes, os patrões, os escritórios; pusemos lá os filhos todos, a ocupar as mesas todas, para comerem e nesse dia as crianças comeram (Palmira Peixoto).

As transformações sociais e políticas que desde então se têm continuado a verificar têm-se traduzido numa significativa degradação das condições de trabalho e dos níveis de exploração dos trabalhadores, na crescente desregulação das relações laborais, num aumento do trabalho precário e das situações de desemprego, na diminuição dos direitos dos trabalhadores.

Esta situação, acompanhada de uma ofensiva política e ideológica contra os direitos do trabalho, que se tem acentuado, dos discursos sobre a crise e do reforço da ideologia neoliberal que tende a ser interiorizada e reproduzida por muitos trabalhadores, como

referem diversos entrevistados, tem criado sérias dificuldades ao desenvolvimento de processos de luta e à capacidade de intervenção dos sindicatos, o que não significa que não continuem a ocorrer lutas nas empresas e acções de mobilização e de protesto mais gerais.

Conclusão

Têm sido muitas as acções de luta em que os nossos interlocutores e milhares de outros trabalhadores do Porto se têm envolvido ao longo dos anos, em torno de objectivos diferenciados e assumindo formas e características diversas, cuja história está em grande medida por fazer. Muitas destas lutas realizaram-se e realizam-se ao nível dos locais de trabalho, em torno de reivindicações específicas, e muitas outras a um nível mais geral, em torno de problemas comuns a amplos sectores de trabalhadores. Sendo que um certo tipo de reivindicações tem sido semelhante em diferentes períodos sócio-históricos, outras há estreitamente associadas às condições políticas mais gerais que se vivem e que interferem nas relações laborais. Se antes do 25 de Abril muitas das acções de luta, mesmo que por objectivos específicos, não deixaram de estar associadas a processos mais amplos de luta contra o fascismo e pela liberdade, já no 25 de Abril as lutas travaram-se em torno da conquista de direitos, num momento em que muitos trabalhadores se assumiram como construtores activos de uma nova realidade política e social. No período seguinte, e até aos dias de hoje, num quadro de desregulação crescente das relações laborais e de menor mobilização dos trabalhadores, muitas das lutas desenvolvidas, seja directamente nas empresas ou em iniciativas mais globais, passaram a ser, fundamentalmente, contra a perda de direitos alcançados no 25 de Abril, até porque, como afirma Licínio Lima, não é “possível ignorar quanto o espírito do tempo se revela, a vários títulos, em oposição aos ideais de democratização e de emancipação social”, o que “não significa que esse tempo seja linear, constante e homogéneo e, sobretudo, imutável, não pontuado, como de facto é, por processos de resistência, de luta e de reivindicação política e social”¹.

É esta perspectiva que nos é revelada pelas histórias de vida de muitos trabalhadores, histórias que nos ajudam a lembrar e reflectir sobre os processos de luta que ocorreram no Porto, ao longo do século XX, e que nos revelam a capacidade de resistir a adversidades e ao sofrimento, a vontade de sonhar e transformar a utopia em horizonte realizável pelo qual vale a pena lutar, dando novos sentidos à existência. A participação em acções de luta tem-se constituído para muitos trabalhadores, entre os quais se encontram aqueles cujas narrativas temos vindo a mobilizar, um espaço fundamental de aprendizagem dos seus direitos, de recusa da perda da sua dignidade enquanto trabalhador e enquanto ser humano, de reconhecimento de que não há um sentido único, inevitável e irreversível nos processos de mudança, aos quais as pessoas se têm “fatalmente” que adaptar, de afirmação da vontade de participar na construção de um outro mundo possível.

¹ Licínio Lima, “Cidadania e educação: adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia?”, *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 23, 2005, pp. 88-89.

El papel de la huelga en la Revolución Cubana. *Thomas Posado*¹

Fue la huelga general la que destruyó la última maniobra de los enemigos del pueblo, fue la huelga general la que nos entregó las fortalezas de la capital de la república y fue la huelga general la que le dio todo el poder a la Revolución. (Castro, 1959a)

A diferencia de la Revolución rusa en la cual el papel de los soviets siempre es descrito por los historiadores como fundamental, la Revolución cubana ha sido considerada como ejemplo de una lucha guerrillera victoriosa. Sin embargo, sin subestimar el protagonismo de la lucha armada, la acción de los trabajadores urbanos en este acontecimiento fue determinante al igual que en el derrocamiento del dictador Gerardo Machado en agosto de 1933. ¿Cuál fue el papel de la huelga en la Revolución cubana? A partir del golpe de Estado de Batista, se desencadenó una fuerte represión: tutela sindical fuerte, asesinatos... La segunda mitad del gobierno de Batista fue más combativa: huelgas estallaron en los sectores azucarero y bancario. La guerrilla aprovechó estos métodos de lucha : espontáneo en julio de 1957, luego organizado, en abril de 1958 y en enero de 1959. Los trabajadores siguieron movilizándose imponiendo una nueva correlación de fuerzas favorable a la instauración del socialismo. El gobierno reorientó esta movilización laboral en contra del imperialismo.

La represión batistiana

El 10 de marzo de 1952, el golpe de Estado de Fulgencio Batista provocó de inmediato la suspensión del derecho a la huelga y otras conquistas democráticas. La central sindical hegemónica, la Confederación de Trabajadores de Cuba (CTC), llamó a la huelga general pero algunos días después, la dirección se convirtió en uno de los principales aliados del régimen. Entre las primeras medidas de Batista, hubo la suspensión de la Constitución de 1940 reemplazada por algunos estatutos constitucionales, sin consulta popular y la suspensión del derecho de huelga (Instituto de Historia del Movimiento Comunista y de la Revolución Socialista de Cuba 1985: 258).

La CTC aceptó una de las viejas reivindicaciones de las clases dominantes : la modificación de los procedimientos de los despidos. En cambio, el gobierno concedió a la CTC, la cotización obligatoria de los asalariados, aumentando así su presupuesto (Pérez-Stable 1998: 101). Eso permitió a algunos dirigentes sindicales enriquecerse personalmente. Estos casos no fueron aislados y su multiplicidad al más alto nivel de la jerarquía sindical confirma una práctica generalizada. El caso más representativo de este fenómeno es el propio secretario general, Eusebio Mujal. Mientras que la CTC tenía una

¹ Thomas Posado (Marseille, 1986) es diplomado del Instituto de Estudios Políticos de Aix-en-Provence. Politólogo y titular de una Maestría de Sciences Po París realizó un estudio en el cual analizaba las relaciones laborales en la Cuba revolucionaria de 1959. Es miembro del Centro Cultures et sociétés urbaines (UMR 7217) y prepara una tesis en la Universidad de Paris-VIII – Saint-Denis. Dedicó sus investigaciones a las evoluciones de la política del gobierno de Hugo Chávez en cuanto a las relaciones de trabajo y las recomposiciones del campo sindical. Fue laureado del Premio Luis Castro Leiva en 2009.

deuda de dos millones de pesos en enero de 1959¹, su secretario general disponía de una empresa y otras valiosas propiedades por un valor de 3,000,000 de pesos : una central lechera 1,000,000 de pesos, una planta eléctrica... Eusebio Mujal empleaba a 160 personas permanentemente y a 200 jornaleros.² La concordancia entre la deuda de la CTC y la fortuna de Mujal no fue una coincidencia. El informe de la Comisión de Finanzas en el X^{mo} Congreso de la CTC (noviembre de 1959), después de la Revolución, es instructivo: « En el caso del Sr. Mujal, tenemos la impresión que la CTC fue una prolongación de sus actividades económicas personales. Utilizó fondos recibidos de los trabajadores, sindicatos, federaciones, aportes estatales, préstamos bancarios, dejando una parte a la CTC y tomando la otra parte para ampliar sus numerosos negocios particulares.»³

La dirección de la CTC estuvo de acuerdo con la opinión de las clases dominantes : mejorar las condiciones laborales era un obstáculo para la transformación de la economía. El desempleo persistía : según una encuesta realizada entre mayo de 1956 y junio de 1957 por el Consejo Nacional de la Economía, el número de desempleados alcanzaba en los meses de mayo, junio, agosto y octubre, 650 000 personas, el tercio de la fuerza de trabajo en la cual 450 000 eran desempleados permanentes (Pérez-Stable 1998: 102). El 1^{er} de mayo de 1952, la policía reprimió cualquier movimiento organizado. La mayor parte de los delegados en los VIII^{vo} (mayo de 1953) y IX^{no} (abril de 1956) Congreso de la CTC fueron nombrados por la dictadura.

La represión era feroz a imagen y semejanza de fin del año de 1956. Entre el 23 y el 26 de diciembre, las fuerzas de Batista asesinaron a veintitres personas del Movimiento 26 de Julio (M26), del Partido Socialista Popular (PSP) y otros partidos de oposición, líderes obreros azucareros, tabaqueros... Este acontecimiento pasó a la historia con el nombre de « pascuas sangrientes ».

El descontento laboral para el derrocamiento de Batista

Sin embargo, a partir de 1953, el número de huelgas aumentó nuevamente. Los últimos años de la dictadura fueron extremadamente agitados. En febrero de 1955, los trabajadores de la central azucarera Estrella de Camagüey, pertenencia de una empresa estadounidense, se pusieron en huelga contra la amenaza de cincuenta y siete despidos. El gobierno intentó desmovilizar a los trabajadores mediante la intervención de la Guardia Nacional. Después de dos semanas de huelga, la dirección de la central azucarera aceptó renunciar a los despidos.

Desde julio hasta septiembre de 1955, los trabajadores de los bancos de La Habana se pusieron también en huelga por un aumento de los salarios de 20 % y el derecho a la sindicalización. Las empresas alrededor se solidarizaron. Eusebio Mujal, el secretario general de la CTC, se pronunció en contra del derecho de los trabajadores de los bancos a organizarse sindicalmente y destituyó al secretario general del Sindicato de los Bancos de La Habana, José María de la Aguilera que se fue al M26, la organización clandestina de Fidel Castro (Instituto de Historia del Movimiento Comunista y de la Revolución Socialista de Cuba 1985: 288). El movimiento fracasó pero los salarios aumentaron del 10 % de noviembre.

En diciembre de 1955, el conjunto de los trabajadores de las centrales azucareras

¹ *Revolución*, 21 de marzo 1959, p. 5

² *Bohemia*, febrero de 1959, pp. 164-165.

³ *Hoy*, 24 de noviembre de 1959, p. 1

se movilizó por el pago del « diferencial azucarero », una prima de salario. A pesar del apoyo de la CTC al gobierno, numerosos obreros se unieron a la oposición y algunos líderes como Conrado Bécquer se juntaron al M26.

La lucha armada del M26 coincidió con este poderoso movimiento reivindicativo. El 31 de Julio de 1957, una huelga espontánea explotó en Santiago de Cuba, la principal ciudad del Oriente, para acompañar al cementerio a uno de los altos dirigentes del M26 asesinado por agentes de Batista, Frank País. La huelga se extendió a Camagüey y Pinar del Río. El gobierno se debilitó y reaccionó por la represión. Por primera vez, los Estados Unidos se distanciaron de Batista. Los guerrilleros fundaron el Frente Obrero Nacional a finales del año 1957 bajo la dirección de David Salvador y establecieron una lista de reivindicaciones por obtener mediante la huelga general revolucionaria : aumento de 20 % de los salarios, disminución de 40 % del precio de los bienes de primera necesidad, contra el intervencionismo oficial en los sindicatos, contra la política colaboracionista impuesta en la CTC, contra Mujal, por el derecho a la huelga...(Instituto de Historia del Movimiento Comunista y de la Revolución Socialista de Cuba 1985: 342).

La guerrilla proyectaba derrocar a la dictadura de Batista por la acción conjunta de la lucha armada y de una huelga general revolucionaria. El 9 de abril de 1958, el M26 llamó los « obreros, estudiantes, profesionales, patronos, a la huelga general ». Esa fracasó pero creó las condiciones y la experiencia por la huelga general victoriosa de enero de 1959. Inspirada por el método de huelga exitosa usado para el derrocamiento de Gerardo Machado en agosto de 1933, la huelga del 9 de abril de 1958 faltó de unidad con las otras fuerzas de oposición. Los revolucionarios tomaron el control de Sagua la Grande, en la provincia de Las Villas pero fracasaron en todo el país y particularmente en La Habana donde la CTC y el gobierno controlaron la situación (Pérez-Stable 1998: 103).

El 10 de noviembre de 1958, se fundó el Frente Obrero Nacional Unido (FONU) en La Habana. Agrupaba la sección obrera del M26 con las secciones obreras del Partido Ortodoxo, un partido nacionalista radical, y del Directorio Revolucionario, una organización de origen estudiantil. El FONU planteaba un programa que incluía un aumento de 20 % de los salarios y de las pensiones, una baja de los precios de los productos de primera necesidad, una verdadera reforma agraria y también « el restablecimiento de la democracia sindical en todas las organizaciones obreras, contra las imposiciones e intervenciones y por el derecho de los trabajadores a elegir a sus propios dirigentes; contra la corrupción y la colaboración de clases introducidas en el movimiento obrero; contra la regla de la obligatoriedad de la cuota sindical; por el derecho constitucional de los trabajadores de reunirse, desfilar, organizar huelgas, boicots... »¹. El FONU convocó un congreso obrero los 8 y 9 de diciembre de 1958 en Soledad de Mayari Arriba en la Sierra Maestra.

El fin de la dictadura se acercaba. La instalación de un gobierno provisorio despertaba los apetitos. Los rumores de maniobras estadounidenses bajo la dirección de Eulogio Cantillo y Ramón Barquín circulaban en el país. Fidel Castro se dirigió a la población por Radio Rebelde, el 1^{ero} de enero de 1959:

¡ Revolución, sí ; golpe militar, no ! [...] El pueblo, y más especialmente los trabajadores de toda la República, deben ser atentos a Radio Rebelde y prepararse urgentemente en todos los centros de trabajo para la huelga general y iniciarla

¹ *Carta semanal*, n°277, 3 de diciembre de 1958.

apenas se reciba la orden si fuese necesario para contrarrestar cualquier intento de golpe contrarrevolucionario.¹

A partir del 1^{ero} de enero, los obreros empezaron a organizarse en todos los centros de trabajo. Las direcciones sindicales vinculadas con Eusebio Mujal cayeron. El día siguiente, el país estaba totalmente paralizado. Fidel Castro llamó « a la huelga general revolucionaria en todos los territorios no liberados »². El 4 de enero, llamó a regresar al trabajo :

La libertad y el poder civil restablecidos en la República en toda su plenitud, llamo a los líderes obreros y a todos los trabajadores, y también a todas las fuerzas vivas, a parar la Huelga General Revolucionaria que se acaba en la más hermosa victoria de nuestro pueblo.³

Sin embargo, la huelga alcanzó su auge en la isla, el día siguiente, cuatro días antes de la entrada de Fidel Castro en La Habana. Éste admitió: « La huelga general fue un factor decisivo en la derrota de la tiranía »⁴.

La imposición de una correlación de fuerzas

La Revolución despertó las aspiraciones de la clase obrera. Desde la constitución del gobierno revolucionario, durante la primera semana de enero de 1959, las reivindicaciones de los trabajadores afluyeron, resultados de las oportunidades abiertas por el derrocamiento de Batista. La avalancha de reivindicaciones de aumentos de salarios y de mejores condiciones de trabajo demostró la amplitud de las concesiones que la CTC había aceptado del gobierno en los años 50 (Pérez-Stable 1998: 120). Los trabajadores se sirvieron de estas nuevas libertades para exigir aumentos de salarios, mejores condiciones de trabajo, negociación inmediata de las condiciones laborales, reintegración de los trabajadores despedidos por razones políticas y el pago de las horas suplementarias.⁵ Pidieron también una limitación del tiempo de trabajo hasta ocho horas cada día y el pago de nueve días de enfermedad cada año.⁶ En Santiago, en la parte más pobre del país, los trabajadores pidieron que sus salarios fuesen comparables a los habaneros.⁷ La Federación Nacional de Trabajadores Azucareros (FNATA) reclamó de los terratenientes, el pago del « diferencial azucarero » de 1958, lo que representaba hasta 50 millones de pesos de pérdidas de salarios.⁸ La FNATA solicitó igualmente el establecimiento de cuatros turnos de trabajo en las centrales azucareras en lugar de tres

¹ *Cronología de la revolución 1959-1965*, Ed. por las Escuelas de Instrucción Revolucionaria del Partido Comunista de Cuba, t. II, p. 12

² *ibid*, p. 14.

³ *Revolución*, 5 de enero de 1959

⁴ *Revolución*, 9 de enero de 1959.

⁵ *Revolución*, 16 de enero de 1959, p. 5 ; 27 de febrero de 1959, p. 7 et 30 de enero de 1959, pp. 1 et 16.

⁶ *Revolución*, 4 de febrero de 1960, p. 3 ; *El Mundo*, 4 de marzo de 1959, p. 9

⁷ *Revolución*, 28 de enero de 1959, p. 8 ; 31 de enero de 1959, p. 8 ; *El Mundo*, 15 de febrero de 1959, p. 5.

⁸ *Revolución*, 28 de enero de 1959, p. 8 ; 31 de enero de 1959, p. 8.

para disminuir el tiempo de trabajo y limitar el desempleo.¹ Conrado Bécquer Díaz, dirigente de la FNTA, miembro de la dirección del M26, se comprometió en este sentido.² Numerosos sindicatos exigieron el derecho a vacaciones remuneradas que las administraciones habían retenido ilegalmente.³ Estas reivindicaciones pudieron ser directamente dirigidas al gobierno. Por ejemplo, los obreros de las tintorerías desfilaron frente al Palacio Presidencial para reclamar a Manuel Urrutia Lleó la obtención de un aumento del 20 %.⁴ Los trabajadores se declaraban en huelga, y con mucha más frecuencia amenazaban a las administraciones por hacerlo.⁵ En algunas empresas, como la empresa ferroviaria vinculada con el capital estadounidense, Ferrocarriles Consolidados de Cuba, los obreros debieron amenazar por declararse en huelga para obtener su salario.⁶ En este momento, Cuba seguía siendo una sociedad capitalista. Este movimiento de huelga permitió tener aumentos de salarios importantes. Fue uno de los primeros impulsos hacia la radicalización de la Revolución cubana.

Una parte de las clases dominantes intentaron impedir a los trabajadores, asumir su actitud combativa. Los trabajadores del Hotel Colony fueron sancionados por su patrón por su participación en la huelga revolucionaria de la primera semana de enero.⁷ Los terratenientes ralentizaron y redujeron el ritmo de la zafra de 1959⁸, algunos empresarios se opusieron al aumento inmediato de los salarios, a la renegociación inmediata de los contratos de trabajo o al pago de los días de enfermedades.⁹ Los pretextos pudieron ser diversos : en la central azucarera « San Ramón », la dirección se opuso al cumplimiento del decreto 260 sobre el aumento de los salarios en el sector agrícola y a la discusión de la convención colectiva y presentaba sus trabajadores como « agitadores y contrarios a la Revolución, queriendo fomentar en el país, un foco de agitación »¹⁰. La Ley 34 que imponía la reintegración de los obreros despedidos bajo la dictadura por razones políticas no fue aplicada en todas las empresas. Por ejemplo, en « El Tinajón » cuyos dirigentes estaban cerca del poder dictatorial, los trabajadores se movilizaron en vano para la reintegración de catorce de ellos, despedidos en 1952.¹¹

Los líderes sindicales fueron despedidos y en diferentes casos, las direcciones se negaron a dialogar con los representantes de los sindicatos.¹² Algunos terratenientes

¹ *ibid.*, 30 de enero de 1959, p. 1 et 16.

² *ibid.*, 9 de febrero de 1959, p. 5.

³ *ibid.*, 23 de enero de 1959, p. 3.

⁴ *El Mundo.*, 19 de marzo de 1959, p. 8.

⁵ *Revolución*, 23 de enero de 1959, p. 7 ; 28 de enero de 1959, p. 8 ; 31 de enero de 1959, p. 8 ; 4 de febrero de 1959, p. 8 ; 5 de febrero de 1959, p. 4 ; 7 de febrero de 1959, pp. 1 et 16, 6 de marzo de 1959, p. 6 ; 15 de abril de 1959, p. 1 ; 14 de mayo de 1959, p. 6 ; 3 de junio de 1959, p. 4 ; 4 de junio de 1959, p. 6 ; 13 de julio de 1959, pp. 1 et 2 et 20 de julio de 1959, p. 4.

⁶ *El Mundo*, 18 de enero de 1959, p. 1.

⁷ *Revolución*, 9 de marzo de 1959, p. 5

⁸ *ibid.*, 10 de enero de 1959, p. 11 ; 15 de enero de 1959, p. 5 ; 19 de enero de 1959, p. 5

⁹ *ibid.*, 30 de enero de 1959, p. 11 ; 18 de marzo de 1959, p. 4 ; 23 de marzo de 1959, p. 4 ; 30 de julio de 1959, p. 18 ; *Hoy*, 20 de agosto de 1959, p. 3 ; 31 de diciembre 1959, p. 3.

¹⁰ *Hoy*, 5 de junio de 1959, p. 3.

¹¹ *Revolución*, 25 de marzo de 1959, p. 4

¹² *ibid.*, 30 de enero de 1959, p. 8 ; 15 de marzo de 1959, p. 5 ; 7 de abril de 1959, p. 7 ; 14 de mayo de 1959, p. 4 ; 4 de junio de 1959, p. 4.

discutían la legalidad de los sindicatos.¹ En otros lugares, las reducciones de empleo fueron la única respuesta frente a la reivindicación de aumento de salarios.² Otros empresarios hicieron contratos de trabajo con sueldos por debajo del mínimo cotidiano de 3,14 pesos³ o intentaron cerrar la empresa.⁴ En agosto de 1959, el día siguiente de la suspensión de la huelga por los obreros, la Imprenta Montiel declaró el lock-out.⁵ Muchos capitalistas retrasaban o obstruían de alguna manera las mediaciones del Ministerio del Trabajo con los sindicatos para establecer nuevos contratos.⁶ En otros casos, los propietarios de una empresa llamaron a sus trabajadores a la huelga para impedir las negociaciones o formaron su propio sindicato paralelo.⁷ Las clases dominantes presenciaban cómo desaparecía con inquietante rapidez el ambiente laboral más favorable a sus intereses que estaba surgiendo durante los años cincuenta (Pérez-Stable 1998: 122).

La reorientación por el gobierno

El gobierno revolucionario promovió un conjunto de medidas para contener el conflicto de clases latente. El derrocamiento del sistema de producción capitalista no se produjo en 1959 bajo la presión de las masas sino en 1960 por decreto bajo la presión del imperialismo. Con respecto a los trabajadores, por un lado, en solamente ocho meses, el gobierno concedió mejoras a las condiciones de vida de las clases populares; por otro lado, las huelgas en contra de los patronos fueron prohibidas y el gobierno invitó a renunciar a las reivindicaciones, a esperar con paciencia, a sacrificarse por la Revolución. Con respecto a los empresarios, el gobierno revolucionario estableció, por un lado, un procedimiento de « conciliación » de los conflictos obreros – patronos en el Ministerio del Trabajo⁸, la mayor parte del tiempo favorable a los obreros, por otro lado, mantuvo una relación privilegiada con la organización de la burguesía no azucarera, la Asociación Nacional de Industriales de Cuba (ANIC).

El gobierno prohibió las huelgas contra los patronos pero prescribió algunas huelgas para movilizar a la clase obrera en una gran marcha contra el imperialismo. El gobierno revolucionario no reemprendió las reivindicaciones de la base por su propia cuenta sino que reorientó la acción colectiva de las masas hacia un nuevo repertorio de acción en contra del imperialismo. Sin embargo, las mejoras de condiciones de vida de las clases populares fueron reales. Como lo ha escrito Marifeli Pérez-Stable, « el gobierno revolucionario podía afirmar con legitimidad que era el primero en la historia de Cuba que respetaba los intereses de las clases populares » (Pérez-Stable 1998: 132).

¹ *ibid.*, 31 de enero de 1959, p. 8.

² *ibid.*, 27 de febrero de 1959, p. 4 ; 18 de abril de 1959, p. 6.

³ *ibid.*, 29 de julio de 1959, p. 4.

⁴ *ibid.*, 3 de febrero de 1959, p. 5 ; 27 de febrero de 1959, p. 4 ; 23 de marzo de 1959, p. 4 ; 25 de marzo de 1959, p. 4 ; 22 de mayo de 1959, p. 4 ; 13 de junio de 1959, p. 4 ; 29 de julio de 1959, p. 5 ; 25 de agosto de 1959, p. 4 ; 2 de febrero de 1960, p. 15.

⁵ *Hoy*, 23 de agosto de 1959, p. 3

⁶ *Revolución*, 4 de febrero de 1959, p. 8 ; 14 de febrero de 1959, p. 5 ; 2 de marzo de 1959, p. 7 ; 3 de marzo de 1959, p. 4 ; 15 de marzo de 1959, p. 5 ; 18 de abril de 1959, p. 4

⁷ *ibid.*, 13 juin 1959, p. 5.

⁸ Entre 1934 y 1952, el Estado cubano recurrió 101 veces a la intervención en los conflictos del trabajo. En 1952, Bastista interrumpió prácticamente esta larga costumbre. Durante los cinco primeros meses de la Revolución, el gobierno realizó 5 000 « conciliaciones » en el Ministerio del Trabajo.

El periódico *Revolución* pudo proclamar el 18 de enero de 1960 que el más alto nivel de salarios de la Historia de Cuba había sido alcanzado.¹ El aumento de los salarios, la creación de empleos y otras reformas condujeron a un aumento del poder adquisitivo de la población de 200 millones de pesos en solamente ocho meses.² El salario mínimo fue aumentado. Empresa por empresa, los aumentos de salarios del 20 hasta el 40 % fueron negociados.³ El 8 de abril de 1959, las cajas de jubilación obreras fueron unificadas. Los trabajadores despedidos por razones políticas fueron progresivamente reintegrados.⁴ Poco a poco, los despidos fueron prohibidos. La inamovilidad del trabajo de los obreros fue decretada en abril de 1959 por la ley 82⁵ y luego fue perpetuada en febrero de 1960.⁶

Las mejoras de condiciones de vida de las clases populares durante el primer año de la Revolución cubana sobrepasaban ampliamente el nivel de las relaciones obreros-patronos. La baja de las tarifas de la electricidad y del gas (30 %) permitió una economía de 15,000,000 de pesos a los hogares cubanos.⁷ La división por dos de los costes del teléfono y de los alquileres bajos aumentó igualmente el poder adquisitivo para las clases populares. La reforma agraria, expropiando los latifundios y distribuyendo gratuitamente la tierra a los campesinos, cambió las condiciones de vida de los trabajadores de las centrales azucareras, entre los cuales, algunos se volvieron pequeños campesinos. La reforma de la enseñanza y las medidas tomadas a favor de la erradicación del analfabetismo contribuyeron al aumento de la calidad de vida de las clases populares. Hubo también el moratorio sobre las expulsiones del alojamiento, la baja del precio de las medicinas, de los libros y diversos productos de consumo...

El gobierno revolucionario tenía una prioridad hacia el campesinado. No fue la clase obrera sino el campesinado el que disfrutó de la mayor parte de los logros de la Revolución. Ernesto Che Guevara lo justificó así :

La clase obrera todavía no ha recibido los frutos de la industrialización, los frutos del vigor del movimiento revolucionario ; no los ha recibido porque primero, se necesitaba establecer la base de la industrialización, y esta base fue destinada precisamente a cambiar la composición de la posesión de la tierra, es decir, la base dada a la reforma agraria. [...] No es un secreto para nadie que la fuerza del Movimiento Revolucionario toma raíz primero, en los campesinos y después en la clase obrera. Y hay muchas razones para eso : la primera razón es que el más fuerte movimiento insurreccional fue establecido en las regiones campesinas, y el más prestigioso de los líderes de la insurrección, Fidel Castro, fue en una zona campesina. Pero, hay también razones económico-sociales muy importantes; Cuba, como en todos los países subdesarrollados, no tiene un proletariado poderoso. (Guevara 1960: 5-6)

¹ *Revolución*, 18 de enero de 1960, p. 1.

² *ibid.*, 19 de agosto de 1959, p. 1.

³ *Revolución*, 24 de marzo de 1959, p. 5 ; 30 de mayo de 1959, p. 4 ; 5 de junio de 1959, p. 6 ; 17 de febrero de 1960, p. 1 ; *Prensa Libre*, 6 de diciembre de 1959, p. 3.

⁴ *Hoy*, 2 de marzo de 1960, p. 3 ; *Información*, 19 de noviembre de 1959, p. 8

⁵ *Revolución*, 11 de abril de 1959, p. 1

⁶ *ibid.*, 20 de febrero de 1960, p. 1

⁷ *Hoy*, 25 août 1959, p. 1.

Los trabajadores urbanos no fueron los protagonistas del proceso de cambio. Sin embargo, en cada etapa de la Revolución, su papel fue determinante. Para debilitar y luego derrocar a Batista, para imponer una correlación de fuerzas favorable al socialismo, el protagonismo de los obreros fue decisivo.

Lista de abreviaciones

ANIC	Asociación Nacional de Industriales de Cuba
CTC	Confederación de Trabajadores de Cuba
FNTA	Federación Nacional de Trabajadores Azucareros
FONU	Frente Obrero Nacional Unido
M26	Movimiento 26 de Julio
PSP	Partido Socialista Popular

Bibliografía

Castro, Fidel 1959a, Discurso de apertura del X^{mo} Congreso de la CTC, en el Teatro de la CTC, el 18 de noviembre de 1959, <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f181159e.html>

Castro, Fidel 1959b, Discurso de clausura del X^{mo} Congreso de la CTC, en el Teatro de la CTC, el 21 de noviembre de 1959, <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f211159e.html>

Guevara, Ernesto Che 1960, Discurso pronunciado en la Conferencia « La clase obrera frente a la industrialización del país », el 18 de junio 1960, La Habana, Impresos Auto-Press, 26 p.

Instituto de Historia del Movimiento Comunista y de la Revolución Socialista de Cuba 1985,

Historia del movimiento obrero cubano, 1865-1938, Tome II, 1935-1958, La Habana, Editora Política, 383 p.

Pérez-Stable, Marifeli 1998, *La revolución cubana. Orígenes, desarrollo y legado*, Madrid, Ed. Colibrí, 371 p.

Roca, Blas 1960, *29 artículos sobre la revolución cubana*, La Habana, Tipografía Ideas, 234 p.

Roca, Blas y Peña, Lázaro 1961, *Las funciones y el papel de los sindicatos ante la Revolución*, La Habana, Ed. Vanguardia Obrera, Coll. Historia y Política, 88 p.

Tellería Toca, Evelio 1984, *Los congresos obreros en Cuba*, La Habana, Ed. Ciencias Sociales, 593 p.

Hemerografía

Bohemia, Carta semanal, Hoy, Información, El Mundo, Prensa Libre, Revolución.

“All for the employing printers!” Employer class solidarity in the U.S. printers’ strike of 1905–1907. *Vilja Hulden*¹

The traditional view in American historiography has been that the American labor movement was always more conservative, more individualistic, and more narrowly oriented than its European counterpart, and that these characteristics help explain “American exceptionalism”. That is, there is no independent labor party and not much European-style welfare-state legislation in the United States because unions have been job rather than class conscious – or so the explanation goes. In the past twenty years or so, however, scholars have practically overturned this notion, demonstrating that at least until the First World War, American workers fully matched their European counterparts in radicalism and militancy. In the rhetoric of the Knights of Labor and the industrial tactics of the Industrial Workers of the World, in the political successes of the Socialist Party and even the political strategies of the supposedly apolitical American Federation of Labor, historians have found an American working class whose demands encompassed far more than bread and butter. Many scholars, indeed, have begun to suggest that what has hampered the American labor movement has not been a lack of militancy among workers but an abundance of it among employers – and the greater ability of employers to make use of the structures of the state (Voss 1993, Fink 1985, Kimeldorf 1999, Greene 1998b, Gerber 2005, Friedman 1998, Forbath 1991, Foner 1984).

Where the old explanation tended too easily to accept mythologized notions about the classlessness of American society, the newer trend of emphasizing employer cohesion and elite manipulation of the state runs the risk of accepting equally mythologized notions of employers or elites as a monolithic force (a point well made in e.g. Klug 2010). Yet employers, like workers, were subject to the classic collective-action problem of how to extract individual sacrifice (say, loss of profit during a strike) for the common good (such as the potential elimination of the union). Often, they failed to solve this problem.

This paper examines one case where employer cohesion broke down—the printers’ strike at U.S. book and job printing shops between 1905 and 1907. The strike involved a large union (the International Typographical Union, ITU) pitted against an important employer organization (the United Typothetae of America, UTA). Although the strike grew out of the union’s demand for an eight-hour day, the United Typothetae quickly declared a greater principle to be at stake: that of the “open shop”. “Open shop” was the rallying cry of the growing anti-union movement among employers, and referred to these employers’ opposition to the union goal of a closed, or union, shop – that is, the demand that a unionized workplace could only employ union members. The employers claimed that the closed shop cut into employer prerogatives and discriminated against good workmen who did not wish to belong to a union; the unions replied that without the closed shop, employers could eliminate unions by the simple expedient of firing any worker who joined one.

¹ Vilja Hulden receives her Ph.D. from the University of Arizona in December 2011. At present, she is expanding her dissertation – which examined the membership and strategies of U.S. employer organizations in the Progressive Era – into an analysis of the history of the concept of the closed shop in American labor relations discourse, as well as pursuing a rather different project investigating the influence of the American Federation of Labor-Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO) on the development of the Portuguese labor movement after the 1974 Portuguese Revolution. She currently lives in the Basque Country. Her web page is <http://www.u.arizona.edu/~vhulden/>.

By linking its struggle with the Typographical Union to the issue of the open shop, the Typothetae portrayed it as not just a dispute about hours but as a symbolic fight in the greater conflict between employers and workers. The National Association of Manufacturers (NAM), the most prominent and most vocal open-shop organization of the day, quickly made the Typothetae's cause its own and lent substantial support to the employing printers over the course of the strike. A united employer front against union "excesses" was a cornerstone of the NAM creed – here was a chance to prove that it worked.

Employer solidarity against striking workers was more easily envisaged than achieved, however, particularly when up against such a strong union as the Typographical. Printing shops began deserting the Typothetae and signing contracts with the union almost as soon as the strike began, and by late 1907 most printers had achieved the eight-hour day while the membership of the Typothetae had dropped precipitously. This failure may in part have pushed employer organizations to increasingly focus on political activity, lobbying, and publicity campaigns – maintaining employer ranks in direct confrontations against unions was simply too taxing.

Background

The opening years of the twentieth century witnessed the new growth of the American labor movement as union membership quadrupled, strike activity dramatically increased, and the American Federation of Labor (AFL) began to push for higher levels of unionization as well as legislative change (Bernstein 1954: 303, Douglas 1923: 868, Greene 1998b). But those same years also saw American employers mount a systematic, organized counteroffensive to labor. This growing "open-shop" movement spawned organizations on the local as well as the national level. Most prominently, the National Association of Manufacturer declared unions "a despotism springing into being in the midst of a liberty-loving people" and set to work coordinating an employer response (NAM president D.M. Parry quoted in the *Washington Post* [WP], 15 Apr 1903: 9). On the local level, employers formed multi-industry businessmen's clubs or broader-based organizations they called "Citizens' Alliances" to bring together the "conservative forces" against unions. And several trade organizations that had previously negotiated with labor unions now changed course, refashioning themselves into anti-union employer mutual-aid societies that provided legal help, strikebreakers, and emergency funds in the battle against unions (Millikan 2001, Haydu 2008, Fine 1995, Harris 2000, Bonnett 1922, Klug 1993: 24–25).

The United Typothetae of America – the organization of master printers in the book and job (or commercial) printing industry – was one of the trade organizations that in the late 19th century vacillated between outright opposition to unions and negotiatory relations with them. Formed in an attempt to strengthen employers in the face of the International Typographical Union's demand for the nine-hour day in 1887, it nevertheless maintained a pragmatic attitude rather than repudiating union recognition entirely. It continued the local Typothetaes' practice of negotiating with the union, while keeping up a search for ways to undermine union power. Indicative of this double-pronged strategy is that the same year (1898) that it concluded its first national agreement with the International Typographical Union, it also initiated a campaign against the union label (Powell 1926: 40–41, Bonnett 1922: 238).

Combative policies were on the rise, however, promoted by a growing number of local Typothetae, many of which were becoming involved in the open-shop movement.

This was particularly true of the Typothetae in the Midwestern states, where employer organizations were growing most rapidly: for example, the St. Louis Typothetae instructed its members to cooperate with the National Association of Manufacturers to lobby Congress against an eight-hour bill promoted by the American Federation of Labor (Wm. B. Becktold to Marshall Cushing, 15 Dec 1903, U.S. Senate 1913a: 158).¹ Such new alliances pushed the Typothetae toward a repudiation of its relationship with the union even as some of its members continued to see advantages in negotiation.

The Typothetae, then, though aware that not all its members cherished the prospect of a fight, gambled on its ability to buoy up even those less ideologically pure. Rather like successful strikes can fuse workers into a united front under the union banner, the NAM and the UTA hoped that a large-scale, victorious struggle against union “tyranny” would redound to both organizations’ future glory – but this was easier said than done. The Typographical was a union to be reckoned with, union density in the printing industry was substantial, and there was a long tradition of negotiation between the union and local employer organizations. Printing shops began deserting the Typothetae and signing contracts with the union almost as soon as the strike began, and by late 1907 most printers had achieved the eight-hour day while the membership of the Typothetae had dropped precipitously.

The strike

The 1898 contract between the International Typographical Union and the United Typothetae codified the nine-hour day and the 54-hour week. As that had been the standard at most workplaces even prior to the national agreement, the ITU hardly saw it as a major advance, and almost immediately began to plan a fight for the eight-hour day. The Typothetae, though, took the position that having just defined a proper length for the workday, it was not going to consider a further reduction in hours. Accordingly, the UTA first ignored and then repudiated the union’s demands (Powell 1925: 668–669). The union continued to call for negotiation but had no intention of dropping its demand, instead declaring that the eight-hour day would come into effect on 1 January 1906; employers who refused to grant it would be struck.

If the ITU was determined, so was the Typothetae. The open-shop employers, on the ascendant within the United Typothetae, had been preparing the UTA for a confrontation with the union over the course of several years. *The American Printer* (a trade publication geared more toward employers than workers) had begun to exhort employing printers not only to organize but to stand firm against unions, running stories that purported to show how this would pay off for one and all.² More tangibly, by the time the Typographical Union made its eight-hour announcement, the UTA had both a substantial emergency fund built from mandatory member contributions and a strict centralized policy requiring member adherence to the stated positions of the organization. A closed-shop agreement with a union (or any other non-compliance with central policy) would now function as a bar to membership in the UTA (Powell 1925:

1 Powell also notes that the Chicago, Dayton, Kansas City, Milwaukee, St. Louis and St. Paul Typothetae were among the founding members of the Citizens Industrial Association, an umbrella group formed in 1903 to bring together all anti-union employers and their supporters. (Powell 1926: 667).

2 For example, one 1903 article entitled “A Lesson in Labor Contracts” explained how the master printers of Camden, NJ, managed to wrest substantial concessions from the union because “the employers were a unit in opposition to the signing of any such contracts” as the ones the union had presented; “[i]f the employing printers in every city would only stir themselves up more on this question and get together” similar benefits could be achieved anywhere (*The American Printer*, vol. 37, no. 1, pp. 56–57).

679).

Matters came to a head in the early fall of 1905, as employing printers in Detroit, San Antonio, and Chicago decided to precipitate the conflict by hiring non-union men and posting open-shop notices. In response, the ITU members in the affected shops walked out and initiated the fight for the eight-hour day. Since it suspected that employers were trying to choose the weakest cities as the first battleground, the ITU decided to lend support to the workers already on strike by calling out all locals except those whose contracts with Typothetae or individual employers were still in force (*Typographical Journal* [*TJ*] vol. 27, no. 4 [October 1905], pp. 288, 409–410).¹ On the original D-Day of 1 January 1906 the strike spread further; most importantly, that was the date when the contract of the New York Typographical No. 6 expired, allowing it to join its considerable force to the ranks of the strikers (Powell 1925: 676–677).

The United Typothetae expressed confidence in its impending victory, stressing its members' determination and preparation, citing the number of strikebreakers they had managed to recruit and the number of union men they had convinced to return to work, and claiming that all orders were proceeding on time as usual (see e.g. *The New York Times* [*NYT*] 1 Sep 1905: 5, 11 Jan 1906: 6, *WP* 15 Dec 1905: A1, *Philadelphia Inquirer* [*PI*] 16 Jan 1906: 16, 7 Feb 1906: 2). But it seemed that the Typographical Union had more grounds for its equally insistent optimism: soon, newspapers began reporting defections from UTA ranks as well as stories of strikebreakers lured away from the shops by the union or deciding to join the strike because conditions failed to match the claims made by the employers (*Chicago Daily Tribune* [*CDT*] 5 Jan 1906: 4, 17 May 1906: 7, *NYT* 9 Jan 1906: 16, *WP* 16 Jan 1906: 2, 4 Oct 1906: 3).

For the United Typothetae, the strike was hardly the resounding affirmation of employer resolve it had predicted. Company after company decided to abandon the struggle and negotiate with the union; by late 1907, the Typographical had succeeded in getting several smaller cities completely on the eight-hour basis, and nationally over 80% of union members had achieved the eight-hour day (*TJ* vol. 29, no. 2 [August 1906], 159–163). By contrast, the ranks of the United Typothetae were depleted. The UTA's strict requirement that members should abide by the association's official policies meant that as soon as a member felt obliged to give in to the union in order to get his men back to work, that member had to resign from the UTA. As a result, the UTA lost nearly half of its members. In 1908 it acknowledged its inability to keep most employing printers in the anti-union camp, removing the objection to the eight-hour day from its declaration of policy, deciding against excluding union-shop employers, and explicitly affirming that its members and local Typothetae "shall be at liberty to make contracts with local unions" (quoted in Powell 1926: 102–103).²

The strike and employer solidarity-building

The growing open-shop movement among employers was a curious blend of

1 Striking when a contract was in force, of course, would have violated that contract and made the strike illegal; the Typographical (along with other printing trades unions) was quite scrupulous in avoiding the breaking of contracts.

2 On membership, Powell states that, notably enough, the UTA would not even keep figures on membership in 1905 and 1906, but that between 1904 and 1908, UTA membership plummeted from over 1,300 to 729 (Powell 1925: 679). For a somewhat different interpretation of the strike, emphasizing an injunction handed down in Chicago by the (in)famous Judge Jesse Holdom, and how that injunction – issued as it was against a conservative union careful to avoid violence – contributed toward pushing Samuel Gompers and the AFL toward greater political involvement, see Greene 1998b: 102–104.

fervent faith in individualism and equally insistent paeans to the benefits of organization and solidarity. Taking as its premise that unions exercised “tyranny” against both the employer and the non-union (or, in the open-shop lingo, “free”) worker, the open-shop employers swore to band together to fight the “unjust” practices of unions for the benefit of all. Union tyranny took many forms in the minds of these militant employers: unions dictated to the employer who he might hire and how he should run his business; they forced unwilling, independent-minded workers to join unions or relinquish their chance of making a living; and, by means of the boycott and the sympathetic strike, they teamed up to destroy the businesses of even such employers that had no disagreements with their own workers (see e.g. *American Industries* [AI] 15 Apr 1904: 9–10, 15 Aug 1904: 8, 1 Oct 1907: 11, 1 Dec 1904: 13).

The National Association of Manufacturers – the leading voice for a united employer front against unions – saw in the printers’ strike a wonderful opportunity to demonstrate the efficacy of employer solidarity. Printing was an important industry, ranking sixth nationally in value of products (U.S. Bureau of the Census 1913: 49). Should the Typothetae win the fight with NAM assistance, not only might unions be more leery of challenging organized employers in the future, but more employers might come into the anti-union fold and thus bolster the power and prestige of the NAM. Its ideological zeal did not prevent the NAM from also being aware of the pragmatic utility of a successful fight: success brought more members, more members meant more funds, and more funds meant greater future successes. The employing printers, having a sizable and well-developed organization as well as the means – their print shops – to influence public opinion, represented an important ally in the NAM’s multipronged attack on the unions. As a NAM official noted, employing printers should be contacted in anti-labor campaigns since they “are apt to be well acquainted and influential men; many have publications or are interested in them; and all feel the same way about the excesses of labor unions” (Undated memo [1906?], U.S. Senate 1913a: 563–565).

So, the NAM promised to work to “stiffen up the manufacturers and employers generally” in the cities affected by the strike, “so as to give the employing printers some moral support” (Secretary [Cushing] to F.C. Nunemacher, 15 Sep 1905, U.S. Senate 1913a: 505). In September 1905, the Board of Directors passed a resolution to encourage the Association’s members to support the employing printers in their resistance to “the labor trust” by purchasing printing from “the lawful open shops”, by actively prosecuting any “parties to unlawful closed shop contracts”, and by refraining from enforcing contract clauses providing that printings were to be delivered on time, strike or no strike (Minutes of the meeting of the Board of Directors, 15 Sep 1905, *National Association of Manufacturers Records* [NAM], Series III, Box 199, Reel 1).¹ The same day, *American Industries*, the NAM’s official paper, printed a long article explaining the conflict from the Typothetae’s point of view; the article argued that it was only the “mediocre” men who wanted the closed shop and the eight-hour day, while the “superior workmen, who live sober and upright lives” would prefer an open shop that would release them from the burden of assisting their “dissipated” comrades (AI 15 Sep 1905: 5). For further effect, the magazine issued an editorial call, “All for the Employing Printers”, in which it reprinted the Board’s resolution, declared the fight for the open shop everyone’s fight, and proclaimed the battle one between union coercion and individual liberty (AI 15 Sep 1905: 8).

In case the membership had not bothered to read the editorial page, NAM secretary

¹ The references to “lawful open shops” and “unlawful closed shops” stem from the campaign of employer organizations to have the closed shop declared in violation of law (Ernst 1995).

Marshall Cushing sent out a circular further urging them to think of ways they might be able to help the employing printers and to use their influence as advertisers to get publishers to help as well (Secretary [Cushing] to Dear Sir, 25 Sep 1905, *Daniel Augustus Tompkins Papers* [DAT], Reel 2).¹ Another circular went out to the railroad corporations, reminding them that the eight-hour matter “is your cause also” and asking them to use the power of their purchasing department to support the open shop printers (Marshall Cushing to Dear Sir, 23 Sep 1905, *DAT*, Reel 2).² Cushing also approached paper manufacturers, pointing out that closed shop restrictions were bad for the paper business, and wrote to the daily papers in the name of the manufacturers (“many of them advertisers and friends of yours”) with a letter asking for their “considerate interest” in the cause of the employing printers, “not to the extent of printing anything or surpressing [sic] anything, but merely to get you more and more closely in touch with” the situation (Marshall Cushing to Dear Sirs, 4 Dec 1905, Secretary [Cushing] to Dear Mr. -, 23 Sep 1905, Secretary to Dear Sirs, 7 Oct 1905, all in *DAT*, Reel 2). Throughout the fall and winter of 1905–1906, *American Industries* kept up its editorial support of the employing printers, and when the Typothetae set up a trade school, the NAM gave the school its patronage by having *American Industries* printed there (*AI*, 1 May 1906, 2 Oct 1905: 4, 8, 16 Oct 1905: 1–2, 6–7, 1 Nov 1905, 15 Nov 1905: 4, 1 Dec 1905: 4, 15 Jan 1906: 5, 6, Feb 1 1906: 3, 9). The Association also continued to approach newspapers and advertisers with pleas to aid the printers by, for instance, running their largest advertisements without changes – changes, of course, would cause problems when compositors were on strike (Marshall Cushing to Dear Sir [letter marked “Daily Newspapers”], 5 Dec 1905, Marshall Cushing to Dear Sir [letter marked “Brady List”], 5 Dec 1905, Marshall Cushing to Dear Sir [letter marked “Advertisers in this publication”], 20 Dec 1905, all in *DAT*, Reel 2.)

The National Association of Manufacturers and the United Typothetae also drafted plans to get other employer organizations to join the fight. They were especially interested in creating a new organization to replace the American Newspaper Publishers Association (ANPA), which continued to negotiate with the Typographical Union and had not joined the open-shop crusade. If newspapers were to join the struggle, this would mean not only flank support for the Typothetae against the Typographical Union, but also a potential publicity coup: newspapers engaged in active disputes with unions tended to take an anti-union stance in their reporting as well (Secretary [Cushing] to Ferdinand C. Schwedtman, 31 Jul 1906, U.S. Senate 1913a: 754–756). For instance, *The Philadelphia Inquirer* had been the target of an ITU organizing drive, strike, and boycott since the summer of 1904 (*TJ* vol. 27, no. 1 [July 1905]: 49–50, vol. 31, no. 3 [September 1907]: 288–289). In the employing printers’ fight, the *Inquirer* consistently gave ample space to the views of the Philadelphia Typothetae, headlining its stories in ways that favored the employing printers: “Typothetae Ranks Stand Unbroken” (3 Jan 1906: 16), “Further Gains for the Master Printers” (5 Jan 1906: 11), and “Typothetae Gain Against Strikers: Advocates of Open Shop Have Grown Stronger after First Week of Labor Trouble” (7 Jan 1906: 4). These were clearly more positive toward the Typothetae than e.g. *New York Times* or *Chicago Daily Tribune* headlines.

1 The letter was marked “To 3,000 members NAM” and the same letter was also sent to “400 advertisers (not members of NAM) in selected journals”, Oct 10 1905. Also the latter in *DAT*, Reel 2.

2 A follow-up letter noted that the International Association of Machinists was planning to strike for the eight-hour day on the railroads, and expostulated: “You see, if you give them an inch they immediately reach out for a mile; and they will never quit until they find some opposing force”. Secretary [Cushing] to Dear Sir (marked “To same 250 Presidents of Railroads”). Also in *DAT*, Reel 2.

The NAM also got involved in the Typothetae's fight at the grassroots level, making its political operative and undercover worker, Martin M. Mulhall, available to the Typothetae. Mulhall, who prior to working for the NAM had a background in the Republican party, and who had at one point been a member of a labor union himself, helped the NAM drum up support for its favored political candidates among workers, and occasionally was sent out to help break strikes at the companies of NAM members. Mulhall got involved in the printers' strike almost as soon as it started and apparently worked in various cities, but his main field of activity was in Philadelphia in the spring and summer of 1906. Philadelphia was probably chosen partly because of Mulhall's labor contacts in that city, and partly because of Philadelphia's numerous non-union printers who weakened the strike there – the *Typographical Journal* even called Philadelphia a “hotbed of non-unionism” (Testimony of M.M. Mulhall, U.S. Senate 1913b: 2435–2437, International Typographical Union 1905: 179 ff., *TJ* vol. 31, no. 2 [August 1907]: 144).

Mulhall's work in Philadelphia involved both open persuasion and stealthier methods. Openly, Mulhall was appointed one of a committee of three manufacturer representatives that met with three representatives of the Philadelphia Central Labor Union to discuss the situation; this committee also took a number of union members on a tour of struck Philadelphia plants in an effort to show them that the strike would certainly fail as the plants were operating regardless of it, and to get them to report this unhappy state of affairs to the Typographical Union. The following June, Philadelphia ITU members were taken on a similar tour of New York shops in order to show that despite the greater power of the New York local, the strike was failing there as well. Neither effort appears to have achieved its aim, as the unionists insisted that what they had seen had merely convinced them that the strike was indeed succeeding (Cushing to Mulhall, 20 Feb 1906, memo entitled “Meeting between the committees of the Manufacturers' organization and the Central Labor Union”, 5 Mar 1906, both in U.S. Senate 1913a: 566–581, *TJ* vol. 29, no. 2 [August 1906]: 181–182).

An undercover operation supported these above-board efforts. Mulhall later claimed that he had worked in Philadelphia on and off for over a year, and that while there, he spent an average of \$300 a week on undermining the strike, money that he got in part from the Philadelphia Typothetae and in part from the NAM. With the aid of this money, he said he bribed striking workers to return to work and paid weekly salaries to a number of members of Philadelphia unions so that they would act as spies in their unions.¹ These spies reported to Mulhall what happened at union meetings, what the general atmosphere was among the membership, and what strategies the union was planning to use; Mulhall then relayed this information to the Typothetae. In addition, they worked to put a damper on initiatives among the Philadelphia unions to collect funds for the striking printers or to start sympathetic strikes in support of the Typographical Union (Testimony of M.M. Mulhall, U.S. Senate 1913b: 2521–2523).

Mulhall is notorious for exaggerating his successes and the amounts of money he had command of, so his claims should be taken with caution. That he did engage labor spies, that the Typothetae supported or commissioned his work, and that he did at least convince the Typothetae that his work was producing results is beyond doubt, however,

1 A weekly expense of \$300 would in 1905 have been fairly serious money. In the course of a year, it would add up to \$15,600; converted to 2009 dollars that would be just under \$400,000 using the Consumer Price Index (Williamson 2010). Another point of comparison is that in 1910, the average wage in the printing and publishing industry was around \$12 a week (U.S. Bureau of the Census 1913: 40–45, 518–563).

as evidenced by the presence of reports on union meetings in NAM papers, letters from workers referring to payment from Mulhall, and letters from Typothetae officials praising Mulhall's work. Clearly, then, the NAM and the UTA were both ready to resort to costly and underhanded methods to weaken unity among the printers. As it turned out, however, unity among employers was subject to weaknesses as well (Unsigned to Mulhall, 25 Mar 1906, D. Sibole to Mulhall, 28 Apr 1906, Michael Collins to Mulhall, 22 Apr 1906, Michael Collins to Mulhall, 15 Jul 1906, Unsigned [Joseph Pfeiffer?] to Mulhall, 7 May 1906, Joseph H. Pfeiffer to unidentified [Mulhall], 22 May 1906, John Macintyre [Secretary of UTA] to Mulhall, 13 Apr 1906, Unsigned [Mulhall] to John F. Macintyre, 17 Apr 1906, John Macintyre to Martin M. Mulhall, 25 May 1906, John C. Winston Co. to Marshall Cushing, 21 Mar 1906, Joseph Hays to M.M. Mulhall, 21 Jan 1907, all in U.S. Senate 1913a: 614, 660, 654–655, 731–732, 663, 677, 643, 64, 680, 611, 892).

The limits of employer solidarity

The United Typothetae as well as the National Association of Manufacturers had expected that their joint effort would defeat the striking printers if not rapidly then at least decisively. The Typothetae had practically gambled its very existence on the fight by enforcing strict central rules that began to deplete its membership as soon as employers started to consider it more advantageous to agree to the union's demands than to maintain the strike. The NAM, in turn, had invested much of its prestige in touting the coming successes of the Typothetae. Both, it seems, had miscalculated.

Nothing ever came of the project to convince newspaper publishers to join the fight: only a few individual newspapers (some of them owned by NAM members) used the occasion as a springboard of defeating the union in their shops.¹ And, as noted above, Typothetae members seemed more likely to concede to the union than hold out indefinitely. It seems that for most employing printers, financial expediency trumped ideology. Many printing shops were of very limited size: in 1909, 54% employed fewer than five workers, and a further 16% employed between five and twenty workers (U.S. Bureau of the Census 1913: 210). Such small shops could not afford to wait out the strike. To keep these firms from settling, the Typothetae would have needed either far greater funds or far greater coercive power.

To be sure, many large book and job printers in major cities became non-union even if they conceded the eight-hour day, thus partly supporting the UTA's claim that on the crucial point of ending the practice of closed shop unionism the Typothetae had prevailed. Nor did the ITU come out of the fight unscathed: according to one source, the union lost over 2,000 of its roughly 45,000 members between 1905 and 1907 (Barnett 1909: 157). Still, even on the issue of open versus closed shop important shops caved: for instance, by late 1907 the shop owned by the secretary of the New York Typothetae, as well as nearly all other major New York shops, "were running on the eight-hour schedule with union workers" (Powell 1925: 678). Moreover, the ITU's membership losses were mostly due to very small locals leaving the union, and were in any case hardly comparable to the fifty-percent losses suffered by the Typothetae (Barnett 1909: 157).

The most successful part of the employers' effort appears to have been the Philadelphia strikebreaking work. No sympathetic strikes materialized in Philadelphia,

¹ One such newspaper was the *Greenville News*, owned by NAM Board of Directors member Daniel A. Tompkins; see [Illegible signature] to D.A. Tompkins, Dec 16 1905, *DAT*, Reel 2.

as had been feared. Nor did the union have much success in convincing Philadelphia employers to negotiate: the strike began in November 1905, and still in August 1906 Philadelphia had only 467 of its 1,300 ITU members working eight hours a day, leaving 833 on strike rolls. In other words, only 35% of Philadelphia ITU members had achieved the eight-hour day in almost a year of fighting; by contrast, that figure for New York (where the Typographical Union No. 6 was quite powerful) was 91%. As late as December 1907 (over two years into the strike), 297 ITU members remained on the strike roll in Philadelphia (*TJ* vol. 31, no. 6 [December 1907]: 665).

But was this the result of the united front of the National Association of Manufacturers and the Typothetae? The employing printers themselves admitted that gauging the success of Mulhall's tactics was difficult, though they were prepared to credit him with averting a sympathetic strike and hoped to enlist Mulhall's services in the future (Recording Secretary [Joseph Hays] to Cushing, 22 Mar 1906, John Macintyre to Mulhall, 13 Nov 1906, U.S. Senate 1913a: 611). On the other hand, the International Typographical Union had worried about Philadelphia even before the strike began, and the lack of success there may just as well have been due to the shallowness of union penetration as well as to disputes between the Philadelphia Typographical Union No. 2 and the leadership of the International (*TJ* vol. 27, no. 3 [September 1905]: 278–282, "Report of President", International Typographical Union 1907: 5). In any case, moderate tenacity in Philadelphia was hardly compensation for the losses the Typothetae was suffering elsewhere in the country, even if neither the Typothetae nor the NAM ever admitted defeat.

The striking printers enjoyed a number of advantages in their struggle. First, they were mostly native-born and white, and printing was a respectable craft. Even many employers had sympathy for their men, since they shared an ethnic as well as a trade background, and since many master printers could still remember their journeymen days. At least as importantly, public opinion was fairly well-disposed toward a strike of upstanding native craftsmen, especially as the printers were careful to avoid any semblance of violence: newspapers reported that "1,200 printers begin a most peaceful strike" and praised the "courteous ways of [the] strikers", noting that looking at the men gathered at strike headquarters, "the outsider would never have taken them for strikers in the accepted sense" (*NYT* Jan 3 1906: 4, see also Powell 1926: 67–69, 99). Second, printers were exceptionally well-organized and cohesive: the roots of the ITU stretched back to the 1850s, union density was usually higher than in other U.S. industries (around 30% in 1910), and there was a strong tradition of cooperation among the different printing crafts even as they remained organized in different unions (Barnett 1909: 27–32, Mendel 2003: 57–62, Wolman 1924: 110–119, U.S. Bureau of the Census 1913: chapter 15).¹ Third, there was no division by branch of industry. Thus, while the employing printers were divided into book and job printers (the Typothetae) and the newspaper division (the American Newspaper Publishers' Association), the ITU represented all typographers. This was a distinct advantage in the eight-hour strike, as the ITU's strike assessments covered its whole membership, but the strike itself only concerned the book and job industry; in other words, the securely employed newspaper compositors who had mostly already achieved the eight-hour day could help fund the struggle of the book and job compositors (Powell 1926: 21–22, 51).

The printers' strike, then, was perhaps an unusually well-organized, well-funded strike under unusually favorable conditions. Nevertheless, it demonstrated to organized

¹ In addition to the ITU, the main printing unions were the International Printing Pressmen's Union and the and the Lithographers' Protective Association.

employers that nationwide employer solidarity in a strike situation could not be counted upon, even if one was willing to put in a substantial amount of hard work to bring it about. Neither wheedling nor threats had been able to shake employers who saw their economic interests threatened by the prolonged strike. Nor had urgent appeals to other employers, whether railroad presidents or newspaper editors, apparently produced an outpouring of support for the employing printers. Chastened, the UTA turned away from labor issues, ensuring its survival by focusing on topics less controversial among its members.

Given the cracks in employer unity, we must carefully consider how to interpret the project of building employer solidarity that occupied the NAM, the UTA, and many other employer organizations in the early-twentieth-century United States. Do the fissures in unity mean that the vehemence of organized employers was so much meaningless hot air? Do they attest to the relative insignificance of organized employers in shaping labor relations? Should we return to looking for the roots of American labor's failures solely within the ranks of unionists, or possibly in the depths of the national character?

Perhaps unsurprisingly for someone who has spent most of her time in the past few years researching employer organizations, my answer to each of these questions is no. Rather, I would argue that the collective action problems that employers wrestled with make the story more complex (and therefore more interesting) but detract nothing from its significance. First, even if employers did not always display solidarity, the project of building that solidarity still shaped employer thought and action. On a local level, practicing solidarity was more common and more effective: employer-run labor bureaus and employer organizations that provided strikebreakers or other aid indeed sometimes gave their members "the same freedom to [. . .] do an end run around a union whose strength was patchy and concentrated, as was possessed by multiplant industrial giants like U.S. Steel" (Harris 2000: 124). And as Jeffrey Haydu has pointed out, even if employer resentment of unions arose from direct economic considerations, "the ideological terrain of class formation [. . .] may have helped turn practical considerations into uncompromising principles" (Haydu 1999: 516). Certainly, some committed anti-union employers were prepared to adhere to their anti-union principles at the risk of great financial losses to their businesses: for instance, James W. Van Cleave – NAM president from 1906 to 1909 – stubbornly watched the sales of his Buck's Stove and Range company plummet to alarming lows rather than negotiate with the union (Ernst 1995: 126–146).

Moreover, because the men who ran militant employer organizations like the NAM and the UTA were commonly active in several businesses and business organizations, their intransigent open-shop ideology percolated from the headquarters of such organizations to other venues where businessmen congregated: at meetings of boards of trade and in the lounges of elite social clubs, at chambers of commerce and meetings of city boosters, businessmen heard their colleagues expound the evils of the closed shop. In the process, the militant anti-union stance made itself if not respectable, then at least commonplace. That, in turn, meant that it was much easier for employer organizations to spread their message to legislators and to the public at large.

Indeed, it seems that the main lesson the NAM drew from its experience in the printers' strike was the importance of building societal influence on a broad scale rather than relying simply on close-knit ties among employers themselves. Thus, in 1907 the NAM hired a professional publicity bureau to disseminate its views about unions to the larger public and engaged the eloquent and able lawyer James Emery to conduct its

lobbying work. At the same time, it strengthened its presence at the Capitol by building an umbrella organization of employer and trade associations that would look after employers' interests in Washington. It also continued to pursue labor in the courts, and to publicize court decisions favorable to employers. Building on its experience in particular electoral campaigns, it also began the project of forging a closer alliance with the Republican party (Hulden 2011, Hulden 2012, Greene 1998a). The impact of such wide-ranging and far-reaching projects transcended specific contests between employers and unions, instead establishing an important if amorphous presence in general societal discourse on labor policy and union legitimacy. The rhetoric that aimed to build employer solidarity also lent itself to convincing politicians and the general public, while specific victories in strikes or in legislation, achieved through common action by employers, detracted from union prestige and legitimacy (nothing succeeds like success, after all – and the reverse).

Finally, the failures of employer solidarity also remind us that less-than-perfect solidarity among workers may not be as compelling an explanation for labor's failures as it sometimes seems. As this paper has demonstrated, employers had not found a magic recipe to conquer the problems of collective action; they possessed no greater stores of mutual solidarity than their employees. What they did possess was more money, more societal prestige, and more access to power.

List of abbreviations

<i>AI</i>	<i>American Industries</i>
<i>CDT</i>	<i>Chicago Daily Tribune</i>
<i>DAT</i>	<i>Daniel Augustus Tompkins Papers</i>
<i>NYT</i>	<i>The New York Times</i>
<i>PI</i>	<i>The Philadelphia Inquirer</i>
<i>TJ</i>	<i>Typographical Journal</i>
<i>WP</i>	<i>The Washington Post</i>
AFL	American Federation of Labor
ANPA	American Newspaper Publishers Association
ITU	International Typographical Union
NAM	National Association of Manufacturers
UTA	United Typothetae of America

References

- Barnett, G. E. 1909, 'The printers. A study in American trade unionism', *American Economic Association Quarterly*, vol. 10, no. 3, pp. 3–379.
- Bernstein, I. 1954, 'The growth of American unions', *The American Economic Review*, vol. 44, no. 3, pp. 301–318.
- Bonnett, C. E. 1922, *Employers' associations in the United States. A study of typical associations*, New York, The Macmillan Company.
- Daniel Augustus Tompkins papers*, Southern Historical Collection, University of North Carolina Library, Chapel Hill, NC. Accession number 724, microform.

Douglas, P. H. 1923, 'An analysis of strike statistics, 1881–1921', *Journal of the American Statistical Association*, vol. 18, no. 143, pp. 866–877.

Ernst, D. R. 1995, *Lawyers against labor. From individual rights to corporate liberalism*, Urbana, University of Illinois Press.

Fine, S. 1995, "*Without blare of trumpets*". *Walter Drew, the National Erectors' Association, and the open shop movement, 1903–57*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.

Fink, L. 1985, *Workingmen's democracy. The Knights of Labor in American politics*, Urbana, University of Illinois Press.

Foner, E. 1984, 'Why is there no socialism in the United States?' *History Workshop Journal*, vol. 17, no. 1.

Forbath, W. 1991, *Law and the shaping of the American labor movement*, Cambridge, MA, Harvard University Press.

Friedman, G. 1998, *State-making and labor movements. France and the United States, 1876–1914*, Ithaca, NY, Cornell University Press.

Gerber, L. G. 2005, *The irony of state intervention. American industrial relations policy in comparative perspective, 1914–1939*, DeKalb, IL, Northern Illinois University Press.

Greene, J. 1998a, 'Dinner-pail politics. employers, workers, and partisan culture in the Progressive Era' in *Labor histories. Class, politics and the working-class experience*, eds. Arnesen, E., et al., pp. 71–96, Urbana, University of Illinois Press.

Greene, J. 1998b, *Pure and simple politics. The American Federation of Labor and political activism, 1881–1917*, New York, Cambridge University Press.

Harris, H. J. 2000, *Bloodless victories. The rise and fall of the open shop in the Philadelphia metal trades, 1890–1940*, New York, Cambridge University Press.

Haydu, J. 1999, 'Two logics of class formation? Collective identities among proprietary employers, 1880–1900', *Politics & Society*, vol. 27, no. 4, pp. 507–527.

Haydu, J. 2008, *Citizen employers. Business communities and labor in Cincinnati and San Francisco, 1870–1916*, Ithaca, NY, Cornell University Press.

Hulden, V. 2011, *Employers, unite? Organized employer responses to the rise of labor unions in the United States, 1900–1917*, Ph.D. thesis, University of Arizona, Tucson, AZ. Forthcoming.

Hulden, V. 2012, 'Employer organization influence and the Progressive-Era press', *Journalism History*, vol. 38, no. 1. Forthcoming.

International Typographical Union 1905, 'Reports of officers and proceedings of the fifty-first session of the International Typographical Union', Toronto, Canada, August 14–19 1905.

International Typographical Union 1907, 'Reports of officers and proceedings of the fifty-third session of the International Typographical Union', Hot Springs, Arkansas, August 12–17 1907.

Kimeldorf, H. 1999, *Battling for American labor. Wobblies, craft workers, and the making of the union movement*, Berkeley, University of California Press.

Klug, T. 1993, *The roots of the open shop. Employers, trade unions, and craft labor markets in Detroit, 1859–1907*, Ph.D. thesis, Wayne State University, Detroit, MI.

Klug, T. 2010, 'Employers and the limits of the open shop in Detroit, 1902–1907', paper presented at the Organization of American Historians Annual Meeting, April 7–

10.

Mendel, R. 2003, "A broad and ennobling spirit". *Workers and their unions in late Gilded Age New York and Brooklyn, 1886–1898*, Westport, CT, Praeger.

Millikan, W. 2001, *Union against unions. The Minneapolis Citizens Alliance and its fights against organized labor, 1903–1947*, St. Paul, Minnesota Historical Society Press.

National Association of Manufacturers records, Hagley Museum, Wilmington, DE. Accession number 1411.

Powell, L. M. 1925, 'Typhotetae and the eight-hour day', *The Journal of Political Economy*, vol. 33, no. 6, pp. 660–683.

Powell, L. M. 1926, *The history of the United Typothetae of America*, Chicago, University of Chicago Press.

U.S. Bureau of the Census 1913, *Thirteenth census of the United States, 1910, vol. VIII: Manufactures*, Washington, D.C., Government Printing Office.

U.S. Senate 1913a, Appendix. *Maintenance of a lobby to influence legislation. Exhibits introduced during the hearings before a subcommittee of the Committee on the Judiciary*, vol. 1–4, 63rd Congress, 1st Session, Washington, D.C., Government Printing Office.

U.S. Senate 1913b, *Maintenance of a lobby to influence legislation. Hearings before a subcommittee of the Committee on the Judiciary*, 63rd Congress, 1st Session, Washington, D.C.: Government Printing Office.

Voss, K. 1993, *The making of American exceptionalism. The Knights of Labor and class formation in the nineteenth century*, Ithaca, NY, Cornell University Press.

Williamson, S. H., 2010, 'Seven ways to compute the relative value of a U.S. dollar amount, 1774 to present', *MeasuringWorth*, <http://www.measuringworth.com/uscompare/>, accessed Aug 23, 2011.

Wolman, L. 1924, *The growth of American trade unions, 1880–1923*, National Bureau of Economic Research.

Strikes in East Germany (1949 to 1989). Renate Hürtgen

The early German labour movement was a beacon for workers everywhere. It included the world's largest Social Democratic movement, rooted directly in the traditions of Karl Marx and Friedrich Engels, and possessed enormous experience in class struggle in the industrial centres of central Germany and the Ruhr region. Even between 1933 and 1945, when the Nazis smashed the trade unions and replaced them with the 'workplace community' of the German Labour Front, the German working class retained vestiges of its will and ability to fight. Despite Nazi dictatorship and Gestapo persecution there was a spate of brief strikes after 1936/37.

When the war ended in May 1945 it was this tradition-steeped generation of workers who established works councils in many workplaces, threw out the old bosses and spontaneously set about rebuilding workplace and territorial trade union structures. The leaders were often communists, social democrats and trade unionist activists from the pre-1933 era. But these grass-roots initiatives were not to last for long. In the Soviet zone they were banned and replaced in 1946 by a Soviet-style state trade union, the FDGB. The FDGB soon found its place and function in the East German state apparatus alongside the ruling party (the SED) and the organs of the new state: communicating and enforcing the party's policies in the workforce as a whole. From the early 1950s,

following the introduction of the system of central economic planning, the FDGB's most important task was to ensure that the plan was fulfilled and exceeded. This meant abandoning the essential trade union characteristics of workers' solidarity and collective self-defence, concentrating instead on admonishing their members to increase productivity. Trade union officials encouraged and organised individual and collective competition between workers and initiated the East Germany's own Stakhanovite movement (the Hennecke movement) and the custom of doing (paid and unpaid) work for state-approved causes on public holidays. All that remained of the traditional trade union functions was health and safety, which the feeble union organisations were often powerless to enforce in a deteriorating economy. Because many services were provided through the workplace, the importance of the trade unions for workers, especially women, cannot be underestimated. The FDGB organised the distribution of holiday accommodation, nursery places, theatre tickets, fruit and cars. It was involved in qualification initiatives for women and administered the social insurance system. But in the entire history of East Germany there is not a single example of the state trade unions organising collective action for higher wages, longer holidays or better working conditions. In East Germany the autonomous trade unions ossified into a 'nationalised labour movement' that was no longer a movement in any real sense.

Although the FDGB's role as the 'transmission belt' of the party and part of the state economic management structure was already laid down in the statutes of 1949, the members' expectation that their union would stand up for their interests lasted a few years longer. When first builders in East Berlin and then workers across the country struck on the 17th of June 1953, they automatically turned to their union organisation. Indeed, many workplace union officials, Chairpersons of Union inside Plants and shop stewards, were arrested for their participation, and defended themselves saying that they had done nothing other than fulfil their function as trade union officials by placing themselves at the head of the strike movement. In the interrogation transcripts we read how the top union official at the Stalinallee building site desperately protests against the secret police accusations, repeating over and over that it is not a crime to go on strike. That could not save him from a sentence of ten years imprisonment for his part in the mass strike.

Soviet tanks were brought in to suppress the 1953 uprising, and strikes of this magnitude and political character were never again to occur in East Germany. Although for many years afterwards participants held small (and illegal) anniversary commemorations, the tumultuous events gradually faded from East German collective memory. The uprising was experienced as a defeat and not even discussed within families. Indeed, the state and the ruling party banned any discussion of the protests at all. All those released from prison were made to promise in writing to say nothing about the grounds for their imprisonment and the conditions under which they had been held. At workplace tribunals colleagues had to publicly denounce those accused of participation. Numerous arrests and years of persecution suffered by strike leaders and others who had merely taken part sent a clear warning to every East German worker to steer well clear of any kind of autonomous collective action. Whereas the positive experiences of solidarity and successful strike organisation were lost, the idea that the presence of Soviet forces made it simply impossible to change anything became deeply embedded. The 17th of June uprising and the state's crushing response were a historical caesura for class consciousness in East Germany.

But the uprising was a trauma for the East German leadership, too, one which lasted to the end of its days. It must be remembered that every East German functionary, including the top party and state leadership, knew all about this form of collective

workers' action either from their own experience before 1933 or from political education on the history of the labour movement. The new rulers had the greatest respect for the possibility of mass strikes. When demonstrators took to the streets in autumn 1989, the Minister of State Security, Erich Mielke, fearfully asked his generals whether this was a rerun of the 17th of June.

Not only did the 1953 uprising take the party and its state security apparatus completely by surprise, it came as a huge political blow that the masses on the streets were not 'bourgeois elements' and other 'class enemies' but overwhelmingly workers in the country's industrial heartland: places like Leuna, Bitterfeld and Halle that had been the hotbed of class struggle in the 1920s. The failure of the state security organisations to detect the possibility of trouble from these quarters left the new leaders caught unawares. Their first response was to order the police and state security to establish a surveillance and control system in the workplaces. The country's system of secret police surveillance was expanded and the focus of the work of the Ministry of State Security shifted from the home to the workplace (the 'place of production' principle). The Ministry set out to recruit thousands of new informers, applying particular pressure to those imprisoned after the uprising, and sent delegations into workplaces to find out whether the events surrounding the uprising were still being discussed in a positive light. The ringleaders were to be arrested or persuaded to cooperate conspiratorially. Persons who had come to notice in the days of the uprising were often kept under observation for decades afterwards. The Ministry of State Security always prepared specially for the anniversary of the 17th of June uprising, running Operation Bulwark from around May each year to discover in advance whether commemorations or other 'provocations' were planned. The paramilitary factory militias, made up largely of party members, were strengthened after 1953 and conducted monthly exercises. Even if they were never deployed in earnest everyone knew that they would be turned out against the workers if another mass strike ever occurred. The factory militias were mobilised for the first and last time in autumn 1989, but by then the East German regime was already falling apart. Overall, the workplace was where the East German state created one of its best information and control networks, one of the essential reasons why there was never again an outbreak of labour unrest in East Germany after 1953.

So how did East German labour relations develop under these conditions? The strike was neither permitted nor prohibited under East German labour law. In fact, the right to strike was initially enshrined in the East German constitution, but omitted from the new version in 1968. Despite that, it was clear to every East German citizen before and after 1968 that the right to strike was not actionable and that using it would lead to punishment. The strike prohibition in East Germany was political rather than legal, which meant that going on strike was always an illegal and consequentially risky matter. But the state's actual response was not always so clear-cut, leading to a series of exceptions to the de facto strike ban. The state, the party and the state-run trade unions reserved the right to take the specific circumstances and participants into consideration, classifying strikers' demands as 'justified' or 'unjustified' and participants into 'good workers' and 'trouble-makers'. The crucial point now was to find forms of 'work stoppage' (as strikes were termed in the Ministry of State Security files after the 1953 uprising) that at least avoided retribution. As elsewhere, white-collar workers rarely resorted to strikes to lend weight to their demands.

Those who observed an informal set of rules that had emerged by the end of the 1950s avoided condemnation as trouble-makers or subversives. Experience showed that in East Germany a strike had to be (1) unpolitical in character, (2) spontaneous (without planning or preparation) and (3) internal, out of the public eye and especially avoiding

the Western media. These conditions for a spontaneous strike causing no publicity and raising no political demands were in principle observed by workers following the 1953 uprising. When they assessed ‘unusual incidents’ – which included strikes – the party and state security had to generally found that there had been absolutely no preparatory activities, nor was it possible to identify leaders or organisers. The Ministry of State Security always put great effort into the hunt for ringleaders, but mostly without success. A planned and prepared strike would have been evidence that workers had collectively and consciously agreed to carry out a subversive act and behaved as ‘saboteurs and trouble-makers’. Workers in East Germany quickly adapted to this danger, and it became a widely adopted practice to stress that one had decided to down tools spontaneously just this morning and could not remember who had thought of the idea first.

For the political leadership keeping workplace conflicts secret seems to have been even more important than removing the cause of conflict or rectifying a shortage. The Ministry of State Security had special procedures for ‘Preventing public knowledge of hostile acts’, which also included strikes. After the 1953 uprising there was no longer any possibility to seek publicity for labour disputes, for example via the media or demonstrations outside the factory gates, although the practice of raising a certain degree of awareness within the workplace continued for a few years. Overall the policy of erecting a wall of silence was successful; only two or three times in the 1970s and 1980s did even rumours of real or threatened strikes circulate among the East German population. This utter lack of public discussion meant that the strike was simply absent from workers’ lives, exactly absent from workers own experiences.

Strikers incurred the greatest danger if their action was classified as political. After 1953 the risk of imprisonment (and in isolated cases even the death penalty) was very real for anyone demanding ‘free elections’, independent trade unions, a new government or fundamental social change of any kind. And because various parts of the state were directly responsible for any demands concerning wages, productivity or general working conditions, an ‘unpolitical’ strike could quickly turn into a ‘political’ one that threatened the leadership. So it was only logical that internal solutions and arrangements dominated, where strikers took their demands directly to company management or just to their immediate superior. This way the political leadership had no reason to feel attacked. Although strictly forbidden, strikes with a political character did not disappear immediately. After the June 1953 uprising there were solidarity strikes for those arrested, and following the building of the Berlin Wall on the 13th of August 1961 and for the last time after the Warsaw Pact invasion of Czechoslovakia in 1968 the Ministry of State Security and other state organs registered slogans directed ‘against the GDR’ in connection with strike threats, but now under the cloak of anonymity.

Following this general review of strikes in East Germany, it is time to take a look at the statistics. How many strikes actually occurred? Who participated in them and what demands did they raise? A cursory glance at the records kept by the Ministry of State Security and the state-run trade unions already shows that strikes in the 1950s were very different from the 1980s. Whereas at the late 1950s more than one hundred strikes were still being recorded each year, the annual average falls to just a handful by the 1980s. The figures suggest that by the 1980s the strike had lost all meaning in the East German workplace.

1960	166
1961 (first to third	98

quarter)	
1962	117
1963	138
1964	57
1965	25
1966	41
1967	18
1968	15
1969	28
1970 (until 10 December)	26
October 1970 to April 1971	63
1971	48
1972	39
1973–74	Approx. 40/30
1975	26
1976	Approx. 25
1977	Approx. 25
1978	15
1979	8
1980	6
1981	14
1982	6
1983	1
1984	–
1985	5
1986	2
1987	2
1988	2

Along with the total number of strikes, the *size* of the striking groups also shrank rapidly. Reports from the 1950s still feature, for example, 250 workers in different shops at an engineering plant in Finsterwalde, or 300 at the shoe factory in Meissen. Average recorded participation in 1961 was still twenty workers per incident, which corresponds roughly to a work brigade. According to a report on ‘Activities of the Class Enemy in the 3rd Quarter of 1961’ 311 workers took part in thirty stoppages, while six others involved whole brigades and in one case an entire department. By the 1980s average participation had fallen to just three or four, with the exception of stoppages by foreign workers where larger groups of ten or twenty were always involved. Among German workers, striking was more or less the preserve of individualists: three drivers on night shift at a building combine demanding washing facilities, two ‘colleagues on the night shift’ who walked out complaining that the food was bad or the union functionary at the Opera House in Berlin who briefly resigned his duties to demand – successfully – a ventilation system for the orchestra. The obvious question here is whether these individual walk-outs, sometimes by just one person, can still be called ‘strikes’? As such, they had been stripped of any collective and thus solidarity-based character.

The Ministry of State Security reports reveal which groups of workers struck, which branches they worked in and which areas they lived in. Strike activity was always highest in the districts of Karl-Marx-Stadt (now Chemnitz), Halle, Dresden and Gera; not until the 1980s did Berlin and Rostock come to play a role in the strike statistics. This was because of the north-south divide in East German industrialisation and the fact that strikers were almost exclusively assembly-line and skilled craft workers in industry (plus at particular times agricultural workers and from the mid-1970s also workers in the service sector). In a trend that is known in Western industrial societies too, but here possesses a specific East German aspect relating to their special loyalty to the state, white-collar workers, medical staff, supervisors and the technical intelligentsia basically never went on strike.

The demands of the strikers were connected above all with wages, bonus arrangements and access to services and consumer goods or with problems concerning working conditions and organisation. From the Ministry of State Security files that provide exact descriptions of every workplace incident we can today reconstruct the causes, course and outcome of every strike that took place. We know that strikes took place or were threatened when changes to production targets led to wage cuts or the annual bonus was to be less than the previous year, when the toilets were not repaired or meals were not available for the night shift. Thus three shunters at Saalfeld station walked off their afternoon shift to protest against a bonus cut that was expected in connection with the switch to the summer timetable. Their bonuses depended on the trains running on time, and the change was expected to lead to numerous trains running late. Often it was things one would normally take for granted that gave cause for complaint, after failure to achieve them by other means: better ventilation in summer or adequate heating in winter, hot showers or prompt payment of wages. In almost all cases, strikes in East Germany were conducted to restore the status quo, to prevent a worsening of conditions or to force a superior to keep a promise. In other words, strikes were typically defensive, with strikers demanding only what they believed they had a right to but had lost through poor organisation or insensitivity on the part of state management.

At no point was the strike in East Germany a natural choice to achieve demands, not even when conducted spontaneously by four or five workers to achieve something they had a right to. Only 'risk-tolerant' groups like assembly-line workers, skilled craft workers and agricultural workers struck. The statistics show that even 'justified' strikes could not be certain of success. During the 1970s other mechanisms became established for dealing with workplace concerns.

The best-known of these was the petition, a practice that more or less grew into a 'movement' in the 1970s and 1980s and was preferred above all because it was legal and relatively safe. The petitioner avoided the risk of being turned down by his or her colleagues, who had in the meantime as a whole adapted to a conflict-free existence at work. The traditional mechanisms of strikes and other collective forms of resistance, which had still been viable in the early years, became supplanted by the individual pursuit of a personal interest. The petitions and complaints often contained the same requests and demands that had earlier led to strikes: bonus arrangements, wage rises, nursery places, pension contributions, workplace lighting or coffee machines. Petition and complaints could also be presented orally. Getting holiday accommodation meant speaking personally with a trade union official and even pay negotiations were often dealt with in a one-to-one discussion with the supervisor. There was a taboo here too: the verbal or written petition must not link workplace problems with fundamental criticism of party and state policies, and must not be presented by a group of workers

collectively. Such transgressions provoked an immediate response from the Ministry of State Security and were, in terms of the volume of petitions, the exception. The typical 'labour struggle' in the East Germany of the 1970s and 1980s took on the character of an individual application, formulated in private at home and discussed only with the family.

Although the tendency for individualisation and erosion of collective forms of workers' struggle is a generally observed trend in the modern industrial society of the late-twentieth century, this complete abandonment of traditional conflict scenarios and utter retreat into private life must be regarded as an aberration rather than an expression of a workforce running ahead of the 'modern' social trend. The idea that this choice of individualised and privatised means was 'voluntary' is implausible, given that right up to 1989 the East German working class occupied a very traditional milieu where typical labour movement activities such as strikes would have fitted in very well. East Germany was a country dominated by an industrial labour force whose traditional way of life and work situation meant that it was not unfamiliar with ideas of collective action and solidarity. The atomisation of the East German labour force, the preferred forms of individual resistance and private 'making do', and the dispensation with strike and other collective forms of struggle emerged not naturally out of their way of life, but above all as the expression and result of political repression.

Ultimately, however, the individualised forms of mediation – petitions and personal negotiations with works directors – did not bear the desired fruit. Seeing their attempts to build a better life 'by private means' thwarted, skilled workers grew steadily more dissatisfied. A significant section of the skilled workforce sought a different solution in the 1980s by applying to emigrate to the West. When Hungary opened its border with Austria in summer 1989 many seized the opportunity, occupying Western embassies in Prague when the Czechoslovak-Hungarian border was closed to them. The workers of East Germany had long since sunk into an atomised state out of which no collective action or solidarity could grow. When the government was toppled by mass demonstrations and the structures of civil society superseded the old parties and organisations there were no mass strikes in support. It took time before the first independent workers' initiatives and autonomous structures began driving developments forward.¹ The 'nationalised labour movement' had degraded the movement character and milieu of the East German working class, and strikes and other collective forms of struggle had disappeared from its collective memory. In autumn 1989 the workers had to start again from scratch.²

¹ On strikes in East Germany in 1989 see Bernd Gehrke and Renate Hürtgen, eds., *Der betriebliche Aufbruch im Herbst 1989: Die unbekannt Seite der DDR-Revolution* (Berlin, 2001).

² For greater detail see Renate Hürtgen, *Zwischen Disziplinierung und Partizipation. Vertrauensleute des FDGB im DDR-Betrieb*, Böhlau Verlag Köln Weimar Wien 2005.



Munkácsy Mihály, *Sztrájk*
(1895).

2. Revolution and counter-revolution

La crisis de 1917 en España. De crisis política a revolución social. *Angels Carles-Pomar*¹

Europa estaba en guerra y España se había declarado neutral pero la sociedad española estaba dividida. La situación había favorecido a la actividad de los contrabandistas y especuladores, mientras que los obreros aún se empobrecían más, hasta el punto de pasar hambre y miseria ante la incapacidad de adquirir productos de primera necesidad, que dada su escasez tenían precios prohibitivos. Las reiteradas amenazas de huelga en todos los sectores, como protesta ante las condiciones laborales, económicas y sociales, planeaban sobre los obreros.

El colapso parlamentario llevó a la clausura de las Cortes en Febrero de 1917. La crisis no era sólo política. Era una fuerte crisis económica y social que tenía tres frentes que hicieron tambalear los cimientos del sistema de la Restauración. Por una parte el cierre del Parlamento y el estancamiento político desembocó en la celebración de la Asamblea de Parlamentarios en Barcelona; por otra un movimiento social que vio en la huelga general revolucionaria la vía de salida para acabar con la sociedad burguesa; y por último los militares de graduación media que se agruparon en las Juntas de Defensa en un claro desafío a las jerarquías constituidas. Todo ello en un contexto internacional de guerra y de las revoluciones rusas de Febrero y Octubre que amenazaban seriamente con la ruptura de las estructuras establecidas.

La situación política

Con la dimisión de Romanones y su gobierno, el sistema de la Restauración, la rotación del poder entre el partido conservador y liberal, ideado por Cánovas del Castillo, llegaba a su fin. Muertos Cánovas y Sagasta que se alternaban en los gobiernos; muerto Canalejas, el único capaz de sostener el partido liberal, y descartado Maura, la oposición sólo la podía representar Lerroux, pero estaba totalmente desprestigiado y acusado de haberse vendido a todos los gobiernos anteriores. No había alternativa. Surgía así una de las crisis que habría de sufrir el reinado de Alfonso XIII, que eventualmente desembocó en la dictadura de Primo de Rivera en 1923.

El segundo gobierno de Romanones había durado un poco más de un año, desde Diciembre de 1915 hasta Abril de 1917. Si bien su Consejo de Ministros había prometido mejorar las condiciones de vida (falta de subsistencias, inflación y desempleo), el incumplimiento de esta promesa, y de otras, puso en evidencia la incapacidad de los partidos dinásticos para hacer frente a la realidad cambiante como consecuencia de la Gran Guerra. Los cambios que producía la contienda eran demasiado rápidos para ser asimilados. Durante el gobierno Romanones, España estuvo a punto de perder su neutralidad a favor de los aliados (ROMERO SALVADÓ: 32–33).

La política intervencionista de Romanones y las constantes provocaciones alemanas con sus torpedos a los barcos mercantes españoles llevaron al político al límite. Fue su propia política la causa de su caída. El rey, la corte, la Iglesia y las clases altas estaban

¹ Àngels Carles-Pomar (Matadepera 1962) studied Librarianship at Universitat de Barcelona (1983-1987). She is graduated on History at Universitat Autònoma de Barcelona (1991-1997) and on Documentation at the same university (2000-2002). Actually she is working in her Ph.D. Thesis with Dr. Enric Ucelay-Da Cal at [Universitat Pompeu Fabra](http://www.upf.edu) about the military relations between Portugal and Spain in the context of Great War. Since 1985 she is working at Universitat Autònoma de Barcelona as a librarian. Since 2005 she is head of Universitat Autònoma de Barcelona Medical Library.

ideológicamente más cerca de los imperios centrales, pero la revolución de Febrero en Rusia que acabó con la autocracia del Zar Nicolás II en Marzo, infundió el miedo a las consecuencias y los riesgos que comportaría para España su entrada en el conflicto. Romanones fue obligado a dimitir (ROMERO SALVADÓ: 98–99). Con su dimisión quedaba el país más dividido que nunca respecto de la neutralidad española. La burguesía, el proletariado y el Ejército esperaban ansiosos el momento de acabar con el sistema del turno dinástico.

El 19 de Abril el rey encargó a Manuel García Prieto la elaboración de un nuevo gabinete liberal. Su gobierno fue efímero, cincuenta y tres días. La situación del país no mejoraba. El día 5 de Julio se reunieron en el Ayuntamiento de Barcelona una Asamblea de Parlamentarios catalanes. Cambó había pedido que en caso de fracasar esta reunión, se celebrase una Asamblea de Parlamentarios españoles el día 19 de julio. El Gobierno, presidido por Eduardo Dato que había tomado posesión el 11 de Junio, no la autorizó, pero la reunión se celebró de forma clandestina. La reunión significaba la creación de un Parlamento paralelo, y un claro desafío al Gobierno de Dato. Hasta el día siguiente no se supo de su celebración. La impresión general era buena, pero después de la realización de la Asamblea se tenía la sensación que pasaba algo, de que las cosas no iban bien. Planeaba la sombra del conflicto ferroviario. Los rumores empezaron a aparecer en la prensa el día 6 de Agosto, y el conflicto estallaba finalmente el día 12 con la amenaza de convertirse en una revolución.

A pesar de todo la Asamblea de Parlamentarios continuó existiendo después de la huelga fallida. Algunos jefes de fila como Maura o Vázquez de Mella no se atrevieron a entrar a la espera de acontecimientos. Los republicanos, los catalanistas y los sindicalistas acorralaron a Dato, hasta ponerlo entre la espada y la pared. La prensa estaba en contra del Gobierno. El 28 de Octubre se anunció que el Ejecutivo estaba en crisis. El día 30 se celebró una sesión de la Asamblea en el Ateneo de Madrid, al mismo tiempo que Alfonso XIII se reunía con Francesc Cambó para consultarle sobre la situación. Dato fue destituido por el rey, rompiendo con la alternancia de partidos en la que se basaba el sistema de la Restauración. Destituido Dato se constituyó un nuevo gobierno con García Prieto al frente.

Este cambio de Gobierno fue interpretado por Cambó como un éxito de la Asamblea de Parlamentarios que había sido capaz de destruir el juego del turno de partidos, conservador y liberal, base del sistema político liberal de la Restauración, pero la percepción no fue la misma para los grupos políticos de izquierdas. El momento sería decisivo en la historia de la monarquía constitucional. García Prieto, seguía al frente del Ejecutivo pero la mayoría creía que era Cambó quién movía los hilos de aquel Gobierno. Cambó no escondía su plan para una España Grande y así extender su influencia política más allá de Cataluña. Cambó pretendía la reorganización de la política arrebatando el poder a la oligarquía agraria y financiera. Quería exportar su idea y atraer a la burguesía española. Su propósito final era crear una revolución política con el fin de evitar una revolución social más profunda.

La situación socio-económica

Las consecuencias de la contienda europea no se hicieron esperar. Mientras algunas regiones prosperaban económicamente, como el País Vasco, Asturias, León, Levante y Cataluña, otras localizadas en el centro o el sur del país se vieron en recesión. Las condiciones de los trabajadores variaban considerablemente dependiendo de la región donde vivían. Las causas son diversas -entre las principales podemos enumerar el regreso forzoso de muchos españoles que trabajaban en el extranjero, la migración

interna desde el campo a las grandes ciudades como Madrid o a los centros industriales de Barcelona o Bilbao. Los empleos precarios, la subida de los precios que no iba acorde con la subida de los salarios, la exportación de los productos de primera necesidad y la carestía de éstos dada su escasez, la no inversión por parte de los empresarios de los pingües beneficios obtenidos gracias a los grandes negocios que proporcionaba la guerra, entre otras cosas, desembocaron en una crisis de subsistencias a principios de 1916. Los disturbios por falta de alimentos y productos básicos empezaron a ser una constante en las calles de las principales ciudades españolas. En las grandes ciudades se vivían situaciones de miseria y hambre. Los enfrentamientos entre los manifestantes pidiendo alimentos y la Guardia Civil en un intento de repeler la agitación empezaron a ser habituales en España (ROMERO SALVADÓ 2002: 35–36).

Entre los productos de primera necesidad no estaban sólo los alimentos, sino que también se contaba con el carbón. España tenía minas de carbón poco explotadas, sobretudo en Asturias, mientras el carbón y la hulla para la industria y los hogares que se consumía en España, provenía mayoritariamente del Reino Unido. A causa de la guerra, las importaciones de carbón se vieron disminuidas considerablemente, haciendo que la industria sufriera las consecuencias nefastas de su escasez, contribuyendo a la crisis económica. Era el precio a pagar por ser un país tributario del carbón inglés. La causa de la importación del carbón inglés, era en parte debida a su calidad, mucho mejor y de un poder calorífico superior al carbón asturiano, además se añadía el problema de la deficiente red ferroviaria española para las comunicaciones interiores que dificultaba su transporte y distribución del carbón asturiano. El carbón inglés llegaba en barco a los puertos del Cantábrico y del Mediterráneo próximos a los centros de producción industrial, siendo el transporte marítimo desde Inglaterra, más económico y eficiente que el transporte terrestre español.

La prosperidad industrial de Asturias arrancaba de finales del siglo XIX y principios del XX. Con la pérdida de las colonias se repatriaron capitales que fueron invertidos en fábricas de explosivos –antes ya existía una fábrica de armas en Oviedo- y de cristalería. El crecimiento de la industria comportó la aparición de una nueva clase social, los obreros de fábrica, y la afiliación de estos a las ideas socialistas. Asturias estaba mal comunicada, la red ferroviaria se limitaba a un tren que conectaba con Santander, acabado en el año 1904, y un pequeño tren minero de mediados del siglo XIX. Nunca se había dado importancia a los carbones de Asturias, prefiriendo el carbón importado de Inglaterra, y sufriendo las consecuencias de su falta, cuando los mineros británicos fueron a la huelga. Canalejas fue el único político que se preocupó de los recursos subterráneos de Asturias, pero su asesinato hizo que los estudios no pasasen de proyectos. Con el inicio del conflicto bélico europeo, empezó a escasear el carbón inglés, problema que se agravó con el bloqueo marítimo y la imposibilidad de intercambios comerciales. La industria española iba a remolque de los conflictos ajenos, huelgas, guerras y dificultades de transporte.

Los sindicatos, que empezaron con reivindicaciones laborales y salariales, encontraron en la huelga el arma para conseguir sus demandas, y a al mismo tiempo vieron que eran capaces de paralizar el país. La extracción de carbón había aumentado desde el principio de la guerra a causa de las dificultades para obtener el inglés. El transporte era el escollo principal para su distribución por la Península. Con la huelga general de Julio de 1916 y Agosto de 1917, los mineros y los ferroviarios paralizaron la industria del país. Cuando se reemprendieron las extracciones había bajado la producción, y no había posibilidad de intensificarlas. El problema era el transporte. Los pocos trenes que salían de Asturias no eran capaces de absorber todo el carbón. No se podía extraer más porque no se podía transportar, ni al mercado interior ni al exterior.

Militar

El estamento militar también contribuyó a la crisis con la constitución de las Juntas de Defensa Militar, siguiendo el modelo de la Junta que se había formado en Barcelona en 1916. Las Juntas de los oficiales del arma de Infantería surgieron para reclamar mejoras económicas, ya que los estragos de la guerra europea y las retribuciones económicas de los militares no eran suficientes para el elevado coste de la vida. Había la necesidad de controlar los ascensos y recompensas con la finalidad de evitar favoritismos, tan habituales hasta entonces. Eran una especie de sindicato de los militares para reclamar mejoras sociales y profesionales. La creación y proliferación de estas Juntas, era un hecho grave. En primer lugar porque representaba una sublevación de los militares de graduación media contra la jerarquía establecida, y en segundo lugar porque desafiaron al Gobierno y al rey. Durante el siglo XIX abundaron los pronunciamientos militares protagonizados por las altas jerarquías del ejército, los generales, pero se mantenía la disciplina y la jerarquía de éstos hacia abajo. Ahora era una sublevación de los mandos intermedios contra los políticos y contra sus superiores militares. La causa principal de del descontento de los militares y de la formación de estas Juntas, era la reclamación de ascensos por méritos de guerra, en la campaña de Marruecos, que desde 1912, parecía hacerse eterna. Los militares destinados en Marruecos ascendían rápidamente gracias a los méritos de guerra, mientras sus colegas en la Península sólo podías ascender por antigüedad y el proceso era mucho más lento. Basar su insubordinación en la reclamación de ascensos, no era, según Cambó, bandera suficiente para iniciar una revuelta y atraer seguidores a su causa. Pero pronto se empezó a hablar de renovación de costumbres públicas, de mejora del Ejército y de la convocatoria de Cortes Constituyentes sin pararse a pensar en las consecuencias que podría causar esta última reclamación (CAMBÓ 1982: 259–260).

Los oficiales de menor graduación se convirtieron en un grupo de presión. Las Juntas de Defensa se presentaron como un instrumento para la renovación del país. En realidad su creación escondía la defensa de sus privilegios ante los políticos dinásticos de turno y los generales que querían impulsar una reforma del Ejército. La neutralidad española había dejado al descubierto la ineficacia y la poca profesionalidad de las Fuerzas Armadas. Esta realidad hizo ver a los políticos y a la cúpula militar la necesidad de emprender reformas. Éstas incidían directamente desde los mandos intermedios a los inferiores e incluían amortizaciones y pruebas de aptitud. La situación económica del país dejó a muchos jóvenes oficiales fuera del sistema y la política de ascensos por méritos distanciaba cada día más a éstos de sus superiores (BOYD 1990: 69–70). El malestar de los militares agrupados en Juntas de Defensa pasó de la queja a la acción. Su singularidad era que excluía tanto a los generales, como a las clases de tropa, provocando gran inquietud en Alfonso XIII muy seguro de su influencia sobre los generales, pero no sobre los coroneles y el resto de oficiales (GARCÍA VENERO 1969: 269).

Represión

Lo cierto es que España estaba viviendo una verdadera revolución. La constitución de las Juntas de Defensa Militar en Junio, la instauración de un nuevo gobierno Dato también en Junio, la constitución de la Asamblea de Parlamentarios y las huelgas obreras, sobretodo de los trabajadores de los ferrocarriles en Valencia, precipitaron los acontecimientos. Los hechos eran muy graves. La crisis política derivó a una huelga general en España, declarada el 13 de Agosto y sofocada unos días más tarde. El

resultado de la huelga dependía de los militares. Los revolucionarios, si no con su implicación directa, al menos confiaban en su benevolencia (LACOMBA 1910: 272). Y no fue así. Los militares se aliaron en el bando del Gobierno, la represión de la huelga fue brutal. En Barcelona, donde se habían constituido las Juntas, los oficiales obedecieron al general Marina y utilizaron la artillería para ahogar en sangre las protestas de los anarcosindicalistas. En Bilbao el general Souza no se quedó atrás.

Pero donde la huelga fue reprimida de la manera más violenta fue en Asturias. Por orden del general Burguete, durante el primer día de la huelga se publicó un manifiesto donde se prometía combatir a muerte a los revolucionarios. Para patrullar la provincia utilizó un tren, el “tren de la muerte” donde desde las ventanillas se disparaba indiscriminadamente contra la población desarmada. El día 17 de Agosto en un segundo manifiesto juraba que daría caza a todos los mineros que resistieran en las montañas y a los cuales llamaba “bestias salvajes” (ROMERO SALVADÓ: 153). Burguete cumplió con su promesa fusilando y torturando a centenares de mineros de la cuenca hullera asturiana (MÁRQUEZ and CAPO 1923: 63). Manuel Llaneza, líder de los mineros asturianos, salvó la vida gracias al amparo que recibió de Melquíades Álvarez, del Partido Reformista, que apoyó, colaboró y participó en el movimiento auspiciado por socialistas y republicanos para convocar Cortes Constituyentes. Álvarez fue detenido. Durante el mes de Septiembre el periodista, del periódico católico *El Debate*, Domingo Cirici Ventalló fue enviado como corresponsal para captar el impacto que la huelga y posterior represión había causado entre los obreros de Asturias. Su misión principal era tomar contacto con la realidad de los mineros y sus duras condiciones de vida, hizo lo posible por entrevistarse con Llaneza, pero éste a finales de Septiembre aún seguía escondido en las montañas (CARLES POMAR 2007: 151–152).

Conclusiones

La crisis de España en 1917 no puede ser entendida al margen del contexto de la guerra europea, al contrario, fue a causa de la Guerra Mundial que la monarquía liberal española enfilo el camino para su desaparición. Su neutralidad no fue suficiente para que no cayera en la espiral de radicales transformaciones sociales, políticas y económicas. En verano de 1917 los militares, el movimiento obrero y la burguesía industrializada intentaron derrocar, sin éxito aparente, a la oligarquía en el poder. El escollo más grande fue la desunión de los distintos grupos revolucionarios a la hora de plantar cara a las estructuras establecidas y el resultado fue la creación de una situación de caos, violencia y revolución, dando a corto plazo una importante victoria al Gobierno que había contenido la situación sirviéndose de una brutal represión.

La monarquía liberal sobrevivió el embate pero pagó cara su victoria. Se hundió el sistema político de la Restauración con su alternancia de partidos, y aunque muy maltrecho resistió hasta 1923. La situación de los campesinos y jornaleros no mejoró y las noticias que llegaban del triunfo de la Revolución Rusa tuvieron especial eco en Andalucía donde empezaron insurrecciones y huelgas a partir de marzo de 1918. El estado de la Restauración acababa en medio de la desesperación social, la crisis económica, la militancia ideológica y una brutal lucha de clases que empezaba a formar parte de la vida cotidiana de los españoles.

Bibliografía

BOYD, Caroly 1990, *La política pretoriana en el reinado de Alfonso XII*, Madrid, Alianza Editorial.

CAMBÓ, Francesc 1982, *Memòries (1876-1936)*, 2a. ed., Barcelona, Editorial Alpha.

CARLES POMAR, Àngels 2007, *Domingo Cirici Ventalló*, Terrassa, Fundació Torre del Palau.

GARCÍA VENERO, Maximiliano, *Eduardo Dato. Vida y sacrificio de un gobernante conservador*, Vitoria, Diputación Foral de Navarra.

LACOMBA, Juan Antonio 1910, *La crisis española de 1917*, Madrid, Editorial Ciencia Nueva.

MÁRQUEZ Rafael, and CAPO, José María. 1923, *Las Juntas Militares de Defensa*, Barcelona, Librería Sintés.

ROMERO SALVADÓ, Francisco J 2002, *España 1914-1918*, Barcelona, Crítica.

Conflictos sociales y violencia política en el movimiento autónomo italiano de los años setenta. *Elisa Santalena*¹

En el panorama político y social italiano de los años setenta, hay una realidad que ha sido poco estudiada y analizada por los historiadores: la de la Autonomía.

Este movimiento nace después de las grandes huelgas obreras de 1968-1969, y se concluye trágicamente en 1979 con la represión del proceso del 7 *Abril*, que borró todo el movimiento. También, y a pesar de pertenecer a una misma área política, posee dos almas distintas a saber: una obrera marxista-leninista y otra más anárquista y libertaria.

La corriente autónoma italiana fue, por su dinamismo y su intensidad, uno de los grupos de lucha social más poderosos de la historia occidental reciente. A través de su fuerza prolonga las protestas del 68 durante diez años.

Los autónomos luchaban en las fábricas, en los cuarteles populares, en las cárceles; ocupaban pisos y practicaban las autorreducciones. Dentro de este movimiento nacieron feministas, grupos de liberación homosexual, radiodifusoras libres y grupos de lucha armada.

En el presente trabajo pretendo analizar sobre todo su rama anarquista y libertaria. Mis preguntas principales son: ¿quiénes eran estos autónomos? ¿Extremistas irracionales? ¿Violentos? ¿Desesperados? ¿Rebeldes? ¿Soñadores?

Para responder a estas preguntas, examinaré algunos fragmentos de su historia, sobre todo en los aspectos que tienen que ver con el rechazo del trabajo y las ocupaciones de viviendas, pero también me centraré en sus debilidades, en sus pasiones y su fuerza. Todo esto con la finalidad de explicar mejor un movimiento que sigue siendo un modelo para las nuevas estrategias de lucha anticapitalista.

Este estudio se encuentra dividido en dos partes: la primera consiste en mostrar el panorama político italiano de los años setenta para, de esta manera, entender mejor bajo qué circunstancias nació la Autonomía; en la segunda parte, en cambio, me centraré en las diversas formas de lucha de los autónomos, especialmente en las correspondientes a la lucha por el derecho a la vivienda y las expropiaciones proletarias, fenómenos que tuvieron lugar en toda Italia.

¿Dónde nacieron entonces los autónomos proletarios y bajo qué situación política lograron crecer durante casi un decenio?

Durante los años del desarrollo de la Autonomía, Italia vivió un periodo de conflicto social cuya duración e intensidad no encuentra parangón en el resto de Europa: la sociedad entera está en rebeldía. Tal como dice Lanfranco Caminiti en su introducción a los tres volúmenes de la Historia de los Autonomistas:

Todo lo imaginable de la revolución se precipitó aquí: No hubo palabra que no haya sido dicha, no hubo gesto que no haya sido cumplido. No hubo teoría que no haya sido teorizada. No hubo lucha en el mundo de la cual no se haya hecho cargo y no se haya hermanado por al menos un día. Todos los sueños y todas las pesadillas de las revoluciones aquí se hicieron carne.²

¹ Elisa Santalena is a researcher and lecturer within the Italian department of the University of Stendhal in Grenoble, France. Her works and research are mainly about the 1970s in Italy and extreme left-wing armed conflict groups. She is particularly interested in the topic of prison and in the Italian exception laws as a mode of expression for the post-1968 revolutionary movement.

² “Tutto l’immaginario della rivoluzione è precipitato qui: non v’è stata parola che non sia stata detta, non v’è stato gesto che non sia stato compiuto. Non v’è stata teoria che non sia stata teorizzata. Non v’è stata

¿De dónde nace esta anomalía en un país que sólo veinte años antes se encontraba destruido física y moralmente tras veinte años de fascismo y después de una guerra que lo había puesto de rodillas?

Desde el punto de vista político, la Italia de la posguerra se encuentra dividida en tres grupos: al centro, la DC (Democracia Cristiana), partido-estado que estará en el poder durante cuarenta años y que se encuentra fuertemente ligado a la Iglesia Católica y a los Estados Unidos. Partido maquiavélico, la DC establece alianzas ya sea con la izquierda o la derecha según su conveniencia. Terminará por ser acusado de clientelismo y corrupción y desaparecerá para siempre de la escena política italiana a raíz de la operación *mani pulite* a principios de los años noventa.

El segundo grupo: la izquierda a través del PCI (Partido Comunista Italiano), el partido comunista más grande de occidente, que junto con la CGIL (Confederación General Italiana del Trabajo, el sindicato italiano más importante) y *L'Unità* (órgano editorial del partido), rige la vida de los obreros italianos. Triunfador después de la guerra gracias a la participación masiva de sus adherentes en la liberación del nazi-fascismo, el PCI es el partido que representa el deseo de revolución, de cambio, sobre todo por parte de los ex partisanos y, a partir de los años sesenta, también por parte de los jóvenes estudiantes y obreros que no se reconocen en esta Italia apenas salida del boom económico y dominada por el capitalismo y la religión del beneficio propio.

Pero Enrico Berlinguer, secretario del PCI en los años setenta, preocupado por el golpe de Estado chileno de 1973¹, considera que cada acción o estrategia revolucionaria será sofocada por parte del imperialismo, por lo que adopta una línea moderada, reformista, adapta para entrar en el gobierno como fuerza política democrática. El PCI se prepara, por voluntad de Berlinguer y de una buena parte de sus dirigentes y adherentes, a convertirse en un partido cada vez más creíble a ojos de los Estados Unidos, de la centro-derecha e incluso del mundo industrial. Su seriedad, el abandono de la idea revolucionaria, ya dejada de lado por Togliatti con su *socialismo a la italiana*², demuestra que el PCI puede mantener el orden público, manejar a sus militantes e incluso aliarse con su enemigo de toda la vida, la DC, a través de un compromiso histórico³. Esto crea, inevitablemente, descontento entre muchos de sus militantes, así como reacciones de todo tipo: desde la aceptación silenciosa de la nueva línea, pasando por el rechazo abierto que implicaba la deserción por parte de los militantes que entregaban sus carnés de adhesión y se marchaban; hasta llegar a los miles de militantes que, insatisfechos del destino de la izquierda "oficial", fundan

lotta nel mondo di cui non ci si sia fatti carico e non si sia stati fratelli almeno un giorno. Tutti i sogni e tutti gli incubi delle rivoluzioni si sono fatti carne qui". Caminiti Lanfranco, Bianchi Sergio, *Gli Autonomi. Le storie, le lotte, le teorie*, vol 1, DeriveApprodi, Roma, 2007, p. 26.

¹ En 1973, Berlinguer escribió tres famosos artículos en la revista *Rinascita*. Los títulos eran: "Reflexiones sobre Italia", "Después de los sucesos de Chile" y "Después del golpe en Chile"; en ellos desarrollaba algunos temas que anticipaban la propuesta del *compromiso histórico* como solución posible afín de evitar la deriva "a la sudamericana" de Italia en caso de que la izquierda llegara al poder.

² *La via italiana al socialismo*: en 1948, el PCI renunció a la toma del poder a través de una posible revolución, tal como muchos partisanos pretendían. A partir de 1956 empezó a seguir el "socialismo a la italiana", tratando así de desligarse de la Unión Soviética, sobre todo después de la publicación del reporte secreto de Nikita Kruscev y de las revueltas obreras en Polonia y Hungría.

³ Se trata de la propuesta del nuevo secretario del PCI a la DC afín de realizar una colaboración gubernativa para proteger la democracia italiana de los peligros de la regresión autoritaria. Berlinguer se encontraba cada vez más decidido a independizar su partido de la Unión Soviética. Todo ello, sin embargo, no llevó a los comunistas ni al poder ni a una simple coalición gubernativa.

nuevos partidos, grupos extra-parlamentarios y de lucha armada¹. Todo esto como forma de oposición al PCI y a la política que representa.

Finalmente, a la derecha, encontramos el Movimiento Social Italiano (MSI), partido neo-fascista aún muy activo y que cuenta con numerosos participantes.

Para darnos una mejor idea de la situación política durante la época en que la Autonomía estuvo activa, basta ver los resultados electorales de 1976: la DC obtiene el 39% de los votos, el PCI el 34%, el PSI el 10% y el MSI el 6%.

Otra anomalía italiana es el *stragismo*, las masacres: nos referimos al periodo que va entre 1969 y 1984, época durante la cual ocurren numerosas masacres y atentados cuyo móvil principal será desestabilizar la vida política. Los atentados con masacres eran organizados de forma tal que pudiesen hacerse aparecer como ideados por miembros de la extrema izquierda o de la derecha y, a través de la explotación mediática, se creaba alarma y terror entre la opinión pública. De esta manera se justificaban reacciones extremistas como la instauración de un estado de sitio por parte de las autoridades. La matanza que inaugura este periodo es la de Piazza Fontana en Milán²; mientras que la última, en orden cronológico, tuvo lugar en la estación de trenes de Bolonia³. En estos dos casos, como en los demás, los culpables nunca fueron encontrados y todas las matanzas quedaron impunes.

Otro aspecto primordial que da nacimiento a la Autonomía: la economía italiana de los años setenta.

El norte del país es muy rico; las ciudades crecen en un abrir y cerrar de ojos⁴. Es durante estos años del llamado *boom económico* que se van expandiendo las históricas fábricas de la Fiat, la Olivetti, la Pirelli, etc.: tan sólo en la Fiat de Mirafiori, sede principal de la Casa automovilística, trabajan más de 60 000 obreros. Las empresas del norte necesitan mano de obra barata, por lo que miles de jóvenes del sur, pobre y conservador, van al norte en busca de fortuna; en la mayoría de los casos encontrarán niebla, barrios populares, racismo y condiciones de vida y de trabajo miserables.

Para entender la amplitud del fenómeno, tenemos que pensar que en las tres fábricas Fiat de Turín (Mirafiori-Lingotto-Rivalta) trabajan más de 90 000 personas: la mayor concentración obrera de Europa⁵.

Los obreros empiezan a ser potentes e incontrolables, sobre todo a partir de su toma de conciencia política, la que se abre camino día a día gracias al apoyo de los

¹ Los primeros fueron, en orden cronológico, los NAP (Núcleos Armados Proletarios) y las BR (Brigadas Rojas), seguidos por Prima Linea (Primera Línea) y otra decena de grupos.

² El 12 de diciembre de 1969, 17 personas murieron y 88 resultaron heridas en la sede del Banco Nacional de la Agricultura de Milán.

³ El 2 de agosto de 1980, 85 personas mueren y más de 200 quedan heridas como resultado de una bomba depositada en la sala de espera de la estación Central de Bolonia.

⁴ La ciudad de Turín, por ejemplo, que poseía alrededor de 700 000 habitantes en 1951, pasará a contar con 1 600 000 habitantes en 1962. Los barrios tradicionalmente obreros albergan una masa obrera sin precedentes: Mirafiori Sur pasa, de 19 000 habitantes en 1951, a 120 000 en 1960; Lingotto, de 24 000 a 43 000 y Santa Rita de 23 000 a 89 000.

Ver Giachetti Diego, Scavino Marco, *La Fiat in mano agli operai. L'autunno caldo del 1969*, BFS edizioni, Pisa, 1999.

⁵ Sólo en 1968, la Fiat dará trabajo a más de 22 000 empleados. Datos tomados de: AA.VV., Fiat-Mirafiori 1969: «Surgissement et déclin de l'ouvrier-masse», *Revue Mouvement Communiste*, n. 9, printemps/été 2002

estudiantes que realizan un inmenso trabajo de militancia en las fábricas¹. A éstos se suma el hecho que varios intelectuales ponen al *operaio-massa* (obrero-masa) al centro de su plan político.

El explosivo cóctel *gran fábrica-obrero mal pagado* hace nacer una nueva forma de lucha, más violenta, más brutal y que sorprende a los propios sindicatos, demasiado alejados de la masa obrera: el punto culminante de las luchas obreras tiene lugar en 1969 con el llamado *autunno caldo*², es en estos años que aparece por vez primera el concepto de autonomía y se inicia un enloquecedor decenio de luchas.

Veamos ahora qué son los movimientos autónomos italianos de los años setenta: la Autonomía es un movimiento incandescente, con mil y un facetas, y es sin lugar a dudas uno de los movimientos revolucionarios occidentales más potentes de la época: un movimiento nacido en el seno de la izquierda extra-parlamentaria, una nueva *área* engendrada para oponerse a la izquierda reformista.

La Autonomía obrera nace oficialmente en Bolonia en marzo de 1973 en el cuadro del primer congreso nacional de las asambleas y demás organismos autónomos pertenecientes a las fábricas y barrios; surge de las cenizas de dos grupos extra-parlamentarios llamados Potere Operaio (Poder Obrero) y de una fracción perteneciente a Lotta Continua (Lucha Continua).

El rechazo del trabajo, los sabotajes, las huelgas altamente combativas, las ocupaciones de viviendas, son algunos de los elementos centrales de este movimiento que hemos decidido analizar, dejando de lado, por falta de tiempo, todo el movimiento creativo que gira alrededor de los Autónomos (como los "indios metropolitanos"³, las radiodifusoras libres⁴ o las diversas revistas⁵ y demás opúsculos de contrainformación).

Las numerosas experiencias vividas por los miembros de Autonomía durante los años setenta, todas diversas pero entrecruzadas, giran alrededor del paradigma del trabajo. Para ellos ésta es la clave de lectura de su elección política anticapitalista. Buscaban un nuevo modo de distribución del poder, y su organización tiene como eje esta problemática: más dinero, menos trabajo, un trabajo más sano (en contraposición al trabajo en las fábricas que, por ejemplo, registraba cientos de muertes prematuras). En todos los Autónomos, así como en la clase obrera en general, existe la conciencia profunda que no se debe contribuir a hacer funcionar la máquina productiva a cualquier precio, sino que se tiene que luchar para detenerla, saboteándola si es necesario; resistir para poder llegar al fin principal de la lucha: la distribución de la riqueza.

¹ Basta pensar al inmenso trabajo hecho por el grupo de Lotta Continua.

² El *otoño caliente* es la realidad de las luchas sindicales y obreras que se desarrollan en todas las grandes fábricas a partir del otoño de 1969 y que darán por resultado la aprobación de la ley 300/1970, mejor conocida como el nuevo Estatuto de los Trabajadores.

³ Los Indios Metropolitanos (Indiani Metropolitanani) constituían el ala más libertaria y creativa del movimiento del 77. Se caracterizaron por el rechazo de la violencia como instrumento para solucionar los problemas sociales, así como por su aversión al clima serio y demasiado político típico de las asambleas estudiantiles dominadas por la Autonomía. Organizaban alegres corteos por las calles de los centros ciudadanos, bailando de manera casual; ocupaban casas abandonadas dando así vida a algo parecido a las "comunidades". Mientras la otra parte de la extrema izquierda combatía al sistema con el uso de la violencia, los Indios eligieron el camino de la creatividad, desviando la contestación hacia el plano cultural, rechazando radicalmente los modelos de vida y de expresión burgueses, inspirándose para ello, por ejemplo, al dadaísmo.

⁴ Algunas de las más conocidas fueron: Radio Alice (que será cerrada por la policía durante las revueltas de Bolonia) Radio Sherwood, Radio Onda Rossa, Controradio.

⁵ Citaremos algunos de ellos: Rosso, Controinformazione, A/traverso, Zut, Il Male, Cannibale.

El rechazo del trabajo en las fábricas posee características originales porque los obreros generalmente no las abandonan, sino que permanecen en sus puestos creando nuevos espacios de autorrealización, trabajando menos y percibiendo un salario pleno, rompiendo así los ritmos de producción impuestos.

La Autonomía no fue sólo aquella obrera de tipo marxista-leninista, y de la cual no nos ocuparemos aquí, sino también un movimiento que involucró a miles de personas en toda la península italiana; un movimiento más anárquico y libertario del conocido, el cual tenía que ver más bien con las grandes luchas en las fábricas. Nosotros haremos alusión a una infinidad de pequeños grupos enlazados entre sí a través de dos grandes ideas: la revolución de la sociedad capitalista y el antifascismo militante.

Muchos militantes desertores de Potere Operario y de Lotta Continua confluyen en esta nueva experiencia y encuentran jóvenes listos para una nueva aventura que se nutre de las luchas obreras y estudiantiles del 68, pero que las superan al inventar nuevas formas de rebeldía.

El alma de la Autonomía son los jóvenes, los desocupados, las mujeres, los homosexuales, los marginados, así como los poetas y escritores que rechazan su papel de excluidos, que ya no quieren seguir sufriendo, que pretenden la garantía de un salario social; con base en esto construyen una relación de fuerza militar, ya sea para recibir algo a cambio o incluso para no hacer nada.

Durante el período de 1973-1974, la crisis económica italiana se acentúa, tal como sucede en el resto de los países europeos. Es el período de la gran crisis petrolera¹. El PCI y los sindicatos piden a la población de ceñirse los cinturones. Los autónomos responden que los proletarios no deben hacer sacrificios para favorecer al capitalismo y que la población debe oponerse a una crisis que no le pertenece.

La inflación supera el 20%, erosionando los salarios conquistados durante las luchas obreras de 1969. Por esta razón, a mediados de 1974 se generaliza una nueva forma de lucha que es la autorreducción y que se convertirá en uno de los puntos fuertes del movimiento.

La autorreducción consiste en negarse, en grupo, a pagar el precio estipulado por diversos servicios (electricidad, teléfono, transportes, alquiler, ropa, comida). Cuando los precios aumentan se paga el antiguo precio, la mitad o incluso se abstiene de pagar. Esta forma de desobediencia civil se extiende en un abrir y cerrar de ojos en todo el país. Muchas veces es apoyada por los propios trabajadores de los servicios que se están boicoteando. La autorreducción es un modo de dar a entender que en la sociedad no hay sólo explotación, sino que se puede ser libre de la falta de valores de la sociedad de la época. Para los autónomos, el poder ya no está sólo de un lado sino que ha llegado el momento de entrar en competencia, de proponer opciones diversas a través de las clases sociales más receptivas, es decir, los estudiantes, las mujeres, los obreros, los trabajadores pertenecientes a la clase media-baja.

Para entender en qué consistía esta nueva forma de lucha, veamos un folleto escrito en Roma en 1973 por un grupo de empleados de ENEL, la empresa de electricidad italiana:

¹ El gobierno italiano, guiado a la época por el democristiano Rumor, llegó incluso a institucionalizar las jornadas de austeridad durante las cuales se aplicaban las siguientes medidas: estaba prohibido usar el coche, las luces de las calles tenían que apagarse antes de lo previsto, los locales públicos tenían que cerrar a más tardar a las once la noche; todo ello con la finalidad de tratar de ahorrar energía eléctrica.

Todo ha aumentado y dinero hay cada vez menos. Tenemos que ir a hacernos explotar a la fábrica para llevar a casa un salario de hambre. Se necesitan meses de lucha para conseguir un aumento. Mientras que a los patrones y al gobierno les basta una simple firma para aumentar los precios, los impuestos, los alquileres y las tarifas. Organicémonos para recuperar el salario que se nos roba día a día. Nuestro "no a los despidos" será el salario garantizado, trabajemos o no; nuestro "no al aumento del costo de la vida" consistirá en recuperar nuestro dinero no pagando el alquiler a los dueños, decidiendo por nosotros mismos el precio de los alquileres, ocupando las casas vacías. ¡Queremos transporte gratuito pagado por los patrones! No paguemos más las astronómicas cuentas de luz, de gas, de teléfono: decidamos de pagar lo que queramos a través de la autorreducción. Organicémonos para pagar un precio por los alimentos de primera necesidad que corresponda a nuestros ingresos. ¡Paguemos la electricidad por lo que realmente cuesta y no por lo que quieran hacernos pagar!¹

Todo esto hace madurar una participación social de masa en las decisiones políticas que toca todos los fragmentos de la sociedad. Los autónomos intervienen de manera sistemática y precisa en las periferias, ahí donde viven quienes se encuentran al margen de la producción y que se sienten, tras haber sido sensibilizados en la materia, revalorizados en cuanto actores fundamentales del conflicto de clase. De esta manera, los actores tienen la posibilidad de inscribirse en la fase de participación en las decisiones políticas partiendo desde abajo, casa por casa, barrio por barrio, fábrica por fábrica.

Gracias a este movimiento una enorme y difusa democracia de base toma forma, ya sea a través del marco legal, ya sea a través de prácticas extra-legales particularmente violentas que tendrán su punto culmine en el gran movimiento de rebelión italiano de 1977.

Veamos, brevemente, un último ejemplo de lucha típica de los autónomos: la ocupación de viviendas.

San Basilio se encuentra en la periferia de Roma y es históricamente de extrema izquierda; siendo un barrio marginal y abandonado a sí mismo, sus habitantes son los primeros en practicar la autorreducción de la electricidad y sus centros sociales son transformados en dispensarios populares. El único servicio público realizado en la zona por el estado italiano es una cárcel, contestada por los vecinos, quienes tratarán de abatirla apoyando en 1973 la revuelta de sus prisioneros.

A principios de septiembre de 1974, 147 familias del barrio San Basilio, en la periferia de Roma, ocupan desde hace once meses los edificios pertenecientes a un organismo de casas populares. El jueves 5 de septiembre la policía hace irrupción en el

¹ Tutto è aumentato, e di soldi ce ne sono sempre meno. Dobbiamo andare a farci sfruttare in fabbrica per portare a casa uno stipendio da fame. Ci vogliono mesi di lotta per strappare un aumento. Mentre per i padroni e il governo basta una semplice firma per aumentare i prezzi. I prezzi, le tasse, gli affitti e le tariffe. Organizziamoci per riprendere lo stipendio che ci viene rubato giorno per giorno. Il nostro "no ai licenziamenti!" sarà lo stipendio garantito, che lavoriamo o meno; il nostro "no al caro vita!" consisterà nel riprenderci i nostri soldi, non pagando gli affitti ai padroni, decidendo noi stessi il prezzo degli affitti, occupando le case vuote. Vogliamo trasporti gratuiti pagati dai padroni! Non paghiamo più le bollette astronomiche della luce, del gas, del telefono: decidiamo di pagare ciò che vogliamo auto riducendo. Organizziamoci per pagare un prezzo che corrisponda alle nostre entrate anche per i prodotti alimentari di prima necessità. Paghiamo l'elettricità per ciò che costa realmente e non per quello che vogliono farci pagare!

barrio y desaloja los edificios por la fuerza. A la mañana siguiente, la población se organiza y bloquea la avenida Tiburtina, principal calle de acceso. Se producen violentos enfrentamientos, por lo que la policía debe interrumpir los desalojos. El sábado por la mañana, mientras una delegación se dirige a la estación de policía, ésta regresa para continuar las expulsiones pero choca con un grupo de residentes del barrio ayudados por otros vecinos. Al día siguiente, las fuerzas del orden regresan con mayor fuerza frente a los edificios que no habían podido evacuar pero se encuentran con miles de militantes que llegan de toda Roma para defender a los ocupantes de San Basilio; durante una asamblea convocada para evaluar la situación, la policía dispara y mata a un militante de 19 años¹. Todo San Basilio sale a las calles y, después de horas de luchas callejeras, termina por vencer a la policía. La ocupación militar, al cabo de 4 días termina. Las 147 familias que habían ocupado las viviendas obtienen la garantía que el alquiler no será más alto del 12% neto con respecto a su salario². Es una gran victoria para el movimiento autónomo.

Lucha tras lucha, el grupo de Autonomía va ganando espacio y termina, en el lapso de un par de años, por estar a la cabeza de las revueltas y las marchas.

Empiezan a aparecer las primeras armas de fuego, llaves inglesas y barras de hierro. Se vuelve famoso el símbolo, hecho con los tres dedos de la mano apretados, del P38.

A partir de 1976, los grupos autónomos se vuelven lo suficientemente numerosos para poder organizar sus propias manifestaciones. Durante éstas, son cada vez más frecuentes los incendios, saqueos, devastaciones y disparos. También continúan las expropiaciones en los supermercados y los negocios de lujo e inician los saqueos de las armerías.

Lo que caracteriza a la Autonomía de la segunda mitad de los años setenta es que su opción de la violencia pasa de ser una posibilidad de combate como cualquier otra, a una necesidad primordial de rebelión. Mientras en las fábricas ya no sucede nada, mientras el sindicato y los patronos han matado al movimiento obrero italiano, la plaza pública se vuelve el único lugar de contestación posible. Y, frente a una policía cada vez más armada y más libre de disparar a su antojo³, las posibilidades son dos: o se es pacifista o se es violento. Veamos la declaración de un autónomo:

¿Somos violentos? Sí, traemos encima toda la violencia que nos habéis hecho y que nos hacéis cada día. Tenemos el recuerdo de los compañeros asesinados por los fascistas, por la policía, de los jóvenes muertos de heroína, de los asesinados a sangre fría por haber cometido pequeños delitos. Pero para nosotros la violencia es al máximo un instrumento, no la substancia: somos pacíficos porque queremos vivir, pero no somos pacifistas porque hemos aprendido a conocer el poder y cómo la burguesía lo ejerce⁴.

¹ Se trata de Fabrizio Ceruso, asesinado el 8 de septiembre de 1974 de un disparo de la policía.

² Para mayor información, ver: Collogne Yann, Pierre-Georges Randal, *Les Autoreductions: grèves d'usagers et luttes de classes en France et en Italie, 1972-1976*, Bourgeois éditeur, Paris, 1976, p.68.

³ El 22 de mayo de 1975 el Parlamento italiano aprueba una ley que aumenta notablemente los poderes y la impunidad de la fuerza policíaca. Es la llamada "Ley Reale" (llamada así por el apellido del Ministro que la dictó, el republicano Oronzo Reale), medida que hace discutir y que divide a la opinión pública.

⁴ "Siamo violenti? Sì, abbiamo addosso tutta la violenza che ci avete fatto e che ci fate ogni giorno. Abbiamo il ricordo dei compagni uccisi dai fascisti, dalla polizia, di giovani morti di eroina, uccisi a

Se debe hacer, no obstante, una diferenciación entre la ilegalidad como la practicada durante las autorreducciones y que normalmente nace como respuesta a la violencia del sistema capitalista, y la violencia ligada al concepto de revolución.

Después de años de represión y de luchas que no llevan al resultado esperado, varios militantes dan cabida a la idea de una revolución que debe ser violenta: es una necesidad y ya no una posibilidad. Como dice Isabelle Sommier en un artículo¹

En la autonomía obrera, la satisfacción de las necesidades ya no es reenviada a la toma del *Palais d'Hiver* y a los mañanas que llegarán: se vive y se impone a través de la acción directa, de ahí la difusión sin precedentes de acciones ilegales y violentas

Lo que posteriormente será conocido como el movimiento del 77 madura de esta forma; de ciudad en ciudad, de provincia en provincia, involucrando a miles de personas y culminando en tumultos y desencuentros pre-insurreccionales. Los autónomos que van a las plazas armados es algo nunca antes visto y que no se verá después en Italia. Mientras que en las manifestaciones partisanas y obreras de los años cincuenta o sesenta las armas se escondían o se preparaban para una revolución que debía ser inminente, ahora se muestran con orgullo, como un desafío al Estado y a la sociedad.

A diferencia del 68 que fue el período de la contestación, el año de 1977 es el de la radicalidad. Mientras el primero se celebra, el segundo se extirpa de la historia. Sin embargo, el 77 fue el último año de las rebeliones italianas.

Para las instituciones, los sujetos que promueven las rebeliones son exclusivamente marginales peligrosos, parásitos que deben ser reprimidos con la fuerza.

El pico de violencia entre los dos bandos tendrá lugar en 1977, específicamente el 11 y el 12 de marzo en Bolonia, y el 12 de marzo en Roma: estos momentos han marcado, por un lado, el culmine de la fuerza del movimiento; por el otro, su derrota definitiva.

En marzo de 1977, el asesinato en Bolonia por parte de la policía del estudiante de Lotta Continua, Francesco Lorusso, desencadena manifestaciones en toda Italia: 60 000 personas desfilan en Roma al día siguiente. Las principales universidades son ocupadas². Toda Italia se encuentra involucrada, desde las escuelas secundarias hasta las fábricas.

Las instituciones, por su parte, no se quedan de brazos cruzados y envían medios blindados que bloquean toda la ciudad de Bolonia: los enfrentamientos para liberar la universidad de los ocupantes duran tres días y tres noches.

A partir del 77, la Autonomía se acerca cada vez más a los grupos de lucha armada. Si al inicio del movimiento estos grupos eran vistos como una opción hacia el camino

freddo per aver compiuto furtarelli. Ma per noi la violenza è al massimo uno strumento, non è la sostanza: siamo pacifici perché vogliamo vivere, ma non siamo pacifisti perché abbiamo imparato a conoscere il potere e come la borghesia lo esercita". Ver Balestrini Nanni, Moroni Primo, *L'orda d'oro*, Feltrinelli editore, 1988, p.516.

¹ « Chez Autonomie operaia la satisfaction des besoins n'est plus renvoyée à la prise du Palais d'Hiver et aux lendemains qui chantent : elle se vit et s'impose par l'action directe. D'où la diffusion sans précédents d'actions illégales et violentes ». Sommier Isabelle, « Retour sur la radicalisation du mouvement italien des années 1970 », *La Violence politique et son deuil*, Presses Universitaires De Rennes, 1998.

² Sobre todo la Universidad de la Sapienza en Roma, en la que tendrá lugar la histórica expulsión de Sergio Lama, secretario del Sindicato CGIL, alejado por los estudiantes de Autonomía el 17 de febrero de 1977 durante un comicio sindical efectuado en la universidad.

de la revolución, después de los enfrentamientos del 12 de marzo, la guerra al Estado y al Capitalismo se declara abiertamente.

Las imágenes de ese año nos muestran manifestaciones violentas, gases lacrimógenos tirados por la policía, bombas molotov por parte de los manifestantes. Desde el punto de vista político, se da inicio una represión sin precedentes por parte del Estado italiano, guiado por el entonces ministro del interno, Francesco Cossiga, quien posteriormente llegaría a ser presidente de la República. Todos los partidos mayoritarios, el PCI a la cabeza, dictan una serie de leyes de emergencia destinadas a reprimir todo tipo de contestación¹.

En este mismo año (1977), se instituyen las cárceles especiales donde serán encerrados no sólo todos los protagonistas de la lucha armada sino también miles de autónomos. Estas medidas demolerán durante años las garantías constitucionales fundamentales y harán del Estado italiano un Estado de emergencia². La Autonomía, después de haber conquistado la hegemonía en las luchas, la perderá repentinamente en la primavera de 1978 cuando las BR (Brigadas Rojas) secuestran y asesinan a Aldo Moro, presidente de la DC³. A partir de este momento, el movimiento autónomo adoptará una posición defensiva frente a la represión y la militarización como resultado del conflicto contra el Estado; todo esto provocará el debilitamiento del movimiento social. Desde 1979, el Estado lanzará una gran ofensiva al acusar al movimiento de ser, en la práctica, la cobertura legal de las Brigadas Rojas. Los principales líderes del movimiento, entre los que contamos a Toni Negri y Oreste Scalzone, serán arrestados durante la operación del 7 de abril 1979.

Los autónomos tratarán de reaccionar con un último ataque al Estado, e Italia estará al borde de la guerra civil. En este caso la víctima principal será, justamente, la Autonomía: 12 000 militantes de extrema izquierda serán encarcelados, 600 se exiliarán en el extranjero, 300 de ellos en Francia y 200 en América Latina.

A pesar de que una generación entera haya sido encarcelada, la historia de la Autonomía no se detiene frente a estos arrestos: en los años ochenta la encontraremos ayudando a las víctimas del terremoto en Irpinia, así como en otros mil conflictos, lo que nos demuestra que, aún criminalizados por la mayoría, los valores de la Autonomía son usados y reproducidos en la sociedad dominada por las características capitalistas: aunque las condiciones hayan cambiado, con mayor razón en una actualidad dominada por la globalización liberal y la guerra permanente⁴.

En realidad, su experiencia será la base de las luchas ciudadanas por el derecho a la vivienda, a la sanidad, contra el nuclear⁵; hasta desembocar en los tristes acontecimientos del G7 del 2001 en Génova, e incluso mucho más allá.

¹ La famosa ley Cossiga de febrero de 1980, prevé entre otras cosas importantes condenas para quien venga juzgado culpable de "terrorismo" y acrecienta los poderes de la policía.

² Tanto que un grupo de intelectuales franceses escribe un manifiesto contra la represión en Italia. Entre los firmantes podemos citar a Sartre, Foucault, Guattari, Deleuze, Barthes. Ver Balestrini Nanni, Moroni Primo, *L'orda d'oro*, Feltrinelli editore, 1988, p. 612.

³ Secuestrado el 16 de marzo de 1978 por un grupo armado de las BR y tenido en cautiverio durante 55 días, Moro será encontrado sin vida el 9 de mayo del mismo año.

⁴ "spendibili e riproducibili nella società dominata dagli aspetti capitalistici: pur nelle mutate condizioni, a maggior ragione nell'attualità della globalizzazione liberista e della guerra permanente". Miliucci Vincenzo, Paccino Sirio, Pifano Daniele, "Autonomia operaia: ieri e oggi", *Gli Autonomi. Le storie, le lotte, le teorie*, vol 1, DeriveApprodi, Roma, 2007, p.28.

⁵ Por ejemplo, en el Coordinamento Nazionale Antinucleare Antimperialista desde 1983.

Estudio sobre la dinámica del movimiento social urbano chileno: “poderes populares” durante el gobierno de Salvador Allende (1970-1973)¹. Franck Gaudichaud²

Desde la creación de las mancomunales y de las sociedades de resistencias al final de siglo XIX hasta el golpe de estado del 11 de septiembre de 1973, pasando por el surgimiento de la Central Única de Trabajadores (CUT) en febrero de 1953, el movimiento obrero se constituyó en un protagonista nacional central del desarrollo histórico chileno, especialmente a través de un poderoso movimiento sindical (Barria J. 1963; Frías P. 1993). La historia del movimiento obrero chileno y, en particular la de las luchas sindicales, está también marcada de modo permanente por una oscilación entre periodos de autonomía y de subordinación respecto a las instituciones del Estado, partidos políticos que participan en ellas, así como por diversos momentos de alianzas o de oposición parciales con fracciones de las clases dominantes. Los dos grandes partidos obreros han sido históricamente el Partido Comunista (PC) y el Partido Socialista (PS). Estos han intentado siempre dirigir la fuerza de transformación social que representa para ellos el proletariado (sobre todo la clase obrera minera y de la gran industria), tratando de orientar el movimiento en función de sus objetivos y luchas políticas (Angell A. 1972). La comprensión de esta relación dialéctica entre el movimiento obrero, el Estado chileno y los partidos políticos, así como las consecuencias de esta articulación en términos de alianzas y contradicciones sociales, es esencial para analizar las acciones colectivas que se desarrollaron en el periodo de la Unidad Popular (UP) y durante el gobierno del presidente socialista Salvador Allende (1970-1973).

En el límite de la extensión permitida para este texto, abordaremos aquí solamente el periodo más álgido del conflicto de clase durante la UP o sea el periodo octubre 1972-septiembre 1973. Dejaremos de lado hechos que suponemos más conocidos, que recordaremos oralmente durante nuestra comunicación: contexto político global, objetivos y originalidad del gobierno Allende, acción de los partidos de izquierda, estructuración y representatividad del movimiento sindical, primeros momentos de la UP (1971-1972)...

Frente a la violenta ofensiva de las elites conservadoras, a las tentativas de

¹ Así como lo habíamos mencionado en el momento de proponer este tema después de la invitación de los organizadores de la conferencia, esta comunicación se basa en una investigación de doctorado en ciencias políticas, presentada (2005) bajo la dirección de Michael Löwy en la Universidad Paris 8. Este texto es una síntesis que retoma parte del capítulo 4 del libro: Pinto Vallejos J. (Ed.) 2005, *Cuando hicimos historia. La experiencia de la Unidad Popular*, Santiago, LOM, pp. 81-105 y de: Gaudichaud F. 2004, *Poder popular y cordones industriales: Testimonios sobre el movimiento social urbano chileno (1970-1973)*, Santiago, LOM.

² Franck Gaudichaud (1975) is lecturer of Latin America History at the Department of Latin American and Iberian Studies, Grenoble3 University (France). Doctor in Political Science, his PHD analysed Chilean popular movements during the Allende government (2005, directed by Michael Löwy). Some of his publications: "Popular power and industrial belts. An oral history of Allende government (1970-1973)" (2004 in Spanish); "Condor operation and international state terrorism in South America" (2005 in Spanish) and he edited "The Latin-American volcano. Lefts, social movement and neoliberalism in Latin America" (2008 in French; 2010 in Spanish). He belongs to the editorials boards of the academic review "Dissidences" (www.dissidences.net) and to the political magazine "ContreTemps" (www.contretemps.eu). He collaborates too with *Le Monde diplomatique* (Paris).

desestabilización del gobierno estadounidense Nixon y a las crecientes dificultades del gobierno Allende (fuertemente atacado desde dentro y desde fuera del país), sectores organizados del movimiento obrero buscan nuevas formas de movilización colectiva: “el octubre rojo chileno” es en este sentido una verdadera prueba de fuego.

El “Octubre rojo” chileno: poder popular constituyente y autoorganización

La gran huelga patronal de octubre de 1972 es un momento clave en la historia de los mil días de la Unidad Popular y de la “vía chilena” que buscaba respetar la constitución y lograr una transición legalista y pacífica al socialismo. Durante el primer periodo del nuevo gobierno, las clases dominantes intentaron utilizar inicialmente las fisuras del programa económico a corto plazo de la UP, para sacar partido en términos financieros y políticos (mercado negro, especulación, sabotaje, aumento de los precios de producción). Después de poner en práctica esta política, la ofensiva contra la UP pasa a un nivel superior: la del enfrentamiento social y del boicot económico generalizados. Este movimiento de oposición de octubre, resultado de un conflicto corporativista con los propietarios de camiones, aglutina poco a poco a los gremios patronales (SOFOFA, Confederación de la Producción y del Comercio), de profesiones independientes (abogados, médicos, ingenieros, arquitectos) y de partidos políticos de derecha, unidos todos bajo la bandera de la “Confederación Democrática”, CODE¹. Esta demostración de fuerza a escala nacional que cuenta con el apoyo del gobierno estadounidense (Informe Church, 1975), se desarrolla en un contexto de multiplicación de acciones terroristas por parte de grupos de extrema derecha (como Patria y Libertad) y de presión, en el ámbito parlamentario, de la oposición para destituir ministros e intendentes de provincia (Samaniego A. 1996). Con el fin de permanecer dentro de la legalidad y en consonancia con su teoría de la “constitucionalidad” de las fuerzas armadas, el gobierno hace un llamamiento a los militares para controlar la situación y decreta el estado de emergencia. La única confederación sindical nacional del país, la potente CUT², llama igualmente a los trabajadores a la vigilancia y a participar en los trabajos voluntarios de abastecimiento, puestos en marcha en colaboración con los camioneros no huelguistas (organizados en el MOPARE). Sin embargo, la respuesta a la patronal surge principalmente desde la base. Carmen Silva, en este entonces militante socialista, recuerda con emoción de la fuerza de la auto-organización popular en los cordones industriales de Santiago: “Fue una cosa maravillosa ¡casi todas las fábricas de Santiago funcionando sin patrones! Los obreros poniendo a andar las cosas más sofisticadas, diseñando zapatos, en fin... y vendíamos las cosas en la feria. A mi me tocó organizar la movilización, hacer una lista de los camiones por industria para llevar los productos, ver cuantos obreros habían en las fábricas e ir a buscarlos [...]. Y todo eso duró más de un mes...” (Gaudichaud F. 2004: 341-350).

Así, uno de los hechos más originales de esta respuesta de la clase obrera es la creación, en las principales zonas industriales del país, de organizaciones unitarias y

¹ El 19 y 20 de octubre, *El Mercurio* publica la lista de organizaciones corporativas que se declaran a favor de la huelga.

² En 1970, la CUT reúne oficialmente algo más de 700.000 trabajadores (algunos autores calculan un total de 627.664 afiliados en 1970 en los 4.581 sindicatos). Entre estos, el 47% pertenece a la clase obrera minera e industrial, el 40% son empleados y el 23% campesinos. La gran diferencia entre el sector privado (2.566.000 asalariados a principios de 1972) y el sector público (294.976 asalariados en la misma fecha) se mantiene durante todo este periodo. Sin embargo, la dinámica sociopolítica puesta en marcha por la Unidad Popular provoca una fuerte aceleración de la afiliación en el sector privado. En abril de 1972, 28,75% de los asalariados del sector privado están sindicalizados sobre una tasa total de afiliación del 37,5%.

transversales que funcionan sobre una base territorial y permiten la unión entre los diferentes sindicatos de un sector industrial preciso. Dependiendo del tamaño de las fracciones sociales que consiguen reunir, de su grado de poder real y de la orientación que les den los militantes presentes, estas organizaciones adoptarán el nombre de “Cordones Industriales”, “Comandos Comunales” o “Comités Coordinadores”. Estas agrupaciones de carácter horizontal, en el sector industrial, responderán de forma masiva contra el boicot patronal mediante una serie de ocupaciones de fábricas, acorde con la movilización obrera en las principales empresas del Área de Propiedad Social. Los trabajadores de este sector logran así mantener parcialmente la producción haciendo funcionar las fábricas sin su propietario, la mayor parte del tiempo con la ayuda de pocos técnicos y sobre bases completamente nuevas (cuestionamiento de la división del trabajo, de la jerarquía de la fábrica, de la legitimidad para dirigir de los cuadros). Organizan también formas paralelas de abastecimiento “popular”, especialmente con la ayuda de las Juntas de Aprovisionamiento y de control de Precios (JAP), multiplican las brigadas de vigilancia y defensa de fábricas... ‘ Salíamos a expropiar los ómnibus con armas de mano, con pistolas, recuerda Mario Olivares, militante obrero del MIR, y los llevábamos adentro de las fábricas en manos de los trabajadores. Así, garantizábamos que la producción no se detuviera. También íbamos a buscar a los trabajadores y los transportábamos. [...] Empezábamos a hablar de un poder real de los trabajadores [...]. ¡Tal vez no tuvimos toda la claridad desde un punto de vista ideológico, pero exigíamos una mayor participación en todas las áreas, no sólo en la producción! ’ (Gaudichaud F. 2004: 161-188).

Este momento crucial de la UP demuestra ante todo la capacidad de movilización popular, la profunda descentralización de la actividad política y replantea abiertamente la cuestión de las relaciones de producción. Existe por lo tanto una clara tendencia a la ruptura con los esquemas tradicionales de “hacer política”: el término “poder popular”, reivindicado por una parte de la izquierda chilena, se convierte así en una realidad transitoria. Se puede hablar del nacimiento de un poder participativo surgido desde la base, que nombraremos poder popular constituyente, alimentado por una fracción de los asalariados organizados que toma temporalmente en sus manos parte de la gestión de la sociedad. Este fenómeno no es exclusivamente específico de la experiencia chilena sino, por el contrario, constituye una de las características universales de todo proceso de control obrero, larvado o extendido (Zavaleta Mercado R. 1974). No obstante, la especificidad de Chile es que esta experiencia, no prevista por los partidos políticos, no se lleva a cabo contra el gobierno sino para defenderlo: el ejecutivo encabezado por S. Allende, todavía representa para la mayoría del movimiento obrero, en el plano subjetivo e ideológico, la encarnación de “su” gobierno y de un posible proyecto de transformación social.

Estas formas de solidaridad obrera ya existían antes del mes de octubre. Pero a partir de esta fecha, se puede decir que de Cordones Industriales en si, existiendo como una realidad objetiva en el paisaje urbano de las periferias de las principales ciudades chilenas (esencialmente Santiago y Concepción), aparecen Cordones Industriales para si, es decir como organización de clase, conciente de ella y de su poder de movilización o coordinación horizontal¹. El precedente más importante es la creación del Cordón Cerrillos Maipú en junio de 1972 en uno de los sectores más industrializados de Santiago (Cordero C. *et al.* 1973). A raíz del “Octubre chileno” proliferan los Comités Coordinadores, Cordones Industriales y Comandos Comunales en todo el país

¹ Ver sobre este tema, los trabajos, ya clásicos, de EP. Thompson sobre la formación de la clase obrera inglesa.

(probablemente un poco más de cincuenta)¹. Primero en Santiago (por ejemplo con el Cordón Vicuña Mackenna, O'Higgins o también los Comandos Comunales Estación Central y Renca), pero también en la región de Concepción, en el puerto de Valparaíso, en la industria electrónica de Arica o, en el extremo Sur, en la ciudad de Punta Arenas². Como los testifica un activista socialista de Santiago, el papel de los militantes exteriores a la clase obrera es aquí importante: “Yo pienso que lo más importante que nosotros impulsamos a través del Cordón Vicuña Mackenna, fue llevar la solidaridad de pared a pared, de fábrica a fábrica. Eso era una cosa que, si bien es cierto esta innata en los sectores obreros, nosotros contribuimos a que esa solidaridad se manifestara en términos concretos” (Testimonio de Luis Ahumada in Gaudichaud F. 2004: 305-324).

En este artículo no podemos detallar toda la rica historia del “poder popular constituyente” chileno, sino intentar encararlo en sus relaciones con la Central Única de Trabajadores y la dirección política de la izquierda. La movilización social de octubre reveló la debilidad de la UP frente a tales desafíos, pero también la fragilidad de acción de organizaciones tan importantes como la CUT en esta coyuntura. La Central reacciona oficialmente tarde, votando en particular una resolución que llama a reforzar la unidad y a la creación de Comités Coordinadores³. Este llamamiento es emitido el 21 de octubre, es decir, cuando de hecho en la base ya existe esta unidad y estos comités. Aunque es innegable que la iniciativa de los Cordones no fue “espontánea”, sino más bien el fruto de una acumulación de praxis y de un arduo trabajo militante y sindical. No obstante, en octubre 1972, una parte del movimiento obrero recupera una autonomía que había perdido parcialmente y excede ampliamente las voluntades políticas de los partidos: los llamamientos productivistas del gobierno en el marco de la “batalla de la producción” se traducen en la multiplicación de las ocupaciones de fábricas y su funcionamiento bajo control obrero. Así, José Moya, obrero de la empresa IRT y militante del Movimiento de la izquierda revolucionario (MIR, Izquierda radical crítica del gobierno) se acuerda: “Fue un período muy rico, en que mucha gente que simpatizaba con la UP se rebeló contra ella y se incorporó a la organización de los cordones. La organización de los cordones no era muy bien vista por la UP, yo recuerdo haber estado en asambleas donde venía gente de la CUT a discutir con los cordones y tenía que irse al final con la cola entre las piernas...” (Gaudichaud F. 2004: 121-136).

En otros términos, si este movimiento se moviliza siempre en nombre de la defensa del gobierno, lo hace sobre bases propias: unificación de los trabajadores más allá de sus diferentes ramas productivas, unificación de sectores de la CUT con aquellos de la pequeña industria que no están afiliados, unificación de las reivindicaciones económicas

¹ La Revista *Chile Hoy* sitúa en un centenar los Comités Coordinadores que se crean durante el mes de octubre de 1972 en todo el país (Nº 26, Santiago, 8 de diciembre de 1972). Pero, documentos internos del MIR - más confiables - hablan de 52 coordinaciones de este tipo en todo el país (MIR 3 de noviembre de 1972, *Informe de la comisión política al Comité Central restringido sobre la crisis de Octubre y nuestra política electoral*, Santiago).

² Para una historia de los Cordones Industriales y del poder popular véase: Cancino H. 1988, *La problemática del poder popular en el proceso de la vía chilena al socialismo 1970-73*, Aarhus Universitet Press; Silva M. 1999, *Los Cordones Industriales y el socialismo desde abajo*, Santiago, sin editor; Gaudichaud F. 2005, *Etude du mouvement social urbain chilien : « pouvoir populaire » et dynamique des Cordons industriels (1970-73)*, Université Paris 8, PhD en Science politique (Dir. Michael Löwy) y Gaudichaud F. 2005, «¿Construyendo poder popular? El movimiento sindical chileno en el periodo de la Unidad Popular» in J. Pinto (ed.), *Y hicimos historia. La historia de la Unidad Popular*, Santiago, LOM, 2005, pp. 81-106. Para un estudio pionero de la historia de la empresa textil Yarur: Winn P. 1986, *Weavers of revolution, the Yarur workers and chile's road to socialism*, New York, Oxford University Press.

³ Revista *Chile Hoy*, el 27 de octubre de 1972.

en el seno de un proyecto político más radical que el defendido por el gobierno. La presentación de un documento de reivindicaciones del pueblo (Pliego del Pueblo) presentado, en octubre, por Comandos Comunales y Cordones Industriales de Santiago lo confirman. Este documento reagrupa múltiples reivindicaciones (educación, salud, abastecimiento, producción...) y manifiesta la influencia ideológica directa de los militantes del MIR. En particular pide que “todas las industrias produzcan para el pueblo y bajo el control del pueblo”, el establecimiento de un control obrero en las industrias del sector privado y el traslado al Área Social de aquellas que han sido ocupadas durante la huelga. El Pliego del Pueblo llamaba, en conclusión, a la construcción del poder popular y de una “asamblea del pueblo”¹.

Esta dinámica de desbordamiento es lo que investigadores como Peter Winn o Miguel Silva llaman “la Revolución desde abajo”. Esta orientación potencial de los Cordones Industriales muestra claramente que planteaban toda una serie de problemas cruciales sobre el proceso de transición al socialismo que ya estaban siendo debatidos por la izquierda y, especialmente, la cuestión del “poder popular” y del papel del Estado parlamentario durante tal proceso. También el tema de las relaciones entre el gobierno, la CUT (dominada por lo comunistas, socialistas y la democracia-cristiana) y los Cordones Industriales es objeto de una larga polémica. Antes de todo, hay que anotar que existen muchos vínculos orgánicos entre las dos últimas organizaciones ya que la mayoría de los sindicatos que participan en las reuniones de los Cordones, estaban también afiliados a la CUT.

Los cordones industriales y las andanzas de la(s) izquierda(s)

El Partido Comunista vio inicialmente a los Cordones Industriales y los nuevos organismos de poder popular con una franca hostilidad. Varias declaraciones de Luís Corvalán, secretario general de esta organización, condenan en duros términos a los Cordones Industriales. Estos son presentados como organismos que existen solamente en la “mente acalorada” de los dirigentes de la extrema izquierda del MIR (a pesar del peso muy reducido de esa organización en la industria) (Corvalán L. 1978: 160-168). El PC persistió hasta el golpe de Estado en una actitud de desconfianza hacia esos movimientos y trató integrar estas nuevas expresiones de poder popular bajo el mando de la CUT (donde el PC es la primera fuerza política). Ese partido temía la formación de organismos “paralelos” que debilitarían a la CUT². Esta posición fue apoyada varias veces públicamente por Salvador Allende³. El PC intentó incluso organizar Cordones paralelos directamente vinculado a la CUT, apoyándose en la fábrica Textil Progreso del Cordón Vicuña Mackenna. Esta iniciativa fue ampliamente denunciada por la dirección del Cordón como “maniobra divisionista”⁴. Según Guillermo Rodríguez, militante MIR en el seno del Cordón Cerrillos : “Cabe destacar que durante las últimas

¹ "Comandos Comunales y Cordones Industriales de Santiago", Santiago, octubre de 1972 (citado in Farias V. 2000-2001, *La izquierda chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*, Berlín, CEP, 6 tomos, Tomo 5, pp. 3272-3288). La referencia a la Asamblea del pueblo recuerda a la Asamblea celebrada por una parte de la izquierda en Concepción en julio de 1972 y que fue condenada por Allende por “irresponsable”. (Harnecker M. 1 de septiembre de 1972, “La asamblea popular de Concepción”, *Chile Hoy*, Santiago, N° 12).

² Véanse las declaraciones de G. Escorza, militante del PC y dirigente sindical de Textil Progreso: Zeran F. 16 de agosto de 1973, “Los comunistas y los Cordones”, *Chile Hoy*, Santiago, N° 61.

³ Ver por ejemplo sus declaraciones en el pleno de las federaciones de la CUT (Discurso citado en “Allende reitero llamado al dialogo democrático...”, *Clarín*, Santiago, 26 de julio de 1973).

⁴ Cordón Vicuña Mackenna 12 de julio de 1973, “Alerta trabajadores: a parar las maniobras divisionistas”, *El Cordonazo*, N° 3, Santiago.

semanas previas al golpe se comienzan a ver posiciones más radicalizadas en el PC, particularmente entre las JJCC y el Regional Santiago Centro y la gente que editaba *Puro Chile*, periódico que comienza a plantear el problema del Poder Popular desde otra óptica” (Gaudichaud F. 2004: 363-385). Pero al contrario, Neftali Zuñiga, obrero, dirigente sindicalista PC y gerente (“interventor”) de la gran empresa nacionalizada textil Pollak, subraya la irresponsabilidad de muchos dirigentes de los Cordones y el “vicio del ausentismo” que favorecían, con sus repetidas movilizaciones callejeras. Según él, “si hubiesen sido más visionarios los dirigentes de esos Cordones Industriales, tenían que tomar con tal seriedad su papel de llegar a exigir a las empresas del Área Social su hoja de producción” y añade “¿Que hacían los Cordones? Iban a la fabrica a decir: “Compañeros tenemos que hacer una marcha, para presionar, por que queremos combatir [...]. ¡Pero defender las empresas no era sacar la gente a la calle a desfilar, por que parábamos las maquinas!” (Gaudichaud F. 2004: 287-300). Esta opinión la compartían también parte de los militantes socialistas y del MAPU, opuestos al grito de “Crear, crear, poder popular” lanzado en las calles del país, consigna que consideraban como una “consigna vacía” y engañosa (Gaudichaud F. 2004: 351-362).

De manera evidente, el surgimiento de los Cordones, sus llamados a las tomas de fabricas o a construir barricadas para imponer la extensión del sector nacionalizado se oponían abiertamente a la táctica del Partido comunista, principal fuerza del gobierno. A raíz de los acuerdos adoptados por la UP en las reuniones de Lo Curro y Arrayán (1971), Allende y el PC defienden la idea de una pausa en el proceso de reformas e implantar una especie de “NEP chilena”. Sin mayoría en el parlamento, Allende busca mantener punto de convergencias con la democracia-cristiana (DC) para poder gobernar y aislar los sectores derechistas más radicales. Las garantías que exige la DC son claras: hay que respetar la propiedad de los medios de producción y devolver las fábricas ocupadas. Orlando Millas, dirigente del PC, es el encargado de esta misión, en colaboración con los militares que integran desde entonces el gobierno: el “plan Prats-Millas” prevé así la restitución de 123 empresas ocupadas o requisadas en octubre y la reducción a 49 de las integradas en el “Área de Propiedad Social”, el sector nacionalizado por Allende. Pero este proyecto en el Parlamento acelera las tensiones entre el gobierno y los Cordones, que manifiestan con una gran movilización su desacuerdo. Según estos últimos, el PC y los “sectores reformistas” de la UP actúan contra el “proceso revolucionario”¹. Reaparece aquí la oposición fratricida entre dos polos de la izquierda chilena: los “rupturistas” en torno al MIR, parte del PS y cristianos por el socialismo versus “gradualistas” alrededor del PC, parte del PS y Allende. Esa división creciente se plasma en dos consignas reduccionistas: “consolidar para avanzar” contra “avanzar sin tranzar”. En efecto, los militantes que tenían más influencia en el seno de los Cordones eran ante todo de la izquierda del PS, del MAPU y del MIR.

Sin embargo, la “coordinadora provincial” de los Cordones Industriales que nace en 1973 siempre reconoció la CUT como “la máxima organización de los trabajadores al nivel nacional”. Al mismo tiempo reclamaba la “autonomía necesaria para cumplir el papel de conductor de los diferentes sectores sociales aliados del proletariado en la lucha por el socialismo”². En esta declaración, encontramos resumida la postura de militantes socialistas del ala izquierda de este partido (como la de los cristianos de izquierda). Son ellos que conservaron la mayor influencia sindical en la dirección de los

¹ *Tarea Urgente*, Santiago, N° 1, 16 de febrero de 1973.

² Ver la declaración de la “Coordinadora provincial de Cordones de Santiago” en *Tarea Urgente* 27 de julio de 1973, Santiago, N° 10.

Cordones: en 1973, todos los presidentes de los Cordones de Santiago son socialistas¹. La fuerte flexibilidad de este partido - que conoce la mayor progresión política dentro de la clase obrera durante la UP- explica su receptividad a la presión de sus bases industriales más radicales (Sarget M.N. 1994). Varios sindicalistas socialistas defendían la tesis de la autonomía de los Cordones respecto a la CUT y al gobierno. También estas fracciones criticaban, como el MIR, la participación creciente de los militares en el gobierno o los llamados a devolver las fabricas ocupadas. Unas semanas antes del golpe de Estado, Armando Cruces, presidente del Cordón Vicuña Mackenna declaraba: ‘El compañero Allende, presidente de la República, reformista, militante de mi partido, transa con el enemigo a todo momento. Hay numerosas vacilaciones. Además el PC ha demostrado que estaba entero para la “paz social” en Chile, y eso arrastró al mismo presidente de la Republica ’². No obstante, la dirección del PS de los Cordones, adoptó una posición mucha veces ambigua respecto a la CUT y al gobierno, posición asumida por su secretario general C. Altamirano. Así, en varios casos son los mismos sindicalistas socialistas de la CUT que llamaron en provincia (en Valparaíso por ejemplo) a la formación de Cordones Industriales y, a penas un mes antes del golpe de Estado, Hernán Ortega reiteraba su propuesta de integrar la CUT a la dirección de los Cordones, reconociendo que “en la medida que la CUT se dé una nueva estructura y se proponga nuevas tareas, nuestra coordinación no tendrá mas razón de existir”³. Indudablemente, esta controversia dentro de la izquierda sobre el papel de la CUT y de los Cordones muestra la dificultad para encontrar un espacio a las formas de autoorganización y de poder popular constituyente dentro del proyecto de “transición institucional” y estatista propuesta por la Unidad Popular. En febrero 1973, el gran líder sindical (fundador de la CUT) y cristiano revolucionario Clotario Blest advertía criticaba un movimiento sindical demasiado dependiente de las directivas gubernamentales y de las cumbres partidarias de la izquierda⁴.

En enero 1973, el gobierno logra retomar el control de la situación por medio de la creación de un gabinete cívico-militar. A pesar de las protestas de los Cordones, la dirección de éstos quedó en manos de militantes de la UP que se conforman con emitir dudas sobre el rumbo tomado por el gobierno. El 29 de junio de 1973, tiene lugar el Tanquetazo, levantamiento militar dirigido por el coronel Souper que es de alguna manera un ensayo de golpe de Estado abortado. En esta ocasión, la resistencia de los Cordones Industriales es, como en octubre, fundamental en la contraofensiva. Ese día, la CUT hace un llamamiento a los Cordones Industriales e incluso envía delegados a cada uno de ellos⁵. Es también en junio de 1973, cuando el PC reconoce oficialmente a los Cordones y llama a sus militantes a integrarse en ellos. La propuesta de los comunistas sigue siendo que los Cordones formen parte de la CUT y sean orientados por ésta, reconociéndoles el derecho a conservar su propia estructura⁶. Esa voluntad de canalizar los Cordones y el poder popular se había reflejado ya en octubre, cuando el PS y el PC invitan a los Comandos Comunales a situarse bajo la autoridad de los Intendentes o

¹ Esta influencia es clara si se tiene en cuenta que los presidentes de los Cordones que firman la declaración de la “Coordinadora provincial de Cordones de Santiago” son todos militantes del PS (*Tarea Urgente*, Santiago, N° 10, 27 de julio de 1973).

² Cruces A. 22 de agosto de 1973, “Habla la revolución chilena: ¿en Chile no debe quedar ningún explotador!”, *Avanzada Socialista*, Buenos Aires, Año II, N° 72, pp. 2-3.

³ “A propósito de los Cordones y la CUT”, *La Aurora de Chile*, Santiago, N° 33, 26 de julio de 1973.

⁴ “Entrevista a C. Blest”, *El Pueblo*, Santiago, N° 28, febrero 1973.

⁵ Entrevista a H. Ortega en *Chile Hoy*, Santiago, N° 59, 27 de julio de 1973

⁶ “Cordones Industriales: la participación del Partido Comunista”, *La Aurora de Chile*, Santiago, N° 20, 26 de abril de 1973.

gobernadores de provincia¹.

Hacia el golpe: ‘Los obreros me reclamaban armas’

Finalmente, a pesar de los múltiples logros en términos participativos, en términos de control de la producción en algunas fábricas, de autogestión parcial del abastecimiento y de la defensa de las fábricas, los Cordones Industriales se quedaron a un nivel embrionario. La fuerte y a menudo contradictoria relación entre el gobierno Allende y la fracciones más organizadas del movimiento obrero permitieron que el proceso avanzara, que el Área social prevista para solamente 91 empresas abarcara al final más de 200 gracias a la movilización obrera. Pero la orientación estratégica de una mayoría de la izquierda y las dificultades del gobierno explican que los militantes de la UP como de la CUT buscan mantener un control “desde arriba”, llamado por P. Winn como “revolución por arriba” y por Miguel Silva como “Reformas desde arriba” sobre esos brotes de autoorganización constituyente. Los Cordones nunca fueron grandes asambleas permanentes de delegados de empresas, elegidos directamente por el conjunto de los trabajadores y revocables en todo momento². Al fin y al cabo, significaron sobre todo una coordinadora de dirigentes sindicales “revolucionarios”, que consiguen movilizar una parte de los asalariados de una zona, en coyunturas de crisis y de forma temporal. Tampoco, en estas condiciones, los Cordones Industriales tenían la capacidad político-militar para resistir a un golpe de Estado y unir su resistencia a los soldados favorables al proceso. Con la ley de control de armas votada por el parlamento, los militares habían, ya a principio de 1973, iniciado la represión en los Cordones: la multiplicación de los allanamientos había permitido evaluar las fuerzas en presencia. El 11 de septiembre fueron solamente unos pocos grupos de militantes preparados los que pudieron enfrentar el Golpe, cuando la mayoría de la clase obrera se encontraba desprovista de armas y sobre todo de alternativa política (Garcés M. y Leiva S. 2005). Siguiendo a las categorías del politólogo Charles Tilly, podemos decir este proceso sociopolítico excepcional condujo a una ‘situación revolucionaria’, marcada por diversas formas de autoorganización y poderes populares constituyentes, pero sin ‘resultado revolucionario’ (*revolutionary outcome*) (Tilly C. 1978; Tilly C. 2000).

‘Los obreros me reclamaban armas’, recuerda la ex-ministra de trabajo comunista Mireya Baltra, que el día del golpe de estado se dirige al cordón Vicuña Mackenna. Haciéndose eco, José Moya cuenta cómo esperaba él, en su fábrica: ‘Habíamos pasado toda la noche del 11 de septiembre de 1973 esperando armas que nunca llegaron. Oíamos disparos del lado del cordón San Joaquín; allá tenían armas –al menos los de la empresa textil Sumar. Nuestro sueño era que en cualquier momento podían llegar armas y que íbamos a hacer lo mismo que ellos. Pero no pasó nada’ (Gaudichaud F. 2003). Contrariamente a la propaganda del general Augusto Pinochet, nunca existió ningún ejército de los ‘cordones de la muerte’. De hecho, dejando a un lado algunos actos de resistencia aislados (en el Cordón Cerrillos por ejemplo), el « poder popular » se sometió rápidamente bajo las implacables botas de la represión. ‘El día del golpe de Estado había muertos en la calle, los traían incluso de otros sitios y los tiraban aquí, cuenta Carlos Mújica, obrero MAPU de la planta metalúrgica Alusa. ¡Y no podíamos hacer nada! Creo que lo más duro fue el período 1973-1974. Después, en

¹ Partido Socialista y Partido Comunista, “Propósitos de ofensiva política”, Santiago, octubre de 1972.

² Sólo una fracción de militantes obreros participan en estas asambleas, a menudo nombrados por su propio partido o la dirección del sindicato. El poder de convocatoria de un Cordón como Cerrillos no sobrepasa los 8000 asalariados cuando se supone que coordina a más de 30 empresas y decenas de miles de trabajadores...

1975, los servicios secretos vinieron a buscarme a Alusa. Me detuvieron y me llevaron a la famosa Villa Grimaldi: ahí, pasaban a la gente por la parrilla, es decir, sobre una cama de hierro donde aplicaban corriente eléctrica en las piernas... Sabían que yo era delegado del sector...' (Gaudichaud F. 2004: 137-160).

Bibliografía

Angell A. 1972, *Politics and the Chilean labor movement*, Oxford, Oxford University Press.

Barria J. 1963, *Trayectoria y estructura del movimiento sindical chileno*, Santiago, INSORA.

Cancino H. 1988, *La problemática del poder popular en el proceso de la vía chilena al socialismo 1970-73*, Aarhus Universitet Press.

Cordero C., Sader E., Threlfall M., 1973, *Consejo comunal de trabajadores y Cordón Cerrillos-Maipú: 1972. Balance y perspectivas de un embrión de poder popular*, Santiago, CIDU, Documento de Trabajo, N° 67.

Corvalán L. 1978, *Chile: 1970-1973*, Sofía, Sofía Press.

Farias V. 2000-2001, *La izquierda chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*, Berlín, CEP, 6 tomos.

Frías P. 1993, *Construcción del sindicalismo chileno como actor nacional*, Santiago, CUT-PET.

Garcés M. y Leiva S. 2005, *El golpe en la Legua. Los caminos de la historia y la memoria*, Santiago, LOM.

Gaudichaud F. 2004, *Poder Popular y Cordones industriales. Testimonios sobre la dinámica del movimiento popular urbano durante el gobierno de Salvador Allende*, Santiago, LOM.

Gaudichaud F. 2003, "L'Unité populaire par ceux qui l'ont faite", *Le Monde Diplomatique*, Paris.

Gaudichaud F. 2005 (a), *Etude du mouvement social urbain chilien : « pouvoir populaire » et dynamique des Cordons industriels (1970-1973)*, Université Paris 8, PhD en Science politique (dir. Michael Löwy).

Gaudichaud F. 2005 (b), «¿Construyendo poder popular? El movimiento sindical chileno en el periodo de la Unidad Popular» in J. Pinto (ed.), *Y hicimos historia. La historia de la Unidad Popular*, Santiago, LOM, 2005, pp. 81-106.

Senado de los Estados Unidos (Informe Church) 1975, *Acción encubierta en Chile 1963-1973*, Washington in www.derechos.org/nizkor/chile/doc/encubierta.html.

Sarget M.N. 1994, *Système politique et Parti socialiste au Chili: un essai d'analyse systémique*, Paris, L'Harmattan.

Samaniego A. 1996, *Octubre 1972: triunfo y derrota de la unidad de los trabajadores*, Investigación DICYT-USACH, mimeo, Santiago.

Silva M. 1999, *Los Cordones Industriales y el socialismo desde abajo*, Santiago, sin editor.

Zavaleta Mercado R. 1974, *El poder dual en América Latina*, México, Siglo 21 Editores, col. Mínima.

Tilly C. 1978, *From mobilization to revolution*, Addison-Wesley, Reading, MA.

Tilly C. 2000, *Las revoluciones europeas. 1492-1992*, Madrid, Ed. Critica.

Winn P. 1986, *Weavers of revolution, the Yarur workers and chile's road to socialism*, New York, Oxford University Press.

Cães de guarda da burguesia: as organizações integralistas contra as organizações dos trabalhadores no Brasil (1945-1964). Gilberto Grassi Calil¹

Apresentação: o integralismo no processo político brasileiro, 1945-1965

O movimento integralista brasileiro foi fundado em 1932 por Plínio Salgado, diretamente inspirado nos fascismos europeus. Salgado era um escritor de relativo destaque, tendo participado da Semana da Arte Moderna de 1922 e da constituição do ultranacionalista Grupo Verde-Amarelo, em 1926. Em 1930, percorreu a Europa, identificando-se com o fascismo de Mussolini na Itália. A partir desta experiência, definiu as principais características do movimento que iria constituir – anticomunismo, antiliberalismo e nacionalismo. Entre 1932 e 1937, permaneceu à frente da Ação Integralista Brasileira, impondo-se como “Chefe Nacional”. Com a instauração da ditadura do Estado Novo, no final de 1937, o integralismo foi proibido. Em maio de 1938, os integralistas empreenderam uma fracassada conspiração e em consequência disto Salgado foi exilado.

Entre 1939 e 1946, Salgado permaneceu em Portugal, mantendo-se em contato com os integralistas no Brasil. Estabelecer então fortes laços com a hierarquia católica portuguesa e com lideranças salazaristas. Acompanhou o desenrolar da II Guerra Mundial e desde 1942 passou a planejar a sobrevivência política do integralismo em caso de derrota do nazi-fascismo. Passou desde então a escrever obras de caráter religioso, buscando se apresentar como liderança católica. Desenvolveu o “conceito cristão de democracia”, através do qual afirmava defender a “democracia” e “protegê-la” contra seus supostos inimigos. Com isto, formalmente dizia defender a democracia, mas estabelecia que apenas os cristãos e anticomunistas poderiam ter liberdade. Socialistas, comunistas e todos os adversários do integralismo eram tratados como “inimigos da democracia” e portanto deveriam ser “democraticamente” proibidos, censurados e perseguidos.

Sob sua orientação, foi fundado em 1945 o Partido de Representação Popular, que passou a congrega os integralistas, permitindo-lhe uma expressão política na nova ordem que se constituía com a queda do Estado Novo.² O novo contexto era adverso às organizações identificadas com o fascismo, obrigando os integralistas a esconder seu passado e reinterpretar sua ideologia, sem, no entanto, modificarem substancialmente seu projeto fascizante. Apresentando-se como “democratas”, os integralistas conseguiram voltar ao cenário político, constituindo um partido político de âmbito nacional, bem como diversas outras organizações. Passaram a contar com uma força

¹ Gilberto Grassi Calil (Santa Maria, Brasil, 1973). Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil. Doutor em História do Brasil. Realiza estágio de pós-doutoramento na Universidade do Porto (9/2011-8/2012). Autor de *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a trajetória do Partido de Representação Popular 1945-1965* (Edunioeste: 2011) e *O Integralismo no pós-guerra: a formação do PRP, 1945-1965* (Edipucrs, 2001). Editor da revista *História & Luta de Classes*. Integrante do Grupo de Pesquisa Estado e Poder (http://www.unioeste.br/projetos/lab_est_poder/).

² Ver a respeito CALIL, Gilberto. *Integralismo e Hegemonia Burguesa. A intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010; e CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 2005.

efetiva, influenciando a política brasileira e divulgando seu projeto conservador, autoritário e anticomunista.

Tendo em vista o novo contexto político nacional e internacional do pós-guerra, os integralistas adotaram uma postura cautelosa, apresentando-se de forma mais discreta do que na década de 1930 e abandonando os desfiles públicos, o uso de uniformes (“camisa-verde”), a organização paramilitar e a saudação fascista (“Anauê”). Seu principal instrumento foi o Partido de Representação Popular (PRP). Fundado em 1945, este partido foi durante vinte anos a principal organização política vinculada ao movimento integralista, elegendo senadores, deputados, prefeitos e vereadores na maior parte do Brasil. Sua organização chegou a contar com algumas dezenas de milhares de adeptos e diretórios constituídos em centenas de municípios.

A propaganda principal proposta do movimento era o “combate ao comunismo”. Os integralistas identificavam o comunismo como grande inimigo a ser combatido e apresentavam-se como os únicos capazes de enfrentá-lo. De acordo com eles, havia um “plano comunista de dominação do mundo” e havia risco iminente de invasão do Brasil pelos soviéticos. A pregação anticomunista – em consonância com o contexto internacional de Guerra Fria – tornava possível que os integralistas recebessem auxílio financeiro de alguns grandes industriais, comerciantes e banqueiros, tornando possível a constituição de um aparato de divulgação e propaganda bastante expressivo.

Durante este período, os integralistas contaram com uma editora (Livraria Clássica Brasileira, responsável pela publicação das obras de Plínio Salgado e também especializada na publicação de obras anticomunistas) e dois jornais semanais de circulação nacional: *Idade Nova* (1946-1951) e *A Marcha* (1953-1965). Este último chegou a ter uma circulação bastante ampla, com distribuição em bancas de jornal e assinantes em mais de mil municípios do país. A propaganda integralista também contou com a realização de marchas, caravanas e comícios pelo interior do país e com a produção de programas radiofônicos, especialmente em períodos eleitorais.

Nas eleições parlamentares, o PRP obtinha em média 3% dos votos (em torno de 300 mil votos), o que era suficiente para eleger alguns deputados. Sua base eleitoral era constituída principalmente pela pequena burguesia (pequenos proprietários rurais e comerciantes) e por profissionais liberais (que ocupavam a maior parte dos cargos de direção partidária). Em alguns municípios chegou a ser o partido majoritário, elegendo prefeito e vereadores. Nas eleições estaduais, na maioria das vezes realizou coligações apoiando candidatos de outros partidos, obtendo em troca cargos importantes em seus governos. Para realizar estas coligações, exigiam que os partidos aliados atestassem o alegado “caráter democrático” do integralismo, tendo participado de governos estaduais dos diferentes partidos, como os de Leonel Brizola (Partido Trabalhista Brasileiro, Rio Grande do Sul 1959-1962); Lomanto Júnior (União Democrática Nacional, Bahia, 1963-1966); Ildo Meneguetti (Partido Social Democrático, Rio Grande do Sul, 1963-1966); Lucas Nogueira Garcez (Partido Social Progressista, São Paulo, 1951-1954) e Adhemar de Barros (Partido Social Progressista, São Paulo, 1963-1966). O PRP participou também do governo federal, durante os governos de Juscelino Kubitschek (1956-1960), Jânio Quadros (1961) e nos primeiros meses do governo João Goulart (1961-1964). Em todos estes governos, os integralistas ocuparam a presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), responsável pela política agrária e pelo estabelecimento de núcleos de colonização agrícola.

Em 1955, Plínio Salgado foi candidato à presidência da República, obtendo mais de 700 mil votos (8% do total), o suficiente para empolgar os simpatizantes do integralismo. A candidatura integralista pode ter determinado também a vitória de Juscelino Kubitschek, pois a maior parte dos votos recebidos pelo líder integralista era

proveniente do eleitorado conservador e poderia ser destinada ao candidato da UDN (Juarez Távora), derrotado por diferença inferior a 5% dos votos totais. A expressiva votação obtida pela candidatura presidencial de Plínio Salgado impulsionou o movimento integralista, que em 1957 voltou a adotar o Sigma (Σ), antigo símbolo integralista, e também a realizar desfiles públicos, tentando aparentar uma capacidade de mobilização que já não tinha mais.

Os integralistas constituíram também várias outras organizações, além do PRP. A mais destacada foram os “centros culturais de juventude”, através dos quais buscavam a adesão dos jovens ao movimento através da realização de reuniões e palestras. Outra organização importante foi um aparato de espionagem, denominado Organização Serviço de Imprensa e Propaganda (OSIP), responsável por vigiar os comunistas, promover a infiltração de agentes integralistas no interior dos movimentos populares e dos partidos e organizações de esquerda e produzir relatórios que comprovassem o “perigo comunista”. Constituíram ainda uma organização voltada aos trabalhadores (União Operária e Camponesa do Brasil) e outra voltada às mulheres (Ação Patriótica das Mulheres Brasileiras), ambas com atuação limitada.

Os integralistas participaram ativamente também da articulação do golpe de estado de 1964. Desde meados de 1962, quando romperam com o governo constitucional de João Goulart, os integralistas contribuíram de diversas formas para sua deposição. Desde então, passaram a denunciar Goulart como “comunista” e “traidor”, através da imprensa integralista e dos discursos de suas lideranças e seus parlamentares. Nas eleições parlamentares de outubro de 1962, integraram o bloco conservador e receberam financiamento de instituições golpistas (como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD). Os integralistas também participaram ativamente das “Marchas pela Família, com Deus e pela Liberdade”, que tinham como objetivo criar condições para a deflagração do golpe de estado. Além disso, participaram diretamente da conspiração golpista, através da articulação com lideranças políticas de oposição e também da ação de militares integralistas que tiveram papel destacado na deflagração do golpe, como o almirante Arnoudo Hasselman e o general Olímpio Mourão Filho – Hasselman liderou a repressão aos marinheiros rebelados em 25 de março de 1964, e Mourão desencadeou a ação golpista seis dias depois.

O importante papel desempenhado pelo integralismo no período 1945-1964 torna-se compreensível quando observamos que os principais elementos de seu projeto eram compartilhados, ao menos parcialmente, pelos principais partidos políticos, pelos grupos dominantes e pela grande imprensa. O integralismo encontrava terreno fértil para sua propaganda, pois defendia em termos extremados políticas aceitas pelos principais partidos burgueses: a perseguição aos comunistas (colocados na clandestinidade em 1947), as restrições à organização dos trabalhadores (consolidadas na Constituição de 1946, que manteve os sindicatos atrelados ao Estado) e a afirmação de uma “democracia” excludente (efetivada com o poder arbitrário concedido ao Tribunal Superior Eleitoral para definir quais partidos eram “democráticos” e quais eram “antidemocráticos” e, portanto, deveriam ser proibidos). Tais restrições eram aplaudidas pelos integralistas, mas eram igualmente defendidas pelos principais grupos políticos e econômicos. Desta forma, o integralismo expressava em sua forma mais radical a defesa de limitações e restrições à democracia que também eram aceitas e defendidas pelos grupos dominantes. Não eram, portanto, exóticos ou marginais, mas ao contrário, cumpriam a função concreta de cães de guarda contra os “comunistas”, os “radicais” e as organizações das classes trabalhadoras que pudessem colocar em questão a ordem vigente.

Os integralistas contra as organizações dos trabalhadores

A política dos integralistas em relação aos trabalhadores vinculava-se diretamente ao projeto econômico que defenderam entre 1945 e 1964. Rompendo com a perspectiva vagamente nacionalista defendida na década de 1930, os integralistas do pós-guerra defenderam posições ultraliberais, opondo-se às medidas protecionistas, à criação de empresas estatais e à constituição da Petrobrás. No que se refere especificamente às relações de trabalho, opunham-se à elevação dos salários, que supostamente levariam às empresas à falência e denunciavam intervenções governamentais supostamente demagógicas e favoráveis aos trabalhadores, mas defendiam enfaticamente os controles corporativos sobre a classe trabalhadores e a subordinação da estrutura sindical ao Estado. Suas manifestações relativas aos trabalhadores concentravam-se em dois pontos principais: a defesa sistemática da imposição de restrições à organização dos trabalhadores e ao direito de greve, e a oposição aos reajustes salariais.

O controle sobre a organização dos trabalhadores era defendido através da proposição de diversas medidas, a começar pela defesa da “regulamentação” do direito de greve. O deputado integralista Loureiro Júnior reclamava na Câmara dos Deputados que “até hoje esta Câmara não teve coragem cívica de regulamentar a greve no país, com medo da demagogia esquerdista, pois não se trata, absolutamente, de um direito que fique independente de regulamentação. (...) A greve brasileira tem sido, entre nós, instrumento de masorca, desordem”.¹ Fica evidente, pela argumentação usada, que a regulamentação pretendida visava inviabilizar o exercício do direito de greve.² Na visão de Salgado, o direito de associação poderia ser permitido aos trabalhadores, com a ressalva de que “os fins dessa associação devem ser definidos”,³ reduzindo a autonomia sindical a um conceito vazio: “Uma coisa é defender a autonomia sindical, outra muito diversa é proporcionar meios de sobrevivência da ditadura sindical do Partido Comunista, que sempre antecede o estabelecimento das ditaduras comunistas”.⁴ Mesmo a realização de eleições sindicais deveria ser impedida em momentos nos quais os comunistas pudessem vencê-las: “Eleições sindicais, neste momento, são a volta ao panorama de 1945 e 1946, pois os maiores problemas dessa época aí permanecem insolúveis”.⁵ A “regulamentação” do direito de greve era defendida também pela União Operária e Camponesa do Brasil, cujo primeiro congresso aprovou “uma resolução no sentido de conseguir-se, o mais breve possível, a regulamentação do direito de greve”, vista como “necessária para que não sejam feridos os legítimos direitos dos trabalhadores, e, por outro lado, não haja abusos por parte destes, insuflados por agitadores ou mal orientados por falsos líderes”.⁶ A entidade defendia que “a greve, por mais justa que seja, prejudica sempre a economia nacional, já tão combalida, com danos para toda a coletividade, o que significa, em última análise, maiores dificuldades de vida

1 Loureiro Júnior: A Câmara deve tomar coragem e regulamentar o direito de greve. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 25.5.1956, p. 1 e 5.

2 Ao contrário do que tentavam sugerir os integralistas, estava em vigor uma regulamentação que já era extremamente restritiva, editada durante o governo Gal. Dutra, o que dá a dimensão da amplitude das restrições propugnadas pelos integralistas..

3 SALGADO, Plínio *Direitos e deveres do homem*. 4^a edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949, p. 109.

4 Problemas sindicais na ordem do dia. *Idade Nova*, Rio de Janeiro, 28.10.1948, p. 5.

5 Idem, *ibidem*.

6 Carta aos Operários e Camponeses: Greve. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 30.1.1958, p. 8.

para os próprios trabalhadores”,¹ e sustentava que o corporativismo a tornaria desnecessária: “Uma das vantagens que oferece a Democracia Orgânica que preconizamos para o Brasil é tornar desnecessário – sem suprimi-lo – o exercício do direito de greve, pois nessa Democracia (que é a verdadeira) o trabalhador terá plenamente assegurados o justo salário e uma vida digna, livre da exploração capitalista [sic]”.² Fica clara aqui a proposta de um ultra-Estado para a contenção popular e para o atendimento das demandas setoriais, justaposto ao ultraliberalismo no que se refere à condução da economia e à exploração da força de trabalho. Segundo os integralistas, os comunistas sempre procurariam incluir “reivindicações destituídas de apoio em possibilidades objetivas”, visando o prolongamento das greves:

Os comunistas estão bem informados e, mesmo quando a greve só pode piorar a miséria dos trabalhadores, eles promovem, organizam, incentivam a parede, com os seguintes propósitos: 1) visando a criar instabilidade interna; 2) visando a agravar a condição econômica dos trabalhadores, de modo a fomentar o espírito de revolta; 3) visando a prejudicar a produção nacional, a fim de enfraquecer a economia do hemisfério, atendendo aos objetivos da política da Rússia.³

Outra medida de tutela sobre os trabalhadores propugnada era “a ampliação do âmbito da Justiça do Trabalho”,⁴ vista como instituição responsável pela “harmonização” da relação entre trabalhadores e patrões. Os integralistas também protestavam contra “a dispensa do atestado de ideologia (crime de lesa-Pátria cometido pelo Sr. Danton Coelho na sua gestão no Ministério do Trabalho)”, considerando que ela “abrira as portas à infiltração de Moscou no Brasil”.⁵

Durante a grande greve de 1953 em São Paulo, que chegou a contar com mais de 300.000 grevistas, os integralistas elevaram o tom de sua pregação antigrevista:

Os acontecimentos desta semana em São Paulo estão demonstrando eloqüentemente que uma minoria organizada está se apoderando das massas trabalhadoras, subjugando-as violentamente. O uruguaio Roberto Morena assumiu a chefia desta ditadura, assessorado por deputados do PTB e do PSP. Organizaram-se “piquetes” armados, sob o comando do russo Eugenio Chemp. Esses “piquetes” postam-se nas portas das fábricas impedindo os operários de trabalhar. Esses “piquetes” agridem a polícia, incitam as turbas. Para se avaliar o que seja esta autêntica revolução comunista que se deflagrou em São Paulo paralela a uma greve de tecelões cujos objetivos são justos mas nada têm a ver com as desordens bolchevistas, basta dizer que, achando-se em greve cerca de duzentos mil operários na capital paulista, apenas tomaram parte das arruaças cerca de dez mil pessoas, a maior parte das quais não é constituída de operários [sic]. Trata-se de uma “minoria organizada”, da tal “aristocracia revolucionária” de que fala Lenine a empolgar a massa trabalhadora que Lenine chama de desprezível simpatizante.⁶

1 Idem, *ibidem*. Perceba-se que através deste argumento, elidia-se completamente o antagonismo de classe, estabelecendo-se uma falsa identidade de interesses entre patrões e trabalhadores.

2 Idem, *ibidem*.

3 As greves e a economia nacional. *Idade Nova*, Rio de Janeiro, 4.3.1948, p. 3 e 6.

4 Os postulados do Partido de Representação Popular. *Reação Brasileira*, Rio de Janeiro, 29.11.1945, p. 4.

5 Metempsicose política: o PTB é a mais recente reencarnação do PCB. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 10.7.1953, p. 1 e 11. O atestado de ideologia, instituído durante a ditadura varguista, era fornecido pelo Departamento de Ordem Política e Social, sendo condição para ocupação de postos nas direções sindicais. Foi extinto em 1º.9.1952, através da Lei 1667, durante o governo constitucional de Getúlio Vargas.

6 SALGADO, Plínio. Mensagem aos surdos e aos cegos. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 10.4.1953, p. 3.

A *Marcha* informava estarem em greve 200.000 operários, mas acrescentava que a maior parte deles era “obrigada a estar em greve pelos ‘piquetes’, armados pelo russo Eugenio Chemp”.¹ A mesma tese era reproduzida no parlamento pelo deputado integralista Raymundo Padilha: “Há duzentos mil grevistas em São Paulo, que constituem massa de manobra. Entretanto, o elemento da desordem das ruas não vai além de dez mil homens. Trata-se daquela minoria [sic] tática a que Lenine se referia”.² Justificava assim, a repressão policial, consolidando o não reconhecimento ao direito de greve.

A oposição aos aumentos salariais também cumpria um papel importante na política dos integralistas em relação aos trabalhadores. Em seu discurso, os aumentos eram considerados como uma “morfina”:

Os governos demagógicos, submetendo-se ao jogo do comunismo russo, outra coisa não têm em nosso país senão ministrar, aos nossos operários e aos que constituem as zonas médias e sub-médias da nossa população, a morfina, cujos efeitos iludem as dores, sem que para a grave enfermidade sejam dados remédios eficazes. Esta morfina são os aumentos de vencimentos aos funcionários, aos militares, aos industriários, aos comerciários, aos trabalhadores das fábricas e dos campos. Quanto mais crescem os ordenados e as diárias, mais miseráveis vão ficando os pseudo-beneficiados, em razão do aumento do custo de vida, numa proporção de cinco a sete vezes maior que as fictícias melhorias de vencimentos.³

Para Salgado, os defensores dos aumentos salariais seriam verdadeiros “amigos da onça”⁴ dos operários, pois tais aumentos ativariam um “círculo vicioso” que lhes causaria grandes prejuízos, por serem “artificiais” e insustentáveis:

A demagogia eleitoreira tem levado o operário à desgraça, facultando-lhe aumentos salariais que não correspondem ao aumento dos preços das utilidades. Mal se acrescentam 30 ou 40 por cento nos ganhos do operário, imediatamente crescem de 50 a 100 por cento os preços das mercadorias, não só por não podermos contrariar a lei econômica relativa ao custo da mão-de-obra, mas ainda pelo fator psicológico do medo da falência em que se encontram muitos estabelecimentos industriais e comerciais.⁵

Desta forma, Salgado expressava, em sua íntegra, a clássica tese liberal que responsabiliza o aumento dos salários pela inflação, levando-a ao extremo, já que sua estranha matemática sustentava que o aumento no preço das mercadorias seria ainda maior do que o aumento dos salários, como se o “custo da mão de obra” não constituísse apenas uma parte do custo total das mercadorias. Salgado concluía que a alternativa para os operários melhorarem suas condições de vida era o aumento da produção nacional, e não sua melhor distribuição: “O problema do Brasil (...) não está em socializar, mas em criar riquezas. Mais vale, para um país novo como o nosso, criar riquezas do que socializar a miséria. O que precisamos é incrementar as forças da produção nacional”.⁶ Esta tese era “popularizada” em proclamações da UOCB dirigidas aos trabalhadores, como exemplifica um Manifesto aos Membros do II Congresso

1 Formado o clima para a revolução comunista. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 10.4.1953, p. 1 e 11.

2 Estrangeiros chefiam o comunismo no Brasil. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 17.4.1953, p. 1 e 11.

3 Exploração do operário e da classe média. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 29.1.1954, p. 1 e 8.

4 SALGADO, Plínio. *Livro verde de minha campanha*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956, p. 44.

5 SALGADO, Plínio. Trigésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e atualidade de seus princípios, 6.4.1962. In: *Discursos Parlamentares*, op. cit., p. 466-485, p. 481.

6 Entrevista concedida por Plínio Salgado, s./d. [1949]. Original datilografado (APHRC-FPS 011.003.013).

Sindical de Minas Gerais:

Não deveis prosseguir na campanha dos aumentos de salários. Nós já temos três duras provas dos aumentos, todas elas provas lamentáveis. O custo de vida subiu mais, e subirá todas as vezes em que se aumentarem os salários!... Já ficou cabalmente provado que os aumentos de salários nada resolvem; além disto é fechamento de fábricas e desempregos em massa. (...) Enquanto prosseguirmos nos aumentos de salários o custo da vida sobe mais. Sobem os preços com a propaganda dos salários. Os aumentos de salários são a desorganização das finanças e dos trabalhadores, classes médias e reduzem a nossa produção e exportação!... O custo da mão de obra sobe demasiadamente. As indústrias e o comércio além de reduzir o número de empregados, aumentam demasiadamente os preços, porque são obrigados a pagar mais aos empregados e aos Institutos. Os aumentos de salários são fome e misérias, desemprego em massa, nenhum Líder Trabalhista do mundo resolve os problemas dos trabalhadores com aumentos de salários. (...) Srs. Líderes Trabalhistas, não falem mais em aumentos de salário. Isto é desgraça para o trabalhador, tudo sobe em dobro, vestuários, alimentação, aluguéis, remédios, etc.¹

A participação nos lucros propugnada por Salgado em oposição aos aumentos salariais, no entanto, tinha um sentido hierarquizador e visava a subordinação dos trabalhadores, pois beneficiaria apenas os operários considerados “mais eficientes” pelos seus patrões, sendo apresentada como “estímulo aos mais capazes de produzir, assim como os interesses da sobrevivência da empresa, tudo visando a maior produção nacional e o enriquecimento do Brasil”.² Salgado reivindicava para si a autoria da proposta, mas opunha-se a sua aplicação generalizada a todos os trabalhadores:

O texto constitucional que estabeleceu esta participação talvez se tenha inspirado no meu “Manifesto Programa de 1936, sem entretanto compreender-lhe o espírito. Daí a “participação direta” para a qual ainda não se encontrou fórmula satisfatória, enquanto o meu pensamento era “garantir ao trabalhador uma retribuição proporcional a sua contribuição pessoal ao lucro auferido pelo empregador. (...) Assim, enquanto a fórmula constitucional é incondicional, a minha fórmula originária se subordina a várias condições, objetivando um equilíbrio e resultando no interesse material e moral dos empregados pelo destino da produção e pela sorte dos empregadores.”³

A preocupação com os interesses do capital era pronunciada em diversas ocasiões, sempre remetendo à defesa da harmonia entre capital e trabalho e à tese de que ambos se beneficiavam com o aumento da produção. Em 1953, Salgado criticava Vargas afirmando que sua política trabalhista “separa, de modo absoluto, os problemas inerentes ao Capital, ao Trabalho e à Nação”, e definindo a Nação “como síntese daqueles dois elementos da produção brasileira”.⁴ O Trabalho era entendido “como um ato, ou série de atos, puramente espirituais”,⁵ e o Dia do Trabalho deveria ser utilizado

1 Manifesto aos Membros do II Congresso Sindical do Estado de Minas Gerais, s./d. (1960) (APHRC-FPS 014.007.012). Grifos meus.

2 O que pensamos: conceitos de Plínio Salgado sobre problemas nacionais. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 2.9.1955, p. 3.

3 Inquérito Política Econômica. Entrevista concedida por Plínio Salgado, 1955 (s./d.) (APHRC-FPS 011.004.004). Grifo meu.

4 Entrevista concedida por Plínio Salgado, 3.2.1953 (APHRC-FPS 008.007.002)

5 SALGADO, Direitos e deveres do homem, op. cit., p. 100.

“para estreitarmos as relações entre patrões e empregados, fazendo com que todos os patrões sejam bons e que todos os empregados se transformem em verdadeiros colaboradores da empresa em que trabalham”.¹ Assim, recomendava-se, didaticamente, ao trabalhador: “Seja amigo das suas obrigações, pois só o trabalho engrandece um povo; e afasta-te do comunismo que divide os colegas de trabalho, e conduz o homem à brutalidade e à escravidão”.²

Desta forma, fica evidente o caráter antipopular do projeto integralista, marcado pela oposição ao direito de greve e às reivindicações dos trabalhadores, em particular os aumentos salariais, e também pela sistemática defesa da conciliação de classes e da suposta identidade de interesses entre os patrões e empregados. Ao mesmo tempo, é possível perceber na argumentação integralista a articulação entre sua perspectiva fascistizante³ (defesa do corporativismo e da identidade de interesses entre capital e trabalho) com pressupostos econômicos liberais, em especial na justificativa para a não concessão de aumentos salariais.

Referências

Arquivos pesquisados

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (APHRC). Fundo Plínio Salgado (FPS). Prefeitura Municipal de Rio Claro – SP, Brasil.

Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular. Porto Alegre-RS, Brasil. Atualmente integrado ao Espaço Delfos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Fontes impressas

a) Jornais

A Marcha. Rio de Janeiro, 1952-1965;

Boletim do PRP. Porto Alegre, 1945-1947;

Idade Nova. Rio de Janeiro, 1947-1951;

Reação Brasileira. Rio de Janeiro, 1945-1946.

b) Livros integralistas

SALGADO, Plínio *Direitos e deveres do homem*. 4^a edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1949.

SALGADO, Plínio. *Livro verde de minha campanha*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1956

Bibliografia citada

CALIL, Gilberto. *Integralismo e Hegemonia Burguesa. A intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 2005.

1 Trabalho e cooperação: Para os tremendos problemas sociais, a solução não é a luta!. *Boletim do PRP*, Porto Alegre, 20.5.1946, p. 1. Grifos meus.

2 Operários do Brasil. *Boletim do PRP*, 20.3.1946, p. 3.

3 Esta perspectiva fascistizante também se evidencia na manutenção de serviços de espionagem e infiltração em sindicatos e movimentos sociais. Ver a respeito CALIL, 2005, op. cit., p. 775-791.

Survivors associations in Isère: political actions for absolute duties. Karin Dupinay-Bedford¹

In spring 1945, survivors from concentration camps returned to Grenoble, seeking out a national recognition for their suffering, hoping for medical care and waiting eagerly for financial help and military pensions. But nothing worked out as they had hoped. Their sufferings were passed over in silence and rights for their sequels were disregarded.

Political and military context of returns in spring 1945 marked the difference with survivors' comprehension and expectations in Isère. For populations, war had been finished since the 1st of September 1944 and peace passed over it. The only fights were political. But for survivors, war was still there, in their mind and bodies. The dichotomy between both groups was enormous.

As things stood, no help whatsoever could be expected. This led them to create their own associations to defend their rights, two months after having returned. By this, they affirmed a particular definition of what they were: most were former soldiers of freedom, survivors of concentration camps, half were communists.

They received support by political parties, and particularly, the French Communist Party. The context of Cold War gave a militant touch to what was going to be a real battle for former soldiers of freedom in the name of national consideration, and political positions against the government, giving birth to a new social group which clearly wanted to be included in the memory of the Victory and *Résistance* and recognized as a legitimate social group.

So, talking about the survivors associations in Isère through political actions for absolute duties is an example of relationship between political debates and social conflicts in the *department* (region) of Isère, since 1945 until 1955. Three main ideas must be considered. Creation of associations in the name of national and political recognition will be the first one to highlight the context and introduction of this particular social battle. Political struggle over social duties will continue our paper. To conclude, public considerations will expose feelings and comprehensions, from survivors and populations in Isère.

The creation of Associations in the name of national and political recognition highlights the context and introduction of this particular social battle.

“Deportation changed our mind and bodies; we were different from before” said Edouard Bordet², a survivor from Dora. The local council of National Liberation had organized the return with the orders of the Ministère des Prisonniers, des Déportés et des Réfugiés (Ministry of PDR, Ministry of the Prisoners of War, Displaced Persons and Refugees). But the point of view was only structural. Places to go on the first hours of the return for administrative insertion and medical care existed. But they were not

¹ Karin Dupinay-Bedford is a Lecturer in Modern and Contemporary History at the Institute of Political Studies of Grenoble (University of Grenoble, France), researcher and Doctor in History. Her Doctorate (PhD) in History (2006) was based on *Les associations d'anciens déportés en Isère (1945-1995)*, prepared in the Department of History, at the University of Grenoble. The thesis was published in two tomes. Her main publications are on the History of associations of *Résistants* and survivors, the resistance during the Second World War, the French Politics after 1945 in its relationship with associations, and the development of Memories among the pedagogical approaches, duties and the justice. She is currently working on the memories of the war in the Alps, on political positions and militancy of former soldiers and their groups including its women leaders, in the Twentieth Century.

² Interview with Edouard Bordet, 23rd of January 1996.

appropriate for survivors who needed intensive care and another sort of comprehension. Like the rest of France, even with its particular history of *Résistance*, and the number of arrested persons linked with the echoes of suffering, Isère was not prepared for the survivors' expectations. Since the last days of May 1945, survivors had developed critics against the government, and even more against the Ministry of PDR in the name of a national recognition and in the eyes of the French Communist Party (Dupinay-Bedford K., *Les déportés en Isère. Histoire des associations, Genèse et revendications (1945-1992)*, 2010, p. 192). The announcement of the demands was not only an emanation of a group of survivors, it was also the beginning of a new social group, in the political network of the *gauche française* (French reformist political way). The demonstration has been one of the ways they exposed their thoughts.

On the 2nd of June 1945, radicalization was on its way. During the afternoon, in the centre of Grenoble, survivors and friends walked in silence in the streets. Their demands were clear: they needed more specific structures and recognition. In an article dated from the 4th of June, the communist journal *Les Allobroges* gave a militant touch to the demonstration: "If there is an injustice, very annoying to admit and to denounce, it is the one that touches the ex-imprisoned persons and political survivors since their return from the nazi camps"¹.

It opposed the "dignity" (*dignité* in the text) of the survivors against the lacks of adaptations for the structures of the reintegration by the word "carelessness" (*incurie* in the text). We can already felt the opposition between the political ideology from the *Parti Communiste français* (PCF, French Communist Party) and the government. The party tried to appear as an instrument of memory to attach its survivor members and new ones. The survivors recognized the financial aids from the Ministry of Henri Frenay, but objected that it could not acted as an alternative to a moral help, comprehension from populations and an official recognition. This defined a specific situation: survivors were sick and the actual instruments of reinsertion could not be adapted to them said Henry Duffourd, a survivor from the Dachau camp and member of the Bureau of the Association des Déportés et Internés Résistants et Patriotes de l'Isère (ADIRP Isère, Local Association of Resistant and Patriot Survivors and Imprisoned from Isère)².

But something else was stated. The new social group had designated leaders, showing a real union between very oriented support groups, with René Albert from the Group of imprisoned persons, Doctor Martin the socialist mayor of Grenoble, a survivor from Ravensbrück Miss Mireille Malterre, the communist Mrs Marguerite Monval from the Union of French Women. In the name of this woman, the journalist of *Les Allobroges* showed the atmosphere in Grenoble, as well as presenting populations and survivors: "Mrs Monval had stigmatized the indifference in which they were limited [...]. They walked in silence, without shouting, calmly, with dignity, in front of a sympathizing mass who applauded, waving posters that exposed their demands"³.

More than showing persons and their representation, it appeared that a new social group was born in Grenoble, with social demands in the political context of the

1 *Les Allobroges*, « Les Déportés et internés politiques de Grenoble ont manifesté avec une impressionnante dignité contre l'incurie du ministère à leur égard », 4th of June 1945. « *S'il est une injustice qu'il est pénible de reconnaître et de dénoncer, c'est bien celle dont sont victimes nos internés et déportés politiques à leur retour des bagnes allemands* ».

2 Interview with Henry Duffourd, 12th of March 2000.

3 *Les Allobroges*, « Les Déportés et internés... », op.cit. « Mme Monval ont stigmatisé l'indifférence dont ils sont l'objet [...]. Ils sont passés sans bruit, sans cri, calmement, devant la foule sympathisante qui les a applaudis, portant des panneaux qui exposaient leurs désirs ».

Cold War: communists were opposed to the government; communist survivors were opposed to the Ministry of PDR and their claims were an alternative between medical help and theoretical orientation as it was said on the 18th of June for the creation of the Bureau of the ADIRP Isère:

“Because of the harrowing nature which was represented by the claims that prisoners and survivors had formulated, and the debt contracted by their nation on their behalf, we let to their local sections the redaction of their registers of grievances”¹.

It is very interesting to notice the chosen vocabulary. Using the words “Registers of grievance” made a parallel between the claims of survivors and the French Revolution. It defined the situation as an emergency in which the nation must battle for its honour in the name of Rights, forgetting that survivors were just a minority. In fact, using those terms gave some legitimacy to their claims and highlighted a desire to give more importance and echoed in their political way. In fact, it was logical: most of the survivors were communists or affiliated and the PCF tended to appear as the party of the 75 000 executed during the war²; so the survivors were a part of this memorial construction.

A new social battle opened during the autumn 1945: surviving to a concentration camp was becoming an element of political fights and a social status in which communist survivors played a certain role.

One of the first examples took place in October for the legislative elections of the 21st. On the list of the PCF, some survivors had been chosen to give the party another touch of legitimacy in political presentation. Among them, there was Henri Turrel known for a summary about his war experience. He was a 35-year-old man. He had been the assistant secretary of the Union Trade of the Mines in La Mure from 1936 to 1938, the treasurer of the Social Company for miners and the regional secretary. Since August 1939, he had been imprisoned for seven months. After that, he illegally continued his activity and became the regional secretary of the PCF in several *départements* (regions). Arrested, he was deported in Dachau, survived and returned to Grenoble in June 1945. At that moment, he became a member of the *Comité départemental de Libération nationale* (CDLN, local group of National Liberation) as a survivor in the name of the ADIRP Isère and replacing the socialist René Albert, and got his position back in the PCF as a militant (Frenay H., p. 8.)³. It clearly appeared that this man was a communist militant, suffering for it, and officially recognised as such by his acceptance in the CDLN and his role in the communist party. His position also revealed that the ADIRP Isère and all its claims were publically supported by the PCF and its network.

So, the demonstration on the 2nd of June 1945 was the first step to a radicalisation and the final creation of this new social group. By the voice of *Les Allobroges* the new information instrument of the ADIRP Isère⁴, it was becoming

1 Le Réveil, « Etats généraux de la renaissance française », 15th of June 1945. « En raison du caractère angoissant que présentent les revendications que les prisonniers et les déportés peuvent formuler, et la dette contractée par le pays à leur égard, nous laissons le soin à leurs sections locales de rédiger leur cahier de doléances ».

2 Municipal Archives of Grenoble (AMG), 1K 432: *Legislative elections on the 21st of October 1945*, Tract from the PCF.

3 Archives of the *Département* of Isère (ADI), 37 J 35: *Alix Berthet papers*. SFIO.

4 *Les Allobroges*, « Association nationale des internés et déportés politiques, comité départemental »,

official on the following 7th of November (Dupinay-Bedford K., p. 253) in a context in which populations did not seem to completely agree with survivors. On the 2nd of June, *Les Allobroges* noticed it: “Why – and this was the only negative attitude – did some Grenoblois sitting outside cafés not consider it relevant to get up when the survivors came by?”¹.

Another part of the history of this new social group could be raised: developing political struggle over social duties in political attitudes.

The legislative elections in 1946 and 1947 definitively led to a breaking-off in the relationship between survivors and national structures. Militancy had become the main axis of the ADIRP Isère. Nevertheless, it was not about transforming every communist into *Résistants* – even if the resistant fact was a strong instrument of legitimacy in the local political action –, nor about considering those political survivor as the only victims of war. So, the legislative elections on the 2nd of June 1946 and on the 24th of November 1946 showed a real evolution of the survivor figure in political debates.

On the 2nd, a new reference was taken by the PCF; it appeared on its electoral tract: “We must satisfy the legitimate claims of prisoners of war and survivors, former soldiers and families of patriots dead for the good of France”². The list of *Union républicaine et résistante* (Republican and Resistant Union) supported by the PCF was the first to represent and highlight this martyrdom, with survivor candidates, ex-imprisoned or their beneficiaries compared to other parties. As an example, the president of the ADIRP Isère, Louis Baille-Barelle, participated in the elections for the district of the South of Grenoble, in the second section; Roger Josserand, an active militant and convinced communist member of the ADIRP Isère as a survivor, did the same in the North of the city, in the first section. If this list was the one of the communists, another party of the French *Gauche* acted in the same way; this was the *Parti socialiste* (Socialist Party), represented in Grenoble by the group called *Démocratie socialiste* (Socialist Democracy). Some of its members were especially named and presented for having been deported, like Georges Macaure. But a little difference had been made: the mention of his birth date, the place of birth and of residency with his current job – an electrician – appeared. So, a logical had been created: if the personal information was linked to the local life, deportation played the role of a civic legitimacy.

But the classical political action tended to be surpassed by an electoral scandal. By the Act numbered 46-667 on the 12th of April 1946, an exceptional measure for electors who had been prevented from voting because of sickness was applied. But some excess had been developed. Some persons voted for others who had been deported and had died during their incarceration. The scandal became public after the double verification imposed by the mayor of Grenoble with the families of the dead deported persons. For example, Michel Leo who was registered on elective list with the number 4575, dead since the 10th of April 1945 at Dora, had signed for the elections of the 2nd of June 1946, like one of his friend, Marc Marinnet numbered 13 009 and dead in the same place on the 8th of March 1944.

30th of June 1945.

1 Les Allobroges, « Les déportés et internés... », op.cit. « Pourquoi faut-il, seule fausse note, que des Grenoblois assis à la terrasse des cafés n’aient pas jugé bon de se lever à leur passage ».

2 AMG, 1K433: Legislatives elections on the 2nd of June 1946, Program of the communist list with Republican and Résistante Union. “Il faut satisfaire les revendications légitimes des prisonniers de guerre et des déportés, des anciens combattants et des familles de patriotes tombés pour que vive la France”.

The consequences were double. At first, local population had some interrogations about the local elective instrument and its democratic health, with a strong criticism against the government. Secondly, some survivors criticized the bureau of the ADIRP Isère, and in particular, the communist way which was denounced by several members of the group. At this moment, political Struggle opposed survivors within their own association. In this internal crisis, the communist way, far stronger than the Gaullist representation, won when “dissidents” chose another way – the creation of a neutral group of survivors in Grenoble –. For the moment, social Duties were defended by the only communist part of the survivors.

One of these social Duties had been more mediatised in the *département* (region) of Isère: it was the status of survivors from the arrests on the 11th of November 1943 in which the communist representation was very clear (Galera E. and Vercuysen J.-L., 1974)¹. A man illustrated it: Blaise Giraudi in the name of the Communist Party and militancy for social Duties.

In 1945, French Government decided to give to the wounded *Résistant* (resistant) the status of former soldier in an administrative way: their sequels were recognized and supported by military pensions. So, the main objective for survivors in 1945 was to be accepted in the status of *Résistant*. But for the ones from the 11th of November 1943, it was a real problem by the definition given to this event. If the suffering was publically recognised, this occurrence would have been defined as patriotic but not as a resistant fact because of the non acceptance of it by the head of the *Résistance* (Resistance), René Gosse, in the name of every group, except one, the communists. It explained the position of Blaise Giraudi and the ADIRP Isère helped by the PCF after the war.

In 1952, in the name of the survivors of the 11th of November 1943, Roger Ricard from the local service of the Ministère des anciens combattants et des victimes de guerre (ACVG, Ministry of Former Soldiers and Victims of War) sent a letter to his Ministry². He had been the voice of the communists because of the element showed. Instead of reminding the order of non intervention from the Doyen Gosse, he decided to choose the early argument of the total agreement by the different groups of *Résistance*, the same one which had been denied 12 hours before the beginning of the demonstration, the one which was still referred to by the communists after the war in favour of the survivors from the 11th of November 1943 because of their membership to their own group and to the ADIRP Isère (Dupinay-Bedford K., p.393). So, a specific strategy had been put in place to change the status of these persons, following in that way the non agreement concerning the strong distinction made among deported persons because of their resistant actions for some and because of their political actions for others, the demonstration being example. Clearly, these survivors who had been designated as political survivors in accordance with the Act N° 48-1404 of the 9th of September 1948 (*Journal Officiel*, 10th of September 1948) wanted to change for the status of the resistant survivors defined by the Act N° 48-1251 of the 6th of August 1948 (*Journal Officiel*, 9th of August 1948).

One year later, the ministry of the ACVG first notified a negative response to this first claim. In accordance with the French Law, Blaise Giraudi with the acceptance

1 On the 11th of November 1943, 1 500 Grenoblois walked in the streets of Grenoble to commemorate the armistice of the 11th of November 1918. 600 had been arrested and 391 deported to Buchenwald and Dora via Compiègne. 120 returned to Grenoble in 1945; most of them became members in the ADIRP Isère.

2 ADI, 13 R 967: Arrests from the 11th of November 1943. Lists of arrested persons, liberated, investigations, interventions, Copy of the letter from Roger Ricard to the ministry of the ACVG.

of Louis Baille-Barelle for the ADIRP Isère and of the PCF, appealed on the 24th of February 1954¹. At this moment, the importance of the local Court made the difference. Reminding the memory of the war and the union of the *Résistance* in Isère to the different commissions in Grenoble in which some persons were *Résistant* was the right thing to do in this case. It worked out. Some local judgement accepted the attribution of the recognition of *Résistant* to some survivors of the 11th of November 1943. The national Court based in Paris warned the Isérois about the illegal way. But the context was tensed by the political opposition between the communists and the French government. So, in the name of an appeasement, on the 29th of August 1955, the ministry of ACVG accepted to ratify an established situation².

If this case was a real social battle won by the ADIRP Isère for the claims of the survivors of the 11th of November 1943, if the group appeared as a strong militant instrument addicted to the PCF, it made a break between two periods. One in which the communist way wanted to be defined as the voice of the specific claims of the survivors from concentration camps and as the instrument for political struggles. Another one in which a non political group – the Association of Deported Persons, Imprisoned and their Families – developed a support to these persons without the help of any political party in reaction to what was so criticized by half of the survivors as well as by the population who considered these persons were in the same case in the local memory.

Survivors' associations in Isère had been created to support specific memory and claims. But, instead of acting just as a group of survivors in the name of the unification exposed by the *Résistance*, they had been integrated and appropriated by the political debates of the French life in premium years after the war. There could be no other way because of the political composition of the *Bureau* of the ADIRP Isère in Grenoble: it was an aggregation of communist militants who had fought during the war in the name of the PCF; they did the same to have special claims in the name of their suffering and sacrifice after it.

Their political actions for absolute duties illustrated the opposition between socialists based in the town hall of Grenoble supported by the *Préfecture* of Isère, and communists in different groups like the ADIRP. Up to 1955, survivors had not spoken about the *gaulliste* way because of the myth of the betrayal in the Vercors during the summer 1944, but they did a year later because of the criticism developed against the ADIRP Isère by a group of survivors themselves who denied the militant touch given by the communists.

In fact, several comprehensions had been developed as part of searching and defining new duties for a group whose suffering disrupted the Memory of Victory in France, in the same way populations and the government did by the definition of these survivors and the attribution of their specific duties.

As regards the survivors' way, the nation had to help them in the name of their suffering, so their battles for social duties appeared as a question of Honour. If the communist representation was isolated in this reflexion, it appeared normal to appeal to help and contribution from the communist pattern because of the logic born during the war: they had been the first in clandestine battles, previously because of the clandestine

1 AMG, 4 H 78: Card for *résistant* deported and imprisoned persons, notifications for the survivors from the 11th of November 1943, Letter from Blaise Giraudi to the ministry of the ACVG on the 24th of February 1954.

2 AMG, 4 H78: *op.cit.*, Letter from the ministry of the ACVG to the mayor of Grenoble on the 29th August 1955.

way imposed by the decision from the French Government of Daladier in 1939. It also seemed normal, if we consider the network of communist appropriation in town hall such as Fontaine and Saint-Martin d'Hères in the suburbs of Grenoble, which had been seen as traditional in Isère, since before the war.

But for the survivors who were not in that logic, this was a total incomprehension. For those, there were no political considerations during the war to fight against Nazism. So, the communist representation and implication was not logical for half of the survivors which were not communists. In this way, social duties were not a political struggle but a question of duties and military logic.

In front of survivors, populations did not understand oppositions among them. For public considerations, they were the same: men and women who suffered in concentration camps, survived and came back fortunately. No matter what they had done before being imprisoned, no matter if they were *Résistants* before it. In fact, populations felt uneasy with them: evoking deportation is evoking Vichy and the policy of collaboration. Moreover, when survivors returned to Grenoble, *Isérois* wanted to believe that war was definitively over, but their presence opened another development: if battles were over, peace was not complete to those who supported the consequences in their bodies and minds. This incomprehension was palpable during the 2nd of June 1945 when survivors walked in silence in the street of Grenoble, some *Grenoblois* sitting down in *Cafés* did not stand up: they did not understand the feelings of survivors, nor later in militant and social battles developed by survivors for absolute duties.

So, political actions for absolute duties showed a real problem in the first years after the war: there existed a gap in the French Law: Acts did not consider the specific status and needs of the survivors because the phenomenon of concentration camps was new. The only group which could fight to change it was the one supported by the PCF, giving logically a militant connotation in the first times.

List of abbreviations

ADIRP	Association départementale des déportés et internés résistants et patriotes
CDLN	Comité départemental de Libération nationale
PCF	Parti communiste français
PDR	Prisonniers, Déportés et Réfugiés

References

Bossin, 1968, *Droits des anciens combattants et victimes de guerre*, Paris, Lavauzelle.

Courtois S. and Lazar M. (dir.), 1980, *Histoire du Parti communiste français*, Paris, Presses universitaires de France.

Desvages H., 1980, « Le parti communiste et la Résistance dans l'Isère : histoire régionale et histoire nationale », Passerin d'Entreves E., *Guerra e Resistenza nelle regioni alpine occidentali. 1940-1945*, Franco Angeli Editore.

Dupinay-Bedford K., 2010, *Les déportés en Isère. Histoire des associations, Genèse et revendications (1945-1992)*, Paris, Harmattan.

Dupinay-Bedford K., 2010, *Les déportés en Isère. Histoire des associations, La mémoire (1945-1995)*, Paris, Harmattan.

Frenay F., *Méthodes d'un parti. Alerte aux démocrates*, Paris, Les Editions Universelles.

Galera E., and J.-L. Vercuysen J.-L., 1974, *La manifestation du 11 novembre 1943*

à Grenoble, Mémoire de fin de cycle, Institut d'Etudes politiques de Grenoble, Grenoble.

Joinéau C., 1971, « Les droits des Résistants, des victimes du nazisme et du fascisme dans la législation française. Aperçu des ordonnances et des lois pour la défense des droits des anciens Déportés et Victimes du nazisme et du fascisme », *Cahiers de la Fédération internationale des Résistants*, Vienne.

Kriegel A., 1974, « Le Parti communiste français, la Résistance, la Libération et l'établissement de la IV^{ème} République (1944-1947) », colloque franco-italien de Naples, *Communismes au miroir français*, Paris, Gallimard, p. 160-176.

Laborie P., juillet-août 2001, « La mémoire, entre politique et histoire », *Les Cahiers Français*, N°303, Paris, La Documentation Française.

Lalieu O., 1994, *La déportation fragmentée : les anciens déportés parlent de politique, 1945-1980*, Paris, La boutique de l'histoire.

Matard-Bonucci M.-A. and Lynch E., 1995, *La Libération des camps et le retour des déportés: l'histoire en souffrance*, Bruxelles, Complexe.

Wolikow S., 2006, *Les combats de la mémoire. La FNDIRP de 1945 à nos jours*, Paris, Le Cherche midi.

From Resistance to Civil War: The White Terror in Central Greece (1945-1946)¹. Lee Sarafis²

The Outbreak of WWII

During the 1940s Greece went through a series of unprecedented experiences and subversions which started with the outbreak of the Second World War on 28 October 1940 when Italy declared war against Greece and within hours launched an attack from the Albanian terrain.

The Greek army mobilized quickly and managed to fight successfully against the Italian army until March 1941. As a result of Italy's military failure the German army attacked Greece in April 1941 and within two months it had managed to occupy all Greece from north to south, from Macedonia to Crete.

The King of Greece, his appointed government and the political establishment of the country fled a few weeks before the Germans took total control.

Occupation

Greece was divided into three zones of occupation, German, Italian and Bulgarian and a Greek government of collaborators was established. The Germans organized all aspects of the Greek submission, and occupation was particularly harsh and brutal from early on. Everything from raw materials to manpower was quickly put at Germany's disposition and used to supply the German army and the German economy. Unemployment increased dramatically and industrial production fell close to zero. Industrial stock and machinery was sent to Germany, prices began to escalate and inflation shot upwards. The new conditions had an immediate effect on food supply. And while in rural areas the basic needs could be met from the agricultural production, Athens faced dramatic problems culminating to the great famine of winter 1941-1942 which claimed more than 260,000 lives. Soon the Black Market was introduced, under the blessing of the occupational forces and the collaborationist authorities. People were driven to despair by hunger, by the numerous daily deaths from the famine, by unemployment and the total absence of state support. Social structures started crumbling away, as result of a novelty of the 2nd WW, which was the *total war* introduced by the Germans and which aimed equally against soldiers and civilians.

Resisting the Occupation

The first months of Occupation produced a significant political and administrative gap. The desperate Greek population turned to self-preservation practices so as to avoid

¹ This paper is based on Lee Sarafis' Ph.D thesis "Occupation, Resistance and White Terror in two Greek villages: the local origins of Civil War" which was completed in 2005 at the University of Sussex. The thesis is under publication in Greece.

² Lee Sarafis' first academic degree was from the Department of Political Science and Public Law at the University of Athens' Law School. She then got an MA at the University of London (an intercollegiate course) on the History of the European Labour Movement. At the University of Essex she took courses on Oral History with Professor Paul Thompson who was her first supervisor on her doctoral thesis. The latter was completed at the University of Sussex (under the supervision of Al Thomson). She has worked for a number of years using Oral History methodology, and has taken part in conferences both in Greece and the UK. She has published essays in English and Greek books that focus on the 1940s in Greece. At the moment she works on her thesis' Greek publication. She is an independent researcher, married with three children and works in fashion business.

the occupational forces and survive, manifesting its resistance spirit individually and at random, with every given opportunity. Gradually, the political and administrative gap was filled by the resistance organizations.

A good number of these sprung up in Greece but the greatest in numbers, support and structure among them was set up in September 1941 by a number of political figures representing trades unions and political parties of the Left, the Communist Party most important among them. The organization was called EAM (*Ethniko Apeleftherotiko Metopo*, National Liberation Front) and introduced new standards of political organization, as it had no single leader but was ruled by committees. It talked of social justice, denounced the appalling life conditions and acknowledged the need to help the daily efforts of citizens.

In February 1942, members of the Communist Party together with EAM's secretary set up ELAS (*Ethnikos Laikos Apeleftherotikos Stratos*, National Popular Liberation Army) which was to become the military wing of the EAM movement.

Other resistance organizations, such as EDES and EKKA were set up in certain parts of Greece, but failed to gain popularity and gradually depended exclusively on British support, while their activities focused on small and specific Greek areas.

By the end of 1942, EAM was well developed in the urban centres and numerous ELAS groups were operating in the countryside. Progressively, ELAS became a well organized guerilla army (with a significant number of army officers serving in its ranks) mobilizing large numbers of young people (particularly from the rural areas) who either fought in its military formations or in the reserve ELAS. It came under the command of the Middle East Headquarters and its activities proved vital in the war the Allies fought against the Axis. It also managed a significant grow in numbers: from 12,500 guerillas in the summer of 1943, the ELAS manpower was around 50,000 upon liberation (in October 1944).

At the same time in both urban and agricultural areas, EAM's organizations and activities came to cover all aspects of life. Children from 7 to 15 years of age were organized in "the Eaglets" carrying messages in and out of urban areas, writing slogans and stealing information without raising suspicion. The EPON was the most important resistance body for Greek youths. Its ranks included boys and girls of all classes, many of whom were students. By the end of occupation, EPON numbered 500,000 members throughout Greece (of whom women made up an unprecedented 40%). The National Solidarity was a welfare organization supporting the victims of occupation and retaliation, and the families of killed ELAS guerillas.

Additionally, EAM-ELAS instituted a system of local government in all mountain villages which had been liberated by ELAS. A committee elected in every village managed local affairs on security, education, justice and supplies. Popular Tribunals were set up and worked under the bill on popular Justice issued by EAM's legal experts.

EAM's most significant contribution to the people of the Greek countryside was that it provided their political education and helped them develop participation processes. Until then peasants had lived in isolation, forsaken by the Athenian state. For the first time the villagers had direct access to political and social matters and were actively involved in the political process.

As the numbers and strength of the resistance movement were growing so did the brutality of the German occupation. Burning, looting, killings, executions and all kinds of violence were constantly performed by the German troops in both countryside

and cities. Also the Germans managed a tragic 81% extermination of the Greek Jewish population.

The new political power brought by EAM's resistance movement consisted an important opponent for the old political establishment (which in most part lived outside Greece during the occupation), which supporting the re-establishing of the King allied with the British in the fight for Greece's political future.

Western Thessaly and Oral History

The area of Western Thessaly in Central Greece, embodies an interesting geographical variety: it is encircled in north, west and south by mountains. In the east the area opens into the large plain of Thessaly, a particularly fertile land stretching all the way to the Aegean sea. In 1940, both the mountains and the plain were filled with villages, the mountains rich in history but poor in product, the plain the opposite. In any case, life in both areas, mountains and plain, was dependant on the cultivation of the earth and the keeping of livestock.

My field work concentrated on two villages of the area, one of the mountains and one of the plain, and my aim was to bring out each village's history as well as their similarities and differences in the developments of the 1940s. I worked in both villages for a period of six years during the 90s, collecting the villagers' life stories, using the methodology of Oral History. Oral History was closer to my inclination and my belief as an historian that I should bring out the voice of the people who especially in the period under examination were the vehicles of history.

All in all I collected 32 individual and 5 group interviews in Deskati, the mountain village and 12 individual and 4 group interviews in Farkadona, the village of the plain. A few months after having completed the field work in the villages I did a similar project in Trikala, the largest urban centre of western Thessaly.

In the early 1990s, before I started my research on the region, there was an augmenting interest in the 1940s in Greece. For many, the Greek Civil War which took place from 1946 to 1949 was directly linked to the preceding years of Occupation and Resistance. On the civil war's aftermath, the winners who had been decisively supported by USA, both on the military as well as the political level, acted as agents of the foreign power amidst the Cold War. The guerillas of the Democratic Army who had been defeated in the Civil War were deprived of the Greek citizenship and spent nearly 30 years in Soviet Union or countries of the Eastern block. For years the left was constantly persecuted, many of the rank and file of the EAM ELAS resistance movement were imprisoned or exiled. In fact, Greece's regime until the coup d' etat and the dictatorship of the colonels in 1967 was democratic only in name.

It was the gradual development of the interviewees' life stories that brought out the outstanding importance of the period between the liberation from the German occupation and the start of the Civil War. This is the period of the White Terror which stretches for about 18 months between March 1945 and November 1946. During this period, large numbers of the population were persecuted for their participation in the EAM - ELAS resistance movement. The White Terror was particularly harsh in the areas in which the resistance had developed in a large scale and numbers and western Thessaly is such an area.

There are differences in the ways the White Terror was organized, orchestrated and manifested in the mountains and the plain of Western Thessaly, and my presentation follows these differences. As we shall see geography, the level of

participation in the resistance movement and the proximity of each village to the urban centre were of significant value.

Deskati

This is the mountain village of my research which occupies the western part of a small plateau and stands in an altitude of 720 metres. It has always been a rather large village in size. On the eve of the 2nd World War it had 4,000 inhabitants. The Hasia mountains on which Deskati stands, have a low altitude and generally poor ground. For centuries the village was rather isolated, away from the main roads that linked the urban centres. Communication and transport was difficult. During the 1930s the villagers were occupied in agriculture and stock raising for the most part with few means to help their daily work. A small number of families were considered better off, having inherited land and cattle from their ancestors. On the whole the village managed though without luxuries.

Farkadona

The village of the plain is Farkadona and lies on the western part of Thessaly's plain, next to the national road that links the two large cities of the region, half way between them. Location and geography has always made Farkadona easily accessible. During the Ottoman occupation it was part of a large fief, as were all villages of Thessaly's plain.

Compared to Deskati's size, Farkadona was considerably smaller. In 1940 it had 1,740 inhabitants. This is the case with Thessaly's plain, it has a large number of villages small in size whereas the mountains have much less villages in number but each larger in population.

The fief of Farkadona was distributed to its labourers in the 1920s. The distribution however did not bring any significant class stratification; the new landowners were in debt to the Agricultural Bank of Greece in order to pay for the part of land they were entitled to but could not afford. Four families were considered better off in the village as they had a bit more land than the average owner. Every family kept a few sheep, the occasional cow for milk, hens for eggs and meat.

In pre-war times both villages Deskati and Farkadona were agricultural communities with work in the fields as their main occupation. Both were dependent on nature, soil, weather and their livestock in order to make a living. Being on a well watered plain, the land in Farkadona was far more productive and easy to cultivate, while Deskati's land was poor and difficult. The substantial characteristic to differentiate one village from the other was the geographical location. Geography affected daily developments in the 1940s shaping decisively the history and experience of each village.

Deskati - From Spring 1941 to Summer 1945

As occupation developed in June 1941, Deskati was part of the Italian rule that extended over most part of Thessaly. One of the first impacts of the occupation was that groups of the Italian army visited the village calling everybody to the central square and announcing that all were demanded to hand over any guns in their possession. For the collection of the guns the Italians relied on the local collaborators' intelligence and help. They arrested a few villagers who had not handed their guns, kept them in the gendarmerie and beat them forcing them to surrender their weapons.

By the end of summer 1942 an EAM committee had been set up in Deskati, operating secretly. Around the same time the first guerilla groups had appeared in the mountains around Deskati. One such group got in touch with Deskati's EAM committee and arranged visiting the village at the end of December 1942.

Upon their arrival, the guerillas closed in upon the gendarmerie station, arrested the commander while the gendarmes showed a favorable attitude. Two notorious collaborators were executed in the village's square and after the execution the guerillas addressed the people who had gathered speaking about EAM's cause to fight the occupiers and calling all young men to arms. There was an enthusiastic response and some 450 young men volunteered. Deskati's youth continued stuffing in the succeeding months both the military and reserve ELAS.

From that day Deskati became part of the liberated mountain areas of Free Greece. The local committee of EAM undertook the administration of the village, organizing gradually all aspects of everyday life as well as issues of security, transport and liaising with the neighbouring liberated areas. The new administration introduced a whole series of measures concerning the social life of the people. The main objectives were:

(a) to allow the everyday life of the people to go on without problems and (b) to ensure the best possible support to the resistance activities of the region.

In February 1944 the German army attacked Deskati, as part of a large anti-guerilla campaign. EAM had organized the evacuation of the village, and the people went into hiding in the surrounding areas. A few were caught and executed while the Germans remained in the village for about a week before continuing towards the north. The German attack represents for the interviewees the darkest phase of the occupation as they came close to the occupiers' brutality and its effects.

Actually, Deskati was away from the developments that took place in Athens after the liberation. As we have seen, during the occupation and resistance the rural areas had become the centre of activities. After liberation however, the efforts for the re-establishing of state had brought Athens once again into the limelight. Athens had witnessed the armed clashes of December 1944 between the reserve ELAS and the British troops which had resulted in the *Varkiza* agreement. This was signed between the British military command (which had undertaken to supervise the liberation of Greece), the provisional government and the EAM-ELAS leadership. The *Varkiza* agreement regulated the dissolving and disarming of ELAS and guaranteed basic civil rights paving the way to the first post occupational elections in Greece. The dissolution of ELAS brought back to their homes the large number of Deskati's young men who had fought as guerillas.

The White Terror in Deskati

The White Terror began with the establishing of the state's authorities in the village. In the summer of 1945 Deskati's gendarmerie station was staffed once again. One of the gendarmes had arrived with orders to set up a special squad. This squad consisted of a few gendarmes and a number of locals (of Deskati's wider region) willing to collaborate. The squad's only task was to act against those who had been active in the resistance and in Deskati there were many. It worked parallel to the gendarmerie but was frequently supported by it. The squad began its activities by stopping people at midday in the square, beating them up publicly, or arresting and bringing villagers to the gendarmerie. Excuses given would be trivial such as wearing a red pullover, or failing to pay respects to the passing squad.

As time went on these incidents became more and more frequent and brutal. The squad would bang on people's doors at night, taking people for "questioning". The time of imprisonment varied as did the beating and torture. Nobody was given substantial reason for his arrest and/or his release. The squad and the gendarmerie acted with complete arbitrariness which provoked the whole village but brought no intervention by the state's authorities. Thus, most of the people in Deskati young and old, men and women, who had been involved in the resistance felt highly insecure to say the least. By the end of 1945, the first killings by the squad had taken place. The relentless persecution drove people to hide away from their homes. This soon led to the formation of groups of runaways who sought refuge in inaccessible mountain areas surviving with material support by the local villages and their families.

At the end of March 1946 the first post war elections took place amidst wholly undemocratic circumstances. By then the extreme right had become powerful and had managed to suppress openly all opposition including the moderate politicians and those of the centre. It had helped in the creation of the parastate which had promoted its members in all echelons of power, the army, the gendarmerie and the police. Under the circumstances, all political parties participating in EAM abstained from the elections, together with a few parties of the centre, denouncing the methods used by the parastate.

The elections were held in blatant violation of the *Varkiza* agreement. A right wing party with strong links to the parastate took the majority of the votes and established its power. The government that formed undertook quickly the official purge of the left issuing a Parliamentary Resolution which officially outlawed the EAM ELAS people.

Court martials were set up everywhere in the country to sentence the Resolution's violations. Executions started taking place from July 1946 and multiplied. Exile camps were organized and by the end of the summer over a thousand had been exiled.

While the runaways from Deskati had sought refuge away from home, waiting for things to quiet down and enable them to return, from June 1946 they had to face a new reality: their unofficial persecution had now been made official.

In the summer of 1946 there were hundreds of resistance people hiding in the mountains of central Greece, among them many from Deskati. They now knew there was no way back.

Farkadona – From Spring 1941 to Spring 1945

We stated that Farkadona lies on the plain and was always easily accessible, lying next to one of the main roads that run through Western Thessaly. Being rich in agricultural product Farkadona was from the first weeks of occupation harassed by the Italian army and later by the German army. A small group of Italian soldiers would come to the village every Saturday, the day of the weekly market, and go into systematic plunder. From the autumn the Italians escalated their abuse coming straight into people's homes searching for goods, taking anything they found useful and of value. At the same time they commenced the collection of guns using the same methods as in Deskati.

By late 1942 a group of guerillas appeared in the mountains above Farkadona. The guerillas got in contact with people who were already initiated in EAM but in Farkadona (as everywhere in the plain of Thessaly) because of the harsh occupational conditions, the local resistance group was a small clandestine outfit.

As the guerillas of ELAS were growing in numbers they began to attack the Italian army. Thus the villagers of the plain became easy victims of retaliation and Farkadona was one such victim. After a series of attacks by ELAS, the Italians rounded up the village, arresting and executing 15 villagers. A few days later they returned and set fire to the homes of the executed.

From then on, apart from plunder, Farkadona was victim to the Italians' wrath and retaliation. With each attack the occupiers would set fire to houses at random, would fire at people in the street injuring them, acting brutally each time. Such was the ferocity of these attacks that in the summer of 1943 the villagers decided to leave and settle temporarily in the shacks each family kept on their fields. In this way, the social coherence of the village was dismantled and only the old people who had trouble moving remained in the village. Although it was a temporary measure, the developments of the occupation and the consequent precautions, kept the villagers away from their homes for about 16 months. The return to the village took place in October 1944 after the area was liberated from the Germans and occupation had ended.

Under these harsh and extraordinary circumstances Farkadona's participation in the resistance one might say was marginal compared to that of Deskati. Deskati's volunteers who joined ELAS at the first visit of the guerillas was 450, while Farkadona's young people who fought at the ranks of ELAS were about 40. But taking the matter away from participation in numbers, in my opinion Farkadona's contribution to the Resistance was equally important to that of Deskati as it had to do with the vital materials and supply of a fighting army.

As was explained to me by the interviewees, ELAS relied on the provisions supplied by the villagers of Farkadona as of all the villagers of the fertile plain of Thessaly. Based on a very efficient network that was set up in these villages by the ELAS organization ETA, food supplies were gathered from each village and then transported to the ELAS warehouses. This was done with considerable danger through the plain of Thessaly which was supervised and controlled by the Italians and their Greek collaborators. The supplies were given by the villagers despite the systematic plunder of the Italians. I was told that the families divided their crops in three parts: one for the family, one for the Italians to plunder and one part for the guerillas. With the villagers' deprivation the ELAS guerillas were given the means to survive and fight the war. Thus, Farkadona's contribution to the Resistance was of fundamental importance.

The White Terror in Farkadona

When Liberation came in the middle of October 1944, the people of Farkadona returned to their homes and their priority was to repair and in cases to rebuild their destroyed or burnt houses. There were also major problems with provisions, due to the looting of resources that the Germans had carried out on the eve of their departure from Greece, problems which had to be solved quickly in face to the incoming winter. The gendarmerie station was re-established in Farkadona at the middle of March 1945, with 5 men and an officer.

There are significant differences to the White Terror development in Farkadona compared to Deskati, the main one lying in the way it was organized and conducted:

By the middle of March 1945, only days after the dissolution of ELAS, groups of armed civilians sprang up like mushrooms. These groups raided local communities, intimidating the people. By the end of Spring the whole plain of Thessaly was riddled by these gangs. Their pattern of practice was more or less the same: they would enter the village on horseback, shouting threats and swears against people who had helped the

resistance or at random. In certain cases they would gather all the villagers in the church where the leader of the gang would give a speech such as “we are in control now, all you communists or pro-communists shall live in fear! You are at our mercy!”

At the same time the gangs would take and molest young women at night. One can easily understand that at the time the effect was very grave on the molested woman’s family. Rural communities had a heavy set of rules concerning honour and dignity and even at the time of my field work it was extremely difficult to get people to speak about women who had been violated.

In the summer of 1945 the gangs started taking people from homes, torture them at night or dragging them to the square to beat them publicly. In cases they would keep them for days, parading them from village to village. Two killing by torture were done during the summer of ‘45, in Farkadona’s area alone.

The gangs would also go into plunder; they would raid houses to take whatever valuables they could find. Because they were locals they knew of the richest households in each village and would raid these first.

In certain cases they destroyed the ready crop in the fields: the gang would take a horse or mule which would trample down the plants with all the devastation this would bring.

Until the end of summer 1945 there was no protection provided to the victims of the gangs by the local authorities. Moreover, from the autumn 1945 the local gendarmes started taking part in the terrorist gangs’ activities.

The persecuted people in the plain of Thessaly had extreme difficulty in finding refuge from the gangs. Those villagers who had already been victims of the gangs or others who had been threatened and were potential victims could not seek shelter easily. I was told about two men from Farkadona who tried to hide in the fields but as the plain was easily searched, they were eventually caught by the gangs to be killed in a most horrible way.

Only a few of Farkadona’s villagers managed to make contact with the groups of runaways that had formed in the nearby mountains. These few managed temporarily to survive.

The patterns of the White Terror

Through their narratives and while they talked about the ways, the methods and developments of the White Terror the interviewees brought out certain information that, when put together, showed that the White Terror had been carefully planned and orchestrated. A few data that confirm that it was a centrally made plan is:

- The simultaneous appearance of the White Terror gangs only days after the dissolving of ELAS.
- The similar methods in which the gangs acted and the way these methods developed in time. The gangs started their activities in the same way and escalated their use of violence simultaneously.
- The seemingly unorganized practices of the gangs reveal a good organizing at a closer look: each gang had a leader and there was no dispute about him. Each gang was operating at a specific area, but some of the gangs had command of wider areas. These gangs’ authority was recognized by the less important ones.
- The gangs’ members were people who (at best) had had nothing to do with the EAM ELAS resistance movement during the occupation. Some of them had a criminal record before the war and others had collaborated with the Italians and Germans. None

of them had ever showed political initiative. It was as if somebody called them up and gave them directions to form gangs and terrorize.

- The gangs held Italian arms when they paraded in the villages, arms which in most part were taken by the ELAS guerillas when they won battles against the Italian army. These particular guns were surrendered by ELAS upon its dissolving and were kept in warehouses under the state's authority. It looks possible that the state authorities had opened these warehouses in order to arm the gangs.

- Last but not least, there is the collaboration of the local gendarmerie with the White Terror gangs, long before the first post-war elections. The country was ruled at that time by a series of provisional governments who placed immunity over the gangs and their members. Any attempt by the victims of White Terror to find justice met with sarcasm by the state's authorities.

Conclusion

Putting the White Terror in a wider perspective, although much remains to be researched about the way it was carried out in other parts of Greece, we realize that it was a weapon used by the old political establishment to retain its place in the new circumstances while the occupation and the Resistance movement had created extraordinary circumstances. The involvement of the people in the EAM ELAS Resistance movement was of an unprecedented scale. Moreover the particular social effects of the Resistance such as:

- The political awareness
 - The practices of self-governing and the experience of participation
 - The political consciousness that the young generation had formed
- consisted a significant threat to the political establishment of pre-war times and had to be dealt with immediately and decisively.

We saw how both villages, in mountain and plain experienced suffocating circumstances during the White Terror. Both villages that we examined had taken part in the Resistance in the ways that were presented. A normal development would be for the Resistance movement to participate in the political process of the post war era. However, the old political establishment which had nothing to do with the resistance against the Germans and had lived in most part away from the country during the occupation, had no history of democratic practice in pre war times but instead had demonstrated constant use of force and violence in order to exercise and assert its power.

Thus it sought first of all to ensure the dissolving of ELAS, the guerilla army. Immediately after succeeding in this it orchestrated the White Terror using it to terrorize the population and cancel the effects of the resistance experience.

Furthermore, the period was crucially important in the following developments. We saw how people had been forced to seek refuge away from their homes, becoming runaways. As the White Terror was legitimized by the first post war government, those persecuted and in hiding, having no way back, provided the basis for the guerilla army that was officially formed at the end of October 1946 and which fought the state's army in the Civil War that went on until 1949. The White Terror sped up the developments towards an armed clash and its organizers bear enormous responsibility in devastating the country for a second time within a decade.

Abbreviations

EAM *Ethniko Apeleftherotiko Metopo*

(National Liberation Front)

EDES *Ethnikos Dimokratikos Ellinikos Sindesmos*

(National Democratic Greek League)

EKKA *Ethniki kai Koinoniki Apeleftherosi*

(National and Social Liberation)

ELAS *Ethnikos Laikos Apeleftherotikos Stratos*

(National Popular Liberation Army)

EPON *Ethniki Panelladiki Organosi Neolaias*

(National Panhellenic Youth Organization)

ETA *Epimelitia tou Andarti*

(Guerilla Commissariat)

Revolt and War. The Greek Armed Forces in the Middle East during the Second World War. *Procopis Papastratis*¹

This paper examines the escalation of the political activities in the Greek Armed Forces during the Second World War which culminated to a revolt and its political repercussions.

Italy invaded Greece from Albania on October 28, 1940 but very soon the Greek Army counter attacked and pushed back the Italians and advanced into Albanian territory. Nazi Germany attacked Greece on April, 6 1941 from Bulgaria. In spite of the victories over the Italian Army in the Albanian Front it was impossible for the Greek Army and the small British Expeditionary Force which was sent to Greece to resist for long the German attack. The dictator General I. Metaxas had died at the end of January 1941 and the inherent weaknesses of his authoritarian regime were revealed to all.

Following the German attack the dictatorship collapsed. The leadership of the Army was unable to face the situation. King George, who had agreed to the establishment of the dictatorship in 1936 and supported Metaxas until his death, wanted to demonstrate that the regime continued without any change. He realized that the defeat was inevitable and he was ready to depart from Greece to continue the war from abroad. However even at the height of this unfolding crisis King George could not discard his doctrinaire conservatist mentality and accept the advice of the British Minister Sir M. Palairet to form a political Government of National Unity.² The King's refusal underlined for yet another time that he himself was the actual leader of the dictatorship in Greece.

This British advice was based on long-term political considerations. Until the Axis attack on Greece the British Government had succeeded to transfer and establish in London Governments-in-exile from all occupied countries. This successful operation ensured a double British aim. Britain was not fighting alone and secondly it was preserving, under its control, nuclei of the prewar bourgeois political order from any dangerous contamination by collaboration, in order to be returned and hopefully restored to power upon the liberation of Europe. In the case of Greece they did not want to transfer abroad, when the time of evacuation would come, an Allied Government which was the actual continuation of a dictatorship with close ideological affinities to Fascist Italy and Nazi Germany. The stubborn refusal of the Greek King to form a Government of National Unity, as the British had suggested, denied their propaganda a solid argument but most importantly had long-term political effects. It undermined the political credibility of the Government which was hastily formed to continue the war

¹ Procopis Papastratis is professor of history at Panteion University of Social and Political Sciences in Athens. Graduate School of Law of Athens University, M.A and a Ph.D . in History from London School of Economics and Political Science. Taught in the Department of History and Archeology in the University of Crete. Principal publications: *British Foreign Policy towards Greece during the Second World War, 1941-1944* , Cambridge University Press 1984, 2008. Spiliotopoulou Maria, Papastratis Procopis (eds) *A Chronology of Events 1940-1944. From the Documents of the British Foreign Office*, 2 vols. Academy of Athens, Athens 2002 and 2004. Ch. Hadjiiossif, P.Papastratis (eds) *History of Greece in the 20th Century. World War II, Occupation-Resistance 1940-1944*. 2 vols, Bibliorama, Athens 2007. *Political Power and the University in Greece, 1890-1932*. under publication by the University of Crete Press.

² Palairet to F.O. telegram, 8 February 1941 published in *To Vima*, 25 January 1972. The Foreign Office discussed extensively this possibility at the time: F.O.371/29862 R649/649/19 and R692/649/G F.O. to Palairet telegram, 4 February 1941.

from abroad. Also it would inevitably provoke further the strong feelings the majority of the Greek people had against the King, whom they held responsible for the establishment of the Metaxas dictatorship. The British Government had no illusions about his capabilities. The British Ambassador to Greece, who had to observe the King closely described him to Foreign Office as a very aloof and reserved northerner who 'never seems to me to think in terms of the best future for his country'¹. Nevertheless the British based their policy to Greece on the monarchy and this King in particular and it is for this reason that we examine the political position of the King. These developments form part of the framework within which Greek and British politics in the Middle East evolved.

The British decision to transfer the King and his Government to Egypt and to incorporate the Greek Armed Forces in the Middle East Theatre of Operations, under British command, had political repercussions which London did not evaluate properly at the time. Even if they did, they had no other alternative solution in the first years of the War, because the main priority was to defeat the Axis Powers and as a result they needed all available armed forces. The Middle East and especially Egypt, but also Palestine and Syria, where the Greek Armed Forces were stationed, emerged as the scene of entangled Greek political and military activities mutually affecting each other. The seat of the Government-in-exile and the Headquarters of the Armed Forces, the main base of the Navy, the Air Force and of the numerous Army Units was Egypt with its large, influential and long established Greek communities. These communities, a microcosm of the political situation existing in mainland Greece before the War, embraced the Greek political and military personnel which escaped to continue the war effort. In addition, these communities provided a highly fertile ground for the proliferation of the discussion on the Greek political developments between the politicians in exile but also within the Armed Forces themselves.

Since early summer 1941 the Greek Armed Forces now based in the Middle East started their reorganization to continue the war. First the ships of the Greek Navy which survived the German bombers joined in June the British Fleet into operations in the Mediterranean. Eventually it was reinforced by the British to become the second largest Fleet in the Mediterranean. It participated in combined landing operations in Europe and its vessels escorted convoys also in the Atlantic and Indian oceans. One of the two Army Brigade Groups under formation fought in the Battle of El Alamein from October 23 to November 5, 1942. Additionally to various auxiliary units, an Armoured Car Regiment was formed and a Commando Company of volunteers (the Sacred Company) which operated with British and Free French Forces behind enemy lines. The Greek Army numbered approximately 18,500 men. In the Greek Air Force five squadrons were formed.² The scene where these Armed Forces were stationed and expanded was characterized by a number of factors which influenced their development and composition: a) the existence of large and well established Greek communities in the Middle East and especially in Egypt which operated as receiving centers for the Armed Forces; b) a weak and amenable to British pressure Government-in-exile, officially recognized by London as the legitimate Government of Greece but ignored when all important decisions had to be taken: c) The political dimension which is inevitably omnipresent. It encompasses all decisions on a much wider context than the Greek case

¹ F.O.800/276 Leeper to Sargent, 24 April 1943

² Papastratis 1984: 33 – 34. Sweetman (ed.) 1993: 371

under examination, with the British reacting strongly to this situation only when it run against their own political interests.

The Greek political situation during the Second World War is characterized by a division between three different Greek entities, each one of them claiming to represent Greece. The first, is Greece of the collaborationist Governments, occupied by the Axis Powers, Germany, Italy but also Bulgaria. The second is the Liberated Greece of the Resistance, where the Ethniko Apeleutherotiko Metopo (EAM, National Liberation Front) established in the mountains of Central Greece a highly effective provisional Government based on the principle of people's government. The occupation forces appeared there briefly to burn entire villages, a practice they applied equally extensively to the villages in the planes and enforce reprisals, mainly massive executions of the local population. The third Greece is the one which operated in exile. The Greece-in-exile could not avoid but be influenced by developments in the occupied homeland. Apart from the brutal policy of reprisals and the terrible famine which eliminated ten of thousands of mainly urban population, the development of the Resistance Movement posed a serious threat to the postwar plans of the British, the Greek Government –in-exile and the bourgeois political parties. The gradual emergence of EAM with its military wing Ellinikos Laikos Apeleutherotikos Stratos (ELAS, Greek People's Liberation Army) as the most important resistance movement and the fact that it was controlled by the Communist Party of Greece was the decisive factor that influenced the policy followed by the British and the Greek Government-in-exile. The growing acceptance of EAM by large sections of the population would inevitably establish it as a new and powerful opponent in the post-liberation political scene of Greece. But as a result of their inherent mistrust towards everything communist the British and the Greek Government-in-exile perceived EAM as a threat which would seize power upon liberation. From early 1943 this assumption became the basic tenet of their policy on the Greek issue.

The concept of the Allied Governments-in-exile and the complex legal issues raised by their function outside their territory, emerged out of necessity and political expediency for the first time as a new phenomenon during the Second World War. Their Armed Forces, apart from the units which managed to escape were based on enlistment. They were basically volunteer armies of people who, traveling long distances, followed secret escape routes across borders or seas to enlist. In the extraordinary conditions of the War it was a serious commitment to undertake. The Greek Armed Forces in the Middle East were such a volunteer army. Their composition was diverse. A number of the personnel were members of the Greek communities abroad following the conscription orders issued by the Greek Government-in-exile. A steady flow came from occupied Greece, those escaping to enlist or to evade Axis persecution. They took advantage of a clandestine network of small fishing boats plying frequently the Aegean Sea transferring escapees to the Turkish coasts and returning with supplies and personnel for the Resistance. All those involved faced arrest at best, by the Italian and German navy patrols and execution at worst. It is evident therefore that in the Greek case at least, those escaping to enlist had a motivation, a political motivation to do so. Certain military developments in occupied Greece resulted in the enlargement of the Greek Armed Forces in the Middle East. Following the Italian Armistice of September 1943 the British tried to establish Allied military control on a number of the Italian occupied Dodecanese Islands. The success of the German attack forced the Allied Forces including the strong EAM/ELAS organization in the island of Samos to evacuate

the area¹. These EAM/ELAS forces joined the Greek Forces in the Middle East thus further reinforcing the Left contingent in them. However by that time the Greek Armed Forces had already two additional characteristics: they were highly politicized and to a large extent controlled by a Communist Organization, dominant among the rank and file and the non-commissioned officers.

It was the Antifasistiki Statiotiki Organosis (ASO, Antifascist Military Organization) set up in October 1941. Its aims were to create a large and well-trained antifascist army to continue the fight alongside the Allies and to help in the liberation of Greece. An equally important aim was to prevent the extreme Right from imposing by force a regime which was contrary to the wishes of the Greek people. These aims were all the more relevant as the regime of the Metaxas Dictatorship was then officially still in force while the Government-in-exile was reluctant until February 1942 to abolish it². The main aim of ASO that the Greek Army should continue to participate in the war was in direct conflict to a widespread belief among the Royalist officers, including the Prime Minister Tsouderos himself, that Greece had done its duty and only had to prepare carefully an Army to restore law and order in Greece at the end of the war. It was expressly stated by Tsouderos in a Memorandum to the King, already in July 1941. The ASO had its own clandestine mimeographed paper, *The Antifasistas* (The Antifascist). Branches were soon formed in the Navy and Air Force with their own papers *Eleutheria* (Freedom) and *Asteras* (Star). An efficient network of organizations was soon formed which extended its influence beyond the confines of the Armed Forces. The ASO cooperated closely from the start with the Antifasistiki Organosi Ellinon (Antifascist Organization of Greeks) in Egypt and the Omospondia Ellinikon Nautergatikou Organoseon (OENO, Federation of Greek Seamen Organizations). This powerful trade union merits special attention for its contribution to and also the losses it suffered during the War. This communist controlled network was further expanded when the Ethnikos Apeleutherotikos Syndesmos (EAS, National Liberation League) was established in February 1943 to propagate the ideas of EAM to the Greek Community in Egypt. The journal they published '*O Ellin*' (The Hellen) had always problems with the British authorities in Egypt but managed to continue its publication until 1945.³

¹ In Central Greece, embarkation points were usually the fishing villages in eastern Attica, in the vicinity of Athens, and in the eastern side of the island of Euboea. The fishing boats traveling by night were hiding during the day in Cyclades islands located in central Aegean. Simultaneously a network of clandestine wireless stations were established on these islands with the help of the local population transmitting information via Izmir to Cairo. (Papastratis 2001: 385 – 396)

Approximately 8,000 inhabitants of the island of Samos near the Turkish coast moved to the Middle East during the War. (D.Thrasylvoulou 2011:410)

Approximately 3,000 men from the island of Chios off the Turkish coast enlisted in the Greek Army in the Middle East. (V.Vougioukas 2011:493)

² H.Venezis 1966: 246 – 247 .

Tsouderos also asked the British to restore the King of Greece by force. The Foreign Office which suspected that Tsouderos was not eager to restore a fully democratic regime in Greece made it plain to him that they could not even contemplate such a policy. It is obvious that the British Government could not take into their confidence a Prime Minister whom they considered as a temporary solution. F.O. 371/33167 R1362 'Greek Constitutional Question' Draft Memorandum and F.O. 371/29909 R 9277.

³ A.Zervoudis 1985: 104-108. V.Nefeloudis 1981: vol. A 74-81.

Tsoumanis 2001: Chapter 6 of this extensively researched book refers to the formation of the Greek Seamen's Union and its activities.

The Greek political situation in the Middle East was indeed a complicated one. The Government-in-exile with its administration apparatus and the armed forces was established in a foreign country, Egypt, which only reluctantly accepted their presence as a result of British pressure. The numerous Greek communities established in the country in late 18th century started being divided between Royalists and Republicans (Venizelists) since the period of the First World War. It was a typical example of the Greek passion for politics that this division, the National Schism as it was called, was evident throughout the Greek communities across the world. But during the Second World War the new political formation of EAM had been added in the Greek political scene commanding everyone's attention. In the Greek Armed Forces, the officers' corps was equally divided between Royalists and Republicans since the First World War. Their own bone of contention was the Seniority List which during the interwar period was constantly revised by the Party in power. To promote their own political agenda and ensure their control over the Army the Royalist officers had founded during the second half of 1941 the secret organization *Ethniki Nemesis* (National Nemesis), numbering several hundred of supporters, and publishing their own clandestine paper. Another right wing organization was formed in January 1943 *Ethniki Panellinia Organosis* (EPO, The National Panhellenic Organization). The cleavage between the two sides had been deepened as the Royalist officers were dominant in the Armed Forces since 1935 when an abortive republican coup d' etat had resulted in the purge of the Venizelist officers. The latter were reinstated in the Forces following their establishment in the Middle East. There was growing tension and incidents between these two quarreling fractions of the officers throughout 1942 and early 1943 while the Armed Forces continued to increase, reorganize and participate in the war operations. At the same time the communist led ASO was spreading rapidly its influence and control through the rank and file.

This tension reached a peak in early March 1943 and the ASO intervened in the belief that there was an organized attempt by the Royalist Officers to remove the Republican officers, from the Army. The ASO with the Soldiers' Committees took swiftly control in both Brigades and put all 'reactionary officers' in their tents under guard. Then it addressed a document to the British Minister of State in Cairo assuring him in the most emphatic way of their decision to continue participating in the Allied war effort. The Organization accused the 'deplorable remnants' of the Fascist Metaxas regime of preparing the dissolution of the Army by submitting massively their resignations. This was indeed an innovating and rather absurd scheme during a period of war which had already come to the attention of the British military authorities. However the main demand of the Organization was the resignation of the Greek Government and its replacement by a really democratic one according to the wishes of the Greek people.¹

The British Military Mission in the First Brigade reported that the disturbances were an organized revolt caused in reaction to the present Government and the fascist politics of certain officers. The British Commander of the 9th Army, who visited the two Brigades, agreed and the British Commission of Enquiry stressed that the cause of the disturbances had been 'almost wholly political'.² The King and Prime Minister

¹ Papastratis 1984: 80

² W.O. 201/1765: BMM 1st Greek Brigade telegram PS1, 5 March 1943; General Holmes to CGS telegrams ADG175 and ADG177 6 and 7 May 1943. F.O. 371/37216 R6554 Court of Enquiry 'Report and Findings' 14 April 1943.

Tsouderos arrived from London to Cairo to solve the political crisis. The seat of the Greek Government was until then in London. However, it was the British Minister of State in Cairo, Oliver Lyttelton, who had been already instructed by Churchill to handle this crisis. Tsouderos could not possibly ignore any more the Soldiers' Committees of the Antifascist Organization. He reported to his Ministers in London that the lower ranks were in revolt and as a result the composition of the officers' corps did not matter any more.¹

Tsouderos' remark in fact meant that for the first time in Greek political history a military revolt was staged from below. In reality these developments meant that it was the first time that any Greek Government had to negotiate with an Organization of such a nature which was controlled by non-commissioned officers and soldiers who were middle ranking cadres of the Greek Communist Party serving in the Greek Army. It was clear that the British and Greek authorities could do nothing else because it was in fact a wide-spread revolt. The Soldiers' Committees in the Air Force and Navy had expressed their solidarity to the Brigades but did not openly revolt. The Committees in the Navy had deferred on purpose from revolutionary moves in order not to hamper the Navy's participation in the war.²

Yiannis Sallas, the Secretary of the ASO believed that although they had absolute control of the Army they could not undertake the responsibility to continue the crisis. He feared serious disturbances by the Royalist officers and realized that the Soldiers' Committees could not continue with the actual command of the Brigades. The best solution would be for representatives of the Resistance in Greece to form the nucleus of the Government but, as this was impossible at that stage, the Secretary of the Antifascist Organization decided to, accept Tsouderos to continue as Prime Minister and introduce in the Government republican politicians already in Cairo to whom he made it explicitly clear that they had to put aside their differences with Tsouderos and accept their appointment. The British on their part had to accept this Government, formed under the pressure from ASO, out of necessity and much to their disappointment.³ In the Spring of 1943 the cooperation of EAM and ELAS, the People's Army of Greece, was crucial for the British. The guerrilla activity of ELAS was necessary for the success of operation 'Animals' and in fact did divert German divisions from Italy in view of the Allied invasion there, scheduled for early summer 1943. Thus the British short-term military objectives, i.e. cooperation with the communist controlled ELAS Army had to take precedence over their long-term political objectives. These objectives meant the restoration of British political influence in postwar Greece by securing the return of the pro-British King and of an administration amenable to British influence. As a result the British authorities could not intervene decisively in this Greek crisis in the Middle East as they would do one year later in April 1944.

The British authorities and the reconstructed Greek Government in March 1943 had no illusion as to the nature of this revolt. The newly appointed Minister of Defense commented that the discipline in the Army was exemplary. However it was this conscious discipline that was frightening to him because as he said, 'this is exactly what

¹ Tsouderos Archives File E4: Tsouderos to Varvaressos and Michalopoulos telegram 65, 22 March 1943

² M.Lymperatos 1997: 275 – 277

³ Sallas 1998: 50-51. It is characteristic of the British disappointment, evident in numerous F.O. documents, that they resigned to accept this 'shop-soiled' government as long as it observed the continuity of agreements and served their propaganda purposes. F.O.371/37195: R2661 F.O. to Churchill PM43/103, 28 March 1943.

underlines the communist character of the army'¹. The Greek poet and diplomat George Seferis, who followed his Government in the Middle East noted in his Diary in March 1943 the remark of a British officer that he admired the Greeks '...because they had the courage to do, here in the Middle East, the first communist revolution in Europe. In front of them, I take off my bloody hat'.²

When the Greek Armed Forces revolted again, one year later in April 1944, the political and military situation of the war had changed completely. The fascist regime had collapsed in Italy with the Allied Armies approaching Rome, while the Soviet Army had entered Rumania. In March 1944, EAM had established in the mountains of Free Greece Politiki Epitropi Ethnikis Apeleutherosis (PEEA, Political Committee of National Liberation) the People's Government, following the example of Tito in Yugoslavia. This development which the British and Greek authorities in the Middle East initially tried to keep secret was closely debated by the leadership of ASO. One opinion argued that the Armed Forces should not declare in favour of PEEA and EAM but remain intact, continue to participate in the war operations and eventually return to Greece. Only then they could reinforce EAM and prevent any foreign intervention. Any decision to declare at that stage in favour of the People's Government would result in the dissolution of the forces. At the end the opposite opinion, that of the Secretary of ASO prevailed. The decision to revolt was taken without any outside influence. According to the available evidence there was no direct communication with the leadership of Kommunistiko Komma Ellados (KKE, Communist Party of Greece) and of EAM in occupied Greece.³

As a result the Committee of National Union of the Greek Armed Forces handed to the Greek Prime Minister in April 1941, a petition asking him to proceed with the formation of a Government based on PEEA in occupied Greece. The American Ambassador L. MacVeagh formed the impression that this Committee was by no means 'low-down rubble' as Tsouderos had made him believe. The Greek Prime Minister and his Cabinet resigned and the King who had private reasons to spend his time in London had to go to Cairo to face the crisis. Before leaving and following British advice he appointed Sophocles Venizelos as Prime Minister. The son of Eleftherios Venizelos was clearly a temporary solution, an attempt to defuse the situation but also a convenient scapegoat to take the blame in case the military crisis ended in armed confrontation.

The British authorities and W. Churchill personally intervened in the crisis and asked, in fact ordered, the Greek Government to stay in office until the King arrived in Cairo and in the meantime abstains from any action.⁴ The mutiny, as the British were now referring to the uprising, was much more serious and extended than the previous one. All the units of the Army and Navy, with very few exceptions had declared in favour of PEEA. Among them the First Brigade, fully armed and ready to leave for the Italian front. Soldiers' Committees had assumed control. The Soldier's Committees in the Air Force, although in sympathy, did not declare openly their support to PEEA. However in the Spring of 1944 the developments in the war allowed the British to solve the crisis by force. For the British Government it was also a matter of reasserting its

¹ Athanasiadis 1994: 179

² Seferis 1979: 111

³ The Soviet Embassy in Cairo kept its distance even when members of the Political Bureau of the KKE sought its advice when they visited Cairo for negotiations with the British and Greek Government

⁴ Premier 3/211/11 F.O. telegrams 131 and 134, 7 and 8 April 1944. Iatrides 1980: 482

prestige and authority. Additionally, British presence in Egypt was long opposed and their relations with the Egyptian Government and King Farouk in April 1944 had developed into a crisis.

It was decided that the assault should be directed first against two of the Greek mutinous ships moored in the naval base of Alexandria. The British decided that the Greeks themselves should carry out this attack. A selected Greek party attacked successfully both ships but the casualties were 50 dead and wounded on both sides.¹ All Army and Navy units subsequently surrendered and the British Ambassador R. Leeper, in full agreement with King George, dismissed Sophocles Venizelos and replaced him with George Papandreou who had already been chosen mainly for his profuse eagerness to follow British advice and of course his strong anticommunism. As a result the Greek Army was thoroughly reorganized. Out of 18,500 men, approximately 2,500 'loyal elements' formed the 3rd Mountain Brigade which fought in the Italian Front and also against the ELAS forces in the Battle of Athens in December 1944. Approximately half of the Greek Army was put into internment camps.

The extent of the influence of the Antifascist Military Organization was recognized by the British, not officially of course. At the Foreign Office, 'they were disturbed but not surprised' as Foreign Secretary Anthony Eden said, to find that the rebels constituted half and more than half of the men in the Greek military units and that the disturbances had not been provoked by a handful of fanatics as they generally believed until then.² In some cases, such as the Armoured Car Regiment, the whole unit from the commander downwards had declared in favour of the People's Government. The British authorities and the Greek services in the Middle East were well aware from the start of the growing communist activities in the Greek Armed Forces. They feared the arrival of these strongly left-wing forces in Greece upon liberation where EAM and its military wing ELAS were predominant. It is widely believed that the British did nothing to prevent the April 1944 mutiny in order to purge the Greek Forces while they were still stationed in the Middle East, an area under their military control. Irrespective of how plausible this explanation may seem there is no historical evidence to support it.

The leadership of the Communist Party of Greece and of EAM did not pay close attention to the growing communist influence in the Greek Armed Forces in the Middle East. There is no evidence of advice or direction to the Antifascist Organization coming from the Communist Party of Greece although they were ample opportunities to do so. Instead these revolts of the Greek Forces to support PEEA were strongly condemned by the delegations of PEEA, EAM and KKE in May 1944. When they arrived in the Middle East to negotiate their participation in a Government of National Unity they sent a letter to Churchill to express their admiration and thank him for his interest on Greece and its future and to condemn these 'insane acts of irresponsible persons'³. It was obviously an act of political expediency in order to help the negotiations for national unity. These delegations had instructions, which they did not follow, to ask half of the

¹ F.O.371/43729 R6153 Leeper to F.O. telegram 260, 17 April 1944. The Commander of the Greek Fleet Admiral K. Alexandris favoured a brief postponement hoping for a bloodless solution. (K. Alexandris 1944: 16 – 18). The U.S. Ambassador MacVeagh had also offered to find a solution but he was turned down. He noted in his diary 'It is military "face" now versus Greek "honor"' (Iatrides 1980: 499 – 500)

² F.O.371/43702: R7247 Eden minute, 6 May 1944.

³ Athanassiadis 1971: 201.

For the point of view of P. Roussos, Political Bureau member of the KKE and one of the representatives in the Lebanon Conference to form a Government of National Unity see his book, Roussos 1978: 107 - 143

seats in the Government of National Unity including the Ministries of Interior and War. What they could not possibly know was the extent of the plan orchestrated by the British Ambassador to isolate and accuse them and the eagerness of the delegations of the bourgeois parties to follow this plan.¹ Within this framework the British authorities gave the widest possible publicity to this condemnation document in order to undermine the position of the Left in Greece and the Middle East. It was a bitter blow to the thousands of interned soldiers in the African deserts who had revolted in favour of those condemning them.

When the interned men of the Greek Armed Forces returned to Greece in the summer of 1945, most of them were involved in the Civil War. They had to suffer the “White Terror” unleashed by the Right, they joined the Democratic Army, they fought and they were defeated. Those who did not retreat across the border to take refuge in the Socialist Republics from Belgrade to Tashkent in Uzbekistan followed the fate of the Left in Greece: imprisonment, condemnation to death and execution.

Abbreviations

ASO	Antifascist Military Organization
EAM	National Liberation Front
EAS	National Liberation League
ELAS	Greek People’s Liberation Army
EPO	National Panhellenic Organization
KKE	Communist Party of Greece
OENO	Federation of Greek Seamen Organizations
PEEA	Political Committee of National Liberation

Bibliography

National Archives: Foreign Office Political Correspondence, War Office Papers, Prime Minister Papers (PREM), Greek State Archives: Tsouderos Papers

Alexandris, K. 1994, *Report of the events in the Fleet April 6- April 26 1944*, unpublished official report

Athanassiadis, G. 1971, *The first Act of the Greek Tragedy. Middle East 1941-1944*. [in Greek] Eleftheri Ellada.

Iatrides, I. (ed.) 1980, *Ambassador MacVeagh Reports, Greece 1933-1947*. New Jersey, Princeton University Press.

Lymperatos, M. 1997, *History of the Hellenic Air Force*. [in Greek], vol.D, Athens , Air

¹ These negotiations (the Lebanon Conference) took place in an isolated mountainous hotel under close British surveillance. Under Churchill orders the KKE, EAM/ELAS and PEEA delegations were cut off from any wireless communication with their respective headquarters in the mountains of occupied Greece from the moment they reached Cairo. Strict military censorship was also imposed on foreign press correspondence. For these negotiations, the conclusion of the Conference and the joint efforts of the bourgeois parties delegations and the British to pres the Left delegations to accept a minority position in the Government of National Unity , see P. Papastratis, *The Papandreou Government and the Lebanon Conference* , in Iatrides (ed) 1981: 119 – 130.

Force History Department.

Nefeloudis, V. 1981, *The National Resistance in the Middle East*. [in Greek] vol.A, Athens, Themelio.

Papastratis, P. 1981, 'The Papandreou government and the Lebanon Conference' in Iatrides J. (ed.) 1981, *Greece in the 1940s. A Nation in Crisis*, Hanover N.H. University Press of New England.

Papastratis, P. 1984, *British policy towards Greece during the Second World War 1941-1944*. Cambridge University Press, Cambridge

Papastratis, P. 2001, 'Cyclades and Sifnos during the Occupation' in Society of Sifnian Studies (ed.) *Proceedings of First Sifnian Symposium, Sifnos 25-28 June 1998*. vol.B, Athens

Papastratis, P. 1993, 'A Fighting Navy in Exile: the Greek Fleet in the Mediterranean and beyond' in Sweetman J. *New Interpretations in Naval History*, Annapolis, Maryland, Naval Institute Press.

Roussos, P. 1978, *The Five Great Years, (1940-1945)*. [in Greek], vol.B, Athens

Sallas, Y. 1998, *Yannis Sallas (1909-1949). A publication in honour from fellow-patriots and friends*. [in Greek], Athens.

Seferis, G. 1979, *Political Diary A 1935-1944*. [in Greek], Athens, Ikaros

Thrasylvoulou, D. 2011, *The Civil War in Samos, (1947-1949). Local Societies and Political Conflicts*. [in Greek], Athens, unpublished Ph.D. thesis, Panteion University.

To Vima, 1972, 25 January 1972.

Tsoumanis, K. 2001, *The Greek Merchant Marine and the Seamen Movement (1939-1945)*. [in Greek], Proskinio, Greece.

Venezis, H., 1966, *Emmanuel Tsouderos*, [in Greek], Athens

Vougioukas, V. 2011. *From "Reconciliation" to Armed Conflict. The EAM in Chios (1943-1948)*. Athens, unpublished Ph.D. thesis, Panteion University.

Zervoudis, A, 1985, *The El Alamein Brigade*. [in Greek], Chios.

Transição política e contrarrevolução: o Brasil pós-1964 em perspectiva. Renato Luís do Couto Neto e Lemos¹

O tema desta comunicação é a relação entre o processo de transição política brasileiro, da superação do regime democrático da Constituição de 1946 pelo golpe de 1964 à criação de condições de autotransformação do regime ditatorial a partir de meados da década de 1970. Trabalha-se a partir da premissa de que se tratou de um processo contrarrevolucionário voltado para o afastamento das massas trabalhadoras da cena política e para a adequação do Estado às necessidades de setores capitalistas emergentes. A contrarrevolução teve caráter preventivo, já que não havia um processo revolucionário efetivamente em curso, e apresentou-se de duas formas: terrorista, até que as principais metas imediatas da frente golpista – eliminação da ativação popular e retomada da acumulação de capital – fossem alcançadas; e democrática, quando se tratou de consolidar os ganhos sob um regime democrático, distinto daquele destruído em 1964.

A contrarrevolução preventiva é o elemento que unifica a história política – história da luta de classes – brasileira no período em tela. E está articulada à principal tendência de longa duração no que se refere à luta de classes no âmbito do sistema capitalista mundial desde, pelo menos, a revolução russa de 1917. O caráter historicamente irreconciliável da contradição entre o capital e o trabalho, generalizada no mundo capitalista, determina que “a preservação dos privilégios do capital passe a depender ‘da fraqueza relativa da força progressiva antagonista’ (isto é, a classe operária); conservar esta fraqueza é, para os capitalistas, conservar as condições de sua dominação de classe”.² Herbert Marcuse ressalta a diferença de natureza entre o pensamento e a ação contrarrevolucionários do século XVIII e do século XIX em diante. Ao longo do tempo, a teoria da contrarrevolução

sofre uma importante transformação em sua função: ela é finalmente adaptada pelas camadas dominantes da burguesia. A burguesia passa de objeto a sujeito da teoria. Ela representa, para a época, o exemplo mais notável de justificação e defesa de uma ordem social ameaçada. A mudança de função da teoria acompanha a história da burguesia a partir da luta de uma classe em ascensão contra os restos de uma organização social que se transformou em obstáculo até a dominação absoluta de algumas camadas privilegiadas contra o ataque de todas as forças progressistas; ela acompanha também a rejeição, por essa burguesia, de todos os valores que havia proclamado na época de sua ascensão.³

As vias seguidas de modernização burguesa seguidas pelos países de capitalismo tardio e hipertardio (da América Latina, África e Ásia) se distinguiram das trilhas seguidas pelos países pioneiros do mundo capitalista, caracterizadas por rupturas radicais com importante participação dos trabalhadores e de camadas médias das sociedades. Neles, o

¹ Renato Luís do Couto Neto e Lemos (Rio de Janeiro, 1951) possui doutorado em história pela Universidade Federal Fluminense (1997). Trabalhou como pesquisador no Centro de Pesquisas e Documentação em História do Brasil Contemporâneo (CPDCO) da Fundação Getúlio Vargas, no Museu da República e no Museu Casa de Benjamin Constant. Atualmente, é professor associado do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o Laboratório de Estudos sobre os Militares na política e edita a revista eletrônica *Militares e Política*. Suas pesquisas e publicações cobrem um arco que vai da crise do império brasileiro ao regime ditatorial imposto no país a partir do golpe de 1964.

² Moraes, 1987: 21.

³ Marcuse, 1972: 116.

desenvolvimento da ordem social capitalista se deu, em geral, por iniciativa de setores das classes dominantes e de acordo com estratégias conciliatórias com seus pares e, em posição subordinada, com setores dos trabalhadores e camadas médias. “Modernização conservadora”, “revolução pelo alto”, “via prussiana” e “revolução passiva” são alguns dos conceitos empregados por autores quando tentam explicar esse processo.

No Brasil se deu, ao contrário do ocorrido nos países de capitalismo originário e como nos países de capitalismo tardio, em grande parte sob o signo da ascensão do socialismo como alternativa real ao capitalismo. Em consequência, a tarefa de construir as estruturas capitalistas se combinou com a de prevenir a revolução socialista.¹ Nas condições de crise da primeira metade da década de 1960, as tarefas da contrarrevolução assumiram caráter de urgência. O acirramento das contradições sociais, a crescente força do movimento de massas e a crise de representação política das classes dominantes se combinaram com a agenda da contrarrevolução internacional, pautada pela Guerra Fria, para determinar uma solução violenta dos impasses vividos pelo regime democrático da Constituição de 1946, sob duplo ataque, vindo de setores capitalistas emergentes e do movimento sindical dos trabalhadores.²

A forma de dominação política erigida sobre as condições abertas pelo golpe que derrubou o presidente João Goulart em 1964 teve caráter essencialmente ditatorial. No calor da hora, o militante socialista e jornalista Mário Pedrosa,³ apontou, em setembro de 1965, a vocação dessa ditadura:

Ao chegarem ao poder, os homens vitoriosos em abril [de 1964] logo descobriram o sentido do movimento que arrastou as Forças Armadas: não se destinava a restabelecer a disciplina militar, a ordem política e moral, mas a instalar no Brasil a contrarrevolução em permanência.

Para Pedrosa, a contrarrevolução assumira a forma política de uma ditadura militar de tipo bonapartista: “A peculiaridade da ditadura militar está em que ela não representa no poder, particularmente, nenhuma das classes sociais dirigentes do país. E em, seu conjunto, só muito indiretamente e muito condicionadamente”.⁴

Alguns dos aspectos ditatoriais desse regime têm sido sobrevalorizados pelos adeptos da perspectiva do autoritarismo para desqualificar o seu caráter classista e defini-lo apenas por sua natureza antidemocrática: hipertrofia do poder Executivo e consequente submissão do Legislativo e do Judiciário; pluralismo político limitado; regras de sucessão restrita; transmissão da autoridade de cima para baixo; ausência de mobilização política geral, e de massas em particular; restrições às liberdades democráticas etc.

Contudo, o conceito de autoritarismo não dá conta de outros aspectos do regime: sua natureza contrarrevolucionária; sua vinculação prioritária ao grande capital multinacional e associado; a grande autonomia do Estado militarizado em relação aos interesses particulares das frações das classes dominantes, em face dos quais, quando em conflito, exerce o papel de árbitro; a preeminência, no interior do Executivo hipertrofiado, do aparato repressivo policial-militar; a pretensão à legitimidade com base em um projeto democrático-modernizante-conservador.

1 Ver o desenvolvimento desta tese em Fernandes: 1975.

2 Quadro identificado como um ataque bifrontal ao populismo em Dreifuss, 2006.

3 Pedrosa, 1966: 143.

4 Pedrosa, 1966: 184. “Governo ditatorial militar bonapartista” é como se refere ao governo do marechal Humberto Castelo Branco, que se estenderia de 1964 a 1967. Pedrosa, 1966: 189.

Da caracterização do regime político construído no Brasil a partir do golpe de 1964 decorre a compreensão da sua dinâmica e, portanto, a sua periodização. Talvez a periodização mais disseminada no país, na academia como na imprensa, seja a dualista, baseada na polarização entre correntes militares – a “castelista” e a “linha dura”.¹ Assim o processo político é dividido em três fases: domínio castelista (1964-1967), domínio da linha dura (1967-1974) e transição (1974-1985) - na qual a linha castelista teria novamente assumido a direção do processo político. Não tomando como ponto de partida as classes e categorias sociais em luta, essa periodização se complica ao associar as fases políticas a correntes de difícil apreensão. Durante o regime ditatorial, militares transitaram entre grupos, que, por sua vez, não se apresentavam em estado puro. O marechal Humberto Castelo Branco, cujo sobrenome serve para identificar a corrente tida por moderada, foi quem liderou a implantação do aparato repressivo do novo regime e presidiu uma onda fortemente repressiva em 1965, traduzida no Ato Institucional n. 2. Já o marechal Artur da Costa e Silva, presidente de 1967 a 1969, é tido como representante da linha dura, à qual se atribuem características de intransigência e radicalismo “revolucionários”, mas, no governo, comportou-se como um “moderado” castelista até a decretação do Ato Institucional n. 5, em dezembro de 1968. O general Emílio Médici, presidente de 1969 a 1974, é considerado um “linha dura” emblemático, por ter executado a operação de extermínio da oposição esquerdista armada ao regime, mas, por força do acordo que o levou à Presidência, incorporou ao seu governo militares fortemente ligados aos “moderados” castelistas, como o general Orlando Geisel, que seria seu ministro da Guerra. O paradigma dualista é, portanto, baseado em premissas que mais confundem do que esclarecem as diferenças entre as fases do regime ditatorial.

Outra maneira de periodizar o regime parte da análise do tipo de Estado construído a partir de 1964. Partindo da premissa de que se trata de um Estado de Segurança Nacional,² essa periodização toma como eixo o processo da sua institucionalização. Assim, teria havido uma primeira fase de institucionalização, de 1964 a 1968, uma segunda, de 1969 a 1974 e uma derradeira, de 1974 a 1984. Trata-se de um avanço em relação à periodização dualista, porque busca a distinção em marcos políticos independentemente da corrente que os teria produzido. Entretanto, deixa escapar aspectos de continuidade em relação a elementos anteriores e posteriores à implantação do Estado de Segurança Nacional.

A maré redemocratizante da década de 1980 produziu outra periodização, fortemente impregnada das preocupações liberais que marcaram a luta contra o regime ditatorial. Desse ponto de vista a dinâmica do regime ditatorial é partida em três momentos.³ No primeiro, de 1964 a 1968 (período em que foram baixados os cinco primeiros dos dezessete atos institucionais da ditadura), o regime ainda não teria uma identidade definida, oscilando entre a democracia e a ditadura. No segundo, de 1968 a 1978, período de severa repressão, teria configurado uma ditadura aberta. O terceiro se iniciaria com a Emenda Constitucional n. 11, que extinguiu os atos institucionais, e já configuraria, a partir de 1979, um Estado de direito, ainda que precário. Visivelmente, essa periodização gira em torno da ideia de que o AI-5 foi o divisor de águas do regime pós-64 (tese do “golpe dentro do golpe”: antes dele, oscilava entre a democracia e ditadura; sob a sua égide, foi uma ditadura aberta; com a sua revogação, um Estado de direito. Entretanto, o AI-5, rigorosamente, não modificou as características essenciais do

1 Ver, por exemplo, Stepan, 1975.

2 Ver Alves, 2005.

3 Ver Reis, 2000.

regime, apenas as acentuou. As classes sociais a que servia, as suas principais instituições, o canal do poder, o projeto básico etc. não mudaram. A própria questão da violência estatal não ganhou, no essencial, nova qualidade, embora se tenha agravado.

A periodização que apresento a seguir segue outra direção, porque tem outro ponto de partida: o paradigma da contrarrevolução, isto é, toma como premissa a ideia de que o golpe de 1964 foi contrarrevolucionário – preventivo, para alguns, certamente os portadores de uma visão sutil da conjuntura; reativo, para outros, que temiam ou encenavam temer uma suposta revolução em andamento –, assim como contrarrevolucionário foi o regime que a partir dele se estabeleceu.

O fim estratégico da perspectiva contrarrevolucionária era a construção de um regime democrático e modernizador controlado por um Executivo forte – ao qual só partidos e coalizões conservadores teriam acesso –, dirigido por uma “elite” tecnopresarial e livre da dependência do voto popular. Tal forma política seria a ideal para institucionalizar a satisfação das necessidades do grande capital multinacional e associado em termos de garantias para seus investimentos em território nacional. No curto prazo, a prioridade seria dar conta dos dois principais problemas com que se enfrentavam as frações da burguesia e setores das classes médias no fim do governo de João Goulart (1961-1964): recuperar a capacidade de crescimento da economia e erradicar o estado de ativação popular que marcou o país na primeira metade da década de 1960. A articulação entre objetivos imediatos e estratégicos determina a dinâmica do regime pós-64 e, portanto, a sua periodização.

Depois do golpe, a contrarrevolução assumiu, no período de 1964 a 1974, a feição terrorismo de Estado, visando derrotar o movimento de massas, o nacionalismo civil e militar, o comunismo e o populismo. A dominação de classe se fez, prioritariamente, amparada no aparato repressivo estatal, por meio de métodos violentos em geral, mas com destaque para as prisões clandestinas e a prática de torturas. Secundariamente, funcionaram mecanismos democráticos preservados, até 1967, da Constituição de 1946, e, daquele ano em seguinte, submetidos à Doutrina de Segurança Nacional, corporificada na nova carta constitucional e na Lei de Segurança Nacional que substituiu a de 1953. Nesse período, o Legislativo deixou de funcionar por cerca de um ano apenas, enquanto o Judiciário nunca foi fechado. Observe-se que, embora constrangidos violentamente pelo Executivo militarizado e compostos por elementos na maioria vocacionados para apoiá-lo, esses dois órgãos produziram, em alguns momentos, fatos políticos indesejados para os grupos dirigentes, como aqueles que ensejaram os atos institucionais n. 2 e n. 5. Foram, assim, mantidos certos canais de negociação com setores da oposição consentida.

Em uma subfase que podemos perceber entre 1964 e 1968, o Estado foi estruturado, ao sabor dos embates de todo tipo com o campo oposicionista, para dar curso à contrarrevolução terrorista. Instrumentalizaram-se os órgãos de repressão existentes – Departamento de Polícia Federal, departamentos estaduais de Ordem Política e Social (DOPS), polícias civis e militares etc. –, que seriam subordinados ao Serviço Nacional de Informações (SNI), criado em junho de 1964. Implantaram-se estruturas e práticas para fortalecer o Estado, como os atos institucionais, e o “decurso de prazo” na apreciação, pelo Legislativo, de projetos do Executivo. Subordinaram-se o Legislativo e o Judiciário ao Executivo, por meio de cassações de mandatos e determinações restritivas emanadas de atos institucionais. Utilizou-se ao máximo a legislação sindical vigente, promovendo-se a intervenção em entidades e a destituição de dirigentes, e criando-se maiores obstáculos à promoção de greves legais. Movimentos de trabalhadores foram perseguidos também no campo.

No plano econômico, a grande meta desta subfase foi a retomada da capacidade de acumulação de capital, o que foi buscado a partir de uma abordagem monetarista da crise. Assim, promoveu-se o enxugamento do fluxo monetário, por meio do arrocho salarial e creditício. Ampliaram-se os estímulos à vinda de capital estrangeiro de empréstimo e de investimento e criaram-se poderosos instrumentos de potencialização da centralização de capitais, como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Este, por sinal, também servia à política contrarrevolucionária retirando aos trabalhadores a garantia da estabilidade no emprego, o que favorecia a rotatividade da mão de obra e enfraquecia os sindicatos.

Uma segunda subfase pode ser apontada no período 1968-1974. Poderíamos chamá-la de fastígio do regime, que se consolidou no plano político à sombra do Ato Institucional n. 5 e o aperfeiçoamento do aparato repressivo, nomeadamente a criação da Operação Bandeirantes (OBAN) e do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão de inteligência e tortura subordinado, em cada estado, a um coronel do Exército. Por meio dos atos institucionais n. 13 e n. 14, foram instituídas as penas de banimento, perpétua e de morte. No plano jurídico, as inovações mais expressivas foram a nova Lei de Segurança Nacional (9/1969), que substituiu aquela decretada dois anos antes, a Emenda Constitucional n. 1 (10/1969), que modificou amplamente a Carta de 1967 e os decretos-leis n. 1001 e n. 1002, que implantaram os novos Código Penal Militar e Código do Processo Penal Militar. Devidamente aparelhado, o Estado conseguiu, beneficiando-se das limitações políticas e militares dos adversários, derrotar as “oposições extra-sistêmicas” ao regime, com o que se alcançava a meta política mais importante da fase de contrarrevolução terrorista.

No plano econômico, também se alcançou a meta principal. Já em 1968, a economia apresentava índices de crescimento real muito expressivos, dando início a uma conjuntura ascensional que receberia de analistas deslumbrados o apelido de “milagre brasileiro”. Muito se esforçaria o governo do general Emílio Médici para, de um modo tipicamente bonapartista, sustentar propagandisticamente, com base no crescimento econômico, um projeto ufanista de “Brasil Grande”, disseminado de forma sistemática pela Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP). Não haveria, contudo, apelidos entusiastas para a política social associada ao crescimento econômico, marcada pela concentração de renda e pelo desinvestimento nas áreas da saúde e da educação: a ela, os analistas críticos chamariam, cometendo gritante injustiça para com os silvícolas, “capitalismo selvagem”.

Uma primeira subfase pode ser balizada pelos anos 1974-1978. Já em 1973, setores dos grupos dirigentes entenderam que o momento em que as principais metas da contrarrevolução – retomada do crescimento econômico e “saneamento” do cenário político interno – haviam sido atingidas, seria adequado para a readequação dos meios de dominação, de maneira a alcançar-se a grande meta estratégica: a dominação de classes na forma de um regime democrático restrito. Temiam o efeito desgastante das disputas pelo controle do Estado sobre a unidade das Forças Armadas, já visível durante a competitiva sucessão do general Artur da Costa e Silva, em fins de 1969. Ainda assim, não se cogitava desarticular o aparato repressivo do Estado nem afastá-lo do processo político total e abruptamente. Tratava-se de refazer a equação coerção-negociação na dinâmica da dominação política, ampliando-se a esfera desta e reduzindo-se a daquela.

Mudanças na conjuntura internacional também pressionaram os grupos dirigentes brasileiros a decidir que era o momento para mudar os métodos de dominação. O estado-maior do imperialismo formou, em 1973, a Comissão Trilateral, que assessoraria

processos de transição controlada em países sob ditadura. Na Europa, as ditaduras portuguesa e espanhola entravam em crise em 1974 e, em 1975, a grega. Submetido a sucessivas derrotas na Guerra do Vietnã, os EUA apresentaram ao mundo, com a ascensão de James Earl “Jimmy” Carter, Jr. à presidência, em 1977, uma política internacional voltada para os “direitos humanos”, que pressionaria política e economicamente países que os desrespeitassem, caso do Brasil.

Um projeto de transição para um regime democrático, anunciado pelo general Ernesto Geisel quando de sua posse em 1974, foi posto em andamento, sob a iniciativa e o controle dos grupos dirigentes, que impunham a agenda e o ritmo do processo. O objetivo estratégico desta subfase foi a formação de um centro conservador no cenário político nacional que desse suporte e legitimidade à nova forma de dominação que se pretendia construir. Para isso, foram tomadas medidas de interesse das frações liberais democráticas da oposição: reconhecimento da vitória do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) nas eleições parlamentares de 1974, suspensão progressiva da censura, tolerância em face de movimentos políticos das camadas médias, como o estudantil e o de mulheres pela anistia etc. Em relação aos setores da esquerda socialista críticos da transição comandada pelo governo, o procedimento era a costumeira violência estatal, pela aplicação dos poderes que o AI-5 conferia ao chefe do Executivo. Simultaneamente, o governo enfrentava a oposição de extrema-direita, que tentava boicotar a operação transicional de forma violenta, incluindo-se o assassinato de presos políticos em unidades do Exército e atentados a bomba.

A segunda subfase tem como marco inicial o ano de 1978, quando, em outubro, os grupos dirigentes aprovaram no Congresso Nacional a Emenda Constitucional n. 11, que, entre outras determinações, revogou os atos institucionais e complementares – cuja ausência foi compensada pelo estabelecimento das “medidas de emergência” e outras “salvaguardas” do Estado –, extinguiu as penas de morte, banimento e prisão perpétua e determinou as regras gerais para a extinção dos partidos políticos e a formação de novos. Tratava-se das linhas de força que deveriam reger o processo político nacional até a sucessão do sucessor do general Geisel, prevista para 1989.

Sobre essa plataforma, uniram-se os grupos dirigentes da ditadura com oposicionistas democratas liberais em torno do prosseguimento do projeto de transição. Dar-se-ia, assim, o reordenamento jurídico-político-institucional tutelado pelas Forças Armadas, mas com as forças civis de natureza variada – clérigos, empresários, advogados, jornalistas etc. – incorporadas ao projeto transicional no exercício de importante papel na negociação e legitimação dos passos dados. Em agosto de 1979, a transformação da exigência de uma anistia ampla, geral e irrestrita em concessão, via Congresso, de uma anistia parcial, cujo texto continha uma cláusula que podia ser interpretada como um *habeas corpus* preventivo para agentes do Estado que viessem a ser acusados de crimes de violência contra presos políticos, foi a primeira indicação importante de que seguia avançado o processo de construção de um novo centro político, comprometido com as metas e métodos do projeto de transição pelo alto. Simultaneamente, a extinção do bipartidarismo e a abertura da temporada de organização de novos partidos fizeram avançar a tática dos grupos dirigentes, produzindo o fracionamento da ampla frente oposicionista representada pelo MDB, enquanto os elementos ligados ao regime ditatorial iriam, em um primeiro momento, concentrar-se na legenda sucessora da Aliança Renovadora Nacional (Arena) – legenda de sustentação do regime desde 1965 – o Partido Democrático Social (PDS).

Mesmo a cisão do campo governista, em meados de 1984, e a formação da Frente Liberal durante a sucessão do general João Figueiredo (1979-1985) não abalaram

seriamente a estratégia da transição, embora o eleito viesse a ser um civil. O pleito indireto foi vencido, em janeiro de 1985, por Tancredo Neves, candidato da oposição mais moderada em composição com a dissidência *soi-disant* liberal, representada por José Sarney – ex-presidente da Arena e do PDS – na vice-presidência, e formalizada na Aliança Democrática. Por um capricho da sorte, o presidente eleito faleceu antes de tomar posse, e Sarney tornou-se o primeiro presidente civil brasileiro depois de 1964. Tendo à frente um autêntico quadro do regime ditatorial comprometido com o programa de Tancredo Neves, pensado de forma a fazer avançar a transição ao preço de todas as conciliações necessárias, o governo da Nova República (1985-1990) apresentou muitas continuidades em relação ao regime ditatorial, que se articularam com as mudanças operadas no seu transcurso. Assim, por exemplo, o retorno dos partidos comunistas à legalidade se combinou com a tutela militar sobre o governo, simbolizada pela proeminência do ministro da Guerra, general Leônidas Gonçalves, notório e ferrenho anticomunista. No mesmo sentido, o reconhecimento da legitimidade do movimento operário, sugerido pela nomeação do ex-advogado sindical Almir Pazzianotto para o Ministério do Trabalho, combinou-se, em novembro de 1988, com a ação terrorista do Exército na repressão a uma greve dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), que resultou na morte de três grevistas

Pode-se dizer que a consumação da meta estratégica da contrarrevolução deu-se com a Constituição de 1988, que significa a formalização de outro regime político, diverso do ditatorial implantado a partir de 1964. Trata-se, numa definição provisória, de uma construção híbrida, que combina, traços liberal-democráticos e democrático-autoritários. Seu texto consagra avanços significativos, em termos de ampliação da base representativa do regime, como o reconhecimento do direito de voto para os analfabetos e subalternos militares, e em termos da liberdade de organização popular, com a supressão de vários elementos da estrutura sindical corporativista herdada da ditadura do Estado Novo (1937-1945). Por outro lado, superdimensiona o papel das Forças Armadas, preservando muitas de suas prerrogativas. A Constituição representa, ainda, a concretização de uma reforma proposta pelos críticos da democracia liberal: o reforço dos poderes do Executivo. Cumpriu este papel, em especial com a criação da Medida Provisória, pela qual o presidente da República, sob alegação de urgência e relevância, pode baixar uma medida que só depois será apreciada pelo Congresso. Durante a ditadura, essa função foi cumprida pelos decretos-leis.

Importantes traços contrarrevolucionários preventivos são encontrados no regime democrático brasileiro atual, fruto, inclusive, de ondas revisionais da Constituição, como as registradas em 1993, prevista pelos constituintes, e 1995, sob a liderança do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003). De acordo com a hipótese geral deste trabalho, o mais importante de todos é a disseminação da crença no regime democrático baseado em maiorias parlamentares conservadoras, avesso a mobilizações populares como as que marcaram o período 1945-1964 e presidido pela “razão técnica”, “apolítica”, como a única forma válida de organização política no país, tese que se tornaria, para muitos, quase que um truísmo universal, depois da derrocada do mundo do “socialismo real” em fins da década de 1980, por isso mesmo marco final da síntese aqui exposta.

Referências:

Alves, Maria Helena Moreira. 2005, *Estado e Oposição no Brasil, 1964-1984*. 2ª ed. Bauru (SP): EDUSC.

Dreifuss, René A. Dreifuss. 2006, *1964: A Conquista do Estado*. 6ª. ed. Petrópolis (RJ) Vozes.

Fernandes, Florestan. 1975, *Revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Marcuse, Herbert. 1972, *Ideias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Trad. Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar.

Moraes, João Quartim de. 1987, “O argumento da força”. in Oliveira, Eliezer Rizzo de *et ali*. *As Forças Armadas no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço & Tempo.

Pedrosa, Mário. 1966, *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Reis, Daniel Aarão. 2000, *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Stepan, Alfred. 1975, *Os militares na política*. Trad. Ítalo Tronca. Rio de Janeiro: Artenova.

O antifascismo no Brasil e a Batalha da Praça da Sé: da Frente Única Antifascista à Aliança Nacional Libertadora (1933-1935). Ricardo Figueiredo de Castro¹

Domingo, 7 de outubro de 1934. A organização fascista Ação Integralista Brasileira (AIB) decidiu comemorar nesse dia o seu segundo aniversário de fundação na Praça da Sé, centro da cidade de São Paulo. O evento comemorativo, no entanto, nem chegou a acontecer, pois uma intensa troca de tiros entre militantes integralistas, antifascistas e policiais, dispersou rapidamente a marcha dos militantes da AIB logo depois desta adentrar a praça. O saldo do confronto foi de cerca de 10 vítimas, entre mortos e feridos. Um dos seus personagens em um livro de memórias sobre o evento intitulou-o de a “Batalha da Praça da Sé”. (MAFFEI 1984)

Esse episódio sangrento e praticamente ignorado pela historiografia política brasileira concentrou um amplo leque de forças políticas e sociais que teve como referência a Frente Única Antifascista (FUA), criada no ano anterior; e inscreve-se no processo de radicalização política entre fascistas e antifascistas que, no Brasil, inicia-se em 1933, amplia-se em 1934 e aprofunda-se nacionalmente em 1935 durante a existência da Aliança Nacional Libertadora (ANL).

O período entre o golpe da Aliança Liberal (“Revolução de 30”) e o fim do Estado Novo (1945) caracteriza-se pela transição entre a hegemonia da burguesia agrária e a hegemonia da burguesia industrial. Apesar de ser um período de crise de hegemonia, o Estado brasileiro já é claramente burguês. (FONSECA 1989: 323-324). A conjuntura 1933-1935 foi particularmente importante na história política brasileira, pois então se gestaram processos que abriram possibilidades históricas de construção de uma alternativa nacional-popular de revolução burguesa que impedisse, ou pelo menos, dificultasse a implementação do projeto burguês que concedeu ao Estado o papel de definidor e condutor da hegemonia burguesa em meio a crise entre suas frações. (DEL ROIO 1990: 13)

O ano de 1933 foi sombrio para a Europa e o mundo. A ascensão dos nazistas ao poder, em janeiro ajudou a mudar a percepção que muitos tinham de que o fascismo era uma questão estritamente italiana. O antifascismo tornou-se a partir daí paulatinamente um problema da política internacional. Este ano significou também uma ampliação do fascismo no Brasil, pois a recém criada Ação Integralista Brasileira (AIB) começava a ocupar espaço político. Percebendo esta ameaça, em janeiro, uma reunião da Comissão Executiva da Liga Comunista (LC)² decidiu pela formação de uma frente única antifascista que unisse a esquerda paulista. Assim, entre fevereiro e junho de 1933, a LC e o Partido Socialista Brasileiro de São Paulo³ (PSB paulista) que havia aderido à proposta, dedicaram-se aos preparativos para a formação da frente.

¹ Ricardo Figueiredo de Castro (Niterói, 1963) estudou história social na Universidade Federal Fluminense (UFF) entre 1982 e 1987. No final dos anos 80 editou, junto a outros jovens historiadores, a *Revista Arrabalde* (ISSN 0103-3697). Em 1993 concluiu na UFF sua dissertação de mestrado sobre as origens do movimento trotskista no Brasil. Em 1999 defendeu na UFF sua tese de doutorado sobre o movimento antifascista brasileiro nos anos 30. Desde 1998 é professor de História Contemporânea no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no qual desenvolve pesquisas sobre a história das esquerdas brasileiras, como por exemplo, a que pretende criar um banco de dados prosopográfico dos comunistas brasileiros entre 1922 e 1943. Desde 2000 edita o Guia da História da Esquerda Brasileira, disponível em: <http://www.gheb.historia.ufrj.br>

² Para maiores informações sobre a Liga Comunista e as origens do movimento trotskista no Brasil ver Castro (1993)

³ A seção paulista do Partido Socialista Brasileiro foi organizada em janeiro de 1933.

Finalmente, após esse processo de maturação política, a FUA foi fundada no dia 25 de junho de 1933, em ato político transcorrido na cidade de São Paulo. O dirigente do PSB paulista, o italiano Francesco Frola, foi escolhido para presidir a reunião que contou com a participação de várias organizações. Esta escolha certamente não foi casual. Frola foi um dos principais antifascistas que combateram, nos anos 20, a propaganda fascista que crescia na colônia italiana. Além disso, sua disposição em se aliar aos comunistas numa política de “frente única” tornou-o o principal articulador de uma frente única antifascista no interior do PSB paulista, do qual era um dos principais líderes.

O conjunto de fundadores e aderentes da FUA demonstra o amplo leque de forças que constituía esta organização antifascista. O seu espectro político ia da esquerda tenentista,¹ passava pelos socialistas brasileiros e italianos, e chegava aos “trotskistas”.² Os anarquistas não aderiram formalmente, mas a apoiaram politicamente. Na verdade, a FUA era formada por um núcleo central composto pela Liga Comunista e pelo Partido Socialista Brasileiro de São Paulo, do qual participava o grupo de Francesco Frola. Em torno desse núcleo gravitavam os anarquistas, os antifascistas independentes e outros grupos de esquerda como a Frente Negra Socialista. A única força política importante de esquerda que não participou da fundação foi o Partido Comunista. Entretanto, em alguns momentos, sobretudo em fins de 1933, o comitê regional paulista do PCB participou da FUA, ainda que criticamente.³

Durante toda a existência da FUA houve, pois, uma tensão permanente em relação à participação do PCB: buscava-se o seu apoio, mas criticava-se sua política em relação ao fascismo. A LC compreendia a importância do apoio do PCB e, por isso, sempre o procurou para que participasse parte da FUA. Na verdade, até o início de 1934, os “trotskistas” da LC se consideravam militantes comunistas que lutavam para levar o Comintern e suas seções nacionais para o “verdadeiro” caminho revolucionário, aquele baseado nos ideais de Lênin e nos quatro primeiros congressos do Comintern. Desse modo, ao proporem a formação de uma frente única antifascista eles queriam que esta se tornasse a política do PCB, e não que este partido ficasse isolado desse processo.

Essa relação da FUA com o PCB era dificultada, ainda, pelo fato deste ter criado, na mesma conjuntura, o Comitê Antiguerra.⁴ Este exemplo de “frente única pela base”, seguindo a política do Comintern, considerava o fascismo um problema que só tinha sentido se referido à luta contra a crise estrutural do capitalismo e a inexorável guerra imperialista que estaria sendo preparada contra a União Soviética. O Comitê Antiguerra pretendia liderar todos os militantes da esquerda (social-democratas etc.) contra a guerra imperialista, a “reação” da direita contra as forças progressistas e, subsidiariamente, combater o fascismo. O Comitê Antiguerra era, portanto, um importante e forte concorrente da FUA em relação à questão da frente única e da luta antifascista.

1 A esquerda tenentista era formada pelos militares do Exército brasileiro, em sua maioria tenentes, que desde os anos 20 participavam ativamente da política nacional.

2 Uso o termo “trotskista” para diferenciar estes militantes comunistas ligados à Oposição de Esquerda internacional daqueles que aceitavam a política geral do Comintern. Como neste momento eles ainda se consideravam militantes do Comintern, o termo é anacrônico. Por isso, uso-o entre aspas.

3 O comitê regional do PCB tinha então uma relativa autonomia política em relação a CCE, devido aos problemas de organização pelos quais este passava e pelas dificuldades de comunicação entre ambas as instâncias dirigentes.

4 Também conhecido, entre outros nomes, como Comitê de Luta Contra a Guerra Imperialista, a Reação e o Fascismo.

Outra questão relativa à existência da FUA é que, com a exceção da Liga Comunista, nenhuma organização ou indivíduo participou de todos os seus eventos. Assim, apesar das tentativas da FUA em ampliar seu raio de ação, apenas grupos ou pessoas ligadas à esquerda paulista aderiram à frente, ainda assim de uma maneira não continuada.

Cerca de dois meses antes da fundação da FUA, jornalistas do jornal paulistano *Diário da Noite* lançaram um jornal antifascista, *O Homem Livre*. É sintomático que, já no seu primeiro editorial, *O Homem Livre* se preocupasse em defender a ideia de que o principal inimigo a ser combatido naquele momento era o fascismo. Isso porque não havia consenso entre as esquerdas em relação ao tema. Portanto, o jornal *O Homem Livre*, que era hegemônico pelos “trotskistas” da LC, que conheciam muito bem o PCB e sua importância para a luta antifascista, se preocupou, desde o início, a travar um combate propagandístico contra o fascismo em geral e os integralistas em particular, mas também e, não menos importante, combater a posição do Comintern e do PCB de não se preocupar em lutar diretamente contra os fascistas. Esse editorial caracteriza ainda historicamente o fascismo como reação à democracia e ao povo organizado, afirma que, para realizar a sua “missão histórica”, o “fascismo tem antes de tudo de realizar a tarefa primordial de dividir a maioria dos oprimidos” e que a base social do fascismo é composta “das classes médias, dos funcionários, dos empregados” e que, a partir dessa divisão inserida entre os oprimidos, passa a dirigir seus esforços na destruição das organizações “das classes trabalhadoras”, por meio da demagogia. Portanto, para a FUA a luta ideológica era vital para o antifascismo.

Poderíamos dizer que *O Homem Livre* foi o principal instrumento de ação política da FUA, pois ele se constituiu no seu principal veículo de divulgação de propaganda antifascista. Além disso, *O Homem Livre* se constituiu num dos espaços de sociabilidade da intelectualidade antifascista paulista do triênio 1933-1935, na qual interagiram intelectuais antifascistas e progressistas (advogados, jornalistas, professores universitários etc.) de diferentes tendências políticas.

Além de *O Homem Livre*¹, o outro instrumento de ação política da FUA foi as suas poucas, mas conturbadas e violentas, manifestações públicas, em espaços fechados ou abertos. A maior e mais representativa, mas também a última, foi o confronto com os integralistas na Praça da Sé. Os antifascistas percebiam a importância da propaganda e da conquista do espaço público para a política fascista. Desse modo, procuraram sempre preparar uma manifestação para o mesmo local e hora daquelas previstas pelos integralistas: os contra-comícios. Os conflitos eram, pois, inevitáveis.

A FUA praticamente deixou de funcionar entre fevereiro e outubro de 1934, ou seja, entre a última edição de *O Homem Livre* e a “Batalha da Praça da Sé”. O último trimestre deste ano assiste, porém, ao último ato da FUA e à aceleração do processo de união das esquerdas.

Entre outubro e dezembro de 1934 a situação política se precipitou. O país estava prestes a colocar a prova a recém promulgada Constituição Federal, com as eleições parlamentares federais e constituintes estaduais, previstas para 14 de outubro. Nesse trimestre aconteceram importantes articulações das forças políticas nacionais. Da direita à esquerda, tramava-se contra o governo de Vargas.

O mês de outubro de 1934 foi um importante ponto de inflexão do antifascismo brasileiro na primeira metade dos anos 30.

1 Para maiores informações sobre o jornal *O Homem Livre* ver Castro (2007)

Neste mês, a contenda entre as duas principais propostas de luta antifascista – o Comitê Antiguerreiro e a FUA – chegou então a uma definição. Por outro lado, a renhida disputa pelo espaço público que esquerdas antifascistas travavam desde o ano anterior com a AIB teve então um desenlace sangrento: confronto direto em espaço público aberto.

No dia 3 de outubro, na cidade de Bauru, interior do Estado de São Paulo, ocorreu um violento conflito. Para esse dia, uma quarta-feira, feriado nacional em comemoração ao aniversário da Revolução de 30, havia sido agendada uma "palestra doutrinária" do líder nacional da AIB, Plínio Salgado. Durante o seu trajeto pelas ruas até o local da palestra, populares gritavam palavras de ordem antifascistas. Os ânimos foram se exaltando até que, numa determinada rua, estourou um violento tiroteio sem origem definida, que resultou em um morto e quatro feridos, todos integralistas. Um dos principais acusados da agressão foi o candidato a deputado estadual pela Coligação das Esquerdas, criada, no final de agosto, em São Paulo pela Liga Comunista Internacionalista (LCI),¹ pelo Partido Socialista e pela Coligação dos Sindicatos Proletários. (POSSAS 1992)

Quatro dias depois, no domingo, o confronto atingiu uma dimensão ainda maior. Para esse dia, 7 de outubro, a AIB convocara os seus militantes para um evento político a ser realizado na capital do Estado de São Paulo. O dia 7 de outubro era uma efeméride para os integralistas, uma de suas três principais celebrações. Nesse dia comemorava-se a proclamação do Manifesto Integralista numa cerimônia noturna que, segundo o cerimonial, deveria ser iniciada às 21 horas e concluída à meia-noite: "A noite dos tambores silenciosos".

Ao saber dos preparativos da AIB para realizar o evento, o secretariado da FUA, formado por membros da LCI e do PSB entrou em contato com o PCB que, no entanto, recusou-se a aceitar uma direção central. A direção da FUA passou então a dividir tarefas e definir a localização dos grupos antifascistas no interior da Praça da Sé.

Publicaram-se manifestos convocando-se militantes e simpatizantes a comparecer ao evento. O jornal *A Pátria* publicou no dia 7 um manifesto da anarquista Federação Operária de São Paulo (FOSP) que convocava "Todos os homens de brio" a comparecer à Praça da Sé, no dia 7 "para impedir o desfile dos bárbaros integralistas". Assim, os anarquistas, coerentes com sua doutrina, não participaram das deliberações da FUA, mas não se furtaram ao confronto.

O PCB tomou então uma decisão que causaria furor na FUA: fez publicar em *Platéia*, de 4 de outubro, convocação a partidos (LCI, PSB, PTB) e a sindicatos para "uma demonstração, sob a bandeira da frente única, de combate ao fascismo, à guerra e à reação conservadora" (as palavras de ordem do Comitê Antiguerreiro!), concluindo que esta "seria o começo de uma frente única duradoura". (ABRAMO 1982: 82-83) Ironia da história: o PCB, que combatera nos últimos dois anos, de todas as maneiras, a frente única das organizações antifascistas, agora, na hora do "confronto glorioso", clamavam pela paternidade de sua convocação política.

Mais importante do que discutirmos qual a organização que, em primeiro lugar, convocou a manifestação antifascista, e qual a real extensão do papel da FUA neste processo, é nos atermos a duas questões.² De um lado, pela primeira vez, todas as

¹ A partir de maio de 1934 a Liga Comunista adotou oficialmente o nome de Liga Comunista Internacionalista.

² Maffei (1984) e Abramo (1984) são os únicos relatos minuciosos e contextualizados do episódio. Cada um deles defende a posição da organização ao qual pertenciam – PCB e LCI, respectivamente. Eles propõem teses excludentes quanto ao papel da FUA no evento e quanto à paternidade da convocação dos antifascistas. Cada um reproduz os argumentos que à época o PCB e a LCI utilizavam.

forças antifascistas participaram em conjunto, embora sem direção totalmente centralizada, de uma manifestação pública de grandes proporções na então segunda mais importante capital brasileira. De outro lado, esse evento tornou-se um símbolo da luta antifascista e da luta contra os aspectos reacionários da política nacional, o que o PCB chamava de “a reação”.

Ainda neste dia, no Rio de Janeiro, capital da república, foi lançado o primeiro número do jornal *O Homem do Povo*, editado pelo jornalista Aparício Torelly. Este jornal, embora legal, era ligado ao PCB. Durante a semana seguinte, o jornal dedicou várias reportagens ao episódio, procurando descrevê-lo e fazer pilhéria da pretensa coragem dos integralistas. Uma das suas manchetes na semana seguinte ao evento foi: "Um integralista não corre, voa"; pois o jornal chamava os integralistas de “galinhas verdes”.

Outro jornal que também deu grande repercussão ao evento foi *A Pátria*. Esse jornal teve uma importante atuação no movimento de oposição ao governo Vargas durante o último trimestre de 1934 até 1935, quando se tornou um dos principais apoios políticos da ANL.

O confronto de 7 de outubro de 1934, a "batalha da Praça da Sé", teve uma grande repercussão política no Distrito Federal, o que, combinado com identificação do cadáver do jovem militante Tobias Warshavsky,¹ que estava desaparecido, contribuiu para detonar uma campanha política contra a política repressora do governo Vargas.

Assim, no dia 9 de novembro, foi publicado em *A Pátria* abaixo-assinado de cidadãos cariocas e paulistas “pedindo a formação de uma comissão jurídica popular para o inquérito sobre a morte de Tobias Warshavsky”.

Dois dias depois, *A Pátria* publicou as bases da atuação da Comissão Jurídica e Popular de Inquérito (CJPI).² Este jornal tornou-se, então, o grande patrocinador da Comissão. Publicava diariamente em suas páginas notícias sobre o andamento das investigações, acusações de que a polícia política seria a responsável pelo crime e, principalmente, a adesão de vários indivíduos à comissão, principalmente intelectuais. O jornal instituiu, inclusive, um fundo para receber a contribuição dos cidadãos que quisessem colaborar financeiramente com as atividades da CJPI. Por várias semanas, de novembro a dezembro de 1934, o jornal garantiu a primeira página ou lugares de destaque às atividades da comissão. Colocou o seu endereço à disposição dos interessados em enviar moções de apoio individuais ou coletivas. Vários cidadãos, anônimos ou conhecidos, escreveram ao jornal demonstrando seu apoio.

No primeiro mês de funcionamento da CJPI, grande parte das adesões veio de cidadãos do Rio de Janeiro. Depois, afluíram adesões de São Paulo, de Santos e de outras grandes cidades brasileiras. Já em dezembro, as adesões de entidades civis (partidos, sindicatos, federações profissionais etc.) se multiplicaram.

Cerca de 410 cidadãos, através de abaixo-assinados ou bilhetes individuais, declararam apoio a CJPI por intermédio das páginas de *A Pátria*. Desse total, foi possível levantar as profissões ou atividades de alguns deles. O maior contingente era formado por médicos, 48 indivíduos, seguido de 33 advogados, 32 jornalistas, 30 operários e 29 estudantes. O mais importante é que grande parte dos aderentes de destaque e dos dirigentes também aderiram à ANL. Listamos trinta cidadãos de destaque que participaram de ambas as organizações, muitos dos quais tiveram atuação na direção nacional da ANL. E dos quinze “membros da direção” da CJPI, pelo menos

¹ Warshavsky era judeu, militante da Juventude Comunista e cartunista do jornal *A Pátria*.

² Para uma discussão mais detalhada sobre a CJPI e as origens da ANL ver Castro (1999)

cinco aderiram à ANL, sendo que um deles, o estudante Francisco Mangabeira, foi o “secretário-geral” da sua Direção Nacional Provisória. A CJPI recebeu, ainda, a adesão de sindicatos e partidos ¹ e contou também com o apoio de deputados federais [ex-constituintes] e estaduais constituintes, seis no total.

Em dezembro, além das adesões de indivíduos terem sido substituídas paulatinamente pelas de entidades públicas, ampliaram-se a sua origem geográfica e sua amplitude política. Isto é, passaram a chegar sistematicamente adesões de outros estados da federação e, principalmente, a comissão deixa de tratar exclusivamente do caso Tobias e passa a inseri-lo na questão mais ampla do desaparecimento de lideranças sindicais e políticas; ela vai se preocupando com a questão da "reação" como um todo.

No dia 3 de dezembro, a CJPI realizou na sede da Coligação Pró-Estado Laico sua primeira reunião pública, e no dia 12, *A Pátria* anunciava para o próximo dia 17 um comício durante sua segunda reunião pública. Essa ampliação do espaço político da CJPI custou-lhe a existência legal, pois no dia 18 de dezembro *A Pátria* publicou manchete na primeira página: “O governo interditou a Comissão Jurídica e Popular de Inquérito”. Ainda assim, na primeira quinzena de janeiro de 1935 iniciou campanha contra a “reação” autoritária do governo federal, representada pela Convocação do Conselho de Segurança Nacional e os preparativos para a promulgação da lei de Segurança Nacional.

Ainda que patrocinada por *A Pátria*, consideramos que o PCB teve ativa participação na criação e funcionamento da CJPI. E que a CJPI foi o núcleo político do qual se originou a ANL. Existem documentos que comprovam que, tanto a CJPI teria sido criada pelo PCB (ou pelo menos por ele hegemônica), quanto a ANL existia desde 1934, muito provavelmente já sob a hegemonia dos militantes do PCB.

O primeiro documento intitula-se “Instruções para o trabalho da Comissão Jurídica de Inquérito”, ² não assinado, mas provavelmente elaborado pelo PCB – devido ao enfoque dado à questão, à menção elogiosa ao *O Homem do Povo*, jornal ligado ao partido, e ao fato de não ter assinado o documento – que demonstra que o seu autor, o PCB, tinha um relativo controle das atividades da CJPI. Não temos como avaliar a extensão desse poder, mas, com certeza, ele era compartilhado com o jornal *A Pátria*, seu principal patrocinador.

O outro documento ³ é um material de organização do Comitê Anti-Mil ⁴ do PCB, do qual não há nenhuma referência na historiografia do PCB. Embora o documento não seja datado, através de uma crítica interna, podemos concluir que ele foi escrito no último trimestre de 1934. Nele se afirma claramente que a ANL já existia em 1934.

O historiador Hélio Silva (COUTO 1995: 14), contemporâneo dos fatos, afirma que em outubro de 1934, já se reunia um pequeno, mas significativo grupo de jornalistas, militares e profissionais liberais para discutir política e que, a partir dele, formou-se a ANL. Autores que analisaram as origens da ANL e essa conjuntura chegaram a conclusões semelhantes. (FONSECA, 1986; COUTO, 1995; PRESTES, 1997) Entretanto, apenas Anita Prestes, com a qual concordamos neste ponto, avançou em suas conclusões: “Os dados de que se dispõe *parecem indicar*, portanto, que a CJPI

¹ Como, por exemplo, a Federação da Juventude Comunista do Brasil.

² Setor “Comunismo”, pasta 15, dossiê no 9: “Comissão Jurídica e Popular de Inquérito”, folhas 20 e 21, p. 1 e 2 do Fundo Polícias Políticas do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

³ *Circular - curso de organização* do Comitê Anti-Mil. Panfleto no 82, p. 1 (Fundo DOPS/Folhetos, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro).

⁴ O Comitê Militar Revolucionário, conhecido como Comitê Anti-Mil, foi criado em 1929 para facilitar a ação do PCB nos meios militares. Para protegê-lo, e ao partido, ele era separado da estrutura partidária. O caráter semi-secreto desse comitê teria permitido que informações tão importantes como essa sobre as origens da ANL tivessem ficado desconhecidas por tanto tempo, até para a maioria dos militantes do partido.

[...] foi a grande agregadora das forças que viriam a constituir a maior frente única já formada no Brasil – A Aliança Nacional Libertadora” [grifos nossos] (PRESTES 1997: 61) É sintomático que a primeira aparição pública da ANL após a menção da sua existência, feita pelo deputado federal Gilbert Gabeira na tribuna da Câmara dos Deputados, tenha sido uma reunião conjunta com a CJPI ocorrida uma semana depois, a 24 de janeiro de 1935, com o objetivo de protestar contra a Lei de Segurança Nacional (“lei monstro”).¹

Portanto, entre dezembro de 1934 e janeiro de 1935, enquanto a FUA já era uma experiência do passado, a CJPI se fortalecia, ampliando tematicamente seu discurso político e área de atuação; abrindo o espaço para a atuação da já existente ANL.

Assim, o processo político do segundo semestre de 1934 é vital para se compreender a questão do esvaziamento da proposta política da FUA e as circunstâncias do sucesso e das contradições da ANL. O esvaziamento político da FUA pode ser aferido pela sua desmobilização, ocorrida após a saída definitiva do PCB, em janeiro de 1934, pelo fim de *O Homem Livre* em fevereiro e, sobretudo, a partir de 1º de maio de 1934, quando os “trotskistas” abandonam de vez a esperança de mudar os rumos do PCB. A “Batalha da Praça da Sé” foi como que um breve renascimento, para resolver uma contenda inadiável e realizar o confronto há muito previsto e esperado. Tão logo ele acabou a FUA perdeu a razão de ser.

A proposta de ‘frente única pela base’ contra a guerra, a reação e, subsidiariamente, o fascismo, representada pelo Comitê Antiguerrero do PCB, também se esgotara. Ao longo de 1934 o fascismo crescia na Europa e a Internacional Comunista, desde meados do ano, já dava sinais de que a união com outras forças políticas seria possível. Nacionalmente, a nova ordem constitucional, a crescente repressão sindical e política, a radicalização política crescente e a ameaça mais presente da AIB formavam um novo quadro político.

Assim, o processo político que se acelerou nas últimas semanas de 1934, encaminhou-se para a formação de uma frente muito mais ampla do que a FUA e o Comitê Antiguerrero, a ANL.

A FUA foi uma organização de pouca visibilidade política, com a adesão precária dos grupos políticos que a compunham, e que existiu basicamente em função do trabalho de agitação da LC e do PSB paulista, o de propaganda de *O Homem Livre* e dos poucos eventos públicos que realizou a maioria dos quais, em resposta a passeatas ou eventos da AIB. Além disso, a simpatia e até a adesão que alguns setores da sociedade paulista tinham pela AIB; a penetração que o fascismo tinha conseguido junto à comunidade italiana paulista, entre outros motivos, limitava o poder ofensivo do antifascismo nesta conjuntura, ainda mais quando patrocinado pelas esquerdas. Estas não tinham que disputar espaço político apenas com a direita integralista, mas também preservar sua existência das constantes ondas de repressão política oriundas das polícias políticas. Ademais, como era uma frente de pequenos grupos e partidos de esquerda, com poucos militantes e reduzida visibilidade política, e os preparativos do contra-comício de 7 de outubro de 1934 foram realizados pelas respectivas direções, os antifascistas que não participaram dessas conversações políticas não relacionaram a FUA com a “Batalha da Praça da Sé”. Assim, a memória histórica do evento não absorveu essa relação política. Entretanto, e apesar disso, a FUA contribuiu para unir as esquerdas paulistas e, principalmente, para dificultar o fortalecimento da AIB em São Paulo nessa conjuntura.

1 A *Pátria*, 23/01/35, p. 2. A lei, no entanto, só foi promulgada em 4 de abril daquele ano.

Finalmente, os vários esforços de unir as esquerdas brasileiras no período analisado (FUA, CJPI, Comitê Antigerreiro etc.) e, principalmente, de ampliar sua ação política e geográfica e sua composição de classe (ANL) demonstram o quanto esta conjuntura é importante para a compreensão do papel relevante desempenhado pelas forças progressistas na história política brasileira.

Lista de abreviaturas

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
CJPI	Comissão Jurídica e Popular de Inquérito
FUA	Frente Única Antifascista
LC	Liga Comunista
LCI	Liga Comunista Internacionalista
PCB	Partido Comunista (Seção Brasileira da Internacional Comunista)
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro

Bibliografia

Não existem fontes no documento actual.

ABRAMO, Fúlvio 1984, “7 de outubro de 1934: 50 anos” *Cadernos CEMAP*. São Paulo, 1984, ano I, nº 1.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de 1993, *A Oposição de esquerda brasileira (1928-1934): teoria e práxis*. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de 1999, *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo*. Niterói, 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de 2007. O Homem Livre: um jornal a serviço da liberdade (1933-1934). *Cadernos Edgard Leuenroth*, Unicamp, v. 22/23, p. 63-74. Disponível em: http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/view/22/26

COUTO, André Luiz Faria 1995, ANL: uma frente de esquerda nos anos 30. Niterói, 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

DEL ROIO, Marcos 1990, *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB, 1928-1935*. Belo Horizonte, Oficina de Livros.

FONSECA, Paulo César Dutra 1989, *O capitalismo em construção, 1906-1954*. São Paulo, Brasiliense.

FONSECA, Vítor Manuel M. 1986, *A Aliança Nacional Libertadora na legalidade*. Niterói, 1986. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

MAFFEI, Eduardo 1984, *A Batalha da Praça da Sé*. São Paulo, Brasiliense, 19

POSSAS, Lídia Maria Vianna 1992, *O trágico 3 de outubro: estudo histórico de um evento*. Assis, 1992 - Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual Paulista

PRESTES, Anita 1997, *Luís Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora*.

Petrópolis, Vozes, 1997

VIANNA, Marly 1992, *Revolucionários de 35*. São Paulo, Companhia das Letras. 1992.

Youth, counterculture and politics: the student movements of the sixties. Sergio Rodríguez Tejada¹

During the third quarter of the twentieth century, the irruption of youth as a new and autonomous political identity implied a shock to the establishment all over the world, affecting democracies and dictatorships, capitalist and state economies, old powers and their former colonies alike. Channelled through several causes and social movements, it questioned conventional ideas and practices inherited from the postwar period, eroding irreversibly the borders between the traditional political sphere and the everyday experiences. The visibility generated by the convergence of many of these protests in the year 1968 – and, in particular, the media impact of the “French May” – was a symbolic hit which could confuse both the temporal and spatial diversity of youth protest in that period.

At the same time, this youth upheaval was not a complete novelty because it is possible to track precedents from the first half of the century and ever before. This fact forces a wider reconsideration of the matter that would allow us to distinguish the specific traits of the mobilization in the sixties from the more general ones. In addition, it entails the need to bear in mind the academic discussion about the term “youth” itself and its diverse conceptual developments.

Taking as a reference its most typical expressions – the countercultural and student movements – and using a multidisciplinary approach, this paper explores the very concept of youth, the causes and precedents of the youth political activation in the sixties, the diversity and complexity of its displays, and its consequences and continuations.

Youth as both a natural and a cultural reality

Youth, understood as the stage of life development that follows childhood and precedes adulthood, has been object of a long and intense academic discussion, whom extreme positions have held apparently irreconcilable representations about its either “natural” or “cultural” reality.

The naturalistic concept of human youth, as something different from mere anatomical puberty, can be attributed, in its scientific version, to the North-American psychologist Granville Stanley Hall. Finding inspiration in the theory of recapitulation spread by the German biologist Ernst Haeckel, at the turn of the nineteenth century Hall revived the Latin word “adolescence” in order to name the troubled changes that supposedly reproduced the primitive stages of social evolution in every person (Hall 1904). This vision of young people in terms of lack and disturbance inspired many education, discipline and control policies during the next decades (Savage 2007).

¹ Sergio Rodríguez Tejada (Badajoz, 1972), has a PhD in Geography and History, and subsequent studies in Social and Cultural Anthropology. He is Associated Professor at the Departament d'Història Contemporània of the Universitat de València (Spain) and Secondary School teacher. His last remarkable work is the two volumes book *Zonas de libertad. Dictadura franquista y movimiento estudiantil en la Universidad de Valencia (1939-1975)*. In addition, he is co-author of other two books and has published several papers in specialised journals and congresses, most of them about the student movement under Franco's dictatorship. He has also acted as a consultant of two independent documentaries, *Así en la Tierra como en el Cielo* (2002) and *La Mano Invisible* (2003).

On the other hand, the idea of a universal and necessarily conflictive adolescence was openly questioned at the end of the twenties by the North-American anthropologist Margaret Mead, who based on her own fieldwork in Samoa (Mead 1928). The testimony of her young female informants offered evidences of a non-traumatic transition to adult life, what indicated that each culture shaped differently their own natives' youth experience. Besides, that supported the doubt if it was actually possible to use the term “adolescence” beyond the contemporary Europe.

Although the empirical ground of Mead has been seriously refuted (Kuper 1994, Brown 1999), her approach of “cultural construction” still prevails in many current studies of “postmodern” inspiration, as an analytical device to expose the rhetorical sources by means of which the “under age” have been labelled, silenced and reduced to objects of institutional intervention in contemporary societies (Lesko 2001, Gordon 2010). In addition, the ethnographic procedure of giving voice to the young themselves shows their leading role as makers of their own (sub)cultures, despite these ones were actually minority or marginal (Clarke 1975, Feixa 1998).

As it has happened in other controversies about key traits of human reality, the premises of discussion were established wrongly. Very often, inherited and acquired patterns of perception, thought and behaviour have been considered as mutually exclusive, when, in fact, they were only complementary dimensions of a same process: all cultural construction is necessarily made with the materials -and by the impulses- of biotic evolution. Like in other social species, the maturing and *socialization* of all human beings implies common potential problems, such as the emancipation from parental support and control, the entrance and positioning in the social hierarchy, and the access to sexual partners (Trivers 1985, Arnett 1999, Weisfeld 1999, Spear 2009). However, the diversity and complexity of our biophysical and sociocultural adaptations impose different and changing solutions, in other words, a plurality of *enculturations*. Hall himself already warned that youth experience is substantially modified by cultural channelling (Arnett 2006).

Youth subcultures in a historical perspective

That very nature, both universal and diverse, evolved and made, of age experiences invites us to work on much more opened and ambitious research hypothesis about the role of youth in different places and times of human history (Lovett 2008). Regardless that a culturally prescribed specific period of “adolescence” would actually exist or not, we can expect to find everywhere some strategies to drive the access of kids to adulthood in accordance with the expectations and necessities of the older individuals, in particular, of those privileged ones with power to impose – or to influence in – the hegemonic culture (who have been predominantly male the most of human history). Anyway, the harder to gain an acceptable adult status, the longer the transitional stage to full adulthood (Van Gennep 1909, Betzig 1986).

Because of the conflict of interests between generations and inside of them, it is difficult that any integration path could be optimal. And it is foreseeable that they would be never, as long as social stratification provides the incentives, and the cultural change supplies the necessary means, so that the young would challenge the establishment with more or less success, on one's own or as members of a group. Similar circumstances -in which age joins together with other factors- will shape parallel individual trajectories, producing youth (male and female) identities or roles inside a specific society, such as apprentice, page, maiden, recruit, novice, street children, fan, student, or similar (Fossier 1991, Stearns 2006). Their respective potential to generate imagined (not

imaginary) communities of which individuals feel part (full time or not) and in which they could live the present “their way” is the basis of youth subcultures (Anderson 1983, Hebdige 1979, Brake 1990, Talai and Wulff 1995).

The marginal or underground nature of many of those microcultures implies that they have often left, if any, a weak track in written sources. Their very overlap with other identities not age-based – such as sexual, hierarchical, linguistic, national, labour, religious, or party ones – means them to be neglected or underestimated. Besides, the possible political activation of those subcultures as countercultures requires not only specific motivations to this kind of collective action (for instance, an unrest caused by some kind of frustration, such as exploitation, subjugation, privation, or stigmatization), but also both chances and resources to initiate and sustain an organized movement with some future.

In this regard, it is remarkable that a youth collective with a well known mobilization record would be university students (Boren 2001). Their typical traits, such as the living together as an age group in a concrete space, their usual distance from scarcity by family, their command of the hegemonic culture's dispositions and symbolic resources, much more spare time than the average of adults, some corporative feeling, good future expectations, and the protection of social status, help together to explain both their protest force and their analytical saliency (Rodríguez Tejada 2009). Although academic disputes can be analysed in terms of a limited intellectual protest (Siegfried 2006), it is also well significant that the label “youth” was used first in a symbolic way in colleges and that the university students were the first social group to be publicly identified as “young” in the current meaning, at least from eighteenth century (Elkar 1995).

This restriction of the concept is, without any doubt, a proof of its “constructed” nature, but the most important here is that it also shows that “to be young” as main activity – and as a basis to mobilization – imposes such barriers to entry that not everybody can overcome them, even though requirements to live “as a young” could change in the course of time. That implies too that both material and symbolic resources are necessary to protest, while circumstances determine how young people would join together, which ways would be accessible to a specific group, and which one would allow to affect – positively or negatively – in the authorities and public opinion.

Ritual is a basic component in every contention, but its presence is remarked to compensate a shortage of other means of action, as it has happened in many youth subcultures (Hall and Jefferson 1975, Cerbino 2006). So that it is advisable to diminish the importance of one-sided views, such as those confronting “political” and “cultural” youth movements only by their express claims, without considering that the most deep unrest cannot always be said explicitly and that refusing an open conflict can result in other ways of protest. In fact, every traits of personal look –such as hairstyle, clothing, make-up and similar body ornamentation, gesture and other ways of body motion, manner of speaking, attitude and revealed likings – are potential elements of a complex signal system. Its wealth for both the individual and the group come from its exhibition costs, that establish the gradient which make different the activists of a cause from mere opportunist imitators (Zahavi and Zahavi 1997).

A new youth to a new society

In despite of the continuities from the past, youth life conditions were substantially modified as a result of the “great transformation” that human societies suffered during the last two centuries (Polanyi 1944). However, those changes affected the young at a

different pace according to factors such as their living place, their sex, their education or their social status.

In the long run, both economic growth and social development reduced infant and youth mortality, that historically had erased before their twenties one from two people born (Livi Bacci 1993). Technological innovation created new jobs to young male and female alike, while it increased education requirements and, therefore, child rearing costs. Together with the new methods of birth control that liberated sexual relations from procreation, they strongly influenced the fall of birth rates (quality instead of quantity). The convergence of boys' and girls' vital perspectives reduced gradually the difference in expectations their families have of them. Urbanization, rural flight, transcontinental migrations, as well as colonization and decolonization processes, took traditional familiar networks in pieces and exposed old and new generations to disparate integration problems.

The legal and institutional frame of the nation-state multiplied control mechanisms on the young, such as military conscription, compulsory education, health supervision and other welfare services. At the same time, secularization broke up the inherited moral and religious authority structures. The diffusion of a market economy, the general increase of purchasing power and the advance of serial production were the basis of industrial and trading economies of scale. Finally, the new mass media established consumption patterns, global and diversified at once, with the consequent crystallizing of a good and services market specifically aimed to the young (Savage 2007).

In short, despite of their classification as “not adults”, those age groups gained material and symbolic ground, becoming a potential niche to many political projects of a very different kind, that find in youth the perfect metaphor of rebirth and radical change. Even volunteer mobilization in the beginnings of First World War could be showed as a pure youth cause (Savage 2007). After the war, campaigns against militarism fuelled fighting student movements (Cohen 1993). It is not surprising, then, that the two main mobilizing trends of the twentieth century, communism and fascism, targeted youth recruitment as one of their priorities (La Rovere 2003, Kater 2004, Neumann 2010). Likewise, during the Cold War secret services from both sides worked to control national and international youth organizations (Rodríguez Tejada 2009).

While visibility and prominence of the young were increasing, a hypocritical discourse turned common among the authorities and the media. The young were appealed in a paternalistic and flattering tone, and simultaneously were blamed for several ills – banality, indolence, consumerism, lack of education – that, at the most, were typical of the whole society (Graebner 1990, Rodríguez Tejada 2009).

Contrary to the stereotypes of many adults, during the years after the Second World War the young took the initiative increasingly, but they do that in terms of their own interests and by using the material and expressive means within reach of their creativity. The development of specific radio formats, portable music devices and television helped to diffusion of pop music, rounding off in the sixties the shape of a transnational youth culture that had started during the interwar period (Marwick 1998).

The mobilizations of the sixties

During the second half of twentieth century, the target of youth concerns was still so diverse as their respective circumstances. Openly political protest was only one side among a wide-ranging non-conformist practices (Monod 1968, Willis 1977). Considering the general context of the period (Suri 2005), it is not surprising a

progressive youth political turn during the sixties. However, in the beginning this political will was not always expressed by a conventional party style. In the same manner as utopian and anarchist traditions of nineteenth century, several youth groups, such as the Dutch *provos*, the French situationists and the North-American hippies, did not focus mainly on change the existing society, but on replace it by creating alternative communities which should prove that living other way was actually possible (Kempton 2007, Plant 1992, Miller 1991).

Actually, groups that openly promoted civil and political goals showed this facet of symbolic fight as well. First, because they often shared many practices with those other “non-political” collectives, such as personal look, language, sexual liberation, communitarian living, musical references or drug use. Second, because they all agreed on several causes, like their outright rejection of the Vietnam war as an example of imperialist domination, and therefore converged in joint mobilizations. Finally, there was such a permeability between both kinds of movements – or, more often, between to sides of a same wide national movement – through some exchange of activists and many personal relationships: family ties, acquaintances, friendship, love and sexual affairs (Gitlin 1987, Braunstein and Doyle 2002, Von Dirke 1997).

There was another important resemblance with nineteenth century youth mobilizations: universities were again a potential springboard for them. Though overcrowding was reducing the traditional elitism of colleges, students still kept some partial privilege under repression. But, at the same time, their increase of number helped that their impact in the public sphere was even greater than before. Political activists were indeed a minority among undergraduates, but they had an important chance to make themselves be heard. While the old controls on the young that family, religion and scarcity have provided in the past were declined, young people wanted for more personal freedom and students were in the best position to get it. As a more well-off and educated social sector, they pioneered the adoption of the rising transnational youth culture, that proved to be a powerful resource to unite them all and to widen the generational gap that alienated them from the current adult point of view.

Music voiced particularly well the basic claims that young people had in common, beyond their particular kind of dissent or activism. When in songs such as “The times they are a-changin’” a pop star such as the North-American Bob Dylan warned parents that their sons and daughters were already out of their control and that, in fact, they could do nothing about it, he was acting as a spokesperson of a widespread feel among the new generations. Such messages could have or have not a deliberate political content, but in the shifting context of the period they could be used to promote critical causes of every shade and hue, providing a strong symbolic bond between the minority of activists and their potential audience (Rodríguez Tejada 2009).

During the forties and fifties, student activism had taken place predominantly at the grass-root level of adult-headed movements, such as the Japanese refusal against North-American occupation, the British anti-nuclear campaigns, the French protest against Algerian war, the civil rights mobilizations in the United States and the anti-colonial fight in Africa and Asia (Dowsey 1970, Klimke and Scharloth 2008, Lewis 2010, Natsis 2002, Zeilig 2007). In the sixties, the typical pattern changed to independent student movements that, however, were still prepared to collaborate with potential adult allies. Although it is possible to distinguish a common claim for personal freedom, human rights and a more participatory democracy from the United States to the Soviet Europe, and from Paris to Mexico DF, national and even local circumstances strongly shaped their respective goals and features (Caute 1988, Fink *et al.* 1998,

Kurlansky 2004, Suri 2007). In truth, regardless the impression of a explosion from nowhere, the 1968 symbolic accumulation effect resulted from the convergence of different causes with many ups and downs in their respective track records (Seidman 2004, Bhambra and Demir 2009). International cross-referencing through the media and personal coordination networks were decisive to create that feeling of unity above the obvious diversity (Klimke 2010).

The use artistic languages – especially the more new ones from music, painting, theatre, poetry, graffiti and similar – was a common weapon of student movements in the sixties. Beyond the national differences, they were resources of symbolic fighting, even in countries under a dictatorship such as Franco's Spain, where any protest became politicised by the much harder government censorship and repression, and therefore the only alternatives to underground politics or prison were a limited “cultural” action in the public space. At the end of the decade, the severity of state response and symbolic competition dynamics fuelled a radical turn among dissidents everywhere. In this regard, the very spread of Marxism-leninism as both expression language and organizing method, the self-organization of activists in “new left” political parties on their own, as well as their attraction for mystified anti-imperialist referents (China, Algeria, Cuba, Vietnam, the *Che* Guevera as a revolutionary martyr), can be explained by quite practical reasons: the logical need of political education and, eventually, of foreign funding. But they can also be understood as semiotic resources, that gave dissidents self-confidence and an acceptable explanation of their role as high or middle class dissenters in terms of “professional revolutionaries” (McDougall 2004, Rodríguez Tejada 2009).

The ubiquity of symbolic resources points out both the strength and the weakness of the student movements of the sixties. As a part of a much wider cultural constellation, activists could address to the young in a common language that differed from adult's. In the peak of politicization, around 1968 and just after, the whole youth culture had this protest flavour, as it could be seen in the music and cinema of the period (Rodríguez Tejada 2009, Biskind 1999). However, these same referents were also shaped by the cultural industry requirements, for what the commercial exploitation of youth unrest was a mere passing fad, only acceptable, to a certain point, by the substantial profit generated by that new market (Frank 1997). When in the seventies youth mobilizations declined by the government repression, the economic crisis punishment effect, some partial achievements, the miseries of marginal extremism, and a general discouragement alike, the own volatile traits of youth culture accelerated the protest decay. In the long run, even the very memories of the period have been object of a symbolic appropriation in the current political fighting (Ross 2002, Schildt and Siegfried 2006).

Conclusion

Obviously, the end of the sixties mobilization cycle did not finish youth dissent. Despite the conservative inclination to judge the current youth by an always unfavourable comparison with the mystified past one, the historical analysis shows the existence of both inherited and acquired patterns of action shared by the age cohorts that temporally experienced the more or less lengthy transition from childhood to personal independence. Together with the basic drives explored above, the most remarkable issue is precisely the adaptability of these common traits to the specific circumstances that the young have to face. Even today, not everybody can permit oneself to devote a period of their lifespan “to be young”. But this fact does not exclude to take into account the

general challenges that implies to become a human adult. Indeed, this conceptual clarification could help us to explain why some social groups, such as university students, have got more chances to enjoy of their youth and, at the same time, to stand up for what they understand to be their rights.

In this regard, the sixties can be seen as a period in which the very experience of being young was changing, partially by external reasons, but also because of both the independent and the coordinated activity of those who tried to be young their way. People have actually a limited, but by no means null, power to change their circumstances. And any culture is both a way and a result of their collective action. In the long run, the claim for more democracy, more human rights for everybody and more personal freedom has got limited achievements. But this very successful failure has fuelled new social movements – such as the feminist, the pacifism, the ecologist and similar ones– in which old hand activists have transmitted their legacy to new generations of dissenters (often their own “red diaper babies”). Therefore, it is not surprising if the echoes of the sixties can be detected in the youth mobilizations of the twenty-first century.

Bibliography

Anderson, B. 1983, *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, N. York, Verso

Arnett, J. J. 1999, “Adolescence Storm and Stress reconsidered”, *American Psychologist*, Vol. 54, n. 5, 317–326

Arnett, J. J. 2006, “G. Stanley Hall Adolescence: Brilliance and Nonsense” en *History of Psychology*, Vol. 9, n. 3, 186–197

Betzig, L. 1986, *Despotism and Differential Reproduction. A Darwinian View of History*, New Brunswick, Aldine

Bhambra, G. and Demir, I. (eds.) 2009, *1968 in Retrospect*, N. York, Palgrave

Biskind, P. 1999, *Easy Riders, Raging Bulls: How the Sex-Drugs-and-Rock 'N' Roll Generation saved Hollywood* (Spanish edition, Barcelona, Anagrama, 2004)

Boren, M. E. 2001, *Student Resistance. A History of the Unruly Subject*, N. York, Routledge

Brake, M. 1990, *Comparative Youth Culture: The Sociology of Youth Cultures and Youth Subcultures in America, Britain and Canada*, N. York, Routledge

Braunstein, P. and Doyle, M. W. (eds.) 2002, *Imagine Nation. The American Counterculture of the 1960s & '70s*, New York, Routledge

Brown, D. 1999, *Human Universals*, Boston, McGraw Hill

Caute, D. 1988, *The Year of the Barricades. A Journey Through 1968*, New York, Smithmark

Cerbino, M. 2006, *Jóvenes en la calle*, Madrid, Anthropos

Cohen, R. 1993, *When the Old Left Was Young*, N. York, Oxford UP

Dowsey, S. J. 1970, *Zengakuren: Japan Revolutionary Students*, Berkeley, The Ishi Press

Elkar, R. 1995, “Young Germans and Young Germany: some remarks on the history of German youth in the late eighteenth century and in the first half of the nineteenth century” in *Generations in Conflict: Youth Revolt and Generation Formation in Germany, 1770-1968*, ed. M. Roseman, Cambridge, Cambridge UP, pp. 69–91

Feixa, C. 1998, *De jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud*, Barcelona, Ariel

Fink, C. et al. 1998, *1968. The World Transformed*, London, Cambridge UP

- Fossier, R. 1991, *La société médiévale* (Spanish edition, Barcelona, Crítica, 1996)
- Frank, T. 1997, *The Conquest of Cool*, Chicago, Chicago UP
- Gitlin, T. 1987, *The Sixties*, New York, Batnam
- Gordon, H. R. 2010, *We Fight to Win: Inequality and the Politics of Youth Activism*, New Brunswick, Rutgers UP
- Graebner, W. 1990, *Coming of Age in Buffalo*, Philadelphia, Temple UP
- Hall, G. S. 1904, *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*, N. York, Appleton, 2 vol.
- Hall, S. and Jefferson, T. (eds.) 1975, *Resistance through Rituals. Youth subcultures in post-war Britain*, eds. S. Hall and T. Jefferson, New York, Routledge
- Hebdige, D. 1979, *Subculture: The Meaning of Style*, N. York, Routledge
- Kater, M. 2004, *Hitler Youth*, Cambridge, Harvard UP
- Kempton, R. 2007, *Provo. Amsterdam's Anarchist Revolt*, N. York, Autonomedia
- Klimke, M. 2010, *The Other Alliance: Student Protest in West Germany and the United States in the Global Sixties*, Princeton, Princeton UP
- Klimke, M. and Scharloth, J. (eds.) 2008, *1968 in Europe. A History of Protest and Activism, 1956-1977*, N. York, Palgrave
- Kuper, A. 1994, *The Chosen Primate. Human Nature and Cultural Diversity*, Cambridge, Harvard UP
- Kurlansky, M. 2004, *1968: The Year That Rocked the World*, New York, Random House
- La Rovere, L. 2003, *Storia dei GUF*, Torino, Bollati Boringhieri
- Lesko, N. 2001, *Act Your Age!: A Cultural Construction of Adolescence*, N. York, Routledge Falmer
- Lewis A. 2010, *The Shadows of Youth*, N. York, Hill and Wang
- Livi Bacci, M. 1993, *La popolazione nella storia d'Europa* (Spanish edition: Barcelona, Crítica, 1999)
- Lovett, L. et al. 2008, "Age as a category of historical analysis" en *Journal of the History of Childhood and Youth*, Vol. 1, n. 1, 89–124
- Marvick, A. 1998, *The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy, and the United States, c. 1958-1974*, Oxford, Oxford UP
- McDougall, A. 2004, *Youth Politics in East Germany*, Oxford UP, Oxford
- Mead, M. 1928, *Coming on Age in Samoa* (Spanish edition: Barcelona, Laia, 1972)
- Miller, T. 1991, *The Hippies and the American Values*, Knoxville, University of Texas
- Monod, J. 1968, *Les Barjots. Essai d'ethnologie des bandes de jeunes* (Spanish edition, Barcelona, Ariel, 2002)
- Natsis, J. 2002, *Lerning to Revolt: The Role of Students in the National Movement of Colonial Tunisia*, Lanham, University Press of America
- Neumann, M. 2010, *The Communist Youth League and the Transformation of Soviet Russia, 1917-1932*, N. York, Routledge
- Plant, S. 1992, *The Most Radical Gesture: The Situationist International in a Postmodern Age* (Spanish edition: Madrid, Errata naturae, 2008)
- Polanyi, K. 1944, *The Great Transformation* (Spanish edition: La gran transformación, México DF, FCE, 1992)
- Rodríguez Tejada, S. 2009, *Zonas de libertad. Dictadura franquista y movimiento estudiantil en la Universidad de Valencia*, Valencia, PUV, 2 Vol.
- Ross, K. 2002, *May '68 and Its Afterlives*, Chicago, University of Chicago

- Savage, J. 2007, *Teenage. The Creation of Youth Culture*, N. York, Viking
- Scott, J. C. 1990, *Domination and the Art of Resistance* (Spanish edition: Tafalla, Txalaparta, 2003)
- Seidman, M. 2004, *The Imaginary Revolution: Parisian Students and Workers in 1968*, New York, Berghahn
- Schildt, A. and Siegfried, D. (eds.) 2006, *Between Marx and Coca-Cola. Youth Cultures in Changing European Societies, 1960-1980*, New York, Bergham
- Spear, L. 2009, *The Behavioral Neuroscience of Adolescence*, N. York, Norton
- Stearns, P. 2006, *Childhood in World History*, N. York, Routledge
- Suri, J. 2005, *Power and Protest: Global Revolution and the Rise of the Detente*, Cambridge Mass., Cambridge UP
- Suri, J. 2007, *The Global Revolutions of 1968*, New York, Norton
- Talai, A. and Wulff H. eds. 1995, *Youth Cultures: A Cross-Cultural Perspective*, N. York, Routledge
- Trivers, R. 1985, *Social Evolution*, Menlo Park, B. Cummings
- Van Gennep, A. 1909, *Les rites de passage* (Spanish edition, Madrid, Alianza, 2008)
- Von Dirke, S. 1997, 'All the Power to the Imagination', Lincoln, University of Nebraska
- Weisfeld, G. 1999, *Evolutionary Principles of Human Adolescence*, New York, Basic Books
- Willis, P. 1977, *Learning to Labor: How Working Class Kids Get Working Class Jobs* (Spanish edition, Madrid, Akal, 1988)
- Zahavi, A. and Zahavi, A. 1997, *The Handicap Principle*, New York, Oxford UP
- Zeilig L. 2007, *Revolt and Protest: Student Politics and Activism in Sub-Saharan Africa*, Oxford, Tauris

Luta armada na Frente Patriótica de Libertação Nacional: uma querela permanente. *Susana Martins*¹

Nos últimos dias de 1962, realiza-se em Roma a Conferência das Forças Portuguesas Anti-Fascistas, onde se decide atribuir ao movimento oposicionista unitário – o conjunto das Juntas de Acção Patriótica e a Junta Patriótica Central – a designação de Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN). À Frente caberia dirigir a iniciativa anti-fascista nas suas diferentes formas de actuação – legal, semi-legal e ilegal –, visando a mobilização popular de massas e, ‘em conjugação [...], ao serviço deste[a] e com o objectivo de o[a] estimular’, preparar ‘acções de tipo especial de agitação, defesa e autodefesa, e mesmo acções ofensivas contra o aparelho de repressão e propaganda fascista’².

Era a resposta ao debate em torno das formas de luta, que se vinha fazendo sentir na oposição pelo menos desde as eleições de 1958, quando as hesitações do Partido Comunista Português e a incapacidade de outros sectores políticos alternativos haviam desaproveitado as condições para o levantamento nacional popular. Oportunidade da acção directa e da luta armada, levantamento nacional seguido de acções especiais ou golpe militar que suscitasse a mobilização popular, são algumas das questões em cima da mesa. Uma polémica que decorria fora e dentro do partido, atingindo neste as próprias estruturas directivas. Discussão que ditara o apoio de alguns militantes comunistas às revoltas que se prepararam para Março de 1959 e Dezembro de 1961 – respectivamente, a designada conspiração da Sé e a revolta de Beja – ou até a simpatia perante acções espectaculares como a tomada do pacote Santa Maria. Acções promovidas por delgadistas, por socialistas de esquerda, por homens de acção, lato senso. Alguns dos que mais se entusiasmam com o aparecimento da FPLN e com aquilo que formalmente afirma.

As resoluções saídas da Conferência de Roma falam ainda da criação de uma Comissão Delegada no exterior, capaz de desenvolver trabalho diplomático, accionar formas de ajuda prática à luta oposicionista e realizar tarefas de propaganda, mantendo ‘publicações informativas da FPLN’ e uma emissora que em seu nome se deveria instalar³. Formada desde logo, toma a seu cargo os imprescindíveis contactos políticos com a oposição no interior – cuja prometida representação à Conferência não comparecera – e com os núcleos do exílio e as diligências necessárias ao estabelecimento de uma base de trabalho em local a determinar.

Em Abril de 1963, os membros da Comissão Delegada Provisória residentes em Argel anunciam a instalação de um *bureau* do organismo nessa cidade. Além de outros esclarecimentos, a circular divulgada incentiva a deslocação de emigrantes portugueses para o país, como cooperadores técnicos ou estudantes universitários, e apela à continuação da formação de Juntas de Acção Patriótica no interior, comités de base

¹ Susana Martins é professora no Instituto Superior de Ciências Educativas e investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Mestre e doutoranda em História Contemporânea pela mesma Universidade, última dissertação sobre a Frente Patriótica de Libertação Nacional. Entre outras publicações, é autora de *Socialistas na Oposição ao Estado Novo* (Casa das Letras, 2005).

² “Conferência das Forças Anti-Fascistas Portuguesas” – conclusões, recomendações e resoluções, s/d [Dezembro de 1962]. Centro de Documentação 25 de Abril – Universidade de Coimbra (CD 25A), Fundo Lopes Cardoso.

³ *Idem*.

unitários onde assentava a actividade da FPLN, como vimos¹. Apelo repetido e ampliado em Agosto seguinte, agora com objectivo de dinamizar o movimento nos núcleos oposicionistas do estrangeiro. Em Argel, o repto tem imediata consequência prática, com a constituição da *Junta de Acção Patriótica dos Portugueses na Argélia (JAPPA)* no mesmo mês². Mês em que chega Pedro Soares, o representante do PCP na Comissão Delegada, e em que se fazem os primeiros ensaios da rádio Voz da Liberdade, que começara a emitir na segunda quinzena de Julho.

Passados oito meses do anúncio público da criação da FPLN, o impulso com que contavam todos quantos haviam recebido entusiasticamente a notícia da criação da Frente parece, enfim, estar a ser dado.

Na capital argelina vai-se formando uma comunidade portuguesa de relativa dimensão, somando, em Dezembro de 1963, cerca de quarenta e cinco pessoas, nas quais se incluem os membros da Comissão Delegada aí fixados. De comunistas ortodoxos, a críticos da “transição pacífica” e dos métodos de luta até aí protagonizados pelo PCP, estejam estes ainda dentro ou já fora das fileiras do partido. Gente animada pela agitação social e política iniciada na campanha delgadista de 1958, que se envolvera em acções como a revolta de Beja ou a mobilização popular de Maio de 1962, ou atraída pela plataforma revolucionária que se constituía em território argelino. Eis a caracterização geral, e forçosamente simplista, do núcleo oposicionista português reunido em Argel em finais de 1963. Comunistas, socialistas do recém-formado Movimento de Acção Revolucionária (MAR) – organização para-socialista, paramarxista e preconizadora da via castrista, nas palavras de um dos seus fundadores³ –, socialistas da Resistência Republicana (RR)⁴, delgadistas partidários da acção imediata e independentes “das esquerdas” compõem o quadro político em presença.

Entre estes, tem peso a corrente defensora da luta armada ou, ao menos, da acção imediata, à qual pertencem o núcleo MAR, que entretanto se constitui em Argel, e os elementos em ruptura com o PCP e que se realinham um pouco depois na Frente de Acção Popular (FAP). São estes que vão protagonizar, em Argel, o maior foco de tensão com a direcção da Frente Patriótica, designadamente a partir da criação da JAPPA de que os ‘maristas’ tomam iniciativa e os futuros FAP são fortes apoiantes, e que não se restringe às formas de luta. Direcção que se debate já com profundas divergências internas e é alvo de duras críticas provenientes dos diferentes locais de exílio português. Ataques que se podem resumir na inexplicável demora do seu processo decisório, no aparente imobilismo ou no desinteresse em protagonizar a luta armada.

¹ Circular do Bureau de Argel da Comissão Delegada da FPLN, 15 de Abril de 1963. Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

² Circular da Comissão Delegada da FPLN aos portugueses residentes na Argélia, 13 de Agosto de 1963 e acta da assembleia-geral dos “antifascistas residentes na Argélia” realizada em 19 de Agosto de 1963. Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

³ Rascunho de carta de Fernando Piteira Santos a Manuel Sertório, s/d [anterior a 4 de Maio de 1963]. CD 25A, Fundo Piteira Santos. As origens do MAR entroncam nos trabalhos desenvolvidos em Portugal e em Paris por elementos ligados à Resistência Republicana com vista à definição de uma nova Declaração de Princípios da organização, durante 1962 e nos primeiros meses de 1963. O impossível acordo entre os envolvidos no interior, defensores duma versão mais *frentista* e moderada, e parte dos que entretanto se instalaram no exílio, que advogam uma versão mais *esquerdista*, leva à fundação de um novo movimento.

⁴ Grupo socialista *moderado*, que aposta na capacidade de atracção dos republicanos de esquerda e mesmo dos liberais conservadores e, por isso, opta por uma definição programático-ideológica mais ambígua. Irá, em Abril de 1964, transformar-se na Acção Socialista Portuguesa.

Inércia que contrastava com a profusa actividade do MAR, que efectua reuniões de debate sobre a luta armada, estabelece contactos, nomeadamente com a Embaixada de Cuba em Argel, visando conseguir apoio técnico e material por parte do Governo cubano, ou com jornalistas da agência desse país, Prensa Latina, e que confirma a possibilidade de ‘treinos de algumas coisas que exigissem pouca gente, como certas conversas-cursos sobre luta de cidades e montanha’¹. Ou ainda que toma a iniciativa de apelar directamente ao general Humberto Delgado para se estabelecer em Argel, mostrando disponibilidade para pagar despesas de deslocação e manutenção, por desconfiar do real desejo na vinda de Delgado por parte dos dirigentes da Frente².

Pela mesma altura, José Hipólito dos Santos, um dos mais activos elementos do núcleo MAR e responsável da JAPPA, dirige missiva a Lopes Cardoso, membro da Comissão Delegada fixado em Paris e de há muito seu amigo e camarada político, onde expressa bem o sentimento do grupo dos “desalinhados”:

O PS II [Pedro Soares, delegado do PCP na direcção da Frente] com os seus modos e palavras simpáticas continua a dar material para a Rádio [Voz da Liberdade] falando de Unidade – parte fundamental da FPLN. Pensa por outro lado que não se deve estar na Rádio a dizer coisas que alimentem a ideia de que é preciso passar à acção. Há que fazer um longo trabalho de preparação... Os programas de rádio, claro, acusam esta clarividente forma de pensar. Por isso mesmo, melhor, por sofrerem de “desviacionismo de esquerda” em relação a esta tese é que cerca de uma dezena de textos fornecidos pela Junta (a nossa JAPPA) não têm sido metidos nas emissões [...].³

JAPPA que estava desde a sua constituição, também ela, mergulhada em discordâncias profundas, inviabilizadoras de um trabalho sério. Entre Secretariado da JAPPA, seu órgão directivo, e Comissão Delegada, entre comunistas e socialistas de esquerda, entre estes e socialistas moderados, entre toda a confusão que isto gerava e a restante comunidade portuguesa interessada mas não enquadrada politicamente, que se ia afastando.

Não obstante, é a JAPPA que continua na primeira linha defendendo o avanço imediato para a acção ou, melhor, os seus responsáveis, recrutados precisamente nas fileiras do MAR e entre os *delgadistas*, com a colaboração próxima de elementos saídos há pouco do PCP. No editorial do primeiro número do *JAPPA*, o boletim cuja publicação inaugura em Janeiro de 1964, põe precisamente a tónica na urgência da acção:

A todos aqueles que acreditam que só a violência revolucionária, a luta armada, poderá derrubar o regime fascista de Salazar, é dirigido este boletim de combate. A todos aqueles que pensam que chegou o momento de desencadear a luta armada contra o regime fascista de Salazar, é dirigido este boletim de combate. [...] A todos aqueles que estão dispostos à luta revolucionária, violenta, contra o fascismo,

¹ Carta de José Hipólito dos Santos a Lopes Cardoso, Argel, 11 de Outubro de 1963. CD 25A, Fundo Lopes Cardoso.

² Carta de Hélder Veiga Pires, Hipólito dos Santos, Marcelo Fernandes e Zulmiro de Almeida, enquanto elementos da JAPPA, a Humberto Delgado, 24 de Outubro de 1963. Transcrita in Pinheiro 1998: 176-178.

³ Argel, 11 de Outubro de 1963. CD 25A, Fundo Lopes Cardoso.

é dirigido este boletim de combate.¹

Rui d’Espiney e João Pulido Valente haviam-se instalado na capital argelina em Setembro e Outubro do ano anterior, respectivamente. Um e outro em ruptura com os comunistas. Pouco depois de chegar, Pulido manifesta em círculo restrito a sua simpatia pela luta armada e, um mês mais tarde, a 16 de Novembro, torna pública a sua suspensão do PCP em assembleia-geral da JAPPA². Por seu turno, Rui d’Espiney chega a Argel ‘meio suspenso’ do partido, como afirma na mesma ocasião. O distanciamento começara na sequência da agitação de Maio de 1962, de que é um dos organizadores, convencido que vai ficando da inutilidade das manifestações pacíficas e do desejo de preparação para a resistência por parte das pessoas mais activas. Isolado da estrutura partidária até Abril ou Maio de 1963, é nessa altura incumbido da tarefa de por a salvo o possível do sector operário denunciado por importante quadro comunista que se passara para a polícia. Contactos que só aprofundam a convicção de terem uma amplitude bastante maior as críticas por si feitas, designadamente entre o operariado. Em Argel, o delegado comunista na Frente acolhe-o bem, procurando “reconquistá-lo” para o trabalho partidário. Nessa linha, recebe ainda um convite proveniente da Embaixada Soviética em Argel para frequentar a Universidade Patrice Lumumba, em Moscovo. É então que recebe o documento *Luta pacífica ou Luta Armada no nosso movimento*, enviado de Paris por Manuel Claro, seu companheiro na saída clandestina do país. Dele dá conhecimento a Pulido Valente, que desde logo terá identificado Francisco Martins Rodrigues como seu autor³. Ambos dão a sua adesão ao manifesto, consumando o divórcio com o PCP. Pouco depois, constituem com um pequeno grupo a primeira célula FAP em Argel.

Como foi referido, esta coopera com a JAPPA, mais propriamente com o MAR, única força que se mantinha no organismo, após o abandono da RR e do PCP. No segundo número do seu periódico, datado do mês de Fevereiro, essa estreita colaboração e a posição crítica de ambas relativamente aos comunistas são ainda mais claras:

É impossível não só a coexistência pacífica entre as classes opressoras e as classes oprimidas, como ela se torna aberrante no caso especial do fascismo. Para um regime que se mantém pela repressão mais brutal, só há uma resposta possível, e essa não é a coexistência. Para um regime que se defende pela violência mais feroz, apenas há um caminho: a violência popular.⁴

Mais à frente, a censura directa à actuação do PCP em 1958, tema retomado no quarto número, de Abril de 1964:

Ninguém surgiu a canalizar a combatividade popular no sentido que se exigia – insurreição armada. Tenta-se mesmo refreá-la enquanto “altos” tratados, “importantes” alianças se construía. Impunha-se o “extremar de campos” e nada disso apareceu. Desfaz-se o entusiasmo resultante do “é agora”. Desperdiça-se a

¹ Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

² Declara-o a Hipólito dos Santos, embora ressalve que ‘publicamente defenderia a posição oficial’. Carta de José Hipólito dos Santos a Lopes Cardoso, 11 de Outubro de 1963. CD 25A, Fundo Lopes Cardoso. Acta da assembleia-geral da JAPPA de 16 de Novembro de 1963. Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

³ Entrevista com Rui d’Espiney, Setúbal, 14 de Janeiro de 2008.

⁴ *JAPPA*, n.º 2, Fevereiro de 1964. APHS.

disposição de “ir até onde fosse necessário”.¹

Tivera entretanto lugar a II Conferência da FPLN, reunida em Praga entre 29 de Dezembro de 1963 e 3 de Janeiro de 1964. Contara-se agora com a participação de Humberto Delgado e Rui Luís Gomes, dois ex-candidatos presidenciais pela oposição, figuras de prestígio reconhecidas por todos. Apoios de monta quando se tratava de reafirmar a união de vontades e dar renovado impulso ao movimento, reconhecidas que eram as debilidades organizativas e as insuficiências na actividade desenvolvida. Para as resolver, determina-se a transformação da Comissão Delegada Provisória em Junta Revolucionária Portuguesa, órgão executivo cuja presidência seria entregue a Humberto Delgado, e ‘envidar esforços’ para a formação de um Comando Operacional, braço militar da Junta, que avançasse realmente com a preparação de uma acção insurreccional em Portugal, igualmente sob a liderança do general². Reforça-se ainda a necessidade de aumentar a rede de Juntas Patrióticas, detalhando o que se advoga quanto aos métodos de luta: a recusa de ‘quaisquer possibilidades de solução pacífica do problema político português’ e afirmação da ‘acção insurreccional em que participem as massas populares e sectores revolucionários das forças armadas [sic]’ como única via para o derrube da ditadura. Para a preparação ‘no mais curto prazo’ das condições insurreccionais aparecem em primeiro plano ‘aquelas acções susceptíveis de desenvolvimento para formas superiores de luta’, em reacção à ‘trágica situação económica, à repressão, ao obscurantismo’ e servindo de ‘escola para a radicalização política do povo português’. Sem desprezar, todavia, as oportunidades de actuação legal e semi-legal, e sublinhando o ‘papel positivo no desenvolvimento do movimento popular e revolucionário, [de] acções de tipo especial, incluindo acções violentas, de agitação, autodefesa, de enfraquecimento da máquina militar da guerra colonial e outras acções ofensivas, desde que realizadas com objectivos políticos convenientemente estudados.’³

Um significativo avanço relativamente à I Conferência, facto que não deixa de ser assinalado no número de Março do *JAPPA* e que estará, porventura, na base do contacto da FAP com a FPLN, a quem dirige uma carta dando conhecimento da sua existência, a 2 de Abril⁴. Missiva que merece ainda uma resposta cordata da Frente, nos inícios de Maio⁵.

A perspectiva da iminente chegada de Delgado insufla outrossim renovado ânimo no núcleo argelino do MAR. Constatando a inexistência de qualquer trabalho de carácter militar ao nível da Frente e antecipando a possibilidade de obtenção de ‘apoios locais’ a uma iniciativa desse género apresentada pelo general, concentra-se na preparação de documentação que possa fundamentar ‘pedidos concretos’ do presidente da Junta Revolucionária Portuguesa. Insere-se neste esforço um ensaio intitulado *Subsídios para uma luta armada em Portugal*, onde salientam uma vez mais a

¹ Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

² “II Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional. Resoluções” s/d [Janeiro de 1964]. Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares, Fundo Ramos da Costa e Anexos reservados, s/d [Janeiro de 1964], Arquivo Particular de Tito de Morais.

³ *Idem.*

⁴ Arquivo Particular de Tito de Morais.

⁵ *Idem.*

imprescindibilidade da luta armada, que entregam à Frente em Março de 1964¹. Ainda na mesma linha de orientação, tenta convencer os dirigentes da FPLN da vantagem de um ‘treino de especialidades’ em matéria de ‘sabotagem, ligações secretas, rádios e transmissões, armamento, espionagem, guerrilha e topografia’, ideia para a qual não obterá qualquer apoio. Para consumo interno, investe ainda na concretização das ‘acções susceptíveis de serem realizadas’ nos campos das ‘acções violentas, agitação, autodefesa e enfraquecimento do aparelho militar fascista para a guerra colonial’, enumerados pela Conferência de Praga, bem como na referenciação das unidades militares e policiais portuguesas, sua localização e aspectos do seu funcionamento ou no levantamento das principais armas utilizadas no exército português, para apenas citar alguns exemplos².

Mas o alento depressa se esvazia. Inesperadamente, o presidente investido fica retido na Checoslováquia para se submeter a uma delicada intervenção cirúrgica, a que se segue longo período de convalescença. Os mais impacientes conjecturam sobre as razões de tal demora, voltando a alimentar as suspeitas anteriores à II Conferência. Desejaria verdadeiramente a actual direcção da FPLN essa vinda e o que ela representaria? É a dúvida que assalta toda a comunidade democrata portuguesa em geral e os defensores da acção imediata em particular, embora o sentimento pareça não estar presente no espírito de Delgado.

E é durante a penosa espera que as posições se definem em Argel. No número de Maio, o boletim *JAPPA* lança a ideia de uma nova Frente:

O elemento mais significativo dos últimos tempos foi o aparecimento de movimentos que, de diversa origem, exprimem todos eles a vontade das massas populares e da juventude de entrar em acção. As suas próprias características abertamente revolucionárias, o facto de todos defenderem a acção armada como forma de luta, de à sua frente estarem dirigentes que se revelaram nas últimas gerações, sem estarem agarrados a vícios, defeitos e interesses criados, mostram que as aspirações há muito em gestação na base das organizações políticas tradicionais e nas camadas da população que representam, estão em vias de se concretizar. É necessário que o que nos une, [aos] diversos movimentos – a vontade de acção revolucionária, de acção armada – os leve a congregarem-se, e isso no plano que é decisivo: o da própria acção. É essa lição de unidade para a acção revolucionária que eles poderão dar àqueles outros agrupamentos e dirigentes que ainda põem a “unidade” dos compromissos, das alianças e dos jogos políticos, acima da unidade fundamental: a unidade com a vontade do povo, a unidade com as forças revolucionárias.³

É esta, obviamente, a FAP. A atitude é entendida e terá consequências: leva à demissão do único comunista que, em Março de 1964, aceitara colaborar no secretariado da *JAPPA* e dos dois membros do *MAR* também integrados no organismo, motivando

¹ “Relatório sobre a actividade do Núcleo [MAR] de Alger”, s/d [anexado a carta de 12 de Maio de 1964], CD 25A, Fundo Lopes Cardoso. Sobre o texto não obterão qualquer comentário por parte da Comissão Delegada. De assinalar ainda o facto de fazer parte do núcleo inicial do *MAR* em Argel Rui Cabeçadas, um dos membros da direcção da Frente, estando outro dos dirigentes da FPLN, Piteira Santos, em processo de ruptura com o *MAR*.

² *Idem*.

³ N.º 5, Maio de 1964. Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

igualmente a interdição pela direcção da FPLN do uso da sua aparelhagem técnica para a confecção do boletim e das suas instalações para as reuniões do secretariado¹. Indícios claros de um iminente divórcio entre JAPPA e direcção da FPLN, que é o mesmo que dizer entre MAR/FAP e FPLN. O MAR quer evitar a ruptura definitiva com a Frente, guardando margem para que uma posição oficial saísse da assembleia interna que então preparava. Decide, pois, afastar-se da JAPPA.

A FAP reage mal. Acusa o MAR de deslealdade, iniciando contra ele uma ‘campanha de descrédito pessoal e colectivo’, à qual os ‘maristas’ recusam ripostar². Atitude que, ainda na versão do MAR, traz à FAP ‘um certo descrédito e mesmo uma desagregação interna, local, evidente’, dado ter adquirido particular virulência pela ‘necessidade de desviar as atenções do “fracasso” do 1º de Maio, uma vez que a FAP aqui afirmou, propagandeou, que iriam lançar os seus “grupos armados”’³.

Em 27 de Junho de 1964, Humberto Delgado chega finalmente a Argel, sendo recepcionado por grande parte dos portugueses aí estabelecidos e por várias autoridades argelinas. Com ele, um estilo diferente de fazer política. Na qualidade de presidente da Junta Revolucionária e como líder incontestado da oposição portuguesa que sente ser, decide individualmente, estabelece contactos, redefine prioridades e formas de actuar. Isto enquanto é bombardeado pelo intrincado exílio argelino, com queixas das arbitrariedades dos dirigentes da Frente para com membros da comunidade portuguesa e relatos de intrigas pessoais e políticas entre os mesmos dirigentes e entre estes e os restantes portugueses. Nas reuniões da Junta, cada assunto levanta mil questões e nenhuma solução. E a inércia logo o incomoda, para a seguir o exasperar. Como presidente da FPLN faria a revolução sozinho, se necessário fosse. Ou com as “franjas marginais” que o haviam chamado e continuavam a manifestar-se disponíveis para a acção assim que as convocasse.

Está o desaguisado ao rubro quando sai o último número do *JAPPA*, em Agosto, um número especial da responsabilidade dos ‘fapistas’. Nele é apresentada a proposta de formação de um Comité das Organizações Antifascistas Portuguesas, que deveria resultar de uma assembleia-geral da comunidade portuguesa instalada na Argélia, a convocar por Delgado, que assumiria a presidência de honra da nova Frente. Frente onde afirmam caber RR, PCP, MAR e FAP, mas que obviamente põe termo à existência da FPLN. Mais uma contribuição para a confusão reinante em Argel, que marca o início dos ataques abertos do conjunto da direcção da FPLN à FAP, secundando a postura até aí protagonizada apenas pelos comunistas.

Em busca desesperada pelo reequilíbrio, confluem para Argel o secretário-geral comunista e Manuel Sertório, um próximo colaborador do general no Brasil. Humberto Delgado não acredita naquela unidade ou no seu desejo de acção, os dirigentes anteriores apelidam-no de despótico e consideram impossível o trabalho político conjunto. Agenda-se nova conferência, a terceira em menos de dois anos. Mas tudo está consumado.

É o fim da Frente Patriótica de Libertação Nacional tal como tinha sido concebida: um projecto unitário onde todos se revissem e estivessem representados, aliados no

¹ O comunista é Luís Bernardino, que se demite nos finais de Abril, seguido nos inícios de Maio por Hipólito dos Santos e Fernando Echevarria, os delegados do MAR. Arquivo Particular de Hipólito dos Santos.

² Relatório do Núcleo MAR de Argel à estrutura central do MAR, Argel, 12 de Maio de 1964. CD 25A, Fundo Lopes Cardoso.

³ *Idem*.

objectivo comum de derrubar violentamente o regime. Pouco passara do papel. Na Conferência de Roma, ao concordarem participar na Frente e contribuir para a sua definição, os comunistas terão transigido na aparência para esvaziar o fundamental, impondo mais política e pouca acção. Os restantes, sem o peso político imprescindível, do interior ou do exterior, não se conseguem impor perante a clara hegemonia do PCP. Como não conseguem ultrapassar questiúnculas entre si ou diferenças menores com a comunidade portuguesa fixada na Argélia. Em menos de nada, os vícios e as intrigas avolumam-se e impedem o trabalho político consequente. Os “desalinhados” são mais e mais. O MAR com um pé dentro e outro fora, a FAP que nunca chega a entrar, os *delgadistas* que cortam no Verão de 1964, a RR (então já Acção Socialista Portuguesa) que sai formalmente em Fevereiro de 1966 sem nunca ter conseguido o empenho real dos seus elementos do interior. Restam o PCP e independentes, uma rádio, um mundo de possibilidades, nenhuma acção. Demasiado pouco para uma Frente.

Lista de abreviaturas

- FPLN – Frente Patriótica de Libertação Nacional (National Liberation Front)
- PCP – Partido Comunista Português (Portuguese Communist Party)
- JAPPA – Junta de Acção Patriótica dos Portugueses na Argélia (Patriotic Action Junta of the Portuguese in Algeria)
- MAR – Movimento de Acção Revolucionária (Revolutionary Action Movement)
- RR – Resistência Republicana (Republican Resistance)
- FAP – Frente de Acção Popular (Popular Action Front)

Referências bibliográficas

Manya, Judith 2007, ‘Les Portugais d’Alger 1962-1974’ in Actes du colloque interdisciplinaire: *Nouvelles perspectives de la recherche française sur la culture portugaise (5-6 février 2007)* [disponível em http://www.msh-clermont.fr/IMG/pdf/06-MANYA_51-58_.pdf]

Martins, Susana 2010, ‘A Instalação da Frente Patriótica de Libertação Nacional em Argel’ in *Memória das Oposições (1927-1969)*, ed. Heloísa Paulo, Coimbra, Edições Minerva.

Miranda, Sacuntala de 2003, *Memórias de um peão nos combates pela liberdade*, Lisboa, Salamandra.

Pinheiro, Patrícia McGowan 1998, *Misérias do Exílio. Os últimos meses de Humberto Delgado*, Lisboa, Contra-Regra.

Raby, Dawn Linda 1988, *Resistência Antifascista em Portugal. 1941/74*, Lisboa, Edições Salamandra.

Raby, Dawn Linda 1994, ‘Portuguese Exile Politics: The “Frente Patriótica de Libertação Nacional”, 1962-1973’, *Luso-Brazilian Review*, vol. 31 (1), p. 77–89.

Raby, David 1992, ‘O PCP e a oposição no exílio (1958-65)’, *Vértice*, n.º 50, p. 29–36.

Debates sobre a viabilidade de uma revolução anarquista no Brasil (1917-1922). *Tiago Bernardon de Oliveira*¹

Os avanços teóricos e empíricos da historiografia das décadas de 1980 e 1990 foram fundamentais para o resgate da experiência anarquista na Primeira República brasileira (1889-1930). Nas décadas anteriores, esta experiência havia sido relegada à subvalorização pelas análises ligadas a perspectivas comunistas, que atribuíam à “inevitável” fragilidade dos métodos do anarquismo o declínio de sua influência sobre o movimento operário no Brasil. Porém, em reverso, freqüentemente resvalou-se em uma sobrevalorização que acabava por reproduzir argumentações e ideias da militância do início do século XX, que concebiam a existência de uma relação intrínseca entre manifestações operárias e o ideal anarquista, deixando de apreender os dilemas, debates e mudanças práticas acerca de táticas e estratégias a serem adotadas em diferentes contextos.

Baseada em um segundo capítulo de tese de doutorado defendida em 2009², esta comunicação pretende contribuir, tal como outros estudos recentes³, para a compreensão *histórica* dessa experiência, procurando dar atenção aos debates e práticas relacionados a tentativas de eclosão de um processo efetivamente revolucionário no Brasil na virada da década de 1910, diante das grandes mobilizações grevistas de operários em diversos pontos país e sob o impacto da Revolução Russa.

Antecedentes: a emergência do anarquismo no movimento operário brasileiro

Assim como para qualquer outra corrente política que se auto-proclamasse revolucionária, a principal questão para o anarquismo foi sempre como tornar viável o desencadeamento de uma Revolução coerente com seus ideais. No Brasil, como em quase todos os países onde o anarquismo teve alguma influência considerável nas primeiras décadas do século XX, elegeu-se o sindicalismo revolucionário, aos moldes da CGT francesa, como a principal estratégia de ação junto aos meios operários.

A despeito de diversas experiências anteriores, foi a partir da greve generalizada de 1903, no Rio de Janeiro, que os anarquistas vislumbraram a possibilidade de se concretizar, de modo efetivo, a ponte com os trabalhadores urbanos com vistas à revolução.

¹ Universidade Estadual da Paraíba – Brasil.

² OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)*. Niterói: Tese de Doutorado em História/Universidade Federal Fluminense (UFF), 2009.

³ Na historiografia da última década sobre anarquismo no Brasil, destacam-se: TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004; ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume, 2002; SAMIS, Alexandre. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX*. Niterói: Tese de doutorado em História/UFF, 2006; BONOMO, Alex B. *O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935)*. São Paulo: Dissertação de mestrado em História/PUC-SP, 2007; BARTZ, Frederico. *O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário Rio Grande do Sul, 1917-1920*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado em História/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2007.

A primeira grande tarefa seria ajudá-los a organizar associações profissionais, onde os operários aprenderiam a identificar seus interesses comuns em oposição aos de seus patrões. Os sindicatos, assim, se tornariam espaços de educação revolucionária da classe trabalhadora. Para tanto, outro desafio concomitante seria o combate a elementos e práticas de tendências políticas distintas, muitas vezes anti-revolucionárias.

Um grande passo foi dado neste sentido em 1906, no I Congresso Operário Brasileiro. A convocação do evento, feita em fins de 1905 por um dirigente da carioca União Operária do Engenho de Dentro, previa, entre seus objetivos, a constituição de uma associação operária de caráter nacional, e a discussão sobre a pertinência em adotar uma orientação política. Para tanto, só poderiam participar do Congresso “os socialistas, ficando proibido os elementos revolucionários”¹.

Por “socialistas”, neste caso, não se deve compreender marxistas, afinal, a ideia de socialismo no Brasil do período era bastante vaga, e, quando muito, relegava a um horizonte distante a necessidade de uma revolução². Já por “elementos revolucionários”, a referência é direta aos anarquistas, uma vez que eles eram, pelo menos até a década de 1920, os únicos no país a se assumirem como revolucionários.

Apesar da proibição, os anarquistas compareceram ao Congresso como representantes de sindicatos e conseguiram fazer vencer algumas teses que, do contrário, tornariam ainda mais difíceis suas pretensões. A principal delas dizia respeito à neutralidade política e religiosa no interior dos sindicatos. Em um contexto de incipientes relações entre os movimentos anarquista e operário, a neutralidade teria como principal propósito impedir a instrumentalização das associações de trabalhadores por indivíduos ou correntes políticas adversárias. A orientação da Confederação Operária Brasileira (COB) para a luta estritamente econômica, como acreditavam os adeptos do sindicalismo revolucionário, estimularia, por si só, os laços de solidariedade necessários para a construção da consciência revolucionária, enquanto que, a adoção declarada de qualquer orientação política apenas serviria para a dispersão de esforços e a proliferação de divergências perigosas. Além disso, os anarquistas não seriam aliados dos sindicatos. Ao contrário, a neutralidade seria a garantia de sua presença para permitir sua propaganda entre os trabalhadores sindicalizados.

A vitória das teses da neutralidade política tornou-se, então, para os próprios anarquistas e para as narrativas posteriores, uma espécie de mito fundador do revolucionarismo operário da Primeira República, contribuindo para uma identificação estereotipada do anarquista como o militante operário típico no Brasil do período.

Contudo, a força da influência anarquista sobre a vida sindical brasileira foi muito mais reduzida do que o entusiasmo presente no material de sua propaganda pode sugerir – o que está longe de querer dizer que não existiu ou que foi ínfima. A COB jamais se efetivou como uma entidade que interferisse diretamente na organização interna de suas afiliadas. Ao contrário, em seus estatutos ficava clara a disposição de apenas ser um órgão de orientação. Para os militantes anarquistas defensores dessa fórmula, este era o verdadeiro federalismo, garantidor da liberdade dos indivíduos e das associações. Mas era, acima de tudo, uma escolha tática para permitir a aproximação da militância com o operariado. Sabiam, como alardeava Malatesta, que a fundação de sindicatos

¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1905 apud FARINHA NETO, Oscar. *Atuação libertária no Brasil: a Federação Anarco-sindicalista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002, p. 19-20.

² Sobre o caráter do socialismo no Brasil do início da República, veja-se BATALHA, Cláudio. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil – Vol. II: Os influxos teóricos*. Campinas: Unicamp, 1995, p. 11-44.

declaradamente anarquistas seria estéril, uma vez que redundaria na reunião dos mesmos militantes. Ainda assim, frente a momentos de baixa mobilização do proletariado brasileiro, ou à sua aproximação com lideranças e práticas vistas como “amarelas”, houve proposições, como a da Federação Operária Local de Santos no II Congresso Operário Brasileiro, de 1913, para que os sindicatos e federações fizessem como a congênere argentina (FORA), e promovessem uma declaração de princípios anarquistas. Porém, tais propostas viriam a ser sempre combatidas pelos próprios anarquistas adeptos do sindicalismo revolucionário, por considerá-las desagregadoras¹.

De todo o modo, as dúvidas e os debates sobre se o sindicalismo seria ou não o método mais adequado com vistas a uma revolução social acompanharia toda a trajetória do anarquismo no Brasil. Os debates mais acalorados e as tentativas de eclosão de insurreições revolucionárias ocorreram a reboque das greves operárias de 1917. O vulto dessas mobilizações e os exemplos vindos desde o leste europeu provocaram a convicção de que a hora de uma revolução social no Brasil havia chegado. Era o momento de rever práticas e traçar estratégias e alianças para promovê-la também neste país, em consonância com outras partes do mundo.

1917-1918: novas forças para a revolução

Por muito tempo, considerou-se que as greves que varreram o país em 1917, sobretudo a grande greve generalizada de São Paulo, eram anarquistas. Contudo, essas greves pouco deveram sua eclosão a um planejamento militante. Foram, antes, manifestações “espontâneas” de operários insatisfeitos com o alto custo de vida e rebaixamento dos salários. Por manifestação espontânea, entretanto, deve-se ter em conta as experiências, valores e tradições que a classe trabalhadora brasileira desenvolveu durante muito tempo antes das declarações de greve daquele ano. Neste sentido, em concordância com Christina Lopreatto² e Cristina Campos³, o anarquismo foi um elemento importantíssimo para a construção desta cultura mobilizatória nos principais centros industriais brasileiros. Ou seja, a espontaneidade das greves de 1917 não deve ser entendida como uma manifestação surgida do “nada”, senão do acúmulo de experiências anteriores que permitiram aos operários paulistas conceber a greve como instrumento de luta para atingir objetivos imediatos e a sua organização em torno do Comitê de Defesa Proletária (CDP), composto por anarquistas e socialistas.

Portanto, embora não se possa qualificar as greves de 1917 como anarquistas, para aqueles militantes teria se vivido “*a primeira grande batalha do proletariado brasileiro*”⁴. A partir de então se colocava o desafio de, enfim, se transformar um evento próximo na greve geral revolucionária. O impasse residia nos métodos.

Entre os anarquistas do Brasil, muitos acreditavam no automatismo revolucionário das massas. Porém havia também aqueles que percebiam os desafios com maior ceticismo ou prudência, avaliando as possibilidades de ação militante e as necessidades de se fomentar alianças com grupos de outras orientações políticas.

¹ Fiz uma brevíssima discussão sobre os debates acerca da pertinência da adoção de uma declaração de princípios pela FOLS no II Congresso Operário Brasileiro de 1913 em: OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. A neutralidade política no sindicalismo anarquista brasileiro In: ARAVANIS, Evangelia e QUEIRÓS, César B. (orgs.). *Cultura operária: trabalho e resistências*. Brasília: Ex Libris, 2010, p. 177-192.

² LOPREATTO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

³ CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: o movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1988.

⁴ Considerazioni postume; Non dimentichiamo! *Guerra Sociale*. São Paulo, 11 ago. 1917, p. 1 e 2.

Parecia estar claro que era preciso criar novos instrumentos para se ir além da mobilização que o sindicalismo agregou.

Logo após o fim da greve de São Paulo, passou a circular na imprensa anarquista a convocação de um Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil, a ser realizado em outubro na sede da COB no Rio de Janeiro. Tratava-se de construir a articulação de uma frente revolucionária, que pudesse reunir as forças políticas do movimento operário que pretendiam a transformação radical da sociedade para além do “resultado materialmente duvidoso”¹ que as greves tinham obtido. A justificativa assentava-se na necessidade de serem estabelecidas, “com a máxima urgência (...), as bases de uma ação conjunta”² de todos os “elementos avançados, anarquistas, socialistas, sindicalistas, associações de resistência e outros de estudos sociais (...) contra os seus comuns inimigos”³.

Além da violência repressiva que se abateu no centro do país em 1917, esse projeto não foi adiante naquele momento, porque, com exceção de São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, onde o anarquismo teve alguma força, as rivalidades com os “socialistas” haviam se acentuado a ponto do rompimento.

Mas vislumbrou-se outra forma de união a ser priorizada. Durante toda a trajetória da militância anarquista no Brasil, o antimilitarismo foi uma de suas bandeiras principais de propaganda. Contudo, no contexto de reavaliação dos métodos de ação para além do sindicalismo, e sob inspiração da Revolução Russa, começaram a surgir escritos e manifestações públicas dirigidas por anarquistas voltadas para a conquista da simpatia de oficiais de baixas patentes e soldados das Forças Armadas. Ao invés das costumeiras palavras de desprezo e combate direcionado aos “mantenedores” dos privilégios da classe dominante, trataram de demonstrar a convergência de interesses existente entre esses elementos e a classe operária. A começar por sua própria origem: eram trabalhadores transformados em arma de guerra para conservar a opressão e a injustiça⁴.

Sempre houve um ou outro artigo na imprensa operária com esse teor. E o Exército brasileiro já tinha uma tradição de aproximação com o proletariado por influência do positivismo. Mas esta tentativa de vinculação jamais foi feita anteriormente de modo tão insistente pelo movimento anarquista brasileiro. Ainda em julho, em meio à greve de São Paulo, seus jornais davam notícias sobre o Comitê de Soldados e Operários da Rússia⁵. Naquele momento, para anarquistas e também para outros, como o deputado federal Nicanor do Nascimento, o modelo deste Comitê revolucionário aparecia como saída a ser imitada no Brasil para pôr fim ao açambarcamento de alimentos que gerava a carestia aos pobres e conduzia os operários à greve⁶.

Em outros escritos esforçava-se por demonstrar que a aliança estava próxima. Num deles, por exemplo, um jornalista teria ouvido um soldado informar a operários cariocas, em frente à sede da Federação Operária do Rio de Janeiro, que os grevistas paulistanos chegaram a receber a ajuda de militares para arrancar os trilhos dos bondes

¹ Comentários de um plebeu. *A Plebe*, São Paulo, 11 ago. 1917, p. 1.

² Para uma ação conjunta. *A Plebe*, São Paulo, 4 ago. 1917, p. 2.

³ O Congresso Geral da Vanguarda Social do Brasil. *A Plebe*, São Paulo, 25 ago. 1917, p. 3.

⁴ Graves revelações de um soldado do exército. Teremos também um Comitê de Soldados e Operários? *O Debate*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1917, p. 7-8.

⁵ [PEREIRA, Astrojildo]. Os fatos do exterior. A Revolução russa. *O Debate*. Rio de Janeiro, 12 jul. 1917, p. 12.

⁶ O regime da fome. Imitemos a Rússia; Um Comitê dos Operários e Soldados do Brasil. *A Plebe*. São Paulo, 21 jul. 1917, p. 3; O exército e a greve. *A Plebe*. São Paulo, 4 ago. 1917, p. 2.

do bairro do Braz, enquanto cerca de quarenta soldados da base da cidade de Lorena desobedeceram às ordens de seus superiores e se recusaram a partir para a capital para reprimir a greve. Aqueles que não conseguiram desertar a tempo, dentre os quais, ele próprio, ou foram transferidos para localidades distantes ou permaneciam presos na Ilha das Cobras. Para o articulista, o soldado exagerava em alguns momentos, mas suas palavras continham “*boa dose de verdade*” e instava que a censura do telégrafo cessasse e permitisse que o público soubesse “*que o exército não quer responder com chumbo a quem reclama pão. E assim vamos a caminho seguro para a Constituição, dentro em breve, do Comitê de Operários e Soldados do Brasil...*”¹.

Outro articulista do carioca *A Lanterna* teria conseguido arrancar algumas declarações de militares, protegidos pelo anonimato, que afirmavam que dariam suporte aos operários, caso ousassem desencadear movimentos mais agressivos².

Provavelmente esses relatos eram pouco verídicos. De todo modo, com essas peças de propaganda, procurava-se sensibilizar operários e soldados para a criação de uma relação até então inexistente, que ia além das práticas sindicalistas por conquistas imediatas. E ao menos um grupo de anarquistas não se limitou a esboçar essa aliança apenas em termos discursivos.

Em 7 de agosto de 1918, durante a greve da Companhia Cantareira, os trabalhadores das barcas que faziam o traslado entre o Rio de Janeiro e Niterói viram-se cercados por soldados do Exército, designados a dar apoio à polícia na repressão ao movimento. No entanto, alguns deles se recusaram a cumprir a ordem e mudaram de lado, apoiando os grevistas. O conflito agravou-se e resultou na morte de um operário e dois desses soldados.

O episódio foi encarado como uma demonstração da viabilidade da aliança, aos moldes russos. Logo depois, em novembro, um grupo de anarquistas tentaria fazer da espontaneidade das adesões militares precedentes uma atividade insurrecional planejada³. O plano consistia na conquista por armas do Palácio do Catete e de paíóis das Forças Armadas e da polícia, com aporte dos tecelões do Rio, de Niterói, Petrópolis e Magé, que, em torno da União Geral dos Trabalhadores, se declarariam em greve e assumiriam o controle de suas fábricas. Para tomar os quartéis e angariar o apoio dos soldados, ficou incumbido um tenente, que teria dissimulado interesse em integrar o movimento depois de ter recebido um panfleto sedicioso distribuído na Vila Militar. A denúncia do infiltrado abortou a intentona às vésperas do seu desencadeamento e levou catorze envolvidos à prisão.

O desfecho indesejado condenou os movimentos operário e anarquista a um momentâneo arrefecer de suas atividades, que, contudo, seriam novamente retomadas no ano seguinte, após a absolvição dos acusados por falta de provas. Uma aliança com as Forças Armadas, porém, não voltaria a ser cogitada pelos anarquistas brasileiros.

1919: greve, partido e revolução

Em 1919, novas greves eclodiram em diversos pontos do Brasil, e com conflitos mais agudos do que em 1917. Tanto para revolucionários como para os defensores da

¹ Graves revelações de um soldado do exército. Teremos também um Comitê de Soldados e Operários? *O Debate*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1917, p. 7-8.

² O exemplo da Rússia. *O Debate*. Rio de Janeiro, 2 ago. 1917, p. 7; Os soldados e os operários: A causa dos trabalhadores é bem acatada no exército. *A Plebe*, São Paulo, 18 ago. 1917, p. 4.

³ Para uma descrição deste movimento, veja-se ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ordem estabelecida, os tempos eram de turbulência social. Creio ser lícito considerar que os anarquistas vislumbravam a ruptura da ordem através das greves gerais deflagradas na segunda metade de 1919. O material de informação e propaganda produzido pelos anarquistas sugere que eles acreditavam que a Revolução no Brasil, tal qual na Rússia, não era uma utopia a ser adiada, mas encontrava-se num horizonte próximo.

Assim, uma segunda insurreição, pouco conhecida pelos historiadores, teria sido planejada para ser executada em 1919. A partir dos indícios apresentados por Frederico Bartz¹, é possível perceber que, desta vez, deveria haver uma maior articulação através da declaração simultânea de greve geral em diversos estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Pernambuco). No entanto, essa nova tentativa, segundo Everardo Dias, teria sido forçosamente abortada, devido à “*precipitação de uma corporação dos transportes*”² que declarou greve antes do previsto, e assim comprometeu todo o planejamento.

O anarquista Gigi Damiani, por sua vez, imputou o fracasso da conspiração ao acidente que resultou na explosão de uma bomba na casa de um militante, em São Paulo, que feriu sua esposa e dois filhos, além de matar quatro de seus companheiros³.

Seja como for, a repressão foi intensificada durante as greves de 1919. Em meio a esse turbulento ano, os anarquistas brasileiros ainda procuraram desenvolver outro tipo de organização, inédito na sua mobilização até então. Trata-se do Partido Comunista-Anarquista do Brasil (PCAB), cujos “*Princípios e fins*”⁴ foram apresentados em Conferência dissolvida pela polícia carioca. Não se tratava de um partido eleitoral, mas de um órgão de articulação e propaganda entre todos os que se auto-proclamavam revolucionários no país, nos moldes defendidos durante décadas por Malatesta em âmbito internacional⁵.

Observa-se que os anarquistas brasileiros julgaram necessário formar uma frente unificada de ação em termos nacionais que conferisse, naquele contexto, dinamismo à organização sindical. A revolução requeria articulação efetiva também fora dos meios sindicais, e a coordenação de um plano de ação que não fosse residual, restrito a alguma localidade ou estado.

Contudo, o projeto do partido também não teve maiores desdobramentos. Em fins do mesmo ano de 1919, iniciaram-se esforços para a convocação de um 3º Congresso Operário Brasileiro, para tratar da reorganização da COB⁶. Neste Congresso, começam a ficar evidentes os sinais de cisão interna entre militantes anarquistas sobre os métodos de ação e o horizonte possível da revolução.

A reafirmação do sindicalismo revolucionário: haveria outra opção?

Ainda no início do ano de 1919, os anarquistas brasileiros acompanhavam os

¹ BARTZ, Frederico, *op. cit.*, p. 162-169.

² DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: 2.ed., Alfa-Ômega, 1977, p. 91.

³ FEDELI, Ugo. *Gigi Damiani: Note biografiche: Il suo posto nell'anarchismo*. Casena: Edizione ‘L’Antistato’, 1954, p. 27-28 *apud* DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 98.

⁴ OITICICA, José. *Princípios e fins do Partido Comunista-Anarquista*. Rio de Janeiro: s./e., 1919. A nomenclatura usual das fontes exclui o termo “anarquista”. Aqui é utilizada a sigla PCAB para evitar confusão com o PCB de 1922.

⁵ ARUFFO, Alessandro. *Breve storia degli anarchici italiani: 1870-1970*. Roma: Datanews, 2006.

⁶ Congressos Operários. *Spartacus*. Rio de Janeiro, 11 out. 1919, p. 3.

desdobramentos da Revolução Russa e os dilemas que suscitavam frente ao seu ideal. Os debates internos começavam a surgir em sua imprensa, porém sem grandes alardes ou crítica acirrada aos bolcheviques.

A necessidade de esclarecer posições frente ao seu projeto de futuro e a defesa da Revolução Russa levou Edgard Leuenroth e Hélio Negro (pseudônimo do gráfico anarquista Antonio Duarte Candeias) a escreverem, às pressas, o opúsculo *O que é o maximismo ou o bolchevismo?*¹, lançado em 1º de Maio de 1919.

O significado histórico deste documento consiste no fato de seu conteúdo ser o esboço mais detalhado produzido no Brasil sobre o funcionamento da sociedade anarquista futura. Amplamente recomendado por sua imprensa, nele está estabelecida a projeção de uma organização social sem Estado, baseada “no mais largo federalismo” e nas liberdades individuais. Tratava-se de uma Confederação de Comunas Livres, repudiando, como inimigo irreconcilável do comunismo libertário, tanto o coletivismo quanto o socialismo de Estado, por criar “inevitavelmente os privilégios burocratas”². A base desta sociedade seriam os “sindicatos comunais de ofícios ou profissões”, reunidos, a seguir, em uma “federação comunal”, cuja articulação entre si seria proporcionada por uma Confederação Geral do Trabalho sem poderes de ingerência ou intervenção. Os interesses gerais seriam tratados em Congressos do Trabalho, que viriam a ser “assembléias temporárias, compostas dos delegados de todas as associações da ‘Federação das Comunas Livres do Brasil’”³. Quanto às decisões envolvendo questões de interesse da população comunal, formar-se-iam Conselhos Comunais e Comissariados do Povo, cujas discussões ficariam a encargo dos representantes dos centros de trabalho e agremiações locais, e se criariam Comissões Executivas específicas para executar as deliberações coletivas⁴.

Apesar do título, o texto se preocupa em apresentar um programa para a construção de uma nova ordem, e não se detém na análise da Rússia, a não ser para afirmar que lá se vivia “um período de transição social” sob o controle dos Conselhos (Soviets), formados por trabalhadores e soldados. É interessante notar a ausência da expressão “ditadura do proletariado”, enquanto se enfatiza a projeção do futuro no Federalismo sem Estado de Comunas Livres, de acordo com o ideal do *Socialismo ou Comunismo libertário*. Um federalismo, aliás, muito próximo ao que se tentava executar nas organizações operárias brasileiras desde 1906.

Essas perspectivas todas estariam presentes no Congresso de 1920, quando as teses dos congressos anteriores foram reafirmadas, com especial destaque, novamente, à questão da neutralidade política e religiosa dos sindicatos⁵ e a estrutura federalista⁶ não intervencionista da COB.

A reiteração das teses de 1906 e 1913 não se deu, no entanto, sem uma avaliação crítica sobre os resultados colhidos até então, e os novos desafios que a Revolução Russa impôs aos anarquistas brasileiros. Astrojildo Pererira defendeu brevemente a

¹ LEUENROTH, Edgard e NEGRO, Hélio. *O que é o maxismo ou o bolchevismo: programa comunista*. São Paulo: Editora Semente, s./d.

² Idem, ibidem, p. 22-23.

³ Idem, ibidem, p. 33-34.

⁴ Idem, ibidem, p. 52-56.

⁵ CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: 2.ed., Difel, 1984, p. 421-424.

⁶ BARBOSA, Santos. 3º Congresso Operário Brasileiro. *História em Revista*, Pelotas, UFPel, v. 3, p. 161-199, dez. 1998.

proposta de adoção, pela COB, da estrutura confederal da Industrial Workers of the World¹, mais centralizada do que a CGT francesa, e sua vinculação à Sindical Internacional Vermelha. Contudo, sua proposição foi duramente rechaçada pelos anarquistas e outros sindicalistas, que frisaram a defesa da Revolução Russa, com ressalvas veementes aos seus métodos. A cisão interna, que viria a ocorrer em 1921, já dava sinais de ser inevitável.

Face ao crescimento da repressão e ao refluxo do movimento operário no Brasil no início dos anos 20, em confronto com a consolidação dos resultados na Rússia, um grupo de anarquistas buscou a articulação para a formação de um Partido que se ligaria à III Internacional. Os outros precisavam manter a antiga militância e justificar a viabilidade de seu ideal. Durante os quinze anos seguintes, sua estratégia principal no Brasil voltaria a ser a reafirmação intransigente dos princípios do sindicalismo revolucionário, visto agora como *apolítico*. Talvez tenha sido a única alternativa para um movimento que passaria a sofrer não apenas com a repressão policial, mas também com a forte concorrência de novos agentes políticos, à esquerda e à direita, e de novas formas de ingerência do Estado.

¹ Pela reorganização operária. *A Plebe*, 28 maio 1921, p. 1; DEL ROIO, Marco. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de e REIS Filho, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil – Vol. I: o impacto das revoluções*. Campinas: 2.ed., Unicamp, 2003, p. 83.

O outro 25 de abril e as Diretas Já. Noventa dias de luta que mudaram o Brasil. Valério Arcary¹

Existem acontecimentos que despertam o assombro generalizado porque a sua força de impacto é instantânea. O fim das ditaduras em Portugal e no Brasil – as lutas sociais depois da queda de Marcelo Caetano em 1974, e a campanha de ruas pelas Diretas no Brasil em 1984 – estiveram entre processos desta dimensão. O espanto pode ter sido motivado tanto pela surpresa, quanto pela grandeza da irrupção de milhões de pessoas em luta para derrubar governos e regimes que estiveram no poder por décadas. A análise histórica precisa reconstituir os contextos, descrever os acontecimentos, e explicar os limites dos resultados destes combates democráticos. O que não pode fazer é diminuir a imponentia das mobilizações políticas de massas que derrubaram ditaduras que foram tão longêvas. Porque elas não caíram por si mesmas. Porque essas ditaduras mergulharam suas sociedades em um processo de decadência histórica. E a decadência foi a parteira de crises nacionais gravíssimas que exigiram uma comoção social de tais proporções, que fez tremer tudo o que parecia inamovível. E o que parecia impossível se impôs como impreterível.

Fevereiro incompleto e Outubro interrompido

Tanto a ditadura encabeçada por Marcelo Caetano em 1974 quanto a por Figueiredo em 1984 eram conscientes do perigo. Os dois regimes, com dez anos de diferença, estavam exaustos. Esgotados, politicamente, por um impasse insolúvel. Estavam isoladas, tanto nacional, quanto internacionalmente. Preservados durante décadas, no contexto da guerra fria, a sua preservação era incômoda até para Washington, Londres e Paris. Enfrentavam deslocamentos para a oposição de forças sociais a cada dia mais amplas. É verdade que a brasileira foi menos surpreendida que a portuguesa. Vinha ensaiando uma abertura lenta e gradual desde 1978, quando o governo Geisel aceitou, durante a presidência Carter nos EUA, a necessidade de uma transição controlada para a democracia.

Não obstante, nos dois países, seus planos de transição controlada “pelo alto” foram subvertidos pela mobilização “por baixo”. Em Portugal, pela insurreição militar do MFA (Movimento das Forças Armadas). No Brasil, pela entrada em cena, pela primeira vez na história política do país depois de completada a urbanização, de milhões de pessoas nas ruas. A hipótese deste artigo é que os dois projetos de transição foram derrotados, mas em proporções diferentes. O argumento que a fundamenta é que as duas ditaduras foram derrotadas, ainda que os dois processos tenham sido diferentes: a portuguesa desabou, por uma guerra sem fim em distantes campos de combate africanos, e pelo arcaísmo de um regime, furiosamente, odiado; a brasileira foi vencida, mas o governo não caiu. Não houve, no Brasil, o momento vitória da Praça Tahrir (Midan al-Tahrir, ou Praça da Libertação) de fevereiro de 2010 no Egito, quando Mubarak renunciou.

Mobilizações populares de tal grandeza, como as que tomaram as ruas de Lisboa em 1974, e de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1984 merecem ser qualificadas como revolucionárias. E revoluções são acontecimentos extraordinários. Há sempre algo de

¹ Valério Arcary¹ é professor do IFSP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo) desde 1988, e doutor em História pela USP (2000).

majestoso em processos revolucionários. Porque a legitimidade da luta de milhões de pessoas, o traço distintivo de uma revolução política, se impõe de forma irrefutável.

Interpretações marxistas inspiraram-se na revolução russa para construir referências teóricas comparativas de análise de outras revoluções. A russificação do vocabulário é compreensível, porque a história não pode desprezar a busca de regularidades ou padrões. A fase democrática dos processos revolucionários contemporâneos remeteria à revolução de fevereiro quando ocorreu a queda da monarquia, portanto, uma revolução política. E a fase anticapitalista à revolução de outubro, portanto, uma revolução social. (TROTSKY, 2007) Nesse marco teórico, a luta pelas Diretas no Brasil poderia ser caracterizada, por analogia, como um Fevereiro incompleto, e a revolução portuguesa como um Outubro abortado. No Brasil, uma revolução política inacabada, porque o fim da ditadura não significou uma ruptura democrática: não houve investigação dos crimes das Forças Armadas. Em Portugal, uma revolução social frustrada.

Em Portugal, em 1974, a queda da ditadura fascista abriu uma situação revolucionária clássica: confusão na classe dominante, giro das classes médias modernas à esquerda, levante proletário, divisão das Forças Armadas, radicalização à esquerda da juventude, ocupação de fábricas, de casas, de prédios públicos, auto-organização popular, e até embriões de duplo poder. No Brasil a queda da ditadura, dez anos depois, exigiu a maior mobilização política da história contemporânea, precipitando uma situação pré-revolucionária, ou uma situação revolucionária “prévia de fevereiro”.

Em Lisboa, no dia 25 de abril de 1974, uma insurreição militar cirúrgica derrotou, em menos de vinte e quatro horas, um regime ditatorial longo de quase cinco décadas, incapaz de oferecer resistência. Uma situação revolucionária precipitou-se quando milhares de pessoas saíram às ruas e, em poucas semanas, descobriram que eram milhões os que estavam, politicamente, em movimento: assembleias nos locais de trabalho legitimavam greves por aumentos de salários; casas vazias eram ocupadas por movimentos populares de bairro; passeatas contra a permanência das tropas portuguesas na África defendiam o direito à independência das colônias, etc.

Dez anos depois, em outro 25 de abril, culminando noventa dias de luta pelas *Diretas já*, a ditadura militar estava esgotada, politicamente, mas ainda manteve o controle do Congresso para impedir a queda de Figueiredo e conseguir uma solução da crise política – expressão da crise econômica e social mais grave desde 1964 – por dentro das instituições do regime. Entre o 25 de janeiro e o 25 de abril, milhões de brasileiros foram às ruas em sucessivas manifestações que tomaram as principais cidades do país, e fizeram tremer o último governo da ditadura para exigir a convocação de eleições presidenciais diretas.

Figueiredo não caiu, mas a ditadura foi derrotada

As Diretas, como ficaram conhecidas as jornadas de luta democrática de 1984, foram a maior mobilização política de massas da história do Brasil nos últimos trinta anos. Não obstante, embora o governo Figueiredo tenha sido paralisado, não chegou a ser derrubado no dia 25 de abril de 1984. A crise do governo se transformou em crise do regime. Figueiredo ficou suspenso no ar, ou seja, por um fio. Faltou o empurrão final. Até o fim do mandato, Figueiredo deixou de poder governar. Sua queda foi evitada por uma operação política complexa que envolveu governadores da oposição como Tancredo e Brizola, o alto comando das Forças Armadas e até a Igreja.

O governo não ruiu, mas a ditadura acabou. Figueiredo manteve seu mandato, mas, politicamente, o regime militar foi derrotado. As liberdades democráticas conquistadas nas ruas foram garantidas e, finalmente, o regime militar acabou. A força política das Diretas revelou-se insuficiente para alcançar, imediatamente, o direito de eleger pelo sufrágio universal o presidente da nação. A democracia liberal brasileira nasceu de uma luta política de massas, mas a ditadura não foi deslocada. Sua queda foi amortecida por um grande acordo que, finalmente, apesar de ter sido respeitado, nem sequer pôde ser cumprido. Quis o acaso que o resultado das Diretas terminasse sendo esdrúxulo: Tancredo Neves foi eleito presidente tendo José Sarney como vice, mas não tomou posse, porque veio a falecer vítima de uma doença que, misteriosamente, ninguém suspeitava existir.

Ao contrário da experiência portuguesa, as Forças Armadas não se dividiram na hora da crise final da ditadura. A emenda constitucional que previa a realização de eleições diretas, emenda Dante de Oliveira, pelo nome do deputado de Mato Grosso que a apresentou, foi derrotada em votação no Congresso Nacional, embora as forças sociais que sustentavam a ditadura já fossem minoritárias desde o final dos anos setenta. A hora da crise final da ditadura soou com a derrota do PDS nas eleições de 1982 para governadores. Foi devastadora. Na seqüência, Figueiredo não conseguiu sequer a indicação do seu candidato, Andreazza, no partido que defendia o regime que agonizava. Eleições diretas, contudo, só vieram a acontecer cinco anos depois, em 1989. Se a democracia liberal nasceu em Lisboa com as marcas de uma revolução, nasceu em Brasília com as marcas de uma concertação. Por isso não se celebra o 25 de abril no Brasil.

O partido que defendia o governo, a ARENA, dividiu-se em duas frações. A maior delas criou o Partido da Frente Liberal e indicou José Sarney como vice-presidente na candidatura encabeçada por Tancredo Neves. A menor, transformada em PDS (Partido Democrático Social), se dividiu em três alas, uma liderada por Andreazza, com o apoio de Figueiredo, outra pelo ex-governador de São Paulo, Paulo Maluf, e uma menor em torno do vice de Figueiredo, Aureliano Chaves.

A queda da ditadura foi amortecida por um pacto político, em que a oposição liberal se dobrava ao resultado da votação de 25 de abril no Congresso Nacional, em troca de um acordo com uma ala dissidente do partido da ditadura, para garantir maioria no Colégio Eleitoral que elegeu Tancredo Neves. Figueiredo governou, formalmente, até o último dia do seu mandato, embora fosse um governo impotente e abandonado pela maioria do seu partido, e resignado com a eleição da chapa Tancredo/Sarney.

Tancredo já se sentia derrotado antes da campanha ir para as ruas

Renunciando à continuidade da campanha para conquistar eleições diretas imediatas, uma campanha que exigia a radicalização das formas de luta para desafiar tanto Figueiredo, como o Congresso controlado pela ditadura, a oposição liberal liderada pelo PMDB fez o cálculo que seria demasiado perigoso continuar mobilizando milhões de pessoas nas ruas. A oposição liberal encarou desde o início, ou seja, logo depois da posse dos governadores em 15 março de 1983, a articulação da campanha pelas Diretas como uma campanha de pressão para negociações com Figueiredo. Os limites burgueses da direção do PMDB limitavam a sua participação em uma luta pela mobilização popular. Desde antes do comício na Praça da Sé, Tancredo já estava decidido a ser candidato na eleição indireta pelo colégio eleitoral. (LEONELLI e OLIVEIRA, 2004, p.357). A própria direção do PMDB já se sentia derrotada antes de começar a luta nas ruas.

Quase não houve presença de empresários na campanha pelas Diretas. Os que subiram nos palanques foram uma exceção. Da grande imprensa, somente um jornal apoiou a campanha, a Folha de São Paulo. Por quê, depois de vinte anos, tanta hesitação burguesa? Pelo temor da dinâmica da mobilização dos trabalhadores e da juventude. Porque não podiam saber, por antecipação, quais seriam os custos de uma desestabilização de Figueiredo. No dia seguinte ao comício da Praça da Sé de 25 de janeiro de 1984, em editorial, a Folha de São Paulo comemorava a grandiosidade da manifestação, mas destacava que foi uma concentração ordeira, pacífica, civilizada. Ou seja, suspirava de alívio, porque foi controlada¹

O PMDB abandonou, na verdade, a luta pelas Diretas antes da derrota do 25 de abril, quando ficou claro que não seria possível derrotar Figueiredo no Congresso. Tancredo estava em negociações discretas, porém, não secretas, com os líderes do Estado-Maior das Forças Armadas, entre eles o general ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves, com a Igreja Católica, e ninguém menos do que a Rede Globo (que silenciou, escandalosamente, sobre o primeiro comício de massas na Praça da Sé). A *Folha de São Paulo* noticiou: “O porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila comentou: o governo só pode ver com bons olhos a atitude do governador Tancredo, o presidente Figueiredo tem reafirmado seu desejo de negociar”.² A participação de Tancredo em negociações com a ditadura aceitando o seu nome como candidato, antes da votação da emenda Dante no dia 25 de abril era pública: “Tancredo jogou a pá de cal na Emenda (..) ao se oferecer como mediador entre as oposições e o governo federal tendo já um plano mais de governo do que de mediador”.³

Os estudos históricos deste processo nos remetem à investigação da dinâmica social e política do Brasil desde o final dos anos setenta, quando novos sujeitos sociais – a classe operária industrial, as novas classes médias assalariadas, os movimentos estudantis, os movimentos populares urbanos e rurais – demonstraram capacidade de luta e organização única na história recente (ALMEIDA, 1998). Foi no calor dos noventa dias de luta que o PT (Partido dos Trabalhadores) e a CUT, (Central Única dos Trabalhadores) e Lula conseguiram aumentar sua audiência e credibilidade política. E foi porque o PT decidiu não esperar mais, e tomou a iniciativa de ir para as ruas, em 27 novembro de 1983 no Pacaembu em São Paulo (reunindo uns 15.000 militantes), que o governador Montoro, finalmente, tomou a iniciativa de chamar ao primeiro comício para o dia 25 de janeiro de 1984, temendo ser ultrapassado pela esquerda. (LEONELLI e OLIVEIRA, 2004, p.307).

¹ Folha de São Paulo, 26/01/1984, p.2

[http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada?all_words=Tancredo+Diretas&commit.x=33&commit.y=14&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&final_date=25%2F04%2F1984&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F1984&page=8&phrase=&theme_id=2&utf8=%E2%9C%93&without_word_s=&words=](http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada?all_words=Tancredo+Diretas&commit.x=33&commit.y=14&date[day]=&date[month]=&date[year]=&final_date=25%2F04%2F1984&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F1984&page=8&phrase=&theme_id=2&utf8=%E2%9C%93&without_word_s=&words=)

Consulta em 28/04/2010

² Folha de São Paulo, 25/04/1984, p.4. Idem.

http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all_words=Tancred+Diretas&phrase=&words=&without_words=&initial_date=01%2F01%2F1984&final_date=25%2F04%2F1984&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group_id=0&theme_id=2&commit.x=33&commit.y=14

Consulta em 28/04/2010

³Folha de São Paulo, 25/04/1984, p.4. Idem.

Consulta em 28/04/2010.

Desemprego e inflação incendeiam o ódio contra a ditadura a partir de 1982

A discussão historiográfica das Diretas remete à pesquisa das causas que potencializaram a mobilização de massas, na dimensão de milhões, em 1984 e não antes. Ela está condicionada a uma apreciação do impacto econômico-social do ajuste de 1983 que a economia brasileira sofreu depois da moratória mexicana de 1982. Dirigido por Delfim Neto, o ministro da Fazenda de Figueiredo, a mega desvalorização de 100% da moeda nacional tinha como objetivo garantir as divisas que pudessem manter pelo menos a rolagem dos juros da dívida externa, recuperando taxas de crescimento de 5% ao ano pelo aquecimento da demanda do setor exportador.

O plano fracassou. O desemprego não diminuiu, e a inflação disparou para além de 100% ao ano sem mecanismos de reajuste salarial anteriores à negociação dos convênios anuais. A inflação incendiou o mal estar social entre os trabalhadores, e aproximou a classe média urbana das massas populares. A essa dinâmica objetiva uniu-se uma situação imprevista: estava se organizando no Brasil, desde 1980, o Partido dos Trabalhadores, tendo à sua frente líderes sindicais, entre eles, Lula, que se apoiava no novo proletariado que tinha surgido da industrialização e que já não tinha referência no antigo PCB.

Nunca existiu na história, porém, uma correspondência direta entre os ritmos de agravamento da crise econômico-social e os ritmos de amadurecimento da consciência de classe dos trabalhadores e do povo. As sociedades reagem, invariavelmente, com atraso à maturação da crise. As crises se precipitam, justamente, porque transformações necessárias foram por muito tempo adiadas, e o conflito entre mudança e reação se apresenta impreterível. Há um tempo necessário para que a dramática percepção de que a vida não vai mudar por inércia seja assimilada por milhões. A consciência de classe evolui mais lentamente que o apodrecimento da realidade social. Um intervalo de atraso, maior ou menor, em relação à situação objetiva é inevitável. No Brasil, entre as décadas de cinquenta e setenta, apesar de sacrifícios inenarráveis, o passado de muitas famílias de extração operária e popular, senão camponesa, tinha sido uma história de árdua melhoria. Mas, sob o impacto da crise a partir de 1982, dois anos depois da queda da ditadura argentina após a derrota na guerra das Malvinas, tudo mudou, a ditadura agonizava.

O direito de eleger governadores de oposição, ou seja, o direito à alternância tinha sido cedido pela ditadura na expectativa de que a oposição liberal, liderada pelos moderados do MDB, aceitaria uma última eleição indireta da presidência na sucessão de Figueiredo. Sob o impacto da crise econômico-social, o MDB – em especial o núcleo paulista do MDB liderado por Franco Montoro e Ulysses Guimarães – pressionado pelo PT e pela CUT recém fundada, surpreendeu o governo e os meios empresariais e decidiu convocar o povo às ruas, pela primeira vez, em vinte anos. A surpresa histórica foi o volume da resposta popular: centenas de milhares encheram as praças das principais capitais, culminando em comícios em São Paulo e Rio de Janeiro na escala de milhões.

A oposição dividida em três campos

A discussão do significado das diferenças políticas que surgiram entre os partidos e movimentos sociais que estavam à frente da campanha no CNPD (Comitê Nacional Pelas Diretas), ou seja, PT, MDB (dentro do qual atuavam os ainda semi-legais PCB, PCdoB e MR-8) e PDT foi uma das questões centrais em 1984. Surgiram três campos: a proposta de greve geral levantada pela CUT, a proposta de extensão de dois anos do mandato de Figueiredo apresentada por Brizola com eleições presidenciais em 1986, e a

proposta de participação no Colégio Eleitoral defendida, finalmente, por Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Tancredo Neves.

As diferenças políticas na condução do movimento que surgiram dentro do bloco de oposição à ditadura expressavam as pressões sociais a que cada partido estava submetido. Eram variadas, mas estavam concentradas em torno de um dilema: conduzir as mobilizações até o limite para impor a queda do regime pela radicalização das ações de rua, ou abrir negociações com o regime para uma solução institucional que preservasse as Forças Armadas de um processo político-judicial que poderia levar uma parcela da oficialidade aos tribunais.

A proposta da CUT de um dia de greve geral no 25 de Abril, avançada por Jair Meneguelli, seu primeiro presidente, e referendada, mas sem entusiasmo, pela direção do PT, foi recusada por Tancredo Neves. Essa proposta era a maior ameaça ao regime. O Brasil era um dos poucos países urbanizados do mundo onde nunca tinha antes acontecido uma greve geral. Ser derrotado por uma greve geral era o maior pesadelo de Figueiredo. Muito importante seria tentar compreender porque as direções da CUT e do PT aceitaram os limites impostos pelo PMDB dentro do CNPD (Conselho Nacional Pelas Diretas). O PT tinha aceitado o papel do PMDB à frente da campanha das Diretas, um lugar que correspondia à expressão eleitoral nas eleições estaduais de 1982. Mas a liderança de Lula crescia, visivelmente, com os comícios de rua. A direção do PMDB temia o conteúdo de classe dos discursos de Lula que unia a denúncia da ditadura à denúncia do desemprego e da superexploração. Quando as negociações de Tancredo se tornaram públicas, Lula declarou: “o que se procura com estas negociações é apenas uma saída política para o governo que embora mudando os homens não muda o regime”.¹ Mas, depois da derrota do 25 de abril, quando a direção do PMDB girou para uma concertação com a ala dissidente do partido da ditadura, a direção do PT denunciou o Colégio Eleitoral e se recusaram a participar da eleição de Tancredo Neves e Sarney. Mas, recuaram, e desistiram de tentar manter a luta nas ruas. O PT teve a primeira ruptura pela direita, mas foi indolor, tanto na vanguarda mais orgânica quanto na área de influência eleitoral.²

Tancredo Neves conquista a direção do PMDB contra Ulysses Guimarães

O temor a uma mobilização política que poderia adquirir contornos classistas radicalizados em um cenário de crise econômica e social aguda explica o veto. O governador de Minas Gerais vinha se consolidando como o candidato do MDB à presidência porque sua trajetória conciliadora, desde antes de 1964, encontrava menos resistência nos meios burgueses, inclusive no ambiente militar. Não foi o PMDB quem escolheu Tancredo. Finalmente, a ironia da história, é que foram os homens que serviram uma vida inteira à ditadura que escolheram o candidato da oposição, que poderia ser eleito no Colégio eleitoral. Ulysses Guimarães, presidente do MDB que disputava, também, a indicação à presidência pelo partido, foi o grande derrotado. Ele

¹ Folha de São Paulo, 19/04/1984, p.4.
Consulta em 28/04/2010

² Três deputados federais, Bete Mendes e José Eudes, liderados por Airton Soares, romperam com o partido em 1985, porque o PT não apoiou a Aliança Democrática que elegeu, indiretamente, a chapa Tancredo/Sarney no Colégio da ditadura, na sequência da campanha das Diretas em 1984. Saíram sozinhos, sem deslocamentos militantes, e sem maiores seqüelas na influência eleitoral que permaneceu ascendente. A trajetória de Soares foi errática: uniu-se ao PDT (esteve nos bastidores da campanha para a presidência de Brizola em 1989), PSDB, PPS (esteve com Ciro Gomes em 1998) e, finalmente, filiou-se ao PV no apoio de Marina Silva em 2010.

chegou a levantar a proposta de uma paralização cívica nacional, uma greve convocada por patrões e por trabalhadores, com apoio dos governadores, que foi rechaçada, igualmente, por Tancredo.

Ulysses mudou duas vezes de posição sobre a condução da luta para pressionar o Congresso Nacional. Primeiro, apoiou o chamado à greve geral, depois apoiou a convocação da paralização cívica e, finalmente, aceitou o recuo completo: nem mobilizações de rua no dia 25 de abril. Por quê? A decisão do Planalto de declarar o Estado de Emergência em Brasília no 25 de abril, proibindo até a transmissão da sessão do Congresso pelas rádios e TV's, era o tipo de medida que aterrorizava a oposição liberal. Uma possível resposta à capitulação de Ulysses a Tancredo nos remete à sobrevalorização do perigo de um autogolpe de Figueiredo.¹

Brizola ensaia uma terceira alternativa

A proposta de Brizola foi anunciada, também, publicamente, em sessão na Câmara de Deputados, e consistia em aceitar uma reeleição indireta de Figueiredo para um mandato de dois anos, em troca de eleições diretas para 1986, que coincidiriam com as eleições para governadores e para o Congresso, ou seja, eleições gerais. Brizola pretendia com esta proposta abrir uma negociação e ganhar tempo. As margens de manobra de Brizola para conseguir uma negociação com os militares e a grande burguesia paulista e carioca eram menores, incomparavelmente, do que as de Tancredo. Sendo um dos pré-candidatos presumidamente favoritos, se houvesse eleições, considerada a exuberante, porém, áspera vitória para governador do Rio de Janeiro em 1982, Brizola ainda despertava, naquelas circunstâncias, grandes resistências nos militares pela sua biografia antes de 1964. E Tancredo não era o primeiro da fila no MDB, se houvesse eleições diretas, o primeiro era Ulysses Guimarães.(LEONELLI e OLIVEIRA, 2004, p.169).

Uma vitória usurpada

A proposta que vingou foi uma solução de compromisso. Tancredo acabou sendo eleito, mas sem eleições diretas. Da “explosão” da luta democrática de massas resultou uma vitória usurpada, portanto, muito parcial: as massas mobilizadas – uma aliança da classe trabalhadora urbana com a juventude, setores médios plebeus, mas com liderança direta ou indireta de dissidências burguesas - derrubou o governo odiado, e com ele o regime que o sustentava, mas não conquistou eleições imediatas.

A concertação burguesa conseguiu fechar as crises, respeitou-se a ordem constitucional, assumiu um vice sem confiança popular. Na maior crise de dominação conhecida na história do país, quando as conseqüências da crise final da ditadura estavam em disputa, o MDB de Ulysses Guimarães foi o fiador da estabilização, garantindo a posse de José Sarney, do improvisado PFL, depois da morte inesperada de Tancredo Neves.

¹ Folha de São Paulo, 25/04/1984, p.4.

[http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada?all_words=Tancredo+Diretas&commit.x=33&commit.y=14&date\[day\]=&date\[month\]=&date\[year\]=&final_date=25%2F04%2F1984&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F1984&page=1&phrase=&theme_id=2&utf8=%E2%9C%93&without_word_s=&words=](http://acervo.folha.com.br/resultados/buscade_talhada?all_words=Tancredo+Diretas&commit.x=33&commit.y=14&date[day]=&date[month]=&date[year]=&final_date=25%2F04%2F1984&fsp=on&group_id=0&initial_date=01%2F01%2F1984&page=1&phrase=&theme_id=2&utf8=%E2%9C%93&without_word_s=&words=)

Consulta em 28/04/2010

A peculiaridade brasileira é que o governo Figueiredo não foi derrubado pelas Diretas, mas foi derrotado. A ditadura ruiu. O fim da ditadura foi uma vitória da mobilização de massas. A eleição da chapa Tancredo/Sarney foi uma vitória do plano reacionário de manter intactas as Forças Armadas, a principal instituição do regime militar. Mas, entre os dois processos, o mais importante, aquele que definiu o signo da situação política nos anos entre 1985/1989, foi o primeiro, porque abriu o caminho para o mais importante ascenso operário e popular da história. Esse resultado dúbio ou ambíguo alimentou dois tipos de interpretações unilaterais. Para alguns, a eleição de Tancredo teria sido uma vitória democrática, garantindo uma transição indolor e sem rupturas, que era o limite das possibilidades no quadro da relação de forças que existia no Brasil em 1984. Para outros, o sucesso da negociação entre o PMDB e as dissidências do regime seria a demonstração da derrota da mobilização popular. Ambas estas conclusões são insatisfatórias.

A força política das manifestações foi suficiente para exercer tal pressão que as Forças Armadas – principal instituição do regime ditatorial – aceitaram, com tensões, uma solução negociada para um processo que foi em parte falência e, em parte, transição da ditadura para o regime democrático. Os resultados deste processo de luta foram paradoxais. José Sarney foi o último presidente da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), e o primeiro presidente do regime democrático. Quis a ironia da história que Sarney viesse a ser, duas décadas depois, o presidente do Senado por dois mandatos como o apoio do PT e de Lula na presidência (2003-2010), os mesmos que se recusaram a participar da votação no Colégio Eleitoral indireto da ditadura que o elegeu para a presidência em 1985.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues. *De JK a FHC: apontamentos para a análise das lutas sociais no Brasil contemporâneo*. In RAMPINELLI, W. J. *No fio da navalha: crítica das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 39-63.

DELGADO, L. de A. N. *Diretas-Já: vozes das cidades*. In FERREIRA, J. & REIS, D. A (Orgs.). *Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 409-427.

LEONELLI, Domingos, e OLIVEIRA, Dante. *Diretas Já, 15 meses que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro, Record, 2004.

POCHMANN, Marcio. *Emprego e trabalho no Brasil em perspectiva* in *Brasil no limiar do século XXI*. RATNER, Henrique (organizador). São Paulo, EDUSP, 2000, p.125-137.

RODRIGUES, A. Tosi. *Diretas já: O grito preso na garganta*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

ROSAS, Fernando. *Notas para um debate, A revolução e a democracia* in *Ensaio Geral, Passado e futuro do 25 de abril*. LOUÇÃ, Francisco e ROSAS, Fernando (organizadores). Lisboa, Dom Quixote, 2004.

TROTSKY, Leon. *História da revolução russa*. São Paulo, Sundermann, 2007.

El marxismo y la Dictadura de Primo de Rivera. *Pablo Montes*¹

Introducción

Das Subjekt historischer Erkenntnis ist die
kämpfende, unterdrückte Klasse selbst.
(El sujeto del conocimiento histórico es la misma
clase oprimida que lucha)
Walter Benjamin.²

La historia de los años veinte en España es, más que para ningún otro período histórico del pasado siglo, Historia política. Las interpretaciones que incluso hoy día —casi 80 años vista— podemos encontrar del cómo se entra y el cómo se sale de la dictadura de 1923-1930, resultan un tanto sesgadas. Trataremos a continuación de hacer una breve síntesis de ello.

El 13 de septiembre de 1923, el general Primo de Rivera se subleva en Barcelona. El malestar de los militares por el informe Picasso (encargado por una comisión parlamentaria que buscaba depurar responsabilidades por el desastre de Annual), la cuestión marroquí, la inestabilidad social y el problema del orden público, formarían el cuadro de los principales detonantes del pronunciamiento. Los apoyos que recibe de burguesía y oligarquía son de facto sancionados por el Rey, que entrega el poder al general rebelde. Las reticencias del PSOE —que acabará por colaborar activamente con el nuevo régimen— contrastaron con la protesta de una CNT sin fuerzas que oponer al golpe. Muy pronto la Dictadura logrará el objetivo del restablecimiento del orden social, gracias a la ‘colaboración de clase’ de los socialistas y a la represión sobre los anarcosindicalistas. Los siete años que siguieron se caracterizarían por la casi absoluta desaparición de la protesta social, dando lugar a una lectura —hoy mantenida— que vería en el quietismo obrero un conformismo, un acomodamiento dentro de un régimen de excepción paternalista atento a sus necesidades.³ Paralelamente, al quietismo popular pareció contraponérsele la actividad frenética de una intelectualidad convertida «en el eje ideológico de la recuperación republicana» (Ben-Ami 1990: 39), capaz de despertar la conciencia crítica de una clase media que se convertiría en garante del cambio de régimen.⁴ Tal y como ha afirmado Santos Juliá (1999: 67), «si no puede decirse que la clase obrera empujara mucho ni poco contra el régimen, sí lo hizo el pequeño patronato y el mundo estudiantil». La relevancia de este enfoque descansa en que por sí solo no es capaz de sustentar unas explicaciones cimentadas sobre una ecuación simple: a revolución burguesa, república burguesa; lo cual es a todas luces insuficiente para comprender el cómo y el por qué se llega a una situación revolucionaria.

La actitud contestataria —y marginal— de esta intelligentsia así como la toma de partido de las clases medias como acto inmediato, no bastan para sostener esto. El hecho

¹ Pablo Montes (Gijón, 1982) es licenciado por la Universidad de Oviedo y magíster por la Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), en la que actualmente es doctorando. Su proyecto de tesis versa sobre la crisis del régimen de la Restauración y la posterior transición hacia la democracia republicana, desde una perspectiva de la historia social influenciada por la tradición marxista británica.

² W. Benjamin, “Sobre el concepto de Historia”, *Obras*, XII, Libro I, vol. 2, Madrid, Abada, 2008, p.313.

³ El advenimiento de la Dictadura bajo aparente aquiescencia popular puede verse desde Cortés- Cavanillas (1941?); Aunós (1942); Ortega y Gasset (1925); Maura y Fernández Almagro (1948); Tusell (1991); o Juliá (2003). Sobre el conformismo y apatía obrera puede consultarse Carr (1970); García Nieto (1973); Gil Pecharromán (2002); o Barrio (2004).

⁴ En el mismo sentido puede verse Payne (1995); Gil Pecharromán (2002); Fusi (2003); González Calleja (2005). Acerca de la labor orientadora de la burguesía sobre la clase obrera ver Tuñón de Lara 1971.

de que el entusiasmo popular se hiciera con las calles y legitimase de facto la nueva situación política el mismo 14 de abril —como si de una espontaneidad casi mística se tratara—, vuelve frágil el pilar sobre el que se asienta este análisis tradicional. Esto obliga a reforzar la argumentación sobre un punto de apoyo capaz de sostener la brusca ruptura: 1930. Y es que, ¿dónde se encuentra el origen de tan repentino proceso de politización que explique, por ejemplo, un registro en los niveles de participación electoral análogo al actual como los de abril y junio de 1931?¹ Encontrar un momento de inflexión resulta, bajo tal premisa, inevitable.

En efecto, todo parece cambiar a partir de 1930, año en que, recién recuperadas las libertades ciudadanas —aunque con la Constitución aún en suspenso—, el movimiento obrero «despierta» hasta alcanzar unos niveles huelguísticos superiores a los de 1920. Este retorno del conflicto social, en un momento en que este se pensaba extinguido, así como su participación en el proceso constitutivo de la República plantea, pues, algunos inconvenientes fácticos de difícil resolución.

El monolitismo de esa Historia política ha fijado muy claramente el sujeto de cambio en la clase media espoleada por los intelectuales, pero ¿son éstos el protagonista hegemónico e incontestable de dicho proceso? En realidad, hasta el trabajo de Eduardo González Calleja (2005) (en que realiza un exhaustivo estudio de los cambios producidos por la llegada de la sociedad de masas)² los estudios en torno a la sociedad acostumbraban a ser esencialmente estructurales y muy rígidos. En este sentido, el que aún hoy es una referencia para el período, Shlomo Ben-Ami, entendía la crisis política como el conjunto de «las presiones inherentes al crecimiento económico y a los cambios sociales que la dictadura había acelerado [y que] se convirtieron en un desafío a los fundamentos no democráticos del primorriverismo» (1984: 207). Para muchos de los expertos, sería en torno a los dos años que precedieron a la proclamación de la Segunda República que se manifestaría la confluencia de intereses entre las clases medias y un movimiento obrero representado por un PSOE adscrito al proyecto a última hora. Ello no parece tener demasiado sentido, y transmite la idea de todo un país inmerso en un proceso revolucionario por causa de la mala gestión política, dentro de un sistema que llevaba 50 años en vigor.

El hecho de que además estos años transcurriesen sin aparentes muestras de oposición, hizo considerar a muchos poco menos que el tiempo se había detenido. Tal era la opinión de Malerbe cuando decía ver en 1930 el mismo país de comienzos de la Dictadura (1981: 11). La interpretación contraria —hoy impuesta— la dio a fines de los ochenta Teresa Calbet, al considerar que había sido precisamente durante esos años el momento en que mutaría de modo decisivo la política nacional. Para esta autora, dado que el advenimiento de la Dictadura no era sino el resultado a una crisis en el campo político, era desde éste que debía ser analizada «sin descuidar los demás aspectos» que, eso sí, pasaban a jugar un papel subsidiario (1987: 12 y 14). Separada del período precedente, la Dictadura ha quedado en una especie de islote que recuerda en exceso, quiérase o no, a la denostada propuesta del «paréntesis» defendida por Tusell (1991).

La casi completa desviación de los análisis centrados en el movimiento obrero hacia una Historia política marginadora de lo social, ha limitado a éstos al estudio de

¹ Tuñón (1972) encuentra explicación a tanta calma previa en la estabilidad económica de los años veinte y, a la conflictividad laboral, en el malestar por el paro. Sin embargo, sólo a través de éste no es posible explicar un cambio revolucionario. Esta tesis centrada en lo estrictamente económico, es compartida por Maura (1930); y Témime (1995: 221-233). Ben-Ami (1984) ha desmentido dichos planteamientos de un modo exhaustivo y minucioso, pero que habla vagamente de «explosión de huelguística» para 1930. Para los niveles de sufrágio puede verse Tuñón (1991: 531).

² Con anterioridad, estas transformaciones ya habían sido mencionadas —y tenidas en cuenta— por González Calbet (1987) o Gómez-Navarro (1991) quienes, no obstante, no las habían desarrollado.

sus organizaciones, asumiendo con comodidad que tras ellas se encontraba un proletariado más o menos homogéneo (Junco y Ledesma 1982). Conocemos, pues, muy bien las organizaciones socialistas (PSOE y UGT), sus disputas internas y la cristalización de corrientes en su seno; lo mismo puede decirse para la CNT. Sin embargo, esta historia —en exceso vertical— tiene problemas para explicar el resurgir cenetista luego de su práctica desaparición tras su paso por la clandestinidad, o analizar la base militante de una UGT colaboracionista hasta 1929 y de un PSOE que aún en el verano de 1930 no asistiría a la reunión de San Sebastián (génesis del que será el gobierno provisional de la República). En medio de todo este entramado asociativo se hace difícil entrever a quienes están detrás del mismo, pero de algún modo ejemplifica la asunción absoluta por los militantes de la línea del partido, lo cual supone una forma un tanto paternalista de analizar la pulsión social obrera del período. De otro modo, parece haberse diseñado una estructura sumamente vertical, en la que los mismos protagonistas, aquellos que «hacen sin saberlo su propia historia», no han sido insertados.

I

Este curioso fenómeno de falta de estudios sociales para el período, se explica, por una parte, por la tardía incorporación de estas metodologías en la escuela española y por el desvío del interés, cuando por fin esto se produjo, hacia la República, la guerra y el franquismo, por otro. Sin embargo, el principal inconveniente hoy (y desde hace algunos años) lo constituye la coincidencia en el desprestigio tanto de esta forma de hacer historia como del marxismo a nivel global; la «mala fama» de que hablaría Pere Gabriel (1995: 43) y de la cual fue víctima durante años la historia social en España. Una historia social que, en el medio de la mediocridad interpretativa que produjo el franquismo,¹ tendría a uno de sus principales exponentes en Manuel Tuñón de Lara, historiador de reconocido prestigio que sustentaba sus análisis en perspectivas marxistas. Sin embargo, ese marxismo enarbolado por Tuñón se halla sensiblemente más en consonancia con sus parámetros ‘vulgares’ —tal y como son definidos por Eric Hobsbawm— que con otra cosa. Las causas de esto residen esencialmente en que sus posicionamientos descansan sobre un excesivo estructuralismo y en que otorga a la economía el papel fundamental del cual dependerían los demás. Incluso puede observarse en sus análisis una concepción en torno a ‘leyes de inevitabilidad histórica’ que parecen no conceder un espacio fuera de los acontecimientos «realmente existentes» a sujetos y procesos, esto es, reconocer que los hechos no son absolutamente ‘inevitables’ (Hobsbawm 1998: 152-153). En sentido similar, el estudio que realiza en *Historia y realidad del Poder* (Tuñón 1967) acerca de las ideas dominantes que ostentarían las clases detentadoras del poder político en el primer tercio de siglo XX, trata de sustentarse sobre una perspectiva «gramsciana». No obstante, y pese al frecuente uso del término «hegemonía», su análisis guarda más relación con el esquematismo base-superestructura que con las teorías de la dominación de Gramsci. En consonancia con esto, en uno de los mejores estados de la cuestión que sobre la historiografía de la Dictadura se han hecho, González Calleja (2005) señala las aportaciones que —de forma reduccionista— son tomadas como la interpretación marxista, pero que no escapan a esa línea vulgar ya señalada.

Hace algunos años, Geoff Eley y Keith Nield (2004: 48-49) denunciaban lo que entendieron más que como un descuido, la omisión consciente de una realidad historiográfica fácilmente evidenciable: la existencia de muchos marxismos, pues éste

¹ Éste, no obstante, ha sido relativizado por Gabriel (1995) y Juliá (1993: 35).

había sido siempre un discurso plural. Por supuesto, el problema no es que Calleja obviara otras de sus aportaciones, sino que simplemente éstas han descansado sobre una concepción vulgarizada del marxismo que en ningún caso representa la pluralidad de éste.

Desde otros postulados marxistas, las estructuras guardan una importancia dentro del contexto contingente, circunstancial, en que se circunscribe la acción de los individuos. Son éstos quienes pasan a ocupar el centro del análisis, dejando de ser meros receptores pasivos de los acontecimientos que viven. Esta alteración del orden de preferencia modifica decisivamente las premisas de partida y, con ellas, las conclusiones que se extraen de los procesos. Su continua incidencia en los mismos —de variable intensidad— altera su devenir. Para un marxista como E. P. Thompson, esos sujetos, agrupados en clases sociales, no serían el «resultado automático de las relaciones de producción o de la evolución económica» sino el producto de «una identidad colectiva forjada por los propios protagonistas a lo largo del tiempo» (Cruz y Ledesma 1997: 202). De esta forma, el 14 de abril no es ni puede ser un acontecimiento aislado, y sí la consecución de un proceso gestado a lo largo de los años. Ello supone negar las teorías que fijan la movilización social al final de la Dictadura como la consecuencia ‘inevitable’ del desarrollo industrial por esta impulsado (Ben-Ami 1984). La trascendencia del rol jugado por las masas desde los albores hasta el ocaso de la República, son el fiel reflejo de un pueblo que tiene la pretensión y el anhelo por participar activamente en los asuntos públicos. Esta sería la consecución del verdadero acto político, lo que en palabras de Slavoj Žižek es «aquello que modifica el contexto que determina el funcionamiento de las cosas» (2010: 34), que no puede surgir de la nada, ser accidental o siquiera no conscientemente buscado. La primavera que celebrara Machado, pues, bien podría ser vista no como algo que ha «venido» sino que, muy al contrario, ha sido traída.

¿Cuál es la incidencia —que nadie parece negar— del emblemático 1917? ¿Cuáles son sus antecedentes? ¿Cuál es el sustrato dejado por esta experiencia en las movilizaciones sociales posteriores? La huelga de La Canadencia de 1919 (paradigma del movimiento obrero barcelonés), en la que fue conquistada por primera vez en Europa la jornada de ocho horas, no puede ser aislada de este proceso. No parece tener demasiado sentido dar por supuesta la desaparición del conflicto social durante la Dictadura para luego reaparecer bajo formas y características nuevas, ni siquiera ver en los años 1923-1929 el momento de «mutación decisiva que abrió paso a la II República y condicionó, además, al menos los primeros años de ésta» (Gómez-Navarro 1991: 8).

Según uno de los más notables estudiosos de la protesta popular, George Rudé (1981: 32-48), para que una revuelta o un movimiento revolucionario tenga lugar, han de confluír una serie de factores. Éstos, agrupados en «ideología inherente», «elementos derivados» y «circunstancias y experiencias», conformarían el cúmulo de tradiciones y memoria colectivas, ideas y creencias derivadas de concepciones políticas o religiosas nuevas —incorporadas en gran medida a través del lenguaje (Derechos del Hombre, Soberanía Popular, Socialismo...)—, y el conjunto de circunstancias y experiencias. Para el propio Thompson, el interés científico —consistente en la averiguación— es el que nos ha conducido hasta la «experiencia humana». Este concepto —tal y como él mismo arguye— permite a los actores históricos retornar «como personas que experimentan las situaciones productivas y las relaciones dadas en que se encuentran en tanto que necesidades e intereses y en tanto que antagonismos, “elaborando” luego su experiencia dentro de las coordenadas de su conciencia y su cultura (...) por vías más complejas (...), y actuando luego a su vez sobre su propia situación (...)». Ésta —la

«experiencia»— es el punto de unión entre «estructura» y «proceso» (Thompson 1981: 253 y 254).

En el momento en que marcamos una clara diferenciación y aislamos, consciente o inconscientemente, a la sociedad de los años dictatoriales de los períodos precedente y posterior, rompemos ese vínculo (Da Cal y Tavera 1994). Desde luego, el enorme aumento del número de conflictos laborales durante 1929 y la explosión huelguística que vivió 1930 no puede explicarse como un proceso ‘en dos años’, mucho menos arguyendo que una pretendida «‘paz social’ se mantuvo durante toda la dictadura porque las condiciones de vida de los trabajadores urbanos no se deterioraron de manera espectacular» (Ben-Ami 1984: 202). No era esto, ni mucho menos, lo que se denunciaba desde las páginas de Solidaridad Obrera recién levantada la censura:

¿Es humano que, mientras los obreros trabajamos desesperadamente para poder comer un triste mendrugo, se levante enfrente de nosotros, como para escarnio de nuestra miseria, ese templo lleno de sudor nuestro, mientras nosotros estamos faltos de todo? No. No es lógico ni es humano, y sólo puede realizarse debido a nuestra completa desorganización. Todo lo que aquí ocurre, como las injusticias numerosas que con nosotros se han cometido, no hubiera tenido lugar si hubiéramos estado organizados (SES 4-9-1930).

De alguna manera, se asume a través de la aparente inexistencia del conflicto de clase durante la Dictadura, la desaparición del mismo, lo cual supone no comprender este concepto en absoluto y volver indescifrable una sociedad española en pleno proceso de mutación.

Volvamos por un instante al principio, a la «tesis XII» de Benjamin (2008: 27). De esta puede verse otra traducción a cargo de Bolívar Echeverría sustancialmente distinta de la anotada en nuestro encabezamiento, que dice así:

El sujeto del conocimiento histórico es la clase oprimida misma, cuando combate.

Es aquí que reside el punto exacto del malentendido: la superposición de lo puntual sobre lo permanente. Porque el sujeto del conocimiento histórico —tal y como es entendido exactamente por Benjamin— es desde luego la clase oprimida misma, pero no CUANDO, sino QUE combate. Su opresión, así como su oposición a ser dominada, es algo inherente a su SER, es constante y se nutre de sus antepasados oprimidos.¹ En Marx esta aparece en sus «etapas» del desarrollo histórico como épocas en la explotación del hombre por el hombre. En ellas, el desarrollo de los medios de producción señalaría el estadio determinado del desarrollo social (relaciones de producción), de forma que la denominación de esclavismo, feudalismo o capitalismo no marcaría lo mucho o poco evolucionados que estén los medios de producción como la relación existente entre éstos y la forma de explotación (amo-esclavo, señor-vasallo, empresario-asalariado) (Fontana 1982: 149). La llamada ‘lucha de clases’ no sería, pues, la manifestación del enfrentamiento social, sino la pugna diaria, cotidiana, por la consecución de una hegemonía reflejada en formas aparentemente poco espectaculares de conflicto, aun así constantes y en absoluto de baja intensidad.

No sería hasta las primeras décadas de siglo XX que en España comienza a constituirse como tal la clase obrera (Pérez Ledesma 1986). Y ésta, como en otros

¹ La expresión *Kämpfende* es la adjetivación de un verbo, esto es, la transformación de la acción en rasgo. De este modo, Benjamin señala muy a las claras que es por ser oprimida que lucha. (Debo esta precisión a Alejandro Andreassi).

lugares, «no es o existe (...) sino que se hace, deviene, se construye (...) y continúa por un período de tiempo». Se alimenta de las experiencias de unos determinados colectivos, de las cuales «unas son forjadas por ellos mismos, otras vendrán en cambio heredadas de quienes les preceden, pero todas son sentidas por igual como el sustrato de una identidad propia, y en torno a esa identidad articulan sus particulares intereses» (Hernández Sandoica 2004: 163. Por supuesto, esta articulación no los conduce automáticamente a una conciencia revolucionaria, pero contribuye de un modo indispensable a asentar sus bases. Tal y como es expuesto por Chris Ealham en *La lucha por Barcelona*, «los obreros transformaron las experiencias prácticas y sensoriales de la realidad material, y la lucha diaria para sobrevivir dentro de un espacio determinado, en una serie de marcos de referencia culturales y colectivos» (2005: 71).

II

Un punto de partida puede consistir en el rastreo de esas formas que Gramsci denominaba «no orgánicas», consistentes en modos de pensamiento menos estructurados y frecuentemente contradictorios y confusos, integrados por las tradiciones populares, los mitos y las experiencias de vida cotidiana. Todos ellos elementos integrantes de las masas urbanas. Estudiar las mentalidades como «fenómenos más generales de comportamiento social (...) por ejemplo, por el trabajador conservador así como por el activista o el pasivamente socialista» (Hobsbawm 1998: 99); o entenderlas, tal y como lo hace Michel Vovelle, como el «estudio de las mediaciones y de la relación dialéctica entre las condiciones objetivas de la vida de los hombres y la manera en que la cuentan y aun en que la viven» (1985: 19). Algunos de estos elementos se aprecian en el trabajo de Ealham, que deconstruye redes de solidaridad, experiencias colectivas, formas de resistencia y manutención... en definitiva, todo aquello que perpetúa eso que Thompson denominó la «economía moral de la multitud». Moldeadoras de auténticos microuniversos, estos elementos configuraron «la ciudad proletaria», opuesta a «la burguesa» con la que pugnaba, si no por imponerse, sí por consolidarse como autónoma a aquella. Un auténtico contraproyecto desafiante a ese órgano de dominación y opresión de una clase por otra que ellos mismos percibían, del orden que legaliza y afianza esa situación: el Estado burgués (Lenin 2009: 16). Se trata, en definitiva, de contestar al cómo mediante la preservación eficaz de las identidades de clase se fue conformando esa «contraideología» popular opuesta al proyecto de «nacionalización negativa» propuesto verticalmente (Quiroga 2008), manteniendo formulaciones políticas alternativas a la burgués-capitalista sin las cuales se vuelve incomprensible la protesta social en la República.

El período llamado a desembocar en el 14 de abril ha de ser por tanto visto como un proceso y no como un mero acontecimiento producto de la confluencia entre una favorable contingencia y el activismo de una minoría opuesta al poder establecido (Aubert 2006: 132). Esa elite minoritaria —supuestamente desde 1926— pudo haber insertado nuevos valores a una exigua clase media como la que entonces había en España, pero en ningún caso al amplio grueso de sectores populares. Analizar cómo una sociedad pierde y restablece sus equilibrios en tan poco tiempo y orienta sus tendencias en un sentido tan radical hacia la propuesta republicana, hace plausible poder entenderlo como una confluencia de distintos proyectos —heterogéneos, sí, pero todos ellos republicanos— en una misma dirección. Los problemas iniciales que tendrán en el nuevo régimen todos los grupos republicanos, obreros inclusive, resulta ilustrativo. Parece pues, evidente, que no nos hallamos ante un proceso de tiempo corto. Por decirlo con Rudé (1981: 34), ni habría una tabula rasa en la que injertar conceptos que antes no

existían, ni habría una progresión automática de ideas sencillas a complejas (noción que Rudé toma de Lenin [2000]).

Devolver, pues, las masas al centro de la narración y situarlas dentro de la Historia que van haciendo, puede hacernos ver de un modo absolutamente distinto los años veinte y, con ellos, los propios años republicanos. El relance de la Historia social que anunciaba Jürgen Kocka (2008: 62) a comienzos del nuevo siglo, parece más que pertinente. En él, sin duda el marxismo tiene aún mucho que aportar.

Movimiento obrero y cuestión nacional en España: Catalunya y País Vasco (1895 – 1923). *Diego Díaz Alonso*¹

Nacionalismo y obrerismo en la modernización capitalista española

“Lo que, so pretexto de regionalismos o localismos, no podemos hacer en ningún caso, es relegar a segundo término el principio de la lucha de clases y de solidaridad proletaria (...) en el terreno práctico, el nacionalismo y los nacionalistas sólo pueden ser considerados por nosotros como un adversario más a combatir.” Esta dura contestación del dirigente socialista catalán Antonio Fabra y Ribas en 1914 a un joven Andreu Nin, futuro dirigente del POUM, y entonces reciente afiliado a la Federación Catalana del PSOE, resume bien la que fue hasta casi la guerra civil la posición hegemónica del movimiento obrero español con respecto a las demandas de los nacionalismos periféricos catalán, vasco y gallego². Algo parecido se opinaba desde las filas libertarias. “Los problemas que se ventilan en el mundo son de una índole superior y están informados por un espíritu de justicia del que carecen esos sofismas burgueses que pretenden distraer al pueblo de su objetivo y desviarle de su camino” declaraba en 1918 la federación catalana de la anarcosindicalista CNT³. Con contadas salvedades, y exceptuando puntuales momentos de colaboración, los dirigentes socialistas y anarquistas vieron sobre todo en el nacionalismo una maniobra de distracción, un demagogo competidor a batir, que entonando una retórica patriótica e interclasista, trataba de arrastrar a la clase obrera hacia el molino de los intereses egoístas de las burguesías periféricas. Eso o un asunto nimio, un pasatiempo burgués y pequeño burgués, por completo exótico a los anhelos y preocupaciones de los trabajadores.

No era extraño en todo caso que el nacionalismo periférico generase un nuevo problema, el llamado “problema nacional” a los líderes marxistas y libertarios españoles, pues el catalanismo y el nacionalismo vasco se manifestarían en el tránsito finisecular allí donde también se estaba desarrollando desde hacía tiempo el obrerismo. La coincidencia espacio temporal de ambos movimientos no era casual. La fuerza que impulsaba estos, por contradictorios que pudieran ser, era la misma, la del capitalismo industrial. Resulta difícil imaginar el nacimiento del nacionalismo en una sociedad agrícola, rural, sin modernos medios de comunicación, burguesía industrial, clases medias ni proletariado. Ambos, nacionalismo y obrerismo, eran movimientos modernos y modernizadores, basados en la movilización permanente de las masas, y no en la política caciquil y de salón de los viejos partidos liberales y conservadores. La cuna de los movimientos obreros y nacionalistas fue preferentemente la nueva ciudad capitalista y burguesa, Barcelona y Bilbao, espacios de temprana industrialización en el contexto de una España aún mayoritariamente agrícola. Espacios urbanos insertos en territorios

¹ Licenciado en Historia por la Universidad de Oviedo, realiza en la actualidad su tesis doctoral, "El PCE y la cuestión nacional en España. De la II República a la Transición democrática" en esta misma Universidad, bajo la dirección del profesor Francisco Erice, y con una beca predoctoral del Gobierno Autónomo de Asturias. Es asimismo integrante del Consejo de Redacción de la revista asturiana de cultura y pensamiento "Atlántica XXII".

² Nin, procedente de las filas del republicanismo catalanista había aterrizado en el PSOE catalán dentro de su progresiva evolución hacia posiciones cada vez más izquierdistas. El intento de Nin y de otros militantes socialistas, como los posteriores líderes de la Unió Socialista de Catalunya, Rafael Camplans, Manuel Serra i Moret o Joan Comorera, de aproximar el PSOE al catalanismo, resultaría fallido. Sobre esta polémica, véase además de la citada contestación de Fabra y Ribas en *Justicia Social*, 14/2/1914, GUERRA, Daniel, *Socialismo y cuestión nacional en España (1873 – 1939)*, (Tesis doctoral, s.p), UNED, 2008, págs. 296-320.

³ Solidaridad Obrera, “Declaración del CRT de Cataluña”, 15/12/1918. Cit. en BAR, Antonio, *La CNT en los años rojos*, Madrid, 1981, pág. 456.

más amplios donde existían lenguas propias y sentimientos particularistas previos. Un material cultural propicio para que la intelectualidad nacionalista construyese con ellos un relato comunitario acorde a los intereses políticos de su grupo social. Esa correlación entre desarrollo industrial capitalista y desarrollo del movimiento obrero y del movimiento nacionalista, explica que la debilidad de ambos corriese pareja en las provincias vascas más agrícolas, Álava o Navarra, o que en un territorio poco industrializado como Galicia, el desarrollo del movimiento obrero y del movimiento nacionalista fuese más tardío que en Barcelona y Vizcaya.

¿Nacionalismos exclusivamente burgueses?

El carácter burgués o pequeño burgués y mayoritariamente conservador y clerical de los nacionalismos que toman cuerpo en Catalunya y el País Vasco en torno a la crisis del 98, explican el alejamiento, la frialdad y hostilidad con la que fueron recibidos movimientos que en principio compartían con el obrerismo la denuncia del sistema corrupto y caciquil de la Restauración borbónica, e incluso ideas federalistas, en principio cercanas a las corrientes libertarias y las republicanas radicales. Quizá fue en la Vizcaya fabril, en cuya capital existía desde 1886 una Agrupación Socialista, donde el enfrentamiento con el nacionalismo fue más agudo, llegando incluso en el periodo de la II República a producirse frecuentes episodios de violencia física entre jóvenes socialistas y nacionalistas a cuenta de disputas identitarias y religiosas. En contraste con la crispación del País Vasco, en la actitud del obrerismo catalán primó más el criterio de la mayoría anarcosindicalista de abstenerse en el problema nacionalista, por considerarlo una cuestión menor, antes que el de emprender una cruzada antinacionalista, como hizo a principios de siglo el republicanismo lerrouxista, o la opción de asumir el catalanismo y radicalizarlo, como trataron algunas minorías socialistas y comunistas más tarde.

En Catalunya y el País Vasco el movimiento obrero se situó desde el principio al margen de compromisos autonomistas con la burguesía provincial o regional. El propio nombre de la unión de sindicatos barceloneses, Solidaridad Obrera, nacida en 1907 a partir de la Federación Local de Sociedades Obreras de Barcelona, parecía ser una réplica de clase al interclasismo nominal de Solidaritat Catalana, la heterogénea coalición de carlistas, republicanos y regionalistas conservadores que arrasó en las elecciones de 1907. En el País Vasco el PSOE opondría furibundamente el interés de la clase trabajadora al discurso fuerista o vasquista esgrimido por todos los partidos vascos, desde el carlismo hasta los republicanos, en la defensa del autogobierno fiscal de las diputaciones vascas. Los socialistas emprenderían en 1906 una solitaria campaña contra el concierto económico vasco por entender que esta autonomía fiscal sólo beneficiaba a las oligarquías que controlaban las diputaciones provinciales. Como ha señalado el historiador Antonio Rivera “los socialistas vascos fiaban más en los derechos del sistema político común a toda España y en la garantía de actuación de sus autoridades que en lo que daban de sí los privilegios y leyes tradicionales de su país”¹. Una desconfianza en las instituciones propias que se revalidaría cuando en 1916 el nacionalismo vasco hiciese campaña contra el impuesto gubernamental a los ingentes beneficios empresariales de aquel momento, la Gran Guerra europea, precisamente apelando a la autonomía fiscal². Sin embargo, el hecho de que el obrerismo más activo y militante de Catalunya y el País Vasco se abstuviese de apoyar las demandas

¹ RIVERA, Antonio, *Señas de identidad. Izquierda obrera y nación en el País Vasco (1880 – 1923)*, Madrid, 2003, pág. 111.

² MEES, Ludger, *Nacionalismo vasco, movimiento obrero y cuestión social (1903 – 1923)*, Bilbao, 1992, págs. 261 – 262.

autonomistas, o incluso se posicionase de un modo muy activo en contra de ellas, por considerarlas únicamente beneficiosas para las clases dominantes, como hicieron los socialistas vascos, no significa en absoluto que estas no tuviesen una considerable audiencia entre importantes sectores de las clases populares. Es imposible entender los éxitos de la Solidaritat Catalana entre 1906 y 1909 sin el apoyo de parte de la clase obrera catalana¹. Igualmente, sería poco creíble reducir a un movimiento exclusivamente burgués la masiva movilización de las provincias vascas de 1904 a 1906 en demanda de un nuevo concierto económico al Estado². Resulta convincente por lo tanto pensar que los nacionalismos tachados de burgueses o pequeño burgués en los medios obreros lograron también arrastrar tras de sí a muchos trabajadores en pos de las reivindicaciones políticas, culturales y religiosas de estos. Es decir, que el nacionalismo pronto se convirtió en un serio competidor para el movimiento obrero, ya que muchos trabajadores tendían a movilizarse antes en función de una identidad nacional que de una identidad de clase. En el caso del País Vasco los nacionalistas tratarían incluso de ganar a los socialistas en su propio terreno, a través de la creación en 1911 de un sindicato afín al PNV, SOV, que llamaba a los obreros autóctonos a unirse a sus hermanos de clase y “raza” en organizaciones al margen de los trabajadores inmigrados.

Obrerismo antinacionalista y nacionalismo antiobrero

La competición con el nacionalismo, el carácter mayoritariamente burgués, conservador y clerical de este, llevó, por oposición, reforzó en socialistas y anarquistas un españolismo que seguramente estaban en el imaginario de muchos trabajadores. El obrerismo, o al menos una parte muy importante de él, asoció en su confrontación con los movimientos nacionalistas periféricos, centralismo y uniformización lingüística, con igualdad y progreso social. Otras veces la cosa no se decía tan clara, optando el obrerismo antinacionalista por recurrir a una retórica no tanto españolista, como universalista o internacionalista. En Catalunya la transformación desde 1900 del catalanismo en la ideología de la patronal, llevó a una buena parte de la clase obrera barcelonesa a echarse en brazos del republicanismo anticatalanista y demagógico de Alejandro Lerroux. Pero mientras el lerrouxismo fue un fenómeno pasajero, en el País Vasco, y más concretamente en Vizcaya, persistió durante mucho más tiempo el desprecio de los socialistas por la autonomía y las señas de identidad vascas. Un desprecio tan arraigado que cuando Indalecio Prieto trató de formular un autonomismo vasco alternativo, republicano, socialista y compatible con la identidad nacional española, el líder socialista bilbaíno chocó en primer lugar con las inercias y el visceral antinacionalismo de las bases obreras de su propia organización. Un antinacionalismo tan acusado que rechazaba toda signo de la cultura tradicional vasca por considerarlo asunto exclusivamente de los nacionalistas. La agresividad de los socialistas hacia todo lo que oliera mínimamente a nacionalismo, y la utilización del euskera en clave xenófoba contra los obreros inmigrados, por parte de Sabino Arana y sus herederos, dieron rienda suelta en el movimiento obrero vasco a todo tipo de prejuicios sobre la lengua vasca. El euskera, tildado de retrógrado, aldeano, e inadaptable para los tiempos modernos, solo encontraría cultivadores entre las filas socialistas en algunos escasos

¹ BALLCELS Albert, *Cataluña Contemporánea II (1900 – 1939)*, Madrid, 1974.

² Según Luis Castells el comportamiento de las clases populares vascas con respecto a la movilización pro concierto económico fue diferente dependiendo de las provincias. Mientras en una Guipúzcoa de escaso desarrollo sindical la Liga Foral Autonomista logró arrancar entre 1904 y 1906 un verdadero movimiento de masas, en Vizcaya no pudo repetirse un fenómeno similar “dado que los enfrentamientos políticos y de clase había alcanzado una cuota que impedía poner en pie proyectos interclasistas de *unión sagrada*”. Véase CASTELLS, Luis, *Los trabajadores en el País Vasco (1876 – 1923)*, Madrid, 1993, págs. 30 – 31.

militantes autóctonos de Guipúzcoa, como el escritor Toribio Echevarría, y en la Agrupación Socialista de Eibar, que utilizaba el euskera, escrito y hablado, como lengua para la comunicación con un medio rural, o semi rural, euskaldún, muy diferente del ambiente castellano parlante en el que se desenvolvían los socialistas vizcaínos¹. En el anarcosindicalismo catalán a pesar de que la lengua era mucho más hablada, y no se trataba como en el País Vasco de una herramienta nacionalista para la exclusión de los inmigrantes que llegaban a Catalunya, muchos de ellos además procedentes de zonas catalanoparlantes de Aragón y el País Valenciá, se optaría sin embargo por una comunicación, al menos la escrita, mayoritariamente en castellano, y con muy contadas excepciones en lengua catalana². Sólo en el contexto de la guerra civil, la CNT se decidiría a editar un diario, *Catalunya*, escrito íntegramente en lengua catalana, y según Jordi Sabater en una coyuntura muy determinada en la que los anarcosindicalistas tratan de reafirmar su poder territorial por medio de la defensa de la autonomía catalana frente a los intentos centralizadores del gobierno del Frente Popular³.

El antinacionalismo de los socialistas vascos y de los anarcosindicalistas catalanes se quedaría cojo si no mencionásemos su contraparte, el antisocialismo y anti anarquismo de los nacionalistas vascos y catalanes. En el País Vasco el nacionalismo de su fundador Sabino Arana surge entre otros motivos como una reacción xenófoba y racista a la masiva llegada de trabajadores castellanos a las fábricas y minas vizcaínas. Unos trabajadores, despectivamente denominados “maketos”, que serían para el fundador del Partido Nacionalista Vasco los agentes de la decadencia de la raza vasca, portadores del socialismo entre otros muchos “males”. Ya Sabino Arana dejaba claro en 1897 que el PSOE era un partido “casi exclusivamente de maketos”, minimizando todo lo posible el innegable componente autóctono de un partido cuyas ideas Arana tachaba de “anticristianas y antivaskongadas”⁴. Un cliché en el que volvían a insistir años más tarde los jóvenes aberrianos, guardianes de la ortodoxia nacionalista, al culpar de la huelga general de diciembre de 1916 a “no sabemos qué Comité, que está allá en Madrid, y al cual pertenecen unos cuantos profesionales de la revuelta que ni son obreros ni son capaces de trabajar”⁵. También Prat de la Riba con motivo del incremento de los atentados anarquistas recurría a argumentos similares, denunciando a esos “apóstoles del odio, que desde las salas del Gobierno Civil han organizado la lucha de clases más brutal y suicida”⁶. A pesar de los llamamientos del catalanismo conservador a la unidad entre obreros y patronos contra el centralismo madrileño, como el que en septiembre de 1905 Prat de la Riba hacía desde las páginas del periódico de la Lliga Regionalista, “ya que el Estado está contra nosotros, luchemos contra el Estado y conquistémoslo”, el intento de poner en pie coaliciones interclasistas se haría cada vez más difícil teniendo en cuenta el progresivo sesgo derechista del catalanismo⁷. La Lliga Regionalista y su progresiva transformación en un partido del sistema alfonsino,

¹ Sobre las relaciones entre el primer socialismo vasco y la cultura vasca, véase RIVERA, Antonio, *El primer socialismo vasco y las culturas territoriales de su entorno*, págs. 269 – 305, en RODRÍGUEZ VALDÉS, Rafael, VEGA, Ruben, y VIEJO, Xulio (eds.), *Llingua, clase y sociedad*, Oviedo, 2008.

² Véase, GABRIEL, Pere, *Cultura popular democrática, lenguaje político y lengua en Cataluña, ss. XIX-XX*, en RODRÍGUEZ VALDÉS, Rafael, VEGA, Ruben, y VIEJO, Xulio (eds.), *op. Cit.*

³ Véase SABATER, Jordi, *Anarquismo y catalanismo. La CNT y el fet nacional catalá durant la Guerra Civil*, Barcelona, 1986.

⁴ ARANA, Sabino, *Las pasadas elecciones*, 30/5/1897, en DE PABLO, Santiago, DE LA GRANJA, Jose Luis, y MEES Ludger (eds.), *Documentos para la historia del nacionalismo vasco*, Barcelona, 1998, págs. 43-44.

⁵ Aberri, 23/12/1916.

⁶ La Veu de Catalunya, “L’Estat contra Barcelona”, 18/2/1905. Cit. en SOLÉ TURA, Jordi, *Catalanismo y revolución burguesa*, Madrid, 1974, pág. 256.

⁷ La Veu de Catalunya, “L’obra de les bombes”, 9/9/1905. Cit. en SOLÉ TURA, Jordi, *op. Cit.*, pág. 257.

totalmente identificado con los intereses de la burguesía industrial catalana, que había encontrado en el catalanismo una herramienta política, cultural e ideológica de primer orden para presionar a las centralistas elites político económicas de Madrid, frustraría la cristalización de un populismo catalanista hasta los años 30, cuando Esquerra Republicana de Catalunya entra en escena y desbanca al partido de Cambó en el liderazgo de la familia nacionalista. En contraposición, en el País Vasco, un nacionalismo más pequeño burgués y utópico, y menos identificado con la gran burguesía vasca, a pesar de contar con algún industrial importantes en sus filas, como el naviero Ramón de la Sota, lograría poner en pie un proyecto populista conservador y clerical, que con grandes dosis de equilibrismo político lograba aumentar por arriba y por abajo su base social a partir de ese núcleo inicial compuesto por las clases medias resentidas y tradicionalistas del casco viejo bilbaíno. Desde 1911 el PNV empezaría a contar con su propio apéndice laboral, Solidaridad de Obreros Vascos, una organización nacida para contrarrestar la influencia del socialismo en la clase trabajadora vasca, y dotar al nacionalismo vasco de su propia herramienta sindical. Ya en 1897 Sabino Arana, había defendido que los obreros autóctonos se asociasen en sindicatos propios, al margen de los odiados “maketos”¹. Esta proposición tardaría algún tiempo en materializarse. El nacimiento de SOV suponía entrar a disputar a los socialistas su base social, la clase obrera. Al contrario que la Lliga, cuyo derechismo le iría llevando a perder atractivo entre las clases populares más sensible a las reivindicaciones catalanistas, y que habían votado a Solidaritat Catalana, el PNV pretendía ensanchar su audiencia obrera utilizando el sindicato como medio para conquistar a los obreros autóctonos para el movimiento nacionalista, segando al mismo tiempo la hierba debajo de los pies de la UGT y el PSOE, que hasta entonces habían ostentado casi en solitario la representación político-social de la clase trabajadora vasca. El manifiesto de SOV en 1918 “A los obreros vascos” no ocultaba que el sindicato nacionalista nacía contra el socialismo, pues tal y como afirmaba, “frente a una masa de trabajadores desordenada, antisocial y antivasca, era indispensable construir otra que contrarrestase y anulase a la primera”². La protección y promoción de los empresarios nacionalistas al nuevo sindicato ayudaría a su expansión entre los trabajadores autóctonos más rechazados, principalmente empleados y dependientes del comercio, así como obreros de pequeños talleres. Sectores populares fervientemente católicos, cuyas ideas religiosas, su conservadurismo social y los prejuicios racistas y xenófobos contra los inmigrados al País Vasco, les hacían sentirse más cercanos a sus patronos nacionalistas que a los *maketos*, los obreros inmigrados. El sindicalismo nacionalista primaría la conciliación sobre el conflicto, y el asistencialismo, a través de sus cooperativas y sus seguros de desempleo, enfermedad y muerte, sobre la reivindicación huelguística. Aunque formalmente autónomo del PNV, sus posicionamientos sindicales coincidían casi siempre con las directrices del PNV. Se opuso como el partido al impuesto sobre los grandes beneficios económicos en nombre de la autonomía vasca, y no apoyó ninguna de las huelgas generales convocadas en toda España por PSOE y CNT. Sin embargo, sería simplista reducir a SOV al papel de simple sindicato *amarillo* del nacionalismo vasco. En los años inmediatamente anteriores a la dictadura de Primo de Rivera el recurso a la huelga sería cada vez más frecuente por parte de los *solidarios*, ganando así credibilidad como sindicato autónomo, capaz incluso de convocar huelgas a patronos

¹ “(...) ¿por qué los obreros euskerianos no se asocian entre sí separándose completamente de los maketos y excluyéndolos en absoluto (...)” “Las pasadas elecciones”, Cit. en DE PABLO, Santiago, DE LA GRANJA, Jose Luis y MEES, Ludger (eds.), *op. Cit.*, págs. 43-44.

² Cit. en DE PABLO, Santiago, DE LA GRANJA, Jose Luis y MEES, Ludger (eds.), *op. Cit.*, pág. 68.

nacionalistas, o de cooperar con la UGT en determinados conflictos¹. El nacionalismo católico y xenófobo, y más que antiespañolista, sencillamente antiespañol, serían los nexos que lograrían mantener unidos a nacionalistas burgueses con proletarios nacionalistas en el seno del PNV. Hasta 1930, momento de fundación de la pequeña y muy minoritaria Acción Nacionalista Vasca, no se produciría en el seno de la comunidad nacionalista ninguna escisión de izquierdas. Tampoco en Catalunya hasta esa misma década el catalanismo de izquierdas lograría disputar la primacía a la derecha regionalista.

La fallida alianza socialista-catalanista

La crisis del sistema político español entre 1917 y 1918, en la que coinciden el agotamiento de la Restauración borbónica con la agitación militar, obrera y nacionalista, el final de la Guerra Mundial, que tan buenos beneficios había reportado a los capitalistas españoles, y el impacto de la revolución rusa, propician un primer, aunque efímero entendimiento entre el PSOE y la Lliga Regionalista. Los socialistas, creyendo ver en la burguesía catalanista una fuerza democratizadora decididamente opuesta a la monarquía, apoyan sus reivindicaciones autonomistas, implicándose en la reivindicación de un estatuto para Catalunya. La alianza autonomista entre socialistas y catalanistas fue criticada por la CNT, pero justificada por el PSOE por su carácter democratizador². El sindicato anarcosindicalista, puesto en ese momento en la incómoda tesitura de tener que elegir entre el nacionalismo catalán y el nacionalismo monárquico, trató de buscar una tercera vía equidistante de ambas, y resumida en el “Ni con unos ni con otros”, que da título a un editorial de su periódico³. Sin embargo, en este momento, el PSOE, convencido de que podía atraer a los catalanistas hacia un bloque antimonárquico, e influido por el ambiente posbélico, en el que el presidente norteamericano Wilson apostaba por la autodeterminación de las pequeñas nacionalidades europeas, llegaría a aprobar en su programa el establecimiento en España de una Confederación Republicana de las Nacionalidades Ibéricas que sustituyese a la monarquía centralista. La conciliación de los socialistas con el autonomismo se limitaría a Catalunya, ya que en el País Vasco el PSOE no participaría en la movilización autonomista puesta en marcha por el PNV. En todo caso, en 1919 el entendimiento con los catalanistas se torna ya en desencuentro. El activo papel de la Lliga organizando milicias rompehuelgas y demandando mano dura contra el movimiento obrero volvía a poner sobre la mesa su marcado carácter burgués y derechista⁴. La colaboración con el PSOE quedaba frustrada, regresando el despechado socialismo español a su tradicional postura contraria a los nacionalismos periféricos. En Catalunya la Federación Catalana del PSOE ponía fin al giro catalanista que algunos dirigentes habían tratado de dar a la organización. Como consecuencia de ello, en julio de 1923 Rafael Campalans, Manuel Serra i Moret, y otros militantes abandonan el PSOE catalán para fundar la Unió Socialista de Catalunya, el primer intento de fundir catalanismo y marxismo en España, aunque en un partido muy pequeño, de socialistas ilustrados de clase media, sensibles a las reivindicaciones autonomistas y lingüísticas, pero sin apenas base obrera. La mayoría del proletariado catalán organizado seguiría fiel a una CNT con contadas excepciones, impermeable al discurso catalanista.

¹ Sobre los primeros años de vida de SOV y su papel dentro del movimiento nacionalista vasco, véase MEES, Ludger, *op. Cit.*

² GUERRA, Daniel, *op. Cit.*, pág 312.

³ Solidaridad Obrera, “Ni con unos ni con otros”, 16/12/1918.

⁴ GUERRA, Daniel, *op. Cit.*, pág. 313.

Epílogo: de la dictadura a la República

El golpe de Estado de Miguel Primo de Rivera auspiciado por el monarca Alfonso XIII impondría una dictadura marcadamente españolista. El dictador, enemigo de cualquier pluralidad nacional y lingüística, destacaría por su campaña de “re-españolización” de una Catalunya, que se consideraba “des-españolizada”¹. La grotesca ofensiva nacionalizadora, aplicada con más dureza en tierras catalanas que en el País Vasco y Galicia, provocaría justo el efecto contrario en el Principado. Del derrumbe de la dictadura surgirían un movimiento nacionalista catalán arrollador y más escorado a la izquierda, ERC, que ponía fin a la hegemonía catalanista de la Lliga, y un nacionalismo vasco, de masas, conservador y con una notable audiencia entre la clase obrera autóctona. Otras novedades serían la emergencia de un galleguismo político, mayoritariamente republicano y progresista, de una minoritaria izquierda nacionalista vasca, así como de grupos comunistas que a diferencia de PSOE y CNT asumirían incluso con mucho más radicalidad que bastantes movimientos nacionalistas, la consigna del derecho a la autodeterminación, aunque no para el ejercicio de la independencia, sino para el establecimiento de una república federal. El vigor de los movimientos nacionalistas, y su aproximación a posturas más progresistas de las que habían defendido con anterioridad, posibilitaría en el periodo republicano el entendimiento y la colaboración, no exenta de tensiones, con las izquierdas republicanas y obreras, frente a la derecha nacionalista española, con pocas excepciones, muy centralista y uniformizadora. Los estatutos autonómicos de Catalunya, en 1932, y Galicia y Euskadi, ambos de 1936, sería el principal fruto de este nuevo entendimiento.

¹ Véase, QUIROGA FERNÁNDEZ DE SOTO, Alejandro, *Haciendo españoles: la nacionalización de las masas en la Dictadura de Primo de Rivera (1923-1930)*, Madrid, 2008.



Woman wearing scarf from the MST (Landless Workers' Movement) at the *assentamento* Jequitibá, Candeias do Jamari, Rondonia, Brazil. Author unknow.

3. Land and freedom

Terra e liberdade. Experiências de reforma agrária em Portugal no século XX. *Dulce Freire*

No início de Maio de 1974, agricultores e trabalhadores rurais de Alpiarça¹ encetaram outra etapa no processo local de reforma agrária. Numa sessão pública realizada na Casa do Povo da vila, entre outras questões, discutiram-se as condições de acesso a uma vasta e fértil propriedade localizada na margem do rio Tejo. A iniciativa esteve na origem de uma das mais duradouras cooperativas agrícolas criadas no contexto da Revolução de Abril. Esta foi uma das experiências que, a par de outras mudanças, marcou localmente a transição da ditadura para a democracia e que, como tal, contribuiu para a consolidação política do novo regime.

Os acontecimentos de 25 Abril de 1974 e dos meses seguintes colocaram este país da periferia da Europa Ocidental no centro das atenções políticas e jornalísticas internacionais. Desde logo, vários aspectos da Revolução dos Cravos, considerada a precursora da vaga de democratizações que ocorreu depois da II Guerra Mundial², mereceram interesse da comunicação social e motivaram numerosas publicações. Entre os múltiplos estudos conhecidos, o processo de reforma agrária tem sido um dos temas mais discutidos³.

A longa bibliografia publicada sobre a reforma agrária tem privilegiado a análise dos aspectos disruptivos, demonstrando como esta constituiu “*the revolution within the revolution*”, para retomar as palavras de Nancy Bermeo⁴. Articulado, por vezes, o nível nacional com o local, os autores descrevem a orientação das decisões políticas, as disputas ideológicas e partidárias, o dinamismo dos diferentes protagonistas nas várias fases de ocupação, exploração, expropriação e reapropriação da terra. Grande parte destes estudos, empiricamente centrados no Alentejo, contribui para que a discussão da questão da reforma agrária em Portugal seja, frequentemente, circunscrita às singularidades revolucionárias que caracterizam a segunda metade dos anos 70 nesta região. Contudo, apesar de menos explorados pelos investigadores, numerosos indícios sugerem que os discursos e as práticas associados à reforma agrária são cronológica e geograficamente mais abrangentes.

Acompanhando os debates e as iniciativas que estavam a decorrer em outros países, desde o século XIX que, em Portugal, as discussões acerca da questão da terra remetiam, repetidamente, para as possibilidades e as oportunidades de proceder a reestruturações fundiárias. Se o recurso à ocupação de terras tem sido, como nota Hobsbawm⁵, expediente frequente das comunidades rurais, historicamente a concepção de reforma

¹ Alpiarça, com menos de 8 mil habitantes nos anos 70 do século XX, cresceu na margem esquerda do rio Tejo (distrito de Santarém, região do Ribatejo), a partir de finais do século XIX. Com acesso a terras na lezíria (plana, fértil e regada) e na charneca (colinas, menos fértil e difícil acesso à água), tinha na vinha a cultura dominante, produzindo também azeite, cereais, legumes e frutas.

² S. Huntington, *The third wave: democratization in the late twentieth century*, Norman, University of Oklahoma Press, 1993.

³ É imensa a bibliografia publicada desde 1974. Um levantamento destas obras pode ser consultado em Almeida Freire (2002). Entre as edições mais recentes refiram-se A. Murteira (2004), M. Fernandes (2006), I. Fonseca (2006) e C. Piçarra (2008).

⁴ N. Bermeo, *The revolution within the revolution: workers control in rural Portugal*, Princeton, Princeton University Press, 1986.

⁵ E. Hobsbawm, “Peasant land occupations», *Past and Present*, n.º 62/Fev, 1974 pp. 120-152.

agrária tem assumido significados mais amplos. Por exemplo, nas propostas de autores como Ezequiel de Campos ou Henrique de Barros, que marcaram o pensamento económico e político português contemporâneo, a defesa da reforma agrária podia contemplar iniciativas públicas e privadas que implicassem uma reorganização fundiária e que, com propriedade plena ou outra modalidade, permitissem democratizar o acesso à terra, através quer de explorações individuais, quer colectivas¹. Nestas perspectivas, poder-se-á afirmar que, durante o século XX houve em Portugal várias promessas e experiências de reforma agrária. Falta, porém, em grande parte, avaliar os efeitos locais e regionais destas iniciativas e também identificar os impactos nacionais das mesmas.

Argumenta-se neste artigo, primeiro, que os acontecimentos que marcaram a reforma agrária durante o período revolucionário dos anos 70 devem ser inseridos num processo mais longo de disputas pela terra, que adquiriu especial visibilidade nas regiões do Centro e Sul do país. Ao contrário do que têm defendido alguns autores, existia fome de terra e tanto trabalhadores como proprietários e agricultores procuraram por diversas vias garantir o acesso a esse factor de produção². Segundo, as formas adoptadas pelos vários protagonistas para ter acesso à terra e os resultados obtidos estiveram não só vinculados às políticas de carácter nacional, mas também às dinâmicas locais. Os dados empíricos recolhidos (sobretudo entre 2001-2005), durante a pesquisa de terreno e em arquivos de várias instâncias de poder do Estado, permitem explicitar como as iniciativas locais durante a reforma agrária revolucionária de 1974/1976 se inserem em contextos políticos, sociais e económicos historicamente mais amplos³. A partir do caso de Alpiarça, este artigo visa discutir algumas das modalidades de reforma agrária ambicionadas e executadas em Portugal durante o século XX.

Fome de terra e liberdade: experiências de reforma agrária

Aquela reunião de Maio na Casa do Povo, e muitas outras que marcaram o quotidiano em Alpiarça nas semanas que se seguiram à madrugada de Abril, pode ser analisada de diversas perspectivas. Foi, por exemplo, um ponto de partida para participação activa da sociedade civil na construção da democracia, a defesa do aumento da produtividade da terra, a expressão da vitalidade local do Partido Comunista Português (PCP). Em alguns casos de ocupação de terras no Alentejo, argumenta-se que estas foram iniciativas exógenas que encontravam escasso apoio local. Contudo, em Alpiarça a adesão da comunidade tornou os acontecimentos que se seguiram ao 25 de Abril uma expressão de ampla mobilização social e forte identidade local. De facto, na questão do acesso à terra, antes de ser ponto de partida para algo que ainda não se conhecia, a reunião de início de Maio de 1974 pode ser vista como um ponto de chegada de várias tentativas que estavam a ser desenvolvidas por membros da comunidade.

Observando a historicidade dessas iniciativas, verifica-se que a revolução de Abril de 1974 constituiu uma oportunidade política, rapidamente aproveitada por alguns habitantes, para satisfazer uma antiga ambição colectiva. Devido à natureza das mudanças no quadro institucional e político nacional que estavam em curso, esta foi, ao contrário das anteriores, uma tentativa bem sucedida. Apesar da precocidade das diligências locais,

¹ H. Barros, *Sobre o conceito de reforma agrária*, Porto, Clube Fenianos Portuense, 1949.

E. Campos, *Textos de economia e política agrária e industrial. 1918-1944*, ed./introdução F. Rosas, Lisboa, Banco de Portugal, 1998.

² A questão tem sido discutida por alguns autores, entre os quais Pereira (1983) e Fernandes (2006).

³ Mais detalhes sobre as várias iniciativas de reforma agrária podem ser encontrados em Freire (2007; prelo).

o acesso efectivo àquela terra, que passou por várias vicissitudes, beneficiou das dinâmicas do movimento de ocupações, a partir de 1975, e foi legitimado pela promulgação das leis da reforma agrária¹, no Verão Quente desse ano.

Para compreender a origem, o desenrolar e a longevidade deste projecto de reforma agrária, é necessário avaliar como as tentativas de acesso à terra das décadas anteriores se inscreveram nas manifestações locais de oposição ao Estado Novo e na concepção de projectos, individuais e colectivos, de mobilidade social ascendente. Nesta análise, dividem-se essas tentativas de acesso à terra em duas esferas de acção com algumas coincidências temporais e espaciais, mas que começam e acabam em momentos diferentes: uma corresponde a um tempo mais curto, que decorre entre o início da década de 60 e 1976, estando directamente relacionada com a reunião de Maio de 1974; outra é mais longa, com início e final mais difusos, podendo assinalar-se o começo para as últimas décadas do século XIX e prolongá-la até finais da década de 70. Uma sucessão de décadas em que se fomentou uma identidade local marcada pela ambição de terra, a vontade de melhorar de vida e a defesa de valores democráticos.

A) Reforma agrária revolucionária

A discussão que teve lugar naquela reunião de Maio e a formação posterior de comissões de agricultores e trabalhadores, que conduziu à institucionalização, em 1976, da Cooperativa do Mouchão² deve inserir-se num processo que estava a desenrolar-se desde o início dos anos 60. Nessa altura terminou mais um contrato de arrendamento, celebrado entre o Estado e um grande rendeiro regional que explorava o Mouchão do Inglês. Esta é uma propriedade com cerca de 400 hectares em plena lezíria³, um troço da terra mais fértil de que o país dispõe. Tal como tinha acontecido em outros momentos de mudança de contrato, vários habitantes de Alpiarça manifestaram intenções de aceder à exploração daquela propriedade. A par dos maiores proprietários do concelho, também os membros da organização local do PCP reivindicaram o direito de acesso dos mais pobres àquela cobiçada propriedade, que, sendo já do Estado, deveria ser o começo da ampla reforma agrária que o partido defendia. Essas reivindicações inseriram-se no longo repertório de luta contra a ditadura que, desde os anos 40, estava a ser protagonizado por grande parte dos moradores, exigindo melhores salários e condições de vida, defendendo práticas locais e direitos cívicos que consideravam inalienáveis⁴.

Nesta altura, a organização local do PCP, constituída principalmente por pequenos agricultores que eram também trabalhadores sazonais, exigia a divisão da propriedade e a entrega das parcelas aos mais pobres da vila. Este era também o modelo de reforma agrária agora defendido pela Junta de Colonização Interna, o organismo do Estado criado em 1936 para intervir na estrutura fundiária. Desde 1959 que a JCI estava, precisamente, a desenvolver projectos em outras áreas de Alpiarça e nos concelhos

¹ O principal diploma foi o decreto-lei n.º 407-A/75 (30-07-1975).

² Formalmente, a Cooperativa de Produção Agrícola do Mouchão do Inglês de Alpiarça foi constituída em Agosto de 1976. Para além da terra arrendada por contrato de longo prazo, renovado periodicamente, a cooperativa, que continua em funcionamento, explora propriedades que adquiriu.

³ Na origem, o mouchão foi uma ilha que se formou no leito do Tejo, que no século XX ficou ligado à margem esquerda. Desde o século XVI que o Estado arrendava por largos prazos esta propriedade a diferentes rendeiros.

⁴ As prolongadas e diversificadas formas de resistência e de conflito protagonizadas pelos habitantes de Alpiarça contra a ditadura conduziram, entre outras consequências, a que fossem repetidamente presas dezenas de habitantes e que o quotidiano decorresse sob intensa vigilância policial (Pais 2005; Freire 2007).

vizinhos, pelo que era plausível a intervenção desta para satisfazer as necessidades locais. Durante o período eleitoral de 1961, o assunto foi vivamente discutido, integrando-se nas disputas entre oposicionistas e afectos à situação. E como as expectativas criadas não estavam a ser satisfeitas em Abril de 1962, no jornal *Voz de Alpiarça* (1 de Abril de 1962), descrevia-se o “péssimo exemplo” que constituía o “insólito abandono” do Mouchão do Inglês: áreas incultas, vinha por tratar, etc.

Os técnicos da JCI procederam a diversos estudos de viabilidade económica e a inquéritos à população para avaliar quantos seriam os candidatos a rendeiros. O governador civil de Santarém aplaudia a intenção de dividir os 400 hectares por 200 famílias, pressionando para que as decisões fossem rápidas: “inútil se torna encarecer a projecção política de que uma tal operação se reveste, principalmente em meio onde a propaganda do partido comunista tem encontrado ambiente propício junto da população rural”¹. Mas a JCI chegara à conclusão de que, mesmo privilegiando apenas os mais pobres, se todos fossem contemplados, as parcelas seriam de tal forma pequenas que inviabilizariam qualquer inovação tecnológica e acabariam por fomentar algo que os técnicos desde sempre combateram: o excessivo fraccionamento da propriedade rústica. Nesta altura, ao contrário dos anos 30 e 40, já nem se defendia a criação de pequenas glebas que funcionassem como complemento do salário. À medida que os equipamentos agrícolas disponíveis se tornavam mais ágeis e diversificados, foi aumentando o tamanho mínimo para explorações economicamente eficientes, situando-se na época entre os 10 e os 20 hectares. As contas eram fáceis de fazer: apenas uma minoria dos candidatos teria acesso à terra que todos cobiçavam.

Numa comunidade onde eram notórios os sinais de fome de terra, as escolhas eram difíceis e nunca seriam consensuais. Como o concelho estava há muito assinalado no mapa do país subversivo, tais decisões poderiam ter consequências políticas imprevisíveis para o Estado Novo. A década de 60 foi passada em estudos, troca de ofícios entre repartições e momentos de tensão e violência, sempre que os alpiarçenses exigiam respostas por parte dos serviços do Estado. A estas solicitações, mais do que a JCI, respondiam as forças da GNR e da PIDE, que estavam instaladas na vila.

Em vez de agir, o Estado optou por, a diversos pretextos, adiar as decisões. Quando o ambiente político local se tornava demasiado ameaçador para a ordem estabelecida, renovava as promessas de acesso à propriedade. Foi o que aconteceu durante os processos eleitorais para a Assembleia Nacional de 1969 e 1973. Mas quando o assunto readquiriu maior pertinência política para o marcelismo, a concepção de reforma agrária havia mudado. Os técnicos da JCI defendiam agora que a exploração fosse feita num sistema de agricultura de grupo. Esta também se tornara a modalidade de exploração preferida pelo PCP. Como o secretário de Estado da Agricultura, Vasco Leónidas, fez publicar nova legislação (decreto-lei 49184, 11-08-1969), constituíram-se em Alpiarça grupos de agricultores para beneficiar dos prometidos apoios financeiros do Estado a quantos explorassem colectivamente terras arrendadas.

Quando ocorreu a revolução de 25 de Abril, enquanto os serviços públicos prosseguiam a lenta discussão dos possíveis destinos para o Mouchão do Inglês, na perspectiva dos experientes agricultores locais, a terra continuava a estar explorada de forma deficiente. Na ânsia de mudança que se propagou, alguns pequenos agricultores, incluindo membros do PCP, apressaram-se a reafirmar a necessidade de fazer cumprir antigas promessas, tornando a propriedade útil para o desenvolvimento da comunidade. Ao inverso do que tem sido assinalado para o Alentejo, a pressa em assegurar o acesso à terra não estava directamente relacionada com a pressão do desemprego, já que, no início

¹ ANTT/SG/MADRP, cx258, 10-1-1963.

de Maio, muitos continuavam a tratar das vinhas e, mais ainda, eram seareiros sazonais que, nos campos de Vila Franca, trabalhavam nos seus meloais. Para os alpiarçenses, o caso inseria-se, antes, no vasto rol de injustiças e agressões a que a comunidade estivera sujeita durante a ditadura e que urgia reparar.

Contudo, tal como tinha constatado a JCI, não foi possível contemplar directamente todos os interessados com os rendimentos provenientes da propriedade, o que causou várias tensões locais. A comissão encarregada do Mouchão deu prioridade à maximização da exploração dos recursos disponíveis, procurando assim não só diferenciar-se do que tinha sido a acção do Estado Novo, mas também aplacar as críticas e legitimar-se dentro da comunidade. Com o apoio de técnicos ligados ao PCP, que agora se integravam sem temor nos serviços oficiais, e, depois, com o enquadramento das leis da reforma agrária foi iniciada a constituição da cooperativa e a preparação do contrato de arrendamento com o Estado. Enquanto estavam a desenrolar-se estes processos, seguindo o modelo produtivista defendido na época, foi posto em prática um plano de exploração agro-pecuária. Em Abril de 1975, o trabalho no Mouchão envolvia 30 famílias, que se preparavam para cultivar 120 hectares com tomate, 6 com pimentos, 17 com milho, feijão e outros hortícolas, 15 com melão, 18 com aveia, 90 com trigo e ainda a criar gado bovino e ovino (*Voz de Alpiarça*, 1 de Abril de 1975).

No Mouchão do Inglês houve uma modalidade contratualizada de acesso colectivo à terra, cuja legitimidade foi consolidada com os resultados produtivos alcançados. Contudo, a revolução abriu mais possibilidades para satisfazer a fome de terra, quer pela dinamização do mercado fundiário, quer através da ocupação colectiva de propriedades privadas. Em Alpiarça constituíram-se duas cooperativas e uma unidade colectiva de produção que, no conjunto, correspondiam a quase 700 hectares de área ocupada. Salvaguardando as especificidades locais, pode afirmar-se que o percurso destas acompanhou as tendências seguidas na Zona de Intervenção da Reforma Agrária tanto na constituição, como na desagregação, a partir de finais dos anos 70. Nos anos 80, ao fim de um século de constantes manifestações, localmente a fome de terra atenuou-se, mas não desapareceu. Todavia, os alpiarçenses recordam como, nesses anos, foi possível adquirir boas terras por bom preço.

B) Colonização espontânea e intervenção do Estado

Em Alpiarça, como nos concelhos vizinhos, a fome de terra parece ter-se tornado mais intensa a partir das últimas décadas do século XIX. Nessa altura, o crescimento populacional e a intensificação da exploração agrícola do território estavam a estimular habitantes das zonas montanhosas do Norte a deslocarem-se rumo ao Sul. Muitos começaram por vir como trabalhadores sazonais em busca de um salário nas searas ou nas vinhas, mas não descuraram as possibilidades de se estabelecer de forma duradoura como trabalhadores e agricultores. Provenientes de zonas dominadas por explorações camponesas, detinham as competências necessárias para produzir e acondicionar bens agrícolas diversificados. Para os fracos recursos destes candidatos a agricultores na borda d'água, como designavam o Ribatejo, o arrendamento de pequenas parcelas era uma das formas mais expeditas para terem acesso à terra.

Entre finais do século XIX e as primeiras décadas do seguinte, a dinamização do mercado de arrendamento fundiário beneficiou do parcelamento de milhares de hectares existentes no Centro e no Sul de Portugal. Respondendo à procura e aproveitando a legislação favorável, foram demarcadas parcelas em terrenos municipais e em propriedades privadas. Num processo que ficou conhecido como colonização espontânea, surgiram em vários concelhos (principalmente nos localizados entre os

estuários do Tejo e do Sado) novas áreas de povoamento associadas a explorações agrícolas familiares. Com parcelas que variavam, geralmente, entre dois e sete hectares, cada família assumia o compromisso de arrotear e cultivar a terra mediante o pagamento de uma renda em géneros e/ou dinheiro ao senhorio. As áreas assim povoadas assumiram, por vezes, designações que as identificam como Foros de Salvaterra, Foros de Almeirim, Foros de Fernão Ferro, etc.

No concelho de Alpiarça surgiram dois núcleos de colonização espontânea. Ambos localizados na zona mais alta e inóspita do município e, como tal, afastada da cobiçada lezíria. Aqui, como aconteceu habitualmente, os proprietários disponibilizaram-se a dividir apenas as áreas menos férteis das quintas. Um destes núcleos de colonização foi crescendo, desde as últimas décadas do século XIX, na Quinta da Gouxá e Atela (na fronteira com o concelho de Almeirim). Na área que passou a ser conhecida como Foros da Gouxá, surgiram dois pequenos núcleos populacionais. Em meados do século XX contabilizavam-se 300 fogos onde residiam 1100 habitantes. O segundo núcleo foi delimitado no extremo oposto do território de Alpiarça, na Herdade do Vale da Lama (que se estende para o concelho da Chamusca). Nos anos 20 do século XX, o nobre proprietário permitiu que os agricultores se instalassem “sem outro acordo além do que – palavra de fidalgo – ‘mais colheria quem melhor amanhasse’”, refere uma petição dos rendeiros¹. Estabeleceram-se cerca de 150 rendeiros, que não estavam autorizados a construir habitações de alvenaria e viviam em pequenas cabanas de madeira e juncos.

Em ambos os casos, coube aos rendeiros a árdua missão de desbravar a charneca, designada de escaldante e improdutiva, que fora durante séculos apenas floresta e coutada de caça da aristocracia. Praticavam um sistema de policultura, assente no sequeiro e no regadio proporcionado por ribeiras irregulares ou águas subterrâneas. Contudo, os rendimentos obtidos nestas explorações raramente seriam suficientes para sustentar o agregado doméstico e, pelo menos, sazonalmente, vários membros destas famílias satisfaziam a procura regional de mão-de-obra.

Apesar de muito elogiadas pelos intelectuais oitocentistas e do início do século XX, que as apresentavam como soluções para resolver o desequilíbrio da estrutura fundiária e do povoamento nacional, estas iniciativas de reforma agrária não evitavam, salienta Oliveira Baptista², que os rendeiros tivessem baixos rendimentos e condições de vidas precárias. Mas, apesar de todos os problemas, não faltavam candidatos a rendeiros, sobretudo nos anos 40 e 50. Numa altura em que as políticas nacionais impediam a emigração e em que escasseavam as alternativas laborais fora da agricultura, aumentava a pressão sobre a terra. Vários proprietários procuraram expulsar os antigos rendeiros, para, actualizando as rendas, entregar a terra a outro candidato, ou implementar outras modalidades de exploração. A conflitualidade social que atravessou estas zonas de colonização é um dos sinais dessa tensão³. Tentando aplacar o alastramento das reivindicações, sobretudo depois de o Estado Novo se sentir ameaçado em 1958, a JCI foi chamada a intervir, a partir de 1959, nas zonas mais problemáticas.

Uma dessas intervenções visou a Quinta da Gouxá e Atela. Quando, em 1941, a quinta foi vendida, o novo proprietário tentou reconverter a exploração intensiva que

¹ D. Freire, *Portugal e a terra. Itinerários de modernização da agricultura na segunda metade do século XX*, Dissertação de doutoramento/dactilografada, Lisboa, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, 2007.

² F. O. Baptista, *A política agrária do Estado Novo*, Porto, Edições Afrontamento, 1993.

³ Um dos casos mais conhecidos ocorreu em 1954, na zona de Fernão Ferro (margem sul do Tejo). A força dos movimentos sociais levou o Governo a tomar a decisão inédita de proceder à expropriação a favor dos rendeiros (decreto-lei 39 917, 20-11-1954). Depois deste desfecho, muitos proprietários terão pressionado o Estado para não houvesse mais expropriações.

estava a ser praticada pelos reideiros numa exploração pecuária e florestal de carácter extensivo. Na iminência de serem expulsos das terras que cultivavam há décadas, os reideiros insurgiram-se e fizeram correr em tribunal um processo contra o proprietário. O desfecho, favorável aos agricultores, foi conhecido em 1944¹. A decisão legal garantiu a permanência dos reideiros nas explorações, mas não levou ao desaparecimento dos motivos de conflitualidade e o proprietário continuou à procura de soluções para os problemas. Essa possibilidade surgiu quando a JCI aceitou, em 1960, comprar a parte da quinta distribuída pelos reideiros, passando a gerir as tensões, as rendas e a propriedade.

A JCI agregou o núcleo de reideiros da Quinta da Gouxá à contígua Herdade dos Gagos (Almeirim), que tinha adquirido em 1959 e estava igualmente repartida e arrendada, concebendo para ambas um amplo projecto de intervenção fundiária, social e agrícola. Visava-se uniformizar as parcelas, facilitar a mecanização, construir sistemas de regadio, instalar um aldeamento, criar uma adega cooperativa, etc. Ainda que boa parte dos planos tenha ficado por cumprir, as intervenções da JCI contribuíram para modernizar a agricultura, mas também para fomentar descontentamentos. Um dos factores de desagrado prendia-se com o adiamento da atribuição de propriedade plena das parcelas. Em 1966, celebrando os 40 anos da ‘Revolução Nacional’, o Presidente da República, Américo Tomás, e o secretário de Estado da Agricultura, Domingos Vitória Pires, fizeram em Santarém a entrega simbólica de 100 alvarás de propriedade plena a reideiros do plano da Gouxá e Gagos. Prometeu-se que se seguiriam mais 1500 alvarás. Todavia, em 1974, as promessas ainda não tinham sido cumpridas. Esse motivo e outros agravos levaram os reideiros à constituição da Cooperativa Agro-Pecuária de Gouxá e Atela, que, abrangendo apenas a área do plano da JCI que estava integrada no concelho de Alpiarça, traduzia também um desejado afastamento de Almeirim. A resolução dos processos para atribuição de propriedade plena arrastou-se até finais do século XX.

Para os agricultores do Vale da Lama as dificuldades de acesso à terra revelaram-se ainda maiores. Em Agosto de 1955, os reideiros receberam uma circular de despedimento, que lhes impunha o abandono da terra que há muito exploravam. Nessa altura nenhum aceitou sair e procuraram apoios que lhes permitissem inviabilizar a ordem de expulsão. Neste caso, porém, as diligências encetadas pelos reideiros não foram bem sucedidas e estes tiveram que abandonar a herdade. Muitos destes compraram ou arrendaram parcelas disponíveis noutros pontos do concelho, sobretudo na charneca, continuando a fazer parte do concelho. A propriedade permaneceu indivisa, estando, em meados dos anos 2000, a ser explorada num regime de agro-pecuária extensiva.

Estes cultivadores, como são localmente designados, que exploraram as terras de Vale da Lama e Quinta da Gouxá faziam parte dos milhares de migrantes que, procurando no Ribatejo e Alentejo oportunidades para melhorar de vida, se fixaram e fizeram crescer as povoações regionais. Estavam atentos às oportunidades para adquirir alguma parcela de terra, disputavam localmente os contratos de arrendamento e de parceria. Foram estes que aproveitaram as possibilidades para se tornarem seareiros, como aconteceu durante a Campanha do Trigo, na década de 30, ou com a expansão, a partir da década de 50, da cultura do tomate e do melão nas áreas que permitiam agricultura de regadio.

¹ Em agradecimento a Castelhão de Almeida, o advogado que aceitou defender a causa dos reideiros e que faleceu antes de conhecer o resultado do processo, foi colocada, depois de 1974, no recinto da Adega Cooperativa da Gouxá uma placa alusiva a este momento da luta pela terra.

As diligências que visaram assegurar o acesso à terra durante o ‘Processo Revolucionário em Curso’ enquadram-se, assim, em acções mais amplas e diversificadas que traduziam vontades individuais e colectivas, as quais podem ter correspondido a diferentes experiências de reforma agrária. A maior parte dos protagonistas das iniciativas que ocorreram em Alpiarça tinha uma longa experiência familiar e individual de procurar e de explorar terra, fosse própria ou alheia. Nesta comunidade não são comuns as linhagens de famílias de trabalhadores, afastadas da terra durante gerações, como documentam estudos em outras localidades do Ribatejo e Alentejo¹. Mais, para muitos alpiarcenses, as aspirações de terra e as experiências de a explorar não se revelaram incompatíveis com a empenhada militância política no PCP. Antes pelo contrário, as competências reveladas e os desejos de uma vida melhor conferiam conteúdo e materializavam, perante os membros da comunidade, os ideais de progresso e emancipação que sustentavam ideologicamente o partido. A revolução de 1974 abriu outras possibilidades para concretizar as ambições de terra, não só reconhecendo as ocupações, como também desbloqueando situações que a ditadura deixara arrastar, como foram os casos do Mouchão do Inglês e dos rendeiros da Goux e Atela. As diferentes iniciativas desenvolvidas durante o PREC traduziram mais um momento, que pode ser designado por reforma agrária revolucionária, dum longo processo de tentativas para garantir o acesso à terra, que continua a decorrer.

Notas conclusivas

Mais do que conclusões, as notas que se seguem poderão, eventualmente, contribuir para construir novas hipóteses de investigação.

A primeira nota remete para a necessidade de proceder à identificação das iniciativas de reforma agrária desenvolvidas durante o Estado Novo e antes deste. Esclarecendo quais foram os objectivos, protagonistas e efeitos das mesmas. Interessa também averiguar em que medida os processos locais de construção social da reforma agrária, assentes em experiências e/ou intenções, estão, ou não, associados às diferentes iniciativas de reforma agrária revolucionária. Ainda que as ocupações protagonizadas por trabalhadores rurais tenham sido as mais estudadas, é necessário averiguar qual a expressão de outras modalidades de acesso à terra praticadas durante este período. Esta avaliação poderá pressupor o reconhecimento da historicidade local da fome de terra e do desenvolvimento de diversas estratégias para a satisfazer.

Torna-se, igualmente, necessário identificar quem foram, em cada época e local, os protagonistas das experiências de reforma agrária. Continua a ser dominante a percepção de um país rural dividido entre um Norte camponês e um Sul de assalariados rurais. Todavia, estas visões gerais carecem de ser matizadas com dados de carácter local e regional, que permitam aprofundar a compreensão das várias dinâmicas associadas às condições de acesso e de exploração da terra. Esses conhecimentos parecem fundamentais para explicar diferentes impactos sociais, económicos e políticos das várias experiências de reforma agrárias desenvolvidas durante o período contemporâneo.

Uma última nota acerca dos modelos de exploração adoptados pelas cooperativas e unidades colectivas de produção. Os estudos existentes têm-se focado mais nos aspectos políticos, institucionais e nos movimentos sociais, estando por avaliar a concepção e aplicação dos planos de exploração agrícola e pecuária. Contudo, a componente económica e produtiva era essencial nestas organizações. Ainda que se tenha

¹ P. Godinho, *Memórias da resistência rural no sul. Couço 1958-1962*, Oeiras, Celta Editora, 2001; J. P. Pereira, *Conflitos sociais nos campos do Sul de Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

generalizado a convicção de que a reforma agrária revolucionária foi economicamente um fracasso, é necessário averiguar com detalhe como foram concebidos e executados os diversos projectos de exploração.

Uma cidade em luta. *Sonia Lúcio Rodrigues de Lima*¹

Este texto parte do pressuposto de que os chamados conflitos urbanos expressam a reação de diferentes segmentos sociais da classe trabalhadora à dinâmica de uma cidade conflagrada devido ao aprofundamento da desigualdade social. Tem cabido a esses grupos, independentemente da dimensão em que seus projetos de resistência estejam situados, não só denunciar, com suas lutas e manifestações, a desumanização provocada pela sociedade burguesa, especialmente, nestes tempos de barbárie, como também, impor um traçado distinto dos dominantes na cartografia da grande cidade.

A intenção é apresentar uma análise de uma experiência ilustrativa de um intenso conflito urbano do século XX na sociedade brasileira: a experiência do acampamento Anita Garibaldi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), na cidade de Guarulhos em São Paulo. O MTST tem por objetivo organizar, por meio de ocupações de terrenos urbanos, pessoas sem moradia para lutar pelo acesso a este direito e por condições plenas de habitabilidade na cidade. Sua base social é formada por uma parcela crescente da força de trabalho: a população sobrando para as necessidades médias do capital nas grandes metrópoles – segmento social, em expansão, integrante da fração estagnada do exército de reserva, com perspectivas cada vez mais reduzidas de integração ou reintegração no mercado formal de trabalho.

O Movimento foi, inicialmente, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e surgiu da compreensão de que é necessário ampliar a correlação de forças na luta pela reforma agrária, articulando-a à luta por reforma urbana.

Nesta mudança na estratégia do Movimento reside, ao que tudo indica, a busca de superação da falsa oposição entre campo e cidade, imposta pela divisão social e técnica do trabalho; oposição já em parte rompida pelo próprio avanço das forças produtivas e pelo conjunto das transformações capitalistas no campo e na cidade.

Atualmente, o MTST encontra-se mais estruturado no estado de São Paulo. A região metropolitana de São Paulo, onde se situa a cidade de Guarulhos, abriga uma série de ocupações urbanas e de movimentos de moradia, sendo que muitos deles possuem uma trajetória de existência vinculada às lutas sociais ocorridas num período dos anos 70 e 80, quando estava em curso um forte ascenso do movimento operário.

A luta empreendida pelo MTST confere legitimidade social às reivindicações que, caso apresentadas individualmente, não seriam ouvidas, posto que se tratam de demandantes que estão fora do mercado de trabalho, num contexto de intensificação das contradições sociais do sistema capitalista e no seio de uma sociedade que historicamente associa o direito social ao trabalho.

Conceber a base social do Movimento como parte da classe trabalhadora e não como um grupo excluído ou marginalizado constituiu uma condição analítica essencial ao desvendamento do seu fazer político, uma vez que não só permite reconhecer a funcionalidade deste segmento da classe trabalhadora para a acumulação do capital, como possibilita interpretar o significado particular de sua luta por moradia. Na verdade, procuramos apreender esta luta e os métodos de ação do Movimento, especialmente a ocupação, a partir do entendimento de que a forma de inserção dos trabalhadores na classe tece distintas experiências sociais. Assim sendo, a crescente

¹ Professora da escola de Serviço Social da UFF, doutora em Pesquisa e Planejamento Urbano pelo IPPUR/UFRJ, coordenadora do Núcleo de pesquisa Novas Modalidades da Luta Urbana e o Serviço Social. E-mail; sonialuciolima@terra.com.br

heterogeneidade no interior da classe trabalhadora, decorrente do aumento da segmentação e da complexificação do trabalho faz com que as lutas adquiram um caráter multifacetado. Em se tratando dos segmentos mais pauperizados, a resistência, cada vez mais radicalizada, parece expressar a urgência de suas demandas, o descrédito nos poderes constituídos, além da profunda indignação dos que nada têm a perder.

Salientamos, no exame da experiência do Anita Garibaldi – única experiência consolidada do Movimento –, a importância do contexto sócio-espacial no seu desenvolvimento, que conjuga condições fundamentais de sua emergência e afirmação: ser uma região periférica, próxima à grande capital, receptora de grande fluxo migratório, conformado pela população sobranante, e, ao mesmo tempo, ser uma região com fortes tradições de lutas por ocupação de solo urbano.

A ocupação: breve histórico

A ocupação ocorreu em 2001. Anos antes, entre 1991 e 1996, a cidade de Guarulhos tornou-se o segundo município mais populoso da Região Metropolitana e do estado de São Paulo, com mais de 1 milhão de habitantes. Durante este período, de apenas cinco anos, houve um acréscimo de 184.331 pessoas. Deste total, 67% eram, originários das regiões Sudeste e Nordeste. De 1996 a 2000, o ritmo de crescimento manteve-se em ascensão, com uma taxa de crescimento anual de 2,46. Este crescimento denota a existência de um forte vetor de expansão urbana em direção às áreas do entorno da capital¹.

A participação do fluxo migratório no crescimento populacional no período 1991-1996 ocorreu, principalmente, nos bairros que possuíam áreas rurais e nos bairros periféricos da porção leste do município, sendo os novos habitantes originários, em sua maioria, da região sudeste (66%) do país, especificamente do estado de São Paulo (97,80%).

O maior contingente de migrantes oriundos da Região Nordeste compreende o grupo de idade de 20 a 24 anos, sendo 12,74% do sexo masculino e 10,31% do sexo feminino. Ou seja, a migração de nordestinos foi muito seletiva por sexo e idade, uma vez que composta por pessoas mais jovens, principalmente, homens.

No tocante aos migrantes provenientes da região Sudeste do sexo masculino, havia uma concentração na faixa de idade de 30 a 34 anos, enquanto a concentração do sexo feminino concentra-se na faixa de 25 a 29 anos. Como a proporção de crianças na faixa de 5 a 9 anos também era grande, os autores da pesquisa levantam a hipótese desta migração ter um importante componente familiar, ou seja, o fluxo migratório seria composto significativamente por casais jovens com filhos.

Esse é um fato indiretamente expressivo do aumento do pauperismo, pois denota, conforme sustenta Ribeiro *et al.* (1997), a crescente instabilidade a que estão sujeitos os processos de reprodução da ampla maioria dos trabalhadores, especialmente os mais jovens. A concentração da extrema pobreza em áreas cada vez mais distantes, devido à impossibilidade de arcar com os custos de moradia em localidades centrais, dificulta o acesso às tradicionais estratégias de sobrevivência da classe trabalhadora, o que inclui o aprendizado das reivindicações urbanas e mesmo as redes sociais. Segundo Abreu, o dinamismo da economia municipal, somado ao redirecionamento do crescimento da

¹ ABREU, Ricardo A.; et. all. Tendências recentes de expansão metropolitana e intra-municipal: o papel da migração no caso do município de Guarulhos – São Paulo. XIII Encontro Nacional da ABEP. In. Anais do XIII Encontro Nacional da ABEP. Ouro Preto: nov. 2002.

população metropolitana, são os elementos responsáveis pelo grande aumento do fluxo migratório que se dirige à cidade.

Avaliamos que a proximidade com São Paulo, município sede da Região Metropolitana, contribui, ao lado de outros determinantes, para condicionar o processo de desenvolvimento da cidade a funções metropolitanas comandadas pelo município-núcleo. Contudo, se, por um lado, esta integração à dinâmica metropolitana interessa às frações da burguesia industrial ligadas ao setor metalúrgico, e, mais recentemente, ao empresariado envolvido no escoamento da produção, aos proprietários fundiários e ao capital imobiliário, que usufruem da valorização da terra urbana, por outro, esta proximidade não tem representado de integração consistente aos rumos tomados pelo desenvolvimento urbano para a grande maioria da população. Para os que vivem do trabalho, Guarulhos tem se transformado, cada vez mais, em uma expressão agravada das questões sociais que atingem a capital paulista.

A configuração espacial da cidade permite reconhecer, com nitidez, o aumento das distâncias sociais entre os habitantes das áreas mais bem equipadas e os residentes na periferia, próxima ao aeroporto, onde se situava o acampamento Anita Garibaldi. Alguns dos moradores das áreas centrais declararam desconhecer a área do acampamento, justificando este desconhecimento por sua distância e por ser considerada “perigosa”. Noção, amplamente reforçada pela mídia em geral e pela própria mídia local.

O acampamento dista, aproximadamente, uma hora e quinze minutos do centro da cidade de ônibus. Nos arredores, têm-se favelas ou loteamentos clandestinos com habitações precariamente construídas pelos próprios moradores e sem coleta de esgoto, que corre a céu aberto, poluindo córregos e gerando problemas de saúde; sem guias ou sarjetas, sem pavimentação; com vias internas que mal permitem a circulação de veículos, o que dificulta o acesso de caminhões coletores de lixo ou ambulâncias.

A precariedade do local onde está situado o acampamento parece demonstrar, por si só, os nexos causais entre hiperperiferização e aumento da miséria, nos anos recentes, e entre o aumento exponencial da concentração de renda, propriedade e poder. Contudo, o resgate do processo de organização desta ocupação do MTST permite também evidenciar a capacidade de resistência de segmentos da classe trabalhadora que, frente a esta situação social. É esta resistência que pretendemos demonstrar a seguir.

Ô Anita, como era denominado o acampamento do MTST pelos militantes dos movimentos sociais de Guarulhos, resulta de uma experiência precedida por um largo esforço de preparação. Esta preparação incluiu a formação e mobilização dos participantes, a construção de alianças políticas e o alcance da infra-estrutura necessária.

A experiência implementada em Campinas serviu como primeiro aprendizado para a atuação do MST no meio urbano. Álvaro relatou que¹

(...) os militantes do MST, (...), não foram lá para intervir, mas para contribuir com as pessoas que já vinham (...) tentando se organizar. Mas, a partir daí, começaram a ver a dimensão das contradições que existiam dentro da cidade e passaram por uma fase de estudo e reflexão. (...) tentaram desenvolver lá a organização interna do acampamento, mas não entendiam bem qual é o papel das forças políticas dentro da cidade, como se organizar nesse meio, como se relacionar com os partidos políticos, com o tráfico de drogas e com todas as facções que se organizam no meio urbano (Benoit, 2002:136).

¹ Os depoentes estão com nomes fictícios.

Neste depoimento, este membro da coordenação expressava o reconhecimento da densidade e da complexidade do urbano e a, decorrente, preocupação com a importância da capacitação para atuar no contexto urbano e, sobretudo, metropolitano. Com este intuito, entre os anos de 1998 e 2000, alguns militantes do MST retornaram às suas bases para debater e conceber uma metodologia mais apropriada ao trabalho no contexto das grandes cidades.

Após este período de capacitação, alguns militantes regressaram à metrópole com a responsabilidade de desenvolver uma experiência de atuação em Guarulhos. No início do processo de organização, foram contatados militantes de movimentos sociais e de Comunidades Eclesiais de Base e, também, realizadas reuniões com moradores de diversos bairros. Estas reuniões visaram apresentar os objetivos do Movimento e a proposta da ocupação. Foram, assim, avaliadas as possibilidades de êxito do projeto, a partir de critérios utilizados em ocupações anteriores, tais como: aumento do número de participantes nas reuniões; construção de aliança com representantes de movimentos sociais da região e condições físicas e jurídicas do terreno a ser ocupado. Esta avaliação levou a coordenação do Movimento a decidir pela efetivação da ocupação.

Maria, ex-integrante da coordenação estadual do MTST, relembra este momento de preparação com muito entusiasmo. Antes de ingressar no movimento, fazia parte de uma Comunidade Eclesial de Base. Conheceu o MTST em reunião na casa de uma amiga. Desta reunião registra, especialmente, o aprendizado do significado da bandeira do Movimento: a luta por moradia e por transformações sociais no urbano e pelo socialismo. Convidou, então, os coordenadores para fazerem a próxima reunião na sua casa, mas, como estes não localizaram a rua em que residia, decidiu assumir a tarefa de coordenar a reunião. Desenhou a bandeira, explicou seu significado e apresentou a proposta de ocupação de um terreno. Comentou que se sentia muito interessada em participar da experiência e seu interesse devia-se a um conjunto de situações enfrentadas desde que chegou à cidade.

Tinha chegado a Guarulhos há aproximadamente vinte anos atrás, vinda do Ceará¹, para ajudar uma irmã que estava doente. Quando a irmã e o marido decidiram voltar, ela recusou-se a acompanhá-los. Trabalhou como empregada doméstica e, depois, como operária numa empresa metalúrgica, onde conheceu seu marido. Na época da ocupação, estava desempregada e o marido licenciado pela Previdência Social. Pagavam aluguel. Maria lembrava que só sobravam trinta reais por mês para as despesas. A ocupação representava uma possibilidade de realizar o sonho de ter uma casa própria. Conta que, antes da ocupação, quando via um terreno, idealizava uma casa. Depois da ocupação, quando via um latifúndio idealizava uma ocupação com inúmeras famílias porque, com a experiência no Movimento, aprendeu a ser solidária. Quando da realização da entrevista, a depoente era responsável pelo setor de educação do acampamento e membro, conforme referido, da coordenação estadual do MTST.

O objetivo de Maria neste depoimento é enfatizar a importância de sua experiência no Movimento para formação da consciência de que a necessidade individual e familiar de moradia só pode ser alcançada se for compreendida como necessidade coletiva. Parece-nos interessante observar que, muito embora a luta seja por um bem individual, ela pode possibilitar, especialmente, para os segmentos sociais mais pauperizados, o entendimento de que a luta por habitação é, sobretudo, uma luta por necessidades de todos.

¹ Cidade do nordeste brasileiro

A ocupação teve início em maio de 2001, numa área de 250.000 m². A área estava desocupada há cerca de 50 anos e o proprietário burlava a lei, de forma a tentar enquadrá-la como área rural para pagar impostos mais baixos, que efetivamente não estavam sendo pagos. O terreno estava sendo utilizado para despejo de lixo e como local onde grupos de extermínio desfaziam-se de cadáveres. O acampamento foi, segundo os organizadores, a maior ocupação da história de Guarulhos.

Carolina, também integrante da Coordenação Estadual do Movimento à época da pesquisa, registrou que, antes da ocupação do terreno, a Coordenação obteve a informação de que o proprietário estava inadimplente, mas, ainda não sabia que o terreno tinha sido cadastrado no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) de forma irregular. A depoente também anotou que, por meio das ocupações, o Movimento denuncia o fato da terra não estar cumprindo sua função social, e sim, servindo à especulação imobiliária.

Na etapa inicial, os ocupantes moravam em barracas de lona. A ocupação teve início com aproximadamente 200 pessoas e, em apenas algumas semanas, chegou a reunir em torno de 12.000 pessoas. Maria conta que nesse período a organização dos acampados obedeceu à seguinte dinâmica: foram formadas seis brigadas, cada uma constituída por 50 grupos e, cada grupo, por 40 famílias. Cada grupo tinha um coordenador e um representante das equipes de saúde, infra-estrutura, segurança e educação. Estas brigadas receberam nomes que simbolizam a luta dos trabalhadores, por exemplo: Terra e Liberdade, Antônio Conselheiro, Zumbi do Palmares, Chico Mendes. Durante este período, os ocupantes participavam de duas reuniões por semana: uma para definir o funcionamento e a organização cotidiana dos grupos e outra para formação política, na qual se realizava a análise da conjuntura nacional, incluindo sua relação com as questões estaduais e municipais.

Essa organização foi sendo modificada de acordo com a necessidade de enfrentamento de novas situações, sendo uma das principais metas desse formato organizativo envolver o maior número possível de participantes no processo decisório.

No dia 28 de maio do mesmo ano, os participantes da ocupação fizeram uma caminhada de 25 quilômetros, do acampamento ao centro de Guarulhos pela via Dutra, com o objetivo de reivindicar a permanência no local. O resultado desta reivindicação foi o adiamento da reintegração de posse pedida pelo proprietário e a abertura de negociação direta com o governo do Estado.

No dia 24 de junho, a coordenação do acampamento realizou um ato público para comemorar a suspensão da liminar de reintegração de posse e homenagear as entidades e militantes que vinham apoiando sua luta. A organização deste ato político visou, sobretudo, dar visibilidade aos objetivos do Movimento e fortalecer a aceitação social dos seus objetivos.

Benoit visitou o acampamento logo após a ocupação. No seu depoimento, transparece a ênfase na capacidade organizativa do movimento, expressa no cuidado com o ordenamento do espaço, conforme pode ser constatado a seguir:

A visão externa é impressionante! (...) O acampamento, apesar da precariedade das condições de vida, é extremamente bem organizado: as moradias conservam um certo espaço uma das outras, são bastante limpas, apesar do chão de terra, e são distribuídas racionalmente, constituindo ruas geometricamente dispostas. Aqui e ali, tremulam bandeiras do movimento, simbolizando que estamos numa cidade, mas numa cidade em luta (Benoit, 2002:137).

Neste período inicial, retratado na foto a seguir, não havia água no local, a luz era



Imagem 1 - Foto do acampamento Anita Garibaldi – primeiras semanas de ocupação. Fonte: www.anitamstst.cjb.net

precária e a alimentação extremamente insuficiente. Faltavam remédios e agasalhos. Após a reestruturação espacial o acampamento passou a dispor de fossas sanitárias; canalização de valetas e a água e a luz elétrica estavam em vias de regularização. A coordenação do Movimento considerava a instalação da infra-estrutura um recurso fundamental contra o despejo dos ocupantes, posto que obriga os órgãos públicos a reconhecerem a permanência e, de certa forma, o início de enraizamento daquele grupo no local.

A consolidação da ocupação

Para consolidar a ocupação, os coordenadores do movimento desenvolveram um conjunto de métodos de atuação e atividades. Entre elas, destacamos: além do trabalho realizado durante o período que em que estavam sob as lonas, a seleção daqueles que deveriam permanecer na ocupação, a estruturação espacial do acampamento, o acompanhamento da situação jurídica; a provisão de equipamentos de infra-estrutura; a formação política dos participantes; o estímulo à participação e a mobilização para pressionar os poderes públicos.

Em 2004, o acampamento possuía, aproximadamente, 5.000 moradores. A seleção dos ocupantes obedeceu aos critérios de permanência e participação nas atividades exigidas pela ocupação. Os coordenadores das brigadas cadastraram as famílias que chegavam para participar da ocupação e acompanhavam sua participação nas atividades diárias, procurando deixar claro os objetivos do Movimento e evitar sua utilização para outros fins, inclusive mercantis.

Havia um grande número de crianças e jovens na composição dos moradores do

Anita Garibaldi. Muitos desses jovens eram chefes de família sem experiência anterior de trabalho formal e muitos se encontravam desempregados. A presença de mulheres é, também, bastante significativa. Elas formavam a grande maioria “dos chefes de família”, e representam 40% da liderança do movimento.

É comum ver-se no relato de movimentos sociais urbanos a importância da participação feminina e era forte a presença das mulheres no processo de organização do acampamento Anita Garibaldi. Necessário frisar que o peso da participação feminina nestes processos deve-se, sem dúvida, ao fato deles estarem inscritos na esfera da reprodução da força de trabalho, e, mais especificamente, na luta por abrigo da família.

Resistir à lumpenização afirmando o direito à cidade

O conhecimento e a reflexão sobre o fazer político do MTST permite afirmar que diferentemente do que tem sido, por vezes, sustentado na análise de movimentos sociais, esta conjuntura não possui entre as suas marcas, única e exclusivamente, o crescente refluxo dos movimentos sociais, subsumidos pela expansão da institucionalização via ONGS. Tampouco nos encontramos frente à tendência ao desaparecimento dos movimentos sociais orientados por um projeto de classe. Parece-nos importante destacar, entretanto, que essa luta vem sendo travada num contexto de enorme aprofundamento da desigualdade social, o que contribui para conformar um quadro de refluxo da luta social, agravada pela ausência do operariado na cena política, e pelo fato do estado, em face do aumento do pauperismo, intensificar estratégias de controle e disciplinamento dos segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora, efetivadas por meio da cooptação e da repressão.

Com efeito, o que o surgimento do Movimento indica é que estamos diante da constituição e ampliação de mais um sujeito político, que se soma, com suas especificidades, à luta contra a distribuição desigual dos recursos sociais no urbano. Trata-se, principalmente, de um sujeito coletivo que, ao contribuir na organização da fração de classe apartada do mundo do trabalho, possibilita modificar o lugar ocupado por este segmento nas formas de organização da classe trabalhadora.

Neste contexto, em que parece anunciar-se o fim do pacto civilizador sob o qual se ergueu o ideário da cidade moderna, o Movimento projeta uma contratendência à miséria opressora e opressiva que empurra os trabalhadores para a luta imediata pela sobrevivência diária e para sucumbir às estigmatizações que visam exilá-los do direito a lutar por seus direitos ao usufruto dos equipamentos e serviços sociais. Ainda que em circunstâncias extremamente adversas, o MTST oferece uma possibilidade de que estes indivíduos – antes separados de si mesmos – resistam.

Bibliografia

ABREU, Ricardo Antunes *et al.* Tendências recentes de expansão metropolitana e intra-municipal: o papel da migração no caso do município de Guarulhos – São Paulo. XIII Encontro Nacional da ABEP. In. Anais do XIII Encontro Nacional da ABEP. Ouro Preto: nov. 2002.

ANTUNES, Ricardo *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.* São Paulo: Boitempo, 1999.

BENOIT, H. O assentamento Anita Garibaldi: entrevista com lideranças do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). *Crítica Marxista.* São Paulo, n.14, pg. 134-149, 2002.

BÓGUS, Maria Lúcia. Urbanização e metropolização: o caso de São Paulo. In: Bógus e Wanderley (organizadores). *A Luta pela cidade em São Paulo.* São Paulo:

Cortez, 1992

BRANCO, Martone. Informações e Missão Institucional: pesquisa desvenda economia paulista. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, n.13, p. 3-17, 2000.

CAMPANÁRIO, Milton; KOWARICK, Lúcio. São Paulo: metrópole do subdesenvolvimento industrializado. In: Kowarick, Lucio. (Coord). *As lutas sociais e a cidade*: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CASSAB, Clarice. *Mudanças e permanências: novos desafios aos movimentos urbanos; uma aproximação ao movimento dos trabalhadores sem teto (MTST)*. 2004. Dissertação (mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CASSAB, Maria Aparecida T. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e na incerteza*. Niterói: Intertextos, 2001.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

HARVEY, David. O trabalho, o capital e o conflito de classe em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. *Espaços e Debates*, São Paulo, n. 6, 1982.

IAMAMOTO, M. A questão social no capitalismo. *Temporalis*, Brasília, ano II, nº.3, 2001.

As transformações socioeconômicas da atividade pesqueira na Amazônia brasileira. *Tiago da Silva Jacaúna*¹

A atividade pesqueira na Amazônia envolve um conjunto de elementos sociais, culturais, políticos e econômicos, marcando imemorialmente a vida dos habitantes nativos da região. Diversos sujeitos sociais estão diretamente inseridos no universo da pesca. Entre eles, estão os pescadores que habitam as áreas rurais, os intermediadores que são responsáveis pela mediação pescador/mercado, os comerciantes e os consumidores. Desde o período pré-colonial, os recursos pesqueiros assumem significativa importância para a manutenção social e cultural das populações que nela habitam. Assim, compreender os aspectos sociais e culturais da atividade pesqueira é mergulhar num universo de extrema relevância para os grupos sociais das áreas rurais da região.

Um conjunto de fatores históricos corroborou para que nos últimos tempos os estoques pesqueiros decrescessem nos ambientes aquáticos da região, tornando penosa a vida dos que necessitam diretamente do recurso. Um dos primeiros motivos foi às crises da borracha (1914) e, em seguida, da juta e malva (1960). Juntas as economias em torno desses recursos representaram fonte de renda para grandes contingentes humanos na Amazônia, atraindo pessoas de outras regiões brasileiras para o trabalho na região. Com a falência destas culturas, muitos dos trabalhadores empregados nestas atividades foram obrigados a se especializarem na comercialização dos recursos haliêuticos, aumentando o esforço de pesca. Outro motivo ocorreu a partir da década de 1960 em diante. Aumenta-se e intensifica-se a pesca comercial na região. Esse período foi representado pelo desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo, quando grandes empresas do setor pesqueiro, com incentivos do governo federal, instalaram-se na Amazônia. Atualmente, a escassez de muitas espécies de peixe tem ocasionado disputas pelo direito de pescar e capturá-lo.

Dito isso, estruturei o trabalho de maneira cronológica, demonstrando as etapas principais do desenvolvimento da economia pesqueira na Amazônia brasileira. Primeiramente será abordada a relação dos primeiros habitantes região com os recursos pesqueiros e como a forma de exploração altera-se após a chegada dos invasores portugueses. Em seguida, demonstra-se o período de forte capitalização da pesca da região a partir das políticas desenvolvimentistas criadas pelos governos ditatoriais e as mudanças nas relações de produção. Por fim, analisa-se a situação atual da economia pesqueira na região e os conflitos sociais ocasionados pelas relações sociais de produção.

A pesca indígena e os efeitos da colonização

A atividade da pesca é praticada pelos povos da Amazônia secularmente, permitindo durante anos a manutenção das populações que tradicionalmente habitam a

¹ Possui graduação em Ciências Sociais e Ciências Econômicas. Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM, Federal University of Amazonas). Atualmente é Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campina (UNICAMP, State University of Campinas). Também é Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM, Foundation for Research Support of the State of Amazonas). Tem experiência nas áreas de Sociologia e Economia, atuando principalmente nos seguintes temas: conflitos sociais, mudança social, análise institucional, análise de redes sociais, políticas públicas, governança econômica, gestão e sustentabilidade ambiental.

região. Os povos indígenas sempre fizeram da pesca a sua principal atividade de subsistência associando-a a outras atividades extrativas (Veríssimo 1895; Ruffino 2005). Assim, os recursos ictiofaunísticos possuem uma relação estreita com os habitantes autóctones da região, sendo de extrema necessidade para a reprodução social e cultural desses povos.

A característica ribeirinha (habitantes das beiras dos rios) da população indígena que habitava é constatada por L. Furtado (1993). Segundo ela, as aldeias dos povos indígenas se distribuíam nas margens dos rios e igarapés habitando ambientes de várzea e terra firme, com modos de vida bastante simples se comparados com outros povos sul-americanos. Baseado em estudos arqueológicos, a autora atesta que a atividade haliêutica na Amazônia é milenar e tinha como objetivo a subsistência dos grupos humanos, mesmo antes da chegada dos europeus à região. Importante a ser observado é que o peixe representava para esses povos um recurso extremamente necessário para a manutenção familiar e do grupo social ao qual pertenciam.

Um aspecto peculiar nas pescarias dos indígenas eram seus apetrechos de pesca. Constituíam-se de objetos artesanalmente confeccionados, como o arpão, o anzol, o arco e flecha, feitos geralmente com ossos e produtos da floresta como cipós e pedaços de madeira. De acordo com Veríssimo (1895), até o final do século XIX, não havia relatos de uso de malhadeira na região, apetrecho que só veio a ser usado na região a partir da década de 1970 (Petreire 1978; Smith 1979). Porém redes passivas confeccionadas com feixes de fibras de embaúba (*Cecropia spp*) já eram utilizadas pelos índios carajás no rio Araguaia, Pará, durante os séculos XVII e XVIII (Batista *et al* 2004). Entretanto esses apetrechos eram utilizados somente como barreiras ao deslocamento dos peixes que eram capturados manualmente. Assim, observa-se que as redes de pesca utilizadas por esses povos não apresentam um grande poderio de pesca como ocorre atualmente com as redes confeccionadas com o *nylon*.

Segundo Batista *et al* (2004), a tecnologia da pesca sofreu modificações deste o contato com os europeus. As redes de arrastão e a tarrafa só surgiram a partir da interação com os portugueses (Veríssimo 1895; Smith, 1979; Furtado 1981). Do mesmo modo, os anzóis confeccionados com metal, as azagaias e o espinhel, foram introduzidos pelo colonizador (Veríssimo 1895; Smith 1979; Furtado 1981; Mello 1985; Batista *et al*, 2004). Assim, é perceptível a importância que os recursos pesqueiros tiveram na consecução das expedições e penetração dos portugueses na região e isso repercutiu em mudanças nas técnicas de captura do pescado com a introdução de novas tecnologias de pesca.

Para Veríssimo (1895) as expedições portuguesas de conquista da Amazônia só foram possíveis pela abundância de peixes e pela habilidade dos índios em pescá-los. Segundo ele, essas “foram parte nessa obra verdadeiramente admirável da fácil penetração dos portugueses nos sertões amazônicos adentro” (Veríssimo 1895: 90). E continua argumentando: “nem se compreendem como foram possíveis expedições como essa de Pedro Teixeira de Belém ao Peru e vice-versa, com mais de 2 mil pessoas, sem a abundância da caça e principalmente da pesca [...]” (Veríssimo 1985:91).

Com a instalação e conquista do império português na região a partir do século XVI, o peixe passou a ser utilizado pela administração da colônia para a alimentação local e para fins comerciais (Batista *et al* 2004), sendo no século XVII utilizado como moeda de pagamento e troca (Furtado 1981). Assim, observa-se que desde o período colonial já se encontram resquícios de comercialização do pescado na região.

Veríssimo (1895) observou que as pescarias na Amazônia eram divididas em “grande” e “pequena”. A “grande” pesca ocorria quando se constituía uma indústria que

tinha como objetivo o comércio ou o escambo. Ao seus produtos eram o azeite feito da gordura do pirarucu (*Arapaima gigas*) e do peixe-boi (*Trichechus manatus*) e dos ovos da tartaruga (*Podocnemis expansa*). A “pequena” pesca era associada à primeira ou individualmente e destinava-se à alimentação ou a uma indústria auxiliar de suprimento local. Seus produtos eram toda espécie de peixe com o fim alimentício, bem como de certas espécies que apareciam nos mercados locais conservados pela salmoura, pelo salgamento ou pela moqueação. Contudo a “pesca e os produtos da pesca na Amazônia, desde os mais antigos tempos de que temos notícia, não serviam somente à alimentação, senão a usos da economia doméstica e industrial” (Veríssimo 1895: 99).

Com o intuito de controlar a produção de pescado, de sustentar a fazenda real, as tropas do império e organizar os recursos pesqueiros como moeda de troca; a administração colonial criou os chamados “pesqueiros reais”. A organização produtiva era da seguinte forma: “um feitor, oficial inferior ou subalterno, que vigiava os trabalhos, um administrador na cidade e um armazém de venda e um vendedor” Veríssimo (1895: 110). E continua, “dos réditos do mesmo pesqueiro deduzia-se o pagamento dos empregados e o preço do custeio” (Veríssimo 1895: 110). Os índios trabalhavam para a coroa como pescadores; em 1687 já havia três destes na Amazônia Central (Veríssimo 1895). Os estados do Amazonas, Pará e Maranhão tiveram pesqueiros reais que foram extintos em 1827 (Batista *et al* 2004).

Os produtos dos pesqueiros reais eram destinados a atender a serviços públicos determinados, obras civis e militares, comissões demarcadoras, alimento e pagamento da tropa militar e ainda como propinas e ordenados de funcionários (Veríssimo 1895). Das espécies de peixe mais exploradas pelos pesqueiros reais e consumidas na região, destacam-se o peixe-boi (*Trichechus manatus*) e as tartarugas (*Podocnemis expansa*). Nas palavras de Veríssimo (1895: 106): “o peixe-boi sofreu desde o princípio caça devastadora e constante. Por muitos, anos ele e a tartaruga parecem ter sido o principal alimento dos portugueses e dos indígenas [...]”. O pirarucu (*Arapaima gigas*) só passou a concorrer com o peixe-boi e a tartaruga a partir do século XVIII (Veríssimo 1895). Entretanto, de acordo com Batista *et al* (2004), ao final do século XIX, ocorreu um declínio da exploração do peixe-boi, o que favoreceu o aumento da pressão sobre o pirarucu.

Com efeito, os pesqueiros reais são as formas mais antigas que se conhece de organização e exploração em grande escala dos recursos da ictiofauna amazônica. Sobreviveu até o momento em que os índios foram diminuindo em virtude da catequização, das repetidas epidemias de bexigas e sarampos, dos maus-tratos, das perseguições e dos colossais morticínios (Veríssimo 1895). De acordo com Ruffino (2005), com a colonização europeia e o extermínio de grande parte dos povos indígenas da região, a área de várzea foi habitada por “caboclos”. A atividade da pesca para essas populações funcionavam, a princípio, como atividade complementar e integradas a outras como a agricultura, a criação de pequenos animais e o extrativismo vegetal. É perceptível a herança indígena mantida por essas populações, sobretudo, referente à pesca, que embora não se reconheçam como indígenas, possuem um modo de vida muito similar aos primeiros habitantes da Amazônia.

Os ambientes aquáticos próximos às moradias dessas populações constituem os principais locais de pesca, os apetrechos de pesca utilizados são tradicionais e artesanais como o anzol (este já confeccionado com metal), o arpão e o arco e flecha (Ruffino 2005). O uso de redes e tarrafas atualmente já não é tão raro, muitos grupos sociais que habitam as áreas de várzea da região já fazem uso desses utensílios, principalmente como estratégia para capturar peixes que já não conseguem atingir tamanhos grandes

frente ao aumento da pesca comercial, assim, pescar somente com arpão e arco e flecha já se torna mais difícil. Entretanto o modo de vida e trabalho das populações rurais que habitavam e habitam os ambientes de várzea da região, não constituem ameaça à diminuição dos estoques pesqueiros, pois, na maioria das vezes, os utilizam associados a outras atividades e os pescam utilizando apetrechos sem grande poderio pesqueiro.

No fim da década de 1930, a colonização japonesa introduziu o cultivo da juta na região que, juntamente com a borracha, tornaram-se a principal atividade econômica regional, mobilizando grande parte da população rural da Amazônia. Entretanto, com a crise dessas duas culturas – que se deu a partir da metade do século XX –, a pesca passou a ser a principal atividade produtiva de muitos homens que antes trabalhavam com a juta ou com a borracha, acarretando uma maior pressão nos estoques de peixe (Ruffino 2005).

Durante as décadas de 1940 e 1950, aconteceram importantes inovações tecnológicas no setor pesqueiro com a introdução de motores a diesel, e de embarcações equipadas com gelo, o que acarretou uma maior intensificação da pesca na região (Batista *et al* 2004). “Embora estas embarcações apresentassem um sistema de isolamento térmico ineficiente, já permitiam que o raio de ação da frota de Manaus (Capital do Estado do Amazonas) se estendesse do Baixo Madeira ao Baixo Purus” (Batista *et al* 2004: 66). É importante ser mencionado que em 1962 foi criada a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE, Superintendence for Fishing Development), que institucionalizou a atividade pesqueira em todo o país e permitiu consolidar as bases do até então incipiente segmento industrial da pesca (Ruffino 2005). Todavia as transformações que ocorreram durante todos esses anos e períodos acima abordados, não foram tão vitais como as do período em que os governos militares comandaram o país.

Ditadura e pesca na Amazônia

A região amazônica, no período anterior aos governos militares, era uma região isolada geografica e economicamente do restante do país. Vigorava na região uma economia com base no extrativismo, onde as relações capitalistas de produção ainda não se faziam fortemente presentes. Com o golpe de 1964 e a política econômica dos governos militares – a chamada “Operação Amazônia” –, transformou-se significativamente a vida econômica, política e cultural da região. As ações implementadas pelos governos da ditadura incluíram a construção de vias de comunicação, criação e urbanização de rodovias federais e uma série de incentivos fiscais e linhas de créditos para atrair capitais nacionais e internacionais para a região (Ruffino 2005).

Segundo Ianni (1986), o que ocorreu na Amazônia durante os governos militares foi o desenvolvimento extensivo do capitalismo. Nas atividades econômicas da região, como o extrativismo, agricultura e pecuária, o capitalismo se impregnou modificando as relações de produção e as forças produtivas. Não que antes de 1964 o capitalismo não se fazia presente em maior ou menor grau na região, pelo contrário, mesmo antes de toda essa “revolução” econômica executada pela ditadura, as atividades econômicas da região já estavam articuladas com os mercados da própria Amazônia, além do nacional e internacional.

Entretanto, em períodos anteriores à ditadura, grande parte da produção era destinada para o próprio sustento de quem a produzia – em geral, comunidades indígenas, famílias camponesas e/ou ribeirinhas, lugarejos, povoados, vilas, etc. - ou a um comércio limitado local, o que não caracterizava o modo de produção capitalista.

Ademais, o sistema de transporte e comunicação ainda estava assentado na navegação pelos rios e igarapés da região, o que dificultava o transporte e o escoamento da produção em razão ao tempo e às grandes distâncias que tinham que ser percorridas. Mesmo os organismos governamentais incumbidos de desenvolver economicamente a região como a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA, Superintendence for Plan the Economic Enhancement of the Amazon), criada em 1953, e o Banco de Crédito da Amazônia, não possibilitaram maiores impulsos às atividades produtivas da região. Dessa forma, antes de 1964, a economia amazônica era primordialmente extrativista e de subsistência, a produção em larga escala e as relações de produção capitalista ainda não se faziam presentes.

As principais transformações econômicas e sociais se deram na Amazônia no período entre 1960 e 1978. No ano de 1960, foi inaugurada a rodovia Belém-Brasília dinamizando o sistema de transporte na região e a interligando ao restante do país. Em 1966, redimensionaram ou criaram-se novas agências governamentais dando novos rumos à atuação pública e privada no financiamento e incentivo ao desenvolvimento capitalista na região.

Foram tantas e tais decisões, agências e atuações do Estado na Amazônia, que é possível afirmar que foi nos anos 1960-78 que a Amazônia rearticulou-se sob nova forma, com o sistema econômico e político nacional e internacional. Ao lado do extrativismo, criaram-se ou desenvolveram-se atividades de mineração, agrícolas, pecuárias e industriais. Desenvolveu-se o sistema de transporte e comunicações, de modo a tornar as atividades econômicas e políticas da região independentes (ou pouco dependentes) do sistema fluvial (Ianni 1986: 60).

A Amazônia foi atingida por um pacote de incentivos ao desenvolvimento capitalista que a modificou em todas as esferas da vida econômica, política e cultural, articulando-a ao restante do país e ao mundo através das transações comerciais. No entanto, as mudanças mais importantes que intensificaram e generalizaram a transformação da economia na região aconteceram no período de 1966-78. As principais medidas governamentais para isso foram:

1) A criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM, Superintendence for Develop of Amazon), em substituição à SPEVEA. Desde 1966, a SUDAM passou a ser o principal órgão governamental para a dinamização e diversificação da economia amazônica, criou incentivos fiscais e financeiros para atrair investidores privados, nacionais e estrangeiros, dinamizando, assim, setores agrícolas, pecuários, industriais e de mineração;

2) No mesmo ano, criou-se o Banco da Amazônia S.A (BASA, Bank of Amazon) reformulado a partir do Banco de Crédito da Amazônia S.A que, junto com o Banco do Brasil que vinha em processo de ampliação de suas agências na região e a SUDAM, deram um grande impulso a empreendimentos econômicos públicos e privados na região;

3) Em 1967, foi criada a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA, Superintendence of the Manaus Free Trade Zone) que trouxe para a região indústrias nacionais e estrangeiras com alta capacidade tecnológica para alavancar a economia da região e colocá-la de uma vez por todas na trilha do capitalismo; e

4) A construção de rodovias importantes como a Transamazônica, a Perimetral Norte, a Cuiabá-Santarém e a Manaus-Caracaraí (BRH-174), entre outras estradas feitas entre 1971 e 1978.

O crescimento da atividade da pesca na região está intimamente ligado ao projeto desenvolvimentista implementado pelos governos da ditadura na região. Apesar de essas políticas não terem sido prioritariamente dirigidas para a pesca, elas promoveram relevantes mudanças nessa atividade.

O crescimento desta atividade [a pesca] na região se insere em um processo nacional, iniciado pelo Estado, que respondeu a políticas e estratégias desenvolvimentistas idealizadas para a região. O modelo adotado baseou-se no incentivo a grandes empresas. Assim, transferiu-se volume considerável de recursos financeiros dos cofres públicos para grupos econômicos privados. Como resultado, nas décadas seguintes aprofundaram-se as desigualdades quanto ao acesso e ao uso dos recursos naturais na região (Ruffino 2005: 16).

Toda a transformação no setor pesqueiro que, a partir desses anos, se processará na região, terá forte participação do Estado. Para Mello (1985), são as instituições oficiais que terão a incumbência de dinamizar e modificar as relações de produção e as forças produtivas do setor por meio de uma verdadeira *ideologia do progresso pesqueiro*. A plataforma ideológica na qual se assentava o progresso pesqueiro na região estava fundamentada nas seguintes premissas: a) o “rudimentarismo” das técnicas nativas; b) a “incapacidade” do caboclo e c) a riqueza econômica “improdutiva”.

As técnicas nativas de pescar, onde eram usados apetrechos com baixo poder produtivo como arco e flecha, azagaia e arpão eram visto como irracionais e atrasadas em virtude do baixo poder captura do pescado. Dessa forma, a economia de subsistência seria desprovida de condições para progredir, pois estava condicionada ao rudimentarismo das técnicas nativas.

A incapacidade do caboclo seria atribuída a seu comodismo e preguiça ao trabalho. Em razão ao seu fácil e farto acesso aos produtos da natureza, dispensando grande dispêndio de trabalho, os ideólogos do progresso pesqueiro viam esse modo de vida como obstáculo ao desenvolvimento do setor pesqueiro na Amazônia, pois não estavam inseridas na lógica capitalista de trabalho, onde se deve produzir em larga escala e gerar o excedente. Assim, o modo de vida e as técnicas tradicionais deveriam ser superados com a incorporação de novas técnicas produtivas, com a racionalização do trabalho e pela educação sistemática das gerações futuras.

O não aproveitamento capitalista dos recursos ictiofaunísticos devido estes serem aproveitados apenas para a subsistência das populações interioranas, era compreendido como sinal de uma riqueza econômica não aproveitada ou “improdutiva”. Assim, o capitalismo, seria o único capaz de elevar a produtividade da pesca criando divisas para o Estado e ampliando o mercado consumidor desse produto.

Dessa forma, Melo (1985) demonstra que a atuação do Estado no setor pesqueiro tinha como objetivo o combate a essas “anomalias” que se faziam presentes na atividade pesqueira. Para isso, as agências financiadoras criadas pelos governos da ditadura teriam papel importante no desenvolvimento capitalista da pesca na Amazônia.

O Estado brasileiro foi o principal incentivador do desenvolvimento capitalista do setor pesqueiro na Amazônia. Segundo Mello (1985: 30), o papel do Estado na

transformação capitalista da pesca tem sido decisiva e “sempre se voltam para ele não só investidores ávidos de créditos fiscais, mas também de tecnocratas encarregados do planejamento e execução das políticas de pesca”. E conclui sua argumentação mostrando que o Estado brasileiro desempenhou três papéis fundamentais no “desenvolvimento” do setor pesqueiro:

a) de absorvedor dos gastos sem retorno imediato (infraestrutura e formação de um manancial de conhecimentos técnicos pesqueiros na região); b) de financiador principal dos negócios privados via Incentivos Fiscais, permitindo um lucro a curto prazo a classe empresarial e, ainda, c) servirá de idealizador e divulgador de uma concepção de “progresso pesqueiro” que irá sustentar e legitimar as bruscas transformações técnicas e das relações de trabalho que passaram a ser incrementadas neste setor produtivo (Mello 1985: 32).

Em razão aos fartos incentivos à atividade da pesca, providos pelos governos militares, muitos empresários estrangeiros ou do centro-sul do Brasil se instalaram na Amazônia em busca de lucratividade. Deste modo, ampliaram as embarcações com grande poder de pesca, equipadas com motores e caixas de gelo, sem restrição alguma, o que possibilitou a exploração cada vez maior dos recursos ictiofaunísticos e de ambientes de pesca cada vez mais longínquos (Ruffino 2005).

Até aproximadamente a década de 40, a pesca na Amazônia era realizada por uma frota muito primitiva, formada por embarcações pequenas, exclusivamente de madeira e com propulsão a remo ou vela. Nos anos 60, a liberação de incentivos fiscais para a região e a abertura da economia a grandes empresas, que vieram de outras regiões do Brasil [e do exterior], favoreceu o rápido desenvolvimento tecnológico da pesca. As embarcações ganharam motores e apetrechos de pesca mais resistentes (redes de náilon) e mais eficientes na captura de peixes e crustáceos (Batista *et al* 2004: 70).

A introdução maciça de motores nas embarcações é um acontecimento que irá permitir uma verdadeira revolução comercial no setor pesqueiro, na medida em que servirá às geleiras¹ aperfeiçoando-as como transporte de pescado e permitindo percorrer distâncias maiores (Mello 1985). Aliado a isso, se tem na década de 1960:

[...] a introdução e a popularização do polietileno ou isopor como isolante térmico, permitindo a conservação e a acumulação do pescado por mais tempo viabilizando ampliar o raio de ação da frota [e] [...] a introdução de linhas sintéticas, as quais popularizaram as redes de arrasto e de espera, facilitando o aumento do esforço de pesca e conseqüentemente da produção (Batista *et al* 2004: 66).

¹ As geleiras são barcos que têm por finalidade capturar peixes para a venda nos centros urbanos. Esses barcos geralmente contam com alguns pescadores equipados com canos e apetrechos de pesca que saem percorrendo os rios, os lagos, os furos e os paranás da região em busca de peixes para serem comercializados (Furtado 1993).

Esses fatores foram determinantes e marcantes nos novos rumos que o setor pesqueiro adquiriria. Para Mello (1985), a introdução de novos métodos e instrumentos de pesca só foi viabilizada pelo desenvolvimento do comércio e pelas condições concretas, estabelecidas pelo Estado, para a exploração da pesca na região. Além desses, outros elementos também de suma relevância contribuíram para a compreensão do desenvolvimento da pesca na região. Um deles foi a ampliação do sistema rodoviário que começa a ser realizado na década de 1950 e intensifica-se na década de 1960. Para Mello (1985), a criação de rodovias ligando as capitais da Amazônia com os interiores veio oferecer mais uma opção de transporte do pescado, ampliando e solidificando as transações comerciais e aumentando os números de pescadores com dedicação exclusiva à pesca. Outro foi a criação da Zona Franca de Manaus, em 1967, que acarretou um rápido crescimento da população urbana pela imigração das populações interioranas em busca de melhores chances trabalho e emprego.

Assim, intensificou-se a pesca comercial na região amazônica na medida em que o consumo e conseqüentemente a demanda por pescado aumentaram significativamente. Em resposta a esse mercado consumidor em ascensão, o tamanho da frota de Manaus cresce vertiginosamente, acarretando a pesca intensiva nos ambientes de pesca da região, ocasionando queda na produtividade pesqueira e tensões sociais graves.

Em virtude desse rápido crescimento do comércio de peixe, muitos pescadores passaram a dedicar-se exclusivamente à pesca, isso pelo fato de a venda do pescado garantir um ganho mais imediato em relação à agricultura, cuja a renda adquirida deve esperar a época da colheita (Mello 1985).

[O pescador profissional] [...] pesca de forma permanente em lugares distantes de sua moradia e vende o seu peixe em frigoríficos e mercados dos centros urbanos. Enquanto as inovações tecnológicas aumentam a produtividade da pesca, o crescimento do mercado urbano e a expansão dos frigoríficos permitiram absorver o excedente de produção assim gerado (Ruffino 2005: 17).

Por essa forma, a presença do pescador profissional e/ou pescador comercial é fenômeno recente e data, sobretudo, da década de 1960; com as inovações tecnológicas, o aumento do mercado consumidor e a entrada de empresas de pesca na região, possibilitaram o surgimento desse tipo de pescador. Para Mello (1985: 38) esse fenômeno – a profissionalização do pescador – “resultará da maior penetração de interesses capitalistas no setor, fato que historicamente tem suas origens no surgimento de uma comercialização *intensiva* do peixe”.

A pesca capitalista e a proletarização do pescador

A expansão do sistema capitalista na região provido pelos governos da ditadura, transformou substancialmente a produção e as relações de produção dentro do setor pesqueiro. A pesca, atividade que remonta séculos, deixou de ser apenas um trabalho para garantir a sobrevivência familiar e reproduzir o modo de vida tradicional das populações rurais, passando a representar mercadoria, valor-de-troca e mais-valia para as grandes empresas do setor.

Entretanto, segundo Mello (1985), a venda e comercialização do pescado nem sempre pôde ser considerada uma produção capitalista, apesar de isso receber influência

capitalista, mas apenas em nível de comércio. Segundo ele, é necessário que se distinga o processo de trabalho quando este está voltado para a simples produção de valor, do processo produtivo quando o trabalho está voltado para a produção de mais-valia. A simples produção de valor se caracteriza apenas como um processo de produção de mercadorias. Pela venda de seu produto, o pescador transforma mercadoria em mercadoria (M-D-M), ou seja, vende o pescado e, com o dinheiro adquirido na venda, compra mercadorias a que não tem acesso diretamente como arroz, feijão, macarrão, botija de gás, etc. O processo de produzir mais-valia (D-M-D) opera sob relações de produção eminentemente capitalista, isto é, o trabalho do pescador é alienado aos donos dos meios de produção (capitalista) que utiliza o trabalho e a venda do pescado para auferir lucro¹.

Assim, a simples venda do pescado não foi o acontecimento marcante para o surgimento do “pescador proletário” e para produção capitalista da pesca. Segundo Mello (1985), enquanto o pescador detinha os meios de produção, e enquanto os apetrechos de pesca permaneciam tradicionais, o capitalismo na pesca não encontrava meios de se desenvolver. “Antes que o pescador tenha se tornado proletário, ele foi produtor independente de mercadorias” (Mello 1985: 50), isto é, vendia o pescado para adquirir produtos não contemplados pela sua unidade de produção.

Com a introdução de novas tecnologias de pescado mais eficientes e produtivas, gerou-se, no âmbito da produção pesqueira, uma forte concorrência, que veio determinar com grande peso a proletarização de muitos pescadores. Essa grande concorrência foi gerada pelo constante esforço de pesca realizado por alguns capitalistas com ânsia de aumentar constantemente a frota pesqueira equipando-a com motores a diesel e apetrechos de pesca sofisticadas. O constante aumento da produção pesqueira, com a introdução cada vez maior de barcos de pesca trabalhando em uma mesma área, concorreu para que muitos ambientes de pesca – sobretudo os mais próximos aos centros urbanos – apresentassem sobrepesca e um conseqüente escasseamento do peixe. Isso destruiu muitos pescadores, que detentores de pequenas embarcações como canoas e cascos, não tinham condições de pescar em lugares mais distantes de suas moradias, com isso, foram obrigados a vender sua força de trabalho aos capitalistas do setor, tornando-se pescador-proletários.

Na medida em que o estilo capitalista de produção se impregna no modo e nas relações sociais de produção na pesca, transforma-se econômica e culturalmente a vida dos pescadores na região. Assim, no período em que os governos da ditadura comandaram o país, ocorreram mudanças significativas no setor pesqueiro. A pesca comercial cresceu vertiginosamente e, conseqüentemente, a indústria pesqueira, o aumento populacional nos grandes centros urbanos demandou um maior consumo de peixe, acarretando uma maior pressão nos estoques da ictiofauna amazônica, com isso, cresce a figura do pescador profissional, que faz da pesca a sua única atividade

¹ De acordo com Karl Marx (1998), os circuitos M-D-M (mercadoria – dinheiro – mercadoria) e D-M-D (dinheiro – mercadoria – dinheiro) distingue-se, sobretudo, pela finalidade de cada processo. O primeiro, o autor chama de circulação simples, onde o dinheiro adquirido com a venda do produto transforma-se em mercadorias. O segundo processo (D-M-D), a mercadoria se transforma em capital, e passa a ser o início e o fim da circulação da mercadoria, observa-se nesse segundo processo uma característica quantitativa, onde troca-se dinheiro por uma quantidade maior de dinheiro, ao passo que no primeiro processo é perceptível uma transformação qualitativa, onde mercadorias transformam-se em mercadorias. O dinheiro nesse segundo processo, não é apenas um meio de circulação como no primeiro, ele exerce, agora, a função de mercadoria, onde a lógica é sempre ter no final do processo uma quantidade maior do que aquela do início.

produtiva obtendo do peixe um valor-de-troca. Isso ocasiona efeitos substantivos no modo de vida dos pescadores e na atividade da pesca como um todo.

Conclusão: A emergência dos conflitos sociais

Na medida em que o estilo capitalista de produção se impregna no modo e nas relações sociais de produção da pesca, transforma-se econômica e culturalmente a vida dos pescadores na região. Assim, no período em que os governos da ditadura comandaram o país, ocorreram mudanças significativas no setor pesqueiro. A pesca comercial cresceu vertiginosamente e, conseqüentemente, a indústria pesqueira. O aumento populacional nos grandes centros urbanos demandou um maior consumo de peixe, acarretando uma maior pressão nos estoques da ictiofauna amazônica, com isso, cresce a figura do pescador profissional, que faz da pesca a sua única atividade produtiva.

A crise da borracha e da juta, embora anterior ao avanço do capitalismo, também influenciou sobremaneira o processo de “profissionalização” do pescador. Assim, os recursos pesqueiros passaram a ser considerados produtos mercantilizados, provocando a exploração exacerbada dos recursos e criando usuários diversos. Ademais, os mecanismos criados pelo Estado de controle e disciplinarização da sobrepesca não obteve sucesso. No seu conjunto, esses fatores levaram ao surgimento de conflitos sociais na pesca, principalmente com a ação ineficiente do Estado na fiscalização da pesca predatória, pois os diversos usuários desses recursos não encontram mediadores, e os conflitos se acirram (Batista *et al* 2004).

Smith (1979), analisando a pesca no estado do Amazonas, aponta o aumento da frota pesqueira, incentivada pelo crescimento da demanda de peixe, como um dos causadores dos conflitos sociais na pesca. Segundo ele, as embarcações estavam pescando até 1.700 km de Manaus, penetrando em lagos até então explorados por pescadores de subsistência, acarretando conflitos entre os pescadores proletários e os habitantes dos lagos da região.

Dessa forma, as grandes transformações que, nas últimas décadas, o setor pesqueiro vem enfrentando como o aumento no consumo de pescado, o surgimento de novas tecnologias de pesca que possibilitaram uma maior exploração dos recursos ictiofaunísticos, a utilização de motores nas embarcações, permitindo o acesso a lugares nunca antes explorados e a profissionalização de muitos pescadores; tudo isso aliado à precária fiscalização do Estado em relação à sobrepesca, possibilitou a proliferação de conflitos sociais em torno dos recursos pesqueiros na bacia Amazônica.

Referências

Batista, V. *et al.* 2004, “ Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia” in *A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira*, eds. M. Ruffino, Manaus, Ibama/ProVárzea.

Furtado, L. 1993, *Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica*, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.

_____. 1989, “Notas preliminares sobre alguns aspectos conceituais para a análise da pesca no Baixo Amazonas” in *Anais do III Encontro de Ciências Sociais e o Mar*, A. Diegues, Coletânea de Trabalhos. IOUSP, F. Ford, UICN, São Paulo, pp. 77-92.

- Ianni, O. 1986, *Ditadura e Agricultura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Marx, K. 1998, *O capital*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Mello, A. 1985, *A pesca sob o capital*, Belém, UFPA.
- Petriere, M. 1978, “Pesca e esforço de pesca no estado do Amazonas. II. Locais, aparelhos de captura e estatísticas de desembarque”, *Acta Amazonica*, no. 8. pp. 1-54.
- Ruffino, M. 2005, *Gestão do uso dos recursos pesqueiros na Amazônia*, Manaus: Ibama.
- Smith, N. 1979, *A pesca no rio Amazonas*. Manaus, INPA.
- Veríssimo, J. 1985, *A pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro, Livraria Clássica Alves.



4. Media and social conflicts

Editoras e lutas sociais no Brasil. *Andréa Lemos Xavier Galucio 1*

As editoras Civilização Brasileira e Expressão Popular são analisadas neste trabalho à luz da militância política presente em seus projetos políticos e culturais. Destacam-se as formas pelas quais essas editoras concretizaram no campo editorial brasileiro a crítica ao *status quo* vigente em dois contextos históricos distintos: a editora Civilização Brasileira (ECB) na ditadura civil-militar após 1964 e a editora Expressão Popular (EEP) na conjuntura neoliberal após 1990.

A compreensão de como tais editoras empreenderam seus projetos culturais, caracterizaram suas ações militantes e suas linhas editoriais depende da análise de suas condições de produção no mercado editorial brasileiro. O lugar ocupado por essas editoras no funcionamento do mercado de livros é identificado em momentos históricos de significativas alterações ocorridas no desenvolvimento desse mercado, em particular no período entre 1964 e 1990. O crescimento das editoras de livros didáticos, a entrada das multinacionais, o apoio estatal e a profissionalização do setor seriam alguns dos fatores dessas mudanças.

O caso das editoras de livros didáticos é analisado em função da predominância desse setor no mercado de livros no Brasil num processo impulsionado a partir de 1964 no contexto ditatorial. Principalmente em função do apoio estatal, ao longo das duas décadas de ditadura civil-militar, o projeto de escolarização e as vendas de livros didáticos ao Ministério da Educação foram garantidos resultados favoráveis à produção de livros didáticos.

Como desdobramento dos projetos de escolarização existentes no Brasil ao longo do século XX crescia continuamente o número de alunos matriculados nos diferentes níveis de ensino. Entre 1964 a 1973, os aumentos foram de 30% no ensino primário, 61% no ensino intermediário e 367% no ensino superior. Nos dois primeiros níveis seguem uma tendência de crescimento relativo que já se apresentava na década anterior² enquanto o ingresso de alunos no nível superior foi extraordinariamente maior. O crescimento absoluto do número de matrícula (bastante acima do crescimento vegetativo da população³) por si só representaria um considerável aumento de demanda para os livros didáticos⁴.

No entanto, o crescimento do mercado livreiro de didáticos não se limitou a isto. A partir de 1964 o governo passou a comprar livros em volumes cada vez maiores e distribuí-los gratuitamente aos alunos das escolas públicas. O consumo desses livros pelo setor público contribuiu para o seguinte resultado:

¹ Andréa Lemos Xavier Galucio desenvolve pesquisa de pós-doutoramento em História na Universidade Federal Fluminense (Brasil), na qual integra o grupo de estudos e pesquisas Mundos do Trabalho, coordenado pelo Prof. Marcelo Badaró Mattos. Na temática das pesquisas recentemente desenvolvidas – sobre a militância de editores brasileiros, a atuação dos empresários do livro e o papel do Estado no Brasil contemporâneo – a autora publicou o artigo “Ênio Silveira: empresário e militante” em *Livros Vermelhos: literatura, trabalhadores e militância no Brasil*. Marcelo Badaró Mattos (org.). Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010.

² No período de 1955 a 1964, o número de matrículas no primário subiu de 10,8% para 13%, um aumento de 21% do total de alunos; no nível intermediário os números foram de 1,14% para 2,41%, um aumento de 112%; no nível superior os números foram de 0,11% para 0,18%, um aumento de 63%.

³ Apesar deste crescimento, o número de matrículas atingia apenas uma parcela relativamente pequena da população.

⁴ De qualquer forma, em números absolutos, há um contingente crescente e quantitativamente expressivo de potenciais leitores, que se apresentava, já a partir dos anos 50, como contingente que se transferia para o ensino médio e superior.

Tabela 1 - Distribuição das editoras por tamanho e área de atuação ¹

Editoras de livros	Faturamento por ano (R\$ milhões)				Total
	Até 1	De 1 a 10	De 10 a 50	Mais de 50	
Didáticos	14	6	7	7	27
Obras gerais	148	16	11	-	175
Religiosos	120	15	6	-	141
CTP	138	21	8	-	167
Total					510

O grande crescimento da demanda por livros didáticos ocorreu no chamado “milagre econômico”, entre 1969 e 1973, época de maior crescimento econômico da História do Brasil alcançando os valores de 11,7% em 1972 e 14% em 1973². Além do crescimento econômico, houve considerável aumento da urbanização no período: em 1970, 54% da população brasileira era urbana ao passo que em 1980 esse percentual subiu para 75%. Esse enorme crescimento também afetou a indústria editorial não agindo apenas sobre os livros didáticos, mas também sobre os livros de interesse geral. Devido a essas novas condições, que favoreceram o aumento de consumidores, já se caracterizava no Brasil um mercado editorial de consumo de massas.

Dessa forma “o golpe de estado de 1964 reorientou o eixo de organização dos produtores de cultura”³. Os anos 60, para a indústria cultural, foram de crescimento e expansão e os anos 70 seriam os anos da gênese de um mercado editorial de consumo de massas, propiciando (...) a explosão dos best-sellers e das brochuras. (...) e o crescimento na edição de exemplares e títulos e pela expansão no número de casas editoriais, nos principais centros urbanos (...) e também de estatísticas e instituições(...) ⁴.

O crescimento durante o regime militar, também contou com as novas ⁵ editoras multinacionais que se instalaram no Brasil, sendo algumas delas ligadas a livros técnico-didáticos (nível superior), como LTC (1968) e McGraw-Hill (1970)⁶. Além do investimento de capital estrangeiro pela presença das multinacionais, o próprio governo norte-americano financiou a edição de livros no Brasil, através do USAID (*United*

⁵ LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores?: política para a cultura / política para o livro*. São Paulo: Summus, 2004. p. 110. Tabela formulada a partir do documento *Diagnóstico do mercado brasileiro*, Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional das Editoras. Lindoso não explicita o ano destas estatísticas. Porém, em outro trecho do mesmo trabalho (p. 158), Lindoso menciona que usou estatísticas do *Diagnóstico do mercado brasileiro* que eram dos anos 2000, 2001 e 2002. Imaginamos que os dados que utilizamos sejam destes mesmos anos.

⁶ MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil Recente*, São Paulo: Ática, 1996, p. 55.

⁷ VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a editora civilização brasileira*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. 45.

⁸ SALGADO, Gilberto Barbosa. *O Imaginário em Movimento: crescimento e expansão da indústria editorial no Brasil (1960-1994)*, 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1994, p. 30.

⁹ Na segunda metade do século XX várias editoras estrangeiras se instalaram no Brasil: Encyclopaedia Britannica (1951), Hachette (1953), Difel (1951), Grijalbo (1958).

¹⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 2005, p. 484.

States Agency for International Development). A USAID foi uma agência americana criada em 1961 com objetivo de executar atividades da Aliança para o Progresso – um programa de ajuda econômica e social dos EUA – e dentre elas houve apoio ao governo brasileiro em medidas para o livro, inclusive em traduções para o português de livros-texto norte-americanos.

O estímulo governamental por meio da compra de livros das editoras privadas favoreceu ainda o surgimento de novas editoras, que obtiveram crescimento rápido. No intervalo de tempo entre 1964 e 1981 algumas editoras mudaram significativamente de posição, foram elas: Cia Editora Nacional, Freitas Bastos, Forense, Biblioteca do Exército, Civilização Brasileira, Ao Livro Técnico, Cultrix e Vecchi porque além de perderem posição de destaque, entre as “dez mais” em 1964, em alguns casos, até faliram e deixaram de existir em 1981. Esse foi o caso da Nacional, que foi adquirida em 1980 pelo IBEP. Ao contrário do que ocorreu com a Record, Vozes, Saraiva e Zahar que ocupavam, respectivamente, o 13º, 34º, 11º e 26º lugar em 1964 e apresentaram um forte crescimento passando, então, a integrar a lista das “dez mais”, em 1981. Apenas duas editoras não apresentaram grandes mudanças quanto ao lugar ocupado nas listas, foram elas, Melhoramentos e José Olympio, ambas desceram apenas uma posição.

O caso mais expressivo de crescimento no mercado foi o da Record, que aumentou consideravelmente o número de títulos publicados, de 79 para 502, um salto de 535%. Esse pode ser o grande exemplo, ainda não estudado, de uma empresa cultural, diversificada, já existente antes de 1964, e largamente favorecida pela política econômica implantada no regime militar. Ainda entre aquelas que tiveram posições de destaque, mas foram criadas após 64, destacamos o caso da editora estrangeira McGraw Hill¹ e das nacionais Ática, que em 1981 encerrava a 10.ª posição em títulos lançados, e o 5.º lugar da editora Paulinas.

O caso da Ática é bastante representativo desse grande impulso da atividade editorial, que imprimiu as condições para que as editoras de livros didáticos fossem as únicas de grande porte, tornando essas editoras economicamente hegemônicas no campo editorial, protagonistas, posteriormente, do processo de concentração do setor a partir dos anos 90.

Podemos afirmar que esses foram os casos também da Saraiva, Record, Abril, só para citar aqueles que envolvem editoras nacionais que nas décadas seguintes se autodenominarão “grupos editoriais”. Tais como: Grupo Abril, que além de atuar em diferentes tipos de mercado comprou a Scipione em 1999; o Grupo Saraiva, que entre 1998 e 2003 comprou 5 editoras de didáticos; o Grupo Editorial Record que desde 1996 vem adquirindo diversas editoras, tradicionais ou não, do mercado brasileiro, tais como: Civilização Brasileira, José Olympio, Bertrand Brasil, Best Seller, Nova Era, Difel, Rosa dos Tempos.

Começou nos anos da década de 80 um processo mais geral de transformação da organização das editoras brasileiras, que tiveram em suas origens um modelo de empresas capitalistas de “cunho familiar, centralizadas em torno de um líder (...) figura carismática ao redor da qual a empresa se consolidou e se expandiu nos campos empresarial e cultural brasileiros” para iniciar então “uma nova racionalidade que privilegiava o sentido das mercadorias ao priorizar setores de divulgação e comercialização, em detrimento de departamentos responsáveis por decisões eminentemente culturais ou especificamente editoriais”, como foi o caso da Ática.²

¹¹ A McGraw Hill foi criada em 1909 nos EUA e instalou-se Brasil em 1970.

¹² BORELLI, Silvia H. S. Ática: história editorial, mercado local e internacional de bens simbólicos. In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...*, p. 3.

Esse processo ocorreu no bojo das transformações de consolidação do capitalismo no Brasil, em que pese um projeto associativo entre capital estrangeiro e nacional, como verificou René Dreifuss. Mesmo em níveis diferenciados, no caso das editoras, tais mudanças tiveram expressivo peso para o conjunto da produção cultural brasileira. Ainda pautados no caso da Ática, lembramos que, em 1999, esta editora foi comprada pela Abril e Vivendi (grande grupo de comunicação da França), nesta compra cada grupo ficou com metade do negócio. Posteriormente (2005), a Ática passou a ser só da Abril.

Nesse contexto a editora Civilização Brasileira tornou-se subsidiária de uma grande empresa, reduzida a um selo da Record, devido a diversos problemas financeiros, comuns em todas as pequenas editoras brasileiras por enfrentarem com grande desvantagem a concorrência no mercado.

Apesar de haver crescimento das condições gerais da produção de livros no Brasil desde a década de 60, verificamos que nem todas as editoras sobreviveram nas novas condições dos anos 90 e as constantes mudanças de posições foram inevitáveis para determinadas editoras, como ocorreu com a Civilização Brasileira.

Esse caso da ECB é bastante emblemático porque ocupava um lugar muito expressivo quanto ao número de títulos lançados. Exibia o 6º lugar entre as editoras que mais publicaram, em 1964, mostrando os resultados de pouco mais de 10 anos do empreendimento de Ênio Silveira. Quando em 1981 sua posição caiu para o 21º lugar, isso sinaliza uma situação que será permanente até a década seguinte, demonstrando a situação desta editora como uma empresa em processo de falência. Os principais motivos que a levaram, em fins da década de 80, a desaparecer da lista de editoras que mais publicavam, além daqueles da concorrência no mercado estiveram ligados às posições políticas do editor Ênio Silveira. Essas questões serão abordadas a seguir quando da análise de sua militância.

As pequenas e médias empresas em geral passaram a responder ao longo dos anos 80 por um mercado que funcionava quase que paralelamente ao de didáticos ou das grandes empresas editoriais e gráficas. Elas chegaram aos anos 90 como editoras sobreviventes da redistribuição no campo, pois, em geral, passaram a ocupar a posição de editoras subsidiárias dos grandes grupos ou se mantiveram tentando atingir um grau de profissionalização exigido, por sua vez, pelo novo modelo que sustentou as grandes editoras. As conseqüências das novas “necessidades” impostas pela dinâmica que vem se configurando desde os anos do regime militar se desdobraram nos anos 90 na pluralidade das atividades dos chamados conglomerados de mídia, como afirmou Muniz:

“A integração de empresas editoriais a grandes conglomerados de mídia, bem como os processos de inovação e convergência tecnológica que explodiram a partir dos anos 1980, são fatores que nos levam a considerar as problemáticas contemporâneas da editoração fundamentalmente como questões de comunicação. Hoje, é impossível pensar na dinâmica do setor editorial, em todo o mundo, sem levar em conta os movimentos que aproximam capital financeiro e capital produtivo, e a produção de conteúdos em diversas mídias, de modo integrado ou ao menos interconectado. Embora alguns autores destaquem a baixa rentabilidade das editoras em comparação com as empresas audiovisuais, por exemplo, o fato é que os grandes conglomerados midiáticos do mundo (Bertelsmann, Disney, Mondadori, TimeWarner, Planeta, Viacom, entre outras) possuem seus “braços editoriais”.¹

¹³ MUNIZ JUNIOR, José de Souza. Movimentos recentes das editoras de livros e a situação dos

Os grupos do capital multinacional ou associado, base do desenvolvimento capitalista brasileiro na ditadura civil-militar, longamente apontado por René Dreifuss, estavam representados no campo editorial pelas editoras de didáticos, que foram protagonistas desse processo hegemônico que instaurou um perfil profissionalizante típico das grandes empresas de comunicação. Disputando a hegemonia do mercado com as grandes empresas de didáticos, mas por meio de seus projetos, inseridos num processo internacionalizante das políticas culturais, é que foram criados os grupos editoriais, com ou sem a participação das editoras de didáticos. No entanto, a editora Civilização Brasileira ou mesmo a Expressão Popular, que acabara de ser criada, não ocupavam esse lugar, pelo contrário, estavam longe de serem empresas cujo projeto se inseria na perspectiva de empresas com tal perfil.

Na trajetória da editora Civilização Brasileira ela acabou sendo vítima desse quadro originado nos anos 80, apesar das tentativas de seu editor de manter a empresa, e a sociedade com a Difel/Bertrand levou a editora à posição de subsidiária da Record, quando esta comprou a Difel/Bertrand em 1996.

A criação da EEP nesse novo contexto de fins da década de 1990 teve como desafio um mercado em acelerado processo de renovação tecnológica e profissionalização, no entanto, sua iniciativa editorial traz uma estratégia original para o mercado editorial brasileiro, o que poderemos verificar melhor nas considerações a seguir.

O papel de editores é analisado como aqueles intelectuais capazes de construir por meio de suas atividades culturais uma proposta militante. Os editores em questão atuaram como dirigentes de projetos contra-hegemônicos por meio de suas atividades editoriais, apresentando ações políticas de esquerda para além da função estrita de publicar livros.

Enquanto a editora Civilização Brasileira só apresentou uma perspectiva crítica em sua linha editorial vinte anos após sua criação, quando da entrada de Ênio Silveira na editora, cuja ênfase na oposição ao golpe de 64 inaugurou no meio intelectual e político a atuação destacada do Editor, a linha editorial da Expressão Popular já projetava ampliar meios de expressão crítica sobre a conjuntura política neoliberal quando de sua criação em fins dos anos 1990 como uma iniciativa de integrantes do MST.

Consideramos o conceito de intelectual orgânico¹ apropriado para análise do papel do editor tendo em vista sua função “individual” de eleger autores e textos publicáveis na construção de consciência, de hegemonia, por meio de seu papel pedagógico, educador.

As publicações são entendidas também como instrumentos de diálogo – no interior da classe dominante ou também entre a classe dominante e as classes subalternas - essa discussão no caso brasileiro deve considerar o analfabetismo alto e a baixa capacidade de se comprar livros. Podemos avaliar sob o ponto de vista de que as publicações – mesmo que circulem apenas entre frações da classe dominante leitora e compradora de livros – criam a possibilidade de novos pensamentos e podem reunir maior número de ações e projetos contra as análises que contenham princípios do pensamento conservador hegemônico. Esta seria uma função relevante de editores nas suas escolhas editoriais com o compromisso político de setores progressistas da sociedade brasileira

trabalhadores do setor. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. *Anais...*, 2008, p. 2.

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

assumindo sua função de intelectual orgânico que representa os interesses das classes subalternas. E, ainda, atualmente, com a proposta editorial da Expressão Popular, podemos verificar que mesmo num quadro com a realidade de mercado apresentado até o momento é possível produzir livros com custo mais acessível, a *preço de custo*, possibilitando aumentar a aquisição e circulação de livros.

A Civilização Brasileira se destacou como uma editora propulsora do engajamento político em oposição ao regime militar e de crítica às formas de consolidação do capitalismo brasileiro. A Expressão Popular teve origem na dinâmica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que em fins da década de 1990 acabara de passar por uma repressão violenta, o massacre de Eldorado dos Carajás, por parte de frações da classe dominante contra a luta pela terra.

O período de militância da ECB pode ser compreendido entre as décadas de 60 e 80 do século XX e foi justamente quando deixou de ocupar esse espaço no campo editorial que surge a editora Expressão Popular. Esta última não tem nenhum vínculo com a ECB, a não ser o fato de manter viva a militância de esquerda na atividade editorial brasileira reconhecendo a necessidade de manter determinados textos e autores em evidência na formação política e cultural no Brasil. Se no caso da ECB a linha editorial foi concebida pelo editor Ênio Silveira quando procurou dar voz a oposição política em pleno regime militar, no caso da EEP foi a definição prévia de uma lista de autores cujas idéias seriam expressão de crítica à conjuntura neoliberal que desembocou na formalização da editora.

Entretanto a EEP e a ECB apresentam alguns livros e autores comuns em sua linha editorial, tendo a EEP publicado recentemente alguns livros que haviam sido lançados pela ECB. A título de exemplo dois livros do filósofo Leandro Konder lançados na década de 60 foram reeditados pela Expressão, são eles: *Marxismo e alienação* e *Os marxistas e a arte*. Autores estrangeiros clássicos da Civilização Brasileira como Lênin, Marx, Engels, Gramsci também são reeditados por esta Editora.

Antes considerados subversivos, os livros da Civilização Brasileira eram uma ameaça do ponto de vista da polícia política. Os agentes da polícia retiraram os livros “subversivos” de circulação apreendendo-os à força nas livrarias quando não na própria editora. A faixa colocada na frente da editora em maio de 1964 por Ênio Silveira onde se lia “a poesia é a arma do povo contra a tirania”¹ sintetiza bem o papel do editor contra o golpe.

Durante o regime militar, em torno da ECB se intensificaram as críticas à política brasileira e as ações de resistência às arbitrariedades do regime. O papel político-cultural da editora ocorreu junto às dificuldades de manter suas publicações em função da censura, perseguição política ou pela falta de recursos financeiros. Formou-se em torno da editora uma frente de oposição. A respeito dessa fase da editora destacou-se que:

...no plano cultural, os militantes comunistas imprimiram à sua atividade algumas das melhores características do PCB. (...). No Rio de Janeiro, um dos principais pólos aglutinadores da intelectualidade após o golpe foi a Revista Civilização Brasileira, que exerceu profunda e duradoura influência. ... agregou o que havia de melhor da intelectualidade brasileira da época.²

¹⁵ VIEIRA, Luiz Renato. *Consagrados e Malditos* - Os Intelectuais e a Editora Civilização Brasileira. Brasília: Thesaurus, 1998, p.147.

¹⁶ VINHAS, Moises. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. São Paulo: Hucitec, 1982, pp. 238-239.

Apesar da Revista não representar o PCB, nela continha artigos afinados com as discussões que ocorriam no interior do Partido na época. É possível que essa visão das qualidades do PCB serem expressas na Revista também se justifique pela maior presença de autores cariocas que marcariam uma afinidade de parte da intelectualidade carioca com o PCB do Rio, como observou Carlos Guilherme Motta em sua análise da revista.

Verificamos o total de 63 livros da ECB apreendidos pela polícia política na documentação do DOPS. Entre eles alguns autores tiveram mais de uma obra apreendida, foram os casos de: Carlos Heitor Cony (2), Isaac Deutscher (4), Elói Dutra (2), Otavio Ianni (2), Barbosa Lima Sobrinho (3), Claudia de Araújo Lima (2), Franklin de Oliveira (3) e Nelson Werneck Sodré (4).

Para citar alguns autores da Civilização que tiveram livros censurados pelo regime militar, mas não apreendidos pela polícia, podemos citar: Dias Gomes, Antonio Callado, novamente Carlos Heitor Cony, Millor Fernandes e Flavio Rangel.

Uma das formas do editor explicitar suas idéias e divulgar seus livros era através das orelhas de livros¹. O volume 36 da coleção Retratos do Brasil, cujo título publicado *Brasil-guerra quente na América Latina*, de autoria de João Candido Maia Neto, foi apreendido pelo DOPS em 1969. Em documento do DOPS consta o seguinte comentário da polícia sobre o texto da orelha do livro escrita por Ênio Silveira:

Num estilo ferino e perverso, Ênio da Silveira refere-se às altas autoridades do regime e sibilamente aos chefes das Forças Armadas, acusando-os de estarem a serviço de “interesses antinacionais e da espoliação do Brasil”. O texto que figura na face externa da capa final, diz bem o quanto a Editora Civilização Brasileira S.A., tinha pleno conhecimento do conteúdo subversivo do livro e, sem exagero, deve ser tido como um ato de co-responsabilidade intelectual e, portanto, na divulgação desses conceitos altamente injuriosos às Forças Armadas, aos Governantes do país e, sobretudo, claramente insurrecionais.²

Diante de tais julgamentos da polícia se confirma a violenta arbitrariedade junto a editora e seu editor. Ênio Silveira afirmou a respeito:

O nosso catálogo era bastante eclético,(...) se situava numa linha ideológica bem marcada, (...), num sentido que a classe dominante e seus porta-vozes não queriam que fossem. Ou seja, se você perguntar se a Civilização Brasileira ajudou a encaminhar um projeto, uma utopia socialista no Brasil? Respondo que sim, sem sombra de dúvidas. E isso eles achavam mais perigoso que qualquer plataforma política ou, na fase final, pós-64, mais perigoso que um assalto a banco³.

Ênio Silveira marcou a década de 60 da intelectualidade e da política brasileira também com traduções das obras de Antonio Gramsci, Lukács e Lucien Goldman etc. Segundo Raimundo Santos, “a empresa de trazer Gramsci para o Brasil naqueles anos espelha o

¹⁷ A lista que contém as orelhas de livros escritas por Ênio Silveira estão reunidas no livro FELIX, Moacyr. *Ênio Silveira: arquiteto de liberdades*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998. No entanto, esta “orelha” não consta em sua lista, localizamo-la nos documentos do DOPS.

¹⁸ Documento assinado por Deuterônimo Rocha dos Santos, chefe da Seção de Buscas Especiais.

¹⁹ FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). *Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp, 1992, (Coleção Editando o Editor, v. 3), p. 3.

clima de procura de ampliação do marxismo do empreendimento de Ênio Silveira”¹. Além deles o próprio Marx teve sua primeira edição completa, *O Capital*, em português, antes de 64, traduzida por Reginaldo Santana.

Ainda sobre as perseguições às publicações da editora podemos citar a censura, em 1970, ao livro *Quarup*, de Antonio Callado², publicado em 1967. Na observação da polícia encontra-se: “pessoa que leu, classificou-o de altamente subversivo, equivalente a um manual de guerrilhas”³. A conclusão da investigação resume a preocupação da polícia com o papel do livro: “Como sabemos, é através do livro que se faz a bolchevisação dos espíritos, criando-se assim, o material humano – os militantes e ativistas – para as ações de terror e subversão”⁴.

Certamente pela nova conjuntura da década de 1990 a editora Expressão Popular não experimentou a censura, a prisão de seus editores, a apreensão de publicações. Tampouco tem experimentado crises financeiras que ponham em risco o funcionamento da empresa. A particularidade de sua inovadora estratégia de funcionamento no mercado tem garantido um sucesso editorial em pouco mais de 10 anos de existência, com publicações e autores que se vinculam também ao projeto de reconhecer e enfrentar as lutas sociais por meio da batalha das idéias.

Ao contrário da Civilização Brasileira, a militância da editora Expressão Popular se confunde com a própria fundação da editora. O editor Carlos Bellé, principal sócio fundador da empresa, assumiu a edição de livros como uma demanda dos movimentos sociais no Brasil e concretamente a partir de sua atividade no MST. Empenhado também na Campanha Terra, o editor integrou as discussões que definiram seus objetivos: “desenvolver a solidariedade a quem fazia luta pela terra, principalmente, aqueles que acabavam de vivenciar o massacre de Eldorado dos Carajás; criar uma sede nacional e iniciar um projeto de Escola Nacional”⁵. Uma das iniciativas de solidariedade, na qual puderam contar com a adesão de Sebastião Salgado, Jose Saramago e Chico Buarque, foi a elaboração do livro *Terra*, editado pela Companhia das Letras.

A linha editorial da EEP foi dividida em 17 coleções, são elas: agroecologia, América Latina e Caribe, antropologia, artes, biografias, clássicos, direito, economia, educação, estudos agrários, filosofia, geografia, história, lançamentos, política, sociologia, temas variados. O funcionamento da empresa conta com trabalho voluntário militante (não remunerado) e em alguns setores com trabalho profissional (remunerado), como é o caso dos setores: administrativo, diagramação, impressão em gráfica empresarial. No site da editora afirma-se que:

Publicamos obras de domínio público, outras originais e outras ainda que já tiveram publicação anterior, mas cuja editora não mais se interessa pelo título, ou simplesmente encerrou suas atividades, e cujos autores e/ou tradutores nos cederam/cedem seus direitos.⁶

²⁰ SANTOS, Raimundo. *Caio Prado Junior na cultura política brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2001, p. 268.

²¹ Antonio Callado teve seus direitos políticos suspensos em abril de 1969.

²² Documento do DOPS sem assinatura de 2 de março de 1970. Fundo Policia Política: APERJ.

²³ Documento do DOPS sem assinatura de 2 de março de 1970. Fundo Policia Política: APERJ.

²⁴ Entrevista concedida à autora em dezembro de 2010.

²⁵ Informações obtidas no site www.expressaopopular.com.br em 2010.

A concessão de direitos autorais pode ser considerada a estratégia central da Editora, pois conta com a adesão da militância ao projeto cultural da Expressão. A criação da EEP ocorreu pelo reconhecimento no interior do MST da necessidade de formar politicamente seus militantes. A questão da formação da militância vinha de encontro ao projeto mais amplo de enfrentar as necessidades de consolidação do Movimento no contexto político em fins da década de 1990.

Apesar de apresentarem propósitos distintos no momento de fundação das empresas, a construção da linha editorial de ambas editoras buscou expandir visões críticas de mundo, cada uma em seu tempo histórico, conforme o compromisso político de seus editores. A análise comparativa dessas editoras, mesmo numa perspectiva preliminar, permite reconhecer suas trajetórias editoriais contra-hegemônicas no decorrer das quais se comprometeram com a oposição política às formas de exploração capitalista no Brasil.

O lema da Civilização Brasileira expressava a idéia de construção do pensamento crítico ao afirmar “Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”, enquanto o lema da Expressão Popular ressaltou em “Livros bons, de boa qualidade e a preço de custo” sua particular estratégia editorial para ampliar o público consumidor dessas idéias. Essas frases de divulgação de cada editora não esgotam a análise do projeto de edição da literatura crítica ou militante que publicaram, mas podem expressar a título de conclusão uma diferença entre elas. Enquanto a Civilização Brasileira afirmava uma pretensão de consciência crítica por meio da leitura, reivindicando sua visão em uma “campanha pela leitura”, a frase da Expressão Popular não apenas mantém esse propósito como também revela que é na própria forma de se produzir o livro, barateando seu custo, que concretiza sua campanha por mais leitores. Esta sua particularidade é objeto da pesquisa atual ainda em desenvolvimento, entretanto, pudemos identificar nessa abordagem comparativa a relevância de seu projeto editorial de compromisso com a formação política, a construção da crítica e a atuação militante de seus leitores no Brasil atual.

A revista *Veja* e os conflitos sociais dos anos 1990. *Carla Luciana Silva**

Veja é uma das revistas mais antigas em circulação no Brasil, em circulação ininterrupta desde 1968. É o carro-chefe da Editora Abril, que é uma das maiores editoras da América Latina, possuindo centenas de títulos e tem várias empresas em seus *holdings*.

O objetivo deste texto é investigar como a revista *Veja* procurou mostrar o mundo capitalista naturalizado, descaracterizando as lutas sociais e apresentando um mundo de ficção onde somente o esforço individual apareça como alternativa no mundo “globalizado” dos anos 1990 e começo dos 2000. Além disso, se busca investigar a atuação do periódico *Folha de São Paulo* com a mesma perspectiva. Se busca perceber se há distinções de forma e também de conteúdo. Se supõe que a opção preferencial da revista acerca de tudo que fuja dessa lógica é o ocultamento. Ou seja, o silêncio acerca dos movimentos contestatários, a negação da luta de classes. Mas o periódico, que é um diário, tem muito mais espaço e é muito mais plural que a revista (posto que ela não o é, de forma alguma) pode ser um espaço de mais informações e de embate com o próprio movimento social. Lá, os movimentos estão sempre presentes, mas sempre por detrás do domínio dos porta-vozes do próprio periódico. Isso é o que se busca averiguar. Juntos buscam impor uma visão unilateral, dizendo o que seriam os erros dos movimentos, sugerem sua criminalização ao mesmo tempo que busca fragmentar os próprios movimentos e o restante da sociedade.

Nesse texto apresentaremos a discussão sobre a revista *Veja*. Num primeiro momento, abordaremos sua atuação nos anos 1990. Em seguida, veremos sua atuação amplificada no seu portal na internet através do dispositivo “Em profundidade”: Reforma Agrária. É um artifício que a revista usa em sua edição on-line, em que reúne de forma editada matérias especialmente selecionados, em uma ordem que iremos analisar. O quadro abaixo mostra as principais seções que aparecem disponíveis *on-line*:

Galeria de Imagens	CONTEXTO E NÚMEROS	
A luta pela terra	Um velho desafio brasileiro A importância da reforma agrária para o futuro do país	Entrevistas
Personagens	O dilema da política fundiária Por que o modelo de reforma agrária do país fracassa	Infográficos
Movimentos sem-terra Os líderes dos grupos	Uma luta de foices e armas A violência no campo já matou centenas – e nos dois lados	Capas
Os nomes do governo		

Fonte: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/reforma_agraria/index.html

“Novos mártires” I

Mais do qualquer outro movimento social, o alvo prioritário de *Veja* nos anos 1990 foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, em todas as suas manifestações e figuras públicas. Não é a toa anunciar que o movimento teria “novos mártires” quando seus membros são assassinados. Nesse caso não há uma tentativa de

* Professora da Graduação e do Programa de Pós Graduação em História da UNIOESTE. carlalusi@gmail.com; carlalssilva@uol.com.br.

¹ Manchete de matéria sobre o assassinato de cinco trabalhadores rurais sem terra. *Veja*. 1/12/2004, p. 44.

cooptação, ou de diálogo, como se vê com relação ao Partido dos Trabalhadores, em que a revista busca em vários momentos apontar linhas de ação. Também não há uma via despolitizadora como a Renovação Carismática colocada em oposição à CNBB. No caso do MST, a crítica é permanente.

A forma pela qual *Veja* se relaciona com o MST é tão facciosa que mesmo aqueles que não são propriamente partidários desse movimento percebem os “exageros” da revista. Ela busca difundir um profundo ódio ao movimento, e para isso se utiliza da retórica de que ele seria um movimento que “prega o ódio”. *Veja* não possui alternativas para oferecer, a não ser sua desmoralização ou a exigência de submissão completa ao governo. O que resta é apenas o discurso ideológico da “propriedade”, que embute os “costumes”, a “ordem”, e sempre que possível, associa a crítica a todos os que incentivam e apoiam o movimento. Daqui derivam as diversas tentativas de criminalizar o movimento. Há também a tentativa de mostrar a divisão do próprio movimento, destacando a figura de José Rainha, e João Pedro Stédile, cada um ocupando em diferentes momentos o posto de “mais radical”.

A preocupação com o movimento pela revista tornou-se maior depois do massacre de Eldorado de Carajás (assassinato de 19 pessoas em 17/4/1996), mas não por denúncia dos assassinatos, e sim na perspectiva de sistemática difamação do movimento. Antes disso, o silêncio era a principal tática, como de resto, a qualquer movimento social, ao não falar sobre ele, era como se não existisse. Aliás, a própria expressão “assassinato” não figura no vocabulário de *Veja*. Os sem-terra no seu texto são “mortos”, não assassinados. É como se morressem de morte natural, ou pelo menos se busca naturalizar a morte dessa forma.

Embora o marco da matéria em questão seja mais um assassinato, ao invés de investigar o caso, denunciar e exigir punição, a revista busca, de várias formas, associar o próprio movimento ao crime, à “baderna”, caracterizando-o como um “caso de polícia”.¹ Arbex Junior mostrou que existiu uma ação deliberada e articulada da grande imprensa, no sentido de desagregação e descaracterização do movimento.² Tudo isso fica muito compreensível quando lemos *Veja* afirmar que “como socialismo e banditismo são duas faces da mesma moeda”³, isso é usado sempre para justificar a violência contra o movimento.

Por se tratar de um movimento de enorme relevância social, a revista chegou a agir também no sentido de dar a conhecer suas práticas e projetos, mais de uma vez enviando repórteres para assentamentos. Também abriu duas páginas amarelas ao movimento no período de 1989 a 2002. Na primeira delas, João Pedro Stédile foi entrevistado por Expedito Filho, em 6/8/1997. O título da edição foi taxativo: “O povo tem raiva”. E a apresentação dizia que ele “Quer derrubar o modelo econômico neoliberal do governo”, portanto, este seria um inimigo, e bastante ousado, afinal, quer derrubar o modelo, que aqui é claramente atribuído ao governo. Em seguida, ameniza:

¹ Como mostrou SOUZA, Eduardo Ferreira de. *O discurso de “VEJA” e o MST: do silêncio à satanização*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUCSP, 2001. Outros autores também têm essa perspectiva: “Ao forjar a aproximação semântica das palavras baderna e socialismo, a revista *Veja* esvazia o sentido histórico dos movimentos sociais”. PEREIRA, Wellington. As mídias e as linguagens totalitárias. (<http://cocc.ubi.pt/pag/pereira-wellington-midiologia.html>. consultado em 31/8/2004).

² O autor cita episódios que envolvem a revista *Época* e o jornal *Folha de São Paulo*, que criaram junto com o governo brasileiro “provas” de criminalização do movimento. ARBEX JR. O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder. SP, Casa Amarela, 2003. p. 156.

³ Eles invadem e o governo apóia. Juliana Linhares e Marcelo Carneiro. 26/4/2006.

“para o dirigente do MST, o governo de Fernando Henrique vai entrar para a História como o que mais agravou a questão social”. Pouco tempo depois, novamente para demonstrar os riscos que se corria, afinal, já estava declarada a “raiva do povo”, Jaime Amorim foi entrevistado, e a manchete não deixa dúvida do que a revista quer mostrar e a forma com que caracteriza o movimento: “Apelo às armas”. A apresentação completa: “O principal líder do movimento em Pernambuco admitiu, pela primeira vez que sua organização poderá recorrer à luta armada para forçar a ocupação de fazendas”. O mesmo é dito de outra forma: “Líder dos sem-terra diz que o movimento é contra a violência, mas admite uso da luta armada em algumas circunstâncias.”¹ Essas entrevistas têm o fim de alertar sobre os supostos perigos que “a sociedade brasileira” correria. Elas se somam às várias e insistentes matérias difamadoras do movimento que vêm sendo publicadas pela revista e que não teríamos aqui como analisá-las na sua íntegra. Buscamos apenas mostrar o sentido geral da preocupação de *Veja* com o movimento. Seu papel é duplo: além de “denunciar o perigo”, também difama, desmoraliza, descaracteriza não apenas o MST, mas qualquer possibilidade de organização autônoma dos trabalhadores, pois elas constituem na prática a comprovação de que o discurso de que não há alternativas é uma farsa. A revista além disso tudo, busca caracterizar o movimento como disseminador de ódio (quebra a suposta harmonia da sociedade, é inconformista, prega a luta), e joga sobre ele, estendendo à sociedade, uma carga de desconfiança, medo, rancor e ódio.

Para *Veja*, o MST é, de fato, um “caso de polícia”². Há uma tripla atuação: ajudar o governo a combater o movimento, criando uma opinião pública contra ele; associar o movimento a alas radicais do Partido dos Trabalhadores; mostrar que a organização leva, inevitavelmente, à reação de fazendeiros que, “sem alternativas”, acabam assassinando sem-terras. Assim a revista apresenta o “corriqueiro fato” de mais dois assassinatos (que, repetimos, na revista sempre são chamados de “mortes”, nunca de assassinatos):

De uns tempos para cá, a reforma agrária vem saindo dos limites em que deveria ficar, o de problema social, para invadir áreas estranhas à sua natureza. O debate está deixando de girar em torno do número de hectares desapropriados, da quantidade de assentados, do tamanho do latifúndio ou da produtividade dos assentamentos. Agora, quando o assunto é reforma agrária, fala-se de coisa muito diferente. Invasões de terras como arma de pressão política são uma delas. Mortos e feridos em conflitos rurais são outra. Os fazendeiros estão criando milícias para barrar invasores. Até os militares já desembarcaram no tema da reforma agrária. Na semana passada, depois do assassinato a tiros de dois líderes dos sem-terra no sul do Pará, a região mais explosiva de conflitos agrários do país, o governo federal convocou a Polícia Federal e o Exército, que deslocou 500 homens para controlar os ânimos na região. Em protesto contra as mortes, o Movimento dos Sem-Terra, MST, apelou mais uma vez para a ilegalidade. Mobilizou 25.000 famílias e invadiu 26 fazendas em cinco Estados. A tática agressiva do MST é antiga: só neste ano, seus militantes já fizeram mais de cinquenta invasões e podem chegar a 500 até o fim do ano, o triplo do ano passado.³

A novidade – segundo a revista isso seria uma novidade – estaria na organização de milícias no campo dos ruralistas que estariam: “também caindo na ilegalidade. Em São

¹ Páginas Amarelas. *Veja*. Entrevistado por Juliana de Mari, em 7/10/1998.

² *Veja*. Caso de polícia. Ricardo Balthazar. *Veja*. 8/4/1998.

³ *Veja*. Caso de polícia. 8/4/1998.

Paulo e no Paraná, fazendeiros montaram grupos armados para enfrentar os sem-terra. No Nordeste e no Norte, os donos de terras têm contratado pistoleiros para matar os invasores. No sul do Pará, depois dos dois assassinatos da semana passada, a Justiça pediu a prisão preventiva de onze suspeitos de envolvimento no crime — todos fazendeiros que até o final da semana passada estavam foragidos” Perceba-se que as “mortes” não equivalem a assassinatos, são apenas uma transgressão da lei no discurso embotado de *Veja*. A revista segue: “A situação é delicada porque os dois lados decidiram violar a lei. O mais desconcertante é que essa radicalização ocorre justamente no período em que mais se fez pela partilha da terra no país.” Portanto, matar sem terras é, reitera-se, apenas um problema de transgressão de lei. Mas a conclusão traz um novo elemento: “O governo Fernando Henrique assentou 187.000 famílias em três anos, mais do que todos os governos anteriores somados. Uma conclusão possível: a própria oferta crescente de lotes estimula a expansão e a agressividade do MST”. Guardemos esse argumento para ver como ele reaparecerá no governo de Lula. Insiste *Veja* em manipular dados para dizer que quanto mais o governo “cede”, mais o movimento avança. Outro elemento importante na prática discursiva de *Veja* é incitar ao ódio social, buscando colocar setores da sociedade uns contra os outros, mostrando a todos o que os outros pensam e o que estaria errado nesse pensamento para depois incitar a um tipo de comportamento:

Desfraldando bandeiras vermelhas e ocupando terras, o MST ganhou visibilidade no país. A classe média dos centros urbanos, que não perde nada com a desapropriação de fazendeiros, sempre viu a reforma agrária com simpatia, mas há muitos aspectos do movimento que o morador das cidades não conhece. Um deles: muitas invasões não são feitas por sem-terra. Os dois mortos no sul do Pará tinham terra e crédito do governo. Irritado com a participação nas invasões de gente que já tem um pedaço de chão para plantar, o ministro da Política Fundiária, Raul Jungmann, denunciou na semana passada que existem pelo menos 47 líderes do MST que já ganharam terra mas continuam invadindo a propriedade alheia. Entre eles, estão Gilmar Mauro, um dos caciques do movimento, e José Rainha Júnior, que fez fama promovendo invasões no Pontal do Paranapanema, no interior de São Paulo. (Idem)

Assim, classes médias urbanas devem cuidar da sua vida, não devem ter qualquer simpatia sobre os movimentos que não conhecem. E o alerta velado é que as invasões “por enquanto” estariam no campo, portanto, a vez das cidades poderia chegar. Parece o velho discurso anticomunista que grassa o discurso político desde os anos 1930.

Recapitulando a posição de *Veja*, a primeira coisa a ressaltar é que a reforma agrária, para a revista, não pode ser entendida como algo complexo, ela seria um problema social, portanto, sem qualquer vinculação política ou econômica. É importante manter o movimento neste campo, criando-se a ilusão de que ele não tem estas implicações e que, portanto, para resolver seus problemas, a única solução seriam medidas “do governo”, que deveriam ser passivamente aguardadas. Em seguida, noticia a atuação de uma direita extremada, “os fazendeiros estão criando milícias para barrar invasores”. Isso gera “mortos e feridos”. Mas, de forma impressionante, o resultado seria que “em protesto contra as mortes”, o MST “apelou mais uma vez para a ilegalidade”. Portanto, para *Veja*, ilegal é o movimento, os que cometeram assassinatos são mostrados como uma consequência natural. Mais adiante ela remenda, que isso levaria a UDR a “cair na ilegalidade”. Há uma confusão de causa e efeito. Se a revista diz que em reação às mortes (assassinatos), o MST protesta, como pode dizer que a

reação leva a UDR a cair na ilegalidade? A única solução é pensar que os assassinatos não seriam *ilegais* (para usar um parâmetro de julgamento da própria revista). O passo seguinte é a defesa do governo, que vem acompanhada de um quadro em destaque:

O governo assentou 187.000 famílias nos últimos três anos

Hoje, o MST tem 63.000 famílias acampadas em fazendas ou beira de estradas, esperando por assentamento.

Só na semana passada, o MST invadiu 26 fazendas. Este número pode chegar a 500 até o fim do ano

O governo tem 4 milhões de hectares de terra para distribuir, área equivalente à da Suíça. (Idem)

A defesa do governo é acintosa, mas não descuida de alertar para o que considera um exagero: “a própria oferta crescente de lotes estimula a expansão e a agressividade do MST”. O movimento, nunca contente, ficaria agressivo agora não em reação às mortes (assassinatos), mas à própria benesse governamental. Infere-se que como uma criança que recebe o presente paterno, ele nunca se satisfaz e vai avançando sempre mais nas exigências. A função precípua da revista vem em seguida: “a classe média dos centros urbanos, que não perde nada com a desapropriação de fazendeiros, sempre viu a reforma agrária com simpatia, mas há muitos aspectos do movimento que o morador das cidades não conhece”.¹ Há um chamado de atenção explícito, a revista chama a união de classe: se a classe média não estava se dando conta, os proprietários estavam sendo prejudicados, era necessária solidariedade. Complacente, *Veja* se dá conta de que quem apóia o movimento *não conhece* a realidade. Portanto, esta seria sua função, dar a conhecer.

Começa anunciando que o movimento tem vínculos partidários. No PT “existem alas que condenam o movimento”. Fica aqui o alerta, para a ala que não apóia o MST, de que este elemento estaria em jogo também no processo eleitoral e que portanto, eles deveriam reagir, e jamais mudarem de opinião.

Ainda em conclusão, a história é simplificada, justamente dizendo que a reforma agrária é um “tema complexo”: “ao longo da História, sempre gerou violência e mortes”. Finalmente, o esforço discursivo chega onde queria: o agente da violência passa a ser a própria reforma agrária, ela geraria violência. Mais que isso, é a organização que se quer atacar, e por isso, se constata a passividade do governo, que cria uma armadilha “deixando o movimento se enforcar com a própria corda: quanto mais o MST radicalizar, menos apoio terá da sociedade”, a revista insiste nisso, é necessário criar opinião pública a este respeito. E percebe-se novamente, é o movimento que radicaliza, não os assassinos (estes apenas reagem, portanto?). Anunciando a nova forma de fazer distribuição de assentamentos por sorteio, conclui que esta é “uma tentativa de quebrar o monopólio dos grupos organizados, e quem sabe, pacificar o campo”. Portanto, é a organização que é mostrada, em última instância, como a responsável por todos os males. Na seqüência dessa matéria, dois meses depois, a revista publicou a capa diabolizando João Pedro Stédile,² denotando a nova forma de tratamento que revista queria imprimir ao movimento:

¹ Idem.

² “A esquerda com raiva” é a manchete da capa que traz uma fotografia de Stédile diabolizado. 3/6/1998.

Devido à persistência com que o MST se mantém fiel ao objetivo que o originou – a reforma agrária – a estratégia que prevaleceu e se mantém atualmente foi a satanização. Nela a revista procurou induzir os seus leitores a associarem os membros da entidade a párias sociais e seus objetivos a algo que não faz mais sentido nos dias de hoje. Mesmo nessa fase há momentos em que o atrelamento de *Veja* ao discurso do poder é mais evidente, como no uso da palavra baderna. Em outros momentos esta ligação surge de forma mais sutil como no uso de certos verbos introdutórios de opinião. Porém, em todas as fases, o discurso da notícia é cuidadosamente tratado. Nota-se, em alguns momentos a repetição exaustiva de palavras, expressões e mesmo períodos inteiros (...) no sentido de melhor fixá-lo na mente do receptor.¹

A manchete da matéria é quase auto-explicativa: “O QUE ELES QUEREM: os dirigentes do MST dizem que não querem só terra e falam em revolução e socialismo”.² Ou seja, agora *Veja* iria explicar, efetivamente, para a classe média que, enganada, apoiava o movimento, qual era a sua verdadeira face (por isso o Diabo na capa...). A longa matéria tem a finalidade de encaminhar para uma nova opinião pública, pois como disse o citado ministro Raul Jungman: “O MST conquistou o país após o episódio de Eldorado de Carajás”, mas agora, “a opinião pública, sobretudo a classe média, está ficando assustada”, reitera-se a sintonia entre governo e revista, apontando um “avanço” para a posição da classe média sobre a gravidade do “problema”.

É como problema mesmo que o MST é tratado. Após várias páginas em que busca mostrar uma “confusão ideológica” do movimento, inclusive citando documentos “em poder do governo”, sem esclarecer como teve acesso a eles, e citando um documento do movimento datado de 1991 para “provar” que ele era revolucionário e socialista. Denota-se uma rede de informações eficiente da revista. O “problema” é apontado mais uma vez para a organização, mas também para a suposta anacronia das “soluções”:

Sendo a reforma agrária uma questão meramente social e não agrícola, há uma multidão de pobres que prefere ir tentar a sorte no campo em vez de ficar inchando as favelas urbanas. O problema é a estratégia adotada por seus líderes. A cientista política Maria Hermínia Tavares de Almeida, da Universidade de São Paulo, analisou o texto *A Reforma Agrária Necessária*, uma das referências teóricas do MST. O texto traz uma proposta de reforma agrária e as medidas que o movimento considera fundamentais para a construção de uma nova sociedade. Na opinião da professora, os objetivos descritos no texto são absolutamente desejáveis: trabalho para todos, alimentação farta, justiça social, igualdade de direitos, entre outros. ‘É o reino dos céus na terra. Ninguém pode ser contra isso. O problema é a fórmula anacrônica que eles pregam para chegar aos objetivos’, afirma. Para Maria Hermínia, o MST defende um socialismo revolucionário fora de época, deslocado, inviável. ‘Falamos como se nada tivesse ocorrido no mundo nas últimas décadas. Fingem ignorar que esse modelo não deu certo em nenhum dos lugares em que foi implantado’.³

¹ SOUZA, op. cit. P. 99.

² O que eles querem. André Petry e Eduardo Oinegue. *Veja*. 3/6/1998.

³ Idem.

O problema da miséria aqui é referência de fundo. Os pobres miseráveis podem “preferir” ficar na cidade ou ir para o campo. Em qualquer opção, para *Veja*, sua atitude não pode vir a ser de organização de lutas. Após acusar ostensivamente o movimento de ser “ideológico”, a revista publica essa conclusão (a matéria se encerra assim), que assume a aparência de “verdade científica”. Todo o problema se resumiria ao fato de coisas supostas que “ocorreram nas últimas décadas”, que comprovariam a anacronia da proposta do movimento. Que coisas eram estas não foi dito, fica subentendido. Sem explicação, consolidando o senso comum, fica fácil a “comprovação” da inviabilidade da proposta. Mas, importante a ressalva inicial: ninguém é contra “o reino dos céus na terra”. Embora a revista aponte, ainda que vagamente, que o movimento tem uma proposta concreta para atingir seus objetivos, é como utopia (impossível de ser realizado) que ele deve ser consolidado.

Esta foi uma bandeira permanente e crescente de *Veja* nas últimas décadas. Seu alvo principal foi criar opinião pública contrária ao movimento, ao mesmo tempo em que apoiou as medidas governamentais, seja a forma de (não) fazer reforma agrária, seja a repressão. A principal repressão é tacitamente apoiada pela revista é a dos próprios fazendeiros e seus assassinos grupos paramilitares. A epígrafe deste tópico mostra a permanência dessa posição. Em 2004, sob o governo Lula, novos sem-terra foram assassinados e a revista deu a manchete: “novos mártires”, o que é sintomático da posição idêntica àquela de Raul Jungman, endossada por *Veja*: as mortes seriam incentivo para que o movimento ganhasse apoio popular. Por isso, concordamos plenamente com a posição de Gustavo Barreto, quando ele aponta os

Principais métodos da elite na disputa de hegemonia: 1. cooptação de lideranças dos movimentos sociais (oferta de cargos e facilidades, entre outras coisas); 2. Criminalização dos movimentos sociais por meio de notícias difamatórias 3. Personificação de seus líderes como forma de torná-los presas fáceis e, assim, começar uma campanha de desmoralização política; 4. Divisão interna dos movimentos sociais e da esquerda; 5. Repressão, quando “necessário”. Exemplo: quando “ameaça a democracia” (eufemismo para “desafia a hegemonia e o poder constituído”).¹

Estes elementos estão presentes na cobertura da *Veja* sobre os movimentos sociais, especialmente o MST. Com relação à cooptação, o que vemos não é a cooptação direta da revista, mas ela apontando para o fato de que o movimento seria cooptado pelo governo (seja via Incra, seja pelo seu “desejo de poder”). A criminalização está explícita, embora seus manifestantes sejam assassinados, os sem terra organizados é que são mostrados como os criminosos. Há uma busca de personalizar para facilitar o ataque: Stédile e José Rainha são os alvos principais, e com isso aponta para uma divisão no próprio movimento, e da esquerda de forma mais ampla. O apoio tácito e explícito à repressão é marca indelével da postura de *Veja* com relação ao movimento.

O que acontece quando o governo Lula assume, supostamente mais próximo ao MST. Essa é uma temática que requer um duplo estudo: o discurso de *Veja*, sempre e cada vez mais desqualificador, quase desesperado para manter o governo longe do movimento, em sintonia com os organismos da “classe produtora” (eufemismo que os grandes latifundiários usam para se auto-qualificarem); e a prática do governo que finge

¹ BARRETO, Gustavo. É preciso um esforço concentrado na estratégia de contra-hegemonia”, diz MST. Disponível em: www.piratininga.org.br, consultado em 20/12/2004.

atender às demandas do movimento estabelecendo uma relação de eliminar o combate do próprio movimento. Aqui nos ateremos à primeira discussão. Sobre a segunda diremos apenas que o governo Lula propiciou lucros astronômicos para o agronegócio exportador, e isso nos traz a necessidade de aprofundar a crítica de seu modelo econômico.

Segundo uma lógica discursiva muito peculiar, *Veja* vai trazendo seu texto que se quer jornalístico da forma que segue. A forma que o MST é (des)qualificado como um grupo que promoveria um “ritual de saques, vandalismo e invasões de propriedades privadas”. O problema estaria que o presidente Lula da Silva, candidato a reeleição teria incitado o movimento a manter suas “reivindicações” entre aspas pela própria revista. A própria reportagem traz o dado de que Roberto Rodrigues, seu ministro da Agricultura¹ estaria qualificando os atos do MST de vandalismo. Ou seja, o discurso de Lula da Silva teria um caráter muito mais de amenizar sua relação com o movimento e quem sabe angariar votos do que propriamente um apoio ao movimento, posto que quem tem decidido a política agrária é seu Ministério que por ele foi dado a um grande agronegociante para defender seus interesses e daqueles que representa. As ramificações das associações de sua classe são extremamente organizadas. Quem parece não poder se organizar no Brasil são os movimentos de trabalhadores, pelo menos é o que se depreende da leitura de *Veja*.

No meio desse imbróglio, se o leitor ficar confuso, *Veja* “esclarece”²: “a verdade é que os sem-terra estão cada vez mais distantes do que se pode chamar de movimento social – e, ao apoiar o MST, em vez de chamá-lo à responsabilidade, Lula mais uma vez chancelou o desrespeito ao estado de direito”. Nessas horas, momentos especiais, *Veja* se lembra do “estado de direito”, aludindo a uma vaga noção de democracia. Mais que isso, diz com todas as letras que “o aumento das invasões e dos roubos nos últimos anos está intrinsecamente ligado ao crescimento vertiginoso dos repasses governamentais ao MST”. Ou seja, o MST é criminalizado duas ou mais vezes: rouba, invade propriedade e certamente faria mal uso de um dinheiro de origem pública. Se houver alguma dúvida, ainda na introdução da matéria lemos: “tudo somado, isso significa, em bom português, que a administração petista apóia e financia a bandidagem”. Interessante observar que aqui a administração é mostrada como do PT e não dos partidos e conchavos que compõem o governo, inclusive o Roberto Rodrigues. Nesses momentos, a unidade é estabelecida na crítica: seria o PT o responsável por tais “descalabros”.

Sabemos que o que percebemos em *Veja* é parte de um todo muito mais amplo da mídia brasileira dominante no sentido de desqualificar os movimentos sociais no seu todo e criminalizar o MST no específico.³ Essa tem sido a tônica nos últimos 20 anos

¹ ROBERTO RODRIGUES: paulista, agrônomo, agropecuarista em SP e MG, produtor de soja, cana, laranja e pecuária de corte, diretor de fazendas, vice-presidente da Organização das cooperativas Brasileiras (OCB) de 1985 a 1991, vice presidente da Organização das Cooperativas Américas (OCA) e da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) de 1992 a 1995, secretário da Frente Ampla de Agropecuária Brasileira (Faab) de 1986 a 1991 e presidente da aliança Mundial de Cooperativas. Cfe MENDONÇA, op. Cit., p, 296. Sobre a organização do patronato rural na Argentina, ver ORTIZ.

² A construção do “sujeito *Veja*” é tema de discussão. Abordamos essa questão em: A Carta ao Leitor de *Veja*: um estudo histórico dos editoriais. Revista Brasileira de Comunicação, intercom, vl. 32, n.1 jan-jun/2009. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ojs-2.3.1-2/index.php/revistaintercom/article/viewFile/239/232>

³ SILVA, Carla. A retórica do “não há alternativas” como face da luta de classes: a revista *Veja* dos anos 1990. Lutas & Resistências. Londrina, n.3, v.2, p. 36-48, 2º sem. 2007. Disponível em: www.uel.br/gepal.

pelo menos de Veja. Isso nos indica que a revista assume um papel político, e esse papel representa uma série de sujeitos reais, concretos e que têm interesse de classe.

Por fim queríamos registrar a questão que fica como grande preocupação histórica: Veja segue criando consenso em torno dessas ideias. O fato de ter produzido um “especial” para disponibilizar em seu portal, que visa ser consultado por qualquer um, e certamente é muito visitado por estudantes e professores, é sintomático do quanto a revista tem uma preocupação altamente pedagógica. Quando estudantes buscam se informar sobre o MST, vão consultar a *Veja*, com muito maior probabilidade; não consultarão o jornal *Brasil de Fato*,¹ que é um jornal vinculado ao MST. Aliás, a forma com que a mídia trata o projeto educacional do movimento é um caso a parte que merece mais estudos. Porquê isso ocorre é fácil de entender, afinal, os recursos de todo o Grupo Abril estão voltados para a manutenção da revista. Suas ideias se ampliam e ressoam em todas as outras dezenas de revistas da Editora Abril (www.abril.com.br), nos seus canais de televisão ou nos livros didáticos escolares que suas editoras publicam e são comprados pelo Ministério da Educação que os distribui para as escolas de ensino fundamental e médio de todo o país.² Projetos “educacionais” como o “Educar para crescer”, que envolvem artistas da Rede Globo de Televisão, são formas de chegar nas escolas e formar consenso social sobre essa visão de mundo que está sendo criada: combater os movimentos sociais, chamá-los de bandidos e manter a dominação tal qual está. Esses são fios de uma meada que precisamos seguir investigando, mesmo que sintamos o estômago embrulhar ao fazê-lo.

Bibliografia:

ARBEX JR. *O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder*. SP, Casa Amarela, 2003.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história*. RJ, Edufrj, 2010.

MENDONÇA, Sônia Regina. *O patronato rural no Brasil Recente*. RJ, EdUFRJ, 2010.

NEVES, Lúcia M. W. (Org.) *Direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil*. SP, Xamã, 2010.

ORTIZ, Sebastián. *La patria terrateniente*. Buenos Aires, Continente, 2010.

SILVA, Carla. A construção do “sujeito Veja” é tema de discussão. Abordamos essa questão em: A Carta ao Leitor de Veja: um estudo histórico dos editoriais. *Revista Brasileira de Comunicação*, intercom, vl. 32, n.1 jan-jun/2009.

SILVA, Carla. A retórica do “não há alternativas” como face da luta de classes: a revista *Veja* dos anos 1990. *Lutas & Resistências*. Londrina, n.3, v.2, p. 36-48, 2º sem. 2007.

SILVA, Carla. Uma visão segmentada para uma dominação total: revistas semanais, projeto educativo e construção de hegemonia. ANTOGNAZZI, Irma e REDONDO, Nilda. *Que universidad necesitan los pueblos*. Rosário, Grupo de Trabajo hacer la historia, 2009.

¹ www.brasildefato.com.br.

² Discutimos isso em: SILVA, Carla. Uma visão segmentada para uma dominação total: revistas semanais, projeto educativo e construção de hegemonia. ANTOGNAZZI, Irma e REDONDO, Nilda. *Que universidad necesitan los pueblos*. Rosário, Grupo de Trabajo hacer la historia, 2009.

SILVA, Carla. *VEJA: o indispensável partido neoliberal. 1989-2002*. Cascavel, Edunioeste.

SOUZA, Eduardo Ferreira de. *O discurso de “VEJA” e o MST: do silêncio à satanização*. São Paulo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. PUCSP, 2001.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Unisinos. 2004.

A Editorial Vitória e a divulgação das ideias comunistas no Brasil, 1944-1964. Flamarion Maués¹

Vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB, Brazilian Communist Party)², a Editorial Vitória foi fundada em outubro de 1944 e atuou até o golpe civil-militar de 1º de Abril de 1964 no Brasil, quando deixou de operar em decorrência da repressão então desencadeada. A editora, que foi organizada em moldes empresariais, fazia parte de uma rede de órgãos de divulgação do partido, que incluía jornais, revistas, editoras e entidades culturais.

Tornou-se a mais importante editora vinculada aos comunistas no país, tendo lançado mais de uma centena de títulos, entre os quais destacam-se obras de Marx, Engels, Lenin e Stalin, além da coleção “Romance do Povo”, dirigida por Jorge Amado.

Neste artigo pretendo, fundamentalmente, apresentar um levantamento da produção editorial da Editorial Vitória em seus 20 anos de atuação. E, de forma muito breve, analisar as obras publicadas e o papel que podem ter desempenhado na divulgação das ideias comunistas no Brasil, seja no que diz respeito à relação do PCB com o movimento operário ou com setores intelectuais brasileiros, buscando compreender o lugar da editora na estratégia de atuação do partido naqueles anos.

Breve histórico

O surgimento da Editorial Vitória se relaciona com o período em que o PCB pôde atuar de forma legal, a partir de 27 de outubro de 1945 (DHBB). A legalidade durou menos de dois anos – até maio de 1947 – mas proporcionou condições para que o partido pudesse fortalecer-se e criar estruturas que se manteriam em atuação posteriormente.

“Durante seu período de atuação legal, o PCB dispôs de uma vasta rede de órgãos de divulgação, entre jornais, revistas, editoras e entidades culturais. Em 1946 o partido possuía oito jornais diários, alguns semanários e duas editoras. A Editorial Vitória tornou-se a editora oficial do partido a partir de 1946, embora se tivesse lançado no mercado ainda durante o Estado Novo, em 1944. Desde 1945 havia sido fundada também a Edições Horizonte e haviam começado a surgir novos jornais diários (...). Como órgão oficial máximo do partido reapareceu *A Classe Operária*” (DHBB).

O primeiro diretor da Editorial Vitória foi Leôncio Basbaum, então membro do Comitê Central do PCB e profissional do setor livreiro – era tradutor e atuava como

¹ Flamarion Maués é doutorando em História Social na Universidade de São Paulo, Brasil. Mestre pela mesma instituição com a dissertação “Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985): Negócio e política”. Foi coordenador editorial por 11 anos da Editora Fundação Perseu Abramo. Organizou os livros *Pela democracia, contra o arbítrio: A oposição democrática, do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já* (com Zilah Abramo), 2006; e *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX* (com Ricardo de Azevedo), 1997. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ex-bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian/Portugal. Email: flamaues@gmail.com ou flamaues@usp.br.

² O partido foi fundado em março de 1922 com o nome de Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCB. “A alteração do nome para Partido Comunista Brasileiro ocorreu durante a conferência nacional realizada em agosto de 1961, e teve como finalidade facilitar o registro eleitoral do partido e sua legalização.” “Partido Comunista Brasileiro” (verbete). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (DHBB). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas- CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC>>. Acesso em 15 May 2008.

diretor da empresa de seus irmãos (HALLEWELL, 1985: 420; BASBAUM, 1978.). Também foram diretores da Vitória Julio Furtado de Azevedo, David Medeiros Filho, Odete Nery Vasconcelos e José Augusto Simões Barros (PEREIRA, 2010: 102).

Ao ser fechada, logo após o golpe de 1964, a Vitória era dirigida por José Gutman e tinha também como diretores Ramiro Luchesi e Severino Mello (ALMEIDA et al., 2009: 95).

Como dito acima, a Vitória não era a única editora vinculada ao PCB nessa época, sendo importante destacar a Edições Horizonte, que acabou sendo incorporada à Vitória em 1948 (DHBB). É interessante lembrar que, além dos livros que editava, a Vitória (e também a Horizonte) atuavam como distribuidoras de livros publicados em Moscou pelas Ediciones en Lenguas Extranjeras, Nóvosti e Progreso (PEREIRA, 2010: 102).

Um pequeno trecho do texto publicado na orelha do livro *Fundamentos do marxismo-leninismo* (editado pela Vitória em 1962), dá uma boa ideia de algumas das preocupações da editora: “A peculiaridade deste manual consiste, precisamente, em que, de maneira sistematizada e didática, visando a grande massa de leitores, soube condensar e explicar as teses básicas do marxismo-leninismo [...] com notável simplicidade e sem sacrificar a riqueza e a profundidade características da obra de Marx, Engels e Lenin”. Constitui-se, assim, de acordo com os editores, em “excelente instrumento de iniciação no marxismo-leninismo”.

A título de ilustração do conceito que a Vitória gozava junto aos órgãos da polícia política, reproduzo trecho de documento da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS, Department of Political and Social Order), datado de 20 de novembro de 1964, que tratava de diligência realizada em 3 de abril de 1964 – ou seja, apenas dois dias após o golpe que derrubou João Goulart –, à qual se seguiu a interdição da editora. Nele se informava que: “A referida editora é o maior centro de difusão de obras marxistas, no Brasil, estando ainda vinculada ao PCB pela divulgação de informes que dizem respeito às suas atividades extremistas (...)” (*Apud* PEREIRA, 2010: 144–45).

De acordo com Israel Pedrosa, artista plástico que foi ativo colaborador da editora, a ação da editora “montava-se sobre duas vertentes: um mecanismo clandestino de produção e a permanente busca sobre possíveis formas legais de distribuição de seus livros”. Para isso, e utilizando seus fortes vínculos partidários, ligou-se a pequenos e médios livreiros e ao Sindicato de Editores e Livreiros, e “montou eficaz rede de distribuição de Norte a Sul do país (PEDROSA, 2009).

Levantamento da produção editorial da Vitória

Apresento a seguir, um levantamento de 179 obras publicadas pela Editorial Vitória, entre 1944 e 1964 (ver Tabela 1). Pelas dificuldades em localizar muitos livros editados pela Vitória, certamente este é ainda um levantamento parcial, com lacunas, mas também, pelo que tenho conhecimento, o mais completo publicado até hoje.

Destaco que realizei o levantamento, inicialmente, apenas a partir de pesquisas próprias, efetuadas via internet no Sistema de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – Dedalus (www.usp.br/sibi/), na Biblioteca Nacional (www.bn.br) e no Sistema de Bibliotecas da Unicamp - Base Acervus (<http://acervus.unicamp.br>). O catálogo da Unicamp, por conter as obras Arquivo Edgar Leuenroth, onde se encontram o Fundo Octavio Brandão (OB) e as Coleções Heitor Ferreira Lima (HFL), Paschoal Lemme (PL), Hermínio Sacchetta (HS) e CPDS (Luiz Darde), foi o que forneceu a maior parte das referências. Além disso, pesquisei ainda no portal eletrônico Estante Virtual (www.estantevirtual.com.br) e utilizei o *Catálogo de Livros do Fundo Partido Comunista Brasileiro* ([www.ifcs.ufrj.br/~amorj/arquivos/LIVROS %20PCB.DOC](http://www.ifcs.ufrj.br/~amorj/arquivos/LIVROS%20PCB.DOC)) e a

“Lista de livros apreendidos” pela polícia política no Rio de Janeiro publicada por Luciana Lombardo Costa Pereira (PEREIRA, 2010: 207-42).

Somente depois disso é que fiz um cotejo com os levantamentos de títulos publicados pela Vitória realizados por Edgar Carone (1986: 256-260) e Antonio Albino Canelas Rubim (1986: 160-165), ambos apresentados em 1986. Acrescentei, então, os títulos que estes dois autores haviam listado e que ainda não constavam do meu levantamento, tomando o cuidado de checar de forma cuidadosa tais informações. Assim, verifiquei que os levantamentos de Carone e Rubim, pioneiros e únicos até o momento, apresentam alguns títulos que não foram editados pela Editorial Vitória, mas sim por outras editoras¹. Além disso, há alguns títulos constantes daqueles levantamentos sobre os quais não consegui obter qualquer informação, de modo que não os incluí no levantamento que apresento em seguida².

Lista parcial de livros publicados pela Editorial Vitória (1944-1964)

O começo da editora, em 1944, se caracteriza pela edição de obras de caráter literário e voltadas para o combate ao nazismo, talvez como uma forma de sentir as reais possibilidades de atuação, num momento em que o PCB ainda estava na ilegalidade e Getúlio Vargas ocupava a presidência da República. Como salienta Leôncio Basbaum, “não havia ainda condições para editar livros que mencionassem Marx, Engels e muito menos Lenin e Stalin, e outros monstros do comunismo. Passamos a editar romances e livros clássicos (dois de Gorki) com o objetivo de criar uma *organização comercial* que nos permitisse, no futuro, lançar-nos a voos mais altos” (BASBAUM: 181).

1944

Alves, Oswaldo. *Uma luz na enseada* (romance).

Chase, Allan. *Falange: o exército secreto do eixo na América*. Tradução de Josué de Almeida. 296p.

Dantas, Raymundo Souza. *Sete palmos de terra*.

Dickens, Charles. *Contos de Natal*.

Ehrenburg, Ilya. *Morte ao invasor alemão*. 205p.

Ehrenburg, Ilya. *Treze cachimbos*. Tradução de David Medeiros. 292p. (Coleção Escritores Contemporâneos)

Gorki, Máximo. *O espião*.

Gorki, Máximo. *A mãe*. 348p.

Ilf, Ilya e Petrof, Eugene. *Aventura das doze cadeiras*. Romance. 342p.

Ilim, M. e Segal, E. *Como o homem se fez gigante*.

Ilim, M. *Preto no branco: história do livro e da iluminação*. 201p.

Hughes, Langston. *O imenso mar*. Autobiografia.

Tillier, Cláudio. *Meu Tio Benjamin*. 304p.

¹ Tal confusão se deve, ao menos em parte, ao fato de alguns anúncios da Editorial Vitória na revista *Problemas* mostrarem livros que não foram publicados por ela, mas sim por outras editoras, como Horizonte, Calvino e Edições do Povo.

² Alguns livros da Editorial Vitória podem ser encontrados em versão digital no site <www.marxists.org>. Por exemplo: Luiz Carlos Prestes, *Problemas Atuais da Democracia*, de 1947 (www.marxists.org/portugues/prestes/1947/democracia/prefacio.htm); V. I. Lênin, *O Socialismo e a Emancipação da Mulher*, de 1956 (www.marxists.org/portugues/tematica/livros/soc_eman_mulher/index.htm); Stalin, *Obras*, vols. 1 a 6, de 1954 (www.marxists.org/portugues/stalin/obras/index.htm#i5).

Tolstói, Leão. *Polikuchka*. Tradução de Henrique Cordeiro. 204p. (Coleção Grandes Mestres da Literatura)

A partir de 1945, com o encerramento da Segunda Guerra Mundial e as perspectivas do fim do governo varguista, ou seja, a possibilidade de instalação de um regime democrático, a Editorial Vitória passa a editar obras de evidente cunho político, e com vinculações ideológicas explícitas, tais como livros de Marx, Engels, Lenin, Dimitrof e Stalin, além de obras sobre a União Soviética. Mantém-se também com força a edição de obras literárias.

1945

Balzac, H. de. *Memórias de duas jovens casadas*. 401 p. (Coleção Grandes Mestres da Literatura).

Efimov, A. e Freiberg, N. *História da época do capitalismo industrial*. Tradução de Paim Júnior e Alina Paim.

Grossman, Vassili. *O povo é imortal*.

Lenin, V. I. *Dois táticas da social-democracia na revolução democrática*.

Lima, Pedro Motta. *Zamor*. Romance.

Partido Comunista da União Soviética. *História do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S.* 508p.

Shcheglov, A. V. (dir.). *Compêndio de história da filosofia*: [escrito por historiadores do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS]. Traduzido do espanhol por David Medeiros Filho. 261p.

Tolstói, Alexei *et al.* *A cultura soviética*. Tradução de Paim Junior. 250p.

1946

Ilim, M. *As montanhas e os homens*.

Dimitrof, Georgi. *A luta pela unidade da classe operária contra o fascismo*. Tradução de Alina Paim. 104p. (Coleção Clássicos do Marxismo).

Engels, Friedrich. *As guerras camponesas na Alemanha*. Tradução de B. A. Montenegro. 151p.

Lenin, V. I. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. Tradução de Paim Júnior e Alina Paim. 216p. (Coleção Unidade)

Lenin, V. I. *Um passo adiante, dois passos atrás*. Tradução de Alina Paim, Gilberto Paim. 254p. (Coleção Unidade)

Lenin, V. I. *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*. Traduzido por Aldenor Campos. 138p. (2ª ed. 1960).

Lenin, Vladimir Ilitch. *O Estado e a revolução: a doutrina marxista de Estado e as tarefas do proletariado na revolução*. Tradução de Regina Maria de Mello e Fausto Cupertino. 153p.

Luppol, Ivan Kapitonovich. *Diderot*. 340p.

Marx, Karl. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. (2ª ed. 1956). 108p. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura, v. XI).

Partido Comunista do Brasil. *Um ano de legalidade*. Coedição com Edições Horizonte.

Stalin. *O marxismo e o problema nacional e colonial*.

A partir de 1947, passam a ter mais destaque as edições de obras de autores brasileiros, como Monteiro Lobato, Luiz Carlos Prestes e Jorge Amado. Ao mesmo tempo, ganha força a edição de títulos soviéticos, de obras de Lenin e de Stalin.

1947

Amazonas, João e Prestes, Luiz Carlos. *Contra a cassação dos mandatos e pela defesa da economia nacional*.

Lenin, V. I. *A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la*. Tradução de Edison Carneiro.

Lenin, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Tradução de Laura Austregésilo. 165p.

Lenin, V. I. *O socialismo e a guerra*.

Lobato, Monteiro. *Zé Brasil*. Ilustrado por Percy Deanne. 26p. (5ª edição 1950)

Palmeira, Sinval. *Liberdade de ser comunista*. 48p. [Livreto com as razões de recurso dirigidas ao Supremo Tribunal Federal pelo Partido Comunista do Brasil, no processo de cassação de seu registro eleitoral.]

Prestes, Luiz Carlos. *Frente nacional para a salvação da pátria*: discurso pronunciado no Senado Federal na sessão de 5 de agosto de 1947.

Prestes, Luiz Carlos. *Problemas atuais da democracia*. Prefácio de Pedro Pomar. 519p.

1948

Jurandir, Dalcídio. *Biografia de Stalin* (resumida).

Karpinski, V. *A vida no campo na URSS*. Tradução de J. Maciel. 102p. (Coleção A Verdade sobre a URSS, v. 1)

Marighella, Carlos. *O estudante Marighella nas prisões do Estado Novo*.

Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 62p. (3ª ed. 1954; 4ª ed. 1960; 5ª ed. 1963) (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)

Prestes, Luiz Carlos. *Depoimento perante a Comissão de Inquérito sobre atos delituosos da ditadura*.

1949

Alexandrov, G. F.; Kruzhkov, V. S. e Chalov, P. N. *Stalin: Biografia*. 152p.

Fuchik, Julio. *Testamento sob a força*. Tradução de Lia Correa Dutra. 92p.

Instituto Marx-Engels-Lenin. *A biografia de Stalin*.

Lenin e Stalin. *Lenin, Stalin e a paz*.

Lyssenko, Trofim Denisovich. *A herança e sua variabilidade*. 182p. Em anexo: Uma discursão sobre biologia na URSS.

Segismundo, Fernando. *História popular da Revolução Praieira*. 106p.

Stalin. *O partido*.

Stalin. *Sobre o problema da China*.

Stalin. *A luta contra o trotskismo*.

1950

Carneiro, Edison. *Trajatória de Castro Alves (1847-1871): uma interpretação política*. 159p.

1951

Amado, Jorge. *O mundo da paz: União Soviética e democracias populares*. 402p.

Rosental, M. *O método dialético marxista*. 241p. (Coleção Estudos Filosóficos; v. 1)

Ramos, Graciliano. *Sete histórias verdadeiras*. [Com textos extraídos de *Histórias de Alexandre*].

Stalin, o porta bandeira da paz.

1952

Boldyriev, N. *A formação da moral comunista*. (Folheto)

Braga, Zora Seljan. *O livro de Fusílico: viagem ao rio Paraná: reportagem para crianças*. Decorado por Candido Portinari. 28p.
Fialho, Branca. *Viagem a União Soviética*. 76p.
Liu, Chao-Tsi. *A luta interna no partido*. 64p.
Stalin, J. *Obras (1901-1907)*. Volume 1.¹
Stalin, J. *Obras (1907-1913)*. Volume 2.

1953

Alambert, Zuleika. *Uma jovem brasileira na União Soviética*.
Campelo, Humberto Alves. *Um marítimo brasileiro na União Soviética*. 62p.
Em marcha para o comunismo: documentos do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. 112p.
PCUS. O 50º aniversário Partido Comunista da União Soviética. 24p.
Polevoi, Boris. *Um homem de verdade*. 389p. (Coleção Romances do Povo, vol. 1)
Stalin, J. V. *Problemas econômicos do socialismo na U.R.S.S.* 95p.

No período entre 1954 e 1956 verifica-se um forte incremento na produção da Editorial Vitória, com a edição de 51 títulos, ou seja, mais de um quarto da produção total dos 20 anos de atuação da editora foram concentrados nestes três anos. Um fator decisivo para este movimento, além das mudanças na situação política do país e na linha do partido, é o êxito da Coleção Romances do Povo². Iniciada em 1953, a coleção tem 19 volumes lançados entre 1954 e 1956.

1954

Castro, Ferreira de. *A lã e a neve*. 362p. (Coleção Romances do Povo, vol. 3)³
Ehremburg, Ilya. *A tempestade*. Vol. 1. Tradução de Guttorm Hansen. (Coleção Romances do Povo, vol. 8)
Ehremburg, Ilya. *A tempestade*. Vol. 2. Tradução de Guttorm Hansen. (Coleção Romances do Povo, vol. 9)
Federação de Mulheres do Brasil. *Atravessando as fronteiras da U.R.S.S.: entrevistas*. 173p.
Furmanov, Dmitri. *Tchapaiev*. Tradução de T. Oliveira. 316p. (Coleção Romances do Povo, vol. 6)
Kalinin, M. I. *A educação comunista: discursos e artigos escolhidos*. 323p.
Lenin, Vladimir Ilitch. *O programa agrário da social-democracia na primeira Revolução Russa de 1905-1907*. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
Marx, Karl. *Trabalho assalariado e capital*. (2. edição 1963). 54p. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
Mello, Olympio F. *25 Dias na URSS*.

¹ O lançamento desta obra foi anunciado como “A maior realização da indústria editorial brasileira” em publicidade na revista *Problemas*, nº 39, mar-abr. 1952.

² Sobre a Coleção Romances do Povo ver, entre outros, RUBIM. *Partido Comunista...*, op. cit.; RUBIM, “Marxismo...”, op. cit., p.305-382; e BARBOSA, Júlia Monnerat. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. Tese de doutorado em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

³ Sobre a edição de *A lã e a neve* na Coleção Romances do Povo, ver ALVES, Ricardo Antônio. “Bibliofilia e livros russos”: a propósito de *A lã e a neve*. Blog Ferreira de Castro, postado em 23/4/2007. Disponível em: < <http://ferreiradecastro.blogspot.com/search/label/Editorial%20Vit%C3%B3ria?max-results=20>>.

Nikolaieva, Galina. *A colheita*. Tradução de Ari de Andrade. 551p. (Coleção Romances do Povo, vol. 7)
Ostrovsky, Nikolay. *Assim foi temperado o aço*. Trad. Maria Delamare. 483p. (Coleção Romances do Povo, vol. 2)
Roumain, Jacques. *Donos do orvalho*. Tradução de Emmo Duarte. 226p. (Coleção Romances do Povo, vol. 5)
Siomuchkin, Tikhon. *O grande norte*. Tradução de James Amado. 583p. (Coleção Romances do Povo, vol. 4)
Stalin, J. *Obras (1917 – março a outubro)*. Volume 3.
Stalin, J. *Obras (1917-1920)*. Volume 4.
Stalin, J. *Obras (1921-1923)*. Volume 5.
Stalin, J. *Obras*. Volume 6.
Sternfeld, A. *O Vôo no Espaço Cósmico*. 167p. (2ª edição 1957) (Coletânea de Estudos Científicos)

1955

Academia de Ciências da U.R.S.S./Instituto de Filosofia. *Materialismo dialético*: (manual). 435p. (2ª ed. 1956). (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
Bek, Alexandr. *A estrada de Volokolamsk*. Tradução de Gilda Linhares e Ouvar Davet. 300p. (Coleção Romances do Povo, v. 13)
Cinquentenário da 1ª Revolução Russa. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
Fast, Howard. *A tragédia de Sacco e Vanzetti*. (Coleção Romances do Povo, v. 14)
Fast, Howard. *Espártaco*. Tradução de Tati de Moraes. 353p. (Coleção Romances do Povo, vol. 10)
Fédin, Konstantin. *Primeiras alegrias*. 405p. (Coleção Romances do Povo, vol. 15)
Grosz, Victor. *Polônia 1939*.
Instituto Marx-Engels-Lenin-Stalin. *V.I.Lênin: sua vida e sua obra*.
Lemme, Paschoal. *Educação na U.R.S.S.* (2ª edição 1956)
Lenin, V. I. *Obras escolhidas*. Vol. 1
Lenin, V. I. *Obras escolhidas*. Vol. 2
Marx, Karl. *Salário preço e lucro*. 78p. (3ª ed. 1963) (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
Paim, Alina. *A hora próxima*. (Coleção Romances do Povo, vol. 11)¹
Pavlenko, Piotr. *A felicidade*. Tradução de Ricardo Ramos e Antonio Bulhões. 333p. (Coleção Romances do Povo, v. 12)

1956

Ajaev, V. *Longe de Moscou*.
Amado, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. 9ª ed. 1956. 348p. (Coleção Novos Horizontes, v. 1). Editado anteriormente pela Livraria Martins.
Anand, Mulk Raj. *Coolie*. Tradução de Ouvar Davet. 354p. (Coleção Romances do Povo, v. 18)
Braunstein, E. E. *A albumina e a vida*. (Coletânea de Estudos Científicos)
Cholokhov, Mikhail. *Terra e sangue*. Tradução de Luiz Papi. 380p. (Coleção Romances do Povo, v. 20).

¹ Este romance da escritora sergipana Alina Paim, ativa colaboradora da Vitória na área da tradução, teria vendido somente em sua primeira tiragem, de 1955, 10 mil exemplares, e teria sido traduzido para o russo e o chinês. GILFRANCISCO. “A romancista Alina Paim”. Página eletrônica Kplus - A comunidade de Cultura na Internet Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=296&rv=Literatura>>.

Denis, Eugene [et al.]. *Que é o stalinismo?* 223p.
 Federação Internacional Sindical do Ensino [et al.]. *A educação norte-americana em crise*. Prefácio de Pachcoal Lemme. 280p.
 Lamaze, Fernand. *O parto sem dor*. 223p.
 Lenin, V. I. *O socialismo e a emancipação da mulher*. 98p. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura, v. 7)
 Makarenko, Anton Semionovitch. *O socialismo e a educação dos filhos*. Tradução de Regina Rocha Freire. 146p. (Coleção Biblioteca Pedagógica, v. 1)
 Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Obras escolhidas*. Vol. 1. (2ª edição em maio de 1961)
 Marx, Karl. *As lutas de classes na França: 1848-1850*. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
 Oparin, A. *A origem da vida*. 103p. (Coletânea de Estudos Científicos) (5ª edição 1963)
 Plekhanov, Gheorghii Valentinovitch. *Questões fundamentais do marxismo*. Trad. de João Batista de Lima e Silva. 197p. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
 Plekhanov, Gheorghii Valentinovitch. *A concepção materialista da história. O papel do individuo na história*. 162p. (2ª edição em novembro de 1963) (Coleção Biblioteca da Nova Cultura, vol. VIII)
 Rozental, Mark Moiseevich. *Da teoria marxista do conhecimento*. Trad. de Victor B. Linhares. 119p. (Coleção Biblioteca da Nova Cultura)
 Seghers, Anna. *Os mortos permanecem jovens*. Tradução de Maria Werneck de Castro. 541p. (Coleção Romances do Povo, v. 19)
 Serafimovitch, Alexandr. *A torrente de ferro*. Tradução de Glauce Rocha. 290p. (Coleção Romances do Povo, v. 16)
 Ting, Ling. *Sol sobre o rio Sangkan*. Tradução de Luiz Barreto de Sá. 332p. (Coleção Romances do Povo, v. 17)

Os anos de 1957 a 1959 parecem assinalar uma diminuição no ritmo de atuação da Vitória, inclusive com o fim da Coleção Romances do Povo. Se nos três anos anteriores haviam sido editados 51 títulos, nestes três anos o total é de apenas dez títulos. Tal desaceleração certamente deve-se, ao menos em parte, aos efeitos traumáticos da divulgação, em 1956, do Relatório do XX Congresso do PCUS sobre os crimes da era Stalin, que causou grande impacto no movimento comunista internacional e também no PCB.

1957

Ainda sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado. Preparado pelo Departamento Editorial do “Jin-Min-Ji-Pao” (“Diário do Povo” de Pequim). 65p.
 Fesekov, V. G. *ABC do sistema solar*. Tradução A. Fernandes. 1957. 1849p. (Coletânea de Estudos Científicos, nº 4)
 Guilherme, Olympio. *O Brasil e a era atômica*. 317p.
 Michulin, A. V. *História da antiguidade*. Tradução de Paschoal Lemme. 343p. (2ª edição em 1960; 3ª edição em junho de 1963)
 Papi, Luiz Francisco. *O arado branco: poemas*. 102p.

1958

Mark, Bernard. *O levante do Gueto de Varsóvia*. 250p.

1959

Jurandir, Dalcídio. *Linha do parque*. 549p.

Kruschiov, Nikita. *Sobre as cifras de controle de desenvolvimento da economia da URSS nos anos de 1959-1965*. 226p. (Coleção Documentos Políticos, v. 2)
Lemme, Paschoal. *Problemas brasileiros de educação*. 189p.
Prestes, Luiz Carlos. *A situação política e a luta por um governo nacionalista e democrático*. 74p. (Coleção Documentos Políticos, v. 1)

A partir de 1960, a Vitória retoma um ritmo mais intenso de edições, até o golpe de 1964, quando a editora foi fechada. Nesses quatro anos destacam-se as muitas obras soviéticas editadas, inclusive seis títulos assinados por Nikita Kruchev, principal líder da URSS na época.

1960

Campos, Geir. *Canto provisório*. 61p.
Da terra à lua: documentos soviéticos. Trad. e notas Freitas Cruz. 138p.
Efimov, Nikolai. *História moderna: da Santa Aliança (1815) até as vésperas da revolução de 1870*. Trad. Paschoal Lemme. 255p.
Facó, Rui. *Brasil século XX*.
Jukov, Vitor. *O que dará o Plano Setenal ao cidadão soviético*. 107p.
Kosminsky, E. A. *História da Idade Média*. Trad. e notas Paschoal Lemme. 278p. (2ª edição em julho de 1963)
Pedrosa, Milton. *Noite e esperança*.
Perelman, Y. I. *Brincando de matemática*. Traduzido por Mercedes Massera, da versão em espanhol. 178p.
Prestes, Luiz Carlos. *Por que os comunistas apoiam Lott e Jango*.
Samborsky, G. *União Soviética 1959/1965: pequeno guia informativo*. 114p.
Vladimirov, L. *A diplomacia do dólar: a guerra hispano norte-americana de 1898*. 330p.
Zverev, A. *Além do salário: o que recebem os trabalhadores na U.R.S.S.* 58 p.

1961

Academia de Ciências da URSS. *Manual de economia política*.
Bandeira, Beatriz. *Roteiro*. 69 p.
Gagárin. *O homem soviético no Cosmos*. Tradução de documentos publicados na imprensa soviética, por Freitas Cruz. 122 p.
Jvostov, V. M. e Zubok, L. I. *História contemporânea*. Trad. e notas do prof. Paschoal Lemme. 232 p. (2ª edição 1964)
Lenin, V. I. *O trabalho do Partido entre as massas: artigos e discursos*. Tradução de Fragmon Borges. 225p.
Lenin, Vladimir Ilich. *A aliança operário-camponesa*. Trad. Renato Guimaraes. 649p.
Lenin, Vladimir Ilich. *Sobre os sindicatos*. Trads. Armênio Guedes, Zuleika Alambert, Luis Fernando Cardoso. 351p.
Lucas, Renato Mazzi. *Anum branco e outros contos*. 234p.
Mao, Zedong. *Obras escolhidas*. Vol. 1.
Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Obras escolhidas*. Vol. 2.
Matos, Almir. *Cuba: a revolução na América*. 213p.
Niemeyer, Oscar. *Minha experiência em Brasília*. 87p.
Revunenkov, Vladimir Georgievich. *História dos tempos atuais: 1917-1957*. 293p.
Ripoll, Lila. *O coração descoberto*. Poesia.
Simon, Brian. *Escola secundária para todos* (Intelligence testing and the comprehensive school). Trad. do prof. Paschoal Lemme. 182 p.

Volkov, I. M. *et al. História do Partido Comunista da União Soviética*. Organizado por B. N. Ponomarion. Traduzido por Rui Facó, Josué Almeida e Almir Matos. 743p.

1962

Engels, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*.

Koslov, F. R. *Informe sôbre as modificações nos estatutos do PCUS*.

Kruschev, Nikita. *Informe sobre o programa do PCUS*.

Kuucinen, O. V. *et al. Fundamentos do marxismo-leninismo*.

Lima, Pedro Motta. *Fábrica da pedra (A vida de Delmiro Gouveia)*. Romance. 220p.

Pereira, Astrojildo. *Formação do PCB: 1922/1928: notas e documentos*. 145p.

Rumo ao comunismo (Trabalhos apresentados no XXII Congresso do PCUS). 469p.

Telles, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. 305p.

1963

Afanassiev, Victor Grigorievitch. *Filosofia marxista: compendio popular*. Traduzido por Mario Alves e Almir Matos. 401p.

Brasil, Jocelyn. *O pão o feijão e as forças ocultas: Primeiro livro de leitura popular*. 158p.

Kruschiov, Nikita. *O imperialismo, inimigo dos povos, inimigo da paz: trechos de entrevistas, informes e discursos pronunciados nos anos 1956/1963*. Traduzido por Maria Anunciada Cordeiro. 147p.

Kruschiov, Nikita. *O movimento de libertação nacional: trechos de entrevistas, informes e discursos pronunciados nos anos de 1956/1963*. 106p.

Kruschiov, Nikita. *O movimento revolucionário operário e comunista: trechos de entrevistas, informes e discursos pronunciados nos anos 1956/1963*. Traduzido por Luiz Gazzaneo. 138p.

Marx, Karl e Engels, Friedrich. *Obras escolhidas*. Vol. 3. Dezembro.

Prestes, Luiz Carlos *et al. As divergências no movimento comunista mundial: documentos*. 136p.

1964

Engels, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder.

Kruschiov, Nikita. *Impedir a guerra é a tarefa fundamental: trechos de entrevistas, informes e discursos pronunciados nos anos 1956/1963*. Traduzido por Renato Guimarães. 217p.

Kruschiov, Nikita. *Socialismo e comunismo: trechos de entrevistas, informes e discursos pronunciados nos anos de 1956/1963*. Traduzido por Laura Austregésilo. 213p.

Tabela 1 – Livros editados pela Editorial Vitória por ano:

Ano	Nº títulos editados
1944	14
1945	8
1946	11
1947	8
1948	5
1949	9
1950	1
1951	4
1952	6
1953	6
1954	18
1955	14
1956	19
1957	5
1958	1
1959	4
1960	12
1961	16
1962	8
1963	7
1964	3
Total	179

Tabela 2 – Autores mais publicados pela Editorial Vitória

Autor	Nº de títulos
Lenin	15
Stalin	12
Marx	8
Engels	7
Kruchev	7
Luiz Carlos Prestes	7
Ilya Ehreburg	4
Partido Comunista da URSS	2
Jorge Amado	2
Efimov	2
Howard Fast	2
Máximo Gorki	2
Instituto Marx-Engels-Lenin	2
Dalcídio Jurandir	2
Paschoal Lemme	2
Pedro Motta Lima	2
G. Plekhanov	2
M. Rosental	2

Algumas breves considerações

Dadas as dimensões deste artigo, desejo aqui apenas ressaltar o papel de destaque que a Editorial Vitória desempenhou na divulgação da literatura marxista e de esquerda no Brasil nos seus 20 anos de atuação, traduzindo e publicando no país, muitas vezes pela primeira vez, textos básicos e referenciais do pensamento marxista e do socialismo de linha soviética. Basta um simples passar de olhos pela lista de livros editados para perceber isso.

É certo que, em termos ideológicos, a linha editorial da Vitória foi totalmente marcada pela rigidez política e ideológica do período, com o predomínio absoluto do stalinismo no movimento comunista internacional até 1956, refletindo sem nuances tal orientação (ver Tabela 2). Após 1956, permaneceu sendo a divulgadora da linha política soviética, tendo editado toda uma série de títulos oriundos da URSS e de pensadores ligados a ela. Dentro desse projeto de atuação, a Vitória se preocupou também em trazer obras literárias que colocavam em primeiro plano os valores de uma nova sociedade a ser construída, o que pode ser visto de forma mais clara na coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado. Caracterizada pelo predomínio de títulos de autores soviéticos e vinculados ao realismo socialista, a edição das obras que compunham a coleção no país representou a possibilidade dos leitores brasileiros terem contato com um tipo de literatura que não era comumente editado aqui.

Os títulos de autores brasileiros – muitos deles de dirigentes do partido –, apesar de terem de respeitar as limitações ideológicas e estéticas esboçadas acima, certamente representaram o resultado de esforços e articulações no sentido de atrair e engajar intelectuais brasileiros, aproximando-os do campo de atuação do PCB. Isso se dava não só pela edição de obras de alguns desses intelectuais, mas pelo possível engajamento deles na seleção e edição das obras da Vitória, e também por meio de colaborações em traduções e na organização de volumes.

No que diz respeito ao movimento operário e social, não foi possível obter informações de maior vulto, o que nos leva a considerar que a Editorial Vitória desempenhou um papel de auxiliar na atuação do partido nesses setores, fornecendo material de formação e de apoio às lideranças e aos militantes sindicais mais próximos ao PCB, seja com a edição de livretos de caráter propagandístico e de agitação, seja com edições que se preocupavam com aspectos mais gerais da formação política, com a publicação de obras clássicas dos principais pensadores marxistas, e com títulos voltados para os grandes temas e questões internacionais. Todavia, há poucos livros voltados diretamente para as questões sindicais e organizativas, assim como há poucos títulos focados em análises e estudos da realidade brasileira¹.

Parece correto, então, considerar que as “[...] características básicas da atividade editorial do PC [eram]: concepção desta atividade como parte da propaganda do partido e a ela subordinada e prioridade da função ideológica sobre a econômica na atividade editorial” (RUBIM, 1986: 141).

¹ Sobre isso, é interessante a sugestão apresentada à direção do partido no documento “Resoluções gerais”, do PCB da Zona Sul (não é informado a qual cidade se refere), datado de novembro/dezembro de 1963: “Sugerir à Editora Vitória que estude a conveniência de editar livros de autores brasileiros atualizados”. Tal sugestão indica a preocupação por parte de setores da base do partido da necessidade de a editora do PCB dedicar mais atenção aos temas e autores nacionais contemporâneos. Departamento de Ordem Política e Social da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo DEOPS, Documento 50D-26-193, produzido pelo Ministério da Aeronáutica, Quarta Zona Aérea, Quartel General, 2ª Seção.

Para além destas características, cabe ressaltar que “[...] os comunistas empreenderam um trabalho editorial notável, especialmente se considerarmos a longa duração do projeto, o volume do material publicado e a quantidade de pessoas atingidas” (MOTTA, 2005: 365).

Assim, podemos concluir que a Editorial Vitória colocava-se em uma perspectiva de atuação totalmente vinculada aos objetivos, estratégias e táticas do PCB, servindo como instrumento do partido para divulgação e propaganda de seu ideário para um público amplo. De forma mais seletiva, interagiu também com simpatizantes e militantes, aos quais fornecia material de formação e debate.

Mas nos parece que o principal âmbito de atuação da Vitória era o de constituir-se, ao lado da imprensa partidária, como um canal privilegiado para a aproximação, contato, diálogo e intercâmbio do PCB com os meios intelectuais. Dadas as suas características, ou seja, a sua organização como empresa editorial da área cultural, proporcionava a interlocução mais próxima e colaborativa com o campo intelectual, que tinha na editora um canal de diálogo possível e mais fluente com setores ligados ao PCB, canal este que estaria mais próximo às suas aptidões e interesses profissionais.

Bibliografia

AGUIAR, Dynéas. *Sobre a luta interna: reorganização do PC do Brasil 1956-1962*. Centro de Documentação e Memória (CDM), Fundação Maurício Grabois. Disponível em: <<http://grabois.org.br>>.

ALMEIDA, Criméia A. S. De , et al. (orgs.) 2009. *Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. São Paulo, IEVE/Imprensa Oficial.

BASBAUM, L. 1978. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo, Alfa-Ômega.

BUONICORE, Augusto. *Comunistas, cultura e intelectuais entre os anos de 1940 e 1950*. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>.

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

CATÁLOGO de Periódicos: Revistas. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.ifcs.ufrj.br>.

“CRONOLOGIA – Partido Comunista do Brasil”. Centro de Documentação e Memória (CDM), Fundação Maurício Grabois. Disponível em: <<http://grabois.org.br>>

DHBB. “Partido Comunista Brasileiro” (verbete). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* (DHBB). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas- CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br>>.

“Editorial Vitória” (verbete). *Wikipedia*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>.

HALLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil (Sua história)*. São Paulo, T. A. Queiroz (2ª edição revista e ampliada foi lançada pela Edusp em 2005).

MAUÉS, Flamarion. 2006. *Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985): Negócio e política*. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), dissertação de mestrado.

MOTTA, R. P. S. 2006. “O diabo nas bibliotecas comunistas”. In: DUTRA, Eliana Freitas; MOLLIER, J.Y. (Org.). *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política*. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, v. 1, pp. 135-152.

MOTTA, R. P. S. 2005. “A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas”. In: ABREU, Márcia and SCHAPOCHNIK, Nelson. (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, v. 1,

p. 343-365.

PEDROSA, Israel. 2009. *Editorial Vitória, relato de uma experiência vivida*. Comunicação no II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, LIHED – Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil, Universidade Federal Fluminense, maio. Disponível em: <www.uff.br/>

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. 2010. *A lista negra dos livros vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

PORTAL Desaparecidos Políticos: <<http://www.desaparecidospoliticos.org.br/>>.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Partido Comunista, cultura e política cultural*. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.

Conflictos laborales e imagen: de la mirada institucional a la de intervención. El caso Sintel. *Isadora Guardia*¹

Al realizar una aproximación a la historia del cine es posible descubrir las numerosas ocasiones en las que éste ha atendido al mundo laboral mediante su representación. Sea a través de la ficción o del documental los cineastas se han preocupado de plasmar e incluso denunciar conflictos sociales y laborales durante el siglo XX (Monterde 1997).

Cabría diferenciar como punto de partida la manera en la que se ha producido esa aproximación a los conflictos, desde qué mirada y con qué objetivos se han organizado los diferentes textos fílmicos además de los modos de producción empleados.

La línea de investigación aquí propuesta, que forma parte de un proyecto más extenso, intenta abordar cómo el modo de producción y, sobre todo, la existencia de diferentes grados de intervención del film sobre la realidad puede modificar la mirada que se construye sobre un conflicto y cómo afecta en primer lugar a los propios protagonistas y, en segundo lugar, a los resultados del texto.

Los documentales elegidos se agrupan en torno a dos momentos históricos con semejantes temáticas. Como objeto de estudio principal atenderemos a los cuatro largometrajes documentales que representan el conflicto de los trabajadores de Sintel, filial de Telefónica (*El Efecto Iguazú*, Pere Joan Ventura, 2002; *La Mano Invisible*, Isadora Guardia, 2003; *Alzados del suelo*, Andrés Linares, 2004; *200 Km*, Discussió 14, 2004). Su lucha se recrudece en 2001 y es a partir de ese momento que surge la producción de éstos.

Por otra parte, analizamos un documental, principalmente de compilación, que se realiza en el año 2006: *Resistencia* de Lucinda Torre. Se trata de la lucha durante más de una década de los trabajadores de Duro Felguera, una fábrica de Asturias. Este documental, por sus propias características de producción, reutiliza imágenes de archivo, permite contemplar las diferencias entre la mirada institucional o dominante y la de intervención.

La aproximación a la producción militante durante la década de los 60 y 70 aparece necesaria para establecer una comparación intertextual que permita encontrar unas marcas estilísticas propias en este tipo de documentales. Además nos proporciona una mirada más amplia sobre estrategias de lucha y de represión que también se mantienen en el tiempo (*No se admite personal*, Luchetti, 1968; *O Todos o ninguno*, Colectivo de Cine de Clase, 1976; *A la Vuelta del Grito*, CCC, 1978; *Numax Presenta*, Joaquim Jordà, 1979).

A su vez, nos proponemos enmarcar el espacio de nuestra investigación realizando primero unas apreciaciones sobre definiciones tradicionales que afectan a este cine y que ayudarán a despejar dudas alrededor de algunos conceptos.

¹ Isadora Guardia Calvo (1974). Doctora en Comunicación Audiovisual por la Universitat de València (España). Profesora asociada en la Universitat de València. Documentalista. Trabajos más reseñables como directora: *El cielo que perdimos*, (2002) sobre conflicto armado en Colombia; *Así en la Tierra como en el Cielo*, (2002) sobre las primeras fosas del franquismo abiertas en democracia en España; *La Mano invisible*, (2003) sobre conflicto laboral trabajadores de Sintel; *La ciudad de los muertos*, (2007) sobre el tratamiento a los represaliados de la guerra civil en el cementerio de Valencia.

Hacia una definición de documental

Aun cuando es precisamente así como se origina el cine, como documental (Barnow 2005, Ellis y McLane 2005), en la mayor parte de la teoría e historia de la cinematografía ha sido reducido a una variación o segunda categoría, en una sinécdoque que toma la parte —la ficción— por el todo. Empujado a un segundo término, se ha aludido a él, o bien para postergarlo en un esquema cronológico basado en modelos de representación (Nichols 1997, Bruzzi 2006), o bien para reiniciar cada cierto tiempo un debate sobre su (im)posibilidad cuestionando todo conocimiento de la realidad, como ha ocurrido en los últimos años con la afirmación posmoderna de que todo es ficción o “fictivo” (Renov 1993). Durante mucho tiempo las grandes reflexiones y movimientos estéticos han dedicado sólo una pequeña parte al documental (Sadoul 1950, Bazin 2006, Casetti 1994, Gubern 2001).

Esta investigación, sin embargo, no se ocupa del lugar reservado al documental a lo largo de la historia, ni tampoco a su estudio desde las teorías cinematográficas, pero sí elabora, siendo ésta su tesis, una reflexión teórico-práctica sobre la concepción del documental de intervención como herramienta de transformación social y como obra cinematográfica, examinando también las posibles funciones sobre la realidad.

De esta forma, la investigación que desarrollamos pretende:

- Realizar un análisis fílmico de una serie de documentales que denominaremos de intervención y que tienen como punto de referencia la lucha de los trabajadores de Sintel. La producción de varios filmes sobre el mismo conflicto permite ampliar dicha investigación al poder establecer relaciones de semejanzas y diferencias entre los textos analizados. De estas relaciones, el objetivo consiste en identificar una serie de rasgos y elementos cinematográficos que según su ordenación y selección influyen en una mayor o menor intervención del documental sobre la realidad y permiten reelaborar algunos términos históricamente aplicados a estas prácticas cinematográficas, como el acuñado *militante*.
- Además, el análisis de cada film permite establecer una serie de marcas estilísticas propias surgidas de la relación del texto con la realidad. La comparación analítica con otros filmes (militantes) de misma temática, realizados en el periodo considerado de mayor auge de este cine en España (años 70), posibilita esclarecer si, además de tener una función instrumental, el documental de intervención puede considerarse una obra cinematográfica con perdurabilidad en el tiempo. La definición de un campo fílmico-semántico compartido por estos filmes a lo largo del tiempo y el espacio, otorgaría cuerpo formal a esta práctica más allá de su capacidad como herramienta.

Siguiendo a Guy Gauthier, encontramos mucho más cercana a nuestra postura la asunción del documental como *un modo de producción fílmico* (Gauthier 1995). Establecemos las diferencias más básicas respecto a la ficción en su relación con el espacio/tiempo histórico como referente, en la elaboración del rodaje según unas circunstancias ajenas a la planificación; y principalmente en el trabajo con un material considerado sensible en cuanto perteneciente a la vida real de las personas, de manera que aquello filmado sí repercute en la vida de sus protagonistas más allá del texto.¹ De

¹ “Cuando me sugirieron expresar ciertas reflexiones acerca del cine documental enseguida pensé en un replanteo: el cine documental tiene problemáticas y conflictos específicos, como género, como modo de representación de la realidad, en su forma de ser realizado y producido. Pero también —y sobre esto me interesa hacer hincapié— tiene alcances y desafíos a través de experiencias que podríamos llamar extracinematográficas. Realizar un documental es crear una verdad propia, establecer un nuevo modo de ver al mundo, crear un ordenamiento en el marco del caos cotidiano.” (Remedi 2008b).

esta manera es posible reconsiderar, no tanto las distintas definiciones del documental¹ y sus posibles métodos de relacionarse con la realidad, como la adscripción genérica a la que se le ha sometido.

El documental de intervención

Denominaremos documental de intervención aquel que aborda la realidad desde la conciencia de su existencia como agente que ejerce una mediación. La valoración del sujeto sobre el que se proyecta la mirada, también como agente, es lo que posibilita una mayor aproximación a la realidad al generar una mirada crítica y reflexiva producto del choque cognitivo entre ambos agentes (Habermas 1998).

Los trabajadores de San Nicolás vivieron un cambio profundo signado por jubilaciones forzadas y retiros voluntarios que afectó el desenvolvimiento psicológico del individuo, desencadenó conflictos familiares, generó una ruptura en los vínculos sociales de la comunidad.

El pueblo de San Nicolás protestó en las rutas, en la ciudad, en la fábrica. Pero como en ésta y otras oportunidades, el tratamiento de la situación social por un noticiero televisivo adquirió cierto carácter dramático e inexorable. Se presentó una situación en donde los propios protagonistas no eran capaces de revertir una decisión política, transformando la privatización en una tragedia de destino ineludible. Son relatos que carecen de voces que reflexionen sobre las verdaderas causas de los conflictos, voces que propongan caminos de solución. Y aquí es donde entra en escena el documental que asiste a la palabra, hace decible al trabajador que reflexiona y se organiza, cuya existencia es negada.

El fragmento rescatado de la reflexión sobre el documental que realiza el cineasta argentino Claudio Remedi (Remedi 2008a) marca las características propias de este film de intervención, puesto que pone de manifiesto las bases sobre las que instalar el debate y el análisis en torno a su hacer.

El documental de intervención se concibe como un espacio fuera del discurso oficial elaborado por los medios de comunicación dominantes (Gitlin 2003). Además, advierte del contexto en el que se ha desenvuelto de una manera histórica esta práctica cinematográfica y que no es otro que el de los conflictos sociales —en particular, los protagonizados por el movimiento obrero— con sus repercusiones personales y orígenes político-económicos.² Por último, el documental de intervención se considera un texto creado de la negociación entre las voces de los protagonistas —considerados sujetos históricos— y la voz del cineasta, que no oculta su participación.

El documental de intervención y el documental militante

Al establecer una definición de documental de intervención capaz de ejercer una función crítica, negamos la posibilidad de mantener como sinónimo de éste lo que

¹ John Grierson define por primera vez el documental como un “tratamiento creativo de la realidad” (Ellis y McLane 2005: 4, Francés 2003:19, Paredes 2008).

² El protagonismo de las movilizaciones obreras ya se hace evidente en el origen de la expresión “movimiento social”, acuñada en 1850 por el historiador alemán Lorenz von Stein como título eufemístico para su libro sobre las protestas laborales en Francia desde la revolución de 1789 (Pérez Ledesma 1994: 59).

tradicionalmente se ha llamado documental militante. Esta relectura del término nos remite a ordenar las diferentes formas —pioneras— con las que algunos cineastas, científicos, antropólogos, intervinieron en la realidad con el cinematógrafo. Estas miradas marcaron las diferentes líneas y acepciones con las que se ha ido denominando un cine documental preocupado por el mundo social, hasta la irrupción del término militante como máxima expresión de intervención en la década de los años sesenta y setenta principalmente.

Es en las llamadas *rupturas del 68* —entre otros teóricos, por Francesco Casetti— donde marcamos el punto de partida de nuestra revisión. Se trata del contexto en el que se materializa el documental denominado militante, como herramienta de lucha e intervención. A él nos remitiremos para realizar una nueva aproximación al concepto de militancia que consideramos necesario reubicar, no tanto por las diferencias del tiempo histórico en el que fue originado, sino por el uso erróneo que pensamos se le adjudicó desde su inicio.

Por otra parte, es precisamente en este contexto donde el debate acerca del origen del cine y su definición como aparato ideológico del Estado, según Althusser (Althusser 1970), se manifiesta de forma más evidente, siendo objeto de una relectura absoluta como la propuesta por el propio Jean-Luc Godard al proclamar en su manifiesto “¿Qué hacer?” que no había que realizar un cine político, sino hacer cine políticamente (Linares 1977: 63-65, Font 1976: 172).¹

Las prácticas cinematográficas llevadas a cabo sobre Vietnam, las protestas estudiantiles y el movimiento obrero, invaden la mirada de cineastas de tradición documental y originan tres lugares desde los que afrontar el carácter del cine y sus posibilidades revolucionarias.

La revista *Cinéthique* publicaba en 1969 una entrevista con Thibaudeau y Pleynet en la que se planteó lo siguiente: en lugar de preguntarse por qué se filma y cómo se hace, habría que preguntarse por los medios que se utilizan. La concepción de que el cine en sí mismo era ideológico por su concepción científica propia del siglo XV, suponía que la realidad no podía registrarse como tal sino que ésta desde el mismo instante de la filmación era reestructurada por un código figurativo que excluía “todo lo que no cabe en un sistema formado por un punto central y unas líneas de fuga” (Casetti 1994: 207 ss.).

Desde la revista se distinguió entre un tipo de cine que perpetuaba la ilusión realista como continuación de la vida; y otro capaz de presentarse como lo que era, un conjunto de imágenes y sonidos que mostraba los materiales y los procesos de producción en los que se apoyaba. Sólo un cine materialista y dialéctico podía ejercer una función política y revolucionaria aunque se mantuvo la idea de concebir el cine ante todo como una ideología.

La revista *Cahiers du Cinéma* publicó varios textos de Jean-Louis Comolli y Jean Narboni en los que se reconocía que el film era un producto fabricado en un sistema económico concreto determinado por la ideología del mismo, que lo compraba y lo vendía (Comolli y Narboni 1969). La ideología capitalista impregnaba, según ellos, el universo y ofrecía una visión de él determinada, en lugar de poder captarlo tal cual era. Esta concepción un poco más cercana a la propuesta por Fernando Birri en Argentina, planteaba la posibilidad de descubrir la ideología a través de su propio mecanismo. Los elementos de los que se componen los filmes podían reproducir el

¹ El título del manifiesto de Godard es una obvia paráfrasis del famoso texto de Lenin, algo muy habitual en los círculos izquierdistas de la época.

discurso ideológico general, pero también podían desvelarse a sí mismos. Esta idea de volver el film contra sí mismo, es la base —desde nuestra investigación— de su función crítica, que permite poner en evidencia la ideología como apariencia socialmente necesaria (Adorno 1992).

Finalmente la revista *La nouvelle critique* propuso una nueva forma de ver el problema. Jean Patrik Lebel escribió una serie de artículos que sostenían que el valor ideológico de un filme no dependía ni del funcionamiento de su aparato básico, ni de las posibles puestas en escena. La función del director como sujeto que se sirve del medio y de los elementos, era la única capaz de suscitar las reacciones apropiadas en el público. La propuesta de Lebel, era que el cine era únicamente un instrumento que no reproducía por sí mismo ninguna ideología, se trataba de un mecanismo neutro que dependía del uso que de él se hiciese (Casetti 1994: 220-224).

Estas reflexiones tuvieron su alcance en el cine militante que se realizaba en España y que afectó al quehacer de algunos colectivos como el Colectivo de Cine de Clase.

Análisis fílmico: mirada de intervención frente a mirada institucional

Esta ordenación de imágenes de los distintos documentales elegidos para su análisis (Figura 1) no conforma sólo un *collage*, sino que es la prueba de que la realidad es accesible cinematográficamente. El documental de intervención se propone como una obra que permite, no sólo aproximarse a lo real, sino que hace posible la capacidad de actuar sobre ello.

Figura 1





Esta propuesta visual evidencia, a través de diferentes momentos en el tiempo, cómo existe una lógica que lleva a que los acontecimientos, en este caso conflictos laborales, mantengan unas pautas que demuestran que los hechos no son impredecibles e inexorables, sino que obedecen a unas estrategias determinadas. Los trabajadores, como protagonistas de estos conflictos, son sujetos con capacidad de acción que se rebelan ante aquello planteado como destino.

El documental de intervención debe ocupar un espacio propio que permita hacer visible y audible la reivindicación de una realidad que es presentada y apropiada por los medios de comunicación oficiales como verdad absoluta.

Esta secuenciación visual muestra el orden en el que se producen los acontecimientos en cada uno de los documentales y que reconstruimos en uno solo para probar la existencia de aquellos al margen de la cámara.

En un primer lugar mostramos la producción de las empresas y fábricas en las que irrumpe el poder político y financiero, con el respaldo de los sindicatos mayoritarios, para realizar diferentes negocios que van encaminados a conseguir un mayor beneficio. Es entonces cuando comienzan las asambleas y los discursos que defienden un sacrificio por el bien común. Los trabajadores inician un camino que ya no tendrá retorno y que dependerá de su capacidad organizativa para mantenerse en el tiempo, e incluso, salvar lo amenazado. La última imagen de esta primera parte del foto-documental nos sirve para plantear el lugar de la mirada como una característica necesaria del documental de intervención.

La imagen de la mujer que increpa con el rostro desencajado a otro rostro —en este caso oculto y anónimo que es llevado allí por los poderes que instantes antes todavía pedían la confianza de los trabajadores— está realizada desde el lado de las fuerzas del orden (Figura 2). Se trata de una imagen de archivo en el film *Resistencia* (Lucinda Torre, 2006) que no corresponde a lo filmado por la cineasta.

Figura 2



El lugar desde donde se realiza la filmación es el que ocupan los medios oficiales cuando registran un conflicto. Esto origina la reflexión sobre el control del punto de vista. El del operador de cámara permite observar el dolor y la desesperación, el daño que se produce a los trabajadores y sus familias, pero sin embargo, dicha mirada no le pertenece, sino que es propiedad del medio de comunicación. El film de intervención se erige garante de la recuperación de la imagen, evidente en sí misma, y al mismo tiempo evidencia el control del espacio sobre la mirada que no es libre si se encuentra de un lado determinado.

La intervención se produce cuando se ocupa el lugar desde el que es posible encuadrar aquello que se pretende ocultar. La prueba se da en el film *La batalla de Chile* (Patricio Guzmán, 1975-1979) cuando un cámara filma su propia muerte por la acción de mirar donde no debe.

Figura 3



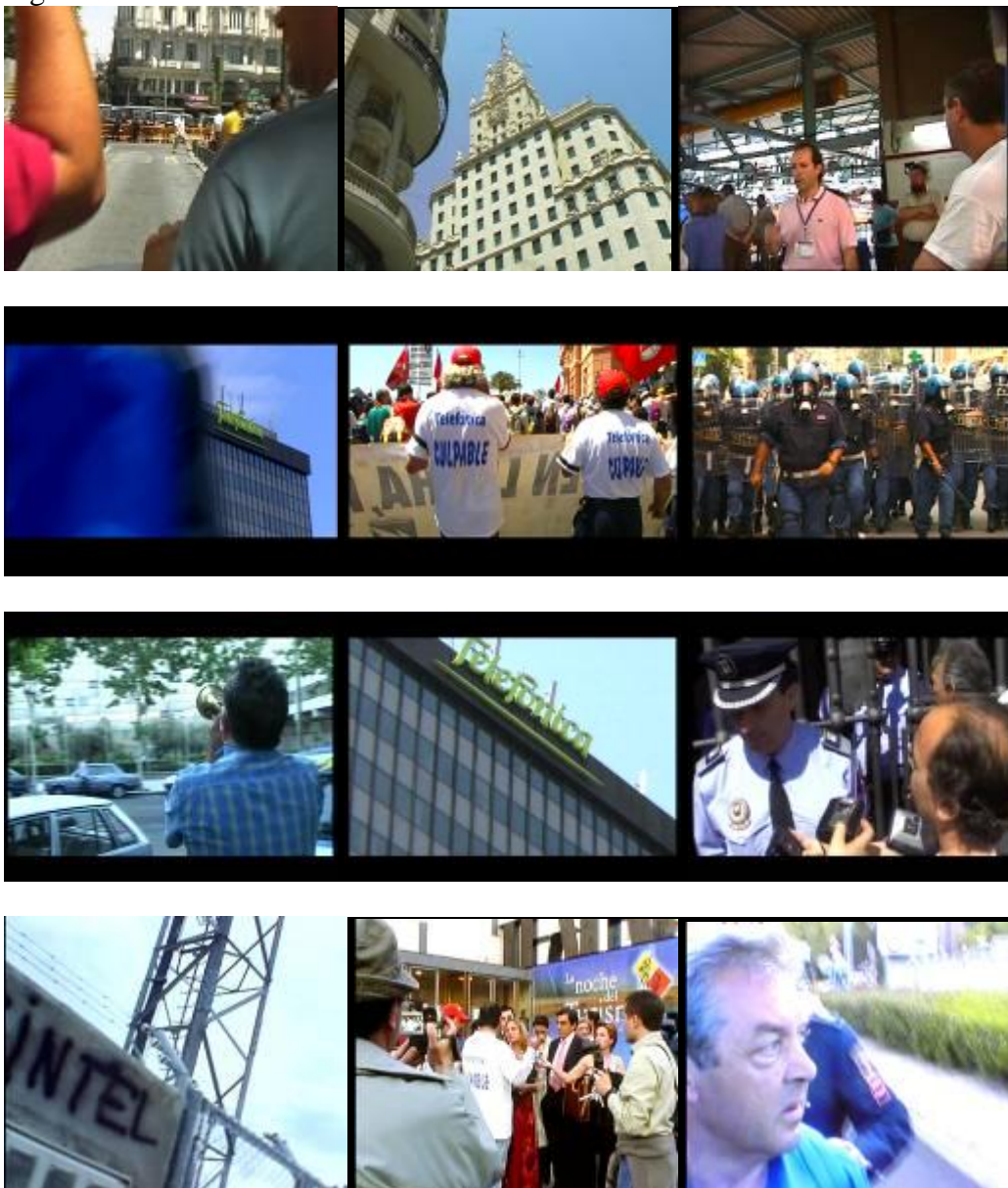
Esta relación, entre la mirada y el espacio y la función de intervención, la entendieron los trabajadores de Sintel cuando en una de sus concentraciones incorporaron una pancarta que afirmaba que la muerte del operador de cámara José Couso había sido un asesinato (*La Mano Invisible*, Isadora Guardia, 2003). La diferencia consiste en estar delante o detrás del fusil (Figura 3).

El documental de intervención se encuentra en un terreno en el que debe equilibrar muy concienzudamente la relación entre el ojo (la cámara) y lo mirado (la realidad). Quedarse en el primer estadio lo llevaría a generar una estética que podría tener que ver o no con aquello que se observa, pero que en ningún caso sería una relación necesaria y dialéctica. Por otra parte, deslizarse hacia el segundo elemento, el análisis de la realidad, lo llevaría a ocupar el espacio de otras disciplinas como la sociología o la economía.

Gracias al análisis efectuado sobre los diferentes filmes podemos establecer un lugar de la mirada relacionado explícitamente con el espacio de la realidad sobre la que se interviene y las limitaciones físicas que supone.

Esta serie de cuatro líneas de fotogramas (Figura 4) ha sido extraída respectivamente de *La Mano Invisible* (Isadora Guardia, 2003), *El Efecto Iguazú* (Pere Joan Ventura, 2002), *Alzados del Suelo* (Andrés Linares, 2004) y *200 Km* (Discussió 14, 2004).

Figura 4



Establecemos este primer bloque ya que comparten el mismo conflicto, la lucha de los trabajadores de Sintel, y es posible encontrar planos prácticamente idénticos sobre algunos espacios concretos. La representación del poder económico se realiza desde un contrapicado que advierte de la imposibilidad de la cámara no oficial a situarse en el lugar reservado a lo institucionalizado. También se produce desde el lugar de los trabajadores, hombro con hombro, altura que permite una perspectiva en la que, de manera constante, un obstáculo en forma de edificio o agente del orden impide el paso a los protagonistas.

Estas limitaciones reales van conformando una estética propia que acaba por revelarse consciente para el cineasta, de manera que no sólo encuadra según sus posibilidades, sino que pretende generar sentido con la composición del plano. Un mono azul que deja ver al fondo la inmensidad del edificio de Telefónica, una pintada en la base de una torre que, aunque producida por él, no pertenece al trabajador, etc.

La investigación nos llevó a preguntarnos si estas marcas podían ser semejantes a causa de compartir un mismo espacio/tiempo histórico —en el que se desarrolla el conflicto—, o bien se mantenían en otros lugares y luchas. El resultado del análisis de otros textos nos ha permitido confirmar que las marcas estéticas son propias de la mirada de intervención —que evidentemente tiene más o menos restricciones según la situación política en la que se contextualiza—, pero que corresponde a criterios de incorporación del cineasta a la realidad. La primera prueba la encontramos dentro del film *El Efecto Iguazú* cuando se desplaza hasta Génova¹, donde se reproduce la misma estrategia policial y política que devuelve de nuevo a la cámara a situarse “frente al fusil”. Considerada un elemento amenazador es confinada dentro del grupo con el que ha llegado, los trabajadores. Pero existe también la posibilidad de garantizar una mirada, en origen de intervención, pero aprehendida por el sistema desde su poder mediático.

Figura 5



Estos fotogramas (Figura 5) pertenecientes al film *Resistencia* (Lucinda Torre, 2006) nos remiten a la reflexión producida arriba. La mirada de intervención de un cineasta o un cámara puede adquirir un uso contrario al del documental cuando no pertenece al sujeto, sino que éste debe desprenderse de su punto de vista para que el medio oficial para el que trabaja, o bien, lo oculte, o sólo muestre una parte que termina por perjudicar a los protagonistas. En este caso, la cineasta ejerció su mirada interventora sobre un tiempo pasado, de manera que fue capaz de otorgar el lugar que le correspondía dentro de la representación del conflicto a dichas imágenes, que en el

¹ El documental registra diferentes imágenes de los trabajadores de Sintel en las manifestaciones antiglobalización que se llevaron a cabo en Génova en 2001 y en las que un joven fue asesinado por las fuerzas del orden.

caso de la primera podría servir perfectamente de titular en un telediario para acusar de violentos a los trabajadores, aun habiendo sido practicada la mirada junto a ellos.

El salto que realizamos en el tiempo para adentrarnos en un periodo del documental en el que todavía respiraba el franquismo nos ha permitido mantener la tesis formulada.

Figura 6



Estas imágenes (Figura 6) pertenecen a *O Todos o Ninguno* (Colectivo de Cine de Clase, 1976). En ellas, la mirada sobre el espacio se mantiene con una misma estética menos en el caso de la última figura. El plano aquí se realiza desde un ángulo picado y alejado de la acción. Esta diferencia, que favorece una relación de semejanza con la obra pictórica de Joan Genovés y con la práctica de la fotografía periodística, entronca con la ejemplificación anteriormente citada del film de Guzmán sobre Chile. La situación de dictadura militar pone en peligro la mirada de intervención hasta el punto de ocasionar la muerte. En el caso del film del Colectivo de Cine de Clase, la realidad de la situación obliga a protegerse y esto genera una estética propia de un periodo histórico.

Aquí radica una de las diferencias más esenciales respecto a la ficción. La relación entre el cine y la realidad no puede darse de otra forma que no sea la de una relación dialéctica entre ambas. El cine de ficción pretende, en ocasiones, acercarse a esta relación con movimientos como el neorrealismo, pero su método de producción difiere desde la misma base, en esta relación en la que la realidad es sólo un referente.

Esta conclusión se ve materializada en los dos filmes que nos quedan por exponer y que relacionamos con aquellos que sirven de comparación. La mirada de intervención y su relación con el espacio varía cuando éste es conquistado allá donde anteriormente no se podía acceder. Esto produce un cambio tanto en la angulación como en el encuadre:

Figura 7



La posibilidad de acceder al lugar del que el trabajador ha sido desposeído se realiza en distintos grados según la realidad (Figura 7). El primer fotograma, del film *A la Vuelta*

del Grito (Colectivo de Cine de Clase, 1978), indica el momento todavía de resistencia. La mirada se produce desde dentro de la fábrica y en un picado que permite encuadrar el angosto del lugar. La comida —momento que se repite en la mayoría de filmes— es el tiempo de la reflexión sobre el futuro. La fábrica está en manos muertas y los trabajadores, con su presencia, procuran que no desaparezca.

El segundo fotograma pertenece a *Numax Presenta* (Joaquim Jordà, 1979-1981). En él, la cámara tiene una mayor autonomía que permite al cineasta la recreación de instantes anteriores al proceso que ahora se escribe. Los trabajadores han reconquistado el espacio, la autogestión produce otros conflictos que atiende el film y lo hace desde la posibilidad de ocupar los espacios como haría una mirada institucionalizada. Ángulo picado, la cámara en el interior, los trabajadores en el exterior, como si aquella fuese el patrón, pero no lo es. La acción de su mirada se produce para analizar el proceso formulado en voz de los trabajadores.

Por último, el fotograma de *La Mano Invisible* (Isadora Guardia, 2003). La accesibilidad al lugar es posible cuando ya no queda nada. La huella de la batalla queda inscrita en las paredes, en las que las pintadas permanecen rebelándose ante la realidad de los hechos. La cámara interviene para mostrar la dificultad de los trabajadores. Cuando ya no queda nada que defender, la lucha se torna agónica. Pero la labor de la cámara es permanecer cuando nadie lo hace, no como un simple acompañamiento, sino para proyectar a los trabajadores contra sí mismos en un ejercicio de reflexividad.

Figura 8



El fotograma anterior (Figura 8), perteneciente a *No se admite personal* (Antoni Lucchetti y Joan Corominas, 1968) nos posibilita, de nuevo, probar la relación entre la mirada y el espacio en una situación de intervención. Un paso más allá del último fotograma citado, la ruina en Sintel, todavía queda realidad que abordar. El actor no profesional que interpreta a los trabajadores en paro permanente, disgregados y enfrentados entre sí por la supervivencia, es una prueba de cómo la intervención sobre la realidad puede sobrepasar las posibilidades reales de los protagonistas para ser mirados. El miedo y la situación real de ilegalidad obligan a tal alejamiento que se recurre al hecho ficcionado.

Figura 9



Esta pequeña composición (Figura 9) prueba las diferentes estrategias que los trabajadores llevan a cabo para hacerse oír y ver. La mayoría de ellas inician caminos de ida y vuelta entre los documentales, ya que prácticamente todas son utilizadas en los diferentes conflictos a lo largo del tiempo. La cámara acompaña en las marchas, huelgas de hambre, encierros y barricadas cuando la mirada oficial ya ha desviado la atención hacia otro lugar. Como hemos representado en el primer bloque de este fotodocumental, los medios ofrecen cobertura a los sindicatos mayoritarios y sus responsables pero no a los trabajadores, que quedan relegados a expresar unos breves enunciados sobre el drama humano que padecen sin solución.

Es precisamente en este instante cuando podemos elaborar las conclusiones sobre la voz en el documental de intervención. Dicha voz se entiende global como resultado de la selección de voces que el cineasta decide incorporar para la elaboración de una narración y discurso determinados. Básicamente establecemos dos perspectivas que compartimos con la etnografía y que posibilitan diferenciar las funciones del texto.

Un mayor predominio de la perspectiva *etic* elabora de manera más sistematizada un discurso que el cineasta pretende hacer prevalecer en el texto. El caso de *Alzados del Suelo* nos confirma esta afirmación al observar cómo es el documental

en el que mayor cantidad de planos se realizan cenitales y generales mientras la narración de una voz ajena al conflicto, la de un actor, desvela situaciones, enumera datos y relata en tono épico.

Figura 10



Esta distancia marcada desde el plano verbal y visual se confirma en los títulos que enumeran una serie de despidos que se producen en la empresa antes de que el film aborde el conflicto (Figura 10). Las declaraciones hechas por el representante máximo de los trabajadores, Adolfo Jiménez, son contrarias a estos datos, que sí son ciertos como parte de una serie de expedientes de regulación que la empresa intentó llevar a cabo en ese periodo (1996-2000), pero que afirma el trabajador fueron abortados por ellos mismos. El plano demuestra el predominio de la perspectiva *etic* que puede ocasionar estos desajustes en la información. Si el cineasta hubiese preguntado a los trabajadores hubiese sabido que esos datos no eran del todo correctos, sino que correspondían a aquello oficial que emiten medios e instituciones. La voz del plano es la voz del cineasta que, conforme al discurso que pretende elaborar —que en ningún caso es contrario al de los trabajadores— se aleja al no contrastar el material con la voz de los protagonistas.

El caso contrario, con un predominio de la perspectiva *emic*, se produce en *El Efecto Iguazú*. Un hecho que no tiene lugar y que en el tiempo de la postproducción es “inventado” produce un recuerdo en el trabajador que es aquello que él desea, pero que en realidad no ha sucedido.

Figura 11



Estas imágenes (Figura 11) corresponden al momento de la votación del acuerdo en agosto de 2001. La alternancia de cámaras domésticas y las propias del film ya advierte de la incorporación de una mirada propia de los trabajadores, pero además, en este instante se produce la marca que hace predominar lo *emic*.

El sonido de la acción de levantar los brazos es recordado por el trabajador Valeriano Aragonés como algo tremendamente emocionante. Símbolo de la unidad, el roce de lo que él llama “los chaquetones” contra el cuerpo queda resuelto en la imagen. No hay chaquetones, es tres de agosto, y el leve roce que pueden hacer los brazos no produce en ningún caso el ruido que el film deja sentir contra un silencio absoluto en ambiente. El efecto amplificado de roce responde a la voz de los trabajadores, es el símbolo de su fuerza, que en este film se presenta total y por ello, en la realidad, consiguen llegar hasta este acuerdo.

La voz en este documental carece de narración ajena y se produce con un predominio del estilo directo en el que la cámara registra las acciones cotidianas y reivindicativas.

Sin embargo la estrategia empleada en las entrevistas difiere de la utilizada en filmes como *La Mano Invisible* y *Alzados del suelo*. Cuando la entrevista supone la interrupción del tiempo real al necesitar de una mínima puesta en escena, se impone la voz del cineasta que hace que los protagonistas se plieguen a sus necesidades técnicas y estéticas. Esto también ocurre en *Resistencia* y es, en este caso, por cierta condición de documental histórico que adquiere el film al proyectarse sobre un tiempo pasado.

Cuando la entrevista se desliza hacia la inmediatez, incluso la conversación, en la que es posible que sea el trabajador el que se aproxime a la cámara y no al contrario, el predominio de la voz de los protagonistas es evidente.

Figura 12



Esta composición (Figura 12) está realizada con fotogramas de los cuatro filmes sobre Sintel y *Resistencia*. La relación entre la cámara y la voz marca el lugar desde donde se emite aquello enunciado.

El equilibrio entre ambas perspectivas, el espacio en el que es posible armonizar la voz del cineasta y la de los protagonistas, se consigue mediante la utilización de un dispositivo concreto. El montaje analítico.

El montaje puede estar al servicio del relato con una mera función de ensamblaje, puede dotar de continuidad espacial y temporal a aquello narrado, puede establecer relaciones simbólicas, pero también puede hacer surgir la realidad entre el lugar desde donde habla y mira el trabajador y el lugar desde donde ejerce su visión y voz el cineasta. Este espacio que hay que construir es el terreno del documental de intervención, el que debe trabajar para poder aproximarse en mayor medida a la realidad.

Figura 13



Esta secuencia de *La Mano Invisible* ejemplifica el montaje analítico (Figura 13). Un espacio real y compartido en el que se suceden actos aparentemente no relacionados y que son compartidos en el mirar por trabajadores y documentalista. En un acto de campaña electoral en Madrid (2003) dos acciones se yuxtaponen mediante el montaje. La caída de la niña y la irrupción de la candidata tiene el objetivo de hacer visible una parte de la realidad oculta, el terreno en el que la ideología elabora sus estrategias de ilusión.

El documental de intervención debe romper el sentido ilusorio de las cosas y los actos para permitir el acceso a la realidad. Una vez alcanzado esto puede imbuirse en la voz de los protagonistas para proyectarla contra sí misma y generar acción.

Bibliografía

- Adorno, T. W. 1992, *Dialéctica negativa*, Madrid, Taurus, 1992
- Althusser, A., 1970, "Ideología y aparatos ideológicos del Estado" en www.infoamerica.org/
- Barnouw, E. 2005, *El documental. Historia y estilo*, Barcelona, Gedisa
- Bazin, A. 2006, *¿Qué es el cine?*, Madrid, Rialp
- Bruzzi, S. 2006, *New Documentary*, Londres, Routledge
- Casetti, F. 1994, *Teorías del cine*, Madrid, Cátedra
- Comolli, J. L. y Narboni, J. 1969, "Cinéma/Idéologie/Critique" en *Cahiers du Cinéma*, nº 216, 1969 (reproducido en VVAA 2008, "Mayo 68. Cuarenta años", *Cahiers du Cinéma (España)*, nº 11)
- Ellis, J. C. y McLane, B. A. 2005, *A New History of Documentary Film*, Nueva York, Continuum
- Font, R. ed. 1976, *Jean-Luc Godard y el grupo Dziga Vertov: Un nuevo cine político*, Barcelona, Anagrama
- Francés, M. 2003, *La producción de documentales en la era digital*, Madrid, Cátedra
- Gauthier, G. 1995, *Le documentaire, un autre cinéma*, París, Nathan
- Gitlin, T. 2003, *The Whole World Is Watching. Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left*, Berkeley-Los Ángeles-Londres, University of California Press

- Gubern, R. 2001, *Historia del cine*, Barcelona, Lumen
- Habermas, J. 1998, *Teoría de la acción comunicativa*, Madrid, Taurus, 2 vols.
- Linares, A. 1977, *El cine militante*, Madrid, Castellote editores
- Monterde, J. E. 1997, *La imagen negada: Representaciones de la clase trabajadora en el cine*, Valencia, Filmoteca Generalitat Valenciana
- Nichols, B. 1997, *La representación de la realidad*, Barcelona, Paidós
- Paredes, I. et al. 2008, *Encuentros con lo real. Cine documental británico (1929-1950)*, Madrid, Calamar Ediciones-Festival Cine de Huesca
- Pérez Ledesma, M. 1994, “‘Cuando lleguen los días de la cólera’ (Movimientos sociales, teoría e historia)” en *Zona Abierta*, nº 69
- Remedi, C. 2008a, “Cine documental y trabajadores: ensayos sobre una experiencia” en www.docacine.com.ar/articulos.htm
- Remedi, C. 2008b, “La problemática del cine documental” en www.docacine.com.ar/articulos.htm
- Renov, M. 1993, “Introduction: The Truth about Non-Fiction” en Michael Renov (ed.), *Theorizing Documentary*, ed. M. Renov, Routledge, Nueva York-Londres
- Sadoul, G. 1950, *El cine*, México DF, FCE

Themes of destruction, fighting, hatred and disruption in theatrical productions of the 1920's-1930's within the context of Communist mythology. Vera Kliment'evna Krylova¹

The political and economic reforms of the 1920's - 1930's in Russia drove human beings into a tragic situation, a situation of their complete and utter undoing. It was a time when human consciousness was "shattered into pieces" along with people's psychological health, their faith in God, their sense of kindness to one another along with their sense of right and wrong. People were rapidly forced to change their points of reference and their values under a new set of socio-psychological and economic rules. Ideals were unrecognizably altered as were societal roles – all of which led to an explosion of aggressive behavior.

Morals fell by the wayside and the boundaries between good and evil became irrevocably blurred, as did those between day-in-day-out life and culture. A new "proletarian" and "Communist" sense of morality took shape in this environment that was basically nothing less than relentless propaganda led by V. I. Lenin – the man who inspired the revolution. "We say that morality is that which served to destroy the old society which was based on human exploitation... Communist values are those that will continue the fight" (Lenin 1957: 387-388).

The battle was a viscous one between ideas, a battle of two not only irreconcilable forces, but of two entirely opposing perception of Russia's fate and especially the fate of her people, their culture and moral values. It was a battle on all "fronts" – political, economic and cultural. Despite all laws of logic, in the social paradigm in the 1920's-1930's, such concepts as "battle", "destruction", "enemy of the people" were a basis for the "new Communist morality" and "Marxist-Leninist ideology". Those in power were like the orchestra conductor, directing a symphony, as it were, creating "a new state" in which artificial aggression was stirred up among the masses to create antagonism toward make-believe "enemies – government traitors". On top of this, a multitude of "enemies of the Soviet state" were culled from the very crowd that was making the accusations. This in turn, forced people to grow accustomed to a constant state of instability and fear. The regime essentially placed hypocritical masks on the faces of the people, turning them into actors in a never ending tragic play that followed a strict mythological script with "narration" in the form of certain canons, taboos, and restrictions.

The mythology of the script was geared toward the complete and utter destruction of existing civilization and the creation of a new world order – it reflected a

¹ Ph.D. in Art Study, expert on the theater, historian, journalist, senior research associate, Sector of History, Institute of the Humanities and the Indigenous Peoples of the North of the Siberian Branch of the Russian Academy of Sciences. Education: Ph.D. 2004, State Institute of Art Studies, Moscow; Irkutsk State University, 1979; Irkutsk Pedagogical Institute, 1972; Research interests: theater studies; history of theatre in the context of the political and social history of Russia of the twentieth century; theater culture; history of theatre; theatre and power. In addition to numerous articles, she has authored selected publications: *Vremennaya svyaz' s istokami* [Bonds of times... The pages of history of the Russian Drama Theater in Yakutia from its sources till the 1990s] (Novosibirsk, 2004, 380 p.); *Russkiy dramaticheskiy teatr v Yakutii (osobennosti razvitiya v natsional'noy respublike 1891-2001 gg.)* [Russian drama theater in Yakutia (the peculiarities of development in a national republic in 1891-2001)] (Moscow, 2005, 265 p.); *Russkaya klassika na tsenakh dramaticheskikh teatrov Yakutii* [The Russian classics on the stages of drama theaters in Yakutia] (Novosibirsk, 2010, 368 p. – in the process of production).

new battle between good and evil. Despite major physical, moral and spiritual losses, resistance was considered a necessity – the only viable and justified path. The new regime expected the theatrical arts to reflect the new, transformed social mindset. Moreover, theatrical arts were supposed to be subservient to the new regime and its ideologies. Just like a freight train, the controlling power was able to crush all existent humane values and, individual thought was replaced with collective thinking. As a result, a broad based artistic milieu was created based on Marxist-Leninist Doctrine. It was like a model for socio-cultural unity, whose cultural paradigm was rooted in obliterating the old and shaping an entirely new kind of identity – "a Soviet citizen". Moreover, this was accomplished in a dictatorial way. Negating all folklore, traditions and even history itself, the authorities raced to physically and morally destroy anyone and everyone who did not fit the mold of a Soviet.

In moments of crises, art in general, and theater in particular, offered its version of the world to society, forcing reality into artistic images. Now, under the new regime, the stage was supposed to spew forth social moods, the entire "scum of human existence" was setting the code of human conduct. This code required any writer or playwright to become an "artful fighter, which meant that they had to combine the creative process with direct participation in social turmoil. One had to be a warrior in the fight to create one's own masterpieces fueled by life's tribulations and to choose whether to use the pen to sting like a sword" (Alpers 1934: 171).

And this pen-and-sword was first and foremost aimed at "enemies of the revolution," at "enemies of the people" who were not just the big capitalists, but also at hard working laboring peasants who were labeled the so-called "kulak-bloodsuckers", members of the intelligentsia who did not accept the revolutionary postulates, representatives of non-Bolshevik parties, the nobility, the petty bourgeois and many others. Typical themes were October, events from the Civil War, military Communism, common socialism, and the New Economic Policy – NEP. New realities were projected into all forms of art, including into drama, and thereby into theater. That is why the 1920's-1930's became the "icebreaker" period for the theater - the driving force behind the breakup not only of the prerevolutionary theater system, but also the symbol of the stage. The soul of the people vanished from the theater. It was replaced by the Communist warrior and by the crowds. And the crowd was either aggressive or silent.

This phenomenon can be traced very clearly through many theater productions, in particular in *The Storm*, by V. Bill-Belotserkovsky, *The Armored Train 14-49*, by Vs. Ivanov, *Death Squadron*, by A. Korneichuk, *The Demise*, by B. Lavrenev, *Mutiny*, by D. Furmanov and S. Polyvanov, *The Crushing Defeat*, by A. Fadeyev, and in others viewed by audiences gripped with mixed feelings of both interest and fear.

The premier of the production of *The Storm* took place on the Soviet stage in 1924. Back then critics wrote that "this was the greatest, most triumphant event in the history of Soviet drama and theater. It paved the way for a series of other outstanding works of Soviet art, which will always be considered Soviet theater classics. *The Storm* gained its notoriety on the stage not only as "the birth of proletariat revolutionary drama, but also as the birth of the Soviet-revolutionary theme" (Litovsky 1934: 110).

The action takes places in one of Russia's *uyezd* (administrative territorial division) cities. Among the lead characters were heroes of that time – the Chairman of the Uyezd Committee (Committee Chair), his secretary the Sailor-Mate, the Requisitioner of agricultural products -- foodstuffs being forcefully and brutally taken from the peasants, Senior Party Member Rayevich, a Komsomolets, and the Chairman of the Cheka – the Soviet secret police. These were the images that migrated from

production to production personifying, of course, the Soviet leadership, the masses, collectivization, and inspirational role of the party, its reserves and its punitive agencies. They controlled people's fates, and the free will of circumstances in the maelstrom of a frightening revolution. In the farewell message the Committee Chair would convene his "fellow fighters" to battle against the enemies of the Soviet regime -- "to take them by the tails and by the mane," and to go "boldly into battle for the first in the world government of workers and peasants, for the power of the Soviets!" (Bill-Belotserkovsky 1954: 2).

In the first few minutes of the scene we are bombarded with themes of destruction, battle, hatred and disruption. The audience has not only been warned, but there will be no mercy for anyone: each and every enemy will be destroyed. That is how the motivation behind their behavior was dictated. Thus, from episode to episode on the stage there ensued a "sharp irreconcilable class struggles between two enemy classes" (Ponomarenko see: <http://mstrrshenova.narod.ru>), the struggle against the "forces of the old world", so fervently written up in the newspapers and shrouded in the mythological mystery of Communist equality and justice. Here, the Chairman of the Cheka is perhaps the most important figure. It is his very "ranking in the revolution, the iron hand of the proletarian dictatorship" that sets into motion the repressive mechanism against "undesirable cheaters who built the nest of counterrevolutionaries prepared to carry out traitorous uprisings" (Ibid). Among other things, in this play there is yet another powerful image – the crowds donned in the gray overcoats of soldiers. Of course, if there is to be a fight, it cannot be one-sided. A fight, after all, has many colors and many angles, just as was depicted on the stage at the soldiers' barracks, when the crowd "started moving and started speaking". It became clear who was with whom: where was the "Soviet peasant", and where was the "kulak and the saboteur" (Ibid).

All of these "heroes," who were leading the "war both against bandits, sabotage, typhoid, diversionists, and for fuel and transportation," were personified in the figurative image of the Sailor-Mate – all hating their fellow men in an identical fashion – and were embodied by the "Captain of the Revolution" – V. I. Lenin. Every now and then, the "fighting and hardworking people" would lift their eyes to his portrait hanging under the huge red flag that read "The Russian Communist Party of the Bolsheviks", as if it were both an icon and a live person (Yursky see: <http://mstrrshenova.narod.ru>).

And so, the play *The Storm* waged "a storm of revolution" across the Soviet stage, lighting along its path "fires of class confrontations", painting the workdays with a deep red color. These kinds of performances destroyed the traditions of the old time theater that were once wrapped in high culture, and it reduced the theater to the crude realities of life. The degree of political content in the repertoire was the very watershed that divided the Soviet from the non-soviet world of drama and between the actively revolutionary portion of proletariat playwrights. Critics forgave playwrights and the theater when it came to the artistic quality of the production. Often they would disregard the most flagrant blunders, if the topic and content contained enough political realism" (Litovsky 1934: 110a).

When theatrical works such as *The Storm* appeared, characters emerged onto the stages of Soviet theaters whose personalities did not even begin to fall into the traditional rubric of drama. The directors of the new revolutionary works demanded that the actors take on an entirely different frame of mind, since the content of the plays was now day-to-day life, a very destructive force, which, flouting human dignity, established a new world order, artificially propagating asceticism not inherent to people in regular

life. Themes of destruction, battle, hatred and disruption determined the degree to which one play or another was pertinent.

Hence the play *Mutiny* was based on the story written by D. Furmanov and censored by C. Polivanova. Just like in *The Storm*, here the only characters in the play other than the main characters are those that make up the Red Army mass of people. And, despite the fact that the content of the action represented one particular army unit (the action took place in 1920 in the town of Verny in the mountainous area of Semirechensk), one could still get a sense of the great plight of the army and of its legal standing.

There were many reasons for this explosive uprising. As D. Furmanov wrote in his documentary tale "the peasantry had cursed the Soviet dictatorship, and did not want to give up its bread supply to the hungry towns. Cursing, the peasants drove out and beat unmercifully the requisitioners. When they were armed they felt a sense of hope. The White Army was 60,000 strong. This posed a major headache for the local authorities. The morale in the Red Army was such that they could all defect to their respective homes at a moment's notice, since many were so unhappy. The Soviet regime forcefully requisitioned agricultural products, and made all kinds of accusations, without giving anything and without doing anything, but just shouted threats from the podium" (Furmanov 1972: 425). Because of all this, the command got together and planned on restructuring the army, with the intent of transferring some active military units into labor units, thereby acquiring a free labor force. In order to accomplish this, an order was issued to disarm the army and ship them out of Semirechiye and send them off to Fergana. This was the last straw that tested the mutineers' patience. The army's command had three days to accomplish this, during which time they were supposed to figure out who was who and who would be with whom.

Every theater was anxious to get their production leaders to show this "force and power" of the Worker-Peasant Red Army, even though it had nothing whatsoever to do with reality. For example, in the Russian drama theater in Yakutia in order to create a grand effect during the premier performances of *Mutiny* had bands of "mutineers" break into the fortress through the seating area of the audience. And in the finale, the Red Army soldiers headed off on a hike to Fergana. This director's decision was supposed to intensify the reaction of the audience. On the one hand, he might have been successful in convincing some of their faith in the invincibility of both the Soviet regime and the Worker-Peasant Red Army, on the other hand, he may have dashed their hopes of others to the ideas of returning to the good old days. By demonstrating unity of the army with the people, the theater corroborated that "Soviet power is serious and intends to linger for a long time".

Mutiny was performed from stage to stage, in which the mutineers and especially the rank officers who did not want to fight against "their own" in "their own" home, were represented in the performances as "in tatters", "torn to shreds", "with their animal stares", "their conniving smiles", "with their predator teeth" (Krylova 2004: 104). All of the plays and in *Mutiny* in particular, were staged in the "image of the enemy" and could not be associated with the defenders. To a large extent this was accomplished by the politization of mass consciousness based on the mythology of the objective destruction of everyone "who is not with us".

All of this violence, both in real life and on the stage was not only presented as such, but was supposed to be perceived as the legal revenge against the opposition to the dictatorship of the proletariat. It was supposed to serve as an "example" to the

younger generation, so that they would remember "their heroes", and not forget the "enemies" against whom they fought in order to defend the honor of the Soviet regime.

The suppression of the uprising bore witness to the unbelievable depths of the human conflicts within society. Nowadays, there is no longer any doubt that after October "the Bolsheviks, led by V.I. Lenin, begin to purposefully ignite enmity. Having an enemy, they frightened people into believing, was as critical as was the air they breathed. Already by November 28, 1917, "The Decree about the arrest of leaders of the Civil War who had opposed the revolution" was signed by "Members of the ruling agencies of party cadets declaring that enemies of the people were subject to arrest and were to be handed over to the courts of the military tribunal" (Shambarov see: http://zhurnal.lib.ru/k/klub_i/shambarowbelogwardeshina.shtml) Civil War in Russia was a complex process of resistance (as well as coordination) among political currents, movements and parties, and between military and quasi military formations, various social and ethnic strata and groups having a variety of social interests" (Skorik, Tikidzhyan 2009:104-114). "And how fatefully it impacted all aspects of Russian life, torn asunder by many, many years of terror – like an uncontrollable cork being released from a bottle. Massive obliteration of "enemy elements" in the revolutionary years gave rise to and widespread execution "industry" (Teplyakov see: http://www.golosasibiri.narod.ru/almanah/vyp_4/027_teplyakov_01.htm), because right from the beginning, the "Soviet government was created by career politicians, idealists and executioners" (Ibid). There is no way to disagree with the assessment of Aleksei Teplyakov that is so utterly convincing because his work is based on a vast number of sources about the procedures used to carry out corporal punishment. Moreover, Mr. Teplyakov is certainly not alone in his conclusions. The American *professor emeritus* of political science at the University of Hawaii, Rudolf Rummel (Rummel 1990, see: www.hawaii.edu/powerkills), presents extremely shocking figures in his research "The Death Policy: Soviet Genocide and Mass Murders Since 1917". According to his data the victims of the Civil War alone numbered at 3,284,000 people. In order to explain such horrific acts which resulted from the consequence of power and Marxist ideology becoming intertwined. The researcher even introduced his own term "democide" which encompasses the concepts of genocide, politicide and mass murder. And this is using exclusively official data. Now, no one can begin to count how many people were executed "in silence, in the basement and without a sentence".

Enemies were not defined as such by people, but rather by the party. Enemies are always needed. Without an enemy, the system becomes clearly ludicrous. Therefore, they were constantly searching for "enemies" under the pretense of a convenient formula: "He who is not with us is against us". This is the reason that in the 1920's and 1930's on the stages of Soviet theaters one could here with amazing insistency the sounds of the predominant motifs of destruction, fighting, hatred and disruption.

The play *The Crushing Defeat*, based on A. Fadeyev's novel, was also dedicated to the destruction of the "enemies of the revolution", the defeat of the Far Eastern Partisans. By putting on this theatrical production of Fadeyev's tragedy, based on documented facts to which he himself was a witness, theaters emphasized its primary component: "the masses and their leader; their journeys, their fates in the revolution, the growth in their experiences and in time, and their tragic deaths "in the name of future generations" (Maksimova 1970: 8). This expression "in the name of future generations" became a popular metaphor. The regime used it like a shield, not only to justify its blunders, but also the intentional murders. Armed confrontations between the "Reds" and the "Whites", were provoked by the regime in its battle for a comprehensive dictatorship of the proletariat. The "bandit gangs" and other armed groups which were

commonly called "thuggery", and later "political thuggery" (Kireyev 2005: 12-18). This cannot be called anything other than a genocide against one's own people. In the name of "future generations" was ruthlessly applied at that time, obliterating the "current generation".

In *The Crushing Defeat* like in *Mutiny*, the essence of the action is the same – resistance. In the Moscow theater named after V.I. Mayakovsky (The Revolution Theater) the play *The Crushing Defeat* began with a "Partisans dancing wildly, almost Polovtsian in their uncontrolled debauchery" (Maksimova 1970: 8a) At the end of the play, only 19 people remain from the much larger number that initially made up the Levinson unit. A woeful ending to the resistance. However, on the stage as in real life, the most important thing was not the sorrow, but rather the celebration of the revolution. On the one hand theater directors strove to show masses in action, on the other hand – the Lenin-like Bolshevik, Levinson, who is "always testing his fairness", and who emerged from the working-peasant class, having completely dedicated his life to serving the people. He was not a professional military man and was not even a commander, but rather a politician. Nonetheless, both the author and the theater place him at the forefront of the unfolding events, as a representative of the organized working class and party to which holds such a prominent place in society. His "unbending will" turns the "raucous riffraff" into a "fighting unit". Both the author and the stage created the image of "men as a special, well behaved breed" with endurance and a "clear revolutionary conscience".

Levinson's will was the will of the new hero that was portrayed on the Soviet stage in the 1920's and 1930's. This will, that was filled with "savage class hatred" toward "enemies of the revolution, was, especially during the Civil War period, the most valuable emotion. The revolutionary idea of the "bright future" was the driving force behind the heroism of this "superhuman". Today's deaths were justified by this transparent, ultimate goal. He resembled a monument in it. His duty toward the revolution, rather than humanity, was the primary driving force behind his actions. In the end, hundreds of souls fell victim to the "bright future".

According to the author of *The Crushing Defeat*, "...during the Civil War a sampling of human material is collected, all of the hostile stories were swept aside by the revolution, everything that seems to fall short of the real revolutionary efforts that accidentally ended up in the revolutionary camp is sifted out, and everything that rose out of the authentic roots of the revolution, from the masses of millions, becomes something stimulating conversation and grows and develops in this battle. People are entirely "remade" (Fadeyev 1960: 103)

Getting back to the play *The Crushing Defeat*, the theater decided to make it a goal to get this innovative play by A. Fadeyev out to the people. Using Levinson as an example, Fadeyev was able to reveal revolutionary man "from the inside out" "he presented a subtle and exact analysis of his psychological makeup". After all, the Soviet theater was required to reflect the key moments of modernity which included the ability to organize the will of the workers to fight for grand agendas that would fundamentally alter the shape of government, agricultural and daily life. Theater was supposed to install class consciousness and instill in the people the goal of international Communism. It was supposed to influence the audience by means of artistic stage works in order to form the ideological makeup of a new man -- and the acceptance of socialism.

The paradox of realigning society, just as with transforming the image on the stage in the 1920's and 1930's, does not fit with humanistic values. Not infrequently

would some heroes of the play bring their honor to the altar of the revolution in the name of revolutionary ideas in exchange for "trench warfare" and the "raw discipline of the party". Others adapted by betraying their husbands like Lyubov Yarovaya in the play bearing her name. Others rejected their parents and hid their social origins. In the period of social upheaval, around the time when *The Crushing Defeat*, *The Storm*, *Mutiny* and *The Demise* and others were performed on stage for the first time, daily life was so drastically altered, that no one was up to counting the losses from the blows "to the very heart itself from such a frightful revolutionary hurricane did nothing but sow seeds of terror everywhere.

Society rapidly developed new layers of class differences. The 1920's-1930's was a time when the politics of terror and administrative ideological suppression of spiritual life became even more oppressive. Many people asked themselves "How can I live and still remain a human being?" "This life, both in their understanding of it and in our understanding of it," wrote Sheila Fitzpatrick, "was not normal. For anyone living in a time of such chaos, normal existence becomes a luxury. Fundamental shifts and hardships [...] destroyed the normal course of life and turned human beings into something, that only Soviet citizens could tirelessly, and, as a rule, unsuccessfully, strive to be" (Fitzpatrick 1999: 3).

Prior to productions of *Fear*, based on A. Afinogenov's work premiered in the Leningrad Academic Theater of Drama (Aktdrama) in May 1931 before it was performed around the entire country. The theme of daily life among intellectuals was touched upon in *The Man with the Briefcase*, by A. Faiko, as well as in *The List of Good Deeds*, by Yu. Olesha. In these plays, the intellectual was utterly destroyed. It was believed that "the most respected segment of the old technical intelligentsia had become infected with acts of sabotage". This was provoked by the "miners affair". At this point, according to the words of Stalin, "the State had knowledge of certain indications that would turn it in favor of the Soviet regime" (Stalin 1934: 69-70). Consequently, Soviet theater was supposed to reflect this "turning point", as was achieved by the play *Fear*. Together with its drama the theater started placing masks upon the intelligentsia so that they portrayed faithfulness to revolutionary ideas. Therefore, in the play *Fear* they addressed the issue of "re-educating old scientists in the new ideological and political thought. This was to convince them to join the side of Socialism, and to defeat, once and for all, the remaining vestiges of counterrevolutionary and sabotage-like elements in the world of science, and to create a new class of scientists from among the workers and the peasants" (Boguslavsky 1952: 53).

Therefore, the primary conflict in drama was built on the ideological struggle between young Communist graduate students, Elena Markova, Kimbayem and the old Bolshevik Clara as well as the non-party member Professor Borodin, who was trying to push for "reactionary theory" "of eternal" physiological stimuli by creating, for that purpose, a "laboratory of human behavior".

The results of Borodin's research in the field of physiology were his "anti-Marxist", "anti-science", and "reactionary theory" about "eternal unconditional behavioral stimuli" in humans – "from the first morning of human existence to the final dusk of civilization" (Afinogenov 1935: 138). He was determined to explain human behavior on the basis of the simplest animal stimuli, the greatest of which, of course, was fear. Fear for one's life. Fear of losing one's job. Fear that in any moment you could be accused of sabotage. Fear to take the newspaper in your hands, because you might just find that someone has denounced you. Fear that because of your social origins your relatives might reject you, like Tsekhova disowned her mother. "People are

deteriorating right before our very eyes, as if dead bodies are poisoning the air". Fear even pushed Borodin to publish research in the form of a report. In his report he came to the conclusion that "the number one stimulus for behavior in modern day humans is fear". "Eighty percent of all of the people studied lived under eternal fear if they cried out or feared losing social support". "We are living in an age of great fear". Hence, the professor not only defended science to politics, but outright "rejected class struggles and their influence on science". He discovered his "apolitical nature" and consequently placed a weapon in the hands of the enemy of the classes" (Boguslavsky 1952: 53a).

As far as drama and theater are concerned, the fate of the professor was not of such great importance, but his ideological platform was. In order for it to be more clearly defined, the "accuser" selected was none other than the barely literate sixty-year-old long-standing party member Claudia (Clara) Spasova, the Chairperson of the working class at the Red Rolling Mill plant. She understood Borodin's overarching "stimulus in the social environment" from her class-oriented positions and, from an ideological standpoint, and she portrayed it as "fear of the proletariat dictatorship" which was entirely consistent. We should "go after the petty and dastardly minions, and those who betray the people, and who are waiting for the old world order to be restored". She herself knew no fear. For people like Clara fear did not exist. It had long since turned into bravery, because her words contained the themes of fighting, hatred, and disruption.

Clara's monologue was the culmination of the play and put everyone in his place, after which the views of the professor's camp started to "collapse". This "fear of the proletariat dictatorship" prevented Borodin from falling asleep the night before his arrest. On the next day the keys from his office were turned over to the party member, graduate student Elena Markova, who had become the Director of the Institute.

This is how the original play *Fear* ended, in which fear, the "overarching stimulus in society", survived and became one of the vehicles for controlling people. This is exactly what Professor Borodin proved. However, the paradox of the 1920's-1930's did not permit his theory to be recognized as a socio-conflict condition. Therefore, the victories of Elena Markova, Kimbayev and Clara Spasova were none other than "a blow to the philosophy of idealism". This victory convincingly proved that "fear is not simply a biological feeling, but a social and class one as well" (Kruti 1935: 12). Hence, this foundation for Socialist life became the basis for the theory of Bolshevik Clara Spasova regarding "fear of the proletariat dictatorship".

As we see, "by depicting a real conflict, the playwright, assigned the lead roles to the strongest representatives of the working classes, who, during the course of historical events, took over the reigns of leadership and power" (Volkenshtein 1934: 208-09). This was necessary for the purpose of demonstrating the class struggle in its decisive moments, in moments of social crises and upheaval. "Political forces and the government strove to debase art to the role of a simple weapon for influencing the masses, knowing the incredible power that a writer, poet, artist, actor or singer, could have over the soul of an audience member. (...) Hence, for the first time in history ideas of freedom, equality and brotherhood were publicly equated with religion. Actors "played the roles of the priests of the new cult" (Kudryavtsev see: <http://www.rusk.ru>), by portraying the rituals of the new religion. This is the reason that in the 1920's and 1930's on the stages of Soviet theaters one could here with amazing insistency the sounds of the predominant motifs of destruction, fighting, hatred and disruption.

Therefore, the heroic characters and the situations in the plays provide researchers with an unbreakable link between the past and the present. The truth of

stage life, when art was tested by the realities of life, transfixed all the images and events. This filled the plays with themes of destruction, fighting, hatred, and disruption. One stage brought together the collective farmer (kholkhoznik) and the worker, the commissar and the intellect, Lenin and the VChK, GULAG and the blood and pain of Russia. Here was displayed Her tragic inheritance with the social burden which has been borne by more than one generation of Russians through their self-awareness, their feelings, their conscience, and their sense of dignity.

Thus, it was through plays like these, in which art was interwoven with reality, "that the theater spoke about the most banal aspects of life – about the drying up of the springs of conscience, honesty, and patriotic duty, without which the human soul becomes stale, begins to die and perish, while he himself becomes the destroyer of the living" (Lyubomudrov 1991: 289-290), especially when on the stage predominate motives of destruction, fighting, hatred and disruption

List of abbreviations

GULAG General Directorate of Corrective Labor Camps, Labor settlements and places of detention.

NEP The New Economic Policy

VChK All-Russian Extraordinary Commission

References

- Afinogenov, A., 1935, *Fear*, Plays, Moscow, Fiction Literature.
- Alpers, B., 1934, *Lyrical Themes*, Moscow, Soviet Theater: Second Discussion Collection of the SSP Organizing Committee's Autonomous Group of Playwrights, edited by B. Alpers, S. Amaglobeli, A. Afeinogenova, Soviet Literature.
- Bill-Belotserkovsky, V., 1954, *The Storm*, Moscow, Collection, Fiction Literature
- Boguslavsky, A.O., 1952, *A.N. Afinogenov (features of life a creative expression)*, Moscow, Publication of the USST Academy of Sciences.
- Fadeyev, A., 1960, *Sobranie sochinenii*, vol. 4, p. 103.
- Fitzpatrick, Sh., 1999, "Everyday Stalinism" *Ordinary life in extraordinary times: soviet Russia in the 1930s*, N.Y., Oxford University Press.
- Furmanov, D., 1972, *Mutiny*, Moscow, Moscow Worker.
- Kireyev, A., 2005, *Political Groupings and Peasants of Primorye 1920's-1930's*, Russia and APR, no.4. pp. 12-18. See: <http://eps.dvo.ru/rap/2005/4/pdf/rap-012-018.pdf>
- Kruti, I., 1935, *Dramaturgy A. Afinogenov*, A. Afinogenov, Plays Moscow, Fiction Literature.
- Kudryavtsev, A., "Goddess of the Mind". See: <http://www.rusk.ru/st.php?idar=110932>
- Krylova, V., 2004, "Mutiny", *Vremeni svyazuiushchaia nit'... Stranitsy istorii Russkogo dramatiicheskogo teatra v lakutii ot istokav Jo 1990-x godov (From the time of the connecting thread...)*, Novosibirsk, Nauka [Science].
- Lenin, V.I., 1957, *On Literature and Art*, Moscow, p. 387-388.
- Litovsky, O., 1934, *Questions about Soviet Dramaturgy*, Moscow, Soviet Literature.
- Lyubomudrov, M., 1991, *Dialectics of Renewal*, Resistance, Moscow, Molodaya Gvardiya.
- Maksimova, V., 1970, "The Crushing Defeat", Moscow, Theater, no. 6. p. 8.

Ponomarenko Yu., *In the Flame of Class Skirmishes*. See <http://mstrishenova.narod.ru/>

Rammel, R.J., 1990, *Lethal Politics: Soviet Genocide and Mass Murder Since 1917*, New Brunswick, N.J.: Transaction Publishers. See: <http://www.hawaii.edu/powerkills/NOTE4.HTM>

Skorik, A., Tikidzhyan, R., 2009, *Red Partisans in Soviet Reality 1920-1930's*. (based on materials from Southern Russia) *Russian History*, no. 4, p.104 -114. See: <http://dlib.eastview.com/browse/doc/20473338>

Stalin, I.V., 1934, *Essays*, vol. 13. p. 69-70.

Shambarov, V. E., *White Guardists*, See: http://zhurnal.lib.ru/k/klub_i/shambarowbelogwardejshina.shtml

Teplyakov, A., *Siberia: Corporal Punishment Procedures in the 1920's-1930's*. See: http://www.golosasibiri.narod.ru/almanah/vyp_4/027_teplyakov_01.htm

Volkenshtein, V., 1934, *On the History of Drama*, *Soviet Dramaturgiya*: Second Discussion Collection of the SSP Organizing Committee's Autonomous Group of Playwrights, edited by B. Alpers, S. Amaglobeli, A. Afeinogenova, Moscow, Soviet Literature.

Yursky, Yu. *About People of Battle and Labor*. See: <http://mstrishenova.narod.ru/>



5. Biographies

Júlio Fogaça, o outro intelectual que dirigiu o PCP. António Simões do Paço¹

Júlio de Melo Fogaça nasceu em 10 de Agosto de 1907, em Alguber, concelho do Cadaval, filho de José Maria das Neves Fogaça e de Maria José de Melo, uma família antiga de proprietários e comerciantes abastados da região.

Entrou para o PCP em 1933. Com 27 anos, em 1934, integra o Secretariado. Bento Gonçalves e José de Sousa, os outros dois membros do Secretariado de então (Pereira, 1999: 465), tinham, na mesma altura, 32 e 34 anos.

Em 1935, Fogaça era um dos cinco profissionais do PCP. A organização do PCP centrava-se em Lisboa e tinha apenas contactos por carta com o Norte do País. No total, haveria uns 400 militantes (Jorge, 1984: 37). Fogaça é responsável pela FJCP no secretariado do PCP em 1934-35 (Pereira, 1999: 103). É ele, apoiado por Bento Gonçalves, quem impõe a entrada de Cunhal, esse «estudante bem-falante» (Pereira, 1999: 103), para o organismo.

Em Julho tem lugar uma reunião do CC do PCP para decidir sobre a delegação da FJCP ao VII Congresso da Internacional Comunista. Fogaça, controlador da organização, exclui-se das delegações do PCP e da FJCP por «falta de experiência e militância» e também por divergências com Bento Gonçalves (Pereira, 1999: 103).

Em 11 de Novembro de 1935, Fogaça é preso, junto com os outros dois membros do Secretariado de então, Bento Gonçalves e José de Sousa, num encontro de rua, próximo da Maternidade Alfredo da Costa (Pedro, 2007: 311) e enviado para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde ficará até 1940.

Fogaça recebe o tratamento reservado pela polícia aos neófitos na primeira prisão: é violentamente espancado (Pereira, 1999: 147). Perante o Tribunal Militar Especial, Bento Gonçalves, José de Sousa e Júlio Fogaça irão inaugurar a tradição no PCP de usar as suas defesas como instrumento de agitação política, escrevendo longas contestações às respectivas notas de culpa (Pereira, 1999: 147). Fogaça só será libertado em Junho de 1940.

No Tarrafal

Em 29 de Outubro de 1936 chegam ao Tarrafal os 150 presos que irão inaugurar o «campo da morte lenta». Entre eles estão os membros do Secretariado presos em 1935: Bento, José de Sousa e Júlio Fogaça. Estes, junto com Manuel Alpedrinha e Militão Ribeiro, irão assumir a direcção da Organização Comunista Prisional do Tarrafal².

Nos testemunhos publicados tanto por presos comunistas como anarquistas nota-se o rasto da presença de Fogaça no Tarrafal e o seu papel de dirigente da OCPT. Assim, vemo-lo no planeamento de uma fuga logo em 1937, membro do comité organizador formado entre anarquistas e comunistas: «Foi decidida a fuga e para o efeito foram indicados para construírem um comité organizador Mário Castelhana,

¹ Associate researcher at the Instituto de História Contemporânea, U. Nova de Lisboa. In 2007-2008 he was the coordinator, editor and co-author of *Os Anos de Salazar* (The Salazar Years), a series of 30 volumes portraying the Portuguese 'Estado Novo' dictatorship, from 1926 to 1974. He has recently published *Francisco Louçã. Biografia* (2009), *Salazar, o ditador encoberto* (2010) and *Entrevista com a República* (2010). He is currently preparing his PhD in History with a thesis on «The role of Britain in the negotiations for Portugal and Spain's accession to the European Economic Community».

² (Pereira, 1999: 273). Pacheco Pereira cita uma entrevista sua com o tarrafalista Fernando de Sousa Macedo, em 1979.

Arnaldo Simões Januário, Bento Gonçalves, José de Sousa, eu, e creio que também o Melo Fogaça» (Aquino, 1978: 81), escreve o libertário Aquino.

Desta fuga frustrada resultará o aumento da repressão e a decisão de obrigar os presos a construir uma vala a toda a volta do campo. Os trabalhos forçados, combinados com o paludismo, irão provocar uma série de mortes (Aquino, 1978: 81-99).

Fogaça é chamado ao director e responsabilizado pela fuga. É espancado e posto na ‘Frigideira’, «a mais moderna e a mais desumana câmara de extermínio que a maldade humana inventou para torturar e eliminar presos políticos – em África» (Oliveira, s/d: 135).

A ocupação dos tempos livres de forma produtiva era considerada muito importante para a formação e a conservação do moral dos prisioneiros. «Logo que nos instalámos no campo», conta Edmundo Pedro, «foram postos a funcionar, de acordo com o nível cultural dos quadros disponíveis, cursos de várias disciplinas» (Pedro, 2007: 483). Havia-os de Matemática, Geometria, Português e línguas estrangeiras, História Nacional e Universal, Biologia, Filosofia, até Electricidade Industrial. «A actividade cultural foi uma constante ao longo de todo o tempo em que o campo existiu», embora «durante alguns períodos» fosse «difícil manter todas essas iniciativas. Sob os mandatos do Manuel dos Reis e do João da Silva foram desencadeadas muitas investidas contra a nossa actividade cultural», que nessas alturas passavam «à clandestinidade» (Pedro, 2007: 484). Fogaça esteve sempre presente nessas actividades, fazendo até de júri de um prémio literário (Pedro, 2007: 485).

A ‘reorganização’ do PCP

Em Janeiro de 1940, Júlio Fogaça é transferido do Tarrafal para a prisão de Angra do Heroísmo, nos Açores. Em Junho, graças à amnistia dos Centenários¹, é libertado da prisão de Angra. Torna-se então um dos impulsionadores da «reorganização» do PCP e fará parte da nova direcção do partido.

No Outono de 1940, Fogaça e mais seis presos comunistas saídos nesse mesmo ano do Tarrafal reúnem-se na Cova da Piedade². Os seus companheiros são José Gregório, Militão Ribeiro, Manuel Guedes, Pires Jorge, Sérgio Vilarigues e Américo Gonçalves de Sousa. A reunião é duplamente clandestina: para o regime e para o próprio PCP, que estes sete se propunham «reorganizar». Tratava-se de facto de uma fracção secreta que tinha por objectivo derrubar e substituir a direcção do PCP em funções. Além dos apoios na OCPT, tinham conseguido a adesão de outro grupo de presos comunistas em Angra. O argumento dos ‘reorganizadores’ era que a PVDE controlava o PCP através de ‘provocadores’ infiltrados na sua direcção.

A acusação de provocação era comum no léxico estalinista da época. Basta lembrar os processos de Moscovo de 1936-1939, onde Estaline e os seus próximos liquidaram o que restava da direcção bolchevique que havia conduzido a revolução de 1917 e a salvara da derrota durante a guerra civil. Revolucionários da craveira de Trotsky, Bukharine, Zinoviev, Kamenev, Radek, Piatakov e muitos outros foram alvo de acusações delirantes como as de espionagem para praticamente todos os principais serviços secretos do Mundo, dos EUA ao Japão, e fuzilados (menos Trotsky, assassinado no México em 1940), acusações essas feitas por indivíduos que, no melhor dos casos, eram durante os anos da revolução obscuros funcionários, gente como Iagoda

¹ Em 1940, o regime do Estado Novo organizou um grandioso programa de comemorações do duplo centenário da formação da nacionalidade e da restauração da independência (1140 e 1640). No quadro dos festejos houve lugar a uma amnistia.

² Entrevista de Sérgio Vilarigues ao *Expresso*, 16 de Março de 1996.

e Iejov (que também acabaram fuzilados às ordens do antigo patrão), ou então ‘adesivos’ da vigésima quinta hora.

Júlio Fogaça tem um papel fulcral na ‘reorganização’, onde, convencido da infiltração policial no PCP, é o mais implacável no trabalho de liquidação da direcção legítima. Reivindica completamente o trabalho fraccional que dirige contra a direcção: «Fizemos um trabalho de sapa nas fileiras da antiga organização, sem que esses dirigentes se apercebessem nem da reorganização empreendida por nós, nem do trabalho de sapa. Só se aperceberam da nossa existência no dia em que nós os denunciámos perante as massas como pessoas que não deviam merecer a confiança dos operários.»¹

Em Junho de 1941, os ‘reorganizadores’ formam uma direcção provisória, a que chamam Secretariado Central, composta por Júlio Fogaça, Manuel Guedes e Militão Ribeiro. Fogaça dirige o *Avante!* dos «reorganizadores» e a batalha política contra a direcção legítima do PCP, encabeçada por Vasco de Carvalho. José Gregório fica com a responsabilidade de montar uma tipografia clandestina e Vilarigues com a FJCP. Porém, dada a escassez de quadros, os membros do Secretariado são uma espécie de faz-tudos: «organizadores de base do partido, impressores e distribuidores de imprensa, quadros ao mesmo tempo políticos e técnicos» (Cunhal, 2008: 478).

Quando a Direcção liderada por Vasco de Carvalho finalmente decidiu ir à luta, conseguiu conter em boa parte o «trabalho de sapa» a que se referia Fogaça. «No final de 1941, tinham ficado com a Direcção parte das organizações de Lisboa, Margem Sul, Alentejo e Porto, ou seja, uma parte significativa do partido que se mantinha organizado em 1940.» Os ‘reorganizadores’ tiveram êxito, como acertadamente afirma Pacheco Pereira, «mais na construção de um novo partido do que na conquista do existente» (Pereira, 2001: 109).

A ‘política de transição’

No dia 1 de Agosto de 1942, a PVDE prende de uma assentada Fogaça, Pires Jorge, Pedro Soares e Dalila da Fonseca. «Mau trabalho nosso. Dávamos algumas facilidades», comenta Pires Jorge, ao descrever o que se passou (Jorge, 1984: 40).

Após estas prisões, seguidas, em Novembro do mesmo ano, pela de Militão Ribeiro, a ‘reorganização’ do PCP ficou em sério risco. Fogaça, recordemos, fora o seu principal dirigente e teórico, coadjuvado por Pires Jorge. Como Cunhal dirá mais tarde:

Com os golpes sofridos no Outono de 1942, entrou-se num período muito agudo da vida do Partido. Havia já então muitos contactos no plano nacional e a tipografia do *Avante!* não fora atingida; mas os quadros de direcção ficaram perigosamente desfalcados: restavam *ao todo* 5 funcionários, além de alguns poucos com tarefas técnicas; existiam apenas duas casas ilegais, além da tipografia. A caixa central estava esgotada (Cunhal, 2008: 478).

Após as greves de finais de Outubro e Novembro de 1942, e apesar das deficiências da intervenção do PCP assinaladas, o partido ‘reorganizado’ começara a virar-se para fora e a deixar de estar centrado na batalha fraccional contra a Direcção de Vasco de Carvalho – que também fora preso, em 27 de Fevereiro de 1942 (Pereira, 2001: 194). Isso e a necessidade de consolidar uma nova direcção, agora em torno de Cunhal, levam à convocação arriscada do III Congresso (I Ilegal) do PCP, que terá lugar em 10-13 de Novembro de 1943, no Monte Estoril.

¹ Fogaça *in* Ventura, 1983.

Fogaça, preso novamente, não participa nesse processo. Será, no entanto, lembrado pelos congressistas, que o elegem para o «presidium de honra» do Congresso, ao lado de outros comunistas presos.

Em 22 de Junho de 1943 Fogaça regressa ao Tarrafal. Com ele chega também Pedro Soares. Em 1944 juntar-se-lhes-á Militão Ribeiro.

Com a viragem no curso da guerra desfavorável ao Eixo, a situação muda também no Tarrafal.

«À medida que os exércitos fascistas iam sendo batidos em todas as frentes, a atitude dos carcereiros ia-se modificando e alguns até nos forneciam notícias gratuitamente e sem nada lhes pedirmos (...)», escreve Gilberto de Oliveira (Oliveira, 1987: 199). No Tarrafal, já todos pensavam que «mais tarde ou mais cedo, nos viríamos embora» (Oliveira, 1987: 195).

Isolados, mas ansiosos por intervir na política do partido, os dirigentes internados no Tarrafal vão elaborar e propor aquilo que ficou conhecido como ‘política de transição’. Fogaça tem aqui um papel destacado: «[...] a ‘Política de Transição’ tinha sido aventada por um dos elementos responsáveis da Organização Comunista Prisional do Tarrafal [Fogaça] e (...) gozava do apoio e da aprovação do sector, digamos, dirigente, ou melhor do sector mais responsável do Partido no Tarrafal [...] (Oliveira, 1987: 196).»

Não temos os documentos em que se sistematiza a ‘Política de Transição’¹, pelo que a sua reconstituição tem de fazer-se a partir do resumo que dela é feito pelo maior dos seus críticos, Álvaro Cunhal:

Segundo esses camaradas, o objectivo da nossa luta deveria ser um ‘governo de transição’, ou seja, um governo que, ‘embora com elementos do fascismo e de correntes moderadas leve a cabo um programa mínimo’.

Mas não basta naturalmente indicar um objectivo. É necessário indicar a forma de o alcançarmos. Interessa, portanto, ver como instaurar um tal ‘governo de transição’. A esta questão os nossos camaradas, expondo detalhadamente as suas opiniões, respondiam com toda a clareza indicando dois caminhos: 1.º *Provocar a desagregação do fascismo no regime de transição*; 2.º *Levar a cabo um golpe militar*. Nem outros caminhos poderiam apresentar, uma vez que excluía o levantamento em massa da nação (Cunhal, 1997: 173).

Em Dezembro de 1945 Fogaça e Militão são libertados do Tarrafal (Pereira, 2001: 600). No regresso, prosseguem a defesa da linha da ‘política de transição’, mesmo sabendo que isso ia contra a orientação do Secretariado dirigido por Cunhal (Cunhal, 1997: 31).

A importância da discussão e dos dirigentes que a faziam obriga o Secretariado à convocação de um Congresso. Será o IV (II Ilegal) e realizar-se-á em Julho de 1946, na Lousã. Fogaça participa no congresso, onde é eleito para o Comité Central.

O IV Congresso é marcado pela vitória do Secretariado liderado por Álvaro Cunhal, com a adopção de todas as suas teses. A direcção de Cunhal assentava o seu prestígio, mais que na qualidade dos textos apresentados, com destaque para *O Caminho para o Derrubamento do Fascismo*, no extraordinário crescimento do partido sobretudo entre 1944 e 1946. O «número de membros do Partido (que segundo Bento Gonçalves no VII Congresso da IC, em 1935, era então de 500) atingia cerca de 1200 na altura do III

¹ J. Pacheco Pereira afirma que esses documentos, que não pôde consultar, existem nos arquivos do PCP, tal como um diário mantido pela OCPT, em oito volumes. A isso aludiria João Campelo num artigo publicado n’ *o diário*, em 18 de Fevereiro de 1984. (Pereira, 2001: 476).

Congresso e subia a mais de 5000 na altura do IV Congresso, número ao qual se devem acrescentar cerca de 4000 ‘simpatizantes’, ou seja, antifascistas que ajudavam e cooperavam estreitamente com o Partido, mas que não queriam estar organizados. No total: 9000.» Era um desenvolvimento que «nunca mais foi excedido até ao 25 de Abril» (Cunhal, 1997: 45), acrescenta Cunhal.

Novamente na direcção do partido

Em 25 de Março de 1949, Cunhal é preso pela PIDE numa casa clandestina no Luso. Com ele são também presos Militão Ribeiro e Sofia Ferreira. Dois dias depois, Jaime Serra e outro membro do Comité Local de Lisboa, Augusto Pereira de Sousa, são também presos (Serra, 1997: 63).

Cunhal irá ficar nas mãos da polícia política até à famosa fuga do Forte de Peniche, em 3 de Janeiro de 1960. E esta prisão tem outras consequências desastrosas: na casa do Luso, a PIDE deita mão ao mais importante arquivo do PCP, o que a ajudará a lançar uma forte ofensiva contra o partido.

Logo após as prisões de Cunhal, Militão e Serra, o PCP começa a avaliar as consequências do que acontecera e a procurar reagir. Antes de mais, era preciso remodelar a direcção, já que dos eleitos em 1946, apenas cinco membros efectivos do CC, José Gregório, Joaquim Pires Jorge, Manuel Guedes, Júlio Fogaça e Sérgio Vilarigues, e dois suplentes, Octávio Pato e Soeiro Pereira Gomes, permaneciam activos em Abril de 1949 (Pereira, 2005: 43).

Nessa remodelação da direcção, a decisão mais importante e com mais consequências seria a entrada quase imediata de Júlio Fogaça para o Secretariado.

Formou-se o que ficaria conhecido como o ‘grande Secretariado’, «que exercia simultaneamente as funções de Secretariado, Comissão Política e Comité Central. Nele foram promovidos Fogaça, Pires Jorge e Vilarigues».

Nos anos de 1949-52, Fogaça andou dentro e fora do Secretariado, «ao sabor da força ou da fraqueza dos seus opositores». Pouco a pouco, foi consolidando a sua posição. «Conduzindo uma purga violenta e sempre no limiar de ser ele próprio vítima dela, Fogaça dirigiu o PCP durante toda a década de cinquenta sempre no fio da navalha» (Pereira, 2005: 44).

Em 1952, após a prisão de Manuel Guedes, volta ao Secretariado. Entre 1946 e 1952 o PCP perdera quase metade (48%) dos seus membros, segundo o relatório de organização apresentado por Fogaça à IV reunião plenária ampliada do CC, em Dezembro de 1952.¹ E ainda expulsara uns quantos, como as vítimas da chamada ‘purga dos intelectuais’: Piteira Santos, Mário Soares, Ramos da Costa, Lyon de Castro... Pelas cartas de Fogaça divulgadas por João Madeira (Madeira, 1996), pode avaliar-se o papel especial desempenhado por ele na expulsão destas figuras ou no afastamento de outras, como Mário Dionísio, João José Cochofel ou Lopes-Graça.

Em 1954, Fogaça é o autor da biografia hagiográfica de Álvaro Cunhal usada para a campanha pela sua libertação (Pereira, 1999: 75). Porém, para a ex-dirigente comunista Cândida Ventura, Fogaça e Cunhal nunca gostaram um do outro, e as intenções subjacentes à biografia de Cunhal escrita em 1954 por Fogaça não eram propriamente de apoio ao culto da personalidade que se desenvolvia em torno de Cunhal.²

¹ ‘Ramiro’ [Fogaça], «Liguemo-nos às massas e venceremos a batalha da paz e da democracia». Dezembro de 1952, dactilografado, p. 16. Citado in Madeira, 1996: 251.

² Declarações de Cândida Ventura a *O Jornal*, Setembro de 1982.

Em 1957, é Fogaça quem dirige politicamente o V Congresso do PCP, que adopta a linha da «solução pacífica» para o fim da ditadura de Salazar, importada do XX Congresso do PCUS e praticada pelo PCE.

Em defesa da proposta de Fogaça, Octávio Pato faz uma intervenção no congresso em que deixa bem explícita a principal diferença com a linha aprovada no IV Congresso:

A luta pela mudança de regime é o factor imediato na luta pela realização do programa. Para atingir esse objectivo, o projecto de programa só admitia um único caminho: o levantamento nacional, o recurso à violência. No projecto que agora colocamos à apreciação do Congresso coloca-se uma alternativa, existe a possibilidade de conseguir esse mesmo objectivo por meios pacíficos.¹

A linha da «solução pacífica» para pôr fim ao regime de Salazar em ampla aliança com toda a oposição foi aprovada pelo Congresso, mas não sem reservas por parte de alguns congressistas². Foi aprovada, tal como foi aprovada a condenação da insurreição húngara do ano anterior, por seguidismo em relação ao PCUS. Disso, aliás, se queixava um dos congressistas: «apoiamos incondicionalmente; erros só denunciámos depois, nunca antes»³.

O peso das decisões do XX Congresso do PCUS na adopção da linha da «solução pacífica para o problema português» era tão grande que Cunhal, quando lança o ataque contra a política adoptada no V Congresso, começa por criticar a «adopção mecânica da tese do XX Congresso» (Cunhal, 2008: 534), defendendo depois que ela não se applicava a um país que estava sob uma ditadura fascista.

O dirigente banido

Na madrugada de 3 para 4 de Janeiro de 1960, fogem de Peniche Álvaro Cunhal, Francisco Miguel, Joaquim Gomes, Guilherme Carvalho, Jaime Serra, Pedro Soares, Carlos Costa, Rogério de Carvalho, José Carlos e Francisco Martins Rodrigues. Sete meses depois, era Fogaça preso.

Em 30 de Agosto, Fogaça é preso na Nazaré na companhia de Américo Joaquim Gonçalves, com quem mantinha uma relação homossexual (Almeida, 2010: 150). Américo Gonçalves era operário fabril e nascera em 29 de Julho de 1935, no Maxial, Torres Vedras. Segundo a PIDE, foram presos às 16 horas «numa rua da vila da Nazaré»⁴.

Nos interrogatórios da polícia política, Fogaça recusou-se a responder a todas as perguntas bem como a assinar os autos. «Nem os espancamentos, tão brutais que um camarada com quem foi reunido no fim dos interrogatórios chorou ao ver-lhe o corpo massacrado, nem a terrível chantagem com a divulgação das declarações do companheiro de detenção o fizeram ceder», escreveu um jornalista⁵.

Em Setembro, o *Avante!* publica uma notícia onde diz que «em fins de Agosto foi também preso o camarada Júlio Fogaça, membro do Comité Central. Júlio Fogaça é um

¹ V Congresso do PCP. Intervenção pelo camarada Melo [Octávio Pato], «O Partido Comunista Português tem um Programa!», Edições Avante!, Outubro de 1957.

² Pereira (2005: 486-487) cita as notas tiradas no Congresso por Carlos Aboim Inglês.

³ Notas tiradas no Congresso por Carlos Aboim Inglês, in Pereira, 2005: 484.

⁴ AN/TT, Arquivo da PIDE/DGS. Júlio Fogaça, processo 844/60.

⁵ Fernando Brederode Santos, «Partido Comunista ‘apagou-o’ da História. Maldito por ser ‘gay’», *Tal & Qual*, 25 de Novembro de 1994.

dos mais antigos militantes do PCP em actividade. Mais de 28 anos da sua vida, 10 dos quais nos cárceres fascistas, foram inteiramente dedicados à luta do nosso povo contra a ditadura de Salazar». ¹

Março de 1961. O nome de Júlio Fogaça surge ainda no *Avante!* numa «Saudação aos presos políticos» do partido. Porém, a reunião do Comité Central desse mês decide afastá-lo do partido por ‘razões morais’.

Em Abril, o *Avante!* anuncia a eleição de Álvaro Cunhal para secretário-geral do PCP, afirmando que «foi, desde 1942, o mais destacado obreiro da transformação do nosso Partido num grande Partido nacional» ao mesmo tempo que anuncia a rectificação de um «desvio de direita». O nome de Fogaça não é mencionado, mesmo sendo ele o principal visado. O seu nome desaparece, aliás, das páginas do *Avante!*. Em Julho, *O Militante* publica uma nota onde se diz que: «Não estando esclarecidos aspectos da conduta de Júlio Fogaça que, embora não digam respeito ao seu comportamento ante o inimigo, revestem gravidade, o Comité Central resolve suspender Júlio Fogaça do Partido até ao apuramento de factos e resolução posterior» (Almeida, 2010: 151).

Fogaça é afastado e posteriormente expulso.

A homossexualidade de Fogaça era conhecida há muito da direcção do partido. O pido Fernando Gouveia, ‘especialista’ na perseguição ao PCP, refere-se-lhe, em termos grosseiros, como facto geralmente conhecido no Tarrafal (Gouveia, 1979: 192-193).

No final do ano, em 4 de Dezembro, Fogaça é excluído da fuga de Caxias no célebre carro blindado de Salazar.

Em 6 de Abril de 1962, o Tribunal de Execução de Penas classifica-o de «pederasta passivo e habitual na prática de vícios contra a natureza». Num outro processo, o Tribunal Plenário condena-o pela sua actividade como comunista.

Só será solto em 28 de Agosto de 1970, ficando em liberdade condicional (Almeida, 2010: 150). Após o 25 de Abril de 1974, será presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Cadaval no período de Outubro de 1974 a Março de 1976, com o apoio do MDP e do PCP. «Aparecia sempre com o emblema da APU na lapela» ².

Em 28 de Janeiro de 1980, morre em Lisboa. A causa da morte é «disseminação generalizada de neoplasia do cólon» ³. Lega o seu espólio à Academia das Ciências de Lisboa. Parte da sua considerável fortuna fora entregue ao PCP, sobretudo no terrível início dos anos 50.

No dia seguinte, *o diário*, jornal do PCP, noticiava o falecimento do seu antigo dirigente com uma pequeníssima nota (17 linhas, a uma coluna), não assinada, dizendo: «Júlio Fogaça, destacado antifascista, natural de Aljubar, Cadaval, faleceu ontem. Contava 72 anos. De seu nome completo Júlio Melo Fogaça, passou 20 anos de vida nas prisões fascistas, 12 dos quais no Campo de Concentração do Tarrafal. Júlio Fogaça teve sempre um comportamento exemplarmente digno perante a polícia. Uma grande parte da sua vida como lutador antifascista passou-a Júlio Fogaça como activista no PCP.» ⁴

¹ «Desconhece-se o paradeiro de Francisco Miguel, Júlio Fogaça e Cândida Ventura», in *Avante!* n.º 293, VI série, Setembro de 1960.

² Jorge Fagundes, declarações a *O Jornal* em 30 de Agosto de 1982.

³ Assento de óbito n.º 83, de Júlio Melo Fogaça. Doc. N.º 113, maço n.º 3. Primeira Conservatória do Registo Civil de Lisboa.

⁴ «Morreu Júlio Fogaça», *o diário*, 29 de Janeiro de 1980.

Segundo Cândida Ventura, Fogaça era um homem muito culto, sobretudo no domínio da história, mas não tinha as qualidades de inteligência, o espírito rápido e a capacidade de trabalho de Cunhal.¹

No final da vida era um homem sozinho, extremamente calmo e com um ar triste, melancólico². Fora um homem sectário no interior do partido, ainda que aberto ao mundo exterior.³

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Arquivos

AN/TT, Arquivo da PIDE/DGS

Arquivo pessoal de Júlio de Melo Fogaça – Academia das Ciências de Lisboa

Imprensa periódica

Avante!

Expresso

Pública, suplemento do jornal *Público*

o diário

O Independente

o jornal

Tal & Qual

Memórias e outras fontes publicadas

Aquino, Acácio Tomás de 1978, *O Segredo das Prisões Atlânticas*, A Regra do Jogo, Lisboa.

Barradas, Ana, *As Clandestinas* 2004, Ela por Ela, Lisboa.

Campino, Joaquim. *Histórias Clandestinas* 1990, Edições Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro, *O Partido com Paredes de Vidro* 1985, Edições Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro, *O Caminho para o Derrubamento do Fascismo. Informe político do Comité Central ao IV Congresso do Partido Comunista Português*. Cadernos de História do PCP, 1997, Editorial Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro, *Rumo à Vitória. As tarefas do partido na revolução democrática e nacional*. 2.^a edição 1999, Editorial Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro. *Obras Escolhidas I, 1935-1947* 2007, Edições Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro. *Obras Escolhidas II, 1947-1964* 2008, Edições Avante!, Lisboa.

Cunhal, Álvaro. *Obras Escolhidas III, 1964-1966* 2010, Edições Avante!, Lisboa.

Ferreira, Francisco (Chico da CUF), *Álvaro Cunhal, herói soviético. Subsídios para uma biografia*. Edição do autor, Lisboa 1976

Ferreira, Francisco. *26 anos na União Soviética. Notas de exílio do Chico da CUF*. 1977, Edições Afrodite, Lisboa.

Gomes, Joaquim. *Estórias e Emoções de uma Vida de Luta*. 2001, Edições Avante!, Lisboa.

Gouveia, Fernando. *Memórias de um Inspector da PIDE*, 1979, Edições Roger Delraux, Lisboa.

¹ Cândida Ventura, declarações a *O Jornal* em 14 de Setembro de 1982.

² Jorge Fagundes, declarações a *O Jornal* em 30 de Agosto de 1982.

³ Rui Perdigão, declarações a *O Jornal* em 14 de Setembro de 1982.

Jorge, Joaquim Pires. *Com Uma Imensa Alegria. Notas Autobiográficas*, 1984, Edições Avante!, Lisboa.

Marques, Silva J. A. *Relatos da Clandestinidade. O PCP visto por Dentro*. 1976, Jornal Expresso, Lisboa.

Miguel, Francisco, *Uma Vida na Revolução*, 1977, A Opinião, Porto.

Oliveira, Cândido de, *Tarrafal, o Pântano da Morte*, s/d, Editorial República, Lisboa.

Oliveira, Gilberto de. *Memória Viva do Tarrafal*. 1987, Edições Avante!, Lisboa.

Partido Comunista Português, *IV Congresso. Relatórios e Resoluções*. 2000, Edições Avante!, Lisboa.

Pedro, Edmundo, *Memórias. Um Combate pela Liberdade*. 2007, Âncora Editora, Lisboa.

Perdigão, Rui. *O PCP Visto por Dentro e por Fora*. 1988, Fragmentos, Lisboa.

Rodrigues, Francisco Martins, «Lutas internas no PCP», in *Política Operária* n.º 2, Novembro/Dezembro 1985

Seabra, Zita, *Foi Assim*, 2007, Alêtheia Editores, Lisboa.

Serra, Jaime, *Eles Têm o Direito de Saber*, 1997, Edições Avante!, Lisboa.

Soares, Mário, *Portugal Amordaçado. Depoimento sobre os Anos do Fascismo*, 1974, Arcádia, Lisboa.

Ventura, António, *Memórias da Resistência. Literatura autobiográfica da resistência ao Estado Novo*, 2001, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.

Ventura, Cândida, *O Socialismo Que Eu Vivi*, 1984, O Jornal, Lisboa.

Vilaça, Alberto, *Para a História Remota do PCP em Coimbra 1921-1946*, 1997, Edições Avante!, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, São José. *Homossexuais no Estado Novo*, 2010, Sextante Editora, Lisboa.

Cunha, Carlos A., *The Portuguese Communist Party's Strategy for Power, 1921-1986*, 1992, Garland Publishing, Inc., Nova Iorque.

Cunha, Carlos A., «Fogaça, Júlio», in *Dicionário de História de Portugal* (vol. 8), dir. António Barreto e Maria Filomena Mónica, 1999-2000, Livraria Figueirinhas, Lisboa.

Dacosta, Fernando, *Os Mal-Amados*, 2008, Casa das Letras, Lisboa.

Freire, João Brito, «Fogaça, Júlio de Melo», in *Dicionário de História do Estado Novo*, 2 vols, dir. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, 1996, Bertrand Editora, Venda Nova.

Gaspar, Carlos, «Cunhal, Álvaro», in *Dicionário de História de Portugal* (vol. 7), dir. António Barreto e Maria Filomena Mónica, 1999-2000, Livraria Figueirinhas, Lisboa.

Madeira, João, *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os Intelectuais*, 1996, Editorial Estampa, Lisboa.

Madeira, João, Pimentel, Irene e Farinha, Luís, *Vítimas de Salazar. Estado Novo e Violência Policial*, 2007, A Esfera dos Livros, Lisboa.

Melo, António, «Sérgio Vilarigues 1914-2007. Morreu o construtor do PCP clandestino», 2007, *Público*, 9 de Fevereiro de 2007, p. 24.

Nunes, João Arsénio. «Da política 'classe contra classe' às origens da estratégia antifascista: aspectos da Internacional Comunista (1928-1935)», in *O Fascismo em Portugal. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980*, 1982, Regra do Jogo, Lisboa.

Nunes, João Arsénio, «Comunismo» in *Dicionário de História do Estado Novo*, 2 vols, dir. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, 1996, Bertrand Editora, Venda Nova.

Nunes, João Arsénio, «Avante!», in *Dicionário de História de Portugal* (vol. 7), dir. António Barreto e Maria Filomena Mónica, 1999-2000, Livraria Figueirinhas, Lisboa.

Pereira, José Pacheco, «Problemas da História do PCP», in *O Fascismo em Portugal*. Actas do Colóquio Fac. De Letras. Março 1980, Lisboa. 1982, A Regra do Jogo, Lisboa.

Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal. Uma biografia política. «Daniel», o Jovem Revolucionário (1913-1941)*. Vol. I. 1999, Temas e Debates, Lisboa.

Pereira, José Pacheco. *Álvaro Cunhal. Uma biografia política. «Duarte», o Dirigente Clandestino (1941-1949)*. Vol. II. 2001, Temas e Debates, Lisboa.

Pereira, José Pacheco, *Álvaro Cunhal. Uma biografia política. Vol. 3. O Prisioneiro (1949-1960)*, 2005, Temas e Debates, Lisboa.

Pimentel, Irene Flunser, *A História da PIDE*, 2007, Temas & Debates, Lisboa.

Pimentel, Irene Flunser, *Biografia de um Inspector da PIDE. Fernando Gouveia e o Partido Comunista Português*, 2008, A Esfera dos Livros, Lisboa.

Pinharanda, João, «Álvaro Cunhal, Histórias de uma vida - Expressar a realidade viva» in *Público Magazine*, integrante do *Público*, n.º 364, diário, Lisboa, 3-3-1991, pp.16-17

Raby, D. L., *A Resistência Anti-Fascista em Portugal 1941/74*, 1990, Salamandra, Lisboa.

Ramos de Almeida, Pedro, *Salazar. Biografia da ditadura*, 1999, Edições Avante!, Lisboa.

Rodrigues, Francisco Martins, *Álvaro Cunhal, o Democrata*, 2005, Cadernos Política Operária 7, Lisboa.

Rodrigues, Francisco Martins, *O PCP e a Questão Colonial*, 2007, Cadernos Política Operária 12, Lisboa.

Rodrigues, Francisco Martins, *Pequena História do PCP e do Movimento Operário*, 2008, Cadernos Política Operária 13, Lisboa.

Seabra, Zita, *O Nome das Coisas. Reflexão em Tempo de Mudança*, 1988, Publicações Europa-América, Mem Martins.

Ventura, António. «Documentos sobre uma tentativa de contacto entre o Bureau Político do PCP (Júlio Fogaça) e a IC em 1941», *Estudos Sobre o Comunismo*, n.º 1, Setembro-Dezembro de 1983.

L'apport de la socio-biographie à l'historiographie du mouvement ouvrier. Bruno Groppo¹

L'un des principaux changements survenus dans la *labour history* depuis les années 1960 a été le développement de la sociobiographie ou biographie collective : c'est par cette voie, en effet, que beaucoup d'historiens sociaux ont entrepris, dans les dernières décennies, d'étudier l'histoire des travailleurs et de leurs mouvements. Cette nouvelle orientation a permis de renouveler considérablement la discipline et a abouti à la réalisation de plusieurs dictionnaires biographiques, tandis que d'autres sont actuellement en chantier ou en voie d'achèvement. Il s'agit d'un véritable phénomène historiographique, dont j'analyserai ci-dessous les aspects les plus significatifs.

L'historiographie du monde du travail et des mouvements ouvriers – appelée, selon les pays, *labour history*, histoire ouvrière, *Arbeitergeschichte*, histoire (sociale) du travail - a beaucoup évolué depuis les années 1960. Ce qu'on avait coutume d'appeler jusque-là « histoire du mouvement ouvrier » s'occupait essentiellement des organisations issues du monde ouvrier (partis, syndicats, mutuelles, coopératives, etc.), de leurs dirigeants et des grèves, et était écrite le plus souvent par des militants de ces organisations. C'était une histoire militante, qui répondait à des besoins de légitimation politique et de construction identitaire plus qu'à des préoccupations scientifiques. Elle n'avait pas encore obtenu de reconnaissance universitaire, et les historiens professionnels y étaient rares. Marquée par un fort biais idéologique, elle reflétait les divisions politiques qui existaient entre les différents courants du mouvement ouvrier. Une autre caractéristique importante de cette historiographie était qu'elle s'appuyait rarement sur les archives. Cela était vrai en particulier pour l'historiographie communiste, puisque le stalinisme avait imposé dans tout le mouvement communiste, et non seulement en Union Soviétique, une véritable culture du secret : les documents produits – en abondance, car le mouvement communiste a été un grand producteur de textes écrits - par les partis communistes s'accumulaient dans leurs archives ou dans celles du Comintern, mais ces archives restaient rigoureusement fermées, inaccessibles non seulement pour les chercheurs non communistes, mais aussi pour les communistes eux-mêmes . Par ailleurs, ce que les communistes appelaient histoire du mouvement ouvrier n'était en réalité qu'une histoire du parti, supposée coïncider avec celle du mouvement : une histoire très politique, sans cesse remaniée en fonction des vicissitudes internes de ces partis. Quant aux autres courants politiques ou syndicaux

¹ Bruno Groppo, historien et politologue, chercheur au Centre National de la Recherche Scientifique (Paris), est spécialiste d'histoire comparée des mouvements sociaux et politiques. Membre du *Board of Trustees* de l'International Conference of Labour and Social History (Vienne). A été professeur invité dans de nombreuses universités européennes et latino-américaines. Principaux champs de recherche : histoire ouvrière et sociale ; histoire et historiographie du communisme ; exils et migrations politiques ; politiques de mémoire et usages politiques du passé en Europe et en Amérique Latine.

Parmi ses publications : *Erinnerung an Diktatur und Verfolgung*. Linzer Konferenz 2000, hrsg. von Bruno Groppo und Christine Schindler, Leipzig, Akademische Verlagsanstalt, 2001 ; *Le siècle des communismes*, sous la dir. de Michel Dreyfus, Bruno Groppo, Claudio S. Ingerflom, Roland Lew, Claude Pennetier, Serge Wolikow, Paris, Seuil (Coll. Points), 2004;

Bruno Groppo, Berthold Unfried (ed.), *Gesichter in der Menge. Kollektivbiographische Forschungen zur Geschichte der Arbeiterbewegung /Mouvement ouvrier, biographie collective, prosopographie*, Wien, Akademische Verlagsanstalt, 2006 ; Catherine Collomp, Bruno Groppo(ed.), *An American in Hitler's Berlin. Abraham Plotkin Diary, 1932-33*, Urbana (Ill.) : University of Illinois Press, 2009.

présents dans le monde ouvrier, leur action n'avait évidemment pas sa place dans une histoire du mouvement ouvrier ainsi conçue.

A partir des années 1960 un tournant historiographique important se dessina en Europe et en Amérique du Nord. Les historiens commencèrent à s'intéresser non seulement aux organisations, aux dirigeants, aux débats idéologiques, mais aussi et surtout aux travailleurs eux-mêmes, à leur vie quotidienne, à leur culture, aux mouvements spontanés, informels. On redécouvrait l'individu, le militant en chair et en os, alors qu'auparavant on décrivait la classe ouvrière comme une sorte de bloc uniforme et anonyme. On s'orientait, dans l'ensemble, vers une histoire sociale des travailleurs et de leurs mouvements. Ces transformations historiographiques se produisaient dans un contexte politique où le stalinisme était entré en crise, tandis qu'une « nouvelle gauche » et de nouveaux mouvements sociaux faisaient leur apparition. Les années 1960 et 1970 marquèrent aussi l'apogée des idéologies révolutionnaires, destinées ensuite à décliner. Dans les pays capitalistes avancés la classe ouvrière « classique », celle des travailleurs en col bleu, atteignit à ce moment-là le sommet de son expansion quantitative et de son influence dans la société. Tous ces facteurs créèrent une situation favorable au développement de nouvelles orientations dans le domaine de l'histoire ouvrière et sociale, qui commençait alors à faire son entrée dans les universités et à se professionnaliser. Ce sont désormais les historiens professionnels qui allaient occuper de plus en plus le terrain. L'intérêt pour les ouvriers réels, pour les militants de base, pour les histoires de vie et les itinéraires individuels, conduisit de nombreux historiens à prendre conscience de l'insuffisance des instruments à leur disposition pour explorer cette réalité et de la nécessité d'en élaborer de nouveaux. C'est précisément dans ce contexte que naquirent plusieurs projets de biographie collective, qui allaient aboutir à la réalisation de plusieurs dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier. Le *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*¹ - appelé aussi le Maitron, du nom de son initiateur et maître d'œuvre, Jean Maitron - est l'exemple le plus significatif de ce qui est devenu au fin des années un genre scientifique à part entière et une manière originale d'aborder l'histoire des mouvements sociaux : il a joué un rôle de précurseur et est devenu à la fois une référence incontournable et une source d'inspiration pour d'autres dictionnaires. Ce qu'il faut surtout souligner, c'est l'ampleur du mouvement qui se dessine, à partir des années 1960 et plus encore de la décennie suivante, dans de nombreux pays². A côté du

¹ *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français* (DBMOF), sous la dir. de Jean Maitron et plus tard de Claude Pannetier, Paris, Éditions ouvrières / Éditions de l'Atelier, 1964-1997, 44 vol.

² Dans le cas de la France, il faut noter que, parallèlement au DBMOF, ont été publiés neuf volumes d'un Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier international. Dans l'ordre : *Autriche* (sous la direction de [Yvon Bourdet](#), [Georges Haupt](#), [Félix Kreissler](#) et [Herbert Steiner](#), Paris, [Éditions ouvrières](#), 1971) ; *Grande-Bretagne* (sous la direction de [Joyce Bellamy](#), David Martin, [John Saville](#), adaptation de [François Bédarida](#), Éditions ouvrières, 2 volumes : 1979 et 1986) ; *Japon* (sous la direction de [Shiota Shobei](#), Paris, [Éditions ouvrières](#), 2 volumes : A-L, 1978, et M-Z, 1979) ; *Chine* (sous la direction de [Lucien Bianco](#) et [Yves Chevrier](#), Paris, Éditions ouvrières et [Presses de la FNSP](#), 1985) ; *Allemagne* (sous la direction de [Jacques Droz](#), Paris, [Éditions ouvrières](#), 1990) ; *Maroc* (sous la direction d'[Albert Ayache](#), Paris, Éditions de l'Atelier, 1998) ; *Algérie : engagements sociaux et question nationale. De la colonisation à l'indépendance* (sous la direction de René Gallissot, Paris, Éditions de l'Atelier, 2006). Font également partie de cette collection les deux volumes suivants : *Komintern, l'histoire et les hommes. Dictionnaire biographique de l'Internationale communiste en France, en Belgique, au Luxembourg, en Suisse et à Moscou : 1919-1943* (sous la direction de [José Gotovitch](#) et [Mikhaïl Narinski](#), Paris, Éditions de l'Atelier, 2001) ; *La Sociale en Amérique. Dictionnaire biographique du mouvement social francophone aux États-Unis, 1848-1922* (sous la direction de [Michel Cordillot](#), Paris, Éditions de l'Atelier, 2002).

dictionnaire français on peut citer le dictionnaire britannique en dix volumes dirigé par John Saville et James Bellamy¹, le dictionnaire italien en cinq volumes dirigé par Franco Andreucci et Tommaso Detti², et d'autres encore qui ont été publiés ou sont en cours de réalisation dans d'autres pays, comme la Belgique³, les Pays Bas⁴, l'Espagne⁵, les Etats-Unis⁶, l'Australie⁷, le Brésil⁸ : se dessine ainsi une véritable « Internationale des dictionnaires », pour reprendre le titre d'un numéro spécial de 1994 de la revue *Matériaux* consacré à cette problématique⁹. Il s'agit donc d'un phénomène scientifique d'envergure internationale, qui a mobilisé un nombre considérable d'historiens dans beaucoup de pays. Ces dictionnaires, en effet, sont avant tout le résultat d'un travail collectif, et dans ce sens ils témoignent de l'existence d'une sensibilité historiographique largement partagée. L'approche socio-biographique a ainsi contribué au dépassement de l'historiographie traditionnelle du mouvement ouvrier,

Toujours dans le cadre du Maitron ont été publiés un dictionnaire départemental (Claude Pannetier, dir., *Figures militantes en Val-de-Marne 1870-1970*, Paris, Editions de l'Atelier, 2009) et des dictionnaires thématiques : *Gaziers-électriciens*, sous la direction de Michel Dreyfus, Paris, Editions de l'Atelier, 1996 ; *Cheminots et militants. Un siècle de syndicalisme ferroviaire*, sous la direction de Marie-Louise Goergen, Paris, Éditions de l'Atelier, 2003 ; Cédérom *Dictionnaire biographique du SGEN (1937-1968)*, par Madeleine Singer, Paris, Éditions de l'Atelier ; Cédérom + livret : *Cheminots engagés. 9 500 biographies en mémoire*, sous la direction de Marie-Louise Goergen, Paris, Éditions de l'Atelier, 2007.

¹ John Saville et James Bellamy (ed.), *Dictionary of Labour Biography*, Londres, MacMillan, 1971-2000, 10 vol. Le travail se poursuit depuis 2000 sous la direction d'une nouvelle équipe, composée par David Howell, Neville Kirk et Keith Gildart. Trois volumes supplémentaires ont été publiés. A la différence du Maitron, chaque volume du projet britannique contient des notices qui vont de A à Z. En novembre 2001 le Dictionary of Labour Biography, en collaboration avec le Communist Party Biographical Project de l'Université de Manchester, a organisé, dans le cadre de la Society for the Study of Labour History, une conférence intitulée « Labouring Lives ».

² Franco Andreucci et Tommaso Detti (dir.), *Il movimento operaio italiano. Dizionario biografico*, 5 vol., Rome, Editori Riuniti, 1975-1979.

³ *Le dictionnaire biographique des militants belges*, tome I " A-B ", collection "Histoire du mouvement ouvrier en Belgique" dirigée par Jean Neuville, Bruxelles, Editions Vie ouvrière, [1995].

⁴ Le *Biographical Dictionary of Socialism and the Labour movement in the Netherlands* (*Biografisch Woordenboek van het Socialisme en de Arbeidersbeweging in Nederland, BWSA*), en neuf volumes publiés de 1986 à 2003 sous la direction de B. Reinalda et al., contient plus de 570 notices biographiques pour la période comprise entre 1848 et 1940. Il est consultable en ligne sur le site de l'Institut International d'Histoire Sociale.

⁵ *Diccionario Biográfico del Socialismo Español*, actuellement en chantier à l'initiative de la Fondation Pablo Iglesias. La première partie, concernant la période 1879-1939, a été achevée. Elle comprend 2100 biographies, consultables en ligne sur le site <http://diccionariobiografico.psoe.es> et doit faire l'objet d'une publication papier. La deuxième phase du projet, actuellement en cours, concerne la période 1939-1975. Cf. Fundacion Pablo Iglesias, *Memoria de actividades*, Madrid, 2009, p. 91.

⁶ Pour les Etats-Unis, voir *Who's Who in Labor*, New York, Arno Press, 1976 (ces biographies ne concernent que des personnes en activité dans les années 70) ; Gary M. Fink et al., eds. *Biographical Dictionary of American Labor Leaders*. Westport, CT: Greenwood Press, 1974 ; Gary M. Fink, ed. *Biographical Dictionary of American Labor*. Westport CT, Greenwood Press, 1984.

⁷ The Biographical Register of the Australian Labour Movement, 1788-1975 devrait être achevé prochainement et publié en format papier et en CD-Rom, avec plus de 2.000 notices biographiques. Cf. John Shields et Andrew Moore, « Collective Biography and Labour History: The Case of The Biographical Register of the Australian Labour Movement, 1788-1975 » (History in Australian and New Zealand Business Schools: The Proceedings of the First AAHANZBS Conference, The University of Sydney, 14-15 December 2009 / edited by Greg Patmore).

⁸ Claudio Batalha (dir.), *Dicionário do movimento operário - Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 - militantes e organizações*, Sao Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 2 vol.

⁹ *Matériaux pour l'histoire de notre temps*, n. 34, 1994.

axée sur les organisations et sur leurs dirigeants. En s'intéressant aussi aux militants « obscurs », elle a permis de reconstruire, sur la base des itinéraires individuels, le profil de différentes générations au sein du mouvement ouvrier.

L'approche socio-biographique n'est d'ailleurs pas restée confinée à la *labour history*, mais a investi aussi d'autres domaines. Ainsi, par exemple, des dictionnaires biographiques ou des encyclopédies ont été consacrés à la gauche dans son ensemble¹ ou à certains de ses courants², aux femmes (généralement sous-représentées dans les dictionnaires du mouvement ouvrier), aux mouvements catholiques³, à des groupes particuliers, comme les résistants pendant la seconde guerre mondiale⁴ ou les volontaires des brigades internationales dans la guerre civile espagnole⁵. Une partie des noms qui figurent dans ces ouvrages est présente également dans les dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier, s'agissant de personnes qui ont eu une militance multiple. Pour ce qui concerne spécifiquement les femmes, plusieurs travaux socio-biographiques ont été réalisés, par exemple aux Etats-Unis⁶, en Belgique⁷, ou sont en cours, par exemple en France. Certains exils ont fait aussi l'objet de travaux socio-biographiques de grande envergure : c'est le cas, par exemple, du dictionnaire biographique de l'émigration de langue allemande pendant la dictature nazi, qui contient aussi de nombreuses notices sur des militants du mouvement ouvrier allemand et autrichien⁸. Je citerai enfin, comme exemple de l'approche socio-biographique appliquée à un groupe qui fut parmi les ennemis les plus redoutables du mouvement

¹ Aldo Agosti (dir.), *Enciclopedia della sinistra europea nel XX secolo*, Rome, Editori Riuniti, 2000 ; Mari Jo Buhle, Paul Buhle, and Dan Georgakas (dir.), *Encyclopedia of the American Left*, 2nd ed., New York, Oxford University Press, 1998 ; Horacio Tarcus (dir.), *Diccionario biografico de la izquierda argentina. De los anarquistas a la "nueva izquierda"*, Buenos Aires, Emecé, 2007.

² Par ex. le *Diccionario Biográfico del Socialismo Español*, actuellement en chantier à l'initiative de la Fondation Pablo Iglesias. La première partie, concernant la période 1879-1939, a été achevée. Elle comprend 2100 biographies, consultables en ligne sur le site <http://diccionariobiografico.psoe.es> et doit faire l'objet d'une publication papier. La deuxième phase du projet, actuellement en cours, concerne la période 1939-1975. Cf. Fundacion Pablo Iglesias, *Memoria de actividades 2009*, p. 91.

³ Par ex. *Dizionario storico del movimento cattolico*, dir. F. Traniello et G. Campanini, Turin, Marietti, 1981-1984. Les volumes 2 et 3 contiennent exclusivement des notices biographiques.

⁴ *Enciclopedia dell'antifascismo e della Resistenza*, dir. Pietro Secchia et Enzo Nizza, Milan, La Pietra, 6 volumes (plus 2 volumes supplémentaires), 1968-1989.

⁵ Rémi Skoutelsky, *L'espoir guidait leurs pas. Les volontaires français dans les brigades internationales 1936-1939*, Paris, Grasset, 1998 ; Alexander Bill, *British Volunteers for Liberty: Spain 1936-1939*, London, 1982 ; Hans Landauer in Zusammenarbeit mit Erich Hack, *Lexikon der österreichischen Spanienkämpfer 1936-1939*, Wien, Verlag der Theodor Kramer Gesellschaft, 2003 ; Henri Wehenkel, *D'Spueniekämpfer. Volontaires de la guerre d'Espagne partis du Luxembourg*, Dudelange, Centre de Documentation sur les Migrations Humaines, 1997 ; Ulmi Nic et Peter Huber, *Les combattants suisses en Espagne républicaine (1936-1939)*, Lausanne, Verlag Antipodes, 2001 ; Gino Gerold Baumann, *Los voluntarios latinoamericanos en la guerra civil española*, San José de Costa Rica, Editorial Guayacán, 1997.

⁶ Par ex. Paula Hyman and Deborah Dash Moore (eds.), *Jewish Women in America: An Historical Encyclopedia*. 2 vols. New York: Routledge, 1997. Le deuxième volume inclut des biographies de femmes qui ont été actives dans le mouvement ouvrier.

⁷ *Dictionnaire des femmes belges, XIXe et XXe siècles* / sous la direction d'Eliane Gubin, Catherine Jacques, Valérie Piette et Jean Puissant ; avec la collaboration de Marie-Sylvie Dupont-Bouchat et Jean-Pierre Nandrin. – Bruxelles, Racine, [2006].

⁸ *Biographisches Handbuch der deutschsprachigen Emigration nach 1933-1945 / International Biographical Dictionary of Central European Emigrés 1933-1945*, Hrsg. v. Institut für Zeitgeschichte / Research Foundation for Jewish Immigration, New York, De Gruyter Saur, 1999.

ouvrier, le travail de Michael Wildt sur les cadres du Reichssicherheitshauptamt (RSHA), le principal organisme répressif du régime nazi de 1939 à 1945¹. Cette énumération, bien qu'incomplète, montre que la méthode socio-biographique s'est généralisée au cours des dernières décennies, dans le cadre d'un intérêt de plus en plus profond pour l'individu, la biographie, l'autobiographie, la micro-histoire, l'histoire de la vie quotidienne.

Les dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier ont généralement adopté comme base de travail le cadre national. Certains, toutefois, ont choisi un cadre plus restreint, comme la Catalogne², l'Ecosse³, l'Etat de Rio de Janeiro⁴. D'autres, au contraire, ont opté pour un cadre international : c'est le cas, par exemple, du dictionnaire de la gauche en Europe, déjà cité, de ceux consacrés aux cadres du Comintern, dont il sera question plus loin, ou encore du dictionnaire international des militants anarchistes⁵. Le choix du cadre national répond évidemment à des exigences pratiques, mais conditionne aussi le regard, puisque l'aspect international du mouvement ouvrier, les contacts et les réseaux supranationaux, la circulation des militants, finissent le plus souvent au second plan. Le travail de Michel Cordillot *La Sociale en Amérique*⁶, qui a comme sous-titre « dictionnaire du mouvement social francophone aux Etats-Unis », montre, en revanche, tout l'intérêt et surtout la nécessité de prendre en compte cet aspect, notamment le problème des migrations : un aspect dont l'importance avait été soulignée avec force par Georges Haupt à propos de la diffusion du socialisme au XIXe siècle.

Les dictionnaires biographiques réalisés à partir des années 1960 se distinguent généralement par le respect de critères scientifiques et par le fait d'être dirigés par des historiens professionnels. Ces caractéristiques renvoient aux changements qui se sont produits à ce moment-là dans le domaine de la *labour history*, avec la transition d'une histoire militante de caractère politico-idéologique à une histoire sociale des travailleurs et du monde du travail, et avec la professionnalisation de la discipline. La conjoncture historique de l'époque favorisait la recherche de nouveaux chemins historiographiques. Les années 1960 et 1970, caractérisées par de fortes mobilisations sociales et politiques, ont été marquées, dans de nombreux pays, par un intérêt croissant pour l'histoire des travailleurs et de leurs mouvements, comme le montre, par exemple, la multiplication, dans cette période, des publications sur ces thèmes. Sur le plan politique, alors que l'influence du stalinisme et de l'orthodoxie soviétique s'affaiblissaient, une nouvelle gauche s'attelait à une relecture de l'histoire du mouvement ouvrier. Malgré l'apparition de nouveaux dogmatismes et de nouvelles orthodoxies, un nouvel espace s'ouvrait pour un regard critique sur le passé et le présent du mouvement ouvrier. Le temps des

¹ Michael Wildt, *Generation des Unbedingten. Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes*, Hamburg, Hanburger Edition, 2002.

² *Diccionari biogràfic del moviment obrer als Països catalans*, coordonné par María Teresa Martínez de Sans (XIXe siècle) et Pelai Pagès Blanch (XXe siècle), Barcelone, Edicions Universitat de Barcelona-Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2000. Le cadre inclut non seulement la Catalogne espagnole, mais aussi Valencia et les Baléares.

³ William Knox (ed.), *Scottish Labour Leaders, 1918-39: A Biographical Dictionary*, Edinburgh, Mainstream Publishing, 1984.

⁴ Claudio Batalha (dir.), *Dicionário do movimento operário*, op. cit.

⁵ *Dictionnaire international des militants anarchistes*, disponible seulement sur internet (<http://militants-anarchistes.info/>). A signaler également le *Dizionario biografico degli anarchici italiani*, a cura di M. Antonioli, G. Berti, S. Fedele et al., Pisa, BFS, 2003-2004, 2 vol.

⁶ Michel Cordillot, *La Sociale en Amérique*, op. cit.

biographies « exemplaires », de l'hagiographie politique modelée sur les « vies des saints », se terminait. Dans le domaine historiographique, les partis communistes du monde occidental n'étaient plus en mesure d'imposer leur monopole sur l'interprétation de leur propre histoire, qui s'ouvrait donc à des interprétations différentes. Globalement, une époque se terminait et une autre commençait.

C'est dans ce contexte que de nombreux historiens se sont tournés vers la sociobiographie et se sont engagés dans des chantiers collectifs qui ont abouti aux dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier. Ils prenaient conscience, à ce moment-là, de l'insuffisance des instruments dont ils disposaient pour l'étude de l'histoire ouvrière, ainsi que de la nécessité de connaître non seulement les grandes figures du mouvement, mais aussi les militants de base. Signe des temps, l'Institut français d'histoire sociale organisa en 1960, à l'initiative de Jean Maitron, un colloque sur « Le militant ouvrier »¹.

Les dictionnaires biographiques mis en chantier à partir des années 1960 avaient quelques antécédents. En France, par exemple, des notices biographiques figuraient déjà dans les 12 volumes de l'*Encyclopédie socialiste, syndicale et coopérative de l'Internationale ouvrière*, publiée de 1912 à 1921 par Adéodat Compère-Morel, dans le *Grand dictionnaire socialiste* du même auteur, publié en 1924², dans le *Dictionnaire du socialisme* de Charles Vérecque, publié en 1911, ou encore dans l'*Encyclopédie anarchiste*, publiée en 1934 sous la direction de Sébastien Faure. En 1930 l'Internationale Ouvrière Socialiste (IOS) avait mis en chantier un « Dictionnaire du socialisme et du mouvement ouvrier » (*Handbuch des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*), pour lequel le secrétariat avait commencé à réunir des biographies, mais le projet fut abandonné en 1933 à cause de la crise de l'Internationale provoquée par l'arrivée au pouvoir d'Hitler en Allemagne³. Aux Etats-Unis, on peut signaler un *Who is who* du mouvement ouvrier, limité toutefois aux personnalités éminentes, publié en 1924⁴, et un autre *Who is who* de 1946, qui incluait le Canada⁵. Par rapport à ces antécédents, les dictionnaires biographiques publiés à partir des années 1960 inaugurent réellement une étape nouvelle, caractérisée par de nouvelles approches méthodologiques et épistémologiques. En France, la progression du travail socio-biographique a été ponctuée par une série de colloques et de séminaires, dont plusieurs ont été organisés autour du Maitron. Hors de France, on peut signaler également des initiatives analogues, comme le séminaire sur les dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier organisé en 1984 à Milan par la Fondation Brodolini et la Fondation Feltrinelli⁶, le colloque organisé en 2005 à Linz par l'International Conference of Labour and Social History⁷,

¹ Publié dans *Le Mouvement social*, n. 33-34, octobre 1960 – mars 1961.

² Le titre complet est *Grand dictionnaire socialiste du mouvement politique et économique national et international* (Paris, Publications Sociales, 1924).

³ Cf. Labour and Socialist International Archives (Institut International d'Histoire Sociale, Amsterdam), Bl. 342-360 (« Dossier betr. Die Sitzung in Berlin. 11.-13. Mai 1930 »).

⁴ Solon De Leon, *The American Labor: Who's Who* (for the Labor Movement). New York City, Hanford Press, 1925.

⁵ *Who's Who in Labor: The Authorized Biographies of the Men and Women Who Lead Labor in the United States and Canada*. New York: Dryden Press, 1946. Un autre ouvrage de ce type fut publié en 1976 (*Who's Who in Labor*. 1st ed. New York: Arno Press, 1976).

⁶ Publié dans Felicia Giagnotti (dir.), *Storie individuali e movimenti collettivi. I dizionari biografici del movimento operaio*, Milan, Angeli, 1988.

⁷ Bruno Groppo et Berthold Unfried (dir.), *Gesichter in der Menge. Kollektivbiographische Forschungen*

l'atelier « Vies ouvrières : histoire du travail et autobiographies / Working Lives: Labour History and Autobiography » au XX^e Congrès International des sciences historiques à Sidney en 2005. Des colloques spécifiques ont été consacrés, d'autre part, à la sociobiographie des militants communistes.

Deux expériences de biographie collective, l'une allemande et l'autre brésilienne, me semblent particulièrement significatives. En Allemagne fédérale, l'approche par la biographie collective à l'histoire du mouvement ouvrier a été développée depuis la fin des années 1970 par le Zentrum für Historische Sozialforschung (Centre de recherche sociale historique) de l'Université de Cologne, à l'initiative de Wilhelm Heinz Schröder, qui s'est intéressé surtout aux militants sociaux-démocrates d'avant 1933. Parmi les travaux réalisés ou dirigés par Schröder se distinguent un dictionnaire biographique des députés et candidats sociaux-démocrates au Parlement du Reich (Reichstag) de 1898 à 1918¹ et surtout une base de données, appelée BIOSOP, sur les parlementaires sociaux-démocrates au Reichstag et dans les parlements régionaux (Landtage) de 1867 à 1933². Dans les deux cas, le travail a pris pour objet un secteur bien délimité – les parlementaires nationaux et régionaux – de la social-démocratie, principal courant du mouvement ouvrier allemand de l'époque. Il ne s'agit donc pas d'un dictionnaire biographique de la social-démocratie allemande ou du mouvement ouvrier allemand dans son ensemble, mais seulement d'un segment de cet ensemble. En choisissant un corpus strictement délimité, Schröder a pu effectuer un recensement exhaustif, ce qui est évidemment impossible dans un dictionnaire biographique général du mouvement ouvrier. Dans ces limites, il s'agit bien d'une biographie collective, qui éclaire l'itinéraire professionnel et politique, la formation, les caractéristiques sociologiques d'un ensemble de militants et cadres sociaux-démocrates. Présentées sous forme de fiches, les notices de la base BIOSOP permettent toute sorte de recherche croisée.

L'autre exemple intéressant est le dictionnaire biographique du mouvement ouvrier de Rio de Janeiro, dirigé par Claudio Batalha³. On a affaire ici à un dictionnaire inspiré du Maitron, qui recense non seulement les militants mais aussi les nombreuses organisations ouvrières qui ont vu le jour à Rio, alors capitale du Brésil, entre 1830 et les années 1920 du XX^e siècle. Ce travail est le résultat d'un long processus, commencé dans les années 1980 à Paris, lorsque Claudio Batalha, alors doctorant à Paris, fréquentait le séminaire de Robert Paris à l'EHESS et collaborait au projet de ce dernier d'un dictionnaire biographique du mouvement ouvrier en Amérique Latine⁴. De retour au Brésil, il commença à travailler à un projet de dictionnaire brésilien. Au congrès de 1997 de l'Association des professeurs universitaires d'histoire (ANPUH), le projet fut discuté dans une réunion d'une douzaine d'historiens intéressés. Comme résultat de ces débats, dans l'Etat de Rio Grande do Sul quelques historiens, coordonnés par Silvia

zur Geschichte der Arbeiterbewegung / Mouvement ouvrier, biographie collective, prosopographie, Vienne, Akademische Verlagsanstalt, 2006.

¹ Wilhelm Heinz Schröder, *Sozialdemokratische Reichstagsabgeordnete und Reichstagskandidaten 1898-1918. Biographisch-statistisches Handbuch*, Düsseldorf, 1986.

² Wilhelm Heinz SCHRÖDER, *Sozialdemokratische Parlamentarier in den deutschen Reichs- und Landtagen 1867-1933*, Düsseldorf, 1995. La base de données BIOSOP est consultable directement sur internet sur le site web du Centre à l'Université de Cologne (biosop.zhsf.uni-koeln.de) ou sur celui de la Fondation Friedrich Ebert (www.fes.de/hfz/arbeiterbewegung/Members/schochr/biosop-online).

³ Claudio Batalha (dir.), *Dicionário do movimento operário*, op. cit.

⁴ Voir Robert Paris, « Biografia e 'Perfil' do Movimento Operário », *Revista brasileira de historia*, vol. 17, n. 33 (numéro spécial "Biografia, biografias"), 1997, pp. 9-31.

Petersen, commencèrent à construire une base de données biographiques des militants de cet Etat. Le projet de dictionnaire reçut une nouvelle impulsion en 2000-2001 grâce à la création, au sein de l'ANPUH, d'un groupe de travail intitulé « Mondes du Travail ». Le dictionnaire coordonné par Batalha est le premier résultat du travail de ce réseau. D'autres dictionnaires devraient suivre. Celui de l'Etat de Rio Grande do Sul est pratiquement terminé et ne devrait pas tarder à être publié. Deux autres dictionnaires, concernant respectivement l'Etat de Minas Gerais et l'Etat de Sao Paulo, sont en chantier. Le projet d'un dictionnaire brésilien a donc débouché, pour l'instant, sur des dictionnaires régionaux. Les historiens concernés ont estimé en effet que c'était le chemin le plus approprié pour au moins deux raisons : d'une part, à cause de la dimension quasi continentale du pays, qui rend difficile une entreprise socio-biographique d'envergure nationale ; d'autre part, parce que, comme l'explique Claudio Batalha, dès le début le mouvement ouvrier au Brésil s'est développé principalement sur la base d'organisations locales, sans réussir à acquérir un caractère véritablement national¹. Dans le choix des biographies, le critère adopté a été celui d'une histoire d'en bas, privilégiant les militants peu connus mais qui ont néanmoins laissé une trace dans l'histoire du monde du travail. De nombreuses notices biographiques témoignent du rôle important joué, dans le cas du Brésil, par les travailleurs et les militants immigrés d'Europe. Cet aspect a d'ailleurs fait l'objet de plusieurs monographies, en particulier sur les Italiens : on peut signaler, par exemple, celle de Regine Horta Duarte sur l'anarchiste italien Avelino Foscolo², celle de Carlo Romani sur un autre anarchiste italien, Oreste Ristori³, ou encore celle de Edilene Toledo sur les syndicalistes révolutionnaires italiens à Sao Paulo⁴.

Le projet d'un dictionnaire biographique latino-américain, auquel Robert Paris a longtemps travaillé, est resté malheureusement un chantier inachevé. Il en est allé de même pour le projet d'un dictionnaire biographique du mouvement ouvrier argentin, auquel s'étaient attelés Edgardo Bilsky et Ricardo Falcon. En revanche, un projet de dictionnaire biographique de la gauche en Amérique Latine est actuellement en discussion au sein d'un groupe de travail qui réunit des historiens de différents pays latino-américains (Horacio Tarcus, Olga Ulianova, Gerardo Caetano, Ricardo Melgar Bao, Fernando Texeira da Silva).

Biographies collectives de militants et cadres communistes

Une catégorie particulière de biographies collectives concerne les militants communistes. Le communisme ayant été l'un des courants du mouvement ouvrier et de la gauche au XXe siècle, une partie de ses militants figure également dans les dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier et de la gauche. Il existe toutefois des travaux socio-biographiques consacrés spécifiquement aux militants communistes. Je n'aborderai pas ici la problématique générale de la biographie et du contrôle biographique dans le mouvement et dans les régimes communistes. Sur ce point, je renvoie aux travaux de Claude Pannetier, Bernard Pudal, Brigitte Studer, Berthold

¹ Claudio Batalha, "Labour Biography and Labour Biographical Dictionaries in Brazil", communication présentée au Congrès Mondial des Sciences Historiques (Sidney 2005).

² Regina Horta Duarte, *A imagem rebelde. A trajetória libertária de Avelino Foscolo*, Campinas, Pontes/Editora da UNICAMP, 1991.

³ Carlo Romani, *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*, São Paulo, FAPESP/Annablume, 2002.

⁴ Edilene Toledo, *Travessias revolucionárias: Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*, Campinas, Editora da UNICAMP, 2004..

Unfried et autres chercheurs, en me limitant à rappeler la double nature du communisme au XXe siècle : mouvement politique et social d'une part, régime politique, de l'autre, basé sur le monopole du pouvoir par le parti communiste dans une série de pays. La coexistence de ces deux aspects tout au long de l'histoire communiste du XXe siècle pose, du point de vue de la biographie collective, plusieurs problèmes. On peut se demander, par exemple, si ou jusqu'à quel point les membres de la nomenklatura dans les régimes communistes ont leur place dans un dictionnaire biographique du mouvement ouvrier : en particulier, si les dirigeants de syndicats étroitement soumis à l'Etat, comme l'étaient les syndicats soviétiques et ceux des autres pays dits socialistes, doivent être considérés des syndicalistes au même titre que les représentants de syndicats réellement indépendants.

En Union Soviétique le Dictionnaire encyclopédique soviétique *Granat* publia de 1927 à 1929, à l'occasion du dixième anniversaire de la révolution d'Octobre, une série de biographies autorisées de personnalités bolcheviques, rédigées en 1924-1925 (donc avant la victoire de Staline et l'élimination de toute opposition à l'intérieur du parti)¹, qui témoignent, comme le soulignait Georges Haupt², de l'hétérogénéité idéologique et politique de la vieille garde bolchevique. Ces notices peuvent être considérées comme la première ébauche d'une biographie collective dans le monde communiste. Au fur et à mesure que le stalinisme se consolidait en Union Soviétique et dans le mouvement communiste, de telles publications devinrent impossibles, parce que dans le système stalinien les dirigeants communistes tombés en disgrâce, exclus du parti ou frappés par la répression devenaient de « non-personnes », dont les noms ne pouvaient plus être mentionnés, sauf dans les actes d'accusation et les verdicts de condamnation émis par les tribunaux soviétiques à l'occasion des « procès de Moscou » qui liquidèrent la vieille garde bolchevique. Cette pratique soviétique de transformer en « non-personnes » et de vouer à l'oubli les communistes dissidents ou hérétiques s'installa aussi dans les autres partis communistes, désormais « stalinisés », en même temps que d'autres pratiques issues de l'expérience soviétique, comme les séances d'autocritique³, la confession publique des « déviations » commises, et jusqu'à la pratique des procès, copiée sur le modèle des « procès de Moscou » des années 1930⁴.

Le communisme au pouvoir publia lui-aussi, mais assez tardivement, des dictionnaires biographiques du mouvement ouvrier⁵. Rédigés par des « collectifs d'historiens » rattachés aux Instituts de Marxisme-Léninisme, l'institution en charge de

¹ Encyclopédie Granat, *Deiateli SSSR y Oktiabr'skoi Revoliutsii*, Moscou, 1927-1929. Voir la traduction en français dans Georges Haupt, Jean-Jacques Marie, *Les Bolchéviks par eux-mêmes*, Paris, Maspero, 1969. Voir aussi l'analyse de ces biographies par Werner Mosse, « Makers of the Soviet Union », *Slavonic and East European Review*, London, n. 46, 1968, pp. 141-154.

² *Ibid.*, p. 19.

³ Cf. Berthold Unfried, « L'autocritique dans les milieux cominterniens des années 1930 », in C. Pennetier et B. Pudal, *Autobiographies ...*, op. cit., pp. 43-62 ; Id., « Parler de soi au parti. L'autocritique dans les milieux du Komintern en URSS dans les années trente », in Brigitte Studer, Berthold Unfried, Irène Herrmann (dir.), *Parler de soi sous Staline. La construction identitaire dans le communisme des années Trente*, Paris, Editions de la MSH, 2002, pp. 147 sgg.

⁴ Des « procès de Moscou » eurent lieu après 1945 dans plusieurs pays communistes d'Europe orientale (procès Rajk en Hongrie, procès Kostov en Bulgarie, procès Slansky en Tchécoslovaquie). Ils eurent leur pendant en France avec l'« affaire » Marty-Tillon, en Italie avec l'affaire Cucchi-Magnani.

⁵ Voir par ex., pour la RDA, Institut für Marxismus-Leninismus beim ZK der SED, *Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung. Biographisches Lexikon*, Dietz, Berlin, 1970; pour la Tchécoslovaquie, *Priručni Slovník k Dejinnostem KSČ [A Concise Dictionary of the History of the CPCS]*, Prague, Nakl. politické literatury SNPL, 1964.

« l'histoire officielle » dans les régimes communistes, ces dictionnaires obéissaient à des critères essentiellement politiques tant dans la sélection des noms qui pouvaient y figurer que dans la rédaction des notices. Puisque l'« histoire officielle » dans ces régimes était sans cesse réécrite selon les nécessités politiques du moment, le sort de ces ouvrages restait toujours incertain. L'un des problèmes les plus délicats concernait les cadres communistes victimes des répressions stalinienne en Union Soviétique. Il était particulièrement aigu dans le cas du Parti communiste allemand, dont plusieurs centaines de militants avaient été assassinés en URSS par la police soviétique dans les années 1930, et dans celui du Parti communiste polonais, dont pratiquement tous les cadres qui avaient eu le malheur de séjourner dans la « patrie du socialisme » dans les années 1930 avaient été exterminés ; d'autres partis étaient également concernés, comme le Parti communiste italien, mais dans ce cas les victimes n'étaient pas des dirigeants en vue, mais des militants moins connus. Dans la RDA, le *Biographisches Lexikon* publié à Berlin en 1970 - qui concernait l'ensemble du mouvement ouvrier allemand, non seulement les communistes - présentait, pour la première fois, les biographies de dix dirigeants communistes allemands victimes des répressions en Union Soviétique, en précisant qu'ils étaient innocents. C'était, apparemment, aller trop loin. Immédiatement après sa publication, le volume fut retiré de la circulation, et ne réapparut que dix ans plus tard dans quelques librairies¹. De toute évidence, tant que le parti persistait à vouloir exercer le monopole de la vérité historique, rédiger un dictionnaire biographique restait un exercice périlleux.

Une première exploration de caractère scientifique de la dimension biographique du Comintern fut le *Biographical Dictionary of the Comintern*, publié par Branko Lazitch et Milorad Drachkovitch en 1973, à une époque où les archives de cette organisation étaient encore rigoureusement fermées. Figuraient dans cet ouvrage 718 biographies de cadres communistes ayant joué un rôle au sein du Comintern². Entretemps, l'approche socio-biographique s'affirmait progressivement dans le champ scientifique comme une méthode originale de l'histoire sociale, en particulier dans la *labour history*, comme en France avec le Maitron, en Angleterre ou en Allemagne³. Dans les travaux sur le communisme, un tournant décisif se produisit toutefois grâce à l'ouverture des archives de Moscou, en particulier de celles du Comintern, après la fin de l'Union Soviétique. Pour les historiens du communisme les biographies de militants conservées dans les archives du Comintern et devenues partiellement accessibles après l'ouverture de ces archives dans les années 1990, représentent une source extrêmement précieuse, surtout pour une approche socio-biographique. Il convient de rappeler qu'avant l'ouverture de ces archives les historiens du communisme disposaient, pour l'essentiel, de trois types de sources : tout d'abord, les biographies et autobiographies « officielles » de dirigeants communistes⁴, qui obéissaient généralement à une logique

¹ H. Weber, « *Weisse Flecken* » in *der Geschichte. ...*, op. cit., Berlin 1990, pp. 45-47. Dans le volume figuraient aussi, pour la première fois, les noms d'ex-dirigeants communistes tombés en disgrâce, comme Paul Levi, Heinrich Brandler, Ruth Fischer et d'autres.

² Branko Lazitch, Milorad Drachkovitch, *Biographical Dictionary of the Comintern*, Stanford, Hoover Institution Press, 1973. Une nouvelle édition, revue et élargie, parut en 1986, contenant cette fois-ci 753 biographies.

³ Alexander Gallus, « Biographie und Zeitgeschichte », *Aus Politik und Zeitgeschichte*, (Bonn) 2005, n. 1-2, pp. 40-46.

⁴ Typique, à cet égard, l'autobiographie du dirigeant communiste français Maurice Thorez, *Fils du peuple*, publiée en 1937. Voir Claude Pannetier, Bernard Pudal, « Les autobiographies des « fils du peuple ». De l'autobiographie édifiante à l'autobiographie auto-analytique », in C. Pannetier, Bernard

agiographique et de légitimation ; ensuite, les récits autobiographiques d'ex-communistes, qui relèvent souvent du registre de la confession (des erreurs ou des illusions passées) et du règlement de comptes avec le parti et les anciens camarades¹ ; enfin, les documents conservés dans les archives de police². S'y ajoutaient, plus rarement, des biographies « atypiques », écrites dans une perspective d'historien, comme la biographie de Staline par Boris Souvarine³. Il manquait toujours un élément essentiel : la possibilité d'accéder aux archives des partis communistes et du Comintern. L'obsession du secret, caractéristique du mouvement communiste, et la fermeture des archives ont entravé considérablement et pendant longtemps le développement des recherches sur le communisme.

L'ouverture des archives des partis communistes dans les pays ex-communistes d'Europe centrale et orientale après 1989, et plus encore celle des archives russes après la fin de l'Union Soviétique, ont modifié profondément la situation et les perspectives de la recherche sur le communisme. Pour la première fois les documents internes du Comintern et d'autres organisations communistes devenaient accessibles aux chercheurs, qui pouvaient ainsi explorer l'histoire du mouvement communiste en s'appuyant sur les sources originales.

Les changements survenus dans le domaine des archives en Russie s'inscrivaient dans un processus général d'ouverture des archives dans les autres pays ex-communistes d'Europe centrale et orientale⁴. En même temps, plusieurs partis communistes occidentaux, dont certains avaient commencé déjà avant 1989 à ouvrir partiellement leurs archives, levaient les derniers obstacles qui entravaient l'accès à ces documents, en décidant souvent d'en confier la garde à des institutions publiques (archives nationales ou départementales) pour qu'elles les mettent à la disposition du public. En Allemagne on assista même à une situation paradoxale : après la réunification, les archives de l'ex-RDA devinrent immédiatement accessibles jusqu'à 1989, alors que dans l'ex République Fédérale restait en vigueur le délai de 30 ans pour l'accès aux documents de l'histoire contemporaine. Le sort final des archives communistes montrait clairement qu'une page d'histoire était définitivement tournée.

Les répercussions de la « révolution des archives » sur l'historiographie du communisme ont été très importantes, mais je me limiterai à prendre en considération celles qui concernent spécifiquement la problématique socio-biographique. Il faut noter

Pudal, *op. cit.*, pp. 217-246 ; Bruno Groppo, « Entre autobiographie et histoire. Les récits autobiographiques de communistes italiens publiés après 1945 », in C. Pennetier, Bernard Pudal, *op. cit.*, pp. 247-265.

¹ Les autobiographies d'ex-communistes constituent un genre littéraire en soi. Voir Ernst-August Roloff, *Ex-Kommunisten. Abtrünnige des Weltkommunismus. Ihr Leben und ihr Bruch mit der Partei in Selbstdarstellungen*, Mainz, 1968 ; Hermann Kühn, *Bruch mit dem Kommunismus. Über autobiographische Schriften von Ex-Kommunisten im geteilten Deutschland*, Münster, 1990.

² Par exemple, dans le cas italien, les dossiers du Casellario Politico Centrale (Fichier Politique Central, dans l'Archivio Generale dello Stato), méticuleusement tenu à jour par le régime fasciste dans le but de surveiller et réprimer ses adversaires politiques en Italie et à l'étranger.

³ Boris Souvarine, *Staline. Aperçu historique du bolchevisme*, Paris, Plon, 1935.

⁴ Un processus complexe, puisqu'il s'agissait, entre autre, de définir le futur statut des archives des partis communistes qui venaient d'être chassés du pouvoir, et plus en général de toutes les archives dont étaient dépositaires les Instituts de marxisme-léninisme, eux-aussi voués à la disparition. Dans l'impossibilité de pouvoir approfondir ici cet aspect du problème, on se limitera à remarquer qu'en général les archives des partis communistes ont été versées, avec des modalités variées, aux archives nationales des pays respectifs. Un autre aspect du problème concernait les archives des différentes polices politiques de l'époque communiste.

tout d'abord que l'ouverture des archives russes n'a pas été complète. Certaines parties, jugées politiquement sensibles, sont restées fermées : d'autres encore, après avoir été ouvertes pendant quelques années, ont été ensuite refermées. Dans le cas des dossiers personnels des militants communistes conservés dans les archives du Comintern, l'ouverture n'a été que partielle, puisqu'ils contiennent des documents relatifs à la vie privée et donc assujettis aux restrictions s'appliquant à ce type d'archives. Les chercheurs ont pu néanmoins accéder à une partie des documents qui figurent dans ces dossiers, et plus précisément aux questionnaires biographiques et aux autobiographies de parti (c'est-à-dire, les récits autobiographiques que les militants communistes étaient tenus de rédiger et de remettre au parti). Cela s'est fait généralement dans le cadre de projets de coopération scientifique entre le RGASPI (Archives d'Etat Russes d'Histoire Sociale et Politique,) et des historiens russes, d'une part, et des historiens d'autres pays, de l'autre. Trois projets ont fait avancer considérablement les connaissances biographiques sur les communistes qui ont joué un rôle au sein du Comintern. Le plus important a été réalisé à l'Université de Hanovre, sous la direction de Michael Buckmiller et Klaus Meschkat, et a abouti à la création d'une base de données et à la publication d'un volume intitulé "Manuel biographique sur l'histoire du Comintern"¹. Un second projet, plus limité, concerne les cadres de langue française du Comintern et a été réalisé par une équipe d'historiens français, belges, suisses, luxembourgeois, russe (Claude Penetier, Serge Wolikow, Michel Dreyfus, José Gotovitch, Brigitte Studer, Peter Huber, Henri Wehenkel, Mikhaïl Narinski) dans le cadre d'une coopération entre des centres de recherches français et belges et le RGASPI de Moscou². A ces deux projets il faut ajouter une troisième initiative, liée au projet biographique de Hanovre, qui a abouti à un dictionnaire biographique, en espagnol, sur le Comintern et l'Amérique Latine, rédigé par deux historiens russes, Lazar JEIFETS et Victor JEIFETS, et un historien suisse, Peter Huber³.

Ces trois dictionnaires ont en commun, tout d'abord, l'objet d'étude : les cadres du Comintern, et donc les premières décennies du mouvement communiste. Cette coïncidence n'est pas le fruit du hasard : c'est en effet sur cette première période que les archives de Moscou ont apporté la plus grande quantité de documents. C'est aussi la période au cours de laquelle se sont formés dans le mouvement communiste, conformément au modèle bolchevique, de nombreux dirigeants qui continuèrent de

¹ Michael Buckmiller und Klaus Meshkat (dir.), *Biographisches Handbuch zur Geschichte der Kommunistischen Internationale*, Berlin, Akademie Verlag, 2007, 484 p. La base de données se présente sous la forme d'un CD-Rom. Le livre contient les actes d'un colloque tenu en 2005 à l'Université de Hannover en conclusion du projet de recherche.

² José Gotovitch et Mikhaïl Narinski (dir.), *Komintern : l'histoire et les hommes. Dictionnaire biographique de l'Internationale communiste en France, en Belgique, au Luxembourg, en Suisse et à Moscou (1919-1943)*, Paris, Editions de l'Atelier, 2001, 604 p.

³ Lazar JEIFETS, Victor JEIFETS, Peter Huber, *La Internacional comunista y America Latina, 1919-1943. Diccionario biográfico*, Moscou/Gênève, Instituto de Latinoamérica de la Academia de las ciencias/Institut pour l'histoire du communisme, 2004. A la base de ce dictionnaire il y a l'ouvrage publié en 2000 en russe par Lazar et Victor JEIFETS et intitulé "L'Amérique Latine dans l'orbite du Comintern. Essai de dictionnaire biographique" (Lazar JEIFETS, Victor JEIFETS, *Latinskaia Amerika v orbite komintern. Opyt biograficheskogo slovara*, Moscou, 2000). Le dictionnaire des JEIFETS et de Huber comprend 900 biographies de communistes latino-américains ou ayant été en rapports avec l'Amérique Latine (par exemple comme émissaires du Comintern). Malgré certaines lacunes, c'est un ouvrage particulièrement utile, compte tenu du vide qui existait auparavant dans ce domaine. Ce travail avait été réalisé dans le cadre du « Projet de recherche biographique sur le Comintern » réalisé par l'Institut de Science Politique et de Sociologie de l'Université d'Hannover sous la direction de Michael Buckmiller et Klaus Meshkat

jouer un rôle important dans les partis communistes même après la dissolution du Comintern. C'est enfin la période pendant laquelle le communisme présente le plus d'homogénéité. Après 1945 on assiste en effet à une fragmentation du mouvement, d'abord avec le schisme yougoslave, ensuite et surtout avec le schisme chinois (et albanais), qui divise de manière irrémédiable les communistes du monde entier.

Une deuxième caractéristique commune de ces initiatives est d'avoir été réalisées en collaboration avec des historiens et des archivistes russes travaillant dans le cadre du RGASPI, l'héritier de l'ex Institut de Marxisme-Léninisme et de ses archives, parmi lesquelles celles du Comintern. Une telle collaboration entre spécialistes occidentaux et spécialistes russes, animée par des préoccupations scientifiques et non politiques, était impensable au temps de la guerre froide et matériellement impossible avant l'ouverture des archives.

On remarquera enfin que ces initiatives se recoupent en partie. Les cominterniens de langue française, étudiés par l'équipe franco-belge, et ceux d'Amérique Latine (ou ayant joué un rôle en rapport à ce continent) figurent déjà, normalement, dans la base de données de Hanovre ; d'autre côté, des cominterniens de langue française, comme le suisse Jules Humbert-Droz, ont été étroitement mêlés aussi aux questions d'Amérique Latine, et figurent aussi dans le dictionnaire latino-américain.

Le projet germano-russe de Michael Buckmiller et Klaus Meschkat, réalisé en étroite collaboration avec plusieurs archivistes du RGASPI et d'autres spécialistes russes, s'était proposé d'effectuer, sur la base des archives de Moscou et des autres sources disponibles, un recensement le plus possible exhaustif des communistes qui, à un titre ou à un autre, avaient joué un rôle dans le Comintern. Le résultat est un ensemble de 28.626 noms enregistrés et de 15.815 biographies, le plus important, par ses dimensions, réalisé jusqu'à ce jour. Parmi les noms qui figurent dans cette base de données, 6.000 étaient complètement inconnus auparavant. Les données ne sont pas présentées sous forme de récit biographique, comme dans le dictionnaire franco-belge, mais de fiches, construites selon un même modèle. Chacune comprend six sections où figurent les différentes sortes d'informations sur le militant en question. L'une de ces sections indique s'il existe dans les archives de Moscou un dossier personnel sur le militant et présente les références des documents d'archives utilisés. La base de données n'est disponible que sur CD-rom, pas en édition papier, et seulement en allemand. Le volume qui accompagne le CD-rom contient les actes d'un colloque international tenu en 2004 à l'Université de Hanovre en conclusion du projet. Il inclut les communications des principaux collaborateurs allemands et russes du projet, ainsi que de quelques autres spécialistes (José Gotovitch, Felx Tych, Hermann Weber) en matière de biographies collectives. Cet ouvrage est intéressant tant sur le plan de la méthode, par les réflexions qu'il propose sur la problématique de la biographie collective, que par les informations apportées surtout par les archivistes russes sur différents aspects des archives du Comintern. Le projet biographique s'est inspiré des travaux de biographie collective réalisés à l'Université de Cologne sous la direction du professeur Schröder, en particulier de la base de données BIOSOP, déjà évoquée¹.

Le dictionnaire biographique sur le Comintern et l'Amérique Latine publié en 2004, en espagnol, par Peter Huber, Lazar Jelifets et Victor Jelifets², a été réalisé en

¹ Malheureusement la base de données de Hanovre, à la différence de BIOSOP, n'est pas consultable en ligne.

² Jelifets Lazar; Jelifets Victor, Peter Huber, *La Internacional comunista y America Latina, 1919-1943. Diccionario biográfico*, Moscou/Génève, Instituto de Latinoamérica de la Academia de las

grande partie dans le cadre du projet biographique de Hannover, auquel les auteurs ont collaboré. Une première version avait paru à Moscou en 2000 sous la signature du seul Lazar JEIFETS avec le titre « L'Amérique Latine dans l'orbite du Comintern. Essai de dictionnaire biographique »¹. Le dictionnaire de 2004 comprend 900 notices biographiques de communistes latino-américains ou ayant été en relation avec l'Amérique Latine (par exemple comme émissaires du Comintern). Elles sont présentées non pas comme des biographies proprement dites, mais plutôt comme une énumération de données factuelles (étapes de l'itinéraire politique, fonctions exercées, etc.), ce qui en rend la lecture un peu aride. Malgré cette limite, et en dépit de certaines erreurs ou imprecisions – par ailleurs quasi inévitables dans ce type de travail –, cet ouvrage comble une lacune et constitue une base de départ pour des recherches plus approfondies. En effet, la dimension biographique du communisme en Amérique Latine n'a été étudiée jusqu'ici que de manière assez fragmentaire. La tâche est rendue difficile et compliquée par l'état lacunaire et la situation précaire des archives du mouvement communiste dans la plupart des pays d'Amérique Latine. Certaines publications récentes s'avèrent toutefois précieuses pour une approche biographique du communisme latino-américain même si elle ne concernent que partiellement ce thème. C'est le cas, par exemple, du dictionnaire biographique de la gauche argentine publié en 2007 sous la direction de Horacio Tarcus². Couvrant une période de plus d'un siècle, de 1870 à 1976, cet ouvrage pionnier – qui s'inspire largement du *Maitron* – ne concerne qu'en partie les communistes, auxquels il consacre néanmoins une centaine de biographies, souvent très détaillées, sur un total de 500. L'intérêt de ces biographies communistes dépasse d'ailleurs le cadre argentin, puisque beaucoup d'entre elles (par exemple celle de Victorio Codovilla, celles des frères Rofolfo et Oreste Ghioldi, celle de Carlos Dujovne, etc.) éclairent le fonctionnement des réseaux communistes au niveau de l'Amérique Latine dans son ensemble, ainsi que les rapports qui ont existé entre les différents partis communistes de cette région du monde..

Le projet concernant les kominterniens de langue française s'était fixé un objectif plus limité que le projet d'Hannovre : recenser les cadres et les militants de langue française qui avaient été actifs au sein de l'organisation. Il concernait donc, pour l'essentiel, la France, la Belgique, la Suisse et le Luxembourg³. Ce projet, réalisé lui-aussi en collaboration avec des spécialistes russes, est né dans le sillage du *Maitron*, ses réalisateurs étant, pour une partie d'entre eux, impliqués depuis longtemps dans cette entreprise prosopographique, à commencer par Claude Penetier, qui la dirige depuis la mort de Jean Maitron..En 1981 le *Maitron* était entré dans sa quatrième période, celle concernant les années 1914-1939. Les volumes couvrant cette période concernaient aussi le communisme en tant que courant du mouvement ouvrier français⁴. Le

ciencias/Institut pour l'histoire du communisme, 2004.

¹ JEIFETS Lazar; JEIFETS Victor, *Latinskaia Amerika v orbite kominterna. Opyt biograficheskogo slovara*, Moscou, 2000.

² Horacio Tarcus (dir.), *Diccionario biográfico de la izquierda argentina, De los anarquistas a la "nueva izquierda" (1870-1976)*, Argentina, Buenos Aires: Emecé, 2007.

³ Sur la naissance et le déroulement de ce projet voir José Gotovitch, « Zum biographischen Wörterbuch der Kommunistischen Internationale für die französischsprachigen Länder », in M. Buckmiller, K. Meshkat, *op. cit.*, pp. 101-110.

⁴ *DBMOF. Quatrième partie : 1914-1939. De la Première à la Seconde guerre mondiale*, sous la dir. de Jean Maitron et Claude Penetier, vol. 16-43, Paris, 1981-1993. Cette quatrième partie du DBMOF a été rédigée avant l'ouverture des archives de Moscou. L'ouverture de ces archives a permis toutefois d'apporter de nombreuses intégrations, qui figurant dans la nouvelle édition du Maitron sous forme de

dictionnaire biographique des kominterniens de langue française est né d'un réseau informel de chercheurs, intéressés par l'approche socio-biographique à l'histoire du mouvement ouvrier et du communisme, qui avaient l'habitude de travailler ensemble. Français, Belges, Suisses, Luxembourgeois, ils avaient en commun la langue française, et c'est principalement cette contrainte linguistique qui a conduit à délimiter ainsi le projet. Le groupe avait établi des contacts réguliers avec des historiens et des archivistes russes (Mikhaïl Narinski, Michel Panteleïev, Marina Smolina), et c'est de cette collaboration qu'est issu, à la fin, le dictionnaire. Le volume s'ouvre par une histoire du Comintern par Serge Wolikow et présente ensuite près de 500 biographies, rédigées sur le modèle de celles du *Maitron* : ce sont de véritables histoires de vie, détaillées, solidement documentées et bien présentées¹. Cet ouvrage, écrit Claude Pennetier dans sa présentation de ce qu'il appelle « un essai de biographie collective », « permet de découvrir, derrière l'image rigidifiée du Kominternien, à la fois aventurier et agent discipliné, la vie des acteurs de l'IC dans ses différentes périodes. Aux créateurs parfois écartés par l'évolution de l'Internationale, succède une génération bolchevique formée dans les Ecoles léninistes, cadrée, « vérifiée », disciplinée qui forgera les directions des partis communistes nationaux, non sans difficultés, comme elle exaltera « l'homme nouveau ». (...)

Les Kominterniens étaient en premier lieu les acteurs de la vie des instances internationales (congrès, plénum), mais aussi des émissaires politiques et techniques dans les différentes sections ou des responsables des services au siège du Komintern. Le secondaire devint le principal. En offrant ces quelques cinq cents itinéraires, nous avons la volonté de permettre une relecture de la dimension internationale du communisme au temps du bolchevisme et du stalinisme »².

Certains travaux récents de biographie collective sur le mouvement communiste concernent plus spécifiquement certains partis communistes. Le plus remarquable est, à mon avis, le dictionnaire biographique des communistes allemands, publié en 2004 par Hermann Weber et Andreas Herbst³. Cet ouvrage, qui couvre la période 1918-1945, est le couronnement d'une longue série de travaux dans lesquels Hermann Weber, le principal spécialiste du communisme allemand, avait déjà exploré la dimension biographique de ce mouvement. Son étude sur le communisme allemand sous les République de Weimar, publiée en 1969⁴ et devenue depuis un ouvrage de référence, contenait déjà plus de 500 biographies de cadres communistes allemands, rédigées sur la base des informations alors disponibles. Ces biographies ne se limitaient pas à la période de la République de Weimar (1919-1933), mais prenaient en compte également la trajectoire politique ultérieure de ces cadres pendant la dictature national-socialiste et après 1945. En 1989 Weber publiait un autre ouvrage, cette fois-ci sur les communistes

CD-rom.

¹ Un CD-rom (« Dictionnaire biographique des kominterniens », contenant près de 800 biographies, accompagne le livre de Serge Wolikow, *L'Internationale communiste (1919-1943). Le Komintern ou le rêve déchu du parti mondial de la révolution*, Paris, Les Editions de l'Atelier, 2010. Le CD-Rom inclut les 500 biographies qui figuraient déjà dans l'édition papier, i plus 300 biographies supplémentaires.

² Claude Pennetier, « Présentation », in *Komintern ; l'histoire et les homes*, op. cit., p. 8.

³ Hermann Weber, Andreas Herbst, *Deutsche Kommunisten. Biographisches Handbuch 1918 bis 1945*, Berlin, Dietz, 2004. Une nouvelle édition, augmentée et revue, a été publiée en 2008.

⁴ Hermann Weber, *Die Wandlung des deutschen Kommunismus; die Stalinisierung der KPD in der Weimarer Republik* Frankfurt am Main, Europäische Verlagsanstalt, 1969, 2 vol.

allemands victimes des répressions staliniennes¹, avec les biographies de près de 400 communistes qui avaient perdu la vie dans les prisons ou dans les camps soviétiques (ou, pour certains d'entre eux, dans les camps nazis après avoir été livrés par l'URSS à la Gestapo dans la période du pacte germano-soviétique). L'ouverture des archives communistes de l'ex-République Démocratique Allemande, et de celles du Comintern ensuite, ont permis à Weber d'élargir et d'approfondir, avec la collaboration de Andreas Herbst, les recherches biographiques sur les communistes allemands, aboutissant ainsi à ce qu'on peut vraiment appeler une biographie collective. L'ouvrage, édité en 2004 et réédité en 2008, contient les biographies de 1400 cadres communistes qui ont eu des responsabilités au sein du KPD et d'autres organisations de masse entre 1918 et 1945. Il n'existe pas, à ma connaissance, de travaux d'ampleur comparable à celui-ci pour d'autres partis communistes. On citera néanmoins, toujours dans le domaine socio-biographique, les travaux de Kevin Morgan sur les communistes britanniques², les recherches qui se sont multipliées dans plusieurs pays sur les volontaires des brigades internationales dans la guerre d'Espagne, ou sur différents exils politiques liés au mouvement ouvrier, etc.³. Tous ces travaux se sont développés dans un contexte scientifique et culturel favorable à l'épanouissement de la méthode sociobiographique dans le domaine de la *labour history*.

¹ Hermann Weber, *Weisse Flecken in der Geschichte. Die KPD-Opfer der stalinschen Säuberungen und ihre Rehabilitierung*, Frankfurt am Main, ISP-Verlag., 1989. Une nouvelle édition, élargie, fut publiée l'année suivante à Berlin chez l'éditeur Christoph Links. En 1998 Weber a dirigé, avec Ulrich Mählert, un gros volume sur les épurations staliniennes : voir Hermann Weber / Ulrich Mählert (dir.), *Terror: Stalinistische Parteisauberungen 1936-1953*, Schöningh, Paderborn, 1998 (nouvelle édition, amplifiée, en 2001). Sur le sort tragique de la plupart des communistes allemands réfugiés en URSS voir aussi Reinhard Müller, *Menschenfalle Moskau. Exil und stalinistische Verfolgung*, Hamburg, Hamburger Edition HIS Verlag, 2001. (Ce livre contient aussi une listes des victimes et des notices biographiques). Les notices biographiques concernant les communistes italiens victimes des répressions en Union Soviétique peuvent être consultées en ligne sur le site consacré à « Gli italiani nel Gulag », résultat d'un travail socio-biographique réalisé par la Fondation Feltrinelli et l'association russe Memorial. Cf. [Storia del Gulag ed elenco delle vittime italiane delle repressioni](http://www.gulag-italia.it/gulag/frameset_ita.html), a cura del Centro Memorial di Mosca e della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli di Milano (http://www.gulag-italia.it/gulag/frameset_ita.html).

² Kevin Morgan, Gidon Cohen and Andrew Flynn, *Communists in British Society 1921-1991*, London, Rivers Oram Press, 2006 ; Kevin Morgan and Alan Campbell (ed.), *Party People. Communist Lives*, London, Lawrence & Wishart, 2001.

³ Voir aussi les essais réunis dans Bruno Groppo und Berthold Unfried (dir.), *Gesichter in der Menge*, op. cit.

Everardo Dias contra a República Velha no Brasil¹. Marcelo Ridenti²

Elos (quase) perdidos

“Everardo!” Foi esse o nome que ocorreu de imediato a um jovem amigo no começo dos anos 1980, ao saber que seria pai de um menino. Queria homenagear o lendário Everardo Dias, militante, jornalista e escritor proffcuo, conhecido especialmente pela sua atuação no movimento operário durante a República Velha. É verdade que meu amigo não conseguiu sensibilizar a esposa. O garoto ganhou outro nome, nunca viria a se interessar por política e o próprio pai seguiu outro rumo na vida. Mas a intenção revela a permanência da memória de antigas lutas e ideais dos trabalhadores do princípio do século XX, ao menos para as gerações formadas entre o fim dos anos 1970 e o início dos 1980.

Havia naquele tempo uma identificação com as lutas do passado por parte daqueles que resistiam à ditadura militar e civil instaurada em 1964, que então já estava no poder havia mais de dez anos. Buscava-se, por exemplo, o elo perdido com as experiências da classe trabalhadora do início do século. Uma onda de estudos sobre o anarquismo, o sindicalismo revolucionário e outras experiências políticas e culturais operárias chegou também à academia, acompanhando o surgimento de novos movimentos sociais e de um sindicalismo renovado que se pretendia autônomo.

Anunciava-se o fim da era das vanguardas na esquerda brasileira, abrindo um novo ciclo, de valorização das “bases”. Reavivava-se a memória de antigos combatentes, como Everardo Dias e seu amigo e contemporâneo Edgard Leuenroth (1881-1968), que formou uma biblioteca preciosa com os periódicos da imprensa contestadora e outras obras do início do século XX. Em 1974, a Universidade Estadual de Campinas adquiriu essa biblioteca dos herdeiros de Leuenroth, criando um arquivo de documentação social que ganhou o nome do velho libertário e hoje é um dos mais importantes em sua área.

A segunda edição do livro mais conhecido de Everardo Dias, intitulado *História das lutas sociais no Brasil*, foi publicada naquele contexto, em 1977, na fase de “transição lenta, gradual e segura” à democracia, durante o governo Geisel. A obra fora editada pela primeira vez em 1962, em pleno governo Goulart, com prefácio de

¹ Aqui retomo e desenvolvo o que expus de modo resumido na apresentação de duas obras de Everardo Dias reeditadas num só volume, em edição facsimilar da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, parte da Coleção Paulista, organizada por Marco Villa. Everardo Dias. *Memórias de um exilado (episódios de uma deportação)*. São Paulo: s. ed., 1920. Everardo Dias. *Bastilhas Modernas*. São Paulo: Empresa editora de obras sociais e literárias. s/d [1927]. Reedição facsimilar, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. O texto beneficiou-se das sugestões dos colegas Michael Hall, Dainis Karepovs, Cláudio Batalha e Marcos Del Roio.

² Marcelo Ridenti é Professor Titular de Sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Formado em Ciências Sociais (1982) e em Direito (1983) na Universidade de São Paulo, onde concluiu o doutorado em Sociologia (1989). Defendeu tese de livre docência em Sociologia na UNICAMP (1999). Autor dos livros: *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política* (Ed. UNESP, 2010), *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução* (Record, 2000), *O fantasma da revolução brasileira* (Ed. UNESP, 2010, 2ª. ed. revista e ampliada), *Classes sociais e representação* (Cortez, 1994), *Professores e ativistas da esfera pública* (Cortez, 1995), *Política pra quê?* (Atual, 2011, 2ª. ed. revista e ampliada), além de inúmeros artigos e capítulos de livros. Organizador de obras como *História do Marxismo no Brasil*, vol. 6 – *Partidos e movimentos após os anos 1960* (Ed. UNICAMP, 2007, em parceria com Daniel Aarão Reis); e *Intelectuais e Estado* (Ed. UFMG, 2006, em parceria com Elide Rugai Bastos e Denis Rolland). Tem ainda livros e artigos publicados em francês, espanhol e inglês.

Leuenroth.¹ A reedição expressava o elo de continuidade que se buscava não só com as lutas do início do século retratadas no livro, mas também com os embates do pré-1964, data de sua publicação original. Em 1978, estudantes que iniciavam a pós-graduação em Ciências Sociais na UNICAMP, fundaram o Centro de Estudos Everardo Dias, para editar a revista *Cara a Cara*, publicada pela editora Vozes.

O autor passou a ser conhecido das novas gerações por esse trabalho, que tem ainda um cunho autobiográfico. Mas Everardo não escreveu só esse livro, produziu uma vasta obra que merece ser estudada, desde textos políticos até aqueles para a maçonaria. Afinal, ele também foi um expressivo maçom, iniciado em junho de 1904. Pode parecer contraditório ser ao mesmo tempo maçom e libertário, como Everardo Dias no início do século. Mas isso não era surpresa naquela época, levando em conta a organização conservadora e hierarquizada da sociedade brasileira em geral, e dos meios intelectualizados em particular.²

No Brasil e em outros países da América Latina, muitos viam no republicanismo, no positivismo, no anarquismo, no sindicalismo revolucionário, nas várias vertentes de socialismo e em seguida no comunismo, mas também na maçonaria e até em religiões com pretendida cientificidade, como o espiritismo, maneiras de se contrapor à ordem estabelecida e de buscar um lugar ao sol na sociedade renovada. Essas correntes de pensamento e de organização social – por vezes incorporadas ecleticamente pelos agentes sociais – expressavam o descontentamento crescente com uma ordem política que não correspondia à modernização em curso.

Em pleno século XXI – quando as lutas de libertários, socialistas e comunistas parecem para muitos já ter sido sepultadas – constata-se um interesse menos evidente pelos antigos militantes, como Everardo. Ele anda esquecido, embora dê nome a uma rua no bairro do Limão e a uma loja maçônica na zona oeste da cidade de São Paulo. Seja como for, sua obra e sua memória continuam fundamentais para a historiografia brasileira, daí a importância da recente reedição, num só volume, de dois de seus livros mais significativos: *Memórias de um exilado*, e *Bastilhas Modernas*. Eles envolvem memória, denúncia e relato das arbitrariedades dos governos da República Velha contra seus opositores, constituindo-se em documentos fundamentais para compreender a sociedade brasileira.³

Por sua vez, o termo República Velha tem sido pouco usado pelos historiadores nos últimos tempos. Prefere-se falar em I República, para não encampar uma visão preconceituosa sobre o período, que nasceu na época do Estado supostamente “novo”, em 1937, como se todas as antigas arbitrariedades tivessem sumido da história do Brasil. Mas seria asséptico demais, e até incorreto, dizer que o republicano Everardo Dias era contra a I República. Ele combateu o que lhe parecia velho, incompatível com o futuro de liberdade e igualdade que se almejava e com a própria ideia de República. Lutou contra uma organização política e social que não respeitava direitos individuais e não admitia a construção de direitos sociais. Enfim, uma república anti-republicana, de privilégios estamentais, portanto, velha. E, não obstante, viva nas desigualdades do cotidiano brasileiro até hoje.

¹ Everardo Dias. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit, 1962. [2ª. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.]

² A maçonaria, no momento em que Everardo Dias passou a integrá-la, foi analisada por: Alexandre Barata. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira, 1870-1910*. Campinas: Unicamp, 1999.

³ *Memórias de um exilado (episódios de uma deportação)*. São Paulo: 1920. Everardo Dias. *Bastilhas Modernas*. São Paulo: Empresa editora de obras sociais e literárias. s/d [1927].

Contra a República Velha

Everardo Dias – nascido em Pontevedra, na Espanha, em 1883 e falecido em São Paulo em 1966 – veio ao Brasil antes de completar três anos de idade, em 1886. Aqui cresceu, estudou, escreveu e lutou, por isso se considerava brasileiro, legitimamente. Seu pai, Antonio Dias, foi um tipógrafo republicano, também professor primário, maçom e revolucionário, que se viu obrigado a fugir da Espanha e encontrou abrigo em São Paulo, onde Everardo aprendeu o ofício do pai e viria a trabalhar como tipógrafo-caixista no jornal *O Estado de São Paulo*, enquanto fazia a Escola Normal da Praça da República. Em 1904, assumiu o posto de professor em Aparecida do Monte Alto, um lugarejo no interior de São Paulo, mas logo desistiu e voltou à capital, onde trabalharia como jornalista e professor de História.

Atuou expressivamente na maçonaria por essa época, ocupando vários cargos na instituição. Durante muitos anos, a partir de 1903, dirigiu o jornal *O Livre Pensador*, anticlerical, que defendia a liberdade religiosa e de imprensa, cultuando a razão contra o conservadorismo da Igreja católica. Suas divisas eram “moral-progresso-verdade, liberdade-igualdade-fraternidade, e ciência-justiça-trabalho”.¹

Everardo Dias identificava-se com o livre pensamento, entendido como o direito e o dever que todo homem tem de pensar livremente sobre qualquer assunto, sem peias nem restrições de espécie alguma. É a emancipação de todos os antigos prejuízos e preconceitos, de todos os métodos autoritários, de todas as tutelas de ordem moral e intelectual, de ordem filosófica e de ordem econômica. É a libertação na sua integralidade. É a luta do homem contra as fatalidades na natureza e contra os dogmas no espírito. O Livre Pensamento é o direito ao livre exame. No Livre Pensamento há liberdade e há pensamento. O fim do Livre Pensamento é a investigação da Verdade pela Ciência, do Bem pela Moral, do Belo pela Arte. Noutros termos: o Livre Pensamento dirige-se à conquista da Verdade pela Ciência, da Liberdade pelo Direito, da Igualdade pela Justiça e da Harmonia Social pela Fraternidade. O Livre pensamento quer, ou antes, tem o direito e o dever de arrancar ao espírito clerical, retrógrado, jesuítico e ultramontano, a direção oficial dos Estados, a direção obrigatória das consciências, da educação popular e das obras de solidariedade social, pela formação integral da pessoa humana, isto é, pela formação da consciência, porque, segundo a opinião valiosa de Magalhães Lima, há de ser das consciências individuais emancipadas que há de derivar a consciência coletiva ou a consciência social solidária.²

Essa era a base de seu pensamento, explicitada em *Delenda Roma!* – um livro de 222 páginas que reúne suas conferências anticlericais. Foi publicado na gráfica carioca gerida por ele, ligada à maçonaria, em 1921. Portanto, logo depois dos episódios relatados em suas *Memórias de um exilado*. Não é à toa que Everardo fez a seguinte dedicatória no exemplar oferecido ao célebre líder anarquista: “A Edgard Leuenroth, bom amigo e incansável paladino do Bem”.³ Talvez esteja aí uma pista para

¹ Sobre o jornal de Everardo Dias, *O Livre Pensador*, ver Eliane Moura Silva. “Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909)”. XIX Simpósio Nacional de História. Belo Horizonte, 1997. Ela qualifica Dias como “maçom, anarquista e espiritualista”. Só é possível assegurar que Everardo tenha sido de fato espiritualista no sentido de que todo maçom acredita num ser superior. Provavelmente Everardo nunca teve religião.

² Everardo Dias. *Delenda Roma! Conferencias anti-clericaes*. Rio de Janeiro: Off. Graph. da E. P. Maçônica “José Bonifácio”, 1921.

³ O referido exemplar está no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Universidade Estadual de Campinas

compreender sua aproximação com os libertários naquele momento: todos estariam do lado do bem contra o mal, encarnado na ordem estabelecida do Estado oligárquico e da Igreja católica.

Na segunda metade dos anos 1910, Everardo acompanhou a ascensão do movimento operário. Em suas atividades como tipógrafo e depois jornalista, tinha proximidade com trabalhadores gráficos que constituíam um setor dos mais combativos no aspecto político e sindical. Escreveria textos como *Jesus Cristo era anarquista*, editado pelo grupo do jornal *A Plebe*, com o qual colaborava.¹ Participou da greve geral paulista de 1917, foi “o autor do famoso manifesto aos soldados, e provocou a insubordinação passiva de uma parte dos milicianos, alarmando o governo, que tratou assim de chegar a um acordo com o comitê de greve”, nos termos de Leuenroth.² O panfleto terminava por conclamar:

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento da opressão dos Crespi, Matarazzo, Gamba, Hoffmann etc., os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres! Soldados! Cumpri vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento. Os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indignação! Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!³

Eram palavras que atestavam sua participação no movimento operário de 1917. Ela seria ainda mais intensa logo depois, segundo Leuenroth: “Onde mais se fez sentir a atuação de Everardo Dias foi na seguinte grande greve geral de 1919, em São Paulo, com articulação em todos os centros industrializados do País [...]”.⁴

Everardo, entretanto, argumenta em suas *Memórias de um exilado* que seu vínculo com os grevistas era de colaboração com a imprensa operária e de apoio à greve, sem desempenhar nenhum papel relevante no movimento:

Eu não me imiscuí nas organizações operárias. Eu em nada havia concorrido para a greve. [...] Contra mim só formulavam esta acusação alvar, perfeitamente idiota: assíduo colaborador de ‘A Plebe’ e como tal premeditar a queda da oligarquia paulista.⁵

Independentemente do grau efetivo de seu envolvimento com os grevistas, o fato é que ele pagou caro por colaborar com a imprensa e o movimento anarquista: foi preso e deportado em 1919, junto com outros estrangeiros que sofriam acusações parecidas. É a história dessa prisão e do rápido retorno ao Brasil – como resultado da pressão política

Unicamp).

¹ Everardo Dias. *Jesus Cristo era anarquista*. São Paulo: A Plebe, 1920.

² Edgard Leuenroth, “Dados biográficos do autor”. In: Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1977 [1962], p.11. Esse breve escrito de Leuenroth serviu como fonte e ponto de partida para os dados que são expostos aqui sobre a trajetória de Everardo Dias – além de outros textos curtos sobre ele, como o verbete de Edgar Rodrigues. *Os companheiros – dicionário de militantes anarquistas*. Rio de Janeiro: VJR, 1994. E especialmente o artigo do maçom José Castellani, “A loja Ordem e Progresso e Everardo Dias, maçom e líder operário e libertário”, disponível no site http://www.lojaordemeprogresso.com.br/hist_everardo.html.

³ A íntegra do boletim aos soldados da Força Pública, que era pregado nos postes e paredes de São Paulo, está em: Everardo Dias. *História das lutas sociais no Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977 [1962], p. 295.

⁴ Edgard Leuenroth. *Op. Cit.*, 1977 [1962], p. 12.

⁵ Everardo Dias. *Memórias de um exilado (episódios de uma deportação)*. São Paulo: 1920, p. 11.

exercida pela maçonaria, por parlamentares e pelo movimento operário – que ele relata no livro *Memórias de um exilado*, de 1920.

As lutas e greves operárias na São Paulo de Everardo Dias, de 1917 a 1920, expressavam um tempo marcado pela presença significativa de correntes sindicalistas revolucionárias e anarquistas na cena sindical e política. Havia diversas nuances entre as propostas de cada grupo organizado. Contudo, em geral, elas envolviam a mobilização de trabalhadores não apenas para conquistar reivindicações trabalhistas mais imediatas, direitos sociais recusados pelo patronato e pelo poder público – como a jornada de trabalho de oito horas diárias, descanso semanal remunerado, melhores salários etc – mas também, no limite, para iniciar uma insurreição que aboliria o Estado, em busca da sociedade libertária. O sindicato autônomo seria fundamental nesse processo de luta, envolvendo até uma lendária “greve geral” que conduziria os trabalhadores ao poder.¹

Tratava-se de uma resposta operária ao início do capitalismo industrial no Brasil, onde a sociedade era predominantemente rural e fornecedora de matérias-primas para o mercado internacional. A escravidão fora abolida havia pouco tempo e prevaleciam relações de trabalho arcaicas no campo. Porém, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, esboçava-se uma industrialização que anunciava mudanças profundas para o século que se iniciava.

Desenvolvia-se um novo mundo do trabalho urbano, caracterizado pela presença da classe operária. Ela ainda era secundária na estrutura social, sem peso nas forças constituintes do Estado oligárquico, mas já suficientemente forte para questioná-lo. Surgiam no meio dos trabalhadores várias propostas de luta, desde as anarquistas até aquelas de diversas correntes socialistas, que defendiam a organização operária em partidos para agregar os interesses de classe, com programas reformistas.²

As *Memórias* de Everardo Dias ajudam a iluminar o papel dos imigrantes nas lutas sociais do início do século XX. De um lado, ao realçar as experiências de vida e de luta dos companheiros de infortúnio, obrigados a deixar o país por serem grevistas nascidos no exterior. De outro lado, ao apresentar considerações como a que segue, sobre sua estada em Recife, atesta um sentimento de brasilidade nascente: “esse operariado retintamente nacional denota mais consciência e mais entusiasmo que o próprio operariado ‘estrangeiro’ de São Paulo!... Isso, para mim, foi uma revelação”.³

Quebrar o mito do imigrante radical é importante. Afinal, havia muitos brasileiros natos envolvidos nas lutas sociais pelo país afora. Elas surgiam de contradições internas, não eram importadas, como supunha certo conservadorismo que atribuía aos estrangeiros a contestação à ordem pátria, de um povo supostamente pacífico e cordato, mas sujeito à contaminação por ideias alienígenas, de que seria preciso livrar-se por todos os meios – um deles embarcar os indesejáveis de volta para seus países de origem, sem maiores escrúpulos legais, políticos ou humanitários.

¹ Ver Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962]. E ainda: Boris Fausto. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo, DIFEL, 1977. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro (org.). *A classe operária no Brasil – documentos (1889 a 1930)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. Christina Lopreato. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. Michael Hall. “O movimento operário na cidade de São Paulo, 1890-1954”. In: Paula Porto (org.). *História da cidade de São Paulo*, vol III. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

² Sobre os partidos operários e socialistas brasileiros no início do século XX, ver, por exemplo: Cláudio Batalha. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: João Quartim de Moraes (org.). *História do marxismo no Brasil, vol. II – Os influxos teóricos*. Campinas, ed. UNICAMP, 1995. pp. 11-44.

³ Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, p. 86.

Ademais, só uma minoria dos que vieram ao Brasil era contestadora. Poucos imigrantes traziam uma tradição de luta da Europa, com forte impregnação anarquista. O padrão do trabalhador estrangeiro era de gente vinda do campo na terra natal, sem maior experiência de contestação. Afinal, a imigração fora organizada e subsidiada para prover mão-de-obra para a agricultura. Muitos politizaram-se já no Brasil, no embate contra as forças oligárquicas e o patronato.

Dito isso, tampouco caberia subestimar a importância de estrangeiros nas lutas operárias durante a República Velha, notadamente em São Paulo, cuja população era na maior parte constituída de imigrantes e sua primeira geração de descendentes. Em 1920, ano de publicação das *Memórias de um exilado*, 51% dos trabalhadores industriais de São Paulo e 35% do Rio de Janeiro eram nascidos no exterior.¹ Lideranças expressivas dos trabalhadores tiveram experiências de luta na Europa e exerciam um papel pedagógico para os companheiros. A própria trajetória de Everardo não se compreende sem levar em conta as lutas de seu pai, que teve de fugir da Espanha, educando o filho com valores críticos da ordem estabelecida.

E la nave va: exilados a bordo do Benevente

As *Memórias de um exilado* dão um testemunho expressivo de sua época: da prisão política e das arbitrariedades do governo brasileiro; das lutas dos trabalhadores e da agitação social no final da década de 1910, especialmente em São Paulo; da vida cotidiana nessa metrópole em construção e nos portos do Brasil e do mundo por que navegou a bordo do navio *Benevente*, que o conduzia ao exílio. Revela-se ainda a mobilização de uma intelectualidade crítica que se formava, ao mesmo tempo questionadora da ordem constituída e em busca de mecanismos de afirmação social e política, seja por meio da imprensa, da militância política ou da maçonaria. Sem contar o impacto no Brasil de acontecimentos internacionais, como o fim da primeira Guerra Mundial e a revolução russa.

O primeiro aspecto que chama a atenção é o da selvajaria repressiva que se abateu contra Everardo e seus companheiros, em particular aqueles portugueses e espanhóis que foram levados com ele para o exílio a bordo do *Benevente*, presos arbitrariamente, sujeitos a maus-tratos e sem direito de defesa. Sentindo-se ameaçados pelas greves que se sucediam, os patrões recorriam ao Estado para defender a ordem constituída, tratando os grevistas a ferro e fogo. Um dos meios repressivos era deportar de imediato os estrangeiros que viviam no Brasil e tivessem ligação com o movimento operário e as greves, não importando sequer se muitos deles já estivessem no País há muitos anos, até mesmo constituindo família, como era o caso de Everardo.

Ele conta como foi aprisionado, levado para masmorras em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, sem saber ao certo do que era acusado e qual seria seu destino. Seu relato impressiona, sobretudo ao contar certos episódios na cadeia, como o do companheiro que, desesperado com a situação e a falta do que beber, serviu-se de água da latrina.

Mais marcante ainda é a história das vinte e cinco chibatadas que lhe couberam na prisão em Santos, ministradas na frente de uma dúzia de soldados. Não se tratava propriamente de tortura. Os algozes não queriam extrair nada dele com a surra humilhante. Era só a expressão de ódio, vingança e punição de uma polícia herdeira da tradição escravocrata, para dar uma lição a Everardo.

¹ Cf. Sheldon Leslie Maram. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 16-19.

Tinham-se passado apenas trinta e um anos da Abolição da escravatura, e nem dez da famosa Revolta da Chibata, dos marinheiros cariocas que protestavam contra esse tipo de punição. As oligarquias brasileiras estavam acostumadas a tratar os problemas sociais na base do chicote, como caso de polícia, cujos métodos repressivos são descritos nos dois livros de Everardo sobre sua experiência nas masmorras da República Velha.

Ao nomear cada um dos companheiros de desventura a caminho do exílio, resumindo as circunstâncias de cada prisão, a obra evidencia que foram punidos opositores com diferentes graus de comprometimento com as greves de 1919. Eles iam de líderes operários a grevistas sem maior militância, incluindo até mesmo alguns trabalhadores sem envolvimento com os acontecimentos. As escolhas para a deportação parecem ter sido relativamente aleatórias, pode-se supor que a polícia fez arrastões em que “caiu na rede, é peixe”, a partir de seus arquivos sobre trabalhadores estrangeiros.

Muitos dramas pessoais – pequenas histórias de heroísmo cotidiano que se perdem na poeira do tempo – são resumidos nessas páginas sobre aqueles que deixavam família e até pequenas economias no Brasil, suportando arbitrariedades diversas, que não acabariam ao chegarem à terra natal, pois Portugal e Espanha receberam seus filhos com a prisão. Everardo Dias, o único que não seria entregue às autoridades estrangeiras, protesta com sua pena contra as supostas democracias que prenderam seus companheiros de viagem.¹

Logo no começo das *Memórias*, o autor mostra desprezo pelos que o prenderam, policiais ignorantes, venais, truculentos, de moralidade duvidosa. Desqualifica seus inimigos, acusando-os por exemplo de viverem “na contemplação de suas amantes”, “de andar pelos ‘rendez-vous’ a perverter melindrosas de arribação” e assim por diante, em contraste com ele mesmo e os trabalhadores grevistas em geral, honestos pais de família.² Expressa, assim, justa revolta contra a polícia, mas deixa à mostra o moralismo do período, que se revela também em episódios como o do alfaiate que escreveu um manifesto contra um filme que acusava os bolchevistas de propagar o amor livre.³

Entretanto, isso não deve elidir que – nos limites de seu tempo – ele foi pioneiro na defesa dos direitos da mulher, como se pode constatar nas páginas de *O Livre Pensador* e em seu opúsculo da época *A ação da mulher na revolução social*. Ele também traduziu do francês o livro *La Garçonne*, de Victor Marguerite, que tanto escândalo causara em Paris.⁴ A personagem central vingava-se das traições do noivo, conquistando vários namorados.

As *Memórias de um exilado* apresentam observações mais prosaicas, como a que constata a circulação normal de bondes em São Paulo, sinal de que a greve fracassava nos dias em que o autor estava preso em 1919, pois esses então modernos meios de transporte eram responsáveis pela locomoção da classe trabalhadora. E ainda o desconforto numa cela em Recife, agravado pelo ar poluído por cinco companheiros fumantes.⁵

¹ Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, pp. 37 e 82.

² *Idem*, pp. 12-13.

³ *Idem*, p. 49.

⁴ Cf. José Castellani. *Op. Cit.*

⁵ Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, pp. 30 e 56.

O livro traz vários detalhes que recuperam vivências esquecidas, como a situação dos alemães que ficaram presos no Brasil durante a I Guerra Mundial, após serem capturados em navios apreendidos pelo governo. Eles só retornavam a seu país em 1919, a bordo do mesmo barco que conduzia Everardo.¹

A catástrofe de saúde pública que foi a gripe espanhola em 1918 é mencionada de passagem. Um dos companheiros viagem fora enfermeiro voluntário para tratar os doentes da gripe e, no ano seguinte, ganhava como prêmio a extradição.² Já na volta do autor a bordo do *Benevente*, as autoridades brasileiras, temerosas de possível novo contágio, retiveram o navio por algum tempo à entrada da Bahia da Guanabara. Consta que morreram mais de cinco mil pessoas apenas na cidade de São Paulo em 1918, onde cerca de um terço de seus 528.295 habitantes teriam sido infectados pela gripe, que vitimava sobretudo as camadas mais pobres da população.³

A situação teria sido ainda mais grave na então capital federal: até novembro de 1918, haviam morrido 14.459 pessoas no Rio de Janeiro, dentre os 401.950 infectados pela gripe, numa população de 914.202 habitantes.⁴ A doença matou até mesmo Rodrigues Alves, antes que pudesse assumir seu segundo mandato na Presidência da República, em janeiro de 1919. Tomou posse o vice-presidente eleito, Delfim Moreira, que ficou provisoriamente no cargo até novas eleições, que conduziram ao governo Epitácio Pessoa, que era presidente no tempo dos fatos relatados por Everardo em suas *Memórias*.

Sob o impacto da revolução russa

Sem que isso fosse o tema das *Memórias de um exilado*, elas revelam indiretamente o impacto significativo da revolução russa no Brasil, cujo andamento estava nos jornais, nas discussões do movimento operário e até nas conversas de botequim, como aquele onde foi preso como anarquista um motorneiro dos famosos bondes da companhia Light, pelo simples fato de discutir o que sucedia na Rússia. Resultado: acabou expulso do País, a bordo do *Benevente*, assim como o já referido alfaiate de Barra Mansa que protestou contra um filme “no qual se difama o amor livre da República dos Soviets”.⁵ Como se pode constatar nos anexos das *Memórias*, a imprensa operária falava em “infâmias do tzarismo brasileiro”, “atrocidades tzaristas” e outros qualificativos que aproximavam as arbitrariedades do governo do Brasil daquelas vigentes na Rússia antes da revolução, ficando implícita a identificação internacional dos trabalhadores com os soviéticos.⁶

Na época da edição de *Memórias de um exilado*, a revolução soviética – iniciada

¹ *Idem*, p. 43.

² *Idem*, p. 48.

³ Calcula-se que mais de vinte milhões de pessoas morreram devido à gripe no mundo todo em 1918, enquanto a I Guerra Mundial vitimara oito milhões de 1914 a 1918. Ver: Liane Maria Bertucci. *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas: ed. Unicamp. 2004, pp. 27-29.

⁴ John W. F. Dulles. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 67.

⁵ Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, pp. 46-49.

⁶ Eram matérias publicadas no jornal anarquista *A batalha*, publicado em Lisboa, mas com forte laços com grupos anarquistas no Brasil. Alexandre Samis. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002, p. 113.

em 1917 – estava em curso. Seus rumos e desdobramentos estavam definidos. A informação era especialmente precária num país distante e periférico como o Brasil. O certo é que a revolução era vista com pavor pelos partidários da ordem estabelecida, e com simpatia, esperança e identificação pelos seus adversários, em particular os anarquistas, sindicalistas e socialistas de diversos matizes, cada qual interpretando a seu modo os acontecimentos na Rússia. Eles anunciavam que era possível superar a exploração da sociedade capitalista e construir um outro tipo de organização social, política e econômica, na qual prevaleceriam a igualdade, a liberdade e a justiça. Dada a empolgação com o sucesso soviético, a tendência mundial era que se criassem partidos identificados com os bolcheviques, que conduziam a revolução russa, supostamente apenas o primeiro passo da revolução internacional.

Os trabalhadores já estavam em sintonia com o que ocorria na Rússia há tempos. Por exemplo, no dia 5 de fevereiro de 1906, 17 ligas socialistas e operárias do estado de São Paulo promoveram um comício, seguido de desfile pelas ruas centrais da capital, em protesto contra o massacre de trabalhadores russos durante a revolução malgrado de dezembro de 1905. O jornal de Everardo Dias, *O Livre Pensador*, comentava assim o episódio, mostrando sua sensibilidade para o que se passava no meio operário:

É de estranhar o silêncio descortês mantido por todos os jornais burgueses desta capital, pois nem a mais insignificante notícia foi dada sobre essa reunião de protesto, que tinha apenas a finalidade de encaminhar sua indignação contra as barbaridades do despotismo russo.¹

Um leitor de *Memórias de um exilado* que conheça a história do Partido Comunista do Brasil (PCB) – fundado em 1922 – pode questionar como, em 1919, um policial poderia perguntar a Everardo Dias se ele pertencia ao Partido Comunista.² É que, em março daquele ano, havia sido fundada a Internacional Comunista, também conhecida como III Internacional, com o propósito de difundir a revolução em âmbito mundial. A pergunta indica que a polícia já sabia disso e, ademais, que no Brasil estava sendo constituído um Partido Comunista em 1919, com base nas lutas operárias em andamento, congregando diversas correntes. Anarquistas envolvidos na formação desse partido, como Edgard Leuenroth e José Oiticica, logo discordaram dos rumos da revolução russa, o que inviabilizou esse primeiro esboço de partido. Mas ex-anarquistas, como Astrojildo Pereira, juntaram-se a outras forças simpáticas aos bolcheviques para fundar o PCB em 1922, um partido que era pequeno e pouco expressivo, até conseguir o reconhecimento de Moscou, passando a integrar a III Internacional. Mas só nos anos 1930 o PCB ganharia maior projeção.³

A resposta de Everardo à pergunta do policial – “por enquanto não pertencço, não senhor” – é sintomática de sua identidade com a revolução russa e da predisposição a aderir a um Partido Comunista, como viria de fato a ocorrer mais adiante. Não se tratava de uma peculiaridade dele, havia a propensão em certos círculos sociais a aderir ao

¹ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], p. 252. Ver também: Moniz Bandeira, Clóvis Melo e A. T. Andrade. *O ano vermelho – a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

² Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, p. 14.

³ Ver, por exemplo, Marcos Del Roio. “A gênese do Partido Comunista (1919-1929)”. In: Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis (org.). *As esquerdas no Brasil. 1. A formação das tradições*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 223-248.

comunismo após o sucesso da revolução russa. Mostra-se aqui outro aspecto interessante do livro, que oferece recortes de memória da atuação, no final da década de 1910, de alguns personagens que ainda não eram comunistas, mas viriam a fazer a história do comunismo no Brasil a partir dos anos 1920.

Era o caso de João Pimenta, com quem Everardo Dias se encontrou na cadeia logo que foi detido. Christiano Cordeiro – maçom e dirigente da Juventude Socialista, futuro fundador do Partido Comunista, com Pimenta e outros sete delegados – recebeu e hospedou Everardo em Recife na sua volta. Lá também estava Antonio Canellas, que mais tarde ficaria conhecido como o delegado que tentou infrutiferamente obter para o Partido Comunista, recém-fundado, o reconhecimento oficial da Internacional Comunista, em seu quarto Congresso, realizado em Moscou em dezembro de 1922. Sem contar o futuro secretário-geral comunista, Astrojildo Pereira, autor de texto em solidariedade a Everardo, reproduzido em anexo da edição original das *Memórias de um exilado*.¹ Posta a revolução russa, era questão de tempo constituir-se também no Brasil um partido identificado com ela.²

Everardo Dias na sociedade de bacharéis

O internacionalismo do movimento operário brasileiro antecedia a revolução russa. Bem antes dela, o hino dos trabalhadores era a chamada “Internacional”, cantada nos seus encontros. Mais tarde, ela seria apropriada pelos bolchevistas organizados na III Internacional, mas seria um equívoco identificá-la apenas com essa corrente, especialmente no contexto de 1919. Em várias circunstâncias relatadas nas *Memórias de Everardo Dias*, essa canção foi entoada pelos exilados e outros trabalhadores de diversas correntes.³ Vale destacar uma ocasião em que ela foi cantada, pois aponta para certo paradoxo. Trata-se da matéria do prestigioso *Jornal do Commercio*, da grande imprensa de Recife, sobre a recepção naquela cidade a Everardo em seu retorno do breve exílio. Em tom amistoso, a reportagem relata o acontecimento em linguagem de coluna social:

O discurso de Everardo Dias foi ligeiro e causou agradável impressão à assistência. [...] Encerrada a sessão [...] cantaram os hinos ‘A Internacional’, ‘Filhos do povo’ e ‘A canção vermelha’ [...] Teve lugar na sede da Construção Civil um lanche oferecido pela Federação [das Classes Trabalhadoras] a Everardo Dias. [...] ‘*Au dessert*’ falaram o dr. Christiano Cordeiro, brindando Everardo Dias e este, agradecendo.”⁴

A leitura da reportagem causa certo espanto, pois um jornal bem-estabelecido dava espaço destacado à recepção preparada com toda a pompa para Everardo por parte das organizações de trabalhadores – que até mesmo cantaram a Internacional e outras canções de luta. Descrevia-se o evento com a naturalidade de quem noticia um acontecimento ordeiro a que compareciam também vários “doutores” e “bacharelados” da sociedade local. Muitos deles eram maçons simpáticos às causas operárias, como o próprio Everardo. Ele comenta de passagem: “Que diferença com os lentes, advogados, médicos, professores e estudantes de São Paulo!”. Afinal, é sabido que a maioria dos “doutores” e universitários paulistas apoiara a repressão às greves.

¹ In: Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, pp. 100-101.

² Ver, por exemplo, o capítulo “O impacto da revolução russa e a criação do PCB”. Leandro Konder. *A derrota da dialética – a recepção das idéias de marx no Brasil até o começo dos anos 30*. 2a. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, pp. 151-176.

³ Everardo Dias. *Op. Cit.*, 1920, p. 40, 41, 51, 59 e 91.

⁴ *Idem*, pp. 87-91.

Esse trecho das *Memórias* expressa a relação contraditória do autor com a sociedade de bacharéis da República Velha. De um lado, ele critica a ordem constituída e aqueles que davam suporte ao poder das oligarquias, como tantos bacharéis de São Paulo. Mas, ao mesmo tempo, louva seus congêneres de Recife, a “plêiade de homens cultos” com quem se identifica, capaz de “orientar” o trabalhador. Eles estavam “agrupados numa associação denominada ‘Juventude Socialista’, que faz conferências, edita folhetos, colabora e dirige a ‘Hora Social’, o órgão genuinamente operário”.¹

Essas palavras remetem também à relação ambígua de Everardo com os operários, em particular, e com o povo em geral: exalta os conscientes e critica os despolitizados. Já foi destacada a admiração do autor pelos trabalhadores que rumavam com ele para o exílio. Por outro lado, ele faz comentários desabonadores às massas que qualifica como ignorantes. Por exemplo, ao contar que, chegando com outros presos a uma estação de trem num subúrbio do Rio de Janeiro, foi recepcionado pela curiosidade hostil de uma turba:

Quanto custa a fazer entrar uma ideia boa e generosa, igualitária e fraterna, no coração das massas entorpecidas pelas sombras da ignorância ! [...] Eis essa apalermada turba que aglomerada nos olha, nos examina com curiosidade hostil e chalaceia a respeito da nossa prisão... Seria capaz de nos apedrejar, se a isso alguém a houvesse incitado. [...] Oh! Povo iluso, que insultas e abominas aqueles que procuram o teu bem estar e a tua liberdade; que querem o maior respeito pela existência humana e exigem plenitude de direitos para todos; que lutam contra o despotismo insolente e sanguinário que te oprime... E é por ti que agora vão presos, entre filas de soldados, [a] caminho do desterro... Oh! Povo iluso e crédulo: como me dói, como me magoa a tua ignorância!²

São observações que fazem lembrar as afirmações do social-democrata Estevam Estrella em artigo do começo do século para *Aurora social*. Segundo ele, os trabalhadores brasileiros gostariam mesmo é de “tocar viola, bater o pandeiro, batucar, dançar o cateretê [...] jogar a bisca, o pacau, o três-sete [...]”. O operariado nacional é completamente indolente, e por muitos anos, quiçá, não entrará em luta consciente com os seus opressores”.³

Talvez seja preciso retomar agora a trajetória de Everardo Dias, que estudou a duras penas: descobriu as primeiras letras com os pais, depois ingressou na escola primária, viria a aprender o ofício de tipógrafo, até conquistar o grau de professor primário. Traduzia textos do francês. Chegou a frequentar a célebre Faculdade de Direito do Largo São Francisco, que teve de abandonar por falta de recursos. Só bem mais tarde conseguiria o almejado título de bacharel, na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.⁴

Vale lembrar que, até 1933, para crianças entre 11 e 14 anos de idade, havia apenas um ginásio público em São Paulo, a cidade mais pujante do Brasil, que se tornava uma metrópole. Durante toda a República Velha e mesmo após o movimento de 1930, o Estado oferecia à massa da população no máximo as primeiras letras e uns poucos anos de escola primária. Até 1945, o número de ginásios do estado na capital paulista era de

¹ *Idem*, p. 87.

² *Idem*, pp. 33-34.

³ Cf. Leandro Konder. *Op. Cit.* pp. 130-131.

⁴ José Castellani. *Op. Cit.*

apenas três.¹ Mas a promessa republicana da escola pública, laica e gratuita – contraposta ao ensino pago e religioso que predominava, com acesso de bem poucos – estava posta já em 1894, com a construção da Escola Normal da Praça da República, que mais tarde viria a se chamar Instituto de Educação Caetano de Campos. A Escola passou a ser uma referência pedagógica e uma primeira porta para a ascensão social pelo estudo. Porta por onde entraram jovens de talento, vindos também das classes trabalhadoras, como Everardo. Nessas circunstâncias, era de esperar que ele valorizasse o conhecimento adquirido e propagasse o ideal do saber acessível a todos, num contexto que possibilitava a poucos escapar da ignorância.

O sentimento de revolta com a situação mais geral do País, do povo e dos trabalhadores, vinha junto com a busca de fazer ouvir a sua voz nos fechados círculos políticos e intelectuais. Esse sentimento era compartilhado por outros intelectuais relativamente marginalizados do universo dos bacharéis, como Astrojildo Pereira, que viria a se casar com a filha de Everardo, Ignez, nos anos 1930. Ela também foi atuante, ainda bem jovem, no movimento pelo retorno do pai em 1919. É provavelmente a Ignez que se referia um espião da polícia num informe a seu superior no final dos anos 1920. Ele relatava que se infiltrara na “casa de Everardo Dias, na qual somente pude me introduzir mediante um estratagema, pois a menina, ativa como é, não deixa aproximar a quem quer que seja”.²

No anexo das *Memórias*, aparece um texto já referido do então anarquista Astrojildo, indignado com as barbaridades infringidas a Everardo e seus companheiros. Ele revela sua disposição de luta e ainda a ânsia de se fazer ouvir:

Sou um modesto jornalista, sem prestígio e de escassa influência – mas, diante de infâmia tal, um só impulso me empolga: quebrar, arremessar para longe esta pobre pena, que se não vende, que se não rebaixa, que é só a minha arma e o meu orgulho – e empunhar a carabina, e concitar os meus patrícios ao combate sagrado em defesa da liberdade vilipendiada, em defesa do Pensamento conspurcado, em defesa do Brasil humilhado.³

Vê-se que o artigo “Um eloquente brado de indignação” termina com Astrojildo conclamando seus patrícios em defesa do Brasil humilhado... Uma brasilidade que não tardaria a ganhar contornos revolucionários.

Astrojildo Pereira Duarte da Silva tinha 29 anos de idade na ocasião (nasceu em 1890). Sua trajetória era diferente daquela de Everardo Dias. Vinha de família tradicional do interior do estado do Rio de Janeiro, seu pai era um comerciante próspero e político local em Rio Bonito, cidade serrana de vinte mil habitantes, onde Astrojildo viveu até os quinze anos, a quarenta quilômetros de Niterói. Estudou em bons colégios particulares, mas não atingiu o ensino superior, construindo uma trajetória de jornalista autodidata. Ainda bem jovem, foi protagonista de um célebre beijo na mão do moribundo Machado de Assis, cuja obra viria a estudar ao longo da vida. Tornou-se anarquista de 1911 a 1921. Seria fundador do PCB em 1922 e o principal dirigente do

¹ Cf. Celso de Rui Beisiegel. *Estado e educação popular*. São Paulo: Pioneira, 1974. E especialmente: Marília Sposito. *O povo vai à escola – a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1984.

² Essa é uma das poucas referências às atividades de Everardo Dias na década de 1920, constantes do Prontuário n. 136 do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo. O acervo do DOPS paulista está disponível para pesquisa no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

³ In Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1920, pp. 100-101.

partido naquela década. Cairia em desgraça e seria expulso em 1931, voltando ao PCB em 1945, onde exerceu atividades intelectuais até falecer, em 1965.¹

A maçonaria era uma das raras instituições que dava algum lugar aos intelectuais emergentes à margem do universo dos bacharéis e do catolicismo, como Everardo. Não é à toa que ele dedica suas memórias a dois maçons: o deputado carioca Maurício de Lacerda e o grão-mestre Thomaz Cavalcanti. Eles e outros “irmãos” foram os principais responsáveis pelo movimento público e de bastidores que impediu a entrega de Everardo às autoridades espanholas e forçou seu retorno, ainda na mesma viagem a bordo do *Benevente* – o único afortunado entre os deportados.

Grande orador, qualidade que seria herdada por seu filho Carlos – ex-comunista que viria a ser o célebre governador de direita do estado da Guanabara no começo dos anos 1960 –, Maurício de Lacerda pronunciou discursos inflamados na Câmara dos Deputados pela revogação do ato que expulsou Everardo Dias. A dedicatória de Everardo expressava não apenas gratidão, mas identidade com setores mais esclarecidos das elites que integravam a maçonaria, alguns deles chegando até a aproximar-se do movimento operário, caso de Maurício de Lacerda, Christiano Cordeiro e outros.

A possibilidade de ser solto passava pela sua rede de relações sociais, que não se restringia ao movimento operário. Por exemplo, Everardo conta com ironia que levava consigo uma lista de nomes que foi apreendida pela polícia ao ser preso. Não se tratava de anarquistas, mas de um conjunto de republicanos notáveis nacionalmente, a quem pretendia enviar cópia de uma conferência sobre “A Igreja e o Estado”:

Sampaio Ferraz, Ubaldino do Amaral, Pedro Lessa, Assis Brasil, Lopes Trovão, Ruy Barbosa, Maurício de Lacerda, Thomaz Cavalcanti, Moreira da Silva, Demétrio Ribeiro, Lauro Sodré, Nilo Peçanha, Abdias Neves... Toda gente perigosa, que fez a República...²

A lista de nomes revela os contatos de Everardo em círculos das elites com os quais se identificava e pelos quais buscava ser aceito. Suas ambiguidades expressam-se também no estilo literário de *Memórias de um exilado*. Sem prejuízo da clareza e da fluência, ele parece um pouco empolado ao leitor de nossos dias, talvez também pelo emprego de palavras e expressões fora de uso, o que dá ao texto um charme peculiar, mas não deixa de revelar um contraste entre a crueza dos episódios relatados e o tom grandiloquente do discurso. Revela-se certa amálgama entre a revolta contra a miséria imposta aos deserdados, a luta pelas transformações e a busca de prestígio e distinção intelectual e política. E ainda certa mistura de indignação e ingenuidade, como o próprio autor reconhece: “Eu fazia parte desse grupo de loucos idealistas. A polícia tirou-me do enlevo para me demonstrar que a realidade é muito diferente do que eu imaginava”.³ A ingenuidade seria perdida de vez com as prisões subsequentes.

Rififi no Supremo

Antes de passar para os momentos seguintes da vida e da obra de Everardo Dias, vale a pena abrir as páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, para descobrir a repercussão do julgamento do *habeas corpus* solicitado pelos seus advogados em novembro de 1919. São artigos expressivos da visão de mundo da oligarquia dominante

¹ Cf. Martin Cezar Feijó. *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*, São Paulo: Boitempo, 2001.

² Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1920, p. 29.

³ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1920, p. 13.

na sociedade brasileira e de suas autoridades na época, apavoradas com o perigo anarquista.

Em matérias publicadas no domingo, 9 de novembro, e no dia seguinte, o diário esclarecia que o Supremo Tribunal Federal (STF) denegava o pedido por sete votos a cinco, em sessão tumultuada. Os votos favoráveis ao pedido fundavam-se em razões como a garantia dos direitos individuais (como os de liberdade e propriedade), e especialmente por estar provado que o solicitante vinha residindo por mais de vinte anos em São Paulo, o que lhe garantia a cidadania brasileira, conforme a Constituição em vigor, independentemente de seu bom comportamento. Ademais, tinha filhas brasileiras, era até mesmo eleitor e fora funcionário público. O tom desses votos favoráveis era o do estrito cumprimento da lei maior, alguns deles incluindo ao mesmo tempo críticas ao anarquismo. Um dos votantes diz que “a repressão ao anarquismo entre nós agora está sendo objeto de cogitação no Congresso e enquanto não temos essa lei devemos cumprir as leis existentes”.

Leis de repressão ao anarquismo de fato não tardariam, complementando as já existentes. A pioneira na matéria foi a lei nº 1.641, de 7 de janeiro de 1907, conhecida como Adolfo Gordo. Determinava em seu artigo primeiro: “O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranquilidade pública pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional”. 132 estrangeiros foram expulsos do Brasil naquele ano, com base nessa lei. Entre 1908 e 1921 haveria mais 556 expulsões. A prática de deportar estrangeiros politizados vinha do final do século XIX, mas cresceria nos períodos de 1911 a 1915 e de 1918 a 1921, em razão do ascenso do movimento operário. E ganharia proporções ainda mais relevantes no governo de Washington Luiz, a partir de 1927, no contexto de busca de institucionalização de mecanismos repressivos, imediatamente posterior a um longo estado de sítio, que será abordado adiante.¹

Em janeiro de 1921, foram criadas duas normas que colaboraram para inviabilizar os núcleos libertários: os decretos 4.247 e 4.269. O primeiro regulamentava a entrada de estrangeiros e previa medidas de deportação. O segundo anunciava seu objetivo explicitamente no subtítulo: “regula a repressão ao anarquismo”, embora tenha sido usado ao longo daquela década conturbada para enquadrar qualquer oposição ao poder central. O decreto 5.221, de agosto de 1927, viria a complementar os anteriores, ampliando seu escopo, ao estabelecer que a polícia poderia fechar sindicatos e jornais considerados ameaçadores à ordem constituída. As chamadas “leis celeradas” institucionalizavam a repressão aos opositores, que incluíam a deportação dos indesejáveis.²

No julgamento do pedido de *habeas corpus* para Everardo Dias em 1919, o entendimento legalista, fundado na Constituição, não foi o da maioria do STF, liderada pelo ministro Viveiros de Castro.³ O tom político era evidente nos argumentos para

¹ Ver: Sheldon Leslie Maram. *Op. Cit.* 1979. Cláudio Batalha. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Lená de Medeiros. *Os indesejáveis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

² Ver, por exemplo: Alexandre Samis. *Op. Cit.*, 2002, p. 83-88. Paulo Sérgio Pinheiro. “O grande medo”. In: *Estratégias da ilusão – a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 85-131. Christina Lopreato. “O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil”. São Paulo: *Verve*, n. 3, 2003, pp. 75-91.

³ “Já o jurista A. O. Viveiros de Castro, no livro que dedicou em 1920 à *Questão social*, [...] não admitia que o socialismo pudesse ter sentido sequer na Europa, de vez que se tratava de algo ‘absolutamente irrealizável’.” É o que comenta Leandro Konder. *Op. Cit.* p. 153.

denegar a solicitação. Um ministro votou contra, pois “ficou apurado ser ele um elemento perigoso”; para fundamentar seu parecer, leu um artigo de jornal de Everardo que propagava o anarquismo. Outro afirmava não admitir que “o estrangeiro possa atentar contra a ordem estabelecida, no país que o abrigou”. Um terceiro declarava que o Estado tem direito de expulsar de seu território “estrangeiros nocivos à segurança ou à ordem pública”, como aqueles defensores do anarquismo, considerado como “a manifestação de um estado de delinquência permanente, que se exterioriza mesmo nas fases de atos preparatórios de um delito aparentemente político ou comum”.

Prevalencia a linha de argumentação que enfatizava a aversão ao anarquismo – algo que parecia ser tão hediondo aos olhos da maioria da corte, a ponto de sobrepor-se a direitos constitucionais de quem tinha seis filhas brasileiras (a mais velha de apenas 17 anos), e residia no Brasil desde muito pequeno. Um ministro comenta que “se estivesse comprovado o bom comportamento do paciente concederia o *habeas corpus*”, mas, ao contrário, o processo provava tratar-se de um anarquista, “portanto elemento pernicioso à ordem pública”. É como se a Constituição não valesse para os anarquistas.

Por isso é compreensível que o ministro Edmundo Lins tenha se insurgido abertamente contra esse tipo de voto, chegando mesmo a dizer, exaltado, que seria compreensível o recurso a bombas por parte dos que não viam a Justiça reconhecer seus direitos garantidos por lei, como noticiava a primeira reportagem: “Está no seu direito, porque uma voz que se lhe não quer reconhecer um direito, recorre à dinamite, para fazer valer esse mesmo direito! (Sensação. Protestos dos srs. Pires de Albuquerque e Muniz Barreto)”.¹

Referências a esse trecho somem da segunda matéria de *O Estado de São Paulo*. Embora mais longa que aquela do dia anterior, minimiza o calor das discussões entre os ministros. Provavelmente, ela só saiu por pressões de bastidores ao jornal, exercida pelos descontentes com a primeira matéria, pois a notícia já estava dada com clareza na reportagem inicial.

Um dos ministros explicitou profeticamente que não seria preciso banir os anarquistas: “O Brasil é bem vasto. Há regiões que bem se prestariam a localizar os perturbadores da ordem pública”. Dito e feito, uma das soluções encontradas pelos partidários da ordem para resolver os problemas sociais seria isolar os “perturbadores” em pontos remotos e isolados do território nacional, como no episódio da Colônia Agrícola Cleveland na década de 1920. O campo de prisioneiros, mais conhecido como Clevelândia, foi criado no Amapá pelo governo de Arthur Bernardes. O chamado “inferno verde” foi planejado para prender patrícios, mas abrigou também vários militantes estrangeiros, em geral os mais pobres ou com antecedentes criminais que não eram extraditados.²

Apesar da decisão do STF, já se sabe que o governo de Epiácio Pessoa cedeu à pressão pública e privada dos amigos de Everardo, que assim pôde retornar ao Brasil. Mas ele não perdia por esperar: como já não podiam deportá-lo, a polícia e as cortes reservavam-lhe refeições com o pão que o diabo amassou em cárceres pátrios nos anos seguintes. Seja como for, a repercussão de seu caso e a volta ao Brasil são indicadores de prestígio. Ao final da segunda matéria publicada no *Estado*, num pé de página, fica

¹ Todas as referências de jornal até aqui, neste tópico, encontram-se na matéria “Expulsão de estrangeiros”. *O Estado de São Paulo*, 10 de novembro de 1919, p. 2. As duas próximas citações estão na matéria “A expulsão de anarquistas de São Paulo”. *O Estado de São Paulo*, 9 de novembro de 1919, pp. 3-4.

² Cf. Alexandre Samis. *Op. Cit.*

esclarecido o destino dado a seus companheiros com menos relações nos círculos dominantes da sociedade: “Igual decisão foi proferida no *habeas corpus* impetrado em favor de Adriano Pinto da Costa, preso no Rio por ser expulso do território nacional”.¹

No turbilhão revolucionário

Depois de seu retorno a bordo do *Benevente*, Everardo Dias seguiu atuante na política. O episódio do exílio abortado pelo movimento de seus companheiros parece ter aumentado seu prestígio nacionalmente. Em 1920 e 1921, logo após escrever suas *Memórias de um exilado*, Dias colaborava com inúmeros jornais operários de todo o Brasil, tais como os paulistas *A Plebe*, *A Vanguarda – jornal do povo trabalhador* e *A Obra – semanário de cultura popular*; os nordestinos *Germinal – semanário de propaganda socialista e defesa do proletariado*, da Bahia, e *Voz do operário*, de Aracaju; *O proletário*, de Juiz de Fora, entre outros. Emprestava a pena ainda para jornais que atingiam outro público, preocupado com o estudo e a crítica social de uma perspectiva racionalista, como a *Revista Liberal*, de Porto Alegre.²

Everardo Dias estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Vivia numa chácara no bairro do Meyer, onde geria uma gráfica com apoio da maçonaria. Nela foram publicados também alguns de seus livros, caso do referido *Delenda Roma!*, bem como material político, não raro clandestinamente, dada a conjuntura do país naquele período conturbado.

Em janeiro de 1921 – junto com outros intelectuais, como Nicanor Nascimento, Evaristo de Moraes, Luiz Palmeira, Maurício de Lacerda e outros – Everardo Dias ajudou a fundar o “Grupo Clarté”, seção brasileira de seu homônimo sediado em Paris, em torno de Henri Barbusse. O grupo viria a ter ramificações em São Paulo e Recife. Vários de seus membros eram maçons. Publicou sete números da *Clarté, Revista de Ciências Sociais* com tiragem de dois mil exemplares, que defendia posições socializantes. O contatos internacionais proporcionados pela revista – sobretudo em Buenos Aires e Montevidéu – permitiram acesso a uma literatura que esclarecia o que se passava na Rússia, contribuindo para divulgar a revolução no Brasil. Everardo chega mesmo a dizer que se objetivava a defesa e a divulgação da revolução russa.³

Todos os números da revista traziam artigos simpáticos aos soviéticos, e até reproduções de documentos assinados por autoridades russas, como o próprio Lênin, cujo “Decreto sobre o trabalho obrigatório” aparecia já no primeiro número de *Clarté*, em setembro de 1921. Isso não deve levar a crer que houvesse consenso entre os membros da revista. Em seu quarto número, de novembro do mesmo ano, uma espécie de editorial esclarecia que “*Clarté* não é burguesa nem soviética”, a revista pretendia analisar cientificamente os acontecimentos do momento. Raros integrantes do grupo viriam a integrar-se ao PCB. Vários deles projetaram fundar um Partido Socialista, plano logo abortado. Não poucos terminaram como altos funcionários no Ministério do Trabalho de Getúlio Vargas.⁴ Seja como for, a revista dá testemunho do impacto da

¹ “Expulsão de estrangeiros”. *O Estado de São Paulo*, 10 de novembro de 1919, p. 2.

² Esses jornais encontram-se hoje disponíveis aos pesquisadores em arquivos como o AEL da Unicamp e o Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB), que está depositado no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM-UNESP), e tem cópias microfilmadas parcialmente em outras instituições, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], pp. 105-109.

⁴ Cf. Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro. “O grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho”. In: Antonio Arnoni Prado (org.). *Libertários no Brasil, memória, lutas, cultura*.

revolução russa também no meio intelectual, até janeiro de 1922, data de sua última edição.

Naquele ano, Everardo Dias engajou-se na campanha presidencial de Nilo Peçanha, republicano liberal e maçom, que agrupou em torno de si os adversários de Arthur Bernardes, candidato das oligarquias dominantes para a sucessão de Epitácio Pessoa. Porém, antes, Everardo fora convidado a aderir à campanha de Bernardes, que buscava apoio entre líderes influentes no meio operário, acenando com reformas trabalhistas – e não só: um emissário do candidato chegou a oferecer a Everardo um cargo de representação no Conselho Internacional do Trabalho, em Genebra.¹

Bernardes desgastava-se com os militares, situação agravada com o episódio da vinda a público de cartas atribuídas a ele, com ofensas pesadas à oficialidade, o que gerou revolta nos quartéis.² Em *Bastilhas Modernas*, o autor conta a perseguição a que seria submetido, na época do estado de sítio, um certo Serpa Pinto, por ter sido o grafologista a atestar que a letra das famosas cartas era de Bernardes. Não conseguindo achá-lo, a polícia prendeu o filho, que sofreria na cadeia, mas não disse onde o pai se escondera.³

Vivia-se uma crise econômica, agravada pelos acontecimentos políticos, sobretudo o movimento tenentista deflagrado em 5 de julho de 1922. Naquela data, houve um levante no Rio de Janeiro, na Vila Militar, na Escola Militar e notadamente no Forte de Copacabana, que gerou o episódio conhecido como “os dezoito do Forte”, dos quais apenas dois revoltosos sobreviveram aos tiros na Avenida Atlântica, os célebres Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Eles passaram a ser cultuados como heróis, assim como seriam logo depois Luiz Carlos Prestes e Miguel Costa, líderes da famosa coluna guerrilheira que atravessou o Brasil de abril de 1925 a fevereiro de 1927, quando ela se refugiou na Bolívia, sem derrota militar, mas tampouco com capacidade para mobilizar o povo contra o governo oligárquico.

Assustados, os donos do poder recorreram ao estado de sítio, que vigoraria quase ininterruptamente de julho de 1922 a até dezembro de 1926, já no início do mandato presidencial de Washington Luiz. O dispositivo constitucional dava ao governo ampla margem de manobra para combater seus inimigos, cujos direitos eram formalmente restringidos. Na prática, para muitos, quase abolidos, como testemunha Everardo Dias em suas *Bastilhas modernas*.

Após vitória contestada pela oposição, Arthur Bernardes assumiu a presidência em novembro de 1922, num país já sob estado de sítio. Governou com mão de ferro, pois a estabilidade política estava ameaçada. Até a revolução de 1930, os partidos mais expressivos eram ligados às oligarquias regionais, especialmente o Partido Republicano Paulista, e o Partido Republicano Mineiro, ao qual pertencia Bernardes. Essas duas agremiações aliavam-se para indicar um candidato comum à Presidência da República,

São Paulo: Brasiliense, 1983. p.251-287. Para os autores, “a tendência geral do grupo era claramente favorável a reformas graduais”, p. 277.

¹ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], pp. 121-124.

² Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], p. 117.

³ Everardo Dias. *Bastilhas Modernas*. São Paulo: Empresa editora de obras sociais e literárias. s/d [1927], p. 122-125. Depois ficaria evidenciado tratar-se de uma fraude que, no entanto, parecia “factível porque as elites brasileiras alçadas ao poder jamais renunciavam a seus contatos com o *bas fonds* em que muita vez fundam o exercício de sua autoridade”. Paulo Sérgio Pinheiro. “As cartas falsas: cabalas na Primeira República”. In: Walnice Galvão; Nádia Battella Gotlib (org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 254-255.

revezando-se no poder, em acordo com os demais partidos e governadores de estado. As eleições de seus candidatos eram praticamente garantidas pela chamada “política dos governadores”, ancorada na Constituição de 1891. Ela estabelecia uma federação que dava larga margem de autonomia aos estados e municípios, em detrimento do poder central.

Imperava o poder dos chamados “coronéis”, grandes latifundiários que exerciam o poder local. As massas da população eram excluídas do processo eleitoral, de resto suscetível a todo o tipo de irregularidades. Mulheres, analfabetos e estrangeiros não votavam. Ademais, como o voto não era secreto, o eleitor estava submetido a pressões dos poderosos, especialmente dos coronéis.

Era contra essa ordem política que se insurgia Everardo Dias. Ele participou de conspirações contra o governo que o levaram a um breve período de prisão em abril de 1923. No ano seguinte, esteve envolvido em episódios ligados ao levante militar que tomou conta de São Paulo por 23 dias a partir de 5 de julho. Logo depois, tomou parte na conspiração liderada pelo almirante Protógenes Guimarães no Rio de Janeiro. Acabou preso em agosto de 1924, pouco tempo depois de imprimir os exemplares do manifesto a ser distribuído na deflagração do movimento, que acabaria sendo abortado, levando à prisão civis e centenas de militares. Mais de trinta anos após esses acontecimentos, Everardo contou sua participação neles em *História das lutas sociais no Brasil*.¹ Já no livro que publicara logo após sair da prisão, em 1927, preferiu centrar o relato em sua experiência nas masmorras do governo Bernardes.

Às voltas com as *bastilhas modernas*, outra vez

Bastilhas modernas é um extraordinário documento de seu tempo, relato fiel e detalhado da repressão a que foram submetidos os inimigos do governo sob vigência do estado de sítio. Atesta a selvageria repressiva na República Velha. Não se explicita o ano da edição do livro, mas Everardo data sua introdução de 1926. Isso faz supor que foi escrito enquanto aguardava ser libertado, no período final de seus vinte e oito meses de cadeia, que terminaram junto com o fim do estado de sítio, em dezembro de 1926.

A obra foi publicada muito provavelmente em 1927, pois aparecem referências a sua preparação na correspondência que Everardo manteve com Astrojildo Pereira ao sair do cárcere – o primeiro tentando organizar o minúsculo PCB em São Paulo, o segundo dirigindo o pequeno partido em âmbito nacional. A partir do Rio de Janeiro. Everardo dizia numa carta, logo depois de deixar a cadeia:

Sobre o livro, você podia publicar em capítulos: – Como se prende – Cinco anos – A Polícia Central e suas prisões – [...] O Cubículo 59 – Tratamento – etc, só tirando o ‘Domingo na cadeia’, que acho que não deve sair. Onde eu quero fazer modificações é no capítulo ‘Bom Jesus’, tirando uma xaropada [...] . ‘Meu caso’ também não deve sair, ou sair como final da obra.²

De fato, o capítulo a que ele se referia foi excluído, e “Meu caso” passou para o fim do livro. Provavelmente porque – além de seu caráter autobiográfico – pretendia acima de tudo ser uma reportagem para denunciar o que se passava nos porões da ordem

¹ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], pp. 131-146.

² Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 11 de fevereiro de 1927. Disponível no ASMOB/CEDEM, assim como as demais citadas abaixo.

estabelecida. Tanto que quase se abandona o uso da primeira pessoa do singular, que prevalecera nas *Memórias de um exilado*. Busca-se o eixo da narrativa na repressão política, não na trajetória do autor.

A correspondência com Astrojildo explicita também a militância de Everardo no PCB. Ele ingressara no partido em 1923, consumando uma adesão que vinha amadurecendo. É tratado como “camarada” na referência feita a ele por Astrojildo Pereira em carta de pedido de ajuda à Internacional Comunista em 1924, denunciando várias prisões.¹ Nesse período, parece ter se afastado da maçonaria, até porque a Internacional Comunista proibira seus membros de serem maçons.

O diário comunista *A Nação*, logo nos primeiros dias de 1927, estampava: “Palavras de Everardo Dias de dentro da Correção”. A matéria relatava uma visita a ele, prestes a sair da cadeia, onde concedera entrevista, em dezembro de 1926. Publicada com destaque, anunciava que ele estava preparando um livro sobre os “horrores” das bastilhas brasileiras.² Reportagens como essa apareciam com frequência nas páginas de *A nação*, denunciando as condições dos presídios e a repressão do presidente Arthur Bernardes, criticado com dureza. Era o caso da série “A Nação na Clevelândia”, publicada em vários números do início de 1927, assim que fora suspenso o estado de sítio.

Bastilhas modernas divide-se em 33 capítulos, breves em sua maioria. O autor relata as condições dos presídios por onde passou: Polícia Central, Detenção, Ilha Rasa, Ilha das Flores, Presídio do Bom Jesus e Casa de Correção. Busca também testemunhos de companheiros para falar das tragédias das prisões em que não esteve: Ilha das Cobras, Ilha da Trindade, Campos (navio de prisioneiros), e a terrível Colônia Cleveland.

O livro descreve em detalhe o cotidiano nas prisões: os regulamentos, os castigos e toda ordem de desmandos; as relações dos presos com as autoridades da cadeia, do carcereiro ao diretor; as tensões entre os presidiários; a linguagem usada por eles; as condições de alimentação, alojamento, higiene pessoal e coletiva; o estado físico e psicológico dos presidiários; a espionagem entre eles; a assistência médica; a circulação constante de prisioneiros com as mudanças de presídio; as doenças; a presença dos mais variados tipos de insetos e “bichinhos venenosos e repugnantes”. Enfim, dá um quadro como poucos do sistema penal e da sociedade de seu tempo, que não deixa de falar também sobre o nosso.

Os capítulos iniciais são duplamente chocantes. Primeiro pelo relato de Everardo sobre sua recepção na delegacia da Polícia Central, no Rio de Janeiro, com hostilidade e arrogância, sem ver respeitados seus direitos de cidadão – que não deveriam ser abolidos nem para os presos comuns. O leitor fica repugnado com a descrição da cadeia, em que os prisioneiros estavam sujeitos a espancamentos, roubos e intimidações dos carcereiros e de outros presos, especialmente na temível “geladeira”, cela tão superlotada que se era obrigado a dormir por escala de turnos, ou pendurar-se nas grades.

A descrição assusta também por um segundo motivo: as palavras do autor parecem referir-se a cenas familiares na sociedade brasileira de hoje, vistas com frequência em reportagens de jornal e televisão sobre as condições dos presídios. Ao choque das denúncias sobrepõe-se o estranhamento, tem-se a impressão de estar lendo um relato

¹ In Michael Hall; Paulo Sérgio Pinheiro (org.). *Op. Cit.* Pp. 268-270.

² *A Nação*, Rio de Janeiro: 4 de janeiro de 1927, pp. 5-6.

sobre o presente, é como se o tempo não tivesse passado.

A Central de Polícia era apenas o “purgatório”. A seguir Everardo conheceria o “inferno” na casa de Detenção. Em seu interior, a hierarquia era clara: primeiro a “ilha dos inocentes”, subdividida em quatro salões, o primeiro era menos indigno, reservado àqueles que “ao Diretor da Casa convém não se queixem do tratamento”, o segundo era um pouco pior, destinado a estudantes, funcionários públicos e outros indicados ao diretor, e assim por diante, até chegar ao quarto e mais degradado salão, onde ficavam os incomunicáveis, considerados mais perigosos.¹ A seguir, o autor descreve os demais espaços, crescentemente degradantes, nos capítulos “o porão”, e “o forte e o túnel”.

Mas a situação podia ser ainda pior, caso do Campos, um navio-presídio que mantinha cerca de 800 presos em uma situação tal que foi apelidado de navio-fantasma, como relataram outros presidiários. Nele eram depositados operários e sobretudo marinheiros e soldados excluídos das Forças Armadas, por vezes maltratados até a morte. “Do Campos nem é bom falar. É um navio negreiro...”, dizia a carta de um preso lida no Senado por um parlamentar.² Esse trecho e o livro em seu conjunto atestam que a mentalidade punitiva escravocrata seguia em curso na sociedade brasileira, e ainda perduraria por muitos anos, como um fardo de que não se consegue livrar plenamente até hoje.

Em dezembro de 1924, Everardo foi transferido para a Ilha Rasa. Comenta de passagem o burburinho da cidade, que seguia sua vida normal, ignorando a passagem do carro que transporta os presos.³ É uma cena que tem paralelo com aquela relatada nas *Memórias de um exilado*, em que se descreve a hostilidade dos passantes cariocas para com os presos. Antes, ao menos, havia alguma reação, agora era como se fossem invisíveis, não existissem, absolutamente desimportantes.

Canto e desencanto

O cotidiano na Ilha Rasa é descrito em páginas que expressam a angústia dos presos em razão do isolamento, exceto pela companhia torturante de um número inimaginável de moscas. O texto ganha momentos de beleza literária, como o breve capítulo XXIV sobre o “hino da Rasa”, composto por José Oiticica, célebre professor anarquista que lá se encontrava. É um dos raros momentos do livro que se refere ao entoar de canções entre os presos – canções que haviam sido citadas com frequência nas *Memórias de um exilado*. A Internacional e outras músicas proletárias não são mais mencionadas, a maioria dos detidos não era anarquista ou socialista, muitos tinham origem social diferenciada da plebe. O hino de Oiticica rimava nação com revolução. Ele e Everardo eram elos com as lutas imediatamente anteriores, mas agora elas ganhavam novos contornos, o nacionalismo impunha-se após as revoltas dos tenentes, cantava-se “o hino 5 de julho, música do hino nacional”.⁴

A presença vibrante das canções revolucionárias expressa o tom de revolta mas também de esperança que emana da leitura de *Memórias de um exilado*. O silêncio prevalece em *Bastilhas modernas*. Quando ele é rompido, não passa de um instante, como no entoar do Hino da Rasa pelos desterrados. Logo depois do canto breve e inebriante, voltava a dura rotina do silêncio e do esquecimento no presídio:

¹ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, p. 58.

² *Idem*, p. 194.

³ *Idem*, p. 144.

⁴ *Idem*, p. 283.

Parecia que qualquer coisa de irreal e fantástico flutuava naquele ambiente, criava corpo, aumentava, crescia, desdobrava-se, tornando tudo diverso e vário, empolgando, dominando, arrebatando, até que os derradeiros sons, já sumidos, perdidos na imensidade do oceano, entre os mil rumores das vagas gementes, a pouco e pouco iam amortecendo, amortecendo, o encanto esfumava-se, diluía-se, e o sono triste e inquieto – um sono tétrico de cemitério – subjugava, alquebrava os desterrados...”.¹

Isolados do mundo, perdidos na imensidão do oceano, os prisioneiros entoavam o Hino da Rasa, até serem vencidos pelo cansaço:

Nesta ilha, companheiros,/ Sem conforto, mas de pé,/ Renovemos, prisioneiros,/ Com firmeza, a nossa fé! // Ilha Rasa é o nosso orgulho,/ Aqui vive um sonho audaz/ Que aos clarões do sol de julho/ De nós homens dignos faz! // Neste assomo de brio e civismo/ Contra os donos mais vis da Nação,/ Defendamos, em surtos de heroísmo,/ Os ideais que em nós vivos estão,/ Desfraldando, vermelha, ante o abismo, a bandeira da Revolução! // Companheiros, sempre unidos!/ E juremos combater/ Os larápios e os vendidos/ Sem descanso, até vencer!...²

A letra revela que restava o espírito de insubmissão e rebeldia do passado anarquista de seu autor, Oiticica, quem sabe com um toque de socialismo ou comunismo na referência à bandeira vermelha. Mas o tom predominante era o moralizante, de fé, brio e civismo na luta heróica contra os donos vis da Nação, larápios e vendidos. Ia-se constituindo uma percepção difusa de brasilidade revolucionária, com elementos das lutas sociais do período.

Entretanto, o tom geral de *Bastilhas modernas* é cético. Quase não se abre espaço para qualquer aposta segura no futuro. Praticamente não há mais o quê de ingenuidade que dava charme às *Memórias de um exilado*. Mas permanecem o tom moralista e a convicção da superioridade ética de quem reivindica colocar a consciência e os ideais acima dos “interesses e conveniências”.³

Everardo Dias afirma haver “nobilíssimos atos de abnegação e de grandeza moral entre os presos por delitos comuns”.⁴ Mas quase não os menciona. Prevalece a descrição das barbaridades dos malandros na cadeia. Gente sem moral, desatinada, turbulenta, num “ambiente inferioríssimo”.⁵ Às vezes revela-se até algum preconceito, por exemplo, ao mencionar o risco de levar uma “cabeçada do crioulo passante e ágil, obediente ao chefe do cubículo”;⁶ ou o perigo de ser mandado para a cela de um “criminoso reincidente, alentado crioulo”.⁷ A cadeia seria o ambiente propício para a “prática dos mais asquerosos vícios secretos”.⁸ Sem contar certa má vontade com

¹ *Idem*, pp. 162-3.

² *Idem*, pp. 162-3.

³ *Idem*, p. 9.

⁴ *Idem*, p. 76.

⁵ *Idem*, p. 235.

⁶ *Idem*, p. 27.

⁷ *Idem*, p. 34.

⁸ *Idem*, p. 56.

diversões como jogos, samba e futebol, mencionados como parte do cotidiano reprovável dos bandidos trancafiados na “geladeira”.¹

A vida e a moral aviltantes dos presos comuns seriam pouca coisa, se comparadas à descrição da vileza de prisioneiros políticos, expressa por exemplo nos capítulos “Baratinadores”, e “Os P.P.U.”.² Baratinadores eram os presos que viviam para descobrir particularidades e segredos dos demais. Já a sigla dizia respeito aos presos sem honra, capazes de tudo para serem colocados em liberdade.

A polícia, dos carcereiros aos diretores de presídio, não ficaria atrás. Completa o quadro de horrores do cotidiano na cadeia, sob sua tutela. Os policiais seriam os piores de todos, sádicos, prepotentes, capazes de todos os desmandos, verdadeiros criminosos do lado da lei. Veja-se o caso de um ladrão que foi preso por adulterar leite com mistura de água. Na cadeia, era obrigado a fazer o mesmo por policiais corruptos que provavelmente desviavam o leite economizado.³

O autor comenta ainda a gíria nas prisões, o uso de um vocabulário “ignorado e deslocado no meio em que vivemos”, naqueles anos 1920.⁴ Hoje, passados mais de oitenta anos, muitas daquelas palavras não são mais estranhas, circulam em nosso dia-a-dia, como: engrupir, escrachar, tira, cana, otário, campana, achacar, meganha, fraga, alcagoete etc. Desde aquele tempo, já se notava o procedimento predileto da polícia para com os deserdados, “o insulto para aviltar, a tortura para amedrontar”.⁵

O livro faz forte crítica ao governo Bernardes e às oligarquias, bem como à sociedade burguesa, denunciada por gerar marginais, que seriam “tristes e nefastos produtos do regime capitalista”.⁶ Ironiza isso “que se convencionou chamar justiça, no regime burguês”.⁷ Mas esses são dos raros pontos do livro que, pelo jargão, permitem adivinhar que Everardo era comunista na época. Prevalecia a indignação moral com a situação nos presídios, e aparecia um desapontamento com a própria condição humana. Talvez a crítica a que o livro foi provavelmente submetido nos meios comunistas – que será abordada mais adiante – tenha relação com o ceticismo que emana do texto.

A prisão! Como ela ensina coisas e retempera caracteres! Este, chora, supondo-se desgraçado, irremediavelmente perdido; est’outro avilta-se e acobarda-se delatando companheiros e apontando os lugares onde se acham homisiados... Há quem sofra estóico e altivo; há quem grite e ameace com fanfarronadas à D’Artagnan; há quem injurie e insulte, delirante, inconformado; há quem se insurja e sofregamente peça, suplique, exore liberdade, seja por que for... Há, até, quem pense em suicídio e outras mortes trágicas... Há quem sonhe com audazes fugas à Rocambole ou Arsênio Lupin, com escadas, alçapões, cordas, mordanças, automóveis, lances dramáticos, muitos tiros, saltos perigosos, túneis de muitos metros... Oh, a prisão! Como ela nos mostra a psicologia humana!...⁸

As exclamações em estilo derramado exacerbam, aos olhos de hoje, a ironia cética

¹ *Idem*, p. 26.

² *Idem*, pp. 101-106 e 273-280.

³ *Idem*, p. 80.

⁴ *Idem*, p. 117.

⁵ *Idem*, p. 38.

⁶ *Idem*, p. 32.

⁷ *Idem*, p. 256.

⁸ *Idem*, p. 282.

e (auto)crítica do texto. É sintomático que o livro não termine com nenhum tipo de chamamento para um futuro social radioso, mas descrevendo a condição interior do preso que, está visto, seria expressiva da psicologia humana: “... a normalidade é o desfibramento, o cansaço, o desinteresse por tudo que o rodeia; predomina tão só um egoísmo pessoal, íntimo, feroz, insaciável, pela própria liberdade.”¹

Não obstante, Everardo continuaria a ser um inconformista obstinado. Numa carta de fevereiro de 1927, recém-saído de experiências difíceis no cárcere, ele se refere à dificuldade de organização política, às incertezas do cotidiano, buscando superar seus problemas pessoais e também continuar atuando politicamente em circunstâncias desfavoráveis: “Coragem! Eu não perdi o desejo de lutar nem por um instante. O que tenho é uma fraqueza nervosa, [...] que aqui mais se agrava com os aborrecimentos da vida incerta. Mas, nada me abala!”² O trecho faz lembrar a famosa máxima de Gramsci, “pessimismo da razão e otimismo da vontade”.

Em *Bastilhas modernas*, bem mais que nas *Memórias*, evidencia-se a consciência da diferença de tratamento na cadeia, conforme a condição social da vítima. Sem contar o privilégio relativo dos presos políticos em relação aos demais. Já foi mencionada a hierarquia nos espaços para presos na Detenção. Mas os exemplos são muitos mais, ao longo do livro, desde o caso do velhinho mendigo morto a bordo do *Campos*,³ revelador do desprezo e da crueldade em relação aos humildes, até o relato do “suicídio” de um negociante detido. Na verdade, tratava-se do assassinato de Conrado Niemeyer, que só foi parcialmente averiguado e esclarecido devido à posição social do morto. Mas e os crimes contra presos sem relações sociais importantes? “Quem obterá justiça para essas anônimas vítimas?”⁴

Se até os presos com algum privilégio tinham atendimento médico precário, “o que não se dará com os infelizes sentenciados?”⁵ O autor esclarece que, embora fosse comida de baixa qualidade, eram servidas duas refeições ao dia para os presos políticos na Detenção, os demais precisavam contentar-se com uma.⁶ Comenta que havia verba maior para alimentar prisioneiros políticos, não obstante fosse também sujeita a desvios e eles comessem muito mal.⁷

Everardo protesta, indignado, contra a Justiça brasileira, sempre pronta a privilegiar os ricos e os bacharéis. Todos não deveriam ser iguais perante a lei, segundo a Constituição? É possível uma democracia com cidadãos de segunda e terceira classe? E pensar que, até hoje, os condenados detentores de diploma universitário têm direito a prisão especial no Brasil...

A visão crítica de Everardo sobre essas diferenças de tratamento nem sempre era compartilhada por outros presos políticos. Por exemplo, um trecho da carta de um oficial detido, lida no Senado por Moniz Sodré, expressa bem a divisão de classe no interior da cadeia e o caráter relativo da indignação moral de certos presos e seus simpatizantes fora do cárcere: “É prisão decente para oficiais, um compartimento de

¹ *Idem*, p. 286

² Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 11 de fevereiro de 1927.

³ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, pp. 139-142.

⁴ *Idem*, p. 49.

⁵ *Idem*, p. 89.

⁶ *Idem*, p. 71.

⁷ *Idem*, p. 81.

janelas e portas de ferro fechadas a cadeado e uma sentinela armada de cassetete, como se guardasse vagabundos?”¹ Ora, pode-se perguntar, então esse tipo de prisão seria adequado para os “vagabundos”?

Outros presídios e flagelos

Depois de cerca de três meses na Ilha Rasa, Everardo foi transferido para a Ilha das Flores. Ele descreve sua conturbada viagem de março de 1925. Depois mostra como aquele presídio se organizava. Anuncia ainda que a situação dos presos políticos melhorou depois de junho, graças a pressões da sociedade. Faziam-se importantes, por exemplo, as manifestações em plenário de senadores e deputados como Moniz Sodré, Barbosa Lima, Azevedo Lima e Adolfo Bergamini.² Eles eram dos poucos que ousavam levantar a voz para defender os presos no Congresso Nacional.

Também havia decisões significativas do STF, concedendo *habeas corpus* a presos políticos, ou até mandando apurar “responsabilidades das autoridades pelos abusos e crimes cometidos”.³ Sem contar a atuação de corajosos advogados de presos políticos, como Evaristo de Moraes. Mas o pedido de *habeas corpus* para Everardo acabaria sendo recusado no Supremo, onde teve apenas três votos favoráveis.⁴

Sua última etapa na prisão foi menos turbulenta, no presídio do Bom Jesus, a partir de julho de 1925. Ficou lá até outubro de 1926 e depois passou seus últimos três meses de cadeia na Casa de Correção, onde provavelmente concluiu a versão inicial das *Bastilhas modernas*. Para escrever o livro, ouviu também detidos em presídios nos quais não esteve, como aqueles da Ilha das Cobras e da Ilha de Trindade, onde ficavam sobretudo militares. Dedicou capítulos para os horrores de cada um desses lugares e outro para tratar de Clevelândia, num dos momentos mais contundentes da narrativa.

Com base em depoimento do jovem oficial Lauro Nicácio – sobrevivente do campo localizado no Oiapoque, no extremo norte do país – Everardo faz um relato conciso e contundente do que foi a prisão mais tétrica e trágica de todas. Lá pereceram centenas de prisioneiros (muitos deles citados de memória por Nicácio), dizimados pelas doenças, má alimentação e falta de cuidados médicos no inferno verde, depósito para onde eram mandados os mais indesejáveis, quase uma condenação à morte.⁵

O depoimento atesta que muitos dos presos e mortos naquela colônia penal eram pessoas simples que não tinham envolvimento com política, por vezes sequer culpa formada, mas foram para lá enviadas de cambulhada com marginais e presos políticos. Essa constatação poderia dar força à hipótese de Paulo Sérgio Pinheiro, de que o objetivo do desterro seria de fato “a repressão generalizada contra os pobres do Rio de Janeiro e São Paulo”.⁶ Comentários de Everardo Dias apontam na mesma direção, como aquele que critica a higienização oligárquica que culpabiliza os pobres pelas suas condições precárias de existência.⁷ É certo ainda que a gente bem-posta tinha muito mais condições de defender-se e gozava de relativos privilégios no cárcere, como

¹ *Idem*, p. 193.

² *Idem*, pp. 175-6.

³ *Idem*, p. 40.

⁴ *Idem*, pp. 265-271.

⁵ *Idem*, pp. 237-254.

⁶ Paulo Sérgio Pinheiro. *Op. Cit.*, 1991, p. 104.

⁷ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, pp. 77-78.

percebeu Everardo. Mas seu relato e o número de presos e mortos por motivos políticos não permitem o exagero de considerar, como Pinheiro, que a política repressiva durante o estado de sítio visava atingir os pobres, “dissimulada pelo enfrentamento da dissidência armada”.¹ O perfil dos indesejáveis era múltiplo.

Bastilhas modernas é uma obra que atesta a perseguição contra os deserdados. Não só ao mostrar as diferenças de tratamento na cadeia conforme a origem social, mas também ao mencionar a prisão de marginais, mendigos e trabalhadores honestos junto com os detidos políticos. Muito eloquente é o caso dos sertanejos rústicos e analfabetos no presídio do Bom Jesus. Cerca de cinquenta deles aprenderam a ler graças aos esforços de Everardo e alguns de seus companheiros, apesar das dificuldades impostas pela direção do presídio e por outros presos.²

O episódio revela também o esforço didático de Everardo. Ele já escrevera, no final de 1921, que “nosso proletariado, que muito gosta de bailes, carnavais, cinema e futebol, deve em troca estudar, comprando jornais e livros – se quer de fato emancipar-se”.³ Dificilmente intelectuais de origem mais privilegiada diriam isso em público, com receio de parecerem presunçosos e preconceituosos, mas aqueles que vieram de baixo – como Everardo – sentiam-se legitimados para fazê-lo. Resta saber se seria factível fazer essa exigência, supor que os operários em particular, e as pessoas em geral, estariam interessadas em instruir-se no nível e no modo sugerido, ainda mais com todas as exigências estóicas envolvidas.

Por outro lado, o livro é repleto de exemplos de que as atrocidades governamentais durante o estado de sítio atingiam também gente com recursos econômicos e prestígio social: “médicos, advogados, negociantes, industriais”, sobretudo oficiais militares, e até familiares, amigos, vizinhos e clientes dos acusados.⁴ Com o novo perfil social dos detentos, dentre os quais estavam inúmeros maçons, os contatos na maçonaria já não seriam tão decisivos para Everardo como na prisão de 1919. Ademais, ele já optara pelo comunismo. A maçonaria praticamente não é referida nesse livro, ao contrário do anterior.

Em *Bastilhas modernas*, está registrado o que foi o poderoso complexo de perseguição aos inimigos da ordem oligárquica, tanto no aspecto político como social. Diferentemente do que fora relatado nas *Memórias de um exilado*, agora o arco de atingidos era bem maior, não apenas os trabalhadores e despossuídos de antes. Afinal, o movimento operário estava em refluxo após a repressão que o acometera pouco antes. Surgiam em cena novos atores, como os tenentes e outros dissidentes que compunham as elites nacionais. Até mesmo os comunistas, cultores do proletariado, empolgavam-se com a onda de revolta em outros estratos sociais.

Ao consultar os números do diário comunista *A Nação* do início de 1927, época em que Everardo concluía seu livro, constata-se que eram comuns elogios rasgados a Luiz Carlos Prestes e sua famosa coluna guerrilheira, bem antes de sua adesão ao comunismo, no início dos anos 1930. O jornal profetizava, em manchete: “Da coluna à comuna é questão de um passo”.⁵ Prestes era visto como expressão de “tenacidade e de

¹ Paulo Sérgio Pinheiro. *Op. Cit.*, 1991, p. 104.

² Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, pp. 233-236.

³ Everardo Dias. “A propósito de greves”. *Clarté, Revista de Ciências Sociais* n.6. Rio de Janeiro, dez. 1921, p. 73.

⁴ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, p. 37; 121 e segs; 129; 188 etc.

⁵ *A Nação*, Rio de Janeiro: 18 de janeiro de 1927, p. 1.

bravura” da pequena burguesia, um homem a ser conquistado para as fileiras do proletariado, isto é, para o PCB.¹ Entretanto, essa abertura para Prestes e os tenentes logo mudaria, com a ofensiva do obreirismo no PCB por volta de 1930 e 1931, sendo sua integração ao Partido posteriormente imposta pela União Soviética.²

“Incidentes contraditórios da vida humana”

Everardo faz menção a um “incidente contraditório da vida humana”: Protógenes Guimarães – que em 1922 fora o comandante responsável por mandar centenas de marujos para a ilha das Cobras – via-se encarcerado na Ilha de Santa Cruz em 1924, onde se teria portado com “dignidade e estoicismo”.³ Já se viu que o autor participara da conspiração desse oficial, pouco antes de ser preso.⁴ Aliava-se a um ex-inimigo; ademais, que fora capaz de praticar atos tão bárbaros contra os marinheiros como aqueles que agora sofria.

Há um outro incidente assemelhado que Everardo não poderia prever na época. Ele se queixava da indiferença às condições dos presos por parte do procurador criminal da República, que era ninguém menos que Sobral Pinto.⁵ Mais tarde, esse advogado católico fervoroso viria a notabilizar-se pela defesa de presos políticos e dos direitos humanos durante o Estado Novo e a Ditadura Militar, o que quase apagou a memória de sua participação no governo de Arthur Bernardes. E o que dizer do próprio, que também era católico, o grande vilão da República Velha?

Bernardes viria a ser preso e deportado para Portugal por envolver-se com o movimento constitucionalista de 1932 – de que, ironicamente, Everardo também participaria. Retornou ao Brasil em 1934 e elegeu-se deputado federal, mas perderia seu mandato durante o Estado Novo. Após a redemocratização, voltou à política, conquistando sucessivos mandatos para a Câmara dos Deputados. Nos anos 1950, assumiu posições combativas, dentro e fora do plenário, defendendo propostas nacionalistas apoiadas pelas esquerdas contra aqueles que elas acusavam de entreguistas. Estava do mesmo lado de gente como Everardo Dias, a favor da siderurgia nacional, da Amazônia e da campanha “o petróleo é nosso”, que redundaria na criação da Petrobrás. Faleceu em 1955, consta que sem ter usado sua posição para enriquecer indevidamente. Já quase ninguém se lembrava do odiado “presidente-Clevelândia”. Mas é lícito supor que, como católico e sujeito aos “contraditórios da vida humana”, tenha cumprido pelo menos um longo estágio no purgatório, se é que um dia atingiu o paraíso.⁶

As posições anticlericais que notabilizaram Everardo Dias nas duas primeiras décadas do século XX devem ter pesado para o ódio que lhe devotavam certos católicos no poder, como Bernardes. Interlocutores amigos chegaram a comentar que, ao tentar interceder por ele no Ministério da Justiça, receberam como resposta que o presidente teria “tanta prevenção contra esse homem que, se seu nome aparecesse numa lista de

¹ “Luiz Carlos Prestes completa hoje 29 anos”. *A Nação*, Rio de Janeiro: 3 de janeiro de 1927, p. 1.

² Ver, por exemplo, Leandro Konder. *Op. Cit.* capítulo 7, pp. 207 e segs.

³ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, pp. 205-206.

⁴ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], p. 143.

⁵ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, pp. 145 e 151.

⁶ Para uma interpretação inteiramente positiva da trajetória de Arthur Bernardes, ver: Bruno de Almeida Magalhães. *Arthur Bernardes: estadista da República*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

presos, para serem postos em liberdade, só o fato de figurar tal nome iria prejudicar todos os demais da lista”.¹ Não obstante, o trecho evidencia também que Everardo ainda tinha amigos bem-relacionados, a ponto de frequentarem ministérios.

Ao enumerar todos os atos que não cometera contra Arthur Bernardes, Everardo explicitou tudo que se fazia e dizia contra o presidente.² Mas jurava não ter participado de nada daquilo. Revoltava-se por seus algozes não apresentarem uma acusação explícita contra ele, da qual pudesse tomar conhecimento para se defender. Parece que se irritava em especial com a acusação velada de participar de atentados a bomba. Num documento já citado, de 1924, Astrojildo Pereira afirma que Everardo e outros camaradas foram presos injustamente, sob pretexto de terem “jogado uma bomba num general governador”.³

Ele devia estar se referindo ao general cearense Tertuliano de Albuquerque Potyguara, repressor da Revolta da Vacina em 1904, da Guerra do Contestado nos anos 1910 e do movimento de sublevação de São Paulo em 1924. O general sofreu na época um atentado ao receber uma bomba de dinamite pelo correio, que lhe custou um braço. Everardo faz breve menção ao ocorrido.⁴ Em vários momentos do livro, critica aqueles com os quais odiava ser confundido, “autênticos conspiradores e protervos petardeiros, passam pela cadeia em branca nuvem, gozando logo a liberdade e flanando despreocupadamente pela cidade”, por terem se mancomunado com o diretor.⁵ Criticava os “conspiradores, muitos dinamiteiros”, que recorriam a expedientes desmoralizantes para sair logo da cadeia, o que acabavam conseguindo, embora “implicados mais séria e verdadeiramente no movimento sedicioso do que quase todos os denunciados na famosa conspiração Protógenes!...”, como ele mesmo, pode-se entender implicitamente.⁶

As prisões de Everardo Dias tiveram algo de paradoxal: a de 1919 por aproximar-se dos anarquistas, quando era sobretudo um livre pensador; e as de 1923 e 1924 por aderir à revolução dos tenentes, quando já era comunista. Sem contar aquela que viria a enfrentar em 1935 por possível apoio ao levante vermelho, num momento em que estava afastado do PCB, expulso. É como se a polícia soubesse que ali estava um homem perigoso, sem saber bem como, nem por quê. Daí nunca ter apresentado provas consistentes contra ele que, não vendo explicitado do que era acusado, não tinha como se defender. Os donos do poder só sabiam com certeza que era um indesejável e ele pagou caro por isso. Já se viu que, muitos anos depois, Everardo explicitou sua participação nos acontecimentos políticos da época em *Histórias das lutas sociais no Brasil*.⁷ Não havia por que fazê-lo na ocasião dos acontecimentos.

¹ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, p. 263.

² “Eu não chamara o Sr. Arthur Bernardes de assassino, corruptor e ladrão; não denunciara seu velho apelido de Rolinha”, e por aí vão duas páginas que resumem tudo que os opositores pensavam do odiado Presidente. *Idem*, pp. 261-2.

³ In Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro (org.). *Op. Cit.* 1979, p. 270.

⁴ Everardo Dias, *Op. Cit.*, 1927, p. 262.

⁵ *Idem*, pp. 114-5.

⁶ *Idem*, p. 277.

⁷ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962].

Saindo das bastilhas

No mês de março de 1927, assim que terminou de escrever *Bastilhas modernas*, Everardo escrevia ao camarada Astrojildo Pereira, em tom autocrítico:

Não estranhes a linguagem do livro. Resenha que era para um público pequeno-burguês e patrista. Eu queria, com ele, ganhar uns cobres para equilibrar os primeiros meses de cadeia. Fui infeliz. Paciência. Modifica tudo que aches que não deve sair. O interesse nosso, agora, é denunciar os crimes.¹

Esse trecho revela a preocupação comum aos membros do PCB – uma organização que se pretendia internacionalista e proletária – de renegar o que pudesse haver de nacionalista e pequeno-burguês na sua trajetória anterior. E também certa submissão da vaidade de escritor às necessidades do partido. Everardo deixa nas mãos do amigo e secretário-geral realizar as mudanças que achasse necessárias na obra. Não se sabe se o fez, possivelmente não, a julgar pelo teor das cartas, comparado à edição do livro. O tom de *mea culpa* podia ser uma resposta a eventuais críticas ao livro formuladas pelos companheiros, como Astrojildo, talvez por correspondência, hoje provavelmente perdida.

Para além do ceticismo da obra, já apontado, pode-se conjecturar que os problemas detectados no livro pelos comunistas tenham relação com o fato de que a apresentação de *Bastilhas modernas* era assinada por Maurício de Lacerda, deputado que tivera seu mandato cassado em 1921, amigo de Everardo e também ele vítima de cerca de dois anos de prisão na mesma época, como relata em suas memórias do período.²

No começo de 1927, quando saiu o livro, o PCB estava às turras com Maurício de Lacerda, que se recusara a apoiar o Bloco Operário, como se pode ler em matérias sucessivas nas páginas do diário comunista *A Nação* à época. Maurício era acusado de ter traído seu passado, tornando-se “aliado dos opressores”, contraposto ao candidato a deputado federal que aceitou se ligar ao Bloco Operário, Azevedo Lima, “aliado dos oprimidos”, que seria eleito.³ A briga tinha um aspecto familiar, já que Maurício de Lacerda fora editor de *A Nação*, antes do periódico tornar-se inequivocamente comunista, enquanto seus irmãos Paulo e Fernando estavam do lado do Bloco Operário, opondo-se a Maurício.

Everardo, colaborador e divulgador de *A Nação* em São Paulo, acusava o público de seu livro de “patrista”. E, ademais, “pequeno burguês”. Ele que admitira em outra carta que a inserção do PCB na classe operária paulista era quase nula: “Aqui há um trabalho gigantesco a realizar e não há gente... Somos meia dúzia, bem contada!”⁴ E numa terceira missiva constatava que “os sindicatos estão passando por uma aguda crise, e o proletariado não está interessado pelo jornal: faremos, ainda assim, o que for sendo possível”.⁵

Era preciso exorcizar não só o que houvesse de pequeno-burguês e nacionalista na trajetória dos militantes, mas também o passado anarquista de muitos deles. Em março

¹ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 17 de março de 1927.

² Maurício de Lacerda. *História de uma covardia*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 [1927].

³ *A Nação*, Rio de Janeiro: 25 de janeiro de 1927.

⁴ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 27 de janeiro de 1927.

⁵ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 26 de março de 1927.

de 1927, Everardo dizia, ao fim de uma carta a Astrojildo: “A sarna ideológica dos anarcóides incomoda ainda muito”.¹ Reclamava em tom parecido ao que já expressara em janeiro, pouco depois de se estabelecer em São Paulo, assim que deixou a prisão: “Aqui há muito pouco caso, grande indiferença e muita ruína anárquica a entulhar o caminho. Veremos o que se pode fazer”.²

Também há o aspecto da necessidade de “ganhar uns cobres”, que indica a dificuldade dos militantes para conseguir o pão de cada dia. Algo presente também em outra missiva, que revela ainda a dificuldade de inserção na classe operária e o ânimo incomum para a tarefa hercúlea de mobilizar o proletariado:

Sobre “A Nação”, acho-a cada vez melhor. É uma pena, uma angustiosa pena, ver tão bons artigos lidos por tão poucos trabalhadores! Eu faço sempre a distribuição dos encalhes por fábricas e oficinas. O jornal não é *ignorado*. Aos poucos, dará fruto. Mas, o caso é que no momento precisamos viver – e esse é o problema gravíssimo que se nos apresenta [...] Saúde e persistência leonina! Vocês infundem coragem, vocês animam!³

Nessa época, parece que Everardo estava afastado da maçonaria, mas dava indícios de que mantinha contato com seus velhos amigos anticlericais, ao dizer numa carta que buscava “angariar fundos para *A Nação* entre os anticlericais (espíritas, protestantes, etc...)”.⁴ O jornal era muito politizado, mas tinha sua seção de esportes e revelava alguma afinidade com a moral dominante na época, por exemplo, nas suas páginas policiais, em que se publicavam matérias sensacionalistas sobre crimes comuns, geralmente com fotos dos mortos, como em “Um homem degolado”,⁵ e “O desprezo deu causa ao crime”, com o subtítulo “e o ciúme levou-o ao crime”, constando abaixo: “matando a infiel e o traidor, fugiu conduzindo ao colo a filhinha de três meses”. O corpo da matéria vinha depois, com fotos dos assassinados em caixões simples de madeira.⁶ O jornal seria obrigado a encerrar as atividades, junto com outros órgãos da imprensa operária, após a entrada em vigor de nova legislação repressiva aprovada pelo Congresso em agosto de 1927, particularmente o já referido decreto 5.221, a principal “lei celerada”.

A Nação circulou diariamente de 3 de janeiro a 11 de agosto de 1927, datas que correspondem ao breve período em que o PCB teve vida legal, após a suspensão do estado de sítio.⁷ O jornal testemunhava a aposta do nascente PCB na possibilidade eleitoral, por intermédio do Bloco Operário, logo denominado Bloco Operário e Camponês (BOC), que passou a ser a fachada legal do partido. Apesar da volta da ilegalidade, de todas as restrições de votação para os pobres, do voto de cabresto nos currais eleitorais do coronelismo, das notórias fraudes eleitorais, da coerção policial e outros entraves, o PCB participava das eleições por meio de uma organização política de “frente única” para fazer propaganda, denúncia e agitação política. Por exemplo, em

¹ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 17 de março de 1927.

² Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 27 de janeiro de 1927.

³ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 19 de julho de 1927. Sublinhado pelo autor.

⁴ Everardo Dias. Carta a Astrojildo Pereira. São Paulo, 26 de março de 1927.

⁵ *A Nação*, Rio de Janeiro: 8 de fevereiro de 1927.

⁶ *A Nação*, Rio de Janeiro: 25 de janeiro de 1927.

⁷ Astrojildo Pereira. “A formação do PCB”. [1962] In: *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. 101-108. Ver ainda Leandro Konder. *Op. Cit.*, pp. 190-192.

outubro de 1928, Everardo Dias foi candidato derrotado em São Paulo, mas o BOC conseguiu eleger Minervino de Oliveira e Octavio Brandão para o Conselho Municipal do Rio de Janeiro. A audácia chegou a ponto de lançar Minervino à Presidência da República pelo BOC em 1930.¹

Everardo continuaria atuante na oposição: deu apoio crítico à Aliança Liberal e depois ao “movimento revolucionário de 1930”. Com Maurício de Lacerda, em nome de uma Frente Unida das Esquerdas, chegou a elaborar um “programa de ação” levado a uma conferência entre os chefes militares imigrados e delegados de grupos de oposição, em março de 1929. No ano seguinte, recebeu a visita clandestina do líder militar Siqueira Campos, que procurava acordo com outras forças de oposição, até mesmo o PCB, do qual Everardo era um dos dirigentes em São Paulo. Ele pretendia iniciar logo a revolução, mas o plano foi abortado com a morte de Siqueira Campos num desastre aéreo em maio de 1930.²

Everardo seria expulso do PCB no começo dos anos 1930, formalmente desligado em 1932, numa das ondas de obreirismo que atingiam periodicamente a trajetória do partido, levando ao expurgo de intelectuais. Nem mesmo o fundador e ex-secretário geral, Astrojildo Pereira, escapou daquela onda. Mas Everardo continuou atuando na política, já fora do partido. Descontente com os rumos do governo após o êxito do movimento de 1930, envolveu-se com a rebelião paulista: “A Revolução de 1932 colheu-o à testa da redação do *Diário Nacional*, cuja ação foi importantíssima na preparação desse movimento cívico”.³

Tratava-se do jornal do Partido Democrático, com o qual Everardo tinha relações desde o final dos anos 1920, quando ainda era do PCB. Naquela época, esse partido havia se aproximado do Partido Democrático (PD), onde se agrupava, segundo o autor, “a maioria da pequena burguesia nacional descontente e mais ou menos independente de injunções partidárias, mas inclinada a uma transformação de sentido político-social”.⁴ Suas afinidades com o PD por certo também passavam pelos contatos conseguidos na maçonaria.

Nesse tempo todo, antes e depois de 1930, Everardo continuava sendo “vigiado pela polícia que o detinha por qualquer motivo e invadia, constantemente, a sua casa”.⁵ Uma nova temporada mais longa nas bastilhas seria questão de tempo.

Novas bastilhas e o empenho no registro da memória

A experiência relatada em *Bastilhas Modernas* não encerraria as prisões a que seu autor seria submetido. Foi preso após o levante comunista de 1935, talvez por sua história pregressa, já que estava afastado do PCB naquele momento. Ironicamente, Everardo Dias pegaria mais um bom tempo de cadeia, de 30 de novembro de 1935 a 27 de fevereiro de 1937, acusado sem provas de cumplicidade com aqueles que já não o

¹ Cf. Dainis Karepovs. *A classe operária vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. São Paulo: Alameda, 2006. E ainda: Leôncio Martins Rodrigues. “O PCB: os dirigentes e a organização”. In: Boris Fausto (org.). *História Geral da Civilização Brasileira, O Brasil Republicano*. Cap. VIII, vol. X. São Paulo, Difel, 1981, pp. 263-443.

² Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], pp. 147-170.

³ José Castellani. *Op. Cit.*

⁴ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], p. 156.

⁵ José Castellani. *Op. Cit.*

queriam em suas fileiras. Tanto que acabaria absolvido.¹ Já não caberia a Everardo narrar os dramas das bastilhas dos anos 1930: eles seriam imortalizados pela pena de Graciliano Ramos, em *Memórias do cárcere*, editadas apenas após sua morte.²

Ao sair da prisão, Everardo estreitou seus laços com a maçonaria, onde atuou com destaque até a morte, em 1966. Mas nunca abandonou suas convicções socialistas. Nos anos 1950, praticamente já não era mais perseguido pela polícia. Tornou-se um dos principais colaboradores da *Revista Brasiliense*, de Caio Prado Jr, Elias Chaves Neto e outros comunistas, cujas propostas eram marginais dentro do PCB. Também escreviam na revista comunistas independentes ou simpatizantes do marxismo, e ainda sociólogos da Universidade de São Paulo (USP). Everardo assinaria nada menos do que 22 artigos, sendo o quinto autor mais presente nas páginas da *Brasiliense* ao longo dos anos.³ Todos eles eram textos de memória das lutas sociais que viveu, centradas mais no passado do que no presente, em que tinha pouca participação política.

Esses artigos dariam base à *História das lutas sociais no Brasil*.⁴ Seu empenho era memorialístico, consciente da necessidade de compreender as lutas do passado para construir o presente e o futuro, como se evidencia no prefácio do livro, escrito em maio de 1961. Ali se revelava um homem maduro, com lucidez política, que advertia para o perigo do golpe de Estado, que só viria a se efetivar em 1964. Pedia união de trabalhistas, socialistas e comunistas em defesa de “uma democracia orientada com firmeza para o socialismo”. Sua experiência ensinara que

A liberdade não é uma palavra oca, nem mesmo quando se refere à liberdade burguesa, embora muitas vezes houvéssemos zombado dela. A gente sabe o que vale quando essa liberdade desapareceu dos Códigos por um estado de sítio perpétuo, foi riscada por um governo totalitário ou abolida por um ditador. A desgraça proporciona muitas lições e quando somos atirados ao calabouço de um presídio e lá ficamos sepultados entre quatro sólidas paredes e grades de ferro ou então tangidos como feras para barracões cercados por fios eletrificados nos campos de concentração; quando se anda peregrinando pelo mundo, perdida a família, lar e pátria, como tem acontecido a muitos de nós e ainda está acontecendo em diversas regiões da Terra – é que se dá valor a essa grande, imensa felicidade, representada pela faculdade de falar, opinar, escrever, viajar livremente, sem ter quem nos interrompa, nos interrogue, espione, acompanhe, siga nossos passos, anote com quem trocamos algumas palavras de cortesia – um olho procaz e maldito, que nos persegue até no recesso de nossa habitação...⁵

Mas o “olho procaz e maldito” continuava aberto e atento, embora escondido. Por exemplo, em julho de 1963, um espião da polícia relatava a seu superior que o “octogenário anarquista, Sr. Everardo Dias” ministrou a conferência de abertura do I Ciclo de Estudos Sindicais, promovido em sua sede social pelo Sindicato dos

¹ Essas informações integram o referido Prontuário n. 136 do DOPS de São Paulo. Nele se encontram dados sobre Everardo Dias, especialmente a partir de 1931, algumas vezes remetendo a suas atividades passadas e documentos policiais referentes a elas, cujos originais não estão no prontuário, até porque o DOPS foi organizado em 1924.

² Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

³ Fernando Limongi. “Caio Prado Jr. e a revista *Brasiliense*”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 5, vol.2, p. 47-66, outubro de 1987.

⁴ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962].

⁵ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], pp. 23-24.

Metalúrgicos de São Paulo e pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP. O zeloso burocrata relatava, passo a passo, a reconstituição histórica do movimento sindical brasileiro que o conferencista expunha às novas gerações. Everardo continuava o mesmo, aquele sobre quem um outro espia dissera, em sua ficha policial dos anos 1930, usando linguagem que seria pitoresca se não fosse trágica:

Anarquista. Comunista. Tem tido contínuo contato com a polícia, por efeito de suas ideias avançadas a cuja propaganda tem se dedicado com muito carinho. Tem prestado sua atividade intelectual a uma intensa propaganda comunista. [...] Seus discursos sempre foram contra os poderes constituídos. [...] É um propagandista ativo e perigoso.¹

Nas *Memórias de um exilado*, o leitor encontra um Everardo Dias jovial e esperançoso, apesar das adversidades. Tinha 37 anos ao escrever o livro, em 1920. Em *Bastilhas Modernas*, aparece um autor mais maduro, igualmente indignado, traduzindo sua lucidez com um travo de amargor, após os cinco anos trágicos de 1922 a 1926. Os livros mostram com quanta luta, sangue, crueldade e sofrimento se fez a parte da história do Brasil que coube a Everardo viver. Bem como permitem avaliar alcances e limites de suas lutas, num tempo marcado pela “derrota da dialética”, na expressão de Leandro Konder.²

Ele já era um senhor de 78 anos ao escrever a introdução de *História das lutas sociais no Brasil*, em 1961. A obra reconstituía seu passado e advertia para o perigo de que “tal estado de monstruosos destroços volte”.³ Em vão! A partir do final da década de 1970, surgiria uma vasta literatura sobre as bastilhas do regime militar e civil instalado em 1964, produzida pelos sobreviventes do combate ao regime.⁴

¹ Prontuário n. 136 do DOPS de São Paulo.

² Leandro Konder. *Op. Cit.* 2009. Ver também Pedro Roberto Ferreira. *O conceito de revolução da esquerda brasileira – 1920-1946*. Londrina: Ed. Universidade Estadual de Londrina, 1999.

³ Everardo Dias. *Op. Cit.* 1977 [1962], p. 27.

⁴ A maior parte dessa literatura é revisitada em Marcelo Ridenti. “Esquerdas armadas urbanas: 1964-1974”. In: Ridenti, Marcelo; Reis, Daniel Aarão (org.). *História do marxismo no Brasil*, 6. Partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: ed. da UNICAMP, 2007, pp. 105-151.



A rent strike in Harlem, New York City, September 1919. *New York Times* photo archive.
Public domain.

6. Theoretical essays and workers' movement

Revisitando la Inglaterra de Engels y E.P. Thompson. Notas para la formulación de hipótesis sobre la formación de la clase obrera en Argentina. Agustín Santella¹ y Gabriela Scodeller²

La presente ponencia es parte de un proyecto de investigación que busca examinar críticamente un conjunto de obras abocadas al estudio sobre la formación de la clase trabajadora, en el cual nos preguntamos por la pertinencia de las hipótesis producidas en el debate transnacional para el caso argentino, y sobre la posibilidad de que estas iluminen aspectos teóricos poco transitados por la historiografía nacional.

Partimos del análisis del caso inglés, por la relevancia que el mismo ha tenido como modelo explicativo en los estudios sobre el proceso de formación de clase en Argentina. Específicamente, aquí realizaremos el análisis de dos estudios situados en el mismo espacio geográfico y similares temporalmente, los trabajos sobre el movimiento obrero inglés de F. Engels (1974) y E.P. Thompson (1989). Nos proponemos formalizar la propuesta teórica de ambos autores marxistas, para luego realizar una comparación crítica entre ellos, con el objeto de enunciar un conjunto de interrogantes que validen o contrasten las principales hipótesis sobre la etapa formativa de la clase obrera argentina.

Entre los interrogantes que sugiere la lectura de dichos textos, y a modo de considerar cómo los mismos han sido releídos y utilizados en la investigación empírica para Argentina, nos formulamos las siguientes preguntas: ¿Cuándo surge la clase obrera? ¿Se habla de formación atendiendo a factores estructurales o subjetivos? ¿Qué media entre el ser social y la conciencia –la lucha o la experiencia?

En un contexto historiográfico donde ha prevalecido el estudio de periodos temporales relativamente cortos y como compartimentos estancos, raramente se miran los procesos de formación de clase en lapsos de larga duración. Por este motivo aquí recurrimos a obras sobre la clase obrera argentina (aunque no necesariamente producidas en dicho país) que realizan un relato de largo alcance, y que adscribirían a modelos interpretativos diversos: Bergquist (1986), Munck, Falcón y Galitelli (1987), y Lobato y Suriano (2003).³

El caso inglés: los modelos de Engels y Thompson

En La situación de la clase obrera en Inglaterra, Engels (1974) estructura un relato en que la clase obrera aparece como producto de las máquinas, de la revolución industrial, de la concentración y urbanización. Ofrece una densa descripción de las transformaciones operadas en la vida de los sujetos como consecuencia de lo anterior,

¹ Agustín Santella es investigador en el Consejo Nacional de Ciencia y Técnica (CONICET) de Argentina. Se especializó en el estudio de conflictos sociales y movimiento obrero en Argentina. Ha publicado sobre luchas obreras en los años 1970, y sobre conflictos en el sector automotriz en la actualidad. Es miembro de los comités de las revistas *Nuevo topo* y *OSAL* (CLACSO). Dicta cursos de grado y posgrado en la UBA.

² Gabriela Scodeller es historiadora, investigadora del Instituto de Investigaciones Gino Germani de la Universidad de Buenos Aires. Investiga sobre movimiento obrero en Argentina en la historia reciente. Su principal área de interés se vincula a la conflictividad política intragremial y su importancia en los procesos de formación de clase. Actualmente indaga sobre experiencias de formación político-sindical en América Latina.

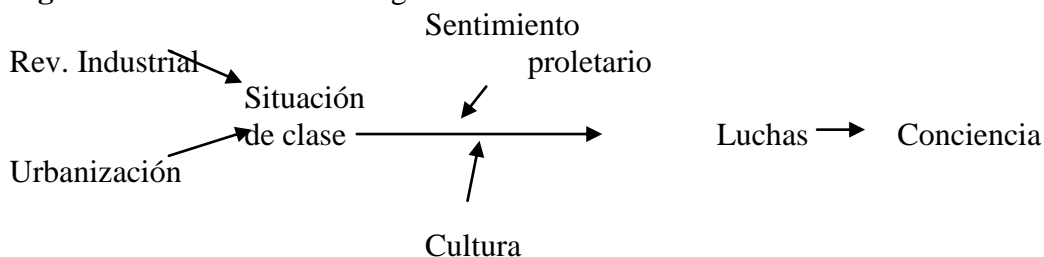
³ Si bien existen pocos estudios de carácter comparativo –por ejemplo Pozzi (1992) ha comparado el proceso de formación de la clase obrera argentina con la de Estados Unidos, aunque sobre todo para señalar diferencias–, la historiografía local no se ha hecho eco de la reciente renovación en el campo historiográfico asumiendo una mirada sur-sur –un ejemplo reciente de comparación con Brasil lo encontramos en la tesis doctoral de De Souza (2010).

extensas referencias a las condiciones de vida y de trabajo (vivienda, vestimenta, alimentación, salarios). Luego de más de 200 páginas en que el capital aplasta al trabajador, éste último aparece, ahora como ‘movimiento obrero’, luchando. El resultado final de un desarrollo entre histórico y lógico en que se identifican escalas de rebelión (desde el delito a la insurrección), es una clase obrera con conciencia política.

Los hombres pueden, según Engels, vivir como bestias o preservar su humanidad (Engels 1974: 123, 127), dicotomía que expresa la opción de acomodarse o rebelarse (Engels 1974: 125). Ahora bien, ¿de qué depende que se produzca una u otra respuesta (subjetiva)? ¿Cómo piensa el marxista alemán el proceso entre los dos extremos del esquema (ver figura 1)? Intervienen dos variables: la cultura y fundamentalmente, el ‘sentimiento proletario’.¹ Las referencias a aquellos aspectos culturales, morales o tradiciones se describen como producto del paso a la vida industrial (el exceso por la bebida, la prostitución o los cambios en los hábitos familiares), a la vez –y en tensión– que como elementos de resistencia, que resaltan la humanidad del obrero frente al burgués (solidaridad, antireligiosidad, educación proletaria). El ‘sentimiento proletario’ conjuga odio, enojo e indignación ante un sentimiento de inhumanidad (Engels 1974: 126), con cierta comprensión de su situación (Engels 1974: 130). Es un instinto (Engels 1974: 214), más bien espontáneo. Esto lo diferencia de la conciencia ubicada al final del recorrido, que implica una lucha política consciente, por un objetivo determinado.

Así, el esquema engelsiano queda sintetizado en el siguiente párrafo: ‘Cuanto más el sistema de fábrica los empuja a una sola rama de trabajo, tanto más los obreros toman parte en el movimiento; cuanto más áspera se hace la contradicción entre obreros y capitalistas, tanto más se desarrolla y agudiza en el obrero el sentimiento proletario’ (Engels 1974: 231). Remarquemos que el énfasis está puesto al inicio del esquema (Figura 1).

Figura 1: El modelo de F. Engels



Fuente: Elaboración propia.

Pasemos a analizar el modelo de E.P. Thompson (1989) en *La formación de la clase obrera en Inglaterra*.² Como nos dice en el prefacio y muestra a lo largo del libro, nos encontramos con una clase que se autoconstruye a la vez que es construida, aunque el énfasis está puesto claramente en lo primero (autoactividad); y en la categoría de experiencia, como articuladora entre ser social y conciencia.³ Las condiciones objetivas están contenidas en la noción de experiencia –recordemos que para Thompson lo

¹ En C. Tilly (1978) ambos elementos (cultura y sentimiento proletario) aparecerán como ‘solidaridad’.

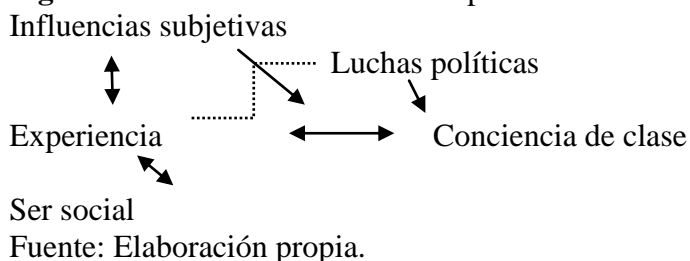
² A pesar de la advertencia respecto de extender su estudio más allá del caso inglés, el prólogo de J. Fontana a la obra de Thompson en español nos habilita para la propuesta de formalización que aquí diseñamos.

³ Posteriormente a *La Formación...*, Thompson definiría explícitamente a la experiencia como un término medio entre el ser y la conciencia social (Thompson 1978, 1991).

subjetivo y objetivo deben pensarse de modo articulado y simultáneo—. ¹ Pero aunque la experiencia es el punto más próximo a lo material, ya implica una percepción subjetiva de la explotación, mediada por las influencias subjetivas o ‘conciencia subpolítica’ (Thompson 1989: Tomo I 62). Ésta incluye desde las tradiciones populares, la economía moral, los valores y costumbres, las creencias religiosas e ideas políticas, hasta las luchas, protestas y motines. Pero es cuando este conjunto complejo pasa por el tamiz de la experiencia de la explotación, que de todos aquellos elementos cobra mayor fuerza la lucha política, derivando en la conciencia de clase. Esta última supone ya una disciplina, teoría, ideas elaboradas y escritas (prensa obrera), instituciones (Thompson 1989: XIV, Tomo I 471).

Recordemos que para Thompson la clase está formada cuando logra una conciencia colectiva de sí misma, es decir, cuando los hombres y mujeres ‘sienten y articulan la identidad de sus intereses a la vez comunes a ellos mismos y frente a otros hombres cuyos intereses son distintos (y habitualmente opuestos) a los suyos’ (Thompson 1989: XIV; expresado de modo similar en: Tomo II 422-423). El punto de llegada de este proceso de ‘descubrirse y definirse’ (Thompson 1989: Tomo II 480) es el mismo que en Engels, aunque la relación–ruptura entre ser y conciencia social no es a través de la lucha, sino de la experiencia (que contiene a la primera como un elemento más).² Posiblemente el capítulo sobre el ludismo es el que mejor expresa y condensa nuestro esquema (Figura 2).

Figura 2: El modelo de E. P. Thompson



Ensayemos ahora una comparación, considerando que podemos tomar ambos autores como claros exponentes de dos modos de pensar el proceso de formación de clase: objetivo–pasivo en el caso de Engels, subjetivo-activo en el de Thompson. Algunos elementos comparativos saltan a la vista: en el primero predomina una mirada sincrónica, mientras que el segundo, preocupado por rastrear la génesis de la clase trabajadora, ofrece una perspectiva procesual y de larga duración. Por ello en Engels la clase obrera nace con la industria, mientras que en Thompson hay una referencia constante a tradiciones y sentidos previos que se activan y conjugan de diverso modo en el hacerse de la clase obrera, sin dar por sentado cómo se forma el sentimiento de humanidad (‘experiencia de la explotación’) que en Engels (‘sentimiento proletario’) aparece casi como algo visceral. Así, encontramos que el concepto de ‘experiencia’ en

¹ En una conferencia dada en 1959, contexto de escritura de *La Formación...*, afirma que las cuestiones morales y económico-políticas se encuentran ‘unidos de forma inextricable en el mismo contexto de la vida social. Las relaciones económicas son, a la vez, relaciones morales; las relaciones de producción son al mismo tiempo relaciones, de opresión o de cooperación, entre personas; y existe una lógica moral, al igual que una lógica económica, que se deriva de estas relaciones’ (Thompson 2000: 123).

² Según W. Sewell Jr., la diferencia de Thompson con el marxismo clásico es que la mediación entre relaciones de producción y conciencia de clase viene dada por la experiencia y no por la lucha (1994: 82). Distinto a E. Meiksins Wood, para quien Thompson sitúa la lucha de clases en el centro de la teoría marxista (1983), cosa que él mismo afirmará posteriormente (1991).

Thompson puede asimilarse al de ‘sentimiento proletario’ de Engels. La diferencia es que el primero no lo supone sino que busca explicar su génesis; además, al estar ‘determinada’ por la ‘conciencia subpolítica’, no es sólo un sentimiento visceral, sino que contiene ya elementos de racionalidad y excede la mera respuesta a estímulos económicos.

La noción de formación en ambos autores remite a la idea de algo común, compartido. En el relato engelsiano dicha identidad viene dada por compartir un conjunto de situaciones más próximas a lo objetivo, como son la concentración, centralización, urbanización (Engels 1974: 42-43) y la miseria, inmoralidad e ignorancia (Engels 1974: 202). Thompson nos remite a la identidad de intereses del conjunto heterogéneo de trabajadores, a la vez en contraposición con sus antagonistas de clase; se siente, se piensa y se actúa como clase. Se desprende de ello que en Engels la lucha política sigue a la lucha económica,¹ mientras que en Thompson la relación es más compleja y no necesariamente debe seguir dicho patrón; a los efectos de catalizar ideas o acciones, una guerra, una crisis política o la influencia religiosa se ubican al mismo nivel que la revolución industrial.

En síntesis, aunque los modelos elegidos parecen extremos, ambos tienen puntos de llegada similares: la formación de una clase con conciencia de sí;² aunque toman puntos de partida diversos, y la forma en que se articulan los elementos que intervienen en el proceso de formación de clase, como el peso otorgado a cada uno de ellos, también varían.

De este ejercicio comparativo surgen las preguntas que formulamos a los estudios sobre trabajadores en Argentina. En primer lugar, cuándo surge la clase obrera. Seguidamente, tratamos de entender si los autores elegidos piensan el proceso de formación de clase atendiendo a factores estructurales o subjetivos. Finalmente, nos preguntamos qué es lo que mediaría entre el ser y la conciencia social, es decir, si en las explicaciones prima la lucha o la experiencia.

La historiografía sobre la clase obrera argentina

Es necesario comenzar este apartado advirtiendo que nuestro análisis sobre la influencia de los dos modelos antes reseñados en la historiografía sobre la clase obrera argentina se limitará en esta ponencia a su fase formativa,³ que ubicamos –teniendo en cuenta el conocimiento existente– entre 1870 y 1930.

Como mencionamos, aquí nos aproximamos a tres relatos cuya virtud es que construyen una síntesis con continuidad, realizando un relato de larga duración, característica poco común entre los autores nacionales;⁴ organizan fuentes secundarias en torno a un eje que opera como articulador de distintos periodos históricos que suelen

¹ Al igual que el modelo de K. Marx en *Miseria de la Filosofía* (1987).

² Distinto por ejemplo a C. Tilly (1995), para quien el mismo proceso no deriva en una clase sino en la formación de un movimiento político democrático.

³ Si bien el proceso de constitución de una clase nunca es definitivo, vale la pena señalar su aparición como grupo social (que antes no se reconocía ni era reconocido como tal) durante algún periodo histórico (Hobsbawm 1987). En este sentido nos referimos aquí a ‘etapa formativa’. Consideramos que E.P. Thompson distingue claramente entre formación y constitución (Thompson 1989: Tomo II 333, 477).

⁴ Por décadas ha existido una suerte de división internacional del trabajo intelectual, en la cual han sido los académicos europeos o norteamericanos quienes han producido trabajos de síntesis sobre Argentina y estudios comparativos referidos a Latinoamérica (por citar algunos ejemplos relevantes en distintos momentos históricos, Da Costa 1989; French 2000). Esta situación no parece haberse modificado actualmente en lo sustancial.

tratarse separadamente. Han sido seleccionados además por su circulación e importancia, dado que son a su vez insumo de nuevos trabajos de síntesis y estudios comparados. Todos ellos pueden ubicarse dentro de la ‘nueva historia del trabajo y los trabajadores’ (van der Linden 2007; Suriano 2009).¹

C. Bergquist (1986) analizó al movimiento obrero argentino en comparación con otros de América Latina. Su estudio asigna a los trabajadores de las industrias vinculadas al sector exportador una influencia determinante tanto en la economía como en la política de las sociedades estudiadas; además de ser éste el que imprime las características ideológico-organizativas al conjunto del movimiento obrero. Desde una perspectiva dependentista, propone una mirada dialéctica de los obreros del sector estratégico, aproximándose a las condiciones de trabajo y de vida, como a sus luchas, organizaciones y cultura —el problema de la conciencia aparece más como un enunciado teórico que desarrollado a lo largo del trabajo—.

Para el periodo que aquí tomamos, parecen tener mayor fuerza explicativa los factores externos (económicos) que los internos (políticos). Asimismo, no mira tanto las vicisitudes hacia el interior del mundo del trabajo, sino que atiende fundamentalmente al movimiento obrero organizado como factor de poder y en su relación con el Estado. Ello explicaría por qué el autor puede hablar de la existencia de dos periodos de movilización de masas y fuerza política (anarcosindicalista y peronista), separados por un paréntesis de veinte años en la historia de los trabajadores.

En este sentido es un texto más bien clásico. Dicho claramente, la estructura económica (de una sociedad capitalista periférica de rápido crecimiento) condicionó la evolución de la estructura de clases y por tanto del movimiento obrero (en sus luchas, organizaciones e ideologías). Los elementos culturales y subjetivos están presentes, aunque no operan como factores explicativos. Su libro fue publicado en 1986.²

Un año después aparecía la obra de R. Munck, R. Falcón y B. Galitelli (1987). El eje de esta descripción (explicativa) sobre la historia de los trabajadores argentinos está planteada en términos de la lucha capital-trabajo puestos al mismo nivel, es decir, en la dinámica entre formas de resistencia obrera y estrategias de control sobre el trabajador. Intervienen en el proceso de formación, rehacerse y reestructuración de la clase obrera distintos procesos políticos, culturales y estructurales. Los autores plantean que el proceso de proletarización en Argentina no sigue el modelo de Marx: la inmigración europea ocuparía en parte el lugar del campesinado desposeído, aunque al fusionarse con la fuerza de trabajo indígena y de descendientes de esclavos negros, dio lugar a lo que será la moderna clase obrera.

Si bien se presta atención a la composición de la clase obrera y a los procesos de trabajo, se sostiene que el espacio aglutinante, de identificación de intereses comunes no se desarrolla en la fábrica sino en la comunidad. Así, para el periodo formativo de la clase trabajadora argentina, que ubican entre 1880 y 1900, esta síntesis cultural tiene lugar en el conventillo: donde se entrecruzan las tradiciones e idiosincrasias de inmigrantes, indígenas, negros y gauchos. La aceleración de los cambios en la estructura productiva entonces genera una transformación social y político-cultural

¹ Dejamos explícitamente fuera del análisis obras de gran envergadura y que asumen una perspectiva de largo alcance, pero que corresponden más a una *vieja* historia del trabajo, por ejemplo Godio (2000).

² Más de dos décadas después, el autor afirmará que su enfoque es social y cultural, puesto que ‘se ocupa de analizar cómo se crea una percepción, cómo se construye una identidad nacional, cómo se forma la identidad de los trabajadores y cómo las personas entienden el mundo alrededor suyo’, aunque al hacerlo y a diferencia de los estudios culturales, ‘liga el mundo cultural y de las percepciones con el mundo material’ (Núñez Espinel 2010: 206).

(conflictividad, organizaciones obreras e ideologías), pero que tenderá lazos con las tradiciones del proceso anterior. Desde cierto marxismo inglés sui generis –con mayor énfasis en factores estructurales–, se logran integrar una diversidad de elementos que interactúan en la formación de la clase trabajadora, entendida claramente como un sujeto activo.

Muy posteriormente, M. Lobato y J. Suriano (2003) publican una pequeña obra de amplia divulgación. El relato se articula, desde cierta perspectiva tilliana (con reminiscencias thompsonianas), en torno a las transformaciones en las formas de acción colectiva a lo largo del siglo XX; vinculadas teóricamente a cambios en la estructura económica, las oportunidades políticas, las formas organizativas y corrientes político-ideológicas. Así, la clase obrera surge en Argentina en el último tercio del siglo XIX producto de la inmigración, que viene a resolver la falta de mano de obra en una región donde se extendía una economía capitalista.

A pesar de la heterogeneidad estructural (condiciones de vida y trabajo, salarios, lugar dentro de la estructura exportadora) y diversidad cultural (experiencias y tradiciones, formas de lucha y organización), lo que los trabajadores comparten es la explotación (Lobato y Suriano 2003: 28). La ‘identidad de clase’, como proceso de ‘autorepresentación’, se constituye fundamentalmente a partir de la ‘protesta popular’ (huelga); la que es fuertemente influenciada por las ideologías políticas, y en menor medida por la existencia de organizaciones obreras y la experiencia de la explotación.

La referencia a lo cultural en estos autores es importante, aunque no remite a la influencia de sentidos y tradiciones previas, sino que describe los cambios en la vida cotidiana como resultado de las transformaciones estructurales y políticas que se están sucediendo; así se entiende por ejemplo la ‘creación de una cultura de izquierda’ (Lobato y Suriano 2003: 33) con sus ritos y símbolos. Del mismo modo, se presta particular importancia en el relato a las disputas político-ideológicas entre las distintas tendencias dentro del movimiento obrero.

Intentemos ahora responder a nuestras preguntas. El peso del autor de *La formación de la clase obrera en Inglaterra* es incuestionable si tenemos en cuenta los debates y controversias a que ha dado lugar su modelo explicativo; mientras que al menos en el campo académico, *La situación de la clase obrera en Inglaterra* no ha pasado de ser una excelente descripción. En las tres obras sobre historia de los trabajadores en Argentina aquí seleccionadas, hemos visto las referencias a distintos autores o marcos analíticos, y podríamos decir que ninguna de ellas remite explícitamente a Engels.¹

Sin embargo, retomando nuestra pregunta: ¿cuándo surge la clase obrera en Argentina?, encontramos respuestas que remiten al modelo del marxista alemán. La clase obrera no se hace a sí misma sino que es hecha a partir de 1870–1880 producto del modelo económico exportador, es decir, de la implantación de relaciones sociales capitalistas en Argentina; ya sea que se ponga mayor énfasis en el desarrollo del vínculo con la economía mundial (Bergquist) o en el sujeto obrero inmigrante (Lobato y Suriano). Quienes escapan a esta mirada son Munck, Falcón y Galitelli, cuyo texto no sólo enfatiza el entrecruzamiento de la mano de obra inmigrante con la local, sino la fusión de la ideología de los primeros con las tradiciones radicales de los segundos. Es en este sentido que para estos autores la clase estaría presente en su propia formación.²

¹ Vale la pena mencionar que el historiador argentino del movimiento obrero N. Iñigo Carrera (2008) retoma a Engels explícitamente como modelo de análisis, en particular su construcción de una escala de la protesta.

² Al consolidarse el Estado-nación y una economía y sociedad capitalistas, con la consiguiente aparición de la clase obrera y el surgimiento de sus organizaciones políticas y sindicales, la historiografía suele

De ello sigue la respuesta a la segunda pregunta. Tanto en Bergquist como para Lobato y Suriano lo que otorga unidad a la heterogeneidad del mundo del trabajo es lo estructural: la explotación; en Munck, Falcón y Galitelli en cambio interviene lo que denominan el ‘amplio contexto social de la vida de la clase obrera’ (Munck *et al.* 1987: 252), con fuerte peso como dijimos de las tradiciones, sentimientos, elementos culturales y políticos.

Finalmente, nos preguntábamos: ¿qué media entre el ser social y la conciencia? En Bergquist, son las condiciones materiales concretas de los trabajadores las que actúan de modo que éstos opten entre un conjunto disponible de ideologías, estrategias y organizaciones obreras. Es el relato de Lobato y Suriano el que más se aproxima ahora al de Engels, al ser la protesta la que opera como mediadora; mientras que la confluencia de factores que articulan Munck, Falcón y Galitelli los aproximaría más a la noción thompsoniana de experiencia.

Vinculado a esto, ¿cómo se vinculan interés económico y lucha política? Para Bergquist la respuesta política (en términos de lucha, organización, conciencia) sigue a la existencia de necesidades inmediatas. En los otros dos textos la relación no es directa ni unidireccional. Para Munck, Falcón y Galitelli los aspectos ideológico-políticos se desarrollan a la par que la percepción de las condiciones materiales de explotación, pero también pueden preexistir. Para Lobato y Suriano la explicación se complejiza, ya que lo político no sólo no sigue a lo económico, sino que viene dado fundamentalmente por el componente de obreros inmigrantes.

Repensando hipótesis, modelos y periodizaciones

Nos interesaba en este escrito mostrar cómo operan determinados modelos para pensar los procesos de formación de clase, aunque no siempre sean explicitados. Tomamos el ‘caso inglés’ ya que con sus variantes, es desde donde suele pensarse a los trabajadores en Argentina; logrando advertir que el modelo marxista clásico sigue teniendo peso. Sin embargo, habría que revisar si otros modelos de proletarización y de formación de la clase obrera (en su sentido moderno) no se ajustarían más al caso local, inclusive atendiendo a otros procesos dentro de la temporalidad que imprime el esquema nortatlántico (Mikkelsen 1996, Arrighi 2000).

Si bien el desarrollo de relaciones sociales capitalistas en Argentina se encuentra estrechamente vinculado al capital europeo (fundamentalmente inglés) y la clase dominante encontró allí un modelo a seguir, esto poco nos dice sobre el devenir real de la relación capital-trabajo en Argentina. ¿No será necesario entonces pensar una dinámica con tiempos propios, como se ha hecho en otras regiones del Sur Global? Para ello será necesario repensar en qué aspectos habría que concentrarse a fin de lograr un relato explicativo (una periodización) que supere ciertos sentidos y supuestos liberales – que también informan las narrativas marxistas–.

En este sentido, podemos observar que ni Engels ni Thompson han dado lugar en Argentina a un programa de investigación que mire los procesos de formación–constitución–reestructuración de clase en lapsos de larga duración. Tampoco ha tenido relevancia en el ámbito local la renovación historiográfica que supuso para la temática que nos compete, el enfoque de la historia global (Adamovsky 2007). Ya sin

marcar un corte abrupto. Los estudios sobre el movimiento obrero y la inmigración europea masiva no suele encontrar conexión con sus antecedentes populares: gauchos, campesinos, artesanos y plebeyos urbanos desaparecen. Su existencia no es tenida en cuenta a la hora de explicar el surgimiento del movimiento obrero, construyéndose una idea de discontinuidad (Di Meglio 2005). Luego de la oleada inmigratoria de fines del siglo XIX, un nuevo proceso histórico marca un antes y un después en la historiografía del movimiento obrero argentino: el peronismo.

necesariamente ser parte de una concepción eurocéntrica, aún no se logra superar el ‘nacionalismo metodológico’ (van der Linden 2008).

A pesar de la explosión de estudios sobre el mundo del trabajo y los trabajadores que desde muy diversas perspectivas ha tenido lugar en la última década,¹ es necesario señalar las insolvencias de una proliferación de trabajos monográficos que a pesar de su riqueza individual, permanecen desconectados. Ante estas lagunas, no ha sido nuestra intención proponer una tipología vertebradora de la historia del movimiento obrero argentino, como ya se ha hecho para América Latina y cuyos riesgos –si no se atiende a un análisis multivariado, relacional e históricamente situado– ya han sido señalados (Roxborough 1981). Tampoco lo es construir una narrativa que reproduzca cierta linealidad y curso ascendente de la historia. Sí nos interesa superar la aún persistente fragmentación posmoderna en las ciencias sociales pensando genealógicamente, a lo Benjamin (2007), en diálogo y como parte de una problemática transnacional.

Bibliografía citada

Adamovsky, E. 2007, ‘Historia y lucha de clase. Repensando el antagonismo social en la interpretación del pasado’, *Nuevo Topo. Revista de historia y pensamiento crítico*, no. 4, septiembre–octubre 2007, pp. 7–34.

Arrighi, G. 2000, ‘Siglo XX: siglo marxista, siglo americano: la formación y la transformación del movimiento obrero mundial’, *New Left Review*, no. 0, enero–febrero 2000, pp. 7-46.

Benjamin, W. 2007, *Sobre el concepto de historia. Tesis y Fragmentos*, Buenos Aires, Piedras de Papel.

Bergquist, C. 1986, *Labor in Latin America. Comparative essays on Chile, Argentina, Venezuela, and Colombia*, California, Stanford University Press.

Da Costa, E. Viotti 1989, ‘Experience versus Structures: new tendencies in the history of labor and the working class in Latin America. What do we gain? What do we lose?’, *International Labor and Working-Class History*, no. 36, otoño 1989, pp. 3–24.

De Souza, D. 2010, ‘Movimento operário e sindical no Brasil e na Argentina: apontamentos para uma análise comparativa’, *PIMSA 2008-2009*, n.º 12, 2010, pp. 53-111.

Di Meglio, G. 2005, ‘La historia popular de la Argentina del siglo XIX’, *Revista Nuevo Topo*, no. 1, septiembre-octubre 2005, pp. 55-76.

Engels, F. 1974, *La situación de la clase obrera en Inglaterra*, Buenos Aires, Ediciones Diáspora.

French, J. 2000, ‘The Latin American labor studies boom’, *International Review of Social History*, no. 45, pp. 279-308.

Godio, J. 2000, *Historia del movimiento obrero argentino (1870-2000)*, Buenos Aires, Corregidor.

Hobsbawm, E 1987, *El mundo del trabajo. Estudios históricos sobre la formación y evolución de la clase obrera*, Barcelona, Crítica.

Iñigo Carrera, N. 2008, ‘Algunos instrumentos para el análisis de las luchas populares en la llamada Historia Reciente’ en López Maya, M. *et al.*, *Luchas contrahegemónicas y cambios políticos recientes de América Latina*, Buenos Aires, CLACSO.

¹ Sería necesario señalar que en Argentina el último ‘boom’ (French 2000) de estudios sobre trabajo y trabajadores se produce con posterioridad a (y fuertemente influenciado por) los hechos de protesta social de diciembre de 2001.

- Lobato, M. y Suriano J. 2003, *La protesta social en la Argentina*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- Marx, K. 1987, *Miseria de la filosofía*, México, Siglo XXI.
- Meiksins Wood, E. 1983, 'El concepto de clase en E.P. Thompson', *Cuadernos Políticos*, no. 36, abril-junio 1983, pp. 87-105.
- Mikkelsen, F. 1996, *Working-class formation in Europe: in search of a synthesis*, Amsterdam, International Institute of Social History.
- Munck, R. et al. 1987, *Argentina: from anarquism to peronism. Workers, Unions and Politics, 1855–1985*, London, Zed Books.
- Núñez Espinel, L. 2010, 'La historia en perspectiva comparada: entrevista con el profesor Charles Bergquist', *Historia Crítica*, no. 42, septiembre-diciembre 2010, pp. 204-213.
- Pozzi, P. 1992, 'Orígenes de la clase obrera argentina y norteamericana', *Revista Estudios Norteamericanos*, no. 4, noviembre 1991, pp. 307-315.
- Roxborough, I. 1981, 'The analysis of labour movements in Latin America: typologies and theories', *Bulletin of Latin American Research*, vol. 1, no. 1, octubre 1981, pp. 81-95.
- Sewell Jr., W. H. 1994, 'Cómo se forman las clases: reflexiones críticas en torno a la teoría de E.P. Thompson sobre la formación de la clase obrera', *Revista Historia Social*, no. 18, invierno 1994, pp. 77-100.
- Suriano, J. 2009, '¿Cuál es hoy la historia de los trabajadores en la Argentina?', *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 1, no. 1, enero-junio 2009, pp. 27-50.
- Thompson, E. P. 1978, *Miseria de la teoría*, Barcelona, Crítica.
- Thompson, E. P. 1989, *La formación de la clase obrera en Inglaterra*, Barcelona, Crítica.
- Thompson, E. P. 1991, 'Algunas observaciones sobre clase y "falsa conciencia"', *Revista Historia Social*, no. 10, primavera-verano 1991, pp. 27-32.
- Thompson, E. P. 2000, 'William Morris', en *Agenda para una historia radical*, Barcelona, Crítica.
- Tilly, C. 1977, *From mobilization to revolution*, CRSO Working Paper 156, Michigan, University of Michigan.
- Tilly, C. 1995, *Popular contention in Great Britain, 1758–1834*, London, Harvard University Press.
- van der Linden, M. 2007, 'Labour history: the old, the new and the global', *African Studies*, no. 66, agosto-diciembre 2007, pp. 169-180.
- van der Linden, M. 2008, *Workers of the world. Essays toward a Global Labor History*, Leiden, Brill.

Trabalho, classes e movimentos sociais. *Andréia Galvão*¹

Este artigo² trata da relação entre trabalho, classes e movimentos sociais. Essa relação pode parecer óbvia para os que trabalham com a perspectiva teórica marxista, mas é importante retomá-la e desenvolvê-la para combater as perspectivas teóricas que se constituíram e que se tornaram dominantes no ‘campo’ das ciências sociais, sobretudo nos anos 1980. Essas perspectivas foram forjadas em oposição ao marxismo, buscando negar a relevância da dimensão de classe e a centralidade da luta de classes: quer seja a teoria dos novos movimentos sociais, da mobilização de recursos, da mobilização política (esta numa menor medida) e do reconhecimento, na vertente de Axel Honneth. De modo geral, para essas perspectivas, a mobilização se produz a partir de fatores e exprime objetivos societais, culturais, pós-materialistas (como valores, identidades, reconhecimento), de modo que não seria possível (nem faria sentido) relacioná-la ao pertencimento de classe dos atores mobilizados.

Juntamente com as classes, essas teorias descartam a categoria trabalho como fator de mobilização: os conflitos do trabalho e as reivindicações econômicas, materiais, de ordem distributiva teriam dado lugar a conflitos territoriais e a reivindicações simbólicas, “imateriais”.

Diferentemente dessas perspectivas, este artigo tem como pressuposto a importância dos conflitos do trabalho, apesar das inúmeras transformações que atingem o universo do trabalho e os trabalhadores. Essas transformações são evidenciadas pelo aumento do desemprego, pelas diferentes formas de precarização do trabalho, pelas estratégias gerenciais de individualização e avaliação de desempenho, pelo acirramento da competitividade, pelo afastamento dos trabalhadores em relação às organizações sindicais, pela diluição das fronteiras entre tempo de trabalho e tempo livre³, o que nos coloca diante do desafio de pensar a relação entre a esfera do trabalho e a do não trabalho.

Para alcançar o objetivo proposto e enfrentar o desafio acima mencionado, buscaremos discutir a contribuição do marxismo para a análise dos movimentos sociais, com o objetivo de destacar os elementos que, a nosso ver, permitem diferenciar uma análise inspirada nessa perspectiva teórica das demais.

Para isso, partiremos de duas hipóteses. A primeira hipótese é a de que, a despeito do interesse do marxismo pelo estudo do movimento operário, não há uma teoria marxista dos movimentos sociais plenamente desenvolvida e articulada. Isso porque as contribuições dos autores vinculados ao marxismo, sobretudo os clássicos, priorizaram a discussão das formas partido e sindicato, bem como a relação entre ambas. Nesse sentido, o movimento operário era o movimento social por excelência, de modo que a noção de movimento social estava vinculada à condição de classe operária e à luta entre capital e trabalho. Essa perspectiva foi desafiada não apenas pela eclosão

¹ Professor of Political Science at the University of Campinas, Brazil. Researcher of Center for Marxist Studies and member of the editorial board of the brazilian journal *Crítica Marxista*. Research labour relations and trade unionism in Brazil after the 1990s and has published several articles on this topic. <http://www.ifch.unicamp.br/pos/cienciapolitica/index.php?texto=andrea&menu=menudocente>.

² Trata-se de uma versão resumida e ligeiramente modificada de Galvão (2011).

³ O que pode ser exemplificado pelas tecnologias que colocam o trabalhador de sobreaviso, deixando-o permanentemente à disposição da empresa; pelo produtivismo que reduz o espaço do ócio e do lazer, dada a constante pressão por qualificação, ‘empregabilidade’.

dos chamados “novos movimentos sociais” nos anos 1960, mas também pelas teorias elaboradas para explicá-los.

Embora hoje seja possível identificar uma recuperação do interesse intelectual pelo marxismo¹, uma teoria marxista dos movimentos sociais é uma tarefa a ser realizada. Não temos a pretensão de realizá-la, mas tão somente de sistematizar alguns pontos que nos parecem fundamentais para uma análise marxista dos movimentos sociais. Assim, e esta é a segunda hipótese que orienta este artigo, consideramos que, não obstante a lacuna anteriormente apontada, o marxismo dispõe de uma gama considerável de elementos para realizar essa tarefa.

Para isso, é necessário discutir as seguintes questões:

1. qual a relação entre classes e movimentos sociais?
2. como analisar as diferentes formas que a contestação social assume no capitalismo contemporâneo?

Na primeira seção do artigo, trataremos dos conceitos de classe social e luta de classes, fundamentais para delimitar, no âmbito da teoria marxista, a perspectiva na qual nos inserimos, de modo a discutir a primeira questão acima proposta. Na segunda, buscaremos, na obra de alguns autores que, a partir dos anos 1970, contribuíram para o estudo do tema, elementos para pensar a relação entre classes e outros pertencimentos, a fim de compreender as diferentes formas assumidas pela contestação social hoje, no lugar de trabalho e fora dele.

A relação entre classes e movimentos sociais

Para discutir a relação entre classes e movimentos sociais é preciso esclarecer de que maneira utilizamos o conceito de classe social e luta de classes, mesmo que só possamos fazê-lo de uma maneira esquemática no espaço deste artigo. Em primeiro lugar, embora insistir nesse aspecto possa parecer um lugar comum, descartamos os conceitos de classe que se circunscrevem à renda e/ou dimensão ocupacional, pela razão evidente de que esses conceitos se situam fora do marxismo. Em segundo lugar, as classes como força social em ação não podem ser consideradas como meros reflexos da posição na estrutura econômica: o economicismo anula a política ao derivar o comportamento político da situação objetiva de classe.

Ao recusar uma relação mecânica entre posição no processo produtivo e posicionamento de classe, não estamos descartando a importância de se ressaltar as relações existentes entre ambas. Ou seja, se por um lado não é possível extrair automaticamente o comportamento político da localização na estrutura produtiva, por outro lado esta é importante para a compreender a possibilidade de uma ação de classe. Não se trata, porém, de um determinismo unilateral, mas de uma multideterminação, tal como concebe Poulantzas (1978). Para este autor, o conceito de classe se define simultaneamente no nível econômico, político e ideológico: ‘as classes sociais são conjuntos de agentes sociais determinados principalmente, mas não exclusivamente, por seu lugar no processo de produção, isto é, na esfera econômica’ (Poulantzas 1978: 13, *itálicos do autor*).

Bensaïd (1999) também procura articular critérios econômicos e político-ideológicos em sua definição de classe, concebendo-a como uma relação: ‘A noção de

¹ Essa recuperação pode ser constatada a partir das inúmeras revistas marxistas, colóquios e congressos internacionais, da criação de centros de estudos e pesquisas dedicados a essa perspectiva teórica, bem como da publicação de livros acerca do pensamento marxista, tanto no Brasil quanto no exterior.

classe, segundo Marx, não é redutível nem a um atributo de que seriam portadoras as unidades individuais que a compõem, nem à soma dessas unidades. Ela é algo diferente. Uma totalidade relacional e não uma simples soma' (Bensaïd 1999: 147). Assim, 'não há classe senão na relação conflitual com outras classes' (Bensaïd 1999: 148). Não se trata de uma coleção de indivíduos, nem de uma rede interindividual, na medida em que 'as classes revelam-se no e pelo movimento do capital' (Bensaïd 1999: 153). 'A estrutura social de classe não determina portanto mecanicamente a representação e o conflito políticos' (Bensaïd 1999: 167). Desse modo, o autor retoma a polêmica diferença entre o em si e o para si presente n' *A Miséria da Filosofia* por meio da distinção entre a 'classe objetivamente (sociologicamente)' e a classe 'subjetivamente (politicamente)' constituída (Bensaïd 1999: 168).

A despeito das diferenças entre esses dois autores¹, ambos contribuem para uma definição de classe que supere o economicismo, de um lado, e a indeterminação e o relativismo absoluto, de outro. O conceito de classe, concebido a partir dessas balizas, permite-nos sustentar a possibilidade estrutural da ação coletiva: a exploração e a dominação de classe delimitam um campo de interesses, que vai ser construído na luta de classes. Desse modo, é possível destacar a importância da oposição de classes na emergência e estruturação dos movimentos sociais, uma vez que os conflitos que estes expressam estão, em parte, relacionados aos efeitos da exploração e da dominação capitalista.

Destacar a importância da oposição de classes, porém, não equivale a sustentar que os conflitos sociais traduzem uma simples polarização de interesses entre capital e trabalho. Pelo contrário, utilizamos o termo classes trabalhadoras no plural para nos referir a um conjunto heterogêneo de diferentes classes sociais – que compreende o operariado, a pequena burguesia, o campesinato e as classes médias – que se distingue quanto ao tipo de trabalho realizado, às condições em que a força de trabalho é vendida e, no caso do produtor familiar, ao tipo de vínculo estabelecido com a pequena propriedade. Essa distinção compreende: trabalho manual e não manual, produtivo e improdutivo², assalariado e não assalariado, tarefas de direção e de execução. Assim, no lugar de uma bipolarização que colocaria em campos opostos burguesia e proletariado, bipolarização essa provocada por uma tendência à proletarização que não deixaria praticamente lugar para classes intermediárias, verifica-se uma multipolarização. Nesse sentido, recusamos a tese segundo a qual todo trabalhador pertence ao proletariado ou à classe operária, uma vez que ambos os conceitos são, por vezes, tomados como sinônimos.

Os marxistas, em geral, tem dificuldade de trabalhar com o conceito de classe média, preferindo apontar a divergência entre os grupos ou estratos sociais agrupados no pólo trabalho a partir de termos como 'saliariado', importado da sociologia francesa. Esse termo é utilizado tanto para abranger os trabalhadores não operários, quanto para se opor à tese da *moyennisation*, tese segundo a qual não haveria mais operários na sociedade 'pós-industrial', mas apenas classe média. Se, por um lado, a tese da *moyennisation* dissolve as fronteiras de classe, homogeneizando as diferenças através de um processo de mobilidade social ascendente³, por outro lado a recusa do conceito de

¹ Para Poulantzas (s/d: 138), não se trata de pensar o econômico como equivalente do *em si* e o político-ideológico como o *para si*, já que a determinação estrutural é tripla: simultaneamente econômica, política e ideológica.

² Por mais difícil que seja estabelecer as fronteiras entre manual e não manual; produtivo e improdutivo.

³ Para uma crítica a essa tese, cf. Chauvel (2002).

classe média dificulta a apreensão das diferentes formas de manifestação e dos interesses específicos defendidos pelos movimentos concretamente existentes, bem como dificulta a compreensão dos obstáculos que cercam a construção da unidade entre diferentes movimentos.¹ Todavia, a incorporação desse conceito requer alguns ajustes, já que a definição de classe média não se dá prioritariamente a partir da base material, mas da ideologia: a consciência meritocrática justifica as desigualdades econômicas e sociais ao concebê-las como resultantes da desigualdade de dons e méritos existente entre os trabalhadores (Saes 1978, Boito Jr. 2004). Um outro ajuste diz respeito ao próprio uso do termo no singular: consideramos mais apropriado falar em classes médias, como sugere Vakaloulis (2009) ao apontar os diferentes estatutos das classes intermediárias. Reconhecer tais diferenças é, a nosso ver, condição fundamental para se compreender não apenas as dificuldades para a ação coletiva, mas também para uma ação unificada, capaz de transcender as especificidades objetivas e subjetivas das diversas categorias de trabalhadores, sejam eles assalariados ou não.

Por fim, discordamos também da tese segundo a qual o proletariado é um sujeito intrinsecamente revolucionário:

Se o proletariado é a classe potencialmente emancipadora, essa virtualidade não se realiza automaticamente. O Capital põe em evidência os obstáculos ao desenvolvimento da consciência de classe inerentes à própria reificação das relações sociais. A esses obstáculos próprios à relação de produção acrescentam-se os efeitos específicos das vitórias e dos fracassos políticos (Bensaïd 1999: 166).

Aqui se evidencia a importância das diferentes formas de mediação da ação coletiva dos dominados, a exemplo dos partidos e movimentos sociais, o que inclui o movimento sindical.

Compreender o posicionamento de classe requer, pois, a análise das condições materiais e da conjuntura política, do impacto da ideologia dominante, da relação com as outras classes, para evitar afirmações que relacionam automaticamente base social e posição política e também porque a situação objetiva de classe não leva automaticamente à ação coletiva. Além de mobilizações progressistas e revolucionárias, os dominados podem empreender mobilizações conservadoras e reacionárias. Disso decorre que a relação entre classes, certas reivindicações e determinadas formas de ação coletiva (ou, dito de outro modo, a relação entre base e plataforma política) requer considerar não apenas sua determinação estrutural, mas também as diferentes conjunturas políticas e as mudanças produzidas na conjuntura, de modo a articular estrutura e conjuntura a fim de explicar por que e em que sentido as classes agem. Nesse sentido, os conflitos sociais são a manifestação de contradições estruturais, agravadas por problemas conjunturais². Os conflitos se expressam de diferentes formas, em

¹ Embora Lojkine (2007) sustente que a revolução informacional deu origem a um ‘arquipélago salarial’ ou a um ‘salarizado multipolar’, aponta para a proletarianização dos assalariados administrativos de alto escalão, provocada pela desvalorização dos diplomas do ensino superior e pela tendência à precarização e desqualificação do trabalho não operário. Retoma, assim, a tese da bipolarização, na medida em que a classe média é considerada um ‘mito’ (Lojkine, 2005). As polêmicas teses de Lojkine deram origem a um interessante debate que, todavia, não encerra a questão. Cf. Duménil *et al.* (2009).

² Isso não significa que o conflito se manifeste de modo permanente. Em sua análise materialista das relações industriais, Hyman (1979) afirma que o conflito entre capital e trabalho pode ser tanto agudo quanto latente: o fato do conflito não se manifestar abertamente não significa que a contradição de classe

diferentes intensidades e exprimem conteúdos distintos, a depender do perfil político-ideológico das organizações que assumem o papel de mediação da ação dos dominados.

Essas considerações iniciais nos permitem apresentar uma primeira proposição para uma definição marxista dos movimentos sociais: é possível relacionar a eclosão desses movimentos à posição de classe de seus participantes. A relação entre classes e movimentos sociais pode ser apontada pelo analista, ainda que este elemento não apareça claramente no discurso dos movimentos (que podem não se ver como um movimento de classe, nem considerar suas demandas como demandas de classe – e sim culturais; identitárias, como afirmam as teorias dos novos movimentos sociais e do reconhecimento).

A segunda proposição, relacionada à primeira, é que os movimentos não são necessariamente uniclassistas, mas pluriclassistas (ou policlassistas), já que estamos considerando classes em sentido amplo, incluindo classes médias e camponeses no âmbito das lutas dos trabalhadores. Como as classes não são homogêneas, os movimentos também não o são, nem do ponto de vista de sua composição, nem de suas demandas.

Isso nos leva a discutir outro conceito importante para o tema do presente artigo. Luta de classes é um conceito controverso no interior do marxismo, uma vez que, ao estabelecer uma separação entre luta sindical e luta política, Lênin (1988) exclui a luta reivindicativa do âmbito da luta de classes, pois as reivindicações de ordem corporativa não necessariamente se insurgem contra a exploração capitalista.

Essa formulação de Lênin se origina nas interpretações que este autor faz dos textos de Marx, especialmente de *O Manifesto do Partido Comunista*, em que Marx e Engels apresentam o partido como o instrumento político por excelência e o meio específico da luta de classes. O objetivo da ação política é a conquista do poder, de modo que a luta pela melhoria das condições de trabalho não é considerada luta de classes no sentido forte da palavra, pois não implica luta pelo poder (Marx e Engels 1998).

Porém, é possível encontrar tanto em Marx quanto em Lênin (1979) textos que nuançam essa definição mais estrita de luta de classes. N' *A Miséria da filosofia*, Marx assegura que as coalizões dos trabalhadores em defesa de seu salário adquirem um caráter político na medida em que, ao sofrer a repressão patronal, os trabalhadores se dão conta da necessidade de ir além da luta reivindicativa. Assim, Marx entende as coalizões como uma forma de os operários superarem a competição entre si e de resistirem frente aos capitalistas. A associação de trabalhadores repercute no plano político, pois permite o desenvolvimento da consciência de classe: ao longo das lutas travadas contra o patrão e suas associações, os operários se constituem em classe para si (Marx 1979). O fato da classe em si não estar organizada em classe para si não significa que as resistências das classes dominadas não afetem as instituições e o processo político.

Mas, ao mesmo tempo em que Marx considera a luta reivindicativa um momento importante para que se possa 'empreender ações de maior envergadura' (Marx 1987: 84), critica os sindicatos quando eles deixam de associar essa luta com outras dimensões da realidade social, propondo que os trabalhadores devem agir, simultaneamente, no plano econômico e no plano político. Longe de estabelecer uma

deixou de existir. A contradição pode, assim, tanto se manifestar quanto permanecer velada, ou, ainda, produzir 'consensos' pontuais, passageiros, pois, a despeito de possíveis acordos e pactos, a divergência de interesses permanece.

separação artificial entre luta econômica e luta política, Marx propõe uma interação entre ambas as dimensões. Pois, se a luta dos trabalhadores pode se limitar a questões imediatas, objetivando melhorar suas condições de vida sob o capitalismo, numa perspectiva de integração à ordem, ela também pode, dependendo da orientação político-ideológica de suas organizações, atingir interesses de classe da burguesia, articulando-se à luta pelo socialismo.

A separação entre luta sindical e luta política não permite perceber a relação entre os dois níveis, a articulação que se pode estabelecer entre luta reivindicativa (não apenas a luta protagonizada pelo movimento sindical, mas também por outros movimentos sociais), luta para influir e participar do governo (luta política reformista) e luta pelo poder (luta política revolucionária). Essas dimensões não podem ser vistas como estanques, pois o caráter imediato das reivindicações dos dominados não as torna menos importantes, não impede que elas se vinculem com objetivos mais amplos. É preciso pensar a luta de classes como um processo não linear, que articula as esferas econômica e política e passa por vários níveis. Assim, mesmo que a movimentação dos trabalhadores não seja consciente e organizada, que a resistência à dominação seja difusa, ela ainda pode provocar efeitos importantes para o desdobramento da luta de classes.

Quando se analisam as lutas conduzidas pelas classes dominadas ao longo dos séculos XIX e XX, é possível perceber que mesmo as ações que não colocam em xeque a reprodução do modo de capitalista (isto é, que não ameaçam a sobrevivência da propriedade privada dos meios de produção e da exploração do trabalho assalariado) produzem um impacto político. A luta pela ampliação de direitos políticos e pela criação de direitos sociais e trabalhistas constitui um desses momentos.

É possível, pois, pensar as diferentes formas e objetivos da mobilização coletiva, bem como os diferentes níveis de ação política a elas relacionados que, esquematicamente, podem ser resumidas nos seguintes aspectos:

1. Demandas pontuais ao Estado: subsídios para subsistência imediata (como os movimentos dos ‘sem’: sem-terra, sem-teto etc);

2. Luta por reformas (econômicas, como a distribuição de renda; das instituições políticas, como mais participação, democratização), ampliação da cidadania, preservação e ampliação de direitos sociais (luta que, ao longo da década de 1990, assume uma perspectiva antineoliberal);

3. Mudanças das práticas e dos valores sociais: novas relações de gênero, raciais, de preferência sexual;

4. Luta anti-sistêmica: questiona os fundamentos da sociedade capitalista e propõe formas de emancipação social, ainda que o projeto político portador de uma nova ordem social não esteja claramente definido.

Essas lutas não são excludentes. Na América Latina, no período recente, é possível observar movimentos que combinam várias dessas características. A propósito, os movimentos latino-americanos que emergem nos anos 90 são movimentos de classes trabalhadoras – e não de excluídos – que, a despeito de sua heterogeneidade, têm em comum o fato de partilhar uma ideologia antineoliberal (Galvão 2009).

A contestação social no capitalismo contemporâneo

Esta seção procura fundamentar as duas proposições até aqui apresentadas a partir da bibliografia sobre movimentos sociais. Procuraremos abordar as obras de autores próximos ao marxismo, ainda que alguns deles tenham se afastado do marxismo

posteriormente e ainda que a filiação de outros a essa perspectiva teórica seja discutível no momento mesmo em que escrevem.¹

Como seus títulos indicam, os livros de Castells (1983) e Lojkin (1981) tratam da questão urbana. O foco não são os movimentos sociais. Apenas na conclusão do livro de Castells encontra-se, sob a forma de “tese exploratória”, uma definição de movimento social urbano. No caso de Lojkin, essa questão é tratada somente no último capítulo do livro: movimento social é definido ‘pela capacidade de um conjunto de agentes das classes dominadas diferenciar-se dos papéis e funções através dos quais a classe (ou fração de classe) dominante garante a subordinação e dependência dessas classes dominadas com relação ao sistema sócio-econômico em vigor’ (Lojkin 1981: 292). Ao mesmo tempo, todo movimento social é portador de um desafio político, por isso, deve ser analisado em sua relação com o poder político. Assim, ‘o movimento social será definido, em última instância, por sua capacidade de transformar o sistema sócio-econômico no qual surgiu’ (Lojkin 1981: 298). Isso requer a análise de suas reivindicações e ações (tanto as propostas quanto as efetivamente realizadas).

É possível, a partir dessas citações, extrair alguns elementos pertinentes para a questão que nos importa: os autores aqui mencionados consideram o movimento social como expressão da luta de classes; não estabelecem uma cisão entre mobilização e poder político, entre movimento social e organização política; e apontam para as diferentes dimensões políticas do movimento social: lutar pela transformação do sistema sócio-econômico não equivale a dizer que o movimento seja revolucionário (o que nos remete às dimensões políticas do movimento, apontadas anteriormente).

Já em *Luttes urbaines et pouvoir politique* (1973), Castells desenvolve a definição anteriormente proposta, definindo os movimentos sociais urbanos como ‘sistemas de práticas sociais contraditórias que controvertem a ordem estabelecida a partir das contradições específicas da problemática urbana’ (Castells 1991: 3). Embora essa definição se restrinja a movimentos relativos à moradia, acesso a serviços coletivos e atividades culturais da juventude, o autor fornece pistas importantes para pensar os movimentos sociais em geral a partir da perspectiva marxista: a relação entre vida cotidiana e vida no trabalho (na medida em que a lógica produtiva domina a vida cotidiana); a relação indireta entre problemas urbanos e interesses de classe; a articulação entre os diferentes problemas urbanos; a politização da questão urbana; o potencial de mudança dos movimentos sociais urbanos; sua capacidade de questionar as leis estruturais da sociedade; a base social inter-classista desses movimentos.

O livro de Laclau e Mouffe (1985), escrito num momento de crise da esquerda marxista, contribui para analisar as diferentes formas que a contestação social assume no capitalismo contemporâneo. Referindo-se aos anos de 1980, os autores apontam que as novas contradições sociais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo não podem ser reduzidas ao conceito de interesses de classe. Essas novas contradições, não situadas no nível das relações de produção, fazem com que o ‘inimigo’ contra o qual os movimentos sociais lutam não possa mais ser definido em função da exploração, mas da posse de certo poder derivado de uma organização social, a um só tempo, capitalista, sexista, patriarcal e racista (Laclau e Mouffe 1981: 21), já que o antagonismo de classe constitui apenas uma das formas de dominação e opressão. Os autores destacam o potencial anti-capitalista dos movimentos e enfatizam a importância do projeto político para que esse potencial possa ser desenvolvido. A partir dessa consideração, apontam a

¹ Este é o caso, respectivamente, de Manuel Castells, que publica em 1972 *La question urbaine* e Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, que publicam em 1985 *Hegemony and Socialist Strategy: towards a radical democratic politics*.

necessidade de articular e de construir a unidade entre diferentes movimentos sociais. Para os autores, a articulação e a construção da unidade podem ser concebidas na medida em que a lógica capitalista, a maximização do lucro, está presente em esferas aparentemente desconectadas da economia, como a questão ambiental, já que é esta lógica (pautada no produtivismo, no consumismo) que comanda a destruição dos recursos naturais. Assim, ao mesmo tempo em que sustentam que os movimentos sociais permitem fortalecer a luta anti-capitalista, na medida em que lutam contra diferentes formas de dominação, reiteram a necessidade de um projeto político que possibilite unificar esses movimentos em torno da luta anti-capitalista.

Laclau e Mouffe tem razão ao afirmar que as novas contradições sociais provocadas pelo desenvolvimento do capitalismo não se reduzem aos conflitos de classe e que as formas sob as quais os conflitos se apresentam não se circunscrevem ao universo do trabalho. Por outro lado, e ao contrário desses autores, consideramos que é preciso resgatar a importância dos conflitos de trabalho em meio às teses do fim do trabalho, do fim das classes e do declínio “irreversível” do movimento sindical, que se tornaram dominantes no campo intelectual e político nos anos de 1980 e 1990 e ainda repercutem na produção teórica e na análise sociológica. É preciso, também, resgatar o próprio conceito de classe que, a nosso ver, possibilita construir a unidade na diversidade, bem como refletir sobre a dimensão política dos movimentos sociais. A contribuição de Bérout et al. (1998) nos permite apresentar a terceira proposição para uma análise marxista dos movimentos sociais: embora nem todo conflito se reduza ao conflito de classe, ‘todo movimento social em sua especificidade mesma, não pode ser compreendido sem que seja considerada a centralidade da oposição capital/trabalho no seio das sociedades contemporâneas’ (Bérout et al. 1998: 58), centralidade essa que ultrapassa as fronteiras da empresa (Vakaloulis 2003). Trata-se, pois, de pensar a possibilidade estrutural da ação coletiva, ‘as articulações e as sobreposições entre os conflitos do trabalho e os mais transversais’ (Mouriaux e Bérout 2005: 166).

Isso implica reconhecer que os conflitos trabalhistas e os de cunho societal (para usar a expressão de Vakaloulis 2003: 12), embora analiticamente distintos, estão embricados. Segundo Vakaloulis, são aspectos complementares de uma paradoxal centralidade do trabalho¹ No caso da questão ambiental, não apenas a lógica capitalista comanda a destruição dos recursos naturais, como apontam Laclau e Mouffe, como é possível relacionar a tecnologia que poupa trabalho, de um lado, e intensifica o trabalho, de outro, à essa destruição (Wallis 2009, Chesnais e Serfatti 2003). Ou seja, os movimentos sociais não constituem apenas uma reação a diferentes formas de dominação e opressão, como apontam Laclau e Mouffe, como tais reações se constroem em relação com a exploração capitalista. Isso permite supor que a luta da mulher, do negro, do índio, assume contornos específicos numa sociedade capitalista.

Com efeito, as pesquisas de inspiração marxista sobre essas categorias buscam articulá-las à situação objetiva de classe procurando desvendar, por exemplo, sua posição no mercado de trabalho: a mulher trabalhadora, o negro trabalhador.²

¹ Pode-se falar numa paradoxal centralidade do trabalho pois não apenas os trabalhadores explorados estão submetidos à lógica do capital, que é caracterizada pelo produtivismo e pelo consumismo exacerbados. Produtivismo e consumismo são dois lados da mesma moeda: constituem um modo de vida que afeta mesmo aqueles sem trabalho e sem condições de consumir. Além disso, os não explorados – o exército industrial de reserva, nos termos de Marx – exercem uma pressão sobre os explorados que reforça sua dependência frente à lógica do capital.

² Segundo Miliband, ‘a localização na estrutura social é crucial para se determinar as maneiras pelas quais as pessoas vivenciam a discriminação, a exploração e a opressão. O fato de que as vivenciam como

A primeira questão é trabalhada de maneira bastante interessante por Hirata (1995), Kergoat (1998) e Falquet (2006, 2008). Hirata trata ‘a exploração no trabalho assalariado e a opressão de sexo’ como relações indissociáveis, ‘a esfera da exploração econômica – ou aquela das relações de classes – sendo simultaneamente aquela onde se exerce o poder masculino sobre as mulheres’ (Hirata, 1995: 82). A ligação indissociável ‘entre opressão sexual (e de classe) e exploração econômica (e de sexo)’ permite reconceitualizar o trabalho, que passa a comportar as duas dimensões: relações de classe e de sexo (Hirata 1995: 83). Desse modo, o trabalho (assim como suas categorias de análise) é sexuado, tem sexo.

Kergoat (1998) explica que a expressão relações sociais de sexo remete à idéia de antagonismo e considera que é das relações sociais de sexo que emerge a divisão sexual do trabalho. Falquet (2008: 121), por sua vez, trabalha com a hipótese da ‘co-formação das relações de poder (relações sociais de sexo, de “raça” e de classe)’, por entender que tais relações não são sobrepostas.¹ Ao analisar o fenômeno da migração, aponta como o trabalho da migrante libera a mulher ocidental de parte de suas tarefas domésticas. O igualitarismo da social-democracia dos chamados países desenvolvidos beneficia, pois, uma minoria de mulheres, que encontram substitutas para o trabalho considerado feminino, e uma maioria de homens (Falquet 2006).

A relação entre classe e raça é abordada, no Brasil, por várias pesquisas que indicam como a desigualdade racial reforça a exploração e a dominação de classe, na medida em que permite contratar por salários mais baixos e em funções socialmente desvalorizadas: ‘à desigualdade primária fundada na subordinação estrutural do trabalho ao capital, somam-se desigualdades complementares, como a baseada em critérios raciais, que reforçam os mecanismos de exploração/dominação’ (Mattos 2009: 210). Esse tipo de relação pode também ser encontrado em análises não marxistas: Guimarães, por exemplo, mostra que ‘Até mesmo o movimento negro recusa-se a chamar de ‘negro’ afrodescendentes de classe média, que se definem como “brancos”’ (Guimarães 2002: 64) e que ‘a emancipação das mulheres parece ter ficado restrita às classes médias e altas, não atingindo as mulheres pobres, geralmente negras’ (Guimarães 2002: 69).

Ainda sobre a questão étnica, mas mudando o foco para o movimento indígena na América Latina, também é possível abordar a intersecção entre identidade étnica e de classe. Stefanoni (2002) e García Linera (2004) indicam essa intersecção na análise do sindicalismo mineiro boliviano (portanto, um movimento de operários) e dos camponeses produtores de coca.

Os sem-terra (Coletti 2005) e sem-teto brasileiros (Oliveira 2010, Hirata 2010) reúnem amplos contingentes de desempregados e subempregados, cuja posição de

mulheres, negros etc. em nada altera a validade do argumento. As mulheres burguesas, e os negros burgueses, vivenciam efetivamente a discriminação e podem ser oprimidos e explorados de maneiras variadas. Mas eles vivenciam a discriminação, a opressão e a exploração diferentemente das mulheres proletárias ou dos negros proletários; e uma negra proletária vivencia-as como negra, como mulher e como proletária’ (Miliband 1999: 497-8).

¹ Trata-se de uma posição diferente de Wood. Segundo esta autora, o capitalismo pode se aproveitar de outras formas de opressão e desigualdade, adaptando-os ‘aos interesses da exploração de classe’ (Wood 2003: 221); pode tirar vantagens do racismo e do sexismo, que se *sobrepoem* às diferenças de classe, ocultando-as. A autora entende que a dominação e a opressão extra-econômicas são *sobredeterminadas* pelo econômico e critica o uso da expressão ‘identidade’ por colocar todo tipo de diferença em pé de igualdade. Para ela, é preciso distinguir as formas de dominação e opressão, pois enquanto as diferenças de classe não podem ser superadas no capitalismo, o direito à diferença e a igualdade no tratamento dos gêneros, sexos e culturas não são conquistas incompatíveis com o capitalismo.

classe precisa ser investigada. Os movimentos piqueteiros na Argentina, em sua grande diversidade, também (Amorim e Arias 2009, Amorim 2010, Souza 2010). Isso indica que há um entrecruzamento de demandas e uma sobreposição entre classe e outros pertencimentos. Mas a relação entre classe e outros pertencimentos varia conforme o movimento considerado na análise e o tipo de luta, as reivindicações apresentadas (que não necessariamente remetem a questões de ordem material/econômica: também direitos políticos, reconhecimento de diferenças – étnicas, de gênero, de opção sexual..., mudanças culturais – ambientalismo). Assim, ainda que nem todas as reivindicações sejam de classe, e nem todos os conflitos sejam anti-capitalistas, essas reivindicações e conflitos podem se articular, de diferentes maneiras, com as reivindicações de classe. É possível, pois, estabelecer uma relação entre heterogeneidade/fragmentação, de um lado, e unidade, de outro: reconhecer a pluralidade de demandas e de grupos que se mobilizam (que além de plurais, são heterogêneos e essa heterogeneidade existe no interior de uma mesma organização) não impede que se pense a construção de uma estratégia comum, a unidade entre diferentes sujeitos, a aliança de classes e frações. A concepção marxista possibilita pensar os elementos comuns e a unidade dos movimentos sociais, a despeito de sua heterogeneidade.

Diferentemente de uma perspectiva que faz apologia da sociedade civil e dos movimentos sociais como pólo de resistência ao Estado, como se este não mais importasse, como se os sujeitos que se mobilizam pudessem transformar a sociedade prescindindo da tomada do poder e como se esta estivesse definitivamente descartada¹, a concepção marxista nos permite olhar de maneira dialética para a relação Estado-sociedade civil. Com isso, pode-se discutir tanto os limites quanto o potencial transformador dos movimentos sociais, dependendo dos objetivos e formas de ação que se colocam; discutir o que é uma luta sistêmica e anti-sistêmica; no interesse da ordem e contra a ordem.² Nesse sentido, é importante considerar o papel do projeto político e das ideologias. Isto porque a constituição dos movimentos é possibilitada ou dificultada pelos diferentes projetos políticos e concepções ideológicas das organizações que medeiam a ação das classes dominadas; por suas deficiências organizativas; pelo regime político em vigor; pela reação dos dominantes (que vai da cooptação à repressão); e pela eventual divisão dos dominantes, que pode fortalecer politicamente os dominados. Se, de um lado, os interesses dominantes pesam na ação dos dominados (o que contribui para pensar os limites dos movimentos sociais), por outro lado, os movimentos sociais dos dominados, mesmo que não anti-capitalistas, se chocam com aspectos da ideologia dominante e do direito burguês, pois as relações sociais capitalistas não se realizam apenas no plano da produção. Desse modo, os movimentos sociais afetam:

1. o direito de propriedade: mediante ocupações de terra, de moradia, de empresa;
2. a igualdade formal (que oculta a desigualdade real, em suas diferentes formas: material, de gênero, de etnia, de orientação sexual);
3. o direito de ir e vir, de investir livremente e de degradar o meio ambiente;

¹ Veja-se, a esse respeito, as críticas de Borón (2003) a Holloway (2003).

² Cumpre esclarecer que não consideramos que uma luta travada no interior da ordem e uma luta contra o poder instituído sejam *necessariamente* incompatíveis. Seguimos aqui a tese de Dinerstein (2003) que, ao analisar o movimento piqueteiro, afirma não haver dicotomia entre o que denomina estratégia do poder e do contra-poder. Dito em outras palavras e para recuperar a terminologia clássica, o grande desafio dos movimentos que se pretendem anti-capitalistas está em articular a luta por reformas com a perspectiva revolucionária.

4. o princípio meritocrático: as assembleias de bairro e ‘de praças’ promovem a ampliação da participação política para além daqueles que supostamente têm preparo para exercê-la; as experiências de fábricas recuperadas, sejam elas baseadas no modelo do cooperativismo, sejam baseadas no princípio da autogestão, buscam superar a divisão entre trabalho manual e intelectual e construir formas de solidariedade a fim de se contrapor ao individualismo e à guerra de ‘competências’.

Considerar esses aspectos não equivale a analisar os movimentos sociais numa perspectiva ‘paternalista’, acrítica e condescendente, porque política e ideologicamente engajada. Pelo contrário, implica apreender seus avanços e retrocessos, seus potenciais e limites. Para isso, é preciso apontar as contradições entre demandas e comportamentos politicamente progressistas e a reprodução de preconceitos (por exemplo, a divisão sexual do trabalho, o racismo...), pois: ‘Pode-se empiricamente constatar que os movimentos afros raramente são dirigidos por mulheres ou homens atentos à transformação das relações sociais de sexos’ (Falquet 2006: 218). É preciso, portanto, apontar a contradição entre discurso e prática.

Por fim, é preciso atentar para a relação entre direção e base a fim de observar as formas de participação e os processos de tomada de decisão (se pautados em princípios democráticos ou autocráticos); avaliar as tendências à burocratização e o grau de apego das lideranças ao poder; verificar o encaminhamento e cumprimento das resoluções e diretrizes acordadas com a base.

Comentários finais

Este artigo procurou indicar que a contradição capital X trabalho é fundamental para apreender a dinâmica da sociedade capitalista e os conflitos que se desenvolvem em seu interior. Os movimentos sociais são, de um lado, expressão das contradições de classes e, de outro, contribuem para a constituição das classes (já que elas se constituem na luta, não estão dadas automaticamente pela posição na estrutura produtiva).

A despeito da centralidade da contradição capital X trabalho (centralidade essa compreendida de modo dialético e não determinista), apontamos a necessidade de reconhecer outras fontes de conflito e pertencimento sociais. Os movimentos sociais constituem, pois, modos de contestação contra as diferentes formas de exploração e dominação que emergem no capitalismo contemporâneo mas, justamente por emergir no capitalismo, a vinculação com trabalho – fonte de valor – constitui um elemento central para uma análise marxista dos movimentos sociais.

Assim como a categoria trabalho, e por causa dela, a dimensão de classe desempenha um papel central na perspectiva marxista: é ela que permite construir a unidade, a despeito das diferentes aparências que os movimentos possam assumir e das categorias distintas que eles mobilizam. As diferenças raciais, étnicas e ocupacionais podem tornar a ação coletiva mais difícil, introduzindo divisões, confrontações, provocando recuos e fracassos. Mas a percepção, muito embora difusa, da natureza de classe da sociedade capitalista, que funda e atravessa os antagonismos sociais, superpondo-se às demais diferenças, é o elemento que permite às classes dominadas se articular e construir uma ação comum para além das identidades específicas.

Referências bibliográficas

- Amorim, Elaine 2010, 'A explosão do desemprego na França: amortecedor ou estimulante da mobilização dos desempregados?'. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 09, pp. 18-28.
- Amorim, Elaine e Arias, Santiane 2009, 'Neoliberalismo e Lutas Sociais: a emergência dos movimentos piqueteros e altermundialistas no contexto neoliberal'. *Revista Mediações*, v. 14, pp. 231-251.
- Bensaïd, Daniel 1999, 'As classes ou o sujeito perdido'. In: *Marx, o intempestivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 141-174.
- Bérout, Sophie et al 1998, *Le mouvement social en France: essai de sociologie politique*. Paris: La Dispute.
- Borón, Atilio A. 2003, A selva e a polis: interrogações em torno da teoria política do zapatismo. *Filosofia Política Marxista*. São Paulo: Cortez, pp. 203-230.
- Castells, Manuel 1991, *Movimientos sociales urbanos*. Cidade do México: Siglo Veintiuno.
- Castells, Manuel 1983, *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Boito Jr., Armando 2004, 'Classe média e sindicalismo'. *Primeira Versão*. Campinas: IFCH/Unicamp, n° 123, 30 p.
- Chauvel, Louis 2002, Classes e gerações: a insuficiência das hipóteses da teoria do fim das classes sociais. *Crítica Marxista* n.º 15: 57-70.
- Chesnais, François e Serfati, Claude 2003, "“Ecologia” e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas'. *Crítica Marxista* n.º 17.
- Coletti, Claudinei 2005, A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal. Campinas. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas.
- Dinerstein, Ana Cecilia 2003, 'Power or counter power? The dilemma of the Piquetero movement in Argentina post-crisis'. *Capital & Class*, n. 81, pp. 1-7.
- Duménil, Gérard et al. 2009, Há um novoariado? *Crítica Marxista* n.º 28.
- Falquet, Jules 2008, 'Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal'. *Mediações* vol. 13, n. 1-2.
- Falquet, Jules 2006, 'Três questões aos movimentos sociais “progressistas”: contribuições da teoria feminista à análise dos movimentos sociais'. *Lutas & Resistências*, vol. 1.
- Galvão, Andréia 2009, 'Ideologia e política nos movimentos sociais da América Latina' In: XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association.
- Galvão, Andréia 2011, 'Marxismo e movimentos sociais'. *Crítica Marxista*, n. 32.
- García Linera, Alvaro 2004, La sublevación indígena popular en Bolivia. *Revista Chiapas*, n. 16.
- Guimarães, Antonio Sérgio 2002, 'Raça e pobreza no Brasil'. In: *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Ed. 34.
- Hirata, Francini 2010, A luta pela moradia em São Paulo: limites e potencialidades. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Campinas: IFCH/Unicamp.
- Hirata, Helena 1995, 'Rapports sociaux de sexe et division du travail – contribution à la discussion sur le concept de travail'. In: Bidet, Jacques e Texier, Jacques *La crise du travail*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Holloway, John 2003, *Mudar o Mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Contraponto.
- Hyman, Richard 1979, 'La théorie des relations industrielles: une analyse matérialiste'. *Sociologie du Travail* n.º 4.

- Kergoat, Danièle 1998, 'La division du travail entre les sexes'. In: Kergoat, Jacques; Linhart, Danièle *et al.* *Le monde du travail*. Paris: La Découverte.
- Kouvelakis, Eustache; Vakaloulis, Michel 1995, 'Le retour d'un affaire classé'. *L'Homme et la Société*, n° 117-8.
- Lênin, Vladimir Ilitch 1988 [1902], *Que fazer?*. São Paulo: Hucitec.
- Lênin, Vladimir Ilitch 1979, *Sobre os sindicatos*. São Paulo: Polis.
- Lojkine, Jean 2007, 'O novo salariado informacional. Nas fronteiras do salariado' *Crítica Marxista* n. 25.
- Lojkine, Jean 1981, 'Da política urbana aos movimentos sociais urbanos'. In: *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 291-317.
- Marx, Karl 1979 [1847], *Miseria de la Filosofía*. Moscou: Editorial Progreso.
- Marx, Karl 1987 [1865], *Salário, preço e lucro*. São Paulo: Global.
- Marx, Karl 2001 [1867], *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich 1998 [1848], *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo.
- Mattos, Marcelo Badaró 2009, *Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura.
- Miliband, Ralph 1999, 'Análise de classes'. In: Giddens, Anthony; Turner, Jonathan (Org.) *Teoria social hoje*. São Paulo: Unesp.
- Mouriaux, René; Bérout, Sophie 2005, Para uma definição do conceito de 'movimento social'. In: Leher; Roberto; Setúbal, Mariana (Org.) *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis*. São Paulo: Cortez.
- Oliveira, Nathalia 2010, Os movimentos dos sem-teto da Grande São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Campinas: IFCH/Unicamp.
- Poulantzas, Nicos 1978, *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Poulantzas, Nicos s/d, 'A nova pequena burguesia'. In: Poulantzas, N; Hunt, A. *Classes e estrutura das classes*. Lisboa: Edições 70.
- Saes, Décio 1978, 'Classe média e política de classe'. Uma nota teórica. *Contraponto*, n° 2, pp. 96-102.
- Souza, Davisson Charles Cangussu de 2010, *Sindicalismo e desempregados no Brasil e na Argentina de 1990 e 2002: unidade e fratura entre o exército de operários ativo e de reserva*. Tese de Doutorado em Sociologia, USP.
- Stefanoni, Pablo 2002, El nacionalismo indígena como identidad política: la emergencia del MAS-IPSP (1995-2003). Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO.
- Vakaloulis, Michel 2009. 'Jovens assalariados, relações de trabalho e transformações no engajamento'. Intervenção no 6º Colóquio Marx e Engels, IFCH-Unicamp, Campinas, SP – Brasil, 4 novembro 2009. Disponível em: <http://vakaloulis.wordpress.com/>
- Vakaloulis, Michel 2003, 'Les mouvements sociaux à l'épreuve du politique'. In: Cours-Salies, Pierre; Vakaloulis, Michel (Org.) *Les mobilisations collectives: une controverse sociologique*. Paris: Presses Universitaires de Frances.
- Wallis, Victor 2009, 'Para além do "capitalismo verde"'. Intervenção no 6º Colóquio Marx e Engels, IFCH-Unicamp, Campinas, SP – Brasil, 4 novembro 2009.
- Wood, Ellen 2003, *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo.

O 18 de Janeiro na história das ideias. *Ângelo Novo*

O 18 de Janeiro de 1934 é uma data mítica no movimento operário português, a ponto de só recentemente se ter começado a fazer sobre ele alguma luz inquiridora e desapassionada. Para esse dia, após vários adiamentos, o precário Comité de Unidade formado pela Confederação Geral do Trabalho (CGT) anarco-sindicalista, pela Confederação Inter-Sindical (CIS) de predomínio comunista e pela Federação das Associações Operárias (FAO) de maioria socialista convocaram uma jornada nacional de greve geral e de luta insurreccional contra a fascização dos sindicatos imposta pelo Estatuto do Trabalho Nacional e pelo Decreto 23 050, no âmbito da estruturação então em curso do Estado Novo corporativista.

O movimento foi muito mal preparado e alvo de um hábil movimento de repressão e contenção preventiva. Nesse dia, a palavra de ordem de greve foi seguida generalizadamente apenas em algumas localidades, com destaque para Almada, Barreiro, Sines e Silves. Pela madrugada, na zona oriental de Lisboa, houve movimentações inconsequentes de operários armados e alguns actos de sabotagem. Uma bomba provocou o descarrilamento de um comboio de mercadorias em Póvoa de Santa Iria, interrompendo a circulação ferroviária na Linha do Oeste. Em Coimbra, o rebentamento de duas bombas na central eléctrica deixou a cidade sem energia durante várias horas. Houve cortes em linhas telefónicas e telegráficas na margem sul do Tejo, Sintra e na zona de Leiria. Na Marinha Grande, como é mais conhecido, largas dezenas de operários armados tomaram posse da vila durante algumas horas na madrugada, conquistando a estação dos correios, o posto local da GNR e reabrindo o sindicato vidreiro.

Política e socialmente, a jornada saldou-se por um indiscutível fracasso para as forças do sindicalismo autónomo. Se é certo que estas podem reivindicar ter travado, em condições difíceis, uma batalha pela honra que lhes foi imposta e que não poderiam nunca recusar, também é difícil escapar à conclusão de que o movimento adquiriu apenas o vulto e o tipo de expressão que mais conveio ao Governo fascista para justificar a tremenda onda repressiva que se lhe seguiu, a qual mergulharia o movimento operário na treva e na clandestinidade durante décadas. Foi verdadeiramente o fim de uma era na história social portuguesa. Uma era iniciada cerca de trinta anos antes, sob o reinado do anafado Carlos de Saxe-Coburgo-Gotha, da decrépita Casa de Bragança.

Com o surto de industrialização iniciado na década de 1890, com o protecționismo aduaneiro e cambial, com a viragem para as colónias, a classe operária portuguesa começara a engrossar, a mudar de composição e de atitudes. O salto tecnológico e de organização laboral ocorrido já nos alvares do novo século favorece uma maior homogeneização das massas operárias, na linha do que Marx teorizou como sendo o processo histórico de subsunção real (e não já apenas formal) do trabalho ao capital. A grande indústria faz a sua aparição em Portugal, de que é emblemática a abertura das instalações da Companhia União Fabril (CUF) no Barreiro. De todo o modo, devemos ter presente que, no país de então, a indústria ocupava apenas 21% da população activa, dos quais mais de metade eram artesãos e artistas por conta própria. Numa população total de cerca de 6 milhões, os efectivos operários (incluindo pescas e minas) andaria por volta dos 370 000 no final da década de 1910, distribuídos pelos eixos Braga-Porto-Gaia e Lisboa-Setúbal, com pequenas ilhas isoladas no Algarve, Covilhã, Tomar, Marinha Grande e S. João da Madeira. O proletariado agrícola do Alentejo e Ribatejo teria então à volta de 100 000 elementos.

O movimento socialista caracterizava-se, nos finais de oitocentos, pelas suas passeatas, desfiles e romagens, as suas fúteis candidaturas parlamentares, as cooperativas de consumo, associações culturais e recreativas, as campanhas pelo laicismo, as acerbas polémicas jornalísticas, os saraus literários, enfim, tudo menos uma efectiva organização de massas virada para a luta de classes. As novas massas trabalhadoras já não se reviam nele.

Uma primeira manifestação da nova disposição popular para a luta foi a “revolta do grelo”, em Coimbra, que paralizou toda a cidade em ambiente de motim, de 11 a 15 de Março de 1903. Em Maio seguinte, a grande greve dos tecelões do Porto, generalizando-se a todas as categorias assalariadas da cidade, abrangerá cerca de 30 000 operários e será a primeira demonstração de força do proletariado português, já com uma clara influência anarco-sindicalista. Em Dezembro será a vez dos metalúrgicos de Lisboa. No ano seguinte, os tipógrafos. Em 1907 há uma greve de características insurreccionais dos conserveiros de Setúbal, outra nos lanifícios da Covilhã, e no Porto, nova vaga grevista alastrando entre vários ramos industriais.

O sindicalismo era a corrente que tinha então o sinal ascendente, com organizações como a União Geral de Trabalhadores (Porto), o Comité de Propaganda Sindicalista e órgãos como o jornal diário (depois bissemanário) *A Greve* (1908), dirigido pelo tipógrafo Alexandre Vieira (1880-1974). O sindicato era um novo conceito de organização dos trabalhadores – que viria a substituir o conceito de associações de classe – baseado na união profissional de âmbito nacional, no princípio da contratação colectiva, etc., especialmente apto para as grandes concentrações fabris e a massificação laboral. Às reivindicações propriamente fabris, acrescentava-se ainda a abertura para objectivos sociais mais amplos como o alojamento, o nível dos preços, a solidariedade, a instrução, o antimilitarismo, etc. Mas o sindicalismo era também, nesse tempo, uma nova ideologia (uma *idéa*) para a emancipação social completamente autónoma da classe trabalhadora, com base na acção directa contra o patronato e o Estado, na educação, na auto-organização, preparatórias do dia da grande greve geral revolucionária que suprimirá, enfim, a escravidão salarial, socializando os meios de produção sob a direcção dos próprios sindicatos operários.

O pedagogo anarquista Emílio Costa (1877-1952) dirige então, na Casa Bertrand, uma colecção onde publica, em traduções suas ou a seu pedido, as grandes obras do sindicalismo editadas recentemente em França pela Bibliothèque du Mouvement Socialiste: Griffuelhes, Émile Pouget, Hubert Lagardelle, Arturo Labriola, Robert Michels, M. Pierrot, deixando curiosamente de parte *La décomposition du marxisme*, de Georges Sorel. Em 1909, nas vésperas da República, dá-se a cisão formal no movimento laboral, com a realização do Congresso Nacional Operário (4 e 25 de Julho, em Lisboa e Porto, respectivamente) dos socialistas, por uma parte, e do I Congresso Sindical e Cooperativista, a 5 de Setembro, pela parte do sindicalismo revolucionário. Neste último é logo criada uma estrutura de nível nacional, intitulada Comissão Executiva do Congresso Sindicalista.

A República, uma vez instaurada (5 de Outubro de 1910), apesar de unanimemente saudada e reverenciada por todo o leque da opinião socialista, não demorou muito a revelar o seu carácter ferozmente anti-social e, especificamente, anti-operário. O direito à greve prometido pelos republicanos traduzir-se-á a 6 de Dezembro de 1910 no chamado “decreto-burla” do ministro Brito Camacho que equipara a greve ao *lockout* e, propondo-se regulamentá-los, na prática os interdita, sobretudo à primeira. Foram também reavivados os obstáculos às federações laborais. Mas tudo isso foi de balde. Com o novo regime dá-se uma grande expansão da organização sindical e o surto grevista, que já vinha de 1909, acompanhando aliás o ambiente social vivido então por toda a Europa,

toma proporções imparáveis. Até Agosto de 1911 foram dezenas e dezenas de greves todos os meses, num movimento inaudito pela sua extensão, combatividade e persistência, que causou um grande alarme social ao atingir serviços públicos como os gasomistas, a Carris, a Companhia de Águas, os telefonistas, os carregadores dos portos e os ferroviários. Em Maio e Junho de 1911 é a vez de entrarem em greve milhares de trabalhadores rurais alentejanos e da bacia do Tejo, o que era também, por si só, um espectáculo completamente inaudito.

Animados pelos ecos que chegaram de França com a criação da Confédération Générale du Travail (CGT), em 1895, e a adopção da sua Carta de Amiens, em 1906, os sindicalistas portugueses lançam-se à luta impetuosamente. São criadas centenas de sindicatos novos, agrupados depois em uniões locais e federados nacionalmente por indústrias. Em Maio de 1911 realiza-se o II Congresso Sindicalista, com organizações representativas de cerca de 35 000 trabalhadores. Diversas organizações sindicais alugam um palacete na Rua de O Século, em Lisboa, onde se instala a União dos Sindicatos de Lisboa, a Associação dos Compositores Tipógrafos, a Comissão Executiva do Congresso Sindicalista e a redacção do seu semanário *O Sindicalista*, novamente dirigido por Alexandre Vieira. Foi a mítica “Casa Sindical”, que teria aliás uma vida breve e atribulada.

Apesar de denunciar a onda grevista e se aprestar a tomar a defesa das instituições, o Partido Socialista Português (PSP) seria também ele hostilizado e marginalizado pelo Governo provisório e pelo directório do PRP, o que contribuiu também, sem dúvida, para cavar ainda mais fundo o fosso entre o poder republicano e um mundo do trabalho que ele pretendia tutelar com ríspido paternalismo, negando-lhe qualquer assomo de independência. Muito rapidamente, o Governo provisório, sob o pretexto de garantir a “liberdade de trabalho” garantida pelo “decreto-burla”, passou a incentivar abertamente o terrorismo contra as organizações operárias a cargo das suas milícias “cívicas” e batalhões de voluntários. Inaugurou-se assim um clima de guerra civil larvar, no campo social, que perduraria durante a próxima década e meia, com pequenas intermitências e alguns picos de intenso paroxismo.

As greves rurais alentejanas de 1910-12 foram um enorme sucesso económico e organizativo, mas tiveram de fazer face a medidas repressivas de extrema gravidade, incluindo o fuzilamento de trabalhadores. A Comissão Executiva do Congresso Sindicalista destaca alguns militantes seus – entre os quais o operário conserveiro Carlos Rates (1879-1945) – para fazer propaganda e organização sindical local, com grande êxito. E é em solidariedade com a luta dos trabalhadores dos campos que se convocou a primeira greve geral nacional em Portugal, em 28 de Janeiro de 1912, a qual se fez sentir sobretudo em Lisboa e concelhos limítrofes. Este movimento grevista é esmagado impiedosamente com todo o peso repressivo do Estado. A “Casa Sindical” é objecto de cerco militar, com armas pesadas apontadas, e intimada a render-se como se fosse território inimigo. Em Junho de 1913, a pretexto da explosão de uma bomba lançada por mão anónima num desfile camoniano em Lisboa, dá-se uma nova, indiscriminada e violentíssima onda repressiva sobre todo o movimento operário. Entre este e os “democráticos” do racha-sindicalistas Afonso Costa selou-se assim, em definitivo, uma inimizade profunda e insanável.

Mesmo derrotados, sob uma intensa repressão, os sindicalistas conseguem consolidar um poderoso movimento social. Ainda no rescaldo da semi-malograda onda grevista de 1911-12 e da feroz repressão de 1913, registou-se a criação da União Operária Nacional (UON), no congresso de Tomar de 14-17 de Março de 1914. Este congresso de reunificação do movimento operário foi convocado pelos socialistas de Lisboa, mas a fusão, efectivamente conseguida, naquilo que se tornou a primeira central

sindical portuguesa, fez-se já sob a dominação dos sindicalistas revolucionários. A UON teve porém um começo débil, só se revigorando com a questão da guerra e das subsistências, a partir da Primavera de 1917.

Entre Fevereiro e Março de 1913 desencadeou-se uma importante polémica nos meios sindicalistas, com o ferroviário Manuel Ribeiro (1871-1941) citando aprovadamente Marx, em apoio das suas críticas ao que lhe parecia ser a insuficiência e inutilidade dos anarquistas no campo da intervenção política. Do lado oposto, Emílio Costa defende a plena harmonia e complementaridade entre o projecto sindicalista no plano económico e o projecto anarquista no plano político. Do lado anarquista combateu-se a ideia de que o sindicalismo “se basta a si próprio” como projecto de sociedade, pois que a reivindicação económica operária teria sempre de ser complementada, seja pelo socialismo de Estado (reformista), seja pelo comunismo acrata. Manuel Ribeiro esteve sobretudo interessado em afirmar que a acção sindical revolucionária englobava, em si própria, a luta económica contra o patronato, a luta contra a organização produtiva capitalista e a luta final visando o derrube do Estado burguês e a instauração de uma nova ordem social. O seu argumento parece ser sobretudo de carácter pragmático, avesso a dogmatismos doutrinais (aliás muito imprecisamente assimilados), mas não deixa de envolver uma tomada de posição a favor da primazia da produção em relação ao consumo, o que parece denotar alguma familiaridade com as teses fundamentais do materialismo histórico. O debate alargou-se a vários outros intervenientes, nos jornais *O Sindicalista* e *A Terra Livre*.

O PSP e seus antecedentes tiveram uma acção muitíssimo deficiente na divulgação das ideias marxistas em Portugal, que estava ainda inteiramente por fazer. Uma voz muito marcante do partido durante a I República foi a de César Nogueira (1879-196?), como director ou redactor principal dos seus órgãos de imprensa – *A República Social*, *A Batalha Socialista* e *O Combate* –, secretário externo do Conselho Central e delegado ao Bureau da Internacional Socialista. Nestas últimas qualidades tornou-se no elo essencial de ligação do PSP à II Internacional de princípios do século XX. Foi correspondente muito assíduo de Eduard Bernstein, Camille Huysmans e de todos os grandes partidos socialistas europeus. Por seu intermédio, notícias e análises sobre a República portuguesa e o seu movimento operário apareciam em periódicos centrais do socialismo do seu tempo, como o *Vorwärts* e o *Die Neue Zeit*. Devido à sua porfia e metódico trabalho secretarial, o PSP participou no histórico congresso anti-guerra da Internacional Socialista, reunido em Basileia em 1912 (onde esteve presente o seu irmão Mário Nogueira), aderindo depois formalmente a esta organização em 1914. A sua formação marxista, contudo, não seria muito mais profunda do que a permitida pela leitura da imprensa e de algumas brochuras de ampla circulação no movimento socialista europeu do seu tempo.

O PSP apoiou, também ele, em 1916, a entrada do país – retardatária, porque dependente do consentimento inglês – na grande guerra interimperialista de 1914-18. Foi mesmo convidado a participar no projectado Governo da “União Sagrada” de Afonso Costa, Brito Camacho e António José de Almeida, só não tendo entrado efectivamente porque tal união não se concretizou. De resto, acompanhou então integralmente a falência política e moral de toda a II Internacional. Nos seus congressos era dominante a esquerda anti-guerra, mas esta nada fazia para destituir o conselho central pró-intervencionista. Por instigação e com financiamento governamental, a direcção partidária autoriza mesmo a participação numa conferência socialista inter-aliada, realizada em Londres, em Agosto de 1917, preocupando-se aí a delegação portuguesa sobretudo com a arraigada defesa do colonialismo pátrio. Todavia, a confusão e desinformação reinantes no partido eram tais que, em 1919 e 1920, chegou a

votar em congresso a adesão à III Internacional (ao mesmo tempo que votava a participação nos governos burgueses), o que naturalmente nunca se concretizou.

Na “Nova República Velha” o PSP participou ocasionalmente no Governo, sempre na pasta do Trabalho. Viu também o seu grupo parlamentar alargar-se até um máximo de oito deputados. Tornou-se, em definitivo, apenas mais um partido republicano burguês, distribuindo benesses pela sua clientela própria e conservando unicamente algumas bolsas simbólicas de fidelidade em certa aristocracia operária, como nos chapeleiros. Em 1922, o congresso partidário realizado em Tomar vota a participação em novo ministério republicano, mas agora com o importante protesto de César Nogueira que, em ‘Carta Aberta ao Partido Socialista’, afirmou os princípios marxistas de independência de classe, apelando à conquista revolucionária do poder pelo proletariado. Mas a presença efectiva dos socialistas na vida operária portuguesa era então já quase residual.

A UON pronunciou-se contra a intervenção na guerra europeia, tendo, antes disso, aderido ao Congresso Internacional Pró-Paz realizado no Ferrol (Galiza) em 1915 e divulgado mesmo, na sua imprensa, o Manifesto da Conferência de Zimmerwald. Nesta difícil circunstância histórica, a honra internacionalista do proletariado português foi efectivamente defendida sobretudo pelos anarquistas, com destaque para a acção do jovem Aurélio Quintanilha. Mas a guerra era denunciada como de carácter imperialista, e o intervencionismo combatido, na generalidade da imprensa operária da época, com destaque para o *Boletim da UON*, *A Voz do Povo* (socialista do Porto), *A Voz da Razão e Despertar*, órgão da Juventude Sindicalista.

A gravíssima alta nos preços de bens essenciais ocorrida em 1917-18 vai provocar uma incontável escalada de greves, assaltos e motins contra a carestia de vida, implacavelmente reprimida pelo Governo, à ordem do general Norton de Matos. Não obstante a sua aparência espontânea e incontável, na verdade o movimento de assaltos a estabelecimentos e depósitos de víveres era em grande medida coordenado pela UON, sendo um movimento social de grande amplitude, que juntou pela primeira vez massas camponesas no Norte e Centro à luta do proletariado urbano e alentejano. As conferências de “revitalização” da UON realizadas em Abril-Maio de 1917 fazem um esforço de discussão doutrinal que aponta para o derrube da ordem social vigente e a busca de soluções para a “questão das subsistências” que transcendam o capitalismo. A culminar a onda de assaltos, dá-se a “revolução da batata” em Lisboa e arredores, seguindo-se-lhes as greves gerais de Julho e Setembro de 1917. A primeira destas greves, em solidariedade com a construção civil, foi totalmente vitoriosa, enquanto a segunda, embora debelada pela força, acabou por atingir também os seus objectivos, tudo sempre por intermédio de grandes batalhas urbanas.

A “revolução da batata” foi despoletada por uma súbita subida do preço deste tubérculo, que acrescia à já crónica falta de pão. Na noite de 19 de Maio de 1917, os assaltos e os tumultos sucedem-se em toda a cidade de Lisboa, sendo levantadas barricadas nas ruas. No dia seguinte é dissolvido à força um comício operário e, em resposta, os assaltos sucedem-se em pleno dia, em Lisboa e todos os concelhos limítrofes. A 21 de Maio são assaltados os grandes armazéns do Poço do Bispo e a GNR é derrotada pelas milícias populares, cabendo ao Exército dominar por fim a situação, ao custo de 22 mortos e centenas de feridos.

Começa então a amadurecer no seio da central sindical o plano de uma greve geral revolucionária, que apenas o golpe militar de Sidónio Pais – inicialmente percebido como sendo anti-guerra e por isso recebido com “benévola expectativa” – interrompeu temporariamente. Sidónio, porém, não demorou muito a revelar-se um inimigo tenaz da classe trabalhadora e laborioso arquitecto de um consenso nacional de todas as classes

possidentes sob a hegemonia da aristocracia agrária. Uma entrevista concedida pelo ditador a uma delegação da UON a 5 de Março sela finalmente a ruptura completa.

Sob o impacto da revolução russa, a corrente radical da UON retoma a iniciativa e concentra-a num ponto bem definido no tempo, na vaga expectativa de uma alvorada soviética. Longamente preparada, a greve veio a ocorrer a 18 de Novembro de 1918 – já depois do armistício e perante o surto da gripe pneumónica –, saldando-se por um tremendo fracasso, que pôs completamente a descoberto as insuficiências teóricas do sindicalismo e do anarquismo. No entanto, tratou-se da primeira iniciativa revolucionária completamente independente do proletariado português, dirigida especificamente contra o Estado burguês, com o objectivo de conseguir a sua completa emancipação social. Apesar das suas debilidades organizativas e doutrinárias, faz assim parte de corpo inteiro da grande vaga revolucionária europeia do pós-guerra.

Na CUF houve uma longa e marcante greve, de Maio a Julho de 1919, com um largo movimento de solidariedade que paralisou totalmente o Barreiro e Almada estendendo-se a Lisboa em ambiente de alguma confusão e violência. A greve termina em derrota, fazendo emergir Alfredo Silva como uma figura de proa da reacção patronal. A burguesia aprendia também ela a fazer frente comum de resistência na luta de classes, manipulando ainda directamente ao seu serviço conjuntural toda a burocracia administrativa e o aparato repressivo do Estado. Ainda no Verão de 1919 e novamente no Outono de 1920 há longas, duras, violentas, extenuantes greves dos ferroviários, ambas derrotadas pela mobilização militar e pela tática do “vagão fantasma”, que consistia em atracar à vanguarda dos comboios uma carruagem com grevistas sequestrados, servindo de escudos humanos, protegendo assim involuntariamente os fura-greves dos petardos e da sabotagem dos militantes.

Em Setembro de 1919, no chamado 2.º Congresso Operário, realizado em Coimbra, ainda no rescaldo do fracasso da greve geral revolucionária e das grandes greves desse Verão, dá-se a transformação da UON em Confederação Geral do Trabalho (CGT). No debate em torno deste congresso coloca-se com afinco e algum detalhe a questão da tomada do poder e da gestão da sociedade pelos colectivos de trabalhadores. Foi aí deliberada a passagem definitiva das associações de classe a sindicatos de indústria, reafirmando-se os princípios próprios do sindicalismo revolucionário. Nesse mesmo ano de 1919, antes ainda da criação da CGT, iniciou-se a publicação do que viria a ser o seu jornal diário, *A Batalha*, que chegou a ser o terceiro mais lido no país e se tornou um marco importantíssimo de cultura e radicalismo laboral. O movimento operário tinha uma tal vitalidade que parecia capaz de se elevar sempre a novos patamares a partir das suas próprias derrotas.

Em Portugal, a revolução soviética foi saudada unanimemente por todos os sectores operários revolucionários, mas não havia cultura política nem instrumental teórico para a apreciar devidamente. O poder soviético era uma ideia agradável aos próprios anarquistas, mas foi retida especialmente, como exemplar, pelos militantes sindicalistas que nunca se deixaram envolver completamente pela doutrina acrata, nomeadamente por dois dos envolvidos na polémica de 1913, Manuel Ribeiro e Carlos Rates. Também o cruel fracasso da greve geral de Novembro de 1918 exigiu, por sua vez, uma reflexão mais aturada sobre a criação de veículos políticos próprios para preparar e consolidar a tomada do poder pelas classes trabalhadoras. Uma das características do movimento operário desta época, com toda a sua inocência espontaneísta, é que ele mostrava uma genuína disposição para aprender e evoluir com o acumular de experiência própria. Produzia dialecticamente a sua própria ciência revolucionária, em vez de se limitar a importá-la já doutrinariamente acabada por intelectuais burgueses rebeldes. Colocados numa intensa guerra de atrito permanente com o patronato e o Estado burguês, os

trabalhadores buscavam, por tentativa e erro, reflexivamente, o seu próprio caminho para a emancipação e o poder.

Em Setembro de 1919 foi fundada a Federação Maximalista que, condicionalmente, sem abandonar os princípios acratas do sindicalismo revolucionário, aceitava, como “meras práticas experimentais, imediatas, sem qualquer carácter filosófico ou de sistema”, “tanto a ditadura proletariana como o regime dos soviets” (art.º 2 dos seus Estatutos). “Maximalistas” era o termo com que, na imprensa portuguesa da época, se tentou traduzir bolcheviques. O mais destacado fundador, secretário-geral desta organização e director do seu órgão próprio, *Bandeira Vermelha*, é Manuel Ribeiro, sindicalista veterano, publicista, romancista de mérito e de algum êxito já também.

Dissolvida a Federação Maximalista em Dezembro de 1920, cria-se o Partido Comunista Português (PCP), a 1 de Março de 1921. Logo a seguir à fundação do partido formam-se as Juventudes Comunistas, lideradas pelo turbulento metalúrgico José de Sousa, que era secretário-geral das Juventudes Sindicalistas e arrastou consigo uma parte destas. As relações com a CGT azedam então definitivamente com a publicação do Manifesto do PCP, que acompanhava a publicação das 21 condições da adesão à Internacional Comunista (IC). Estes dois documentos são aberta e veementemente condenados nas páginas de *A Batalha*, dando-se então a ruptura e dissensão final no campo sindicalista.

O 3.º Congresso Nacional Operário realizado na Covilhã, em Outubro de 1922, seria já profundamente marcado por esta cisão. A maioria da CGT vai decidir-se pela filiação na anarquista Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), sedeadada em Berlim, definindo-se doravante a central cada vez mais claramente como anarco-sindicalista e entrando num período de influência declinante. Os comunistas e partidários da Internacional Sindical Vermelha (ISV) tentarão lutar contra essa tendência, acabando por decidir organizar-se autonomamente.

Caetano de Sousa, secretário-geral do Partido Comunista Português, parte para Moscovo em finais de 1922, chefiando uma delegação que participa no IV Congresso da IC. No seu regresso estala uma grave crise no partido, que só será resolvida com a realização do seu 1.º Congresso, a 22-23 de Novembro, em Lisboa, onde intervém o delegado da IC Jules Humbert-Droz impondo Carlos Rates como secretário-geral.

Em 1925 o partido português recebe a visita de dois agentes do Comintern, um dos quais o argentino Victorio Cordovilla, que passou então a ser o seu “controleiro”, a partir de Madrid. Inicia-se a “bolchevização” organizativa do partido, estabelecem-se relações regulares com a Internacional Comunista e seus organismos da juventude, sindical, de camponeses, bem como com o Socorro Vermelho Internacional. Para fazer face ao perigo do golpismo fascista, Carlos Rates advoga então uma ampla aliança com os socialistas, anarco-sindicalistas, a Esquerda Democrática de Domingues dos Santos e o grupo da *Seara Nova*, projecto que já foi qualificado como precursor da tática de frente popular. O apelo não teve eco e a influência de Rates no partido já começara então a declinar. Acabaria mesmo por ser expulso, por desviacionismo às directivas políticas do Comintern, no 2.º Congresso do PCP. Este congresso realizou-se, curiosamente, numa altura em que as tropas do general Gomes da Costa já estavam em marcha para Lisboa, no edifício da Rua António Maria Cardoso (à altura ocupado pelo Sindicato dos Caixeiros) onde posteriormente se instalaria a infame PIDE-DGS.

Da vida do PCP nos anos seguintes ao golpe de 28 de Maio de 1926 sabe-se que participou em vários pronunciamentos e conspirações contra o novo regime, com destaque para a revolta militar democrática de 3 a 9 de Fevereiro de 1927. À excepção desta, onde aliás os comunistas participaram de forma subalterna e praticamente desarmados, as restantes foram sempre facilmente esmagadas, após alguns tiros,

bombas, brados e correrias. O jovem partido sofreu então forte repressão, com centenas de prisões e deportações que praticamente o aniquilaram.

Uma delegação que inclui o jovem torneiro transmontano Bento Gonçalves (1902-1942), do Arsenal da Marinha, vai a Moscovo, em 1927, ao Congresso dos Amigos da URSS, por ocasião do 10.º aniversário da revolução de Outubro, regressando com a incumbência de reorganizar o partido. Uma conferência realizada a 21 de Abril de 1929, ao que parece nas instalações da Caixa de Previdência do Arsenal da Marinha, toma em mãos essa tarefa, elegendo Bento Gonçalves como secretário-geral. O partido tem então trinta membros organizados ao todo, mas recolhe com facilidade o apoio de estruturas já pré-existentes e de experiência militante já formada. É reanimada a sua organização sindical, a imprensa, organismos sociais e de juventude.

Todo o movimento operário português sofreria, porém, uma derrota muito marcante com a greve de 18 de Janeiro de 1934 e a feroz repressão que se seguiu, que incluiu a inauguração do campo da morte do Tarrafal, em Cabo Verde. Toda a nata dos dirigentes formados na luta social das décadas anteriores é então dizimada ou dispersa para sempre.

Em certo sentido, esta nova derrota veio acrescentar-se e culminar uma cadeia que incluiu a derrota de 1912, a derrota da greve geral de 1918, a derrota nas grandes greves de 1919-20 e a derrota da parte civil das revoltas de 1927 e 1931, sendo contudo bem mais profunda e duradoura que todas as anteriores. Desta vez, nada mais cresceu a partir da derrota. A fascização dos sindicatos destruiu por completo todo o sindicalismo autónomo e independente. A CGT desapareceu da vida social portuguesa e os anarquistas deram o último sinal de actuação pública atentando contra a vida do ditador Salazar, em Julho de 1937.

Mesmo o PCP, com algumas resistências (como a de José de Sousa), passaria doravante a defender a adesão e a actuação no seio dos sindicatos fascistas e das casas do povo. Deixou de haver uma escola livre que formasse, na luta de classes, tática, doutrinal e estrategicamente, dirigentes e quadros operários de raiz. O PCP continuou a actuar, em redes clandestinas, fazendo trabalho de agitação e organização nos meios operários e do proletariado rural. Nesse âmbito, formava e continuou a formar quadros de origem popular, sem dúvida, mas estes actuavam agora estrategicamente enquadrados por dirigentes provindos de uma elite universitária radicalizada, imbuída de uma certa ideia de regeneração nacional.

Estamos a falar de jovens como António Alves Redol (1911-1969), António Ramos de Almeida (1912-1961), Álvaro Cunhal (1913-2005), Joaquim Namorado (1914-1986), Mário Dionísio (1916-1993), Vasco de Magalhães-Vilhena (1916-1993), Jofre Amaral Nogueira (1917-1973), António José Saraiva (1917-1993), Óscar Lopes (n. 1917), Fernando Pinto Loureiro (1917-1982), Armando Castro (1918-1999) e Fernando Piteira Santos (1918-1992). Estes, sim, entre muitos outros, constituíram a “geração de 39”, que introduziu em força o marxismo em Portugal. Mas não o fez já como algo que tivesse crescido organicamente a partir da rica experiência portuguesa da luta de classes, e sim como um produto de pura importação intelectual, a partir de revistas francesas como *La Pensée*, *Commune* ou *Clarté*. Trata-se de uma geração intelectual no sentido mais clássico: uma elite altamente escolarizada, animada por uma sensibilidade comum e mobilizada, com sentido de missão, ao serviço de uma certa ideia de revivificação nacional com base num largo arco interclassista.

Quando o marxismo chegou pois, finalmente, a Portugal, em bom envólucro literário, foi já enformado na moldura política da frente popular. Traduzido do francês para o nosso vernáculo, serviu de veículo para uma visão progressiva e nacionalista da história portuguesa, que remontaria as suas raízes subterrâneas até 1383, em sucessivas

revoltas da grei contra a perfídia retrógrada e vende-pátria de sucessivas elites parasitárias. A onda de greves e revoltas populares de 1942-44, que marcou um novo pico da luta de classes em Portugal, seria já enquadrada politicamente por um PCP rendido a essa narrativa emancipatória anti-monopolista, anti-fascista e anti-imperialista, que perdia já completamente de vista o horizonte da libertação do trabalho das grilhetas do salariado capitalista.

A militância possível. Sociologia das condições sociais de possibilidade do militantismo operário no Porto (1940-1974). Bruno Monteiro

No trabalho de objectivação sociológica do militantismo operário no Porto, ao invés das interpretações que concebem a militância política do operariado apenas no seu estado substancializado de produto, operamos um deslocamento da atenção teórica para o processo de incorporação da militância¹. A partir de um conjunto vasto de entrevistas biográficas realizadas a operários portuenses² que adoptaram comportamentos e atitudes que o Estado Novo consideraria politicamente “subversivos”, elaboramos uma análise prosopográfica dos trajectos militantes³, apresentando sumariamente, no risco inerente de poder simplificar a argumentação, um trabalho de investigação sócio-histórica mais vasto⁴.

A partir das propriedades económicas, culturais e propriamente políticas que caracterizam estes militantes, procuramos explicitar as condições sociais de possibilidade da adesão militante para o operariado da cidade do Porto. Essa orientação de restituir teoricamente a sócio-génese da militância operária implica, outro tanto, vincular a adesão política aos espaços de socialização do operariado, como os contextos vicinal e familiar ou os locais de trabalho, que constituíam o modo de vida do operariado portuense na actualidade das décadas de 40 a 70. Recuperar a historicidade específica dos trajectos militantes destes operários oferece-nos, ultimamente, a oportunidade de observar a aquisição da vocação, propensão e aptidão que definem globalmente a militância, tal como ela é, súbita ou paulatinamente, interiorizada ao longo da história individual e colectivamente partilhada destes operários.

A reiteração das provas e provações vividas no contacto dos operários com as instâncias de autoridade patronal, estatal, eclesial, no que elas significam de submissão trivial à violência e à dominação, contribuem para circunscrever um modo de ser, estar e fazer globalmente marcado pela subalternidade económica, cultural e social. Na cidade-em-industrialização, a vivência precoce e duradoura de lugares de produção e reprodução fisicamente coercivos e socialmente densos é irremissível do processo de

¹ Sobre a natureza desta distinção, vd. Ernst Cassirer, *La philosophie des formes symboliques, 3, La phénoménologie de la connaissance*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1972, p. 51.

² Trata-se de um conjunto de entrevistas aprofundadas realizadas a 35 operários portuenses que, no período compreendido entre os anos 40 e 70 do século passado, actuaram, com diferentes graus de relevância, em acções políticas realizadas fora das instâncias oficialmente reservadas à acção autorizada do operariado – ou nelas intervindo, supostamente, de forma a influenciar, condicionar ou deflectir a sua orientação oficial. Assume especial destaque a participação nas actividades consideradas “subversivas” do Partido Comunista e nas iniciativas, significativamente pontuais e temporárias, promovidas nos círculos de socição comunista.

³ Acerca deste método de pesquisa, vd. Claude Penetier e Bernard Pudal, “Communist prosopography in France: research in progress based on French institutional communist autobiographies”, em Kevin Morgan, Gidon Cohen e Andrew Flinn (eds.), *Agents of the revolution*, Bern: Peter Lang, 2005, pp. 21-36.

⁴ A investigação sobre o processo de aquisição de uma competência estatutária e prática para o exercício da militância política entre o operariado portuense é parte e parcela de um programa de investigação mais amplo realizado pelo autor no âmbito do doutoramento em Sociologia, em curso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação do Professor Doutor Virgílio Borges Pereira, intitulado “A incorporação da vocação militante. Génese e estruturação da mobilização política na burguesia, na intelectualidade e no operariado portuenses durante a segunda metade do século XX”. Para o desenvolvimento deste artigo foi fundamental a colaboração realizada pelo autor no âmbito do projecto “Memórias do trabalho: a construção social de uma identidade operária no Porto”, promovido pela Universidade Popular do Porto.

formação quotidiana do operariado portuense. Para além da exposição constante a experiências de negação, que não tendem senão a naturalizar a exclusão e a auto-exclusão da representação política do operariado, o regime autoritário do Estado Novo combinava a seclusão política e a violência organizada para disciplinar e punir todo o comportamento político dos operários que considerasse libidinoso. Durante o Estado Novo, onde encontraram expressão ideológica numa concepção da comunidade política que reservava as prerrogativas legais e sociais indispensáveis à acção política legítima a certas “elites”, a exploração económica e a dominação política do operariado combinavam-se para inibir, dissuadir ou penalizar as aspirações e o exercício de uma actividade política pelos operários.

Ao serem tidos por politicamente incompetentes, estigma fortemente reforçado pelo efeito de evidência causado pelas condições de existência de um proletariado economicamente subalterno e culturalmente desqualificado, aos operários ficava reservada a participação, mais ou menos voluntária, nos programas públicos e religiosos de moralização e a submissão à acção profiláctica e disciplinar dos organismos oficiais. As tentativas para eliminar definitivamente a perigosidade presumida das classes laboriosas, através de uma insistente higienização moral e física, correspondiam a uma série coordenada de políticas de enquadramento social, económico e cultural orientadas, idealmente, para “desproletarizar” o operariado português¹. É sob este pano de fundo, quando estas circunstâncias sociais e políticas do Estado Novo eram cabalmente realizadas na cidade do Porto, que pretendemos ensaiar a sociologia dessa improbabilidade sociológica que era a militância política dos operários portuenses entre as décadas de 40 e 70 do século passado.

O enraizamento operário: afiliações relacionais e territorialização da experiência social

A relativa antiguidade da implantação familiar da maioria destes operários no espaço urbano pôde contribuir para a produção, acumulação e conservação de eficientes formas de valor e modos de associação intensos. Do conjunto analisado de 35 operários, apenas onze realizaram eles mesmos a deslocação do campo para a cidade – e destes, apenas quatro são originários de famílias camponesas. Exceptuando os seis operários que, filhos de migrantes, constituíram a primeira geração nascida na cidade, todos os outros estão em linhagens urbanizadas há pelo menos duas gerações. Este enraizamento parece ter possibilitado o surgimento e manutenção de uma rede de interconhecimento familiar e vicinal sociabiliteramente densa e sedentarizada, capaz de assegurar a distribuição recíproca de protecção previdencial (“ajuda”) e o acesso privilegiado ao ofício (“amigos”, “conhecimentos”). Disto resulta que um número significativo dos militantes operários contactou com o nexos salarial no contexto familiar, geralmente através de ascendências recrutadas entre operários industriais ou entre empregados de execução e técnicos qualificados da indústria (encarregados, capatazes, oficiais, etc.). Nestas circunstâncias, o acesso ao universo do trabalho, especialmente pelo que significa em termos dos constrangimentos temporais, hierárquicos e corporais das oficinas e fábricas, o contacto com as tradições técnicas e éticas de ofício, ou os hábitos de regularidade introduzidos por um (módico) rendimento, é realizado antecipadamente.

Estes operários partilham, portanto, a experiência da fixação e permanência durável em contextos de habitação idênticos entre si, “ilhas”, bairros populares e “ruas”, e em contextos de

¹ Nuno Domingos, “Desproletarizar. A FNAT como instrumento de mediação ideológica no Estado Novo”, em Nuno Domingos e Victor Pereira (dir.), *O Estado Novo em questão*, Lisboa: Edições 70, 2010, pp. 165-196.

produção semelhantes, “chafáricas”, oficinas e fábricas, que desde os primórdios da “industrialização” oitocentista preenchem a crescentemente intrincada trama urbana do Porto. Em virtude dessa ligação privilegiada a uma memória familiar de ofício e ao espaço social local definem-se as condições de produção, acumulação e transmissão de uma “herança imaterial”¹ (Levi, 1990). É neste sentido que são frequentes as referências a um orgulho fundado na demonstração de destreza técnica (“o gajo era um artista”, “sabia os segredos lá do serviço dele”), integridade ética (“eu não estou para aturar estes gajos”, “confiança”, “sou um homem de palavra”) e estatuto social (“há sempre um que se destaca, um ou dois, que sabem que, sendo ou não os líderes são... têm algum... têm algum apoio, têm algum ascendente sobre o resto da malta”).

A produção local da honra

“A minha vivência pessoal era, pronto, ali, como um bairro operário, convivia toda a gente, quer dizer, as pessoas conviviam, a minha mãe vendia fruta e o meu pai era chapeleiro, e portanto... Mas que eram pessoas sérias, como havia centenas e centenas de pessoas seríssimas ali na Sé, com uma forte personalidade, até de independência, etcetera, pronto... Mas marcadamente proletário, um bocado mesclado de outras vivências, de ardinias... (...) Que não tinham patrões, não é, que não tinham patrões e nem queriam, alguns deles não queriam, nunca quiseram ter patrões, pronto, eram engraxadores, eram carregadores e descarregadores do rio, ali das barcaças do rio, eram vendedores... vendedeiras de fruta e de peixe... (...) De qualquer modo, pessoas sérias, pessoas que tinham a seriedade como ponto, não havia ali, não havia traições de tipo nenhum. Fui marcado portanto por uma personalidade deste tipo, uma vivência deste tipo...” (CS06)

A “fama” – ou a “má fama”, o “bom nome” – ou o “nome sujo”, o “traquejo” e os “conhecimentos” – ou a falta deles, eram dimensões dessa mesma “sociabilidade de ancoragem” que produz, acumula e transmite um “capital social cujo valor tornar-se-ia obsoleto no exterior do ‘mercado franco’” que constitui o espaço social local e que “funciona como uma verdadeira relação social no sentido em que ele concorre para a diferenciação das classes populares residentes”². Portanto, as formas de valor (“respeito”, “confiança”, “coragem” e “frontalidade”) que são evocadas por estes militantes operários para evidenciar o funcionamento de uma economia da grandeza (“prestígio”, “conhecido de toda a gente”, “habilidoso”, “era justo”, “homem de palavra”), têm a sua eficácia vinculada à constelação de lugares sociais geograficamente circunscrita do quotidiano operário. Esta honra social popular, signo e sintoma de uma imagem de si positivamente valorizada, constitui uma mediação crucial na atribuição e sanção de uma preeminência, ou protagonismo, nos locais de trabalho ou na vizinhança.

As trajectórias familiares e as estratégias sociais dos militantes operários

É significativo que alguns destes militantes operários provenham de famílias da pequena-burguesia tradicional, comerciantes e proprietários de mercearias ou pequenos patrões com oficinas artesanais (chapeleiro, sapateiros, ourives, serralheiro), ou, então, que tenham técnicos e empregados profissionalizados fora do Estado como progenitores (guarda-livros, empregado de armazém, técnico de electricidade, motorista, empregado comercial). A estes operários poderíamos ainda acrescentar aqueles que, possuindo uma filiação operária, referem o desempenho por parte dos progenitores de tarefas de chefia e

¹ Giovanni Levi, *La herencia inmaterial. La historia de un exorcista piemontés del siglo XVII*. Madrid: Nerea, 1990.

² Jean-Nöel Rétière, “Autour de l’autochtonie. Reflexions sur la notion de capital social populaire”, *Politix*, 16/63, 2003, pp. 131-132.

controlo (“encarregado”, “capataz”, “oficial”) ou tecnicamente especializadas (“artista”). Vale a pena mencionar ainda que, nas genealogias familiares maternas, é possível encontrar diversas referências a uma proveniência estatutária e economicamente privilegiada (como aquela que “era filha de gente de destaque, que o meu avô tinha bens” ou aquela que era filha de “uma chefe da CP”). As trajetórias intergeracionais que analisámos parecem mesmo sugerir que quanto maior for o volume aparente do património acumulado na família de origem, mais elevado parece ser, no futuro, o nível de escolaridade atingido e o grau de “responsabilidades” – especialmente nos cargos ocupados – assumido no percurso como militante. A percibibilidade económica especialmente associada à pequena-burguesia e ao artesanato urbano em décadas de forte recomposição do espaço social, como foram as décadas de 40 a 70 do século passado, reúnem nas trajetórias familiares, ou melhor, no feixe de trajetórias domésticas, as experiências de “fracasso” e “ruína” económicas com uma situação relativamente estável e qualificada no âmbito do operariado e com a posse de uma estratégia de promoção – ou restituição – da condição social através dos descendentes.

Na verdade, as famílias de vários destes operários parecem acumular uma série de propriedades sociais, económicas e culturais relativamente raras no conjunto do (sub)proletariado portuense. Para lá dos benefícios em termos económicos (“não passamos tão mal como muitos de lá”, “éramos classe média”) e simbólicos (“limpa”, “honesta”), advenientes de uma ocupação laboral frequentemente caracterizada por uma estabilidade e autonomia significativas, existia ainda, em vários destes meios familiares, uma relação de certa proximidade com a cultura oficial, frequentemente atestada pela existência de livros e hábitos de leitura domésticos ou pelo contacto frequente com a literacia e a escrita nas tarefas profissionais do pai e da mãe.

Mesmo no âmbito de uma experiência genérica de subalternidade social, estes operários, provavelmente porque eles próprios e as famílias de proveniência estavam frequentemente posicionados nas proximidades da região mais qualificada e mais estável do operariado industrial portuense, tinham as suas atitudes de prognóstico e pretensão (“ambição”, “planos”) não totalmente submetidos a um regime de urgência persistente (“poupar para o que desse e viesse”, “tinha-se esperança”, “a ideia dele era que esperava que eu crescesse na vida”). Amalgamadas numa espécie de inteligência astuciosa (“desenrascavamo-nos”, “souberam sempre levar a vida”), as estratégias familiares são fortemente marcadas pela prudência e austeridade (“com calma”, “remediando-se”, “muito duros”, “era tudo contadinho”). Ainda assim, estas formas de auto-controlo dos comportamentos económicos, domésticos e individuais, relacionadas com a possibilidade objectiva de alcançarem um distanciamento relativamente às ameaças e pressões mais imediatas, permitem que, escapando ao fatalismo económico, seja aberto um inédito espaço de expectativas. Por estreitas que fossem as margens de liberdade conferidas pela relativa estabilidade laboral e pela qualificação profissional destes operários, elas parecem ter sido suficientes para permitir uma pré-visão do futuro e para incentivar a convicção nos méritos individuais como meio de promoção social.

A possibilidade de realizar um investimento prudente e realista no futuro tende a assumir, em algumas destas famílias, a forma de posturas de deferência e boa-vontade culturais em relação à escola. Esta propensão à escolarização, expressa nomeadamente nos estímulos parentais reparativos e punitivos, implícitos e declarados relativamente à escolaridade dos filhos, tendia a orientar-se exclusivamente para a fileira profissionalizante do sistema de ensino. Os “abandonos”, “expulsões” e outros fracassos, multiplicados em razão das limitações no tempo e nas economias disponíveis, parecem, no entanto, ter favorecido uma simpatia pela cultura escolar e pelos saberes que ela veicula (a escrita, a leitura, as operações matemáticas). Seja como for, é patente

que muitos manifestam ao longo da vida uma inclinação (o “gosto”, o “orgulho”) pelo auto-didactismo – postura que sairá reforçada pelas “obrigações” e “deveres” solicitados pelas “tarefas” e “responsabilidades” militantes posteriormente assumidas.

Apesar dos vários percursos escolares prematuramente interrompidos, estes militantes operários possuem níveis relativamente elevados de escolaridade. Nenhum é analfabeto e, exceptuando quatro casos que possuem apenas a terceira classe, todos os outros têm quatro ou mais anos de escolaridade. Parece-nos ser especialmente digna de registo a regularidade com que estes operários militantes frequentaram, no mínimo durante dois anos, os ensinamentos técnico ou comercial, tendo inclusive a grande maioria daqueles que o fizeram concluído os respectivos cursos. Além de ter proporcionado a aquisição de um motivo de orgulho e reforçado a confiança em si mesmos, esta escolaridade proporcionou, na conjuntura do mercado de trabalho das décadas de 50 e 60, altura em que muitos destes operários saem da escola ou estão nos primeiros anos da actividade laboral, a posse de um recurso valorizado que favorecia a entrada e a progressão na “carreira” e alargava as margens de manobra no relacionamento com o patronato.

Uma paisagem urbana com fábricas

Desde o início da década de 1940 que a morfologia espacial e social da cidade do Porto vinha sendo transformada pela “industrialização”. Plena de consequências, a partir do início da década de 60, a conjuntura do mercado de trabalho local é fortemente condicionada pelos efeitos conjugados de um significativo desenvolvimento industrial e da rarefacção dos contingentes de mão-de-obra disponível, causada pelas sucessivas mobilizações para a guerra colonial e pela generalização de uma estratégia de emigração¹. Segundo todas as evidências, esta situação terá realinhado favoravelmente a estrutura de oportunidades e criado um espaço de possíveis inédito entre o operariado portuense. Entre outros aspectos, relativos à elevação das remunerações e à permissividade nas mudanças de emprego, para os operários militantemente actuantes durante este período histórico houve um acréscimo nas probabilidades de acesso e promoção para níveis relativamente elevados da hierarquia fabril ou para postos de trabalho tecnicamente qualificados (chefias, encarregados, técnicos desenhadores, operários altamente especializados, empregados de gabinetes de métodos).

A ocupação de lugares hierárquica e tecnicamente qualificados, relativamente frequente nesta altura para os militantes operários estudados, possibilitava uma acumulação multímoda de vantagens de ordem material e simbólica. Além de permitirem, obviamente, uma menorização dos efeitos constritores da compulsão económica, estas funções, pelo lugar específico que tinham no espaço social da fábrica, possibilitavam a familiarização com as técnicas formais de controlo e comando (“escrever um relatório”, falar em público, “dar indicações”) e a assimilação de tácticas de negociação e coordenação (“manter as distâncias”, “saber ouvir”, “saber falar com a administração”). Estes lugares hierárquicos, duplamente constringidos pelas pressões da administração e dos trabalhadores, suscitavam constantemente um trabalho de mediação e de intermediação entre as normas abstractas e a realidade do processo de trabalho, ou entre as ordens da gerência e os interesses pessoais e colectivos do grupo de trabalho. A esta autoridade hierarquicamente sancionada e à auto-confiança proporcionada pelo sentimento de posse de reconhecimento artístico e consuetudinário (“artista”, “o

¹ Para a história das transformações sociais, económicas e políticas deste período, *vd.* Fernando Rosas, *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VII, José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

mando”), em determinadas circunstâncias, a colusão motivada pelas relações sociais na produção acrescia o “respeito” e a “confiança”.

Foi o encontro entre a expansão do subsistema educativo do ensino técnico, por um lado, e a criação de postos de trabalho especializados, tecnicamente “modernos” e hierarquicamente “intermediários”, por outro lado, com os projectos (“ambições”) individuais e familiares de uma fracção do operariado portuense relativamente qualificada e estável que facilitou a emergência de adesões militantes entre estes operários.

A transmissão de uma memória de desafeição em relação à “situação”

Nestes trajectos militantes surgem repetidamente indicações quanto à existência de uma relação de convivência com um familiar próximo (normalmente o pai ou o avô) que possui uma experiência de militância política e, por extensão, à existência de uma memória familiar de “oposição” ao Estado Novo. Quase metade destes operários, a saber, quinze, assumem um contacto doméstico com expressões de oposição relativamente à ordem social e política vigente¹, recordando a manifestação de compromissos com o “revirinho”, indicando familiares com uma “simpatia” libertária e anarco-sindicalista, ou mencionando uma postura de desafeição elementar da parte de parentes muito próximos (“democrata”, “anti-regime”, “opositor”).

Pela domesticidade deste relacionamento com o universo da política estabelecia-se um primeiro contacto com um vocabulário politicamente carregado, com memórias de certos acontecimentos e personalidades (e.g. antigos militantes oposicionistas), com rotinas ou eventos expressamente políticos (“ouvir rádio”, “ir a comícios”, “escutar conversas sobre o ‘regime’”, “celebração”), com uma determinada iconologia (emblemas, sinais), com uma literatura e conversas assumida ou obliquamente “oposicionistas”, com um sistema particular de apreciações e depreciações, reprovações e elogios, censuras e incentivos. Dissolvida que estava nos momentos menores e vulgares da vida familiar e vicinal, a aquisição difusa e silenciosa de uma mundividência política ia orientando, subtilmente, “naturalmente”, os esquemas de pensamento e sentimento segundo a divisão entre “nós”-“eles”, ou seja, entre “amigos”-“inimigos”, “simpatias”-“antipatias”, “justiça”-“injustiça” e, certamente, “situação”-“oposição”.

A transmissão implícita da dissensão

“O meu pai era um velho anarquista, vem do anarco-sindicalismo, depois, claro, vai ao Partido Comunista, não é, mas recordo-me perfeitamente de ver em casa aqueles jornais antigos *A Batalha*, recordo-me perfeitamente disso. E pronto. De qualquer modo não era um homem de uma consciência muito forte, não é, quer dizer, digamos, não era um homem muito culto, mas era um operário, um operário do partido, e que vai para a cadeia acusado, acusado e, pronto, e sabia o que era o *Avante!*, e leu “o *Avante!*, e distribuiu o *Avante!*, etc., etc. (...) Suponho que o meu pai esteve preso, tanto quanto... a gente nunca aprofundou muito isso, mas tenho a impressão que foram 18 meses.” (CS06).

“[O] meu pai é democrata, nunca se... (...) Era um homem desse sector, nunca esteve filiado em nada, nunca participou em nada, nunca participou em nada...”

¹ A título de exemplo, refira-se que alguns destes operários mencionam não terem sido sequer baptizados; outros que não participaram, por vontade expressa dos pais, ou então fazendo-o apesar da desafeição paternal, nas actividades da Igreja Católica ou da Mocidade Portuguesa.

Não... Ele participou, ele fez parte também de umas associações, estava ligado ao associativismo, fez parte de umas associações que havia na Sé... (...) É a tal coisa que conheço dele, foi isso e foi sempre contrário ao regime instituído, portanto, ao corporativismo, ao salazarismo.” (AF55).

“Quer dizer, eu não conhecia muito bem o nome das pessoas, nem sabia verdadeiramente o que era tudo isto, não é, a posição e quem era quem, mas lá se vai ouvindo pequenas coisas. Só que alguma coisa já estava dentro de mim, havia alguma coisa, se calhar devido ao meu pai em algumas coisas, não é, uma pessoa vai captando mesmo sem dar por ela, eu sei que eu era já nessa altura antifascista porque já tinha percebido... (...) Alguma coisa já devia de estar encaixada em mim, muito sem eu dar por ela, não é, mesmo com aquelas ideias muitas vezes mal compreendidas do meu pai, mal compreendidas, às vezes por isto: eu se ia à igreja porque queria fazer a comunhão, o meu pai insultava-me quase do piorio...” (E32)

Para a compreensão da adesão sensualista à militância

A eficácia das enunciações ideológicas das organizações militantes do operariado está relacionada com a plausibilidade e razoabilidade com que surgem intelectual e sensivelmente aos operários. Somente pela cumplicidade relativamente às categorias ordinárias do entendimento operário, incorporadas nas maneiras de ver, ser e fazer dos trabalhadores, é que as representações políticas, traduzidas em “palavras de ordem”, “apelos”, “comunicados”, podem oferecer a aparência de veredictos, simultaneamente discurso sobre a verdade e sentença final. O ideal espartano, fortemente suportado nos valores da masculinidade e numa espécie de economia do heroísmo feita de “desinteresse”, “sacrifício” e “dureza” (“fui eu que me fui oferecer”), surge como qualidade eminente do dirigente e “quadro” político. O universo de virtudes oficinais e a ideologia do ofício e da “arte”, no que elas têm de afirmação da dignidade pessoal do “bom trabalhador” e de preeminência da dimensão colectiva na transmissão e sanção do saber-estar e saber-fazer, surgem para definir, transfiguradas, as características do trabalho sindical e partidário. A oposição “nós”-“eles”, fundamental na visão do mundo das classes populares, surge transfigurada pelo vocabulário de motivos do sindicalismo como metáfora agonística de natureza fundamentalmente política (“classe operária”-“burguesia”), e não mais apenas como fronteira ética de poluição e pureza. Numa importante medida, a missão das organizações políticas passa, precisamente, pela reivindicação e concretização – idealmente em regime de exclusividade – de todo este trabalho de manipulação, codificação e sistematização da representação política do operário e do operariado¹.

O “herói” comunista e o universo de virtudes operárias

A formalização e codificação das “qualidades” de Bento Gonçalves, realizada num página apologética do jornal *Avante!*, constitui uma operação de sublimação dos atributos ordinariamente usados pelos operários ao definirem um exemplo de homem viril e virtuoso: a “força de vontade”, “amor ao estudo”, “competência técnica”, “espírito de classe”, “camaradagem”, “firme orientação”, “fidelidade”, “integridade de carácter”, “espírito de sacrifício”, “abnegação”, “coragem moral e física”, “clarividência”, “capacidade de trabalho”, “conhecimento dos homens”,

¹ Pierre Bourdieu, “La représentation politique. Elements pour une théorie du champ politique”, *Actes da la Recherche en Sciences Sociales*, n. 36-37, 1981, pp. 3-24.

“objectividade”, “lealdade no trato com os companheiros”, “modéstia”, “simplicidade”, “firmeza”, “solidariedade”, “capacidade para trabalhar”. (jornal *Avante!*, Março de 1961, p. 2)

Os ritos de instituição na aparência mais insignificantes, como a atribuição de “tarefas” e “responsabilidades” elementares (“distribuir propaganda”, “fazer uma conversa”) ou a manutenção de “contactos” em situações de convívio informal, visam transmutar os interesses imediatos e as manifestações de desafeição reveladas mais ou menos espontaneamente pelos operários (“éramos reguilas”, “não era um revolucionário, era um revoltado da vida”) em sinais e promessas de uma “vocação” militante. As propriedades sociais relativamente qualificantes destes operários – a sedentarização social e espacial em contexto urbano, a qualificação cultural e profissional estruturada e estruturante de projectos de vida alternativos, a economia da graça e da virtude que constitui a reputação e o prestígio na fábrica ou no bairro, a herança política oposicionista – tornavam altamente provável a revelação de “interesses”, “talentos”, “qualidades” e “aspirações” que, quando expostos às injunções e às sanções do colectivo militante, surgem metamorfoseados como “disponibilidade” e “motivação” para “agarrar as tarefas”.

Ao longo deste trabalho institucional de despistagem e verificação, os operários aprendiam a interpretar os seus comportamentos como provas de uma vocação para a militância e, por seu turno, a conformar-se à imagem social do militante que era proposta pelo partido. Opera-se, portanto, um “processo de retradução-ocultação”¹ em termos assumidamente políticos dos esquemas de acção e pensamento iniciais destes operários. Através dele, a notoriedade, fundada nas virtuosidades e virtudes do ofício, e a autoridade, nascida da posse de competências simultaneamente técnicas, relacionais e estatutárias (“saber falar em público”, “ser chefe”, “ter um ascendente”), eram convertidas, aos olhos dos próprios operários, em evidências que ofereciam carácter de objectividade a esse sentimento pessoal de “devoção” que via na “dedicação” profiláctica à militância uma modalidade de realização.

A sagração

“Na altura eu não era um revolucionário, eu era um revoltado da vida! Isto é assim: toda a minha atitude com os patrões, com os encarregados, com chefes era uma atitude de revoltado! Eu não sei explicar como, não sei explicar... mas era o revoltado, as coisas que para mim não estavam justas, estava logo o caldo entornado, havia logo sururu completo. (...) Significativo na minha vida, para mim foi, de facto, o ter sido encaminhado e aliciado para a actividade política com os meus 19, 20 anos e que me levou naturalmente a hoje ter uma apreciação da vida e a ter uma postura da própria vida e um conhecimento da vida bastante superiormente diferente do que aquele que teria se de facto não tivesse sido encaminhado para aqui. (...) É verdade que o meu nível, quer cultural, quer de escola da própria vida devo, sem dúvida, ao PCP. (...) Em qualquer lado, em qualquer sítio e seja a quem for, eu digo isto e não tenho problemas nenhuns, não me humilha absolutamente nada, dizer que quando parti estava praticamente de cabeça virada para baixo, e hoje estou de cabeça virada em cima. Independentemente de todo este espaço de luta, de actividade me ter vindo só a trazer pessoalmente, prejuízos materiais.” (E28)

¹ Charles Suaud, *La vocation. Conversion et reconversion des prêtres ruraux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978, p. 128.

Um envolvimento prático na militância institucionalmente organizada

“Posso dizer que a minha actividade quando vou trabalhar para o ‘Eduardo e Ferreirinha’ era... portanto... eu fazia parte da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, que era, digamos assim, era um salto que se dava e [servia para] empenhar as pessoas que estavam à margem de qualquer tipo de actividade política, aquilo servia para envolver as pessoas, para dar a conhecer às pessoas que havia presos políticos, etc. Eram as chamadas campanhas de fundos, assinaturas, etc. (...) [Os camaradas com uma militância anterior] eram camaradas que vinham com uma experiência muito grande, não é? Tinham, tinham portanto uma experiência que nos permitia [ver como fazer], que nos transmitiam e que nós procurávamos agarrá-las, no sentido de levar à prática sempre seguido.” (E10)

A interiorização do projecto sob o modo da consagração militante está relacionada com a submissão a sucessivas provas e provações que, à semelhança de um círculo de confirmações positivas cumulativas, transformam os projectos profissionais e culturais dos operários em destinos militantes. As idas a reuniões, a assinatura de um abaixo-assinado, a distribuição de propaganda, a participação num jantar de homenagem ou numa romagem ao cemitério, a contribuição para uma recolha de fundos, a leitura da imprensa clandestina, para lá dos putativos efeitos imediatos de “agitação das massas”, funcionam como técnicas de inculcação e activação de uma disposição militante. Ao mesmo tempo, servem como meios de verificação e validação do seu “compromisso” militante pela organização. A realização cíclica e contínua destas múltiplas operações de conversão é um modo de reconstruir todas as acções concretas e fragmentadas que constituem a vida de um operário nos termos da lógica da militância oposicionista ao Estado Novo. Esta sorrateira apropriação do possuidor pela realidade possuída corresponde à aquisição indelével de um senso prático militante.

A adesão como encontro entre duas histórias

Se as disposições a retraduzir politicamente o mundo são, ao mesmo tempo, disposições a retraduzir-se em tomadas de posição propriamente políticas é porque decorrem da incorporação de uma aptidão e propensão para a militância realizada a partir dos contextos objectivos de existência. Por isso, foi previamente necessário reconstruir teoricamente o espaço de determinações objectivas que tornam provável e plausível a produção de uma vocação militante entre os operários. Procurámos, combinadamente, compreender e interpretar os múltiplos ritos de instituição, que, através de um envolvimento sensualista e de sanções explícitas, inculcam e sancionam os esquemas de acção e pensamento tidos por convenientes e apropriados pelas organizações políticas. Estas operações de conversão tendem, simultaneamente, a ajustar e transformar as disposições anteriores e a indicar reestruturações das experiências ulteriores. A adesão política é, nestes termos, o momento do encontro oportuno entre uma história incorporada, os trajectos e projectos singulares e colectivos dos operários e uma história objectivada, um espaço social local e uma instituição política que procura assumir a delegação de representação política de um grupo social.

Estado e movimento operário no Brasil: apontamentos históricos. Celso Frederico¹

Os historiadores costumam dizer que até 1930 a questão social era considerada um “caso de polícia”; a partir de então, tornou-se uma “questão política”; e depois de 1964, passou a ser vista sob o prisma da “segurança nacional”. É preciso explicar, ainda que brevemente, esses três contextos dentro dos quais o movimento operário viveu a sua história.

Até 1930, num país recém-saído da escravidão, a vida política e jurídica brasileira era orientada pelas idéias liberais. As relações do operariado com o patronato eram reguladas juridicamente no próprio espaço fabril. Os regimentos internos das fábricas dispunham de normas de convivência entre as partes contratantes. Quando a ação operária questionava através das greves o patronato, este apelava para a polícia que vinha garantir o direito individual de trabalho ameaçado pela ação coletiva.

Como se sabe – e é sempre bom lembrar – o livre mercado (não regulado pelo Estado), levou à crise de 1929 e, na sequência, à revolução de 30. Com a ascensão de Vargas ao poder, dá-se a formatação do Brasil moderno. O Estado passou a se ocupar do planejamento econômico, estabeleceu um conjunto de leis trabalhistas, posteriormente sistematizadas na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), e criou a estrutura sindical.

Os revolucionários de 30, assim, colocaram em prática ideias oriundas da filosofia positivista, referência ideológica que orientou toda a geração dos políticos e militares agrupados em torno de Vargas². Essa visão filosófica considerava a sociedade um organismo: isto é, um conjunto de partes solidárias que, à semelhança dos órgãos do corpo humano, garantia o equilíbrio geral. A *cabeça* do organismo era o Estado: cabia a ele o papel central de coordenar o conjunto.

É dentro desse espírito que foi concebida a legislação trabalhista. Pela primeira vez, o Estado entrava com força no mercado de compra e venda da mercadoria força de trabalho, estabelecendo leis com direitos e deveres a serem respeitados pelas partes. Tratava-se – segundo os liberais que nunca perdoaram Vargas – de uma intromissão na liberdade de os indivíduos se relacionarem “livremente”.

Além do salário, o Estado passou a se intrometer no interior das empresas, mandando os fiscais do Ministério do Trabalho vigiar as instalações, banheiros, refeitórios etc. Essas medidas foram tomadas em clara oposição ao liberalismo. A presença do Estado, agora, partia do pressuposto que as partes contratantes – o operário e o capitalista – não são iguais e que é preciso proteger os mais fracos para, assim, garantir a harmonia do organismo social.

¹ Celso Frederico (São Paulo, 1947) is a professor at the School of Communications and Arts of the University of São Paulo (ECA-USP) and a research fellow of the National Council of Scientific and Technological Development (CNPq). Initially he devoted himself to the study of the working-class world, on which he published the following books: *Consciência operária no Brasil*; *A vanguarda operária*; *A esquerda e o movimento operário*; *Crise do socialismo e movimento operário*; *A imprensa de esquerda e o movimento operário*. More recently he has been writing theoretical texts: *O jovem Marx*; *Lukács, um clássico do século XX*; *Marx e Lukács: a arte na perspectiva ontológica*; *Sociologia da cultura*. Lucien Goldmann e os debates do século XX. In collaboration with Benedicto Arthur Sampaio he wrote *Dialética e materialismo*. Marx entre Hegel e Feuerbach and with Francisco Teixeira, *Marx no século XXI* e *Marx, Weber e o marxismo weberiano*.

² Um dos primeiros autores a insistir sobre a presença da filosofia positivista na formação do Brasil moderno foi o crítico literário Bosi, A. 1992, *Dialética da colonização*, São Paulo, Companhia das Letras.

Finalmente, Vargas criou uma extensa estrutura sindical. Pela primeira vez, o país passou a ter uma ampla rede de entidades sindicais que recobria todos os centros urbanos – até então, existiam apenas os sindicatos combativos, organizados nos setores mais dinâmicos da economia por iniciativa, quase sempre, dos militantes anarquistas. Passamos, assim, de um sindicato de “minorias combativas” para um “sindicalismo de massas”.

Interessa aqui ressaltar que o sindicato, na concepção varguista, era visto como um órgão destinado a cumprir duas missões: a) estimular a solidariedade entre os trabalhadores dispersos; b) atuar como um elo de ligação entre os trabalhadores e o Estado, vale dizer, como um órgão destinado a gerar solidariedade entre as “partes” que compõem o organismo social. O sindicato, assim concebido, mantinha uma ligação direta com o Estado. Daí a expressão “sindicalismo de Estado” para designá-lo.

Esse tipo de sindicalismo era bom para os trabalhadores? Esta é a questão que propiciou grandes polêmicas após 1964, polêmicas que continuam hoje e todas as vezes que se fala em reforma da estrutura sindical. De um lado, esse sindicalismo deu força ao movimento operário, pois passou a ser um sindicalismo de massas que agrupava o conjunto dos trabalhadores urbanos. A ligação com o Estado foi favorável aos trabalhadores toda vez em que os governantes eram progressistas (basta lembrar o governo de Jango). De outro lado, como parte da estrutura estatal, o sindicalismo sofria a ingerência dos diversos governos. Quando esses eram conservadores, o controle do Ministério do Trabalho era exercido visando a reprimir os trabalhadores. O regime militar, instalado em 1964, não mexeu em nada na estrutura sindical, pois ela lhe convinha; o próprio Partido dos Trabalhadores (PT), que passou a vida criticando a estrutura sindical “fascista”, o imposto sindical etc., não mexeu em nada quando chegou ao poder.

Essa ambigüidade de nossa estrutura sindical foi, contudo, o pomo da discórdia que dividiu o movimento operário a partir de 64. Podemos agora entrar em nosso tema.

Sindicalismo de hibernação

A partir de 1964 os militares enquadraram a questão social como um assunto referente à segurança nacional. Uma das primeiras medidas tomadas foi a repressão sistemática. Sessenta e três dirigentes sindicais tiveram os seus direitos políticos cassados; houve intervenção em quatro Confederações, em quarenta e cinco Federações e 383 sindicatos.

Em seguida, a ditadura adotou uma série de medidas visando a enfraquecer o sindicalismo. Entre outras:

- a) A *modificação na política salarial* que transferiu para o governo o poder de fixar o índice de reajuste anual dos salários. Com isso, os sindicatos perderam as condições legais para pressionar o patronato e a Justiça do Trabalho teve o seu poder normativo suprimido;
- b) A *proibição das greves* (lei 4.3330/65), que passaram a ser enquadradas como crimes contra a segurança nacional.

Sem poder barganhar salário e proibido de fazer greves, nos planos da ditadura o sindicalismo deveria ficar restrito a uma função meramente assistencial, vigiada de perto pelos fiscais do Ministério do Trabalho. Ary Campista, o mais antigo burocrata

sindical, usou a expressão “sindicalismo de hibernação” para caracterizar o novo período que se abria.

Convém ainda lembrar mais três coisas:

- a) A implantação do *Fundo de Garantia por Tempo de Serviço*. O fim da estabilidade no emprego e o incentivo à rotatividade da mão-de-obra contribuíram, entre outras coisas, para dificultar o trabalho sindical no interior das empresas;
- b) A exigência de *atestado ideológico* fornecido pela polícia para os trabalhadores poderem se candidatar às eleições sindicais.
- c) Além da repressão e das modificações na legislação, a ditadura orquestrou uma ofensiva ideológica com a finalidade de denegrir o passado recente do movimento operário. De um lado, proibiram-se todas as referências às lutas travadas e às conquistas obtidas pelo movimento sindical através de uma rígida censura à imprensa. O escritor Érico Veríssimo usou a expressão *operação borracha* para caracterizar essa tentativa de apagar a memória do que ocorrera no período democrático anterior a 1964. Por outro lado, o espaço em branco foi preenchido por uma campanha nos meios de comunicação que se referia às greves ocorridas como “baderna”, “anarquia” e afirmando que os trabalhadores haviam sido manipulados pelos pelegos e pelos comunistas. Essa campanha intensa acabou influenciando boa parte da intelectualidade progressista, que passou a referir-se ao pré-64 através da expressão “populismo”, como se tudo o que ocorreu fosse um grande mal entendido.

Mas a polêmica sobre o pré-64 foi travada também, com grande entusiasmo, entre os militantes do movimento operário. Aquele sindicalismo havia organizado grandes greves políticas e sacudido o país, mas foi incapaz de organizar uma única greve de resistência contra os golpistas. Tornava-se evidente, sua principal deficiência: a ausência de organização no interior das empresas. Nesse ponto, todos concordavam. A divergência surge na avaliação da condução do movimento operário, na linha seguida pelos dirigentes. Essa divergência cristalizou-se a partir da resposta que cada um deu à pergunta: onde foi que erramos? E, em política, as perguntas nunca são inocentes. O que se visava era a luta para redirecionar o movimento sindical e, assim, enfrentar a ditadura militar¹.

Duas respostas surgiram e, com elas, duas propostas para reorganizar o movimento operário:

a) O Partido Comunista Brasileiro (PCB) e os trabalhistas afirmavam que o erro cometido no pré-64 pode ser caracterizado como um *desvio de esquerda*.

Segundo essa corrente, a correlação de forças na época era desfavorável para o movimento operário, incapaz de por si só impor uma alternativa à crise vivida pelo país. Num tal contexto, devia-se acumular forças e caminhar ao lado dos demais setores progressistas numa frente democrática.

¹ Retomo nas páginas seguintes a argumentação presente na trilogia que escrevi tempos atrás com o título *A esquerda e o movimento operário*. O primeiro volume, “A resistência à ditadura militar” (1964–1971), foi publicado, em 1987, pela Editora Novos Rumos, de São Paulo; o segundo e o terceiro volume foram publicados pela Editora Oficina de Livros de Belo Horizonte, em 1990 e 1991, respectivamente, com os seguintes títulos: “A crise do milagre brasileiro” e “A reconstrução”.

Entretanto, a radicalização do processo nos últimos anos do governo Goulart tornara inviável a manutenção da política de alianças. Os setores progressistas do movimento operário cometeram um erro de *esquerda* ao se envolver numa radicalização irresponsável que acarretou a dissolução da frente e criou as condições e o pretexto para a direita dar um golpe de Estado.

O exemplo típico de “esquerdismo” dessa época, segundo declarações de Luiz Carlos Prestes em diversas entrevistas, é a palavra de ordem “reforma agrária na lei ou na marra”. Tratava-se de uma formulação ambígua: falar em “lei” pressupõe uma estratégia parlamentar; “na marra”, ao contrário, aponta para uma estratégia insurrecional. Misturar as duas coisas soou como provocação que acarretou a perda de apoio das camadas médias (vide a Marcha da Família com Deus pela Liberdade) e transformou os golpistas em democratas e defensores da liberdade ameaçada pela subversão comunista.

b) Outra corrente oposicionista, que abrigava diversas facções heterogêneas, interpretou o golpe de 64 de maneira totalmente diferente. Para ela, o erro cometido pelo movimento operário foi de direita e não de esquerda.

Ao invés de preparar o movimento operário para o confronto, diziam, a orientação seguida pelo PCB e seus aliados levou os trabalhadores à política conciliatória. Com isso, a classe operária não formulou uma alternativa própria, preparando as massas para o confronto com os golpistas.

A crítica do pacifismo e do atrelamento do movimento sindical aos políticos nacionalistas acenava, como se pode perceber, para uma estratégia revolucionária para derrubar a ditadura.

A resistência ao regime, portanto, será feita em dois registros opostos.

Vejam, em seguida, os desdobramentos dessas duas posições.

Derrotar ou derrubar a ditadura?

a) O Partido Comunista Brasileiro (PCB) e seus aliados no movimento sindical adaptaram aos novos tempos o programa da frente democrática vigente no pré-64.

A estratégia para levar a ditadura ao isolamento e derrotá-la previa a formação de um amplo leque de alianças com todos os descontentes com a nova ordem. O crescimento dessa frente iria, aos poucos, retirar toda a sustentação política do regime militar, tornando-o inviável. No plano político, essa estratégia passava obrigatoriamente pela luta parlamentar. Procurou-se, então, fortalecer o partido da oposição legal, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e inserir esse partido no projeto de uma frente democrática que incluísse todos os setores marginalizados pelo golpe e todos os líderes políticos que se opunham ao regime, como Juscelino, Jango e Lacerda. Dentro do Congresso Nacional os partidários desse programa organizaram a Frente Parlamentar Antiarrocho que denunciava os efeitos da política econômica sobre a classe operária.

No plano sindical, procurou-se reanimar as entidades de classe, tirando-as do estado de “hibernação” em que se encontravam. Como fazer isso? O meio principal para a ativação do movimento operário, diziam, é a atuação no interior dos sindicatos.

Agindo prioritariamente dentro da estrutura sindical, essa corrente tentava pôr em prática, uma vez mais, a tese da unidade sindical: a participação do conjunto das entidades – independentemente do posicionamento ideológico das direções – num programa mínimo capaz de unificar os trabalhadores. Assim, procurava-se impedir que as inúmeras diferenças ideológicas existentes inviabilizassem a ação comum em torno das reivindicações imediatas da classe operária.

A partir de 1967, os sindicalistas promoveram encontros entre as diversas entidades e se lançaram na campanha contra o arrocho salarial. Em torno dessa campanha foram criados órgãos centralizadores de luta sindical como, por exemplo, a Frente Intersindical Antiarrocho (FIA), no Rio, e o Movimento Intersindical Antiarrocho (MIA), em São Paulo.

As atividades públicas do MIA começaram no segundo semestre de 1967. E encerraram-se no 1.º de maio de 1968. O governador do Estado, Abreu Sodré, teve a infeliz idéia de comparecer à comemoração do dia do trabalho, na Praça da Sé, e discursar para os presentes. Os metalúrgicos ligados ao sindicato de Osasco e às “oposições sindicais”, juntamente com organizações de esquerda e grupos armados, numa ação minuciosamente planejada, desligaram o microfone quando Abreu Sodré começou a falar e ocuparam o palanque, expulsando a pedradas o governador e os sindicalistas do MIA. Após esse episódio, o movimento sindical, que havia organizado a manifestação, ficou na alça de mira dos órgãos repressivos e passou a sofrer pressões abertas e ameaças de intervenção por parte do Ministério do Trabalho. Desde então, a sigla MIA deixou de ser utilizada e o movimento se esvaziou. Os dirigentes sindicais, contudo, continuaram a se reunir discretamente nos anos seguintes. Mas o projeto de rearticular o movimento sindical foi atropelado pelo Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, e pela repressão generalizada que desmantelou todos os focos de oposição ao regime militar.

b) A segunda corrente agrupava diversas facções da esquerda que compartilhavam a crítica ao “pacifismo” do PCB e opunham à guerra de posições, proposta por esse partido, o projeto de uma guerra de movimento, o confronto aberto com a ditadura.

É extremamente difícil tratar em bloco desses setores heterogêneos que partiam de pontos de vista diferentes, que tinham propostas diversas e conflitantes, e linhas de ação díspares. O ponto comum, entretanto, era a crença de que a ditadura militar somente seria derrubada pela violência. Não se tratava, portanto, de isolar e derrotar a ditadura, mas sim derrubá-la através de um processo revolucionário.

Essas diversas facções tinham também outro ponto em comum: a descrença e desconfiança com relação a participar dos organismos legais existentes.

No plano político isso implicava em forjar uma alternativa própria que não passava pelos partidos oficiais (ARENA e MDB, o “partido do sim” e o “partido do sim senhor”, como se dizia). Nas eleições realizadas foram feitas campanhas do voto nulo que utilizaram os seguintes *slogans*: “eleição é tapeação”, “o povo organizado derruba a ditadura”, “anule o seu voto contra a ditadura” etc.

A concepção subjacente a essa campanha era a de que as eleições foram feitas para dar legitimidade à ditadura, decorrendo daí que a posição correta seria a de denúncia da farsa eleitoral. Com isso, pretendia-se evitar que as massas se iludissem com o regime, se deixassem levar pelo “cretinismo parlamentar”, afastando-se do caminho da revolução.

No que diz respeito ao movimento operário, essa corrente pensou a linha de ação tendo como referência a crítica ao movimento sindical no período pré-64.

Os elementos centrais dessa crítica eram os seguintes:

a) por conta da estrutura sindical, o movimento operário havia se tornado um apêndice do Ministério do Trabalho. Assim, em diversos momentos, em vez de lutar pelos interesses dos trabalhadores, o sindicalismo era manipulado politicamente pelos

diversos grupos que se revezavam no aparelho estatal. Quando, em 1964, mudaram os síndicos do Ministério do Trabalho, a manipulação, sob nova forma, continuou a vigorar, mantendo o controle sobre o “sindicalismo de Estado”;

b) esse sindicalismo era essencialmente cupulista. A sobrevivência das entidades era garantida não pelo empenho e participação das massas operárias, e sim pelo imposto sindical compulsório. Afastados das bases, os dirigentes sindicais mantinham os olhares voltados para a “grande política” institucional;

c) o “sindicalismo de Estado”, portanto, coerente com sua dependência estrutural ao Ministério do Trabalho, atrelou a classe operária à política de alianças vigente no pré-64, política esta que posteriormente foi batizada de “populista”. O “populismo” trouxe duas conseqüências básicas para o movimento operário: de um lado, criou ilusões ideológicas no operariado, forjando uma consciência mistificada pelo nacionalismo e não uma verdadeira consciência de classe; de outro lado, manteve a classe operária desarmada, não só ideologicamente, como também desorganizada e incapaz de resistir ao golpe militar.

Partindo dessas idéias, era inevitável que essa corrente divergisse da orientação sindical dos comunistas. Contrariamente ao PCB, a atuação no meio sindical não será o meio prioritário para a “ativação do movimento operário”. O caminho seguido foi o inverso: organizar primeiramente o movimento operário dentro das fábricas através do chamado trabalho de base. Esse trabalho objetivava formar núcleos operários, os “comitês de mobilização antiarrocho”, os quais, por sua vez, serviriam para integrar o movimento operário na luta mais geral pela derrubada da ditadura.

Por isso, a atitude perante o trabalho nos sindicatos oscilou entre a participação somente nos “sindicatos combativos” e a prática paralelista que virava as costas aos sindicatos por considerá-los “instrumentos da ditadura”.

Em 1968, a radicalização política favoreceu essa segunda corrente, que organizou a greve de Contagem, paralisações no ABC e a famosa greve de Osasco. Em Osasco, assistiu-se a um fato novo em nossa história: confluência entre o movimento estudantil e o operário, facilitada pela presença de operários nas escolas da região. Esses operários-estudantes passaram a sofrer a influência do aguerrido movimento estudantil e dos grupos que preparavam ações armadas.

No mês de julho, os trabalhadores ocuparam as fábricas e mantiveram presos os gerentes e engenheiros. Segundo o dirigente do sindicato, José Ibrahim, o movimento foi concebido através da “concepção insurrecionalista”: foi uma “greve insurrecional localizada”, uma espécie de foco revolucionário. “Nossa atividade sindical – disse Ibrahim – estava orientada também para a luta armada”.

A greve de Osasco, que parecia anunciar a presença do movimento operário na luta pela derrubada da ditadura, foi, contudo, uma derrota: o sindicato sofreu intervenção, o movimento operário ficou desorganizado durante dez anos e seus líderes foram presos ou caíram na clandestinidade – uma das lideranças do movimento, José Campos Barreto, foi assassinado três anos depois no sertão da Bahia, ao lado do capitão Carlos Lamarca.

Reorganização: sindicato e comissão de fábrica

A repressão que se abateu sobre toda a sociedade brasileira a partir do Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, deixou o movimento operário praticamente inerte. A reanimação, contudo, ocorre lentamente a partir de 1973. Nesse momento, abre-se uma nova conjuntura. A lenta reorganização do movimento operário terá agora

o apoio da Igreja Católica que passou a incentivar as comunidades eclesiais de base e as chamadas oposições sindicais.

As velhas divergências que dividiam o movimento operário vão reaparecer com contornos novos. O pomo da discórdia agora será o papel das comissões de fábrica.

De um lado, a primeira corrente entendia essas comissões como parte integrante e subordinada ao sindicato: isto é, elas deveriam ser comissões sindicais de fábrica. Qualquer atividade paralela à organização sindical era vista como divisionista e perigosa, dada a semelhança com os intentos de correntes do sindicalismo internacional interessadas em exportar os chamados “sindicatos por empresa” (isto é: cada grande empresa teria o seu próprio sindicato). E tais sindicatos, como temiam os nossos sindicalistas, tinham a missão de dividir a classe trabalhadora e permitir o seu controle intra-muros pelos patrões.

A política para fortalecer o sindicalismo implicava também na defesa da unidade sindical e na unidade sindical.

Por unicidade deve-se entender a manutenção da estrutura sindical varguista que só permite um sindicato por categoria e base territorial e por unidade, a estratégia política que prevê a unidade das diversas entidades a despeito das divergências ideológicas de seus dirigentes.

Defendia-se também a vigência do imposto sindical, com o argumento de que sem ele só os grandes sindicatos sobrevivem, enquanto os pequenos, que formam a maioria das entidades, desapareceriam.

Finalmente, os dirigentes afinados com essa corrente procuraram reviver as organizações intersindicais, inexistentes desde a dissolução do MIA. Em fins de 1977 os empresários organizaram um congresso das classes produtoras, o que serviu para diversos sindicalistas levantar a ideia de um congresso dos trabalhadores: a Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT).

De outro lado, os setores ligados à Igreja Católica pretendiam criar comissões autônomas, alegando que os sindicatos, controlados por pelegos, não estavam interessados em organizar a classe operária e que a própria estrutura dos sindicatos (sua ligação com o Ministério do Trabalho) se encarregava de bloquear as lutas operárias.

Por isso mesmo, os partidários dessa corrente criticavam a unicidade e defendiam o pluralismo como meio adequado de permitir que os setores mais combativos de uma categoria pudessem se organizar livremente, a despeito da “odiosa” estrutura sindical que favorecia os pelegos e bloqueava o desenvolvimento das lutas operárias.

O mesmo raciocínio se aplicava à rejeição da unidade sindical. A aliança de todas as entidades sindicais, independentemente da orientação política de suas diretorias, era entendida como um contra-senso. Aliança só com os setores mais combativos do sindicalismo: nos sindicatos dominados por pelegos, deve-se buscar aliança com as oposições sindicais.

O cenário em que o embate se desenvolveu com mais intensidade foi na categoria metalúrgica de São Paulo. A aguerrida oposição procurou, na prática, substituir o próprio sindicato (como ocorreu, de fato, durante a greve de 1979).

A divisão orgânica do movimento sindical

Essa divisão no interior do movimento operário ganhou um novo ingrediente após a eclosão das greves em São Bernardo que projetaram internacionalmente Lula.

Como se sabe, em todo o período em que os grupos de esquerda lutavam contra a ditadura, Lula manteve-se distante de qualquer envolvimento. A imprensa de esquerda desconfiava de seu silêncio e o colocava sob suspeita.

Não deixa de ser irônico o fato de Lula ter-se firmado no interior da estrutura sindical getulista, que ele tanto criticou quando estava à frente do sindicato de São Bernardo. Naquele momento, porém, Lula e os futuros dirigentes do PT (Olívio Dutra etc.) alinhavam-se um tanto a contra-gosto com os adeptos da unidade sindical e não poupavam críticas à Igreja e às oposições sindicais, setores que vinham crescendo e ocupando espaços. A partir de 1980, os sindicalistas petistas afastaram-se dos demais sindicalistas e aproximaram-se das oposições sindicais. Esse encontro foi costurado com a formação da Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais (ANAMPOS), entidade que tinha como objetivo unir o movimento operário (aí incluindo as diretorias combativas, as oposições sindicais e as associações profissionais que floresceram na década de 70) com os movimentos populares (grupos de bairros, creches, clubes de mães, associação de moradores etc.).

Evidentemente, tal orientação incomodava os dirigentes ligados à Unidade Sindical, que não queriam estar ao lado dos militantes dos movimentos populares, os quais, sem terem delegação de uma categoria específica, pretendiam disputar, em igualdade de condições, a direção do processo. Por outro lado, aos sindicalistas também incomodava a crescente participação dos delegados vindos de entidades de classe média, como, por exemplo, as associações de “sociólogos, psicólogos e outros ólogos”, diziam eles com desdém.

O afastamento era uma questão de tempo, pois a ANAMPOS continuou a incentivar o “popular” em detrimento do “sindical”. A expressão final dessa tendência aflorou com clareza no documento aprovado em junho de 1982: “[...] consideramos que é também parte integrante do movimento popular o movimento sindical”.

A CONCLAT (Conferência Nacional da Classe Trabalhadora), ocorrida em agosto de 1981, foi o último ato unitário do movimento sindical durante a ditadura militar. Congregando 25% das entidades existentes no país (as mais representativas, aquelas que tinham uma existência real), o encontro impressionou a todos por sua amplitude e pelas delegações vindas de todos os cantos do país. Estiveram presentes 5200 delegados representando 1200 sindicatos.

No final, as divergências exasperaram-se e a conferência chegou a um embaraçoso impasse. De um lado, o setor ligado à ANAMPOS, posicionando-se contra a política de alianças para derrotar a ditadura, insistia na estratégia de confronto que tinha como divisor de águas a defesa de uma hipotética greve geral a separar os sindicalistas “combativos” e “revolucionários” dos “reformistas” e “conciliadores”. No plano estritamente sindical, essa corrente ficou contra o imposto sindical e contra a participação, na futura central dos trabalhadores, das federações e confederações, por serem órgãos burocráticos desligados das bases.

O setor ligado à Unidade Sindical temia que a política de “tensão máxima”, proposta pela ANAMPOS, prejudicasse a luta democrática contra o regime militar. Além disso, aquela corrente defendia a extinção progressiva (e não abrupta) do imposto sindical, bem como a participação das federações e confederações na futura central dos trabalhadores e a exclusão de qualquer paralelismo por parte das oposições sindicais, “grupos populares”, “associações de trabalhadores” etc.

As divergências explodiram na polêmica travada no plenário entre Lula e José Francisco da Silva, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (CONTAG). Perante um público exausto, os dois líderes travaram um longo duelo

verbal nem sempre compreensível para o heterogêneo conjunto de trabalhadores presentes. Estabelecido o impasse, que tinha como eixo a composição de uma chapa para formar a Comissão Nacional Pró-CUT, os dirigentes procuraram acomodar suas divergências através de um conchavo político feito em condições que eles nunca ousaram confessar. Retirando-se do plenário, os dirigentes sindicais ligados aos partidos de esquerda reuniram-se no único local onde era possível negociar em sigilo, sem a presença de testemunhas: o banheiro da colônia de férias que sediava o encontro. Nesse insólito local, os dirigentes, em geral tão ciosos da “democracia” e da “autonomia operária”, lotearam os cargos da Comissão Nacional Pró-CUT a partir de critérios partidários.

Evidentemente, esta comissão, concebida em local um tanto extravagante, nasceu morta. Ela deveria, entre outras coisas, convocar uma nova CONCLAT para agosto de 1982. Mas o encontro, após muitas brigas, acabou sendo adiado para não coincidir com a campanha eleitoral para a eleição de governadores.

Em 1983, as divergências que prejudicavam a unidade do movimento operário tornaram-se orgânicas. Os setores petistas, agrupados pela ANAMPOS, enviaram às entidades estrangeiras com as quais tinham afinidade um projeto solicitando US\$ 433.380,00 para financiar uma nova CONCLAT a ser realizada em São Bernardo. Enquanto isso, os sindicalistas ligados à Unidade Sindical convocaram os seus aliados para uma outra Conclat a ser realizada na Baixada Santista. Daí saíram, respectivamente, Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT).

O pomo da discórdia que levou ao “racha” foi, antes de qualquer outra coisa, o artigo oitavo do regimento da CONCLAT que foi incorporado aos estatutos da CUT. Este polêmico artigo permitia que se elegessem, em assembleias convocadas pelas oposições sindicais, delegados para participar da CONCLAT até mesmo de entidades que não quisessem filiar-se ao órgão. Como os setores petistas eram minoritários dentro da estrutura sindical, eles certamente perderiam a direção do movimento, caso este fosse estritamente sindical. Conscientes do perigo, insistiram na manutenção do artigo oitavo para, através dele, aumentar o número de delegados favoráveis às suas propostas.

O apego ao referido artigo foi de um casuísmo indisfarçável. Tempos depois, no Terceiro Congresso Nacional da CUT (setembro de 1988), os dirigentes petistas (agora com muita força dentro da tão criticada estrutura sindical) alteraram os estatutos na parte referente aos critérios de participação para pôr fim aos representantes biônicos. A partir daí, diminuiu o número de delegados, que ficou restrito ao número de sindicalizados de uma categoria e não mais ao número de trabalhadores que constituem a base do sindicato. Outra modificação disciplinou a participação das oposições sindicais: antes ela era feita através da eleição de delegados proporcional à base da categoria; depois passou a ser proporcional ao número de votos obtidos pela chapa oposicionista na última eleição para a eleição da diretoria do sindicato. Finalmente, modificou-se também a composição dos delegados aos congressos da CUT: antes era composta de 1/3 da diretoria e 2/3 da base; depois houve mais representação dos dirigentes sindicais.

A divisão orgânica do movimento operário, efetivada em 1983, poderia ter sido evitada? É difícil fazer história contrafactual e trabalhar com hipóteses que não se realizaram. O que podemos constatar, sem incorrer em exercícios de imaginação, é que, além da pressa dos grupos de esquerda em alcançar a hegemonia no movimento sindical, outros fatores mais complexos atuaram no sentido de aprofundar as divergências existentes.

A classe operária dos anos 80 guarda pouca semelhança com aquela do período pré-64, quando existia uma única central e um partido de esquerda forte, o PCB, enraizado na classe trabalhadora. A política econômica dos governos militares – apesar de todos os horrores que a caracterizaram – trouxe um notável desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, da classe operária. A modernização econômica fez surgir diversos segmentos de trabalhadores altamente qualificados; a proletarização dos estratos médios, por sua vez, empurrou para o trabalho assalariado os antigos profissionais liberais (engenheiros, médicos etc.); finalmente, o crescimento do setor público da economia e do setor privado na área de serviços deu origem a uma forte movimentação sindical e política¹.

O movimento sindical urbano foi afetado diretamente por essas alterações ocorridas na composição da classe trabalhadora e pela diversidade de orientações daí surgidas. Além disso, a luta pela hegemonia de um forte movimento operário que renascia das cinzas nos anos 70 colocou em cena as diversas tendências do sindicalismo internacional e as instituições religiosas, as quais jogaram rios de dinheiro para aumentar a sua área de influência junto à classe operária. Basta citar aqui a participação ostensiva da central sindical americana, a American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations (AFL-CIO), junto aos setores mais conservadores ou, então, a presença da social-democracia e de instituições religiosas internacionais na CUT. Curiosamente, o famoso “ouro de Moscou” nunca mais foi citado: a Federação Sindical Mundial manteve-se numa posição de cautelosa distância. Nesta nova realidade, subitamente internacionalizada, as pressões surgidas de todos os lados acabaram por inviabilizar a unidade do movimento sindical.

.....

Apesar de suas divisões, o movimento sindical e as grandes greves do final da década de 70 trouxeram um enorme entusiasmo. A agonia da ditadura militar e a ascensão do movimento popular propiciaram um “participacionismo” que contagiou toda a sociedade.

Esse entusiasmo generalizado se fez refletir na convocação da Assembléia Nacional Constituinte em 1986, da qual saiu a “Constituição Cidadã”, em 1988.

A Carta de 88 é de uma importância fundamental para os trabalhadores. Nela, se instituiu a constitucionalização dos direitos sociais, entendidos como Direitos e Garantias Fundamentais, o que lhes conferia um lugar destaque na Constituição. Até então, tais direitos estavam inseridos na ordem econômica e social. Quando a Constituição fala em direitos sociais e garantias do cidadão, ela coloca em primeiro plano uma concepção republicana que enfatiza o interesse público, a solidariedade social, a justiça.

A Constituição Cidadã, segundo uma lúcida análise, não se limitou a fazer da lei “uma esfera puramente normativa, reduzida ao papel de arbitragem, uma vez que a ela está reservado um papel de mudança da realidade social da comunidade a que se

¹ Iniciavam-se, então, modificações profundas nas formas de produção que afetariam, progressivamente, a composição da classe operária. Da extensa literatura recente, seleciono algumas obras básicas: Antunes R. 1995, *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, São Paulo, Cortez; Boito, A. Jr. 1999, *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, São Paulo, Xamã; Alves, G. 2000, *O novo e precário mundo do trabalho*, São Paulo, Boitempo.; Del Royo, M. 2000, “Da crise do movimento operário ao proletariado do século XXI: a construção de uma nova subjetividade”, in *Seminário Nacional da UGT*, São Paulo, União Geral dos Trabalhadores.

dirige”¹. Procurava-se, assim, não só remover o “entulho autoritário”, como também impor um novo direcionamento ao país, baseado na democratização crescente, na participação popular e na solidariedade social.

A formatação do novo Brasil transferia para a esfera pública aquilo que a visão organicista de Vargas permanecia submetida à esfera estatal. Essa transferência para a esfera pública e suas instituições pode ser vista, segundo a análise citada, em dois exemplos:

- a autonomia das organizações sindicais em relação ao Estado;
- as modificações no papel do judiciário, entre outras, a criação do Ministério Público, um órgão para agir independentemente do Estado em sua defesa da cidadania.

A Constituição de 1988 representou um impressionante avanço social ao enfatizar o caráter público e solidário de nossa República. Mas, como ocorreu com a legislação getulista, logo iria provocar uma férrea oposição. O caráter estatal da legislação getulista havia encontrado a resistência do velho liberalismo que se apegava à antiga noção de direito privado e do Código Civil; a “ordem pública” instaurada pela Constituição de 88, passou a ser combatida pelos novos interesses privatistas.

A impossibilidade de alterar a constituição encontrou um subterfúgio: as diversas tentativas de substituir a rigidez da legislação pela flexibilização da “livre negociação entre as partes”. Tratava-se assim de afirmar o negociado em oposição ao legislado. O movimento operário, hoje, vivencia uma nova escalada contra os direitos sociais. A palavra reforma, que em tempos antigos significava reforma agrária, urbana etc., vítima de uma operação que alguém chamou de “pirataria semântica”, passou a significar a retirada dos direitos trabalhistas.

Bibliografia

Antunes, R. 1995, *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, São Paulo, Cortez.

Alves, G. 2000, *O novo e precário mundo do trabalho*, São Paulo, Boitempo.

Boito, A. Jr. 1999, *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, São Paulo, Xamã.

Bosi, A. 1992, *Dialética da colonização*, São Paulo, Companhia das Letras.

Del Royo, M. 2010, “Da crise do movimento operário ao proletariado do século XXI”, in *Seminário Nacional da UGT*, São Paulo.

Frederico, C. 1987, 1990, 1991, *A esquerda e o movimento operário*, São Paulo, Belo Horizonte, Novos Rumos, Oficina de Livros.

Vianna, L. W. et al. 2010, *A constitucionalização da legislação do trabalho no Brasil. Uma análise da produção normativa entre 1998 e 2008*, Brasília, Fundação Astrojildo Pereira.

Glossário

AFL–CIO: American Federation of Labor and Congresso of Industrial Organizations

ANAMPOS: Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais

ARENA: Aliança Renovadora Nacional

CUT: Central Única dos Trabalhadores

¹ Cf. Vianna, L. W. et al. 2010, *A constitucionalização da legislação do trabalho no Brasil. Uma análise da produção normativa entre 1988 e 2008*, Brasília, Fundação Astrojildo Pereira, p. 13.

CONCLAT: Conferência Nacional da Classe Trabalhadora
CGT: Confederação Geral dos Trabalhadores
CONTAG: Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas
CLT: Consolidação das Leis do Trabalho
FIA: Frente Sindical Antiarrocho
MDB: Movimento Democrático Brasileiro
MIA: Movimento Intersindical Antiarrocho
PT: Partido dos Trabalhadores

Notas introdutórias sobre o conceito marxista de bonapartismo. *Felipe Abranches Demier*¹

Na ampla e heterogênea literatura marxista de cunho mais propriamente político, o vocábulo bonapartismo e suas variantes (bonapartista, bonapartistas, semibonapartismo, filobonapartismo, etc.) possuem uma frequência perceptível, ainda que, diferentemente de outros tantos mencionados à porfia e indiscriminadamente, não possam ser tomados propriamente como termos *batidos*. Suas não tão correntes aparições nos permitem, entretanto, perceber que distintos tratos, alguns cuidadosos e sofisticados, outros nitidamente reducionistas e imprecisos, já foram (são) dispensados a este conjunto terminológico.

Um típico uso que se encaixa no segundo caso é aquele no qual a adjetivação “bonapartista” é imputada a qualquer governo ou regime mais ou menos ditatorial, cujo teor repressivo, ainda que elevado, não chega a justificar, segundo a lógica do autor, a sua caracterização como “fascista”. Nesse raciocínio, muitas vezes sub-reptício, o que define o regime ou governo bonapartista é única e simplesmente o seu grau coercitivo, o nível de violência do qual lança mão o aparelho de Estado contra seus adversários políticos; tal raciocínio, muito comum em apressados documentos políticos de organizações de esquerda, parece ser embasado pela seguinte fórmula algébrica: pouca violência = democracia burguesa; muita violência = fascismo; média violência = bonapartismo. Em última análise, essa forma de proceder não expõe senão uma versão um pouco mais detalhada da tipologia utilizada pelos Partidos Comunistas estalinizados, os quais, desde o fim dos anos 20 do século XX, passaram a definir qualquer regime político capitalista que se distanciasse – em especial, pelo uso abusivo da violência – d²a forma “democrático-burguesa” como fascista.

Lembremos aqui também da costumeira idéia, presente em certos ramos ecléticos da ciência e história políticas, a qual associa o bonapartismo à presença de um governante (líder) nacional que, dotado de fortes traços carismáticos, postar-se-ia como um *árbitro neutro* face às pugnas sociais e políticas internas à sociedade, buscando garantir a harmonia da nação. Nessa perspectiva, o conteúdo de classe (burguês) da dominação política bonapartista, o qual se encontra, na realidade, mediado e embuçado pela autonomia relativa do aparelho estatal, fica encoberto também pelas linhas desses analistas políticos os quais confundem a aparência do fenômeno (Estado neutro) com sua verdadeira essência (Estado burguês). Vale mencionar ainda a qualificação de bonapartista aplicada a certos governos e regimes pelo simples fato de possuírem um Poder Executivo hipertrofiado, ou mesmo graças ao poderoso peso exercido pela burocracia e/ou as Forças Armadas (FFAA) na condução da vida política nacional. Findando nossa exemplificação dessas utilizações pouco apuradas do corpo conceitual

¹ Felipe Abranches Demier (Rio de Janeiro, 1980) got his PhD by the UFF with a doctoral thesis on "The long Brazilian bonapartism, 1930-1964". He obtained his Bachelor in History degree at the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) in 2004, having written his monograph on the military-unionist conflict during the João Goulart administration (1961-1964). Concluded his MA at the Universidade Federal Fluminense (UFF) in 2008, presenting a dissertation about the theoretical influences of Trotskyism in renowned Brazilian academic works from the 1960's and 1970's. In addition to several papers published in academic periodicals such as *Outubro* and *História e Luta de Classes*, Demier has organised a book about the transformations in Brazil's Worker's Party (PT) and its consequences for the Brazilian left as a whole (*As transformações do PT e os rumos da esquerda no Brasil*, 2003).

em questão, assinalamos que além de empregado para designar regimes e governos, o adjetivo “bonapartista” é também alocado ao lado do substantivo Estado, o que deixa a entender que “bonapartista” podem ser não só o regime e o governo, mas igualmente o Estado capitalista em si.

Os exemplos acima são pertencentes a uma espécie de “senso comum” do bonapartismo – se é que se pode assim dizer – e, como tais, não deixam de encerrar aspectos verdadeiros quanto ao seu objeto. Todavia, pecando pela superficialidade e, sobretudo, pela parcialidade, não chegam a apreender o fenômeno bonapartista em sua totalidade, ou pelo menos naquilo que lhe é essencial. Decerto, os regimes bonapartistas são marcantes pelo seu aspecto violento e, de fato, o teor coativo atingido nestes é usualmente maior que o sob as democracias burguesas e menor que o sob os fascismos. Entretanto, não é fazendo uso de um *barômetro da violência* que se deve buscar apreender a verdadeira natureza repressiva dos regimes políticos, e sim atentando para a qualidade e seletividade da própria atividade repressiva; mais precisamente, de que modo e a que classes, frações de classe e grupos políticos a máquina policial-militar e seus eventuais colaboradores para-estatais endereçam suas armas. Correto também é dizer que o Estado no regime bonapartista, perseguindo a integridade nacional, tende a desempenhar, por intermédio de um líder quase sempre carismático e solerte, um papel arbitral; contudo, pode-se dizer que é profundamente equivocado tomar como politicamente “neutro” tal juiz. Do mesmo modo, é verdade que sob os regimes bonapartistas tanto o Poder Executivo apresenta-se hipertrofiado, quanto a burocracia e as Forças Armadas têm seu papel político-institucional realçado, embora a existência de FFAA e burocracia atuantes, assim como de um Executivo forte, não confira automaticamente ao regime um caráter bonapartista. Por fim, alertamos que se a adjetivação “bonapartista” pode ser bem empregada para qualificar regimes (principalmente) e governos (no caso daqueles que funcionam dentro, e sejam adeptos, das estruturas do regime bonapartista), seu uso para a caracterização de Estados é, no mínimo, inapropriado.

Procurando ir além desse “senso comum” sobre o fenômeno bonapartista, um bom caminho investigativo é adentrar a sofisticada produção teórica relativa ao nosso objeto, a qual provém, entre outros autores, de nomes como Marx, Engels, Trotsky, Gramsci, Poulantzas e Losurdo. Absorvendo dessa produção o que há de comum e mais genérico no que concerne aos aspectos definidores do bonapartismo, é possível propormos uma síntese interpretativa sobre o mesmo que tenha a finalidade de expor sucintamente aos leitores como a melhor tradição marxista o concebeu. Embora não possa tocar nas particularidades analíticas de cada autor no que tange à caracterização teórica do fenômeno, tal como nas concretas especificidades apresentadas por cada uma de suas distintas manifestações históricas, uma síntese dessa natureza, acreditamos, pode fazer as vezes de preâmbulo às elaborações dos autores mencionados as quais o leitor encontrará logo em breve.

Iniciando, então, nossa empreitada sintética do conceito, assinalamos que o bonapartismo se exprime, fundamentalmente, pelo fenômeno da chamada “autonomização relativa do Estado” diante das classes e demais segmentos sociais em presença. Em determinadas conjunturas de exacerbação da luta de classes, nas quais o proletariado se apresenta como uma ameaça (real ou potencial) ao domínio do capital, e nenhuma das frações da classe dominante possui as condições de impor um projeto político à sociedade, de dirigi-la segundo seus interesses e preceitos particulares, instaura-se aquilo que se convencionou chamar de “crise de hegemonia”. Nessa situação de aguda divisão social, de impasse político, enfim, de equilíbrio de forças e incapacidade hegemônica, o aparelho de Estado se ingurgita, eleva-se por sobre os

grupos conflitantes e, apregoando a unidade nacional a qual ele próprio afirma encarnar, impõe pela força a “paz social” e salvaguarda a ordem capitalista em xeque.

Essa elevação do aparelho estatal acima das partes contenciosas expressa justamente a “autonomia relativa” adquirida pelo Estado, ou, mais precisamente, pelo seu núcleo fundamental (em especial, Poder Executivo, aparato repressivo e burocracia), face às distintas frações do capital e suas representações políticas. Adquirindo uma ingente força política própria, o aparelho estatal já não é a expressão, o instrumento, de nenhuma dessas frações em particular; precisamente para desempenhar o papel de mantenedor do que há de comum a todas elas, a saber, a propriedade capitalista, o Estado, enquanto novo ordenador da vida social, necessita submetê-las à sua direção e ditames políticos de jaez essencialmente burocrático. Assim, sob o bonapartismo, o Estado, relativamente autônomo frente às frações burguesas, coloca-se como representante dos interesses de conjunto da burguesia, e o faz mesmo a despeito desta última – Tal fato não significa, entretanto, que não haja sempre uma ou mais frações do capital que sejam privilegiadas pelas políticas estatais sob o bonapartismo. Configura-se, então, uma formatação particular assumida pelo Estado capitalista em momentos de crise, um tipo de regime político caracterizado por uma dominação política indireta da burguesia sobre as demais classes sociais. O aparelho estatal, funcionando como uma espécie de árbitro do jogo político e pacificando o cenário social litigioso, ganha a aparência de uma força descolada, acima e independente da sociedade. Ao longo do regime bonapartista, os governos vigentes, em especial os que são afinados com a arquitetura institucional daquele, tendem, eles também, a encerrar um caráter mais ou menos autônomo em relação aos partidos e demais organizações políticas eventualmente existentes. O bonapartismo mostra-se, então, não só como um regime político, mas ainda como uma modalidade de governo, na qual a classe dominante não tem acesso direto às rédeas do Estado. É nesse sentido que o fenômeno bonapartista se refere a um dialético processo pelo qual a burguesia “abdica” das funções de domínio político da nação para ver mantida sua dominação econômica no interior da mesma.

Originado de uma situação politicamente instável gerada pela exasperação do confronto social, o regime bonapartista, colimando preservar as bases da dominação de classe burguesa, lança-se em uma luta física e ideológica pela reintegração e harmonização da sociedade burguesa então dilacerada. Destarte, direciona suas forças repressivas contra os perturbadores da ordem:

Prioritariamente, ataca violentamente aquele que é o fundamento primeiro do temor burguês: o movimento operário organizado. Proibindo, fechando ou mesmo destruindo as organizações sindicais, políticas e culturais dos trabalhadores, o regime bonapartista intenta desmontar a vanguarda da classe que, pela sua própria existência, coloca em risco a manutenção da exploração social. Assim, na qualidade de indivíduos atomizados e desprovidos de uma consciência emancipatória, o proletariado pode passar a funcionar como base e sustentáculo de “massas” da nova ordem política capitaneada pelo próprio Estado; são justamente essas “massas populares”, um novo sujeito social e político nascido dos processos de urbanização e industrialização, as quais o bonapartismo vê-se impingido – e nisso reside grande parte de sua própria “razão de ser” – a incorporar, controlada e subalternamente, à esfera política. Nessa engenhosa empresa, a direção bonapartista pode vir a colocar em movimento certas camadas marginalizadas da sociedade, o chamado lumpem-proletariado, direcionando-as tanto para o apoio efusivo ao regime, quanto para o esmagamento da resistência operária. Em certas ocasiões, elementos agrários pequeno-burgueses (campesinato), temerosos do

avanço político do proletariado, fornecem uma legitimidade socialmente reacionária ao poder bonapartista.

Entretanto, secundariamente, o regime bonapartista volta suas baterias também contra os elementos revéis da classe dominante, adestrando ou mesmo suprimindo suas recalitrantes representações políticas, sejam elas partidos, lideranças classistas, círculos ideológicos ou jornais panfletários. Assim, o Estado burguês, sob a forma bonapartista, priva a própria burguesia de sua ampla liberdade política, embora o nível de tal privação seja infinitamente inferior do qual é imposto à classe trabalhadora.

Essa nova, complexa e contraditória relação estabelecida entre o aparelho de Estado e ambas as classes sociais fundamentais é determinante na montagem institucional que vertebra o regime bonapartista. Almejando eliminar o clima politicamente radicalizado e tenso que o produziu, o novo regime se edifica promovendo a extinção das instâncias e elementos jurídico-políticos presentes no regime anterior, os quais, segundo os construtores bonapartistas, teriam permitido a instalação do embate político em proporções socialmente insuportáveis. Desse modo, muitas das chamadas “liberdades democráticas”, algumas delas defendidas pela própria burguesia em seu alvorecer revolucionário, são, em um quadro de contra-revolução política, suspensas sob a alegação de “perigosas” e “socialistas”. Liberdades de expressão, reunião e organização, entre outros “princípios” da democracia burguesa, dão lugar, no bonapartismo, à vigência quase constante e ordinária de expedientes os quais, naquela, existem apenas na qualidade de mecanismos excepcionais e temporários (permissão para prisão sem mandato judicial, suspensão do direito ao *habeas corpus*, suspensão do direito à inviolabilidade do lar e de correspondência, etc.). O sufrágio universal, baluarte-mor do regime democrático-burguês, tende a assumir, nas vezes em que é preservado (ou instituído), uma conotação plebiscitária. Outros direitos constitucionais mais propriamente democráticos, como o de greve, impostos à burguesia pelas lutas operárias dos séculos XIX e XX, podem ser tratados de vários modos (porém essencialmente iguais) pelo poder bonapartista: em circunstâncias relativamente amainadas do confronto social, a manutenção daqueles se vincula ao enxerto de ardilosos aditamentos jurídicos os quais, na prática, dificultam ou inviabilizam seu exercício prático; já em momentos de maior radicalização política, tais direitos democráticos costumam ser simplesmente suspensos ou despudoradamente banidos. Opera-se, portanto, uma clara mudança de regime no Estado burguês, limitando demasiadamente a mobilidade das forças sociais na cena política. Passa a vigorar uma espécie de “estado de sítio” permanente.

A específica desproporção de forças entre os poderes estatais no regime bonapartista é, também, um de seus precípuos aspectos definidores. Encarregado de salvar a nação ameaçada por suas fissuras e lutas intestinas, o Executivo torna-se praticamente onipotente, concentrando em suas estruturas constitutivas, sobretudo na figura do chefe de Estado, um *quantum* de poder exorbitantemente desproporcional em relação aos demais poderes de Estado. Nesse movimento, verifica-se também uma fortíssima centralização política do país, por meio da qual a instância central desse fortalecido Poder Executivo (União, Império etc.) impõe-se quase que integralmente também sobre todos os poderes de natureza regional e local (governos estaduais, prefeituras municipais, chefes políticos distritais, assembleias estaduais, câmaras municipais, tribunais e fóruns locais etc.). Essa ubiquidade do Executivo é diretamente proporcional à fraqueza do Legislativo e do Judiciário. Vistas como as arenas, por excelência, do exacerbado e aziago embate travado entre as representações políticas no regime anterior, as instâncias parlamentares são tratadas como uma das principais fontes da discórdia que fraturou o país. Com a finalidade de manter a “ordem” e a “paz”, o

regime bonapartista procura desfazer as conexões entre as várias frações e segmentos sociais beligerantes e a esfera política institucional-representativa. Ao Parlamento, conseqüentemente, é reservado um papel absolutamente secundário ou inexistente: por vezes é colocado sob nítido controle do Executivo, em outras é simplesmente fechado. Quanto ao Judiciário, resta-lhe capitular abertamente ao Executivo ou ser modificado por este em sua estrutura, funcionamento e pessoal. Com suas dimensões dilatadas e gozando de poderes discricionários, a cúpula dirigente do Executivo equilibra-se sobre os campos em luta e, subalternizando ou dispensando o Parlamento e seus partidos políticos, encontra seu apoio naquilo que é, na verdade, o núcleo fundamental do aparelho de Estado: a burocracia e as Forças Armadas. Estas duas “instituições” extrapolam suas habituais funções exercidas sob o regime constitucional anterior e ampliam visivelmente seus domínios sobre o tecido social; não obstante se apresentarem sob um véu “técnico” e “apolítico”, passam a desempenhar um papel protagônico na condução da vida política, econômica e cultural do país.

Desmontando os tradicionais mecanismos de representação política da democracia burguesa, o todo-poderoso aparelho estatal trabalha na construção de uma outra forma de conexão entre o poder público e o corpo cívico, visando tornar este último imune às exacerbadas contendas políticas verificadas no regime anterior. A relação entre governantes e governados sob o bonapartismo assume a forma de uma relação direta entre o chefe de Estado e os cidadãos nacionais, na qual tem lugar um imprescindível ingrediente ideológico de cunho pequeno-burguês. Seja ele um presidente civil, militar ou um nostálgico Imperador, o líder máximo do país, na maioria das vezes carismático e demagógico, se proclama o harmonizador da nação, dizendo arbitrar os interesses conflitantes provenientes de todas as partes que a constituem. A personalização da política é, portanto, quase sempre um ingrediente importante na receita bonapartista.

Objetivando bloquear o desenvolvimento dos elementos classistas na subjetividade dos trabalhadores, o regime bonapartista trata-os, jurídica e discursivamente, como um volumoso conglomerado populacional que não é senão resultado da adição de indivíduos proletários isolados. Amalgamado com estratos sociais de diferentes matizes, o proletariado se dilui pela retórica bonapartista nas manobráveis “massas populares” e no policlassista “povo” – em muitos casos, isso não é incompatível com a permanência da “classe trabalhadora” no léxico do regime, que pode até concebê-la como uma parcela específica da sociedade (e que deve colaborar com as demais), mas nunca enquanto um sujeito social estruturalmente antagônico ao capital (o que colocaria em risco a integridade nacional que se persegue). É com esse “povo” disforme e alienado que o líder “Bonaparte”, dispensando qualquer tipo de plataforma político-programática bem definida, estabelece uma relação extremamente fetichista, dirigindo-se e sendo reconhecido por ele como seu único e lídimo intérprete, como aquele que, investido de “sabedoria” e “capacidade decisória”, pode protegê-lo das injustiças sociais e das “elites gananciosas”. À maneira tipicamente pequeno-burguesa, o Estado é tomado pelos seus cidadãos como um ente politicamente “neutro” que, pairando acima das classes sociais, mostra-se ao seu “povo” como uma entidade “protetora”, “benfeitora” e “benevolente”. Nessa astuta engrenagem ideológica do regime, uma sofisticada máquina de propaganda, declaradamente ufanista e apologeta da ordem, costuma desempenhar um destacado papel apelando para emocionalidade de amplos contingentes populacionais trazidos para a cena política. Por meio dessa “política de massas”, que combina ideologia e, sobretudo, coerção, procura-se neutralizar ou eliminar tendências políticas “radicais” (classistas) brotadas entre os setores subalternos no regime anterior. O bonapartismo é, portanto, um fenômeno cuja

manifestação é própria a sociedades complexas, nas quais a existência das incontáveis “massas populares” torna ineficazes antigas e altamente exclusivistas formas de dominação política burguesa sobre os setores socialmente explorados (regimes aristocráticos, oligárquicos, governo dos “notáveis”, voto censitário etc.).

Compreendido, então, como uma modalidade particular e contemporânea dessa dominação política burguesa, o bonapartismo é, ao menos nas nações centrais do capitalismo, uma forma de regime e de governo excepcional e transitória, não obstante apresente várias ocorrências e, por vezes, uma significativa duração temporal. Engendrado por uma “crise de hegemonia”, o bonapartismo é solapado ou quando esta se encerra – isto é, quando uma ou mais frações da classe dominante se apresentam, finalmente, capazes de dirigir politicamente a nação –, ou quando massivas mobilizações políticas anti-regime lhe retiram sua sustentação social.

Frisamos, assim, nossa concepção do fenômeno bonapartista tanto como um tipo específico de regime político adotado circunstancialmente pelo Estado capitalista, quanto como uma modalidade particular de governo (indireto) da burguesia. Destarte, entendemos que nos regimes democrático-burgueses, podem ter lugar, entre tantas outras modalidades, governos liberais, conservadores (ambos mais ou menos reacionários), social-democratas e de frente popular (todos mais ou menos reformistas), assim como governos de aspirações aberta ou veladamente bonapartistas (os quais intentam, normalmente por intermédio de um golpe de Estado, promover uma mudança de regime). Já sob os regimes bonapartistas, observam-se governos que, pelas próprias características da formatação político-institucional na qual se inserem (especialmente, a hipertrofia do Poder Executivo, a fraqueza ou inexistência do Legislativo, e o forte peso político das FFAA e da burocracia), tendem a segui-lo e a buscar reforça-lo, sendo, portanto, governos nitidamente bonapartistas. Ocorrem também, episodicamente, governos não propriamente bonapartistas em meio a regimes semibonapartistas, governos até certo ponto “desencaixados” com o regime, pois são, *a priori*, funcional e ideologicamente mais afinados com a democracia burguesa – tal foi o caso da Frente Popular francesa, chefiada por León Blum, que ascendeu em 1936 ao governar da nação quando esta contava com um regime predominantemente bonapartista, no qual subsistiam elementos democráticos agonizantes.

Há registros de governos bonapartistas orientados mais à direita, de perfil nitidamente autoritário, ou mais à “esquerda”, de coloração levemente avermelhada; desde as primeiras décadas do século XX, é possível nos depararmos tanto com os que vituperaram as idéias socialistas, quanto com aqueles que as adotaram retoricamente como sua plataforma política. Dentre esses últimos, identificados laudatoriamente como “progressistas” por certas forças de esquerda, encontram-se aqueles que estabelecem uma prestidigitadora relação com as massas populares por meio do atendimento de algumas de suas reivindicações imediatas. Aparentando ser verdadeiramente “populares”, esses governos realizam manobras com a classe trabalhadora visando alcançar objetivos almejados pela cúpula burocrática estatal. Com uma incidência localizada na periferia semicolonial do sistema capitalista mundial, esse tipo particular de governo assume, por vezes, a forma de uma específica frente popular. Não custa frisar, assim, que todos os governos de natureza bonapartista, inclusive os de feição “progressista”, limitam-se sempre aos marcos estruturais do Estado burguês que momentaneamente dirigem, o que faz deles, em última análise – e que me perdoem os eventuais chavistas de plantão – governos inelutavelmente avessos à emancipação socialista dos trabalhadores.

Devemos assinalar também que, para desgosto dos politólogos taxinomistas, complexos fenômenos histórico-sociais tais como Estados, regimes e governos não costumam ser dotados de uma natureza quimicamente pura. Com efeito, Estados e, mormente, regimes e governos, encerram conteúdos quase sempre combinados, e é a predominância de alguns de seus componentes sobre os demais o que nos permite arriscar formulações teórico-analíticas mais próximas da realidade concreta.

Desse modo, regimes democrático-burgueses, nos quais os elementos democráticos mostram-se, logicamente, majoritários, podem, por vezes, conter elementos bonapartistas (residuais ou em levedação) em proporção inferior àqueles, o que é possível de ser percebido quando observamos democracias liberais que apresentam aspectos como: uma exagerada força do Poder Executivo e da burocracia na condução do país; uma vida politicamente fleumática do Parlamento e de seus partidos, uma participação quase incontinente das FFAA nos assuntos políticos; severas limitações às atividades sindicais e políticas da classe trabalhadora, assim como restrições aos grupos burgueses opositoristas; uma postura carismática do líder nacional perante às massas populares etc. Temos, nestes casos, regimes democráticos em que a existência de aspectos bonapartistas, embora lhes forneça configurações particularmente autoritárias, não chega a alterar-lhes seu sentido político fundamental (democrático-burguês) – ou, segundo as palavras de Trotsky (menos ponderadas que as nossas), “toda democracia burguesa tem traços bonapartistas”.¹

Evidentemente, a gradação atingida pelos elementos bonapartistas na composição química desses regimes democrático-burgueses depende sempre do tipo de governo (e, mais precisamente, da linha política implementada por este) que, por períodos maiores ou menores, manuseia o leme do aparelho estatal. Não custa lembrar que tais governos, muitas vezes, também não apresentam naturezas politicamente puras, sendo constituídos por alianças e acordos partidários instáveis e, por conseguinte, marcados por acalorados tensionamentos internos. Talvez por se tratarem da forma política por excelência do Estado capitalista, os regimes democrático-burguês tentam manter sempre sob rebuços ideológicos seus eventuais traços bonapartistas, o que provavelmente explique o porquê daqueles, ainda quando apresentam estes traços em teor elevado, serem comumente definidos apenas como “democracias liberais” – ou, na melhor das hipóteses, como “democracias liberais com Estado forte”.

Já os regimes bonapartistas, via de regra transitórios, costumam mais frequentemente guardar traços provenientes de outras formas de dominação burguesa. Assim, salvo em suas manifestações mais lapidadas, as quais podemos denominar de “clássicas”, o bonapartismo deixa facilmente transparecer seu caráter combinado e por vezes híbrido.

Interessa-nos mais especialmente destacar a existência de um tipo particular de regime bonapartista de natureza combinada, o qual exprime uma arquitetura política particularmente híbrida. Fazemos alusão à uma modalidade (sub-regime) dos “bonapartismos *sui generis*” latino-americanos de Trotsky, na qual o Estado-*árbitro* busca conter a ameaça popular preferencialmente por métodos reformistas, incorporando às massas à esfera política por meio de uma política social que pode ser definida como uma versão periférica (e, portanto, limitada) da social-democracia européia. Desejando obter maior autonomia (política e econômica) em relação ao capital estrangeiro, os governos dessa modalidade bonapartista, sem abdicar da utilização (“moderada”) de expedientes coativos e contando muitas vezes também com uma

¹ Trotsky, León 2000.

estrutura sindical corporativista, levam a cabo uma mobilização controlada das massas populares e, atendendo a algumas de suas demandas básicas, as utilizam como elemento de barganha nas negociações com o imperialismo. Tendo essas massas como um de seus principais sustentáculos político-sociais, esses regimes assumem um caráter “semibonapartista democrático”.

Por fim, consideramos que nunca é demasiado ressaltar que as inúmeras e complexas manifestações históricas referentes aos diversos formatos de regimes e governos decorrem sempre, em última análise, de situações concretas da luta de classes. Por mais que seja usualmente obliterado pelo fetichismo institucionalista que impregna a ciência política atual, é precisamente o confronto político entre os sujeitos sociais que acaba por conferir ao Estado esta ou aquela modalidade de regime, este ou aquele tipo de governo.

Bibliografia:

Gramsci, Antonio 2000-2001. *Cadernos do cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

Marx, K. 1974. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. 2ª edição. Rio de Janeiro.

Trotsky, León 1994. León. *Aonde vai a França?* São Paulo: Desafio.

Trotsky, León 2000 *Escritos Latinoamericanos Escritos latinoamericanos*, 2ª edição. Buenos Aires: CEIP León Trotsky.

As leituras revisionistas da Revolução de 1934 em Espanha. *Fernando Ampudia de Haro*¹

Uma das melhores e mais rápidas maneiras de um historiador se tornar famoso passa pela defesa pública de uma tese escandalosa ou, pelo menos, capaz de gerar polémica. Este foi o caminho escolhido por Pío Moa quando em 1999 publicava *Los orígenes de la Guerra Civil española*. Nas suas páginas, o autor expunha uma tese controversa relativa à identificação da insurreição revolucionária de Outubro de 1934 nas Astúrias (Espanha) com o início da Guerra Civil. Literalmente, Moa (1999: 9) afirmava:

Este libro [*Los orígenes de la Guerra Civil*] trata del movimiento insurreccional de octubre de 1934 y de sus consecuencias. Su tesis básica es que dicha insurrección constituye, literal y rigurosamente, el comienzo de la guerra civil española y no un episodio distinto o un simple precedente de ella. Por tanto, en julio de 1936, sólo se habría reanudado la lucha emprendida 21 meses antes.

No entanto, este parágrafo – que pode surpreender dado que marca uma nova data para o começo da guerra – é só uma pequena amostra da interpretação desse movimento revolucionário que proporciona Moa ao leitor; uma interpretação que, como veremos, vai além do âmbito da historiografia para entrar no terreno da liça partidária como ferramenta de deslegitimação da esquerda política espanhola na actualidade.

Moa é, certamente, um autor prolífico: nos registos da Agência Espanhola do ISBN figuram pelo menos 18 títulos da sua autoria ou direcção publicados entre 1999 e 2010, muitos deles atingindo um considerável volume de vendas atestado por sucessivas e bem sucedidas reedições.² Mais interessante é comprovar como Moa, de modo mais ou menos sofisticado, reproduz nos seus textos as teses clássicas da historiografia oficial franquista, elaborada pelo regime e pelas suas bases sócio-intelectuais de apoio. É neste sentido que se pode falar de uma produção historiográfica revisionista que desde 1999 tem gozado de uma generosa difusão pública através de determinados meios de comunicação e instituições diversas.³ A sua análise não deve limitar-se à sua avaliação em termos de controvérsia intelectual no campo da historiografia. Desta forma, o

¹ Fernando Ampudia de Haro (Madrid, 1975). Licenciado (1998) e doutorado (2004) em Sociologia pela Universidade Complutense de Madrid (UCM). Prémio Extraordinário de Doutoramento da Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia (UCM). Foi professor de Sociologia na Universidade de Salamanca (2006) e na Universidade Pontificia de Comillas-ICADE (Madrid, 2006-2008). Actualmente é investigador de pós-doutoramento (bolseiro FCT - Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Portugal) no Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade Nova de Lisboa e docente no Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA-Lisboa). Especialização e interesses de investigação: sociologia histórica, sociologia política, sociologia das mentalidades, valores e estilos de vida.

² A editorial *La Esfera de los Libros* proporciona os seguintes dados sobre algumas obras do autor: *Los Mitos de la Guerra Civil* conta hoje com 36 reimpressões e mais de 250.000 exemplares vendidos e *Los crímenes de la Guerra Civil* vai, actualmente, pela sua sexta edição. A agência de notícias Europa Press, em 5 de Outubro de 2004, falava em 150.000 exemplares vendidos de *Los Mitos de la Guerra Civil* assim como na permanência deste livro no primeiro lugar da lista dos títulos de não-ficção mais vendidos durante seis meses consecutivos. O autor também possui um blog pessoal vinculado ao jornal on-line *Libertad Digital* (<http://blogs.libertaddigital.com/presente-y-pasado/>) com um significativo grau de participação por parte dos leitores.

³ Para uma síntese desta questão, vd. Muñoz (2007).

fenómeno ficaria reduzido a um debate entre historiadores, que traduziria com dificuldade as suas conexões com outros aspectos que marcam o percurso e a conjuntura social e política espanhola. A tendência revisionista é mais do que uma nova edição dos já velhos, ‘combates pela história’ (Febvre 1970). E é-o porque representa o sintoma de um movimento mais amplo de reconstituição das mentalidades e das culturas políticas da direita espanhola. Em consequência, o fenómeno excede o âmbito historiográfico e entra no campo das representações e dos argumentos legitimadores de uma dada opção ideológica.

O objectivo destas páginas é analisar a leitura que realiza Moa da insurreição revolucionária das Astúrias, assim como as ligações que estabelece entre aquele facto histórico e o comportamento da actual esquerda política espanhola. Essa leitura tem sido utilizada como um meio de deslegitimar a esquerda e como um recurso de legitimação indirecta do regime franquista. Como tal, e para além da veracidade ou falsidade dessas leituras, a interpretação revisionista da Revolução de 1934 é aqui tratada como uma tendência social ligada às transformações socio-políticas operadas em Espanha desde a chegada ao poder do Partido Popular (PP) em 1996 até à vitória do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) em 2004.¹

As Astúrias e a culpabilidade pela Guerra Civil

A historiografia espanhola e estrangeira tem dedicado inúmeras páginas à insurreição de Outubro de 1934. Assim, existem interpretações que salientam factores explicativos diversos: o seu carácter preventivo perante a eventual instauração de um regime autoritário, o mal-estar dos mineiros asturianos face à degradação das suas condições materiais de vida, a vocação revolucionária do PSOE inscrita na sua própria cultura política, ou a influência do contexto político internacional concretizada no avanço da vaga autoritário-fascista europeia seriam alguns dos mais relevantes.² Contudo, a leitura de Moa é essencialmente diferente: através do seu estudo da Revolução de 1934, fala-nos nela para, ao mesmo tempo, fixar as responsabilidades pelo desencadeamento da Guerra Civil. Isto é, a sua interpretação não pode ser desligada de uma outra interpretação mais ampla relativa à culpabilidade das forças políticas que provocaram a conflito. Deste modo, Moa entende que:

a) O golpe de estado de 18 de Julho de 1936 foi um movimento militar necessário perante o carácter revolucionário da esquerda política, a qual era responsável directa pelo clima de insegurança, de instabilidade, de fragmentação social e de violência que presidiu a 2ª República espanhola.³

b) A Guerra Civil foi a resposta inevitável face àquelas tendências revolucionárias dissolventes da ordem social que ameaçavam com a instauração em Espanha de um regime totalitário de esquerda. O início da guerra é marcado em 1934, motivado pelo movimento de revolução e greves alentado por sectores socialistas, anarquistas e comunistas.

¹ Para uma análise mais ampla do fenómeno revisionista em Espanha, vd. Ampudia de Haro (2010).

² Vd. Avilés (2008).

³ “El nuevo régimen [la 2ª República], precisamente, al suscitar un intenso sentimiento de esperanza en soluciones drásticas, pero irreales, provocó decepción y envenenó los problemas año tras año, hasta no dejar otra salida que las armas”; cfr. Moa (1999: 18). “Dada la relación de fuerzas políticas en los años 30, la estabilidad del régimen descansaba en dos grandes partidos no propiamente republicanos: la CEDA y el PSOE. Al decidirse éste por una política revolucionaria, la guerra civil se hizo ya inevitable en 1934”; cfr. Moa (2000: 10).

Com efeito, estes argumentos são basicamente aqueles que o aparelho propagandístico e educativo do regime esgrimiu para fundamentar a sua legitimidade. (Aguilar Fernández 2008: 118-211). Desde o final da guerra até aproximadamente aos anos 60, a versão franquista que via na guerra a luta da ‘Espanha’ contra a ‘Anti-Espanha’, do ‘Bem’ contra o ‘Mal’, da unidade nacional contra o separatismo ou da religião contra o ateísmo, configurou-se como a visão hegemónica. Como tal, a ‘Civilização’ venceu na ‘Cruzada’ contra a ‘Barbárie’, ilustrada na ameaça ‘vermelha’, travada pelo levantamento militar preventivo face ao golpe de estado iminente que preparavam as forças do comunismo (Pérez Ledesma 2006: 102-105; Aguilar Fernández 2008: 212-213). Desde a década de 60, o regime vai incorporar à sua legitimidade de origem – a vitória na guerra - uma outra legitimidade baseada nas suas realizações práticas com vista à modernização do país: as obras públicas, o aumento do nível de vida, os serviços de saúde e de educação ou o crescimento do bem-estar. Embora o discurso épico ligado à ‘Cruzada’ nunca fosse definitivamente abandonado, começa a ser esboçada uma conceptualização da guerra como ‘tragédia colectiva’ que, com a morte de Franco e o processo de transição à democracia, será reformulada como ‘confronto fratricida’: a guerra representava assim o fracasso da convivência entre os espanhóis, do qual eram todos responsáveis. Desta forma, a culpa ficava equitativamente distribuída entre vencedores e vencidos e construía-se um relato ajustado às necessidades de acordo e de reconciliação que exigia a consolidação do regime democrático (Pérez Ledesma 2006: 106; Aguilar Fernández 2008: 215-216). A partir daí, durante os anos 80 e 90, a historiografia desenvolveu um consenso global em torno a três questões (Pérez Ledesma 2006: 112-113):

- a) A causa imediata da guerra foi o golpe de estado dos militares rebeldes, o que provocou a divisão do exército e das forças de segurança pública.
- b) Não existia nenhuma evidência sólida e comprovável do suposto golpe de estado comunista que o franquismo disse ter anulado.
- c) A pesquisa científica devia orientar-se pela procura das causas da guerra, e não pelas suas culpas.

Não obstante, no final dos anos 90, a mudança geracional e os quase trinta anos passados da Transição, fizeram com que se manifestassem diferentes recusas e impugnações do relato da responsabilidade colectiva: como ficção moral foi útil na passagem à democracia, mas agora parecia encobrir uma injustiça histórica que desculpava os autênticos responsáveis em nome da culpabilidade de todos. Neste ponto emergem os textos de Pío Moa numa direcção oposta a essa recusa ou impugnação. Moa regressa à questão da culpa. À pergunta ‘quem é que começou?’ oferece uma resposta unívoca: a esquerda, em 1934, através da greve revolucionária das Astúrias. O autor retoma os postulados básicos das teses franquistas justificando a legitimidade do regime franquista como forma de travar a desordem social e a ameaça revolucionária vividas durante a II República: o perigo de uma revolução, substitui na análise do autor, o argumento tradicional do franquismo que remetia à iminência de um golpe de estado comunista. Em consequência, os acontecimentos de Outubro de 1934 são utilizados por Moa, fundamentalmente, para estabelecer a culpabilidade última da esquerda pela contenda: a insurreição revolucionária faz com que a esquerda seja culpável de quanto veio depois. Mas fixar nessa altura o começo da guerra coloca certas dificuldades para a argumentação do autor. Sem dúvida, a mais intuitiva é aquela que tem a ver com o que, a partir do senso comum, entendemos pela palavra ‘guerra’. É extremamente complicado sustentar a ideia da existência de uma guerra entre Outubro de 1934 e Julho de 1936 quando, como mostram os factos:

a) A insurreição revolucionária durou menos de um mês e esteve localizada numa parte muito limitada do território espanhol.

b) O movimento revolucionário terminou com a derrota total dos seus participantes.

c) Falamos num período de 20 meses com uma actividade política normal; o que inclui o funcionamento dos partidos e dos poderes públicos, a actividade legislativa do parlamento e a convocatória de eleições.

Mais controversas são as consequências desta interpretação quando relacionada com a Lei de Responsabilidades Políticas (LRP) promulgada a 9 de Fevereiro de 1939 pelo bando franquista. Esta declarava desleais, e portanto puníveis, àquelas actividades e pessoas que desde 1 de Outubro de 1934 e antes de Julho de 1936 ‘contribuíram para criar ou agravar a subversão da ordem da qual Espanha foi vítima’. A LRP foi aplicada retroactivamente categorizando como crimes comportamentos e iniciativas políticas que eram perfeitamente legais naquela altura¹. Ora bem: a aberração jurídica da retroactividade ficaria, sem dúvida, relativizada ou mesmo trivializada se, como faz Moa, considerássemos que a guerra começou em 1934. No fundo, de acordo com esta perspectiva, a LRP não seria mais do que a ‘habitual’ legislação aplicada em ‘tempo de guerra’ para travar o inimigo.

Com maior ou menor nível de formalização, os argumentos de Moa, enquanto revitalização das velhas teses franquistas, têm experimentado, como foi dito, um inegável sucesso editorial. Esse sucesso parece estar sustentado pela popularidade do revisionismo em certos sectores conservadores da sociedade espanhola entre os quais se pode encontrar o seu leitor-tipo (Balfour 2008; Gracia 2008): famílias favoráveis ao golpe militar de 18 de Julho, que usufruíram dos privilégios outorgados aos vencedores e que, activa ou passivamente, apoiaram a ditadura; famílias que reactivam hoje a sua admiração pelos avós, tios, pais ou conhecidos que perderam o seu reconhecimento social com a institucionalização da democracia. O revisionismo chega, pois, a este leitor-tipo para restituir uma certa respeitabilidade às biografias familiares da direita espanhola.

Se, como já avancei, limitarmos o fenómeno revisionista à estrita polémica historiográfica, perderíamos muitos elementos de juízo que nos permitiriam avaliar adequadamente tal fenómeno. O facto é que esta polémica não deve ser interpretada como um dado isolado, e sim como uma das possíveis manifestações de um processo todavia mais alargado de mudança no equilíbrio de poder da sociedade espanhola por ocasião da vitória do PP nas eleições gerais do ano 1996 e, de maneira mais acentuada, a partir da sua maioria absoluta em 2000. Existe uma ligação entre a revitalização historiográfica do franquismo e o advento do PP ao poder, que não é causal nem mecânica, mas sim passível de ser explicada.

Um novo equilíbrio de poder

Após o domínio eleitoral do PSOE desde 1982, o ano de 1996 confirma o acesso ao poder do PP, que consolida o seu mandato atingindo em 2000 a maioria absoluta no parlamento. Espanha viveu assim uma reorganização do seu mapa político logo a seguir aos 14 anos do poder socialista. Configurou-se um novo equilíbrio de poder que trouxe associadas valorizações e representações mentais específicas ligadas a esta mudança por

¹ Em Outubro de 1941 havia já 125.286 processos instaurados e foram abertos mais 200.000 até 13 de Abril de 1945, quando a LRP foi revogada. Desde essa data não houve mais processos novos, embora os que já estavam activos continuassem a decorrer até 10 de Novembro de 1966.

parte dos grupos sociais favoráveis ao novo equilíbrio, ou identificados ideológica e afectivamente com o PP. O novo equilíbrio aparece relacionado com um movimento intelectual e cultural que, num sentido lato, visava revigorar uma atitude de cariz liberal-conservador mobilizando para tal diferentes recursos retórico-ideológicos (Muñoz 2007: 147-160). Tal movimento pretendia a reconstrução da trajectória histórica da direita política espanhola como um meio de obtenção de uma legitimidade acrescentada à já conferida pelo voto e pela vitória eleitoral. Este exercício de reconstrução implicava a elaboração de uma história da direita espanhola capaz de conectar o presente com o passado de modo coerente, incidindo na sua vertente democrática, negociadora e moderada. Tratava-se de uma operação em prol de um *plus* de legitimidade vinculado à descrição dessa trajectória, assim como de uma tentativa de rearmamento ideológico e doutrinal. A esse respeito, a legitimidade derivada de um impecável percurso histórico rastreou-se na Restauração e no Canovismo, na figura de Manuel Azaña durante a 2ª República e no legado da União de Centro Democrático (UCD) na fase da transição para a democracia. Não obstante, a operação tornava-se extremamente complicada no que concerne ao período histórico da Guerra Civil e da ditadura franquista; um período que viu a direita participar em concepções, cosmovisões e mentalidades autoritárias, intolerantes, repressivas e notoriamente reaccionárias. Semelhantes dificuldades foram resolvidas mais com o recurso à caracterização negativa da esquerda do que mediante a análise crítica da actuação da direita política no período referido. Assim, foram salientadas as condutas anti-democráticas dessa esquerda na 2ª República, os seus vínculos com o estalinismo soviético, os seus planos para a implantação de sistemas socialistas em Espanha ou os seus laços com o terrorismo de ETA nos anos 60 e 70. A ênfase na tradição anti-democrática da esquerda espanhola constituiu um veículo preferencial para afirmar a auto-definição democrática da direita: se o opositor não era democrata, então seria a direita a representar a autêntica linha da democracia espanhola.

Em todo o caso, a assunção destas teses ou a atenção que se lhes presta não nasce tanto da sua consideração em termos historiográficos, como da sua utilização enquanto ferramenta retórica ao serviço da liça política. Deste modo, os supostos teóricos revisionistas, unindo o passado e o presente históricos, fixariam uma continuidade ideológica entre a esquerda política dos anos 30 e a actual esquerda política espanhola. De acordo com esta continuidade no comportamento, nas atitudes, nas práticas e na ideologia seria factível afirmar, tal e como faz Moa, que

a) a esquerda espanhola está historicamente vinculada ao fomento da instabilidade social. As seguintes palavras são uma boa amostra disso:

Así, tan pronto las izquierdas perdieron el poder en 1996, hicieron del ambiente social previamente creado en torno a la República y la guerra un arma para acorralar a las derechas: en definitiva, éstas eran las herederas de aquellos fascistas que habían destruido la maravillosa República y asesinado a tantos de sus preclaros defensores [...] Ese relato de la derecha permitió que, en ocasiones como la marea negra del ‘Prestige’ y sobre todo la guerra para derrocar a Sadam Hussein, calara fácilmente entre millones de personas la propaganda izquierdista y separatista que pintaba al gobierno de Aznar como despreciativo de los intereses del ‘pueblo’, belicista, pro-imperialista y ‘asesino’.¹

¹ Moa (2005: 186).

b) a esquerda espanhola, substancialmente, não possui uma autêntica trajetória política democrática. Encontramos uma nova amostra nas duas próximas citações:

No existe hoy ningún partido de izquierda que apoye o respete la democracia liberal.¹

La actual situación política española puede definirse así: un proceso de destrucción de la Constitución, y con ella de la democracia y la unidad española, por la alianza entre terroristas, separatistas y un gobierno que, por ese mismo hecho, se convierte en golpista e ilegal.²

Independentemente do seu valor historiográfico, as teses revisionistas são empregues como meio de deslegitimação do competidor político em virtude do seu passado revolucionário e destabilizador. É a ligação passado-presente que permite argumentar que a essência da esquerda não mudou desde os anos 30, facto que conduz à fixação de uma dicotomia direita-esquerda que nega a eventualidade da mudança ideológica, mental e comportamental; e que vai elaborar uma analogia entre a Espanha dos 30 e a Espanha dos 80 e 90, incluindo, por extensão, a Espanha de 2004 até hoje. Isto é, uma analogia focada naqueles períodos históricos em que a esquerda manteve uma notável presença, quer no poder, quer ao nível do protagonismo político. A ligação entre o passado e o presente permite identificar a potencial ameaça da esquerda sobre a sociedade. Uma vez mais, as palavras de Pío Moa podem ilustrar tal circunstância: ‘En dos palabras, asistimos a la reedición de la vieja alianza entre las izquierdas, los separatismos y el terrorismo. Si de algo sirve el conocimiento de la Historia, debe hacérsenos evidente que nos hallamos de nuevo ante un peligro muy serio’.³

Conclusão

Em síntese, o revisionismo conta como recurso retórico-ideológico próprio do confronto político, cumprindo ora uma função deslegitimadora da esquerda, ora uma função legitimadora da direita. A historiografia revisionista outorgaria validade científica à analogia entre a Espanha dos 30 e a Espanha socialista dos 80 e 90, novamente reeditada em 2004. Se aquela Espanha da 2ª República caiu, a actual encontrar-se-ia à beira do colapso devido à lassidão moral reinante – lei de casamento de pessoas do mesmo sexo -, à ofensiva contra a Igreja católica – ameaças de revisão da Concordata, eliminação da religião do ensino secundário -, à promoção do separatismo – coligações com partidos nacionalistas ou independentistas - ou à tomada ilegal e conspirativa do poder – supostas ligações do PSOE com o islamismo terrorista nos atentados do 11-M em Madrid⁴ e afinidades políticas entre o PSOE e a organização

¹ Moa (2008: 20).

² Moa (2008: 35).

³ Moa (2005: 188).

⁴ Pío Moa, agora na sua vertente de comentador político, estabelece essa relação através do conceito de conspiração: “El golpista Zapo [José Luis Rodríguez Zapatero] ha vuelto a explotar la guerra de Irak para desviar la atención de sus chanchullos con los terroristas y de la conspiración del 11-M. Pues claro que hubo conspiración, la hay detrás de todo atentado. El lenguaje pervertido de los liberticidas pretende estigmatizar con esa palabra a quienes buscan la verdad. La cuestión radica en saber quiénes conspiraban y en qué grado. Y varios indicios apuntan al propio PSOE, gran beneficiario y premiado de la matanza.”,

terrorista Euskadi Ta Askatasuna (ETA).¹ A teórica cientificidade das teses revisionistas possibilita a construção de uma ponte intemporal entre o passado e o presente, circunstância esta que permitiria falar, como já aconteceu na legislatura 2004-2008, na ‘ruptura de Espanha’², no ‘doutrinação socialista nas escolas’³, no ‘golpe de Estado da esquerda’⁴, no ‘ataque à Igreja católica’⁵ ou no ‘clima de desforra’ a propósito da Lei da Memória Histórica.⁶

Lista de abreviaturas

PSOE	Partido Socialistas Operário Espanhol
PP	Partido Popular
LRP	Lei de Responsabilidades Políticas
UCD	União de Centro Democrático
ETA	Pátria Basca e Liberdade
CONCAPA	Confederação Católica Nacional de Pais de Família e Pais de Alunos

Pío Moa, *Libertad Digital*, “Conspiración y golpismo”, 22/10/2006.

¹ Angel Acebes, ex-ministro da Administração Interna e secretário-geral do PP, afirmava, segundo o jornal *El País* (5/06/2006), após uma reunião do Comité de Direcção do PP: “El proyecto de Zapatero es el proyecto de ETA”.

² José Maria Aznar, ex-Primeiro Ministro entre 1996 e 2004, afirmava – segundo o jornal *El País* (7/10/2005) – por ocasião da sua intervenção no Fórum Mundial da Negociação celebrado no México, que José Luis Rodríguez Zapatero tinha levado a Espanha, em pouco menos de um ano, “al borde del abismo” e que o país corria, quer o risco “de desintegración y de balcanización”, quer o risco “de volver a las andadas”. É interessante esta última expressão, “volver a las andadas”, talvez desconhecida para o leitor português, que remete para a ideia de reincidir nos erros do passado e que aqui bem pode funcionar como referência implícita aos tempos mais convulsos e conflituosos da história recente de Espanha.

³ O porta-voz de Educação do PP no Congreso dos Deputados, Eugenio Nasarre, afirmava que a disciplina “Educação para a Cidadania”, que o governo pensava introduzir no ensino secundário possuía “un grave riesgo de adoctrinamiento”. Luis Carbonell, presidente da CONCAPA (Confederação Católica Nacional de Pais de Família e Pais de Alunos) apresentou, como medidas contrárias a esta disciplina, a objecção de consciência, a não frequência das aulas e a apresentação de processos judiciais contra o Estado. Qualificou também de “inadmisibile y fascista” a pretensão estatal de educar os alunos como se fossem os seus filhos: “El Estado no es dueño del corral”, concluía Carbonell. Jornal *ABC*, 8/6/2006.

⁴ Federico Jiménez Losantos qualificava a vitória do PSOE em 2000 como “golpe de Estado político-mediático”. Citado em Muñoz (2007: 152).

⁵ No jornal *Libertad Digital*, José Luis Restán expressava-se assim: “Días de furia. Vuelan los insultos contra los obispos y saltan las amenazas, del chascarrillo a la impostada solemnidad [...] Desde todos los rincones se entona una especie de ‘¡No Pasarán!’ con sabor a trinchera muy antigua, casi olvidada [...] El PSOE concluye la legislatura con un estrambote que resume perfectamente su política de los últimos cuatro años: la ruptura y la exclusión. El problema radica en la decisión, ya desembozada, de sacar a la Iglesia de la vida pública española, algo que late como un tumor en el programa oculto de una izquierda sectaria que finalmente se ha alzado con el dominio en el PSOE de Zapatero”. José Luis Restán, “Cruzada del PSOE contra los obispos. Lo que Zapatero no puede impedir”, *Libertad Digital* (Suplementos: Iglesia), 6/2/2008.

⁶ José Maria Aznar, ex-Primeiro Ministro, segundo o jornal *El Periódico* (6/5/2007), acusava José Luis Rodríguez Zapatero durante uma visita a Ceuta e a propósito da proposta socialista sobre a Lei da Memória Histórica de “obsesión con la revancha” e da pretensão de “remover tumbas”.

Bibliografía

Ampudia de Haro, Fernando 2010, “Uma aproximação ao fenómeno revisionista em Espanha: o caso Pío Moa”, *Ler História*, n.º 58, pp. 203-224.

Avilés, Juan 2008, “Los socialistas y la insurrección de octubre de 1934”, *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, no 20, pp. 129-157.

Aguilar Fernández, Paloma 2008, *Políticas de la memoria y memorias de la política*. Madrid, Alianza.

Balfour, Sebastian 2008, “The concept of historical revisionism: Spain since the 1930s”, *International Journal of Iberian Studies*, vol. 21, n.º 3, pp. 179-186.

Febvre, Lucien 1970, *Combates por la historia*, Barcelona, Ariel.

Gracia, Jordi 2008, “Revisionism, a necessary evil”, *Journal of Iberian Studies*, vol. 21, n.º 3, pp. 247-262.

Moa, Pío 1999: *Los orígenes de la Guerra Civil española*, Madrid, Encuentro.

Moa, Pío 2000, *Los personajes de la República vistos por ellos mismos* (Vol.2), Madrid, Encuentro.

Moa, Pío 2005, *1936. El asalto final a la República*, Barcelona, Áltera.

Moa, Pío 2008, *Falacias de la izquierda, silencios de la derecha*, Madrid, Libros Libres.

Muñoz, Javier 2007, “Sin complejos: las nuevas derechas españolas y sus intelectuales”, *Historia y Política*, n.º 18, 129-164.

Pérez Ledesma, Manuel 2006, “La Guerra Civil y la historiografía: no fue posible el acuerdo” in *Memoria de la guerra y del franquismo*, dir. S. Juliá, Madrid, Taurus / Fundación Pablo Iglesias

Drogas e política no século XX. *Henrique Carneiro*

A segunda metade do século XX e o início do XXI vêm sendo marcados por uma guerra mundial que potencializa de forma inédita o índice de encarceramentos, de tráfico de armas e de obtenção de rendas financeiras. Essa guerra, mantida por um sistema institucional diplomático, jurídico, policial e militar internacional, chamada abstratamente de “guerra contra as drogas”, não combate coisas, mas pessoas, que usam, produzem ou comercializam certas substâncias.

O regime atual do proibicionismo representa a continuidade de uma política cujos resultados vêm se evidenciando fracassados desde o experimento da “lei seca” nos Estados Unidos (1920-1933). O álcool e o tabaco foram legalizados após a crise de 1929 e a consequente eleição de Roosevelt, mas, por outro lado, se perseguiu cada vez mais algumas das drogas mais tradicionais do mundo (derivados de Cannabis, papoula e coca) numa interdição que criou um mercado paralelo altamente rentável, cujo tráfico combinado de armas e drogas abrange praticamente todos os conflitos militares, servindo de fonte paralela de recursos e armas.

Os fundamentos do proibicionismo pressupõem um modelo de abstinência compulsória e são destituídos de paralelo com a maioria das sociedades humanas que buscaram gerir com modelos de temperança o consumo de álcool e outras drogas. A escolha das substâncias permitidas e das consideradas ilícitas não tem base científica e é utilizada como mecanismo de controle geopolítico imperial.

O conceito contemporâneo de “drogas” é objeto de uma intensa exploração política baseada em desinformações propositais que manipulam tabus e sentidos comuns. A própria escolha das substâncias assim definidas já define um campo conceitual destituído de base científica, mas fundado num paradigma jurídico imperialista internacional que lista algumas plantas de uso tradicional milenar e exige sua “erradicação” enquanto outras substâncias com patentes farmacêuticas, bebidas ou cigarros são estimuladas com propaganda e outros meios insidiosos.¹

Não se costuma supor o tabaco e o álcool incluídos quando se mencionam “drogas”, mas estas duas são as mais daninhas e perigosas (segundo a OMS o tabaco matou 500 milhões de pessoas no século XX). Outras, sem nenhuma letalidade e com múltiplos usos terapêuticos como a maconha, são condenadas à ilegalidade. As drogas mais comuns e que mais causam mortes e dependências, que são as da indústria farmacêutica, tampouco costumam ser mencionadas quando se fala do “problema das drogas”.

As drogas psicoativas são produtos da cultura humana com uso nas mais diversas épocas e civilizações, se constituindo como universais culturais, com usos recreativos, terapêuticos, extáticos, festivos, celebrativos, etc. Tanto bebidas alcoólicas como outras drogas tiveram na maior parte das sociedades um uso controlado e tradicional, o uso abusivo ou problemático em geral representando um fenômeno minoritário. O papel predominantemente integrador do uso do álcool e das drogas é uma evidência dos estudos históricos, sociológicos e antropológicos².

¹ Antonio Escohotado, *Historia General de las Drogas* (Madri, Espasa, 2004, 6ª Ed.) e Thomas Szasz, *Ceremonial Chemistry* (NY, Anchor Press/Doubleday, 1974). Ver também Henrique Carneiro, *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna* (SP, Senac, 2010) e B. Labate *et alli*, *Drogas e cultura: novas perspectivas* (Salvador, Edufba, 2008).

² Vide F. Braudel, *Civilização material e capitalismo* (Lisboa, Cosmos, 1970), Mary Douglas, *Constructive Drinking: Perspectives on Drink from Anthropology* (NY/Paris, Cambridge University Press/Maison des Sciences de l'Homme, 1991) e D. Heath, “A Decade of Development in the

Os usos destrutivos também existem em diferentes graus em todas as drogas. A mercantilização moderna não só tornou acessíveis os produtos de todo o globo como incitou a um consumo excessivo de todas as mercadorias, ampliando efeitos do uso descontrolado do álcool e de outras drogas. Esses usos também representam formas de fuga e amenização do sofrimento humano, crescente na época contemporânea. São, contudo, uma faceta parcial do uso de drogas. No que se refere ao álcool, por exemplo, há uma estimativa de em torno de 12% da população com vulnerabilidade para o uso crônico e dependente. A maior parte das populações, em geral, alcança padrões integradores do beber social. Outras substâncias possuem potenciais de risco diferentes. O da maconha, por exemplo, é mínimo. Os do tabaco e o do *crack* são muito altos. Para estes casos de uso dependente ou abusivo, as políticas de saúde pública de “redução de danos” têm obtido resultados que a simples defesa fundamentalista da abstinência não é capaz de alcançar¹.

A busca de drogas psicoativas para fins de alteração da consciência, tanto na esfera cognitiva, perceptiva, emotiva ou afetiva, é uma necessidade humana surgida em fases pré-históricas da coleta que discriminou produtos da flora e aprendeu processos de fabricação, como a fermentação alcoólica, com a finalidade de obter técnicas de modificação do estado mental no sentido da sedação, da excitação ou do êxtase.²

A partir do capitalismo, as substâncias psicoativas se tornaram alguns dos principais produtos na formação do sistema mercantilista e do mercado mundial. As especiarias, o álcool destilado, o tabaco, o chocolate, o chá, o café, o ópio e o açúcar foram alguns desses produtos, numa esfera que se denominou “alimentos-drogas”³, que ampliaram sua importância econômica comercial e, especialmente fiscal, pois, a partir deles, os Estados modernos arrecadaram (e ainda o fazem) parte de seus orçamentos a partir de impostos e taxas.⁴

A assimilação ou perseguição a diferentes drogas de origens diversas na cultura moderna do sistema mundial estabelecido a partir de um domínio europeu do mundo obedeceu a razões ligadas a seus efeitos específicos e sua utilidade ou não para as demandas de aumento do desempenho laboral e da vigília, assim, excitantes, como as bebidas cafeínicas, e sedativos como o ópio se tornaram substâncias centrais na revolução industrial. Da mesma forma, o tabaco foi útil para o trabalho e a concentração intelectual.⁵

Os chamados alucinógenos (ou *enteógenos*, termo proposto por R. Gordon Wasson e outros em 1979), drogas sagradas em muitas sociedades indígenas, tais como certos cactos, cogumelos, flores e cipós, foram perseguidos pelo cristianismo por motivos religiosos. Seus efeitos de êxtase, embora praticamente sem danos fisiológicos, levaram a que fossem amaldiçoadas e violentamente reprimidas, especialmente nas Américas, mas também no contexto da caça às bruxas na Europa⁶.

Anthropological Studies of Alcohol Use 1970-1980” in Mary Douglas (op.cit.).

¹ Sérgio D. Seibel (org.), *Dependência de Drogas* (SP, Atheneu, 2010, 2ª Ed.).

² Richard Rudgley, *Essential Substances: a Cultural History of Intoxicants in Society* (NY, Kodansha, 1994).

³ Sidney Mintz, *Sweetness and Power. The place of sugar in modern history* (N. York, Viking, 1985).

⁴ D. Courtwright, *Forces of Habit. Drugs and the Making of the Modern World* (Harvard University Press, 2001).

⁵ W. Schivelbusch, *Histoire des stimulants* (Mayenne, Le Promeneur, 1991).

⁶ R. Gordon Wasson et al, *La búsqueda de Perséfone. Los enteógenos y los orígenes de la religión* (México, FCE, 1992).

A maconha, um enteógeno leve, com uso milenar tanto para fins psicoativos e terapêuticos, como para usos econômicos na produção de óleo e fibra para tecido, cordas, velas e papel (o que faz dela uma das mais importantes do mundo, especialmente para a indústria naval e editorial), também teve seu uso sagrado, identificado com o hinduísmo, o budismo e vertentes sufistas do islamismo, perseguido pela Europa moderna e depois estigmatizado como práticas de populações extra-européias (africanos no Brasil, indianos no Caribe, mexicanos no EUA, árabes na Europa)¹. Um exemplo marcante na cultura indígena e amazônica é o uso da ayahuasca, que se institucionalizou nos cultos do Santo Daime².

Podemos, *grosso modo*, identificar na circulação das drogas uma fase mercantilista, com monopólios e companhias privilegiadas, entre os séculos XVI e XVIII, uma fase de “livre comércio” imperial britânico combinado com monopólios na produção de ópio e de fármacos industriais puros no XIX e, desde o início do século XX, a fase do proibicionismo das três grandes plantas milenares (coca, papoula e cânhamo) associado ao novo impulso da indústria farmacêutica e aos grandes oligopólios do tabaco e do álcool.

No século XIX, a Inglaterra, principal potência comercial e industrial do mundo, impôs o seu domínio sobre esse lucrativo comércio, especialmente no contexto das duas guerras do ópio (1839-42 e 1856-60)³. Uma parte do comércio de ópio daquela época ocorria com a importação européia do produto turco, pois o ópio era o principal remédio usado na farmacopéia ocidental, mas foi o uso do ópio indiano como moeda de troca na obtenção do chá chinês que levou aos dois conflitos que marcaram a derrota chinesa diante do imperialismo europeu. Marx, analisando o assunto em artigos no *New York Daily Tribune*, reconhecendo que “os chineses renunciarem ao uso do ópio é tão provável como ver os alemães absterem-se de fumar tabaco” (14/06/1853) sugeriu o que viria a se tornar realidade meio século depois: “se o governo chinês legalizasse o comércio de ópio, tolerando simultaneamente o cultivo de papoula na China, o tesouro público anglo-indiano sofreria uma séria catástrofe” (25/07/1858), mostrando que o *free trade* britânico era acompanhado do monopólio da produção. No início do século XX, o novo imperialismo norte-americano começou a impor uma política de controle internacional que se tornou um dos emblemas do século XX: o proibicionismo.

O proibicionismo é um produto da confluência de múltiplas forças e interesses sociais. O sentimento de reforma moral, o puritanismo religioso, o produtivismo fordista, a xenofobia imperialista foram todos significativos. Mas um aspecto foi central: o interesse econômico, industrial e científico de controle de fontes de matérias-primas de novas drogas valiosas em termos médicos e comerciais.

Os Estados Unidos foram os responsáveis pelo complexo de tratados internacionais que foi tecido e implementado desde a primeira conferência de Xangai sobre o ópio de 1909, passando pelo Convênio de Haia de 1912 até chegar à Convenção Única de 1961, revista em 1971, quando Nixon lança a “guerra contra as drogas”, cria a DEA (Drug Enforcement Agency) e desenvolve uma escalada de verbas e agências nacionais e internacionais⁴.

¹ A. Henman e O. Pessoa Jr., *Diamba Sarabamba*. Coletânea de textos brasileiros sobre a maconha, (SP, Ground, 1986).

² B. Labate e W. S. Araújo, *O uso ritual da ayahuasca* (Campinas, Mercado de Letras, 2002).

³ M. Seefeldler, *Oppio. Storia di una droga dagli Egizi a oggi*, Milão, Garzanti, 1990.

⁴ Thiago Rodrigues, *Política e drogas na América Latina* (SP, EDUC, 2004).

A indústria farmacêutica, no século XIX, isolou os princípios ativos das principais drogas. Nessa fase, tanto o álcool destilado (cujo consumo de massas começou no século XVII) como as outras drogas psicoativas passaram a ter um aumento do consumo, em parte devido aos esforços publicitários (a história da publicidade começa exatamente com esses produtos), e inúmeros tônicos, elixires e xaropes foram lançados, o mais conhecido dos quais se tornou a Coca-Cola. Princípios ativos, como a morfina, a cocaína, a cafeína e muitos outros se tornaram produtos da florescente indústria fármaco-química (especialmente alemã e suíça). Os países produtores das matérias-primas e dos saberes indígenas originais não receberam nada, enquanto empresas européias transferiram o cultivo das plantas para outras áreas sob seu controle. Um exemplo é o da cocaína, o laboratório alemão Merck e empresas holandesas se associaram, cultivaram coca em Java (o maior produtor mundial em toda primeira metade do século XX), na Indonésia e a industrializaram na Holanda e Alemanha. Os países andinos não tiveram nem a renda de seu plantio tradicional nem a implantação de indústrias beneficiadoras.

Os Estados Unidos com sua campanha pelo controle internacional do ópio, e depois da coca e *Cannabis*, visava inicialmente combater a concorrência européia, especialmente dos laboratórios alemães e expressava também uma atitude puritana e abstinente que também atacava o álcool e o tabaco. A coincidência de muitos interesses fez da política proibicionista de certas drogas uma característica marcante do discurso político republicano e conservador religioso nos EUA.

O proibicionismo serviu tanto a propósitos de controle geopolítico de matérias-primas básicas da indústria farmacêutica como a uma demanda política e cultural puritana industrial que exigia a proibição das drogas com fins de controle social, incluindo as bebidas alcoólicas e o tabaco. O fordismo foi uma das demandas centrais pelo proibicionismo alcoólico estadunidense como bem analisou Antonio Gramsci em *Americanismo e Fordismo*¹, como parte da política industrial de controle da vida privada da mão-de-obra. O proibicionismo e o puritanismo buscavam o controle do consumo de álcool e da vida sexual como uma condição indispensável do novo modelo de organização do trabalho. Certas manifestações do *taylorismo* confundiam-se com a racionalização em geral do trabalho na época industrial, e exigiam também a regulamentação sexual e comportamental dos trabalhadores: “Deve-se destacar o relevo com que os industriais (especialmente Ford) se interessaram pelas relações sexuais dos seus dependentes e pela acomodação de suas famílias; a aparência de “puritanismo” assumida por este interesse (como no caso do proibicionismo) não deve levar a avaliações erradas; a verdade é que não é possível desenvolver o novo tipo de homem solicitado pela racionalização da produção e do trabalho, enquanto o instinto sexual não for absolutamente regulamentado, não for também ele racionalizado.”²

O sexo e a droga, no caso o álcool, eram os principais prazeres a serem contidos pela coerção industrial, interessada no aproveitamento máximo do trabalho do trabalhador. Os novos métodos de trabalho exigem “disciplina dos instintos sexuais”, “regulamentação e a estabilidade das relações sexuais”. Gramsci escreve que “os novos métodos de trabalho estão indissociavelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro. Na América, a racionalização do trabalho e o proibicionismo estão indubitavelmente ligados; os inquéritos dos industriais sobre a vida íntima dos

¹ A. Gramsci, *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976).

² *Ibidem*, p.392.

operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a “moralidade” dos operários são necessidades do novo método de trabalho.”¹

A campanha impulsionada pelas organizações religiosas e pelo Partido da Proibição desde o século XIX, que havia imposto, em 1919, uma emenda à constituição norte-americana para proibir o álcool, era parte de um movimento mais amplo de disciplinamento cultural da classe trabalhadora: “o proibicionismo, que nos Estados Unidos era uma condição necessária para aperfeiçoar o novo tipo de trabalhador conforme a uma indústria fordizada.”²

O trabalhador não deveria desperdiçar sua capacidade produtiva em excessos, essa é a razão última, para Gramsci, da política repressiva do puritanismo: “Percebe-se claramente que o novo industrialismo pretende a monogamia, exige que o homem trabalhador não desperdice as suas energias nervosas na procura desordenada e excitante da satisfação sexual ocasional: o operário que vai ao trabalho depois de uma noite de “desvarios” não é um bom trabalhador, a exaltação passional não está de acordo com os movimentos cronometrados dos gestos produtivos ligados aos mais perfeitos processos de automação”.

O controle da vida sexual se integra ao controle do consumo alcoólico, ambas as medidas consideradas por Gramsci como necessárias para o Estado capitalista, diante do agravamento da crise do desemprego: “Eis então a luta contra o álcool, o mais perigoso agente de destruição das forças de trabalho, a se tornar função do Estado. É possível que também outras lutas “puritanas” passem a ser função do Estado, se a iniciativa privada dos industriais parecer insuficiente, ou se se desencadear uma crise de moralidade bastante profunda entre as massas trabalhadoras, o que poderia ocorrer em consequência de uma longa e ampla crise de desemprego. Ligado ao álcool está o problema sexual: o abuso e a irregularidade das funções sexuais é, depois do alcoolismo, o inimigo mais poderoso das energias nervosas, e observa-se comumente que o trabalho ‘obsessivo’ provoca depravação alcoólica e sexual”³.

No movimento socialista europeu o debate sobre o papel do álcool na vida operária dividiu opiniões, alguns como o austríaco Victor Adler, defendiam uma atitude completamente contrária ao álcool em geral, outros como Karl Kautsky e Friedrich Engels, embora reconhecendo os males causados à saúde pelo consumo excessivo, não condenavam o uso moderado, especialmente de cerveja e vinho, ao contrário, valorizavam esse espaço social como o único que permitia não só o lazer como até mesmo a atividade política e sindical com um lugar privilegiado no interior das tavernas e cervejarias⁴. Por outro lado, setores do movimento operário e sindical, especialmente entre as mulheres, defenderam a proibição do álcool, como ocorreu com o escritor socialista estadunidense Jack London que relatou sua vivência pessoal com as bebidas em seu livro *John Barleycorn (Memórias alcoólicas)*, publicado em 1913. Marx bebia vinho moderadamente, mas era um fumante inveterado. Segundo os relatos biográficos escritos pelo líder socialista alemão Wilhelm Liebknecht, “Marx era um fumador entusiasta, até mesmo apaixonado. Como em tudo o mais que fazia ao fumar era desenfreado. Já que o tabaco inglês era demasiado caro para ele, cada vez que podia comprava charutos dos quais mascava a metade, para acentuar o prazer ou para duplicá-lo. No entanto, como os charutos eram muito caros na Inglaterra de então, sempre estava em busca de charutos baratos. Pode-se imaginar facilmente os charutos que

¹ Ibidem, p. 396.

² Ibidem, p. 376.

³ Ibidem, p. 398.

⁴ Apud W. Schivelbusch, op. cit.

fumava! Todos eles da variedade dos “baratos e ruins”, razão pela qual todos os seus amigos temiam aos charutos que fumava.”¹

O resultado do proibicionismo do século XX foi a criação de circuitos de hiperacumulação de capital. Tal política teve resultados totalmente contrários ao pretendido por parte de seus proponentes. Ao invés de diminuir, aumentou o volume e a renda da produção e do comércio de drogas, seja o álcool nos EUA ou o ópio na Ásia. Criou uma enorme agregação de valor a estes produtos, que fizeram deles os de maior escalada de ganhos na economia contemporânea, com o preço final milhares de vezes mais alto que o custo de produção bruto da matéria-prima. E tornou seus comerciantes clandestinos extremamente poderosos projetando as máfias do crime organizado como novos setores da burguesia imperialista, gerando capitais de ordem especulativa que vem se tornando um dos mais importantes fluxos de dinheiro nos mercados negros, associando-se umbilicalmente com o tráfico de armas. Ao mesmo tempo em que se proibia cada vez mais as drogas no interior dos EUA, suas agências militares usavam cada vez mais aliados e rendas do tráfico de drogas (no segundo pós-guerra os remanescentes do Kuomintang chinês na Birmânia, a Máfia italiana na Sicília e a corsa em Marselha, e na guerra do Vietnã os traficantes locais e do Laos)².

Como analisou Alain Labrousse³, todos os 36 conflitos armados que ele listou desde a queda do muro de Berlim em 1989, foram totalmente ou em parte financiados pelo dinheiro da droga. Os próprios serviços secretos usam essa fonte de financiamento fora dos orçamentos oficiais dos estados como o seu principal “caixa 2”, assim a CIA envolveu-se no tráfico de ópio no “triângulo dourado” no pós-guerra, depois no Vietnã, mais recentemente, na América Central, como ficou público com o escândalo Irã/Contras de Oliver North. Em Cuba, esse envolvimento foi utilizado para destruir um setor oposicionista em 1989, com o fuzilamento do general Arnaldo Ochoa, entre outros.

O aproveitamento do capital gerado pelos “narcodólares” ou “narcoeuros” é ecumênico, todos os lados usam a cornucópia do dinheiro da droga, que alimenta e prolonga conflitos, da Colômbia à Birmânia, do Kosovo ao Afeganistão (onde quase metade do PIB é devido a drogas). Essa relação da droga com a guerra também contamina o interior das sociedades onde surge uma guerra interna de narcotraficantes e serviços policiais disputando as rendas do negócio, provocando uma hipertrofia de violência em lugares como o México ou o Rio de Janeiro. O aumento do poder das polícias e a detenção crescente de prisioneiros por crimes ligados às drogas fazem da guerra contra as drogas a que mais criou prisioneiros (cerca de metade da população carcerária estadunidense).

Os gastos do programa estadunidense de combate as drogas já alcançaram mais de um trilhão de dólares e não houve nenhuma redução efetiva, exatamente porque se tornou um dos negócios mais rentáveis do mundo, cujos beneficiários, tanto policiais repressores como traficantes, não tem o menor interesse em ver reduzido. O movimento financeiro de cerca de 400 bilhões de dólares/ano seria equivalente a metade de todo o mercado farmacêutico global. O que cria o hipervalor das drogas ilícitas é a sua proibição gerando uma forma de acumulação de capital parasitária e predatória.

As drogas psicoativas lícitas farmacêuticas também são fonte de enorme especulação, indução publicitária de consumo compulsivo. E as drogas lícitas recreativas, como o álcool, o tabaco ou o café, também são, acima de todas as demais, a

¹ Apud G. Cabrera Infante, *Puro Humo*, Madri, Alfaguara, 2000, p. 290.

² A. McCoy, *La politique de l'héroïne en Asie du Sud-Est* (Paris, Flammarion, 1980).

³ A. Labrousse, *Geopolítica das drogas* (SP, Desatino, 2010).

maior fonte de rendas, de indução de usos dependentes e excessivos e de geração de processos de oligopolização e formação de trustes. No caso da indústria do tabaco, observa-se um processo de fusões com o setor de alimentos. As farmacêuticas se tornam híbridas das multinacionais produtoras de venenos, que passam a controlar toda a cadeia produtiva alimentar ao patentear sementes transgênicas.

O circuito das substâncias lícitas de uso recreacional, como o tabaco, as bebidas alcoólicas e cafeínicas, é regido pela legalidade trazendo assim problemas relacionados ao uso abusivo ou excessivo e seus efeitos sociais, mas não uma violência intrínseca.

O circuito que mais notável nas últimas décadas, entretanto, foi das substâncias da indústria psicofarmacêutica. Desenvolvido especialmente a partir do segundo pós-guerra, é o mais rentável e o que mais tem crescido: é o de circulação mais volumosa, com maior número de consumidores e com o maior faturamento. Seus grandes fundamentos são o sistema de patentes, o monopólio médico da prescrição, um mercado publicitário dirigido para quem toma a droga mas também corruptor de quem a ministra (laboratórios que convencem médicos a receitarem os seus produtos). Sua outra contrapartida indispensável é a proibição concomitante do uso de diversas plantas psicoativas de uso tradicional que também podem ter funções psicoterapêuticas em medicinas tradicionais tais como a canábis, a papoula e a coca, que passaram a ser substituídas por pílulas farmacêuticas que oferecem novos “remédios” para as mais diferentes esferas comportamentais criando novas supostas doenças que justifiquem novas drogas específicas¹. O maior número de usuários e dependentes de drogas na sociedade contemporânea são os consumidores de produtos da indústria farmacêutica. As drogas de farmácia também têm usos variados que podem, como todas, ser benéficos ou nocivos, equilibrados ou abusivos.

O movimento social dos produtores e consumidores de drogas ilícitas, por outro lado, vem protagonizando lutas e reivindicando direitos. A luta antiproibicionista vem se tornando um movimento social internacional. De um lado, ativistas pela legalização da maconha e de outras drogas realizam marchas em centenas de cidades, em muitas com dezenas de milhares de pessoas. No Brasil, apesar de proibições judiciais em muitas cidades as marchas também crescem. No âmbito do movimento da saúde pública, aprofunda-se uma opinião majoritária favorável à concepção chamada de “redução de danos” em oposição às exigências da abstinência como a atitude ideal. Populações camponesas, produtoras de matérias-primas, também se manifestam defendendo seus cultivos tradicionais, como é o caso dos *cocaleros* nos Andes, ou dos produtores de *Cannabis* do Marrocos (onde cerca de 800 mil pessoas vivem desse cultivo). Nos Estados Unidos, plebiscitos em diversos estados aprovaram o direito ao uso terapêutico da maconha e, em 2/11/2010, 46% votaram a favor da legalização geral do uso e comércio conforme a Proposição 19 que, embora derrotada, mostrou uma crescente base de apoio. O direito ao uso religioso de *ayahuasca* também vem obtendo cada vez maior legitimidade, não só no Brasil como mesmo nos EUA. A defesa do direito dos consumidores não serem reprimidos e, caso necessitarem, poderem receber assistência médica no sistema público, deve ser incorporada a um programa mais amplo de direitos sociais e políticos, mas só a denúncia dos tratados internacionais e a legalização controlada pelo Estado podem por fim à guerra proibicionista.

¹ David Healy, *The antidepressant era* (Cambridge-MA, Harvard University Press, 1999).

Political organization and class consciousness in the thought of the young Trotsky. José Carlos Mendonça¹

This communication sets out how the Russian revolutionary Lev Davidovich Bronstein/Trotsky (1879-1940) conceived in his youth the historical subject of the social transformation in conjunction with the thematic of proletarian political organization for social transformation in the context of the debate within the Russian social democracy of early 20th century. For this, it is based in two writings of 1904, “Report of the Siberian Delegation” (RSD) and “Our political tasks” (OPT).

These are connected works. RSD, originally published in early 1904, was justified by its author as an accountability of his participation as one of two delegates by “Siberian Union” to the II Congress of the Russian Social-Democratic Labour Party (RSDLP) held in July 1903 – congress known to have been the scene of the split between “minority” and “majority” (Mensheviks and Bolsheviks) – OPT, originally published in August 1904, develops the same themes in greater depth.

While the theoretical elements contained in RSD are little more than mentioned – which makes it a “factual” counterpoint to the version, widely diffused, of Lenin (1978) about the II Congress – OPT is effectively in a response to the level of Leninist theory conceptions of party organization and a summary of Trotsky's views on how to structure the party.

The Russian socialist and labor movement: the context of the author and his works

By the periodization of Authier (2002), the labor movement in Russia at the time that held the II Congress of the RSDLP had a history of ten years and had gone through three stages chronologically next to each other. The “economic” initial phase (pejoratively called “economicist” by the Russian social democracy’s journal *Iskra* “spark” according to the ideology that such period generated in part of the social-democratic militancy: the “Economicism”), during the second half of the 1890’s, characterized by the action of the proletariat for its material demands in the form of strikes; a “politics” second phase from 1898-1901 with student struggles, workers manifests and peasant revolts against tsarism in Russia and Ukraine; a third phase of “synthesis” began in 1903 which combined economic strikes and political manifests in a wave of insurrectional strikes in southern Russia, a victim of industrial crisis and unemployment, revealing the Russian proletariat global antagonism to the existing regime in all its aspects, preceding the revolutions of 1905 and 1917. ²

This emergence of the proletariat in Russian policy public scene at the turn of the 20th century constitutes the socially new element that performed, years later, what the Russian democratic movement hoped for long: the autocracy’s overthrow.

Such a move has two main characteristics: spontaneous emergence (for having started regardless of leaders or chiefs, and in the Marxian and Luxembourgian way to be determined by the set of social relations, by the situation that the proletariat occupies in the set of the fundamental social relations of modern society, and by a particular situation that, during a given period, gives it the opportunity to intervene in the scene)

¹ PhD student in Social Sciences (UNICAMP). Master in Political Sociology and graduated in Law and History. Researcher of the Laboratory of Sociology of Work (LASTRO), Federal University of Santa Catarina (UFSC). Assistant Editor of the digital magazine *Em Debate*.

² About the revolution of 1905 consult: TROTSKY (2006) and LUXEMBURG (1977). On the revolution of 1917, in epistemological perspective adopted in this work see: AGUADO (1976).

and constitution of its revolutionary organizations *in and for* the struggles (organizations formed in the course of previous struggles, which have not disappeared because they were institutionalized, strengthen itself thanks to the movement, but with a conservative role in its interior). In addition,

What characterizes the new period (that is, the emergence of social and political process that leads directly to the revolution of 1905 and then to 1917) is, on the one hand, the large number of proletarian organizations appeared spontaneously on a local scale in the course of local struggles and, on the other, the abandonment by part of these organizations from the populist ideology to Marxism. (AUTHIER, 2002, p. 16).

About the introduction of Marxism in Russia,¹ Trotsky, in the introduction of OPT, develops the thesis that its penetration as a theory fulfilled an ambiguous role. On the one hand, for being the more focused and developed expression of proletarian theory was the theory that the Russian proletariat should adopt. On the other, to the intellectuality was the ideology of modernity, the thought that ensured it that the development of capitalism in Russia was inevitable and would lead to the overthrow of the autocracy and the “Europeanization” of Russia. (TROTSKY, 1975). This also means that, in Russia, the intellectuality joined Marxism before the proletariat, encouraging Kaustky and Lenin’s conception according to which the conscience of the latter must be inculcated in them from “outside” by the early ones (LENIN, 1979).

In relation to the RSDLP, the central organizational aspects of the context that leads into the II Congress are: its foundation in the I Congress in 1898, result of the existing general trend at that time in the Russian proletariat to the organization, a trend which resulted directly from multiplying and accentuation of workers struggles whose direct antecedents originates in December 1895 from grouping of about twenty workers circles around the “Struggle union for the liberation of the working class” founded in the city of Saint Petersburg which contained among its members Lenin, Martov and Potressov. The economic rise of struggles favored the birth and the strengthening of other organizations that, even with the Tsarist police repression, ensured the continuity of its existences.

Also dates back to the beginnings of Russian revolutionary organizations brand of internal struggles and of trends that followed them. Within the framework of the Russian social democracy, in the period of 1898 to 1903, the main fight is between “economicists” and “iskrists”.² The firsts thought that primacy should be given to the fight for better material conditions of the proletariat’s life, wait until the proletariat were revolutionary and that, *for now*, the social democrats should, on the one hand, organize syndical struggles, on the other, participate with the liberal opposition in the struggle against the absolutism; the “iskrists” gave primacy to the “political struggle”, combined with an ultra centralist conception of the organization, crowned by the already referred thesis to take the class consciousness to the “outsiders” proletarians, that is, the task of the revolutionary intellectuals would be to take socialist consciousness, politics, to the proletariat. This meant that at that time (before the bourgeois revolution), they should take the political direction of this class and make it enter into the general struggle

¹ Credited to the group “Labor Liberation” founded in 1883 abroad by ex-populists Plekhanov, Zassulich, Axelrod, Deutsch, among others.

² Reference to that stood around the journal *Iskra* (Spark), which, until October 1903, was an embryo of the future Leninism.

against tsarism. “Political struggle” meant anti-feudal struggle, bourgeois struggle. Certainly required, but strange to specific revolutionary movement of the proletariat, politic only insofar as it confronts the power of capitalist classes, which determine the political character of their struggle. By itself, the movement of the proletariat tends to the abolition of the policy.

According to the young Trotsky (1975, p. 168), Lenin and the “iskrists” put *less and more* there where “economicists” lay *more and less*: political struggle, economic struggle; extremely centralized organization, extremely loose organization; it must take the socialist consciousness to workers, it must let the workers decide for themselves. The tasks of the period demanded to one and others be and conceive itself as external to the proletariat itself, stating that he had to let it act for itself (espontaneism), being it stating that it was necessary to provide it with a direction that he would have been unable to acquire itself (dirigisme). The “Russian conditions” obliged the social democrat to be a revolutionary only in the bourgeois sense of the term (with a “socialist” ideology).

As the organizational matters demanded solution, this was the theme in that first demonstrated divergences. More than the position of internal tendencies to Russian social democracy, this is to realize that the trend toward organizational centralization resulted as spontaneous as the emergence of local workers organizations and that, in the Russian conditions at that time, the centralization of the RSDLP could only be formally made around a group outside of Russia. These conditions made it possible to expose the differences between “intellectual Marxists” and “work Marxists” since in various locations, many revolutionary workers resist admitting that the *intelligentsia* should infuse them the proletarian class consciousness and were excluded from the RSDLP (TROTSKY, 1975). Initiates the separation between party and movement that, during the revolution of 1905, took most of the Russian social democrats ignore the emergence of the *soviets* as the most important organizational form of the revolutions of the 20th century. ¹

Thus, Trotsky wrote RSD and OPT involved in pre and post II Congress atmosphere, that atmosphere was surrounded by a conjuncture of growing social and class struggles in Russia in which capitalism had just come, where small independent production predominated and generated a population composed of ninety percent of peasants. Practically nonexistent the decisive condition of socialism that is the socialization of production process. The options for the proletariat, in this context, were fighting for material benefits or topple autocracy, both distant and distinct of performing a socialist revolution.

The historical subject of social transformation: the class or the party?

The analysis that Trotsky expressed in RSD of the II Congress of the RSDLP, contains the position of a militant who placed himself with the beaten side at that moment in the internal dispute of power. ² The main controversy was juridical, in the definition of who could be considered a member of the party. According to Trotsky on RSD, the majority of the present workers considered academic such diversion. In fact, it already revealed that

¹ This non-perception continued after 1905. In relation to the Bolsheviks, future stream of Trotsky, and their relationships with the proletarian base organizations in the period 1917-1921 consult: BRINTON (1975).

² The reader interested in factual details of the congress can consult: (LENIN, 1978).

The cut between the organization and the movement had been reproduced within the organization. The Esoterism of polemics between the leaders was the fatal manifestation of this reality. On the other hand, aware or not at that time, the two fractions represented two different historical movements. Each one of them claimed their own organizational form. (AUTHIER, 2002, p. 30-31, translated).

Motivated by the divergences there expressed, the young Trotsky after the Congress decided to expand the issues under debate and detect the root causes of those positions. This was the subjectivity to which he devoted himself to writing OPT between April and August 1904.

The political field in which Trotsky was part presented two lines of criticism to the Bolsheviks' positions. One, limited to ideological, saw the positions of Lenin and the Bolsheviks as a sort of "historical misunderstanding" (Martov, Plekhanov); another sought to analyze the differences until the discovery of his character class, concluding that the positions or interests in terms of organization would result in a revolutionary party of the democratic bourgeoisie who would lead the proletarian masses of Russia as a combat Army (Axelrod). It was under the influx of these lines that Trotsky formulated OPT, which can be characterized as an incomplete sketch of a theory of the Russian Revolution.

However, Trotsky's alignment with the Mensheviks was brief. He differed from the inclination of certain members of this current to make an alliance with the liberal current. Moving away from Mensheviks circles, he adopts an intermediate position, conciliatory, until the summer of 1917, even having prematurely lost hopes of reunite them.

We will redeem here only the elements that make it possible to understand that Trotsky faced the proletarian spontaneity with very different eyes from those that he saw after 1917. Besides the criticism to Lenin's methods, and of accusing him of wanting to take over the party leadership and on it support his dictatorship over "old sorry Economists", two elements are worth mentioning in particular: a critique of "Jacobinism" of Lenin and to what Trotsky called "substitutionism" of the class by the party.

The Marxist critique of Leninian Jacobinism, synthesized among others by Helmut Wagner in 1934¹, points the identification between Bolshevism and Jacobinism, which for the young Trotsky, is incompatible with proletarian socialism, be it for their idealism, be it for distrusting the "disorganized forces" (allusion to the portions of the proletariat not belonging to the party). It qualifies the adoption of the Jacobins methods inside the proletarian movement as a sign of pure opportunism, as sacrifices their historical interests "by the fiction of a temporary benefit".

¹ This synthesis is in the article "Theses about the Bolshevism" and the identification between Bolshevism and Jacobinism was expressed in the following terms: The basic principle of the Bolshevik policy (conquest and exercise of power by the organization) is Jacobin; the great Bolshevik political perspective is Jacobin; its practical realization in the course of the struggle for power of the Bolshevik organization is Jacobin; the mobilization of all media and all forces of society able to overthrow absolutism, as well as the use of any method likely to carry out this project, the maneuvers and the commitments of the Bolshevik Party with any social force that could be used, even for a short time and in the less important sector ... here's the Jacobin spirit. Anyway, the own essential conception of Bolshevik organization is Jacobin: the creation of a rigid organization of professional revolutionaries that will become the obedient instrument of the Almighty one direction. (WAGNER, 1978, p. 34).

In relation to what is termed “political substitutionism”, the young Trotsky realized that the development of organizational ideas of the Bolsheviks would lead short-term substitution of the party by the organization, the organization for the central Committee and, finally, of the central Committee by the dictator. This conception of the young Trotsky in the context of partisan controversy that he fought in 1904, led him to demonstrate how these differences entailed in the work of the party:

[...] my intention has been to draw attention to the difference in principle between two opposing methods of work. And this difference, in essence, is decisive, if we are going to define the character of all the work done by our Party. In the first case, we have a party that thinks for the proletariat, which replaces it politically, and in the other we have a party that educates and mobilizes politically the proletariat to exert a conscious pressure on all groups and political parties. These two systems produce results objectively different. (TROTSKY, 2010, translated by me).

The astuteness of this perception was expressed by “fetish of the organization”, meaning that in his youth Trotsky was critical of the inversion process that occurs in an organization with the movement from the moment that the organization ceases being a shape and an struggle instrument to serve the movement for the benefit of its autonomized self strengthening. The struggles are no longer the end, the reason for the existence of the organization, to become the means which nourishes and strengthens the life of the organization. To who integrates it, keep the organization becomes the last purpose. When the fight that created it weakens, and the social practice changes, as a rule the organization begins its institutionalization process by taking the first step the creation of specific purposes, other than the purposes of the fight. Second Authier (2002, p. 18, translate) the Trotskian term “fetish of the organization” reveals something hidden: “the organization is no longer an instrument of social forces that have created, but the instrument of other forces, enemy forces.”

In summary, to organizationally avoid the “political substitutionism”, the young Trotsky presented as alternative education and mobilization policies to stimulate and strengthen the self-activity of the entire proletariat, whether you are at the party or not. The reasons why this conception was abandoned, report us to beyond these two writings of youth, as they relate to the specific historical movement which Russia passed and the theoretical form found by Trotsky to explain it: the “permanent revolution”.

Trotsky on the border between theory and ideology

If, in 1904, Trotsky characterized the Russian revolutionary movement as “bourgeois radical”, years later, became one of its key players. This yaw policy can be explained by the “Theory of Permanent Revolution”.

Originally formulated in 1905, in partnership with the Russian Jew who emigrated to Germany Parvus (pseudonym of A. L. Helphand, 1879-1924), Trotsky places the origins of this development in the context of the controversy with the other political forces of the time. ¹

¹ Writing in 1930, Trotsky introduces the “Theory of Permanent Revolution” as having the following content: The dictatorship of the proletariat would become the weapon with which would be achieved historic goals of the laggard bourgeois revolution. But this could not be contained there. In power, the proletariat would be obliged to make increasingly deeper inroads in the field of private property in general, in other words, take the direction of socialist measures.(...) If you examine my former disagreements with Lenin in the light of a fair historical perspective (...) would be very easy to understand

Lenin and most Bolsheviks until 1909 held the formulation “democratic dictatorship of the proletariat and peasants”, then developed to “the proletariat leading behind itself the peasants” until they reach the formulation of Trotsky “dictatorship of the proletariat supported on the peasants”. Against the Mensheviks Trotsky argued that there was no objective need for a long lasting phase of capitalist development and bourgeois democracy for historic preparation to socialism.

These factors combined have enabled Trotsky, through the development of the concept of permanent revolution, capturing the dynamics of revolution as a mechanism strictly social (non-economic) and internal to the revolutionary process.

While the two main currents of Russian Marxism remained the same in the assessment of the economy and differed with regard to the social forces in motion (both characterized the revolution as bourgeois, hence the Mensheviks extract the notion that the hegemony of the revolution belonged to the liberal bourgeoisie, but the Bolsheviks considered that this would not determine which class should lead it), Trotsky strove to the potentiality of working spontaneity and was able to imagine in advance of more than a decade a horizon that would be fully confirmed in October 1917.

Until then the conception of permanent revolution articulated in a brand-new mode the relationship between material productive forces and social relations of production as they allowed conceiving a direct intervention of social relations on the productive forces. If the situation of different classes caused that the hegemony of the process was of the proletariat, then such conditions would precipitate the revolution towards socialism.

The operation that years later will change the foundation of Trotsky's conception of permanent revolution was to replace the internal dynamics of the revolution in Russia boosted by the spontaneity of the workers for economic necessity of spreading the revolution to more developed countries to help Russia overcome the backwardness of their productive forces.¹

The decisive element for such a turnaround was the disappearance of the proletariat as a political actor in the scene of the revolution to give rise to the old capitalist managers unified with the new party's bureaucracy from mid-1918. And Trotsky has fulfilled there its role.²

Thus, sprayed between State and market, the proletariat could only work. It were given the material conditions for the ideological change of the Theory of Permanent Revolution conception 1904/5 version to the version after 1922.

Destroyed the central mechanism that allowed Trotsky to conceive the Permanent Revolution (with the decisive help of the author itself), here's how the Theses of Permanent Revolution present in the book dedicated to the subject that he wrote in 1929:

what was, at least for me, the main point of the discussion. It was not about whether knowing if Russia was undergoing democratic tasks that required revolutionary methods for their implementation, or if the Alliance of peasants with the proletariat was essential for that purpose. It was about defining what political way of party and of the State could take the proletarian and peasantry revolutionary collaboration, and that would have consequences for the revolution. (...) My controversy with Lenin turned on the possibility of independence (and on the degree of this independence) of peasantry during the revolution and, in particular, about the possibility of an independent peasant party. In this controversy I accused Lenin of exaggerating the independent role of the peasantry. Lenin, in turn, accused me of underestimating the revolutionary role of the peasants. All this resulted from the character of controversy itself. (TROTSKY, 1979, p. 21; 67-68, 71).

¹ Bianchi (2000, p. 106) identified three formulations of Trotsky to the Theory of Permanent Revolution.

² About Trotsky's role in this process see: (BERNARDO, 2003, p. 448-472).

(...) In the course of its development, democratic revolution turns directly in socialist revolution, becoming therefore a *permanent* revolution. 9. Instead of by term to the revolution, the conquest of power by the proletariat just opens it. The socialist construction it is only conceivable when based on the class struggle in national and international scale. Given the decisive domination of capitalist relations in world arena, this fight can only cause violent eruptions: inside, in the form of civil war; abroad in the form of the revolutionary war. That is what the permanent nature of socialist revolution itself is, be it a late country that only just performed their democratic revolution, be it an old capitalist country that already went through a long period of democracy and parliamentarianism. 10. The socialist revolution cannot take place within national frameworks. One of the main causes of the bourgeois society crisis lies in the fact of the productive forces engendered by it tend to exceed the limits of the national State. Hence the imperialist wars, on the one hand, and the utopia of burghers United States of Europe on the other. The socialist revolution begins on the national ground, develops in the international arena and ends in the world arena. Therefore, the socialist revolution becomes permanent revolution, in the new and wider term: it only ends with the final triumph of the new society throughout our planet. (TROTSKY, 1979, p. 139, italic of Trotsky).

In this same book of 1929, Trotsky will present the two versions of his theory as being three aspects of the same conception (passage of the democratic revolution to the socialist revolution; characterization of the socialist revolution itself; international character of the socialist revolution), but this is an effort to demonstrate the continuity of an elaboration that suffered a sensitive rupture for two reasons.

First that, as seen in the original formulation of 1905, there was not this cut between the passage of a revolution to other and its socialist continuation so that it is possible to distinguish distinct phases. On the contrary, they constituted a single process.

Secondly because originally the appeal to the internationalization of the revolution sat in its social dynamic, in the second version this need was of national conditions of soviet Russia that would be impossible to build the socialist bases in function of the delay of its productive forces without the aid of the Western proletariat (even that in 1909, Trotsky correctly warned to the need of the internationalization of the revolution also to resolve economic problems).

Anyway, in this respect, the thought of the young Trotsky walked with the Marxian thought that conceives the need of internationalizing the revolutionary process. This do not interfuse be it with the thesis of the “export of the revolution”, thesis that Trotsky never defended, be it with the ambiguous “theory of permanent revolution”. The synthesis of the evolution of this epistemological rupture route can be summarized this way:

If before 1917 Trotsky had presented in a social plan the expansion of the revolution and had opened up the path so it could conceive an acceleration of the productive forces caused by the change of social relations, from the mid-1920 his heterodox imagination paled and, according to the conventions, Trotsky gave on productive forces a merely gradual pace of evolution and fully autonomous, whereas, instead of them to feel the consequences of social

transformations, was the social revolution that should obey the dictates of the productive forces. Thus, the concept of permanent revolution, which had referred to a social dynamic defined within the same revolutionary process, went on to be made in a more geo-economics than social terms. If Germany did not make the revolution and not put its savings at the disposal of Russia, the Soviet State would, in the opinion of Trotsky, suspended between a victorious politically socialist revolution and some productive forces unable to serve as an economic base to socialism. (BERNARDO, 2003, p. 463-464).

Final considerations

These writings of Trotsky in youth present a vibrantly committed to the revolution and high historic anticipation ability (in the case of developments that could lead to the conception of democratic centralism of Lenin). Moreover, their formulations in this short Menshevik period, were critical to Bolshevism on the one hand, on the other pointed in the opposite direction of the political positions that consolidated as classical positions of Menchevism.

The arguments presented by the young Trotsky to demonstrate that the Jacobinism presented contributions to the French Revolution, it is strange to any revolution that wishes to be anti-capitalist remain valid for the analyst of historical processes of social transformation. Furthermore, allow a glimpse that, by placing the revolutionary tasks, the engendered forces by the transforming society spontaneously organize itself to resolve them, because the organization that a revolutionary movement takes place, as well as its program and goals, are determined by the specific situation of the time, and the shapes that it assumes evolve when it changes the conditions of confrontation.

However, his later trajectory has consolidated in his thinking and in his political practice the centrality of partisan type organization in detriment of proletarian self-activity. In epistemological terms, dialectics gave way to the mechanistic logic that operated the transformation of the “Theory of Permanent Revolution in Russia” (proven) in the “Theory of Permanent Revolution in the World” (ideological).

If we consider that the revolution is a process of continuous social struggles that can start in a given class structure (region, nation, country) and with this perspective admit that it can spread to another classes structure(s), it becomes apparent the actuality of the Theory of Permanent Revolution 1904/5 version. This does not mean that the global character of capitalism allows extracting a historic law of simultaneity of socialist revolutions at all or some class structures or even a sequential succession of uninterrupted revolutions in a same conjuncture.

When joined Bolshevism, the mature Trotsky acceded to a methodological perspective that divides the concepts of spontaneity, class consciousness and organization, opposing the first one to the other two. The relationship between consciousness and action no longer constitutes an inseparable whole, opening path for the dirigisme typical of the currents that sought in the bourgeois revolution its inspirational source.

To act, the individual needs to realize the immediate connection between it and the object on which it intend to act, therefore, in terms of revolutionary action, the methodological assumption should be clarity and accuracy over the way to go beyond the feeling of its need. Know which must take precedence (act or think the action) indicates absolutely distinct methodological paths in politics. The methodological path chosen focuses on crucial issues on the role and place of the political organization in

society, their social integration and influence on the events, their ability to identify the sense of the evolution of class consciousness.

In theoretical terms, the conversion of the young Trotsky anti-Bolshevik in Bolshevik-Leninist mature Trotsky was the conversion of a spring and aborted episteme of revolutionary processes in an ideology to cover up the new form of realization of the capitalist class, inaugurated with the outcome of the Russian Revolution: the State Capitalism.

References:

- AGUADO, Felipe. *La Revolución Rusa y el partido bolchevique*. Madrid: ZYX, 1976.
- AUTHIER, Denis. *Prefácio*. In: TROTSKY, Leon. *Informe de la delegación siberiana*. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2002.
- BERNARDO, João. *Labirintos do Fascismo*. Porto: Afrontamento, 2003.
- BIANCHI, Alvaro . O primado da política: revolução permanente e transição. *Outubro*, São Paulo, 2000, v. 5, n. 5, p. 101-115.
- BRINTON, Maurice. *Os Bolcheviques e o Controle Operário*. Porto: Afrontamento, 1975.
- LENINE V. I. *Um passo em frente, dois passos atrás*. Lisboa: Avante, 1978.
- _____. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1979.
- LUXEMBURG, Rosa. *Greve de Massas, Partidos e Sindicatos*. in: *Textos escolhidos*. Lisboa: Estampa, 1977.
- TROTSKY, León. *1905*. Buenos Aires: CEIP León Trotsky, 2006.
- _____. *A Revolução Permanente*. São Paulo: LECH, 1979.
- _____. *Informe de la delegación siberiana*. [Barcelona]: Espartaco Internacional, 2002.
- _____. *Nuestras Tareas Políticas*. México (DF): Juan Pablos Editor, 1975.
- _____. *Our Political Tasks*. *Marxists Internet Archive*. Disponível em: <http://www.marxists.org/>. Acesso em 20 ago. 2010.
- WAGNER, Helmut. *Teses sobre o bolchevismo*. In: *A contra-revolução burocrática*. Coimbra: Centelha, 1978.

Lenin. Comments in Summary, in Place of a Postscript. *Tamás Krausz*¹

“The original concept [...] became the tool of a kind of socialist-bureaucratic manipulation of the “citoyen characteristic”, unifying in a formal socialist manner, and thereby compromising from the current perspective of its practice, the ways—discovered by Marx and given concrete form by Lenin—to fight bourgeois dualism. If we want to revitalize this practice, we must append where Lenin had failed”.

Georg Lukács, *A társadalmi lét ontológiájáról*, 271.

Towards an interpretation of the subject

Mention has been made at the beginning of my book on Lenin, and elsewhere, of the deliberate undertaking by some authors to “subtract” from Lenin’s heritage the basic philosophical tenet, the basic methodology that makes Lenin what he had been. For one thing, they neglect his most important practical “discovery”, namely his precise theoretical interpretation of Marxist dialectics, its “reconstruction”, and his practical application of those dialectics.² Lenin understood, even on the basis of its Hegelian roots, that dialectical materialism (and epistemology) incorporates the self-movement in things, phenomena, processes, as well as the conscious human activity to transform society; hence it is not a matter of the historical dialectic of ideas in itself, but rather the self-movement, and self creation of history through social classes and individuals. For Lenin, epistemology was not simply a matter of getting to know reality, it did not exist for its own sake, he aimed rather to seek out the truth, the solution to contradictions within things and the resulting struggles through it—a radical transformation of the world in order for humanity to be able to rid itself, by its own will, of the dominating “powers”. Lenin gave Marx’s eleventh Feuerbach thesis a new urgency: “The philosophers have only interpreted the world, in various ways; the point is to change it.”³ In other words, history was not an abstract whole, an object of study for him, but a tool by means of which the elements and tendencies to be continued or transformed could be located in the midst of “collapse.”⁴

Though the starting point in his “theoretical practice” was to gain knowledge of the “general laws of the world and of ideas”, the objective nevertheless was to be mindful of ideas and action not getting bogged down in details, in barren particularism; with this endeavor particularly pronounced in his struggles against scholasticism, relativism and mysticism. The passion for seeking the truth accompanied him, since childhood, as

¹ Tamás Krausz is professor of history at Elte University, Budapest.

² This implication of Lenin’s activities was understood as a whole already by Gramsci many decades earlier. See Antonio Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks*, translated by Quentin Hoare and Geoffrey Nowell Smith (London: ElecBook, 1999), 688–90.

³ “Theses on Feuerbach”, *Marx/Engels Selected Works* Vol. 1, translated from the German by W. Lough (Moscow: Progress Publishers, 1969), 13–15.

⁴ Lenin sought the way out from four such collapses: 1) the collapse of traditional Russia and the rise of Russian capitalism at the turn of the century; 2) The Russo-Japanese war and the Revolution of 1905; 3) the Great War; 4) the revolutions of the year 1917, the collapse of autocracy and finally the destruction wrought by the civil war.

manifested in his rejection of all forms of oppression and exploitation. This was also at the root of his struggle against institutions and ideologies dominating humankind—the radical rejection of clericalism. He reached a perception of totality, according to which the *whole* is composed of a variety of contradictions that must be laid bare in order to discern the continuous and discontinuous elements and processes of the changing history.¹ The “social revolution”, that is, the conceptualization’s “qualitative leap”, is an organic and inalienable part of the history of “modern society”, and Lenin understood this to be among the most important discoveries of Marxism.

A historically adequate interpretation of Lenin’s Marxism—in Marxist terms—must begin with the recognition that Lenin’s legacy is essentially a specific, practical application of Marx’s *theory of social formation*, and the way in which he took it further theoretically, in light of the historical circumstances and experiences of an easily circumscribed epoch and region (primarily the development of capitalism in Russia, the Russian Revolution of 1905, the crisis of Marxism in 1914, the evolution of imperialism, and the Russian Revolution of October 1917, war communism and the New Economic Policy). Lenin’s basic awareness of the fact that humankind stood at the gates of the concrete *possibility* of a social revolution and socialism (or to be exact, a transition leading to it) was the most fundamental conclusion he drew from the experiences of his political practice during these years.

Because of this, Lenin’s political and theoretical legacy, as a historical variant of Marxism and its thematization in practice, is unique and unrepeatable. On the other hand, it is an original experience and “methodology” of revolutionary theory and action, which played an unarguably colossal role in twentieth-century history (regardless of how this fact is assessed). The circumstance by which even today, he remains at the center of furious political and theoretical skirmishes engaging almost every political and intellectual trend, including various tendencies of Marxism itself, amply demonstrates the above.

In our own time, under less than promising circumstances, there are attempts to “refurbish” Lenin’s Marxism for the anti-globalization movement.² The main reason for this is that the Leninist tradition of Marxism is the only one that has offered, for a time at least, an alternative to capitalism. It alone made a breach in the walls of capitalism, even if today that breach seems mended.³ The world situation since the nineties demonstrates that the global dominance of capital has engendered new forms of discontent. These did not obviate the need for Marxism (whatever name it may be given!) as a theory and a movement. Indeed, they could not. Instead, in their search for

¹ A rich plethora of ideas and arguments on this issue from the perspective of the new era can be found. See in Savas Michael-Matsas, “Lenin and the Path of Dialectics” in *Lenin Reloaded*, 101–19; and Stathis Kouvelakis, “Lenin as Reader of Hegel. Hypotheses for a Reading of Lenin’s *Notebooks on Hegel’s The Science of Logic*”, *Ibid.*, 164–204.

² The transfer of Lenin’s ideas into the 21st century according to the leftist critique of the regime is not a matter of individual endeavor or experiment. It is an international phenomenon, involving a group of renowned theoreticians, whose works have been collected under the appropriate title, *Lenin Reloaded*, edited by Sebastian Budgen, Stathis Kouvelakis, Slavoj Žižek, and David Fernbach, (Durham: Duke University Press, 2007).

³ Although the cult of Lenin in his homeland, sponsored by Stalin, and sometimes showing quasi-religious overtones continued in the “official” Communist Party and beyond, Lenin’s heritage gave rise to very little serious *theoretical* analyses and systematic approaches in regards to its historical significance or relevance for the present. As regards monographs however, there were a few outstanding books published with the aim of presenting Lenin’s authentic human face, contrasting starkly with an abundance of (as V. Loginov put it) “Lenin-devouring” literature.

alternatives, the discontented keep running into “Lenin’s Marxism” at every turn. For on the one hand, this tradition constitutes points of reference, arguments, practical conventions of the movement, to confront the progress which verges into capitalism; while on the other, Marxist authors such as Lukács in the 1920s or Gramsci in the 1930s, and even movements, sometimes polemically engaged with each other, not to mention the number of opposition political and theoretical trends within the communist movement, have found their source in Lenin. Thus, if we talk of Marxism, the stakes are higher than we may think, for this legacy—that is the primacy of Lenin’s Marxism—is not “a thing of the past.”

Concept and Systemization

Though he knew everything there was to know at that time about Marx and Engels, Lenin did not simply excavate Marxist theory from underneath layers of West European social democracy and anarchism. He applied it—in his own way—to Russian circumstances, *by tying theory and revolutionary-organizational practice together*. In the process he contributed many original ideas to the theoretical reconstruction of revolutionary action and movement as a whole in opposition to reformist social democratic tendencies.¹

The systematization of Lenin’s legacy began in his lifetime as part of the struggle over the inheritance of his mantle, and concurrent legitimization of the struggle.² What was characteristic of these “deconstructions” was not merely that Marxism was identified with Lenin’s legacy and its embodiment in him, nor that Marxism was “russified”³ as a result of that struggle. But rather, that it was interpreted exclusively as the theory and practice of revolution and class struggle, omitting the stages and method of development which made the phenomenon what it was. This reductionist approach simplified Lenin’s Marxism to the ideology of political class struggle and eventually to an ideology that justified the Bolsheviks’ preservation of power above all. The subsequent Stalinist period came to see Leninism only as party ideology, the main and almost exclusive “vehicle” of Marxism, with the Communist Party, then its general staff, and eventually its leader alone functioning as its sole “guardian”. The soviets, the labor unions, and other forms of social self-organization, all of which Lenin thought to be central elements in the transition to socialism, were increasingly omitted in the “reproduction” of theory and ideology: everything became nationalized. *Marxism-Leninism* became the new ideological legitimation for the preservation of the system. Only with the collapse of the Soviet Union did the “emperor with no clothes” become plainly apparent, when the legitimizing ideology of Leninism sank into the pits of history along with the system itself. The result is a condition in which it is impossible to “excavate” the legacy of Lenin without steady determination and strict analysis.

The still powerful elements of pre-Stalinist Marxism were analyzed in the 1960s by

¹ He reached this development largely by assimilating Kautsky’s earlier, pre-reformist concepts. Particularly as regards class consciousness, land reform, the issue of nationalism (see, *Der Weg zur Macht*, etc.), but “returned” to Marx and turned against Kautsky in the period when World War One broke out.

² As regards the historical reconstruction of the debates about Lenin’s heritage see Tamás Krausz and Miklós Mesterházy, *Mű és történelem*, Chapter IV, “About Lenin’s heritage”, 101–129.

³ The Soviet russification of Lenin, veiled in an abstract universalism, reinforced the “bourgeois” russification which was its very opposite (in theory at least), and which deprived Lenin’s Marxism of its universal application, dismissing it as some kind of “local manifestation.”

Lukács and his anti-Stalinist followers (just as they had been earlier by Gramsci). The resulting “Lenin renaissance” permitted under Khrushchev rose to a high philosophical level. By the 1970s many European and anti-Soviet Marxist Communist authors (from Rudolph Bahro to the Italian Gerratana, or Ferenc Tókei for that matter, or for a different aspect, from Bence-Kis to self-organized reconstructions) attempted to mobilize these views as a criticism of state socialism, and in the service of constituting an authentic socialist alternative. Such writers made it clear that the historical, political and theoretical/scientific power of Lenin’s Marxism could not be reduced exclusively to power management or to the “welfare state” as the Soviet ideologues and their bourgeois adversaries (with an opposite purpose) had tried to do for the past several decades.

These efforts formed part of an attempt world-wide to sketch a new, critical framework for Marxism. Marxists from a wide range of perspectives sought during these decades to forge a kind of “third way” between the preservation of state socialism and the restoration of capitalism, a way back to a Marxist politics that could lead to authentic socialism. *Existentialist Marxism* gathered strength in opposition to Marxism inspired by *epistemology*, in parallel with the “*ontological/anthropological*” interpretation of Marxism, and numerous other interpretations of *auto-directed* Marxism, *communism of the soviets*, spreading in waves such as those of *structuralist* and *humanist* Marxism. In contrast to these attempts for systematization—which may be considered various philosophical expressions of individual and collective freedom, or participatory democracy—the arguments of the anti-Leninists, almost regardless of ideology, all derive from “folding Lenin’s heritage back into Stalinism”. To this day they form vital elements of the discourse of anti-Leninist anticapitalism.

The reservations voiced with regard to Lenin’s Marxism are understandable, as it only became widely apparent after the collapse of the Soviet Union that this historically specific intellectual and practical achievement, which no longer serves state legitimation, wholly resists—be it in theoretical, political or methodological terms—all liberal and nationalist justifications of the system, as well as any religious or speculative “appendages” and interpretations. At the same time, the internal logic of Lenin’s Marxism can only be resuscitated through a new combination for Marx’s theory of social formations with revolutionary anticapitalist practice. Yet another subjective ground for the rejection of Lenin’s Marxism by leftist experts in academia on scientific grounds is that Lenin’s ideas philosophically resist fragmentation or segmentation by discipline as the experience of many decades has shown. All its constituent elements point toward the *totality*, the indivisible process. Following Marx, Lenin knocked down the walls separating science from philosophy, theory from practice. Lenin’s theoretical work cannot possibly be separated from the *movement* to go beyond the capitalist system. In this sense his Marxism is linked indissolubly to industrial workers in the 20th century and their movement, though at the same time it is a surprisingly adept methodological tool for the apprehension of processes as a whole within different frameworks. Marx’s philosophical and economic achievements may continue to exist apart from any revolutionary workers movement, but not Lenin’s. Until 1917 all his theoretical and political arguments were aimed at the workers movement and revolution. After 1917, as the founder of a Soviet state in the grips of the acute contradictions between holding on to power and the announced aims of the revolution, between “tactics and strategy”, Lenin tended to vacillate, becoming increasingly aware that the objectives of the revolution had to be postponed for the unforeseeable future.¹

¹ The later systematizations aiming at legitimizing his ideas did not admit this fact because, after all, state

The origins of Lenin's Marxism

Lenin's Marxism derives from different directions, each representing in its time an opportunity for changing society in a revolutionary way. These included the French Enlightenment and revolutionary Jacobinism as the inheritance of the revolutionary bourgeoisie, without which it would not be possible to transcend traditional (Asiatic, feudal, etc.) society. Then there was the Paris Commune as the apex of French socialism. Among his Russian roots we find Chernishevsky and the Russian Westerners (Herzen, Bieliniski and others), reinforcing and complementing one another, as well as the revolutionary Narodniks, the mainstay of the Russian Jacobin tradition. All these Lenin synthesized on the basis of Marx and Engels, absorbing a lot, particularly the interpretation of philosophical materialism, from the earlier generation of Russian Marxists, chiefly Plekhanov, and absorbed the ideology and practice of modern workers movement organization from German social democracy, chiefly Kautsky. These are the sources of his thought both in where its orientation in terms of the movement, and in terms of politics is concerned.

Every one of the sources of Lenin's Marxism combined in the articulation of theory with practice, of the class approach to culture and politics. And yet Lenin resisted the vulgar ideology of class, the populist perception of class struggle, and the appeal to its negative counterpoint, the teleological abstraction of reality. In Lenin's "theoretical practice" the basic issue is always the relation between action and theory, the transitions, the elaboration of the contacts between the two. The sources of his Marxism resolved him upon an anti-messianic and anti-utopian approach. Lenin's interest in long-range objectives was deeply pragmatic. Finally, the issues he raised and the solutions he advocated always incorporated the objections or conclusions of his comrades in debate. In this sense, Lenin's comrades in the Second International also belong to the array of sources for his Marxism: in addition to Plekhanov and Kautsky, there was Bernstein and the young Struve, Berdyaev with his ethical socialism of his younger years, Maslow and Trotsky, Bogdanov and Pannekoek, Bakunin and Sorel, Rosa Luxemburg and Bukharin... This in addition to the "leftist" tendencies with which he had to contend in the aftermath of the revolution, which postulated a permanent revolution at a time when the counter-revolution was already underway. Lenin transcended these tendencies—albeit with grave contradictions. Nevertheless, his responses to their queries reflected a narrowing of alternatives, even in the particular political context of his office.

Lenin was an independent thinker, but he did not create an independent theoretical system, an *ism* within Marxism, though there is many a modern thinker who in systematizing Lenin speaks of *Leninism*.¹ What he did was rediscover, reenergize, and

socialism appeared to be the incarnation of socialist theory; behind this process we can perceive the trickery, meant to legitimize the political ideology, making state property appear as public property. It should be noted that in Marxist circles, not only in Western Europe but even in Hungary, there were attempts to show the opposite, mainly from the mid-1980s on.

¹ According to Krupskaya's testimony, when Trotsky, shortly before Lenin's death, compared him to Marx, Lenin felt flattered, but felt it was an exaggeration, since he had never elaborated a scientific methodology of his own, nor any theory that differed from Marxism. Bureaucratic systems were alien to Lenin, as not by even such original interpreters of his work as Gramsci. The Italian philosopher, in his critique of Bukharin's anti-dialectical "system generation", also rejected by Lenin, remarked, in arguing against the formal creation of systems: "But the vulgar contention is that science must absolutely mean 'system', and consequently systems of all sorts are built up which have only the mechanical exteriority of a system and not its necessary inherent coherence." Antonio Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks of Antoni Gramsci*, edited and translated by Quentin Hoare and Geoffrey Nowell Smith (New

deepen elements of the Marxist tradition that mainstream European social democracy was intent on burying. Certainly, his Marxism was a Marxism, and not the theory of a “conspiratorial party.” To steer clear of another misinterpretation it is moreover important to stress that Lenin’s Marxism, focused on the movement and on political action was not the theory of a “conspiratorial party” determined by its “Russian sources”.

The issue of organization

Lenin’s notion of a centralized, vanguard, and underground party (“the party of professional revolutionaries”) is usually ascribed to its Russian origins and, indeed, this has some factual basis. In effect – and this is not self-explanatory – the historical experience of building an underground party was important to Lenin’s Marxism, and his “party theory” was a product of this. What remains important is Lenin’s promotion of a social counter-power (*not oppositional!!*), a political and cultural leader of a network of civil society organizations, the “workers’ party” (which never signified exclusively the party of “manual” laborers). In this context, the party becomes a network promoting understanding and articulation of interests, the “organizational form of proletarian class consciousness” (Lukács). This party was the demiurge of a broad, horizontally and vertically segmented social resistance, the “moving force of which is the proletariat.” In Lenin’s concept and practice, the cadres of the “counter-society” were trained by the underground and centralized revolutionary party. Thus, in Lenin’s theory the historical role of the party (social democratic, later communist) was not simply to “import class consciousness into the proletariat from the outside” (this was already understood by Kautsky, whence Lenin “inherited” the idea), but rather that the party, as part of the social class, “its most revolutionary part” becomes an independent actor with a vested interest in the conscious, revolutionary transformation of society. He raised the issue already in April 1917 when he argued that the existence of the party is justified only as long as the class of wage-earners has not created the economic and political conditions for its own liquidation. He had no ready-made theory to the effect that the party should become the embodiment of the missing components of socialism—whether in organization, in theory, or in sociology. One cause and consequence of the one-party system that eventually emerged in the U.S.S.R. was that the party itself took on the functions of the proletariat. But even the communist parties that came into existence elsewhere in Europe included only the most revolutionary strata of the working class. Lenin was aware that in this situation the evolution of the party was impacted by the combination of bureaucratic pragmatism and revolutionary messianism. Proletarian class consciousness was increasingly embodied in the Russian Bolshevik Party as a kind of substitute: The organizational issue was thus raised to the level of the general issue of application of state power. Looking at it from the point of view of the 1930s, the “*etatization*” of the party became inevitable with the defeat of European revolution.

Lenin never adequately explained the failure of the revolutionary breakout in Western Europe. Analyzing the causes of the surprising ideological crisis of the proletariat in his magisterial work, *History and Class Consciousness*, the young Lukács came to the conclusion that the “Menshevism” and “economism” of the working class, or the emphasis on the role of the workers’ aristocracy and on their bourgeoisification probably did not affect the “*totality* of the issue, that is, its *essence*.” In recognizing the “limits of revolutionary spontaneity,” Lukács found that it was not enough merely to

enlighten the masses with propaganda in order to endow them with consciousness sufficient to overcome the impasse. The party must hold “the entire proletariat” through its direct immediate interests, according to this argument: “the experiences of the revolutionary struggles have failed to yield any conclusive evidence that the proletariat’s revolutionary fervor and will to fight corresponds in any straight forward manner to the economic level of its various parts.”¹ Thus, on the basis of his analysis of the German situation in particular, Lukács came to the decisive role of “forcing decisions” by increasing the role of the people in organizations.

The older Lukács—in polemics with his younger self—discovered the weak points of Lenin’s analysis regarding the party and proletarian class consciousness some fifty years later in his book *The Ontology of Social Being*.² The elder Lukács was no longer seeking the resolution of the basic problem in the “ideological backwardness of the proletariat.” Neither the mechanistic theory of spontaneity, nor the superficial understanding of the importation of class consciousness from the outside could “adequately” explain the crisis in the anticapitalist consciousness of the proletariat. In his critique of Lenin he drew attention away from the ideological aspect toward the economic aspect, to the changes in the nature of the capitalist economy, and to the subjective consequences of these changes.

Lenin’s general thinking—contrasting Marx’s concept in a revolutionary way with the reality of the present [...] placed too much emphasis on revolutionizing the ideology. Hence he did not direct this ideology specifically on the object to be revolutionized, the capitalist economy.”³

Lenin was unable to identify the economic features of the “latest” stage of capitalist development, in the transformation of the workers movement in the “developed countries.” Thus, according to the late Lukács, economic interest as a social motive was not at the center of Lenin’s thought in the years following the revolution. Although Lenin’s Marxism did consider many of the new features of capitalism—as, for instance, in his analysis of the Taylor system—he did not attribute sufficient significance, as Lukács put it, to the fact “that when the relative surplus values became dominant the mode of exploitation of the workers changed.”⁴ Indeed, Lukács notes:

There is no reference, in all of Lenin’s writings, to the most important distinction to be made between the unionist perspective and political class consciousness: whether this came about as a result of changes in the essence of capitalism, or whether it applies to every stage in the development of capitalism. He simply refers to the conflict between two behaviors from an ideological standpoint.⁵

¹ Georg Lukács, “Towards a Methodology of the Problem of Organization” in *History and Class Consciousness* (Cambridge, MA: MIT Press, 1971), 305.

² Georg Lukács, *A társadalmi lét ontológiájáról* [The ontology of social being] Vol. 3, *Prolegomena* (Budapest: Magvető könyvkiadó, 1976), 270.

³ Ibid.

⁴ Ibid. It might be noted that Lukács was exaggerating somewhat. It was only in the countries of the center that the “relative surplus value” became dominant.

⁵ Lukács accurately noted the serious, even “fatal consequences” of this hiatus for later times: “The ideological generalization [of Lenin’s formulations from this period] gave Stalin and his followers the opportunity to present their own ideology, which is the exact opposite [of Lenin’s] in every significant

Lenin provided a means to break out from the notion of apologetics found in *Realpolitik*, only to become the theoretician of a new version of the same. The party itself became the organization embodying this new *Realpolitik*, eventually becoming the party-state, the objective of which was no longer to locate the rights to power in the working class but to preserve the power of an isolated elite.

Uneven development and the hierarchy of the world system: is revolution still possible?

Lenin started off from the contemporary analysis of capitalism. The point of departure was his understanding of the development of capitalism in the Russian context toward the end of the 19th century was both as a general and a specific manifestation of capitalism. He analyzed Russian capitalism's peculiarities with a scientific approach to its history, taking Marx's theoretical and methodological concepts as his point of departure. He was aware of the socio-political consequences of the coexistence and constriction of various social formations (and not only in regards of Russian history!) and their penetration by the overwhelmingly dominant capitalist form. Even before 1905, Lenin revealed this particular development, namely that Russia became embedded in the world system through a process that today we might describe as "semiperipheral integration" whereby precapitalist forms are preserved under capitalism, in order to reinforce subordination to Western capitalist interests. Capitalism integrated precapitalist forms within its own functioning. Lenin was able to tie the mixing of precapitalist and capitalist forms to the concept of internal colonialism under the tsarist regime. He also defined the existence of a center/periphery relation inside Russia in light of this internal colonialism. He was aware (long before Wallerstein)¹ not only of the triple structural hierarchy and basically unequal relations of capitalism, but also of a hierarchy within regions and nation-states.

Learning the lessons of the Great War, Lenin offered a theory regarding the hierarchical constitution of the capitalist world system, outlining the so-called law of the *uneven development* of capitalism in the age of imperialism. Within this framework he regarded dynamics at the colonial periphery as the by-product and manifestation of international capitalist competition and capital accumulation. Parallel to this was the contradictory alliance between anti-capitalist "proletarian resistance" and the struggles for national independence (or development) of third world capitalism—a struggle, which ties in with the anti-regime struggle of the semi-periphery with the center (primarily in Russia). He brought the variety of forms in which the national struggles for independence existed to light, their different social and class makeup, and the possible historical connection between the "proletarian class struggle and the national, anti-imperialist struggles for independence".

The break with the Eurocentric worldview entailed a total theoretical, political, and organizational break with revisionist social democracy in the summer of 1914. That was when the official nuclei of social democracy in Europe almost everywhere decided to support the imperialist governments of their respective countries. In the process of Lenin's examinations, he was able to outline not only the historical forms of nationalism, but also nationalism in its manipulations, its quasi-religious function within

respect, as its direct continuation." Ibid., 279.

¹ Tamás Krausz, "Ami a wallersteini elméletből 'kimaradt'. Néhány megjegyzés" [The theory of Wallerstein: All that has been "left out". A few comments] *Eszmélet* 91 (2011).

the ruling class policies and propaganda. The collapse of social democracy in 1914 made Lenin acutely aware that it represented primarily the interests of the upper echelon, of the "bourgeois-inclined" stratum of the proletariat: revisionist social democracy, the political expression of those who had surrendered the concept and praxis of the universal revolution and class struggle as theorized by Marx.

Although Lenin wrote no original works, whether in sociology or in philosophy,¹ he clearly defined the practical-organizational, movement and theoretical requirements necessary for the overthrow of capitalism. Nevertheless he did not fully envision the particular political, sociological, psychological and organizational *configuration* that arose as a consequence of the very *uneven development* of global capitalism that he himself had discovered. In other words, he did not fully deduce (or could not recognize at the time) the consequences of the fact that the contradiction between "uneven development" and "even development" within a national community or the world system "did not match", the relative nature of the contradiction between these two has only become apparent in the present.² As we know, history can never provide decisive proofs on theoretical issues. And the developments after 1945 certainly did not validate the expectations of Lenin (or of Marx). Rather than the capitalism of the center growing ripe for socialist revolution, it stabilized capitalism in the form of the welfare state. Acknowledging this is not to excuse the historical role of social democracy. On the contrary, since the "end of history" did not occur in 1989, one need not be a prophet to foresee that the need for the "revolutionary salvation" of the world will arise again.

Method and philosophy of revolution

The Great War signaled the arrival of a new period, one that promised the fulfillment of the conditions for the revolution. At the same time, a turn took place in Lenin's revolutionary tactics inspired by his studies of Hegel in consequence of which he came to an integrated conception of theory, politics, and organization. From the beginning of the war his revolutionary strategy was based on the premise that there could be no compromise with any pro-war attitude or with pacifist half-solution as the war must engender a potentially revolutionary situation within Russia (and in Europe). He addressed the masses that had no interest in pursuing the war *directly*, because he counted on the evolution of the *subjective* conditions of a revolutionary situation. Hence he broke with the centrists and called for a new International. Authors who argue that Lenin's Marxism elicited a radical reinterpretation of subjectivism, mainly as a result of his reading of Hegel, are right. Lenin became aware of the historical circumstance that caused the awakening of the consciousness of the individual and of the masses. He understood that this could provide a "foundation" for revolutionary politics. That is, the

¹ In general Lenin neglected to study methodically the bourgeois sociology and philosophy of his times, because he conceived of these as merely apologies for the existing order. He only reacted to them when they made inroads into social democratic ideas or politics. He spent all the more time delving into an examination of tendencies within Marxism and social democracy (Plekhanov, Bernstein, Kautsky, Hilferding). He overcame these limitations in his historical studies, learnt a great deal from bourgeois science and accepted some of its findings from the "progressive period" as he called it, which ended with the Great War. At that point, the *ancien regime* crossed over into its negative, degenerating stage.

² See Péter Szigeti *Világrendszernézőben* [Examining Weltanschauungen], op. cit., p. 37. The author is correct in arguing that the real and very important problem of unequal development should not be overgeneralized, and equal development should not be overlooked. In this sense Lenin and the Marxism of the entire communist movement got stuck in relative backwardness, in the historical terrain of having to "catch up."

objective relations of forces can be reconfigured, since even ten may suffice to confront the war: under the new set of circumstances, millions may join them. Lenin knew this already at the time the recruits were marching to the front singing in high spirits. In contrast to the elitist and speculative “mass philosophies” and the utopian, “prophetic” socialists, Lenin, on the basis of his study of Hegel and Marx, emphasized the ideas and practice of revolutionary change. It was partly this challenge that motivated his philosophical studies and debates, as well as the notion that the revisionism of official social democracy was striving to “save” the collapsed world order. Their empiricism or neo-Kantian “messages” sought to lull workers with the promise of the pacification of the capitalist order.

The opinion of some experts, that at the turn of the 19th and 20th centuries Lenin considered revisionism merely as an ideological or political “aberration”, would suggest to us that the Bernsteinian “turn” (reconciliation of capitalism and the workers’ movement) has been validated in light of recent decades. Ultimately, they argue, social reforms found their justification rather than social revolution.¹ Of course, this apology of revisionism does not stand up to analysis, because it continues to reflect only the Eurocentric view of the centre countries. The global capitalist system did not overcome the starvation affecting hundreds of millions, the crises, the wars, the dictatorships, or the unemployment, the social and cultural alienation affecting the lives of many more millions. Lenin’s Marxism strived for *totality* in its manner of contemplation. That is, in contrast to his previous contemplative materialism, he moved in the direction of an “activist dialectical practical philosophy.”² With the Great War, the time had come when the proletariat could take its fate into its own hands world-wide. In contrast with Western social democracy and the partial solutions it offered since the turn of the century, Lenin took the position of considering the whole. He restored the Hegelian Marxist theoretical and methodological awareness, based on “totality,” to its rightful place, including, first of all, the “qualitative leap” of *revolutionary change*, the dialectical dismissal of the old civilization. In accord with his basic objective Lenin’s Marxism had arrived at the *theory and practice of social transformation* in the historical moment when it did indeed prove possible to break through the surface of the capitalist world order, at least for a time.

¹ After the collapse of the Soviet Union, it is once again the Hegelian methodology that dominates much of “Marxist-Leninist” thinking—often disabused nowadays—who convert to Bernsteinianism and revisionism, and once again this provides for a Hegelian coexistence with reality, only nowadays it comes in the form of “validation of revisionism.” A typical example of this would be T. I. Oyzerman, *Opravdaniye revizionizmu* (Moscow: Kanon, 2005).

² For the most recent contribution of an old representative of this “discovery” see Kevin B. Anderson, “The Rediscovery and Persistence of the Dialectics in Philosophy and in World Politics”, in *Lenin Reloaded*, 12–147. Perhaps this discovery first appeared in the work of Henri Lefebvre, namely in his “La pensee de Lenine” first published in 1957, reprinted in *Lenin reloaded*, 138. But the Bolsheviks were already debating the significance of dialectics in Lenin’s work soon after Lenin’s death. Whether the reading of Hegel by Lenin in 1914 revealed an “epistemological” or an ideological break, is mentioned, albeit in the opposite sense, by such well-known authors (not too surprisingly in the late 1960s) as Roger Garaudy, *Lenin* (Paris: PUF, 1968), and L. Coletti, *Il Marxismo e Hegel* (Bari: Laterza, 1976). See, from the same period Marcel Liebman, *Leninism under Lenin*. From the 1980s and 1990s, see Kevin Anderson, *Lenin, Hegel and Western Marxism: Critical Studies* (Urbana: University of Illinois Press, 1995), as well as Neil Harding’s *Leninism*. There was an interesting debate about Anderson’s “Hegelian” book in the mid-1990s, upon the initiative of Raya Dunayevskaya. We would be remiss if we failed to note that in Hungary also the work of István Hermann and György Szabó András also made important contributions. Adam Wirth published an entire monograph entitled *Lenin, a filozófus* [Lenin, the philosopher], (Budapest: Kossuth, 1971), albeit it was from the old professional point of view.

In Lenin's social theory history provides multiple potentialities. Hence, the art of revolutionary politics is contained in recognizing and finding a way among alternatives. This does not necessarily signify "from the perspective of the proletariat" a choice of the most radical revolutionary action. The starting point can only be what is *specifically possible*. In Lenin's thought, the prerequisite for determining what is and what is not *possible* resides in the historical, concrete analysis of political relations and the respective power of the classes, a selection of the direction of change and of strategy for securing lasting allies for the working class.

Lenin's theoretical and political theses, grounded in historical and economic fact, held that the tsarist autocracy can only be dislodged by revolution. This was accompanied by his recognition that the Russian bourgeoisie can play "no leading role" in the revolution. For Plekhanov, such an assessment of the Russian bourgeoisie was disagreeable. Lenin, by contrast, grasped the Russian "national revolution" or "bourgeois revolution" as a joint venture of the urban workers and the landless peasantry. This is precisely what the events of 1905 demonstrated. This naturally led to the well-known thesis that "the bourgeois revolution cannot be separated from the proletarian revolution by a Chinese wall." With capitalist globalization reaching a higher level by the time of the Great War, this view was vindicated globally as the movement of the disgruntled masses of armed workers and peasants, as well as the movements of the nationalities gained momentum and intimated the possibility of another revolution, namely the revolution of the workers, soldiers and peasants premised on land reform and on exit from the war. Though Lenin called this simply "proletarian revolution," he was perfectly aware that a purely proletarian revolution was impossible in Russia. His well known, intermittent debates with Trotsky reflect how complex was the actual relationship of policy making and theory.

Yet Lenin had to modify the notion, inherited from Marx, regarding the world revolution and the law of uneven development ("the weakest link in the chain of imperialism"). He argued that *world revolution*, as a long-range historical process, *may indeed begin* in Russia. The Russian revolution might well become "the spark" of world revolution. Although Lenin knew well that this was "merely" a historical possibility, he also knew that nothing could be worse than the war itself (even if capitalist civilization was nowhere near its end). Lenin drew his political conclusions from these facts. Other leaders of European Marxism, such as Rosa Luxemburg and Karl Liebknecht, agreed.

The real analytical difficulties arose from 1917 onwards, for history took a different course than had been presumed by Marxism up to that point (including Lenin). Political revolution was formulated as a part of the *social revolution* in Lenin's theory, in reflection of the universality and depth of the whole revolutionary transformation, but the tangential development of history bred serious contradictions. That is, the Russian Revolution came under the well-known world historical constraints, on the basis of which Lenin came at the conclusion that the historical mission of the "semi-peripheral" Russian Revolution was *to establish the cultural-civilization and economic-psychological preconditions of socialism locally*, until global developments wrench Russian history out of the shackles of conventions engrained "over a thousand years" to become integrated into the new European socialist civilization. Numerous extant comments and analyses after 1917 by Lenin deal with this matter, including his last writing in particular. The historical constraints—rather neatly in accord with historical dialectics, incidentally—only "allowed" a distorted and one-sided proposition of socialism as practice. In place of realizing a communal society, the path of authentic socialism led to the *bureaucratic* system of *state governed* community.

Right from the beginning, the problem of *revolution* was linked to the question how the *state and society* are related in Lenin's theory. As discussed, his concepts for "counter-publicity", "counter-power" (social democratic press, debating clubs, self training circles, the party of proletarians), and network of social self-organizations (soviets, trade unions and other social structures for the protection of interests) were soon buried under the power demands of the system he himself had helped to create, and finally the one-party system. In principle, the revolution (would have) cleared the way for a system based on self-organization in society as a whole. A self-governing social order built from the bottom up could have come into existence in such a society, where a dissociated bureaucratic institutional system could not have established itself.¹ The feasibility of the "historical cause" presupposed the support of an international revolution.

To the degree that history confirmed Lenin's Marxism where the Russian Revolution was concerned, it did not confirm his idea and aspirations for developments *after the Revolution*. One of the corner stones of his political concept prior to 1917, the question of democracy fixed the stages of transition on the path to revolution. Not only did he underpin his critique of *bourgeois democracy* and bourgeois approaches to democracy with the economic and social dimensions of democracy—demonstrating the oppressive functions of the bourgeois system aligned with his critique of capitalism—but also outlined a set of political-organizational stipulations: bourgeois democracy in turn becomes plebeian democracy and the a *workers' democracy* (semi-state), presupposing a transformation within the power structure of the social-economic change of regimes as a whole.

Without social forces to support an upswing, the *workers' democracy* (which is in both theory and practice a dictatorship—i.e., the "dictatorship of the proletariat"—contra defenders of the old system) soon descended into "party dictatorship" (Lenin), a concept that came to take precedence in Lenin's theoretical work. The answer to the given situation Lenin bequeathed within his own reading of Marxism, and outlined theoretically, was that not only could socialism not be introduced, but numerous stages of *transition* would be required ("transitions within the transitions"). However, theoretically and politically the dimensions of transcending "party dictatorship" dimmed and became convoluted, to finally sink irrevocably under the demands of the regime's self-preservation.

The socialist perspective: the unresolved contradiction

If only because of the limits imposed by historical circumstance and individual mortality, Lenin was able to provide only a very limited Marxist answer to the issue of "having to resort to" a dictatorship even against its own social base, for the sake of preserving Soviet power. On the one hand, he tried to compensate for political oppression by proclaiming in opposition to the "remaining" and ever stronger state power that "the working class must defend itself against its own state." He left unexplained how it could do so with the support of that very state? In other words, the workers must confront the state, yet defend the state and all its institutions at the same time. There was no dialectical solution for such a contradiction. Moreover, there was

¹ This concept is broached in *The State and Revolution*. In his theoretical introduction Lenin activates certain, almost forgotten, views of Marx: socialism was the outcome of a protracted historical process, as the first phase of communism, which functions as the possibly universal evolution toward the future, as the "community of associated producers", as the global freedom of civilized humanity.

another contradiction without resolution: Lenin reserved to the party and the state the capacity for extra-economic compulsion, which was proportional to the lack of conditions for realizing socialism: Even Peter the Great had to resort “to barbarian methods to sweep away the barbarian conditions.” The earlier theory and practice of social self-defense in Lenin’s ideas not only grew faint, but were eventually completely displaced by the Stalinist turn, which later obviously contributed to the fall of state socialism.

The dead-end of war communism, the removal of ideology from the military measures accompanying a specific kind of state socialism, the realization that the change of social forms can be carried out only partially, was formulated in Lenin’s thinking. The New Economic Policy entailed the recognition that neither direct workers’ democracy nor cooperative economics built on social self-government could be established. He identified this stage as one of “transition within the transition”, as “*state capitalism*” overseen by the Soviet state.¹ Unlike the majority of the Bolsheviks, Lenin stressed already at this point that the new society could not be “introduced” by political means, by a revolutionary assault. Increasing development or reforms could not be confused with the revolutionary leap, if we take into account the human, subjective boundaries of development and the significance of step-by-step progress. Yet Lenin never turned into a Bernsteinian, as some authors have suggested.² He never dissolved the Marxist heritage into methodological and scientific parts. Rather, he accepted the contradiction, he conceived of it as a relative whole or as a system which could not be complemented or “pluralized”—a concept which could not be deconstructed at will. As opposed to anarchist and dogmatic thinking, which treats totality as an absolute, and stressed the universality of gradualness, segmentation, the partial tasks, the particularism of revisionism (and of liberalism), Lenin emphasized a totalizing approach to the totality of the goals of socialism.

Lenin’s key discovery after the revolution was precisely the fact that Russia had to assimilate the basic achievements of Western technology and cultural civilization at the same time as attempting to create a new mixed economy. In such circumstances, the Soviet state was called upon to back the competing social community sectors, as “islands of socialism.” The chief imperative was that this “modernization” must advance the state and the social-community sectors, because the free market and the uninhibited domination of capital are the foundation of human oppression. The autonomy of the individual and of personality as the communal society’s main context of unfolding was missing not only from Lenin’s legacy, but from the legacy of the entire period which insisted on other dimensions of development. In other words, the task of Lenin’s Marxism did not lie in playing the nineteenth-century role of Western European liberalism but in combining the economic, cultural and other sectors that supported each other. Yet, objective historical circumstances brought about an irreconcilable contradiction between the “political philosophy bent on preserving power” and socio-economic theory (communist theory). This concept of theoretical socialism originally broached in *State and Revolution* activates certain, almost forgotten, views of Marx: socialism was the outcome of a protracted historical process,

¹ An effort to frame an ideology for the unplanned developments of state socialism is completely absent from Lenin’s ideas, and this absence was one of the theoretical sources in the lively debate engaged in by Trotsky and his comrades, joined later by others (including J.- P. Sartre), challenging the coherence and meaning of the Stalinian thesis of “socialism in one country.”

² I. K. Pantin wrote in connection with the already mentioned work by L. Oyzerman, “Istoricheskiye sugybi marxizma,” in *Vestnik Rossiyskoy Akademii Nauk*, 2006–08 (August), 747–753.

the first phase of communism. It inaugurated a possibly universal evolution toward a future of the “community of associated producers,” the global freedom of civilized humanity.

The life-work of Lenin reflects that, for him, Marxism as both a theory and political praxis deals directly in the project of *going beyond capitalism*. For him Marxism was not a sort of an abstract discipline valuable for its own sake. Certainly, it was no abstract philosophizing about the meaning of life. Science and philosophy are “merely” tools to achieve human emancipation. The starting point for Lenin’s Marxism is, therefore, the correct mapping of its own historical background. At the center of his thought and of all his activities we find the exploration of opportunities for the proletarian revolution in Russia and the world at large, and their inherent potential for practical realization.

The specific historical form of the revolutionary trajectory examined here—from an aspect of its end-goal, social equality, that is, the end of social classes and the achievement of freedom—was stranded on historical circumstances and human limitations. At the same time however, the methodology of world community transformation survives the failure of the practical experiment. This is the contradiction which modern Marxist tendencies live through day in and day out. The conclusions are still in the process of being drawn. The modern triumph of revisionism has revived the ideological hypothesis confuted by the blood-stained history of the 20th century, the hypothesis that capitalism can be rendered globally civilized, can have a human face. Revisionism’s main discovery was that capitalism can be civilized and can espouse civilization at the “center” of the capitalist system. What Lenin understood was the meaning of the system itself, namely that if it can be “improved” in some way (in fact, we must strive for such improvement locally and internationally), this can only be achieved at the expense of the welfare of peripheral populations. Thus, to genuinely improving the system for all requires overcoming the system. To this day, the issue is, can capitalist civilization be conquered by means of social emancipation?

Any attempt at answering this question cannot overlook Lenin’s theoretical and political contribution. In a writing dedicated to Lenin, his political adversary, Nikolai Ustrialov, looking at the Bolshevik leader’s achievements from the point of view of the “greatness of the Russian nation” opined that Lenin was deeply rooted in Russian history, that his place was clearly among the “great Russian national heroes”, embodying Peter the Great and Napoleon, Mirabeau and Danton, Pugachev and Robespierre, all at the same time.¹

Slavoj Žižek has summarized the problem on a Marxian footing: “To repeat Lenin does not mean that we must repeat what he achieved, but rather what he was not able to achieve.” “Even Václav Havel” admits, as Žižek notes, that bourgeois democracy has exhausted its own resources and is incapable of resolving the world’s basic problems, “but if a Leninist makes this claim, then he is immediately accused of totalitarianism.” Lenin’s topicality resides in that he transformed his own historical experiences into a set of theoretical concepts that undermine and destroy any justifications of bourgeois society, and in spite of the contradictions involved, provide a tool for those who still think in terms of the possibility of another, more humane world.²

¹ Nikoilai Ustrialov, *Nacional-Bolshevizm* (Moscow: Algoritm, 2003), 372–76.

² Slavoj Žižek, *13 opitov o Lenine* (Moscow: Izdatelstvo Ad maginem, 2003), 252–53.

Is Anarcho-Syndicalism Marxist? Notes on the syndicalist understanding of ‘working class’. *Torsten Bewernitz*¹

Surely German anarcho-syndicalism cannot be described as Marxist – German syndicalism is deeply influenced by critics of ‘official’ Marxism to be named like that, just because it was an illegitimate child of German social democracy. But nevertheless we can’t ignore the great influence of Marxism on the ideas of syndicalism, especially according to the understanding of ‘class’ and ‘working class’.

We will see that a Marxist understanding of class vanishes in the course of time. We already know several reasons for this change of mind: The Second World War, National Socialism in Germany and in particular Russian Leninism, Stalinism and the experience of the Spanish Revolution. But we will find more reasons: The syndicalist farewell from the working class didn’t begin in or after the Second World War. Even more it was the disappointment about the failing of the German Revolution 1919 – 1921 that explains new ideas and strategies of the German syndicalists.

I didn’t find new texts from the classic syndicalist theorists and I didn’t search for them. You will find well known texts in the following that are easy available until today. I just try to interpret them under the question: Where do we find the working class? We have to register that these are just a few longer writings by the leaders of the movement. A research about the articles in the newspapers of the movement could theoretically find different results and it would definitely find a diversity of results depending on the regions. But even a research like that would not present the whole movement because we would not find all the opinions of the members of the Freie Vereinigung Deutscher Gewerkschaften (FVDG, Free Association of German Trade Unions) and the later Freie Arbeiter Union Deutschlands (FAUD, Free Workers’ Union of Germany).²

Sociological implications

It is important to point that out because we can say that the leaders of the German anarcho-syndicalist movement and the mass basis from the late FVDG and the early FAUD did not come from the same milieus: In case of the leaders we have the old core of the FVDG consisting of traditional craftsmen like in Berlin and we have the more intellectual anarchists. Both milieus came from or were influenced by the pre-war social democracy. This also means that of course people like Fritz Kater or Rudolf Rocker knew the basics of Marxian theory and Marxism. But even more they were influenced by a social democratic culture that called itself a workers culture but was a copy of

¹ Torsten Bewernitz studied political science, sociology, German literature and philosophy at the University Münster, Germany. In summer 2010 he ended his PhD thesis about the presentation of ‘gender’ and ‘nation’ in German media while the war at Kosovo in 1999. He also published about globalization and resistance (“Global X”, 2002), strikes in Germany (“Die neuen Streiks”, 2008) and labour in Mexico (“Dollares und Träume”, 2009). Since spring 2011 he is working as project assistant in the project “History of German labour movement 1863 – 2013” at the TECHNOSEUM (States Museum for technology and labour) in Mannheim, Germany.

² It has to be mentioned that there was a serious debate in the syndicalist newspaper “Der Syndikalist” and on the conferences of the FAUD around 1925 that can be summed as “Mass Organisation or Sect”. The discussion is documented in the newspaper *Barrikade* No. 3, see <http://archivkarloche.files.wordpress.com/2011/08/barrikade-3.pdf>.

bourgeois culture with specific humanist ideals of education and progress (Wunderer 1980). In case of the new mass basis we find the radicalized and disqualified or unlearned mass workers without organisation experience (Bock 1989: 312ff.; Lucas 1976). This was the working class to which the leaders with an affinity to an anarchist disposition said farewell in the coming years. They had to decide between their ideological affinity and the sociological circumstances and they made their decision. The relation was not as symbiotic as Bock diagnoses (Bock 1989: 314).

This point leads us to a second sociological implication that was named by Marcel van der Linden and Wayne Thorpe. They remark that syndicalist movements can only be successful when class war gets in a high stadium: “The syndicalist movement can only reach hegemony in the working class in a revolutionary situation” (van der Linden/Thorpe 1990: 34).¹ Van der Linden and Thorpe stress that there at least seems to be a structural cause for revolutionary situations and if the structural circumstances are not given the syndicalist movement can act in three different ways: It could stay to its principles and getting marginalized, it could give up its principles and change its course or it could become disorganized (van der Linden/Thorpe 1990: 35f.).

Even if there were discussions about the way to go the German anarcho-syndicalists voted for the first alternative. Even more, they sharpened their principles to anarchist ones and alienated themselves from the working class as I want to show in the following.

The revolutionary years

German anarcho-syndicalism like French revolutionary syndicalism was “more movement than philosophy” (Ridley 1980: 4). Syndicalism, as Ridley explains, followed the practise of militant workers and so it was “a philosophy of practise” based on spontaneity: “The principles were derived from the lessons taught by life [...]”. Therefore, “the understanding [...] of the logic up to a certain degree must be imposed on syndicalism afterwards” (Ridley 1980: 5).

We will find a specific understanding of the working class in the texts about Direct Action and the idea of the General Strike. For example we find this in the definition of Direct Action by Karl Roche in 1919: “‘Direct Action’ is the international expression for immediate action in the proletarian class war” (Roche 1919a: 59). The only sensible reason for this strategy is the specific labour force. We find many examples for this explanation. Roche again, also 1919:

“Theirs [the working class, T.B.] revolutionary power does not lie in the democracy and not in the parliaments: It is of economic kind; it is descended from its need as a producer for the society. The most dreadful weapon of the working class [...] is the extraction of the working achievement in every promising form” (Roche 1919b: 21). Karl Roche also belongs to those syndicalists who appeal very directly to Karl Marx: “Marx teaches that all social organisation grows out of its production method. Here we syndicalists are truly Marxists” (Roche 1919b: 27). In the same year Rudolf Rocker stresses: “In this fight we judge [...] the use of the economic instruments of power which the working class has in its hands as the best weapon [...]” (Rocker 1919a: 2).

Revolutionary or anarcho-syndicalism organized the workers in their economic function as workers, not depending on a political ideology. Social democrats or orthodox

¹ All citations are translated from German to English by the author.

communists could be members – at least in theory – but they should not claim their party positions in the syndicates.

The idea of the “diametrical opposite” (Rocker 1919a: 1) of working class and bourgeoisie also turns out a structural meaning of ‚working class’ in terms of Karl Marx. The leading slogan for the syndicalists always was the slogan from the First International, that the liberation of the working class only can only be the task of the workers themselves (MEW 16: 14).

In the following I want to mention a few more examples for the nearness of the syndicalist and the Marxist concept of working class. For example we find this in the mentioning of the ‘dictatorship of the proletariat’. If the German syndicalists spoke about the Russian revolution and Leninism, they almost always wrote “so-called dictatorship of the proletariat”. This implicates that there could be a real proletarian dictatorship and not all syndicalists rejected this concept. In the debate about the principles of syndicalism Rocker said in December 1919:

“If one understands [...] by this name [dictatorship of the proletariat, T.B.] not more like the declaration of intention of the proletariat at the hour of its victory to dictate the end of its prerogatives to the once owning classes and to lay the management of all social vital functions in the hands of the working people, we have to argue not only nothing against such a dictating, but we strive [...]” (Rocker 1919b: 28).

And also Rocker’s opponent Roche wrote in the same year: “Not civil parliaments, but proletarian dictatorship will carry out socialism” (Roche 1919b: 26). When the syndicalists used the term of the dictatorship of the working class they understood this term like Rosa Luxemburg or later the Group of International Communists in the Netherlands: “The ‘association of free and equal producers’ exercises an economic dictatorship. It does not accept the right of exploitation and excludes everybody who does not recognise this first principle of communism from its community” (GIK 1930: 114).

The Crisis

We see changes in the syndicalist theory in the years when the crisis began. On the one hand already now the syndicalists lose their faith in the power of the working class. On the other hand we will find a turn to economic theory and also to the writings of Marx. This is not really surprising; we experience a similar development in view of the actual crisis since 2007. Around 1923 Rocker describes the Marxist critics of the state detailed (Rocker 1923: 41ff.). Here we do not just see that Rocker could make a distinction between Marx’ thoughts and political Marxism but also that he was an excellent expert in the writings of Marx.

Franz Barwich even refers to a kind of impoverishment theory in his text *Der kommunistische Aufbau des Syndikalismus*, from 1926 (Barwich 1926: 53). Rocker rejects this idea in his – in my opinion for German syndicalism most relevant – text *Der Kampf ums tägliche Brot*, from 1925 (Rocker 1925: 41). In this text we find the most positive relations to Marx, e.g. he rejects the ideas of Lassalle with arguments from Marx, further he refers on Engels *Lage der arbeitenden Klasse in England*, Marx’ *Das Kapital* and the short text *Lohn, Preis, Profit* (Rocker 1925: 15f., 18, 26ff.).

In 1927 the syndicalist publishing house Der Syndikalist (Fritz Kater Verlag) publishes Rocker’s only economic analysis *Die Rationalisierung der Wirtschaft und die*

Arbeiterklasse. This text is also a reaction on the theory of the “death crisis of capitalism” from the Industrial Workers of the World (IWW) and the German Allgemeine Arbeiter Union - Einheitsorganisation (AAU-E, General Workers Union – Unity Organisation). Rocker’s description how crisis develop bases on Marxist ideas but he didn’t see a crisis in that time (Rocker 1927: 8). What he describes is a technological and geographic fix in capitalism. Again he refers on Marx’ *Lohn, Preis, Profit* (Rocker 1927: 43). He also refers on the central syndicalist concept of the workers’ power (Rocker 1927: 76, 80). At the same time he describes the workers’ movement as getting more and more bourgeois (Rocker 1927: 6). Still referring on the workers’ power the syndicalists don’t trust in the workers will anymore.

Rocker’s *Die Rationalisierung der Wirtschaft und die Arbeiterklasse* is the last economic brochure published by the Fritz Kater publishing house. The following brochures are about sexuality and culture – this kind of texts was published before also but now we find them exclusively.

The growing distance from the working class is based on a frustration about the German revolution. 1947 Rocker wrote that the working class didn’t fail 1933 but 1918/19 (Rocker 1947: 18). We also can see this in a text by Rocker for the Sveriges Arbetares Centralorganisation (SAC, Swedish Workers Central Organisation) from 1920 (Rocker 1920).

Anarchism and in parts also anarcho-syndicalism were not just part of a youth- and cultural movement in the 1960s and 1970s but also in the late 1920s. It was almost not part of a workers movement any more at that time.

After World War II

After 1945 the anarcho-syndicalists closed a Burgfrieden (truce) with the ruling class in face of fascism, National Socialism and Stalinism. In the texts of Fritz Linow for the Föderation Freiheitlicher Sozialisten (FFS, Federation of Liberal Socialists) we see that this was the motivation: A federal Europe shall stand against USA and USSR. This truce needed a new ideological basic that could not be class war any more.

The theorists of German anarcho-syndicalism like Fritz Linow, Rudolf Rocker or Helmut Rüdiger re-visioned anarchism as a liberal theory and opened the doors for an individualistic ‘neo-anarchism’. Rocker even questions the existence of classes:

“The word Class is at most a sociological division concept which one can declare under certain conditions, but neither Marx nor someone else was able to give a firm border for this concept. [...] There are also many social gradations in the so-called proletariat like in the bourgeoisie and in any other layer of people” (Rocker 1947b: 5).

As we have seen Rocker has had an orientation on a Marxist idea of working class that was typical for syndicalism in that time. But here we see that he has no idea about the Marxist meaning of ‘working class when he talks about social ‘layers’. Of course Marx knew a firm border for his concept of working class, when he defined it as “those who have nothing to sell but their labour-force, their working hands and brains” (MEW 16: 130f.). For its practise syndicalism needed this idea of the working class and if Rocker doesn’t name this anymore this also means that the idea of the Direct Action and the general strike was not relevant any more for him.

In the second circular letter of the Anarchistische Informationsstelle Sachsen (Anarchist Information Spot Saxony) is written by a reader: “If we talk about working

class, we are done in a pot with the Marxists. [...] Let us all be in future ‘antiauthoritarian movement’ – not only labour movement – and we will also penetrate into other circles and harvest more sympathies“ (in: Bartsch 1973b: 231). The farewell from the working class also was a strategic manoeuvre and a capitulation before the definition power of the authoritarian Marxists.

The most influential text after the Second World War was Rocker’s *Die Möglichkeit einer anarchistischen und syndikalistischen Bewegung. Eine Einschätzung der Lage in Deutschland* (Rocker 1947a, see also Bartsch 1973a: 96 – 129; Degen 2002: 92 – 105) that he wrote in the United States as answer on many questions from Germany. This text was discussed controversially because of the “reformist” suggestions like working and agitating in the communal politics and in the trade unions. In my opinion Rocker’s ideas were absolutely worth thinking about in that time. But the contemporary controversial debates never mention the real change in Rocker’s thoughts: The averting from thinking the class war. In Rocker’s brochure from 1947 a basic of syndicalism is missing: The concept of Direct Action. And with this the implicit class theory and the working class as acting subject is missing also.

Conclusions

With the end of the revolutionary times in the early 1920s Germany many workers left the ideal organisations. Syndicalism has seen this before. Emile Pouget made the distinction between a union and an ideal organisation in a text published in German in 1919 as *Der Syndikalismus* (Pouget 1919).

In this respect the changing from Syndicalism that is enough for itself to anarcho-syndicalism was the first step of a farewell to the working class. While the proletarians turned to their everyday life the FAUD like AAU-E or Kommunistische Arbeiterpartei Deutschlands (KAPD, Communist Workers Party of Germany) had no concepts for everyday resistance under the upcoming crisis. The FAUD saved itself in ideas of culture and experimental socialism – a field of intellectuals, not of workers. This cannot be seen as a historical mistake but it shows that activism depends on the economic situation.

After the Second World War the self-management as a central idea of syndicalism became an ideal for itself. The socialism of Fritz Linow e.g. was nothing but self-managed capitalism. The post-Hitler anarchism, that cannot be called anarcho-syndicalism any more, found an own theory of totalitarianism that found the identic bureaucracy in Stalinism and western Capitalism. Linow himself spoke from the ideas of syndicalism as a borrowing from Marxism (Degen 1991: 62). And this is the deciding aspect: anarchism without this Marxist influence is no syndicalism any more. The missing contact to the working class had this fatal effect. The anarchism of the been syndicalists was a case for intellectuals – even if they were working class intellectuals without an organic link – and almost contrary to French syndicalism. The working class, whose possibilities to change the world with Direct Action originally was the core of syndicalist theory, turned to an object of the syndicalists that had to be changed.

Had this to happen? Open Marxists like Karl Korsch or Paul Mattick didn’t reach the same conclusions. But like the anarcho-syndicalists they criticized western capitalism and Stalinism. What was the difference?

We have to see that the critical communists studied Marx in another way. The anarcho-syndicalists concluded that Stalinism was an effect of Marxism and of Marx’ theories themselves, the council communists read Marx in opposite to what happened in Russia. The Marxism of the syndicalists was an emotional Marxism, implicated through

experience. But on the other side the syndicalists had a cultural definition of the working class that had nothing in common with Marxist ideas and also not with the idea of Direct Action through labour force: The syndicalists had a specific method based on a specific understanding of working class but they almost never presented this understanding. Instead of talking about workers power they talked about workers misery. So the working class was made from a subject to an object of revolution. The working class was not able to liberate itself – this was the conclusion the syndicalists drew from the experience – in particular the experience of the revolutionary years but also from the Russian Revolution, German fascism and the Spanish revolution. The working class had to be liberated – by intellectuals, by anarchists or whoever.

But this idea of working class is the same as Lenin's.

The slogan of the French revolutionary syndicalists "Syndicalism is enough for itself" also meant, as Gilles Dauvé and Karl Nesic claimed 2010 "that the working class is enough for itself" (Dauvé/Nesic 2010: 39). After 1945 the German post-syndicalists neglected this slogan and so they fulfilled the farewell from the working class. This also means: By the deliberately carried out break with the implied Marxist class theory of syndicalism and the practical break with the workers by an orientation on a bohemian anarchism the important theorists of German anarcho-syndicalism cannot be referred to as syndicalists latest after 1945.

New revolutionary years – new concepts

Around 1968 a third wave of global strikes escalated (Screpanti 1987). The influence of syndicalism on a workers movement was marginal but there were new concepts and ideas fitting to the movement. Edward P. Thompson published his *Making of the English Working Class* that underlined the idea of a working class that must not be taught to revolt – like it was the Leninist idea that many syndicalists shared implicitly. At the same time in Italy the first operaist researches were published and focused the mass workers in a renewed theory of class war. Like Thompson the operaists focused the activity of the workers themselves. In France the situationists opened a similar discussion. The tradition of these theories about workers militancy can be found in council communism, which ideas were not as forgotten than anarcho-syndicalism.

Meanwhile 1968 is remembered as a student and youth revolt, but it was also a global – failed – revolution under the sign of a beginning crisis that's fulfilling itself in our days. And it was, as we can see by the data from Screpanti, a global workers movement. The relations in particular seen by the operaist theorists can be compared with the hopes the German syndicalists have had in the working class in the young 1920s. I agree with Dauvé and Nesic when they suspect, that the social universalization of the factory and thus a beginning arbitrariness in the meaning of 'working class' is based on "the fact that the operaists from the need made a virtue while they shifted the factory beyond the factory and substituted the working class getting weaker with a new historical subject which was so big and so complete that it had to make the revolution to which the factory workers had not been able necessarily" (Dauvé/Nesic 2010: 50). With the idea of the "Multitude" Antonio Negri and Michael Hardt follow this way of a totally collective revolutionary subject. They end where the German syndicalists ended: In absolute voluntarism.

In our days, facing the crisis, the virtues of the young operaism are found again, as we can see in the anthology *Über Marx hinaus* by Karl Heinz Roth and Marcel van der Linden or the interest on Beverly J. Silver's *Forces of Labour*. It should be the time to

find again the virtues of syndicalism in its primal, unideological form and to discuss them with the ideas of operaism, situationism and council communism.

We find first approaches to a “new syndicalism” in the actual crisis. New democratic unions use this term as well as it is used at least in a few labour conflicts. But even more: If Marcel van der Linden argues the case for a new transnational internationalism with less autocratic and more democratic approach and also “effective action [...] such as boycotts, strikes, and so on” (van der Linden 2008: 282), he quotes ideas of syndicalism. And in Greece we find a new tradition of anarchism and strong trade unions protesting against European policy together (Kritidis 2011). That’s not anarcho-syndicalism – but perhaps a first step for a renewal of syndicalist perspectives.

Literature

Bartsch, G. 1973a, *Anarchismus in Deutschland. Band I. 1965 – 1973*, Hannover, Fackelträger.

Bartsch, G. 1973b, *Anarchismus in Deutschland. Band II/III. 1965 – 1973*, Hannover, Fackelträger.

Barwich, F. 1926, Der kommunistische Aufbau des Syndikalismus. [in: Der Syndikalist, 1926], in: *Arbeiterselbstverwaltung – Räte – Syndikalismus*, ed. B. Kramer 1979, Berlin, Karin Kramer, pp. 44 – 62.

Bock, H.M. 1989, Anarchosyndikalismus in Deutschland. Eine Zwischenbilanz. In: *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung (IWK)*, September 1989, vol. 3, pp.293 – 358.

Dauvé, G. and Nesic K. 2010, Arbeiter verlassen die Fabrik, Beilage zur *wildcat* vol. 88, 2010, pp.3 – 77.

Degen, H.J. 2002, *Anarchismus in Deutschland 1945 – 1960. Die Föderation Freiheitlicher Sozialisten*, Ulm, Klemm und Oelschläger.

Degen, H.J. 1991, Nachwort, in: *Anarchismus. Aufsätze*, by Linow, F., Berlin, Oppo, pp.60 – 63.

GIK 1930 [1970], *Grundprinzipien kommunistischer Produktion und Verteilung. Kollektivarbeit der Gruppe Internationaler Kommunisten (Holland) 1930. Einleitung von Paul Mattick* (Bibliothek der Rätekommunisten Band I), Berlin, Rüdiger Blankertz.

Kritidis, G. 2010, „Irgendwann nehmen die Tränen Rache“. Zur Renaissance des Anarchismus in Griechenland. In: *Das Argument 289/2010*, pp. 826 – 837.

Lucas, Erhard 1976: *Zwei Formen von Radikalismus in der deutschen Arbeiterbewegung*. Frankfurt a.M., Roter Stern.

Marx, K. 1864, *Provisorische Statuten der Internationalen Arbeiter-Assoziation*. In: MEW 16, Berlin, Dietz, pp.14 – 16.

Marx, K. 1865, *Lohn, Preis und Profit*. In: MEW 16, Berlin, Dietz, pp.103 – 152.

Pouget, E. 1919: *Der Syndikalismus*, Berlin, Fritz Kater.

Ridley, F.F. 1980, *Syndikalismus, Streik und „revolutionäre Aktion“ in Frankreich*. Bremen, selfpublished.

Roche, K. 1919a, Organisierte direkte Aktion. in *Sozialismus und Syndikalismus. Agitationsschriften aus dem Jahre 1919*, by Roche K. 2009, Moers, Syndikat A, pp.58 - 67.

Roche, K. 1919b, Was wollen die Syndikalisten? Programm, Ziele und Wege der ‚Freien Vereinigung deutscher Gewerkschaften‘. in *Sozialismus und Syndikalismus*.

Agitationsschriften aus dem Jahre 1919, by Roche K. 2009, Moers, Syndikat A, pp.19 – 38.

Rocker, R. 1919a, *Zur Geschichte der parlamentarischen Tätigkeit in der modernen Arbeiterbewegung*, Berlin, Fritz Kater.

Rocker, R. 1919b, *Prinzipienerklärung des Syndikalismus*. Referat des Genossen Rudolf Rocker auf dem 12. Syndikalist-Kongress, abgehalten vom 27. bis 30. Dezember 1919 in dem „Luisenstädtischen Realgymnasium“ zu Berlin, Dresdener Straße.“ in: *Arbeiterselbstverwaltung – Räte – Syndikalismus*, ed. B. Kramer 1979, Berlin, Karin Kramer, pp.5 – 42.

Rocker, R. 1920 [2010],: *Der Kapp-Putsch. Eine Schilderung aus dem Deutschland der Noske-Diktatur*, Moers, Syndikat A.

Rocker, R. 1923, *Die Wandlungen in der Staatsauffassung der Sozialdemokratie*, in: *Aufsatzsammlung Band I. 1919 – 1933*, by Rocker, R. 1980, Frankfurt a.M., Freie Gesellschaft, pp.39 – 50.

Rocker, R. 1925, *Der Kampf ums tägliche Brot*, Berlin, Fritz Kater.

Rocker, R. 1927, *Die Rationalisierung der Wirtschaft und die Arbeiterklasse*, Berlin, Fritz Kater.

Rocker, R. 1947a [1978], *Die Möglichkeit einer anarchistischen und syndikalistischen Bewegung. Eine Einschätzung der Lage in Deutschland*, Frankfurt a.M., Freie Gesellschaft.

Rocker, R. 1947b, *Absolutistische Gedankengänge im Sozialismus*, Darmstadt, Freie Gesellschaft.

Roth, K.H. and van der Linden, M. (ed.) 2009, *Über Marx hinaus. Arbeitsgeschichte und Arbeitsbegriff in der Konfrontation mit den globalen Arbeitsverhältnissen des 21. Jahrhunderts*, assisted by Max Henninger, Berlin/Hamburg, Assoziation A.

Screpanti, E. 1987, ‘Long cycles in strike activity. An empirical investigation’, *British Journal of Industrial Relations*, vol. 23, no. 1, pp.99–124.

Silver, B. J. 2005, *Forces of Labor. Arbeiterbewegungen und Globalisierung seit 1870*, Hamburg/Berlin, Assoziation A.

Thompson, E.P. 1964, *The making of the English working class*. New York, Pantheon.

Van der Linden, M. 2008, *Workers of the World. Essays toward a Global Labor History*. Leiden/Boston, Brill.

Van der Linden, M. and Thorpe, W. 1990, *Aufstieg und Niedergang des revolutionären Syndikalismus, 1999. Zeitschrift für Sozialgeschichte des 20. Und 21. Jahrhunderts*. 3/1990, pp.9 – 38.

Wunderer, H. 1980, *Arbeitervereine und Arbeiterparteien. Kultur- und Massenorganisationen in der Arbeiterbewegung (1890 – 1933)*. Frankfurt am Main/New York, Campus.

Hope for the future. Closing speech by Sjaak van der Velden at the International Conference Strikes and Social Conflicts, Lisbon, March 18, 2011

Dear all,

It feels like an honor to be the last speaker at this conference. Don't worry, after this very exhausting conference and the theoretical debate we've just witnessed, I will not bore you with a very long talk and I also promise to avoid mentioning the name of Karl Marx.

Before I start my short talk I want to thank a number of people without whom this conference would be impossible to run so smoothly. Of course Raquel Varela and I have done a lot of work, but the others were perhaps even more crucial to the Conference's success.

The graphic designers who designed the beautiful posters, leaflets and programme. The nice ladies at the entrance and the registration desk who were always there to answer questions and solve problems. The men who afforded the magic translation boxes in exchange for your passport. The translators. And in short everyone who made this conference a success.

I suggest a warm applause for them.

When Raquel asked me whether I would like to close the conference the title just popped out of my brains: 'Hope for the future'. The conference shows hope for all those interested in the history of strikes and social conflicts. Why do I think so? I will tell you a personal story. This story is illustrative of the development of our profession over the last four decades.

In 1972 a big strike broke out in the Netherlands in the metal industry. 30,000 Workers of shipyards and other metal works demanded higher wages. They struck for about three weeks. I was a member of a Maoist group in Rotterdam which meant that I had to get up early every morning to visit the wharfs. We distributed leaflets and had discussions with the strikers. I was still very young then (17 years old) so after visiting the metal works I went to school which started at nine.

When the strike was over I collected many newspaper clippings about the strike and all the leaflets from groups and organizations present.

In 1972 I also started the study of history at the State University of Leiden. Many students showed an interest in the history of strikes, the labour movement, unions, etc. It was the aftermath of the 1968 movement and there was a feeling that popular movements were important in the shaping of society.

We read the books written by Friedrich Engels (not to mention his comrade), E.P. Thompson, Harry Braverman, Karl-Heinz Roth, Benjamin Coriat and many other theorists from the left-wing movement. I remember that we once organized a course on the History of the Unions movement which was attended by about one hundred students for weeks at a row.

Even in the official curriculum there was room for Marxist economics and the study of class struggles. Teachers even promoted such study.

We were all very enthusiastic and expected a socialist society or at least a more humane society to come out of the international process we saw developing. But this is not what happened.

The takeover by Pinochet in Chile was initially regarded only as a minor drawback. We thought the same about the rise of Margaret Thatcher during the winter of discontent and the offensive of Ronald Reagan against the striking air traffic controllers. We didn't realize then that these were on the contrary signs of a change of paradigm as Naomi Klein has shown in her book *Shock Therapy*. Pinochet, Thatcher and Reagan were the beginning of the right wing reaction and offensive after the left wing offensive during the sixties and seventies. Meanwhile I left the Maoist movement because of my new understanding of Leninism and Maoism as movements of intellectuals and peasants in rural societies. I became active in the anti nuclear movement (very actual in our days of problems with the nuclear plant in Japan after the earthquake) and a number of leftwing activities on a local level.

In the meantime I continued collecting paper clippings about strikes. They were stored in a card box.

In 1980 I changed profession. I was looking for a job and when I met a contractor in a bar he told me that I could start working with him. Maybe his remark was only meant to be provocative to a leftwing student, but anyhow I agreed. Within a few weeks I decided that I liked the job. After a beginning with only bearing I slowly learned the trade of a carpenter. I entered an entirely new way of living with hard manual and physical labour and more bars than demonstrations.

I also met Anneriet (the lady who is sitting in the back of this room right now) who became my wife and with whom I started a family. Family life with children meant visits to the zoo and attraction parks. I also continued reading newspapers and books about the development of society.

The press bombarded society with euphoric stories about an economy with constant growth and a world without crises. Although not being politically active at the moment I was very skeptical about this so-called new economy.

In the meantime I continued collecting paper clippings about strikes. They were still stored in a card box.

In the mid-nineties it started to itch. The science of history was pulling me in again and the decision to write a thesis spoke for itself. My former professor at Leiden University (because of the withdrawal of the state as promoted by the neoliberals no longer called a State university – typical) supported me.

After a five year study I wrote the book *Stakingen in Nederland. Arbeidersstrijd, 1830-1995* (Strikes in the Netherlands. Workers' struggles, 1830-1995). The International Institute of Social History published the book, but I sensed some strange feeling about my activities. The new generation at the university and the IISH didn't seem to understand me and the older generation kept quiet.

When in 2000 I decided to quit the construction business and got a job at the IISH as some kind of foreman I finally realized what went wrong. In the years of absence I missed all kinds of turns like the linguistic turn, all discussions about

household strategies or the rational choice theory. Because I looked upon it from a distance I saw that all these more individualistic approaches in which there was no room for classes were all in line with neoliberalism. Margaret Thatcher's remark that there is no such thing as society had even entered academia.

In the meantime I continued collecting paper clippings about strikes. They were now stored in electronic form in a digital database.

The new historians must have regarded me as some kind of dodo or coelacanth – extinct since a long time but still breathing. But I didn't mind. Knowing that society and history move forward in waves I was confident that it was just a matter of patience. When I bought a book about *La historia de las Islas Canarias* I learned that other historians on the globe than the Westerners were still convinced of the reality of class and class struggle. Maybe the dodo approach was only a Western thing?

Reality came to the rescue.

The Iraq war led to massive demonstrations and so did the attacks guided by the Brussels bureaucracy on the schemes for old age pensions. These demonstrations were accompanied by massive strikes that proved that strikes and fighting for workers' rights were not something of the past. This strengthened my idea that the history of strikes and social conflicts is not old-fashioned.

In the meantime I continued collecting paper clippings about strikes.

Working at the IISH I was allowed to visit the European Social Science History Conferences (ESSHC) to be held every two years. There I discovered that there were more dodos like myself. In 2002 I met Dave Lyddon and a number of other fellow students of strikes and unions. When I issued a call for a workshop on strikes during the period since 1968 some of them came over to Amsterdam. A few years and many discussions and meetings later we published the book *Strikes around the world* (to be sold at the entrance of this conference!).

Some of the authors are also present at this conference Peter Birke, Linda Briskin, Heiner Dribbusch and Wessel Visser.

During the 2008 ESSHC here in Lisbon I met Raquel Varela who is also engaged in strike research. She sent me a contribution for the international repository on strikes and lockouts that I host at the website of the IISH (<https://collab.iisg.nl/web/labourconflicts/datafiles>).

One year later she invited me to organize a conference on strikes. We were a little worried about the number of people that would reply, so we extended the subject from strikes to 'strikes and social conflicts'.

Maybe this was not necessary. More than 260 people replied. We feared that we wouldn't be able to handle so many participants, so we had to reject more than 80 proposals. Not so much for their quality but just to lower the numbers.

In the end we had about 150 colleagues that actually attended and about a hundred students who were interested in the subject and also came to one of the sessions.

There is one feature of this conference that disappointed me. I had hoped that more people would attend from unions or other activists. Now it was mostly an academic meeting where the subjects themselves were absent.

Apart from this I think the conference really was a success and a hope for the future. A future with more interest in the object of our study. A study that may be promoted by the increasing strike movement in the newly emerging economies such as the 2010 strike movement showed.

In the meantime I continue collecting paper clippings about strikes.

Thank you